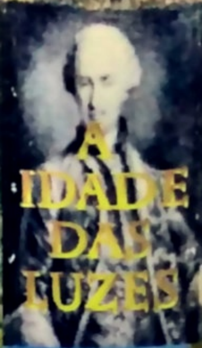
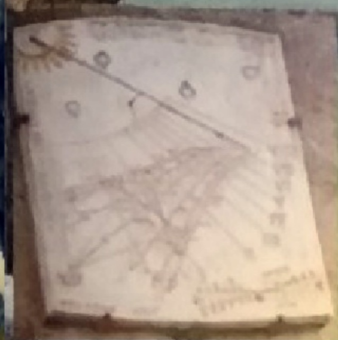
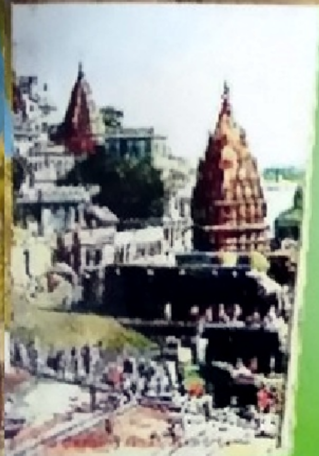
ARTHUR FRANCO

A IDADE DAS LUZES







WODAN EDITORA

ARTHUR FRANCO
A IDADE DAS LUZES
WODAN EDITORA

A IDADE DAS LUZES

Arthur Franco

WODAN EDITORA Ltda.
Porto Alegre, RS
ISBN 85–86458–015
1ª edição: 1997

Este não é, definitivamente, um livro convencional. Não tem capítulos, sequer um enredo elaborado ou uma bela retórica perfumando a leitura. Sua proposta é outra. Não pretende ser mais que um documento, se não histórico pelo menos jornalístico. Suas revelações, encaradas com a devida seriedade, revolucionam todo o pensamento humano e o ensino convencional. Apesar das grandes modificações no ensino clássico da História, continuamos a receber, desde a escola, uma história demasiado comportada e "coerente", quase indiscutível. Podemos compará-la a uma pintura clássica, que, apesar de bela, pode não permitir ao observador alçar voos próprios por sua imaginação. Trocamos a pintura clássica por uma tela impressionista, elaborada com infinitos matizes. Afastando-nos do quadro, podemos observá-lo de vários ângulos, quebrando paradigmas nunca imaginados. Substituímos assim os capítulos pela inexorável linha do tempo, sem fronteiras físicas ou ideológicas. Somente assim verificaremos, por exemplo, que à mesma época do exílio dos judeus na Babilônia e da reconstrução de seu templo, viveram Pitágoras, Zoroastro, Buddha e Confúcio. A ciência nos confirmará Platão quanto ao afundamento de Atlântida em um dia, em 9500 a.C.. Comprovaremos exaustivamente a vinda de frotas de Salomão para o Brasil, a verdade sobre a crucificação de Jesus e a incrível saga de sua dinastia nas realezas britânica e franca. Seguiremos a linha dinástica da Casa de Davi na volta ao poder de Jerusalém e dos reinos europeus. Mostraremos como cátaros e templários foram depositários do Cristianismo original, descrito nas lendas do Graal e revivido na Maçonaria e noutras ordens iniciáticas. Enquadraremos o Cristianismo e o Judaísmo originais num mesmo contexto, anterior a 50 mil a.C.. Ouviremos do próprio Jacó a veneração aos nazarenos, que, como Jesus, existiam bem antes da cidade de Nazaré. Veremos o Graal, historicamente, como uma realidade mais fantástica que a própria fantasia. Ouviremos de historiadores como Plutarco, Theopompo e Plínio a descoberta da América pelos cartagineses, pelos frígios do rei Midas e pelos cários, quase quatro mil anos antes de Colombo. Conheça as Luzes que têm iluminado a tela da história humana ao longo dos tempos: Madalena, Blavatsky, Jesus, Krishnamurti, Mani, Saint-Germain, Moisés, Koot-Hoomi, Alexandre, Max Heindel, César, Bailey, Fludd, São Francisco, Ramsay, Kepler, Eliphas, Wronski, Newton, Papus, Saint-Martin, Saladino, Clemente de Alexandria, da Vinci, Porfírio, São Bento, Carlos Magno, Plotinus e tantos outros. Conheça a astrologia e numerologia iniciáticas, a origem dos números e letras, e a profundidade dos Mistérios de Elêusis. Saiba as reais origens de movimentos como o Nazismo, o Comunismo, a Revolução Francesa e o Positivismo, e como sua influência se reflete até hoje.

Convidamos o benévolo leitor a traçar o fio de Ariadne que o levará à saida do engenhoso labirinto da própria história da humanidade. Afinal, nesta aventura, ontem como hoje, somos ativos participantes, crescendo nosso papel à medida em que conhecemos o contexto em que nos inserimos. Conheça, diretamente das fontes originais, sem cortes, as mais bela das histórias. A Verdadeira.

Sobre esta edição eletrônica:
– o livro não tem notas de rodapé. Foram criadas para esta edição eletrônica, e inseridos links para sites estáveis como a Wikipedia, Biblehub e Archive.org; comentários adicionais no texto estão entre colchetes [ ] em tamanho menor. As citações, quando possível, tem um link para Archive.org ou Google Books apontando para a página do livro nas páginas citadas. Para acessar aponte e pressione CTRL + clique esquerdo.
– as imagens, tabelas e figuras foram obtidas da Internet ou confeccionadas o mais próximo do original.
– o livro apresenta problemas de edição e redação. Foram corrigidos quando possível.
– os nomes das religiões e títulos de nobreza estão com letra inicial minúscula para não poluir visualmente (no inglês e francês são em minúscula).
– digitalizado em 2020.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Há alguns anos a vanguarda da ciência mundial enveredou por caminhos revolucionários que têm mudado muito a maneira de pensar em todos os níveis da sociedade. Um dos aspectos que representam esta tendência é a chamada Teoria do Caos ou o Caos Organizado. Segundo ela, existe, no cosmos, uma ordem intrínseca mais profunda do que o simples acaso indeterminável. Esta teoria é corroborada cada vez mais por uma plêiade de cientistas de primeira grandeza como o físico da Universidade de Londres, o dr. David Bohm, Ph.D., protegido de Einstein e realizador de um trabalho de doutoração com Robert Oppenheimer, um dos mais respeitados físicos quânticos, que juntamente com o dr. Karl Pribram, Ph.D., neurofisiologista da Universidade de Stanford, elaborou um modelo holográfico de concepção da mente e do universo. De modo inquietante, ambos cientistas chegaram às mesmas conclusões por caminhos independentes. Enquanto o primeiro elaborou a teoria para melhor explicar modelos quânticos imperfeitos, o segundo preencheu lacunas nos modelos teóricos que tentavam explicar comportamentos neurofisiológicos.

Em 1987 o físico dr. Robert G. Jahn, Ph.D., e a psicóloga clínica dra. Brenda J. Dunne, Ph.D., ambos da Universidade de Princeton, após mais de dez anos de pesquisa comprovaram a influência da mente em realidades físicas cuja explicação só pode ser feita por um modelo holográfico. O físico da Universidade de Queen, no Canadá, dr. David Peat, Ph.D., afirmou em 1987 que as coincidências inexplicáveis pelo simples acaso só podem ser compreendidas por um modelo holográfico. Para ele, estas “falhas no tecido da realidade” estão ligadas a processos do pensamento muito mais relacionados com o mundo físico do que geralmente é admitido. Este modelo holográfico nada mais é que uma ampliação da realidade visível num contexto muito mais abrangente, do mesmo modo que a Teoria da Relatividade englobou a física newtoniana. Nosso universo, então, nada mais é que uma parte interligada e dependente de processos paralelos desconhecidos, como os processados na mente. Mais do que isto: os fenômenos físicos possuem uma ligação intrínseca com modelos mentais ou físicos aparentemente independentes. Daí a ideia da *sincronicidade*, ou seja, a ocorrência de “*acasos*” que nada tem de ocasionais.

Inúmeros pesquisadores em todo mundo erguem seus olhos da formação cartesiana clássica e tentam alargar os horizontes da pesquisa para melhor entender o conjunto em que nossa “realidade” está inserida. Estudos como esses tem reproduzido matematicamente e comprovado experimentalmente a ligação de fenômenos até então independentes, alargando nossa visão da realidade e mudando radicalmente nossos conceitos sobre o cosmos, o átomo e o homem. Afinal, somos simultaneamente fruto de um micro e de um macrocosmo.

Grande parte dessas constatações é a comprovação, à maneira ocidental, do que antigas filosofias há muito falavam no tocante à constituição do Universo e do Homem. Essas filosofias, de uma maneira geral, sempre colocaram o homem e o cosmos como componentes de uma engrenagem muito maior e interdependente seguindo um plano até certo ponto inexorável de evolução conjunta. Este fato é muito importante, principalmente no momento por que passamos em nossa humanidade quando tantos conceitos têm mudado radicalmente num curto período de tempo. Em verdade, o que observamos no último século em termos de modificações em toda a sociedade mundial já serve de laboratório experimental para

analisarmos os milênios de história de nossa civilização na Terra. Procuraremos, neste livro, mostrar como este tecido complexo de nossa própria história está permeado de brilhantes fios de luz, iluminando nosso próprio desígnio. Mostraremos uma história tão antiga como o mundo, contada sempre que possível pela própria fonte. O resultado será um universo holográfico em que as “coincidências” de destino de muitos povos e de nossa própria história serão olhadas simultaneamente de um ponto individual e universal. Individual porque cada um se colocará de acordo com seu ponto de interesse e sentirá a tônica que devera orientá-lo na pesquisa. Universal na medida em que não esconderemos os fatos, colocando muitas vezes o que a história oficial e acadêmica resiste em divulgar. A sincronicidade dos fatos se mostrará aos nossos olhos de maneira surpreendente. O resultado será, pois, uma História Holográfica mais próxima da Realidade, na medida em que o próprio leitor terá muito mais elementos para julgar de *per si*.

No caminho escolhido para a realização desta obra, o resultado quase sempre é a quebra de paradigmas. Os paradigmas geralmente representam limitações em nossa capacidade imaginativa, e, portanto, uma forte restrição ao espírito científico. Um desses paradigmas tem sido a má interpretação do chamado monoteísmo por parte das religiões e filosofias. No campo das ciências humanas, muitas sociedades iniciáticas e religiões têm se revezado ao longo dos tempos para expor pensamentos concernentes à psique e ao desenvolvimento humano. Modernamente, principalmente com os chamados monoteísmos (judaísmo, cristianismo e islamismo), as religiões passaram para o campo das disputas ideológicas e mesmo territoriais, reivindicando para si a Verdade Suprema sobre tudo e todos. Estas disputas não parecem pertencer à antiguidade, pois entre os iniciados não havia espaço para semelhantes restrições ao espírito humano. Uma vez reconhecida a boa fé e o anseio da verdade, todos tinham um entendimento comum e harmônico. Exemplos disso foram Pitágoras (530 a.C.), Apolônio de Tiana (50 d.C.), Saint-Germain (1750 d.C.), Porfírio e Plotinus (250 d.C.), Jâmblico (300 d.C.), Blavatsky (1850 d.C.) e tantos outros que não conheceram pátria nem fronteiras para contatar os mais variados povos e religiões de sua época, sempre à busca da Verdade Universal.

O próprio Egito, exemplo de tolerância de cultos e deuses, conheceu praticamente sua primeira disputa religiosa com o “monoteista” Akhenaton, que logo após sua “iluminação” ordenou a destruição de todos os outros deuses em Tebas pela disputa que lhe fizeram os sacerdotes de Amon. Na verdade, Akhenaton mostrou-se um típico monoteísta, isolando-se por completo do milenar Egito na cidade que idealizara, Akhetaton, num local nunca antes habitado. Lá viveu seu delírio totalmente isolado, enquanto o reino mais antigo do mundo ruía desgovernado, esquecido e muitas vezes revoltado.

Alguns autores citam a tolerância religiosa de Akhenaton, que, à exceção das perseguições e destruições dos deuses na Tebas dos inconformados sacerdotes de Amon, tolerou as milenares crenças. Deve-se, todavia, atribuir tal tolerância à quase total alienação do faraó, isolado em Tell-el-Amarna. Apesar de não reprimir em larga escala outras adorações, Akhenaton proclamou Aton o Deus Uno, e ele próprio, Akhenaton, seu único representante vivo. Mas este absolutismo religioso não fazia parte, definitivamente, da índole do povo do Nilo. O grande Aton não durou mais que seu idealizador, e de Amarna não restaram senão escombros. Talvez o maior símbolo da elevação do conceito espiritual de Akhenaton seja a tolerância que teve para com os cultos estabelecidos, sem qualquer guerra santa (excetuando-se contra o clero de Tebas) para impor seu Deus Uno ou para

converter os “pagãos”. Por outro lado, isto lhe custou o esquecimento de suas crenças na posteridade egípcia, pois, isolando-se em Tell-el-Amarna, longe dos tradicionais centros, teve seu templo atirado ao esquecimento e à depredação. Os exemplos egípcio, cristão, judeu e islâmico servem bem para ilustrar o paradigma que nos tem sido apresentado no tocante às religiões.

Modernamente, no século VII d.C., o Egito experimentou plenamente a intolerância monoteísta quando os seguidores de Maomé destruíram as faces da deusa Hathor em todos os pilares do templo de Denderah, perfurando os alto-baixo relevos dos templos ao longo do Nilo. De fato, logo após a morte de Maomé o mundo conheceu o *jihad*, a guerra santa, quando os califas percorreram o mundo à caça dos infiéis, estabelecendo o reino de Alá. O próprio profeta, todavia, preconizava no Alcorão a tolerância religiosa para com cristãos e judeus, pois registrara no livro sagrado que seus irmãos jamais deveriam brigar com o “povo do livro” (o povo da Bíblia). Ainda hoje podemos verificar esta tônica ao lermos as sagradas escrituras do profeta, onde tantas e tão elogiosas referências são feitas a iniciados como Abraão, Moisés e Jesus, sempre da maneira mais venerável, reconhecendo em outras formas de manifestação da fé a Unidade harmonizadora.

Aliás, as três grandes religiões “monoteístas” parecem eternamente negar seu profundo parentesco, pois consta das sagradas escrituras do islã que os sete dias da semana são presididos por Moisés, Jesus, Davi, Salomão, Jacob, Adão e Maomé! Já os judeus e cristãos, como bons “monoteístas”, não ficaram para trás, a começar por usarem o mesmo livro sagrado ao mesmo tempo em que disputam, há séculos, a primazia por seu Deus e pela Terra Santa. Ainda hoje encontra eco, na cristandade, a infâmia de atribuir aos judeus a culpa pela morte de Jesus, quando qualquer estudioso sério sabe que tal subterfúgio foi usado por Pedro e seus seguidores para eximir de Roma e do cruel Pilatos a culpa pela morte do perigoso messias. Afinal, não foi de graça que a Igreja formada sobre essas bases estabeleceu-se justamente em Roma, através do imperador Constantino. Três séculos levaram os seguidores de Pedro para galgar o poder romano, culminando nos séculos seguintes por massacrar todos os outros pretendentes a porta-vozes de Jesus. Já em Israel, ainda hoje, o mesmo radicalismo que matou Rabin elegeu a ala radical do poder, endurecendo cada vez mais relações de paz tão duramente conquistadas junto ao mundo árabe.

A eterna polêmica monoteísmo/politeísmo é um dos exemplos que demonstra a proposta desta obra. Tantos séculos decorridos das atrocidades dos cristãos, judeus e maometanos, e mesmo toda evolução da sociedade moderna não bastaram para mudar a visão do ensino oficial. Meios acadêmicos ainda insistem em impor, a milhões de estudantes em todo o mundo, a maravilhosa “evolução” religiosa de Akhenaton e das religiões monoteístas. Nunca foi mencionado, entretanto, que desde seus primórdios os “pagãos” egípcios já falavam de um e apenas um Deus, a quem denominavam Neter. Para eles, todos os outros “deuses” nada mais eram que manifestações daquela Unidade. Tampouco é comentado o fato significativo de que – excetuando-se no tempo de Akhenaton, em Tebas – jamais os egípcios brigaram por religião. Afinal, para qualquer religião que visa essencialmente ao *religare*, a desarmonia e a desunião constituem-se nos maiores contra-sensos. Para o povo do Nilo, manifestações pluralistas da fé tornaram-se tão necessárias, com o correr dos séculos, como o foram as centenas de santos, beatos, querubins, serafins, anjos, tronos, potestades e profetas para a cristandade, para os judeus e para o islã. A gradual migração da crença no Deus Uno, Neter, para o degradado politeísmo egípcio é uma natural necessidade religiosa de todos os povos,

equivocadamente entendida pelo clero e pelo povo em todas as religiões. Por um lado, o monoteísmo extremado conduz ao fanatismo, à falta de reconhecimento das hierarquias e à própria desordem na manifestação; por outro, o politeísmo descontrolado decai em crendices e superstições. Em qualquer dos casos, a parte é tomada pelo todo, e a união com Deus acaba por tornar-se um sonho impossível. E o Universo holográfico, então, é preterido em favor do paradigma material. É como se negássemos a Teoria da Relatividade e a Teoria Quântica e voltássemos a julgar o Macrocosmos e o Microcosmos pelas Leis de Newton.

O politeísmo extremado acaba por se tornar um aglomerado de interesses individuais e emocionais, indo contra o livre pensamento na medida em que prende seus devotos a caprichos humanos corporificados em deuses. Verificou-se isto no estertor da religião egípcia, na mitologia grega, no ocaso de Cartago, dos Aztecas e de tantas outras culturas. Já o monoteísmo exacerbado consegue transformar-se na maior das heresias quando traduz Deus Pai como algoz, transformando o amor a Deus em ódio ao semelhante. Frequentemente o devoto monoteísta pronuncia, então, o sagrado nome em vão, colocando-o juntamente com blasfêmias indignas de qualquer deus. Não foi diferente com a cristandade, que acabou por adotar o Messias como o próprio Deus, num papel que sequer Jesus concebera. Denominando-se Filho de Deus, Jesus afirmou que Ele e seu Pai eram Um. Mostrou-nos, porém, que temos a mesma oportunidade que ele ao nos legar uma única oração: "Pai, que está no Céu, santificado seja o Vosso Nome ..." Ora, Jesus não apenas chamou-o de Pai como deu-lhe um nome próprio. Os primeiros cristãos chegaram a mencioná-lo: IAO. Mencionando a existência do nome de seu Pai, Jesus incitou-nos a descobrir o nome do nosso. Caso contrário, teria simplesmente usado a palavra Deus em vez de Pai. Este fato é capital pois um pai implica um avô e assim por diante. É a conhecida hierarquia celeste, tão mencionada em todas as culturas. O próprio evangelho de Lucas 3:23–38 nos dá a genealogia de Jesus, de José até Adão e ao Criador. Ora, se os teólogos insistem que Jesus é o único filho de Deus, por que não dizem logo que ele é irmão de Adão? Afinal, Adão é o único – além de Jesus – que é admitido proceder diretamente de Deus.

Incongruências como essas levaram concílios subsequentes a encararem o Messias como "carne e espírito", como se tal fosse exclusividade de Jesus. Verificaremos como estas abstrusas inserções foram feitas nos evangelhos muito depois da criação da própria Igreja Romana. Evidentemente, Jesus se referia a um parentesco espiritual quando se dirigiu a seu Pai Celeste. Assim como na terra temos uma família e uma ordem hierárquica, no céu acontece o mesmo, pois "o que está em cima é como o que está em baixo". Procurando entender sem conceitos ou inserções adulteradas, veremos como nossa crença no Deus único em nada fica abalada pela hierarquia celeste. É o que mostraremos no decorrer desta obra. Verificaremos como esta verdadeira família celestial refere-se a uma única Unidade, ao Deus Único, cujo nome o Antigo Testamento já declarava impronunciável e que todos os povos veneraram sob as mais diversas formas. Apenas o mesquinho interesse hominal é que se interpôs aos nossos olhos em todas as épocas. A dificuldade de entendimento desta Unidade, aliás, é tão grande que nem mesmo os sacerdotes conseguem explicá-la convenientemente. Para o povo, então, a dificuldade é imensa. E a necessidade de "deuses" ou "santos" locais passa a ser erroneamente atendida pelo clero de todo o mundo. Neste ponto, o exemplo cristão é dos mais contundentes, pois apenas no pontificado de João Paulo II foram criados mais beatos que em toda a história da cristandade. A proliferação de seitas cristãs levou o papa a uma pererinação sem precedentes, à busca de devotos que emigravam

em massa da fé romana para novos “messias”. Esses, criados pelos meios de comunicação e pela carência de uma fé mais palpável aos crentes, proliferam-se de modo descontrolado não apenas no ocidente como no oriente. Da mesma forma, no Egito, menções a Neter são cada vez mais escassas à medida que se avança na linha do tempo. A gradual degeneração politeísta da sociedade egípcia levou dois mil anos para chegar ao ponto que conhecemos. Fatos como este, que nos ajudariam a entender não apenas sociedades de cinco mil anos atrás como a nossa atual, são por demais conhecidos desde o século XIX, por milhares de estudiosos em todo mundo.

Lacunas preciosas como estas, entendemos, não podem mais ser omitidas. Tentaremos mostrar uma história que foi – não nos cabe questionar por que motivo – deliberadamente suprimida do ensino por verdadeiros dogmas que remontam, no mínimo, à Idade Média. Estudos mais detalhados e cuidadosos, entretanto, sempre acabam por tirar o véu da omissão, mostrando a verdadeira fonte da verdade que nunca cessou de alimentar o oceano do conhecimento humano. Por que suprimiram-se do ensino quaisquer menções a expoentes do pensamento grego como Pitágoras e Platão? Talvez pelo mesmo motivo que levou a Filosofia a ser retirada dos currículos escolares. Por que não se diz nas escolas que o Egito foi o berço da chamada Sabedoria Grega, como foi reconhecido por Platão, Sócrates, Sólon, Pitágoras e outros expoentes helênicos? Provavelmente pela mesma razão que não se mencionam os próprios egípcios e gregos reconhecendo registros astronômicos caldeus e egípcios desde 6 mil anos antes de Cristo. Nesta ótica, o chamado “Antigo Egito”, de 3900 a.C., pode ser considerado como uma história muito recente. Certamente torna-se incômodo mudar uma história assentada sobre bases muito pouco sustentáveis. No entanto, se o conhecimento pleno da História é condição básica para traçarmos nossos rumos futuros, fatos como esses não podem ser omitidos.

No estudo da egiptologia começamos a ver alguns dos sofismas mais sérios impingidos nos meios de ensino. Atualmente já começa a se admitir que os construtores das pirâmides não eram tão escravos como se pensava. Recentes escavações nos cemitérios de Giza, em torno das pirâmides, mostraram que os possíveis construtores daquele complexo de templos eram muito mais livres que escravos. Apresentados como descobertas “revolucionárias”, na verdade estes fatos há muitos anos vêm sendo objeto de sérios estudos que já demonstraram sobejamente esta realidade. Um deles foi feito pelo físico alemão Kurt Mendelssohn, do Instituto Planck de Berlim. Ele foi o primeiro a obter a liquefação do Hélio na Inglaterra, após ir para Oxford em 1933. Consagrou-se como emérito pesquisador em física de baixas temperaturas e física médica. Na década de 70, Mendelssohn dedicou-se à egiptologia, com acurados trabalhos analisando as teorias de construção das pirâmides. Segundo ele:

> Muito tem sido dito sobre a obtenção da imensa mão-de-obra requerida para a construção das pirâmides, e sobre a crueldade dos reis da Quarta Dinastia, sob os quais este trabalho foi realizado. Em uma de suas eruditas publicações, Borchardt (egiptólogo alemão) interrompe sua discussão sobre as rampas de construção com um cálculo do penoso trabalho dos egípcios, arrastando pedras em trenós sob os açoites de seus feitores. Ele claramente sentiu que de nenhuma maneira tal procedimento poderia ser sustentado. Não obstante, o Egito do Antigo Reinado não tinha quaisquer escravos, exceto por alguns prisioneiros de guerra. Ademais, a ideia de que um grande número de trabalhadores pudesse ser compelida pela força faz pouco sentido, numa época em que a ausência de armas superiores tornaria impossível o controle de muitos por uns poucos. É

> quase inconcebível que, ano após ano, uma força de trabalho relutante pudesse ser recrutada de dispersos e distantes povoados. Em outras palavras, temos que assumir que a construção das pirâmides foi um trabalho essencialmente voluntário. (Kurt Mendelssohn, *The Riddle of the Pyramids*, Thames & Hudson, London, 1974, p. 147)

Mesmo assim, para uma força de trabalho que é estimada em 150 mil homens, ou no mínimo 70 mil, Mendelssohn imagina a drástica mudança de hábitos, usos, costumes e o suporte econômico para manter uma estrutura social de tal porte por cerca de cem anos, período estimado para a construção do complexo de Giza. De fato, não é verossímil qualquer hipótese de viabilização de tal obra, muito menos há cinco mil anos atrás. Aliás, que comprovação histórica convincente temos de que a construção da Grande Pirâmide foi feita por Khufu (Keóps)? Evidências como o rabisco com tinta vermelha, feito sobre uma das pedras na cobertura, não podem, nos parece, ser levadas a sério. Os egípcios escavavam hieróglifos na pedra como que para sobreviverem a vários dilúvios. Alguns deles eram escavados quase meio metro na rocha. Como teriam, então, os construtores do mais imponente monumento terrestre simplesmente rabiscado à tinta o nome do seu construtor? No Egito, todo faraó preocupava-se em apagar a memória do seu antecessor, substituindo-o pelo seu. Era comum mudar-se a face das estátuas, e sempre enchiam-se os monumentos com hieróglifos, do chão ao teto, em todos os lugares possíveis. Como se concebe, então, que em todo Egito apenas em Giza, representado principalmente pela pirâmide de Khufu e pelo complexo da pirâmide de Kafra com a Esfinge e seu templo, não existe qualquer hieróglifo? Na verdade, naquela que é considerada a primeira pirâmide, em Saqqara, quase não se encontram hieróglifos. Mas sua semelhança com os gigantes de Giza pára por aí, pois é uma obra muito mais modesta.

Por que se insiste em atribuir a autoria daquele imponente complexo a faraós que, quando muito, poderiam tê-lo escavado e recuperado? Afinal, apenas tal feito já justificaria sua autoria e fama. Para a própria engenharia ocidental, a escavação da esfinge foi uma árdua e dispendiosa tarefa que contou com um esforço internacional, só possível no início deste século. Estas são algumas das inúmeras inconsistências que sobressaem-se apenas do estudo das obras egípcias. Outras evidências como a precisão ótica nas medidas de inúmeras obras – desde sarcófagos a pirâmides – somente possível com avançados equipamentos modernos, a orientação astronômica de grandes pirâmides, mais exata que muitos observatórios modernos, têm sido cuidadosamente suprimidas da informação oficial. Como vemos, o volume de informações omitidas é muito grande, e o comprometimento da história oficial coloca-os numa posição muito desconfortável. Exemplificamos com o caso egípcio pois trata-se de um dos mais gritantes e desconfortáveis para os cientistas. Entretanto, pouco trataremos da Egiptologia na presente obra. Para ela deveríamos dedicar um espaço equivalente a este livro.

Falar de Egito, na verdade, seria covardia para com a ciência oficial, na medida em que qualquer tentativa de explicação de sua civilização é detida pela simples observação do porte e concepção de suas obras. No entanto, incoerências do mesmo calibre vemos em histórias tão conhecidas como as dos gregos, merovíngios, cristãos e judeus, ou mesmo em eventos como a Revolução Francesa, a Teosofia, o comunismo ou o descobrimento do Brasil. Abordaremos estes e inúmeros assuntos de maneira unitária, enquanto os métodos tradicionais e mesmo modernos tratam-nos de maneira tão independente quanto superficial. Mostraremos como todos estes temas têm pontos profundamente em comum, unindo-os de maneira

indelével. De certa maneira, nossa proposta é tratar da História pela Síntese em vez da Análise, pela união das partes num Todo Holográfico, Universal. Não destruiremos mitos, mas humanizaremos deuses. Não mistificaremos a História, apenas reacenderemos suas Luzes. Tentaremos, na medida do possível, sutilizar o concreto e concretizar o abstrato.

Neste livro conheceremos Alexandre, chamado o Grande. Não como um herói, mas como um ávido guerreiro que quis, à força, conquistar algo nos povos dominados que nem ele nem seu mentor, Aristóteles, mostraram possuir: Sabedoria. Ao fazer sua guerra de conquista pelo mundo, Alexandre destruiu uma das mais esclarecidas culturas de todos os tempos: a Civilização Persa. Saqueando templos e bibliotecas reais do país de Zoroastro, destruiu para sempre obras de sabedoria milenar, enriquecendo a efêmera biblioteca que levou seu nome. Compreenderemos também a história mística da França, que a tornou berço de algumas das maiores revoluções do pensamento ocidental: a Revolução Francesa, o comunismo, o positivismo, o iluminismo, o absolutismo, o catarismo e o espiritismo. Entenderemos a história da cristandade muito além das fronteiras da Igreja Romana de Constantino. Veremos por que os maiores movimentos gnósticos como os marcionitas, maniqueístas, valentinianos, ofitas, arianos, nestorianos, jacobitas, coptas, simonitas, menanderitas, bardesanitas e armênios perduraram por séculos entre milhões de seguidores, até sua aniquilação por Roma. Saberemos por que foram escolhidos e reescritos apenas quatro dos mais de cinquenta evangelhos cristãos originais que brilharam na cristandade até a constituição da Igreja.

Estas e outras questões poderiam ser melhor abordados se a História não fosse contada apenas pelos vencedores e detentores da informação. Todavia, a verdade é como a água. Não pode ser contida indefinidamente por nenhum recipiente. Pode, muitas vezes, escorrer pelos dedos e aparentemente perder-se, mas cedo ou tarde acaba por retornar ao oceano primordial, até jorrar como uma chuva revitalizadora, para ser utilizada de maneira mais sábia e construtiva. Hoje, passados séculos de controle e uso das informações por parte de seus detentores, a humanidade é impelida a tratar mais sabiamente de todos estes assuntos. A disseminação de um número cada vez maior de informações por jornais, revistas, internet, TV, livros e por uma sociedade mais livre em todo o mundo tem feito destas informações um manancial cada vez mais disponível. O monopólio de informações tão antigas é, hoje, tão inconcebível quanto o é a concentração de poder numa sociedade democrática. Mesmo assim, ainda hoje somos obrigados a verificar que teorias arcaicas e radicais continuam a vingar sob véus de modernismos e neologismos, disfarçadas sob a égide da competitividade e do lucro em detrimento do ser humano.

Somos, de fato, instados a reescrever nosso futuro. Mas só poderemos fazê-lo estudando com veracidade nosso passado. Os próprios egípcios, séculos antes do advento do islã ou da Igreja, já preconizaram o horror em que se veriam os homens na era moderna. No *Corpus Hermeticum*, Hermes Trismegisto já dizia a Asclepius que o Egito, outrora terra dos deuses, seria encharcado em sangue por um povo desconhecido, antevendo a invasão árabe. Hermes chegou a descrever, inclusive, a loucura de governos inteiros que obrigariam seus povos ao ateísmo, como ocorreu com o comunismo na URSS e China:

> Inclusive, creia-me, será um crime capital, segundo os textos da lei, o estar dedicado à religião do espírito. Será criado um novo direito, novas leis. Nada santo, nada piedoso, digno do céu e dos deuses que o habitam se fará ouvir jamais, nem se achará fé em parte alguma da alma.
> (Hermes Trismegisto, *Corpus Hermeticum*, Ed. Hemus. São Paulo, p. 107)

O caos social e religioso, que séculos mais tarde tanto intrigaria sociólogos, psicólogos e antropólogos em todo o mundo, não era motivo de surpresa nas previsões do sábio do Nilo:

> Porque as trevas serão preferidas à Luz, se achará mais útil morrer que viver, ninguém mais levantará seus olhos para o céu: o homem piedoso será visto conto um louco, o ímpio como um sábio: o louco frenético será olhado como um valente, o pior criminoso como um homem de bem. A alma e todas as crenças que a ela se referem (...) serão apenas motivo de riso, mais ainda, serão vistas como pura vanidade. (ibidem, p. 107)

Hermes também previu o incrível descaso da humanidade para com seu próprio lar, o nosso planeta, descrevendo com precisão os efeitos atuais da poluição ao mesmo tempo em que fez uma das mais sublimes elegias à magnificência desta obra divina:

> Produz-se uma dolorosa separação entre homens e deuses; restam apenas os anjos nocivos que se mesclam aos homens e os constrangem pela violência, desventurados, a todos os excessos de uma audácia criminosa, comprometendo-os em guerras, piratarias, más ações e em tudo o que é contrário à natureza da alma. A terra perderá então seu equilíbrio, o mar deixará de ser navegável, o céu não estará manchado de estrelas, os astros deterão sua marcha pelo céu; toda voz divina será forçada ao silêncio e se calará; os frutos da terra apodrecerão, o solo deixará de ser fértil, o próprio ar se intumescerá num lúgubre torpor. Isto, pois, será a velhice do mundo: irreligião, desordem, irracional confusão de todos os bens. (ibidem, p. 108)
>
> Nessa hora, cansados de viver, os homens não olharão o mundo como objeto de sua admiração e reverência. Este Todo, que é uma coisa boa, a melhor que se pode ver no passado, no presente e no futuro, estará em perigo de perecer. Os homens o considerarão como um peso duro e, por ele mesmo, se menosprezará e não se amará mais a este conjunto do universo, obra incomparável de Deus, construção gloriosa, criação, toda ela boa, feita de uma infinita diversidade de formas, instrumento da vontade de Deus que, sem ciúme, prodigaliza seus favores em toda sua obra, onde se reúne em um mesmo todo, numa harmoniosa disparidade, tudo o que pode oferecer-se à vista que seja digno de reverência, louvor e amor. (ibidem, p. 107)

De modo preciso o sábio egípcio descreveu, com muita propriedade e com dois mil anos de antecedência, a época em que vivemos. A Hermes é atribuída, em sua *Tábua de Esmeralda*, a máxima:

> O que está embaixo é como o que está em cima, e o que está em cima é igual ao que está embaixo.

Hoje, físicos do caos organizado convergem para esta verdade milenar:

> Poderíamos encontrar a galáxia Andrômeda na unha do polegar de nossa mão esquerda. Poderíamos, também, achar Cleópatra encontrando Júlio César pela primeira vez, pois em princípio o passado todo e as implicações para todo o futuro também estão envoltos em cada minúscula região do espaço e do tempo. Cada célula de nosso corpo envolve o cosmo inteiro. Assim como cada folha, cada gota de chuva e cada partícula de pó, o que dá sentido novo ao famoso poema de William Blake:

Para ver o Mundo num Grão de Areia
E o Céu numa Flor do Campo,
Tome o Infinito na palma da mão
e a Eternidade numa hora.

(Michael Talbot, *O Universo Holográfico*, Ed. Best Seller, 1991, p. 75)

Ou, como Bohm afirma: "*Dentro da profundeza da consciência da humanidade está o uno*." (ibidem, p. 85)

Esta eterna lei de analogia e interligação dos fatos é que torna o conhecimento global da história tão vital para entender nosso presente e futuro. Esta interligação, estudada com cuidado pelos cientistas para entender o microcosmos, parece sutil no curto espaço de tempo mas torna-se muito clara ao analisarmos os longos períodos da história. Nosso desígnio não seria, de maneira alguma, tão desconhecido e incerto se tivéssemos à mão uma visão mais clara, mais luminosa e menos nebulosa sobre nosso passado. O autor dessas linhas aprendeu, nos bancos escolares, que o estudo da História tinha por grande finalidade evitar-se os erros no futuro. Hoje, essa visão está ainda mais alargada, e novamente pela vanguarda da ciência. A David Bohm unem-se gigantes como Roger Penrose, de Oxford, criador da teoria do buraco negro, e Brian Josephson, de Cambridge, ganhador do Nobel de Física em 1973, entre tantos outros cientistas. "Josephson acredita que a ordem implícita de Bohm pode até levar, algum dia, à inclusão de Deus ou da Mente na rede da ciência." (M. Talbot, *O Universo Holográfico*, p. 79)

Por outro lado, o descompasso das religiões com o Conhecimento tem sido tão grande que o espaço não preenchido pela fé começa, a passos largos, a ser completado pela ciência, que se prepara para fazer o último sincretismo com as antigas tradições na busca a Deus. Hoje já temos notícias de bem sucedidas pesquisas sobre reencarnação, conduzidas com sucesso por Ian Stevenson, professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Virgínia, e pelo dr. Joel L. Whitton, M.D., Ph.D., professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Toronto. A unidade deste tecido fantástico que faz nosso passado, presente e futuro está prestes a ser encontrada. Assim, o estudo da história – de modo unitário e isento – pode delinear nosso próprio destino como seres integrados no espaço, no tempo e na mente do Criador. Apenas uma visão holística como essa pode mostrar apropriadamente a dimensão que damos a trabalhos como este. Não estudamos a história do modo estanque, compartimentado e analítico classicamente adotado. Nós a entendemos como um organismo vivo, simultaneamente uma célula de nosso corpo e corpo de nossa própria humanidade. Nosso passado é mais ativo, real e fantástico do que jamais imaginamos. E, acima de tudo, não se deveu ao acaso.

A noção de Bohm de que o fluxo do tempo é o produto de uma série constante de descobrimentos e encobrimentos sugere que, enquanto o presente se cobre e se torna parte do passado, não deixa de existir, mas simplesmente volta ao depósito cósmico do implícito. Ou, como Bohm argumenta: "*O passado está ativo no presente como um tipo de ordem implícita*."

(M. Talbot, *O Universo Holográfico*, p. 243)

Em sua Teoria da Relatividade Geral, Einstein surpreendeu o mundo quando disse que o espaço e o tempo não são entidades separadas, mas estão suavemente ligados e são partes de um todo maior que ele chamou de contínuo espaço-tempo. Bohm dá um passo gigante à frente desta ideia. Ele diz que *tudo* no universo é parte de um contínuo. Apesar da aparente separação das coisas a nível explícito, tudo é uma extensão sem emenda de tudo o mais, e no

> final das contas até as ordens implícita e explícita se misturam uma com a outra. (...) Na verdade, Bohm acredita que nossa tendência quase universal de fragmentar o mundo e ignorar a interligação dinâmica de todas as coisas é responsável por muitos de nossos problemas, não só na ciência mas em nossa vida e em nossa sociedade também. Acreditamos que podemos extrair as partes valiosas da terra sem afetar o todo. Acreditamos que é possível tratar partes do nosso corpo e não nos preocuparmos com o todo. Acreditamos que podemos lidar com vários problemas em nossa sociedade, tais como o crime, pobreza e vício em drogas sem tratar dos problemas em nossa sociedade como um todo, e assim por diante. Em seus escritos, Bohm afirma veementemente que nosso modo comum de fragmentar o mundo em partes não só não funciona como pode até levar à nossa extinção. (ibidem, pp. 72–73)

A Unidade implícita referida por esses cientistas começa, cada vez mais, a ser entendida como a Consciência das coisas. De um átomo a uma galáxia, estas unicidades dentro do Uno reconhecem-se e são reconhecidas pela nossa unidade individual. A essas chispas luminosas, que residem em cada coração humano, destina-se esta obra. Ao seu juízo submetemo-nos plena e humildemente, pois são essas inteligências que animam os incansáveis buscadores da Verdade.

Hoje, é mister que se dê cada vez mais oportunidades aos livres pensadores para verem o magnífico e incognoscível desígnio em que estamos inseridos, do qual somos simultaneamente criadores e criados. Este desígnio tem se manifestado de tempos em tempos pelo aparecimento de Luzes, focos brilhantes que, de forma tão coerente quanto invisível, têm coordenado o desenvolvimento da sociedade mundial em todos os níveis. Intuitivamente, sentimos isto de maneira muito clara ao vermos a convergência dos fatos mais recentes de nossa história: o desenvolvimento das ciências, o fim das ideologias totalitárias, a decadência do fanatismo e da opressão como formas sustentáveis de desenvolvimento, a elevação da qualificação do trabalho humano do físico para o mental ... Em contrapartida, assim como a sombra acompanha a luz, os exemplos negativos que se seguem na eterna lei do equilíbrio não são menores: o excesso populacional, os problemas ambientais, o fanatismo religioso e político, a degradação dos usos, costumes e valores éticos, as drogas, o alcoolismo ...

Ora, se tudo isto percebemos apenas em cem anos de história, o que poderíamos aprender sobre o plano geral em que estamos inseridos analisando os milhares de anos de nossa história passada? Daí surgiu a ideia desta obra. Nossa intenção é resgatar, numa sequência coerente ditada pelo inexorável Tempo, uma cronologia que apresente fatos marcantes que iluminaram a humanidade mesmo em períodos nos quais os historiadores insistem em chamar de Idade das Trevas. Essas Luzes magníficas queremos resgatar da obscuridade em que foram lançadas, seja através de fatos marcantes ou de seus realizadores.

Entretanto, como a busca e o interesse de cada leitor são sempre os mais variados possíveis (e bendita seja esta variedade, pois dela é composto o mosaico da humanidade), tentamos não colocar nossa opinião direta nos assuntos apresentados. Na verdade, nem sempre conseguimos, pois por vezes nossos papéis de repórter, autor e leitor confundem-se. Todavia, praticamente todo trabalho de pesquisa e conclusões caberá ao leitor, de maneira individual, analisando as diversas informações resgatadas. A luz interna de cada um é que mostrará a saída do túnel em que nos encontramos. Cada um se colocará num determinado ponto que mais lhe interessará, seguindo daí o fio de Ariadne, que lhes mostrará a Luz ao final do labirinto. O somatório destes pontos é o magnífico mosaico que faz nossa própria história.

Basicamente recolhemos informações históricas disponíveis ao público mundial, tal como foram registradas pelos inúmeros "repórteres" da humanidade, ordenando-as na sequência histórica em que ocorreram. De uma maneira especial, resgataram-se as informações veladas e não divulgadas pela "imprensa" histórica mundial, que muitas vezes tem escrito tão resumida e comodamente uma história oficial. A veracidade de cada uma destas informações será julgada pelo benévolo leitor.

Se por um lado evitamos dar o nosso colorido, por outro enaltecemos a visão e o espírito isento das diversas autoridades no assunto cujos textos consultamos, juntando-os de forma a fazer uma história coerente como se fosse escrita pela mesma mão. A estes abnegados perscrutadores da verdade é que devemos todo o mérito da presente obra. Reunindo mitologia, história, arqueologia, antropologia e religião pretendemos que este trabalho sirva de fonte para um público cada vez mais exigente de informações úteis e sólidas para suas mais variadas pesquisas no campo da sociologia, história, teologia, mitologia e filosofia. Existe uma interface entre o real e o imaginário que muitas vezes tende a cair em um dos extremos, seja através do excesso de imaginação – caindo no terreno da fantasia – seja pela simplificação da realidade, suprimindo as informações não convencionais. Apresentando um número maior de informações permitiremos que cada leitor teça o mosaico de uma história mais bela e coerente. Esta tapeçaria feita com tão variados fios fará a preciosa tela da verdadeira história da humanidade.

Os antigos árabes tinham um tecido luxuoso, o *achmardi*, que representava a própria Sabedoria. Na alegoria do *Parsifal*, de Wolfram Eschenbach, ele cobria a almofada que portava o Santo Graal. Era um *achmardi* verde, um tipo de veludo verde entretecido com fios de ouro. Esta é a verdadeira cor do Santo Graal, o Graal de Esmeralda, contemplando o Verde da Verdade e o Ouro da Sabedoria. Nosso ardente desejo é que cada leitor teça seu próprio *achmardi*, com o brilho de sua própria consciência. Singelamente, tentaremos mostrar, no complexo tecido da História, os luminosos fios da Verdade que a permearam em todos os tempos. Longe de ser um trabalho conclusivo, queremos apenas arrojar um pequeno facho de luz que sirva de apoio aos ávidos buscadores da verdade.

Nosso campo de pesquisa é o mundo, nosso material é a humanidade, nosso objetivo é a verdade.

Madame Blavatsky centrou sua obra magna, *A Doutrina Secreta*, no dístico: "Não há Religião Superior à Verdade" (Helena P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Pensamento, S. Paulo, 1987). Parafraseando, podemos dizer:

Não há História mais Fantástica que a Verdadeira.

“Descobri que existe um grandioso e divino Plano. Dei-me conta que nosso universo não está formado por um fortuito conglomerado de átomos, senão que é o desenvolvimento de um grande desenho ou regra para a glória de Deus. Descobri também que uma raça humana atrás da outra tem aparecido e desaparecido em nosso planeta e que cada civilização e cultura tem visto a humanidade dar um passo mais avançado no caminho do retorno a Deus. Depois, descobri que existem aqueles que são responsáveis pelo desenvolvimento do Plano, que passo a passo e etapa após etapa tem guiado ao gênero humano no transcurso dos séculos. Fiz um descobrimento assombroso porque pouco sabia que o ensinamento sobre este Plano ou Caminho era idêntico, já fora apresentado no Ocidente ou Oriente ou dividido antes ou depois da vinda do Cristo.”

Alice Bailey

(Alice A. Bailey, *Autobiografia Inconclusa*. Ed. Kier, B. Aires, 1980, p. 106)

ANTES DE CRISTO

720.000 – Calistenes dá, para as observações astronômicas dos caldeus, somente 1903 anos, ao passo que Epígenes admite 720.000 anos (Plínio, Historia Natural, livro 7.56). Todas estas hipóteses de autores profanos são devidas a um mal-entendido. A cronologia dos povos ocidentais, os antigos gregos e romanos, foi importada da Índia. Ora, na edição tamil do Bagavadam se diz que 15 dias solares fazem um Paccham; dois Pacchams, ou 30 dias, fazem um mês dos mortais, que corresponde só a um dia dos Pitara Devatâ ou Pitris. E que dois destes meses constituem um Rûdû, 3 Rûdûs um Ayanam, e 2 Ayanams um ano dos mortais, que é só um dia dos Deuses. Da errônea interpretação destes ensinamentos, imaginaram alguns gregos que todos os sacerdotes iniciados haviam transformado os dias em anos! (H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, The Theosophical Publ. House, 1938, vol. IV, p. 189)

630.000 – Segundo Simplício (século VI d.C.), os egípcios conservavam observações e anais astronômicos desde esta época.

473.000 – Segundo Diodorus Siculus (em *Biblioteca Histórica*, 2.31.9), os caldeus tinham observações astronômicas desde esta época.

370.000 – Segundo Cícero no primeiro livro de seu *Adivinhação*, os caldeus tem registros das estrelas desde esta época.

300.000 – Desde esta época, segundo Proclus (Timaeus, Livro IV, p. 277), os caldeus tem observações das estrelas abarcando todos os períodos do mundo.

200.000 – Um monumental tratado babilônico, elaborado pelos sacerdotes do templo de Bel, continha anais astronômicos e cronológicos desde este período. O tratado foi traduzido para o grego por Berossus, sacerdote do templo de Bel, para Alexandre Magno. O tratado, desaparecido, será recompilado no século I a.C. por Alexandre Polyhistor e também será perdido, graças ao "zelo" do bispo de Cesareia, Eusébio. [Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol 1 pg 13]

58.000 – Antepenúltimo Dilúvio, segundo a tradição hindu.

53.761 – Época de Manu, 50.000 anos antes do dia da criação do mundo hebreu.

50.000 – Época da Raça Lunar, na Índia, cujas ruínas da capital, Jajmow, a 15 km de Cawnpore[1], foram visitadas por Blavatsky e Olcott em 1879. Lá foram recepcionados por um velho sannyasi, venerável filósofo e astrólogo, o qual, juntamente com outros companheiros, os recebe paternalmente. Depois vão a Agra ("a Cidade da Lua"), com os imponentes palácios e jardins do *Taj*.

49.200 – Segundo Diógenes Laércio, os cálculos astronômicos egípcios remontam a esta época, 48.863 anos antes de Alexandre o Grande. Esta afirmação é confirmada por Marciano Capela, que afirma terem os egípcios estudado secretamente a astronomia por mais de 40 mil anos.

48.000 – Época a que remonta Arcádia, segundo estudiosos. Segundo Curtis N. Runnels (*Scientific American*, março/95), os arcadianos podem ter habitado aquela região, ao centro da península do Peloponeso, há cerca de 50.000 anos atrás, causando, através de milênios de esgotamento dos recursos da terra, uma severa erosão que gerou a terra árida, repleta de arbustos e rochas, que conhecemos atualmente. Até o século IV a.C. Arcádia foi a parte mais afastada do Peloponeso, com o dialeto de características mais antigas, os cultos religiosos mais singulares e com a mais primitiva reputação. O dialeto arcaico

1 Wikipedia – Jajmau, cidade em Uttar Pradesh, subúrbio de Kanpur. Marion Meade, *Madame Blavatsky: The Woman Behind the Myth*, pg. 139 (relato da viagem).

arcadiano sobreviveu com uma notável semelhança com o dialeto levado por colonos gregos a Chipre cerca de 1200 a.C.. Este dialeto grego os cipriotas continuarão a usar até meados do período clássico (século V a.C.), mantendo a antiga escrita silábica. Os arcadianos – juntamente com os frígios e os egípcios – têm a fama de ser o povo mais antigo do mundo.

> Os egípcios, antes do reinado do rei Psammetichus, julgavam-se o mais antigo povo da humanidade. Desde que Psammetichus, entretanto, tentou saber quem era realmente a primitiva raça, disseram-lhe que, embora eles ultrapassassem todas as outras nações, os frígios ultrapassavam-nos em antiguidade.[2] (Heródoto, *História*, livro 2.2)

Os frígios eram os habitantes da Frígia, localizada ao sul do Mar de Mármara, que une o Mar Negro ao Mar Egeu, numa região atualmente pertencente à Turquia. Na Grécia antiga, os poetas cantavam a enorme anterioridade dos arcadianos, descrevendo-os como *mais velhos do que a Lua*. Frígia e Arcádia, na verdade, em linha reta não distam mais que 330 milhas (530 km), a mesma distância que separa Hamburg de Stuttgart, e mais perto que a distância em linha reta de Paris a Toulouse ou de London a Glasgow. Se a anterioridade dos frígios era reconhecida pelos egípcios, não é de se surpreender a idade dos seus vizinhos arcadianos. Se os Mistérios de Elêusis, que veremos em 1800 a.C., retratarem o profundo pitagorismo arcadiano, só perderão em antiguidade para os Mistérios da Samotrácia, uma ilha do mar Egeu a 50 milhas de Troia e a 100 milhas da Frígia. Se por um lado na Grécia não é discutida a antiguidade de Arcádia, no Egito tampouco, a confiarmos no discurso de Platão, no Timeu, quando o sacerdote egípcio diz a Sólon, referindo-se a Atenas:

> De nossas duas cidades, a mais velha é a vossa, por mil anos, pois recebeu vossa semente de Gaia e Hefaistos. Esta é mais recente. Ora, depois que esta região foi civilizada, escoou-se, mostram nossos escritos sagrados, a cifra de oito mil anos. (Platão, *Timeu*, 23e)

O sacerdote da cidade egípcia de Saís referiu-se a Atenas, a cidade grega regida pela deusa homônima, filha de Hephaestus. Mas Atenas regia também a própria Saís, uma Atenas filha de Neilus, o Egípcio. Daí a anterioridade requerida pelo sacerdote do Nilo. O próprio Heródoto testemunha a origem egípcia das deidades gregas:

> Quase todos os nomes dos deuses vieram à Grécia a partir do Egito. Minhas pesquisas provam que todos eles eram derivados de uma fonte estrangeira, e minha opinião é que o Egito forneceu o maior número. Pois com a exceção de Poseidon e de Dioscuri, e Hera, Hestia, Themis, as Graças e as Nereidas, os outros deuses eram conhecidos desde tempos imemoriais no Egito. Isso eu afirmo na autoridade dos próprios egípcios.
> (Heródoto, *História*, livro 2.50)

Já na Grécia, Arcádia era lembrada com anterioridade mesmo na origem dos deuses. E isso não apenas quanto à Lua, que teria vindo após os arcadianos. O próprio Zeus, segundo os antigos gregos, de suas três origens, duas procediam de Arcádia:

> Um em Arcádia, o filho de Aether, os outros dois [Zeus] sendo filhos de Cronos, um em Creta e outro novamente em Arcádia. (Clement of Alexandria, *Exhortation to the Greeks*. Harvard Univ. Press, 1953, p. 57)
>
> Já Apolo, para o qual Aristóteles enumera cinco origens, tem uma delas a partir de Silenius, originando o arcadiano Nomius ou pastor.
> (Clement of Alexandria, *op. cit*., p. 59).

2 Wikipedia – Psamtik I – investigação da origem da linguagem

Arcádia: o Olimpo Esotérico ou o Coração

Como veremos mas adiante, em 1656 d.C., Arcádia representa um ideal muito mais profundo que todo panteão olímpico. Enquanto o Olimpo representa a idealização humana de, pretensamente, unir-se a Deus (Zeus) externamente na sua mais pura forma, Arcádia representa a concreção dos “deuses” terrestres, essenciais para esta nossa jornada terrena. Iniciaticamente, Arcádia originou o próprio Olimpo. Enquanto o Olimpo se exteriorizava e se poluía nas mãos dos sacerdotes e nas paixões humanas, Arcádia permaneceu pura, original, tal como sua língua e crenças religiosas, mas representando o centro imaculado. Por esta razão duas das três origens de Zeus provém de Arcádia. Se ao Olimpo cabe a intelectualidade religiosa, o cérebro, à Arcádia – o inóspito centro do Peloponeso – se deve o coração. Enquanto os gregos – e toda a humanidade – dirigiam-se em massa às figuras externas, às idealizações, ao exotérico, Arcádia lembrava o centro, a origem, o esotérico. Como bem abordou Campbell, observando a peregrinação em massa dos hindus para morrerem nas poluídas águas do Ganges:

> A concepção da peregrinação como um movimento interior, para o centro de nosso próprio coração, está sendo traduzida literalmente num ato físico. É bom fazer uma peregrinação, desde que, ao fazê-la, você medite sobre o significado deste ato, e saiba que é para dentro, para sua vida interior, que está se encaminhando. (Joseph Campbell, *As Transformações do Mito através do Tempo*, Cultrix, S. Paulo, 1992, p. 95)

Todo o segredo dos Augustos Mistérios, da Luz recebida pelos iniciados e do entendimento de Deus depende, basicamente, deste centro cardíaco representado, para os gregos, por Arcádia. Ela representa a terceira etapa nos Mistérios de Elêusis, coroada pela *epopteia* ou pelo êxtase da compreensão (vide ano 1800 a.C.). É o centro do corpo mental, que está no centro do corpo emocional, que por sua vez está no centro do corpo físico. Todos estes centros se encontram no coração, e lá a luz é dada ao neófito:

> Daí, parece ter sido demonstrado que os homens organizados para o desenvolvimento de forças superiores não podem dar, aos que não estão dispostos a isto, nenhuma ideia, senão muito vaga, da verdade superior. Assim todas as nossas disputas e nossos escritos pouco servem. Os homens deveriam imediatamente ser organizados para a percepção da verdade. Quando nós escrevemos este in-folio, todo sob a luz, os cegos não verão mais claro. Deve-se dar-lhe logo o órgão da visão. Agora, a questão é: Em que consiste o órgão de percepção da verdade? O que é que faz o homem capaz de a receber? Eu respondo: Dentro da simplicidade do coração, pois a simplicidade encontra o coração numa situação conveniente para receber puramente o raio da razão, e aí organiza o coração para a recepção da Luz. (Karl von Eckhartshausen, *La Nuée Sur Le Sanctuaire*. Bibliotheque des Amitiés Spirituelles, Paris, 1979, pp. 18–19)

O entendimento desta Arcádia profunda era tão árido para os gregos como a própria Arcádia. A população de Arcádia, exceto os pastores, emigrava buscando mais oportunidades, especialmente com os jovens cheios de energia.

De Arcádia a Arcturus

O nome Arcádia advém de *Arkades*, que em grego significa *povo do urso*. Segundo a tradição arcadiana, seu povo descendia do deus terrestre Arkas[3] (Urso), que era filho da ninfa Kallisto[4]. Kallisto é conhecida pela denominação de Ursa Maior. A ligação profunda da lenda da Ursa Maior, tão antiga como o

3 Wikipedia – Arkas, na mitologia grega caçador que se tornou rei de Arcadia.
4 Wikipedia – Kallisto, ninfa transformada em urso por Hera.

mundo, será primordial para entender muitos movimentos posteriores ligados à tradição iniciática. Sua proximidade com a história da tribo de Benjamim é muito grande, como veremos.

A Ursa Maior[5] teve várias denominações ao longo dos tempos e na história de vários povos. A ligação com a lenda de Arthur, que veremos adiante, é nítida se observarmos que na língua celta original de Arthur *arth* significa Ursa, enquanto Arktos – palavra grega que designa Urso – era o antigo nome grego da constelação. O próprio nome original de Arthur – Arthurus – é uma contração de *Arth* com *Ursus*. A constelação também teve os nomes de Septem Triones (sete bois), Carro de David, Arado, Esquife, Arca de Noé, Hélice e Septarsi (7 sábios, em sânscrito). Ursa, entretanto, foi sua denominação mais comum.

A história da Arcádia é a história de Arkas, filho de Kallisto. Kallisto era a grande companheira de Artemis, que muito veremos nas tradições que se seguirão. Artêmis é Diana, a deusa da caça. Kallisto, decidindo permanecer virgem, afastou-se do convívio mortal e passou a fazer parte do grupo de ninfas que acompanhavam Artêmis. Zeus, apaixonando-se e desejando ardentemente tê-la, transformou-se na própria Artêmis, aproximou-se e possuiu a moça. Envergonhada, Kallisto refugiou-se no fundo do bosque. Lá deu à luz a Arkas. Kallisto, tentando ocultar o ocorrido, voltou a participar do grupo de ninfas virgens que acompanhavam Artêmis. Artêmis, sendo uma deusa e tudo sabendo, percebeu o engôdo e transformou a jovem numa grande ursa. Kallisto, então, ficou a vagar pelos bosques da Arcádia. Arkas, por seu lado, cresceu ao lado de Zeus e tornou-se um belo e forte caçador. Um dia, passeando pelos bosques de Arcádia, Arkas encontra uma grande ursa que o seguia, a qual não sabia ser sua mãe. Ao atirar-lhe uma flecha, Zeus transformou-o imediatamente num pequeno urso (a Ursa Menor), e ao reconhecer sua mãe Ursa Maior, correu ao seu encontro. Finalmente, Zeus os homenageia colocando-os nas duas próximas constelações do norte Boreal.

Como veremos adiante, esta alegoria mostra bem a grande importância de Arcádia no plano de Zeus. Estando representada pelas duas constelações – pela Ursa Maior ARCTOS e pela Ursa Menor ARKAS – tem também na próxima constelação do Boiadeiro (Boötes)[6] uma ligação com sua lenda. Assim como Arthur e seus cavaleiros serão uma continuação da sagrada tradição arcadiana, a constelação de Bootes teve, antigamente, o nome latino de *Portidor Ursae* ou o Guardador da Ursa de Arcádia. Sua primeira estrela, a alfa de Boötes, chama-se justamente Arcturus! Arcturus traduz-se originalmente por "o Guardião do Urso" [Ἀρκτοῦρος = ἄρκτος + οὖρος], ~~ou mais exatamente, "a Cauda do Urso", pois "ouros" quer dizer cauda~~ e "arktos" Urso. Na mitologia grega, Bootes era filho de Deméter. Seu irmão lhe roubara a herança e, para prover seu sustento, teve que pegar na foice e no arado. Para premiar a Bootes, os deuses colocaram-no junto com seu arado no céu. O antigo nome da Ursa Maior, Septem Triones ou Sete Bois, deriva daí, pois a Bootes coube Arkas ou Arcádia, a terra da Ursa. Como veremos adiante, a tribo de Benjamim também perdera sua grande herança, Jerusalém, resgatando-a apenas com a conquista das cruzadas por Godfroi de Bouillon. Da mesma forma que Bootes, os arcadianos isolaram-se numa terra muito pouco cobiçada, a menos atraente da Grécia, onde somente os Pastores da Arcádia saberiam valorizá-la. Estes fatos serão muito importantes para compreendermos a alegoria do quadro de Poussin, "Les Bergers d'Arcadie" – Os Pastores de Arcádia, e os mistérios

5 Wikipedia – Ursa Major (mitologia), constelação visível no hemisfério norte.
6 Wikipedia – Boötes – história e mitologia. Do grego Βοώτης = arador, condutor de bois.

ligados a Rennes-le-Château no século XIX (vide anos 1656 e 1885 d.C.).

34.000 – Penúltimo Dilúvio, segundo os hindus.

23.000 – Segundo um esclarecedor artigo elaborado por Krishna Shâstri Godbole, de Bombaim, os Vedas devem ter sido ensinados ao menos nesta época (*Teosophist*, col. 2, pp. 238 em diante, agosto 1881). Nesta ótica, os dados oficiais da elaboração do mais antigo Veda, o Rig Veda, em torno de 1500 a.C., nada mais seria que a compilação de tradições orais muito mais remotas.[7]

12.000 – Época em que a estrela Vega era o norte celestial da Terra. A cada 24 mil anos ela troca esta primazia com a estrela Polar.

Os Degradados Navegantes de VEGA

Vega[8] representa a resposta dos antigos Iniciados à célebre pergunta da esfinge: “De onde vindes?” A resposta era a estrela Vega, a mais venerada pelos antigos celtas. Os sacerdotes druidas chamavam a Vega pelo nome de *Ésus* (é interessante nos reportarmos à alegoria do deus Ésus, explanada no século VI a.C. desta cronologia). Sendo de Vega nossa procedência somos Na-Vega-Antes. Navegantes ou, no francês, *Nautonnier*, uma denominação que, veremos, marcará os futuros grão-mestres da Ordem do ~~Sinai~~ Sion (vide anos 1099 e 1188 d.C.), e que marcou a aventura dos grandes Argonautas (Argo[9] = Navio) de Jasão: Orfeu, Deucalião, Castor e Pólux, Teseu, Hércules e outros, todos em busca do Velocino de Ouro. O Velocino é a pele que vestimos ao entrar nesta região, porém iluminada com o ouro da Sabedoria, símbolo do resgate humano após sua queda na manifestação zodiacal. O ouro, como um metal solar, era tido pelos antigos como a materialização da Luz. O ouro dos que encontraram seu Velocino é a certeza de se ter chegado à Luz do Sol, dada aos Iniciados. Quando abordarmos os Mistérios de Elêusis, em 1800 a.C., veremos quão essencial é esta ideia do Sol para o Iniciado.

Vega representa o plano elevado em que viviam as consciências humanas antes de serem petrificadas em seu exílio terrestre. Caindo neste planeta, os humanos chamaram a Terra pelo nome latino de *Infernus* ou Inferior. O segredo para o humano – que facilmente tornou-se um verdadeiro Tarzan, “rei” dos animais – é descobrir sua natureza HUmana, em vez da animal ou ZOO-diacal. Descobrindo-se como pensador – a característica que o distingue dos animais – ou um MAN (do sânscrito: pensador[10]) de HU (HU ou JUeves, senhor da quinta-feira, representante de JÚpiter ou Jeová, sediado no planeta Júpiter) ele poderá livrar-se do exílio. Esse triste exílio está retratado na lamentação da célebre oração cristã do Salve Rainha:[11]

> Salve Rainha, Mãe de Misericórdia, Vida e Doçura Esperança Nossa Salve. A Vós bradamos **os degradados Filhos de Eva**; a vós suspiramos, **gemendo e chorando neste vale de lágrimas**. Eia pois, Advogada Nossa, vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e **depois deste desterro, mostrai-nos** ...

EVA[12] é uma corruptela de VEGA, a Mãe Celestial representada por IEEV, no hebraico, contraparte feminina de IEVE, JEOVÁ. Vega, segundo os antigos, estava associada à residência de JEOVÁ, senhor de quinta-feira (jueves, jeudi)

7 Blavatsky, *The Theosophical Glossary*, pg 362. Há discordância, como argumenta Lokmanya Tilak no ensaio *Vedic Chronology*, pg. 9

8 Wikipedia – Vega – etimologia e significância cultural

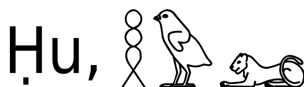
9 Wikipedia – Argo; Ἀργώ na verdade é o nome próprio do navio, talvez do seu construtor, Argus.

10 Wiktionary – मनु mánu, do proto-indo-europeu *men- (pensar) e *mon- (homem)

11 Wikipedia – Salve Regina, hino composto por Hermano Contracto em 1050, Mosteiro de Reichenau.

12 Wikipedia – Eva – etimologia חוה Ḥawwāh

ou o Thor dos nórdicos (daí Thor's day ou thursday, no inglês). Os humanos que foram degradados a este exílio terrestre, então, eram os HU-MAN[13], os pensadores de HU, sendo HU o representante de Jeová no Zodíaco. A identificação de HU, Vega e a esfinge é tão grande que o próprio nome original da esfinge, segundo os egípcios, era:[14]



Hu era também o nome do deus Edfu[15], homenageado no famoso templo de mesmo nome no Egito, dedicado a Hórus, o Falcão, o Júpiter egípcio. Os egípcios chamavam a Vega de MAAT, a Estrela do Falcão (Horus). Por isso o deus Hu egípcio era representado pelo mesmo hieróglifo da esfinge, apenas substituindo o símbolo da esfinge pelo do Falcão, Horus.

Este homem desterrado de Vega para o *Infernus* era bem conhecido dos árabes, que denominaram a estrela Vega de *Al-Nasr-al-Waqi*, "o pássaro que cai". Daí a presença do pássaro com pequenas asas no nome egípcio de Hu. Essas asas deverão ser desenvolvidas pela pequena ave para que possa alçar voos elevados. As asas do pássaro representam a tentativa de Ícaro de se livrar da atração terrestre. Mas, como aprendemos com a queda de Ícaro, não é fisicamente que deveremos sair da atração terrestre. Antes temos de liberar as asas da mente, deixando de responder unicamente ao mundo tridimensional terrestre. Alçaremos assim voos mais altos pela Ciência e sua grande mola propulsora: a Imaginação. Somente aí reside a verdadeira espiritualidade, calcada na luz do Conhecimento que liberta, revelando a Verdade:

> Dizia Jesus aos judeus que nele creram: "Se vós permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e **conhecereis** a **verdade**, e a verdade vos **libertará**." (João 8:31–32)

A Saída da Prisão ZOOdiacal

Na Babilônia, Vega era chamada *Dilgan*, a "Mensageira da Luz". Hu era, também, a denominação do deus egípcio do sentido do gosto. E os lamentosos "degradados filhos de Eva", do *Salve Rainha*, eram representados no Egito pela palavra **hu ab**, significando "*camponês* (obrigado a ganhar o pão com seu suor), *lamentoso, homem infeliz*". **Hut** em egípcio eram "*seres celestiais que supriam o morto com comida e provisões*". Maat, no Egito, era a Deusa da Verdade, cuja *Pena* (de suas asas) deveria pesar tanto quanto o coração do defunto, na balança do julgamento perante Osíris; se o coração do morto não tivesse o mesmo peso da pena de Maat, a *pena* ao condenado era dar o coração para um grotesco animal que, como a esfinge, devorava os corações impuros. **Hu**, em egípcio, também é o nome do deus da 2ª hora do dia. Ora, ao contrário do convencionado pela sociedade moderna, os antigos contavam o dia a partir do nascer do Sol. Assim, a segunda hora do dia caía exatamente na 12ª casa astrológica, a qual, em qualquer alfarrábio sobre o assunto, significa: "Os **inimigos ocultos**, as **prisões**, os **grandes animais** e os **trabalhos penosos**." Os **inimigos ocultos** são nossas **inferioridades**, que nos trouxeram a este desterro e à nossa prisão. Os **animais** são nossa natureza animal inferior, própria de nossa entrada no Zoo-díaco ao vestirmos a pele de animal.

13 Humano, human < latim *humanus* < *humus*, relacionado a homo < proto-indo-europeu *ǵʰmṓ (terra)

14 Wikipedia – Hu, [hieróglifos] ou [hieróglifos] ou [hieróglifos] deificação da 1ª palavra exclamada por Atum. Citação de *A Concise Dictionary of Egyptian Archaeology*, p. 169

15 Wikipedia – Templo de Edfu. Edfu é a cidade onde o templo de Horus se situa.

Já os **trabalhos penosos** reafirmam a antiga sentença: "**e ganharás o pão com o suor de teu rosto**". Analogamente, a casa oposta, a sexta, à qual a 12ª está sempre associada, diz: "as **doenças**, o **trabalho** e os **pequenos animais**", numa confirmação das prisões deste desterro humano.

Se a nossos leitores tais considerações parecem muito distantes, é apenas porque a linguagem não nos é familiar. Como dissemos, a mente tridimensional mostra-se muito limitada para admitir realidades que extrapolem nossos conceitos estabelecidos. Os antigos resolviam esta questão com alegorias, lendas ou parábolas. Esta alegoria dos navegantes cósmicos, como dissemos, já foi retratada pela lenda de Jasão e os Argonautas.

Orfeu e Eurídice, o Graal e o 6666

O primeiro de todos os guerreiros convocados por Jasão, Orfeu, é o possuidor da Lira presenteada por Hermes. A Lira é aquela constelação celeste cuja primeira estrela é Vega. Orfeu compunha suas maravilhosas canções para sua amada Eurídice. Como Eva vivendo no paraíso de Vega, um dia Eurídice foi picada pela serpente e morreu. A morte, para os antigos gregos, era a descida do morto ao Infernus, ao Tártaro, o interior da Terra. Para lá se dirigiu Orfeu para libertar sua amada, o que conseguiu graças à mágica música de sua Lira e à sua Sabedoria em tocá-la, como iniciado que era. Orfeu conseguiu libertar Eurídice desde que, enquanto subissem à superfície, não olhassem para trás, sempre para a frente.

A certa altura Orfeu, inseguro se sua amada o seguia ou não, sucumbiu em sua própria dúvida, a mesma que trouxe os filhos de Jeová ao desterro. Olhou para trás e perdeu sua amada para sempre. Esta dúvida foi a Unidade em si que lhe faltou por um momento. Esta Unidade, que tanto será procurada e decantada por todas as religiões, sempre será o ponto crucial no problema humano. E a queda do humano à vivência terrestre, onde nasceu no 6º dia da criação, é representada pelo próprio número 6 através da prisão de suas emoções, de suas sensações baixas, do umbigo para baixo:

6

Sendo 6 o número sagrado de Vênus, senhor das sensações, o humano tem aí sua grande prisão. E o chamado número da besta do Apocalipse – o **666** – tem a representação da tríplice prisão: física, emocional e mental, a que está sujeito o homem de Vega caído nesta região. Evidentemente, se existem estas 666 sombras, existem as 666 luzes que as geraram. Daí, encarado em sua profundidade, este 6 representa a sublimação de sua manifestação, a alta espiritualidade. Por esse motivo a cor correspondente a este 6 espiritual de Vênus é a própria cor do Graal (vide 1184 d.C.). Jesus, sendo um alto portador desta força venusina do 6, soube ser a própria síntese do humano de Vega manifestado espiritualmente. Indiretamente, esta relação de Vega ou Ésus com o Iesus e o 6 foi reconhecida pelos astrônomos, que deram a Vega a 6ª magnitude entre todas as estrelas do céu.

Mas onde se encontra a saída desta prisão do 6 para a espiritualidade? Ela é dada justamente através daquele que deu a própria Lira a Orfeu: Hermes ou Mercúrio, o Equilibrador. O caduceu de Mercúrio representa seu número alquímico e a saída do ciclo vicioso de Vênus:

8

Ele mostra o retorno à casa do Pai após a queda no *Infernus*. Analogamente, a saída do desterro do 666 é dada pelo 888. Iniciados como o gnóstico Marcion

e os idealizadores da ritualística maçônica sabiamente adotaram este valor do 888 como base para a síntese numérica das letras de seus principais elementos de culto, respectivamente Jesus e o Grande Arquiteto do Universo.

Jesus, Orfeu e a Unidade Necessária

Pelo grego e a equivalência numérica de seu alfabeto temos: JESUS (Ιησους), totalizando em sua letras o valor de **888**. E a mesma Unidade que faltou a Orfeu soma-se ao grande Iniciado Jesus para resultar no Grande ARQUITETO[16] (Εθουλετο [? palavra não existe]), cujo valor das letras soma **889** (1+888). Ora, Orfeu e Eurídice, em grego, escreve-se:

ο + ρ + ϕ + ϵ + υ + ς = 1275
70 100 500 5 400 200

Ε + υ + ρ + υ + δ + ι + κ + ϵ = 944
5 400 100 400 4 10 20 5

O casal perfeito, Orfeu e Eurídice, fracassou em sua união pela falta da Unidade, da certeza em Orfeu, que olhou para trás. Assim fazendo, seu valor também ficou invertido, e em vez de somarmos o casal como 1275 + 944, invertemos o 1275 de Orfeu e temos:

5721 + 944 = 6665

que somado à Unidade que faltou a Orfeu nos dá a síntese da prisão de sua amada e da própria Unidade que representavam:

6665 + 1 = **6666** !

Eurídice presa no *Infernus* e Orfeu vagando pela Terra até sua morte representam Adão e Eva presos no *Infernus*. Seria como qualquer homem ou mulher, se não se tratasse de um grande iniciado como Orfeu, que prendendo sua Unidade ocasionou não apenas a prisão física, emocional e mental do 666 mas também sua prisão psíquica, gerando o 6666. E novamente a esfinge – representação da implacável justiça da Mãe Natureza, engoliu os que não a decifraram, estes *degradados de Eva*, filhos de Vega: Eurídice ficou para sempre presa na profundidade da Terra e nosso herói, o argonauta Orfeu, acabou sendo morto pelas mulheres (representantes da Mãe) da Terra, desgostosas pelo total desinteresse do herói por qualquer outra que não fosse sua amada perdida.

Alegorias como essas não podem ser entendidas com profundidade se não forem analisadas do lado iniciático, original e, quase sempre, numérico da questão, pois não existe maior síntese que o número. Se não parecer mais que um sofisma numérico a uma mente mais intelectualizada, esperamos, pelo menos, que tais cálculos sejam tomados por uma alegoria, uma parábola, ou mesmo uma lenda. Pouco importa. A ideia contida é que não deve ser perdida.

Agora, podemos entender melhor a célebre alegoria do "decifra-me ou devorar-te-ei" da esfinge. Ela reside nas célebres perguntas: De onde vindes? Quem sois? Para onde vais? Podemos depreender que somos Humanos degradados de Vega, encaminhando-nos à luz do Sol para depois retornarmos a Vega. Este Sol é o provedor da Unidade que nos falta contatar. Por essa razão o mesmo 6666 preso representa esta prisão da Chispa Solar, da qual voltaremos a falar oportunamente. O número 6 é, na verdade, o número alquímico do Sol. O Humano que não conseguir decifrar este enigma ao cabo de toda a série de encarnações a que está destinado, será devorado pelo próprio ZOODíaco[17], Zoo Dia – Deus – o Deus dos Animais. Até lá ele não poderá voltar ao

16 Wikipedia – Grande Arquiteto do Universo, concepção de Deus por teólogos e apologistas cristãos.
17 Wikipedia – Zodiaco ζῳδιακός κύκλος = ciclo de pequenos animais

lar dos humanos. Dependendo, ele poderá se afundar mais e mais na manifestação zodiacal, animalizando-se em sua consciência a ponto de perder sua Chispa Solar. Por esta razão a Humanidade passada, sabedora de seu desígnio, deixou-nos este enigma, retratado no monumento da esfinge.

10.000 – Último Dilúvio. Época em que ocorreu a invasão do Ártico pelo Atlântico; termina a era glacial na Europa; morrem subitamente os mamutes da Sibéria.

9.500 – **A Destruição de Atlântida**

Época em que submergiu Atlântida, relatada por Platão no Timeu e comprovada pelas pesquisas geológicas. Nesta época, calculam os geólogos, o casquete glacial que cobria a América sofreu um repentino derrubamento, seguido de um rápido derretimento. Quantidades imensas de água despejaram-se no Golfo do México, originando um maremoto que circulou o globo terrestre em 24 horas. Esta conclusão confirma incrivelmente a afirmação de Platão – até então ridicularizada – de que o afundamento de Atlântida se deu em um dia! Os geólogos calculam que o nível das águas dos mares subiu uns 90 metros. As medidas pelo Carbono 14 datam o cataclismo em 9400 a.C.[18]

O relato do Timeu, por Crítias, veio de Sólon, tido por Crítias o mais sábio dos sete sábios, que ouvira o relato de um sacerdote egípcio (os grifos são nossos):

> Assim, seja entre vós, seja em qualquer outro sítio de que tenhamos ouvido falar, se se deu algo de bom, grande ou notável, sob qualquer forma, tudo está aqui por escrito, desde a antiguidade, nos templos, e sua memória foi salva. Entretanto, entre vós e entre outros povos, cada vez que tudo se encontra um tanto organizado, no que tange à escrita, e o mais que é necessário à civilização, eis que de novo, a intervalos regulares como uma doença, as águas do céu recaem sobre vós e só deixam sobreviver iletrados e ignorantes. Assim, novamente vos tornais jovens, sem nada saber do que ocorreu aqui, nem convosco, nos tempos antigos. Pois essas genealogias que citastes, ó Sólon, ou ao menos o que acabastes de discorrer concernente aos vossos conhecimentos, bem pouco diferem de contos infantis. Além do mais, só vos recordais de um dilúvio terrestre, quando os houve numerosos anteriormente. Não obstante, a melhor e mais bela raça dentre os homens não sabeis que foi em vosso país que nasceu, nem que desses homens vós e vossa cidade atual descendeis, pois um pouco de sua semente conservou-se. Ignorai-o, porque os sobreviventes durante várias gerações morreram sem ter sido capazes de se exprimir por escrito. Sim, Sólon, houve tempo, antes da maior destruição havida pelas águas, em que a cidade que hoje é Atenas era de todas a melhor na guerra e a mais singularmente bem governada. Por ela foram cumpridos os mais belos feitos; teve as melhores organizações políticas de que já ouvimos falar sob o céu. (...) Não serei reticente, em respeito a vós, Sólon, por vossa cidade e, mais ainda, pela Deusa que protegeu, sustentou e instruiu vossa cidade e a nossa; contar-vos-ei. De nossas duas cidades, a mais velha é a vossa, por mil anos, pois recebeu vossa semente de Gaia e Hefaístos. Esta é mais recente. Ora, depois que esta região foi civilizada, escoou-se, mostram nossos escritos sagrados, a cifra de 8.000 anos. É, pois, de vossos concidadãos de há 9.000 anos de cujas leis vos esclarecerei, e dentre suas elevadas ações, dir-vos-ei da mais bela. Para pormenorização, percorreremos tudo novamente, quando tivermos o lazer, tomando os textos originais. (...) Com efeito, nossas escrituras relatam como vossa

18 A hipótese mais provável é a erupção do vulcão de Thera (Santorini) que destruiu a civilização minoica que habitava esta ilha.

> cidade outrora aniquilou insolente potência que invadia de um só golpe a Europa e toda a Ásia, e que sobre elas **se lançava do fundo do Oceano Atlântico**. Pois naquele tempo podia-se atravessar este mar. Ele tinha uma ilha, diante daquela passagem a que chamais "Colunas de Hércules". Esta ilha (Atlântida) era maior que a Líbia e a Ásia reunidas. E os viajores daqueles tempos podiam passar desta ilha para as outras (i.e., as Atlantilhas ou Antilhas), e destas ilhas podiam alcançar todo o continente na margem oposta daquele mar (i.e., a América), **que verdadeiramente merecia seu nome**. Pois de um lado, para dentro desse estreito de que falamos, parece que há apenas uma baía recortada, e do outro, de fora, esse verdadeiro oceano e a terra que o contorna (os continentes americano, ártico e antártico), **e que se pode chamar verdadeiramente, no sentido próprio do termo, um continente**. Nesta ilha Atlântida, os seus reis formaram um grande e maravilhoso império. **Esse império dominava toda a ilha, assim como muitas outras, e porções do continente** (...) Ora, esta potência tendo uma vez concentrado todas as suas forças, empreendeu num só esforço sujeitar vosso território e o nosso e todos os que se encontram deste lado do estreito. (Platão, *Timeu*, pp. 70, 72–74)

Essas narrativas corroboram plenamente não apenas o conhecimento da América pelos antigos como sua participação na guerra atlântica, pois Atlântida "**dominava toda a ilha, assim como muitas outras, e porções do continente**". Na verdade, mesmo o nome América já era conhecido. Segundo Heliano [Aelian, autor romano], Theopompo[19], poeta e historiador grego, narra que Sileno ensinou a Midas, rei da Phrygia (1900 a.C.), que além e longe da Ásia, Europa e Líbia (África) – as quais, segundo ele, seriam ilhas – existe um ***verdadeiro*** *e* ***único continente***, de imensa extensão e habitado pelos Merópios. Theopompo chama este quarto continente de **Merópis**[20]; é governado, segundo ele, por Merope, filha de Atlas, rei da Líbia. Segundo Cândido Costa:

> A língua quíchua ou dos *Antis* da América equatorial fornece-nos a etimologia de *Merope*: *Marop* é o genitivo de *Maro*, terra; ela é da terra dos Merópios, ou nascida da terra, isto é, autóctone. (...) Atlas, nome egípcio-líbio, tira sua raiz do egípcio *atl*, "país", acompanhado da partícula egípcio-quíchua *as*, que é afirmativa e indica a estabilidade. Atlas significa, pois, "do país", isto é, indígena, nascido no país, posto que fosse ele descendente dos Atlantes, assim como os seus súditos estabelecidos na Líbia. Eram oriundos do país de Atlantis, nome que os gregos trouxeram do Egito; ora, na língua dos egípcios, *anti* significa "*os altos vales*". Atlantis, "*país dos altos vales*". *Anti* é justamente o nome dos Andes da América equatorial, e suas povoações têm ainda o nome de *Antis*. Sileno, dando a descrição do vasto continente governado por Merope, fala dos grandes animais que lá se veem, das grandes cidades, dos costumes e leis de seus habitantes, e acrescenta que eles possuem muito ouro e prata. Semelhante narração não pode se referir senão à América. (...) Os antigos egípcios se representavam sempre em suas pinturas murais como sendo da raça vermelha e imberbe: ora, os americanos indígenas são os únicos povos imberbes e de cor vermelha, e seu tipo é justamente o mesmo que se nota nas esculturas mais antigas do Egito. (Cândido Costa, *As Duas Américas*. Antiga Casa Bertrand, José Bastos – Mercador de Livros, Lisboa, 1900, pp. 106–107)

Cândido Costa lembra, também, as claras evidências da América na narrativa de Crítias sobre os atlantes. Como vimos no seu relato, Crítias deixou antever claramente que a invasão dos Atlantes – verificada simultaneamente na Líbia,

19 Wikipedia– Theopompus Θεόπομπος historiador grego (380–315 a.C.) contemporâneo de Alexandre.
20 Wikipedia – Meropis Μεροπίς, ilha fictícia, paródia de Atlantis, inserida na obra *Phillipica.*

no Egito, na Europa até a Tirrênia e até mesmo na Grécia – fora possível graças à coligação de Atlântida com o povo dos altos vales da América equatorial, coligados com os da ilha Atlântida. Crítias conta que os Atenienses resistiram a uma multidão infinita de inimigos armados, *vindos do mar Atlântico*. Ele mencionou a coligação dos reis do vasto império dos Atlantes, compreendendo os da parte *da terra firme* (da América) *sujeita a seu domínio*. Segundo Platão, a esquadra dos Atlantes compunha-se de vários milhares de navios. Tirando-se o exagero, vê-se que a navegação do oceano por povos antes do cataclismo de Atlântida era comum.

9.000 – Época de Patanjali, iogue hindu que escreveu *Os Aforismos da Yoga*.[21]

6.700 – **O Império do Celta Rama**

Em 6700 a.C. deu-se o início do Império de Rama[22], segundo a tradição hindu corrente no século IV a.C.. A data resulta das notícias do historiador e filósofo grego Flávio Arriano [Ἀρριανός], que viveu de 96 a 180 d.C.. Em sua obra magna *Anabasis*[23] ("Expedição"), ele narrou as conquistas de Alexandre Magno.

Quando conquistou a Índia, Alexandre confirmou o que vira na Grécia, Egito e outros lugares: as notícias do Iniciado Rama, chefe do povo ariano, celtas que habitavam principalmente a região ao norte dos Pirineus, na França. Segundo Arriano, nos santuários hindus mencionava-se a data precisa de 64 séculos antes de Alexandre – ou cerca de 6700 a.C. – a época em que Rama invadiu o vale do Indus. Segundo as modernas pesquisas, esta invasão ocorreu realmente mas muito mais tarde, na altura de 1500 a.C.. Estudos mais modernos baseados nos dados astronômicos relatados pela genealogia hindu indicam o período de 5500 anos antes de Cristo como o início da saga de Rama.

Os arianos eram tribos nômades pastoras, de fala indo-europeia, que invadiram a Índia pelo noroeste[24], via Paquistão, destruindo a civilização proto-histórica do vale do Indus. Este é o único sentido real que pode ser atribuído ao termo ariano, não constituindo um povo definido mas um agrupamento linguístico ao qual pertencem as línguas europeias bálticas e eslávicas (russo, tcheco, letão etc.), célticas, albanesas, germânicas (sueco, inglês, alemão, dinamarquês, norueguês, islandês, etc.), itálicas (latim, português, o extinto falisco, etc), frígias, trácias, ilíria, grega, além das línguas asiáticas hititas, armênias e as línguas indo-iranianas como o persa, o hindostani, o sânscrito, etc. Conforme os textos sagrados hindus, Rama era chefe dos celtas que viviam na atual região da França. Como veremos ao longo de toda esta Cronologia, a França é o ponto central de toda a saga espiritual da Humanidade. Rama ou Ram não era um nome. Era um título honorífico que no dialeto celta primitivo significava Cordeiro. O remanescente deste termo na língua ariana inglesa atual é a palavra *Ram*, que significa cordeiro reprodutor. No mito solar cristão, foi o cordeiro de Deus representado por Jesus. No Zodíaco a representação está no primeiro signo, o do Cordeiro ou Áries[25], um derivativo dos ários.

Rama angariara vários inimigos, entre os quais destacavam-se os representados pelo signo seguinte, do Touro. Eles eram amantes da guerra e da conquista pela força. Rama, imortalizado no épico hindu do Ramayana[26], era um líder de grande prestígio, associando as características de alto sacerdote,

21 Wikipedia – Yoga Sutras de Patanjali. A datação mais provável é entre 500 a.C.–300 d.C.
22 Wikipedia – Rama, divindade maior do hinduismo.
23 Wikipedia – Anabasis de Alexandre, considerado a melhor fonte de suas expedições militares.
24 Wikipedia – Migrações indo-arianas. Ver também a hipótese Kurgan.
25 Wikipedia – Áries, etimologia, origem e mitologia
26 Wikipedia – Ramayana, épico sânscrito relatando a vida de Rama (fonte primária).

iniciado e pacifista com as de grande general e terapeuta, além de ser o portador da nova mensagem espiritual. Seus partidários o aclamavam como Sumo-Pontífice, enquanto o partido dominante e totalitário rejeitava-o. Estes, sempre segundo o Ramayana, conseguem, no que seria hoje a ilha do Sena, firmar contra ele uma pena de morte, logo acatada em toda Europa Ocidental.

Restava a Rama três opções: a morte, a guerra ou o exílio, como haviam feito 400 anos antes os celtas Bod-Ohnes (Sem-Terra), perseguidos pelas sacerdotisas celtas – as druidesas – que desejavam manter sua espiritualidade ancestral. Rama preferiu exilar-se, juntamente com multidões de partidários, iniciando uma grande migração para o leste.[27]

Marchando para a Ásia, seus milhões de seguidores alcançam o Cáucaso. Lá Rama toma de assalto as fortalezas, tomando-as da civilização negra – os Gian-ben-Gian[28] (gigantes filhos de gigantes) – que dominavam até então o norte da África, da Ásia Ocidental e Índia. Esses negros eram portadores de alto desenvolvimento espiritual, mas sua civilização estava em franca decadência pela corrupção, pelos vícios que suplantaram as virtudes da religião. Ainda hoje vemos isto em muitas seitas africanas calcadas nos sacrifícios e nas paixões, e lidando com forças negativas e viciosas. Rama conquista uma a uma as grandes capitais e penetra na Índia. Sob o lema "Vencer é Perdoar", Rama segue mantendo a filosofia sagrada dos povos conquistados, varrendo-lhes os vícios e montando toda uma grande estrutura administrativa. Seu emblema: o Cordeiro, símbolo da ação da pureza e da luz, sendo sua bandeira e manto brancos.

O poema épico "Ramayana", assim como toda história de Rama, é uma grande alegoria solar. O próprio nome do épico assim o sugere: *Rama* (o princípio masculino) *y Ana* (o princípio feminino), uma analogia com o nome hebreu Johannes (*Yod + Anne*). Por esta razão todo o épico descreve a história de Rama e sua esposa Sita. A história do Ramayana descreve Rama, filho mais velho do rei Dasharatha, de Ayodhya, sendo banido por 14 anos pelas maquinações de sua madrasta. Foge, então, acompanhado de sua mulher, Sita, e de seu irmão mais novo, Lakshmana. O épico, então, descreve segundo a tradição as grandes vitórias militares de Rama, vencendo o 55º soberano da Índia, Ravan, o rei dos demônios.

Ravan raptara Sita e a levara à ilha do Ceilão, no reino de Lanka (Sri Lanka), lá resistindo. Rama, então, apoiado por um exército de macacos liderados por Hanuman, filho de Vayú, em cinco dias faz uma ponte gigantesca sobre o mar, com a ajuda do Oceano, e penetra na ilha. Duela com Ravan que, recusando-se a render-se, é morto. Ainda hoje podem-se ver os rochedos que serviram de ponto de apoio para os barcos de Rama. São chamados pelos hindus de ponte de Rama. Após a vitória sobre Ravan, emerge como Purushottama, ou o Homem Perfeito. Rama é uma encarnação de Vishnu. Ele representa o rei, o pai, o filho e o irmão ideal.

Hoje a população indiana do norte e centro, principais pontos em que penetraram os arianos de Rama, tem feições brancas, embora morena, revelando a mestiçagem com os brancos invasores. Já a ilha do Ceilão é habitada por cingaleses, descendentes dos invasores arianos, e por um segmento do povo tamil, da Índia sul-oriental, remanescentes dos vencidos de Ravan. A luta

27 Saint-Yves d'Alveydre, *Mission des Juifs*, p. 138 e 171–172.
28 Wikipedia – Jann ibn Jann, ser lendário do islamismo persa. Wiktionary – جِنّ (jinn)

continua até hoje ... O autor do Ramayana é Valmiké, uma figura legendária de profunda influência religiosa e cultural em todo sudeste asiático.

A Idade de Ouro

O império de Rama, que se seguiu, deu origem à chamada Idade do Ouro (6.700–3.100 a.C.). Rama organizou o poder espiritual e o poder temporal, fazendo a estrutura por aldeias. O termo vem de Eld, Old ou Ald = Ancião; Ka-Eld é a origem da palavra Kéltida ou Celtida: é o "Conselho de Anciãos"[29]. O nome também originou Caldeia, centro solar tradicional. Aldeias são pequenas comunidades, as menores unidades administrativas de um país, frutos das ideias progressistas de Rama que até hoje se encontram na sociedade mundial. Os Ka-Eld – brancos descendentes de Atlântida – com o tempo tornaram-se os celtas. O poder burocrático dos sacerdotes, que levara à emigração de Rama e de seus seguidores, foi balanceado com o controle pela opinião pública. Até hoje permanece a estrutura de aldeias na administração indiana, e em muitos países europeus foi perpetuado nas tradições democráticas, como nos cantões suíços e na democracia grega, realizada através de assembleias públicas nas praças das aldeias.

Coerentemente com a vontade de perdurar um poder do povo e para o povo, sem a centralização autoritária de futuros sacerdotes, Rama, após a vitória, não quis o poder. Organizou, então, o poder espiritual e o temporal, sagrando um imperador (Kusha), como rei dos reis. A autoridade real se estendia por um império gigantesco que cobria toda a Ásia, nordeste da África e parte do Mediterrâneo, somente comparável ao de Alexandre o Grande, 64 séculos depois. Como veremos nos séculos que se seguirão, esta forma de governo misto – sacerdotal, real e democrático – é que fará a história das civilizações seguintes, invariavelmente ligados à linhagem real e iniciática, mesmo que desprovida do poder temporal. Como veremos, este poder será muito usurpado ao longo da história, seja por sacerdotes que aspiram ao poder temporal ou por reis que buscarão o conhecimento e o poder espiritual.

A administração do governo no império de Rama era concebida em três etapas do poder, denominadas "Nome, Peso e Medida", correspondentes a Ciência, Justiça e Economia, ou Poder Espiritual, Justiça e Poder Temporal.[30] O Peso, representado pela Justiça, equilibra os dois pratos da balança, representados pelo Poder Espiritual (Braço Direito) e pelo Poder Temporal (Braço Esquerdo). Daí surgiu a figura representativa da Justiça, que persiste até nossos dias: uma figura feminina com os olhos vendados, equilibrando os dois lados representados pelo Pai e pela Mãe, pelo Espírito e pela **Matér**ia. A Justiça, assim, é o poder moderador que vigia e controla os abusos de cada prato da balança. Nada tem a ver, na prática, com o Legislativo, o Judiciário e o Executivo, pois nem mesmo são independentes. O Poder Espiritual diz respeito a tudo que se relaciona com o Espírito: as artes, a religião, a educação, etc. O Poder Temporal envolve o capital e o trabalho, os empregadores e os empregados.

29 A palavra portuguesa aldeia vem do árabe اَلضَّيْعَة (aḍ-ḍayʿa). Celta vem do grego Κελτός. Citação de Saint-Yves d'Alveydre, *Mission des Juifs*, p. 137.

30 Saint-Yves d'Alveydre, *Mission des Juifs*, p. 630

A Universidade de Agartha

Como tudo está sujeito aos ciclos, a estrutura de Rama também caiu em decadência. Mas com a organização espiritual sempre foi possível, de alguma maneira, evitar seu desaparecimento. Por isso Rama fundou a Universidade Secreta de Agartha[31], reunindo os mais altos ensinamentos esotéricos, a qual funciona até hoje. É conhecida como entidade subterrânea, debaixo das montanhas do Himalaia. Rama, que recusa a coroa de imperador e a outorga a um iniciado de sua inteira confiança, guarda para si o cargo de poder moderador, de pontífice universal, e escolhe uma região entre balk e bamyian para tornar território sagrado, com o nome de para-desa (terra divinizada), palavra que daria origem a paraíso.[32] Ele inicia e consagra reis e sacerdotes, que tem o sintomático nome de "reis de Justiça". Também mantém uma rede de informações para "ouvir" de todas as regiões do império as queixas contra os abusos e injustiças que sejam praticadas contra o povo, as quais devem ser punidas com rigor. Os idealistas, desprendidos de vaidades e interesses, são recrutados para serem "ouvidores", deslocando-se de uma região para outra incógnitos e ouvindo tudo secretamente. Desde as comunidades das aldeias até os altos conselhos Rama exige que os cargos sejam providos por eleição. Mantém e prestigia a filosofia de livre expressão e de pensamento, mas persegue implacavelmente os que tentam passar por cima das leis ou locupletar-se do bem público. A bandeira branca e o cordeiro figuram em todo o império, e perduram até hoje como símbolo da Paz. Não é à toa que São João, no Apocalipse, prevê no final da grande batalha a vitória do cordeiro sobre as duas bestas do mal. E não foi ao acaso que São João foi escolhido o patrono da Maçonaria, sendo esta uma visível continuação da política de Rama em sua estrutura interna.

O Zodíaco

Outra herança atribuída a Rama é o Zodíaco. Na verdade, esta ciência remonta a uma época muito mais antiga, como vimos pelos antigos registros caldeus e egípcios. Entretanto, a época de Rama marca indiscutivelmente a ascensão dos seguidores do carneiro, Áries. Este será um movimento que veremos com frequência no futuro espiritual da Humanidade, tendo uma ligação muito grande com Marte, seu regente, o grande Iniciador dos movimentos, inclusive do espiritual. E não é por acaso que o horóscopo começa exatamente no Cordeiro – o Áries dos ários. Rama ou Ram, ao assumir as funções de Pontífice Universal, adotou uma variante do nome: Lam, que deu origem à designação dos Lamas do Tibet[33]. No inglês, Lamb é carneiro. Daí também o ritmo do Alento Divino: Ham Yam **Ram Lam** Vam[34]. Ainda hoje, Ram significa Deus, e Ram-Ram significa "Deus contigo e comigo", ou "seja convosco", ou "Oh! Senhor meu Deus", tão conhecido dos M∴M∴. Por isto Gandhi exclamou Ram-Ram ao ser assassinado, sendo traduzido no filme como "Meu Deus". Na realidade, Deus-Deus significa: que Deus esteja dos dois lados, com a pessoa que saúda e com aquela a quem é dirigida a saudação, com o Alto e com o baixo.[35]

A briga do espiritual Rama com os materiais Taurinos de Ravan está representada no signo seguinte, logo após o Carneiro. E sua complementaridade sempre é lembrada no Zodíaco pela oposição que seus regentes apresentam:

---

31 Agarttha aparece dessa forma em livro do escritor francês Saint Yves d'Alveydre (1910).
32 Saint-Yves d'Alveydre, *Mission des Juifs*, p. 203. Wikipedia – Paradise – etimologia
33 Wiktionary – Lama བླ་མ; Mission des Juifs, p. 171
34 Mantra dos 7 chakras: Lam, Vam, Ram, Yam, Ham, Om.
35 Hinduism Facts – porque os hindus dizem "ram ram".

Marte e Vênus, representados na regência dos signos correspondentes opostos Áries-Libra e Escorpion-Taurus, respectivamente.

Rama representou um renascimento purista da religião celta corrompida. Aproveitando o aspecto positivo da fé anterior, dominou os povos conquistados com Sabedoria e Discernimento. Os descontentes com a situação anterior a ele se aliaram, incluindo um irmão de Ravan. Rama encontrou na Índia uma vasta civilização antediluviana de sobreviventes da Lemúria. Ele trazia da Céltida um vasto acervo de tradições de Atlântida. Mas as tradições indianas eram muito mais antigas. Enquanto a Atlântida deixara a memória apenas do último dilúvio, a Lemúria falava de pelo menos três dilúvios e seus respectivos Noés. Manu é o Noé do penúltimo dilúvio (cerca de 34.000 a.C.), mas sua era remonta ao período antediluviano anterior (53.761 a.C.). Vivasnan é o Noé do antepenúltimo dilúvio (58.000 a.C.), mas seu calendário perdeu-se. Como vemos, o calendário judeu mostra por que foram o povo escolhido.

A origem do calendário judeu coincide com o ano 50.000 do calendário de Manu, na Índia, ou 3.761 a.C.. Nesta época, a Grande Fraternidade Branca encarregou o povo hebreu da grande missão histórica no ciclo do Kali Yuga, traçando a espinha dorsal da história. Veio de Agartha, fundada pelo ariano Rama, a determinação para que outro ariano – Moisés, um filho que responde aos impulsos de Marte – conduzisse seu povo à Terra Prometida, ao Para-Desa. Depois veio Jesus e o Cristo, duas individualidades cujas Forças somadas dão também Marte, continuando a mensagem que até hoje não foi compreendida.

A Coluna Yod, Ayodhia, o Des-Perto e o Sólio Maçônico

Rama simboliza o princípio masculino, traduzido nas antigas línguas iniciáticas pela letra I. Seu símbolo é o das Colunas que sustentam o edifício maçônico. É o yod hebraico, concretização da Divindade. Deu origem ao povo monoteísta judeu (*yodeu*). O chinês reverenciou o **I** através do mais famoso de seus sagrados livros dos Reis (King ou Ching): o I-Ching[36]. Para aquele povo, o **I** também representava a Divindade. Para o judeu, este papel coube a *Yavé*. Como não poderia deixar de ser, a capital do Império de Rama chamou-se *Ayodhia*, com a mesma raiz de *yod*. Desde aqui já vemos a forte ligação da tradição hebraica com as mais altas e antigas iniciações. Este **I**, a 10ª letra hebraica, cujo valor 10 era simbolizado pelos antigos com o símbolo ☉, o Sol, mostrava que estavam mais perto do Dez, ou Des-Perto, o contrário daqueles que estavam na horizontalidade da vivência, dormindo. Ao contrário da vivência profana, indica aqueles que trabalham no seu Meridiano, do meio-dia à meia-noite. O próprio símbolo da letra **I** representa essa mensagem, com o Sol brilhando no topo da coluna do Iniciado:





36 I Ching = Yi Jing = Livro das Mutações = Book of Changes = 易經

É uma constante que não poderá deixar de chamar-nos a atenção ao longo dos milênios. Os *yeud*, ou *ieheudin*, eram os masculinistas. Daí o sagrado *yod* representando a Unidade em meio à Trindade Manifestada no triângulo maçônico sob o Sólio. O Sólio nada mais é que o antigo nome do Sol, Solus, sozinho, único objeto de culto dos zoroastrianos. E a ritualística maçônica, seguindo a tendência masculina simbolizada pelo *Iod*, não admitiu as mulheres. Em certa medida, representou o caminho paralelo – e muitas vezes oposto – ao seguido pelas igrejas, sempre representadas pela mãe, pela materialidade, pela Cruz dos quatro elementos da Mater Natureza. Em vez da quantidade de devotos a instituição maçônica tinha por base a qualidade dos iniciados. Desde antes dos templários, os escolhidos eram aqueles que já tinham passado com louvor pela vivência mundana, sendo preparados então para a vivência espiritual.

Como veremos adiante, existirá toda uma saga em paralelo com a devoção materialista da Igreja, que será representada pelas correntes subterrâneas de Arthur, da Maçonaria, da Rosacruz, da Alquimia e da Magia que equilibrarão a devoção barganhosa perpetrada pelo clero romano. E se espalhará não apenas pela qualidade mas mesmo pela quantidade de seus membros, mas sempre numa escala menor daquela levada a cabo por Rama. Afinal, Rama não poderia esquecer a necessidade de harmonização das duas polaridades – masculina e feminina. Seu complemento deveria se verificar em profundidade, sob pena de lançar-se um novo cisma em breve. Não deveria voltar a separação entre os dois pólos, que precisavam se sublimar conjuntamente. Há muito tempo a humanidade já passava – tal como vemos ainda hoje – por transformações que levavam à separação masculino-feminina. A tríade dos antigos Jinas – Ciência, Religião e Arte – foi então prestigiada por Rama.

A Democracia de Rama

A base da conhecida civilização hindu – a estrutura de castas – foi concebida a partir das antigas tradições celtas revividas por Rama. Esta estrutura foi mais tarde utilizada por praticamente todos os povos, através da casta sacerdotal (os Brâmanes hindus), da casta militar (Xatrias ou guerreiros), da casta burguesa (os Vaicias hindus) e da casta operária (os Sudras ou servos hindus). Porém, ao contrário do que se verificou na Índia moderna, Rama não pensava nestas castas como estanques ou como um privilégio de nascimento. Imaginou crescimentos e quedas de acordo com o puro merecimento individual. Verificaremos isto mais tarde, ao analisarmos o ciclo do sangue real disperso no correr dos séculos, quando reis que não tinham o direito de sangue reconhecido galgaram posições de destaque pelos seus méritos pessoais. Rama, então, institui concurso inclusive para o cargo de imperador. Isto introduziu um dinamismo competente na sociedade, comparável somente com as mais modernas democracias. E quanto sangue correu no mundo ao longo dos séculos para se chegar às mesmas conclusões há milênios decantadas pela tradição hindu! Mas, à semelhança do que ocorreu modernamente, os sucessores de Rama foram deturpando suas ideias e degeneraram a constituição do poder e da estrutura social. Foram criados os párias e os antigos preconceitos que levaram à fuga de Rama do Ocidente novamente voltaram a vingar. Segundo a antiga tradição, apenas em Agartha e em pequenos centros de iniciação espalhados pelo mundo suas ideias permaneceram. É o que veremos através de Buddha, Zoroastro e Pitágoras, por exemplo, que viveram inclusive à mesma época.

As ideias universalistas de Rama, assim, alimentaram por séculos a todos os buscadores da Verdade Suprema. Mas o caminho Real, a Arte Real sempre permaneceu, em sua essência, oculta dos imediatistas e simplórios que sempre visaram o mero interesse pessoal. Sob o pano de fundo destas disputas personalísticas sobressaiu-se, para os que pudessem entender, o sânscrito, a sagrada escritura dos iniciados, galgando uma posição invejável e originando a profunda ideia dos números (que mais tarde passarão ao ocidente através dos árabes) assim como várias línguas, incluindo o português atual, oriundo da miscigenação das colônias de além-mar.

6384 – Época de Zoroastro[37] segundo Eudóxio, citado por Hermodoro, Plutarco e Plínio, o Velho. Ele coloca Zoroastro vivendo 6000 anos antes da morte de Platão.

6190 – Época de Agonaces. mestre de Zoroastro, segundo Hermipo. Ele coloca Agonaces 5000 anos antes da Guerra de Troia. Plutarco também repete que Zoroastro viveu 5000 anos antes da Guerra de Troia.

6000 – Chegada dos primeiros habitantes da Irlanda, caçadores e pescadores, a partir da costa oriental vindos do continente europeu. Mais tarde, chega com os imigrantes o conhecimento da agricultura, em cerca de 3000 a.C., e a arte no bronze em 2000 a.C. Em 300 a.C., os celtas vindos da Europa dominarão os povos anteriores pelo conhecimento do ferro.

Nos seus primórdios a Irlanda era uma das avançadas civilizações da Europa ocidental, conforme atestam as tradições e as colinas fortificadas verificadas em reinos menores. Desta época registram-se artesãos sofisticados que realizavam elaborados trabalhos em metais. Nos tempos antigos o Reino Celta de Ulster incluía Donegal, Cavan e Monaghan além dos seis condados atuais.

4241 – Calendário solar preciso estabelecido em On (Heliópolis), no Egito.

4004 – Segundo o bispo Usher, Deus criou o mundo.

4000 – Importantes assentamentos descobertos na Grécia, principalmente na região norte (Tessália e Macedônia), atestam o desenvolvimento de próspera civilização. Estima-se que durou até o 3º milênio, quando uma dramática mudança dará ao sul e às ilhas a liderança no desenvolvimento regional. Este domínio será calcado na indústria do bronze, na produção de artigos luxuosos e em itens rituais, assim como na construção de cidades muradas.

Nesta época, importantes mudanças na Mesopotâmia levam a um grande aumento da população urbana. As evidências levam a determinar como causas deste aumento populacional em cidades o desenvolvimento de uma classe política baseada nos laços de sangue, dividida em classes e governada por uma elite militar e religiosa, que levou à construção de grandes obras. Além disso, o desenvolvimento de uma forte classe de artesãos e comerciantes, o nascimento da escrita e o desenvolvimento de ciências exatas fizeram parte deste *boom* de desenvolvimento.

Sir Leonard Woolley, em 1929, verificou a existência de uma grande área de lama com cerca de três metros de espessura e situada acima do nível do mar, provavelmente causada por uma grande inundação que ocorrera em torno desta época, a 4000 a.C.. Esta data estaria de acordo com o relato da *Epopeia de Gilgamesh* (vide ano 2750 a.C.).

4000 a 2000 – Registros arqueológicos de dilúvios na Mesopotâmia.

37 Wikipedia – Zoroaster Ζωροάστρης ou Zarathustra 𐬰𐬀𐬭𐬀𐬚𐬎𐬱𐬙𐬭𐬀 , líder espiritual/profeta iraniano

3800 – Construção dos megálitos em Carnac, Bretanha francesa.
3784 – Nasce o primeiro Zoroastro.
3761 – Deus cria o mundo, segundo os hebreus.
3600 – Primeiro cultivo de algodão no Peru.
3500 – Cultivo de batatas na América do Sul. Inventa-se a roda em Súmer. Começa o cultivo de arroz no extremo oriente. Cultiva-se na Índia o bicho-da-seda. Domestica-se o cavalo no sul da Rússia. Navegantes egípcios começam a percorrer o Mediterrâneo. Primeira escrita pictográfica do Oriente Médio. Fundam-se cidades sumérias perto do Golfo Pérsico, na desembocadura do Tigre e Eufrates. Antiga escrita mediterrânea usada da Cária à Espanha. Sumérios adotam o sistema decimal.
3400 – Primeiro cultivo do algodão no México.

3300 – **O Monoteísmo Egípcio**

Neste ano, um texto de Unas[38], no Antigo Egito, retrata fartamente a crença dos egípcios num Deus reinando sobre todos os outros deuses:

> O que é mandado pelo teu *ka* vem a ti, o que é mandado por teu pai vem a ti, o que é mandado por Ra vem a ti, e chega no séquito do teu Ra. És puro, teus ossos são os deuses e as deusas do céu, existes ao lado de Deus, és solto, aproximas-te de tua alma, pois todas as coisas [ruins] escritas em nome de Unas foram postas de parte.
> (Wallis Budge. *A Religião Egípcia*. Ed. Pensamento, São Paulo, p. 17)

Ernest Arnold Wallis Budge foi conservador das Antiguidades Egípcias e Assírias do Museu Britânico e um dos mais renomados egiptólogos deste século. Escreveu inúmeras obras sobre o assunto e nos auxiliara muito com dados originais de inúmeras tradições egípcias e de outros povos. Segundo ele:

> O falecido Dr. H.[Heinrich] Brugsch coligiu grande número de epítetos aplicados aos deuses, respingando-os em textos de todos os períodos; e por eles podemos ver que as ideias e crenças dos egípcios sobre Deus eram quase idênticas às dos hebreus e dos muçulmanos em períodos subsequentes. Classificados, os epítetos diziam este teor: "Deus é Uno e só, e nenhum outro existe com ele; Deus é o único. O que fez todas as coisas. Deus é espírito, espírito oculto, espírito dos espíritos, o grande espírito dos egípcios, o espírito divino. Deus é desde o princípio, e tem sido desde o princípio; existe desde há muito, e era quando nada mais tinha ser. Existia quando nada mais existia, e o que existe foi criado por Ele depois que Ele veio a ser. Ele é o pai dos princípios. Deus é o eterno, Ele é eterno e infinito; e dura para todo o sempre; tem durado por séculos sem conta, e durará por toda a eternidade. Deus é o Ser oculto, e homem algum lhe conheceu a forma. Nenhum homem foi capaz de achar-lhe o semblante; escondido dos deuses e dos homens. Ele é o mistério para as suas criaturas. Nenhum homem sabe como conhecê-lo. Seu nome permanece oculto; Seu nome é um mistério para seus filhos. Seus nomes são inumeráveis, múltiplos, e ninguém lhes conhece o número. Deus é verdade, vive da verdade e dela se alimenta. Rei da verdade, descansa sobre a verdade. Afeiçoa a verdade, e executa-a através do mundo todo. Deus é vida, e só através d'Ele pode o homem viver. Ele dá vida ao homem, e sopra o sopro da vida em suas narinas." (Wallis Budge, op. cit., p. 23 extraído de H. Brugsch, *Religion und Mythologie der alten Aegypter*, pp. 96–99)

Estes textos, conhecidos e divulgados há mais de cem anos, estranhamente têm sido omitidos em todos os níveis de ensino tradicional, da escola à Universidade. Face ao seu grande conhecimento por parte dos egiptólogos, é

38 Wikipedia – Unas, 9º faraó da 5ª dinastia do Antigo Egito (2345–2315 a.C.)

de se estranhar a insistência com que tem sido propagandeada a "originalidade" monoteísta de Akhenaton, hebreus, cristãos e muçulmanos.

3250 – Princípios de Mohenjo-Daro[39], de civilização muito avançada, com uso do couro, cobre e pedra.

O Cisma de Irshu e a Guerra dos Sexos

Ocorre o Grande Cisma de Irshu, na Índia. O cargo de Kusha (imperador) não seguia mais a vontade de Rama em ser eletivo, passando a ser hereditário. Há muito que as eleições se corromperam. Ao morrer o imperador Ugra, sucedeu-lhe o primogênito Tarakia [Tarak'hya]. Seu ambicioso irmão Irshu queria o poder. Conhecendo o desgosto de parte das províncias, ele incita uma revolução para tomar o poder. Formou um estado-maior entre as elites e aliciou os mais pobres, pregando não apenas a revolta como uma doutrina que lhe sustentasse, uma doutrina de completa inversão de valores.[40] O governo passa de um Mestre a um Déspota. Daí estas duas palavras, em grego, serem idênticas! Irshu ignorou a opinião dos Iniciados. Como nos diz Felippe Cocuzza:

> Irshu lançou a Teoria da Superioridade do Eterno Feminino sobre o Eterno Masculino, da Manifestação sobre o Princípio, da experimentação sobre o Conhecimento. Com isso lançou mulheres contra homens, jovens contra velhos, empregados contra patrões, criando uma verdadeira luta de classes e uma inversão na hierarquia das castas. O Supremo Conselho dos Iniciados convocou Irshu ao seu tribunal e fez-lhe ver que sua doutrina, embora tivesse alguns fundamentos, representava conclusões falsas de princípios na dinâmica universal e que se tornava muito perigosa para as massas. Alertou-o que ele queria dividir o indivisível, confundindo polaridades complementares com polaridades inimigas e que tal doutrina de revanche e de simplificações apressadas lançaria o país na guerra civil e destruiria o império de Rama. Finalmente, os Iniciados convidaram Irshu à conciliação e à paz, mas que ele era livre para aceitá-la ou rebelar-se, e concluíram: "*Nós poderíamos desde já destituir-te e prender-te, mas nós somos a Autoridade e não o Poder. É tua a escolha, a paz ou a guerra*." Irshu respondeu: "*A guerra está em mim e todos aqueles que me amam irão à guerra comigo*." Assim ele desenvolveu sua doutrina com todos os símbolos necessários para desencadear a guerra civil. Deus foi substituído por uma deusa, o culto do Sol pelo culto da Lua, a religião fálica pela iônica (de yona, órgão genital feminino), a cor branca pela vermelha, o Cordeiro por uma Pomba Vermelha e finalmente por animais carnívoros (tigre, leão, águia), a escrita ideográfica pela escrita fonética, a escrita da direita para a esquerda pela da esquerda para a direita (contra o sentido do Sol), etc., etc.
>
> (Felippe Cocuzza, *A Maçonaria na Evolução da Humanidade*, Ícone, São Paulo, 1994, pp. 66–67)

Jonas, o Peixe e as Pombas de Magdalena

Veremos, mais adiante, que esta dicotomia é necessária, se bem que harmônica. E o que aconteceu com Jesus (o Cordeiro de Deus), o *Iod* cristão (Ioesous era seu nome original em grego). Desastrosamente os criadores da nova religião castraram este super-homem para a posteridade, quando na verdade ele era complementar a Migdala (a Pomba Cerimonial) ou Magdala ou Magdalena, proclamada pelos mesmos mentores como uma prostituta.

39 Wikipedia – Mohenjo-Daro, situado no Paquistão. A datação é de tecidos de algodão.

40 Saint-Yves d'Alveydre, *Mission des Juifs*, p. 253 ⬅ Fabre d'Olivet, *De l'état social de l'homme*, p. 271 Joscelyn Godwin, *Atlantis and the Cycles of Time*, p. 44 explica a origem dessa ideia.

A mesma alegoria vemos na história de Jonas[41] (mais um *Iod*), que é engolido pelo peixe. Segundo Blavatsky:

> O "Grande Peixe" é *Cetus*, a forma latinizada de Kêtos (κητος), e Kêtos é Dagon. Poseidon, cujo feminino é Kêton Atar-gatis – a deusa síria e a Vênus de Askalon. O busto de Der-Kêtos ou Astartê ficava geralmente na proa dos navios. Jonas (o *Yonah* hebraico, por *pomba*, ave consagrada a Vênus) dirigiu-se a Jaffa, onde o deus Dagon, o peixe-homem, era adorado, e não ousou ir a Nínive, *onde a pomba era adorada*. Eis por que alguns comentadores acreditam que, quando se diz que Jonas foi lançado para fora do barco e engolido por um peixe, devemos entender que ele foi recolhido por um desses barcos, em cuja proa estava a figura de *Kêtos*. Mas os cabalistas têm outra lenda a esse respeito: eles dizem que Jonas era um sacerdote que se havia evadido do templo da deusa em que a pomba era adorada, e que desejava abolir a idolatria e instituir a adoração monoteísta. Que, apanhado perto de Jaffa, foi aprisionado pelos devotos de Dagon em uma das celas carcerárias do templo, sendo a forma estranha da cela o que deu origem à alegoria. Na coleção de Moses de Garcia, um cabalista português, há um desenho que representa o interior do templo de Dagon. No centro eleva-se um imenso ídolo, cuja parte superior é humana e a inferior de um peixe. Entre o ventre e a cauda há uma abertura que se fecha como a porta de um armário. Nela eram encerrados, até uma disposição posterior, aqueles que cometiam blasfêmias contra a divindade titular do templo. O desenho em questão é cópia de uma velha lâmina coberta de velhos desenhos e inscrições curiosos feitos em antigos caracteres fenícios. Essa lâmina foi encontrada numa escavação efetuada a poucas milhas de Jaffa. (Helena P. Blavatsky, *Ísis sem Véu*. Pensamento, São Paulo, 1994, vol. III, pp. 228–229)

Na violenta guerra travada, Irshu finalmente é expulso do país. As hordas derrotadas invadem, então, o ocidente dando origem a reinos belicosos e materialistas na Assíria e na Babilônia, Fenícia, Troia, os hicsos no Egito, na África (onde Irshu se tornou *Exú*), com as deusas Astarte, Ishtar, Diana, o culto do touro, e a substituição das cores branca e azul (masculinas) pelo vermelho (feminino). A invasão dos Iônios na Grécia foi um exemplo.

3200 – Templo branco (não um zigurate) em Uruk. Último período da civilização Nagada, na Índia. Época pré-tinita.

3150 – Época do aparecimento de Krishna.[42]

3114–3100 – Inicia o calendário maia, com a chegada dos quatro "becabs" de além-mar.

3102, 18 de fevereiro – Morte de Krishna e início do Kali Yuga[43], segundo o calendário tamil, chamado ~~Tirukkanda~~[44] *Tiru Ganita Panchangam*. Segundo Blavatsky, os brâmanes eruditos da Índia meridional dão-no como o melhor e o mais completo de todos os calendários atuais, e dizem-no ser uma compilação dos fragmentos secretos de Asuramaya[45], com os quais está em perfeita concordância. Ao mesmo tempo em que se afirma que Asuramaya foi o maior dos astrônomos, sussurra-se que foi o "feiticeiro" mais poderoso da Ilha Branca, "*que se tornou negra em virtude de seus pecados*"; ou seja, das Ilhas Atlantes. [citado de A Doutrina Secreta]

41 Wikipedia – Jonas
42 Wikipedia – Krishna कृष्ण deus hindu da compaixão, bondade, ternura e amor.
43 Wikipedia – Kali Yuga. Era de Kali, a última num ciclo de 4 eras. 1 era = 432.000 anos.
44 Explicação sobre a grafia. Calendário tamil, com ciclos de 60 anos.
45 Asuramaya = Maya asura, autor (?) do tratado indiano de astronomia Sūrya siddhānta

Segundo outros autores, o Kali Yuga teria início no século V-VI a.C., com a chegada do racionalismo grego e a consequente reação espiritual de grandes Iniciados: Lao-Tsé e Confúcio, na China, Mahavira e Buddha na Índia, o segundo Zoroastro na Pérsia, o segundo Isaías em Israel e Pitágoras na Grécia.

3000–2550 – Época a que remonta a Troia mais antiga, Troia I, segundo as mais modernas investigações (vide ano 1850–1250 a.C.). Era cercada por uma muralha de 2,5 m de altura. As casas eram de pedra, o metal era usado e alguns utensílios domésticos eram decorados com desenhos de perfis humanos. Um dente de cavalo descoberto recentemente indica Troia como o primeiro lugar do Mediterrâneo a criar estes animais. Pequenos indícios e outros fragmentos indicam que Troia tinha poder para controlar a produção de bronze e o comércio de toda a região de Dardanelos. Uma das mais notáveis constatações das modernas pesquisas foi que a Troia da Idade do Bronze era dez vezes maior do que se pensava, o que também multiplica seu poder.

Figura 1: Troia I (3000–2500 a.C.)



2950 – Fo-Hi[46], um dos grandes iniciados hindus, é encarregado de levar a reforma espiritual à China. Continuando o trabalho de Krishna e sendo integrante do chamado Conselho dos Deuses, Fo-hi adapta a sabedoria de Krishna à cultura chinesa. Sua característica é mais prática que purista, do ponto de vista espiritual. Sua obra monumental foi feita em 5 livros, inteligíveis apenas para os que realmente foram iniciados nas suas origens. Adotando o nome de Reis [do inglês *kings*?], assim como fez a Bíblia, tornaram-se ao mesmo tempo populares pelas qualidades adivinhatórias, sempre acessíveis ao interesse do vulgo. Os Kings ou Chings são: I-Ching, Shu-Ching, Shi-Ching, Li-Ching e Yo-Ching.[47] O primeiro se tornou mais conhecido; baseado nas leis cósmicas, serviu de modelo e inspiração a futuros filósofos chineses. A qualidade profética e popular da obra foi uma versão chinesa das profecias délficas e sibilinas, dos vários Tarots e das atuais cartas do baralho, perpetuando os mistérios na mente popular.

46 Wikipedia – Fuxi, herói da cultura e mitologia chinesa, criador do cangjie e da caça.
47 Esses livros foram compilados por Confucio.

2900 – Segundo os historiadores antigos, a cidade de Sidon, na Fenícia, remontaria a esta data.

2900–2500 – Período de Uruk[48], a mais poderosa cidade suméria. A fundação de Uruk é magnificamente retratada no poema babilônico *A Ascensão de Ishtar*. Durante uma assembleia de deuses Anu (o Céu), que estava eufórico, deu a Ishtar (Inanna) preciosos vestidos e colares, além de "Forças Divinas". Inanna vem de E-anna, que significa "Casa Celeste", numa clara alusão à Casa – manifestação material do Signo, a contraparte feminina do Pai, a Mãe. Anu diz que "*Graças ao meu Poder quero dar a Ishtar, à minha filha pura, o domínio, a divina Essência e a Coroa; quero dar-lhe o Trono real, o alto cetro, o sublime templo*." Ishtar, a pura, aceitou tudo. Recuperado da embriaguez, Anu[49] tentou por todos os meios retomar os bens, mas Ishtar, defendendo-os habilmente, instalou-se em seu novo templo, em Uruk. Lá construiu um templo a Dumuzi, seu amante (na verdade Dumuzi-Apsu ou o "Filho Legítimo de Apsu").

Apsu é a personificação do Abismo, do Caos Primordial. Segundo a lenda, Dumuzi era um valente rapaz que um dia, ao afundar com seu barco, desceu ao inferno. Lá chegando, os espíritos o detiveram como prisioneiro. Neste episódio desenrola-se um dos mais belos poemas babilônicos: *A Descida de Ishtar aos Infernos*.[50] Quando Ishtar vê que raptaram seu amante, vai desesperada e agressivamente bater no portal dos infernos para resgatá-lo, em Arallu, a cidade dos mortos. Vai ter com Ereshkigal, sua irmã e rainha dos infernos. Ela deixa Ishtar passar mas, atendo-se às normas, desde a primeira porta vai despojando Ishtar de todas as suas vestes: primeiro a coroa, depois os brincos, o colar, o peitoral, a cinta, os braceletes e por último, na sétima porta, a veste. Como todos os que se apresentam à rainha, Ishtar vai completamente nua. Elas brigam e a rainha arremessa Ishtar às sessenta doenças.

Enquanto isso, na terra, com o desaparecimento da Deusa da Fertilidade, a vida amorosa extinguiu-se totalmente. Os animais não se acasalaram, os homens não procuram a esposa nem a amante. Pela intercessão de Ea (ou Enki), deus da Terra que tinha certa jurisdição sobre o subsolo, Ereshkigal decide libertar Ishtar, aspergindo-lhe a "Água da Vida", curando-a dos males e devolvendo-a a Uruk com todos os adereços originais. Seu amante consegue permissão para retornar, mas Ishtar deve, a cada verão, quando o grão é ceifado, deixar Dumuzi ser levado por sete demônios, que o levam a Arallu até a próxima primavera. Dumuzi tornou-se o popular "Senhor dos recintos e dos rebanhos". Todo o ano representações da saga eram feitas pelo povo, com o retorno de Dumuzi ao tálamo adornado, situado no E-anna. A cerimônia era representada pelo Rei (Dumuzi) e pela Grande Sacerdotisa (Inanna), celebrando o início da primavera, o ano novo sumério. Este mito propagou-se pelos hebreus e pelos gregos, onde o trono de Adônis era disputado por Vênus e Prosérpina.

O Culto a Ishtar e os Benjamitas

É muito importante termos em conta esta lenda para entendermos a destruição da tribo de Benjamim 1500 anos depois. A destruição dos cultos à Mãe, com o monoteísmo patriarcal, não poderia ter ocorrido sem que se torna-se estéril a criação. Na profundidade, esta narrativa representa a vinda do Messias Moisés (Marte) e a necessidade de permanência dos cultos à Mãe (Vênus).

48 Wikipedia – período de Uruk. O período de urbanização, ainda debatido, é ca. 4000 a 3100 a.C.
49 Na verdade Enki. Os presentes eram os *mes* (regras civilizatórias)
50 Existem duas versões, uma acadiana e outra sumeriana.

A lenda de Ishtar e da saga hebraica dos benjamitas está repleta de alusões à relação feminino-venusina, seja pela sua designação como Casa do Céu (a Casa é a Mãe e o Céu é o Pai), pelas 60 pragas (6 é o número superior de Vênus), os 7 demônios (7 é o número alquímico de Vênus), pelos 600 Benjamitas que sobreviverão, mas que não podiam ter filhos. Significa que Marte sempre deve estar associado a Vênus, sob o risco da esterilidade da terra e da vida como um todo. Nos signos esta representação é feita pela associação de signos opostos, segundo a analogia e harmonia dos contrários. Áries e Escorpião (regidos por Marte) tem por signos opostos Libra e Touro (regidos por Vênus), respectivamente. Assim Moisés (filho de Marte) trouxe a lei hebraica para ser equilibrada e completada por Jesus (filho de Vênus). Moisés sabia disso quando deu sua bênção aos filhos de Israel:

> Disse também a Benjamim: o muito amado do Senhor habitará nele confiadamente; morará como em tálamo nupcial todo o dia, e descansará entre seus braços. (Deuteronômio 33:12)

Este desígnio foi esquecido por Israel quando as onze tribos se juntaram para acabar com a tribo de Benjamim, proibindo as mulheres de casar com seus filhos (vide ano 1150 a.C.). Justamente a eles, os benjamitas de longos cabelos, será confiada Jerusalém, a Casa, a Mãe, sede do Altíssimo, representada pelo Templo. Mil e duzentos anos depois outro venusino de cabelos longos, Jesus, seria o rei de Jerusalém. Por isso esta história, hoje, é trazida por filhos de Marte e reescrita por filhos de Vênus ...

2750 – Período em torno do qual deve ter reinado o lendário Gilgamesh[51], rei de Uruk que inspirou o famoso épico que leva seu nome. É retratado como o quinto rei de Uruk, sucedendo aos míticos Lugalbanda e Dumuzi. Deve ter vivido cerca de 126 anos, pela genealogia. Na *Epopeia de Gilgamesh*[52] é relatado um dilúvio, que bem pode ser situado em 4000 a.C.

2720 – Segundo Heródoto, Tiro (a bíblica *Filha de Sidon*) remonta a esta época.

2550–2250 – Período de Troia II, quando então serviu de residência real. Foi um dos primeiros lugares onde existiu o trabalho em bronze, ouro e prata em grandes quantidades. Pelo visto, parte do tesouro encontrado por Schliemann em 1873 pertencia a esta época. Supunha-se, inicialmente, que fossem de Príamo os mais de 12 mil objetos de ouro, joias, colares, alfinetes e vasos encontrados. Com o final da Segunda Grande Guerra, em 1945, estes objetos foram parar em Moscou. A famosa cidade mítica da Ilíada de Homero estava situada 3 m acima nas escavações, tendo sua construção estimada em torno de 1700 a.C.. Era a maior e mais suntuosa de todas as descobertas até então.

2500 – Registro dos primeiros cretenses na ilha de Creta. Suas origens ainda nos são desconhecidas. Os minoicos adoravam uma deusa-mãe, cujo símbolo era o machado com dois gumes, chamado *labrys*. Seu nome lembra a lenda de Teseu e o Minotaurus, o Touro (símbolo da Mãe Terra) de Minos. De acordo com a lenda, Daedalus construiu o labirinto para Minos para abrigar o Minotaurus devorador de homens. Depois da conquista, os gregos absorveram essas lendas.

Evidências arqueológicas reconhecem, no vale do Indo, uma civilização urbana comparável à do Egito e Mesopotâmia nesta época, principalmente em Harappa e Mohenjo-Daro.

51 Wikipedia – Gilgamesh, reinou provavelmente entre 2800 e 2500 a.C.
52 Wikipedia – Épico de Gilgamesh, redescoberto em 1849 e traduzido nos anos 1870.

2330–2250 – Período da civilização de Ebla, descoberta em 1968 por arqueólogos italianos em Tell Mardikh, ao sul de Alepo, na Síria. Escritos datando desta era foram encontrados nos arquivos do palácio, em escrita cuneiforme adaptada à escrita eblaita, em vias de ser decifrada. Os textos têm equivalência de termos sumerianos, tal qual a Pedra da Roseta. Ebla, estima-se, deve ter tido uma população de 20 a 30 mil habitantes, muito grande para a época. Foi vassala de Alepo até 1600 a.C., quando capitulou ante os hititas de Hatusil I e Mursil I. Inscrições sumérias e acádicas do terceiro milênio a.C. referem-se a Ebla como poderosa e próspera. Segundo elas, Ebla teria sido dominada entre 2340–2300 por Sargão, de Acádia, e mais tarde por seu neto, Naram-Sin, em 2250–2220.

2300–2000 – Muitos assentamentos na Grécia são destruídos, parece, por invasores da Anatólia falando uma linguagem que, provavelmente, se tornou o grego.

2100 – Segundo os antigos, época do reino de Belus[53]. Segundo a história, Belus foi estabelecer uma colônia na Babilônia, levando consigo o sacerdócio ao modo dos egípcios. Ele nascera de Líbia e de Netuno [Poseidon], isto é, filho de uma africana e de um habitante vindo do mar. O culto de Belus, Bel ou Baal estava no princípio identificado ao deus Sol, à semelhança da cultura americana [inti].

2100–1600 – A população grega recupera-se gradualmente, em grupos e instituições culturais. No final do período Micenas era um estado próspero e poderoso, comandando uma fértil planície no sul da Grécia, familiarizados com o cavalo embora sem montá-lo, e comercializando com os Cicládicos e com Creta.

A história da Grécia Antiga começa entre 1900 e 1600 a.C.. Neste tempo, os gregos ou helenos, como chamavam a si mesmos, eram simples pastores nômades. Sua linguagem mostra que pertenciam a um braço dos povos indo-europeus. Vindos de campos a leste do mar Cáspio, mandavam seus rebanhos e manadas à sua frente. Entraram na península pelo norte, grupo após grupo.

Os Aqueanos de Cabelos Longos e as Tribos Semitas

Os primeiros invasores foram os Aqueanos de ***cabelos longos***, sobre os quais falou Homero. Ora, aqui vemos um precursor do que ocorreria com os Benjamitas: a fuga de uma tribo de Israel para a região da Grécia. Sabemos que a tribo Dan era afeita ao mar e às grandes viagens. As notícias de que teriam iniciado o culto da Deusa sob a forma de Danna ou Diana tem ainda mais fundamento quando sabemos que este povo, os Aqueanos, se confundem muito com a tribo de Dan. Em primeiro lugar, à semelhança dos Aqueanos, os da tribo de Dan eram conhecidos pelos seus ***cabelos longos***. Seu mais famoso filho foi Sansão, cuja poderosa força advinha dos cabelos. Os livros bíblicos do Macabeus, I e II, mostram inequivocamente a ligação muito antiga dos judeus com os gregos de Esparta. Os espartanos, chamados na Bíblia pela denominação de Homero Lacedemônios, receberam uma embaixada judia e corresponderam-se com Jônatas, governante da Judeia de 160 a 143 a.C.. Seu governante, Ario, referiu-se assim aos antigos laços entre Esparta e a Judeia:

> Ario, rei dos espartanos, ao sumo sacerdote Onias, saúde. Achou-se aqui uma escritura sobre os espartanos e os judeus [dizendo] que eles são irmãos, e que todos vêm da linhagem de Abraão. (Macabeus I 12:20–21)

Além disso, como nos lembra Thucydides[54] na sua *Guerra do Peloponeso*:

---

53 Wikipedia – Belus Βῆλος Na Babilônia é o deus Bel Marduk, no Egito tem os pais citados (por Diodorus Siculus). Nas línguas semíticas Bel ou Baal era um título honorífico, “senhor, lorde, dono”.

54 Wikipedia – Thucydides Θουκυδίδης (460–400 a.C.) historiador e general ateniense.

> Antes da guerra de Troia não há qualquer indicação de ação comum em Hellas, nem mesmo na prevalência do nome; ao contrário, antes do tempo de Helena, filha de Deucalion, nenhum nome desses existia, e o país adotou os nomes das diferentes tribos, em particular os Pelásgicos. Não foi senão até que Helena e seus filhos crescessem fortes em Phthiotis, e fossem convidados como aliados nas outras cidades, que um por um eles gradualmente adquiriram a conexão com o nome de Helenos; levou um longo tempo até que o nome se fixasse sobre os outros. A melhor prova disso é fornecida por Homero. Nascido muito depois da guerra de Troia, ele em nenhum lugar, chama a todos eles pelo nome, nem mesmo qualquer um deles, exceto os seguidores de Achilles de Phthiotis, que eram os helenos originais. Em seus poemas eles são chamados **Danaans**, Argives e **Achaeans**. (Thucydides, *The Peloponnesian War,* livro 1, 1.3)

Vide, também, ano 800 a.C..

A capital dos aqueanos era Micenas. Os dóricos vieram talvez três ou quatro séculos depois (1600–1500), subjugando seus parentes aqueanos. Outras tribos, como os aeolianos e ionianos, fixaram residência principalmente nas ilhas do Mar Egeu e costa da Ásia Menor. Essas terras que eles invadiram pertenciam à desenvolvida civilização minoica, subjugada definitivamente em 1450 a.C.. Os gregos invasores ainda estavam no estado bárbaro, saqueando e destruindo as cidades egeias. Gradualmente, à medida que foram se casando com a população local, foram absorvendo e desenvolvendo sua cultura.

Separados por barreiras de mar e montanhas, por orgulhos e invejas, as várias cidades-estado independentes nunca conceberam a ideia de unidade num mundo grego sob uma única unidade política. Formaram alianças apenas quando alguma cidade-estado poderosa embarcava numa ação de conquista e tentava fazer de si mesma senhora do restante. Muitas influências contribuíram para a unidade linguística, uma religião comum, literatura comum, costumes similares, ligas religiosas, festivais e os Jogos Olímpicos, mas mesmo em tempos de invasão estrangeira era difícil induzir as cidades a agir conjuntamente.

Os micênicos adoravam os conhecidos deuses do Olimpo. Dentre todas as deusas, nenhuma era mais amplamente venerada que Afrodite, a deusa do amor. Os romanos a chamavam Vênus. Na *Ilíada* de Homero, Afrodite era filha de Zeus e Dione, uma deusa Titã. Outras histórias contam como ela se expandiu, cresceu da espuma do mar próximo da ilha Cythera. Aphros, em grego, significa “espuma”. De lá Zephyrus, o vento ocidental, carregou-a gentilmente numa concha até Chipre, que era sempre vista como seu lar real. Lá as Horas a encontraram, vestiram-na e trouxeram-na até os deuses. Todo deus, inclusive Zeus, desejava essa bela e dourada deusa como sua esposa. Afrodite orgulhava-se em rejeitá-los. Para puni-la, Zeus entregou-a a Hephaestus (Vulcano na mitologia romana), o coxo e feio deus da forja. Esse artesão de bom coração construiu para ela um esplêndido palácio em Chipre. Afrodite logo deixou-o por Ares (Marte), o belo deus da guerra. Um de seus filhos foi Eros (Cupido), o alado deus do amor.

2000 – É construído o palácio de Knossos, em Creta. Nos próximos 300 anos serão construídos os palácios de Zakro, Mallia e Phaistos, marcando o nascimento dos primeiros estados cretenses. Não se sabe a época em que viveu o lendário rei Minos, mas pode-se situá-lo nesta época da construção dos grandes templos.

Os Cários na Europa e na América

Contemporâneo a Minos temos um povo muito intrigante, os Cários[55]. A Cária era um país situado na Anatólia, a sudeste da Europa, em cujo litoral estavam as famosas cidades de Halicarnassus e Mileto. Halicarnassus era o local do famoso mausoléu que foi uma das sete maravilhas do mundo antigo. Mileto era cidade natal do famoso Thales, de origem fenícia. Próximo ficava Rhodes, também sede de uma das sete maravilhas, o famoso Colosso. Heródoto nos descreve a importância real da Cária no passado:

> Os Cários eram uma raça que veio para o continente a partir das ilhas. Nos tempos antigos estavam sujeitos ao rei Minos, e o foram pelo nome de Leleges, residindo nas ilhas e, tão longe quanto pude ir em minhas pesquisas, nunca sujeitos a prestar tributo a qualquer homem. Eles serviram a bordo dos barcos do rei Minos quando ele requeria; e então, como ele era um grande conquistador e prosperou em suas guerras, os Cários eram, nos seus dias, de longe os mais famosos de todas as nações da terra. Também foram os inventores de três coisas as quais os gregos copiaram. Foram os primeiros a colocar cristas nos capacetes e a colocar dispositivos nos escudos, e também inventaram punhos para os escudos. Nos tempos antigos os escudos eram sem punhos, e seus usuários os manejavam pela ajuda de uma tira de couro que eles penduravam em torno do pescoço e do braço esquerdo. Muito tempo depois de Minos os Cários foram retirados das ilhas pelos Ionios e Dóricos, e então estabeleceram-se no continente. Isto é o que os cretenses contam dos Cários. Os Cários mesmo dizem algo muito diferente. Eles sustentam que eram os habitantes originais da parte do continente onde agora habitam, e nunca tiveram outro nome que este que ainda levam. (Heródoto, *História*, livro 1, 171)

Essas cristas são, na realidade, uma característica da América. Era um hábito, estranho ao mundo europeu, como acentuou Heródoto. Isto corrobora a afirmação das andanças desses povos pela América. Veremos novamente estas cristas na grande invasão dos Povos do Mar, um povo do qual quase nada se sabe. Varreram o Mediterrâneo e eram caracterizados pelas vestimentas maias, incluindo a crista de penas (vide 1194 a.C.).

Diodoro de Sicília (90–21 a.C.), escrevendo em 50 a.C., disse que os cartagineses seguiram na navegação os rastos dos cários *nos mares do oeste*. Os cários usavam penas como os índios americanos. Segundo alguns historiadores, foram deixando na maior parte da América seu nome, estabelecendo uma dinastia de sua raça que reinava em Quito, capital do Equador. Plutarco, em seu *Tratado das manchas no orbe lunar*[56], nos conta que, abrangendo todo o ocidente além das Colunas de Hércules, *o continente em que reinava Merope* foi visitado por Hércules *numa expedição que fez para o oeste*, e que seus companheiros *ali apuraram a língua grega*, que começava a adulterar-se. Segundo Heródoto, as origens gregas estariam na América. Ora, os indícios de que as culturas de Cuzco, no Peru, Yucatan, no México, San Agustin, na Colômbia, apresentam na filologia a presença dos cários é gritante. O prefixo *car* aparece em numerosas culturas ameríndias. Entre os indígenas de Honduras figura a tribo dos *caras*. No centro e no sul de uma vasta região contígua vivem as tribos dos caricos, carihos, caripunos, carayas, caras, carus, caris, carais, caribos, Cários, carannas, caribocas, cariocas, caratoperas, carabuscos, cauros, caricoris, cararaporis, carararis, etc. Isto

55 Wikipedia – Carians

56 *De facie quae in orbe lunae apparet*, introdução ao mito e texto (seção 26).

pode não significar uma prova, mas é significativo que todas as tribos em cujo nome aparece o prefixo "*car*" chamem os brancos europeus de "*caras*". Carioca, por exemplo, na língua guarani significa "*terra dos homens brancos*".

Sabemos que os cartagineses se instalaram na Espanha, onde Amílcar Barca estabeleceu a dinastia bárcida. Numância[57], a capital dos arévacos, caiu em 133 a.C. sob os romanos de Públio Cornélio Cipião, depois de oito meses de assédio. Morreram todos após o prolongado sítio? Tartéssios, cartagineses, "novos" ou antigos cários, fenícios, cananeus ou semitas não sobreviveram? E os que estavam navegando em numerosas naus cartaginesas? Foram capturados todos pelos romanos? Muitos certamente optariam por rumar para Cádis rumo às paradisíacas ilhas além do oceano. Os fenícios eram tírios, sidônios, giblitas, cartagineses, mótios, cários, etruscos ou pelasgos, sem contar os bíblicos cananeus, edomitas, moabitas, amorreus, hititas, fariseus ou jeveus que Jeová, no Êxodo XI, prometeu a Moisés expulsar. E apesar de tantas expulsões e perseguições, os fenícios conservaram o domínio do Mediterrâneo durante muitos séculos. Se Alexandre Magno os expulsou de Sidon e Tiro, eles estabeleceram-se em Túnis, na Espanha. A história nos mostra – e disso esta cronologia fornece exaustivos exemplos – que os semitas, a começar pelos hebreus, foram dos mais perseguidos e nômades povos do mundo, sempre sobrevivendo através dos séculos com uma pertinência assustadora. Sua perenidade extrapola qualquer limite físico que possa lhes ser imposto. Mesmo hoje, após os exemplos recentes de massacres de judeus, tibetanos, afegãos, curdos e palestinos, o que vemos é uma continuação desta saga, cuja perseguição desmedida é proporcional à necessidade de seus perseguidores de manterem e justificarem sua própria unidade como tal. Para conseguir tal unidade, frequentemente a receita dos conquistadores tem sido unir forças contra um inimigo comum, desviando a atenção de seus reais problemas internos. Exemplos como as cruzadas e a 2ª Grande Guerra já nos bastariam. Mas, infelizmente, a História não se cansa de nos mostrar sagas desse tipo.

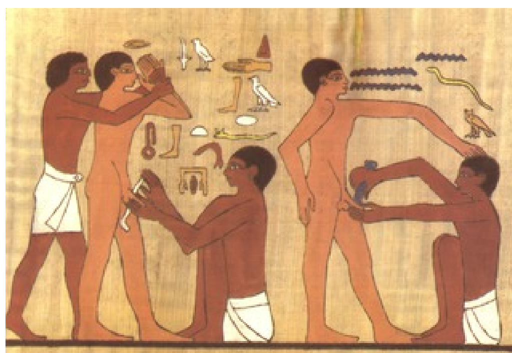
As Migrações Semitas

Desta época de 2000 a.C. remontam movimentos migratórios semitas e as origens da Grécia. Num relatório à Academia das Inscrições e Belas Letras pelo estudioso Ernest Renan ([*Mémoire sur l'origine et le caractère veritable de l'histoire phénicienne qui porte le nom de Sanchoniathon*], 1857, t. 23.2, pg 273), Renan "não admite que a Grécia tenha feito aos fenícios empréstimos para seus cultos mais antigos, particularmente aos que parecem ter raízes mais profundas no solo pelásgico. Estes mitos, diz ele, figuram em Hesíodo e Homero como velhas tradições *cuja origem é desconhecida*". Ora, as divindades pelásgicas, gregas e romanas tem seus nomes ou etimologias exatas na língua quíchua, donde resulta terem sido importadas da América equatorial. Tanto o novo como o antigo continente tinham construções ciclópicas, e muito semelhantes, como é o caso dos zigurates da Babilônia e as pirâmides aztecas. De ambos os lados do oceano existem tradições dos gigantes e das amazonas. As ideias mitológicas e o estudo dos astros eram idênticos na Ásia, Egito e América.

Quanto aos hebreus, muito costumes seus encontram-se nos povos americanos; as vestimentas e atributos sacerdotais desses eram idênticos aos que se veem nos monumentos egípcios. A circuncisão fazia-se igualmente no Egito, na América e entre os hebreus; e note-se que esses últimos praticavam-na com uma pedra afiada, como os índios da América equatorial.

57 Wikipedia – Numantia, colônia celtibérica. Seu povo preferiu se matar a render-se ao cerco romano.

Figura 2: Cena de circuncisão da tumba de Ankh-Mahor
VI dinastia (2323–2150 a.C.)



De todas as conjecturas acerca dos descobridores da América em época pré-colombiana, uma das mais apaixonantes tem por centro a figura enigmática de Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, deus do vento e da água. Segundo uma das versões da lenda, Quetzalcoatl era o príncipe tolteca de Tula, cidade situada a cerca de 65 km a norte da posterior capital asteca, Tenochtitlán (Cidade do México), e reinou no século X da Era Cristã. Isolado no seu palácio, e sem jamais se ver em um espelho, Quetzalcoatl provocou a ira contra si próprio pelo fato de oferecer borboletas em sacrifício aos deuses, poupando os seres humanos. Os feiticeiros convenceram-no a entregar-se à bebida e a seduzir uma sacerdotisa; seguidamente, deram-lhe um espelho para que observasse a sua face marcada pela corrupção ou pela idade (as opiniões divergem). Destruído o seu mistério real, Quetzalcoatl fugiu apressadamente para o litoral próximo da atual Veracruz, e fez-se ao mar prometendo regressar um dia para recuperar o seu tesouro e governar o seu povo.

Quando Hernán Cortés e seu grupo de conquistadores barbados vindos de Cuba desembarcaram nas imediações do local onde Quetzalcoatl partira, Montezuma II, chefe dos astecas, ouviu descrições dos visitantes que correspondiam à tradição tolteca: segundo a profecia, os deuses retornariam sob a forma de "*homens brancos de barbas, vestidos de cores diversas e com as cabeças cobertas por objetos redondos … montados em animais semelhantes aos veados e outros em águias que voariam como o vento*." Nitidamente, o hábito não-sacrificador do deus denota a usurpação do trono por algum estrangeiro, "branco". Uma das teorias mais aceitas é a de que seria um descendente viking desgarrado das frotas que se dirigiram à Islândia e aos Estados Unidos (Vinland) por esta mesma época. Mas se olharmos a obra *Comentarios Reales que Tratan de la Origen de los Incas*, Garcilaso de la Vega (1540–1616), filho de uma princesa inca, alude à tradição da chegada, muitos séculos atrás, de gigantes vindos do mar:

> Um dia apareceram grandes jangadas de junco … tripuladas por homens tão altos que uma pessoa de estatura vulgar mal lhes chegava aos joelhos. Eram no entanto muito bem proporcionados. Tinham olhos enormes, todos eles usavam barba e os cabelos caíam-lhes sobre os ombros.

Resguardado o exagero da altura, a característica da raça branca típica fica clara. Para corroborar a hipótese de participação fenícia ou semítica (vide mais detalhes no ano 965 a.C.), vale mostrar a seguinte representação de uma escultura pré-colombiana. O rosto fino de oval alongado, o nariz grande e

aquilino e a barba pontiaguda apresentam características mais semitas que índias. A fronte desta cabeça é cingida por uma tiara e ornamenta um incensório descoberto nas escavações de Iximché, na Guatemala.

Figura 3: Rosto fenício pré-colombiano



Deuses barbados da América

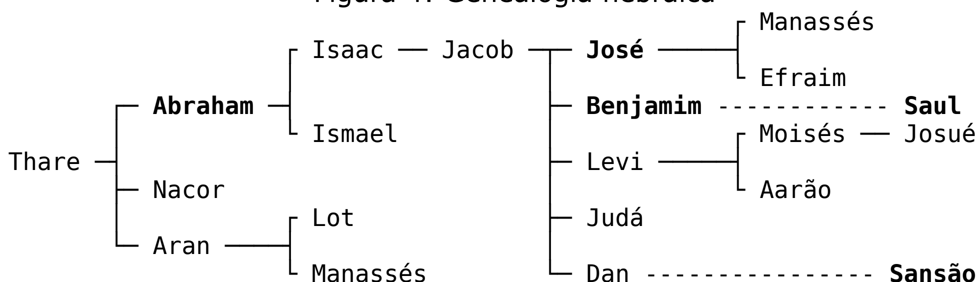
2000–1600 – Segundo os arqueólogos, neste período ocorreu a migração do ramo ariano, os indo-arianos, para a Índia. Segundo as mesmas fontes, a ele se deve o sânscrito e uma religião calcada em sacrifícios rituais e à veneração a Agni, deus do fogo, Varuna, deus dos mares, e Yndra, deusa da chuva e do trovão.

2000–1750 – Por esta época são situados os patriarcas de Israel: Abraham, Isaac e Jacob. Existe muita discordância quanto à época em que viveram os patriarcas, mas é plausível que tenham se centrado neste período. Thare tomou seu filho, Abram (mais tarde será chamado Abraham) de Ur, na Mesopotâmia, que juntamente com a esposa Sarai migrou com o clã até o noroeste. A intenção era ir a Canaan, mas acabaram se assentando perto de Haran (Síria). Thare morreu em Haran com 205 anos de idade. Em Haran, Deus chamou a Abram, dizendo-lhe para se dirigir a um novo local que lhe seria mostrado. Abram (75), recebeu também a promessa de que seria feito de seu povo uma grande nação. Foi a primeira aliança de Deus com os hebreus. Abram, Sarai, seu sobrinho Lot e seu clã atravessaram a Síria até Canaan, chegando a Shechem, cidade costeira logo ao sul de Biblos. O trajeto de Ur a Haran e de lá a Shechem era comprovadamente uma tradicional rota comercial da época.

Em Shechem aparece o Senhor novamente a Abram, dando aquela terra a seus descendentes. Sendo Sarah estéril, Abram (86) teve o filho Ismael com a escrava de Sarai, Hagar. Depois de Ismael, o Senhor aparece novamente a Abram (99) renovando seu pacto e chamando-o, a partir daí, de Abraham, e à sua mulher de Sara (90). Deus determina que Abraham e todos os machos, a partir dos oito dias, façam a circuncisão como sinal do pacto. Diz o Senhor, então, a Abraham e Sara, que teriam um filho, o que a princípio não creem. Um ano depois eles têm Isaac. Pela Aliança, Isaac continuaria a governar o povo. Após a morte de Sara, Abraham casou-se com Keturah e teve muitos filhos, os quais cresceram e herdaram Canaan e as terras para onde se dirigiram. Isaac sozinho herdou a Terra Prometida. Abraham morreu com 175 anos. Quando Isaac tinha 60 anos nasceram os gêmeos Esaú e Jacob. A Aliança de Deus foi renovada com Isaac e Jacob, e fez dos hebreus o povo

escolhido. Jacob morrerá com 147 anos. A tradição islâmica afirma que Abraham, auxiliado por seu filho Ismael, construiu em Meca a Kaaba, centro nevrálgico de toda devoção islâmica. A árvore que deles nascerá será muito frondosa. Alguns dos principais participantes desta genealogia são:

Figura 4: Genealogia hebraica



Como de resto todo o Pentateuco, a narração dos acontecimentos desta época ficou a cargo de Moisés. Segundo ele, Jacob, em seu leito de morte, chama a seus filhos e lhes divide o reino nas onze tribos. Suas bênçãos são destacadas para dois filhos: Judá e José. De Judá diz:

> Judá, a ti te louvarão teus irmãos; a tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos: diante de ti se prostrarão os filhos de teu pai. Judá é um leãozinho. Subiste da presa, meu filho. Ele se encurva e se deita como um leão, e como uma leoa; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de autoridade dentre seus pés, até que venha aquele a quem pertence; e a ele obedecerão os povos.
> (Gênesis 49:8–10) [redação refeita conforme a bíblia *João F. Almeida atualizada*]

O Nazareno José e o Lobo Benjamim

José, o penúltimo chamado, recebe uma bênção especial de Jacob; por último, Benjamim recebe a bênção.

Seguindo a antiga máxima segundo a qual “os últimos serão os primeiros”, José e Benjamim parecem ser os mais destacados na benção de Jacob. Todavia, ambos serão perseguidos por seus irmãos; enquanto José será vendido como escravo para o Egito, os da tribo de Benjamim serão banidos e quase aniquilados por seus irmãos no século XII a.C.. Pela distinção feita a José entendemos o porque da ênfase dada na M.˙. pela tríplice saudação a José quando da abertura e fechamento da L.˙.. Benjamim, veremos, é o preferido do Senhor, como nos dirá Moisés mais adiante. A ligação íntima entre José e Benjamim é muito clara; ambos são uma alusão muito forte ao culto da Mãe, referido constantemente na Bíblia como pagão.

Moisés mesmo, descendo do monte com as tábuas, encontra seu povo adorando o bezerro de ouro, símbolo da mãe. O próprio Deus repudiou tal fato, somente contornado graças à intervenção de Moisés. Este é o papel do homem: servir de intermediário entre Deus Pai e a Mãe. Mas, como veremos, é muito difícil para o homem discernir este dualismo. Na bênção de Jacob sobre José somos forçados a pensar mais profundamente na intenção do patriarca Jacob, quando diz a José (ou antes o IOSE), o representante de Jeová ou Júpiter:

> José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto a uma fonte; seus ramos se estendem sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam e perseguiram, mas o seu arco permaneceu firme, e os seus braços foram

fortalecidos pelas mãos do Poderoso de Jacó, o Pastor, o Rochedo de Israel, pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará, com bênçãos dos céus em cima, com bênçãos do **abismo que jaz embaixo**, com bênçãos dos **seios** e da **madre**. As bênçãos de teu pai excedem as bênçãos de meus pais até ao cimo dos montes eternos; estejam elas sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça daquele que foi separado[58] de seus irmãos. (Gênesis 49:22–26)
[redação modificada para a da bíblia *João F. Almeida atualizada*]

Lembramos nitidamente o papel de José como o Dumuzi de Ishtar, ou o Adônis de Vênus (vide ano 2900–2500 a.C.), e seu papel ligado simultaneamente ao Pai e à Mãe, como o judeu-egípcio que foi, o protegido de Jeová que harmoniosamente assentou-se com os "pagãos" egípcios. O Deu referido pelos hebreus representava o Pai, e a terra do Nilo representava a Mãe, a Terra, pois seu nome original era Kem, *Terra Negra*. Da mesma forma Benjamim – que significa o adorado, o amado de Deus – é referido por Jacob como um lobo arrebatador, numa clara alusão à mãe, tal qual a loba romana que, com suas tetas, alimentará os fundadores de Roma séculos mais tarde:

Benjamim será como um lobo arrebatador; pela manhã devorará a presa, e à tarde repartirá os despojos. (Gênesis 49:27)

Muito tempo de passará antes que os hebreus entendam isso. Se a Rômulo e Remo coube a dádiva de Roma, a Benjamim coube a cidade de Jerusalém, conhecida por JEBUS, centro do reino judeu. Séculos mais tarde, a vinda do nazareno Jesus (ou antes o IESO ou IESU) trazendo a Lei do Amor venusino, herdará, como verdadeiro rei, a cidade benjamita de JEBUS. Jesus foi filho de outro José, homônimo do filho nazareno de Jacob. Como veremos adiante, o título de nazareno nada tem a ver com a cidade de Nazareth.

Esta bênção de Deus é reforçada por Moisés pouco antes de sua morte. Novamente se verá as bênçãos do Senhor sobre as tribos, e Benjamim e José novamente são abençoados um após o outro, desta vez com Benjamim primeiro e José após:

Disse também a Benjamim: O muito amado do Senhor habitará nele confiadamente: morará como em tálamo nupcial todo o dia, e descansará entre seus braços. Disse também a José: A tua terra será cheia das bênçãos do Senhor, dos frutos do céu e do orvalho, e do **abismo** que está debaixo; dos frutos produzidos por virtude do **Sol** e da **Lua**; dos frutos que crescem sobre os montes antigos e sobre os outeiros eternos; e dos frutos da terra e de toda sua abundância. A bênção daquele que apareceu na sarça venha sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do **Nazareno** [נְזִ֥יר (nə·zîr)] entre seus irmãos. A sua formosura é como a do primogênito do **touro**; os seus cornos são como os cornos do rinoceronte; com eles levantará ao ar todas as gentes até as extremidades da terra; tais são as tropas inumeráveis de Efraim; e tais são os milhares de Manassés. (Deuteronômio 33:12–17)

Novamente nos reportamos à saga de Ishtar e Dumuzi e às alusões à mãe (o touro) e ao pai, ou seja, à Lua e ao Sol. E desta vez temos sobre os de Benjamim o destaque especial de escolhidos do Senhor. Antes disso, entretanto, as onze tribos destruirão a tribo de Benjamim, e chorarão amargamente...

58 Biblehub – nazir נָזִיר = pessoa consagrada; devota; nazar זָיר = consagrar, dedicar.

1930 – Creta: são construídos os primeiros palácios graças ao desenvolvimento da cultura Minoica e ao contato com o Egito e os povos do Levante (Síria, Fenícia Canaan). O comércio minoico chega à costa da Sicília, Chipre, Anatólia Ocidental, Levante e Egito.

1899 – Possível época do rei Midas, da Phrygia. Ele viveu 400 anos antes do Dilúvio de Deucalião. Como vimos em 9500 a.C., Sileno ensinou a Midas, rei da Phrygia, a existência de um *verdadeiro e único continente*, de imensa extensão e habitado pelos Merópios, ao qual Theopompo[19] chamou Merópis.

1850–1250 – Período de florescimento de Troia VI[59], aquela relatada por Homero na Ilíada. A importância de Troia VI é comparável à de Micenas e Tirinto. O governante de Micenas – Agamemnon – chefiou os gregos numa guerra contra os troianos. Na cidade alta viviam os aristocratas e o rei. Desde 1988 foram descobertos novos locais em Troia que permitiram reconhecer na cidade uma importância estratégica primordial na região nesta época. As escavações, realizadas por Manfred Korfmann, levaram ao conhecimento de uma Troia tão grandiosa que impérios contemporâneos como os gregos e os hititas não puderam suplantar para obter o domínio do estreito de Dardanelos, "e com ele a passagem do âmbar, que descia pelos rios russos até o Mediterrâneo, e do estanho, indispensável para a produção do bronze", segundo Eberhard Zangger, especialista em cultura clássica e um dos decifradores da correspondência hitita. (Revista TERRA, maio/96, Ed. Azul, p. 27) Um fosso que parecia não passar de 20.000 m² revelou-se uma cidade com mais de 300.000 m² de superfície, a sudoeste de Hisarlik. A descoberta foi feita com a ajuda de um magnetômetro de Césio, um instrumento utilizado para detectar construções soterradas. As indicações remontam o núcleo ao ano 3000 a.C..

Figura 5: Troia VI (1850–1250 a.C.)



59 Wikipedia – Troia

Figura 6: O Domínio Troiano



1800 a 1600 – Período em que os celtas atingem o Rhin, na Idade do Bronze, instalados em Franche-Comté e em Bourgogne, na Alsácia e Lorena.

1800 – Época do dilúvio de Phoroneo e de Inacchos, rei de Argos. Este rei pelásgico teria vindo, segundo a história, *através do Atlântico* até a Grécia.

Os Mistérios de Elêusis[60]

Os Mistérios de Elêusis eram os mais famosos e os mais antigos de todos os Mistérios Gregos (salvo os Mistérios Samotracianos), e eram celebrados perto do povoado de Elêusis, não muito longe de Atenas. Epiphanius traçou-os até os dias de Inachos (1800 a.C.), fundado como outra versão por Eumolpus, rei da Trácia e um hierofante. Eles eram celebrados em honra a Deméter, a grega Ceres e a egípcia Ísis, e o último ato da performance referia-se a uma vítima sacrificial de expiação e ressurreição, quando o Iniciado era admitido ao mais alto grau de *Epopt*. O festival dos Mistérios começava no mês de Boëdromion (setembro), à época da colheita da uva, e durava do 15º ao 22º dia, sete dias. O festival hebreu dos Tabernáculos, a Festa das Colheitas, no mês de Ethanim (o sétimo), também começava no 15º e terminava no 22º dia do mês. O nome do mês (Ethanim) é derivado, de acordo com alguns, de Adonim, Adonia, Attenim, Ethanim, e era em honra de Adonai ou Adonis (Thammuz), cuja morte era lamentada pelos hebreus nos bosques de Bethlehem (Belém). O sacrifício de ambos "Pão e Vinho" era executado antes dos Mistérios de iniciação, e durante a cerimônia os mistérios eram divulgados aos candidatos a partir do *petroma*, um tipo de livro feito de duas tábuas de pedra (*petrai*), ligadas por um lado e feitas para abrir como um volume. (H. P. Blavatsky, *The Theosophical Glossary*, Theosophical Publ. House, 1918, Los Angeles, p. 104)

60 Facts and Details – Initiatory Rites At The Eleusinian Mysteries

Os Relatos dos Iniciados

É importante observar que todo o processo de iniciação era distribuído em cinco partes, e somos informados por Theon de Smyrna (filósofo do século II d.C.), em *Matemática*, que assim compara a filosofia a esses ritos místicos:

> Novamente a filosofia pode ser chamada a iniciação nas verdadeiras cerimônias sagradas, e a instrução nos genuínos Mistérios. Existem cinco partes na iniciação, a primeira das quais é a prévia purificação, pois tampouco são comunicados os Mistérios a todos os que desejam recebê-los, já que existem certas pessoas que são impedidas pelo arauto, como aquelas que possuem mãos impuras e uma voz desarticulada; então é necessário que tais, para que não sejam expulsas dos Mistérios, sejam primeiro refinadas por certas purificações. Mas após a purificação, a recepção dos ritos sagrados se sucede. A terceira parte é denominada **epopteia**, ou recepção. E a quarta, que é o fim e o desígnio da revelação, é [a investidura], o atamento da mente e a fixação das coroas. A pessoa iniciada é, por esses meios, autorizada a comunicar a outros os ritos sagrados nos quais ela tenha sido instruída, se após isso ela se tornar um iluminado, ou um hierofante dos Mistérios, ou assumir alguma outra parte do ofício sacerdotal. Mas a quinta, que é produzida de todas essas, é a **amizade e interior comunhão com Deus**, e o deleite da felicidade que ergue-se da conversa íntima com os seres divinos. Similar a isso é a comunicação de instrução política; pois, em primeiro lugar, precede uma certa purificação, ou mesmo um exercício na disciplina matemática própria da primitiva juventude. Deste modo Empédocles afirma que é necessário ser purificado de assuntos sórdidos, retirando de cinco fontes, com um vaso de indissolúvel bronze. Para Platão a purificação deve ser derivada das cinco disciplinas matemáticas, a saber: aritmética, geometria, estereometria (geometria espacial), música e astronomia; mas a instrução filosófica em teoremas, lógica, política e físico, é similar à iniciação. Pois ele (Platão) denomina ἐποπτεία (epopteia) uma contemplação de coisas que são apreendidas intuitivamente, verdades absolutas, e ideias. Mas ele considera o atamento da cabeça e a coroação como análogos à autoridade que qualquer um recebe de seus instrutores de liderar outros à mesma contemplação. E a quinta graduação é a mais efetiva felicidade elevando-se daí, e, de acordo com Platão, uma assimilação da divindade, tanto quanto é possivel à humanidade.

(Thomas Taylor, *Eleusinian and Bacchic Mysteries*, 1891, pp. 82–86)

Essa assimilação, a luz que é dada ao Iniciado, é muito mais que um símbolo. Aos “profanos iniciados” não passará disso, evidentemente. Desde a antiguidade este gênero de neófitos procura os Mistérios: “não devemos supor que esta verdade fosse geralmente conhecida pelas próprias pessoas iniciadas, pois como indivíduos de quase todas as espécies eram admitidos a esses ritos, teria sido uma ridícula prostituição revelar à multidão uma teoria tão abstrata e sublime.” (Thomas Taylor, *op. cit.*, pp. 46–47). O que distingue, afinal, os dois tipos de pretendentes aos Mistérios? A Iniciação interna. Esta não se faz apenas num templo físico, exotérico, externo. Ocorre no recôndito do coração, esotericamente, no Templo Interno. Podemos dar uma ideia deste significado se remetermos o leitor aos tópicos referentes a Arcádia, em 48000 a.C. e 1656 d.C.. Aos verdadeiros Iniciados, a iniciação externa torna-se uma realidade contundente, e a morte física não tem maior impacto que a morte iniciática:

> Eu me aproximei dos confins da morte, e tendo pisado na soleira de Prosérpina retornei, tendo sido carregado através de todos os elementos. Nas profundidades da meia-noite eu vi o Sol resplandecente com uma esplêndida luz, **juntamente com os deuses infernais e celestiais**, e a essas divindades me aproximando, paguei o tributo de devota adoração (Apuleio, *The Golgen Ass*, 11).

E isto não é menos claramente sugerido por Platão, que assim descreve a felicidade da alma sagrada antes de sua descida, na bela alusão às visões arcanas dos Mistérios:

> Mas era então legítimo sobreviver à mais esplêndida beleza, quando obtivemos, juntamente com aquele coral abençoado, esta feliz visão e contemplação. E nós realmente gozamos este espetáculo abençoado junto a Júpiter; mas outros em associação com algum outro deus; ao mesmo tempo sendo **iniciado** naqueles **Mistérios**, que é legítimo chamar o mais abençoado de todos os Mistérios. E essas divinas **orgias** (entenda-se por seu significado original: trabalhos ou iniciações) eram celebradas por nós, enquanto possuíamos a própria integridade de nossa natureza e éramos libertos das admoestações do mal que, por outro lado, aguardava-nos no futuro. Igualmente, em consequência dessa divina iniciação, nos tornamos **espectadores** das completas, simples, imóveis e **abençoadas visões**, residentes na pura luz; e éramos nós mesmos puros e imaculados, sendo liberados dessa vestimenta circundante, que denominamos corpo, e para a qual somos agora compelidos como uma ostra à sua concha.
>
> (Platão, *Phaedrus*, 64 [250b/c])

Sobre esta bela passagem, Proclus observa "que a **iniciação** e a **epopteia** são símbolos de inefável silêncio, e de união com naturezas místicas, através de visões inteligíveis." (Proclus, *Theology of Plato*, livro IV) De tudo isto, pode ser inferido que a mais sublime parte da epopteia ou revelação final consistiu em contemplar os próprios deuses investidos com uma resplandecente luz; e que isto era simbólico daquelas visões arrebatantes, que a alma virtuosa irá constantemente gozar num estado futuro, e do qual está apto a ganhar alguns encantadores vislumbres, mesmo enquanto conectado com a incômoda vestimenta do corpo. Mas que esse era realmente o caso é evidente a partir do inequívoco testemunho de Proclus:

> Em todas as iniciações e Mistérios, os deuses exibem muitas formas de si mesmos, e aparecem em uma variedade de formas; e algumas vezes, de fato, uma luz sem forma é enviada à visão; algumas vezes essa luz é como a forma humana, e outras ela ocorre em diferentes formas.
>
> (Proclus, *Commentary upon the Republic of Plato*, p. 380)

(Thomas Taylor, *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*, pp. 102–108)

O grifo anterior é nosso, pois tal observação de Proclus é essencial para comprovarmos a revelação numérica de epopteia através da 16ª runa (vide ano 1800 a.C., no item O Perfeito 6 e a Luz Iniciática). Por essa passagem, vemos que Proclus de fato era um Iniciado nos Mistérios, e, portanto, sabia calcular suas palavras não lançando-as ao vento. Para mais detalhes sobre o significado oculto do ápice iniciático representado por epopteia, remetemos o leitor aos anos 518–513 a.C. e 52 d.C.. Numericamente notaremos como epopteia equivale-se às 666 luzes da Iniciação.

O Re-Velar dos Místicos Números

Já pudemos observar o brilho da Luz dada ao Iniciado nos relatos de Platão, Proclus, Apuleio e Theon de Smyrna. Essa luz relatada nos antigos Mistérios de Elêusis, os Augustos Mistérios da Mãe Natureza, claramente deve se relacionar com os dois luminares desta Mãe: o **Sol** e a **Lua**. São bem conhecidos, seja da alquimia ou da astrologia, os números alquímicos do Sol e

da Lua: enquanto 6 é o número alquímico do Sol, a Lua, refletindo a luz solar, reflete seu número alquímico: o **6** solar torna-se o **9** lunar. Como mostraremos em seguida, os Números Sagrados atribuídos a esses luminares pelos antigos eram, respectivamente, o **1** e o **2**. Esses números dizem respeito ao aspecto mais espiritual do Sol e da Lua. Enquanto materialmente Sol e Lua expressam-se pelos seus números alquímicos (6 e 9), espiritualmente o fazem pelos seus números sagrados (1 e 2). Como podemos comprovar esta relação, se decorreram milênios desde que os hierofantes expressaram, a portas fechadas, a verdade sobre esses mágicos símbolos a que chamamos números? Não podemos ressuscitar as vozes – pitagóricas ou não – que codificaram esta simbologia. Mas analisando seu legado fonético, matemático e astronômico podemos compará-los, calculá-los e fazer renascer sua síntese, traçando sua origem a partir do que expomos até agora.

Provavelmente o leitor não saiba, mas os mesmos números que atualmente são usados por toda a humanidade para calcular, pesar e medir tudo que a moderna sociedade produz tiveram, na antiguidade, um sentido iniciático, filosófico e mesmo científico de extrema importância e profundo significado. A expressão do verdadeiro e oculto sentido dos números era tão proibida quanto a revelação dos mistérios da iniciação. O motivo era um só: cada um tem o direito de chegar por seus próprios méritos às verdades divinas, ocultas na manifestação. Não se deve subtrair a ninguém o direito à certeza em si mesmo. Pode parecer incrível a nós, simplistas ocidentais, mas esta realidade é mais palpável do que parece e frequentemente dela nos utilizamos. Quem acharia correto pegar uma fita na locadora, assistir todo o filme e, ao encontrar um grande amigo com quem gostaríamos de dividir nossa alegria (ou nosso descontentamento com o filme), lhe contássemos todo o enredo? Quem aprovaria ter cortado seu direito à própria experimentação, tendo mais da metade do prazer do filme infantilmente antecipado? Na iniciação, o assunto é muito mais sério. O “filme” iniciático é uma representação de nossa própria origem, nosso papel na criação e nosso destino no Grande Plano do Universo. Uma representação sem sentido para uns, uma profunda alegoria para outros, que importa? A quem é dado o direito de subtrair a outro a oportunidade de uma experiência que, sendo individual, poderia levá-lo a um grau de consciência e vivência mística sem paralelo? Dificilmente uma oportunidade se repetirá a alguém que profanou, mentalmente, verdades que estão muito além das elucubrações intelectuais.

Para se ter uma ideia da profundidade em que eram passados mistérios como os de Elêusis, das sete ciências sagradas antigas apenas aqueles familiarizados com as quatro mais elevadas podiam almejar a iniciação. As três ciências básicas eram a Retórica, a Gramática e a Lógica. Respectivamente, correspondem aos planos Físico, Emocional e Mental. Nestes três planos básicos vive quase toda a humanidade: os mentalistas (no mental), os ateus (físico e mental), os devotos (emocional), mesmo filósofos como os aristotélicos (mental) ... Mas para os Augustos Mistérios era exigido do neófito familiaridade com as ciências dos quatro planos superiores: Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Sem isto, o neófito era barrado na porta antes que pretendesse receber qualquer instrução. O conhecimento das três primeiras ciências – Retórica, Gramática e Lógica – nunca permitiu a um aspirante mais que penetrar na “sala dos passos perdidos”. Via de regra, os profanadores dos mistérios atendem a um desses três centros de vivência, nunca penetrando

nas questões psíquicas ou superiores da iniciação. Que valor tem, então, a profanação mental de maus postulantes à iniciação que, não tendo substância psíquica para compreender e viver aquelas alegorias, dividem sua insatisfação interna com inocentes que, sem o saber, estão perdendo seu inalienável direito de contatarem com sua própria divindade interna?

Mas os tempos mudaram e muitas coisas também, enquanto outras permaneceram intocáveis. Os mistérios já não são tão misteriosos, e hoje a Maçonaria, quiçá o mais profundo ritual que sobreviveu à ruína das iniciações, admite quase indiscriminadamente qualquer neófito em seus quadros. No entanto, o verdadeiro sentido das alegorias parece cada vez mais oculto. Nunca se escreveu tanto na humanidade sobre esses assuntos, e ao mesmo tempo nunca se esteve tão longe, nos centros iniciáticos, das verdades supremas. Nunca os hierofantes perderam tanto o direito a tal título. Novamente, a Verdade Re-Velou, mostrou-se mas se ocultou. A revelação dos algarismos tal como os conhecemos hoje fez parte desse processo de abertura das antigas simbologias. Apenas no século XIII, com Leonardo de Pisa, os árabes passarão ao Ocidente os sagrados algarismos hindu-arábicos. Até então, o mundo romano utilizava o pouco prático conjunto numérico de sete símbolos – I, V, X, L, C, D e M. Este sistema pouco ou nada apresentava de iniciático ou místico, dada sua limitada simbologia e mesmo sua origem. Mas mesmo com os algarismos "liberados", quase nada se falou sobre sua milenar simbologia.

Para entendermos as luzes iniciáticas que foram descritas, devemos entender pelo menos o Sol e a Lua; para entendê-los, temos que compreender seus números respectivos 1 e 6, 2 e 9; e para entender esses números com a profundidade que mistérios como os de Elêusis exigem, conduziremos o leitor à profunda simbologia dos alfabetos egípcio, fenício, hebreu, grego e céltico, passando pelas suas representações do céu e de suas luzes. Somente assim podemos ambicionar entender os relatos iniciáticos anteriores muito além da retórica, da gramática ou da lógica. Passemos, então, à simbologia dessas luzes do Sol e da Lua, do 16 e do 29.

O Luminoso 6, o 1 Solar e o 2 Lunar

Num primeiro momento, veremos que o 6 é o ponto de partida para todas as outras luzes do Sol e da Lua. Se fizermos como os Antigos e tomarmos a síntese da síntese dos números, veremos quão forte e luminosa é essa presença do número 6. Para tanto, tomaremos os números pelo seu somatório, ou seja, a soma de todos os números desde o 1 até o número desejado. Vejamos, para os números compostos com 6 teremos

Somatório de 6	$= \Sigma 6 = 1+2+...+5+6$	$= 21$
Somatório de 66	$= \Sigma 6 = 1+2+...+65+66$	$= 2211$
Somatório de 666	$= \Sigma 6 = 1+2+...+665+666$	$= 222111$
Somatório de 6666	$= \Sigma 6 = 1+2+...+6665+6666$	$= 22221111$

Ou seja, para cada número composto puramente pelo algarismo 6 temos, na síntese de toda sua sequência, um Sol Espiritual (1) e uma Lua Espiritual (2), respectivamente os números sagrados dos luminares nº 1 e nº 2 da Terra. Na simbologia iniciática, isto explicava a ofuscante luz recebida pelo iniciado na terceira etapa da Iniciação, à hora de *epopteia*. Esta luz, tendo o valor de 666, traz consigo três Sóis e três Luas na Síntese 222111, ou ainda, três luzes alquímicas ou materiais do Sol: 666.

Mas por que, afinal, utilizavam os antigos os números sagrados 1 e 2, respectivamente para o Sol e para a Lua? Geometricamente, a Unidade é representada pelo ponto •, pela linha vertical |, pelo numero 1 (feito com uma linha vertical), pelos princípios positivo, ativo e fecundante. Para os chineses, que sintetizavam o cosmos nos princípios do Ying e Yang ☯, o Yang era representado pela metade branca e pelo símbolo |, e o Ying era representado pela metade preta e pelo Dois, ¦. Para os egípcios, o número *Um* era representado pelo hieróglifo |. Segundo Gardiner, o símbolo | (*golpe, batida*, talvez um *pino de madeira*) representava "um"; associado ao símbolo do Sol, ☉, | designava "dia" (literalmente *hrw*), "Sol" ou "Rá" (*Rê*) (Alan Gardiner, *Egyptian Grammar*. Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford, 1979 pp. 534–535).

O ☉ representa a Unidade no centro da manifestação. O Binário, por sua vez, é representado pelos dois pontos ••, pela linha horizontal —, pela linha curva ◡ e pelo número 2 (feito com ↄ e — originando o 2), ou pelo Ying dos chineses, ¦. O binário constitui-se dos princípios negativo, passivo e fecundado. A associação da linha horizontal — e da linha curva ◡ resulta o hieróglifo egípcio ◡ (neb): cesta, receptáculo de oferendas. Os exemplos hieroglíficos são muitos. Eles mostram o Binário e a Lua ligados a formas geométricas horizontais e curvas, e associam-nos a princípios femininos e receptivos. Da mesma forma, os hieróglifos salientam a associação do Sol e da Unidade à força, ao homem, às linhas verticais e ao princípio fecundante. Segundo Budge:

vulva de vaca
mulher, órgão sexual feminino
seio
vaso, deusa, rainha, senhora
piscina, lago, lençol d'água
marisco
falo, macho, masculino, procriar
procriar
Lua Crescente
Bolo, Oferenda, Enéade de Deuses

(Wallis Budge, *An Egyptian Hieroglyphic Dictionary*. Dover Publ., New York, vol 1, pp. cviii, cxxv, cxxvi, cxliv, e *Egyptian Language*, Dover, London, 1986, p. 57, 59, 75, 93)

Segundo Gardiner:

☉ Sol, dia.
Lua, com seu lado menor escuro; utilizado na grafia de "*divina enéade*", "*companhia dos nove deuses*".
Terra hieróglifo básico na formação das palavras mistério segredo
Forma alternativa de , Terra; usado como último, final.
Forma alternativa de último, final.
☽ ou ☾ Lua, Mês

(Alan Gardiner, *Egyptian Grammar*. Griffith Institute, Ashmolean Museum, pp. 486-487)

Como vimos, o hieróglifo ⊖ representa a Lua quando a face escura é a menor. Ou seja, ele representa a Lua nas fases que vão de Quarto Crescente a Lua Cheia e daí a Quarto Minguante. Neste período, a "energia" predominante, por assim dizer, é lunar, pois mais da metade da Lua está "invertendo" a luz solar. Sendo lunar, a energia dominante é material, justificando a atribuição de "divina enéade" ao símbolo ⊖, pois 9 é o número material ou alquímico da Lua. Mais uma vez vemos o binário espiritual da Lua no centro do círculo, ⊖, através dos dois pontos ou da reta horizontal, receptiva. Depreende-se facilmente o sentido do número 2, espiritual da Lua, sendo composto por — e por ∪. Ele contém os dois símbolos, o da Lua e o da horizontalidade, da terra (𓈇 𓈅 ⊖). Seus significados de *último, final, Terra, Lua Crescente* bem expressam as virtudes do número 2, sintetizadas pelos termos *receptivo, feminino, mãe*. Já os princípios fecundantes ou masculinos (|, ☉, 𓌉) sintetizam-se no número 1, o Espiritual do Sol, a Unidade, a Vertical, a Coluna, a Luz que fecunda, atingindo seu objetivo, a *Mãe*, a *Terra*. E a materialidade desta luz fecundante, o Material 6 do Sol, fica mais óbvia na medida em que é o *reflexo* do 9 material da Lua:

6 ➡ 9

Quanto à inversão Luz-Treva e os valores numéricos, como adotamos no caso do 6 e do 9, remetemos o leitor, nesta obra, ao ano 52 d.C., quando encontraremos, numericamente, nossa luz interna – o Eu ou o Vigilante – e seu reflexo, o daemon.

O 29 Lunar

A fecundação do princípio feminino lunar pelo aspecto masculino solar é perfeitamente representada pelo símbolo egípcio 𓍑 ou 𓍒. Ele representa a Cruz, +. É a fecundação da Terra pelo Céu, do Baixo pelo Alto, da Mãe pelo Pai. É a concretização, a realização da obra. Por esta razão ele representa muito bem o 9 material, concretizado, da Lua. Esta ligação não pode ser desprezada quando sabemos que os fenícios tomavam a 9ª letra do alfabeto pelos símbolos ⊕ ⊖, respectivamente no início e no fim do século X a.C.. Esses símbolos do alfabeto fenício representam o *th* ou mesmo o **T** do Português, o *Tet* dos hebreus e a 9ª letra grega, o *Teta*: θ, Θ. O símbolo fenício para a 9ª letra, então, é exatamente o hieróglifo egípcio da Lua, ⊖. Já a letra que representa o som puro *t* para os fenícios era representada pela cruz, +. Muito mais que o símbolo de morte dos cristãos, a + sintetiza a vida na interseção das duas retas, a espiritual e a material, a solar e a lunar, tal qual o hieróglifo 𓍒. Já a 2ª letra do alfabeto, o B do português, o *beth* dos hebreus e o *beta* dos gregos, era representado pelos primeiros fenícios pelo símbolo 𐤁. Ou seja, a 2ª letra fenícia tem a forma moderna do *9*, enquanto a 9ª letra ⊗ lembra as duas unidades ⊖. É a eterna ligação do 29 lunar, da espiritualidade e da materialidade da Lua.

A 2ª runa, ᛒ, tem o formato da segunda letra dos alfabetos moderno e grego. Apesar de seu lugar ser o número **2** (o número sagrado lunar), seu número é o 18, a 18ª lâmina do Tarot; a Lua, portanto, com a síntese é 1+8=**9**, o número alquímico lunar. No Templo de Salomão esta runa ocupa a coluna lunar à entrada do Templo, e dá as iniciais de seu nome: Boaz.

O 16 Solar

Com relação ao Sol, seus dois números sintetizados pelo 16 também têm muita significação nos mais antigos alfabetos. A 6ª letra de nosso alfabeto, o F, originou-se do V, o *waw* hebraico. Ainda hoje se verifica, na pronúncia alemã, o parentesco da derivação, como é o caso de *von* pronunciado “*fon*”. Nos alfabetos fenício e hebraico, o V é a 6ª letra. O símbolo fenício mais antigo para a letra é 𐤅, que evoluiu depois para Y. Assim como no hebraico e grego, a 6ª letra fenícia representa o valor numérico 6, e lembra muito o símbolo feminino egípcio associado à verticalidade do 1. Este, colocado abaixo do símbolo receptor feminino, mostra a prevalência da matéria sobre o espírito, a prisão do espiritual sob o material: 𐤅. Por outro lado, o conjunto lembra, assim como o V de nosso alfabeto, o receptáculo, o cálice, o Graal, que recebe a substância espiritual ou crística. Nas runas – a mágica escrita nórdica dos germanos, escandinavos, godos e ingleses, a 6ª letra apresenta-se muito semelhante à escrita fenícia, apenas modificando-se a disposição das unicidades que a compõem: <, ᚴ.

Já a 6ª letra grega, o *digama*[61], ocorria em certas formas arcaicas da escrita helênica. Ele assim se chamava pois tinha o valor 6 (di-gama = 2xGama = 2x3 = 6). O *digama* foi desaparecendo aos poucos, e com ele a representação original do 6 no alfabeto. Numericamente foi substituído pelo antigo *estigma*, na forma ϛ. Mas o *digama* arcaico dos gregos (o 6), curiosamente, tem forma semelhante à Unidade (1) das Runas. A Unidade das runas mostra a Unidade propriamente dita, o |, emanando o binário, ou duas unicidades, para o alto: ᚠ ou ᚠ; a 6ª letra grega, o digama, era exatamente a 1ª runa mas com as duas unicidades apontando para baixo: ᚨ. Uma combinação perfeita para mostrar o número Sagrado do Sol (1) e o concreto ou alquímico (6).

Já que falamos da unidade das runas, o ᚠ, caberia mostrarmos a primeira letra fenícia, o 𐤀. À semelhança da primeira runa, ela também nos mostra o binário nascendo da Unidade. O binário é composto de duas unicidades, dois 1. Uma vez que não são a Grande Unidade Primordial (analogamente, Deus), essas unicidades não são retas, curvas. Elas saem do Um e dirigem-se uma para o Alto e outra para o Baixo: 𐤀.

O Hebraico exibe esta mesma alegoria em sua primeira letra, o *aleph*, apenas mudando-se a disposição das figuras: א. Já o Grego nos apresenta um sinal análogo ao fenício, aproximando-se do *A* moderno. As primeiras representa-ções do *A* grego, entretanto, lembram muito o alfabeto fenício, com as duas unicidades manifestadas unindo-se num ponto e com a Unidade Primordial dominando o centro da figura: ⋺. Nos alfabetos modernos, a Unidade Primordial está representada pelo triângulo com a ponta para cima, como uma pirâmide que encontra Deus em seu vértice, e onde as duas unicidades dirigem-se para baixo na manifestação: *A*.

A tabela seguinte mostra algumas correspondências entre os alfabetos fenício, rúnico e grego. À direita de cada série indicamos o equivalente numérico de cada algarismo. Procuramos enumerar alguns exemplos que particularmente nos mostram a relação do 16 e do 29 com as questões do Sol e da Lua.

61 Wikipedia – digamma

Tabela 1: Números e letras iniciáticas nos primitivos alfabetos

	Fenício			Runas[62]		Grego			
	A	B				Arcaico[63]	moderno		
A	𐤀 𐤀	𐤀 K	1	ᚨ ᚨ	4	𐤀	α A	1	alfa
B	𐤁	𐤁	2	ᛒ	18	Ъ	β B	2	beta
F	𐤅	Y	6	ᚠ ᚠ	1	Ϝ	ϝ F	6	digamma
I	𐤉	𐤉	10	ᛁ	11	ϟ	ι I	10	iota
J				ᛃ ᛋ[64]	12				
K	𐤊	𐤊	20	ᚲ ᚴ	6	Ʞ, K	κ K	20	kappa
S	𐤎		60	ᛊ ᛋ	16	Ξ	ξ Ξ	60	xi
T	+ x		400	ᛏ	17	T	τ T	300	tau
Th	⊕		9	ᚦ ᚦ	3	⊗	θ Θ	9	theta
D				ᛞ	23				
V	𐤅	Y	6	ᚢ ᚢ	2	Υ	υ Y	400	upsilon
X	W	w	300			ϛ, Σ	σ Σ	200	sigma
Z	I		7	ᛉ ᛘ	15	I	ζ Z	7	zeta

Fenício A: Início século X a.C., Tumba de Ahiram, rei de Biblos
Fenício B: Final século X a.C.
Runas: Futhark Arcaico, de 200 a.C. a 800 d.C.
Grego Arcaico: 800 a.C.

Fontes:
Edred Thorsson, *Futhark: A Handbook of Rune Magic*, McNaughton & Gunn Inc., Ann Arbor, Michigan, USA, 1985.
American Heritage Dictionary, Houghton Mifflin Co., Boston, 1982.
Donald Harden, *Os Fenícios*, Ed. Verbo, 1968, p. 117.
Felisberto Carneiro (autor da seção Grego) e outros, *Dicionário Gramatical*, Globo, P. Alegre, 1952, pp. 752–753.

62 Wikipedia – runas Futhark antigo
63 Wikipedia – histórico das letras gregas
64 Wikipedia – runa Jera

Toda esta mística simbologia, tirada dos mais antigos registros da escrita civilizada do Ocidente e do Oriente Médio, comprovam, como veremos em 1070 d.C., que os construtores das catedrais foram os legítimos continuadores desta milenar sabedoria simbólica. Por tudo que ainda veremos, não restam dúvidas que, nas hábeis mãos destes privilegiados depositários dos antigos mistérios, a sabedoria sobreviveu nas grandes catedrais, em pleno coração da intolerância cristã.

A Suástica Solar

Já vimos como a 2ª runa reflete a coluna lunar à entrada do Templo de Salomão, Boaz. Noutro ponto da tabela reconhecemos a força dos alfabetos no que diz respeito às letras I e J. Elas representam a força solar do 1 e a outra coluna à entrada do Templo de Salomão: Jakin. Particularmente tocante é a relação da runa 12 (ᛃ), equivalente à letra J, com a runa 16 (ᛊ, ᛋ), cuja letra correspondente é o **S**. A runa 12, como veremos, significa *ano*, e a 16ª significa *Sol*. A 12ª runa é o próprio ciclo zodiacal, donde o **Z** em sua representação, realizado com os 12 signos divididos nos signos abaixo do horizonte e acima do horizonte (ᛃ), o dia e a noite, o ☯, marcados pelo **Sol** (ᛋ). ***Sól*** é o antigo nome da 16ª runa: *sowilo* em germânico antigo, *saugil* em gótico, *sigil* em inglês arcaico e *sól* em nórdico arcaico (Edred Thorsson, Futhark: *A Handbook of Rune Magic*, Samuel Weiser Inc., Maine, 1985, p. 51).

O mais interessante nesta denominação da runa solar 16 é que o termo nórdico arcaico original, ***Sól***, não apresenta qualquer sentido aparente nas línguas nórdicas, a tal ponto que os tradutores ingleses sequer mencionam sua identificação latina portuguesa. ***Sól*** representa o que hoje os cientistas definem a consciência da matéria, a chispa essencial, a parte superior (*Al*) da Matéria (*ma*), a própria alma. Em 1617 d.C., Robert Fludd descreverá uma extraordinária experiência alquímica da qual participou, onde extraiu essa essência de um material muito nobre, uma chama viva à qual denominou ***Sol***. Os estudiosos atribuem à palavra o significado de ouro, o que não deixa de ser verdade, pois dos metais é o que mais sintetiza as virtudes solares. Entretanto, uma observação mais cautelosa mostra o verdadeiro sentido deste ***Sol*** da matéria bruta: é que, na mesma língua inglesa utilizada pelos compiladores de Fludd, ***Sol*** e ***Soul*** são quase idênticas (vide 1617 d.C.). Para os nórdicos, todavia, não pairava qualquer dúvida acerca desta característica do símbolo, razão pela qual lhe deram o número solar **16**. Uma das mais claras relações do Zodíaco com o Sol nos é dada pela **12ª** e **16ª** runas. Símbolo solar por excelência, a 16ª runa tem sua principal representação como ᛋ, ligando-se à própria letra da runa, o **S**. Se temos dois símbolos destes, então o resultado será o disco solar, a suástica: 卐. Em seu giro, originou o primitivo *teta* grego: ⊗, pois sendo 2 unicidades torna-se lunar, passando então ao proto-alfabeto helênico como a 9ª letra. Quer dizer, quando a unidade solar do ᛋ se associa a ela mesma, quando o 1 (Sol espiritual) passa ao 2 (Lua espiritual), gera 卐. Ou antes, o número material 6 do Sol reflete-se e gera a 9ª letra grega: ⊗ ou ϴ, o 9 material da Lua, representada como ⊖ pelos egípcios.

> Os quatro braços da **X**, ou cruz decussada, e os da cruz hermética, indicando os quatro pontos cardeais, eram bem compreendidos pelas inteligências místicas dos hindus, brâmanes e budistas, séculos antes de na Europa se ouvisse falar nesse símbolo, que era e ainda é encontrado em todo mundo. Dobrando as extremidades da cruz, fizeram dele a sua Svastika, 卐, que é hoje o *Wan* dos budistas mongóis. A sua significação é de que o "ponto central" não está limitado a um só indivíduo, por mais

> perfeito que seja; que o Princípio (Deus) está na Humanidade, e que a Humanidade, como tudo o mais, está nEle, à semelhança das gotas de água no oceano; sendo que as quatro pontas se dirigem para os quatro pontos cardeais, e se perdem, portanto, no infinito.
>
> (H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. IV, p. 126)

E a relação existente entre a Iluminação recebida pelo Recipiendário e o Sigilo exigido também fica muito evidente pelo nome da 16ª runa: *Sól* ou *Sigil*. A esse respeito, Blavatsky comenta quando aborda mais uma vez o duplo símbolo da 16ª runa, a suástica:

> Houve um tempo em que o símbolo oriental da cruz e do círculo, a Svastika, era universalmente adotada. Para os budistas esotéricos chineses e mongóis, e até para os exotéricos, ele significa as "dez mil verdades". Estas verdades, dizem, pertencem aos mistérios do Universo Invisível, da Cosmogonia Primordial e da Teogonia.
>
> Desde que Fohat[65] cruzou o Círculo como duas linhas de chamas [horizontal e verticalmente], as Legiões de Seres Abençoados jamais deixaram de enviar seus representantes aos Planetas sobre os quais tiveram a missão de velar desde o começo.
>
> Eis a razão por que a Svástika é colocada sempre – como a cruz ansata era no Egito – sobre o peito dos Místicos falecidos. No Tibet e na Mongólia vemo-la sobre o coração das estátuas e imagens de Buddha. E também o selo posto sobre o coração dos Iniciados vivos, e que alguns têm gravado para sempre a fogo na carne. Isto porque devem guardar estas verdades, invioláveis e intactas, em silêncio e segredo eternos, até o dia em que sejam percebidas e lidas por seus sucessores escolhidos – novos Iniciados – "dignos de que lhes confiem as dez mil perfeições".
>
> (H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. IV, p. 157)

O Fálico 10 e a Matriz da Arca

O símbolo solar do 10, do I ou J, não é menos eloquente que a 16ª runa. No hebraico, a 10ª letra é o *iod* ou princípio fecundante: י. Sua aparência, como a da cabeça de um espermatozoide ou a chama de uma vela, dá o pleno sentido de sua força vitalizadora, fecundante. Ele identifica-se com o *decad*, com o círculo e a Unidade ao centro, ⊙ ou ⦶, eminentemente solar e fecundante.

> A Coluna e o Círculo (IO), que era para Pitágoras o número perfeito contido no Tetraktys[66], converteu-se mais tarde em um número fálico por excelência, principalmente entre os judeus, representando para estes o Jehovah macho e fêmea. (H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. IV, p. 31)

Este símbolo, ⊙ ou ⦶, pitagoricamente, representa o 10, pois ⦶ é o IO ou o 10 em profundidade, ou o ⊙. É o número seguinte ao *teta*, a nona letra do alfabeto grego (θ, Θ) e fenício (⊖).

> Entre os Sábios antigos não havia nem nome nem ideia nem símbolo para a Causa Primeira (porque era por demais sagrada). Para os hebreus, o conceito indireto desta Causa se apoiava em um termo de compreensão negativa, isto é, Ain Soph ou o Sem Limites. Mas o símbolo de *sua primeira manifestação compreensível* era a concepção de um círculo com a linha do diâmetro, para representar uma ideia ao mesmo tempo geométrica, fálica e astronômica … porque o um nasce do nulo ou do círculo, sem o qual não poderia existir; e do 1, ou um primordial, saem os nove dígitos e, geometricamente, todas as formas planas. Assim, na Cabala, o círculo

65 Fohat – definição. Força primordial, vitalidade do cosmos. Ver também Estâncias de Dzyan.
66 Wikipedia – tetractys

com a linha do diâmetro é a figura dos 10 Sephiroth, ou emanações, que compõem o Adão Kadmon[67] ou Homem Arquétipo, origem criadora de todas as coisas ... A ideia de relacionar a figura do círculo e sua linha do diâmetro, ou seja, o número 10 com a significação dos órgãos reprodutores e com o Recinto Mais Sagrado ... foi aplicada à construção da Câmara do Rei ou Sanctum Sanctorum da Grande Pirâmide, à do Tabernáculo de Moisés e à do Sanctum Sanctorum do Templo de Salomão ... É a *figura de um duplo útero*, pois em hebreu a letra He ה é ao mesmo tempo o número 5 e o símbolo do útero; e duas vezes 5 fazem 10, isto é, o número fálico.

(H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. II, 1987, p. 99 [68])

O Sanctum Sanctorum dos antigos, também chamado o Adytum[69] – recinto no extremo ocidental do Templo, que era fechado de três lados por paredes brancas e cuja única abertura estava cerrada por uma cortina – era comum a todas as nações daqueles tempos. Vê-se hoje que há uma grande diferença entre o significado secreto daquele lugar simbólico, tal como o explica o esoterismo pagão e o que mais tarde lhe atribuíram os judeus, ainda que o seu simbolismo fosse originariamente o mesmo em todas as raças e nações. Os Gentios colocavam no Adytum um sarcófago ou uma tumba (taphos), na qual estava o Deus Solar a quem o templo era consagrado e que eles, como panteístas, tinham na maior veneração. Consideravam-no, em seu sentido esotérico, como o símbolo da *ressurreição*, cósmica, solar ou diurna, e humana. (...) O Sol era o símbolo mais poético e também o mais grandioso de tais Ciclos no Céu, e o homem, em suas reencarnações, o era sobre a Terra. Os judeus – cujo realismo, a julgar pela letra morta, era tão prático e grosseiro nos dias de Moisés como o é hoje – à medida que se afastavam dos deuses de seus vizinhos pagãos, consumaram uma política nacional e levítica com o objetivo de apresentarem o seu Santo dos Santos como o emblema mais solene do seu monoteísmo – exotericamente, ainda que esotericamente vissem nele um símbolo fálico universal. Mas assim não era, na realidade, como o atestam seus profetas. Foram os rabinos posteriores e o esquema talmúdico que erradicaram toda a espiritualidade de seus símbolos, só deixando subsistir em suas Escrituras uma casca vazia e sem alma. Enquanto os Cabalistas conheciam somente Ain Soph[70] e os "deuses" dos Mistérios, os Levitas não tinham tumba nem Deus algum em seu Adytum, mas apenas a Arca "sagrada" da Aliança, o seu "Santo dos Santos". Sem embargo, quando a significação esotérica deste recinto for devidamente esclarecida, poderá o profano compreender melhor por que David bailou "desnudo" ante a Arca da Aliança e estava tão ansioso de se mostrar vil pela causa de seu "Senhor", e abjeto a seus próprios olhos (ver Samuel VI 16–22). A Arca é a Argha dos Mistérios em forma de nave. Parkhurst, que faz uma longa dissertação a respeito da Arca em seu dicionário grego, mas não diz uma palavra sobre ela em seu dicionário hebreu, dá a seguinte explicação:

> Arché (ἀρχὴ) neste sentido corresponde ao Rasit ou sabedoria dos hebreus ... palavra que significava o emblema do poder gerador feminino, a Arg ou Arca, na qual se supunha que o germe de toda a natureza flutuava sobre o grande abismo, durante o intervalo de tempo que se seguia a cada ciclo deste mundo.

Assim é; a Arca da Aliança dos judeus tinha precisamente o mesmo significado, acrescentando que, em vez de um belo e casto sarcófago (símbolo da matriz da natureza e da ressurreição), como no Sanctum Sanctorum

67 Wikipedia – Adam Kadmon
68 Citado de J. Ralston Skinner, *Source of Measures*, trecho não publicado.
69 Wikipedia – Adyton, área resrita de um templo.
70 Wikipedia – Ain Soph, termo cabalístico para a divindade em estado primordial.

dos pagãos, haviam eles tornado mais realista a Arca em sua construção, com dois querubins postos frente a frente, tendo as asas abertas de tal maneira que formavam um yoni[71] perfeito (como se vê agora na Índia). Além disso, o significado deste símbolo gerador era reforçado pelas quatro letras místicas do nome de Jehovah, a saber, IHVH יהוה; Jod י representando o membro viril; He ה o útero; Vau ו, um gancho, e novamente He ה significando também "uma abertura"; o todo formando o perfeito emblema ou símbolo *bissexual*, ou I(e)H(o)V(a)H, o símbolo macho e fêmea. Talvez também, quando se conhecer o verdadeiro significado do título e função dos Kadesh Kadeshim, os "santos" ou "os consagrados ao Templo do Senhor", o "Santo dos Santos" destes "santos" possa assumir um aspecto mui pouco edificante[72]. (...)

A "Câmara do Rei" na Pirâmide de Cheops é, pois, um "Santo dos Santos" egípcio. No tempo dos Mistérios da Iniciação, o candidato, que representava o Deus Solar, tinha que descer dentro do Sarcófago e simbolizar o raio vivificador penetrando no útero fecundo da Natureza. Ao sair do sarcófago na manhã seguinte, ele simbolizava a ressurreição da Vida após a transformação chamada Morte. Nos Grandes Mistérios, sua "morte" figurada durava dois dias, levantando-se com o Sol na manhã do terceiro dia, depois de uma última noite passada em meio às provas mais cruéis. Enquanto que o postulante representava o Sol – o orbe que a tudo vivifica, que "ressuscita" todas as manhãs para infundir vida a todas as coisas – o sarcófago simbolizava o princípio feminino. Assim era no Egito; a forma e o aspecto mudavam em cada país, mas não deixava o sarcófago de ser sempre um barco, uma nave simbólica, ou um veículo semelhante a uma embarcação, e um recipiente, simbolicamente, para os germes ou o germe da vida. Na Índia é a vaca "de ouro", pela qual tem que passar o candidato ao bramanismo se deseja ser um brâmane e converter-se em um dvi-ja[73], "nascido pela segunda vez". A Argha em forma de crescente dos gregos era o símbolo da Rainha do Céu, Diana ou a Lua. Ela era a Grande Mãe de todas as Existências, assim como o Sol era o Pai. Os judeus, antes e depois de haverem metamorfoseado Jehovah em um deus macho, rendiam culto a Astoreth, o que levou Isaías (1:14) a dizer: "As vossas luas novas e … festas, odeia-as minha alma"; declaração evidentemente injusta. As Festas de Astoreth e da Lua Nova (a Argha em crescente) não tinham, como forma de culto público, um significado pior que o sentido oculto da Lua em geral, que, do ponto de vista cabalístico, estava diretamente relacionada a Jehovah, a quem era consagrada, como é sabido, com a única diferença que uma era o aspecto feminino e o outro o aspecto masculino da Lua e da estrela Vênus.

(H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. IV, pp. 26–30)

A menção de Blavatsky aos dois dias de "morte" iniciática e a ressurreição ao terceiro dia reflete com clareza o que ocorreu com a chamada "morte" de Jesus, que também "ressuscitou" ao terceiro dia. O mesmo já ocorrera, antes de Jesus, com seu discípulo predileto, Lázaro (vide ano 35 d.C.). Sempre o objeto da iniciação faz o papel do Sol, sendo daí acesos os fogos internos do iniciado, representados pelo 1, 10, 100, 1000 e 10.000, ou pelo 6, 66, 666, 6.666 e 66.666. São as cinco fases da Iniciação, a que se referiu Theon de Smyrna anteriormente. Depois disso, ele deve guardar em seu coração as "10.000 verdades", anteriormente referidas por Blavatsky. Essas luzes fecundantes penetravam a Arca, lembrando-nos a alegoria de Arkas e da Arcádia.

71 genitália feminina Shakti Tantra – what is yoni
72 Prostitutos citado erradamente no feminino
73 Wikipedia – Dvija

Não é outro o profundo sentido de Arcádia, a Arca de Deus, a Arca da Aliança. *E na Arcádia Ego*, no Peloponeso, é inequivocamente a marca da presença dos seguidores de Dan ou Diana no coração da Grécia. Parte inegável deste princípio fecundador da Mãe pelo Pai é a associação da Iniciação Solar à arca ou sarcófago. Daí o Princípio Fecundante do *Iod*, a **10ª** letra hebraica, o(a) sêmen(te) vivificador י, que originou pela sua semente a todos as outras letras hebraicas, principiando o próprio nome de Jeová. Os sacerdotes egípcios, sabendo disso ou não, deram ao falo a primazia de nomear o seu **10º** algarismo. O número Dez, em egípcio, sendo um símbolo eminentemente masculino, era representado ao contrário do símbolo receptivo da Mãe ∪; o masculino símbolo do número 10 egípcio era ∩; é o inverso dos símbolos femininos que vimos até agora. Em vez do cálice que recebe, com a abertura para o alto, é um vaso que dá, com a abertura para baixo, despejando seu conteúdo na Terra. É o vaso com a energia vitalizadora, solar, que é dada à Terra. Seu nome egípcio era *met*, e o hieróglifo representando seu nome é a clara expressão do *Iod* hebraico: os nomes que hebreus e egípcios deram ao seu 10º número foram incrivelmente idênticos em sua ideia de princípio fecundante. Ei-los em suas línguas ou letras originais:

10 = י (em hebraico) = ∩ (em egípcio)

Esse era o sentido original que os codificadores dos Mistérios, os Reais Hierofantes, davam aos números e às letras. Na acepção do termo, eles pesavam suas palavras, muito além da Retórica, da Gramática ou mesmo da Lógica. A esses reverenciamos como verdadeiros Sacerdotes. Aliás, convém neste momento pesarmos o valor das letras que definem a palavra Sacerdote. Através dele era conferida, ao Neófito, a Luz da compreensão da Unidade Solar. Esta luz solar era mostrada de duas formas: pela luz do Sol e pela Lua, pelo 1 e pelo 2. A luz lunar era essencial para se conhecer a inversão da luz solar nesta região. Procedendo sua luz a partir do Sol, a luz lunar traz, dentro de si, a semente solar, sendo pois uma forma do 16 do Sol. Em grego, Sacerdote diz-se μαντις, e um dos nomes gregos da Lua era μηνη. Como veremos, trata-se de um nome solar. Ao sacerdote cabia, além de mostrar a pura Luz solar sintetizada pelo 1 e pelo 6, mostrar a luz lunar, a qual devia ser observada pelo iniciado através de seu reflexo, invertendo-a, ou melhor, reinvertendo-a, pois ela já é a luz solar invertida. Assim, temos ambas as palavras expressando seus papéis ao neófito, o Sacerdote e a Lua:

M+A+N+T+I+Σ = 40+1+50+300+10+200 = **601**
M+H+N+H = 40+8+50+8 = **106**

Eis-nos, pois, o Sacerdote (MANTIΣ) reinvertendo a luz lunar de MHNH para o entendimento, pelo Postulante, da Unidade Manifestada, o 16, mostrando o Infinito, o 0, entre o Espiritual 1 e o Material 6. Este papel sacerdotal, no Egito, coube a Thoth, o grande Deus que pesava o coração do morto no julgamento perante Osiris. Thoth, em grego (Τατ)[74], tem o mesmo valor que a palavra sacerdote (Μαντις):

T+A+T = 300+1+300 = **601**

Este significado central do 16 ou 61 solar torna-se mais evidente quando vemos que grandes nomes da mitologia grega identificaram-se, numa oitava muito superior, com ele. Desta vez encontraremos o 16 ou 61 não apenas no mundo das dezenas ou da centenas, como já vimos. Encontramo-los no

74 Wikipedia – Thoth. Na verdade o equivalente em grego é Θώθ

"mundo" dos milhares, no "céu" dos números que estão entre o 1000 e o 9999. Este conceito do céu numérico foi bem definido pelos egípcios ao darem o símbolo para o Sol ou para a década, ☉, donde os derivativos de ◎ e ◎ (vide ano 1656 d.C.). ◎ ou 1000 representa o início do "mundo" dos milhares, onde podem se manifestar novamente o 16, o 61 ou o 666, mas desta vez sob as formas respectivas de 1016, 1061 e 1666. Em 1656 d.C. explicamos com detalhe o profundo significado do 1666. Por ora, mostraremos como o solar 1061 reflete grandes representações helênicas como Jasão (Ιασων), Esão (Αισων) e Apolo (Απολλων):

Ιασων	=	10+1+200+800+50	=	**1061**
Αισων	=	1+10+200+800+50	=	**1061**
Απολλων	=	1+80+70+30+30+800+50	=	**1061**

A Arcádia ou a Arca de Deus

A controvertida questão de Arcádia, que tanto tratamos nas seções referentes a Arcádia (48.000 a.C.) e ao quadro de Poussin (1656 d.C.), pode agora aclarar-se de maneira muito mais segura. Blavatsky já nos mostrou, no item anterior, como a questão da Mãe, da Arca, feminina e receptiva é indissociável do princípio masculino e criador, de Deus. Já vimos também, quando há pouco tratamos da origem dos números, como os princípios simbólicos femininos, horizontais e curvos, associaram-se às formas masculinas verticais e retas para a criação de todos os números e de toda a Grande Obra. O que faltou precisar, de forma indiscutível, é a localização exata da Arca da Aliança, determinada por Deus para que fosse inviolavelmente guardada de mãos profanas. Como vimos ao traçarmos a origem dos números, as palavras nos serviram de legado de muitas das coisas ocultas nos mistérios. Se analisarmos as mais antigas raízes de palavras relacionadas a Arcádia e aos temas que temos abordado poderemos dar uma ideia do significado e localização de Arcádia. Vejamos o que nos mostra o *American Heritage Dictionary*, da [editora] Houghton Mifflin Co., a respeito de algumas destas palavras:

A raiz ***arkw***-[75] originou a palavra latina *arcus* (arco), que originou *arcade*, *arco*, *arqueiro*, *arqueado*, e as indissolúveis palavras inglesas *bow and arrow* (arco e flecha). Nitidamente é a associação dos nossos já conhecidos símbolos ∪ e |. Já a raiz **arkhein**[76] significa *começar, reger, comandar*. Provém de um verbo grego de origem desconhecida, com um derivativo em *arkhe*. Originou as palavras *arqueon, autarquia, arquivos, arcaico*, e os prefixos *arqueo*, *arque*. Complementa-se, assim, o papel da Mater Arkas no *comando*, na *regência* da ação do poder fecundante, assim como o arco dá a tensão e intensidade com que a flecha vai ao seu alvo.

A raiz **arg**-[77] significa *brilhar, branco*; é também o *brilho metálico branco* ou da *prata*. Lembremos, aqui, um dos pontos básicos da alquimia que atribui à *prata* a regência da *Lua*, novamente a mãe arcádica, ☾. A ligação com a Lua é tão evidente que o sufixo *arg* originou *arg-ent*, no latim *argentum*, ou a Prata, cujo símbolo químico é Ag. No Germânico a raiz é *ark*- e no Antigo Alto Germânico *erchan*, significando *genuíno*. No Grego a forma sufixa *arg-i-l* originou *argillos* (barro ou argila branca), e a raiz *Argil* aparecerá em muitos nomes ligados à tradição merovíngia ou da mãe (*Meru*). No sânscrito, a sagrada cidade da Lua visitada por Blavatsky, em 1879, era *Agra* (vide ano 50.000 a.C.). Ainda no Grego *arg-i-n-* originará *arginoeis*, significando *brilho,*

75 *h_2erk^wo- raiz proto-indo-europeia do latim arcus

76 *h_2erg^h- raiz proto-indo-europeia do grego ἄρχω, com presente ativo infinitivo ἄρχειν (árkhein)

77 $h_2$erǵ- raiz proto-indo-europeia

claridade. A forma sufixa *arg-ro-* originou o grego argos (*branco*); e as *Argonáuticas*[78] ou *Hinos Órficos*[79] ficam muito mais claras quando entendemos a raiz de seu título, *Argos*, a *brilhante nave* ou *arca* que transportou todos os heróis – Princípios Masculinos por excelência – da antiga Grécia. No Latim *argu-* (*brilho, claridade*) originará arguere (*clarear, demonstrar*).

Os prefixos *arek-*, *ark-* significam *conter, guardar, manter*. Originou a latina *arca* (peito, arca, baú), que originou *arcano* e *arca*. Lembremos aqui o clássico aforisma astrológico que dá ao *peito* (*arca*) a regência da ***Lua***. Também originou a forma latina arcere (*fechar, confinar, conter, proteger*). No Grego, *arkein* significa *proteger, bastar*.

Como vemos, a etimologia de *Arca* é elucidativa para nos mostrar Arcádia como fonte e receptáculo, como *luz, regência, arquivo*. Não foi à toa a alegoria hebraica da **Arca** da Aliança. A novidade, para nós, passou a ser a íntima ligação da Arca dos judeus com a Arca dos Argives ou proto-helênicos. Arcádia é formada por *Arkas* + *Dia*. *Dias*, em latim, significa o *binário*, o *dois*. Este binário de *Dia* é a raiz de **Dia**na ou Artêmis, a deusa dos bosques cuja ninfa, Kallisto, teve o filho **Arkas**, o qual deu origem à lenda de Arcádia (vide ano 48.000 a.C.). Ora, já vimos como, em 2100–1600 a.C., a população grega recuperou-se, através de Micenas, como um estado próspero e poderoso. Nesta época Micenas comercializava com os Cicládicos e com Creta. Pois **Dia** era exatamente uma das mais prósperas ilhas das Ciclades, no Mar Egeu. Seu nome é *Naxos*, e Ovidius a chamava ***Dia***.

Entre 1900 e 1600 a.C. começou a história da Grécia Antiga. Os Helenos, então, eram simples *pastores nômades*, coincidindo também com a característica de **Arcádia**. Como vimos em 48000 a.C., sua língua mostra origem indo-europeia. As fortes indicações de origem semítica, por outro lado, coincidem com as tradições de que os primeiros invasores foram os Aqueanos de *cabelos longos*, segundo Homero. A ligação com os seguidores da deusa Danna ou Diana, e com os hebreus de cabelos longos da tribo de Dan reforça a hipótese que esses Arcadianos estivessem de alguma maneira ligados ao culto de Astarte ou Diana, via hebreus da tribo de Dan ou mesmo através dos Benjamitas exilados (vide 1150 a.C.). Sabe-se que a tribo de Dan era afeita ao mar e às grandes viagens. Como mostramos em 2100–1600 a.C., gregos e hebreus confirmam a origem hebraica do povo helênico. Da parte dos hebreus vimos a carta do rei espartano, *Ario* (o nome lembra-nos a origem indo-europeia ou *ariana* da língua grega), ao sumo sacerdote de Jerusalém, em torno de 150 a.C.:

> Ario, rei dos espartanos, ao sumo sacerdote Onias, saúde. Achou-se aqui uma escritura sobre os espartanos e os judeus [dizendo] que eles são irmãos, e que todos vêm da linhagem de Abraão. (Macabeus I, 12:20–21)

E do lado grego já vimos o precioso relato de Thucydides na sua "*Guerra do Peloponeso*", descrevendo-nos, ao início da obra, a origem dos primeiros gregos. Situamos a época descrita por Thucydides e a escritura referida por Ario justamente em 2100–1600 a.C., período em que, segundo os arqueólogos, começou a se estabelecer a civilização helênica. Este período abarca esta época em torno da qual estamos situando os Mistérios de Elêusis. Segundo Thucydides, os *Helenos* adquiriram este nome apenas após a Guerra de Troia (1184 a.C.). Segundo ele, Homero (que viveu, em torno de 800 a.C.,

78 Wikipedia – Argonautica Orphica, poema épico contando a história de Jasão e os Argonautas.
79 Wikipedia – Poemas e ritos órficos, um conjunto de 87 poemas.

400 anos após a Guerra de Troia) nunca se referiu aos gregos como *helenos*. Homero chamou-os por ***Danaans*** (que vimos lembrar a deusa lunar ***Dia***na, o sufixo de Arka***dia*** e a tribo hebraica de ***Dan***), ***Argives*** (que, vimos a pouco, deriva do prefixo grego *Arg*, significando *Lua, brilho e branco*, e é uma das etimologias originais de ***Ark****adia*) e ***Achaeanos***.

A ligação entre os primitivos achaeanos e os hebreus não pode mais ser negligenciada após tantas evidências, e mesmo por relatos coincidentes de ambas as partes. Da mesma forma avultam-se as indicações de Arcádia como o centro original, ligada aos espartanos, ao Povo da Arca de Deus e à mais antiga língua helênica.

A Esparta Arcadiana

A partir daqui entenderemos por que Pitágoras ligou-se iniciaticamente aos espartanos e não aos atenienses (vide 569 a.C.). Também entenderemos porque o costume do sábio de Crotona de usar calças, assim como sua origem fenícia (portanto ligada aos hebreus), seus cabelos longos (como os hebreus de Dan) e sua preferência pela Lira, instrumento utilizado por Davi 500 anos antes de Pitágoras. A lira está entre os mais antigos instrumentos. As mais antigas remontam aos Sumérios, medindo cerca de um metro, com o número de cordas variando de seis a doze. No Egito remontam a 2000 a.C..

O mítico Orfeu, que já vimos identificar-se muito com os Mistérios de Elêusis, notabilizou-se por ser mestre na Lira, que encantava aos céus e aos infernos. A mesma antiguidade que estava associada à Arcadia lembrava os [?]. Esparta, na verdade, não se situava a mais de 80 km do centro de Arcádia. E o mistério arcadiano assume outra conotação quando o associamos às levas de hebreus que emigraram, por mar ou por terra, para o Peloponeso. A *Arca* poderia bem ser, então, uma indicação da própria *Arca* hebraica, de origem semelhante ou comum à *Arkas* Arcadiana. Não que a Arca, fisicamente, tenha sido trazida à Grécia. Mas a Arca Espiritual, o elo profundo, ligado à origem dos Mistérios Gregos e dos Mistérios Hebreus, trazida pelos iniciados que a introduziram no Peloponeso. O sufixo *Dia*, de Arcádia, identifica-se à denominação de Ovídio para a ilha de Naxos, das Cíclades. Pode ser uma indicação das Cíclades como um estágio intermediário aos seguidores de *Dan*, *Dannaus*, ou *Diana*, que poderiam ter aportado nas Cíclades antes de fixarem-se, como nômades pastores, na região Arcadiana. As evidências arqueológicas, exatamente por esta época de 1800 a.C., ressaltam a íntima ligação da Grécia do período Micênico com as Cíclades, portando com a ilha de Naxos ou *Dia*. E o termo arcadiano bem poderia referir-se ao povo da *Arka* da ilha de *Dia*.

Já vimos inúmeros aspectos históricos e geográficos ligando Elêusis a Esparta, aos primitivos gregos e aos hebreus. Entretanto, convém fazer mais uma constatação, ao modo pitagórico, da ligação de Esparta com Arcádia e com os Mistérios de Elêusis. Para tanto, como os pitagóricos, utilizaremos o cálculo. Como mencionamos a pouco e detalhamos em 1656 d.C., o ápice iniciático de Elêusis, representado pelo 1000 ou ⊚, liga-se misticamente à frase do quadro de Poussin, IN ARCADIA EGO ou εν αρκαδια εγω, cujo somatório das letras gregas totaliza 1000. Também vimos como esses três níveis solares, esses três céus ⊙, ◎ e ⊚, representam o 666 ou a *epopteia* dos Mistérios de Elêusis. Se os espartanos ou lacedaemonios efetivamente têm esta relação com Elêusis, ou com o IN ARCADIA EGO, com Arcádia, e com *Dia* ou *Dia*na, então os antigos devem ter deixado rastos dessa mensagem em sua história, mitologia e mesmo na pitagórica denominação de seu povo como *espartanos*.

Somemos, então, as diversas denominações gregas para os espartanos. Nesta altura, após tanto nos depararmos com as formas numéricas compostas pelo 1 e 6, seja entre as dezenas, as centenas ou nos milhares de ◎, não nos surpreenderemos com o resultado calculado para as diversas formas de denominações deste povo tão ligado a Arcádia e aos antigos Mistérios de Elêusis. Vejamos, então, *espartanos* em sua declinação nominativa (em Clement of Alexandria, *Exhortation to the Greeks*, p. 232, aparece como genitivo) e *Laconianos* (ibidem, pp. 82 e 86):

Σπαρτιατη	=	200+80+1+100+300+10+1+300+8	=	**1000**
Λακωνες	=	30+1+20+800+50+5+200	=	**1106**
Λακωσιν	=	30+1+20+800+200+10+50	=	**1111**

Ou seja, novamente vemos, após o "céu" do 1000, ◎, os números solares 106 e 111, além do próprio 1000. Aos familiarizados com a antiga simbologia árabe e alquímica, 111 é o somatório das linhas e colunas do quadrado mágico do Sol. Além disso, é a contraparte espiritual da *epopteia* solar 666.

Para melhor compreender-se esta ligação entre Esparta ou Lacedaemonia com Arcádia, devemos recordar as lendas gregas sobre a origem de Esparta.

> **Atlas** e Pleione, filha de Oceano, tiveram sete filhas chamadas Plêiades, nascidas em Cyllene, na **Arcádia**, a saber: Alcione, **Merope**, Celaeano, Electra, Sterope, Taygete e Maia. (...) Taygete teve, por Zeus, um filho, **Lacedaemon**, após o que o país de Lacedaemon passou a se chamar assim.
>
> (Apollodorus, *The Library*, Loeb Classical Library, translated Sir James George Frazer, London, 1956, vol. II, pp. 3 e 11)

Os grifos acima são nossos. Eles salientam a mais antiga ligação entre Arcádia, Esparta, Merope (provável origem do nome do continente Americano) e com Atlas, ajudando a explicar as futuras viagens das frotas de Salomão para o continente americano. Lacedaemon, então, casou-se com Esparta, tendo como filha Eurídice. **Eurídice** se casará mais tarde com **Acrisius**, filho de Abas, neto de Lynceus, bisneto de Danaus, trineto de Belus, fechando o ciclo entre os Arcadianos descendentes de Laceaemon e os Semitas descendentes de Belus ou Bel (fenícios) e de Dan (hebreus). Vejamos a origem de Acrisius:

> Reinando sobre os Egípcios, Epaphus desposou Memphis, filha do Nilo, fundou e nomeou a cidade de Memphis após isso, e gerou uma filha, Líbia, após a qual assim foi chamada a região da Líbia. Líbia teve, por Poseidon, filhos gêmeos, Agenor e **Belus**. Agenor partiu para a Fenícia e lá reinou (...). Mas Belus permaneceu no Egito, reinando sobre o país, e desposou Anchinoe, filha de Nilo, por quem ele teve filhos gêmeos, Egyptus e **Danaus** (...). Danaus foi assentado por Belus na **Líbia**, e Egyptus na Arábia; mas Egyptus subjugou o país de Melampods e nomeou-o Egito após ele. Ambos tiveram filhos por muitas esposas; Egyptus teve 50 filhos, e Danaus 50 filhas. Como eles discutissem depois sobre o reino, Danaus teve medo dos filhos de Egyptus e, pelo conselho de Atenas, construiu um barco, sendo o primeiro a fazê-lo, e tendo colocado suas filhas a bordo zarpou. E chegando a Rhodes ergueu a imagem da Lídia Atenas. Então veio a Argos e o rei vigente Gelanor submeteu-lhe o reino; e tendo feito a si mesmo mestre do país ele nomeou os habitantes Danai após sua passagem. (...) Mas os filhos de Egyptus vieram a Argos e exortaram Danaus a deixar de lado sua inimizade e conceder em casamento suas filhas. Danaus desconfiou de suas intenções (...) mas consentiu.
>
> (Apollodorus, *The Library*, vol. I, pp. 135–139)

A filha mais velha de Danaus, Hypermnestra, casou-se com ***Lynceus***, filho de Egyptus com uma mulher de sangue real, Argyphia (novamente a Arka, Arg). Após Danaus, Lynceus reinou sobre Argos, e teve um filho por Hypermnestra: ***Abas*** (a semelhança hebraica é inegável). Abas teve dois filhos, ***Acrisius*** e Proteus. Mais tarde esses irmãos brigarão e acabarão por dividir o reino: Acrisius ficou com Argos. Acrisius, então, casou-se com Eurídice, filha de Lacedaemon e Sparta. Acrisius e Eurídice tiveram por filha Danae. Danae, por sua vez, seduzida por Zeus dará a Luz a Perseu.

Foi assim que um arcadiano típico, Lacedaemon, neto de Atlas, casou sua filha Eurídice com Acrisius, bisneto de Danaus e trineto de Belus, reis tipicamente semitas. Esta lenda é essencial para compreendermos a milenar saga de várias gerações reais na Europa e no Oriente Médio, envolvendo os cultos à Mãe, as Iniciações e os movimentos monoteístas. Assim como no chamado “paganismo”, os “monoteísmos” não poderão se dissociar do aspecto Mãe da religiosidade. A exaltação do Pai, da Lei, do Princípio Fecundante e do Um foi tão grande no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo que esqueceram-se por completo, na religião e na sociedade, a mulher, o Amor, o Binário, e mesmo o conhecimento de suas várias vivências para chegar à Sabedoria. Reduzindo-se a uma única as várias vidas disponíveis ao indivíduo, limitou-se ao sacerdote a possibilidade de salvação imediata do devoto, o qual passaria a ser, por sua “livre” escolha, uma alma salva ou um pecador no inferno.

Este verdadeiro poder de vida e de morte sobre o espírito acabou por se refletir no poder temporal da classe sacerdotal em todo o mundo, a qual, mais eficiente que qualquer conquistador, dominou por séculos continentes inteiros. Tática semelhante foi utilizada pelos alemães e pelos japoneses na 2ª Grande Guerra e até agora não se traçou o inevitável paralelo. Os “monoteísmos”, assim, deram ao humano, junto com um só Deus, uma só vida para se atingir todos os graus da Sabedoria! Que Deus poderia ser exigente com tão imperfeitos mortais a ponto de exigir-lhes, apenas numa vida, chegar ao “céu”? Isto tudo num exíguo espaço de tempo para crescer, se nutrir, trabalhar, constituir família, sofrer e, raramente, divertir-se.

Por outro lado, que super-humano poderia estar tão “iluminado” a ponto de, apenas numa existência, atingir a “santidade” exigida e comungar da Sabedoria eterna ao final de sua curta vida? Isso bem seria possível se a “sabedoria” exigida fosse a clerical: ter fé no dogma. Pouco importa quem o codificou. Esta fé não exige sábios, mas fiéis, não homens livres, mas servos. E o “Conhece-te a ti mesmo”, então, passou a “Acredita no Dogma”, não interno, mas externo. Este cenário só foi viável na limitada e paradigmática imaginação de sacerdotes que, *em todas as religiões e em todos os tempos*, sem conhecer o verdadeiro sentido do Re-Ligar, criaram um abismo intransponível entre o homem e Deus. Como estamos vendo e como exaustivamente o demonstraremos, a Lei não se dissocia do Conhecimento, nem tampouco a Fé da Ciência. Enganam-se os que ainda não compreenderam esta verdade velha como o mundo. Se isso ainda não é compreendido pelas religiões, a Ciência preencherá a passos largos as enormes lacunas deixadas pela fé. Na Grécia não foi diferente. A verdadeira tradição, que o pitagorismo tentará resgatar através da ciência e da profunda espiritualidade, será esquecida pelos sofistas e pelos cultores da forma em Atenas.

Tanto quanto o Sol e a Lua se complementam, assim o são o Pai e a Mãe, o Fecundante e a Fecundada, o sangue de Cristo e o Graal, Deus e a Arca, ou a

Arca-Dia, Arca-Deus. Por esta razão Arcádia e Esparta se identificaram tão proximamente com Diana, Artêmis e o culto à Mãe, contrapondo-se ao Zeus fecundador que a todas emprenhava. A ligação de Arcádia e Esparta com a mais antiga religião judaica pode ter se constituído numa continuação da saga das tribos de Dan e Benjamim, cuja perda chorarão as tribos. No Peloponeso sobreviverá – embora sempre de maneira deturpada – o culto à Mãe e aos seus Augustos Mistérios.

> Existe um Zeus Agamemnom honrado em Esparta, de acordo com Staphylus; e Phanocles, (...) diz que Agamemnon ergueu um templo a Afrodite Argynnus, em honra de Argynnus, que ele amava. Os arcadianos adoravam uma Artêmis chamada "a deusa que está suspensa" (...). Há outra (...) Artêmis, com um templo em Laconia, como Sosibius diz.
>
> (Clement of Alexandria, *Exhortation to the Greeks*, pp. 81–83)

A Arcádia é o Cardíaco, o Templo do Eu Sou

À parte das indicações históricas e geográficas, indiscutível é a grande ligação de Arcádia com a Mãe, seja através de *Arkas* (Arca) ou de *Dia* (Diana). *Diana* era irmã de Apolo. Segundo Cícero, *Diana* identificava-se com a *Lua*. Este fato confirma duplamente a ligação de Arcádia com a Lua: *Dia* é raiz de *Diana*, que identifica-se com a *Lua*; *Dias* é *dois*, que já vimos ser o número sagrado da *Lua*; por outro lado vimos que *Arca*, em latim, significa o *peito*, que é regido pela *Lua*. De forma incontestável, pois, **Arcádia** é a **Lua**, o receptáculo, a Mãe, a contraparte feminina do Princípio Pai, representado pelo Sol. Confirma-se este fato por Diana ser irmã de *Apolo*, o Sol. A **Arka-Dia** é o receptáculo **Lunar** à luz **Solar**, é a Arca de Deus, o Receptáculo do Pai.

Geograficamente, Arcádia era o coração do Peloponeso. No corpo humano, o microcósmico templo de Deus, a *Arcádia*, a Arca da Aliança de Deus, está colocada exatamente na altura que indica a palavra latina Arca: no Peito! ***Arcádia é o coração***. Ou melhor: αρκαδια é καρδια! Ambas palavras, Arcádia e Coração, na língua grega são praticamente uma transliteração uma da outra. E como um receptáculo solar, como o cálice que abriga a substância crística do Graal, como a Lua (Μηνη=106) que recebe o Sol (16), *Arcádia*, ou antes, *Cárdia*, o Coração, apresenta sua síntese numérica – é claro – calcada no 16 solar:

κ α ρ δ ι α

20+1+100+4+10+1 = **136** = 1+2+...+**16**!

Tanto quanto o Sol e a Vida têm sido eleitos pelos poetas e filósofos como exemplos de pureza e elevação, o coração tem recebido a primazia por todos os trovadores, sábios, escritores e amantes da vida, em todos os tempos, para refletir esta Arcádia no interior do homem. Poucos, entretanto, deram a devida importância iniciática que cabe ao órgão cardíaco. Poucas meditações e filosofias dão a devida importância ao coração como o único capaz de harmonizar o indivíduo e efetivamente garantir-lhe a tão desejada Vida Eterna. Já mostramos, em 48000 a.C., nas palavras de D'Eckhartshausen, que o coração é muito mais que uma figura simbólica. Deixemos que testemunhos mais antigos falem por nós. Testemunhos como os do povo egípcio, para o qual a vida eterna só poderia ser atingida se seu coração pesasse exatamente a Verdade e a Justiça:

> O coração não era apenas a sede da força e da verdade, mas também a fonte dos pensamentos bons e maus, e às vezes tipificava a consciência. Guardado após a morte com um cuidado especial, e mumificado

separadamente, depois, com os pulmões, era preservado num jarro e posto sob a proteção do deus Tuamutef[80] (o deus do leste, do nascente solar). Considerava-se a sua preservação de tamanha importância que, num período primitivo, se introduziu um texto no Livro dos Mortos (cap. 26, o "capítulo de dar um coração ao falecido") com a intenção de fornecer ao falecido um coração no lugar do que fora removido no processo de mumificação. Reza o texto: "Possa meu coração estar comigo na casa dos Corações! Possa meu peito (literalmente, pericárdio) estar comigo, e possa ele descansar ali, pois do contrário não comerei dos bolos de Osiris na margem oriental do Lago das Flores, nem terei um barco para descer o Nilo, nem outro para subi-lo, nem poderei navegar Nilo abaixo contigo. (…) Possam as portas do céu abrirem-se para mim." E mais adiante: "Compreenderei com meu coração, alcançarei o domínio do meu coração, alcançarei o domínio das minhas duas mãos, alcançarei o domínio das minhas pernas, terei o poder de fazer o que quer que agrade o meu *ka* (i. e., duplo). Minha alma não será agrilhoada ao meu corpo junto às portas do mundo inferior, mas eu entrarei nele e dele sairei em paz." (…) Releva recordar também que, de acordo com uma tradição, o texto do Capítulo 64 do Livro dos Mortos foi encontrado escrito em letras de lápis-lazúli no reino de Hesep-ti, rei do Egito por volta de 4300 a.C., e o modo com que se menciona o fato na Rubrica do Capítulo prova que se lhe dava considerável importância. (Wallis Budge, *A Magia Egípcia*, pp. 31–32)

Mas de todos os Capítulos relacionados com o coração, o mais popular entre os egípcios era o que se conhece comumente por 30B, e sua importância do ponto de vista religioso não pode ser superestimada. Não existem dúvidas quanto à sua antiguidade pois, de acordo com o Papiro de Nu, documento dos primórdios da 18ª dinastia, data do tempo de Hesep-ti, rei do Egito por volta de 4300 a.C., e parece que formava um apêndice ou suplemento ao Capítulo 64, que professava dar, num capítulo só, a substância de todos os "Capítulos do Sair à Luz". Na rubrica da versão mais extensa do Capítulo, apresentada no mesmo papiro, o Capítulo 30B está ligado a Herutataf, filho de Khufu (Cheops), homem afamado por sua sabedoria, e ali ordena que suas palavras sejam recitadas diante de um *scarab*[81] de pedra dura e verde, que deverá ser depositado no peito do falecido no lugar onde estaria o coração; esse amuleto operaria, então, para ele, a "abertura da boca"[82], pois as palavras do Capítulo seriam, na verdade, "palavras de poder". (Wallis Budge, *A Magia Egípcia*, p. 34)

80 Wikipedia – Duamutef, deus protetor dos jarros canópicos, que guardavam as vísceras do morto.
81 Wikipedia – scarab, besouro sagrado dos egípcios (Scarabes sacer)
82 Wikipedia – ritual da abertura da boca

Aos maçons esta descrição de Budge não deve parecer nada estranha. O conhecimento da "palavra de poder" e o sigilo mantido quando em vida é quebrado, por assim dizer, na maior das Iniciações: a morte. Estas palavras sagradas estavam intimamente ligadas ao coração, à Arcádia ou Cárdia, e apenas os Mestres, os Sábios, a conhecem (ou pelo menos deveriam). Ao perjuro, em muitas iniciações na antiguidade, não era simbólica a pena de lhes ter arrancado o coração. Pior que a morte física, a perda do coração acarretaria o desvio de sua própria alma nos céus. Segue, abaixo, o texto mencionado por Budge. Repare-se na evidente ligação do Coração com toda a simbologia que traçamos para a Mãe, como receptáculo do princípio Fecundante de Deus.

Sublinhamos, também, a importante referência feita ao complemento da sentença arcadiana: "E na Arcádia, Eu SOU" (vide 1656 d.C.). Por esta razão utilizamos este verbo – o SER – no complemento da Iniciática afirmação. A frase inicial, "E na Arcádia Eu", que para os leigos ocidentais não faz sentido, é mais coerente que a conjugação de qualquer verbo na frase sem que o Sujeito, o EU ou EGO, possa saber QUEM ELE É! Só pode fazer algo, dizer algo, estar em algo alguém que, primeiramente, É! Daí o EU SOU, antes de responder a qualquer pergunta da Esfinge. E esse EU SOU, como bem lembra o texto egípcio, só pode ser pronunciado e realizado por *Arcádia*, por *Cárdia*, o coração. Reparemos, também, a menção já feita anteriormente acerca do peso das palavras, que tanto temos adotado em nossa exposição. Salienta-se, no texto, o papel do coração como medidor de nossas sagradas palavras:

> Meu coração, minha mãe; meu coração, minha mãe! Meu coração, pelo qual eu vim a ser! Que nada se erga contra mim em [meu] julgamento; que não haja oposição a mim na presença dos príncipes soberanos; que não haja separação entre mim e ti na presença daquele que cuida da Balança! És meu duplo (*ka*), o que habita em meu corpo, o deus Khnemu que une e fortalece meus membros. Possas tu sair ao sítio de felicidade para onde vamos. Que o *Shenit*, que forma as condições da vida dos homens, não faça meu nome cheirar mal. Seja ele satisfatório para nós, e haja em nós alegria de coração quando forem pesadas as palavras. Não seja o que é falso pronunciado contra mim perante o grande deus, o senhor de Amentet. Verdadeiramente quão grande serás quando te ergueres em triunfo. (Wallis Budge, *A Magia Egípcia*, p. 34)

O deus Khnemu, referido no texto, é uma das mais importantes antigas deidades egípcias. Seu papel primordial no conhecimento das palavras sagradas e na criação do homem justifica sua evocação à hora da pesagem do coração do morto.

> Khnemu, um dos velhos deuses cósmicos, ajudava Ptah a cumprir as ordens de Thoth, e deu expressão verbal ao Poder criativo primevo; descrevem-no como "autor das coisas que são, origem das coisas criadas, pai dos pais e mãe das mães". Foi ele quem, de acordo com uma lenda, modelou o homem numa roda de oleiro.
> (W. Budge, *A Religião Egípcia*, Cultrix/Pensamento, S. Paulo, p. 65)

O Coração Zodiacal

Nesta seção referente aos Mistérios de Elêusis começaremos a abordar a questão da Astrologia Iniciática. Apesar de tanto ter sido falado a respeito da astrologia em todos os povos e em todas as eras, muito pouco se comenta a respeito da Astrologia Iniciática, ou seja, a astrologia ligada aos Antigos Mistérios e não simplesmente à arte da predição.

Nesta altura já pudemos notar a inegável ligação do peso das palavras com as fases da Iniciação, e a relação desta síntese com as grandezas astronômicas ou astrológicas. O que caracteriza basicamente a Astrologia Iniciática é o fato dela se ligar aos antigos mistérios por um ponto comum: a concentração. Ambas convergem, em sua essência, ao centro cardíaco. Se pouco é falado sobre esta Astrologia a que nos referimos, nada se comenta a respeito do reflexo desta milenar ciência das Grandezas Celestes no mais íntimo centro iniciático e hominal: o cardíaco. De fato, se é correta a máxima de Hermes de que o que é em cima é como o que é embaixo, então o Macrocosmo reflete-se, efetivamente, no Microcosmo que é o Coração. Esta afirmação adquire ainda mais evidência quando lembramos que ao coração está associada a força solar, centro de nosso sistema.

Pelas bases da ciência zodiacal, o centro de observação é a Terra, cujo símbolo material, da Mater, é o triângulo com a ponta para baixo. É exatamente a forma do coração, um triângulo com a ponta para baixo. O coração, pois, sintetiza tanto a representação solar (mesmo porque καρδια=136=1+...+16) como também a Arca, a Mãe, o Cálice. Derivou daí a representação do naipe de Copas ou Copos (cálice), nas cartas mais antigas do Taro, substituído pelo Coração ♥ no baralho moderno. Mas a *epopteia* espiritual, o 666 iniciático, é representada pelo triângulo com a ponta para cima. Analogamente, é o coração com a ponta para cima, que associado ao outro com a ponta para baixo dá o perfeito 6 e o selo de Davi: ✡. Este Coração Espiritual, o coração invertido, com a ponta para cima ♠ representa nosso Microcosmo, nossa Arcádia, representação do Macrocosmo Zodiacal. Raras vezes se viu a associação deste Coração Espiritual ao coração físico, ao Sol e ao Zodíaco como num amuleto das tribos árabes do norte da África.

Na chamada Costa Dourada africana, os nativos representaram essa sagrada associação do Coração Espiritual, ♠, como centro do Sol e centro do Zodíaco. Utilizava-se o amuleto, preferencialmente, pendurado ao peito, por ser a região cardíaca. A figura seguinte reproduz o amuleto em seu tamanho original, cuja confecção era de ouro, o metal solar.

> No centro existe um buraco circular, cuja finalidade é representar o disco solar, e em toda volta existem linhas em ziguezague sugerindo os raios de luz que emanam dele. Sobre o buraco está o Coração Sagrado, em ouro …
>
> (Wallis Budge, *Amulets and Superstitions*, Dover, New York, p. 415)

Figura 7: o sagrado coração, centro do zodíaco



(E. A. Wallis Budge, Amulets and Superstitions)   Tetragrammaton de Jacob Böhme

Este verdadeiro Coração Sagrado, como denominou Budge, não é outro senão o Coração Espiritual a que nos referimos. Se Arcádia era a terra original dos deuses, e se os deuses pagãos tinham sua máxima representação nos símbolos zodiacais, este amuleto é a mais perfeita representação deste Macrocosmo refletido no centro cardíaco do Microcosmo hominal.

Na religião cristã, parte deste milenar conhecimento felizmente persistiu. Durante muito tempo associaram-se os 12 apóstolos com os signos zodiacais, atribuindo-se ao Sagrado Coração de Jesus o centro emanador da Luz do Cristo. Por vezes, o centro emanador é representado pelo Sagrado Coração de Maria, o Princípio Feminino ou a Arca a que tanto nos referimos. Mas a grande representação desta arca cristã foi, sem dúvida, o Santo Graal, esta Copa ou Copo Sagrado, símbolo do coração, que recolheu o sol crístico da vida e foi mantido oculto pelos iniciados Cavaleiros do Graal. Ao recolher a substância crística no Graal, José de Arimateia mostrou que, mesmo com a morte física, a ideia sobrevive no coração aos iluminados que souberem carregá-lo. Entre os cristãos mais modernos, talvez o mais sublime tenha sido Jacob Böhme[83], este filósofo teutônico que viveu em torno de 1600 d.C.. Sua obra é comparada com a de Proclus e Heráclito, sendo absorvida por expoentes do pensamento ocidental como Newton, Hegel e Goethe. Em sua famosa *Aurora*, Böhme descreveu divinamente a importância do centro solar cardíaco. O coração talvez tenha sido a referência mais constante de Böhme em toda sua *Aurora*:

> [30] Até aqui chegaram os sábios gentios, que ganham em muito, por seu agudo entendimento, de nossos philosophus, mas seguiu ainda oculta para eles a autêntica porta do conhecimento. (...) [35] Assim nasce sempre, no corpo deste mundo, o coração ou luz de Deus, e o mesmo coração nascido é um [mesmo] coração com o eterno e imprincipiado Coração de Deus que está aí e sobre todos os céus. [36] Não somente nasce em e nas estrelas, senão no corpo inteiro deste mundo; as estrelas acendem sem cessar o corpo deste mundo, de sorte que, por todas as partes, se produz o nascimento. Isto haverás de observá-lo bem: [37] A Luz ou Coração de Deus não tem sua origem simplesmente nas estrelas silvestres e rudes em que estão o amor e a ira; se origina do lugar em que nasce a água suave da vida. [38] Pois quando se incendiou a ira, não pode a morte captar a esta água, senão que subsiste de eternidade em eternidade, alcança a todos os confins deste mundo e é a água da vida que irrompe através da

83 Wikipedia – Jacob Böhme

> morte e da qual se edifica, neste mundo, o novo corpo de Deus. [39] Existe nas estrelas como em todos os confins, porém não é capturável ou compreensível em lugar algum, senão que o preenche todo simultaneamente; existe também no corpo do homem. E quem desta água tiver sede e dela beber, acende-se-lhe dentro a luz da vida, que é o Coração de Deus, e naquele instante brota ali do Espírito Santo.
>
> (Jacob Böhme, *Aurora*, Ed. Alfaguara, Madrid, 1979, pp. 353–354)

O Perfeito 6 e a Luz Iniciática

A presença do 6 invariavelmente se repete na Luz que é dada aos Iniciados nos Mistérios. Ele une, magicamente, peças distintas como o 6º dia da Criação, em que foi criado o Homem, o número alquímico 6, do Sol, o valor 66 da palavra hebraica para franco, *nadib* (vide ano 35 d.C.), o valor 660 das palavras gregas *aporreta* (instrução sagrada) e *déspota* ou *mestre* (vide 518–513 a.C.), o valor numérico de *epopteia*, 666 (vide 52 d.C.), e o 6666 do casal solar Orfeu e Eurídice (vide 12.000 a.C.).

Num determinado momento da Iniciação, o Homem, o Recipiendário, percebe que é imagem da Perfeição. Percebe que é uma Unidade, uma Individualidade, um Indivíduo ou Indivisível. Onde se traduz, matematicamente, esta perfeição? A indivisibilidade do iniciado não significa que ele não possa se "partir" em várias composições, em várias obras, vários filhos. Significa que seus filhos, quando somados, restituem seu criador, sua Individualidade. Na matemática pitagórica, isto era representado pelos Números Perfeitos. Um número perfeito é um número que, após se dividir, restitui seu exato valor original quando somarmos todos os seus quocientes. Entre todos os números que existem entre 1000 e 10000, apenas um satisfaz a essa exigência, o 8128:

```
8128 ÷    2 = 4064
     ÷    4 = 2032
     ÷    8 = 1016
     ÷   16 =  508
     ÷   32 =  254
     ÷   64 =  127
     ÷  127 =   64
     ÷  254 =   32
     ÷  508 =   16
     ÷ 1016 =    3
     ÷ 2032 =    4
     ÷ 4064 =    2
     ÷ 8128 =    1
      TOTAL = 8128
```

Analogamente, entre todas as centenas, apenas o 496 é um Número Perfeito, e seus quocientes são: 248, 124, 62, 31, 16, 8, 4, 2 e 1; entre todas as dezenas, apenas o 28 é perfeito: 14, 7, 4, 2 e 1 são seus "filhos". E nas unidades, o Perfeito é o 6: 3, 2 e 1 são seus quocientes. Esta perfeição do 6 originou o próprio homem no sexto dia da criação. Mas também representou sua prisão nos sentimentos, nas sensações venusinas ou afrodisíacas, como vimos na queda de Eurídice (ano 12000 a.C.). Na Terra a prisão hexagonal do homem está nas seis direções que o prendem: Norte, Sul, Leste, Oeste, Alto e Baixo. Um dos reflexos dessa prisão hexagonal foi a forma geométrica escolhida para o último invólucro do homem na prisão hexagonal; o caixão. De

todos os ângulos que se olhar, o caixão de defunto é hexagonal. É para lembrar que, se nascemos no 6º dia da Criação, a morte – que é um renascer – deve se dar num invólucro de seis lados. Livramo-nos das seis direções para nos confinarmos em outras seis. Essa prisão hominal do 6 representa sua prisão da cintura para baixo: satisfazendo o estômago, os intestinos e o sexo, todo homem comum está, por assim dizer, realizado. Esta ligação era tão conhecida dos Antigos que o Seis acabou se identificando com o próprio Sexo. Várias línguas ainda nos mostram a identificação dessas palavras:

Português	seis	sexo
Inglês	six	sex
Inglês Arcaico		siex
Francês	six	sexe
Alemão	sechs	geschlecht
Italiano	sei	sesso
Latim	sex	sexus
Holandês	zes	sekse
Norueguês	seks, sekstall	seksual
Dinamarquês	sekstal	seksual, køn
Finlandês	kuutønen	seksi
Sueco	sexa	sex, kön
Sânscrito	sas	

A semelhança é muito grande para ser negada. Nesse contexto, compreende-se porque foi escolhido o sexto dia da criação para o aparecimento do homem, pois tal não poderia se dar sem o sexo criador, à imagem e semelhança do Pai. Este homem, este Perfeito 6, é aquele que entra no Templo para ser iniciado na 1ª etapa. Ele tem um sol sobre si, o sol da vida, representado pelos seus números 1 (sagrado) e 6 (alquímico) do Sol, sintetizando-se no 16. Por esta razão os egípcios, ao construírem os templos solares das pirâmides, o fizeram geometricamente com 4 triângulos e um quadrado, ou 16 linhas. Já os nórdicos, como vimos, encontraram uma das mais singelas representações para este 16 através de sua runa correspondente, ᛋ, a qual denominaram *sól*.

Sintomaticamente, o primitivo alfabeto futhark era composto por 24 runas, clara alegoria solar. Já vimos como a 16ª runa chamava-se, na língua germânica, *sowilo*, no gótico *saugil*, no antigo inglês *sigil* e no antigo escandinavo *sól*. Em inglês, esta mesma palavra, *sigil*, significa "*selo, sinete, um sinal ou imagem considerado mágico*, vindo do latim *sigillum*, diminutivo de *signum*, sinal" (*American Heritage Dictionary*, Houghton Mifflin Co, Boston, 1982, p. 1138). Deste signum ou sinal é que nos falou Blavatsky a pouco, quando mencionou inclusive sua gravação física em iniciados, lembrando-os do sigilo acerca das verdades hauridas na iniciação. Neste caso, o selo colocado era a suástica 卐, duplo hieróglifo da runa *sól*. Os maçons conhecem bem esta alegoria, tanto no primeiro quanto no terceiro graus.

Na 2ª etapa da Iniciação, ao neófito é dado outro sol. É quando ele deixa de ser um homem comum e passa a ter dois *seis* ou dois *sóis*, ☉☉, pois 6 é o número alquímico solar; visto da profundidade e não da horizontalidade, os dois sóis são ◎. Ao iniciado, então, é mostrada sua origem áurea, luminosa. É quando ele conhece, através deste 66, o Número Áureo de Pitágoras: o 11, dois sóis, ☉☉, pois 1 é o número sagrado solar. Nesta etapa ele faz, então, a síntese do número áureo ou a luz: 1+2+...+11 = 66.

Na terceira etapa da Iniciação ele recebe a terceira iluminação, analogamente representada pelo triplo 6, o 666, ☉☉☉, ou, visto da profundidade:



Este profundo símbolo do 1000 ou do 666 é a síntese de *Na Arcádia Ego*, clara alegoria à tríplice concentração para os que utilizam-se da aritmética pitagórica (vide 48000 a.C, e 1656 d.C.). É quando ele sai do 11 e vai ao 12, conhecendo o Zodíaco. Lá ele verifica, como mostraremos em seguida, que esses 12 signos abrigam 36 estrelas, as quais são a síntese das 666 luzes desta etapa iniciática. Aqui reside a diferença entre os iniciados externos e os internos. A iniciação externa, que já vimos não ser condição suficiente para a realização da obra final no neófito, só pode ser completamente absorvida *se for acompanhada pela iniciação interna*. Apenas a partir daí é possível o esoterismo. Antes disso não passa de especulação. Se o centro do Templo, da Pirâmide ou da Câmara do Rei é a urna, o esquife ou o sarcófago, o centro destes tabernáculos é o próprio homem, *e o centro deste centro é o coração*. Na grande Iniciação da morte egípcia, quando os 42 juízes acompanhavam o julgamento do morto[84], apenas seu coração era levado à balança do equilibrador Mercúrio ou Thoth. E seu peso não podia ser diferente da pena da Deusa da Verdade, *Maat*. Este vaso sagrado, o Coração, é a *Grande Arca*, o verdadeiro *Sanctum Sanctorum*. Qualquer outro não passa de mera representação. É a única, verdadeira e real ARCADIA, onde o Indivíduo, Uno, Inteiro, Completo, deverá, um dia, dizer EU SOU com toda a plenitude de sua Alma (vide 1656 d.C.).

As 12 Luzes do Zoóforo e a Astrologia Setenária

Neste ponto, já podemos assinalar a origem dos chamados 12 signos do zodíaco. Sua utilização pelos antigos se perde entre os sumérios e babilônios. A importância que adquiriram as forças do Sol e da Lua nas antigas iniciações se refletiu a tal ponto que tiveram representados seus números sagrados, 1 e 2, nos 12 signos. Sua importância nas iniciações e na iluminação do 666, na *epopteia*, também é significativa.

Segundo Budge:

> agora é um fato bem reconhecido que durante o reinado dos governantes da primeira dinastia da Babilônia [1900 a.C.] os observadores de estrelas estavam aptos a calcular eventos astronômicos com considerável acuidade, e "*reconciliar os anos solares e lunares pelo uso de meses epagômenos*"
> (E. A. Wallis Budge, *Amulets and Superstitions*, p. 407).

Este fato, por si só, já mostra a profunda necessidade que sentiram os primeiros astrônomos e/ou astrólogos no sentido de harmonizar os ciclos mensais lunares com o ciclo anual solar. Daí a relação do 1 do Sol e do 2 da Lua com os doze meses. Mas as relações são muito mais profundas e deveremos nos valer novamente da aritmética pitagórica para demonstrá-lo. O zodíaco babilônico original era composto de doze signos, mas o deus Marduk, ao criá-lo, o fez juntamente com

> os céus e a terra e fez o homem aparecer na terra. Ele colocou no céu as Estrelas do Zodíaco, que são as aparências dos grandes deuses, ele fixou o ano, e o dividiu em 12 meses, e para reger cada um deles colocou três estrelas e estabeleceu a deusa Lua. Os Signos do Zodíaco estabelecidos por Marduk eram diferentes dos antigos, que ele baniu, e as três estrelas que ele indicou para cada mês nós agora conhecemos como os 36 Decanatos. (Budge, *Amulets and Superstitions*, p. 408)

84 Wikipedia – práticas funerárias do antigo Egito. Os 42 juízes são ajudantes de Maat.

Ora, este é mais um ponto em que encontramos a iluminação da *epopteia*, como dissemos intimamente ligada ao aspecto do 6 material solar. Já vimos que *epopteia* é representada pelo 666, cuja síntese de 1+2+...+666=222111, três sóis e três luas espirituais, ou seis luzes espirituais. Ocorre que 666 é justamente a soma de 1+2+...+36=666, ou seja, novamente a síntese dos 12 signos com seus 36 decanatos. Como se não bastasse, o próprio 36 é o resultado da multiplicação de 6x6. Este é o motivo principal pelo qual, justamente na Babilônia, surgiu o sistema sexagesimal de divisão do arco zodiacal. O total das unidades de medida do círculo zodiacal foi 360°, com cada grau valendo 60 minutos e cada minuto 60 segundos. E a ligação entre este divino 6 e o homem foi dada, na simbologia babilônica, pelo próprio Marduk, que simultaneamente com a criação do céu e do Zodíaco fez o homem. Por esta razão a Iniciação humana, o Zodíaco e o Homem apresentam esta forte presença do número 6. Como veremos em 569 a.C., o 6 e o 6x6 marcarão profundamente as reencarnações de Pitágoras, que, segundo Jâmblico, se davam a cada 216 anos: 216=6x36.

Daqui nasce outro importante corolário para compreender as questões iniciáticas e zodiacais. É que, para os antigos – e nós não podemos citar outras fontes já que nos dispomos a falar da Sabedoria Antiga – *a Astrologia sempre foi setenária*. Isto é, são sete os sagrados que regem a manifestação nos doze signos. Citações de outras forças tais como Urano e Netuno nunca se referiram a forças planetárias físicas, mas forças sutis não ligadas aos lentos planetas descobertos mais tarde. Mas não pretendemos abordar esta questão no momento. Bastaria lembrarmos os sete dias da semana (que, apesar de tentativas como a dos materialistas da Revolução Francesa, até agora ninguém conseguiu mudar) e tantas outras representações da Antiguidade clássica e da Sabedoria do Mundo. Como nos lembra Budge:

> Na Babilônia nós temos os 7 portões do inferno, os 7 espíritos do céu, os 7 espíritos malignos da terra, os sete estrados da Torre de Babel, as sete tábuas da Criação, o setenário da Criação, as deidades setenárias, (...). No Egito, nós temos os 7 Asits ou *halls* de Osiris, as 7 formas de Osiris, as 7 Hathors, as 7 vacas e seu boi, os 7 grandes Espíritos, as sete cobras (Uraei), os 7 falcões, a serpente de 7 cabeças, os 7 escorpiões de Ísis. A Bíblia nos fornece muitos exemplos do uso do 7. Assim nós temos os 7 parentes do sono do faraó, 7 sabbaths, os 7 altares, 7 bois e 7 carneiros de Balaam, 7 trombetas, 7 cachos de cabelo, 7 pilares da Sabedoria, 7 passos, 7 cúbitos, 7 semanas, 7 pastores, 7 olhos, 7 lâmpadas, 7 cestas, 7 pães, 7 demônios, 7 diáconos, 7 igrejas na Ásia, 7 braços do candelabro, 7 estrelas, 7 pragas, 7 potes dourados, 7 anos, a vingança setenária ... Jacob curvou-se 7 vezes, o sacerdote borrifou sangue 7 vezes. Naaman foi mandado se lavar no Jordão 7 vezes, a prata foi purificada 7 vezes, e o irmão pecador deverá ser perdoado 70 vezes 7. Deus descansou no 7º dia; Cristo falou 7 palavras na Cruz. Os judeus têm 7 dias sagrados no ano, e seu candelabro dourado tem 7 braços. O 7º dia do 7º mês é sagrado, e Israel festejou 7 dias e permaneceu em suas tendas 7 dias. Nós temos os 7 Sacramentos, 7 dias de azar, 7 salmos penitenciais, 7 maldições, 7 alegrias e 7 glórias da Virgem, 7 virtudes, 7 graças do Espírito, 7 concílios da Igreja, o altar cristão é 7 vezes aspergido, os 7 campeões da cristandade (S. Jorge, Santo André, São Davi, São Patrício, São Tiago (Espanha), San Denys (França) e Santo Antônio (Itália)); 7 maravilhas do mundo, sete sábios da Grécia, as 7 antes de Tebas, as 7 cabeças da Hidra, as 7 montanhas de Roma, os 7 Arcanjos, as 7 cores do arco-íris, os 7

planetas, as 7 notas musicais, as 7 idades do homem, os 7 metais dos alquimistas (*o grifo é nosso*)... Na Idade Média, o altar na igreja era decorado com 7 pedras preciosas e semipreciosas.

(E. A. Wallis Budge, *Amulets and Superstitions*, pp. 433–434)

A própria palavra Zodíaco original, começando pela letra Z, a 7ª do alfabeto grego, já mostra a força do setenário regendo o Zodíaco. Esta palavra, por sinal, até hoje não foi convenientemente interpretada pelos estudiosos. Quando citamos, na altura do ano 12000 a.C., a origem da palavra Zodíaco a partir do prefixo original ZOO ou animal, tal afirmação foi muito além do simples jogo de retórica. O sentido original da palavra Zodíaco, que relatamos a partir de nossa queda na manifestação animal, explica não apenas o sistema angelical montado para receber o humano como também permite entender a difícil relação entre o homem e este Universo para o qual foi designado, absolutamente estranho à sua natureza. Desta dificuldade de adaptação do homem a um meio originalmente destinado aos animais e anjos advém toda sua insatisfação existencial. Se o duplo O, de ZOO, foi suprimido da palavra Zoodíaco, por outro lado esta identificação com os animais permaneceu ainda numa palavra sinônima de Zodíaco. Vejamos os fragmentos do *Anthologium*, de Stobeus, no *Corpus Hermeticum*, de Hermes Trismegisto[85]. Neste fragmento, Hermes responde a Tat sobre o Zodíaco e os 36 decanatos:

Já conversei contigo sobre o círculo zodiacal, que é chamado também **zoophore**, assim como dos cinco planetas, do sol, da lua, e de cada um dos seus círculos.
– Sim, certo, ó Trismegisto.
E bem, eu vejo que, dentro desta consideração também dos trinta e seis decanatos, tu te lembras do que eu te disse, então, a fim de que a lição sobre os decanatos a ti se tornasse ela mesma inteligível.
– Eu me lembro, ó pai.
Eu te disse numa parte, meu filho, que existe um corpo que envolve todo o conjunto do mundo: representei-te, ainda, a este corpo como de forma circular, pois tal é a forma do Todo.
– Eu representei a mim sob essa forma que tu disseste, ó pai.
Imagina, agora, que sob o círculo deste corpo sejam colocados trinta e seis decanatos, no meio, entre o círculo total e o círculo do Zodíaco, separando um do outro estes dois círculos e, por assim dizer, suportando o círculo do Todo e delimitando o Zodíaco, transportados ao longo do Zodíaco juntamente com os planetas, e que, ao curso da revolução do Todo, eles tenham alternativamente o mesmo poder que os Sete. Ademais, eles retém os corpos que envolvem o mundo (pois, por si mesmo, ele seria excessivo em seu curso pelo fato de conter tudo) ao passo que ele apressa o movimento dos sete outros círculos, pois estes se movem num movimento mais lento que o círculo total: é, pois, desta maneira, necessário que se movam estes círculos e [aquele] do Todo. Imaginemos, pois, aos decanos presidentes, às [revoluções] dos Sete e ao círculo total que, como guardiães de tudo o que está no mundo, eles presidem a todas as coisas, conservando unido o conjunto de coisas e velando pela boa ordem esse conjunto.

(Hermes Trismegistus, *Corpus Hermeticum*, Ed. Les Belles Lettres, Paris, 1983, vol. III , p. 34)

85 Wikipedia – Hermes Trismegistus Ἑρμῆς ὁ Τρισμέγιστος ou Mercurius ter Maximus (latim), é uma combinação sincrética do deus grego Hermes e do deus egípcio Thoth.

Este fragmento de Stobeus é importantíssimo para se compreender na sua origem o ZOODÍACO começando pela antiga denominação referida por Hermes: *Zoophore* ou *Zoóforo*. O termo é muito elucidativo na medida em que resgata o antigo significado desta verdadeira encerra, este curral em que se colocaram os animais desta região do cosmos. Por animais entendemos as formas de vida física tais como as que nós, humanos, e os animais, temos em corpo físico. A forma interna hominal, entretanto, é única nesta região. Ela não diz respeito ao mero desenvolvimento tecnológico ou mental da sociedade, mas sim ao psíquico. A raiz de nossa insatisfação no *Zoóforo* reside no psíquico.

Por *Zoo* entendemos toda a manifestação anímica natural desta região, representada pelos anjos, querubins, serafins, tronos, potestades, elementais e pelos próprios animais. As fantásticas flora e fauna com as quais convivemos nesta região representavam, para os antigos, uma pequena parte da população zodiacal manifestada fisicamente. Mas todos são *Zoo*, exceto o homem. Por esta razão a alegoria bíblica expressou magnificamente a questão de Adão e Eva sendo expulsos do paraíso, *onde estavam nus*, quer dizer, sem vestimenta, não encarnados, sem corpo físico. Ao serem mandados para o Infernus, o mundo inferior, a Terra, *vestiram a pele do animal*, quer dizer, caíram no *Zoóforo*, no curral para onde foram confinados os animais.

O dicionário Aurélio nos define o termo *Zoóforo* como o “*espaço entre a arquitrave e a cornija, ornado outrora com cabeças de animais*.” (Aurélio B. de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1986, p. 1807). Esta definição enquadra-se perfeitamente na descrição que Hermes a pouco nos deu acerca do Zodíaco ou Zoóforo e o “Círculo do Todo”. Hermes colocou os decanatos entre o Zodíaco e o Círculo do Todo, ou seja, respectivamente, entre a cornija e a arquitrave, entre o ornamento superior das colunas e as vigas que sustentam a abóbada. A abóbada é o céu, as colunas, nitidamente, são o Zodíaco. Não foi outro o motivo que levou os construtores maçônicos a erguerem doze colunas no seu templo, cada uma representando os doze signos. Segundo o relato de Hermes, entre o topo destas colunas e o vigamento, as Vigas (daí os Vigilantes) da abóbada, assentava-se nos antigos templos o *Zoóforo*, a região dos animais. Por outro lado, o dicionário Aurélio nos dá, para a palavra *foro*, de origem grega, a seguinte definição: “*que leva, que conduz*”, explicando a característica do curral, pois é o ponto para onde é conduzida a manada. Mas esta encerra não é feita à toa, pois ela visa o desenvolvimento de todos os que estão sujeitos a esta região, baseando-se na Justiça e, por conseguinte, na lei da ação e reação, ou na Lei do Karma. Daí advém todas as outras definições de **foro**:

> quantia ou pensão que o enfiteuta dum prédio paga anualmente ao seu senhorio direto; domínio útil dum prédio; encargo ou despesa habitual ou obrigatória; uso ou privilégio garantido pelo tempo ou pela lei; lugar onde funcionam os órgãos do poder judiciário; fórum, jurisdição, alçada, poder.
>
> (Aurélio B. H. Ferreira, op. cit., p. 802)

Não poderíamos ter melhor definição para o Zoodíaco: o local para ser cumprida a justiça, onde anualmente pagamos nosso tributo às forças que nos encerram nesta prisão que, embora muitas vezes agradável, frequentemente lembra-nos que estamos confinados nestas 6 direções para aprendermos a lição com nosso senhorio. Apenas recentemente o homem compreendeu, na prática, esta definição, pois só agora começou a se desenvolver a consciência

de que a Terra – e mesmo este Universo – não pertence à humanidade. Admite-se, agora, que a Terra é parte de um todo que, não fosse a presença humana, não teria qualquer ameaça à sua existência.

Poucos iniciados fizeram tão sublimes descrições acerca da origem ou gênese zodiacal como Jacob Böhme. Assim resumiu Böhme, em sua luminosa obra, *Aurora*, a criação dos Anjos a partir do Coração de Deus. Notamos, como de resto em toda a obra do sapateiro de Görlitz, a ênfase que o filósofo dá ao centro cardíaco universal, como já pudemos observar ao final da seção anterior, *O Coração Zodiacal*. Como poucos Böhme frisou este centro zodiacal e solar como o ponto primordial da Criação, dos anjos e do próprio homem:

> [65] O sol está no meio da profundidade e é a luz ou o coração [que procede] de todas as estrelas, pois quando, antes da criação deste mundo, se sutilizaram no reino de Lúcifer o salitre e o mercúrio, e se qualificaram reciprocamente, tirou Deus de todas as forças o coração e fez delas ao sol. [66] Por isso o sol é o mais luminoso e se reflete em todas as estrelas, e com a força [do sol] obram as estrelas todas e tem ele a força de todas as estrelas, acendendo com seu resplendor e calor a força de todas as estrelas, e por isso cada estrela concebe do sol segundo sua força e plano que ela tem. (...) [70] Quero mostrar-te aqui o autêntico mistério: Olha o sol; é o coração de todas as forças deste mundo e está configurado de todas as forças das estrelas e se reflete de novo em todas as estrelas e em todas as forças deste mundo, e voltam-se em sua força qualificante todas as forças.
>
> [71] **Entende-o magicamente, pois se trata de um espelho ou comparação do mundo eterno**
>
> [72] Assim como o Pai ilumina de todas as suas forças a seu Filho que é seu Coração ou Luz, e a mesma Luz que é o Filho ilumina a vida em todas as forças do Pai, de sorte que, das forças do Pai, sai na mesma Luz toda classe de planta, delícia e alegrias, assim mesmo foi feito o reino dos anjos, todo segundo o modelo e essência de Deus. [73] O querubim ou chefe de um reino de anjos é uma fonte manancial ou coração de seu reino inteiro, e foi feito de todas as forças de que foram feitos seus anjos e o mais poderoso de todos.” (Jacob Böhme, *Aurora*, pp. 84–85)

E mais adiante, Böhme descreve a origem hominal, também ligada ao coração mas inevitavelmente diferente e mesmo estranha ao reino angelical:

> [121] Então o espírito que nasce no coração tem que emigrar em seu corpo passando através das portas infernais, e com perigo de inflamar-se com a maior facilidade, pois é como a madeira e o fogo; se não vertes água ali, aquilo arde. [122] Homem! Não foste tu criado como os animais mediante a palavra do mal e do bem; se não houvésseis comido [do fruto] do mal e do bem, não haveria em ti fogo da ira. Porém o provaste, e assim recebeste também um corpo animal. [Resta] que se apiede do acontecido o amor de Deus. (Jacob Böhme, *Aurora*, p. 259)

O Valor do Iodíaco ou o *IOD* de Jeová

Abordada, dentro do possível, a Astrologia Setenária, cabe-nos afirmar que estes sete clássicos regentes é que utilizaremos para continuar a medir a força numérica solar e lunar do Zodíaco. Esta força deverá se expressar através do já conhecido 12 e do respectivo 69, ou seja, os números sagrados do Sol (1) e da Lua (2) e seus números alquímicos, respectivamente 6 e 9. Já vimos como o 12 espiritual se traduziu nos 12 meses lunares do ano solar e nos doze signos; mas o 69 material, onde se encontra? Sendo material, deveremos somar os regentes dos doze signos materialmente, ou seja, com seus tradicionais números alquímicos. Vejamos, então, os doze signos do zodíaco e seus respectivos regentes, com sua clássica representação:

Signos	♈	♉	♊	♋	♌	♍	♎	♏	♐	♑	♒	♓
Regentes	♂	♀	☿	☾	☉	☿	♀	♂	♃	♄	♄	♃
nºs Alquímicos:	5	7	8	9	6	8	7	5	4	3	3	4

Total de Signos: **12**

Total nºs Alquímicos: **69**

Como vemos, a simbologia antiga é por demais eloquente para se negar a presença dessas luzes do Sol e da Lua, explicando-se daí sua frequente presença nas iniciações. Finalmente, para encerrar esta última explanação calcada no setenário, somemos os números alquímicos ou materiais dos 7 planetas:

Planetas	♂	♀	☿	☾	☉	♃	♄

nºs Alquímicos: 5 + 7 + 8 + 9 + 6 + 4 + 3 = 42

Em sua última síntese, 42 é 4+2=6, novamente o 6, na síntese final material dos 7 planetas. 42 eram os juízes que pesavam a alma do morto no sagrado julgamento perante Osiris, na maior de todas as Iniciações. É o número da Sabedoria, dada nos mistérios, pois a força Uraniana (repetimos, não planetária, mas apenas calculada, com base no setenário), representada pelo Uraei egípcio, tem como número sagrado o 4 e como número alquímico o 2. Sua cor é o ouro – o legítimo ouro da Sabedoria – e seu grande símbolo numérico, então, é o 42.

Assim entendido o Zodíaco, tomaremo-lo por sua origem, iniciática e solar. Um dos mais belos símbolos do Zodíaco é a 12ª runa, que vimos na Tabela 1. Ela identifica-se com o Sol, pois representa a letra J, e com o Zodíaco, pois tem a forma de um Z como um binário superior e outro inferior bem definidos (ᛃ); o mesmo ocorre com as equivalentes fenícia (𐤉) e grega (ϟ), para as letras I ou J, embora o número correspondente não seja o 12 e sim o 10, símbolo solar. No hebraico, o J ou I é o *Iod*. Agora entendemos facilmente a raiz do termo Zodíaco a partir da identificação do Z com o 10 ou IOD. Sua denominação arcaica confundia-se com **Iod**íaco, o díaco (o disco) de *Iod* ou Jod ou IO, ⦶, símbolo alternativo para o ☉. De outro modo, Iodíaco é plenamente entendido como o *IOD* de DÍACO, de Dia, de Deus. Para os hebreus, esse Deus é Jeová, cuja primeira letra é o próprio *IOD*. De fato, separando assim a palavra Jeová temos הוה–י, ou, numericamente, 10 (*iod*) –16 (*he*+*vau*+*he*). É o *Iod* e o 16 solar, ⦶, o *Iod* e o Dia ou Deus desta região zodiacal. Já nos referimos a este símbolo quando citamos Blavatsky no item *O 16 Solar, a Suástica e a Câmara do Rei*:

A Coluna e o Círculo (IO), que era para Pitágoras o número perfeito contido no Tetraktys, converteu-se mais tarde em um número fálico por excelência, principalmente entre os judeus, representando para estes o Jehovah macho e fêmea. (H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. IV, p. 31)

E estes princípios indissociáveis, condição de manifestação nesta região do Cosmos, é que regem os nascimentos, mortes e renascimentos de todos os que estão sob sua égide, no Céu e na Terra. Este é o fundamento mais original do Zodíaco, perdido quase completamente tanto pelos céticos quanto pelos buscadores da verdade.

Finalmente, recomendamos ao leitor que se reporte, nesta obra, aos períodos de 48000 a.C., 12000 a.C. e 1656 d.C., para complementar o que vimos nesta seção a respeito dos Mistérios de Elêusis.

1799 – Período provável de Nannac, rei da Frígia, que viveu 300 anos antes do Dilúvio de Deucalião, segundo Suidas[86].

1750–1700 – Época aproximada de José no Egito, vendido como escravo por seus irmãos. Os assentamentos canaanitas de Shechem[87] e Dothan[88], que aparecem nas viagens de José em Gen. 37, têm comprovadas sua existência nesta época por fontes egípcias. Representações egípcias como as encontradas numa tumba do governador Khnumhotep[89] e uma lista de 79 serventes domésticos, com cerca da metade tendo nomes semitas como Jacob e Issachar, datando de 1740 a.C., são indicações significativas do comércio de escravos para aquela região. Mais curioso ainda é o fato de que a soma de 20 shekels paga por José (Gen. 37:28) era o valor médio de escravos no século XVIII a.C., conforme atesta a famosa estela de Hammurabi e outras tabuletas encontradas na cidade de Mari. Muitos escravos asiáticos vendidos ao Egito viviam humildemente; mas outros, como José, destacaram-se em altos postos oficiais.

De acordo com o Gênesis, o filho de Jacob foi vendido por seus invejosos irmãos a mercadores de escravos a caminho do Egito. Por ironia, José acabou se tornando primeiro-ministro no governo egípcio, o grande administrador do país do Nilo e braço direito do faraó. José, vidente e interpretador de sonhos, caíra nas simpatia do faraó ao interpretar-lhe seu sonho e antevendo sete anos de vacas magras e sete anos de vacas gordas. Registros de seca periódica justificam essa visão do faraó. José, sempre segundo o Gênesis, deu ao faraó o sábio conselho de estocar em celeiros o excesso de grãos, vendendo-os nos períodos de seca. A enorme fertilidade do vale do Nilo – uma das mais férteis terras do planeta – facilmente tinha excedentes de produção em períodos de boa safra. Quando uma grande seca se abateu sobre Canaan, os irmãos de José foram ao Egito para buscar grãos. De fato, os egípcios registram, nesta época, peregrinos famintos recorrendo ao pais do Nilo para comprar grãos. José não apenas vendeu os grãos necessários a seus arrependidos irmãos como acolheu-os, por consentimento do faraó, nas melhores terras do país.

É interessante nos determos aqui para observarmos de outro ponto de vista este fato. A unidade da fé do povo de Israel não livrara-os da miséria e da fome. Por ironia – mas certamente não por acaso – Jacob e todos os seus filhos acabaram sendo calorosamente acolhidos pelos “idólatras” egípcios. Fica

86 Wikipedia – Suda, enciclopédia bizantina do séc. X escrita em grego com 30 mil verbetes.
87 Wikipedia – Shechem
88 Wikipedia – Tel Dothan
89 Wikipedia – historicidade de José

clara, como de resto será uma constante neste trabalho, a íntima necessidade dos chamados “monoteístas” de se curvarem à necessidade de harmonização e conciliação com os “politeístas”, tal qual o Pai que se une à Mãe. Os exemplos são por demais contundentes. Neste caso, trata-se dos irmãos que venderam José como escravo (deixando-o, portanto, às agruras da terra) ao Egito por 20 shekels (20 é, por excelência, o número da MATERialidade, enquanto 10 é o do Pai).

O país do povo escolhido por Deus, então, expulsou seu filho aos “idólatras” do Nilo, os quais o fizeram quase um faraó. Depois, o egípcio-judeu José recebe seus envergonhados e famintos irmãos, pois a terra (a Mãe) lhes faltara com sustento. José, que inteligentemente soubera administrar os recursos da terra e o próprio país do Nilo, não apenas lhes dá a saciedade como acolhe a toda sua família. Além disso, a maior atenção de José se dá justamente a Benjamim, o mais jovem e o preferido também de Jacob, futuro herdeiro da cidade santa, Jerusalém. Como veremos em 1150 a.C., as tribos não aprenderão essa lição de humildade e sabedoria tão cedo, pois voltarão a cometer erro semelhante, arrependendo-se novamente depois. Desta vez será com os benjamitas, que serão quase dizimados por seus irmãos.

Uma vez mais viu-se, nesta lição de José a Israel, a velha tolerância religiosa egípcia. O harmonioso pragmatismo com que o povo do Nilo via as questões da fé em nada é citado no Gênesis. Por outro lado, constantemente se descreve José sendo amparado por Deus, que o conduziu ao pontificado hierárquico do Egito, sem lembrar que tal foi possível pela grande tolerância da sociedade egípcia, a ponto de permitir-se o assentamento de toda a família canaanita nas melhores terras do Nilo, sem se questionar a José a veracidade de seu Deus. Essa tolerância é que permitiu ao faraó reconhecer a grandiosa figura de José. O próprio José, por sua vez, mostrou uma alargada visão dada sua tranquila assimilação da cultura e dos modos egípcios. De tal forma foi essa assimilação da cultura egípcia por José que seus irmãos não puderam reconhecer-lhe, pois em nada se parecia como um dos seus.

Como veremos, isso em nada surpreende quando sabemos que todos os grandes iniciados reconheciam-se livremente em todas as culturas. O Egito, por sua vez, era parada obrigatória a todos eles, inclusive os mais profundos monoteístas, como José e o próprio Moisés. Esta diferença de José em relação aos seus próximos denota a universalidade harmoniosa que lhe era predestinada. Esta é a origem do ciúme dos seus irmãos. José tivera um sonho no qual vira os feixes de trigo atados por seus irmãos curvarem-se ao dele. E mais, segundo ele: “*Eu vi, em sonhos, que o Sol e a Lua, e onze estrelas como que me adoravam*” (Gen. 37:9). Também neste ponto vemos a universalidade de José, ao reconhecer as Grandezas Celestes, os astros do firmamento, base do chamado “politeísmo” mas sempre reverenciado por todas as religiões, seja no setenário dos dias da semana, nos doze meses com seus signos, nas 2x12 horas do dia, e assim por diante. José não poderia ter esse reconhecimento por seu povo, pois estavam por demais imbuídos de um monoteísmo dogmático. No seu íntimo, os irmãos de José não poderiam deixar de refletir esta fé dogmática em seu medo por José. Mesmo seu pai, Jacob (Israel), ao receber a instrução de que erigisse um altar a Deus em Bethel, mandou destruir todos os outros deuses: “*Jacob, porém, convocada toda sua casa disse: Lançai fora os deuses estranhos que estão no meio de vós, e purificai-vos, e mudai vossos vestidos*” (Gen. 35:2). Em seguida, a ira de Deus se

abateu sobre as cidades circunvizinhas. Não sabemos em que bases foi recompilado o Pentateuco original de Moisés. Mas o fato é que a incoerência entre o relatado dogmatismo de Jacob e seus descendentes em nada se enquadra com a universalidade de José e Benjamim.

Não é à toa que Jacob e seus outros filhos sobreviverão àqueles duros tempos graças ao amor e à sabedoria do egípcio-judeu José, que os acolheu no vale do Nilo. E a preocupação sempre manifestada por José em relação a Benjamim justifica-se pela sua grande sensibilidade e vidência, identificando-se com seu irmão caçula. Vale registrar que a diferença de José e Benjamim em relação aos irmãos, e sua abertura para com as outras crenças e para com os Augustos Mistérios da Mãe Natureza, tem origem a partir de sua mãe. Apenas José e Benjamim nasceram de Raquel. Após parir Benjamim, Raquel morreu, dando-lhe antes a denominação de Benoni, filho da minha dor. Seu pai, porém, denominou-o Benjamim, isto é, filho da mão direita. Este é um selo da Iniciação dada pelo Pai (a Mão Direita) e pela Mãe (a Dor, o sofrimento físico). Como bem sabem os M.˙.M.˙., este é um sinal da Iniciação dada apenas àqueles que têm o direito de portar dois nomes. Foi o caso do pai de José, Jacob, que recebeu de Deus o nome de Israel. Logo após esta iniciação, em que Jacob recebeu o nome de Israel, Raquel pariu a Benjamim.

José e Benjamim, elos entre o antigo mundo da deusa Mãe e a nova lei do Deus Pai, mostram com profundidade o que Jeová esperava de seus filhos. O último versículo do Livro de Gênesis não deixa dúvidas quanto ao grande filho de Jacob, o grande nazareno. Morreu com 110 anos, com a idade de um patriarca, e foi embalsamado com aromas e sepultado no próprio Egito, como um sacerdote egípcio mas plenamente reconhecido na Grandeza de seu Deus. Após sua morte os ventos mudariam para os hebreus no país do Nilo. Outro faraó menos tolerante e mais invejoso trataria de importuná-los e expulsá-los, quando então aparecerá Moisés.

1700 a 1450 – Em 1700 os palácios de Creta começam a ser reconstruídos, após a destruição por um terremoto. Nesta segunda fase da reconstrução dos palácios de Creta, as culturas Micênica e Minoica convergem, particularmente na tecnologia e comércio. Projetos conjuntos podem ser traçados através dos assentamentos minoicos no Levante, Egito, Rhodes e Chipre.

1600 a 1100 – Período de florescimento de Micenas[90]. Outras grandes cidades do mesmo período eram Pylos, do legendário rei Nestor, e Tiryns. Não é conhecido em que extensão Micenas controlava outros centros da civilização Aqueana. Sabe-se, entretanto, que seu comércio se estendia à Sicília, Egito, Palestina, Troia, Chipre e Macedônia.

1552 – Segundo Blavatsky:

> A biblioteca Astor, de Nova Iorque, foi recentemente enriquecida com o fac-símile de um Tratado Médico Egípcio, escrito no século XVI a.C. (ou, mais precisamente, em 1552 a.C.). (...) O original foi escrito sobre a casca interior do *Cyperus papyrus*, e o professor Schenk, de Leipzig, não apenas o declarou autêntico como também o considerou o mais perfeito jamais visto. Consiste numa simples folha de papiro amarelo-escuro da mais fina qualidade, de 30 cm de largura e mais de 20m de comprimento, que forma um rolo dividido em 110 páginas, todas cuidadosamente numeradas. Foi adquirido no Egito em 1872/73 pelo arqueólogo Ebers, de "um próspero árabe de Luxor". O *Tribune*, de N.Y., comentando o fato diz: O papiro "traz

90 Wikipedia – Mycenae

evidências internas de ser um dos seis *Livros Herméticos sobre Medicina*, mencionados por Clemente de Alexandria." O editor diz ainda: "Ao tempo de Jâmblico, em 363 a.C., os sacerdotes egípcios exibiram 42 livros que atribuíam a Hermes (Tuthi). Destes, segundo aquele autor, 36 continham a história de todo conhecimento humano; os seis restantes tratavam da anatomia, da patologia, das afecções dos olhos, dos instrumentos cirúrgicos e dos medicamentos. O **Papiro de Ebers**[91] é incontestavelmente uma dessas antigas obras herméticas."

(Helena P. Blavatsky, *Isis sem Véu*, vol. 1, São Paulo, 1994, p. 102)

1500 a 1370 – Período situado para o estabelecimento definitivo das tribos arianas vindas das estepes asiáticas, assentando-se do Cáucaso ao Mar de Aral, do Irã Oriental ao vale do Indo.

1500 – Destruição da civilização do Indo pelos ários, segundo os estudiosos modernos, utilizando o ferro. Desta época os estudiosos datam a compilação do mais antigo dos Vedas, o *Rig Veda*. Neste período ocorre, também, o desenvolvimento do alfabeto em Biblos. Enquanto marinheiros mediterrâneos comercializam extensamente no Báltico, embarcações mais aperfeiçoadas permitem ir ao oceano e atingir as ilhas do Pacífico Sul.

1499 – Época do Dilúvio de Deucalião[92], que inundou a Tessália, segundo os mármores de Paros[93]. Foi narrado pela primeira vez pelo poeta grego Píndaro em 500 a.C..

1450 – Com a explosão da ilha de Thera[94], um grande desastre atinge a Creta Minoica, destruindo os palácios de Zakro, Mallia e Phaistos. Knossos sobreviveu, mas grandes mudanças ocorreram pois os governantes da ilha passaram a falar o grego. Os gregos começam a dominar Creta.

1440 – O Êxodo, segundo o 1º Livro dos Reis. Ele diz que o Êxodo ocorreu 480 anos antes da construção do templo por Salomão. Na verdade, deve ter sido no início do século XIII a.C..

1370 – Um grande fogo destrói o palácio de Knossos, em Creta. Desde então Micenas passa a ser, à época, o maior poder na região.

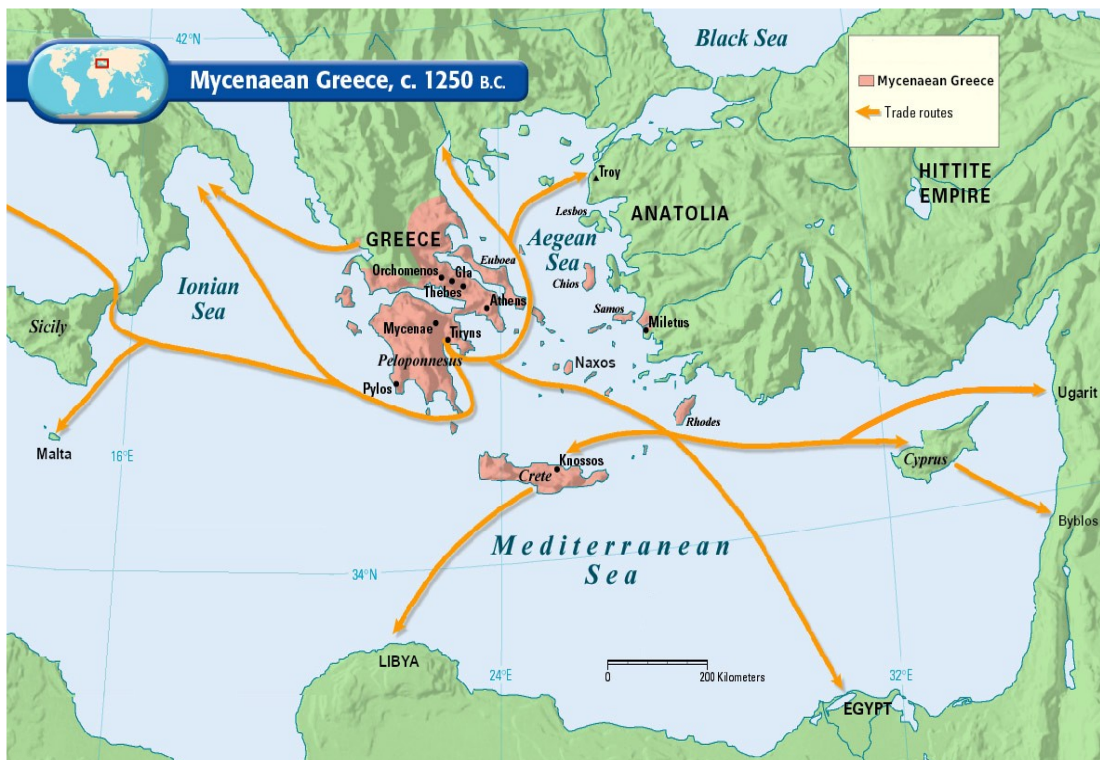


Portão dos Leões (Πύλη των Λεόντων, Lion Gate), em Micenas, erigido cerca de 1250 a.C.

---

91 Wikipedia – Ebers Papyrus
92 Wikipedia – Deucalion deluge
93 Wikipedia – Parian Chronicle
94 Wikipedia – erupção minoana

Figura 8: Rotas Comerciais de Micenas



1300 – Época provável do nascimento de **Moisés**, em algum lugar no delta do Nilo ou nordeste do Egito. Há muita controvérsia quanto à época de seu nascimento e do Êxodo. Os eventos que ocorreram no Egito logo antes do Êxodo podem ser situados no século XIII a.C., quando se comprova a ampla utilização de mão-de-obra para as obras de Ramsés II. A estela de Merneptah, de cerca de 1230 a.C., menciona Israel entre as várias tribos canaanitas, o que coloca o Êxodo no início do século XIII.

O fato é que os semitas, acostumados há séculos com um livre trânsito pela fronteira egípcia, subitamente se viram forçados a se retirarem pelo total esquecimento de um contrato de trabalho informal feito anteriormente com José. Não existe indicação que uma atitude como a de mandar matar crianças – como ocorreu ao nascer Moisés – pudesse ocorrer com Ramsés ou seus sucessores imediatos. Moisés, cujo nome claramente é de origem egípcia como Tutmósis e Amósis, pertencia a um grupo semita que mais tarde seria conhecido por Hebreus. Eram trabalhadores pagos que, provavelmente, estavam no Egito há centenas de anos antes dos faraós decidirem escravizá-los ou expulsá-los. Devem ter descendido das doze tribos de Israel, que deveram sua origem a Abraham, Isaac e Jacob. Diz o Livro do Êxodo que, para diminuir a população hebraica, todos os bebês hebreus deviam ser sacrificados. Ao nascer, Moisés foi colocado por sua mãe numa cesta flutuando Nilo abaixo. Seus irmãos mais velhos, Aarão e Míriam, permaneceram em casa. Foi resgatado por uma filha do faraó, crescendo no palácio. Apenas mais tarde soube que era hebreu.

Num passeio de inspeção entre os hebreus, ele matou um soldado egípcio e foi forçado a fugir do Egito para Midian, na Arábia. Lá encontrou-se com Deus, sob o nome de Yahweh, que significa “aquele que cria”. Deus mandou-o ao Egito para libertar seu povo escravizado. O faraó – sempre segundo o Êxodo – não queria livrar-se de mão-de-obra para as obras gigantescas que estava implementando. Após uma série de milagres e confrontações, os hebreus foram permitidos abandonar a escravidão. As forças de destruição libertas por Deus passaram sobre os hebreus. Este festival é celebrado pelos hebreus como o Festival da Passagem. Os hebreus atravessaram o Mar Vermelho e ficaram 40 anos na península do Sinai e na margem oriental do rio Jordão.

Quando estavam no monte Sinai, Moisés deu aos hebreus os Dez Mandamentos. Com isto fazia um pacto com Deus e seu povo que duraria para sempre. As leis visavam estabelecer uma relação entre Deus e seu povo e entre o povo e os indivíduos. Mas o povo estava tão desgostoso com as provações que desejaram inclusive retornar ao Egito, voltando inclusive à adoração pagã. Deus quis abandoná-los, mas Moisés suplicou a graça. Moisés liderou os israelitas até a margem oriental do Rio Jordão e atravessou-os até a Terra Prometida. Seu último ato oficial foi renovar o pacto com os sobreviventes da árdua jornada de quarenta anos. Subiu então ao topo do Monte Pigash, de onde Deus permitiu que visse a Terra Prometida, a qual não foi-lhe permitido penetrar. Os hebreus nunca mais o viram, nem sua tumba é conhecida. Antes de abandonar o povo, Moisés designou Josué seu sucessor.

1290 a 1224 – Período de Ramsés II. As datas divergem segundo vários autores e com vários faraós.

1270 – Data provável em torno da qual deve ter ocorrido o Êxodo.

1269 – Ramsés II impõe, no Oriente Médio, a “paz egípcia”.

1250 – Começam, na Grécia, as invasões dóricas.

1230 – Época mais provável, segundo as modernas pesquisas, do desaparecimento de Troia, comprovado pelos sinais de destruição que separam os restos da cidade dos assentamentos posteriores. Não se sabe ao certo se foi destruída por um terremoto ou se deveu-se à guerra com os gregos. A única pista é o grande número de projéteis e flechas encontrados na cidade baixa, onde supõe-se ter havido o conflito. Após este fato, a região entrou em plena decadência.

1234 – Segundo Blavatsky:

> Um redator do *National Quarterly Review* (vol. XXXII, nº lxiii, dezembro 1875, p. 134) diz que “As escavações recentes feitas nas ruínas de Cartago trouxeram à luz traços de uma civilização, de um refinamento de arte e de luxo, que deve ter mesmo eclipsado o da Roma antiga; e quando o fiat foi pronunciado, *Delenda est Carthago*, a senhora do mundo sabia muito bem que ela estava prestes a destruir algo maior do que ela, pois, enquanto um império dominava o mundo apenas pela força dos seus braços, o outro era o último e mais perfeito representante de uma raça que havia, séculos antes que Roma sonhasse com isso, controlado a civilização, a cultura e a inteligência da humanidade.” Esta Cartago é aquela que, de acordo com Apiano, estava em pé já em 1234 a.C., 50 anos antes da Guerra de Troia, e não aquela que popularmente se supõe ter sido construída por Dido (Elissa ou Astarte) quatro séculos depois.
>
> (H. P. Blavatsky, *Ísis sem Véu,* vol. II, pp. 202–203)

Blavatsky se refere a Appiano de Alexandria, segundo o qual Cartago foi fundada em torno de 1230 a.C.. A ciência oficial adota a data de 814 a.C..

1230 – Colônia fenícia de Lixus (Marrocos).

1229 – Sallustio, em *Jugurtha*, diz que tirara dos arquivos dos reis da Numídia o seguinte: "*Que os fenícios expulsos de seu país tinham vindo, pouco tempo depois de Hércules, estabelecer colônias sobre as costas da África, onde construíram cidades*." (vide 1200 a.C.)

1224 – Morre Ramsés II. Assume o faraó Merneptah. Seu reinado foi marcado por incursões líbias no Delta Ocidental do Nilo e, na mesma região, pela primeira tentativa de invasão dos Povos do Mar (vide 1194 a.C.).

1214 – Morre o faraó Merneptah. Segue-se um período de vinte anos de disputas internas e caos.

1210 – Fundação de Cádis pelos fenícios: a primeira das duas colônias fora do Mediterrâneo na costa atlântica. Conquistam-se os portos que foram utilizados pelos Povos do Mar. A data não é exata.

1200 – Cultura de Chavin[95], no Peru.

1194 – Começa a reinar o último grande faraó, Ramsés III.

1193 a 1184 – Guerra de Troia. Os Micenos gregos estavam em Troia na mesma época em que os Povos do Mar atacavam as cidades na costa leste do Mediterrâneo. As pesquisas arqueológicas na cidade de Troia de Homero (Troia VIIa) ocorreram à mesma época em que a cerâmica Micênica tinha mudado de estilo (de IIIB para IIIC), em 1190, coincidindo com o mesmo período da destruição de Chipre e dos assentamentos helênicos na península do Peloponeso. Geralmente a destruição na Grécia tem sido atribuída a invasores do norte. Atualmente, chega-se mais próximo da data de 1250 a.C. para a destruição de Troia. A história da guerra relata que Agamemnon era irmão de Menelaus, rei de Esparta, cuja esposa, Helena, foi raptada para Troia por Paris, um príncipe daquela cidade na Ásia Menor. Este evento levou Agamemnon a organizar um exército a partir das cidades-estado gregas numa guerra de vingança. Após uma longa guerra e a eventual destruição de Troia, Agamemnon navegou para casa até sua esposa, Clytemnestra, e sua família. Ao chegar, foi assassinado pela esposa ou por seu amante, Aegisthus.

Segundo Homero, grande número de arcadianos participou da guerra de Troia.

1187 – Grande ataque dos Povos do Mar[96] no Levante, no oitavo ano do reinado de Ramsés III (1186 a.C.), ou no segundo ano de reinado do rei babilônico Meli-Sipak (1187 a.C.). Foi um grande impacto na história da Humanidade. Os Povos do Mar eram uma massa de povos de origem desconhecida que irromperam no Mediterrâneo oriental e Egito. São assim chamados devido à sua origem, mas sua natureza consiste num dos grandes mistérios históricos de todos os tempos. Procedentes de Alashiya (nome de Chipre na Idade do Bronze) e do Mar Egeu, os Povos do Mar invadem o Levante (costa da Síria e Palestina) atacando os hititas do rei Suppiluliuma II. Após seus ataques, é totalmente destruído o Império Hitita, ardendo até o solo sua capital assim como ocorreu com Chipre e a série de cidades arrasadas na costa do Levante.

Alashiya era vassala dos hititas desde os três predecessores imediatos de Suppiluliuma. Foi perdida pelos hititas para os misteriosos conquistadores na única batalha naval da história hitita. A partir daí os Povos do Mar parecem ter usado a ilha como base para invadir o Levante. Os gregos chamavam seus

95 Wikipedia – Cultura Chavin
96 Wikipedia – Sea Peoples

navios de “Pentacontágonos”, i.e., com 50 remos. Mediam 4 a 5 metros de largura e 25 a 30 m de comprimento. Seguiam-nos suas famílias, via terrestre, com carros de boi, utensílios e móveis. Muito pouco é conhecido dos chamados Povos do Mar. São relatados em textos egípcios e ilustrados nas cerâmicas filisteias, cujos estilos são reminescentes aos protótipos egeus. Os filisteus estabeleceram-se ao longo da costa do Levante, fundando cidades como Ashdod, Ashkelon, Ekron, Gath e Gaza. Esta região, conhecida como Philisteia, deu origem à chamada Palestina. Mais ao norte, pouco após o Monte Carmelo, estavam as cidades fenícias, parte da população semítica sírio-palestina que desenvolveu extenso comércio marítimo. Tiro e Sidon eram as cidades em mais próxima relação com Israel.

A invasão dos Povos do Mar foi detida genialmente pelo faraó Ramsés III, numa batalha tida como a primeira batalha naval da história. Suas naus tinham “bico de pássaro”. Um dos contingentes mais importantes foram os Peleset – os filisteus – que criariam permanentes problemas aos hebreus. Sua ligação com a América é inegável, seja por serem chamados “Povo do Mar” (e não se tratava do Mar Mediterrâneo), como pela representação que os egípcios fizeram de sua indumentária, totalmente ameríndia:

Figura 9: Os povos do mar



lexicorient.com – Sea Peoples templo Medinet Habu, Egito

No auge do poder de Micenas, o comércio europeu estava diretamente voltado àquele mercado, e trouxe os correspondentes reflexos nas técnicas e decorações. Com o gradual declínio de Micenas e a ruptura do Império Hitita, ao início do Século XIII a.C., a ordem internacional e econômica ruiu. Uma larga pilhagem então ocorre, por mar e por terra, na costa oriental do Mediterrâneo. A hipótese que as pilhagens foram feitas pelos povos da Europa Central está muito longe de ser convincente. Havia muitos bárbaros mais perto à mão, embora o efeito daqueles europeus do Médio Danúbio deva ter sido muito considerável.

Figura 10: Mundo mediterrâneo nos séculos XIII e XII a.C.



Ian Mladjov's Resources

1180 – Época provável da morte de Moisés, com 120 anos segundo a Biblia. Três anos após morre Aarão. Assume Josué, filho de Nun, com cerca de 60 anos. Com ele começa o assentamento israelita em Canaã. Não foi uma guerra súbita de conquista, mas uma longa luta. Outras áreas permanecem ainda sob controle canaanita.

As colônias fenícias da Numídia e ao longo da costa africana remontam a 1490 anos antes de Cristo, segundo autores antigos. Os cananeus, expulsos por Josué, embarcaram para a Mauritânia, cujas margens são banhadas pelo Mediterrâneo e pelo Oceano. Tingis (Tanger) era um de seus pontos de desembarque. Procópio (*Vandalis*, 2) conta que, no seu tempo, ainda se viam perto desta cidade duas colunas cujas inscrições gravadas atestavam a presença dos povos que o usurpador Josué, filho de Navé (Nun), tinha expulso de seu país. Sallustio, em *Jugurtha*, indica o destino dos expulsos (vide 1229 a.C.).

Em Josué 18:20–28, Josué divide as terras em sete partes entre os filhos de Israel. Josué dirige-se a todos os filhos de Israel em Silo, onde puseram o tabernáculo do testemunho, e diz:

> Esta é a herança dos filhos de Benjamim com os seus limites à roda, e segundo suas famílias. E as suas cidades foram: Jericó e Beth-hagla e o vale de Cassis, Beth-araba e Samarain e Bethel, e Avim, e Afara e Ofera, a cidade de Emona e Ofni e Gabee; doze cidades com suas aldeias. Gabaon e Ramá e Beroth, e Masfe e Cafara e Amosa, e Recém, Gerefel e Tharela, e Sela, Elef e Jebus, que é Jerusalém, Gabaath e Cariath: catorze cidades com suas aldeias. Esta é a possessão dos filhos de Benjamim segundo as suas famílias.

1163 – Morre Ramsés III, o último dos grandes faraós: começa a decadência do Egito.

1150 – Palácios e templos de Micenas são saqueados e abandonados. Até o final do século XII, Micenas cairá por pressão dos povos do norte ou por lutas internas.

Sinais chamados proto-canaanitas são encontrados ordenados alfabeticamente, muito ligados ao alfabeto linear proto-canaanita.

1150 a 1050 – Os hebreus adotam o alfabeto, escrito originariamente em papiros.

Tabela 2: Alfabetos Semitas

1	8
A	א
B	ב
G	ג
D	ד
H	ה
V	ו
Z	ז
KH	ח
TH	ט
Y	י
C	כך
L	ל
M	מם
N	נן
S	ס
'E	ע
P	פף
TS	צץ
K	ק
R	ר
SH	ש
T	ת

colunas:
1 – som
2 – moabita, 800 a.C.
3 – hebreu, 700 a.C.
4 – fenício, 200 a.C.
5 – hebreu, 100 d.C.
6 – samaritano, 500 d.C.
7 – palmireno, 200 d.C.
8 – hebreu moderno (quadrado)
9 – grego arcaico
(*Quarterly statement – Palestine Exploration Fund*, London, 1893, p. 80)

1150 – Provável data da morte de Josué, com 110 anos, segundo a Bíblia. Morre também Eleazar, filho de Aarão, primo de Josué. Depois disso, reunidos os filhos de Israel, o Senhor escolheu Judá para chefiar o povo, como se antevira nas bênçãos relatadas por Moisés. Começa o livro dos Juízes, e após as conquistas de Judá nota-se mais claramente o papel dos benjamitas. Não eram guerreiros por conquista, mas se fosse necessário eram os mais valentes. Cabendo-lhes Jerusalém, não a conquistaram à força, como as outras tribos. Vejamos:

> Mas os filhos de Benjamim não destruíram aos jebuseus, que moravam em Jerusalém; e os jebuseus habitaram em Jerusalém, com os filhos de Benjamim, até o dia de hoje. (Juízes 1:21)

Mas o povo constantemente caía na idolatria, e necessitava de líderes que os guiassem. O Senhor lhes colocou Juízes que lhes mostrassem o caminho. Já se nota, nesta altura, a falta de ambiente para o entendimento profundo das relações do Pai e da Mãe, de Jeová e Astarte/Ishtar/Diana, levando seus seguidores a constantes choques e profundos desentendimentos. Os hebreus foram, talvez, os primeiros a expressarem em larga escala a inflexibilidade monoteísta, através da imposição de Jeová. Todavia, a maior parte das vezes em que Deus apareceu aos profetas e patriarcas tal radicalismo não parecia ser uma exigência divina. Deus determinara, isto sim, que a Ele fossem erguidos templos, enquanto as atitudes dos iluminados muitas vezes foi acompanhada da destruição dos outros cultos. Grande parte desta distorção deve-se, é claro, a interpretações e adulterações de versões dos textos sagrados. Não é à toa que os essênios surgiram para resgatar um judaísmo que, segundo eles, se havia perdido. Afinal, entre o povo hebreu os limites entre a antiga e a nova Lei não estavam muito claros.

Um dos exemplos dessa contradição está na determinação de Deus a Jacob para que Lhe construísse um templo (Gênesis 35:1), e na atitude do patriarca nos versículos seguintes, ordenando a destruição dos outros deuses e o temor por Deus. O resultado de atitudes como essas foram movimentos radicais mesmo internamente, dentro das próprias doze tribos, estendendo-se séculos mais tarde nas relações com o mundo árabe. Após a disputa e o arrependimento com José, a luta interna entre os seguidores da Mãe Ishtar e os devotos do Pai Jeová foi descrita em Juízes XIX, com os habitantes de Gábaa.

Nesta cidade habitavam os adoradores de Ishtar, que não quiseram dar morada a um viajante cansado com sua mulher. Quando um velhinho os acolheu, bateram à sua porta bandidos que queriam molestá-lo. O velho foi até a porta, pediu clemência ao homem e, em troca, ofereceu sua filha donzela e a mulher do hóspede para satisfazê-los. Eles levaram a hóspede e devolveram-na pela manhã, morta. Pelo relato, nota-se nitidamente a frieza com que a mulher foi entregue (aliás ambas, apesar de só se falar da hóspede), mostrando assim a consideração nula que tinham os homens com a representante da Beleza e da Fertilidade. Isto refletiu-se na sociedade judaica no futuro, excluindo-a totalmente de qualquer aspiração aos Mistérios no Templo ou mesmo na sociedade profana. Entretanto, foram colocadas lá no Templo de Salomão duas colunas em pé de igualdade: uma da Força e outra da Beleza. Mas voltemos ao relato dos Juízes.

O levita que viajava, ao ver sua mulher morta (mas aparentemente com nenhum sentimento além do ultraje) dividiu seu corpo em 12 pedaços, entregando-os a cada uma das doze tribos, para que tomassem providência quanto aos agressores, que eram da região de Benjamim. Só que, fazendo isto, agiu tal qual Deus falou dos próprios benjamitas: repartiu os despojos, após o ataque do lobo arrebatador. O **lobo**, assim como o **touro**, representa a Natureza, a Mãe. Isto mostra que ele próprio foi conivente. A ação Venusina negativa dos benjamitas foi corroborada pelo Marciano levita (pois a tribo de Levi é que originou Moisés, filho de Marte), quando este entregou a presa ao *lobo arrebatador*. E após ter sido arrancado o fruto principal da mulher pelos benjamitas de Gábaa, *partilhou os despojos* da mulher entre os filhos de Israel.

Também é importante lembrar que, antes de mais nada, o levita tinha ido buscar sua mulher em Belém, pois esta o deixara para ir voltar a morar com seu pai. Este fato já mostra que ele não era em nada um bom marido, uma vez que sua mulher tivera uma atitude rebelde pouco comum para a época. E o noivo, lá chegando, insistira em sair por três vezes quando seu sogro rogava-lhe que pernoitasse mais um pouco. Ou seja, foi sua a responsabilidade pelo deslocamento. Além disso, seu criado sugerira-lhe que dormisse em Jerusalém, mas o levita se recusou pois não eram da tribo de Israel. Quis parar em Gábaa, quando ocorreu o que foi relatado.

Quando deste desastre, os aliados fizeram uma maldição. Juízes 21:1–3 diz:

> Juraram também os filhos de Israel em Masfa e disseram: "Nenhum de nós dará sua filha por mulher aos filhos de Benjamim." E vieram todos à casa de Deus em Silo, e assentados na sua presença até a tarde, levantaram a voz e começaram a chorar com grande pranto, dizendo: "Senhor Deus de Israel, por que aconteceu ao teu povo esta desgraça, o ser hoje cortada uma das tribos?"

Logo depois o lamento é repetido:

> E os filhos de Israel, tocados de pesar pelo que tinha acontecido a seu irmão Benjamim, começaram a dizer: "Foi cortada de Israel uma tribo, de onde hão de tomar mulheres? Por que nós juramos todos que lhes não daríamos nossas filhas?"

Confrontados com a possibilidade de extinção de uma tribo inteira, os mais velhos rapidamente arrumaram uma solução. Em Shiloh, em Bethel, haveria em breve um festival. E as mulheres de Shiloh, cujos homens haviam permanecido neutros na guerra, seriam consideradas justas. Os benjamitas sobreviventes foram instruídos a partir para Shiloh e esconder-se nas vinhas para raptar as mulheres.

Os *Dossiers Secrets*, de Henri Lobineau (uma compilação publicada em privado e depositada na Biblioteca Nacional de França sob o número 4º lm1 249)[97], insistem muito nesta passagem. A quase extinção da tribo de Benjamim – só sobraram 600 homens – faz supor que estes tenham seguido para o oeste, em direção a Tiro, de onde podem ter começado a migração semítica para o Ocidente. Este é o início da saga dos hebreus pelo mundo, antes mesmo da união de Israel sob seu primeiro rei, Saul (aliás um Benjamita!). Na verdade, as trocas comerciais eram muito ativas já há muito tempo entre as civilizações do Mar Egeu, os egípcios e os fenícios. Há indicações, inclusive, de que a tribo hebraica de Dan fizesse parte das incursões dos chamados Povos do Mar no Levante. Ora, a tribo de Dan dividia com a de Benjamim a faixa de oeste a leste entre o Mediterrâneo e o Mar Morto, estando mais próxima do Mediterrâneo. De qualquer forma, qualquer que tenha sido a recuperação dos benjamitas, os *Dossiers Secrets* de Henri Lobineau afirmam que a guerra com os seguidores de Belial foi um ponto crucial da questão. Ao que parece muitos benjamitas – senão a maioria deles – partiram para o exílio. Nos *Dossiers Secrets* existe uma nota muito destacada em letras maiúsculas, que parece completar um pouco mais este enigma:

97 Wikipedia – Dossiers Secrets documento considerado forja. Mais informações aqui.

UM DIA OS FILHOS DE BENJAMIM DEIXARAM SEU PAÍS. ALGUNS PERMANECERAM. DOIS MIL ANOS MAIS TARDE GODFROI VI, DE BOUILLON, TORNOU-SE REI DE JERUSALÉM E FUNDOU A ORDEM DO SION – Desta lenda maravilhosa que orna a história, assim como a arquitetura de um templo no cume se perde na imensidão do espaço e dos tempos, com o qual POUSSIN quis exprimir o mistério nos seus dois quadros, os "Pastores de Arcádia", se descobriu sem dúvida o segredo do tesouro diante do qual os descendentes camponeses e pastores do soberbo sicambro[98] meditam sobre "et in Arcadia ego", ✡, e o rei Midas. Antes de 1200 da nossa era, um fato importante é a chegada dos hebreus na terra prometida e sua lenta instalação em Canaan. Na Bíblia, em Deuteronômio 33:12, é dito sobre BENJAMIM: "Este é o bem amado do Eterno. Ele habitará em segurança junto a ele, e residirá entre suas espátulas". É dito também em Josué 18 que o destino dará por herança aos filhos de BENJAMIM, entre as 14 cidades e suas aldeias: JEBUS, de nossos dias JERUSALÉM, com seus três pontos de um triângulo: GOLGOTHA, SION e BETHANIE. E enfim está escrito, em Juízes 21: "Nenhum de nós dará sua filha por mulher a um Benjamita... Ah! Senhor Deus de Israel, por que sucedeu isto, que falte uma tribo em Israel?" Ao grande enigma de Arcádia VIRGÍLIO, que estava nos segredos dos deuses, levanta o véu nas Bucólicas X-46/50[99]: "Tu procul a patria (nec sit mihi credere) tantum. Alpinas, ah dura, nives et frigora Rheni me sine sola vides. Ah te ne frigora laedant! Ah tibi ne teneras glacies secet aspera plantas!"



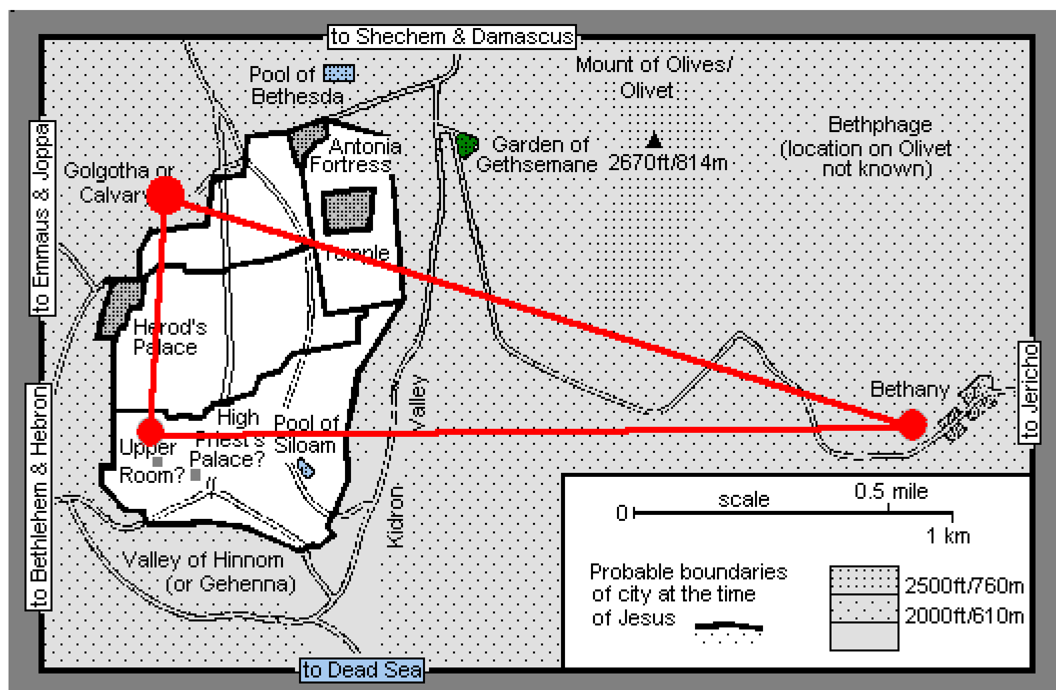
SEIS PORTAS ou selos da Estrela, eis os segredos dos pergaminhos do abade SAUNIÈRE, Curador de Rennes-le-Château, e que antes dele o grande iniciado POUSSIN conhecia. Desde que ele realizara sua obra a mando do PAPA, a inscrição sobre a tumba é a mesma.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1993, p. 392)

Colocadas estas localizações no mapa de Jerusalém e redondezas, temos Bethanie ou Betânia à esquerda (sempre da figura, não do leitor!), no lado do Oriente ou de onde vem a Luz, no lugar da boca, que representa a Sabedoria, a Palavra Sagrada, o Verbo; o Golgotha na altura do olho esquerdo da figura, o olho material, ao norte; e no olho direito está Sião (Sion ou Zion), a região ao sul de Jerusalém:

98 Wikipedia – Sicambri povo germânico do lado leste do rio Reno
99 Versos 46 a 49 do poema de Virgílio

Figura 11: Jerusalém e o triângulo benjamita
Gólgota – Sião – Betânia



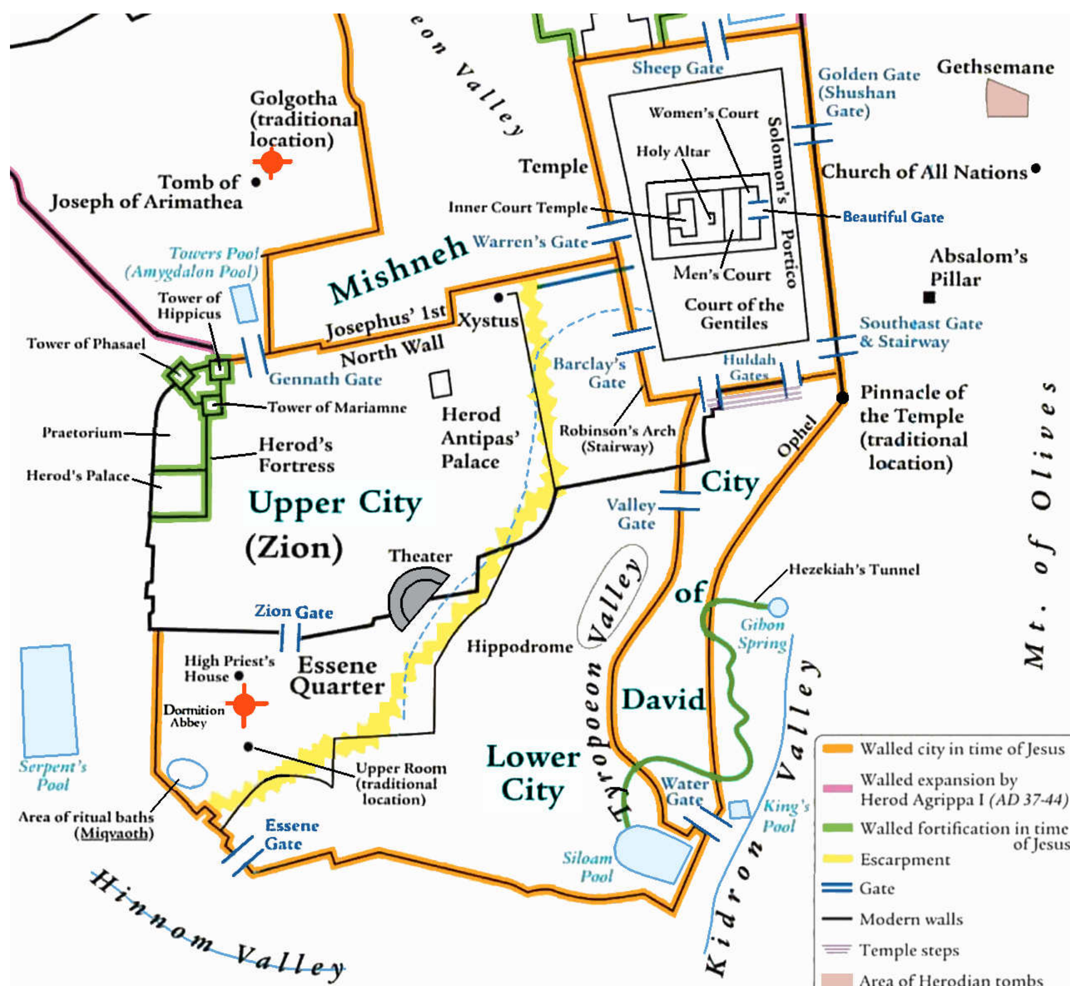
An outline of the story of Jesus using maps

Se analisarmos mais detalhadamente os mapas de Jerusalém e redondezas, localizaremos os pontos anteriores. Nos antigos mapas da cidade destacava-se o ***Portão Zion*** efetivamente colocado ao sul, de frente para o ***Monte Zion***[100] (773 m de altura), na porção sul de Jerusalém, na altura do *olho direito* ou *Espiritual* da caveira. Uma antiga denominação à época de Jesus dava a este portão o nome de ***Portão dos Essênios***, a mais profunda seita hebraica à época de Jesus.

No mapa seguinte vemos os dois pontos vermelhos indicando o GOLGOTHA e SION, respectivamente os olhos esquerdo e direito da caveira. Note-se que, entre o *Monte Zion* e o *Portão Zion*, estão a *Sala da Última Ceia* [Upper Room] e a *Tumba de Davi*[101], suposto ancestral de Jesus, assim como a abadia da *Dormição*[102]:

100 Wikipedia – Mount Zion, Bible Places – Mt Zion
101 A (falsa) tumba de Davi está no 1º andar e a sala da Última Ceia está no 2º andar.
102 Wikipedia – Abbey of Dormition. A abadia está no cume do monte Sião.

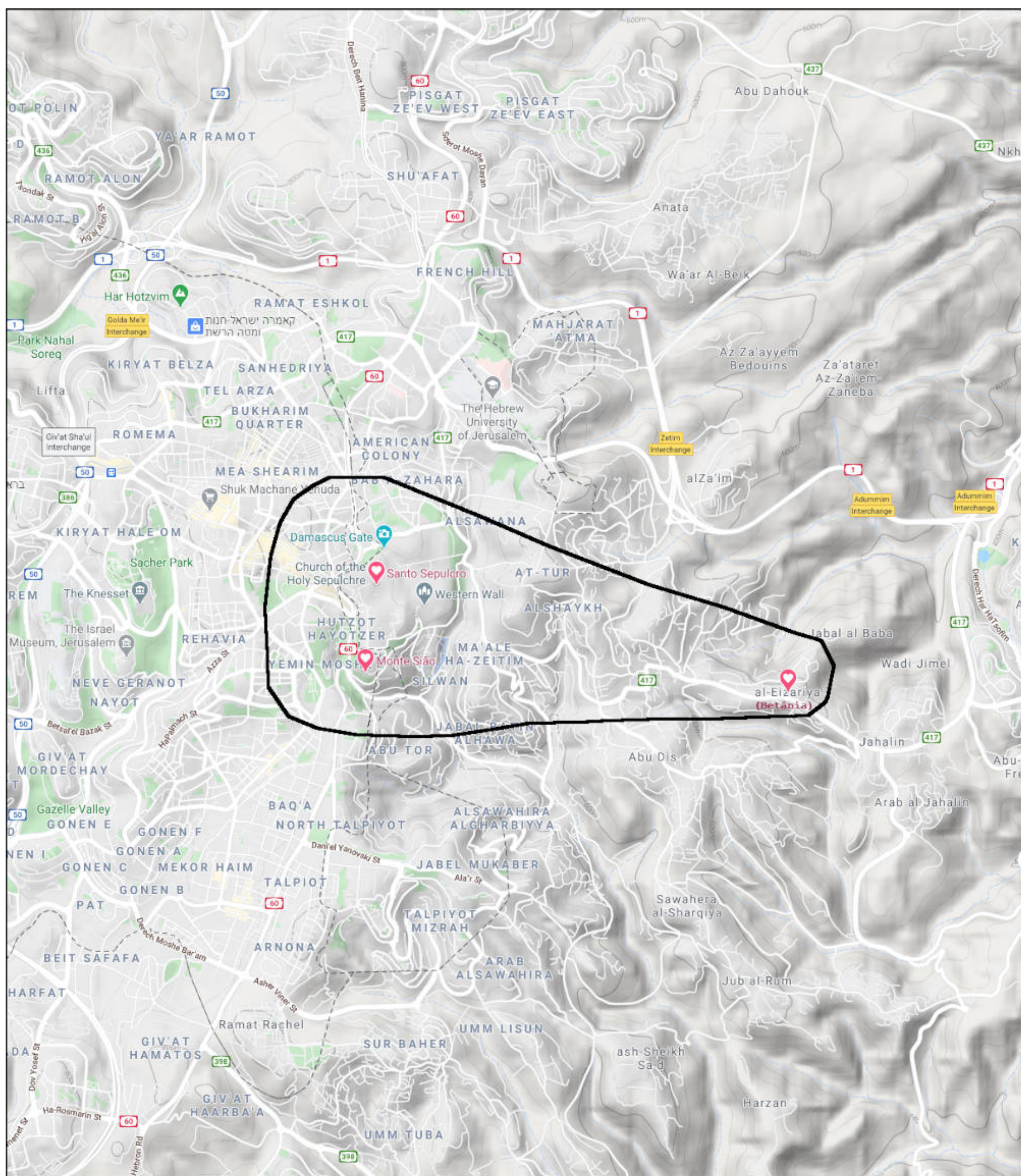
Figura 12: Gólgota e Sião



Bible maps

Bethanie não aparece, pois está um pouco mais afastada, a leste. No mapa seguinte podemos ver os três pontos citados nos Documentos do Monastério:

Figura 13: Jerusalém e redondezas e
o triângulo dos Dossiers



Google maps

Nesta altura já podemos compreender com mais profundidade a origem do Salmo primordial dos atuais seguidores dos templários e do Monastério de Sion. Eles evocavam o 133º Salmo, pois este representa os três pontos da morte iniciática referidos na alegórica idade de 33 anos do Cristo: Bethanie-Sion-Golgotha, nesta ordem dos acontecimentos, pois Jesus veio de Bethanie, foi para **Sion** onde realizou a última ceia e de lá tudo terminou no Golgotha.

Os *Documentos do Monastério* citam esta mesma ordem só que inversa. O *precioso óleo* que ungiu Davi também ungiu Jesus, como reis sagrados de direito pelo Alto, tal como seus continuadores merovíngios. Sua realeza não foi usurpada, como instituiu a Igreja a partir dos reis Carolíngios. E Bethanie – representando sempre a Augusta Mãe Natureza – foi o instrumento indispensável para tal sagração. A presença inalienável da ***Mãe*** para o ***Coroamento do Pai*** só foi negada pela Igreja, apesar de ela própria se atribuir o sexo feminino de ***A*** Igreja, vestindo seus sacerdotes com os ***vestidos Mater***iais ***Pretos*** e ungindo reis. Eis o precioso Salmo entoado por aqueles cristãos esotéricos:

> Oh quão bom e quão suave é que os Irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce pela barba, a barba de Aarão, e que desce a orla de seus vestidos. É como o orvalho de Hermon, que desce sobre os **Montes de Sion**, pois ali o Senhor ordena a bênção e a vida, para sempre.

Este, o 133º dos 150 Salmos do Rei Davi, o qual foi cantado para a glória do povo eleito de Jeová, foi entoado pela primeira vez em torno de 980 a.C.. Jesus, como continuador de sua linhagem, será o centro de toda a epopeia que se manifestará nos ciclos de 700 anos da Espiritualidade hebraico-cristã. Foi assim que, 2x700 ou 1400 anos após Davi, teremos a continuação de sua saga cantada pelos bardos cristianizados da corte de Arthur; e 3x700 ou 2100 anos depois de Davi, pelos trovadores da região de Provence, época em que começaram a ser narrados os romances do Graal e dos cavaleiros da corte arturiana, com Chrétien de Troyes, Wolfram von Eschenbach, o anônimo autor do Perlesvaus e tantos outros. E 4x700 ou 2800 anos após sua composição por Davi, os continuadores da saga templária, ligados ao Rito Escocês, entoarão estes mesmos versos graças à intervenção de iniciados como o próprio mestre Saint-Germain.

As tribos de Benjamim, de Dan e a fuga para Arcádia

A região dos Benjamitas era exatamente esta região onde se situa Jerusalém, numa faixa que une o Mar Morto ao Mediterrâneo. Na verdade, no início a faixa mais próxima do Mar pertencia à tribo de Dan. Pode-se, então, melhor compreender as lendas posteriores de que imigrantes de Dan, que iniciaram o culto à deusa Diana, tenham emigrado para a Europa nos primórdios da civilização grega. Os Benjamitas seguiram naturalmente este caminho, dadas as facilidades de trânsito comercial para aquela região.

Neste período deve ter ocorrido a migração dos Benjamitas para Arcádia, na Grécia, ou para Troia, que estava nas mãos dos gregos de Micenas. Arcádia estava exatamente no centro do reino de Micenas. Em sua “*História da Guerra do Peloponeso*”, Thucydides descreve sob uma interessante visão a civilização grega arcaica.

Figura 14: Os benjamitas e as tribos vizinhas



Mapa das 12 tribos

No primeiro capítulo de sua obra, Thucydides descreve os primórdios do estado grego, dando-nos uma ideia do que era a chamada região de Arcádia e sua posição especial em relação às outras províncias. Nota-se que, a exemplo da maioria das regiões da Grécia, sua condição climática e o solo eram magníficos, fazendo de Arcádia um alvo potencial – como de resto as outras regiões – da cobiça e do ataque de outros povos. Este ambiente impedia estas regiões de terem sua população radicada, pois a todo momento estavam sujeitas a uma invasão. Entretanto, de todas as regiões climaticamente favorecidas, apenas Arcádia não estava sujeita ao que Thucydides definiu de formação de “facções”, que dilaceravam o estado em favor do individualismo egoísta. Ora, por que Arcádia era a exceção? A Attica não era cobiçada pois

seu solo era pobre. Daí o seu desenvolvimento mais calmo e seguro, longe da cobiça dos outros povos. Mas Arcádia, o que tinha? É provável que fosse a forte influência da religião e hábitos fortemente cosmopolitas dos hebreus que lá emigraram com a expulsão dos hebreus Benjamitas e com a migração do povo de Dan. Como de resto aconteceu em todos os lugares para onde emigrou o povo hebraico, eles adaptaram-se às mais variadas condições, graças à sua união como povo e à sua versatilidade para absorver novas culturas, ao mesmo tempo em que aceleravam o desenvolvimento das regiões. O fato é que Thucydides não explica por que Arcádia é esta exceção. Algo em seu povo fazia-os manter uma união como estado maior que as outras regiões da Grécia, de condições geográficas semelhantes. Talvez tenha sido a mesma coisa que mantém, há 4000 anos, unido o povo de Israel em torno de uma mesma cultura, algo que seus primos, companheiros e contemporâneos – os fenícios – também souberam representar: a harmonia através da cultura e do comércio livres, fatores comuns a toda civilização estável. Mas vamos a Thucydides no primeiro capítulo de sua obra:

> ... é evidente que o país agora chamado Hellas não tinha, nos tempos antigos, população estável; ao contrário, migrações eram de ocorrência frequente, as muitas tribos prontamente abandonando suas casas sob a pressão de força maior. Sem comércio, sem liberdade de comunicação seja por terra ou mar, cultivando não mais de seu território que as exigências da vida requeriam, destituídos de capital, nunca plantando sua terra (pois eles não podiam dizer quando um invasor viria e levaria tudo, e quando eles viessem não teriam muros para barrá-los), pensando que as necessidades de sustento do dia-a-dia poderiam ser supridas em um lugar tanto quanto noutro, eles se preocupavam pouco em mudar de residência e, consequentemente, nem construíram grandes cidades nem atingiram qualquer outra forma de grandeza. Os solos mais ricos eram sempre os mais sujeitos a essas mudanças de senhores, tal como na Tessália, na Beócia, na maior parte do Peloponeso – excetuando-se Arcádia – e as partes mais férteis do resto de Hellas. A benevolência da terra favoreceu o engrandecimento de cada um individualmente, criando, assim, facções que revelaram-se uma fértil fonte de ruína. Por conseguinte a Attica, da pobreza de seu solo desfrutou desde um período remoto a liberdade das facções, nunca mudando seus habitantes. E aqui está uma exemplificação não dispensável de minha afirmação de que as migrações eram a causa de não existir o correspondente crescimento em outras partes. As mais poderosas vítimas da guerra ou facções do restante da Hellas refugiavam-se com os Atenienses como um seguro retiro; e num período muito antigo, tornando-se naturalizados, inchavam a grande população da cidade a uma tal altura que a Attica tornou-se muito pequena para mantê-los, e eles tiveram que ser enviados para colônias da Ionia.
> (Thucydides, *The Peloponnesian War*, Book 1, 1.2, Enc. Britannica, 1952, p. 349)

1100 – A Grécia é invadida por tribos bárbaras vindas do norte. Os Dóricos, e mais tarde os Ionios, ocupam as áreas onde floresceram as culturas Minoico-Micênica. A Grécia nunca mais seria tão rica e poderosa novamente até a Idade de Ouro de Atenas, sob Péricles no século V a.C.. Ao que tudo indica, esta época coincide com a vinda da leva de hebreus benjamitas, relatada anteriormente.

Figura 15: A Grécia clássica, a Arcádia ...



[Regiões da Grécia antiga]

Figura 16: e o comércio de Micenas

Troia
GRECIA
MAR EGEO
marmi - argento
ASIA MINORE
MAR IONIO
Tebe
Smirne
vasi
Efeso
SICILIA
Micene
Atene
Mileto
Argo
Isole Ciclad
Alicarnasso
vasi
stoffe - vasi
stoffe vasi
rame
Mallià
Cnosso
stagno - piombo dalla Spagna
CRETA
Festo
CIPRO
vasi - olio - stoffe
Fenicia
avorio - oro - rame - pietre
vino - olio
MAR MEDITERRANEO
Palestina
EGITTO
Esportazioni
Importazioni

[Rotas comercias cretenses]

Nesta época situam-se notícias de historiadores clássicos dando conta da existência de Gades (a moderna Cádis, na costa espanhola atlântica logo após as Colunas de Hércules), Utica e Linux (na África do norte, sendo esta última na costa marroquina logo após as Colunas de Hércules). Estas notícias não são confirmadas pela moderna arqueologia. Os assentamentos fenícios mais antigos comprovados datam do século IX, no máximo.

1057 – Registro mais antigo da aparição de um cometa, na obra chinesa *Livro do Príncipe Huai Nan*. Trata-se do cometa Halley.

1050 – A partir do século XI a.C. discerne-se a influência fenícia em Chipre.

Época provável do nascimento de Sansão, da tribo de Dan, após "os filhos de Israel fazerem mal na presença do Senhor". Foi quando o povo ficou nas mãos dos filisteus por 40 anos.

1029 – Nascimento de Davi.

1020 – **O Benjamita Saul e o Reino de Israel**

Data aproximada do surgimento do Reino de Israel como tal, através de Saul. Saul pertencia à pequena tribo de Benjamim, que foi eclipsada pela vizinha tribo de Efraim, da qual talvez fosse um sub-braço. Ambas as tribos estavam colocadas nas montanhas ao norte de Jerusalém, próximas de outros elementos da população como os Hivitas e os Architas. Jerusalém não era ainda uma cidade proeminente, e os habitantes da montanha estavam sujeitos a ataques de todos os lados. Foi então que emergiu Saul da cena como um herói militar local. Ele liderou os Benjamitas e Efraimitas na sua resistência contra os inimigos vizinhos, especialmente os filisteus. Foi proclamado rei pelos seus compatriotas, logo após suas vitórias. Saul passou o restante de seu reinado – de duração desconhecida – fortalecendo o que passou a ser o início do reino de Israel. Morreu em batalha, junto com seu filho Jônatas, nas encostas do Monte Gilboa. A dominação do reino era uma questão de disponibilidade de pessoal para o domínio. Sua autoridade sobre os limites de seu território, portanto, variou com o passar do tempo e das campanhas. Jerusalém, por exemplo, nunca foi incorporada de fato aos seus domínios.

1010 – **Davi**

Em torno desta data Davi assume o trono de Israel. Com a morte de Saul e Jônatas, assumiu naturalmente seu filho Ishbosheth, aparentemente sem oposição mas também sem apoio entusiástico. Era um rei fraco, que tentava governar da segurança de uma cidade transjordaniana, Mahanaim. Davi, neste tempo, talvez ainda visto pelos filisteus como um vassalo agindo em seu proveito, ocupou Hebron com seus soldados e lá foi coroado rei pelos anciãos da tribo de Judah.

Três incidentes posteriores ilustram a rápida expansão de Davi. O primeiro, uma escaramuça entre os soldados de Davi e Ishbosheth, que começou em Gibeon e terminou com a vitória dos homens de Davi. A cidade fica a noroeste de Jerusalém, e nas fronteiras do território Benjamita. Ao que parece, Davi teria sido o agressor, penetrando no território de Ishbosheth. O segundo episódio foi a conquista de Jerusalém por Davi. Na época estava na mão dos jebusitas, um dos grupos que vivia nas montanhas junto aos israelitas, hivitas, judeus e outros. A cidade não era muito importante então, e era muito menor do que passou a ser no futuro. A Jerusalém conquistada por Davi estava provavelmente restrita a Ophel, o pequeno monte imediatamente ao sul do que é conhecido hoje como "monte do templo" ou Haram-esh-Sharif. Para os

propósitos de Davi, a cidade era a capital ideal, e sem dúvida começou a se expandir a partir de sua conquista. Além de oferecer uma posição defensável com uma boa nascente de água, Jerusalém representava um território neutro entre os israelitas e os judeus. E mais tarde, quando o reino de Davi se expandiu além das montanhas do país para as terras baixas da Transjordânia, a posição central de Jerusalém continuou lhe servindo muito bem.

Naturalmente Davi assumiu a posição de rei e protetor dos israelitas e judeus. Sua posição de vassalagem aos filisteus, então, evoluiu para torná-los inimigos. Inicialmente começou com o ataque dos filisteus aos agricultores das montanhas, os quais precisavam de proteção. Então, "quando os filisteus ouviram que Davi tinha se tornado rei de Israel, todos os filisteus foram à caça de Davi" (2 Samuel 5:17). Nos versos seguintes são descritos dois ataques dos filisteus, os quais Davi bateu.

O reinado de Davi geralmente é entendido como uma continuação do reino israelita de Saul. Na verdade Davi mesmo deve ter enfatizado intencionalmente esta continuidade – trazendo a Arca da Aliança, por exemplo, e usando o nome "Israel" para seu reino. Parece, dos relatos detalhados bíblicos, que os *israelitas* e os *judeus* eram distintos grupos, nenhum dos quais tendo maior ligação com Jerusalém. Quando Davi se estabeleceu em Jerusalém esta ficou sendo o centro administrativo, militar e de culto, que eventualmente se estendeu bem adiante das fronteiras dos assentamentos judeus e israelitas, e dependendo fortemente de mercenários estrangeiros (incluindo filisteus) para sua segurança interna e externa. Em outras palavras, enquanto os israelitas e judeus eram importantes constituintes do reino de Davi, sob seu reinado existia essencialmente uma monarquia baseada em Jerusalém com uma constituição muito mais pluralista que a Israel de Saul.

Não surpreende, pois, que Davi tivesse que abafar duas rebeliões após assumir em Jerusalém. Uma por seu próprio filho, Absalom, aparentemente o príncipe; e a outra por Sheba, o Benjamita. Apoiado por ressentimentos populares e tendo suporte de israelitas e judeus, Absalom coroou-se rei em Hebron e marchou sobre Jerusalém. Davi abandona a cidade acompanhado por seus seguidores e marcha até Mahanaim, na Transjordânia (a mesma cidade da qual Ishbosheth tentará governar). Absalom então governa em Jerusalém por algum tempo, e se tivesse rapidamente seguido no encalço de Davi o curso da história poderia ter sido muito diferente. Em vez disso esperou até que perdesse sua vantagem tática, e quando saiu na perseguição foi morto na batalha. 2 Samuel 18:9–15 descreve como Joab executou Absalom, quando os **longos cabelos** pelos quais ele era famoso emaranharam-se nos ~~braços~~ ramos de uma árvore[103].

A segunda rebelião foi iniciada por Sheba, um benjamita, e parece que teve menos respaldo. Foi rapidamente abafada e Sheba decapitado, após fugir para Abel-beth-Maacah. Uma vez que Sheba era da mesma tribo que Saul, e seu chamado fora feito diretamente aos israelitas para se rebelarem contra o domínio de Davi, deve-se considerar a possibilidade de que tentara reviver o reino de Saul e colocar um de seus descendentes no trono. Após este incidente Davi manda executar os descendentes de Saul (2 Samuel 21:1–14), numa tentativa de prevenir futuras revoltas semelhantes para reviver a dinastia de Saul. Somente Mephibosheth, um filho aleijado de Jônatas, foi poupado. Aparentemente foi confinado à corte real de Jerusalém.

103 O versículo 9 não fala dos cabelos. Ver os comentários em Biblehub.

O Trono de Davi era Legítimo?

Estes fatos devem suscitar muitas questões a respeito da legitimidade de Davi no trono de Israel. O massacre da dinastia de Saul e seus descendentes de cabelos longos, com o fim dos líderes benjamitas, relembra a tragédia bíblica da destruição da tribo de Benjamim pelas outras onze tribos e prenuncia o que a Igreja fará com o último dos monarcas de cabelos longos a reinar – Dagobert II – em 679 d.C.. Ora, esta ligação parece salientar-se de maneira inquietante quando consideramos que o dia consagrado a Benjamim é o mesmo dia de São Dagobert: 23 de dezembro, data do assassinato de Dagobert II. De fato, segundo os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, os *Dossiers Secrets* dos Documentos do Monastério enfatizam a saga da tribo benjamita de maneira muito especial em três citações.

A primeira é uma passagem de Deuteronômio 33:12, quando Moisés diz de Benjamim: "*O muito amado do Senhor habitará nele confiadamente: morará como em tálamo nupcial todo o dia, e descansará entre seus braços*." Em outras palavras, Benjamim e seus descendentes eram escolhidos para uma bênção muito especial e exaltada. Talvez a promessa de "guiar entre os braços" tenha a ver com o lendário sinal congênito merovíngio, a **cruz vermelha entre os ombros**. Como veremos, o **rei Arthur** também apresentará indicações deste sinal, quando, nos *Anais de Cambrie*[104], redigidos após 956 d.C., descreve-se uma batalha que ocorreu em 516 d.C.:

> *516. A Batalha de Badon, na qual Arthur carregou a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo por três dias e três noites em seus ombros e os bretões foram vitoriosos*.

Entre os clãs que constituíam a tribo de Benjamim está o clã Ahiram, uma inquietante coincidência com a casa de Hiram, o Grande, o rei fenício que trabalhou junto a Salomão na construção do Templo.

1000 – Os primeiros fenícios em Rhodes. Os fenícios alcançam Gibraltar e fundam várias cidades, entre elas Gades [Cádis]. A rena é domesticada no norte da Europa.

Segundo os arqueólogos, os ários iniciam a conquista do Vale do Ganges.

1000 a 700 – Período de colonização fenícia no Ocidente, na direção de Cartago, Malta, Sardenha e Espanha. Sua linguagem e escrita foi com eles. Restaram apenas algumas inscrições em pedra, não muito representativas, de sua literatura em geral. Vários documentos em pedra encontrados no Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, atestam a expansão fenícia para o Ocidente.[105]

No Brasil há registros como os feitos numa *Memória*, do ano de 1753. Seu autor dá notícia de uma cidade abandonada no interior da Bahia, na qual constatou a existência de um palácio, inscrições, templo, colunas, aquedutos, ruas, arcos, etc.. As inscrições seguintes foram encontradas na cidade abandonada no interior da Bahia, de que trata o manuscrito existente na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro:[106]

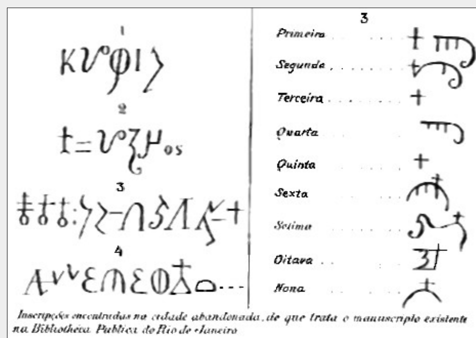
---

104 Wikipedia – Annales Cambriae – fonte para a lenda Arthuriana.

105 A maioria destas inscrições foram consideradas fraudes ou erosões naturais (como a pedra da Gávea).

106 Wikipedia – Manuscrito 512. Este documento é considerado forja (ver artigo de Johnni Langer, A cidade perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império, Revista Brasil. História (22) 43, 2002).

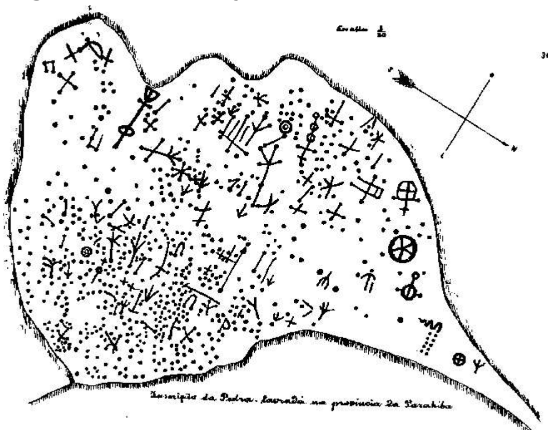
Figura 17: Inscrições fenícias na Bahia



Em Dighton, na distância de 30 a 50 milhas ao sul de Boston, existia gravada em um penedo, sobre a margem oriental do rio Taunton, uma inscrição que em 13 de setembro de 1768 foi copiada por Stephen Sewall e Thomas Danforth, com assistência de William Baylies e David Cobb, a qual, combinada com outras inscrições, importava no autorizado conceito de Court de Gebelin: um monumento fenício.[107] Outras três inscrições púnicas se acharam em Boston, publicando-se na França em 1781; e não há muito (próximo de 1900, época em que foi escrito o livro), na Vila Dolores, em Montevidéu, um fazendeiro descobriu uma lápide sepulcral com caracteres desconhecidos, cobrindo uma sepultura de tijolos onde se achavam espadas antigas, um capacete, danificados pela ferrugem, e uma jarra de barro de grande dimensão. Todos esses objetos foram apresentados ao douto padre Martinez, o qual obteve ler na lápide, em caracteres gregos: "*Alexandre, filho de Philippe, era rei da Macedônia na Olimpíada 63: nestes lugares Ptolomeo*..." Faltava o resto.[108] (C. Costa, *As Duas Américas*, p. 48)

Já as inscrições seguintes são as constantes da pedra lavrada no estado da Paraíba, Brasil. Segundo C. Costa, foi submetida ao juízo do sábio orientalista francês Ernest Renan, sendo por ele considerada de origem fenícia.[109]

Figura 18: Inscrições fenícias na Paraíba



Pedra de Retumba (pedra lavrada)

Mais detalhes sobre a vinda dos semitas para o ocidente, vide ano 2000 a.C..

107 Wikipedia – Pedra de Dighton
108 Notícia falsa que circulou na Europa entre 1829 e 1835, começando por um jornal colombiano. *Revista Historica de Soriano*, nº 8, jun 1963, pp. 8–9
109 Portal do Curimataú – histórico da pedra lavrada

970 – Assume Hiram, o Grande, rei de Tiro (970–936), aliado de Davi e Salomão.

965 – Salomão assume o trono de Israel. No seu reinado um fato extraordinário originou concretamente a ligação perene que teria o ocidente com os Mistérios Bíblicos: a construção do Templo de Jerusalém. Salomão começou oficialmente, na linhagem bíblica, a arte da construção como Grande Arquiteto do Templo. Sua ligação com a Casa de Hiram, da Fenícia, abriu os caminhos para a vinda dos Mistérios, séculos mais tarde, através das ordens de construtores e da **Franco**-Maçonaria. Curiosamente, tudo indica ter sido da América do Sul que saíram os materiais exóticos necessários à construção do templo. Como se não bastasse o acesso físico aos materiais – ouro, pedras, madeira, além de animais exóticos – os fenícios foram os próprios construtores do templo, contratados por Salomão. Quanto ao conhecimento do continente americano, os antigos já davam notícias há muito tempo da existência deste continente, para o qual muitos acorreriam se lhes fosse facilitada a navegação. Tal como ocorreu no início do século XX com as grandes migrações de italianos e alemães para a América, a população que tinha notícia da existência deste paraíso terrestre facilmente se via tentada a emigrar das desoladas e assoladas regiões em que viviam.

[Diz Cândido Costa que]

> O historiador ~~romano~~ grego Diodoro de Sicília[110] (90–21 a.C.), 45 anos antes da era cristã, escreveu grande número de livros sobre os diversos povos do mundo; em seus escritos designa claramente a América com o nome de ilha, porque ignorava a sua extensão e configuração. Esta expressão de ilha é muitas vezes empregada por escritores da antiguidade para designarem um território qualquer. Assim vimos que Sileno chama ilhas a Europa, Ásia e África. Na narração de Diodoro não é possível o engano quando descreve a ilha de que falamos: "Está distante da Líbia (ou seja, da África) muitos dias de navegação, e *situada ao ocidente*. Seu solo é fértil, de grande beleza e *regado de rios navegáveis*." Esta circunstância de *rios navegáveis* não se pode aplicar senão a um continente, pois nenhuma ilha do oceano tem rios navegáveis. Diodoro continua dizendo: "Ali veem-se casas suntuosamente constituídas"; ora, sabemos que a América possui belos edifícios em ruínas e da mais alta antiguidade. "A região montanhosa é coberta de arvoredos espessos e de árvores frutíferas de toda a espécie. A caça fornece aos habitantes número de vários animais; enfim, o ar é de tal modo temperado que as frutas das árvores e outros produtos ali brotam em abundância durante quase todo o ano."
>
> Esta pintura do país e do clima por Diodoro se refere de todo o ponto à América equatorial. Este historiador conta depois como os fenícios descobriram aquela região:
>
> > Os fenícios tinham-se feito à vela para explorarem o litoral situado além das Colunas de Hércules; e, enquanto costeavam a margem da Líbia, foram lançados por ventos violentos **mui longe no oceano**. Batidos pela tempestade por muitos dias, abordaram enfim na ilha de que falamos. Tendo conhecimento da riqueza do solo, comunicaram sua descoberta a todo o mundo. Portanto os tyrrhenios (outra tradução os chama Tyrios), **poderosos no mar**, quiseram também mandar uma colônia; porém foram impedidos pelos cartagineses, que receavam que um demasiado número de seus concidadãos, atraídos pelas belezas desta ilha, desertasse da praia.
>
> (Cândido Costa, *As Duas Américas*, pp. 108–109)

110 Wikipedia – Diodorus Siculus Διόδωρος Σικελιώτης

A tradução acima, da citada obra do senhor Cândido Costa, por si só já é bastante clara. Entretanto, reproduzimos abaixo o texto mais completo de Diodoro, na tradução feita na obra de P. [Pedro] Guirao, *O Enigma dos Mapas de Piri Reis*, pela maior riqueza de detalhes:

No mais profundo da Líbia, há uma ilha de considerável tamanho que, situada como está no oceano, se acha a vários dias de viagem a oeste da Líbia. Seu solo é fértil pois, ainda que montanhosa, conta com uma grande planície. Percorrem-na rios navegáveis que se utilizam para a irrigação, e possui muitas plantações de árvores de todos os tipos de jardins em abundância, atravessados por correntes de água doce. Também há mansões particulares de dispendiosa construção, e nos jardins construíram-se refeitórios entre as flores. Ali passam o tempo seus habitantes durante o verão, já que a terra proporciona em abundância tudo quanto contribui para a felicidade e o luxo. A parte montanhosa da ilha está coberta de densos matagais de grande extensão e de árvores frutíferas de todas as classes, e para convidar os homens a viverem entre as montanhas há grande número de acolhedores vales e fontes. Em poucas palavras, esta ilha está bem provida de poços de água doce que não só a convertem num deleite para quem ali reside senão também para a saúde e vigor de seu corpo. Há igualmente excelente caça de animais ferozes e selvagens de todo o tipo, e os habitantes, com toda essa caça para as suas festas, não carecem de nenhum luxo nem extravagância. Pois o mar que banha as costas da ilha contém uma multidão de peixes, e o caráter do oceano é tal que tem em toda sua extensão peixes em abundância, de todas as classes. Falando em geral, o clima desta ilha é tão benigno que produz grande quantidade de frutos nas árvores e todos os demais frutos da estação durante a maior parte do ano, de modo que parece que a ilha, dada sua condição excepcional, é um lugar para uma raça divina, não humana.

Na antiguidade, esta ilha não estava descoberta devido à sua distância do mundo habitado, mas foi descoberta mais tarde pela seguinte razão: os fenícios comerciaram desde muito tempo com toda a Líbia, e muitos o fizeram também com a parte ocidental da Europa. E como suas aventuras resultaram exatamente de acordo com suas esperanças, acumularam uma grande fortuna e planejaram viajar além das Colunas de Hércules, para o mar que os homens chamam Oceano. E, em primeiro lugar, à saída do Estreito, junto às Colunas, fundaram uma cidade nas costas da Europa, e como a terra formava uma península chamaram à cidade Gadeira (Cádis). Nelas construíram muitas obras adequadas à natureza da região entre as quais se destacava um rico templo de Hércules (Melkarth) e ofereceram magníficos sacrifícios que eram conduzidos segundo o ritual fenício...

Os fenícios, ao explorar a costa exterior das Colunas, pelas razões que já mencionamos, e ao navegar pelas costas da Líbia, foram arrastados por fortes ventos a uma grande distância para dentro do oceano. E depois de serem levados pelas tormentas durante vários dias, chegaram à terra, à ilha que dissemos antes, e quando se deram conta de sua felicidade e natureza, deram-na a conhecer a todos os homens. Por conseguinte os tírios, na época em que eram os senhores do mar, se dispuseram a fundar ali uma colônia. Mas os cartagineses impediram-nos, temendo em parte que muitos habitantes de Cartago emigrassem para a ilha, devido à sua excelência, e em parte para ter ali um lugar para refugiar-se, no caso de um revés da fortuna, se alguma vez Cartago se visse assolada por um desastre total. Pois pensavam que, sendo senhores do mar, poderiam trasladar-se, com casas e tudo, a uma ilha desconhecida de seus conquistadores. [Diodorus Siculus, livro 5, 19–20]

(P. Guirao, *O Enigma dos Mapas de Piri Reis*, Hemus, São Paulo, pp. 46–47)

Não é nada estranho o relato do forte desvio da frota fenícia por correntes e ventos na medida em que sabemos que a própria descoberta do Brasil, aparentemente, deveu-se à mesma fortuna para a frota de Cabral. Quanto ao porte dos navios para semelhantes viagens nesta época, as trirremes fenícias em nada deviam às caravelas de 25 séculos mais tarde. Seu comprimento podia atingir de 60 a 70 metros, comportando até 180 remadores e uma tripulação de 200 a 300 soldados. Pouco se comenta do esplendor das naus gregas ou romanas, mas não se pode negar que Erik, o Vermelho, e seu filho, Leif Erikson, seguiram estes antigos passos até mesmo no estilo de seus *knerrir* (transatlânticos) e *knorr* (navios menores que comportavam as colônias), no século X d.C., vencendo mares tão perigosos como os do Atlântico Norte para atingir a Vinland, na América.

> Num escrito de Aristóteles (*De mirabilibus auscultationibus,* p. 84)[111] diz-se que foi o receio de ver os colonos sacudirem o jugo da metrópole cartaginesa e prejudicarem o comércio da mãe pátria que levou o senado de Cartago a decretar pena de morte contra quem tentasse navegar para esta ilha. Aristóteles descreve também uma região fértil, abundantemente regada e coberta de florestas, que fora descoberta pelos cartagineses *além do Atlântico*. (Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 109)

> David, quando morreu, deixou a Salomão para a construção do templo 7000 talentos de prata e 3000 de ouro de Ophir. O velho rei não possuía nenhum navio que navegasse nos mares exteriores. Recebia, pois, o ouro de Ophir pelo tráfico dos fenícios, os quais, segundo a Bíblia, conheciam todos os mares. Salomão, para pôr em execução seus grandes projetos, recorreu a Hiram. Chegou a interessá-lo nas suas empresas e a contratar com ele aliança sólida. O receio de excitar a susceptibilidade dos povos do Mediterrâneo foi sem dúvida o motivo que decidiu Salomão a construir em Esion-Gaber, no Mar Vermelho, os navios que destinava às viagens de Ophir (pois as Colunas de Hércules estavam fechadas aos gregos pelos cartagineses e o comércio para o Atlântico era muito vigiado).
> (Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 113)

Cândido Costa prossegue sua explanação lembrando que Hiram enviou a Salomão marinheiros experimentados. Como se verá mais tarde, a frota de Ophir nunca voltaria ao Mar Vermelho. Passando pelo cabo africano, ela se reunirá no oceano Atlântico com a frota de Hiram, que sairá do Mediterrâneo. Entre os trabalhos que tentam retirar o véu sobre a verdadeira identidade das ricas localidades bíblicas de Ophir, Parvaim e Tarshish, destacamos este do senhor Cândido Costa, publicado em 1900. Ele baseou-se no estudo filológico das antigas línguas europeias e asiáticas, bem como da língua quíchua ou dos Antis, do Peru, a qual ainda se falava, pelo menos em 1900, na bacia superior do rio Amazonas:

> Nos Paralipômenos [Crônicas] 2.3.6, conta-se que "Salomão adornou sua casa com belas pedras preciosas", e que "o ouro era de Parvaim". (...) Parvaim é pronúncia alterada de Paruim, pois o antigo alfabeto latino confundia o v e o u; o iod, que é a vogal i, muitas vezes se lê com a pronúncia de ai em hebraico. Porém no texto hebraico o ouro de Paruim está escrito zab-Paruim [zə·haḇ par·wā·yim זְהַב פַּרְוָיִם׃]; no grego dos Setenta acha-se igualmente Paruim [Φαρουαιμ]. A terminação *im* indica o plural em hebraico; vem acrescentada a Paru porque efetivamente existem, na bacia superior do Amazonas, no território oriental do Peru, dois rios auríferos,

111 Especialistas consideram que esta obra não é de Aristóteles.

um com o nome de Paru, outro com o de Apu-Paru, o rico Paru, e que unem suas águas a 10°30' de latitude meridional, para as confundirem depois no Ucayali, um dos grandes afluentes do Amazonas. Ora, os dois rios do nome de Paru fazem justamente um plural, e dão o Paru-im dos Hebreus. (...) Os dois rios Paru e Apu-Paru descem da província Carabaya, que é a mais aurífera do Peru. (...) Não se deve julgar, apesar da quase semelhança dos nomes, que Peru venha de Paru. O império dos Incas tinha o nome de Tahuan-tin-suyu, isto é, "os quatro países unidos". Peru é moderno; Pizarro, chegando ao cabo Biru, no Pacífico, entre o 8° e o 9° de latitude meridional, deu ao país que acabava de descobrir o nome de Biru, e dele se fez Peru.

Os rios Paru e Apu-Paru limitam ao sul e oeste um antigo império de nome *Inin*, e que hoje é lendário; apontam-no os mapas de alguns missionários, entre os quais o mais explícito é o do padre Sobreviela. Inin é palavra hebraica derivada de *inini* ou *ineni*, "que está convencido". Esses vocábulos hebraicos se referem ao quíchua *inin*, "tem a fé, é crente". Assim o Império de Inin é bem *o império do crente ou da fé*. Eis pois na América um nome cujo feitio é todo oriental. Este império tem ainda por limites ao sul o rio *Beni* e a leste o rio *Cayari*, que chamam hoje em português Madeira.

(Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 114–115)

Ora, Beni é palavra tipicamente hebraica – BNI – que faz a raiz de Benigno. Sua origem mais antiga vem do egípcio, onde Beni era o nome original da mais elevada das águias: a mítica Phoenix (vide ano 1184 d.C.).

O rio Amazonas, desde a embocadura do [rio] Ucaialy até a foz do rio Negro, se chama ainda Solimões: não é nem mais nem menos que o nome viciado de Salomão, dado ao rio das Amazonas pela frota do grande rei, que dele tomou posse: em hebraico Solima e em árabe Soliman. Ora, os cronistas da conquista do rio das Amazonas contam que ao oeste da província do Pará existia uma grande tribo com o nome de Soliman, que era o do rio; pois na América as correntes d'água tiram seus nomes das tribos que as habitam. Daí também os portugueses fizeram Solimão, porque costumam mudar o n final na vogal o. (...) Esta colônia hebraico-fenícia teve uma duração temporária assaz longa, pois as viagens trienais dos navios de Salomão e de Hiram se renovaram várias vezes. Provavelmente não foi abandonada à própria sorte senão no reinado de Josaphat, rei de Judá, no tempo em que os cartagineses todo-poderosos não permtiam a nação alguma o sair do Meditenâneo. Eis porque Josaphat quis mandar sair do Mar Vermelho para essas mesmas regiões uma frota equipada, conjuntamente com Ochozias, rei de Israel. Porém um temporal hediondo a destruiu completamente.

Passemos a **Ophir**[112], lugar tão celebrado por suas riquezas. Devemos lembrar aqui que filólogos acreditaram poder fazer que prevalecesse o nome de *Abiria*, por ter sido o Ophir da Bíblia. Todavia, levaremos nossa atenção sobre os seguintes fatos. Primeiro, o nome de Abiria é a tradução latina do vocábulo grego Sabeiria, tomado da *Geografia* de Ptolomeu, liv. 7–1. A licença do tradutor é tão grande quanto censurável. Em segundo lugar, Sabeiria achava-se situada na parte ocidental da Índia, que chamavam Indo-Cita[113]. Porém é reconhecido que a Índia, mormente na parte ocidental, *nunca produziu ouro* para o comércio; pelo contrário, os egípcios e árabes ali o traziam, para o trocar com tecidos de lã e de algodão. Assim, a hipótese de que Sabeiria fosse o Ophir da Bíblia cai por

112 Jewish Virtual Library – Ophir; Biblehub – Ophir
113 Wikipedia – Indo-Cita (Scytha)

si. Estevão [Étienne] Quatremere[114] (...) não admite que Ophir tenha sido colocado no Golfo Arábico, na Arábia Feliz[115], nem em parte alguma da Índia, Ceilão, Sumatra, Borneo ou ponto algum do extremo oriente pela razão muito simples de que os navios de Salomão e de Hiram gastavam três anos em cada viagem. Porém Quatremere cai no próprio erro dos que combate, pois que coloca Ophir em *Sofala* [Moçambique], na costa oriental da África. (...) Para fortalecer sua hipótese, Quatremere não hesita na escolha dos meios: assim é que, por não achar pavões na África, quer que os pássaros chamados *tukins* na Bíblia sejam periquitos ou picotas.

No livro dos Reis 1 10:11 acha-se escrito Ophir em língua hebraica de dois modos: *Apir* e *Aypir*[116], e no cap. 9:28 lê-se *Aypira*. Esta última forma acusativa de *Aypir* tornou-se um nominativo; mas *Aypira* não é senão o nome mal pronunciado de Yapurá, grande afluente do rio Amazonas ou Soliman, em consequência de uma permuta de letras, como por exemplo o quíchua *yura* (folhagem) faz em vasco *urya*; vaso em quíchua é *kirau*, em caldaico *kiura*; sujo em quíchua *millay*, em hindostani *maila*; panela é em quíchua *paila*, e em persa *piala*, etc.; o mesmo se deve dizer a respeito das mudanças de vogais, como em quíchua o *ar huayra* faz em lapônico *huiro*, em geórgio *hairi*, em caldaico *haiar*, em siríaco *oyar*, no grego e no latim *aer*; o nome do número um em quíchua *huc*, em hindostani *hec*, em búlgaro *hic*, em telegu *hac*; língua, em quíchua, *kalu*, em mongol *kélé*, em sibérico *kil*, em finlandês *kieli*; menino em quíchua *churi*, no antigo egípcio *chiru*, e em egípcio-copta *chiri*. Assim, pelos exemplos de permutas e de substituições de vogais que não alteram a significação das palavras, nada se opõe a que o *Aypira* da Bíblia tenha vindo do nome do rio *Yapurá*. Esta última palavra é composta de *y*, que significa "água", e de *apura*, que é o nome de *Apira* ou *Apir*, "água ou rio de Apir ou de Ophir". (...) Em sua *Viagem ao Brasil e Amazonas* Agassiz escreve *Hyapura*. Indicamos acima que no cap. 10 dos Reis, livro 1, Ophir em hebraico é *Apir*. Ora, este vocábulo pertence à língua quíchua, e os mineiros de toda a cordilheira dos Andes e da bacia superior das Amazonas tem o nome de *Apir* ou de *Apiri*, e em alguns lugares de *Yapiri*. Eis pois a origem de *Apir* ou de Ophir do texto latino. *Apir* ou *Apiri* se refere aos mineiros e lugares por eles cavados, enquanto *Aypir*, *Aypira* ou *Yapura* indicam que eles trabalham na água em que se faz a lavagem do ouro. Para precisarmos mais ainda o distrito mesmo de Ophir, voltemos ao rio Yapurá e vejamo-lo no mapa de Fritz[117], outrora missionário naquelas paragens (este mapa acha-se depositado na Biblioteca ~~Imperial de Paris~~ Nacional da França – BnF). Em sua margem esquerda aparece indicada uma montanha. La Condamine[118] usou deste mapa em sua viagem às Amazonas; e em sua relação, falando daquela montanha, diz que *ela contém prodigiosa quantidade de ouro*. Dela sai o *rio del oro*, cujo nome indígena é *ikiari*, uma contração do hebraico *ikir* (precioso), *iari* (rio); o "rio precioso". Corre do sul ao norte e desemboca no lago de *Yumaguari*; ora, *yuma* (ouro nativo) é palavra indígena unida aos dois vocábulos hebraicos *gu* (centro) e *ari* (cavidade). O lago de *Yumaguari* tem pois por nome "cavidade centro do ouro nativo". O Yapurá desce a sua vez das ricas montanhas do Popayan, província da Colômbia; e um de seus afluentes auríferos é chamado *Masai* ou *Masahi*. Masai, palavra derivada do hebraico *masar* (rico), à qual o termo indígena *i* (água) está

114 Étienne Quatremère – Mémoire sur le Pays d'Ophir
115 Em latim *Arabia Felix (parte fértil da arábia)*. Corresponde aos atuais Estados do Iêmem e Omã.
116 na verdade מֵאוֹפִ֤יר e מֵאֹפִ֔יר = meofir = de Ofir; em Reis 1 9:28 está אוֹפִ֔ירָה = ofira = para Ofir
117 Wikipedia – Samuel Fritz's maps
118 Wikipedia – La Condamine

> acrescentado. Quer dizer pois “*água rica*”. Os hebreus davam o nome *masaroth*[119] aos tesouros consagrados.
>
> (Cândido Costa, *As Duas Américas*, pp. 116–119)

Eis porque a região de Ophir é essa que atravessa o rio Yapurá. Costa continua sua explanação exemplificando com outros nomes significativos da região: *Catuaiari*: do quíchua *catu* (mercado) com o hebraico *aiari* (rio), o “rio do mercado”; o lugar chamado *Macapiri*, das palavras quíchuas *maca* (prato) e *apiri* (dos mineiros). Maca é o nome local de um prato de madeira que serve para lavar o ouro e separá-lo da areia. Acham-se ainda os nomes das tribos *Apanos* (os carregadores), *Marukeuinis* (os socadores de terra), os *Apapuris* (os carrega viandantes).

> Os indígenas do Yapurá, que transmitiram entre si estes nomes, não conheciam nem o quíchua nem o hebraico; é mais uma prova de que antigamente, nas margens do Yapurá, as povoações Antis se encontraram com os hebreus e os fenícios (os fenícios e os hebreus falavam a mesma língua) (…) A desaparição das frotas de Salomão e Hiram por três anos, a cada viagem que faziam, se acha agora explicada, pois elas estacionavam no rio que tinha o nome do grande rei. Se essas compridas estações, várias vezes repetidas, houvessem sido feitas em qualquer ponto do antigo continente, a tradição ou a história não teriam deixado de no-lo transmitir. As várias viagens trienais, com exceção de uma só, não se referem a Ophir, pois todas se fizeram para **Tarshish**[120]. David recebia pelos fenícios o ouro de Ophir, e a frota construída no tempo de Salomão para o mesmo destino saiu do Mar Vermelho, onde nunca mais entrou. Fez sua junção no oceano Atlântico com a de Hiram, a qual saiu do Mediterrâneo; e ambas tomaram, depois da única viagem em que foram juntamente a Ophir, o nome de *Frota de Tarshish*, segundo o texto hebraico, e o de *Frota da África*, segundo o texto caldaico.
>
> Causas diversas motivaram o abandono de Ophir:
>
> - O Yapurá tem várias fozes mal definidas, as quais se obstruem com facilidade pelos troncos que carregam suas águas. Isto deveria ser, para os navegantes, uma causa de dificuldades e confusão quando se internavam naquele labirinto.
> - A região era muito insalubre, como foi reconhecido mais tarde pelos espanhóis e portugueses.
> - Explorando mais para oeste o rio Amazonas, os hebreus e fenícios acharam ouro fino em grande abundância, com trabalho mais fácil que em Ophir.
> - Rio acima tinham um clima bom e navegação mais cômoda.
> - Aproximando-se dos Antis, povo meio civilizado e laborioso, podiam deles tirar bom proveito e abastecimento para seus navios.
>
> (…) Chegando-se mais para os Antis o ouro fino era abundantíssimo. Com efeito, os espanhóis durante cerca de dois séculos efetuaram na Alta Amazônia a lavagem das areias auríferas, e essa riqueza não parece ter diminuído, pois hoje (o autor fala do ano 1900 de nossa era) um índio, com seu prato de madeira, pode colher até sessenta francos de ouro fino em uma hora. Foi evidentemente esta região que no tempo de Salomão recebeu o nome de Tarshish, pois a etimologia desta palavra é tomada da língua quíchua, que é a dos Antis. Tarshish origina-se de *tari* (descobrir), *chichiy* (colher o ouro miúdo). Tarshish é, pois, o local onde se descobre e

---

119 Mazzaroth מַזָּרוֹת = constelação (Job 38:32); otzerot אוֹצְרוֹת = tesouros

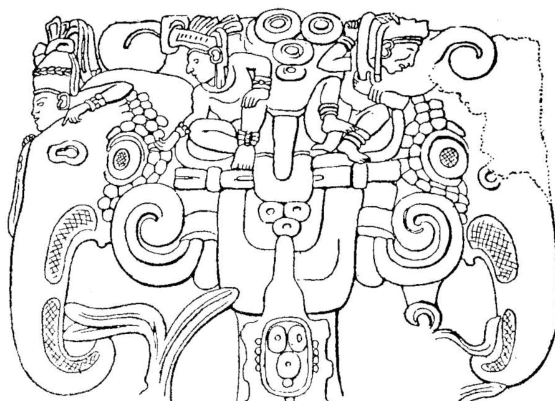
120 Wikipedia – Tarshish (a grafia original no texto era Tarschisch).

colhe o ouro miúdo. O abandono de Ophir, a vizinhança de Parvaim, que foi preciso também abandonar, pois que era necessário se internar consideravelmente, as facilidades oferecidas pelas novas descobertas e a etimologia de Tarshish são um concurso de circunstâncias que determinam a região onde se achava Tarshish. Enfim, digamos que este nome não tem sua etimologia em língua alguma a não ser o quíchua. Para ir a Tarshish, diz a Bíblia que o profeta Jonas embarcou em Joppe: era pois para empreender a navegação do Atlântico, caso contrário embarcaria no Mar Vermelho. Eis o que diz o versículo Reis 1 10:22: "*No mar havia para Salomão uma frota de Tarshish, com a frota de Hiram. Uma vez de três em três anos vinham os navios de Tarshish, trazendo ouro, prata, marfim, monos e pavões*." Os Paralipômenos confirmam essas viagens trienais em 2.9.21: "*Os navios iam a Tarshish para o rei, com os servos de Hiram: de três em três anos vinham os navios de Tarshish*."

(Cândido Costa, *As Duas Américas*, pp. 119–121)

O marfim, citado na passagem bíblica, também não é de se estranhar, uma vez que existiria em forma fóssil, inclusive sendo utilizado para o trabalho. Não era nada estranho à representação americana, apesar de quando os espanhóis lá chegarem – 2500 anos depois – não se encontrarem mais. É o que nos mostram representações como a seguinte:

Figura 19: Maias conduzidos por elefantes



Desenho da Estela B de Copan, Honduras

[Continua Cândido Costa:]

A viagem de Ophir, no reino de Salomão, não lhe rendeu mais que 420 talentos de ouro, segundo Reis 1 9:28, e que Paralipômenos 2.9.10 completam esta narração: "*Os servos de Hiram e Salomão, que trouxeram o ouro de Ophir, conduziam* ***algum*** *e pedras preciosas*." As madeiras chamadas *algum* deviam necessariamente desembarcar em Joppe, que é muito perto de Jerusalém. Em Reis 1 9:11 diz: "*E também a frota de Hiram, que trouxe ouro de Ophir, importou grande quantidade de árvores* ***Almug*** *e pedras preciosas*." Notemos que nesta viagem as frotas aliadas trouxeram de Ophir duas sortes de madeira: os *algum* e os *almug*, porém que não é mais questão de madeiras na viagem a Tarshish, cujo ouro e prata foram o móvel principal.

Se resumirmos o que têm dito os comentadores sobre o nome de Tarshish, uns supuseram que significava *o mar*, outros pensaram que podia ser *Tarso*, cidade da Cilícia, uns apontaram Cartago, outros para Cádis; porém todos esses lugares não produziam nem ouro, nem prata, nem pedras

preciosas, nem também pavões e monos. Houve quem sustentasse que Tarshish não podia estar senão na costa das Índias Orientais, o que é visivelmente impossível pois que Jonas, para ir lá, longe de embarcar no Mar Vermelho foi embarcar em Joppe (no Mediterrâneo); e que, além disso, a frota de Hiram saía do Mediterrâneo. Enfim, outros comentadores disseram que Tarshish podia ser um porto da costa ocidental da África; porém a África não tem pavões, e os mais ousados admitiram que podia ser uma ilha do oceano. (...)

Almug[121] pode ter sua derivação do vocábulo hebraico *ala* (madeira dura ou madeira consagrada), e do termo quíchua *mucki* (odorífero, cheiro), e cujo verbo é *muka* (cheirar); ou então sua etimologia está nas duas palavras quíchuas *alli* (bom, excelente) e *mucki* (cheiroso ou cheiro). Almug é, pois, "madeira de bom cheiro", e foi com ela, segundo a Bíblia, que Salomão mandou fazer as colunas do templo de Jerusalém. Parece que os navios Tírios foram os únicos que levaram esta madeira; se é o sândalo, podemos afirmar que há muito na Alta-Amazônia.

No livro dos Paralipômenos 9:10 lê-se: "*Os servos de Hiram e de Salomão que trouxeram o ouro de Ophir, trouxeram* ***algum*** *e pedras preciosas*", donde resulta que esta última sorte de madeira foi levada por ambas as frotas. No texto hebraico vê-se no plural *algumim*, e este nome, não tendo sido entendido pelos intérpretes, traduziram-no em latim por *ligna hebeni*, *ligna thyrina* e *ligna coralliorum*. Sua etimologia está no hebraico *ala* (madeira) e no quíchua *kumu* (curva); ou ainda nos vocábulos quíchuas *alli* (bom) e *kumu* (curva). *Algum* ou *algumim* são, pois, as "*madeiras curvas*" ou as "*boas curvas*". O emprego dos *almug* para os pilares explica o uso dos *algum* para os arcos entre esses pilares e para as abóbadas do templo. O célebre filólogo Max Müller[122] diz que um dos muitos nomes dados ao sândalo no sânscrito é *valguka*. Este valguka, segundo ele, é claramente o que mercadores judeus e fenícios corromperam em *algum*, e que os hebreus mudaram para *almug*. Se assim fosse, o texto hebraico não teria referido ao sândalo senão o nome adotado pelos hebreus. (...)

A frota de Tarshish levava também a Salomão aves chamadas *tuki*, no plural *tukum*, nome que foi geralmente traduzido por pavão. Notemos primeiro que a América equatorial possui diversas variedades de pavões e de perus. Oriundos daquela terra, ali vivem no estado selvagem. Falamos aqui dessas duas espécies de aves porque ambas têm os mesmos modos, ambas se *incham com orgulho*, abrem em leque as penas e fazem roda. Quem quer que tenha visto os perus fazerem roda, sabe que neste momento *tuk* é o som um pouco abafado e muito particular produzido por essas aves para se fazerem admirar. Pois bem, este *tuk* é justamente a origem de *tuki*, palavra quíchua que significa "inchado de orgulho, orgulhoso". Os perus e os pavões são as "aves orgulhosas" ou simplesmente *tukum*, "as orgulhosas", como lhes chama a Bíblia. Entre as variedades de pavões do Equador e da Guiana se acha a que naqueles países chamam *ocko*; ora, por uma semelhança esquisita, no epíteto "orgulhoso" tirado de *tuki* achamos igualmente que o grego *ogkos* [ὄγκος] (orgulhoso) é também tirado do pavão americano *ocko*. Não deixa de ser interessante, pois dissemos no começo deste relatório que a língua grega tem parte de suas origens na América, mormente na língua quíchua.

(Cândido Costa, *As Duas Américas*, pp. 121–124)

121 Almug e algum – Biblehub
122 Wikipedia – Max Müller, filólogo e orientalista alemão, tradutor de sânscrito para o inglês.

967 – Assume Psusennes II, último rei da desolada XXI Dinastia Egípcia. Em seu reinado Israel torna-se o grande reino da região. Como forma de retomar o poder econômico face ao crescente florescimento de Israel, dá sua filha em casamento a Salomão, recebendo como dote de casamento a cidade de Gezer. Segundo a Bíblia, Salomão "conhecia todas as Sabedorias dos egípcios".

960 – Salomão constrói o Templo. Segundo os trabalhos de Gosselin[123], pouco tempo depois dessa época Hanno[124], almirante cartaginês, fez uma viagem desde o estreito de Cádis até a entrada do Golfo Arábico, contornando a África (Plínio, o velho, *Historia Natural*, livro 2.169); embarcou, em 60 navios, 30 mil pessoas de ambos os sexos para servirem à fundação dessas cidades e colônias cartaginesas. A frota de Cartago era de 200 navios, e ao tempo das guerras púnicas era de 500. Strabão[125] diz-nos que Cartago fechou o estreito de Cádis aos gregos para impedi-los de navegarem ao oceano.

Figura 20: o templo de Salomão



Girardin Humanities

944 – Assume Sesonki I como faraó do Egito. Com a finalidade de conferir a legitimidade ao trono usurpado (pois Sesonki era um milionário general dos mercenários líbios) deu em casamento a filha de Psusennes II a seu filho Osorkon. Foi um homem de amplas visões modernas. Nesta época Salomão era o grande governante da região, destacando-se principalmente um grande homem de negócios, aproveitando a apatia dos faraós. Explorou a via comercial aberta pelo pai Davi, transformando-a em caminho seguro através de numerosos e fortes destacamentos armados. Valorizou-a de tal modo que todas as mercadorias da Índia vindas do Mar Vermelho ao Mediterrâneo passavam obrigatoriamente por Jerusalém. Também os produtos do Punt e da Arábia – onde se destaca a lendária visita da rainha de Sabá – há tempo negligenciados pelo Egito, haviam preferido aquela estrada. Por outro lado os portos da Fenícia estavam repletos de mercadorias provenientes do

123 Pascal-François-Joseph Gossellin, geógrafo e bibliotecário francês (1751–1830)
124 Wikipedia – Hanno; comentários sobre o texto
125 Wikipedia – Strabo, Στράβων (63 aC – 24 dC) geógrafo e filósofo grego

Mediterrâneo, as quais serviam para Salomão como moeda de intercâmbio. Patrocinados por Salomão, os fenícios se tornaram os primeiros dominantes do mar, abrindo agências comerciais por toda parte: em Creta, Malta, Sicília, Cartago, Cádis, provavelmente Marselha e se expandindo até a Inglaterra e os países nórdicos. O Egito estava excluído de todas as fontes de renda. Salomão, ao contrário, se tornou o homem mais rico do mundo. Calcula-se que só em ouro suas rendas chegassem a 2250 kg de ouro por ano. Suas grandes criações de cavalos forneciam animais até aos faraós, que em troca ofereciam-lhe seus esplêndidos cocos, os quais Salomão vendia no Oriente. Suas minas eram exploradas ininterruptamente. Jerusalém se tornou um canteiro de obras, onde arquitetos fenícios construíram o Grande Templo, no qual os famosos estábulos de Salomão também seriam famosos, como veremos, mesmo 2000 anos depois. Em seu palácio, Salomão vivia com 700 mulheres e 300 concubinas. Enquanto exibia esse monumental patrimônio particular, o abismo entre Salomão e seu povo empreendedor – vivendo da agricultura e do pastoreio – abria-se cada vez mais. A situação chegou a tal ponto que o descontentamento veio à tona com seu filho Jeroboam ben-Nebat, autor de uma tentativa de golpe de estado. Derrotado, Jeroboam refugia-se no Delta do Nilo, onde Sesonki o recebe na corte dando como esposa uma de suas filhas.

930 – Cisão dos reinos de Judá e Israel. Foi um período de constantes lutas internas entre Judá e as tribos do norte. Salomão perdera, em seu reinado, grande parte do reino de Davi: Damasco revoltara-se e estabelecera uma nova monarquia em Aram; Tiro controlava parte da Galileia e a campanha egípcia na Filistia resultou na perda de Ekron e de seus territórios do noroeste.

928 – Morre Salomão. Seu filho, Rehoboam, assume automaticamente o trono de Judá e Jerusalém, dando continuidade à política inflexível de seu pai e gerando outras desordens e revoltas, num período de contínuas guerras entre Judá e as tribos do norte. Como resultado da falta de tato político fracassa o acordo entre Rehoboam e as tribos de Israel. Israel exigia uma redução nas taxas e nos trabalhos forçados impostos por Salomão. O ambiente, então, torna-se propício para uma cisão e para o retorno do filho exilado de Salomão, Jeroboam. Shishak (Sheshonq I), faraó do Egito, tomando vantagem da divisão do reino, apoia a Jeroboam, que retorna e é proclamado rei de Israel. A Rehoboam permanecem fiéis apenas duas tribos: Judá e Benjamim, as mais desenvolvidas economicamente, com as quais Rehoboam funda o Reino de Judá, tomando por capital Jerusalém. Nesta época, nota-se a região de Benjamim ao longo da faixa do Mediterrâneo ao Mar Morto, como atesta o mapa seguinte:

Figura 21: Israel e Judá



Conforming to Jesus Ministry

Pela sua posição fronteiriça, depreende-se a importância estratégica da região benjamita, a mais disputada na longa guerra entre Judá e Israel.

Segundo Reis 1 11, o cisma entre Israel, ao norte, e Judá, ao sul, teria sido consequência da apostasia de Salomão, que desviara-se de Deus para servir aos deuses de suas inúmeras esposas estrangeiras. Neste fato estaria a origem da insensibilidade de Salomão para com seu povo, contrariando os princípios básicos da aliança mosaica com Deus. Com a criação do Reino de Israel, a capital foi transferida para Shechem. O novo reino foi fundado não apenas em nome da justiça social, tendo também profundos motivos religiosos. Jeroboam fundou um santuário em Bethel e outro em Dan, cada qual com um bezerro de ouro. Fez anunciar ao povo: "*Israel, eis o teu Elohim que te fez sair do Egito*".

Nitidamente o termo *Elohim* foi tomado pelo seu sentido plural – Deuses – em que pese seu duplo significado, também indicando Deus único. Provavelmente a intenção de Jeroboam tenha sido a de, a partir do reino do norte, restaurar a primitiva religião do Êxodo, a qual perdera muito de seu significado com a decadência de Jerusalém ao tempo de Salomão. Para tanto Jeroboam contou com a aprovação do profeta Aías.

O período que se seguiu foi de constantes guerras entre Judá e Israel, sendo o território mais disputado a região de Benjamim. Por muitas gerações as fronteiras ficaram indefinidas. Aparentemente as fronteiras de Israel estenderam-se até a região sul de Bethel. Rehoboam tinha motivos de sobra para temer uma invasão do faraó pelo sul, "aliado" de seu irmão, com o qual disputava as fronteiras ao norte. O rei de Judá passou, então, a fortificar as cidades ao sul de Judá, preparando-se para uma iminente invasão egípcia.

924 – Sheshonq I,[126] faraó do Egito, ataca Judá e, desassociando-se de Jeroboam, ataca também Israel. O Antigo Testamento descreve apenas a tomada de cidades em Judá, incluindo o templo de Jerusalém. Entretanto, a lista contida no templo egípcio de Karnak inclui muitas cidades em Israel, o que é comprovado pelas escavações nos locais mencionados. Após receber o tributo de Rehoboam – provavelmente Gibeon – as tropas do faraó prosseguem atacando cidades e povoados de Israel, apoderando-se de todas as riquezas. Entre elas estavam as cidades preferidas de Jeroboam – Shechem e Tirzah, que o rei israelita ampliara e onde construíra edificações para residência real. A seguir os egípcios dirigem-se para o leste, cruzando o Jordão para tomar a residência de Jeroboam, Penuel, e as cidades de Succoth e Zaphon. Na Bíblia (Reis 1 14:25–27) existe a seguinte passagem:

> No 5º ano de reinado de Rehoboam, o rei do Egito Sesac [Shishak] foi a Jerusalém e levou os tesouros da Casa do Senhor, bem como os do rei, roubou tudo, até os próprios escudos de ouro que Salomão havia feito, em lugar dos quais o rei Rehoboam fez escudos de bronze e os entregou aos capitães da guarda que faziam sentinela à porta do palácio do rei.

Não passava, pois, de um golpe para encher os esgotados cofres do faraó. Por outro lado, a substituição dos escudos de ouro por outros de bronze mostra a decadência de Judá, desde Salomão até seu sucessor direto, Rehoboam.

923 – Morre Seshonq I. Assume seu filho, Osorkon I que retoma a prosperidade do pai. Como vimos, Osorkon casara-se com a filha de Psusennes II, sendo consequentemente cunhado de Salomão (vide anos 962 e 944 a.C.).

900 – **O Renascimento Grego e as Migrações Semitas**
Período de ressurgimento da cultura grega após o declínio da civilização micênica. A estrutura política e econômica de Micenas ruíra no 12º milênio a.C., ficando 200 anos no isolamento e pobreza. A situação começou a mudar em 900 a.C., quando as ligações comerciais com a Itália e o Levante foram restabelecidas. Os centros urbanos emergirão em 700 a.C.. Esta época coincide com o restabelecimento da população originária da migração Benjamita (em torno de 1100 a.C.). Existe uma lenda grega que diz que o filho do rei Belus, **Danaus[127]**, chegou à Grecia com suas filhas num navio. Suas filhas teriam introduzido o culto à deusa-mãe, tornado o culto oficial dos arcadianos. Segundo alguns autores, este mito registraria a chegada de colonos da Palestina no Peloponeso. Afirma-se que Belus advém, na realidade, de Bel ou Baal, ou talvez o Belial do Velho Testamento. Vale notar que um dos clãs da tribo de Benjamim era o clã de Bela, e que o parentesco entre Israel e Esparta já foi declarado no Livro dos Macabeus (vide ano 2100–1600 a.C.).

Ora, sabemos que o deus supremo dos celtas era identificado como Belenos.[128] Não seria esta mais uma ligação com os mistérios greco-céltico-

126 Wikipedia – Shoshenq I
127 Wikipedia – Danaus
128 Wikipedia – Belenos

hebraicos? Como veremos, esta representação está inclusive na alta simbologia maçônica, particularmente no grau regido pelo signo de Virgo ♍, que veremos mais tarde nesta cronologia ao tratamos dos primórdios da civilização celta (vide século VI a.C.). Ocorre que *Belenos* (o Brilhante) ou *Grannos* é qualificado também pelo nome de *Maponos* (Grande Filho), o qual corresponde também a *Mac Oc*. A tradição gaulesa conservou seu nome sob a forma ***Mabon*** (veja-se, aqui, a identificação com o grau correspondente à *Virgem Mãe* na F.˙.M.˙. [franco-maçonaria]. Por isto que ao perjuro, nos antigos mistérios, cortavam-se os intestinos, regidos por Virgo. *Mabon* é um jovem herói *elevado por sua Mãe no terceiro dia de seu nascimento*.

Lembremos também aqui Jesus, que *ressuscitou ao terceiro dia*, na alegoria da iniciação no terceiro grau; mais uma vez vemos que a sua ligação com a Mãe era maior que o pronunciado nos Evangelhos. *Mabon* foi detido, logo após, em prisão. Sozinho, ele poderia caçar com o cão *Drudwyn*, sem o qual não poderia prender o javali (*sanglier*[129], em francês, ou laço de sangue) *Trwyd*[130]. A fim de poder empreender a caça ao javali Trwyd, o rei Arthur fez um assalto à prisão e Mabon foi libertado. Essa libertação do jovem deus é como aquela do sol prisioneiro da noite, sem a qual a vida não pode sobreviver. *Belenos-Grannos-Mabon* é qualificado como o deus Apolo, o jovem deus, filho do Grande Pai.

O termo *Dan* é novamente visto na mitologia céltica nos confirmando a sua ligação com a Mãe, à semelhança dos vizinhos e irmãos da tribo de Dan, os Benjamitas. Acontece que *Dana* é um antigo nome da Deusa-Mãe, caracterizada como uma *deusa-jumento*. Lembramos novamente a fuga de Maria e José para ***Bel****ém* sobre um *jumento*: uma alegoria de que o Salvador fora trazido à vida através do deus pagão *BEL*, *Baal*, representando o culto à Mãe, no *jumento da Deusa Mãe Dana*. Por outro lado, a consorte de Baal era *Nanna*. Dana aparece, então, associado a *Ana*, derivado de *D'Ana*, considerada a *Mãe dos Deuses*. Posteriormente, este nome de *Dana* evoluiu para a designação distinta de todas as mulheres com o termo *Dama*. No francês, *Dame*, que assim como no português designa d'ama, *de ama*, *do amor*. No egípcio, a palavra amor, amora, mar e mãe tem praticamente a mesma fonética (*mer*, *merit*). É o símbolo da coluna da Beleza ou do Amor, da Mãe, no Templo de Salomão (BOAZ), contrapondo-se à coluna da Força ou do Pai (JAKIN). O **B**, na Cabala, é a 2ª letra do alfabeto hebraico, representando o princípio feminino, a horizontalidade receptiva, a Beleza, a Mãe. O **J**, a 10ª letra ou *iod*, representa o princípio masculino, a verticalidade fecundante, a Força, o Pai.

Segundo outros estudiosos, os druidas pregavam a existência de um só Deus, a quem davam o nome de “Be'al”, que alguns entendidos de coisas celtas dizem ser “a vida em tudo”. Essa deidade era identificada com o Sol, assim como o *Baal* dos fenícios, e seguindo a tendência de todos os outros centros solares como a América, Egito e Grécia. Mesmo no cristianismo, veremos, é indissolúvel a associação de Cristo com o Sol, desde a data fictícia de seu nascimento (o dia em que a luz do Sol começa a ganhar mais espaço em relação à noite), sua associação ao “Sol Invictus” de Constantino, etc. São sem fim os exemplos desse centro mundial de culto ao Sol se acrescentarmos o culto à luz dos magos persas, o Apolo dos gregos, e tantos outros. A diferença entre estes antiquíssimos cultos e a alegoria hebraico-cristã reside

129 Sanglier, do latim (porcus) *singularis* (solitário).
130 Wikipedia – Twrch Trwyth, javali encantado do folclore galês. O cão Drudwyn é um dos cães do folclore associado a Arthur.

na abominação que estes últimos fizeram do chamado culto "pagão" à Mãe. Tal nunca poderia ter ocorrido sem sérios traumas: foi o que aconteceu com o papel da mulher nas sociedades cristãs (onde a mulher não tinha alma e encarnava o mal), hebraica (onde os mistérios lhe eram totalmente negados) e muçulmana (onde até hoje a mulher vive uma condição subhumana). Tal foi o preço pago pelo cego culto à Unidade, que sempre ocorreu em todos os povos e culturas, mas sem o fanatismo que caracterizou esses movimentos denominados monoteístas.

Os druidas realizavam dois festivais por ano. O primeiro tinha lugar no princípio de maio, e era chamado *Beltane*[131] ou "Fogo de Deus". Nessa ocasião fazia-se uma enorme fogueira em algum ponto alto, em honra ao Sol, cujo retorno benéfico eles saudavam depois da desolação e escuridão do inverno. Desse costume ainda ficou um rastro no nome dado ao domingo de Pentecostes pelos escoceses. Na Irlanda, a festa de "Beltane" é comemorada em 1º de Maio. É quando os druidas faziam grandes fogos e passavam o boi através da fumaça para purificá-lo. Sob a reforma de Gregório I, o Grande, a partir de 590 d.C. foram instalados santos locais substituindo antigas tradições pagãs. Na Festa da Primavera, em 1º de Maio, o mês de *Beltaine*, era acesa a primeira fogueira na Irlanda, aquela do ~~*Uinesh*~~ *Uisneach*. Era precedida de uma noite trágica, dita de *San-Valpurge*[132] ou de *Valpurgis*, conhecido em todo folclore europeu. Esta festa do fogo, dedicada ao deus solar ***Bélén***, era a festa do "*Fogo de Maio*". O cristianismo consagra o mês de maio à Mãe de Deus e à pureza. Novamente vemos a alegoria que citamos anteriormente, do Deus Sol BEL ou BAAL, sua relação com BELÉM e a dupla reverência ao Pai e à Mãe. Não é de se admirar que os Benjamitas – tal como os da tribo de Dan – não abandonaram o antigo culto e a veneração ao aspecto feminino de Deus. Nem mesmo Jesus, mais tarde, negaria a importância do elemento feminino em seu trabalho. Como veremos, sua ligação com Maria Madalena e a atenção que deu e recebeu de Maria de Betânia foram marcantes em seu trabalho de evangelização, transformando-se o sítio de Betânia a principal base para o trabalho de evangelização. E a Lei do Amor, que foi a tônica do trabalho do messias, nada mais é que a pura manifestação do aspecto feminino de Deus, equilibrando o aspecto masculino representado pela Justiça.

900 – Os Arameus adotam o alfabeto hebraico-egípcio-fenício, estabelecendo sua escrita e linguagem na Mesopotâmia. O aramaico se tornará a língua administrativa do Império Persa (500–330 a.C.), dali disseminando-se para a Anatólia e para a Índia.

A partir desta época a moderna arqueologia confirma assentamentos fenícios florescendo em muitos lugares.

891 – Começa a reinar Ithobaal, rei de Tiro até 859. Sua filha, Jezabel, casa-se com Ahab, rei de Israel de 874 a 853.

885 – Começa o reinado de Omri em Israel, até 874 a.C..

874 – Começa o reinado de Ahab em Israel, até 853 a.C.. Ahab casou com Jezebel, a filha de Ithobaal, rei de Tiro, trazendo sua religião com ela até o reino israelita. A influência fenícia é comprovada pelos levantamentos arqueológicos em Samaria.

859 – Começa a reinar Badizor, rei de Tiro, até 853.

131 Wikipedia – Beltane, festival celebrado pelos povos gaélicos (Escócia, Irlanda, Ilha de Mann).
132 Wikipedia – Saint Walpurga, missionária anglo-saxônica no Reino Franco.

853 – Começa a reinar Mattan, rei de Tiro, até 821.

821– Um dos filhos de Mattan, Pigmalião, começa a reinar como rei de Tiro até 774.

814 – Na Fenícia, outra filha de Mattan, Elissa (Dido), casa-se com Acharbas, irmão de Mattan. Acharbas é assassinado por Pigmalião.

813/14 – Fundação de Cartago[133], segundo as evidências mais aceitas, no auge da expansão de Tiro no Mediterrâneo. Um dos motivos advogados para a expansão foi a opressão assíria, que olhava avidamente para estes ricos reinos. A exemplo dos fenícios, seus fundadores, os cartagineses fundaram também diversas cidades nas margens da Líbia, do lado do oceano. Hannon, almirante cartaginês, fez uma viagem desde o estreito de Cádis até a entrada do Golfo Arábico, contornando a África (Plínio, o Velho, *História Natural*, livro 2); embarcou, em 60 navios, 30 mil pessoas de ambos os sexos para servirem à fundação dessas cidades e colônias cartaginesas. A frota de Cartago era de 200 navios. Ao tempo das guerras púnicas, chegará a 500.

800 – Os gregos adotam o alfabeto fenício, remodelando-o para sua linguagem. No início muitas formas diferentes do alfabeto foram experimentados, mas em 400 a.C. o alfabeto jônico foi adotado como escrita comum.

Período em torno do qual estima-se que foi redigida a Ilíada, de Homero. Muito pouco se sabe sobre ele. Heródoto (século V a.C.) diz que Homero era um grego que procedia da Iônia, na costa oeste da Ásia Menor. Provavelmente era nativo da ilha de Chios. Os historiadores divergem quando à época de Homero, situando-o de 850 a 750 a.C..

Primeiros indícios de cultura céltica organizada no sul da Alemanha e norte dos Alpes. O trabalho com o ferro – que há 200 anos já aparecera em Hallstatt, na Áustria – nesta época já aparece espalhado na Europa como espadas e aparelhos para cavalgar, deslocando o bronze.

A partir desta época os gregos começam a se expandir para o Egeu, o Mar Negro e o Mediterrâneo. No ocidente a expansão grega esbarrou na competição comercial, principalmente com os fenícios.

800–600 – Os etruscos, o povo natural da Toscana, fundam cidades na Itália central. Até 600 a.C. a influência etrusca se estenderá pela maior parte da Itália central.

800–500 – Ocorre a helenização do Ocidente na Sicília, sul da Itália e sul da França, estabelecendo-se uma linguagem e escrita grega. Cada colônia utilizava a variante do alfabeto de sua própria metrópole. Aí reside a diferença da Langue d'Oc[134], do sul da França, do francês comum do restante do país.
Também deste período é a aristocracia da região de Hallstatt, na Áustria, ao norte dos Alpes. Neste período verificaram-se grandes distinções sociais e organização. Isto se acentuou com o contato das emergentes colonizações helênicas. As civilizações céltica e helênica mantiveram intenso contato e trocas, com os celtas gradualmente descendo e assentando-se ao longo do vale do Rhine e para o sul, seguindo o vale do Rhône.

730 – Período de Zoroastro, segundo o Denkart[135].

721 – A Samaria é atacada por Sargão II[136]. Segundo os anais de Sargão, foram deportados 27290 judeus, isto é, praticamente todos. De Reis 2 17:24 tiramos:

133 Wikipedia – Cartago antiga
134 Wikipedia – língua Occitana. Na verdade origina-se do latim vulgar (tardio).
135 Wikipedia – Denkard, compêndio de crenças zoroástricas do séc. X.
136 Wikipedia Sargon II, rei do império neoassírio. Esse reassentamento resultou na perda das 10 tribos.

O rei dos assírios retirou os povos de babilônia e de Kuta, de Avva, de Khamat e de Sepharvaim e destinou-os a Israel. E eles tomaram posse da Samaria no lugar dos filhos de Israel e fixaram sua residência naquela cidade.

700 – Introdução do trabalho em ferro nas ilhas britânicas.
Roma começa a se desenvolver de uma pequena vila para uma importante cidade, em pleno domínio etrusco.

660 – Nesta época, segundo os estudiosos e os cálculos cingaleses, nasce Gautama Buddha.

605 – Assume Nabucodonosor na Babilônia.

600 – No século VI ou VII a.C. os gregos de Ionia (região a leste da Ásia Menor) estabelecem um assentamento na costa mediterrânea da França, fundando a cidade conhecida como Massilia (Marseilles). Daí a civilização grega se espalha acima pelo vale do Rhône [rio Ródano]. Naturalmente a cristandade deverá seguir esta rota a partir das igrejas da Ásia Menor, tal como ocorrerá com Madalena e seus seguidores. Quando os apóstolos lá chegarem, verificarão que o cristianismo já era conhecido.

597 – Nabucodonosor invade e destrói Jerusalém, seguindo-se dez anos de destruição em Israel e exílio do povo judeu na Babilônia.

590 – No ano 590, antes da encarnação de Cristo, partiu de Espanha uma armada de mercadores cartagineses feita à sua custa, e foi contra o ocidente por esse mar grande ver se achavam alguma terra: diz que foram dar nela. E que é aquela que agora chamamos Antilhas e Nova Espanha, que Gonçalo Fernandes de Oviedo quer que nesse tempo fosse já descoberta.

(Antônio Galvão, *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, Lisboa, 1731, p. 8)

Ora, o nome Antilhas[137] – pré-colombiano – bem deve derivar de "Atlantilhas" ou ainda de "Ilhas dos Antis". Galvão não apenas afirma que os antigos conheciam a América, mas que sua primitiva população é oriunda da Ásia.

587–538 – Queda de Jerusalém e exílio hebreu na Babilônia. Heroicamente, a cidade resistiu por dezoito meses. Nabucodonosor, rei da Babilônia, entra em Jerusalém, destrói o Templo de Salomão e leva em cativeiro um grande número de Iniciados, entre os quais se encontra Jechonias[138], pai de Zorobabel. Durante o cativeiro de cinquenta anos, os Iniciados israelitas, suspendendo suas liras nos salgueiros do Eufrates, não só chorarão amargamente a saudade de sua pátria como nutrirão, também, a esperança de tornar um dia a construir o Templo de Salomão. Mas apesar das atrocidades da conquista, ao que parece os hebreus foram mantidos em condições humanitárias, sendo-lhes concedido ficarem em colônias agrícolas no baixo Eufrates, ou em comunidades artesanais na capital. Podiam professar livremente seu culto e seus ofícios. Desta época remonta o profeta Ezequiel, "sentinela da Casa de Israel", que manteve vivo em meio ao seu povo o vínculo com a tradição. Aqui a religião hebraica atingiu sua maior grandeza espiritual, livre que estava dos compromissos clericais para com o Estado. Já os judeus da capital prosperaram e expandiram-se comercialmente, tornando-se dos mais ricos e prósperos de toda a Mesopotâmia.

Segundo estudiosos, neste exílio babilônico reside a origem dos essênios, como uma reação à decadência que levara ao exílio. Os Iniciados nos Mistérios

137 Wikipedia – Antilia, mítica ilha do oceano Atlântico.
138 Wikipedia – Jeconiah, 19º rei de Judá destronado pelo rei da Babilônia.

Essênios viviam como *Irmãos*. A Iniciação não era facilmente concedida. Quando se apresentava um candidato, experimentavam-no por três anos. Antes de ser admitido, era preciso fazer o juramento de servir a Deus, amar e proteger os homens bons e, finalmente, guardar os segredos da Ordem com o perigo de vida. Os símbolos, parábolas e alegorias eram, para eles, de uso familiar. Tal é a opinião de *Philon*, *Josepho* e *Plínio*. *Dom Calmet* admira-se que nenhum dos Evangelistas refira-se a esta seita tão célebre entre os judeus, que tanto honrava à sua religião. Em resposta, alguns alemães pretendem que a doutrina do Cristo seja uma simples revelação da Iniciação Essênia; e que o capítulo 14 de Lucas e o 17 de Mateus são uma manifestação completa de seus segredos e experiências, que Cristo só ensinou a discípulos escolhidos.

600 a 530 – Ocorre o *Massaliote Periplus*, do qual restaram apenas fragmentos. Foi citado no poema *Ora Maritima*, de Rufus Festus Avienus, no século IV d.C.. Relatam uma viagem de Massilia ao leste, para a costa da Espanha, passando pelas Colunas de Hércules e ao longo da costa até Tartessos, cidade localizada na costa atlântica espanhola, logo após as Colunas de Hércules. O *Massaliote Periplus* relata que os tartessianos comercializavam ao norte com os Oestrimnides (Pequena Bretanha e ilhas, a noroeste da França). Além disso, os Oestrimnides comercializavam com as Ilhas *Ierne* e *Albion* (Irlanda e Bretanha). *Albu* era como os Irlandeses se referiam à Bretanha no primeiro milênio a.C.. *Ierne* era a forma grega do antigo irlandês *Eriu* e o moderno *Eire*. Não se sabe se estes dois nomes são realmente de origem céltica ou adaptados de uma linguagem original.

Século VI a.C. – Época em que deve ter desaparecido completamente a civilização de Tartessos (supostamente, por estudiosos clássicos, a bíblica Tarshish), pois deixam de ocorrer menções históricas.

Época do difundido culto da cabeça e da caveira, na Bretanha e na Gália em numerosos templos. Assim como um deles, a apenas 20 milhas de Massilia (Marseilles), outros templos semelhantes simplesmente escapam do comentário dos autores. As referências literárias antigas a respeito destes cultos são escassas. Referências a taças rituais de caveiras douradas são feitas por autores como Lívio e Plutarco. Templos com caveiras colocadas em nichos, encravadas em colunas cujo topo continha uma ave ~~(um ganso?)~~ [de rapina] sentado fazem parte comum das antigas comunidades célticas (*oppidum*) da região onde estava Massilia[139]. Aquela região, como comprovam todos os levantamentos arqueológicos, era um local principal de adoração do deus Arvernus ou Arvernorix (Mercúrio), como de resto toda aquela região da costa mediterrânea francesa e entre os rios Moselle e Rhin. Isto será muito importante para compreendermos o final da saga templária quando, até hoje, não se conseguiu determinar qual o significado da famosa **cabeça dourada** encontrada com os templários, com a inscrição **Caput LVIII**♍ (vide ano 1308)!

O significado é óbvio: o morto, à semelhança da cerimônia de mumificação egípcia, é representado por sua caveira, seus restos, que morreram para a vivência terrena e retornaram ao Oceano Primordial. Este oceano está representado pelo ganso, dominando toda a representação, uma ave cujo grande ovo representa a primeira criação. É uma representação muito comum à antiga tradição egípcia. Evidentemente todos falavam a mesma linguagem, modificando-se apenas alguns aspectos externos inerentes aos locais de culto. No Egito, o Ovo Primordial era invisível, pois tomou forma antes do

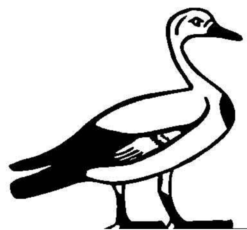
139 Wikipedia – Roquepertuse

aparecimento da luz. O pássaro da luz irrompeu do ovo dizendo: "*Eu sou a Alma, a criação das Águas Primordiais... meu ninho era invisível, meu ovo estava intacto*." Na versão do mito segundo a qual o Ovo foi posto por um ganso, este era O Grande Espírito Primordial. Essa ave era "O Grande Grasnador", cuja voz quebrou o silêncio – "*enquanto o mundo ainda estava inundado pelo silêncio*" (Livro dos Mortos, 15; Papiro Ani, 18, II). O ovo continha o pássaro da luz, mas outras fontes esclarecem que estava cheio de ar. Era a primeira coisa criada – embora invisível. Daí o Ovo abaixo do Ganso Primordial: a Cabeça Dourada! A criação cósmica do Ganso estava frequentemente associada a Osiris, criador juntamente com a substância cósmica geradora. Osiris, o ideal de todo morto, associava-se ao Ganso, que representava também a Terra – Seb. Na hora da morte, a substância cósmica da qual faz parte o homem retorna ao oceano primevo e o substrato material retorna a Seb. E o ovo cósmico do Ganso sagrado, então, representa o ciclo da Terra ao Céu, entre os quais está o homem e Osiris.

Figura 22: A caveira e o ovo primordial   Figura 23: O ganso primordial



Pórtico com caveiras em Roquepertuse, França



Existe outro culto celta, muito difundido na época, que se mostra especialmente importante para entender a saga dos Benjamitas, os adoradores da deusa Mãe e o advento de Jesus. Ele envolve o deus celta ÉSUS, e foi descrito por Lucan, romano que escreveu no século I d.C.. Lucan deu especial proeminência a três deuses célticos, sobre os quais ele mais escutara: Taranis (que teria associação com Júpiter), Teutates (que teria associação com Mercúrio) e Ésus (associado com Marte).

Figura 24: O lenhador Ésus



Uma forte revelação para o significado de Ésus está sobre um altar dos barqueiros de Paris, atualmente no museu de Cluny. Barbudo e simplesmente vestido de uma leve túnica, o deus, cujo nome está autografado "Ésus", abate uma árvore com um machado. A mesma cena é figurada num monumento de Tréveris [Trier, Alemanha], onde o divino lenhador aparece sem barba. Na outra face do altar parisiense vê-se a árvore ainda não abatida, acompanhada de um touro tendo na cabeça e no dorso três aves fortemente desenhadas, com a legenda precisa: "Tarvos Trigaranus", o "Touro com Três Grous". Em Tréveris, o touro está reduzido a uma cabeça nas folhagens da árvore e as três aves estão empoleiradas nos galhos. A decifração desta cena não está claro, pois nenhum mito semelhante se encontrou nos textos irlandeses e gauleses, e nenhum personagem se assemelha a este ÉSUS.

Alguns estudiosos têm simploriamente atribuído a Ésus, pelo machado abatendo a árvore, o significado de deus dos lenhadores. Outros mais sérios acham tal interpretação infantil, ou antes uma ignorância vital dos preceitos religiosos celtas mais elementares. Neste ponto nós não apenas concordamos como evocamos erro semelhante que ocorreu mais de mil anos mais tarde quando os "sábios" da Igreja Romana atribuíram a outro Ésus, o IESOUS Jesus, a profissão de "carpinteiro".

O significado mais seriamente atribuído a Ésus chama especial atenção para o papel de união do Céu com a Terra representado pela árvore, na qual se assentam os pássaros do céu e de cuja sombra desfruta o touro da terra. Representa a união do mundo celeste com o mundo terrestre e subterrâneo. É uma das mais antigas e difundidas representações da mitologia mundial: a árvore sintetizando a presença de Deus e sua manifestação na natureza, particularmente para o ser humano. A árvore sefirótica hebraica e a árvore da serpente na alegoria de Adão e Eva são os exemplos mais clássicos na iconografia hebraico-cristã. Representa o eixo primordial, a árvore da vida, e seu crescimento e renovação periódica das folhas simbolizam a regeneração incessante do Cosmos. Aliás, o próprio Jesus apresentará esta alegoria séculos mais tarde, quando carregará a Cruz (o eixo da árvore), representação da Mãe e de seus quatro elementos, da Terra e do Touro. As três aves sobre o Touro representam as três mães, ligadas ao céu, que na alegoria de Jesus são Maria

Madalena, Maria Betânia (embora, provavelmente, ambas sejam a mesma pessoa em dois papéis distintos), e Maria, mãe de Jesus. Lembremos que Madalena ou Magdalena vem de Migdala, nome de uma pomba destinada ao sacrifício para a deusa Astarte (vide ano 35 d.C.). Daí as três aves na árvore. Já o homem representa o lenhador, que pode não apenas cortar esta ligação do céu com a terra como também servir de intermediário na criação, acelerando esta ligação do Alto com o Baixo. É a célebre afirmação bíblica que faz do iniciado aquele que tem o poder de ligar ou desligar o contato do Alto com o Baixo. A coluna da árvore, assim, é substituída pela coluna humana. Por esta razão a coluna vertebral humana é a única que se apresenta na posição vertical entre todos os animais. O mesmo Deus que fustiga e aniquila a árvore também a liberta e fecunda. Sua ação destruidora permite ressurgir a vida. A renovação contínua do Cosmos é assegurada pela cooperação do poder destruidor de Ésus associado à fecundidade criadora da Grande Deusa. Especialistas concordam que as três aves representam a trindade feminina da Grande Deusa, a que nos referimos. Eles dizem que, estando esta trindade prisioneira da grande árvore, Ésus vai libertá-las.

O touro, também, é reconhecido pelos estudiosos como sendo uma representação lunar-terrestre do sacrifício violento que é feito pela renovação de Ésus, uma variante da representação egípcia do boi, cuja representação mostra a Lua formando os cornos. Entre os celtas, a representação da Luz sempre esteve associada à Terra, num binário indissolúvel como o do touro e seus cornos. É uma clara representação do moderno conceito astronômico que mostra a Terra e a Lua formando um sistema planetário duplo, com um eixo magnético comum. Depreende-se, daí, a possível utilização de um touro sacrificial nas cerimônias comemorativas de Ésus.

Este culto à Mãe – amaldiçoado no Antigo Testamento a ponto de causar praticamente a destruição da tribo Benjamita – foi revivido séculos depois por Jesus, um continuador da Lei Mosaica. Aliás, como vimos, Moisés já salientara a importância do Nazareno através da bênção especial de Jacob sobre José e sobre os Benjamitas, destacando-os como os eleitos dentre o povo escolhido, os dois últimos a quem abençoou (vide ano 2300 a.C.). Vinte e três séculos depois a vinda de Jesus confirmaria esta bênção: ele deu continuidade à mensagem benjamita, era filho de outro José e, assim como Benjamim, herdou Jebus (Jerusalém). Pode, à primeira vista, parecer um contra-senso quando comparado à ideia do Deus Único. Entretanto, não surpreende que tenham sido levadas à risca palavras originais do Antigo Testamento por parte daqueles que desejavam a rápida implantação da religião mosaica entre o povo relutante. Como veremos, esta cena se repetirá com a vinda de Jesus, quando os apóstolos interpretarão de forma dogmática e devota a mensagem de Jesus suprimindo, eles mesmos, os próprios eleitos do messias, como o reconhecem na pessoa de Maria Madalena. Podemos, neste caso, melhor entender a cena do Deus de Moisés contra a adoração do Bezerro de Ouro como uma versão adulterada da história original. Senão, como se explicaria que, logo após o massacre dos benjamitas, Deus e as restantes onze tribos arrependidas reabilitaram a tribo exilada, após a amaldiçoarem? E mais, por que deram a Saul – um benjamita – a primazia de ser seu primeiro rei, logo após o massacre? Somente este fato já seria suficiente para mostrar que o culto a Astarte não era – como Jesus mostrará mais tarde – tão amaldiçoado como quiseram fazer pensar.

De qualquer forma, a vinda de exilados judeus à Grécia, e de lá para Marseilles, com o posterior povoamento da região Narbonnensis – como era conhecida séculos antes de Cristo – era uma consequência direta. Da mesma forma se dará, mais tarde, a vinda de Madalena e da família de Cristo para Marseilles, como veremos. Afinal, a região de Narbonne é a que mais registra a veneração ao culto da Grande Deusa. Também se verificou muito em Lyonnaise, Sequani, Germânia Superior e Inferior, na Grã-Bretanha e na Irlanda. Depois da Narbonnensis, a região da Grã-Bretanha é a que apresenta maiores centros de culto. Os nomes e formas sob os quais os celtas veneravam a Grande Deusa eram inúmeros: *Arduinna* e *Abnona* (Diana), *Mattiaca*, *Epona*, *Rosmerta* (geralmente em companhia de Mercúrio), *Ana-Dana* (na Irlanda), ou as difundidas matronas, muito veneradas em toda Céltida, conhecidas como *Matres*, *Matrae* (principalmente em Narbonnaise) ou *Matronae* (na Gália Cisalpina).

583–511 – Período datado da morte de Zoroastro, segundo a tradição persa.

569 – Época do nascimento de Pitágoras[140] (segundo Jâmblico e Aristóxeno), em Samos, por ocasião da 54ª Olimpíada. Samos era uma rica cidade mercantil, uma extensa e sinuosa ilha egeia defronte à costa da Ásia Menor. Seu ponto mais próximo do continente dista apenas alguns quilômetros da Ásia, fato marcante para o futuro desenvolvimento do Mestre. Sendo governada por uma aristocracia hereditária de mercadores, de interesse nada filosófico, Samos não era o local propício para o desenvolvimento de Pitágoras. Samos estava prestes a se tornar a mais poderosa armada do Egeu, até o assassinato de seu líder Polícrates pelos persas. Enquanto Polícrates e Samos prosperavam, o ambiente era intolerável para Pitágoras. Os próprios sâmios não tinham tempo para ouvir a mística mensagem do mestre. O próprio Polícrates parece ter sido amigo de Pitágoras, tornando-se mais tarde seu inimigo. Seu pai fora sacerdote de Hera.

Todas as evidências parecem confirmar que Pitágoras era filho de Mnesarco, provavelmente de origem fenícia, de Tiro. O fato de ter pais estrangeiros confirma a afirmação de que Pitágoras vestia-se com trajes orientais, como calças. Jâmblico, entretanto, defende a ascendência helênica de seu herói. De qualquer maneira, apesar de Pitágoras não ter se originado da cultura e do culto ao corpo dos espartanos, de língua dórica, declarou mais tarde sua preferência e a superioridade do dialeto dórico sobre todas as línguas helênicas. Este afastamento de sua terra natal também se manifestou em seu gosto pela música. O mestre de Crotona também preferiu a musicalidade dórica à jônica. Esta preferência, segundo os estudiosos, deve ter se centrado em sua preferência pela lira, enquanto os jovens helênicos utilizavam a flauta, que era vista por Pitágoras como instrumento das orgias dionisíacas. Na verdade, na sequência de tempo dos iniciados que procuramos ligar neste trabalho vemos, na preferência por Esparta do grande mestre de Crotona, mais uma indicação de sua grande ligação com as dinastias hebraicas e com a linhagem sagrada dos portadores da Iniciação.

Além do uso de cabelos compridos (hábito comum aos merovíngios, judeus das tribos de Benjamim e Dan, aqueanos e nazarenos), a preferência por Esparta denota sua ligação com as dinastias hebraicas. Segundo antigos documentos espartanos, sua ligação com os judeus fazia-os também descendentes de Abraão (vide 2100–1600 a.C. e 1800 a.C.).

140 Wikipedia – Pitágoras Πυθαγόρας ὁ Σάμιος, filósofo e matemático grego

Discípulo de Apolo, Pitágoras frequentemente foi associado ao deus pela sua característica de nascença: uma coxa dourada! Este fenômeno, que tanto surpreendia seus seguidores, serve também para explicar seu uso de calças para ocultá-las. O fato é que várias evidências levam a uma grande ligação de Pitágoras com a região do Levante, explicando sua familiaridade com o alfabeto fenício, sua posterior ligação com a Índia e seu desligamento da terra natal, Samos, provavelmente terra de sua mãe. Samos, como tantas outras cidades gregas, era privilegiada por um grande movimento comercial por todo o Mediterrâneo, o que propiciou um grande ecletismo cultural àqueles que, como Pitágoras, buscavam o Conhecimento. Conta-se que Pitágoras aprofundou-se no conhecimento dos livros sagrados fenícios, que além de grandes mercadores – como provavelmente seu pai – eram detentores de um conhecimento milenar e de uma grande ligação com os hebreus, pelo menos desde Salomão.

Pitágoras entrou em contato com pelo menos três dos mais importantes filósofos gregos jônicos da época: Ferecides de Sira, Tales de Mileto e Anaximandro de Mileto. Nenhuma outra personalidade da antiguidade teve tão relatada sua vida quanto Pitágoras. Nesta ótica, é de se admirar que alguns insistam no mito da existência do mestre e contrariem a realidade dos fatos. Dos autores pré-aristotélicos que mencionam a vida de Pitágoras destacam-se Heráclito e Empédocles (estes dois certamente contemporâneos de Pitágoras), além de Platão, Heródoto, Isócrates, Íon e Xenófanes.

Segundo a *Teologia da Aritmética*, atribuída a Jâmblico, 216 anos se passavam de uma encarnação a outra de Pitágoras. Este número é o resultado do cubo de 6, o qual, por sua vez, é considerado um número circular, já que suas potências terminam sempre em 6. Além disso, é um número tridimensional, pois simboliza a criação numérica dos objetos sólidos, tridimensionais. Considerava-se, então, que o feto estaria formado após 216 dias. Escutemos Jâmblico[141] (*Theologumena Arithmeticae*, org. Ast, p. 40):

> Como o total de 216 resulta do cubo de 6, o tempo equivalente a um nascimento de 7 meses com 6 dias somados a estes 7 meses, referentes aos dias em que o esperma se torna espumoso e germina, Androcides, o autor pitagórico da obra ***Sobre os Símbolos***, Eubulides, o pitagórico, Aristóxeno, Hipoboto e Neantes afirmaram que Pitágoras reencarnava a cada 216 anos. Após este número de anos, Pitágoras iniciava o processo palingenético e vivia novamente, em conformidade, portanto, com o primeiro ciclo recorrente e o retorno do psicogônico cubo de 6. O cubo psicogônico é eternamente recorrente, em razão de sua esfericidade (todas as potências de 6 terminam sempre em 6); este é o motivo pelo qual Pitágoras retornava à vida em outras épocas. O fato de que ele possuía a psique de Euforbo na época em que isto se deu é compatível com tudo o que foi dito acima, pois decorreram quase 514 anos desde a eclosão da Guerra de Troia (1184) até a época de Xenófanes, o cerco dos jônios pelo medo Harpago[142] e a revolução, que fez com que os fócios fugissem e se estabelecessem em Marselha. Pitágoras foi contemporâneo de todos esses eventos. Assim a história nos informa que Pitágoras, que nessa ocasião estudava com os sacerdotes egípcios, foi levado como prisioneiro por Cambises quando esse rei persa invadiu o Egito. Ele foi para a Babilônia e iniciou-se nos ritos religiosos dos persas. Isto é verdade porque Cambises era contemporâneo da tirania de Polícrates, em Samos, da qual Pitágoras fugira, indo para o Egito.
>
> (Peter Gorman, *Pitágoras, uma vida*. São Paulo, 1989, pp. 38–39)

141 A autoria ainda é debatida (provável anônimo). Dominic O'Meara, *Pythagoras revived*, pg. 15
142 Wikipedia – Harpagus, general da tribo dos Medos (atual Irã).

[compare com o que escreve Leonid Zhmud em *Pythagoras and the Early Pythagoreans*, pg. 91]

O relato anterior coloca Pitágoras convivendo, em 538 a.C., com Polícrates (quando Polícrates assume o poder) e a Guerra de Troia em 1186 (vide nesta cronologia esta época), enquanto Euforbo tem seu nascimento estimado em 1220–1217 a.C.. As encarnações futuras encaixam-se, também, com as afirmações de suas novas manifestações como São Francisco de Assis – que atingiu sua iluminação em 1206 d.C. e viveu 8x216 anos após Pitágoras – e como Koot Hoomi[143] Lal Sing, que aparece para Alice Bailey na Inglaterra em 1895, vivendo pois 11x216 anos após Pitágoras (vide adiante na Cronologia).

563 – Nasce Siddhartha Gautama, o Buddha (563–483 a.C.).

562 – Morre Nabucodonosor.

560 – Construção de uma das 7 maravilhas do mundo antigo: o Templo de Ártemis, em Éfeso. Com a ajuda do rico rei Creso, da Lídia, foi erguido um templo comparável apenas ao da deusa Hera, na vizinha ilha de Samos, construído em 540 a.C.. Éfeso, uma das mais antigas cidades gregas do litoral da Ásia Menor, veio a ser uma das mais ricas nas épocas helenística e romana. A cidade ocupava excelente posição central na costa e situava-se às margens de um golfo profundo, perto do rio Caister, no extremo da Estrada Real, a rota que atravessava o interior da Anatólia a partir de Susa, a capital persa. Na época romana, Éfeso tornou-se a capital da província da Ásia. Centro de comércio da maior importância, foi berço de uma das mais ativas comunidades cristãs.

A cidade era local de culto de Ártemis, cujo caráter diferia daquele conhecido no restante da Grécia. Os efésios reivindicavam que *seu culto remontava ao tempo das Amazonas*, e parecia que a Ártemis grega havia assimilado as características de uma deusa da fertilidade local. O templo se manteve até 356 a.C., quando um louco ateou fogo às estruturas de madeira e ao telhado. O nome do incendiário – Heróstrato – foi "*decretado amaldiçoado pelo Conselho Público da Ásia, como sendo o do pior e o mais ignóbil dos homens, a expressão máxima de toda a perversidade; uma pessoa que não é digna nem de menção nem de lembrança, nem mesmo de ter um nome*". Diz-se que nessa mesma noite nasceu Alexandre da Macedônia. A reconstrução do templo foi reiniciada imediatamente, mas lentamente. Foi então que Alexandre Magno impulsionou a obra, desviando para o santuário impostos que antes eram pagos aos persas. O templo em muito copiava o original, mas a plataforma em que se erguia foi mais alta e mais larga (125,16 x 64,79 m)[144]. Uma fila dupla de 9 colunas estendia-se atrás, com duplas filas de colunas nos lados e uma fila tripla de 8 colunas na frente. Existia um espaço mais largo entre as colunas centrais da frente, medindo 8,75 m de centro a centro. As colunas jônicas mediam pouco mais de 23 m de altura, incluindo a base e o capitel. Plínio conta que 36 dessas colunas tinham os toros de suas bases decorados com esculturas; não se sabe sua disposição, mas devem ter sido as duas primeiras filas da frente e as que flanqueavam a passagem central do templo. Um desses toros trabalhados está no Museu Britânico, e mostra Hermes com o caduceu, acompanhado de Alceste, Perséfone e o jovem alado Tânato:

143 Wikipedia – Koot Hoomi – encarnações. A sua existência é questionada.

144 Para os alemães as medidas eram 125,67 x 65,05 m. Wikipedia – Tempel der Artemis in Ephesus

Figura 25: Detalhe do templo de Ártemis



551 – Nasce Confúcio[145]. Seu nome de família era K'ung, sendo mais tarde chamado por K'ung-fu-tzu (Mestre K'ung). Era provavelmente filho de família nobre empobrecida. Orfão desde a idade tenra, cresceu pobre. Tornou-se professor, filósofo e teórico político. Seu pensamento tornou-o o mais famoso homem oriental, influenciando todo o pensamento oriental.

O confucionismo representa o modo de vida seguido pelo povo chinês há cerca de 2500 anos. Fundado por Confúcio (551–479 a.C.), sua filosofia tem sido sinônimo tanto de ensinamento como de religião. De tal profundidade é a influência do confucionismo na cultura chinesa que, se fosse solicitado a alguém caracterizar em uma palavra a vida e a cultura tradicionais da China, a palavra escolhida seria Confúcio. Não há sequer um dos dois mil condados chineses que não tenha erguido um templo a Confúcio. O código de conduta confucionista tinha o papel de uma norma de conduta segundo a qual cada indivíduo regeria sua vida. Os valores confucionistas serviram tanto de inspiração como de corte de apelação às relações humanas em todos os níveis, seja entre indivíduos, comunidades ou países. O período histórico que vai de 550 a.C. a 200 a.C. é tradicionalmente conhecido como era clássica ou a *Era dos Cem Filósofos*[146]. Os 100 filósofos estavam agrupados em 6 escolas: o confucionismo, taoísmo, moismo [seguidores de Mozi], a escola do yin-yang, o legalismo e os dialéticos. De maneira geral, eles manifestavam-se vigorosamente no sentido de propor soluções para o problema urgente de trazer ordem ao caos. Apesar de ser mais antigo no tempo e no renome, Confúcio foi durante algum tempo contado entre os 100 filósofos e o confucionismo colocado como uma das seis escolas. No século II a.C. o confucionismo passou a ser elevado ao estado de culto, assim como ocorrera com as outras escolas.

Por outro lado, o taoísmo sempre manteve um lugar de importância como um elevado sistema filosófico, popular entre as elites contemplativa e artística. Ao mesmo tempo, o taoísmo manteve-se como uma religião popular entre os devotos. Já o confucionismo, que para tantos e por tanto tempo foi encarado

145 Wikipedia – Confucius 孔夫子
146 Wikipedia – Hundred Schools of Thought

como um modo de vida, é frequentemente visto como um sistema filosófico, enquanto outras vezes como religião. Em seu bojo o confucionismo encerra alguns dos mais elevados elementos da tradicional religião chinesa, como a reverência ao céu e o culto aos ancestrais. O próprio Confúcio, entretanto, pregava o alcance da Sabedoria pelos homens através do auto-cultivo e da iluminação interna. Dessa forma os templos do confucionismo funcionam mais como monumentos memoriais do que como instituições religiosas propriamente ditas, como ocorre com as igrejas e sinagogas. Aí reside um dos pontos mais notáveis da filosofia confucionista: seus praticantes se intitulam taoistas, budistas ou cristãos, mas não deixam de dizer que são confucionistas. Mais que um credo a ser professado ou rejeitado, o confucionismo tornou-se um padrão utilizado na estrutura e na vida da sociedade chinesa e um exemplo de tolerância religiosa, filosófica e de Sabedoria para toda a Humanidade.

Salienta-se, assim, a característica mais filosófica que religiosa do pensamento de Confúcio. Reservadas as devidas proporções, é como se fosse a filosofia professada por Krishnamurti ao longo de toda sua vida, contrastando com o aspecto religioso que pretenderam dar alguns membros da Sociedade Teosófica ao fundarem a Ordem da Estrela. O resultado foi a rejeição de Krishnamurti à possibilidade de culto e a continuação de sua pregação independente da auto-salvação do homem. De fato, a base do ensinamento de Confúcio está na doutrina de um ideal humano, individual e social. O ideal para o Indivíduo é conhecido como o "**chün-tzu**", ou o Homem Superior[147]. É o que conhecemos pela Individualidade. Com os ingredientes da arte e da beleza misturados harmoniosamente nele, o "homem superior não sente nem ansiedade nem medo, e está sempre calmo e tranquilo". Ao contrário, o homem inferior está sempre preocupado e cheio de tensão. Literalmente e originalmente, as duas palavras do termo "**chün-tzu**" significam "príncipe-filho" ou uma altivez. No egípcio, a palavra "Eu" é **tua**. A palavra **shum**, por sua vez, designa **pequeno**. Notamos, na fonética egípcia comparada à utilizada por Confúcio, o "**Pequeno Eu**" como sendo efetivamente a Unidade a que o Mestre se referia.

546 – Morre Anaximandro, consideravelmente mais velho que Pitágoras, com o qual teve contato.

538 – Policrates assume o poder em Samos.

Ciro[148] entra na Babilônia e liberta os judeus, atendendo às súplicas de Zorobabel. Ciro fez publicar um decreto pelo qual os hebreus foram postos em liberdade para irem novamente construir o Templo de Jerusalém. Retornando à pátria, uma nova divisão entre as doze tribos é feita. A tribo de Benjamim, uma das únicas que permaneceu juntamente com Judá, teve a porção desde a região oriental até a ocidental (Ezequiel 48:23). As outras tribos haviam ido para a Samaria, e deram combate a Benjamim e Judá.

O exílio judeu na terra dos magos caldeus deu um impulso totalmente novo na religião mosaica. Segundo estudiosos como Breuil, Kuhn e Hinnels:

> é sob os partas que a inferência mais profunda do masdeísmo sobre o cripto-judaísmo se realiza. A Nova Aliança, que queria renovar Israel, foi contratada no exílio esseniano no "país de Damasco", numa terra rica de elementos mago-zoroástricos. Fiéis à amizade ancestral dos persas, os essenianos deportados na Síria acabam sendo o último bastião favorável a uma aliança judaico-parta contra a sinagoga helenizada e contra Roma.

147 Wikipedia– Junzi 君子 = pessoa respeitável, nobre (termo sem gênero, igual para homens e mulheres)
148 Wikipedia – Cyrus o Grande, fundador do Império Persa.

Estariam eles esperando um retorno maciço dos aliados persas, a fim de restaurar, uma vez ainda, o verdadeiro Israel, aqui personificado pela seita de Qumran? Embaixadas persas iam a Jerusalém e os Devotos de Israel jamais perderam contato com seus irmãos da diáspora da Mesopotâmia, de Elão [Elam], de Meda e de Parta. Por toda parte espera-se um messias libertador nas pegadas de Arsácida, do herdeiro de Ciro, o untado do Senhor do Livro de Isaías.
(Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, Ibrasa, SP, 1987, pp. 104–105)

Para mais detalhes e evidências desta estreita ligação judaico-zoroástrica na luta pela libertação contra o jugo romano vide anos 53 a.C., 40 a.C., 37 a.C. e 20 a.C..

535 – Pitágoras (34) chega ao Egito com uma carta de recomendação a Amásis feita por Polícrates. Isto comprova que a relação de Pitágoras e Polícrates não era das piores, pois este não mandaria um inimigo aos sacerdotes egípcios. Tal carta servia para abrir as portas a Pitágoras no conhecimento dos Mistérios dos sacerdotes egípcios, estes sempre muito ciosos, principalmente no que diz respeito a estrangeiros.

536 – Zorobabel entra em Jerusalém, após vencer os inimigos que lhe disputaram a passagem pelo Eufrates. Lançam-se os alicerces do novo templo, cuja construção durará 20 anos.

534 – O príncipe Siddhartha Gautama tem a grande reviravolta em sua vida. Quando passeava na carruagem real, viu um pobre velho. Perguntando ao cocheiro sobre a situação do ancião, recebeu como resposta que todos, um dia, vivendo tanto estavam sujeitos a tal situação. Perturbado pela visão, o príncipe recolheu-se em seus pensamentos. Outro dia, voltando com o cocheiro viu um homem muito doente, perdido entre seus excrementos e sendo erguido por outro. Teve como resposta, do cocheiro, que todos estavam sujeitos a tal sofrimento um dia. Numa terceira ocasião o principe viu um cadáver. Finalmente, viu um sacerdote peregrino bem vestido, com traje amarelo e cabeça raspada. Ao voltar ao palácio, perturbado com estas discrepâncias, Siddhartha deparou-se com o nascimento de seu filho, Rahula. Recebendo estas notícias, o príncipe decidiu fazer a grande renúncia: abdicou da vida principesca para tornar-se um peregrino asceta.[149]

529 – Morre Ciro, da Pérsia, deixando ao filho Cambises [II] o maior império jamais visto na face da terra, do Bósforo ao Indo, do Mar Negro ao Oceano Índico. Cambises – ao contrário do pai – era apenas um conquistador, totalmente desprovido de tato diplomático. Manda matar seu próprio irmão Smerdis.

528–525, lua cheia de maio – Na data comemorada do Festival de Wesakha sob uma figueira em Gaya (mais tarde chamada Bodh Gaya), Siddhartha Gautama atinge a Iluminação (*Bodhi*), tornando-se assim O Iluminado (O Buddha).[150]

525 – Após garantir o apoio das frotas jônica e fenícia, Cambises [II] invade o Egito, numa série de estúpidas profanações e provocações. Morreu na Síria em março de 522.

Pitágoras (44) deixa o Egito como prisioneiro dos persas. Neste mesmo ano deve ter chegado à Babilônia. Porfírio nos informa que o Mestre só visitou o templo de Dióspolis. Nunca saberemos ao certo se foi admitido nos outros templos. Porfírio, com base na informação de Aristóxeno, afirma que o Mestre estudou sob a orientação dos caldeus e de um sábio chamado Zaratas. Ao

149 Wikipedia – As 4 visões de Gautama (um velho, um doente, um morto e um asceta)
150 Wikipedia – Gautama Buddha; Wesak – feriado celebrado no Nepal, Tibet, Mongólia e sul da Ásia.

contrário do que alguns tentam associar, Zaratas não deve ter sido Zoroastro, mas um eminente mago da religião zoroástrica. Segundo Porfírio, Pitágoras aprendeu três coisas com Zaratas:

1. Como livrar-se das impurezas da vida anterior
2. Como o Sábio pode ser imaculado
3. Ouviu um discurso acerca da Natureza, estudando os princípios metafísicos do Cosmos.

Estes pontos estão de acordo com as grandes especialidades dos magos caldeus: o uso das drogas naturais iniciáticas/purificadoras e a astrologia, esta última relacionada com o terceiro ponto acima mencionado. Pitágoras acreditava no poder mágico e oculto das plantas. Falava da albarrã[151], amplamente usada nos ritos de Purificação. Dizia que ela prolongava a vida e dava ótima saúde. Do aspecto astrológico extraiu todos os conhecimentos dos números, das Grandezas Celestes e da Harmonia musical. Nos relatos de Aristóxenes referentes às crenças de Zaratas são amplamente descritos os aspectos Pai (Luz) e Mãe (Treva), onde tudo no Cosmos é composto de macho e fêmea. Ressaltava a existência de um deus celestial e outro infernal, próprio do dualismo de Zoroastro e que veremos mais adiante através dos cátaros, que serão perseguidos pelo fanatismo monoteísta. Este dualismo tornar-se-á motivo de discórdia entre os platônicos e os neopitagóricos. Enquanto alguns pitagóricos o aceitarão, outros discordarão violentamente.

Os seguidores de Pitágoras e de Platão (Jâmblico, Porfírio e Plotinus) refutarão a noção dos dois deuses, um do bem e outro do mal. A causa reside nos seus oponentes gnósticos e cristãos, sem falar nos discípulos de Zoroastro, os maniqueístas, para quem um demiurgo maligno criou o Cosmos físico e encarcerado, as psiques, centelhas de luz da divindade boa, nas trevas da matéria. Os seguidores de Pitágoras não podiam aceitar a ideia de um criador maligno. Por esta razão Jâmblico e Porfírio relutam em descrever o dualismo zoroástrico e sua influência em Pitágoras, suprimindo quase toda informação sobre a estadia do Mestre entre os caldeus. Com exceção de Plotinus, que parece ter aceitado o dualismo pitagórico, assumindo que a bondade era simbolizada pela luz e o mal pelas trevas, os platônicos e os pitagóricos do último período do Império Romano rejeitaram este dualismo e se esforçaram para inocentar Platão da acusação de ter sido um dualista. Os nomes originais dos dois deuses iranianos são Ahura Mazdâ[152], o deus do bem, e Ahriman[153], o deus do mal. O primeiro identificava-se ao Pai e à luz e o segundo à Mãe e à treva. Mais tarde Pitágoras identificaria este princípio feminino e material com o 2 e os números pares, chamando os números ímpares, oriundos do Uno, de bons. Para ele, a relação dos opostos é que formava a harmonia da Natureza.

Ao que parece Pitágoras realmente era escravo, e parece que cativou seus captores para obter sua libertação, pois estes eram cruéis com os escravos, chegando a mutilá-los em caso de tentativa de fuga. Heráclito criticou este espantoso cabedal de conhecimentos que Pitágoras possuía, dizendo que a polimatia jamais levaria a Sabedoria. Sua crítica é aqui reproduzida:

> Pitágoras, o filho de Mnesarco, levou a busca pelo conhecimento mais longe do que todos os outros homens. Ele reuniu estes estudos e reivindicou para si uma sabedoria que não era senão polimatia, charlatanismo.

151 Wikipedia – Drimia maritima, cebola do mar = cebola-albarrã
152 Wikipedia – Ahura Mazda (senhor da sabedoria), a mais alta divindade do zoroastrismo.
153 Wikipedia – Ahriman, espírito destrutivo, contraposição a Ahura Mazda.

Empédocles também testemunhou sobre a extensa cultura de Pitágoras, mas discorda quanto à invejosa crítica de Heráclito. Para Pitágoras, o conhecimento em si era místico porque era adquirido por meio de rememoração da psique de suas existências anteriores e de seus encontros com o mundo dos deuses e da música cósmica. Pitágoras amava todos os ritos iniciatórios. Por eles, a psique era levada a lembrar-se, um pouco mais, do mundo invisível.

521, 29 de setembro – Dario I[154] assume como rei dos persas, após se livrar dos usurpadores.

521 – Polícrates[155] morre crucificado pelo sátrapa persa Oroetes.

520–518 – Ao que parece, neste período Pitágoras viajou por toda a Grécia, observando os costumes dos povos e sendo iniciado nos cultos dos deuses. Jâmblico diz que Pitágoras visitou todos os oráculos da Grécia. Segundo ele, Pitágoras foi a Creta, estudou as leis das cidades e iniciou-se nos ritos dos deuses. Jâmblico situa esta data em 512 a.C., mas é pouco provável perto de outras evidências e relatos.

Existia na caverna do Monte Ida a sociedade dos dáctilos, entidades místicas que, segundo Porfírio, foram visitadas por Pitágoras. Porfírio indica que o mestre foi iniciado pelo hierofante Morgos (*Vita Pythagorae*, org. Nauck, 25,17). Segundo ele [V. P. 25,34]:

> Antes de se dirigir aos misteriosos santuários dos deuses, onde permanecia durante algum tempo, ele costumava ingerir alimentos que aplacavam a fome e a sede. A fome era aplacada por meio de um preparado feito de sementes de papoula, gergelim e casca de albarrã[151], que ele lavava exaustivamente até que a camada de polpa suculenta que a envolve dela se desprendesse; ele também incluía caule de ~~asfóleo~~ asfódelo, folhas de malva, cevada, trigo e grão-de-bico. Os ingredientes eram usados na proporção exata e, depois de cortados, eram mergulhados no mel proveniente de Himeto. (Peter Gorman, op. cit., pp. 96–97)

Este preparado correspondia ao sagrado *kykeon*[156] dos Mistérios de Elêusis. Pitágoras fundou uma escola em Samos, o hemiciclo, que pode ter incorporado algumas ideias que ele trouxe de Esparta e Creta. Seus ensinamentos tomaram-se tão famosos que os gregos afluíram a Samos para ouvi-lo. Nesta época, as ciências matemáticas progrediram muito na Grécia, e muito desse desenvolvimento deveu-se a Pitágoras.

O método simbólico de ensino que Pitágoras aprendeu no Egito não agrada aos sâmios. Segundo Jâmblico (*De Vita Pythagorica*, org. Deubener, pp. 13–14):

> Ele foi reconhecido entre os mais velhos e, como sempre, tornou-se objeto de admiração. Para esses ele parecia mais bonito, mais sábio e mais divino. O governo lhe pediu que ficasse à disposição de todos os que desejassem compartilhar suas ideias. Ele não fez nenhuma objeção e pôs em prática o seu método simbólico de ensino, que era análogo, em todos os sentidos, às lições que aprendera no Egito. Os sâmios não se entusiasmaram muito com esse método e o trataram de modo rude e inconveniente. (Peter Gorman, op. cit., p. 85)

Com os sâmios não se entusiasmando pelas suas aulas, Pitágoras precisou dar dinheiro a um menino pobre para poder ensiná-lo matemática. Com o passar do tempo o menino tornou-se tão interessado pelos problemas que se dispôs a

154 Wikipedia – Darius o Grande (550–486 b.C.), 3º rei persa do Império Aquemênida.
155 Wikipedia – Polycrates (morte)
156 Wikipedia – Kykeon (bebida). Possivelmente a cevada era contaminada pelo fungo Ergot, que possui alcaloides psicodélicos.

pagar a Pitágoras para que este continuasse a ensiná-lo. Jâmblico acreditava que o nome deste menino também era Pitágoras, o primeiro a escrever sobre a carne como um alimento básico para os atletas.

518–513 – Pitágoras (51) chega a Crotona, na Itália em 518 a.C.. Jâmblico informa que o Mestre chegou do Oriente em 513 a.C., mas esta informação é incoerente com outras informações e outras fontes. Se pode parecer muito velho para começar uma nova vida na Itália, devemos lembrar que, ao que parece, na Grécia antiga esta idade parecia não representar muito. É muito comum a notícia de andarilhos sexagenários peregrinarem por todo mundo. Apolônio, Parmênides e Górgias são exemplos. De acordo com os registros fiéis da vida de Pitágoras – e foram muitos pois ninguém na Antiguidade foi mais mencionado que o mestre de Crotona – ele viveu até 99 anos de idade. Com base em Dicearco, uma fonte fidedigna, Porfírio (*Vita Pythagorae*, org. Nauck, 18–19) descreve a aparência de Pitágoras no dia de sua chegada em Crotona:

> Quando desembarcou em Crotona, na Itália, conta Dicearco, ele parecia um homem extraordinário de regresso ao lar após uma longa jornada, cujos dotes naturais tinham se completado com a fortuna. Ele tinha o semblante de um homem livre, era alto e, entre outras coisas, sua voz e seus gestos eram belos e bastante sedutores: os crotonienses ficaram tão impressionados com ele que os governantes o convidaram a se dirigir aos mais jovens e falar-lhes sobre questões referentes à juventude. Isso aconteceu depois de ele deixar o conselho dos mais velhos fascinado por seu maravilhoso discurso. Em seguida falou às crianças reunidas na escola; por fim dirigiu-se às mulheres, que haviam afluido para ouvi-lo. Sua fama, após tais discursos, propagou-se rapidamente, e ele ganhou muitos discípulos na própria cidade, não só homens mas mulheres também, entre elas a particularmente famosa Theano. Ele conquistou ainda muitos adeptos entre as regiões vizinhas, entre os quais governantes e príncipes. Ninguém sabe ao certo quais foram suas palavras nessas reuniões, pois os pitagóricos seguem uma norma de silêncio excepcionalmente rigorosa.
>
> (Peter Gorman, op. cit., pp. 110–111)

Essa norma de silêncio está evidentemente exagerada por Porfírio, que não queria mencionar certos discursos considerados apócrifos pelo Mestre. Já Jâmblico cita todos os discursos, contando muita coisa interessante sobre a sociedade que Pitágoras fundou em Crotona.

Uma das crenças curiosas dos pitagóricos diz respeito ao cabelo e às unhas. Segundo Pitágoras, essas excrescências eram propriedades dos deuses e não deveriam ser cortadas, especialmente numa festa religiosa. O próprio Pitágoras, assim como seus discípulos, usavam *cabelos longos*: mais uma ligação, portanto, com a dinastia dos reis cabeludos, assim como ocorrerá com Jesus. Entre os vários milagres atribuídos a Pitágoras está um que lembra aquele do Mestre da cristandade. Vejamos a narração de Jâmblico, em *De Vita Pythagorica*, p. 21:

> Naqueles dias, ao partir de Sibaris rumo a Crotona, estava ele caminhando pela praia quando encontrou alguns pescadores no momento em que estes ainda puxavam sua pesada rede do fundo do mar. Ele predisse então a quantidade exata de peixes que estariam na rede. Se o seu prognóstico estivesse correto, os pescadores deveriam então fazer o que lhes ordenasse. Depois que eles tivessem puxado a rede para a praia e contado exatamente a quantidade de peixes, deveriam lançar todos os peixes que ainda estivessem vivos novamente ao mar. O espanto foi que nenhum dos peixes que permaneceu fora da água morreu durante o longo tempo em

> que se efetuou a contagem. E depois de pagar aos pescadores a quantia referente à pescaria, prosseguiu em seu caminho para Crotona. Os pescadores contaram aos seus o que lhes tinha acontecido e, quando seus filhos lhe disseram que o nome daquele homem era Pitágoras, eles o divulgaram a todo mundo. Todos os que ouviram falar a seu respeito queriam conhecer o estranho, o que se concretizou de imediato.
>
> (Peter Gorman, op. cit., pp. 125–126)

Isto aconteceu tão logo Pitágoras chegou à Itália, firmando sua reputação como semideus. A história apresenta muito bem a atitude do mestre em relação aos animais. Em todas elas evidencia-se a mesma moral: o vegetarianismo. Além disso, a história da voz divina que saudou Pitágoras na travessia do rio Cosas, na Itália (ou do rio Nesso, em algumas versões), se repete várias vezes no Novo Testamento (João 12:28, Lucas 3:22).

Pitágoras fazia muitas pessoas recordarem-se de suas encarnações anteriores. Fazia parte do ritual iniciático individual. Provavelmente tem relação com o primeiro dos três pontos aprendidos com o mago Zaratas: "como livrar-se das impurezas da vida anterior" (vide ano 525 a.C.). Um desses casos aconteceu com Mílias de Crotona, o qual fez com que se recordasse de que tinha sido o rei Midas, da Frígia. Seguindo as recomendações de Pitágoras, Mílias partiu para a Frígia a fim de realizar determinados ritos sobre a sepultura do falecido rei. Esse processo de recordação ou "anamnese" tornou-se conhecido por meio de Platão. Para Pitágoras e Platão todo conhecimento consistia numa recordação das vidas e experiências anteriores. Desse modo o conhecimento tornava-se seguro pois estava fundamentado nas recordações das formas matemáticas ideais e dos números divinos do paraíso pitagórico que, mais tarde, foi chamado de mundo inteligível. Pitágoras também falou sobre a reencarnação a muitos governantes italianos, e o poeta Ovídio mostra Pitágoras ensinando essa doutrina aos antigos reis de Roma.

A principal doutrina filosófica da sociedade pitagórica formada em Crotona era a crença de que tudo era número ou assemelhava-se a ele. Por esta razão eles proclamavam o juramento: "tudo se assemelha ao número". Prestavam juramento não somente ao número como também ao homem que elucidou sua natureza, Pitágoras.

Os discípulos eram de duas naturezas: os acusmáticos e os matemáticos[157]. Aos primeiros não era exigida a abstinência da carne, apenas em determinados momentos especiais. Sua vida não era muito rigorosa, e podiam comer carne e tomar vinho. Mas os acusmáticos nunca deveriam comer o miolo e o coração dos animais, pois aí residia a sede da Vida e da Inteligência. Não aprofundavam-se tanto na doutrina, ficando mais no aspecto de ouvintes. Daí o termo acusmáticos. A filosofia destes consistia de *akousmata*, não demonstrada e tampouco explicada, mas tomadas como normas de conduta. Os acusmáticos deveriam preservar esses ensinamentos como declarações divinas. A denominação portuguesa de acusma origina-se do grego *akhousma* que significa rumor, alucinações auditivas que fazem ouvir vozes e instrumentos musicais. Na iniciação é o que se chama de "*ouvir o galo cantar*". Significa que o indivíduo ouviu o canto da mensagem, mas não sabe de onde veio, e muito menos seu significado real. Como veremos, o próprio Pedro representará esta classe de discípulos em sua devota pregação apostólica. Jesus, sabendo disto, advertiu-o alegoricamente pela mensagem do "*canto do*

157 Wikipedia – Pitagorianismo – tradições filosóficas: akousmatikoi x mathēmatikoi

galo", antes que Pedro negasse sua fé. É uma alegoria (ou, como diria Jesus, uma parábola) de que Pedro era um discípulo *acusmático*, que ouvira rumores da mensagem e, como tal, não tinha a firmeza e a certeza do *Conhecimento da Verdade* que liberta, da *Gnose*, afeita somente aos matemáticos. No ano 33 d.C., na transcrição do *Evangelho* de Maria, vemos claramente a estranheza de Pedro em relação à mensagem velada de Jesus. A mensagem, descrita por Maria Madalena, é claramente de cunho platônico ou neopitagórico. Maria era, pois, nitidamente uma discípula matemática, fazendo parte do círculo seleto do pitagórico Jesus. Pedro, ao pedir a Maria que revelasse a mensagem secreta do Messias e, principalmente, ao estranhar e repudiar grosseiramente a dissertação de Maria, revelou-se um acusmático.

Os matemáticos não comiam nenhum alimento de origem animal. Eram vegetarianos rigorosos, e seu vegetarianismo sofria certas restrições quanto aos feijões, a malva e outras plantas. Compreendiam os Iniciados na ciência do cálculo e da Inteligência dos números.

Embora a Sociedade de Crotona não fosse governada por um processo democrático, constituía um verdadeiro exemplo dos princípios de liberdade para as cidades italianas. O sábio Pitágoras tinha a prerrogativa de exercer absoluta autoridade na sociedade, pois seus discípulos não tinham o grau de experiência por ele alcançado. Tratava-se, aliás, de um processo voluntário, pois os membros concordavam em ingressar na sociedade e acatar suas regras. Dificilmente se poderia qualificar Pitágoras como um tirano ou déspota, pois não exercia nenhum controle político sobre seus membros. Entretanto, precisamos entender seu poder advindo de sua Sabedoria, algo reconhecido por todos os membros. Como tal, ele era o Mestre, aliás, o Venerável Mestre da sociedade. Este poder adquirido foi deturpado pela ignorância de sociedades posteriores, pois a palavra MESTRE, em grego, é dita ΔΕΣΠΟΤΑ ou DÉSPOTA[158]! Afinal, se para ser reconhecido como Mestre é preciso haurir a substância da Sabedoria, este Venerável Mestre é que passa as sábias instruções ao recipiendário. De fato, este conjunto de instruções passadas pelo hierofante é designado por APORRETA[159]. Segundo Sir Thomas Taylor:

> Aporreta são as instruções dadas pelo hierofante nos Mistérios de Elêusis, instruções que não podem ser reveladas sob pena de morte. Dizia-se existir uma sinopse dessas instruções no *petroma* ou duas tábuas de pedra, as quais, conta-se, eram unidas na forma de um livro.
>
> (Thomas Taylor, *Eleusinian and Bacchic Mysteries*, p. 241)

Ora, é uma clara referência à notícia das Tábuas da Lei de Moisés, que parece ter adotado os Dez Mandamentos como um resumo das instruções maiores para os iniciados. Esse conjunto de sábias instruções era dado pelo Mestre. Ambos, portanto, o Mestre e a Sabedoria dos Mistérios, representam a mesma verdade. Na mais sintética das sínteses, o número, ambas as palavras, *Déspota* (o Mestre) e *Aporreta*, são a mesma coisa. Numericamente são formadas pelo número da Sabedoria, o 6:

Δ Ε Σ Π Ο Τ Α
4 + 5 + 200 + 80 + 70 + 300 + 1 = 660!

Α Π Ο Ρ Ρ Η Τ Α
1 + 80 + 70 + 100 + 100 + 8 + 300 + 1 = 660!

158 A grafia no grego antigo é δεσπότης, que originou em latim *despota*.
159 Απόρρητα (misteriosos, secretos) é o plural neutro de απόρρητος.

Temos, novamente, o cíclico número 6, a que tanto se referiram Pitágoras e seus seguidores, tão ligado ao Mestre e à roda das encarnações, colocado duplamente e junto com o símbolo do Infinito Pitagórico, o Zero. Esta é a representação do MESTRE e de suas INSTRUÇÕES dadas ao Recipiendário. É aquele que mostra ao discípulo como livrar-se da roda das reencarnações, como colocar o pé no Infinito, passando dos infindáveis ciclos do 6 e alcançando o Zero. Mas o grau seguinte neste entendimento será ainda dado. Da revelação dada pelo *aporreta* ele chegará à *epopteia*, quando sua visão superior será aberta. Corresponde ao êxtase meditativo, a iluminação. Thomas Taylor:

> Por conseguinte, a graduação dos Mistérios é colocada por Proclus em *Teologia de Platão*, livro IV: "*O rito perfectivo*" (telete, τελετη), diz ele, "*precede em ordem à iniciação* (μυησις, muesis), e a *iniciação* ao apocalipse final, a *epopteia.*" (Thomas Taylor, *Eleusinian and Bacchic Mysteries*, p. 82)

Para mais detalhes sobre *epopteia*, vide 1800 a.C. e 52 d.C..

517 – Dario I se dirige ao Egito, onde assume o título de faraó, usando todos os meios para recuperar os danos de Cambises [II]. Foi ajudado pelo clero de Saís. Invade a Europa, construindo uma ponte [de barcos] sobre o Bósforo. Neste ano Dario inaugura um grande canal[160] (45 m por 60 km, desde os lagos Amargos até Bubastis), favorecendo o Egito e, por conseguinte, os portos fenícios, mas excluindo os da Jônia. Isto acarretará a guerra com os gregos a partir de Mileto. Por muitos séculos este canal será a principal fonte de riqueza do Egito.

516 (aprox.) – Época provável da conclusão das obras do Templo de Jerusalém.

514 – Dario retrocede na Europa pois os citas[161] fugiram deixando para trás a terra queimada. Dario deixa na Europa um exército comandado por Megabazo, o qual conquistou a Trácia.

513 – Pitágoras (56) deixa a Itália e vai a Delos, pois fora informado que seu mestre Ferecides estava morrendo. Outras fontes dão a data de 508 a.C., mas fontes mais fidedignas afirmam que Pitágoras cuidou de seu mestre agonizante em 513 a.C.. Ferecides padecia de uma terrível doença e portanto Pitágoras deve ter despendido alguns meses em Delos. Anos mais tarde proibiu-se o sepultamento na ilha sagrada de Delos, mas Ferecides teve seu último desejo atendido: morrer na ilha de Apolo, desejo atendido por Pitágoras. No mesmo ano Pitágoras retorna à Itália.

512 – Por esta época, logo após o retorno de Delos e o enterro de seu mestre, Pitágoras recebe a visita do hiperbóreo Ábaris[162]. Os hiperbóreos eram um povo mítico que, segundo se acreditava, viviam além do vento norte. São mencionados por Heródoto[163], que se mostra bastante cético quanto à sua existência. O historiador grego considerava-os produto da imaginação mítica. Entretanto, o povo de Delos insistia em sua existência, afirmando que as jovens hiperbóreas foram a Delos e tornaram-se sacerdotisas de Apolo. Como a religião de Delos era muito antiga, as visitas das hiperbóreas a Delos e a outras regiões do Mediterrâneo podem ter sido parte de uma religião apolínea universal, da qual Delos seria um dos lugares sagrados de peregrinação. Ábaris e os hiperbóreos não são tão míticos quanto as amazonas. Não se pode esquecer que as histórias de Alexandre, o Grande, que viveu 300 anos depois de Pitágoras, narram o rei macedônio visitando a lendária tribo das amazonas,

160 Heritage Institute – Canais de Dario I. Wikipedia – Canal dos Faraós.
161 povo da Scythia Σκυθική, região da Eurásia Central na antiguidade clássica.
162 Wikipedia – Abaris, o hiperbóreo, lendário sacerdote de Apolo; Vita Pythagorica, cap. 19.
163 Heródoto, *História*, livro 4, 32–33

cuja rainha teria lhe dado um filho. Tanto Heródoto como Platão e outros escritores helênicos mencionam o sacerdote de Apolo, Ábaris, e sua famosa seta voadora, presenteada pelo hiperbóreo a Pitágoras para que o livrasse de inúmeros perigos, como atravessar pântanos, montanhas, etc. Este fato reforça a natureza divina atribuída a Pitágoras bem como sua ligação com os Mistérios Solares de Apolo. Ábaris seria muito velho e Pitágoras simplificou-lhe a Iniciação para que pudesse tomar contato com suas obras e com a Natureza.

510 – Aproximadamente nesta época Pitágoras (60) chega à Itália, segundo Jâmblico. O Mestre presencia a guerra entre Crotona e a vizinha e poderosa Síbaris. Síbaris é derrotada e seu território incorporado a Crotona.

508 – Um aristocrata de Crotona incita uma multidão contra a sociedade pitagórica. Pitágoras foge para o Metaponto, onde corre o boato de que ele se suicidara. Entretanto, muitas autoridades antigas afirmam que ele morreu bastante idoso. A data mais aceita de sua morte é em torno de 500 a.C., ou após.

506 – Provável ano do nascimento de Sócrates, bisavô de Platão.

500 – Com a invasão celta do norte, a influência etrusca começa a ser minimizada na Itália central. Cresce o poder de Roma a partir daí.

Fins século VI a.C.: primeiras referências às Sibilas, seres semidivinos que previam o futuro, com o dom da profecia conferido por Apolo. Vide 389 d.C..

Nesta época já existia uma rota comercial seguindo a Rota da Seda desde a China e acompanhando por uma rota até o sul da Inglaterra. Desde 550 a.C. já existia seda no ocidente, em Atenas e na civilização céltica. Nas tumbas do período Hallstatt da civilização céltica já encontrava-se seda chinesa trazida por esta rota. À época de Jesus, na Palestina, existia uma conhecida e frequentada rota marítima partindo do porto de Tiro até Alexandria, e dali a Constantinopla, Atenas, Roma e Massilia (atual Marseilles). De Massilia a rota comercial passava por terra acompanhando para o norte o Rio Rhône até a Alemanha e seguindo o Rhine até as ilhas Britânicas, em Colchester e Holborough (vide mapa na Figura 26, na página seguinte).

498 – Os atenienses apoiam Mileto na revolta contra o domínio persa e a obstrução dos portos Jônicos. Sardes é incendiada. Dario não quis usar de violência. Durante cinco anos ele negocia para um entendimento pacífico com Mileto.

494 – Nada conseguindo nas negociações, Dario invade Mileto com uma frota de 600 navios fenícios e cipriotas, destruindo 353 trirremes dos amotinados aliados. Mileto é arrasada, bem como muitas outras cidades, ocorrendo deportações. O mundo grego está revoltado.

490 – Dario retoma a política de união com todos os povos do império, mas decide punir Atenas pelo apoio a Mileto. É barrado em Maratona por Milcíades.

486 – O eco da derrota chega ao Egito, que também expulsa os persas. O partido oligárquico era favorável a Dario, enquanto os burgueses – os que se dedicavam aos intercâmbios comerciais marítimos, artesãos e comerciantes – se amotinam e expulsam os persas. Dario morre antes de retomar o poder. Neste ano assume Xerxes I, que parte para a desforra.

484 – Xerxes lança-se contra o Egito, num domínio muito mais árduo que o de seu pai. Neste ano confia o poder do Egito a seu filho, Aquemenes. A Babilônia se rebela e é destruída, para nunca mais se recuperar. Sua população é acorrentada e arrastada para Susa.

483/480 – Morre o Buddha.

479 – Morre Confúcio.

Figura 26: Comércio trans-asiático da China à Inglaterra
500 a.C. a 750 d.C.



(visualizar em 2 páginas)
The Silk Road to Colchester


Aral
Sea
Turfan
Hami
Peking
Dunhuang
Kashgar
Yarkend
Baktra
Khotan
Chang'an
Himalayas
Barbaricum
Arabian Sea
Pacific
Ocean
Indian
Ocean
Scale in kilometres
0
500
1000
1500

431 – Eclode a Guerra do Peloponeso[164], participada e relatada por Thucydides em "*A História da Guerra do Peloponeso*"[165]. Seu pai, Olorus, era cidadão ateniense e possivelmente tinha relações com o príncipe da Trácia, Cimon, filho de Miltíades. Thucydides, assim, tinha dois lares: um em Atenas e outro na Trácia, e uma posição social que lhe deu acesso a grandes lideranças à época. Estudou filosofia com Anaxágoras e retórica com Antiphon.

No primeiro capítulo de sua obra, Thucydides descreve os primórdios do Estado grego, dando-nos uma ideia do que era a chamada região de Arcádia e sua posição especial em relação às outras províncias (vide ano 1150 a.C.)

425–421 – Época em que se desenrolou o diálogo de Platão, *Timeu e Crítias*, onde o sábio grego recria personagens da época anterior à sua. Sócrates teria, então, menos de 50 anos e Platão seria um menino. O personagem central é Crítias, que nesta época teria 85 anos (vide 9500 a.C.).

390 – Os celtas, já na fase de declínio do comércio com os gregos e de sua própria civilização, saqueiam Roma.

384 – Morre Platão.

382 – Nasce Filipe da Macedônia, filho de Amyntas III, que reinou de 393 a 369 a.C.. Dois dos filhos de Amyntas reinaram brevemente. O terceiro era Filipe.

356 – Um louco incendiário destrói o templo de Artemisa, em Éfeso, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo (vide ano 560 a.C.).
Em Pella, capital da Macedônia, reino ao norte de Hellas (Grécia), nasce o filho de Filipe II, Alexandre o Grande, o maior conquistador de todos os tempos.[166]

343 – Aristóteles chega à Macedônia para ser o tutor de Alexandre o Grande (13). Alexandre era precoce e tinha o físico de um atleta. Caçava e adorava cavalgar em seu cavalo Bucéfalo. Com Aristóteles aprendeu política, botânica, zoologia, geografia e medicina. Aprendeu a amar a Ilíada, de Homero. Seu interesse principal era estratégia militar, a qual aprendera com seu pai, que transformara a falange grega numa poderosa máquina de guerra.

338 – Filipe II (44) da Macedônia conquista a Grécia, vencendo os gregos na batalha de Chaeronea neste ano. Filipe estende as fronteiras da Macedônia ao norte e, em 338 a.C., conquista a Grécia e funda o primeiro e poderoso estado europeu. Quando os macedônios dominaram a Grécia ela estava chegando ao final de sua era de ouro. A cultura ainda florescia mas as cidades-estados estavam exauridas pelas guerras. Filipe admirava sua cultura e os gregos desprezavam os macedônios como bárbaros. O rei era limitado em sua autoridade por uma forte nobreza e por campesinos livres e ousados. O filho mais velho herdou o trono, mas o povo tinha o direito de aclamar um novo rei e agir como uma corte de alta traição caso o rei se voltasse contra eles. Filipe primeiro estendeu seu reino até o Dardanelos e o Bósforo. Então bateu os gregos em Chaeronea e foi eleito capitão-general de todos os gregos.

337 – Depois do Congresso de Corinto, Filipe da Macedônia e seu filho não obtiveram a adesão dos gregos para a conquista da Pérsia, atiçada pelo ódio dos Bárbaros de Isócrates e de Aristóteles, porque as cidades gregas tinham sido tomadas de pavor pelas matanças macedônias de Chaeronea e de Tebas. O mesmo não se pode dizer de Ciro, o Conquistador, que conquistará glórias sobre as cinzas do império aquemênida, deixando na

164 Wikipedia – Guerra do Peloponeso
165 Wikipedia – História da Guerra do Peloponeso
166 Wikipedia – Alexandre Αλέξανδρος nasceu no mesmo dia do incêndio do Templo de Ártemis.

tradição zoroástrica e, paralelamente ao judaísmo, a lembrança ardente da permanência do exército grego na Ásia.

(Paul du Breuil, Zoroastro, *Religião e Filosofia*, Ibrasa, 1987, p. 97)

336 – Filipe da Macedônia é assassinado quando planejava liderar os gregos contra a Pérsia, provavelmente por uma conspiração da mãe de Alexandre, Olímpia. Alexandre sucede a seu pai, Filipe da Macedônia. Inicia, então, uma nova era, com um vasto e novo império que vai estender-se do Mediterrâneo ao Indo, do Egito e Babilônia até além do Cáspio, por praticamente todo o mundo conhecido, mudando toda a história. Neste mesmo ano vai a Corinto, onde as cidades gregas (exceto Esparta) juraram aliarem-se a ele. Tebas, mais tarde, revoltou-se e foi destruída. Alexandre permitiu que as cidades-estado mantivessem seus governos democráticos. Uma vez segura a Grécia, preparou-se para atacar a Pérsia. Seu domínio, entretanto, sempre foi feito pelo pavor e pela violência, pois seu ímpeto de conquista parecia ser proporcional à grandeza dos povos que massacrava.

334, primavera – Alexandre o Grande atravessa o Helesponto (agora Dardanelos), o estreito que separa a Europa da Ásia Menor. Levou 30.000 infantes e 5.000 cavaleiros, entre gregos e macedônios. O próprio Alexandre liderou os companheiros, a elite da cavalaria. Junto com o exército levou botânicos, geógrafos e outros homens de ciência, que coletavam informações e espécimes para Aristóteles. Um historiador manteve registros da marcha e estudiosos fizeram mapas que serviram de base para a geografia da Ásia por séculos. Na Ásia Menor Alexandre visitou Troia para fazer homenagem a Aquiles e a outros heróis da Ilíada.

334, maio – No rio Granicus, Alexandre bate um exército persa quatro vezes maior que o seu. Marcha para o sul e livra cidades gregas do domínio persa.

Convém mostrar a verdadeira face do conquistador. Tal não estaria completo se não mencionássemos o lado dos vencidos, os próprios persas, que designavam ao conquistador macedônio *Aleksândra gojastak*, Alexandre “o Maldito”:

Conta-se que outrora o Santo Zoroastro espalhou pelo mundo a Lei que ele tinha recebido de Ormazd[152]. Durante 300 anos a Lei permaneceu pura e os homens mantiveram a Fé. Depois o maldito *Ahriman*[153], o danado, para fazer os homens perderem a Fé e o respeito à Lei, forçou esse maldito Alexandre, o romano[167], a vir ao país do Irã, trazendo a opressão, a guerra e a devastação. Ele veio e levou à morte os governadores das províncias do Irã. Ele pilhou e destruiu a Porta dos Reis, a capital. A Lei (o Avesta[168]), escrita em letras de ouro na pele de bois, estava conservada na “fortaleza dos escritos” da capital. Mas o malvado *Ahriman* suscitou o malfeitor Alexandre e queimou os livros da Lei. Ele fez matar os sábios, os homens da Lei e os eruditos do país do Irã. Ele semeou o ódio e a discórdia entre os grandes, até que aquilo que ele mesmo destruiu se precipitasse no inferno. Quando os homens do país do Irã não mais tiveram rei, nem governadores de província, nem chefes, nem homens versados na Lei, as perturbações e as dissenções os dividiram e eles perderam a Fé.

(*Arda Viraf Namak*[169], cap. 1:1–14)

Segundo Cúrcio Rufus[170] e Plutarco, quando Alexandre violou o túmulo de Ciro[171], acreditando ali poder encontrar ouro e um tesouro, ficou chocado

167 Alexandre era considerado romano na tradição zoroastriana.
168 Wikipedia – Avesta, principal coleção de textos religiosos zoroastrianos.
169 Wikipedia – Arda Viraf Namak, texto religioso zoroastriano.
170 Wikipedia – biografia de Alexandre o Grande por Quintus Curtius Rufus, historiador romano.
171 Wikipedia – Túmulo de Ciro, situado em Pasargade, Irã.

com a simplicidade do sepulcro, e não encontrou mais que um sabre, dois arcos cítios, um cemitério uma cimitarra e a seguinte inscrição: "*Ó homem, quem quer que sejas e de onde quer que venhas, pois estou certo que tu virás, eu sou Ciro, que conquistou o império dos persas, e rogo-te que não tenhas nenhuma inveja deste pouco de terra que cobre meu pobre corpo*." (Paul du Breuil, *op. cit*., p. 97–98) [Quintus Curtius, vol 2, pg. 477]

333, outubro – Batalha de Issus, onde Alexandre bate o exército de Dario III, muitas vezes maior que o seu. Dirige-se para o sul, até Tiro, para destruir os portos da grande armada persa. Tiro resiste na ilha por sete meses até cair.

332, final – Alexandre chega ao Egito onde é recepcionado como libertador do jugo persa e coroado faraó. Em Mênfis, faz sacrifícios aos deuses egípcios.

332 – Alexandre funda Alexandria, para servir de porto entre o Egito e a Grécia. No deserto líbio, em Amon, visita o oráculo grego de Zeus e é saudado pelos sacerdotes como filho do Grande Deus.

331 – Em Persépolis, segundo os historiadores Clitarco e Diodoro, Alexandre, no seu delírio e enciumado pela anterioridade da cidade persa em relação ao Partenon, lançou o primeiro archote contra o palácio, depois de ter pilhado a biblioteca, livros nos quais os persas puseram "toda a ciência persa da astronomia e da medicina." Diferentemente dos gregos de após Aristóteles, as tradições orientais não separavam a teologia das ciências, a fé da razão. Em Persépolis, os gregos pilharam a biblioteca real, cuja riqueza só será ultrapassada pela de Alexandria. Os livros persas e notadamente os do primeiro Avesta, contendo "*toda a ciência persa da astronomia e da medicina*", serviram por sua vez à ciência helênica. O incêndio de Persépolis teria sido acidental ou ateado pela vingança grega e seu ciúme pela antiguidade da cidade Santa dos grandes reis sobre o Partenon? Não se sabe se foi em Persépolis ou em Marakanda (Samarcanda), que foi queimado o primeiro Avesta que continha, originariamente, vinte e um nasks (livros). Os dois exemplares originais teriam sido depositados, um na "fortaleza dos livros", o outro no "Tesouro de Shapigan" (Arda Viraf 1.7), e, segundo o Xá Nameh, a segunda cópia teria sido depositada no templo do fogo de Marakanda. Seja o que for, do Avesta original destruído pelos gregos, como os antióquios, sucessores de Alexandre, queimaram os livros judaicos, não resta mais do que um quarto dos nasks, reconstruídos nas épocas parta e sassânida. (Paul du Breuil, *op. cit*., pp. 98–99)

331, primavera – Alexandre deixa o Egito e vai procurar Dario. Encontra-o numa larga planície perto da aldeia de Gaugamela, ou Casa do Camelo, algumas milhas adiante da cidade de Arbela. Bate Dario e seu exército de citas[161] em carros de rodas, elefantes e grande número de cavaleiros e infantes, em julho. É proclamado Rei da Ásia. A Babilônia saúda o conquistador e Alexandre faz sacrifícios ao deus babilônio Marduk. A capital persa, Susa, também lhe abre as portas. Nesta cidade e em Persépolis um imenso tesouro real cai em suas mãos.

Provavelmente neste ano, ainda, o sacerdote babilônio do templo de Bel, Berossus[172], traduz para o grego as obras magnas da religião babilônica. Esta obra foi totalmente perdida. No primeiro século antes da nossa era Alexandre Polyhistor[173] fará dele uma série de compilações, que também se perderão. Eusébio, bispo de Cesareia, se servirá dessas compilações para escrever seu *Chronicon*, uma absurda adulteração do documento original feita para assegurar o estabelecimento rápido da nova religião cristã. (vide 270–340 d.C.)

172 Wikipedia – Berossus, escritor (em grego koine) babilônio, astrônomo e sacerdote de Bel Marduk.
173 Wikipedia – Alexandre Polyhistor, erudito escritor grego (depois romano) do 1º séc. a.C.

330, março – Alexandre sai ao encalço de Dario e encontra-o morto por um de seus atendentes.

329 a 326 – Quando seus homens desejavam retornar para casa, Alexandre pressiona-os para o leste, e vai além do rio Indo. Durante três anos empreende a campanha de conquista do Oriente. Casa-se com a filha de um comandante, Roxane. No rio Hydaspes (agora Jhelum) combate o exército do rei Porus, cujos soldados utilizavam elefantes. Dirige-se ainda mais para o leste mas seus soldados, esgotados por haverem percorrido mais de 18000 km, exigem a volta ao lar. Alexandre já ordenara a construção de uma esquadra no Hydaspes. Navega, então, Indo abaixo até sua embocadura. Deixa seu exército em terra e atravessa o deserto. Muitos morreram de fome e sede.

324, primavera – Alexandre atinge Susa, onde descansa seu exército.

323, 13 de junho – Alexandre vai à Babilônia na primavera. Desgastado pelas maratonas, não se recupera de uma febre. Segundo Paul du Breuil:

> um texto do Avesta tardio relata que, quando Alexandre sentiu que ia morrer, temendo a revanche da Pérsia contra a Grécia, consultou seu "vizir" Aristóteles e, a seu conselho pérfido, dividiu a Pérsia entre noventa príncipes, a fim de paralisá-la. (Paul du Breuil, *op. cit.*, p. 99)

Alexandre morreu a 13 de junho de 323. Seu corpo, encaixotado em folhas de ouro, foi mais tarde colocado numa magnificente tumba em Alexandria. Com a morte de Alexandre, seu general, Ptolomeu, fica com o Egito como Ptolomeu I Sóter, fundando a dinastia ptolomaica, tendo Alexandria como capital. Completou a cidade fundada por Alexandre e estabeleceu a Biblioteca da Universidade (chamada *Museum* ou casa das Musas), contendo meio milhão de manuscritos – a maior coleção de textos clássicos da antiguidade. Era um centro de estudos avançados que deveria formar o ponto focal da nova cultura helenística, lugar que atrairia homens como Euclides e Arquimedes, e que floresceria durante séculos. Nenhum remanescente indiscutível do museu sobreviveu, mas o geógrafo grego Estrabão, que viveu no século I d.C., descreveu-o como extensão dos palácios reais, que ficavam próximos ao porto, com um passeio público, uma colunata coberta com assentos e um grande refeitório comum. Presumivelmente havia outras salas onde se realizavam discursos e pesquisas, assim como um verdadeiro museu e biblioteca. Foi desenvolvido principalmente por seu filho, Ptolomeu II Filadelfo, recebendo ambos os monarcas o auxílio de dois gregos, Demétrio e Estratão. Demétrio veio de Atenas e era escritor, estadista e antigo aluno de Teofrasto, cuja coleção de livros formou, provavelmente, o núcleo da biblioteca. Estratão veio de Lâmpsaco, em Dardanelos. Foi chamado a Alexandria em 300 a.C., como instrutor de Filadelfo, lá permanecendo por doze anos, até a morte de Teofrasto, quando retornou a Atenas para dirigir o Liceu. Estratão ajudou a dar ao museu o aspecto científico.

320 a 260 – Euclides trabalha na Biblioteca de Alexandria, fundando a grande escola de matemática do museu.

301 – Quando desposou a filha de Dario III, ~~Codomana~~ Stateira, Alexandre quis realizar a fusão greco-persa através de alianças espúrias em Susa, entre seus oficiais macedônios e filhas nobres persas[174]. Com a exceção de Seleuco, sátrapa[175] da Babilônia, pai da dinastia selêucida, essas núpcias não tiveram prosseguimento. Depois da batalha de Ipsus em 301 a.C., o

174 Wikipedia – casamentos de Susa. Após a morte de Alexandre os nobres macedônios divorciaram.

175 Wikipedia – Sátrapa, governador das províncias dos impérios Medo e Aquemênida.

império persa foi dividido em três: a monarquia macedônica reinando na Grécia, a Ásia sendo confiada ao governo dos selêucidas, que reinaram de 280–160 a.C., e o Egito ao dos Ptolomeus. (Paul du Breuil, *op. cit*., p. 99)

280 – Ptolomeu II, do Egito, constrói o Farol de Alexandria, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, com 120 metros de altura. Por mais de mil anos iluminou os barcos até a praia, sendo severamente atingido por um terremoto em 955 d.C. e desaparecendo em 1500.

279 – Celtas invadem a Península do Peloponeso.

276 – Celtas invadem e colonizam a Anatólia, na região central logo abaixo do Mar Negro. Também fazem incursões ao norte do Mar Negro e na direção do Mar Báltico.

273–237 – Período do grande imperador hindu Ashoka, neto de Chandragupta Maurya. Maurya reunirá, seis anos após a devastação de Alexandre, os diversos reinos e tribos indianas num único império centralizado. Ashoka, revoltado com o horror da guerra, adotou fervorosamente o budismo. A gravação que mandou fazer em rochedos e colunas de pedra acima de capitéis esculpidos, fazendo uma elegia à compaixão e à doçura, constitui-se numa das maiores obras-primas indianas.[176]

272 – Celtas saqueiam Delphi.

250 – Roma controla toda a península italiana.

240 – Registros chineses apontam o aparecimento de um cometa. Segundo cálculos modernos, é o cometa Halley.

200–198 – Judá é tomada do Egito pelos gregos selêucidas da Síria.

167, dezembro – O rei selêucida Antíoco IV (175–164 a.C.) bane o judaísmo do Templo de Jerusalém, substituindo pelo Zeus helênico. Esta decisão desencadeia a revolta dos Macabeus, relatada nos livros bíblicos homônimos. A revolta foi inspirada pelo sacerdote Matatias de Modin, sendo dirigida por seus filhos Judas (167–160), Jônatas (160–143) e Simão (142–135/4).

164 – No dia 25 do mês hebreu de kislez, é reconquistado e purificado o Templo de Jerusalém. Desde então comemora-se a festa de Hanucá.

163, 5 de outubro – Os cálculos apontam para esta data o aparecimento do cometa Halley. Registros chineses indicam um cometa neste período.

152 – Jônatas é sagrado sumo-sacerdote de Jerusalém, e por um tempo Israel verá a paz e o reconhecimento de sua autonomia. De Jônatas partiram cartas de recomendações a Roma e a Esparta. Na resposta do espartano Ario, temos a lembrança da antiga tradição dos lacedemônios (denominação de Homero para Esparta) quanto ao seu parentesco com Israel (vide 2100–1600 a.C., 1800 a.C.).

150 – Uma facção dos essênios separa-se do grupo principal e sedia-se em Qumran. Sob a liderança de um deposto alto-sacerdote, o Preceptor da Justiça, eles se movem em direção à solidão do deserto para preparar a vinda do Messias. No início não eram mais de cinquenta, e utilizavam o Velho Testamento. Interpretavam-no mais alegoricamente que literalmente. Repudiavam o judaísmo convencional em favor de uma forma de dualismo gnóstico que parece ter incorporado elementos da adoração do sol e do pensamento pitagórico. Neste ponto vemos, talvez, a maior comprovação da religião hebraica esotérica e iniciática, não dogmática, resgatada pela comunidade

176 Wikipedia – Ashoka – guerra Kalinga e conversão ao budismo

essênica. Após tantas incoerências e desuniões entre os hebreus, observadas ao longo dos séculos, como por exemplo na saga dos benjamitas – perseguidos e depois perdoados por seus acusadores arrependidos – vemos nos essênios a busca do que existe de mais puro e original na religião hebraica. A interpretação dogmática dos livros do Antigo Testamento não é novidade para os cristãos. Como veremos, desde Pedro tal prática distanciou cada vez mais os seguidores da mensagem dos verdadeiros ensinamentos de Cristo.

O movimento essênio surgiu numa tentativa de resgatar uma mensagem que já estava há muito corrompida por uma má interpretação dogmática. Praticando curas, os essênios eram altamente considerados por sua habilidade com técnicas terapêuticas. Eram ascetas rigorosos, diferenciando-se facilmente dos demais por sua vestimenta branca. Mantiveram comunidades em toda a Terra Santa e, possivelmente, também no exterior. A maioria das autoridades no assunto acredita que os famosos Manuscritos do Mar Morto, encontrados em Qumran, são essencialmente essênios. Os manuscritos também refletem uma teologia dualista. Dão ênfase à vinda do Messias – o "consagrado" – descendente da linha de Davi. Em vários aspectos seus ensinamentos coincidem perfeitamente com os de Jesus, corroborando ainda mais a visão de que eram, à semelhança dos perseguidos gnósticos e cátaros, portadores da mensagem mosaica original que, antes de tudo, unia de maneira indiscutivelmente harmônica os pensamentos não apenas cristãos e hebreus como também islâmicos.

A convergência essênia com o pensamento original do messias cristão pode ser depreendida pelas discussões patrocinadas por Jesus no Sinédrio e no próprio templo, quando cobrou dos sábios hebreus a correta atitude em relação à Lei. Os essênios aderiram a um calendário especial, segundo o qual o culto do festival judeu era celebrado na quarta e não na sexta-feira, coincidindo com o que diz o quarto evangelho. Jesus, no mínimo, conhecia a comunidade de Qumran e colocou seus próprios ensinamentos em concordância com os deles. Mesmo a arte da cura de Jesus não pode ser dissociada da habilidade essênia (vide 1947 d.C.).

> Perto das cavernas onde foram descobertos os rolos em 1947 estão as ruínas de construções na área há muito conhecida pelos árabes como Khirbat Qumran. Os arqueólogos começaram a escavar as ruínas em 1951 na esperança de achar alguma ligação entre a construção e os rolos. Eles descobriram o que acreditam alguns ser o centro da comunidade dos essênios, que fizeram os rolos. Outros estudiosos mantém que as minas são os resquícios de uma fortaleza militar e os rolos são um tesouro de escritos judeus enviados de Jerusalém para salvá-los e serem escondidos nas cavernas longe dos invasores romanos do primeiro século. Da evidência das moedas de prata, cerâmicas e outros materiais, os arqueólogos acreditam que a construção foi erguida não antes do reinado de Alexander Jannaeus (103–76 a.C.). Foi destruída por um terremoto em 31 a.C.. Foi provavelmente restaurada no tempo de Herodes, filho de Herodes Archelaus (4 a.C.–6 d.C.) pela mesma comunidade que a ocupara antes.
>
> (*Compton's Interactive Encyclopedia*, Dead Sea Scrolls)

Sobre Qumran, vide também 68 d.C. e 1947 d.C..

146 – Cartago é destruída por Roma.

121 – Romanos tomam o sul da Gália.

100 – Aumenta o afluxo de novos membros essênios e eles sediam-se nas cavernas de Qumran, à beira do Mar Morto. O local serve apenas para as atividades

religiosas, sociais e econômicas do grupo. O assentamento eram as cavernas, tendas e câmaras subterrâneas cavadas na rocha macia. Provinham sua própria alimentação pela plantação nas montanhas próximas, e no oásis de Ain Fashkha, onde tinham um pequeno assentamento.

Nasce Caius Julius Caesar[177]. Todo cidadão romano tinha três nomes: o primeiro, *praenomen* ou antenome era usado para distinguir dos irmãos. O do meio era o *gentile*, da gens ou clã, que no seu caso vinha do clã Julia. O último era dado a algum ancestral do clã Julius, para distingui-lo de outros elementos do clã. Era o *cognomens*, que no caso era **Caesar**, ou "**basto cabelo**". Este fato é importante quando sabemos do interesse e da busca perpetrada por César pelas questões mais profundas e da tradição, ao longo de toda sua carreira. Não foi por outro motivo que determinou a mudança no calendário, uma vez que tal seria de vital importância para o conhecimento das estrelas. Sua denominação de César, por origem, o coloca na rota da linhagem sagrada merovíngia, os chamados "reis dos cabelos longos", os reis-sacerdotes que governaram a Gália por direito divino. À parte suas características personalísticas de tirano e ditador, indiscutivelmente César trazia, em sua origem, a ligação com um desígnio nada comum na vivência humana. Sua ligação com as origens merovíngias fica mais clara ao considerarmos que César descendia diretamente, por parte de pai, de Romulus, o fundador da cidade, e longinquamente de Eneas, que fugira de Troia para a Itália e era casado com Creusa, filha do famoso rei de Troia Príamo. De Creusa descende Lud, o primeiro rei da Bretanha, que morrerá em 18 a.C.. Como veremos adiante, uma das origens mais antigas dos reis merovíngios vem de Troia. Daí derivaram cidades como Troyes e Paris, na tão cobiçada Gália de César. Além disso, como Eneas era filho da deusa Vênus, toda a gens Julia podia arrogar-se origem divina. Por parte de mãe, César descendia de Ancus Martius, antigo rei de Roma. Tempos depois começaram a circular histórias de augúrios que haviam cercado seu nascimento. Também se supunha que César fosse diferente dos demais homens, por ter sido o primeiro a nascer de cesariana. Na verdade, isso demonstra grande felicidade cirúrgica, pois mãe e filho sobreviveram incólumes e a parturiente ainda durou muitos anos. A família, embora a origem nobre, não era muito rica, nem tampouco conseguia subir além da pretoria.

César demonstrou, em toda sua vida, grande interesse por assuntos ligados aos mistérios. No início de sua obra *Guerra das Gálias*, César descreve longamente o druidismo, e os descreve como uma poderosa sociedade secreta reunindo todas as tribos celtas. César invadiu a Bretanha onde lá tomou contato com as artes druídicas.

86 – Observa-se na China o aparecimento de um cometa, quase certamente o Halley. Provavelmente é o mesmo a que faz alusão o escritor Plínio, o Velho (23–79 d.C.) ao registrar sua passagem nas desordens civis sob o governo de Otávio.

83 – Todos os documentos das profecias sibilinas em Roma foram destruídos durante o fogo no Capitolino em 83 a.C., mas o Senado assegurou que uma nova coleção fora estabelecida com base na informação oriunda da pesquisa estilística realizada na Itália, Grécia e África. As Sibilas eram seres semi-divinos que estavam aptos a prever eventos futuros, possuidoras de poderes proféticos concedidos a elas por Apolo. Na Grécia e nos países orientais, as mais famosas Sibilas são as que remontam de Marpessus ou *Hellespontica*, que viveu no

177 Wikipedia – Júlio César (100–44 a.C.) líder militar e politico romano, tornou a República Romana em Império Romano.

Monte Ida (sudoeste de Troia), a Sibila *Erythræa* de Ionia (Ásia Menor), e especialmente a Sibila *Delphica* (de Delphos), que expulsou a primeira Pythia, sacerdotisa de Apolo. Com os romanos, a Sibila *Tiburtina* era muito bem conhecida, mas era a Sibila *Cumana* (de Cuma) que se tornou o grande oráculo oficial dos patrícios até o início do Império Romano. Através dos séculos perdurou tal profusão de profecias sibilinas que sacerdotes especializados foram até Roma para estudar as diferentes versões e encontrar, no Templo de Júpiter no Monte Capitolino, soluções para problemas difíceis. (vide anos 1 e 389 d.C.)

63 – Começa o reinado de Antipater, o primeiro rei herodiano, de origem árabe, marionete de Roma.

55 – César invade as ilhas Britânicas.

54 – César invade novamente as ilhas Britânicas. Até 43 d.C. Roma não levou com seriedade a ocupação da ilha.

48 – César, cercado pelas tropas egípcias em Alexandria, ateia fogo a 76 navios egípcios. Espalhando-se por alguns bairros, o fogo atinge a famosa biblioteca queimando um depósito de papiros.

45 – O historiador ~~romano~~ grego Diodoro de Sicília, em um de seus numerosos escritos sobre os diversos povos do mundo, designa claramente a América com o nome de ilha (vide ano 965 a.C.).

44, 15 de março – Julius Caesar é assassinado em pleno Senado romano, com 23 punhaladas.

40 – Os partas de Pacorus penetram na Palestina, permitem o retorno dos essenianos à Judeia, expulsam Herodes e deportam Hircão [Hyrcanus] II para a Babilônia, restaurando a dinastia nacional com Antígono, até a nova pilhagem dos romanos, que reinstalam Herodes e a tirania em 37 a.C.[178]

(Paul du Breuil, *op. cit.*, p. 105)

37 – Morre Antipater e assume Herodes, o Grande, como rei da Palestina.

30 – Morre Cleópatra, a última da dinastia dos Ptolomeus. O Egito passa para o poder de Roma.

20 – Neste ano os partas criam um pequeno Estado judeu efêmero, nas margens do Eufrates, e é sob a sua proteção que as escolas judaicas da Babilônia se tornam florescentes.

> Do início da "Guerra dos Judeus" (66 d.C.) até a queda de Israel (135 d.C.) a insurreição judaica foi regularmente sustentada pelos partas, particularmente na Mesopotâmia, contra Trajano (98–117 d.C.). Um adágio circulava, então, nas colônias judaicas da diáspora: "Quando vires um corcel parta atado a um túmulo na Palestina, a hora do Messias estará próxima." (Paul du Breuil, op. cit., p. 105)

Mais uma vez notamos a íntima ligação dos seguidores de Zoroastro e de Moisés, a ponto de criar-se um Estado dentro do próprio Estado para o florescimento da cultura mosaica. Mas o mais importante nesta profunda ligação é que todo cristianismo esotérico que advirá paralelamente ao poder do catolicismo romano se assentará justamente nas iniciações de ordens cavaleirescas: os romances de Arthur, as lendas do Graal, etc. Além disso, este cristianismo esotérico está, como verificaremos, intimamente ligado ao mais profundo e antigo judaísmo, como o atestarão as comunidades cristãs apócrifas tão desenvolvidas e cobiçadas do Languedoc e de Narbonne, ricas em elementos judeus e gnósticos. De fato, a única cisão aparente que houve

178 Wikipedia – Invasão pompeiana-parta em 40 a.C.

entre a Antiga e a Nova Lei adveio de acréscimos espúrios feitos pelos patrocinadores da nova religião cristã, ao jogarem aos judeus a culpa por uma provável morte de Jesus. Os detratores judeus, assim, confessaram-se abertamente opostos às mais profundas e originais correntes do cristianismo propagado por Jesus. Afinal, ele mesmo disse: "Eu não vim para modificar a Lei, eu vim apenas dizer-vos: amai-vos uns aos outros."

Quando analisarmos o fenômeno dos Cavaleiros do Templo de Salomão, no século XI, confirmaremos sua forte ligação com as origens judaico-cristãs e entenderemos a grande desconfiança gerada no clero romano. De fato, o duplo papel dos templários lhes custará sua própria sorte, pois corresponderam muito de acordo com seus interesses particulares. É inegável, todavia, o alto grau de concepção cavaleiresca por eles atingido, graças ao estreito contato com populações judias, islâmicas e persas. Na realidade, como nos diz Breuil, as origens mais profundas das ordens cavaleirescas estão no próprio zoroastrismo:

> O filósofo espanhol Eugenio d'Ors observou que a ética zoroástrica lembra a de uma ordem de cavalaria. E certamente não é por acaso que temas esotéricos tipicamente zoroástricos são encontrados na iniciação cavaleiresca medieval e nos romances da Távola Redonda. De fato, Zoroastro recuperou a virilidade dos cavaleiros árias, transferindo para o plano de um misticismo ativo engajado na maior de todas as guerras santas.
> Deriva daí o hábito de censurar, às vezes, esta doutrina que apresenta o homem justo como um soldado de Ormazd[152], de ser uma religião expeditiva imposta pelas armas. O argumento vem de uma passagem dos *Gâthâs*, que manda repelir o mau e sua lei pelas armas, se for necessário (Y. [Yasna] 31.18). Certamente importa neutralizar o opressor que traz "ao país a desgraça da morte". Em outras circunstâncias, Jesus, por acaso, não expulsou os mercadores do Templo com um chicote? Tratam-se mais de "armas de luz" como a clava (*gurj*), que bate no dragão na mitologia indo-iraniana. Em nosso tempo, ainda, os muros interiores de um templo do Fogo real, o *Atash Behram*, se enfeitam de panóplias de sabres e de quantidades de armas que simbolizam as armas espirituais de guerreiro, de Ahura Mazdâ[152]. Na transposição da função guerreira para o plano espiritual zoroástrico, o castigo prometido pelo profeta é mais espiritual do que físico: "longa permanência nas trevas... Eis o mundo, ó maus, para onde vós conduzis vossas obras e vossa religião" (Y. 31.20). Aqui também haverá prantos e ranger de dentes. Algures disse Zoroastro: "Mau é aquele que é muito bom para os maus" (Y. 46.6). Não se deve negligenciar, e tolerância excessiva para com os brutos só faz encorajar sua agressividade, acabando por tornar o justo cúmplice de seu mal. Portanto, na luta contra o mal não se deve jamais recorrer aos meios pérfidos, mas "comportar-se com retidão com o justo e com o mau" (Y. 46.5). O profundo pacifismo do Avesta se vê confirmado pela oração *Astuyé*, verdadeiro apelo à paz e à não-violência: "Eu louvo a boa religião de Mazda, que repele as querelas e faz depor as armas" (Y. 13 e 14). (Paul du Breuil, *op. cit.*, pp. 62–63)

Somente nesta ótica podemos harmonizar a figura forte e decisiva do Jesus que expulsou os vendilhões do Templo com aquele plácido e conformado Filho de Deus que se deixou humilhar pelos romanos. Jesus, assim como todo o meio antirromano da época, particularmente os judeus, tinha uma postura muito decidida quanto ao enfrentamento das leis romanas. Apaziguar os maus às custas das vidas dos bons só pode ser interessante na medida em que servir de propaganda para outros fins. Ao conhecermos o Jesus humano dos

evangelhos proibidos poderemos divisar a firme personalidade do Messias. Ao mesmo tempo, os continuadores de sua obra através do cristianismo místico se mostrarão como Cavaleiros do *Sang Real*, pregando ao mesmo tempo a justiça e a piedade, mas acima de tudo sendo representados como guerreiros espirituais cantados nas lendas trovadorescas. Já os templários sincretizarão todo este ideal aprendido com os árabes e iranianos, herdeiros da sabedoria mazdaica.

O resultado da saga templária, por sua vez, se refletirá na ritualística maçônica – impregnada de elementos judaicos, cristãos e zoroastrianos – e no poder temporal que atingiram. De outra forma, o trágico fim que encontrou a Ordem dos Cavaleiros de Cristo refletiu o mau uso que fizeram seus membros dos elevados conhecimentos recebidos, ao servirem de braço secular da Igreja Romana em vez de se concentrarem na autêntica continuação do cristianismo místico original. E a ligação judaísmo-cristianismo-cavalaria-maçonaria fica, então, muito mais fácil de ser entendida à luz do Astro Solar masdaico. Por esta razão o ritual maçônico recebe qualquer indivíduo independente de sua religião, desde que acredite num Princípio Criador. E o cristianismo-judaísmo complementam-se plenamente à luz da verdade que os ilumina na profundidade:

> A influência do pensamento persa foi tão profunda na elaboração do pensamento judaico-cristão que desde a época selêucida surgem, já, inúmeras tentativas de absorção de Zoroastro na tradição bíblica. Depois que o rei Salomão foi identificado com as dinastias persas, outros fizeram de Abraão o pai da astrologia caldaica e o iniciador de Zoroastro. Ezequiel foi assimilado por Zoroastro, ou melhor, por *Zaratus* da Babilônia, e vemos o sábio iraniano confundido com *Balaam*, o profeta mesopotâmico missionado pelo rei de Moab, depois com o escriba Baruch, secretário de Jeremias e autor do livro do mesmo nome que precede Ezequiel no Velho Testamento. Depois do século XVIII e apesar de um antagonismo clerical poderoso, numerosos autores como Frederico II, Ernest Renan e Edouard Schouré têm confirmado o parentesco espiritual entre o essenismo e o cristianismo. De fato, as divergências que existem entre os dois pensamentos tendem a marcar vantagem para a mensagem de Jesus no contexto esotérico da gnose zervano-zoroástrica, a tal ponto que cabe perguntar se a história dos Magos de Belém não dissimula uma iniciação oculta do jovem galileu pelos magos ou pelos iniciados persas. Realmente, o tema dos pastores que reconheciam ou recolhiam uma criança real é próprio da lenda iraniana, e a imagem do nascimento do Salvador numa caverna pertencia às lendas partas do Saoshyant[179]/Mitra, inclusive o mito da fecundação virginal da Mãe. (...) No Irã oriental, magos astrólogos se recolhiam todos os anos sobre o *Monte Victorialis* e vigiavam, durante três dias, a estrela do Grande Rei (Livro de Seth). O *Opus imperfectum in Matthaeum* (século IV d.C.), durante muito tempo atribuído a João Crisóstomo, estabelece ligação entre esses doze magos que esperavam anualmente a estrela reveladora do nascimento do Salvador (Mirh) com a vinda dos reis Magos a Belém, conduzidos pela estrela. (Paul du Breuil, *op. cit*., pp. 106–107)

15–12 – Época provável em que Vitruvius escreveu a célebre obra *Os Dez Livros de Arquitetura*, obra mestra no gênero, seguida mais tarde por Leonardo da Vinci e outros sábios. Seu nome provavelmente era Marco Lúcio Vitruvius Polión, tendo possivelmente nascido em Roma ou Campania. Nesta época já estava em idade madura.

179 Wikipedia – Shaoshyant, expressão avéstica que significa “aquele que traz benefício”.

11 – A história de Roma contada por Dion Cassius (155–235 d.C.) registra: "*Antes da morte de Agripa, viu-se um cometa pairando durante muitos dias sobre a cidade de Roma. Ele apareceu em seguida transformado em muitas pequenas rochas*". De agosto a outubro deste ano aparecem registros chineses detalhados que confirmam tratar-se do cometa Halley.

10 – Morre Francus, primeiro chefe dos francos que se tem notícia. Assume seu filho, Clodius II, até 20 d.C..

7, 22 de agosto – Pelo cálculo astrológico desta data, cada planeta está situado exatamente no signo em que é o regente. Este é um fato extraordinário que, estando corretas as antigas bases da astrologia, denotariam um ambiente propício para o nascimento de um ser extraordinário. Kepler observou, em torno do ano 1600 d.C., uma conjunção de Júpiter com Saturno. Além de ser um evento astrológico incomum, ambos estavam exatamente neste signo nesta época. Kepler verificou que ambos os planetas pareciam ser uma única e brilhante estrela. Concluiu pela possibilidade de ser, esta conjunção, o fenômeno observado pelos três reis magos, os quais, sendo ao mesmo tempo reis, magos e da Caldeia, provavelmente eram astrólogos. Kepler calculou que a última vez que tal fenômeno ocorreu foi justamente no ano 7 a.C..

6, 6 de janeiro – Data mais provável do nascimento do Cristo. A data era a adotada pelos cristãos até a mudança de Constantino, no século IV (vide 321 d.C.).

6 – A Palestina foi dividida administrativamente em duas províncias, Judeia e Galileia. Herodes Antipas torna-se rei da Galileia. A Judeia fica sujeita a um procurador romano direto, com regime brutal e autocrático. Mais de 2000 rebeldes são crucificados, o Templo saqueado e destruído. Os impostos eram pesados e a tortura frequentemente empregada. Muita gente cometia suicídio. Esta situação perdurava ainda ao tempo de Pôncio Pilatos, cujos relatos existentes indicam-no como corrupto e cruel, contrariando a Bíblia, que foi composta para uma audiência romana.

ERA CRISTÃ

A chegada desta Era trouxe uma série de dolorosas contradições nos séculos posteriores. Como veremos, a supressão de todos os registros cristãos originais, desde o advento do Cristo até a criação da Igreja Romana, foi essencial para o estabelecimento da nova ordem, principalmente quando os seguidores da mensagem original de Cristo se proliferavam de maneira incontrolável. Foi extremamente difícil à Igreja Romana manter-se como portadora da verdade através dos "seguidores da mensagem", pois as chamadas heresias eram muito mais antigas, profundas e ecumênicas que os novos dogmas romanos. Em todos os tempos as religiões apresentaram um lado estritamente ligado à devoção, ao mero culto e mesmo à barganha. Mas todas elas apresentaram, também, um aspecto do conhecimento filosófico sempre muito difundido a todos os interessados. Esta chama sempre foi mantida pelos iniciados que, em geral, modificaram mensagens antigas na linguagem da nova lei. Este caminho natural de adaptação das novas mensagens à universal lei do conhecimento se verificou desde o antigo Egito até o próprio cristianismo. O advento da Igreja Romana, entretanto, acrescentou um novo ingrediente, até então praticamente desconhecido: a inflexível lei do dogma e a anulação total da busca do conhecimento, através do "crer sem saber". Este fato levou a humanidade, nos séculos que se seguiram, a uma verdadeira regressão na forma de pensamento filosófico e religioso. O pitagorismo e o neoplatonismo, que

permearam totalmente a mensagem cristã dos antigos gnósticos, foram literalmente suprimidos dos novos dogmas, determinados através dos evangelhos escolhidos. Foi retirada, assim, a todas as pessoas, a possibilidade de entrar no conhecimento da nova fé, apesar do próprio Jesus tê-lo mencionado como o único instrumento capaz de libertar o homem. Desde o século IV d.C. o Ocidente experimentou o horror da supressão de ideias e das liberdades individuais. Passou-se, então, por infinitos massacres por torturas e pela destruição de toda e qualquer forma de pensamento escrito que pudesse lançar luz à vivência mundana e filosófica da sociedade. O Ocidente viu-se subitamente mergulhado numa Idade das Trevas que só não foi pior graças às Luzes que, como veremos, sempre mantiveram acesa a chama do conhecimento. Por ironia – mas certamente não por acaso – este grande ciclo parece ter se encerrado com a maior guerra por fanatismo que a humanidade já enfrentou: a 2ª Guerra Mundial.

O horror perpetrado por Hitler e seus seguidores – com massacres desenfreados, a destruição em massa de livros e a exaltação de uma super-raça que nunca existiu – levou a devoção ao führer às últimas consequências, obrigando a humanidade a encarar de frente os limites a que pode levar o fanatismo religioso. À primeira vista, pode parecer estranho que Hitler e Mussolini tenham poupado o estado papal de sua barbárie. Uma análise mais cuidadosa, no entanto, nos mostra Hitler como um fanático sectário cristão, buscando avidamente pelo Graal nas grutas do Languedoc e encontrando, nos judeus, o caminho natural para descarregar toda sua ira contra um inimigo ideológico criado, na verdade, desde Pedro. Como veremos, a "morte" de Jesus precisou ser atribuída aos próprios hebreus, sob pena de não vingar a nova religião em meio à audiência romana.

Apesar de não se mencionar nos meios acadêmicos tradicionais, a verdadeira origem da 2ª Guerra Mundial não foi a opressão social e econômica a que estava sujeita a Alemanha, após o final da Primeira Grande Guerra. Esta opressão teria levado, quando muito, a um movimento semelhante ao que ocorrera na mesma época na Rússia: o comunismo. A guerra em escala mundial e a barbárie perpetrada só foram possíveis graças ao fanatismo religioso de Hitler e de ideólogos como Otto Rahn. Sua frenética busca de um místico poder cristão, centrado na conquista do Graal e na pureza da raça eleita, guiou todas as ações de conquista da Alemanha nazista. Se os movimentos que originaram a 2ª Grande Guerra estivessem centrados nas farpas deixadas pelo Tratado de Versailles, a história do domínio da França pelos nazistas teria sido bem diferente. O ódio descarregado por Hitler contra os franceses teria sido estupendo, como bem se mostrou em outros lugares. Em contrapartida, o mundo jamais esquecerá o que foi feito aos judeus de Varsóvia, Aushwitz e Treblinka.

O nazismo foi, digam o que disserem os meios oficiais, a pior de todas as cruzadas, a maior guerra religiosa jamais imaginada pela humanidade. Ainda hoje, o que mais assusta a todos os analistas foi a escala atingida pelo fanatismo de seus seguidores. Analisando-o juntamente com o fenômeno das cruzadas, entretanto, em nada estranharemos o movimento nazista, idêntico no ódio aos judeus e na busca de um místico estado teocrático cristão, governado pela "mais pura das raças". Por esta razão a obra magna iniciática de Richard Wagner, centrada numa das mais profundas obra cristãs do Ocidente – *O Parsifal* – foi transformada pelos nazistas em cântico de guerra, num místico ritual macabro que não viu limites. A 2ª Grande Guerra foi, assim, muito mais uma guerra santa do que política ou econômica. Deparamo-nos, da maneira mais trágica, com nosso próprio horror ideológico.

Terminada em 1945 e registrada amplamente pelos meios de comunicação para todo o mundo, a guerra colocou a humanidade – e as próprias religiões – frente a si mesmas, num silêncio constrangedor quanto aos seus próprios conceitos. Imediatamente após a Guerra, como que impulsionado pela mesma mão divina que nos permitiu enxergar nossa tragédia ideológica, ocorreu o fortuito descobrimento da maior coleção de livros sagrados cristãos originais: a Biblioteca de Nag Hammadi. Descoberta em dezembro de 1945, ela sobrevivera à destruição em massa de documentos cristãos decretada por Constantino no início do século IV. Graças ao zeloso cuidado de monges que ocultaram os documentos aos superiores de Roma, preservaram-se para a posteridade verdades eternas que, de outra forma, jamais seriam conhecidas pelas gerações futuras. Logo depois, em 1947, descobriram-se os Manuscritos do Mar Morto, o maior repositório de escritos hebreus arcaicos, preservados há milênios por copistas essênios. Ao aproximar-se a nova era, temos testemunhado uma drástica aceleração de nossa história, levando-nos a encarar antigos dogmas de maneira mais racional e ecumênica. Descobertas como essas fizeram ressurgir, de maneira indiscutível mesmo para os maiores doutos teologais, as verdadeiras bases sobre as quais se assentaram as filosofias hebraico-cristãs.

De alguma forma, esta verdadeira Idade das Trevas, na qual o Ocidente foi mergulhado através dos dogmas monoteístas, parece ter tido seu fim decretado com a abertura da tumba do conhecimento, cavada 1600 anos antes pela Igreja de Constantino. Esta, por sua vez, ultrapassando seus mestres do império romano, levou a intolerância religiosa a limites nunca verificados na humanidade, numa opressão muito superior à concebida por Roma no auge de seu poderio. A humanidade passou a registrar guerras e perseguições por motivos essencialmente religiosos que ultrapassaram em todas as medidas as dos predecessores monoteístas hebreus. Por outro lado, iniciados de todas as épocas continuavam mantendo, entre si, uma ligação que visava a troca de mensagens universalmente aceitas. Iniciados como Apolônio de Tiana, Pitágoras e Jesus fizeram as mesmas peregrinações: à Índia, Egito, Caldeia e Céltida, na busca da mesma mensagem. Ainda hoje existem registros da passagem de Jesus na Índia, explicando seu desaparecimento no período dos 12 aos 30 anos. A descoberta de Evangelhos considerados apócrifos, como os que estavam ocultos no mosteiro egípcio de Nag Hammadi, torna mais clara algumas posições cristãs originais. Como era de se esperar, narrativas conflitantes sobre o que aconteceu a partir do ano 33 (ou próximo) começaram a surgir em todo o mundo civilizado. Com a migração do cristianismo pelo globo – Ásia Menor, Grécia, Roma, Gália, Grã-Bretanha, norte da África – estas narrativas começaram a florescer, a despeito dos esforços de Clemente de Alexandria, Ireneu e seus adeptos. Algumas derivaram de algum tipo de conhecimento de primeira mão, preservado por judeus devotos e por grupos como os ebionitas, que, mesmo sendo judeus, reverenciavam a Jesus como um profeta, mas um profeta mortal. De fato, como veremos, as muitas fontes que se mostravam causaram muito desassossego aos “seguidores da mensagem”. Entre esses chamados hereges estavam Valentinus (vide ano 136 d.C.), Marcion (vide ano 140 d.C.), Basilides (vide ano 120 d.C.), Mani (vide ano 214 d.C.), Arius (vide ano 325 d.C.), Menander, Cerinthus, Simão, Nestor e tantos outros.

A descoberta de Nag Hammadi foi feita por um camponês egípcio, próximo à cidade de mesmo nome. Cavando o solo para arar, exumou um jarro de cerâmica vermelha. Este continha treze documentos – livros de papiro, manuscritos – encapados em couro. Alguns documentos foram utilizados para fazer fogo. O restante atraiu a atenção dos especialistas. Um deles foi contrabandeado para fora

do Egito. Parte deste documento, adquirido pela fundação C. G. Jung, continha o famoso Evangelho de Tomás. Em 1952, o governo egípcio nacionalizou o restante da coleção. Só em 1961 um grupo internacional de especialistas se reuniu para copiar e traduzir o material como um todo. Em 1972 apareceu o primeiro volume da edição fotográfica. Em 1977 a coleção inteira apareceu completa pela primeira vez, em inglês. Especialistas moderados estabeleceram que alguns manuscritos, ou a maioria deles, datam de no máximo 150 d.C. e pelo menos um pode incluir material ainda mais antigo que os quatro Evangelhos do Novo Testamento que conhecemos. É um repositório valioso de documentos cristãos iniciais, alguns dos quais com autoridade igual à dos Evangelhos conhecidos. Alguns documentos tem valor especial, pois escaparam à censura e revisão da ortodoxia romana. Além disso, foram escritos para uma audiência egípcia, não romana. Não foram adaptados – como ocorreu com os Evangelhos oficiais – para escapar à censura romana, plenamente ativa na época. Finalmente, podem conter narrativas de testemunhas oculares dos acontecimentos desde a primeira invasão romana ou mesmo do tempo de Jesus, contando a história com uma fidelidade que os Evangelhos não puderam reter ...

Século I d.C.

> Escritores mais contemporâneos – inclusive os autores dos *Documentos do Monastério* – têm tentado seguir a origem dos merovíngios até a Grécia antiga, especificamente até a região conhecida como Arcádia. De acordo com os documentos, os ancestrais dos merovíngios eram relacionados com a casa real da Arcádia. Em uma data não especificada, próximo do advento da era cristã, eles teriam migrado Danúbio acima, e depois Reno acima, estabelecendo-se no que é hoje a parte ocidental da Alemanha.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1993, p. 193)

1 – O imperador romano Augustus manda queimar 2000 livros de oráculos sibilinos. Remontavam desde a antiga Grécia (vide ano 83 a.C.), provenientes de várias sibilas, representando um inestimável repositório de oráculos, como os de Ionia e Delphos. A acumulação de tantos oráculos compeliu Augustus a fazer uma seleção, queimando mais de 2000 volumes e revisando os que iam permanecer. Essas profecias influenciavam mesmo os primeiros imperadores cristãos, até Theodosius decidir queimá-las (vide ano 389 d.C.).[180]

3–4 – Nasce Apolônio de Tiana[181], em Tiana, cidade ao sul da Capadócia. Seus pais descendiam de uma antiga e abastada família. Desde os primeiros anos já deu sinais de uma grande memória e inclinação ao estudo, além de notável beleza.

6 – É criado um grupo revolucionário conhecido como zelote[182]. Seu líder é um rabino fariseu conhecido por Judas da Galileia. Ao que tudo indica, era constituído por fariseus e essênios, cujas atividades concentravam-se na política militante, com filiados de diversas seitas. Suas atividades acabaram por formar o mais importante cenário da posterior perseguição a Jesus por parte de Roma, num movimento tão contundente que culminou com a revolta de 66 e a diáspora.

180 Lacus Curtius – Sibyllini Libri
181 Wikipedia – Apolonio de Tiana Ἀπολλώνιος ὁ Τυανεύς, filósofo neopitagórico grego.
182 Wikipedia – Zelotes ζηλωτής קנאים kana'im “aqueles que são zelosos do nome de Deus”

Na época de Jesus, a palavra Messias era utilizada para designar "rei". Davi, abençoado rei no Velho Testamento, era um Messias ou *Krestos*, no grego. Mesmo na ocupação romana da Judeia, o alto sacerdote nomeado por Roma era conhecido como sacerdote Messias ou rei-sacerdote. Nada tinha a ver com a ideia de divino. Evidentemente o sacerdote romano era visto como um marionete de Roma, um falso Messias. Para os judeus o verdadeiro Messias representava um legítimo rei perdido da Casa de Davi, como o serão os merovíngios na Europa séculos após. À época de Jesus, a espera deste rei era tão frenética que culminou nas manifestações do ano 44 e na revolta de 66. Em grande parte, estas manifestações foram fomentadas pelo grupo político conhecido por zelotes. Como vemos, o termo Messias estava muito longe de significar divino na realidade da Judeia àquela época.

7 – Apolônio de Tiana (14) vai a Tarso, famoso centro de cultura da época, onde completa seus estudos. A retórica e o estilo de vida das escolas não se adequavam à seriedade de suas inclinações. Abandona, então, aquele povo para dirigir-se a Egae, cidade costeira perto de Tarso.

9 – Apolônio (16) inicia-se mais profundamente na Filosofia em Egae, mas com a orientação limitada de Euxeno. Agradecido ao Mestre, descobre-se na filosofia pitagórica. Quando Euxeno lhe perguntou como ia começar sua nova vida, lhe respondeu: "*Como os médicos, purgando a seus enfermos*." Desse momento em diante abandona qualquer alimento derivado de animais, pois, sendo impuros, embruteciam a inteligência. Absteve-se também do vinho. Apesar de proceder da fruta, Apolônio advoga contra o efeito da bebida, que "*entorpece o éter na alma*" e "*destrói a compostura da inteligência*". Orgulhava-se de ir descalço, **deixava crescer o cabelo**, e não vestia senão linho. Vivendo no templo, angariou a admiração dos sacerdotes e, segundo os relatos, teve a aceitação de Esculápio para praticar as curas. Provavelmente referiam-se a auxiliares invisíveis do templo, que lhe propiciavam o dom da cura. Logo ficou famoso pelo seu ascetismo e piedade.

20 – Morre Clodius II, chefe dos francos. Assume Marcomir III, até 50 d.C..

23 – Morre o pai de Apolônio (20). Sua mãe morrera alguns anos antes. Com a morte do pai, Apolônio herda uma considerável fortuna, a qual teve que dividir com seu irmão maior. Este era um dissoluto e perturbado jovem de 33 anos. Apolônio continuou a viver em Egae.

25 – Apolônio de Tiana (22), atingindo a maioridade regressa a Tiana para corrigir seu perturbado irmão. Deu-lhe metade de sua herança, pois seu irmão já gastara tudo. Com isto deu força para sua recuperação. O restante deu a parentes, reservando para si apenas o suficiente para sustentar-se. Segundo o próprio Apolônio, precisava de pouco para sobreviver, e jamais iria casar-se.

26 a 29 – Apolônio de Tiana faz voto de silêncio, resolvendo não escrever sobre filosofia até passar por tão saudável período. Este período passou em Pamfilia e Cilícia. Estudou muito mas não estabeleceu-se em nenhuma comunidade ou monastério. Teve que aguentar muitas provações para manter-se em silêncio, principalmente as chacotas a que esteve sujeito por parte do populacho ignorante. A única defesa que utilizou foi a "outra face" referida por Cristo: um ar digno em seu semblante e em seus olhos, contemplando o passado e o futuro. Frequentemente à beira de explodir em resposta a um insulto ou falsidade, continha-se logo dizendo para si mesmo: "*Sofre, coração; cala-te, língua*".

26 – Assume Pôncio Pilatos como procurador geral romano na Judeia, até 36 d.C.. Sua realidade corrupta e cruel não poderia ser retratada nos Evangelhos se os mentores da futura Igreja Romana tivessem pretensões – como realmente conseguiram mais tarde – de expandir-se politicamente no império romano. Já os braços do cristianismo denominados mais tarde como "hereges" nada tinham de traços políticos. Eram autênticos, diretos e, por isso mesmo, fadados à perseguição por parte do poder, assim como certamente o foi o próprio Jesus.

A ausência de qualquer crítica a Roma nos Evangelhos parece sugerir que os habitantes da Judeia eram plácidos e contentes com sua sina. Conforme indicam Baigent, Leigh e Lincoln:

> Na verdade poucos estavam contentes, e muito longe de ser plácidos. Os judeus da Terra Santa, na época, podiam ser divididos em várias seitas e subseitas. Havia, por exemplo, os saduceus, uma classe de pequenos mas abastados proprietários de terras que, para desprazer de seus compatriotas, colaboravam de forma insidiosa com os romanos. Havia os fariseus, um grupo progressista que introduziu muitas reformas no judaísmo e que, apesar de seu retrato nos Evangelhos, se colocava em uma oposição teimosa, embora passiva, a Roma. Havia os essênios, uma seita austera, misticamente orientada, cujos ensinamentos eram mais prevalentes e influentes do que é geralmente admitido ou suposto. Entre as seitas e subseitas menores havia muitas cujo caráter preciso se perdeu há muito tempo na história e que, por isso, são difíceis de definir. Vale a pena citar os nazoritas, contudo, dos quais Sansão, séculos antes, tinha sido membro, e que ainda existiam no tempo de Jesus. E vale a pena citar os nazoreanos ou nazarenos, um termo que parece ter sido aplicado a Jesus e seus seguidores. Realmente, a versão original grega do Novo Testamento se refere a "Jesus, o ***nazareno***", expressão mal traduzida para "Jesus de Nazaré". Nazareno, em suma, diz respeito a uma seita, sem conexão com Nazaré. (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 268)

Nazareno, de fato, diz respeito a uma seita[183] muito mais antiga que Jesus, não uma cidade. Afinal, 2300 anos antes de Jesus o termo nazareno já fora empregado por Jacob em seu leito de morte, ao repartir o reino entre as tribos. Segundo o relato mosaico, na bênção sobre José (o IOSE ou IUZÉ) Jacob a ele se referiu com o título de Jesus (IESO) um signo após: "*Derramem-se essas bênçãos sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça daquele que é como um **nazareno** entre seus irmãos*." (vide ano 2300 a.C.). Nazaré, por sua vez, não será noticiada antes do ano 75 d.C.(vide respectivo ano nesta cronologia).

Infelizmente a cristandade tradicional, da qual procede a maior parte dos ocidentais, não está habituada com o verdadeiro e original ambiente cristão de sabedoria, conhecimento e universalidade que caracterizava os seguidores originais de Cristo. Mesmo modernamente, aqueles que se intitulam continuadores da profunda mensagem do "conhecimento que liberta", referido por Jesus em João 8, 31–32, desconhecem o profundo conteúdo que rondava os ensinamentos dos grupos gnósticos. O termo gnóstico – derivado de Gnose ou Conhecimento, e que originou a palavra inglesa "know" – era aplicado a um grupo de seguidores da mensagem original de Jesus, no seu mais profundo sentido e absolutamente desconhecido modernamente. Os Nazarenos eram, talvez, os mais antigos e reconhecidos gnósticos à época de

183 Wikipedia – Nazareno nazoreano Ναζωραῖοι = seita de judeus cristãos que seguiam a Torá. Ver também nazirite (Biblehub). Não confundir com o gentílico nazareno Ναζαρηνός, ή, όν, habitante de Nazareth.

Jesus. O gnosticismo na antiguidade era estudado em três grupos principais: os mandeanos, os maniqueus e os coptas egípcios.

Os mandeanos[184] eram uma seita de grande e indeterminada antiguidade, de longe os mais antigos gnósticos. O citado termo **Nazareno** ou **Nazoreano** era dado aos mandeanos que excediam em caráter, conhecimento e aprofundamento no seu entendimento. Não eram uma seita à parte. Os árabes os designavam *sabianos*. Como vimos, sua antiguidade já pode ser reconhecida desde os tempos de Jacob e Benjamim (vide ano 2300 a.C.). Em 1882 registravam-se apenas cerca de 200 famílias remanescentes dos nazoreanos. Ao que parece, estavam procurando assentar-se nas proximidades do rio Tigre. Modernamente, foram forçados a migrarem para as montanhas do Yemen, onde têm constantemente decrescido. Segundo relataram antigos viajantes, seu número chegava a 20.000 famílias no século XVII. Como pode-se depreender, os mandeanos – e em especial os nazoreanos – foram sempre perseguidos pela sua zelosa aderência aos dogmas e costumes. Como veremos constantemente nesta obra, esta é uma sina trágica em toda a antiga história dos benjamitas antigos e modernos, dos Iniciados que falavam restritamente e não às massas, de Arcádia até Jesus, dos merovíngios aos cátaros. Quem sabe, nesta nova e conturbada era, a história não será outra, quando o Conhecimento levará à correta e justa Devoção...

30, 20 de maio – Jesus sobe ao céu, segundo o credo cristão em voga até o Concílio de Niceia, em 325.

30, 30 de maio – Jesus manda o Pentecostes (Espírito Santo) aos apóstolos e discípulos.

30 – Apolônio é encontrado em Antioquia por esta época. Esteve com muita frequência nesta cidade. Neste período manteve contato com os povos árabes, provavelmente do sul da Palestina. A região era, então, foco de muitas comunidades místicas. Apolônio emprega seu tempo para visitar vários templos, santuários e comunidades, os mais variados e distantes, mas sempre de muita santidade e onde existiam homens de espírito, pois o assunto que requeria exigia “homens e não gente”. Como vimos com Pitágoras e veremos com Blavatsky, deveria existir uma espécie de franco-maçonaria entre esses centros de culto. Afinal, se vários eram os “Livros da Lei”, a Mensagem Central não deveria variar muito no que concerne ao Conhecimento e à Sabedona. Assim, hospitaleiramente foram abertas a Apolônio as portas dos centros de culto. Ele dedicava a manhã aos estudos e às meditações profundas, com os deuses e consigo mesmo; à tarde dedicava-se aos negócios mundanos e à instrução do povo. Como dizia, a manhã era dedicada à ciência divina e a tarde à instrução ética e prática da vida.

31 – De Antioquia, Apolônio de Tiana (28) segue a Nínive, sempre acompanhado por seu fiel discípulo Damis. O relato de Filostratos sobre a vida de Apolônio, feito apenas 150 anos após a morte deste, baseia-se, na maior parte, nos registros de Damis, que nem por isso são sempre precisos. Damis continuamente teme por si ou por seu Mestre, o qual amava e admirava.

32 – De Nínive Apolônio de Tiana (29) vai à Babilônia, onde permanece por um ano e oito meses. Visitou as cidades das redondezas, como Ectabana[185], a capital da Média.

---

184 Wikipedia – Mandeísmo مَنْدَائِيَّة Mandāʾīya, religião praticada pelos mandeanos, povo da Mesopotamia

185 Wikipedia – Ectabana, atual Hamadān, Iran.

33 – Próximo desta data ocorre a suposta crucificação de Jesus. E começam a despontar as primeiras divergências entre seus seguidores. Alguns trabalhos da coleção de Nag Hammadi testemunham uma rixa entre Pedro e Madalena, que poderia refletir um cisma entre os "seguidores da mensagem" e os "seguidores da linhagem", da linhagem do Sangue Real, ou Sang Real, ou San Graal, o Santo Graal, conforme a análise feita por Baigent, Leigh e Lincoln em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*.

Madalena foi a provável portadora do Santo Graal quando veio à França. Na verdade, José de Arimateia também o foi, só que para a Grã-Bretanha. Inúmeras indicações apontam que ambos levaram consigo a linhagem do Sangue Real. Sua partida não foi gratuita. Os herdeiros oficiais da mensagem do Messias logo incorporaram o papel de iluminados eleitos, esquecendo rapidamente a humildade e a essência da mensagem baseada no conhecimento libertador e na tolerância. A profunda ligação entre Jesus e Maria Madalena causava muita inveja entre alguns discípulos. No *Evangelho de Filipe*[186], as razões para esta rixa parecem muito claras:

> O Senhor fez tudo em um mistério, um batismo e uma crisma e uma eucaristia, e uma redenção e uma câmara nupcial.
> (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library – The Gospel of Philip*, Harper & Row Publishers, New York, 1981, p. 140)

Esta câmara, à primeira vista, pode ser simbólica ou alegórica. Mas o *Evangelho de Filipe* foi mais claro antes:

> Existem três que sempre caminham com o Senhor: Maria sua Mãe, e sua irmã e Madalena, aquela que é chamada sua companheira. Sua irmã e sua mãe e sua companheira são cada uma Maria. (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library – The Gospel of Philip*, pp. 135–136 [ver comentário 52])

E mais adiante:

> E a companheira do Salvador é Maria Madalena. Mas Cristo amou-a mais que a todos os discípulos, e costumava beijá-la frequentemente na sua boca. O restante dos discípulos ficavam ofendidos com isto e expressavam desaprovação. Eles lhe disseram: "Por que a amais mais que a todos nós?"
> O Salvador respondeu e lhes disse: "Por que eu não vos amo como a ela?"
> (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library* – *The Gospel of Philip*, p. 138 [ver comentário 76])

O Evangelho de Filipe é muito feliz ao explicar esta questão. Vejamos:

> Não temas a carne nem a ames. Se a temes, ela ganha autoridade sobre ti. Se a amas, ela te engolirá e paralisará. (...)
> Grande é o mistério do casamento! Pois sem ele o mundo não teria existido. Agora a existência do mundo depende do homem, e a existência do homem do casamento. Pense no relacionamento não-corrompido, pois ele possui um grande poder. Sua imagem consiste de uma corrupção da forma. Assim como para os espíritos obscenos existem machos entre eles e existem fêmeas. Os machos são aqueles que se unem com as almas que habitam a forma fêmea, mas as fêmeas são aquelas que se mesclam com aqueles na forma macho, para aquele que foi desobediente. E ninguém estará apto a escapar deles, uma vez que eles detém-no se ele não recebe um poder masculino ou um poder feminino – o noivo e a noiva. São recepcionados da câmara nupcial espelhada. Quando as mulheres devassas veem um macho sentado sozinho, saltam sobre ele, jogam e corrompem-no. Assim também os homens libidinosos, quando veem uma bonita mulher sentando sozinha, persuadem-na e compelem-na, desejando

186 Wikipedia – Evangelho de Filipe; texto em *Gnosis.org*.

> corrompê-la. Mas se eles vêm o homem e sua esposa sentados ao lado um do outro, a fêmea não pode vir ao homem nem o macho vir à mulher.
> (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library – The Gospel of Philip*, p. 139)

> Uma câmara nupcial não é para os animais, nem o é para os escravos, nem para as mulheres corrompidas; mas ela é para os homens livres e virgens.
> (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library – The Gospel of Philip*, p. 141)

E mais ao final no mesmo *Evangelho de Filipe* há a seguinte declaração, claramente se referindo a uma dinastia de Jesus e à divindade do casamento. Notemos a ênfase em Jesus (O Senhor, ou o Filho do homem) como um procriador, não apenas um criador. Ou seja, apresentando filhos do casamento, além dos filhos de seu trabalho. Os grifos são nossos, para distinguir o Filho como o Senhor referindo-se a Jesus:

> Existe o **Filho** do homem, e existe o filho do **Filho** do homem. O **Senhor** é o **Filho** do homem, e o filho do Filho do homem é aquele que é criado através do **Filho** do homem. O **Filho** do homem recebeu de Deus a capacidade de criar. Ele também tem a habilidade de procriar. Aquele que recebeu a habilidade para criar é uma criatura. Aquele que recebeu a habilidade de procriar é uma prole. Aquele que cria não pode procriar. Aquele que procria também tem poder para criar. Agora eles dizem, "Ele que cria procria". Mas sua assim chamada "prole" é meramente uma criatura. Então seus filhos não são prole, mas criaturas. Aquele que cria trabalha abertamente e ele mesmo é visível. Aquele que procria em privado e ele mesmo está oculto, uma vez que ele é superior a toda imagem. Aquele que cria, cria abertamente. Mas aquele que procria, procria crianças em privado. Ninguém estará apto a saber quando o marido e a esposa têm relações um com o outro, exceto os próprios dois. Na verdade, o casamento no mundo é um mistério para aqueles que tomaram uma esposa. Se existe uma qualidade oculta no casamento de corrupção, quanto mais é o casamento não corrompido um verdadeiro mistério! Ele não é carnal mas puro. Ele pertence não ao desejo, mas à vontade. Ele pertence não à escuridão ou à noite mas ao dia e à luz. (...) Os mistérios de verdade são revelados, embora em tipo e imagem. A câmara nupcial, entretanto, permanece oculta. É o santo no santo. (...) Aqueles acima abriram a nós, que estamos abaixo, para que nós possamos penetrar no segredo da verdade. Esta verdade é que é mantida em elevado respeito, uma vez que é forte! Mas nós entraremos lá por meio de tipos humildes e formas de fraqueza. Eles são humildes, na verdade, quando comparados com a perfeita glória. Existe glória que ultrapassa a glória. Existe poder que ultrapassa poder. Então as coisas perfeitas são abertas para nós, juntamente com as coisas ocultas da verdade. Os santos dos santos são revelados, e a câmara nupcial convida-nos a entrar. (James M. Robinson. *The Nag Hammadi Library – The Gospel of Philip*, pp. 148–150)

O sagrado casamento, imortalizado na célebre obra iniciática *As Bodas Químicas de Christian Rosenkreutz*[187], não podem, então, deixar de serem desveladas a Iniciados completos como o foram todos os avatares. Evidentemente o santo dos santos referido pelo texto gnóstico refere-se ao Sagrado matrimônio, tão conhecido dos hindus. O poder dos poderes, aquele que mais aproxima o homem de Deus, pois faz dele também um criador, produzindo *à sua imagem e semelhança*, não poderia jamais deixar de fazer parte de uma vivência completa como o foi a do Iniciado Jesus.

187 Wikipedia – Chymical Wedding of Christian Rosenkreutz, livro alemão, 1616, Strasburgo.

Se Jesus não fosse casado, este fato teria chamado mais atenção do que qualquer casamento. Não se concebia a possibilidade do celibato, ainda mais de alguém a quem é atribuído constantemente o título de rabino, portanto um professor. A lei judia é muito clara quando diz que um homem que não é casado não pode ser professor. Qualquer prática do celibato voluntário, na época de Jesus, teria chamado muito a atenção e despertado comentários. Além disso, em nenhum ponto dos Evangelhos Jesus advoga o celibato. Ao contrário, em Mateus 19:4–5 ele diz: "*Não tendes lido que quem criou o homem desde o princípio, fê-los macho e fêmea, e disse: Por isso deixará o homem pai e mãe, e ajuntar-se-á com sua mulher, e serão os dois uma só carne?*"

> Os Evangelhos afirmam que muitos discípulos – Pedro, por exemplo – eram casados. E se Jesus não pregou o celibato, não há razão para supor que ele o tenha praticado. Segundo o costume judaico da época, não era somente usual mas quase obrigatório que um homem fosse casado. Com exceção de certos essênios de algumas comunidades, o celibato era rigorosamente condenado. No fim do século I d.C., um escritor judeu chegou a comparar o celibato deliberado com assassinato, e ele não parece ter sido o único a ter esta atitude. Era obrigatório a um pai judeu encontrar uma esposa para seu filho, da mesma forma que o era assegurar sua circuncisão.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 273)

Jesus poderia ter tido vários filhos antes da crucificação. Entretanto, se ele sobreviveu, a probabilidade de que ele tenha deixado prole é ainda maior. Existe alguma evidência de que Jesus sobreviveu à crucificação? Dada a descrição que os Evangelhos fazem dele, é inexplicável que Jesus tenha morrido crucificado. E se foi casado, quem seria a candidata principal ao título de sua esposa? Os evangelhos, é claro, em nada esclarecem esta questão. Mas deixam transparecer duas personagens que, além de sua mãe, constantemente fazem presença em sua vida: Maria de Betânia e Maria Madalena. Sua presença constante no grupo, sem qualquer menção de seu casamento com qualquer integrante do grupo de Jesus, é, no mínimo, intrigante para o contexto palestino da época. A supressão da existência desta ligação de Madalena com Jesus, na verdade, teria razões muito profundas.

O ciúme de Pedro por Madalena

Uma das passagens mais esclarecedoras da inveja de Pedro e outros discípulos em relação a Madalena e a mensagem velada de Jesus está patente no *Evangelho de Maria*[188]. Constitui-se numa das 47 preciosidades encontradas na Biblioteca de Nag Hammadi em 1944. Aqui poderemos notar Maria, a pedido do próprio Pedro, expondo a profunda mensagem do Cristo, aliás uma mensagem nada estranha aos neoplatônicos da época. Pedro, juntamente com André, se revelará absolutamente ignorante a respeito da linguagem utilizada, muito mais profunda que a simples mensagem de evangelização conclamada pelos apóstolos. A questão era, simplesmente, a de respeitar o nível de entendimento da mensagem, e não advogar para si a quintessência da iluminação do próprio Cristo, tomando para si, através da interpretação ao pé da letra da mensagem, o direito de impor um dogma aos menos esclarecidos. Ao que parece, discípulos como Pedro estavam por demais "iluminados" para poderem ver a si próprios. Aliás, não foram poucos os seguidores deste tipo de "iluminação", mesmo nos dias de hoje. Nem todos os apóstolos, entretanto, compartilhavam da cólera de Pedro. Esta divergência vemos claramente entre os próprios discípulos, no momento em que Levi intervém contra Pedro e

188 Wikipedia – Gospel of Mary o *Papyrus Berolinensis* 8502 foi encontrado em Akhmim, Egito.

André, quando estes chegam a declarar Maria mentirosa em seu relato:

> Pedro diz a Maria: Irmã, nós sabemos que o Salvador amou você mais que o resto das mulheres. Diga-nos as palavras do Salvador que você se lembra – que você sabe (mas) nós não as escutamos. Maria respondeu e disse: O que está oculto de você eu lhe proclamarei. E ela começou a falar a eles estas palavras: Eu, ela disse, eu vi o Senhor numa visão e eu disse a ele: Senhor, eu vos vi hoje numa visão. Ele respondeu e disse a mim: Abençoada sois vós, que não vacilastes ante minha visão. Pois onde a mente estiver, lá está o tesouro. Eu lhe disse: Senhor, agora, o que vê a visão vê [através] da alma [ou] através do espírito? O Salvador respondeu e disse: Ele não vê através da alma nem através do espírito, mas ele imagina o que [está] entre os dois; isto é, [o que] vê a visão e é [...]. (faltam as páginas 11 a 14) [...] isso. E desejo disse: Eu não vos vi descendo, mas agora eu vos vi ascendendo. Por que vós mentis, uma vez que pertenceis a mim? A alma respondeu e disse: Eu vos vi. Vós não me vistes nem me reconhecestes. Eu vos servi como uma peça de roupa, e vós não me olhastes. Quando disse isto, foi embora alegrando-se grandemente. Novamente veio o terceiro poder, que é chamado ignorância. [O poder] questionou a alma, dizendo: Onde estais indo? Em maldade estais indo. Mas estais obrigado: não julgueis! E a alma disse: Por que vós me julgais, embora eu não tenha julgado? Eu estava compelido, apesar de não ter caído. Eu não fui reconhecido. Mas eu reconheci que o Todo está sendo dissolvido, ambos, as (coisas) terrenas e as do céu.
>
> Quando a alma subjugou o terceiro poder, ela elevou-se e viu o quarto poder, (o qual) tomou sete formas. A primeira forma é a escuridão, a segunda o desejo, a terceira a ignorância, a quarta é a excitação da morte, a quinta é o reino da carne, a sexta é a louca sabedoria da carne, a sétima é a sabedoria da ira. Esses são os sete [poderes] da ira. Eles perguntaram à alma: De onde vindes, assassino do homem, ou para onde estais indo, conquistador do espaço? A alma respondeu e disse: O que me prende foi saciado, e o que me dá as costas foi subjugado, e meu desejo foi concluído, e a ignorância morreu. Num [mundo] eu fui liberto de um mundo, [e] em um tipo de um tipo celeste, e (do) grilhão do esquecimento que é transitório. Deste momento em diante eu chegarei ao restante dos tempos, da estação, do eon, em silêncio.
>
> Quando Maria disse isto, ele quedou em silêncio, pois foi até este ponto que o Salvador falou com ela. Mas André respondeu e disse aos irmãos: Digam o que (desejam) dizer sobre o que ela disse. Eu, pelo menos, não acredito que o Salvador tenha dito isto. Pois certamente estes pensamentos são ideias estranhas. Pedro respondeu e falou concernente a essas mesmas coisas. Ele questionou-os sobre o Salvador: Ele realmente falou privadamente com uma mulher (e) não abertamente a nós? Vamos dar meia volta e todos escutarmos a ela? Ele preferiu-a a nós? Então Maria chorou e disse a Pedro: Meu irmão Pedro, o que pensais? Pensais que Eu mesmo inventei em meu coração, ou que Eu estou mentindo sobre o Salvador? Levi respondeu e disse a Pedro: Pedro, você sempre foi encolerizado. Agora eu vejo você discutindo contra uma mulher como com os adversários. Mas se o Salvador a fez uma pessoa ilustre, quem é você de fato para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece muito bem. Por isto ele a amou mais que a nós. Pelo contrário, deixe nos envergonharmos e representarmos o homem perfeito, e dividir como ele nos determinou e pregar o evangelho, não estipulando qualquer outra regra ou outra lei além do que o Salvador disse. Quando [...] e eles começaram a ir adiante [para] proclamar e pregar. (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library – The Gospel of Mary*, pp. 472–474)

Os Zelotes e Jesus

> Os zelotes eram o braço revolucionário dos judeus. O silêncio dos Evangelhos sobre os zelotes justifica-se, pois sua menção tornaria os livros perigosas armas políticas aos olhos de Roma. Este silêncio, ademais, indica uma possível relação dos zelotes com Jesus, a qual não seria interessante aos novos pregadores mostrar. De qualquer forma, Jesus foi para a cruz como um zelote. Já seus dois companheiros de calvário comprovadamente o eram. Muitas evidências indicam uma associação de Jesus com Barrabás, além da suposta escolha entre ambos pelo povo. Barrabás é denominado de *lestai*, ou zelote. Segundo outros estudiosos, o termo Iscariote é uma variante de *sicarii*, outro termo para zelote. Evidências indicam os *sicarii* como uma elite dos zelotes, provavelmente assassinos profissionais. Já outro discípulo chamado Simão tem, no evangelho grego de Marcos, a denominação de *Kananaios*, palavra grega mal traduzida na Bíblia do Rei James para "Simão, o Canaanita". A mesma Bíblia do Rei James o introduz como Simão Zelotes. *Kananaios* nada mais é que a versão grega da palavra aramaica para zelote. Já no evangelho de Lucas, Simão é claramente identificado como zelote. A supressão desta referência aos zelotes não surpreende, pois o mesmo aconteceu com os essênios.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 312–313)

No "Josephus Eslavônico", uma versão para o antigo russo da obra de Flavius Josephus, contemporâneo do primeiro massacre de Jerusalém, aparece uma versão de Jesus mais próxima daquela mostrada pelas chamadas heresias (vide ano 74).

Os Essênios e Jesus

> Na Terra Santa do tempo de Jesus, os essênios constituíam uma seita tão importante quanto a dos fariseus e dos saduceus. Não é admissível, portanto, que Jesus não tenha tido contato com eles. Segundo narrativas, o próprio João Batista era um essênio. Como veremos, a ligação de Jesus com os essênios e os zelotes era por demais evidente para ser negada.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., p. 268)

> Assim como Pilatos foi absolvido pelos Evangelhos, tanto os fariseus como os saduceus foram avilanados para passar os mesmos pelo crivo romano. Sabemos que os saduceus comprovadamente foram colaboradores dos romanos. Mas os fariseus eram muito progressistas e rejeitavam o jugo romano, embora passivamente. E Jesus, se não era um pelo menos agia essencialmente segundo a tradição dos fariseus. Para cativar uma audiência romana, os Evangelhos foram obrigados a avilanar os judeus. Isto explica por que os fariseus tiveram que ser deliberadamente mal interpretados e estigmatizados, juntamente com seus compatriotas, os saduceus. Mas por que os Evangelhos não mencionam os zelotes, lutadores pela liberdade e declarados inimigos de Roma? E os essênios? Provavelmente isto revelaria muito as ligações com Jesus, face à sua identificação com a doutrina do Messias. Afinal, não foi um essênio – José de Arimateia – que reclamou o corpo do Cristo crucificado? E a característica curadora de Jesus, não era tipicamente essênia? (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., p. 268)

Os essênios caracterizavam-se, visualmente, por suas vestes brancas, tipicamente ritualísticas e de rara utilização entre o povo na época. Isto porque, naquele ambiente extremamente seco do deserto, a poeira e o vento dificilmente deixavam as vestes alvas, salvo se cuidadosa e frequentemente tratadas para tal fim. Era o caso das vestes ritualísticas. No citado evangelho suprimido de Marcos é mencionado um hábito de linho branco necessário para o ritual, constando inclusive na versão oficial. A participação nos mistérios

como os dos essênios, em Betânia ou próximo de Jerusalém, implicaria a citação frequente das vestes brancas, tais como as utilizadas na "mortes" rituais de Lázaro ou de Jesus. Os quatro Evangelhos também descrevem as figuras de branco que aparecem após a crucificação, e o desaparecimento do corpo de Jesus.

> Marcos 16:5 descreve um "mancebo vestido de roupas brancas" após o desaparecimento do corpo, enquanto Lucas 24:4 descreve "dois homens vestidos de brilhantes roupas". Em Mateus 28:3 é um anjo que aparece com uma "vestidura como a neve", enquanto no quarto evangelho (João 20:12) fala-se de "dois anjos vestidos de branco". Em duas dessas narrativas trata-se de figura(s) humana(s), não tendo nada de sobrenatural. Compreende-se a surpresa dos discípulos a ponto de chamarem-nos de anjos, na medida em que tratavam-se de companheiros de Jesus desconhecidos dos "seguidores da mensagem". Os essênios, sendo uma sociedade notória pelo conhecimento da cura, levaram o corpo de Jesus enfermo para tratá-lo. O próprio José de Arimateia, que reclamou o corpo do Mestre, era reconhecidamente um essênio. Existem fortes indícios de que a crucificação tenha sido realizada com a cumplicidade de Pôncio Pilatos, por muitas indicações amigo íntimo de José de Arimateia. Tal só poderia ser feito por um restrito círculo de iniciados, familiares e aristocratas influentes. A julgar pela mensagem propagada pelos apóstolos após a morte de Jesus, estes não devem ter tomado conhecimento do plano realizado na crucificação, uma vez que incorporaram totalmente a "iluminação" típica dos "seguidores da mensagem", tal como se veria nos séculos seguintes e em toda a história do chamado credo da Igreja Romana. O estratagema, então, não teria sido divulgado entre os "seguidores da mensagem", entre os devotos de Jesus comandados por Simão Pedro. Por isto Jesus foi retirado pelo essênio José de Arimateia, e não pelos "pescadores" de almas.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 314)

Esta "morte" de Jesus, sua colocação na tumba por dois dias e ressurreição ao terceiro dia eram parte do tradicional périplo iniciático egípcio, grego e caldeu (vide Mistérios de Elêusis, no ano 1800 a.C., item referente ao 16 Solar).

Ao que parece, seria necessário ocultar o comprometedor pensamento dos essênios e zelotes. O massacre de Masada, em 74, revela a profunda presença de elementos cristãos e essênios, quando oficialmente eram zelotes. A narrativa de Flavius Josephus, testemunha ocular, alterna no texto a citação de zelotes e sicarii (vide 150 a.C. e 74 d.C.).

Como de resto aconteceu com todos os grandes iniciados como Zoroastro, Buddha, Confúcio, Lao Tse, Krishna, etc., Jesus não trouxe uma mensagem absolutamente nova. Aliás, ele mesmo disse: "*Eu não vim para modificar a Lei, vim apenas dizer-vos: amai-vos uns aos outros*." Hoje concorda-se que sua mensagem era em muito próxima dos ritos solares de Mitra, das doutrinas essênias conhecidas através dos manuscritos do Mar Morto e mesmo com o que se conhece do farisaísmo. Sua mensagem, como de resto todas as grandes e profundas verdades iniciáticas, tem base num conhecimento e profundidade que transcende a simples devoção do vulgo. Afinal, como o próprio Jesus disse, "conhecereis a verdade, e ela vos libertará". E se acreditarmos nas palavras do mestre de que "até os fios de nossos cabelos serão contados", poderemos ver na mensagem cristã a continuação das antigas verdades. Conforme atestam C. W. King[189] e E. A. W. Budge, contando

189 Charles William King, *The Gnostics and their remains*, pg. 255

pelo valor numérico as respectivas letras do nome grego de Jesus, o gnóstico Marcus[190] indicou o caminho para a Universalidade da Mensagem cristã: o valor da palavra JESUS é 888, exatamente igual ao somatório das 24 (3 vezes 8) letras do alfabeto grego:

I H Σ O Y Σ
10 + 8 + 200 + 70 + 400 + 200 = **888**

Nas próprias palavras de Marcus:

> Agora Jesus tem sua inefável origem. Da Mãe de todas as coisas, a primeira Tétrade, procede outra Tétrade, e então existiu uma Ogdóada, donde procedeu a Década; então ficaram Dezoito.

A Década, então, vindo junto com a Ogdóada, a ela associou-se produzindo o número 80. Uma vez mais a Década associou-se então e produziu o 800, perfazendo o total de 800+80+8=888, o número de Jesus. As 24 letras do alfabeto grego, curiosamente, também são formadas por três Ogdóadas:

α	β	γ	δ	ε	ζ	η	θ	ι	κ	λ	μ	ν	ξ	ο	π	ρ	σ	τ	υ	φ	χ	ψ	ω
1	2	3	4	5	7	8	9	10	20	30	40	50	60	70	80	100	200	300	400	500	600	700	800
unidades								dezenas								centenas							

Marcus também decifrou a denominação dada pelo próprio Jesus, ao declarar-se o Alfa e o Ômega. Somando-se os valores numéricos destas duas letras – a primeira e a última do alfabeto grego – o valor é igual ao somatório das letras da palavra grega para POMBA (περιστερα), o veículo do Espírito Santo:

α ω
1 + 800 = 801
π ϵ ρ ι σ τ ϵ ρ α
80+5+100+10+200+300+5+100+1 = 801

Por outro lado, o grande carisma de Jesus como Iniciado, como líder amplamente preparado para ser rei e sacerdote é que realmente o caracterizou como o verdadeiro e único Messias de seu povo. Olhando da profundidade, foi a grande chispa divina enviada através do povo de Israel para acabar com o jugo romano em todo o mundo. De fato, o cristianismo acabou por minar as bases da já carcomida estrutura do império romano. Entretanto, que os "herdeiros" da mensagem acabariam por continuar o próprio império romano com as vestes da cristandade, adotando inclusive o mesmo nome – Igreja Católica Apostólica **Romana** – talvez nem mesmo Jesus tivesse previsto... Ou talvez sim.

Jesus provavelmente sabia da finalidade primordial a ser cumprida, ou seja, espalhar a nova mensagem entre os povos, mesmo que de maneira deturpada apesar de abnegada. Ao mesmo tempo, o Messias tratou de manter a mensagem original – oculta e profunda – difundindo-a restritamente entre um pequeno número de eleitos, formados a partir de sua própria família (José de Arimateia, Lázaro, Madalena e sua descendência). Dessa mensagem original seriam passadas às massas as alegorias e lendas, reais e míticas, através da cavalaria arturiana e da dinastia merovíngia. Seguindo a análise de Baigent, Leigh e Lincoln em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, nota-se claramente ambas as correntes em paralelo, segundo:

- os "**seguidores da linhagem**" (pessoas da família, membros da nobreza e aliados ricos e influentes), pois esses, mesmo por direito kármico e

190 Marcus, fundador da seita gnóstica Marcosiana no séc. II.

evolutivo, tinham muito mais condições de entendimento, não apenas de instrução mas de aprofundamento e sensibilização das ideias, compreendendo a mais profunda mensagem oculta nas alegorias ou parábolas. Para estes, certamente, a mensagem de Jesus era muito mais direta, profunda e elevada. Não é à toa que os Augustos Mistérios são chamados “Arte Real”, dando a certos nobres a possibilidade de entenderem a mensagem. Ao mesmo tempo, a linhagem sagrada faz os verdadeiros reis, sendo passada pelo sangue juntamente com a Mensagem, tornando em Magos aos Reis. Verificaremos isto quando tratarmos dos merovíngios (vide 417 d.C.).

- Os “**seguidores da mensagem**”, consistindo no número muito maior de seguidores, era composto por pessoas comuns, cuja finalidade era ver o resultado da mensagem cumprida. Para estes, a sobrevivência da linhagem era secundário, na medida em que a mensagem dava a eles próprios a força para mudar o mundo, como realmente mudaram. A perpetuação da mensagem dependia apenas deles, pois já tinham o suficiente e mais: tinham ouvido da própria fonte, crédito que ninguém poderia usurpar. Neste caso, a presença da fonte frequentemente é prejudicial. Para se ter uma ideia, como veremos, nenhum dos Evangelhos foi escrito por um discípulo direto do Messias. Além disso, quando estes foram escritos, os dogmas básicos da nova religião já estavam praticamente completos. Já a forma cristalizada e final da mensagem começou a surgir com São Paulo, tornando-se a base de todo o edifício teológico cristão.

34 – Uma antiga tradição conservada no mosteiro de Betânia parece conter a prova de que Lázaro se encontrava em Chipre neste ano. Segundo Fernand Pignatel, em *Le Livre de l'Annonciade*, “Teria ele partido em um navio para Marseilles, de onde escreveria à família para vir juntar-se a ele.” Uma outra tradição diz que ele teria passado trinta anos em Chipre como primeiro bispo cristão, tendo sido enterrado neste lugar; seus restos repousam num sarcófago de mármore. Suas relíquias teriam sido descobertas no século IX e depois transportadas para Constantinopla. Os francos – que como veremos foram seguidores da linhagem, provavelmente descendentes de Jesus – tê-los-iam feito chegar mais tarde a Marseilles; esta tradição parece confirmada pelo fato de ter sido instituída uma importante peregrinação cipriota para a basílica de São Lázaro ...

35 – Data mais provável da chamada “crucificação” de Jesus. Com o fito de trazer à luz pontos chave de um dos maiores mitos de todos os tempos, arrolaremos alguns tópicos importantes relativos à “crucificação” e à alegada vida de Jesus:

- Nazaré não existia ao tempo de Jesus (vide ano 75).
- Desde a infância se é levado a acreditar que a história de Jesus, na forma como é preservada nos Evangelhos, é definitiva, se não inspirada por Deus. Os quatro evangelistas, supostos autores dos Evangelhos, são tidos como testemunhas inexpugnáveis que se reforçam e confirmam entre si. Entre as pessoas que hoje se denominam cristãs, relativamente poucas sabem que os quatro Evangelhos não somente se contradizem como, às vezes, discordam violentamente entre si.
- No que diz respeito à tradição popular, a origem e o nascimento de Jesus são bem conhecidos. Mas os Evangelhos, nos quais essa tradição é baseada, são consideravelmente mais vagos sobre esse assunto. Somente dois dos Evangelhos – Mateus e Lucas – dizem alguma coisa sobre a

origem e o nascimento de Jesus, e se contestam flagrantemente. De acordo com Mateus, por exemplo, Jesus era um aristocrata, se não um rei legítimo e de direito, descendente de Davi, via Salomão; de acordo com Lucas, a família de Jesus, embora descendente da casa de Davi, era de uma classe menos elevada. Com base na narrativa de Marcos, por outro lado, surgiu a lenda do "pobre carpinteiro". São genealogias tão discordantes que podem, inclusive, estar se referindo a duas pessoas bem diferentes. (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., pp. 261–262)

- O entendimento de Jesus como um carpinteiro não tem qualquer base sustentável. A ideia de simplicidade mundana e a negação da origem aristocrática de Jesus só podem ser entendidas como uma interpretação simplista e cômoda para os propósitos a que se destinaram. Já mencionamos, na altura do século VI desta cronologia, o entendimento profundo da alegoria celta do deus lenhador ÉSUS, frequentemente associado a Marte. À semelhança do IESO Jesus, Ésus era representado barbudo e simplesmente vestido de uma leve túnica, abatendo uma árvore com um machado. Antes de constituir-se num nome, IESO, ESUS ou JESUS é, antes de tudo, um elevado título distintivo da procedência espiritual de seus portadores. Ésus era representado por um lenhador, que cortava a árvore que servia de ligação entre o céu e a terra. Seria conveniente lembrar que as primeiras ordens de construtores que apareceram na Europa eram dos obreiros da madeira, responsáveis pela construção dos primeiros templos cristãos. A ligação de Ésus com Marte é, conforme já adiantamos ao abordarmos o movimento de Moisés, a relação inequívoca com a religião hebraica, da qual o judeu Jesus sempre se manifestou como um continuador.

- Não há, tampouco, alguma indicação de que Jesus tenha sido um "probre carpinteiro" (Vermes, Jesus the Jew, p. 21, menciona que nos provérbios do Talmud o nome aramaico denotando carpinteiro ou artesão (*naggar*) significa homem culto, intelectual). Nenhum dos Evangelhos o descreve como tal. Na verdade, as evidências neles contidas sugerem o contrário. Ele parece ter sido bem educado, por exemplo. Parece ter recebido treinamento para rabino e ter privado tão frequentemente com pessoas ricas e influentes quanto com os pobres – José de Arimateia, por exemplo, e Nicodemus. E o casamento de Canaã seria outro testemunho da posição e condição social de Jesus. Este casamento não parece ter sido um festival modesto, humilde, conduzido por pessoas comuns. Ao contrário, teve todas as marcas de uma extravagante união aristocrática, um assunto de alta sociedade, presenciado por pelo menos várias centenas de convidados. Havia, por exemplo, muitos serventes, que se apressavam em obedecer às ordens de Maria e de Jesus. Havia um "mestre da festa" ou "mestre de cerimônias", que, no contexto, teria sido um mordomo-chefe ou talvez até um aristocrata, ele também. Quando Jesus "transmuta" a água em vinho, ele produz, segundo a *Good News Bible*, mais de 600 litros, o que corresponde a mais de 800 garrafas! E isso adicionado ao que já havia sido consumido! Considerando todas as coisas, o casamento em Canaã teria sido uma cerimônia suntuosa da aristocracia. Mesmo que o casamento não tenha sido o de Jesus, sua presença nele, e a de sua mãe, sugere que eles eram membros da mesma casta. Só isto explicaria a obediência dos serventes a eles.
(Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., pp. 287–288)

- De acordo com a narrativa (no quarto Evangelho) o casamento de Canaã teria sido uma cerimônia local modesta, um típico casamento de vilarejo,

> cujos noivos permanecem anônimos. Para este casamento Jesus foi simplesmente "chamado" – o que talvez seja ligeiramente curioso, pois ele ainda não tinha começado seu ministério como rabino. Mais curioso, contudo, é o fato de que sua mãe "simplesmente" se encontra presente. E sua presença é tida como normal, embora não seja de nenhum modo explicada. Além disso, Maria não só sugere a seu filho, como na verdade lhe ordena que reponha o vinho. Comporta-se como se fosse a anfitriã (João 2:3–4): "E faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm vinho. E Jesus respondeu: Mulher, que importa isso a mim e a vós? Ainda não é chegada a minha hora." Mas Maria, completamente à vontade, ignora o protesto do filho (João 2:5): "Disse a mãe de Jesus aos que serviam: Fazei tudo o que ele vos disser." E os servos prontamente obedeceram, como se estivessem acostumados a receber ordens de Maria e de Jesus. (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit.*, pp. 274–275)

- O Evangelho de João, apesar de todos os expurgos a que esteve sujeito, conserva, quase como um consenso entre os estudiosos da Bíblia, a condição de mais fidedigno e original relato do Novo Testamento. Em João 2:9–10 tem-se a mais evidente comprovação que Jesus e o noivo das bodas de Canaã são a mesma pessoa:

> Logo que o mestre de mesa provou a água convertida em vinho – ele não sabia donde vinha, sabiam-no os serventes que tinham tirado a água – chama o esposo e diz-lhe: "Todos servem primeiro o vinho melhor e, quando tem bebido bem, servem então o inferior. Tu, pelo contrário, guardaste o vinho bom até este momento!" (o grifo é nosso)

- Se aos serventes estava claro o papel de Jesus e Maria como responsáveis pela festa, a ponto de Maria pressionar seu filho para que fizesse ali seu primeiro milagre, certamente o "mestre de mesa", uma espécie de mestre de banquetes, estava se dirigindo àquele que, sabia, providenciara o novo vinho (embora desconhecesse que procedia da água). Não há dúvidas de que "o esposo" a que se referiu o mestre de mesa era Jesus.

- A contradição dos evangelhos é flagrante no que diz respeito ao nascimento de Jesus. Segundo Lucas, o recém-nascido Jesus foi visitado por pastores, que estavam no campo e foram chamados a Belém. Obviamente não é citada qualquer estrela para guiá-los, portanto não era uma estrela fisicamente visível ou destacável do céu. Apenas foi-lhe dito que encontrariam um menino numa manjedoura. Já Mateus diz que foi visitado por magos, tão respeitados e reconhecidos que se entrevistaram com o próprio Herodes, causando espanto em toda Jerusalém. Foram guiados por uma estrela, pois os magos do Oriente (do persa *magi* que significa *sacerdotes da luz*) eram os profundos conhecedores das estrelas e da astrologia à época: "*Vieram então a Jerusalém uns magos do Oriente que perguntaram: Onde está o Rei dos Judeus que acaba de nascer? Pois vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo. Ao ouvir isso o rei Herodes perturbou-se e toda Jerusalém com ele*".

  Esta estrela dos magos, como vimos, está plenamente de acordo com o evento astronômico/astrológico à época do nascimento do Messias (vide ano 7 a.C.). Vejamos o relato da viagem de Marco Polo à Babilônia:

> Na Pérsia se encontra situada a cidade de Sabba (Sava), donde partiram os três reis que foram adorar Cristo quando nasceu. Naquela cidade se encontram sepultados os três Magos numa bela sepultura, e estão ainda com os corpos incorruptos e com os cabelos. Um chamou-se Baltasar, outro Melchior e o outro Guaspar. O senhor Marco perguntou várias vezes

nesta cidade por estes três reis; nunca ninguém soube qualquer coisa senão que eram três reis que tinham sido sepultados há muito tempo.
(*As Viagens de Marco Polo*, cap. XXII, Publ. Europa-América, p. 30)

De acordo com Lucas a família de Jesus vivia em Nazaré (que nesta época não existia!). A partir daí se diz que teriam viajado (para um censo que a história diz que nunca ocorreu) a Belém, onde Jesus nasceu numa pobre manjedoura. Segundo Mateus, Jesus descendia de linhagem nobre, pois no primeiro capítulo é dada sua genealogia. A partir de Zorobabel, por exemplo, Jesus é a 11ª geração. Ainda segundo Mateus, Jesus e sua família viviam em Belém todo tempo, tendo Jesus nascido numa casa, pois os magos, "*ao verem de novo a estrela, sentiram grandíssima alegria, e tendo entrado na casa, viram o menino com Maria, sua mãe*". Nesta versão, a perseguição de Herodes aos inocentes impele a família ao Egito, e só depois de seu retorno vivem em Nazaré. Sentimo-nos forçados a concordar Baigent, Leigh e Lincoln na obra citada, e concluir que, dada suas incoerências, os Evangelhos não podem ser considerados incontestáveis.

- De acordo com os Evangelhos, Jesus é inicialmente condenado pelo Sanhedrin – o conselho dos anciãos judeus – que então o leva até Pilatos e pede ao procurador que se pronuncie contra ele. Historicamente isto não faz sentido. Nos três Evangelhos sinópticos, Jesus é preso e condenado pelo Sanhedrin na noite do festival dos judeus, mas pela lei judaica este conselho era proibido de se reunir durante o festival. Nos Evangelhos, a prisão e o julgamento de Jesus ocorrem à noite, antes do conselho. Pela lei judaica o conselho é proibido de se reunir à noite, em casas particulares ou em qualquer outro lugar fora dos recintos do Templo. Nos Evangelhos o conselho é aparentemente desautorizado a votar uma sentença de morte – e esta teria sido a razão evidente para levar Jesus até Pilatos. Contudo, o conselho era na realidade autorizado a votar sentenças de morte – por apedrejamento, se não por crucificação. (...) Não haveria de nenhum modo necessidade de perturbar Pilatos. (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit.*, p. 290)
- Quanto mais se estudam os Evangelhos, mais claras se tornam as contradições entre eles. Não concordam entre si nem mesmo quanto à data da crucificação. De acordo com o Evangelho de João, ela ocorreu no dia anterior ao da celebração da libertação dos escravos judeus no Egito. De acordo com os Evangelhos de Marcos, Lucas e Mateus, ocorreu um dia depois. Tampouco os Evangelhos estão de acordo em relação à personalidade e ao caráter de Jesus: um salvador humilde como um cordeiro (Lucas), um poderoso e majestoso soberano, que veio "*trazer a espada e não a paz*" (Mateus). Existe outra discordância sobre as últimas palavras de Jesus na cruz. Em Mateus e em Marcos estas palavras foram: "*Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonastes*?". Em Lucas foram: "*Pai, perdoai-os, pois eles não sabem o que fazem*". Em João, simplesmente: "*Está terminado*". (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit.*, pp. 262–263)
- Jesus realmente era visto por Roma como um rei que queria reinar na Terra Santa.

No Evangelho de Marcos, Pilatos, após interrogar Jesus, pergunta aos seus dignitários reunidos (Marcos 15:12): "*Pois que quereis que eu faça ao rei dos judeus*?" Isto indicaria que pelo menos alguns judeus realmente se referiam a Jesus como seu rei. Ao mesmp tempo, Pilatos confere este título a Jesus em todos os quatro Evangelhos. Não há razão para supor que ele o faz de forma irônica ou pejorativa. No quarto Evangelho, ele insiste nisso de forma bastante séria e reiterada, a despeito de um coro de protestos.

> Além disso, nos três Evangelhos sinópticos, o próprio Jesus reconhece sua pretensão ao título (Marcos 15:2): "E Pilatos lhe perguntou: *Tu és o rei dos judeus*? E ele, respondendo, lhe disse: *Tu o dizes*." Na tradução, esta resposta pode soar ambivalente, e talvez isso se dê de forma deliberada. No original grego, no entanto, seu significado é inequívoco. Ela só pode ser interpretada como "*Tu o falaste corretamente*." E assim a frase é interpretada onde quer que apareça na Bíblia. Os Evangelhos foram compostos durante e após a rebelião de 68–74 d.C., quando o judaísmo tinha efetivamente cessado de existir como uma força social, política e militar organizada. Além disso, eles foram compostos para uma audiência greco-romana, para a qual tinham que ser tornados palatáveis. Roma estivera recém-envolvida numa guerra amarga e custosa contra os judeus. Em consequência, era perfeitamente natural colocar os judeus no papel de vilões. Além disso, no irromper da rebelião judia, Jesus não poderia de maneira alguma ser retratado como uma figura política, de algum modo relacionado à agitação que culminou na guerra. Finalmente, o papel dos romanos no julgamento e execução de Jesus deveria ser limpado e apresentado da forma mais simpática possível. Assim, Pilatos é descrito nos Evangelhos como um homem responsável e tolerante, que reluta em consentir a crucificação. Mas a despeito dessas liberdades tomadas em relação à história, a verdadeira posição de Roma no assunto podia ser discernida.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., pp. 289–290)

- Dada a descrição que os Evangelhos fazem dele, é inexplicável que Jesus tenha sido crucificado. De acordo com os Evangelhos, seus inimigos eram os interesses judeus estabelecidos em Jerusalém. Mas tais inimigos, se existiram, poderiam tê-lo apedrejado até a morte por decisão própria, sem envolver Roma no assunto. De acordo com os Evangelhos, Jesus não tinha querelas particulares com Roma e não violou a lei romana. Ainda assim, foi punido pelos romanos, de acordo com a lei romana e segundo procedimentos romanos. E foi punido com a crucificação, reservada exclusivamente aos culpados de crimes contra o império. Se Jesus foi mesmo crucificado, ele não poderia ter sido tão apolítico como descrevem os Evangelhos. Ao contrário. Deve ter feito alguma coisa para provocar a ira de Roma – por oposição à ira judia. (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., p. 294)

A morte por apedrejamento era tão aceita pelos romanos e praticada livremente pelos próprios judeus que Madalena foi dela libertada por Jesus. Crimes dessa ordem faziam parte das leis vigentes admitidas tanto pelos judeus como pelos dominadores romanos. Já a crucificação, da qual o próprio Jesus diz-se ter sido vítima, os próprios Evangelhos mostram como, sendo acompanhada e guardada por soldados romanos, comprova-se que o condenado era perigoso a Roma, não aos judeus. A inconsistência dos Evangelhos consegue o cúmulo de fazer Jesus desgostar tanto aos dominados quanto aos dominadores. A tal ponto avultaram estas inconsistências que chegou-se a fazer do cruel Pilatos – governador da mais rebelde de todas as províncias romanas à época – um ponderado e liberal feitor, que dá ao povo a livre escolha de libertar um revolucionário como Barrabás e condenar um frágil "cordeiro de Deus". Irônica decisão para um feitor colocado por Roma justamente para aplacar uma Jerusalém que, trinta anos após a suposta crucificação de Jesus, eclodirá a sangrenta revolta de 66 a 74 d.C..

- Quaisquer que tenham sido as infrações pelas quais Jesus foi crucificado, sua morte aparente na cruz é inundada de inconsistências. Simplesmente não existe razão para concluir que sua crucificação tenha sido, como dizem os

Evangelhos, fatal. (...) A prática da crucificação se atinha a procedimentos muito precisos. Após a sentença, a vítima seria chicoteada, ficando enfraquecida pela perda de sangue. Seus braços abertos deviam então ser fixados – usualmente através de cordas, mas às vezes através de pregos – a uma pesada barra de madeira colocada horizontalmente ao longo do pescoço e dos ombros. Ele seria levado ao local da execução portando esta barra. Aí, a barra, com a vítima pendurada, seria levantada e atada a um poste ou estaca vertical. Pendurada pelas mãos, a vítima não poderia respirar – a menos que seus pés fossem também fixados na cruz, o que possibilitaria um apoio e liberaria a pressão no peito. Mas, a despeito da agonia, um homem suspenso e com os pés fixos – especialmente um homem forte e saudável – poderia sobreviver por um dia ou dois. A vítima poderia levar até uma semana para morrer – de exaustão, de sede ou, se fossem usados pregos, de envenenamento sanguíneo. A agonia podia ser terminada mais rapidamente quebrando-se as pernas ou os joelhos da vítima – o que, segundo os Evangelhos, os executores de Jesus estiveram a ponto de fazer, quando foram impedidos. Nesse contexto, quebrar pernas ou joelhos não era um tormento sádico adicional. Pelo contrário, era um ato de misericórdia, um *coup de grâce* que produzia uma morte mais rápida. Sem suporte, a pressão no peito da vítima se tornava intolerável, sobrevindo logo a asfixia.

Existe um consenso entre os estudiosos modernos de que somente o quarto Evangelho se baseia na narrativa de uma testemunha ocular da crucificação. De acordo com esse Evangelho, os pés de Jesus foram fixados na cruz – liberando assim a pressão em seus músculos peitorais – e suas pernas não foram quebradas. Assim, pelo menos em teoria, ele deve ter sobrevivido por uns bons três dias. Mas após umas poucas horas na cruz, no entanto, ele é declarado morto. No Evangelho de Marcos 15:44, até Pilatos é surpreendido pela rapidez com que a morte ocorre.

- Qual pode ter sido a causa da morte? Não foi a estocada em seu peito, pois o quarto Evangelho (João 19:33) afirma que Jesus já estava morto quando este ferimento foi causado. Só existe uma explicação: uma combinação de exaustão, fadiga, debilidade e trauma causado pelos castigos. Mas nem mesmo estes fatores teriam sido fatais tão rapidamente. É possível, é claro, que tenham sido; a despeito das leis gerais da fisiologia, um homem pode morrer por causa de um único golpe relativamente inócuo. Mas há ainda algo suspeito em relação ao assunto. Segundo o quarto Evangelho, os executores de Jesus estão a ponto de lhe quebrar as pernas e acelerar assim sua morte. Por que a preocupação, se ele já estava moribundo? Em suma, não haveria razão para quebrar as pernas de Jesus, a menos que a morte não fosse iminente. Nos Evangelhos, a morte de Jesus ocorre em um momento muito conveniente, muito oportuno. Ocorre exatamente em tempo de impedir seus executores de quebrar suas pernas. E assim se concretiza uma profecia do Velho Testamento.
- Autoridades modernas concordam quanto à possibilidade de que Jesus tenha modelado e talvez manipulado sua vida de acordo com tais profecias, que anunciavam a vinda de um Messias. Por esta razão, por exemplo, um asno teve que ser encontrado em Betânia, para que ele fizesse sua entrada triunfal em Jerusalém. E os detalhes da crucificação parecem engendrados de forma similar para encenar as profecias do Velho Testamento. Em suma, o fim aparente e oportuno de Jesus – que, em uma pequena fração de tempo, o salva da morte certa e lhe possibilita confirmar a profecia – é, para dizer o mínimo, suspeito. É muito perfeito, muito preciso para ser

coincidência. Deve ter sido ou uma interpolação posterior ao fato ou parte de um plano cuidadosamente concebido. Muitas evidências apoiam a segunda possibilidade.

- No quarto Evangelho, Jesus, pendurado na cruz, declara ter sede. Em resposta à sua reclamação, é atendido com uma esponja embebida supostamente em vinagre – um incidente que também ocorre nos outros Evangelhos. Essa esponja é geralmente interpretada como outro ato de sadismo. Mas foi realmente isto que aconteceu? O vinagre – ou vinho azedo – é um estimulante temporário, com efeitos similares aos dos sais de cheiro. Na época, era frequentemente utilizado para reanimar escravos que fraquejavam nas galeras. Para um homem ferido e exausto, cheirar ou provar vinagre induziria um efeito restaurador, um sopro momentâneo de energia. Mas no caso de Jesus, o efeito é o contrário. Logo depois de inalar ou provar a esponja ele pronuncia suas palavras finais e falece. Tal reação ao vinagre é fisiologicamente inexplicável. Por outro lado, tal reação seria perfeitamente compatível com uma esponja embebida não em vinagre, mas em algum tipo de sonífero – um composto de ópio e beladona, por exemplo, comuns à época. Mas por quê? A menos que este fato, juntamente com outros componentes da crucificação, tenha sido elemento de uma estratégia complexa e engenhosa, planejada para produzir um semblante de morte enquanto a vítima estivesse ainda com vida. Tal estratagema teria não só salvo a vida de Jesus mas também confirmado as profecias do Velho Testamento sobre um Messias.
- De acordo com os Evangelhos, Jesus é crucificado em um local chamado **Gólgota**, "o lugar do crânio"[191]. A tradição posterior tenta identificar Gólgota com uma montanha árida, mais ou menos na forma de um crânio, a noroeste de Jerusalém. Mas os próprios Evangelhos deixam claro que o local da crucificação é muito diferente de uma montanha árida com forma de crânio. O quarto Evangelho é mais explícito (João 19:41): "No lugar onde Jesus foi crucificado havia um horto; e neste horto um sepulcro novo, em que ninguém ainda tinha sido depositado." Então, Jesus não foi crucificado em uma montanha árida em forma de crânio, nem em qualquer outro local público de execução. Foi crucificado em um jardim que continha uma tumba particular, ou nas suas proximidades. De acordo com Mateus 27:60, essa tumba e esse jardim eram propriedade pessoal de José de Arimateia, que, segundo os quatro Evangelhos, era um homem rico e um discípulo secreto de Jesus.

  A tradição popular descreve a crucificação como um assunto público de grande escala, acessível à multidão e presenciado por milhares de pessoas. Mas os próprios Evangelhos sugerem circunstâncias muito diferentes. De acordo com Mateus, Marcos e Lucas, a crucificação foi testemunhada de longe pela maioria das pessoas, incluindo as mulheres (Lucas 23:49). Parece claro, então, que a morte de Jesus não foi um evento público, mas privado; uma crucificação privada realizada em propriedade privada. Vários estudiosos modernos argumentam que o local foi provavelmente o Jardim de Gethsemane. Se Gethsemane era realmente terreno privado de um dos discípulos secretos de Jesus, isto explicaria porque Jesus, antes da crucificação, podia fazer uso do local livremente. É desnecessário dizer que uma crucificação em propriedade privada deixa margem a uma falsificação, uma farsa, um ritual teatral genialmente preparado. Ao povo em geral, o drama teria sido visível apenas à distância, como confirmam os Evangelhos

191 Wikipedia – Calvario, forma latina do grego Κρανίον, em hebreu גֻּלְגֹּלֶת (gulgōleṯ). Não há consenso sobre o local e a origem do nome.

> sinópticos. E de tal distância não teria ficado claro quem de fato estava sendo crucificado. Ou se estava realmente morto. Tal engodo teria necessitado, é claro, de alguma conivência e participação por parte de Pôncio Pilatos ou de alguém influente na administração romana. Tal conivência e participação são altamente prováveis. Ora, Pilatos era um homem cruel e tirânico. Mas era também corrupto e susceptível a subornos. O Pilatos histórico, ao contrário daquele descrito nos Evangelhos, estaria disposto a poupar a vida de Jesus, em troca de uma quantia de dinheiro e talvez uma garantia de não mais haver agitação política.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., pp. 294–297)

De fato, após a crucificação, Jesus e sua família desapareceram totalmente da história oficial, reaparecendo logo após e incessantemente nas do cristianismo não-romano na França e Inglaterra.

> Qualquer que tenha sido sua motivação, não há dúvida de que Pilatos estivesse intimamente envolvido no assunto. Ele reconhece Jesus como "rei dos judeus". Também revela, ou finge revelar, surpresa diante do fato de Jesus expirar tão rapidamente. E, talvez o fato mais importante, ele concede o corpo de Jesus a José de Arimateia. De acordo com a lei romana da época, um homem crucificado não tinha direito a um funeral. Guardas eram costumeiramente postados para impedir que parentes ou amigos removessem o corpo do morto. A vítima era simplesmente deixada na cruz, à mercê dos elementos e das aves de rapina. Mas Pilatos, em uma quebra flagrante do procedimento, concede o corpo de Jesus a José de Arimateia. Isto atesta claramente alguma cumplicidade. E pode atestar também outras coisas. Dada a proibição, é extraordinário que José tenha recebido o corpo. (...) Dada a proibição de enterrar homens crucificados, é também extraordinário que José tenha recebido o corpo. Em que bases ele o recebeu? Que direitos tinha para isso? Se era um discípulo secreto, ele não poderia reclamar algo que revelasse seu segredo – a menos que Pilatos já soubesse disso, ou que existisse algum outro fator a favor de José. (Baigent, Leigh & Lincoln, *op. cit*., pp. 297–298)

De fato, um fator muito forte a favor de José de Arimateia para Pilatos lhe entregar o corpo de Jesus é seu parentesco com o Messias. De outra forma, como poderia Pilatos entregar o corpo – coisa que ele Já não poderia fazer com ninguém – a um estranho? Mesmo sendo parente de Jesus, fica cada vez mais claro ainda que José era um homem muito influente. Como veremos, as evidências de parentesco de José de Arimateia com Jesus são por demais claras para serem negadas.

- Na tradução inglesa do Evangelho de Marcos, José pede o corpo de Jesus a Pilatos. Pilatos revela surpresa pela morte de Jesus, vai verificá-la com um centurião e então, satisfeito, atende ao pedido de José. À primeira vista, isto pode parecer normal; mas na versão original grega do Evangelho de Marcos, o assunto se torna mais complicado. Nela, quando José pede o corpo de Jesus, ele utiliza a palavra "soma", aplicada somente a um corpo vivo. Pilatos, consentindo, emprega a palavra "ptoma", que significa cadáver. De acordo com o grego, então, José pede explicitamente um corpo vivo e Pilatos lhe dá o que pensa, ou finge pensar, ser um corpo morto.
  (Baigent, Leigh & Lincoln, *op. cit*., p. 298) [texto grego de Marcos 15:43 e 45]
- Pouca informação é dada nos evangelhos a respeito de José de Arimateia. Ele é descrito na tradição do Graal como o guardião do cálice sagrado, e o mítico Parsifal teria sido de sua linhagem. Antigas tradições intimamente ligadas à Igreja do Oriente dão a ele um parentesco direto, uma relação de sangue com

Jesus e sua família. Na verdade, dizem que José de Arimateia era tio-avô de Jesus. O Talmud judeu afirma que José de Arimateia era o irmão mais jovem do pai de Maria, sendo portanto tio de Maria, mãe de Jesus, e tio-avô de Jesus. Os manuscritos *Harleian*, no ~~British Museum~~ Biblioteca Britânica (3859 f 193v)[192] confirmam isso. Um dos manuscritos acrescenta que ele tinha uma filha, Anna, a qual chamava de "consobrina" ou prima de Maria.[193] Este é o motivo pelo qual ele teve a oportunidade única de reclamar o corpo de Jesus – prerrogativa só reservada a parentes do morto. Além disso, Maria certamente não estaria em condições de fazê-lo, cabendo logicamente ao parente mais próximo. Se considerarmos que José era um homem rico, um suborno ao corrupto Pilatos não seria nem um pouco impensável.

Mas afinal, por que não foi José, o pai de Jesus, até Pilatos? Na verdade, o pai de Jesus literalmente sumiu do relato bíblico. Certamente seu desaparecimento vai além da simples omissão de seu nome. Afinal, num momento importante como o da morte de seu filho seria inconcebível sua ausência. Tudo leva a crer que José já havia morrido há algum tempo, pois quando perguntam na Bíblia quem é Jesus referem-se a ele como "Jesus, filho de Maria". Jamais, àquela época, se refeririam a uma pessoa como filho de sua mãe em vez de se referirem ao pai, caso este estivesse vivo. Na impossibilidade de José, o pai, a pessoa mais indicada para ir reclamar o corpo de Jesus junto à suprema autoridade da região – Pilatos – deveria ser um parente próximo, homem e, de preferência, influente. Em todos os pontos encaixa-se José de Arimateia, se forem-lhe atribuídos seus omitidos papéis na vida de Jesus.

Já o literal desaparecimento de Jesus nas narrativas bíblicas dos 12 aos 30 anos sugere que ele não estivesse na Galileia nesta época. Mais uma vez sua forte ligação com José de Arimateia explicaria tal fato, uma vez que este era um rico mercador e muito citado nas lendas inglesas quanto à sua presença na ilha para comercializar, no Oriente Médio, o estanho lá produzido. Se alinharmos a descendência de José e a de Jesus, entenderemos melhor porque a hipótese de uma linhagem real advinda do Messias se complementaria perfeitamente com as lendas. José levou às ilhas britânicas a descendência dos reis através de seu sangue, pois Anna, tida pela tradição medieval como sua filha, casou-se com o rei Manogan (Mynogan), rei da Bretanha, e teve como filho o rei Beli Mawr[194] (Heli), pai de Lud [Lludd], rei Bretão que morreu em 18 a.C.. Obviamente o nome dado para o filho de Anna, Beli ou Heli, foi uma homenagem ao seu tio, Heli, irmão de José de Arimateia e avô de Jesus (conforme a genealogia dada em Lucas 3:23–38). A linhagem real de Jesus era reconhecida pelos membros da Igreja originalmente, mas foi cuidadosamente suprimida da tradição.

Um dos poucos documentos oriundos da Igreja que atestam estes fatos são os Anais Eclesiásticos do bibliotecário do Vaticano no século XVI, o Cardeal Caesar Baronius (1538–1609 d.C.). Baronius era um historiador de grande integridade conhecido pelo seu descomprometido tratamento da verdade. Ele descobriu um documento muito antigo nos arquivos do Vaticano. Para seu espanto, o manuscrito revelava que no ano 35 José de Arimateia e um grupo

---

192 A biblioteca Harleiana está na Biblioteca Britânica desde 1973. A genealogia neste documento pode ser interpretada como um sincretismo do paganismo com o cristianismo conforme o artigo The Celtic Sun God em *Atlanticreligion.com* (Beli + Ana = Belenos). Arimateia não é citado na genealogia.

193 Citado de Raymond Capt, *The traditions of Glastonbury*, p. 19. Não há provas disso.

194 Wikipedia – Beli Mawr x Beli filho de Manogan, confusão criada em misturas dos nomes *Cunobeline* e seu filho *Adminius*.

de companheiros, que incluía Lázaro e Maria Magdalena, foram lançados num barco da costa da Palestina por judeus que os perseguiam:

> Naquele ano o grupo foi colocado no mar numa embarcação sem velas ou remos. O barco rumou finalmente para Marseilles e então foram salvos. De Marseilles Joseph e seu pessoal passaram à Bretanha, e após lá pregarem o Evangelho, morreram. (Anais Eclesiásticos, seção 35 A.D.)

Outra confirmação da viagem de José e seus companheiros é tida da *Otia Imperialia*[195], uma obra escrita por Gervais de Tilbury[196], que era marechal do Reino de Arles, na França, em 1212. Na obra ele enumera alguns dos companheiros de José de Arimateia. Ele dedicou seu livro a Otho IV, escrevendo sobre a antiga igreja de Les Saintes Maries, em Camargue:

> Lá, na costa do mar, vê-se a primeira das igrejas continentais, que foi fundada em honra à muito abençoada mãe de Nosso Senhor, e consagrada por muitos dos 72 discípulos que foram enviados da Judeia e expostos ao mar em um barco sem remos: Maximin de Aix, Lazarus de Marseilles, o irmão de Marta e Maria, Eutrope de Orange, George de Velay, Saturninus de Toulouse, Martial de Limoges, na presença de Marta, Maria, Magdalena e muitos outros. [Joseph Berenger, *Did Mary Magdalene Visit Provence*?, p. 147]

O parentesco de José – um rico e influente membro do conselho – testemunha mais uma vez a genealogia aristocrática de Jesus. Sendo parente, sua associação com o cálice sagrado – o Santo Graal, o Sang Raal, Sang Real ou "Sangue Real" – é plenamente compreensível.

Segundo Patrick Rivière, em *Os Caminhos do Graal*:

> É ao franc-comtois Robert de Boron[197] que devemos o enriquecimento da lenda de José de Arimateia. Foi em ***Joseph***[198] que Robert de Boron se esforçou por tornar o Graal de essência puramente cristã. Aliás, ele situou a ação de sua obra no vale de Avalon, onde, segundo G. [William] de Malmesbury, a evangelização na Grã-Bretanha teria começado. A origem da narração colheu sua fonte no "Evangelho de Nicodemos". Este evangelho apócrifo fez, pois, de Nicodemos e de José de Arimateia os depositários místicos e secretos da grande Tradição Primordial. "*Não teria o Espírito arrebatado Jesus por acaso? Será que o encontraremos de novo? E então nós faremos penitência*." O conselho de Nicodemos agradou a todo o povo. Enviaram-se homens à procura de Jesus. Não o encontraram e, voltando, declararam: "*Nós percorremos o país e não encontramos Jesus, mas encontramos José em sua cidade de Arimateia*." José e Nicodemos recolheram, assim, a tradição misturada com o sangue de seu Divino Mestre no vaso que serviu para celebrar a Ceia e que Pilatos lhes remeteu (seus soldados o tinham apanhado em casa de Simão). José, considerado suspeito pelos judeus, foi a seguir atirado no calabouço, sem nenhum alimento. A lenda quis que o Filho do Homem lhe parecesse e lhe mostrasse o Graal, que o iluminou com mil fogos radiosos e lhe obteve uma alimentação espiritual que o manteve com vida por numerosos anos! Por ocasião da destruição de Jerusalém pelos romanos, José será libertado pelos imperadores Titus e Vespasiano. José terminará, aliás, por converter Vespasiano ao cristianismo, que lhe arranjará, em agradecimento, um navio para deixar a Terra Santa. Sua irmã, Enygeüs, o acompanhará durante a viagem. Era casada com um certo Hebron ou Bron, que poderia

195 Wikipedia – Otia Imperialia, obra enciclopédia em latim sobre história, geografia, física e folclore.
196 Wikipedia – Gervase of Tilbury, advogado canônico inglês, morou em vários lugares na Europa.
197 Wikipedia – Robert de Boron, poeta francês do final do séc XII.
198 Wikipedia – Joseph d'Arimathie, romance em verso escrito entre 1190 e 1199, depois uma versão em prosa apareceu.

> muito bem evocar o Brân ou chefe de tribo celta, personagem histórica mas também legendária através da mitologia céltica. (...) No decorrer de sua viagem marítima, José instituirá o serviço do Graal, e sobre a mesa, ao lado do vaso sagrado, repousará um "peixe" pescado por Bron. Este animal, bem entendido, simboliza a era astrológica de Peixes, que Jesus tinha inaugurado com o seu nascimento! É o *ichtus* dos primeiros cristãos, que se encontrará representado nas catacumbas romanas. Porém – continua Patrick Rivière, sempre segundo Boron – a frágil embarcação não levou nossa equipagem para a Bretanha ou a Provence, como se seria tentado a pensar à primeira vista, mas, antes, para o Oriente, onde José de Arimateia permanecerá até sua morte (segundo Robert de Boron)... Ele confiará o Graal a Bron, que, acompanhado de seus doze filhos (dos quais o mais célebre será Alain), partirá para o Ocidente. Um deles, Petrus, no entanto, ficará ainda com José até o momento de uma revelação que o incitará a unir-se com seus irmãos, que haviam partido para evangelizar a Bretanha. E ele sonhou que deveria unir-se a eles em um determinado lugar... a ilha de Avalon: "*Para os vales de Avaron eu seguirei*."
>
> (Patrick Rivière, *op. cit*., pp. 83–85)

Antigas lendas relatam as constantes viagens comerciais de José de Arimateia para a região de Glastonbury. Estas lendas contam que, além de membro do Sinédrio, José era um rico armador que transportava por mar estanho da Grã-Bretanha para a região da Fenícia. Segundo Rivière, além das ilhas Cassiteritas mencionadas pelo geógrafo/historiador Estrabão, as únicas jazidas de estanho conhecidas à época estavam justamente na Inglaterra, na região ao norte de Glastonbury chamada Mendip Hills. Entretanto, sabe-se que a metalurgia do cobre e do bronze (este último feito a partir do cobre e do estanho) estava muito desenvolvida no Egito e na Palestina desde o 4º milênio a.C.. Desde 1500 a.C. a exploração de cobre e ouro era feita a sudeste da ilha da Irlanda. O estanho, entretanto, estava restrito a poucos locais como o sudeste e sudoeste do Mar Cáspio (desde 6000 a.C.), no vale do Rio Amarelo, na região ao sul de Pequim (desde 3000 a.C.) e no vale entre os rios Elba e Oder. Além disso, desde 2000 a.C. minas de estanho foram descobertas na Pequena Bretanha, a noroeste da França, próximo das reservas de St. Brieuc-des-Iffs, além de ao norte de Portugal, na fronteira Portugal-Espanha, às margens do Rio Douro, e na Grã-Bretanha, em Cornwall, a sudoeste da Inglaterra e a noroeste do assentamento de Salcombe. Este último é confirmado por Diodoro de Sicília, historiador grego do século I a.C.. Segundo ele, o comércio de estanho estava bastante desenvolvido entre a Fenícia e a Cornualha (Cornwall):

> Os habitantes da Grã-Bretanha, perto do promontório de Belerion (Cornwall) são habitualmente amigáveis e, graças a seus contatos com mercadores estrangeiros, tornam-se muito corteses. Utilizam um procedimento bastante elaborado para extrair o estanho. Depois de tê-lo obtido por fusão e tê-lo refinado, martelam-no dando-lhe a forma de ossinhos e o transportam para uma ilha denominada Iktis[199].
>
> (P. Rivière, *op. cit*., p. 87)

Iktis tem sido associada ao Monte Saint Michael[200], perto de Talmouth. O metal era transportado na maré baixa ou mesmo diretamente por terra, pois nesta época existem indicações de que a Pequena Bretanha (noroeste da França) e a Grã-Bretanha estivessem ligadas (vide ano 709 d.C.). Após, o metal seguia

199 Wikipedia – Ictis
200 Wikipedia – Monte Saint Michael

para Morlaix, conhecido então por Julia, no Finistère. Depois atravessava a Gália para o sul até Massilia, indo por mar à Fenícia.

Outras lendas fazem de José de Arimateia o tutor de Jesus na fase de sua vida em que existe a maior lacuna de informações: sua infância e adolescência. Essas histórias ponderam que José teria levado Jesus à Grã-Bretanha, nas viagens que regularmente realizava para trazer estanho à desenvolvida indústria do bronze da região da Palestina e Fenícia. Muitas destas histórias partem da própria região de Glastonbury, onde diz-se que Jesus chegou a construir uma pequena casa de argila e madeira, tendo vivido em retiro por algum tempo. Mais tarde, José teria morado ali. Perto desta região, em Somerset, teria sido construída, pouco depois, a primeira igreja cristã (vide ano 82, quando supostamente morre José).

- Existem numerosas outras tentativas, por parte dos autores dos Evangelhos, de eximir Roma de culpa e responsabilidade. Uma delas é a disposição, demonstrada por Pilatos, de libertar o prisioneiro se a multidão o quisesse. De acordo com os Evangelhos de Marcos e de Mateus, este era um "costume do festival dos judeus". Isto é fantasioso. Autoridades modernas concordam em que tal política nunca existiu por parte dos romanos, e que a oferta de libertar Jesus ou Barrabás é pura ficção. A relutância de Pilatos em condenar Jesus e sua submissão amuada à pressão tumultuada do povo seriam igualmente fictícias. Na realidade, seria impensável que um procurador romano – e um procurador tão desalmado como Pilatos – se curvasse à pressão do povo. Novamente, o objetivo de tal fantasia é bastante claro: aliviar os romanos, transferir a culpa para os judeus, e assim tornar Jesus aceitável para uma audiência romana. (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., pp. 290–291)

- Fica claro que Jesus foi vítima da administração romana, que sua ameaça não foi apenas simbólica, como sugerem os Evangelhos, e que trabalhava ativamente no sentido de coroar-se rei.

  Uma corte romana, uma sentença romana, soldados romanos e execução romana – uma execução que, na forma, era reservada exclusivamente aos inimigos de Roma. Jesus não foi crucificado por crimes contra o judaísmo, mas por crimes contra o império. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 291)

- A escolha de **Barrabás** em detrimento a Jesus é, do ponto de vista dos Evangelhos e de Roma, inexplicável. Barrabás não era um ladrão comum. Mateus o descreve como um "prisioneiro notável". Em João 18:40 é descrito como um *lestai* [ληστής], que pode ser traduzido como ladrão ou bandido. Mas *lestes* era um termo atribuído pelos romanos aos *zelotes*, os revolucionários nacionalistas que fomentaram o levante social. Marcos e Lucas concordam que Barrabás é culpado de inssurreição, e como Mateus não contradiz, é seguro afirmar que Barrabás era um zelote. De acordo com Lucas, ele teria se envolvido num distúrbio recente ou confusão na cidade. Não há qualquer registro disto na época. Mas os Evangelhos sim. Falam da confusão que Jesus armou quando eles e seus seguidores viraram as mesas dos emprestadores de dinheiro ao Templo. Parece provável ter sido este o distúrbio em que Barrabás se envolveu, e uma conclusão salta: Barrabás pertencia ao grupo de Jesus. Por que Roma libertaria um inimigo do império e sacrificaria um despretensioso e dócil carpinteiro? Não havia interesse em mostrar Jesus como um rei de fato, um nobre de linhagem sagrada que reivindicava o que era de direito, que estava ligado aos zelotes e à nobreza. Por que isto foi oculto e o papel de

Barrabás minimizado ao de um ladrão qualquer? Talvez pelo mesmo motivo que tornaram **Madalena** uma prostituta...

- Jerusalém havia sido dada à tribo de Benjamim. Depois de dizimados, muitos partiram para o exílio, mas uns poucos ficaram. Um descendente deles era São Paulo (Romanos 11:1: "Pergunto pois: Teria Deus rejeitado seu povo? De maneira nenhuma! Também eu sou israelita, da estirpe de Abraham, da tribo de Benjamim"). A despeito de seus conflitos com outras tribos, a de Benjamim parece ter gozado de uma condição especial. Entre outras coisas, deu a Israel seu primeiro rei, Saul, consagrado pelo profeta Samuel, juntamente com sua casa real. Foi deposto por Davi, da tribo de Judá, que estabeleceu sua capital em Jerusalém. Privou os benjamitas, assim, de seu direito legal à herança. Notaremos que isto continuará mais tarde como saga da dinastia merovíngia. Jesus era da linha de Davi. Casando com uma benjamita, legitimaria seu trono. O Novo Testamento não dá nenhuma indicação da filiação de Madalena. Lendas posteriores dão a ela linhagem real, e outras afirmam que ela pertencia à tribo de Benjamim.

Os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada* fazem conclusivas observações a respeito de Madalena e sua verdadeira origem:

> Se Jesus era casado, existe nos Evangelhos alguma indicação da identidade de sua mulher? Como primeira consideração, parece haver duas candidatas, pois, além de sua mãe, duas mulheres são mencionadas repetidamente nos Evangelhos como integrantes de seu círculo. A primeira é Madalena, do vilarejo de Migdal, ou Magdala, na Galileia (uma cidade na costa leste do mar da Galileia, a sudoeste de Gennesaret e noroeste de Tiberias). Nas narrativas de Marcos e de Mateus ela só é mencionada nominalmente e em passagens tardias. Aparece na Judeia, no tempo da crucificação, e é citada entre os seguidores de Jesus. No Evangelho de Lucas, contudo, ela aparece relativamente cedo no ministério de Jesus, enquanto ele ainda está pregando na Galileia. Ela o teria acompanhado desde a Galileia até a Judeia – ou, pelo menos, teria se movido entre as duas províncias tão rapidamente quanto ele. Isto, em si, sugere fortemente que ela era casada com alguém. Na Palestina do tempo de Jesus seria impensável que uma mulher não casada viajasse desacompanhada. Mais impensável ainda seria viajar desacompanhada e junto com um mestre religioso e seu círculo. Várias tradições parecem ter tomado conhecimento deste fato potencialmente embaraçoso. Pretende-se, em alguns casos, que Madalena tenha sido casada com um dos discípulos de Jesus. Se este era o caso, entretanto, seu relacionamento especial com Jesus e sua proximidade a ele os teria tornado ambos sob suspeitas, se não acusações de adultério. Se não considerarmos a tradição popular, Madalena não é em nenhum ponto mencionada nos Evangelhos como uma prostituta. Quando é mencionada no Evangelho de Lucas, é descrita como uma mulher "da qual saíram 7 diabos". Assume-se geralmente que esta frase se refere a uma espécie de exorcismo por parte de Jesus, significando que Madalena era "possuida". Mas a frase pode igualmente se referir a algum tipo de conversão e/ou ritual de iniciação. O culto a Ishtar ou Astarte – deusa-mãe e rainha do céu – envolvia, por exemplo, uma iniciação em sete estágios. Antes de sua filiação a Jesus, Madalena pode bem ter sido associada a tal culto. Migdal ou Magdala era o "vilarejo das pombas", e existem evidências de que lá eram criadas pombas destinadas a sacrifícios. E a pomba era o símbolo sagrado de Astarte.

Um capítulo antes de falar de Madalena, Lucas menciona uma mulher que ungiu Jesus. No Evangelho de Marcos existe uma unção similar por uma mulher não identificada. Nem Lucas nem Marcos identificam explicitamente esta mulher como sendo Madalena, mas Lucas registra que ela era uma "mulher caída", uma "pecadora". Comentaristas posteriores assumiram que Madalena, tendo aparentemente sete diabos expelidos, devia ter sido uma pecadora. Nestas bases, a mulher que unge Jesus e Madalena vieram a ser consideradas a mesma pessoa. Podem ter sido. Se Madalena era associada a um culto pagão, isto poderia tê-la tornado uma "pecadora" aos olhos não somente de Lucas, mas também dos escritores que se seguiram.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., pp. 276–277)

Se Madalena era uma "pecadora", ela era também, claramente, algo mais que a prostituta comum da tradição popular. Era certamente uma mulher de meios. Lucas registra, por exemplo, que entre seus amigos estava a mulher de um alto dignitário da corte de Herodes. Ambas as mulheres, juntamente com outras, apoiavam Jesus e seus discípulos com recursos financeiros. A mulher que abençoou Jesus era também uma mulher de meios. No Evangelho de Marcos grande ênfase é colocada no alto preço do óleo de unção utilizado no ritual. Todo o episódio da unção teria sido um assunto de importância considerável. Por que ele é tão enfatizado nos Evangelhos? Dada a sua proeminência, parece ser algo mais que um gesto espontâneo e impulsivo. Parece um ritual cuidadosamente premeditado. Deve-se lembrar que a unção é uma prerrogativa tradicional de reis – e do Messias de Direito, que significa "aquele que recebeu a unção". A partir daí segue-se que Jesus se torna um autêntico messias em virtude de sua unção. E a mulher que o consagra nesse augusto papel não pode deixar de ser importante. Em todo caso, é evidente que Madalena, no final da carreira de Jesus, tinha se tornado um personagem de imensa importância. Nos três Evangelhos sinópticos, seu nome encabeça consistentemente a lista de mulheres que seguiam Jesus, da mesma forma que Simão Pedro encabeça a lista de discípulos homens. Ela é a primeira testemunha da tumba vazia após a crucificação. Para revelar a ressurreição, Jesus escolheu Madalena entre todos os seus devotos. (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., p. 277)

É bastante óbvio que a tradição posterior tentasse obscurecer Madalena tal o ciúme que provocara por seu papel reservado e especial na vida de Jesus, representado por seu especial tratamento. Daí a lançá-la como uma prostituta para a posteridade foi um passo...

Outra mulher desponta na companhia de Jesus: **Maria de Betânia**, irmã de Marta e de Lázaro.

Ela e sua família se relacionam em termos muito familiares com Jesus. Eles também eram abastados, possuíndo uma casa em um subúrbio da moda em Jerusalém, grande o bastante para acomodar Jesus e todo o seu círculo. Além disso, o episódio de Lázaro revela que essa casa tinha uma tumba particular – naquele tempo, um luxo um tanto extravagante, não somente um sinal de riqueza mas também de uma posição que atesta conexões aristocráticas. Na Jerusalém bíblica, assim como em qualquer cidade moderna, terras eram valiosas, e muito poucos podiam dar-se ao luxo de um local funerário privado. (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., p. 278)

Em várias passagens Maria Madalena é claramente identificada como a mesma Maria de Betânia, a qual era irmã de Lázaro. Na Idade Média, a Igreja frequentemente associava ambas personagens à mesma pessoa. E a relação de Jesus com Maria de Betânia era tão próxima quanto a que tinha com

Madalena (o que faz supor que fossem a mesma pessoa), justificando a especial atenção que tinha Lázaro e mesmo a proximidade de José de Arimateia. O episódio da "morte" de Lázaro é – para qualquer neófito que tenha experimentado o simbolismo maçônico – uma iniciação no melhor dos termos. No Evangelho de João, capitulo 11, Lázaro cai doente enquanto Jesus está fora de Betânia. Mesmo sabendo que Lázaro estava gravemente doente, Jesus fica fora mais dois dias antes de partir. No apelo que fazem Marta e Maria, estas se referem a Lázaro como "aquele a quem amas", denotando a profunda ligação do mestre com Lázaro. Em resposta ao apelo que lhe fazem, Jesus diz: "*Esta doença não é mortal mas é para a glória de Deus, para que o Filho do homem seja glorificado por ela*", dando forte indicação da "morte" simbólica, tão conhecida nas "tumbas" das pirâmides, nas grutas gregas ou nas cavernas maçônicas (vide ano 1800 a.C., nos Mistérios de Elêusis, item *O 16 Solar*). Marta recebeu Jesus, enquanto Maria, estranhamente, estava em casa. Maria só saiu porque Jesus mandou Marta chamá-la. Maria, então, corre para encontrá-lo (João 11:1–32): "*Senhor, se estivesse aqui, não teria morrido meu irmão*!" Por que Marta está sozinha ao chegar Jesus? Porque Maria está sentada dentro da casa, e não aparece até que Jesus ordena que o faça? Como salientam Baigent, Leigh e Lincoln:

> Seria bastante plausível que Maria estivesse sozinha dentro da casa quando Jesus chegou a Betânia. De acordo com o costume judeu, ela estaria em *shiveh*, sentada em sinal de luto. (...) Pelos mandamentos da lei judaica da época, uma mulher em *shiveh* era estritamente proibida de sair de casa, exceto por ordem expressa de seu marido. Neste incidente, o comportamento de Jesus e de Maria de Betânia é precisamente conforme com o comportamento tradicional de um homem judeu e sua esposa.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., pp. 278–279)
>
> O ponto se torna mais claro no Evangelho "secreto" de Marcos, descoberto pelo professor Morton Smith (...) (vide a seguir, no item referente a Lázaro). Na narrativa suprimida, Maria teria saído de casa antes da instrução de Jesus para fazê-lo, tendo sido pronta e bruscamente repudiada por seus discípulos, os quais Jesus é obrigado a calar.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., p. 278)

A Igreja medieval considerava as três mulheres – a mulher que abençoa Jesus, Maria Betânia e Maria Madalena – a mesma pessoa. Os Evangelhos sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) citam Madalena na crucificação. Nenhum cita Betânia, apesar de ser tão próxima a Jesus. Porque? Provavelmente porque ela e Madalena são a mesma pessoa. Já o Evangelho de João nos diz claramente que Betânia era aquela que ungiu Jesus (João 11:1–2 e 12:1–3).

A estranheza que pode causar ao católicos mais tradicionais sobre questões como a identificação da esposa de Jesus e a identidade de Maria Madalena e Maria de Betânia como a mesma pessoa não é de estranhar se levarmos em conta o escasso estudo realizado pelos que se dedicam à simples devoção. No entanto, para diversas correntes internas da própria Igreja muitas vezes estas questões em nada são estranhas. Para exemplificar, gostaríamos de reproduzir as apreciações sobre a questão de Madalena/Betânia pelo padre dominicano R. L. Bruckberger[201], corroborado pelas autoridades dos padres Benoît Lavaud, professor de teologia, e pelo Arcebispo de Toulouse, cardeal Saliège Jules, em sua obra *Maria Madalena*, de 1952:

201 Wikipedia – Raymond Léopold Bruckberger, padre dominicano francês (1907–1998)

O problema básico, que governa todos os demais relativos a Maria Madalena, é o de sua identidade. Será ela, de um lado, a mesma Maria (de Betânia), irmã de Marta e de Lázaro, e, de outro, a mesma mulher da Galileia, da qual Lucas é o único a contar como, pecadora na cidade, ungiu o Senhor e foi perdoada? Ou devemos distinguir três pessoas diferentes: Maria Madalena, Maria de Betânia e a pecadora da Galileia? Não é impossível que algum dia ou documentos resolvam a questão. No estado presente de nossa documentação, ela admite controvérsia. Mesmo no interior da Igreja, a discussão é livre. A tradição grega inclina-se para a distinção. A latina tende antes para a identificação. A liturgia romana tomou este último partido. (R. L. Bruckberger, Padre Dominicano, *Maria Madalena*, José Olímpio, 1955, Rio de Janeiro, pp. 180–181)

Se os evangelistas tivessem sido jornalistas recém diplomados pela Universidade de Colúmbia, a exegese se tornaria mais fácil, ao menos aparentemente. (...) Os evangelistas não são jornalistas. Além de não dizer tudo, o Evangelho em alguns casos diz o menos possível e do modo mais vago possível. Tem-se a impressão de uma verdadeira conspiração dos evangelistas para deixar certas coisas na sombra. Nem por isso eram menos honestos como historiadores, já que todas as minúcias para nós tão importantes, e que eles calaram ou apenas sugeriram, não lhes pareciam absolutamente essenciais ao seu depoimento, dedicado antes de tudo à pessoa do Cristo e à sua vida. Mas querendo descobrir a verdade contida em tais minúcias, precisamos levar em conta essa espécie de "conspiração". E isso é tarefa de detetive.

(R. L. Bruckberger, Padre Dominicano, *Maria Madalena*, pp. 184–185)

Voltamos ao nosso querido padre Lagrange (referindo-se a um dos grandes exegetas cristãos do início deste século), sempre peremptório, infelizmente! "*É impossível*, diz ele, *considerar como a mesmo pessoa Maria de Betânia e Maria, originária de Magdala, vinda da Galileia para seguir a Jesus. São João as distingue muito nitidamente*". Devo novamente repetir que creio ter lido e relido muitas vezes, nas diversas obras do padre Lagrange, tudo o que se refere a este caso ~~tenebroso~~ investigativo. Onde? Quando? Em que textos? Como João distingue tão nitidamente Maria de Betânia de Maria Madalena? Procurei em vão a resposta a essas perguntas. Não encontrei no padre Lagrange nem sombra de resposta. Para que fosse nítida a distinção, era mister, ou que João a declarasse abertamente, ou que aludisse às duas Marias ao mesmo tempo, nas mesmas circunstâncias, como a duas pessoas diferentes. Ora, ele não faz nada disso. Nunca Maria Madalena aparece ao lado de Maria de Betânia; quando um nome surge, não se pronuncia o outro. É aliás o mesmo nome, as duas mulheres se chamam apenas Maria. Dizia-se por vezes Maria de Magdala como se dizia Jesus de Nazaré. Os evangelistas jamais escrevem Maria de Betânia. (...) É mais do que provável que Maria Madalena seja a mesma Maria de Betânia. Mas em resumo, os argumentos são os seguintes:

- segundo João 11:2, Maria de Betânia é a mesma pecadora de Lucas, que se chama, pois, também Maria;
- Maria de Betânia morou, pois, na Galileia, já que ali encontrou o Cristo para a primeira unção. E seguiu-o até Jerusalém, já que surge em Betânia para a segunda unção. Ora, foi exatamente o que se deu com Maria de Magdala.
- Maria de Betânia fora pois, antes, "pecadora na cidade". Ora, Maria Madalena foi possuída por sete demônios, dos quais Jesus a livrou

> (Lucas 8:2). Existe entre esses dois estados uma concordância que S. Jerônimo discerniu muito bem: "Maria Madalena é a mulher da qual Ele expulsou sete demônios: onde havia abundância de pecados, haverá abundância de graça."

> Concluo toda essa discussão exegética dizendo: Maria de Betânia é, sem dúvida, a mesma mulher que a pecadora de Lucas; Maria Madalena é, muito provavelmente, essa mesma mulher, embora só possamos ter disso uma certeza moral. Mas tal identidade é mais conforme com os próprios textos do Evangelho.[202]
>
> (R. L. Bruckberger, Padre Dominicano, *Maria Madalena*, pp. 205–208)

- **Lázaro**[203] parece gozar de atenção especial e tratamento diferenciado em relação aos outros discípulos. Não é citado nos Evangelhos de Lucas e Marcos. João (12:10) diz que o chefe dos sacerdotes, ao resolver despachar Jesus, decidiu matar Lázaro também. De algum modo ele era muito ativo em nome de Jesus, o que não se pode dizer dos seus discípulos. Aliás, o próprio Pedro negou o Messias por três vezes antes do galo cantar. Mas Lázaro sequer é citado. Nem é dito que estava na crucificação, o que seria uma tremenda ingratidão por parte de alguém que tinha sido ressuscitado por ele. Como citamos no item anterior, a ligação de Lázaro com Jesus é muito forte para ser negada, e plenamente justificada pelos laços sanguíneos, que fazem parte indelével na Iniciação. Daí surgiu o termo "irmão" aos da mesma fraternidade iniciática. Evidentemente não é uma condição suficiente para a Iniciação, mas é inegável que a substância psíquica carregada com a herança genética dá condições próximas entre os consanguíneos. Não é de se admirar, então, a referência clara da preferência de Jesus por Maria e Lázaro nas várias passagens citadas por João (vide João 11:3, 35–36). E a "morte" iniciática de Lázaro, então, é ressaltada na afirmação de Jesus (João 11:11): "*Lázaro, nosso amigo, dorme, mas eu vou acordá-lo*." Os MM∴MM∴ sabem do que se trata...

  Em João 11:15, Jesus diz aos seus discípulos: "*E eu por amor de vós folgo de não me ter achado lá, para que acrediteis. Mas vamos a ele*." E Tomé disse então (11:16): "*Vamos nós também, para morrermos com ele*". Certamente não estava se referindo a um suicídio coletivo! Segundo o costume dos magos da época, Jesus se encontrava com discípulos diretos, dava instruções e iniciações (provavelmente com a ajuda de essênios) e pedia para não revelarem.

  Esta Iniciação de Lázaro fica muito mais clara quando lemos o texto original do Evangelho de Marcos, descaradamente suprimido pelo bispo Clemente de Alexandria, um dos mais venerados padres (vide ano 367 d.C.). Vejamos o texto integral da passagem na carta de Clemente a seu discípulo Theodore:

> Para você, eu não hesitarei em responder [às perguntas] que perguntou, refutando todas as falsificações pelas verdadeiras palavras do Evangelho. Por exemplo, depois de "*e eles seguiram na estrada que ia para Jerusalém*" e o que segue, até "*depois de três dias ele subirá*", [o Evangelho secreto] traz o seguinte [material] palavra por palavra:
>
> > E eles chegam a Betânia, e uma mulher, cujo irmão havia morrido, estava lá. E, vindo, ela se prostrou ante Jesus e lhe disse: "filho de Davi, tenha piedade de mim". Mas os discípulos a empurraram. E Jesus, ficando com raiva, foi com ela até o jardim onde estava a tumba e, imediatamente, um grande grito foi ouvido da tumba. Chegando perto, Jesus afastou a pedra da porta da tumba. E imediata-

202 Woman Can Be Priests – One Mary, Two or Three?
203 Wikipedia – Lázaro de Betânia אלעזר Elʿāzār

> mente indo na direção de onde estava o jovem, ele estendeu sua mão e o levantou, segurando-o pela mão. Mas o jovem, olhando para ele, o amou e começou a implorar que pudesse segui-lo. E saindo da tumba eles foram para a casa do jovem, pois ele era rico. E depois de seis dias, Jesus lhe disse o que fazer e à noite o jovem foi ter com ele, usando uma roupa de linho sobre [seu corpo] nu. E ele permaneceu com ele naquela noite, pois Jesus ensinou-lhe o mistério do reino de Deus. E então, se levantando, ele retornou ao outro lado do Jordão.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 265)

O jovem nu, exceto por uma toalha de linho, aparece mais tarde em Marcos. Quando Jesus é traído no Gethsemane, ele é acompanhado por "um certo homem jovem com uma toalha de linho enrolada em seu corpo nu" [Marcos 14:51]. Ora, este é um fato bem conhecido nas antigas iniciações, principalmente no Egito e Grécia. Os faraós e sacerdotes sempre estavam nus, vestidos apenas com um avental de linho, variando as cores e ornamentos, dependendo do grau e função. No Egito, estas vestimentas sempre eram de puro linho. Apenas em ocasiões muito especiais determinados hierofantes cobriam-se com pele de animal, semelhante ao leopardo. Os afeitos à ritualística maçônica entendem muito bem esta passagem, que simploriamente foi tomada como a ressurreição de um morto. No primeiro e terceiro graus esta passagem é bem conhecida...

Segundo o Dr. Morton Smith, essas iniciações e rituais eram bastante comuns na Palestina àquela época. Envolviam frequentemente uma morte e um nascimento simbólicos, que eram chamados assim, com esses nomes (Baigent et alii, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*). O sequestro em uma tumba, que se tornava o útero para o renascimento do aspirante; um ritual, agora chamado batismo, com uma imersão simbólica em água; e um copo de vinho, identificado com o sangue do profeta ou mago que presidia a cerimônia. Ao beber do tal copo, o discípulo consumava uma união simbólica com seu Mestre, o primeiro tornando-se misticamente "um" com o segundo. É precisamente nestes termos que São Paulo explica o propósito do batismo. E o próprio Jesus usa os mesmos termos na última ceia. Como ressalta o professor Smith, a carreira de Jesus é muito similar a de outros magos e místicos da época. Ao longo dos quatro Evangelhos, por exemplo, ele se encontra secretamente com as pessoas que vai curar, ou fala com elas a sós. Depois pede silêncio, falando às massas em parábolas. Sem dúvida, Lázaro era merecedor de uma atenção toda especial, sendo iniciado antes que qualquer dos discípulos. Já o autor do Evangelho de João nunca se denomina João. Constantemente se denomina "o discípulo amado", "aquele a quem Jesus amava", e insinua claramente sua proximidade pessoal com Jesus, e só a ele Jesus confidencia os meios pelos quais a traição iria ocorrer (João 13:23–26):

> Um de seus discípulos, ao qual amava Jesus, estava recostado à mesa no seio de Jesus. A este fez Simão Pedro um sinal e disse-lhe: "De quem ele fala?" Aquele discípulo, pois, tendo-se reclinado ao peito de Jesus, perguntou-lhe: "Senhor, quem é esse?" Respondeu-lhe Jesus: "É aquele a quem eu der o pão molhado." E tendo molhado o pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

Jesus teria confiado a Lázaro o cuidado de sua mãe. As palavras com as quais o fez bem podem ser as de alguém se referindo ao cunhado (João 19:26–27):

> Jesus, tendo visto sua mãe e ao discípulo que ele amava, o qual estava presente, disse à sua mãe: "Mulher, eis aí teu filho." Depois disse ao

> discípulo: "Eis aí tua mãe." E dessa hora em diante a tomou o discípulo para sua casa.

Em João 21:20–24, Jesus, após prever a morte de Pedro e instruí-lo a segui-lo:

> Voltando Pedro, viu que o seguia aquele discípulo que Jesus amava, que ao tempo da ceia estivera até reclinado sobre seu peito, e lhe perguntam: "Senhor, quem é o que te há de trair?" Assim que Pedro viu este, disse para Jesus: "Senhor, e este quê?" Disse-lhe Jesus: "Eu quero que ele fique assim até que eu venha; que tens tu com isso? Segue-me tu." Correu logo esta voz entre os irmãos, que aquele discípulo não morreria. E não lhe disse Jesus: "Não morre", senão: "Eu quero que ele fique assim, até que eu venha; que tens tu com isso?" Este é aquele discípulo que dá testemunho destas coisas, e que as escreveu: e nós sabemos que é verdade o seu testemunho.

Fica claro que o discípulo amado é aquele de quem escreveu João, aquele que esperaria o Messias sozinho, após acontecer algo que Jesus não queria contar nem mesmo a Pedro ("*Que tens tu com isso? Segue-me*"). Ao despachar os discípulos pelo mundo com a mensagem, Jesus deve retornar com uma missão especial para Lázaro: manter a linhagem! Essa manutenção da linhagem de Jesus, de sua família, fecha incrivelmente com a ascensão do povo conhecido por Franco. Exatamente nesta época estava em pleno estabelecimento esta dinastia derivada do primeiro Francus (vide ano 10 a.C.). A ser correta essa trilha, explica-se a grande concentração dos principais seguidores, os mais próximos do Messias, exatamente nas regiões da França e Inglaterra. Ambas, como veremos, são o foco central de todo misticismo cristão que cresceu em paralelo e à revelia da Igreja Romana. Toda a lenda cavaleiresca dos francos e merovíngios (que são a mesma linhagem), das lendas arturianas, dos cátaros e dos templários se baseará nestas lendas, que começam com a aventura de Lázaro e Madalena na França e com José de Arimateia na Inglaterra.

De alguma maneira – provavelmente através de um casamento com a primeira geração após Francus, o primeiro rei franco – a linhagem de Jesus-Madalena-Lázaro amalgamou-se e fixou-se definitivamente na Gália para, 500 anos depois, serem reconhecidos pela própria Igreja Romana como os reis eleitos portadores da mensagem cristã (vide anos 417 e 496).

A linhagem de Francus – rei sicambriano que morreu em 10 ou 11 a.C. – estende-se para trás na linha do tempo até Príamo, rei de Troia, através de seu filho Helenus, rei de Épiro. Aliás, o primeiro nome Francus que se tem notícia era do bisneto de Príamo, e também era rei de Troia. Príamo tinha, em outra linha, sua filha Creusa (que morreu em 1181 a.C.), esposa de Eneas. De Creusa descenderia Lud, o primeiro rei da Bretanha de que temos notícia. Lud teria morrido em 18 a.C., contemporâneo, portanto, de Francus. Desde esta época já vemos a ligação de ambas as dinastias, inclusive com seus primeiros reis. A denominação *Francus*, até onde se possa traçar, vem do germânico *frankus*, e seu significado é verdadeiro, sincero, originando a palavra similar do latim e *franco* no português. Francus ficou conhecido como o primeiro rei dos chamados francos, que até então eram conhecidos por sicambrianos e antes por cimerianos. Não estaria esta mudança de nome ligada, de alguma forma, à época áurea do início do movimento judaico/cristão, através dos seguidores de Jesus naquela região? Afinal, quando os apóstolos chegaram na Gália, todos já tinham bastante conhecimento do que ocorrera em Jerusalém. Se essa hipótese for verdadeira, a origem de Francus deve ter relação com a

cultura hebraica à época. A palavra *franco*, em hebraico, é נָדִיב, que transliterada é *nadib*. As palavras mais próximas na língua francesa são:

nadir: é o ponto mais inferior da esfera celeste, em oposição direta ao ponto mais elevado do céu, o zênite.

Nabi: significa **Profeta**, Messias.

Nadir é a sombra da luz representada pelo alto, pelo Zênite. Franco ou a Verdade é a manifestação material da Revelação que foi dada àquela época. A partir de Franco se desenvolverá, como veremos, toda a geração cristã paralela àquela feita por Pedro, na mesma época. A descendência de Francus será amplamente representada no cristianismo esotérico das lendas do Graal. É o Nadir, o equivalente de Pedro: "*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*".

Nabi é o próprio Messias, o Profeta, o que leva a mensagem. Provavelmente originou a denominação de *Narbonne*, cidade que tanto se caracterizará como centro de desenvolvimento das artes, cultura, ciência e religião, alavancado por uma profícua e progressista comunidade judaica.

נָדִיב (nadib ou franco) tem, na soma dos valores de suas letras, o valor de **66**, um número que muito tem a ver com Jesus segundo as alegorias gnósticas. A palavra **Mestre** – palavra praticamente sinônima do *Nabi* francês que é profeta – designa, em grego, o verdadeiro significado do cargo de imperador-sacerdote entre os merovíngios, do cargo de Francus. Para os antigos a liderança espiritual e material não estava dissociada. E os merovíngios eram um clássico exemplo disso. Já vimos como a designação grega para MESTRE foi posteriormente deturpada pelos usurpadores do poder em todo mundo (vide 518–513 a.C.). A palavra grega para Mestre é DÉSPOTA, ou:

δ ε σ π ο τ α , e sua síntese numérica é:

4+ 5+200+80+70+300+1 = **660**

cuja proximidade com o hebraico *nadib* para *franco* (ou sincero, leal, verdadeiro), valendo 66, não pode ser negligenciada. E a palavra francesa *nabi*, para *profeta*, fica plenamente justificada. Principalmente quando sabemos que, tendo o mesmo valor 660, equivalendo-se à palavra MESTRE temos a palavra grega para a iluminação do Iniciado, a Luz que vislumbra o recipiendário no auge de sua iniciação (vide 518–513 a.C.). Deriva daí a palavra **Nabor**, utilizada em algumas culturas como um nome próprio masculino, cujo significado no hebraico é "luz do profeta"!

Os leitores nos perdoem por esta costura de números, letras e significados, mas se pretendemos penetrar no intrincado sistema de correlações e mensagens codificadas pelos antigos *mathematikoi* não podemos nos limitar a observar a superficialidade, mas sim aplicar à risca o conceito do "Conhecimento que Liberta".

- Segundo a tradição e alguns escritores antigos da Igreja, Lázaro, Madalena, Marta, José de Arimateia e alguns outros foram transportados por navio até Marseilles (vide ano 500 a.C. e 1270 d.C.). A mais antiga forma escrita desta tradição foi a obra *Life of Mary Magdalen*[204], de Rabanus[205] (776–856). Em Marseilles, José de Arimateia teria sido consagrado por São Filipe e enviado à Inglaterra, onde estabeleceria a igreja de Glastonbury. Lázaro e Madalena,

204 Magdalen College – Pseudo-Rabanus Maurus. Outras cópias do manuscrito não citam o autor.
205 Wikipedia – Rabanus Maurus, monge beneditino franco, arcebispo de Mainz.

contudo, teriam permanecido na Gália. A tradição afirma que Madalena carregou o Santo Graal ou Sang Real, e morreu em Aix-en-Provence ou em Saint Baume, e que Lázaro morreu em Marseilles, após haver fundado lá o primeiro bispado. Um de seus companheiros, São Maxim, teria fundado o primeiro bispado de Narbonne. É possível, segundo afirma Paul Bouchet em *Les Druides: Science et Philosophie*, que Madalena tenha se iniciado num colégio druídico desde sua chegada a Provence, e que seu corpo repouse no cemitério de Saint-Baume. Todavia, a história "oficial" afirma que o corpo foi colocado no túmulo de Sidônio, em Saint-Maxim, e que reciprocamente o corpo deste ocupou o túmulo de alabastro da penitência. Provavelmente os monges pensassem que assim as relíquias da santa escapariam às pilhagens dos bárbaros. Este túmulo será reencontrado no século XIII, graças ao conde de Provence, **Charles d'Anjou**, sobrinho de São Luís.[206]

- Se este cenário estiver correto, para onde teria ido Jesus depois? De acordo com algumas lendas muçulmanas e indianas, ele finalmente morreu velho, em algum lugar do leste – em Caxemira, segundo as afirmações mais frequentes. De qualquer maneira, o que parece ficar cada vez menos encoberto nas brumas é o fato de seus parentes mais próximos – entre os quais incluímos José de Arimateia, Lázaro, Maria (sua mãe) e Maria Magdalena – não apenas permaneceram com ele nos momentos mais importantes, como a crucificação e ressurreição, como tiveram papel preponderante na propagação do cristianismo na França e na Inglaterra. A tradição de José de Arimateia e seus companheiros no barco sem remos foi aceita por toda a Igreja Latina por cerca de 1000 anos. Uma prova disso está no *Breviário* (livro de preces, salmos e hinos utilizado pelos sacerdotes da Igreja Católica) no dia de Santa Marta, 29 de julho. Lá encontramos uma *Lição Para a Segunda Noturna*, onde é narrado que Maria, Marta e Lázaro, com sua serva Marcella e Maximin, um dos 72 discípulos, foram pegos pelos judeus, colocados num barco sem velas ou remos e transportados seguramente até o porto de Marseilles. Este fato levou à rápida cristianização do povo da região. Lázaro tornou-se Bispo de Marseilles e Marta morreu no quarto dia antes das Kalendas de Agosto, sendo sepultada com grande honra em Tarascon.

  Existem muitas outras fontes, incluindo autoridades gregas e romanas, confirmando a história de José e o barco descrito. A *Enciclopédia Judaica*, sob o título "*Arles*", menciona os primeiros judeus em Arles chegando por barco, sem capitão, remos ou velas. Outra obra, *As Tradições de Glastonbury*, descreve como,

  > sem velas ou remos, eles rumaram com o vento e as correntes, chegando ilesos a Cyrene, no norte da África. Após obterem velas e remos, o pequeno grupo de refugiados seguiu a rota de comércio das embarcações mercantis fenícias até o Ocidente, em Marseilles, França.
  >
  > (*Tradições de Glastonbury*, p. 37)

  Daí para a Inglaterra ou a Espanha foi apenas um passo, e as já existentes e prósperas comunidades judaicas europeias ganharam um novo impulso com esses seguidores abnegados da Linhagem, amalgamando-se com a nobreza e lançando as bases do que seria conhecido como o cristianismo esotérico da tradição do San Graal ou do Sangue Real. A nobreza dos francos foi miscigenada com a dos judeus-cristãos recém chegados, da mesma forma que a filha de José de Arimateia – Anna – casou-se com o herdeiro do trono britânico. E a importância de Narbonne como centro judeu e cristão ao longo

206 Wikipedia – Maria Madalena – alegado enterro na França

dos tempos se explica pela sua localização em plena rota da principal estrada partindo de Marseilles, aquela que levava ao ocidente em direção à Espanha. As tradições destes discípulos na Espanha – assim como em Narbonne – pode também ser depreendida.

35 – O Mago Simão[207] começa a pregar sua doutrina cristã aos samaritanos a partir deste ano. Estes o chamavam "O Grande Poder de Deus". É constantemente referido como o real fundador das seitas sob o nome do gnosticismo cristão. Seu continuador foi o discípulo Cerinthus. A seita subsequente à de Simão foi representada pelos seguidores de Menander.

Assume Pedro a chefia da Igreja, até 64 ou 67 (embora oficialmente ele o tenha feito um ano após a morte de Jesus, que, diz-se, ocorreu em 33).

36 – Quando Paulo e Barrabás encontram os líderes da Igreja em Jerusalém, foi acordado que eles cuidariam da evangelização dos gentios (ou seja, os não judeus), enquanto os líderes de Jerusalém se concentrariam na pregação do evangelho aos judeus. Entretanto, a missão aos judeus não estava confinada à Judeia, uma vez que haviam comunidades em todo o império romano e mesmo em Roma. Pedro dominou a Igreja de Jerusalém pelos seus primeiros 15 anos, quando então embarcou para encontrar os judeus mediterrâneos.

Pilatos é substituído como procurador da Judeia.

37 – Nasce José ben Mathias, mais tarde conhecido como Flavius Josephus (37–100 d.C.), filho de família nobre judaica.

38 – Segundo a Tradição, José de Arimateia chega à Inglaterra, onde crava seu cajado no local onde, mais tarde, se erguerá a abadia de Glastonbury[208]. Do cajado brotou o espinheiro-santo, árvore nativa do Oriente Médio que floresce na região de Glastonbury normalmente em maio, mas também em dezembro. O espinheiro já era adorado pelos druidas pelas suas propriedades mágicas no século I a.C..

40 – Philon de Alexandria preside a embaixada enviada perante Calígula para pedir justiça e proteção aos judeus de Alexandria. Sabe-se que já estava com idade avançada a esta época, não dispondo-se de dados para precisar seu nascimento e morte.

Em época desconhecida e durante quarenta anos, um iluminado cristão chamado Ulfilas começa a converter os godos ao cristianismo. Primeiramente faz um alfabeto gótico para traduzir a Bíblia e ensinar ao povo a nova fé. Esta Bíblia tem grande valor porque tem séculos de anterioridade à primeira escrita em qualquer outra linguagem teutônica. Por um tempo os godos governaram um reino ao norte do rio Danúbio e do Mar Negro, até que os hunos os forçaram à Europa, em 375.

41 – Época em que Apolônio vai à Índia, para entrar em contato com os brâmanes e os *sarmanes* (budistas, pois *saman* é a pronúncia grega do sânscrito *Shramana* e do pali *Samano*, os budistas ascéticos ou monges). Estima-se que estas viagens à Índia tenham durado até 54 d.C.. Como seus discípulos não lhe acompanhavam e ainda tentavam dissuadir-lhe de tão insensata empresa, Apolônio disse: "Posto que lhes falta energia, adeus. Eu devo partir até onde a Sabedoria e meu íntimo secreto me levam. Os deuses me aconselham e posso contar com seus auxílios."

207 Wikipedia – Simon Magus Σίμων ὁ μάγος, figura religiosa que confronta Pedro (Atos Apóstolos 8 9:24)
208 Wikipedia – Abadia de Glastonbury. Henrique 8º dissolveu os monastérios em 1536, está em ruínas.

43 – O imperador Claudius invade as Ilhas Britânicas com 40.000 homens e conquista a ilha de fato, tornando-a Província Britannia. O povo da Escócia foi muito mais difícil de conquistar. Então Adriano mandou construir um muro de 118 km de comprimento ao longo do pescoço da ilha, de mar a mar, para mantê-los afastados. Os romanos chamaram o lado norte do muro de Caledônia, e chamaram seu povo de Pictos, devido às suas pinturas no corpo. Ao sul destes morros, na chamada província Britannia, os romanos construíram mais de 50 cidades e as conectaram com estradas militares.

44 – As atividades dos zelotes na Judeia se intensificam e algum tipo de luta armada já parece inevitável.

45 – Apolônio visita Vardanes.

45 a 62 – A tradição diz que São Marcos, neste período, introduziu a nova religião em Alexandria. Não há comprovação disso. Muitos homens cristianizados deslocaram-se para o deserto do Egito para viver como eremitas. Mais tarde, estes indivíduos se reuniram para formar poderosas comunidades monásticas. O fermento teológico produziu a ortodoxia de Athanasius[244], a heresia de Arius e o gnosticismo de Valentinus. Bispos de todos os lugares responderam aos patriarcas de Alexandria.

46 – Dos anais da Grande Loja de Londres:

> Segundo o barão de Westerode (carta [de 1784] citada por Thory), existia, no Oriente, uma seita filosófica chamada "Sociedade de Ormus", fundada por Ormus ou Ormesius, padre egípcio convertido por São Marcos em 46. Seus adeptos professavam um misto de doutrinas egípcias e cristãs; denominavam-se "Sábios da Luz", e traziam como emblema uma cruz vermelha. Mais tarde reuniram-se a uma Escola, chamada "Da Ciência de Salomão", de origem essênio-judaica, de onde, talvez, surgisse a Maçonaria. Em 1188, após a tomada de Jerusalém por Saladino, os discípulos dessa Escola fundaram, na Europa, a Ordem dos Maçons do Oriente ou dos Cavaleiros do Oriente, onde ensinavam as altas ciências.
> [*The Brotherhood of the Rosy Cross*, Arthur Edward Waite, 1924, pg. 5 considera ser uma lenda. Ver análise dessas informações em Who is Ormus?]

48 – Até o século XIII, a versão dos próprios monges de Glastonbury sobre as origens de sua abadia e a conversão dos pagãos da Bretanha ao cristianismo envolvia o apóstolo Filipe e sua missão na Gália, como atesta a *Crônica de Freculf* (830 d.C.). A origem da abadia teria sido a partir de 12 discípulos de Filipe e Jaime. Não é esta a versão sobre a origem da abadia segundo o *De Antiquitate Glastoniensis Ecclesiae*, de William de Malmesbury[209], mas é a versão da *Carta de San Patrick*, supostamente um documento do século V mas na verdade uma inserção feita pelos hábeis e forjadores monges de Glastonbury no século XIII. Como veremos mais adiante, a habilidade da abadia em forjar e envelhecer documentos sempre foi notória. Certamente a fundação da abadia por um apóstolo seria considerada muito mais célebre e bem vinda. O fato é que, a partir do século XIII, os monges passaram a divulgar a origem de sua abadia a partir de José de Arimateia.

José, aparentemente, não era tão popular como os conhecidos discípulos àquela época, mas possuía fortes ligações com escritos apócrifos como *O Evangelho de Nicodemus*, além de romances do Graal, que proliferaram nesta época. Como veremos, os séculos XII e XIII foram marcados por um grande movimento apócrifo desencadeado para propagar definitivamente a mensagem das lendas cavaleirescas cristãs. No início do século XII Robert de

209 Wikipedia – William of Malmesbury (1095–1143) historiador inglês muito conceituado do séc. XII

Boron, em seu *Joseph d'Arimathia* e mais tarde no *Estoire de Saint Graal*, associa José de Arimateia ao apóstolo Filipe e ao Graal. A partir daí difundiu-se plenamente a lenda arturiana, os romances do Graal e a participação de José, que passou a ser mencionado nos romances como o Apóstolo da Bretanha, sendo associado com o Cristo ressurgido, com o apóstolo gaulês Filipe e com Maria. Entre estas histórias difundidas à época constam viagens apostólicas à Espanha e duas viagens à França. Na segunda destas viagens, neste ano de 48 d.C., José estaria acompanhado de Maria Magdalena, Lázaro e Verônica. (*Acta Sanctorum*, VIII col. 509 & IV col. 455).

Esta é uma das poucas vezes que aparece Verônica, uma intrigante e pouco citada figura, também candidata à condição de esposa de Jesus. Na famosa cena da queda de Jesus a caminho do Gólgota, Verônica enxuga-lhe o rosto. Então o suor do Cristo (sua linfa) impregna sua efígie (sua imagem e semelhança) no lenço de Verônica. De qualquer maneira, José vai acompanhado de Madalena, Verônica e Lázaro, evidenciando mais uma vez o círculo fechado dos familiares e próximos do Messias. Por outro lado, como veremos, as idas de José à Espanha e França coadunam-se perfeitamente com as tradições posteriores do Graal em Marseilles, Montségur e San Juan de la Peña (vide anos 257, 713 e 1134).

49 – O imperador Claudius expulsa os judeus de Roma.

Em torno desta data, Pedro começa a pregação entre os judeus mediterrâneos.

50 – Morre Marcomir III, rei dos francos. Assume Clodomir III, até 61.

52 – É convocado o Primeiro Concílio, em Jerusalém, onde estava presente Pedro. A disputa a ser conciliada era principalmente devido à divergência de Paulo com os “pagãos”. Segundo as fontes da Igreja,

> Paulo acolhera na Igreja os pagãos, administrando-lhes somente a crer em Jesus Cristo e a praticar o Evangelho. Os judeus convertidos, porém, sustentavam que era necessário, para se salvar, que se recebesse também a circuncisão e se observasse todo o código mosaico. Daí resultou áspera discordância, não só disciplinar como dogmática: a questão da Fé. Foram a Jerusalém Paulo e Barnabé de Antioquia, da Síria. Receberam-nos Pedro, Tiago menor e João. Ascendeu-se ampla discussão. Pedro exerceu o Primado da Autoridade, por todos reconhecido. Foi promulgado o decreto que dispunha bastarem o Batismo e a Fé em Jesus Cristo para a eterna salvação. A circuncisão e a observância das leis mosaicas não eram obrigatórias. Aquele decreto começa com a fórmula sacramental depois recorrente em todos os Concílios: **Visum est Spiritui Sancto et Nobis** (Visto pelo Espírito Santo e por Nós). (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe Antônio P. de Figueiredo, Ed. Livros do Brasil, RJ, 1962, vol. IV)

Tal é o relato das fontes da própria Igreja. Se verdade, observa-se, já nas origens, a prepotência dogmática que tanto caracterizara a história da Igreja Romana, agindo como imperadores em plena Roma: por decreto divino. Como verdadeiros deuses encarnados, exercerão por séculos uma autoridade sobre a fé que em pouco diferirá de imperadores romanos como Cláudio e Nero. E a mensagem original do Cristo, que não veio para modificar a Lei, mas apenas para dizer: Amai-vos uns aos outros, cai por terra na primeira oportunidade dos líderes cristãos de manifestarem-se pelo poder que tomaram. Afinal, nem mesmo Cristo se outorgou esse direito. Como bem aborda Ralston Skinner:

> Convém não esquecer que o cristianismo atual é obra de Paulo, e não de Jesus. Em vida foi Jesus um judeu obediente à lei; mais ainda, ele disse:

"Os escribas e os fariseus ocupam o lugar de Moisés; fazei e observai, portanto, tudo o que eles vos ordenam." E ainda: "Não vim para destruir, mas para cumprir a lei." Desse modo, Jesus submeteu-se à lei até o dia de sua morte, e não podia, enquanto viveu, derrogá-la um átimo sequer. Foi circuncidado e recomendou a circuncisão. Paulo, ao contrário, declarou que esta nada valia, e ele (Paulo) ab-rogou a lei. Saulo e Paulo, isto é, Saulo submisso à lei e Paulo liberto das obrigações da lei, não eram, em um só homem, senão os paralelismos encarnados de Jesus, que, submetido à lei, a observou até morrer em Chréstos, para renascer em espírito, livre de suas obrigações, como Christos ou Cristo triunfante. O Cristo se libertou, mas era o Cristo em espírito. Saulo, segundo a carne, era função e paralelo de Chréstos. Paulo, segundo a carne, era função e paralelo de Jesus quando este se tornou Cristo em espírito; e, assim, teve autoridade na carne para ab-rogar a lei humana, do mesmo modo que foi Cristo uma primeira realidade para responder e servir à apotheosis. (J. Ralston Skinner, *Key to the Hebrew-Egyptian Mystery in the Source of Measures,* Robert Clarke & Co., Cincinnati, 1875, p. 262, citado em H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. V, pg. 128)

O erudito autor [Walter Richard Cassels] de *Supernatural Religion* (vol. 2, parte 2, cap. V) procura assiduamente provar que por *Simão, o Mago*[207], devemos entender o apóstolo Paulo, cujas Epístolas foram secreta e também abertamente caluniadas por Pedro e acusadas de conter "*ensinamentos heréticos*". O Apóstolo dos Gentios era corajoso, franco, sincero e muito culto; o Apóstolo da Circuncisão era covarde, cauteloso, insincero e muito ignorante. Não há nenhuma dúvida de que Paulo foi, parcialmente pelo menos, se não totalmente, iniciado nos mistérios teúrgicos. A sua linguagem, a fraseologia tão peculiar aos filósofos gregos, certas expressões usadas pelos iniciados são muitos sinais audíveis para essa suposição. Nossa suspeita foi reforçada por um artigo muito bem escrito, publicado num periódico nova-iorquino, intitulado *Paul and Plato*, em que seu autor, Alexander Wilder[210], emite uma observação notável e, para nós, muito preciosa. Nas suas *Epístolas aos Coríntios*, ele nos mostra um Paulo abundante em...

> expressões sugeridas pelas iniciações de Sabazius e Elêusis e pelas leituras dos filósofos (gregos). Ele (Paulo) se diz um idiôtês – uma pessoa ignorante no que concerne à Palavra, mas não à gnosis ou conhecimento filosófico. "Falamos sabedoria entre os perfeitos ou iniciados" – escreve Paulo – "não a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes deste mundo, mas sabedoria divina em mistério, que nenhum dos príncipes deste mundo conheceu." (I Coríntios 2:6–8)

(...) Uma outra prova de que Paulo pertencia ao círculo dos *iniciados* repousa no seguinte fato. Sua cabeça foi tosquiada em Cenchrea[211] (onde Lucius Apuleius[212] foi iniciado) porque "ele tinha um voto". Os *nazars*[58] (os apartados), como vemos nas escrituras judaicas, tinham de cortar seus cabelos, que usavam longos e que "nenhuma navalha tocou" em tempo algum, e sacrificá-los no altar da iniciação. E os *nazars* eram uma classe de teurgos[213] caldeus. Veremos, depois, que Jesus pertenceu a esta classe. Paulo declara que "*De acordo com a graça de Deus que me foi dada, como sábio arquiteto lancei o fundamento*" (I Coríntios 3:10). Esta expressão, **arquiteto**, usada apenas uma vez em toda a Bíblia, e justamente por Paulo, pode ser considerada uma verdadeira revelação. Nos Mistérios, a terceira parte dos ritos era chamada *epopteia*, ou revelação, recepção dos segredos. Em substância, ela significa aquele estágio de clarividência

210 Alexander Wilder, médico, neoplatonista e editor.
211 Wikipedia – Kechries – presença cristã primeva
212 Wikipedia – Apuleius, escritor (em latim) e filósofo platonista da província romana da Numídia.
213 Wikipedia – Teurgia, prática de rituais para invocar os deuses.

divina em que tudo o que pertence a esta Terra desaparece e a visão terrena é paralisada e a alma pura e livre une-se ao seu Espírito, ou Deus. Mas a significação real da palavra é "vigilante", de οπτομαι – *eu me vejo*. Em sânscrito, a palavra *avâpta* tem o mesmo significado, e também o de *obter*. A palavra *epopteia* é um composto, de επι, sobre, e de οπτομαι, ver, ou ser um vigilante, um inspetor – também utilizada para um arquiteto. O título de mestre-pedreiro na Franco-Maçonaria deriva daí, no sentido que ele tinha nos Mistérios. Em consequência, quando Paulo se diz um "arquiteto", ele está usando uma palavra eminentemente cabalística, teúrgica e maçônica, e que nenhum dos outros apóstolos utiliza. Ele se declara assim um adepto, tendo o direito de iniciar outros. (Helena P. Blavatsky, *Ísis Sem Véu*, Pensamento, S. Paulo, 1994, vol. III, p. 86–87)

Blavatsky abre-nos os olhos para o que talvez seja o maior elo iniciático do cristianismo. De fato, já vimos – e ainda o veremos muito nesta obra – como este elevado título de Arquiteto liga-se aos mais augustos mistérios. Ele tem relação direta com Jesus, pois numericamente, no grego, a palavra Arquiteto = Jesus + 1 (vide ano 975 d.C.). A ligação de Paulo com os Mistérios maçônicos, indicada por Blavatsky, é ainda mais clara se analisarmos a síntese das sínteses: o número. Assim, seguiremos a indicação da autora e veremos com mais detalhe a palavra grega *epopteia*, ou, a instrução nos mistérios.

Segundo Blavatsky, *epopteia* (*ἐποπτεία*) não apenas deriva, mas significa, *vigilante*. Este termo é por demais conhecido dos maçons. Eles sabem que, em templo, o Venerável Mestre junto com as outras duas luzes, os Vigilantes, fazem o ternário luminoso que é a manifestação do Grande Arquiteto, do Supremo Geômetra, na Loja. Blavatsky indicou a origem grega da palavra *epopteia*: επι + οπτομαι. Na síntese numérica teremos as luzes máximas que são mostradas ao neófito:

επι	=	ε	+	π	+	ι	=	95								
		5		80		10										
οπτομαι	=	ο	+	π	+	τ	+	ο	+	μ	+	α	+	ι	=	571
		70		80		300		70		40		1		10		

Somando os dois valores temos a síntese numérica de epopteia:

95 + 571 = **666**

Representa a tríplice Sabedoria, o triplo 6, um para cada uma das três luzes que sustentam a Loja: o Venerável Mestre e os dois Vigilantes. O Evangelho de São João nos falou, evidentemente, das 666 sombras que fazem essas luzes. Este 666 é tão luminoso que 6, na alquimia, é o número do Sol. E é inegável sua ligação com os mais elevados mistérios, tornando-se uma representação da chamada Trinosofia, a Tríplice Sabedoria, à qual Saint-Germain dedicou seu único livro conhecido. Por esta razão Paulo nos falou, conforme a pouco mencionamos, desta Sofia ou Sabedoria: "*Falamos sabedoria entre os perfeitos ou iniciados, não a sabedoria* [...] *divina num mistério, ~~secreta~~ – que nenhum dos arcontes* [príncipes] *deste mundo conheceu*" (I Coríntios 2:6–8). Nós já a vimos muito até aqui, sempre representada pelo místico 6. Este número marcou o nascimento do homem no 6º dia da criação, e está presente sempre no seu Renascimento ou Iniciação. Já vimos como este 6 faz o 6^3 = 216 anos, o ciclo das reencarnações ou renascimentos de Pitágoras (vide 569 a.C.). Já o vimos no valor 660 das palavras Mestre e *aporreta* (vide 518–513 a.C.).

Aporreta são as instruções dadas pelo hierofante, à semelhança de *epopteia*. A diferença é exatamente o 6, pois enquanto *aporreta* soma no grego 660,

epopteia vale 660+6=666. Por essa razão é uma Trinosofia, uma tríplice Sabedoria, pois *epopteia* é dada na terceira etapa da Iniciação. Enquanto 660 representa a dupla sabedoria (físico e mental) o segundo é a tripla sabedoria (atinge também o ~~mental~~ [espiritual ou emocional]), consistindo num degrau superior na iniciação. Já vimos também algo sobre o 6666, que representou a saga iniciática de Orfeu e Eurídice (vide 12000 a.C.). Também já o vimos no valor de 66 da palavra hebraica *nadib*, que significa franco (vide 35 d.C., tópico referente a Lázaro). Este 6, em suma, está sempre presente – embora de maneira velada – nos mistérios iniciáticos. Por esta razão é o único número que os gregos não representam por uma letra[214]. Seu símbolo era utilizado apenas como numeral, nunca como uma letra. É uma alusão ao "calar", não transformar em palavras esta sabedoria, aos que conhecem o místico 6. Para mais detalhes sobre os Mistérios de Elêusis e os ápices iniciáticos ~~representa-dos por e~~ reportamos o leitor a 1800 a.C. e 518–513 a.C. neste trabalho.

A ideia dos Vigilantes nos mostra mais uma vez a aproximação dos mistérios maçônicos com os cristãos, pois o próprio Jesus recomendou: "*orai e vigiai*". Apenas os que assim procederem poderão sair da horizontalidade da vida e ir para a verticalidade, passar de deitados para eretos, trabalhando desde o Sol no Meridiano até a Meia Noite, levando luz do Alto ao baixo. Estes não estão mais Dormindo, e sim perto do dez, Despertos. Para mais detalhes a respeito da universalidade dos Vigilantes, remetemos o leitor, nesta obra, ao tempo de Rama, em 6700 a.C., dos Mistérios de Elêusis, em 1800 a.C., e do mestre de Leonardo da Vinci, Marsilio Ficino, em 1499. Ficino chegou a deixar muito claro o papel destes que se colocam muito acima de qualquer concepção mundana:

> Portanto eles afirmavam que os homens prudentes, que seriamente empregavam-se a si próprios nos interesses divinos, estavam acima de todos os outros em um estado de vigilância. (Ficinus, *De immortalitate animarum*, lib. 18) [citado de Thomas Taylor, *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*, p. 45]

Como vimos, a palavra grega οπτομαι, vigilante, têm o valor numérico de **571**. Por mais estranho que possa parecer a nosso intelecto tridimensional, os antigos, para mostrar certas analogias e traçar certos paralelos, utilizavam com toda força o símbolo numérico. Se o *Vigilante* está atento a si mesmo, poderá, como disse Blavatsky, dizer *eu me vejo*. Verá assim, todo seu interior. Lá, coabitando com nossas 666 luzes estão nossas 666 sombras. Com nosso Vigilante interno estará o daemon, sua sombra, o daemon de nossa Individualidade. Se um é luminoso, o outro é trevoso, se um é espiritual, o outro é material, se um é o Cristo interno, o outro é o Guardião do Umbral, e assim por diante (vide 263 d.C.). Numericamente, podemos entender a relação destas duas forças se as refletirmos num espelho. Se o Vigilante vale 571, seu êmulo será 175. De fato, é o valor numérico da palavra grega daemon, o companheiro de nossa luz, a sombra de nosso Eu:

daemon = δαιμον =	δ +	α +	ι +	μ +	ο +	ν	= **175**
	4	1	10	40	70	50	

vigilante= οπτομαι =	ο +	π +	τ +	ο +	μ +	α +	ι	= **571**
	70	80	300	70	40	1	10	

E o binário, então, se completa, Luz e Treva, Alto e Baixo, Esquerda e Direita:

Vigilante ↔ Daemon

214 Usam a letra digamma que tornou-se obsoleta. Ver pág. 64.

οπτομαι ↔ δαιμον
571 ↔ 175

> Se pesquisarmos nessa direção, com esses guias seguros, os mistérios gregos e a *Cabala* diante de nós, será fácil encontrar a razão secreta pela qual Paulo foi tão perseguido e odiado por Pedro, João e Tiago. O autor da *Revelação* (Blavatsky se refere a João o apóstolo, mas deixa claro que não foi ele o autor do Evangelho, e sim um gnóstico neoplatônico) era um cabalista judeu *pur sang*, com toda a aversão aos mistérios herdada por ele e por seus ancestrais. O ciúme que sentia durante a vida de Jesus estendeu-se a Pedro; e foi só depois da morte de seu Mestre comum que vemos os dois apóstolos – dos quais o primeiro vestiu a mitra e o petalon[215] dos rabinos judaicos – pregar com tanto zelo o rito da circuncisão. Aos olhos de Pedro, Paulo, que o humilhara e ao qual considerava ser superior a ele em "conhecimentos gregos" e filosofia, devia parecer naturalmente um mágico, um homem poluído com a "*gnosis*", com a "sabedoria" dos mistérios gregos – e, talvez, "Simão, o Mago"[207].
>
> (H. P. Blavatsky, *Ísis Sem Véu*, vol. III, p. 87)

De fato, esta rixa foi muito grande, e mesmo a Igreja, hoje, reconhece as dificuldades que tais discordâncias acarretaram para o primeiro Concílio. O leitor mais desavisado não deve se admirar com estes choques entre a devoção e o conhecimento. Apesar de ter acontecido num grau um tanto elevado no cristianismo, não é uma exclusividade da cristandade nem tampouco uma novidade mesmo nos mais augustos mistérios da antiguidade. Nossa intenção primeira é mostrar que tais choques, apesar de indesejáveis e mesmo muito desarmônicos, devem ser entendidos com profundidade para que se resgate, na origem, os verdadeiros objetivos de cada corrente de pensamento. Somente assim as gerações futuras poderão tratar dos assuntos da fé com maior equilíbrio e sabedoria. Para tanto, este trabalho não cansa de nos mostrar exemplos desses extremos, não apenas no cristianismo como também no Egito de Akhenaton, no islã dos califas, no helenismo de Alexandre ou no zoroastrismo zervanista. A origem, entretanto, não pode ser esquecida, e esta remonta há muito tempo, antes mesmo de qualquer sábio que possamos resgatar com este estudo. Como nos lembra o Dr. Alexander Wilder, referindo-se aos mistérios gregos de Elêusis:

> Apesar de exibirem aparentemente as feições de uma origem Oriental, eles foram evidentemente copiados dos ritos de Ísis, no Egito, uma ideia a qual, mais ou menos correta, pode ser encontrada nas Metamorfoses de Apuleius e no Epicureo por Thomas Moore.
>
> (Thomas Taylor, *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*, 1891, p. 13)

Deixemos ao eminente Sir Thomas Taylor, uma das maiores autoridades mundiais dos últimos séculos nos assuntos da filosofia grega, para que nos retrate um pouco deste paradoxo nas antigas iniciações:

> Não obstante esta importante verdade sugerida pelos Mistérios Menores, nós não devemos supor que ela fosse geralmente conhecida pelas próprias pessoas iniciadas, pois como indivíduos de quase todas as espécies eram admitidos a esses ritos, teria sido uma ridícula prostituição revelar à multidão uma teoria tão abstrata e sublime. Era suficiente instruí-los na doutrina de um estado futuro de recompensa e punições, e nos meios para retornar aos princípios dos quais eles originalmente se revestiram. (...) Daí a razão por que isto não era óbvio a ninguém, exceto aos filósofos

215 Πέταλον – versão grega (Septuagint) para tzitz (ornamento em ouro usado junto a mitra).

> pitagóricos e platônicos, que derivaram sua teologia do próprio Orfeu (segundo Heródoto, livro 2, 51 e 81), o fundador original destas sagradas instituições; e também por que não encontramos nenhuma informação nesse particular em qualquer escritor anterior a Plotinus, pois foi ele o primeiro que, tendo penetrado a profunda sabedoria interna da antiguidade, entregou-a à posteridade sem a ocultação de símbolos místicos e narrativas fabulosas.
>
> (Thomas Taylor, *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*, 1891, pp. 46-48)

Nenhum maçon de pura e sincera razão pode julgar inverossímil esta afirmação, pois os Augustos Mistérios maçônicos, quiçá a mais completa ritualística jamais disponível aos olhos humanos, são praticamente desconhecidos de toda a irmandade. Longe de ser um demérito aos maçons, mostra a grandeza e profundidade com que foi elaborada uma complexa e profunda ritualística, a qual, mesmo quando aparentemente desvelada, re-vela tudo aos olhos que não podem ver e aos corações impuros. Em suma: o Mistério oculta-se de seus próprios hierofantes, mas abre-se aos que abrem seu coração à Sabedoria. Infelizmente, de tempos em tempos espíritos “iluminados” acham por bem adaptar, mudar, acrescentar ou excluir passagens, símbolos, movimentos, palavras ou instruções da ritualística, sob a égide de uma suposta autoridade hierárquica ou intelectual. As instruções eram, originalmente, uma verdadeira *aporreta*, mas tamanha foram as adulterações que hoje pouco sobra das instruções originais. Resta a ritualística, que de tempos em tempos sofre duros golpes dos “doutos” maçônicos. Felizes os maçons que, embora praticando um ritual possivelmente adulterado, não poluirem-no mais tentando consertá-lo. Neste caso específico, é provável que se peque menos por omissão que por intromissão.

No próprio cristianismo ocorreu coisa pior. Na busca por mais devotos e por uma popularização do rito, abriu-se mão de toda a magia cerimonial dada pelo ritual em latim e pelas evocações milenares introduzidas por iniciados nos primórdios da constituição do ritual cristão. O resultado frequentemente se traduz num rito tão deturpado que quase dispensa o uso de um templo, pois frequentemente as liberdades do culto mais aproximam-no de um show pop que de uma celebração eucarística. Este foi, sem dúvida, o maior legado do Concílio Vaticano II[216]: a perda quase total da magia cerimonial cristã. Num sentido histórico, o que ocorreu foi a plena vitória do cristianismo de Pedro em detrimento do de Paulo, do púlpito comandando o hierofante, do vulgo sendo preferido ao sábio. Não cremos que a Igreja deva ser um circuito fechado e restrito como o foi, pelo menos no seu passado, a Maçonaria.

No entanto, não concordamos que a inteligência dos devotos cristãos seja tão menosprezada a ponto de substituir um ritual milenar por uma confraternização paroquial. Num mundo em que o conhecimento, a cultura e o desenvolvimento têm sido a mola mestra, as instituições religiosas deveriam zelar pela manutenção deste milenar conhecimento em seu seio, e, se possível, dar a seus afiliados a oportunidade de participar intimamente das origens de seus mistérios. Em vez disso, nivelou-se de tal modo por baixo a exteriorização do rito cristão que seus hierofantes sequer merecem, hoje, tal denominação.

A esse respeito, Alexander Wilder apropriadamente mostra, nos Evangelhos, a oposição do hermetismo dos Mistérios com a exteriorização da fé. Podemos

216 Wikipedia – 2º Concílio Vaticano

notar claramente o lado oculto que sempre esteve ligado a iniciados como Jesus e Paulo:

> Nós observamos no Novo Testamento uma disposição semelhante da parte de Jesus e Paulo para classificar suas doutrinas como esotéricas e exotéricas, "os Mistérios do reino de Deus" para os apóstolos, e "parábolas" para a multidão. "Todavia, entre os perfeitos falamos de sabedoria, não porém da sabedoria deste mundo" (I Coríntios 2:6). Também Jesus declara: "Porque a vós foi dado serdes postos a par dos mistérios do reino dos céus, mas a esses outros isto não é dado; então eu falo deles em parábolas, porque eles olhando, não veem, e ouvindo, não escutam nem compreendem" (Mateus 13:11–13). Ele também justificou a contenção do conhecimento elevado e interior (...) no memorável Sermão da Montanha: "Não deis o que é sagrado aos cães, nem atireis vossas pérolas aos porcos; pois os porcos as calcarão sob seus pés e os cães voltar-se-ão e vos atacarão." A mesma divisão de cristãos entre neófitos e perfeitos parece ter sido mantida por séculos; e Godfrey Higgins afirma que ela é mantida na Igreja Romana. (Alexander Wilder, em nota à pag. 47 de Thomas Taylor, *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*)

Esta revelação de Paulo, salientada por Wilder, reveste-se de suma importância por outro aspecto. Paulo define este pequeno círculo de iniciados como ***perfeitos***, o que servirá de base para toda a doutrina dos sacerdotes cátaros, os chamados ***parfaits***. O catarismo, como se verá, será a continuação do cristianismo de Paulo e Jesus na mais pura essência (vide 1017 e 1207 d.C.).

52 a 55 – Período provável em que Paulo estava evangelizando em Ephesus. As igrejas locais, entretanto, serão muito influenciadas pelos judeus imigrantes em 66. Em 54 existem evidências da destruição, por parte de Paulo, de livros de magia famosos na época, conhecidos como "escritos efésios".

54 – Época estimada por Tredwell para a volta de Apolônio de Tiana (51) das suas viagens à Índia. O itinerário de regresso foi Babilônia, Seleucia, Chipre, Jônia e em seguida se detém algum tempo na Ásia Menor, especialmente em Éfeso, Smyrna, Pérgamo e Troia. Daí Apolônio passa a Lesbos e embarca para Atenas, permanecendo alguns anos na Grécia, visitando os templos da Hélade, reformando seus ritos e instruindo a seus sacerdotes.

Por volta desta data os judeus retornam a Roma. Nesta época, os judeus já deviam ter permitido a Pedro que auxiliasse os judeus cristianizados entre eles.

Nero assume o poder em Roma.

57 – Paulo envia sua carta aos romanos. Na época, em Roma, o número de cristãos já ultrapassava ao de judeus.

60 – O barco de Paulo, vindo de Malta, atraca em Puteoli, na costa ocidental italiana, perto de Neapolis e Herculano e a sudeste de Roma. Cristãos vieram recebê-lo.

Lucas nos diz como Paulo, chegando a Roma no início dos anos 60, foi recebido por cristãos que vieram saudá-lo. O início da cristandade em Roma é tão obscuro quanto em Alexandria.

61 – Apolônio chega a Corinto.

Morre Clodomir III, chefe dos francos. Assume Antenor III, até 68.

63 – No início do século XIII monges adulteram o *De Antiquitate Glastoniensis Ecclesiae* de William de Malmesbury, dando a chegada de José de Arimateia na Bretanha em 63 à frente de um grupo de missionários. Como os

manuscritos originais de William não mencionam José, seria difícil supor-se a autenticidade desta afirmação. Eruditos modernos como Jean Mark, W. Nitze e Alfred Nutt sustentam a autenticidade atrás da fraude argumentando que as referências a José eram legítimas lendas célticas, perdidas pela própria abadia. Estas lendas teriam sido redescobertas no século XII, juntamente com o grande movimento apócrifo das lendas cavaleirescas do Graal, naquela época. Os monges, assim, estariam apenas escrevendo o que William de Malmesbury teria escrito caso tivesse à mão essas informações.

Não podemos, é claro, tomar isso como uma evidência. De qualquer forma, a partir do século XII, após um aparente "congelamento" por 600 anos das informações sobre a origem da cristandade na Bretanha e sobre as lendas arturianas, estas misteriosamente brotaram com os inúmeros contos do Graal. Os monges de Glastonbury, assim, ou não tinham permissão para divulgar estas informações ou não tinham certeza ao ponto de torná-las públicas, caso contrário não esperariam 1200 anos para admiti-las (vide ano 1190).

Neste ano de 63 aparece um personagem misterioso chamado Arviragus, que teria florescido no período de 60 a 90. Juvenal menciona-o ligado à resistência contra a conquista romana. Geoffrey de Monmouth refere-se a ele como um rei cujo irmão foi morto durante a invasão de Claudius, em 43 d.C.. William de Malmesbury, o mais fiel cronista de seu tempo, afirmou que Arviragus foi o rei que deu doze lotes de terra em torno de Glastonbury para José de Arimateia e seus seguidores, quando chegaram às ilhas em 63 d.C..

65 – Nero persegue os cristãos.

66 (aprox.) – Apolônio de Tiana chega a Roma.

66 – Apolônio de Tiana sai de Roma devido a um decreto de Nero, que proibia aos filósofos sua estada na cidade eterna. Apolônio vai à Espanha.

José ben Mathias (Flavius Josephus) é nomeado Governador da Galileia, assumindo o comando das forças aliadas contra os romanos. Ao que parece não era bom comandante, e logo foi capturado pelo imperador romano Vespasiano. Traiu então sua causa, tornando-se cidadão romano e tomando o nome de Flavius Josephus. Divorciou-se de sua mulher, casou com uma herdeira romana e aceitou ricos presentes do imperador romano, incluindo um apartamento privado no palácio imperial e terras confiscadas aos judeus na Terra Santa. Pouco antes de sua morte (100) suas copiosas crônicas começaram a aparecer.

Revolta dos judeus da Judeia e de Jerusalém, levantando-se de forma organizada contra o jugo romano. Mais de vinte mil judeus foram mortos só em Cesareia. Durante o período desta revolta (66 a 74), ou logo depois, estima-se que foi escrito o primeiro dos Evangelhos, o de Marcos, exceto por seu tratamento da ressurreição, uma adição posterior e espúria. Embora ele próprio não tenha sido um dos discípulos diretos de Jesus, Marcos parece ter vindo de Jerusalém. Se Marcos era nativo de Jerusalém, seu Evangelho, como afirma Clemente de Alexandria, foi escrito em Roma e endereçado a uma audiência greco-romana. Estando numa região em plena revolta e com judeus sendo crucificados em massa, Marcos nao poderia querer que seu Evangelho sobrevivesse sem tirar dos romanos qualquer culpa sobre a morte de Jesus ou apresentar este como um antirromano. Culpou, assim, alguns judeus pela morte do Messias.

Flavius Josephus registra, na *Guerra dos Hebreus Contra os Romanos*, o cometa Halley nos seguintes termos: "*Aquele povo infeliz ... fechou os olhos e*

os ouvidos para não verem nem ouvir os sinais seguros pelos quais Deus predissera sua ruína.” Registros chineses marcam a presença do cometa entre fevereiro e março. Pelos cálculos atuais, o Halley atingiu o periélio em 20 de fevereiro.

Judeus imigrantes influenciam a Igreja de Ephesus, evangelizada por Paulo em 54.

67 – Apolônio de Tiana nesta época desembarca em Gades (Cádis), na Espanha, onde permanece muito pouco tempo. Passou logo à África e à Sicília, cujas principais cidades visitou, assim como seus templos.

Assume o Bispo de Roma, Linus, mais tarde canonizado a santo, até 76.

68 – Morre Antenor III, chefe dos francos. Assume Ratherius, até 89.

> Na guerra que se seguiu à revolta dos judeus contra os romanos, o povo que vivia na comunidade em Khirbat Qumran foi expulso ou exterminado em 68 d.C.. Antes que os romanos chegassem, entretanto, os essênios esconderam sua biblioteca em jarros nas cavernas vizinhas. Toda evidência histórica, arqueológica e paleográfica (o estudo da escrita antiga) indica que os rolos foram copiados durante o 1º ou 2º século a.C. e o 1º século d.C.. Os rolos do Mar Morto foram escritos durante um dos mais decisivos períodos na história do povo judeu, às vésperas do nascimento da cristandade. Quando as dezenas de milhares de fragmentos de rolos tiverem sido juntadas e traduzidas os estudiosos terão uma grande quantidade de material para o estudo dos textos bíblicos e do povo que os escreveu, bem como para a história dos judeus após o século IV a.C.. Os rolos deram uma nova luz sobre os fundamentos da cristandade e a influência do judaísmo na fé cristã. (*Compton's Interactive Encyclopedia*, Dead Sea Scrolls)

Para mais detalhes sobre a comunidade de Qumran, vide 150 a.C. e 1947 d.C..

Apolônio de Tiana (65) regressa à Grécia. No Pireo, o filósofo faz vela para Chios, indo a Rhodes e logo a Alexandria, permanecendo algum tempo nesta cidade.

69, 9 de julho – Nero suicida-se.

69 – Apolônio de Tiana (66) encontra-se em Alexandria com o futuro imperador Vespasiano, que governará de 69 a 79. Apolônio logo sai por uma grande viagem pelo Nilo, até a Etiópia e as cataratas, visitando uma interessante comunidade de ascetas, vagamente conhecida por gimnosofistas.

Vespasiano assume o poder em Roma, até 79.

70, agosto – Destruição de Jerusalém e do Templo de Salomão por Roma[217], e dispersão dos judeus (diáspora), por ordem do imperador Titus. A partir daí os judeus foram proibidos de lá viver ou de visitar o local do templo. Entretanto, número suficiente de judeus sobreviveu para lançar a semente da revolta sessenta anos depois, em 132.

O Templo de Salomão foi saqueado e destruído, e o conteúdo do local “mais santo dos santos” (*Sanctum Sanctorum*) foi levado para Roma. Conforme descrição no arco triunfal de Titus, este conteúdo incluía o imenso candelabro de 7 pontas, tão caro ao judaísmo, e possivelmente a Arca do Pacto.

217 Wikipedia – destruição de Jerusalém

Figura 27: romanos saqueiam Jerusalém



Detalhe do Arco de Titus, em Roma, mostrando a procissão triunfal levando a Roma os despojos do Templo destruído, após o massacre de Jerusalém.

71, fevereiro – Apolônio de Tiana (68) entrevista-se com Titus (31), em Tarso. Apolônio, de regresso da Etiópia, entrega uma carta a Titus através de Damis. Quando Titus conquistara Jerusalém e a cidade se enchera de cadáveres, diz-nos Filostratos que os vencidos lhe ofereceram uma coroa, porém Titus não se considerou digno dela. Note-se a semelhança deste gesto de Titus com o que ocorrerá com Godfroi de Bouillon em 1099, quando após o massacre da cidade este também recusa a coroa de rei de Jerusalém por não considerar-se digno. Apolônio de Tiana, reconhecendo neste gesto a grandeza de Titus encaminha-lhe uma carta através de Damis, dizendo:

> Apolônio a Titus, o general romano, saudações. A ti porque não quisestes ser proclamado por teu triunfo e pelo sangue inimigo vertido, te concedo eu a coroa da moderação, posto que sabes porque alguém deve ser coroado. Adeus.

Tocado pela carta, Titus responde:

> Em meu próprio nome e no de meu pai (pois Titus dividia o poder com seu pai, Vespasiano), vos agradeço, e lembrarei disso. Pois eu conquistei Jerusalém, porém vós conquistastes a mim.
> (Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, Gredos, Madrid, 1979, p. 382)

72 a 81 – Apolônio de Tiana (69) vai novamente à região costeira do Egito e visita novamente a Fenícia, a Cilicia, a Jônia, a Aquea e a Itália. Aqui há uma lacuna de tempo muito grande onde faltam informações tanto de Damis como Filostratos, pois Apolônio deve ter feito muito mais coisas do que simplesmente foi relatado neste período.

74, 15 de abril – O massacre de Masada. Com ele termina a primeira revolta de Jerusalém contra o jugo romano. Masada, como Montségur em 1244, simboliza tenacidade, heroísmo e martírio em defesa de uma causa perdida. Assim como Montségur, Masada continuou a resistir muito após cessar toda a resistência.

> Depois de bombardeios com mecanismos pesados de cerco, os romanos instalaram uma rampa que lhes possibilitou quebrar as defesas. Na noite de 15 de abril, prepararam um assalto geral. Na mesma noite os 960 homens, mulheres e crianças dentro da fortaleza cometeram suicídio em massa. Na manhã seguinte, ao irromperem através do portão, os romanos

só encontraram cadáveres entre as chamas. O próprio Josephus acompanhou as tropas romanas que adentraram Masada na manhã de 16 de abril. Afirma ter testemunhado pessoalmente a carnificina. E afirma ter entrevistado três sobreviventes do desastre, uma mulher e duas crianças que supostamente se esconderam nos condutos sob a fortaleza, enquanto o restante das pessoas se matavam. Josephus relata que obteve desses sobreviventes uma narrativa detalhada do que acontecera na noite anterior. Segundo essa narrativa, o comandante da tropa era um homem chamado Eleazar – interessantemente, uma variação de Lázaro. E parece ter sido Eleazar quem, por sua eloquência persuasiva e carismática, levou os defensores à sombria decisão. (...) A história registra que Masada era defendida por militantes zelotes, e o próprio Josephus usa as palavras zelote e sicarii alternativamente. Ainda assim, as falas de Eleazar não são convencionalmente judaicas. Ao contrário, elas são sem dúvida essênias, gnósticas e dualistas:

> Desde que o homem primitivo começou a pensar, as palavras de nossos ancestrais e dos deuses, apoiadas pelas ações e pelo espírito de nossos antepassados, têm constantemente impresso em nós que a vida, não a morte, é a calamidade para o homem. A morte libera nossas almas e as deixa partir para seu próprio lar puro, onde desconhecem qualquer calamidade; mas, enquanto elas estão confinadas a um corpo mortal e partilham de suas misérias, na verdade estão mortas. Pois a associação do Divino com o mortal é a mais impura. Certamente, mesmo aprisionada ao corpo, a alma pode fazer muito: e faz do corpo seu próprio órgão dos sentidos, movendo-o invisivelmente e impelindo-o em suas ações, além do que pode atingir a natureza mortal. Mas quando liberada do peso que a arrasta à terra e suspensa acima dele, a alma retorna ao seu próprio lugar, e então, em verdade, partilha de um poder abençoado e de uma força verdadeiramente desacorrentada, permanecendo tão invisível aos olhos humanos quanto aos olhos do próprio Deus. Nem mesmo quando ela está no corpo pode ser vista; ela entra incógnita e parte desapercebida, possuindo ela própria uma natureza indestrutível, mas causando mudança no corpo; pois o que quer que a alma toque revive, desabrochando, e o que quer que ela deserte, fenece e morre, tal a superabundância que ela tem de imortalidade.

E novamente:

> São homens de verdadeira coragem aqueles que, considerando sua Vida um tipo de serviço que devemos render à natureza, submetem-se sem relutância e apressam-se em libertar suas almas de seus corpos; e, embora nenhuma desgraça os pressione ou os expulse, o desejo da vida imortal os impele a informar seus amigos que eles partirão.

(extraído de Josephus, *Jewish War*, p. 387; Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 316–317)

Como lembram Baigent et alii, esse discurso é muito estranho ao judaísmo ortodoxo, no qual não é mencionada uma alma, muito menos imortal ou indestrutível. Conceitos como esses não pertencem à corrente principal do pensamento e da tradição judaicos. Da mesma forma ocorrre com a ideia da supremacia do espírito sobre a matéria, a união com Deus na morte e a condenação da vida como má. Derivam claramente de uma tradição ocultista. São essencialmente gnósticas ou dualistas. Ou, em se tratando de uma revolta judia em Masada, evidenciam-se como essênias. É evidente que a revolta de 66–74 d.C. contou com numerosos "cristãos" lutando lado a lado com os judeus contra o jugo romano. Já temos, mesmo, razões de sobra para considerar alguns dos primeiros cristãos como sendo originários dos zelotes, sendo bastante provável que alguns deles estivessem em Masada. Se

Josephus alguma vez sugeriu algo nesse sentido, a zelosa censura certamente cuidou de suprimir. Por sinal, é de se estranhar que Josephus não tenha sequer se referido a Jesus em sua história dos judeus do século I. Edições posteriores ao trabalho do historiador mencionam Jesus, mas são desprezadas por estudiosos modernos pela ortodoxia nitidamente enxertada pela Igreja Romana a mando de Constantino. No século XIX, no entanto, descobriu-se, na Rússia, uma edição única do trabalho do historiador que ficou conhecida por "Josephus Eslavônico"[218], um raro sobrevivente da chacina cultural promovida por Constantino e Diocleciano. Era uma versão para o antigo russo da obra de Flavius Josephus, datando de cerca de 1261.

Baigent, Leigh e Lincoln (op. cit.) ponderam razoavelmente quanto à autenticidade da obra uma vez que, pela apresentação de Jesus como um rei de fato, e não um Messias, a obra aparentemente não agradaria nem aos judeus nem aos cristãos do século XIII. Nela é mencionado Jesus de uma forma muito mais próxima à apresentada pelas chamadas heresias, mais como humano ou revolucionário político que como um "rei que não reinou". Por outro lado, o caráter cristão do texto torna pouco provável sua autoria por um judeu. Jesus teria, também, "*uma linha no meio de sua cabeça, ao modo dos nazarenos*." Esta pode ser uma referência ao corte de cabelo de Jesus, dividido ao meio, conforme o costume da época. Seus longos cabelos lembram, inequivocamente, a dinastia de Sansão e dos merovíngios, os "reis de cabelos longos". Se a versão deste "Josephus Eslavônico" é verdadeira ainda há controvérsias, mas tudo leva a crer que sim. Parece realmente uma obra que escapou das mãos de Constantino. Origen, padre da Igreja e discípulo de Clemente de Alexandria, no início do século III referiu-se a uma versão de Josephus negando a qualidade de Messias em Jesus.

75 – A partir desta data estima-se que foi fundada a cidade de Nazaré[219], que sequer foi mencionada antes por qualquer cronista, nem mesmo pelo maior da época, Flavius Josephus. Não constava de mapas romanos, documentos ou registros, nem é mencionada no Talmud. Sequer é citada por São Paulo, que escreveu antes dos Evangelhos. Muito menos ainda estava associada a Jesus.

76 – Assume o bispo de Roma Anacletus (Cletus), mais tarde canonizado a santo, até 88.

79 – Pompeia e Herculano são destruídas ao pé do monte Vesuvius. Já existiam cristãos nestas cidades nesta época.

80 – Data aproximada que estima-se tenha sido escrito o Evangelho de Lucas. Lucas parece ter sido um médico grego que compôs seu trabalho para um oficial romano do alto escalão, em Cesareia, a capital romana da Palestina. Também para Lucas, a exemplo de Marcos, foi necessário acalmar e apaziguar os ânimos, transferindo a culpa para outro lugar.

81 – Domiciano assume como Imperador Romano.

82, 27 de julho – Segundo tradições em torno da abadia de Glastonbury, José de Arimateia teria sido sepultado nesta data, perto de Wattle Church, a "pequena capela" erguida por Jesus com suas próprias mãos. Pouco tempo antes de morrer, José teria decidido enterrar o Vaso Sagrado ao pé de uma torre, sob a colina que traz ainda o nome de *Chalice Hill*, perto do "Poço do Cálice", cuja

218 Wikipedia – Slavonic Josephus, documento com muitas interpolações e omissões em relação às outras cópias.

219 Wikipedia – Nazareth נָצְרַת *Natzrat* (hebreu), Ναζαρέτ, ἡ (grego). Pelos registros arqueológicos na antiguidade era um pequeno vilarejo. Ver também artigo em Biblehub.

água teria servido para batizar os primeiros cristãos. José de Arimateia teria, portanto, sido enterrado perto do sítio que ia dar origem, no século XIII, à famosa abadia de Glastonbury, graças à vontade de Henrique II, o Plantageneta, e de Eleanor d'Aquitaine.

O enterro de José foi descrito por Melchin, que escreveu em torno do ano 560:

> Os discípulos … morreram em sucessão e foram sepultados no cemitério [na ilha de Avalon]. Entre eles, José de Marmore, chamado de Arimateia, recebe o sono perpétuo e descansa na linha bifurcada perto do canto sul do oratório, que é feito de barreiras de varas.

83 – As Sibilas eram seres semi-divinos que estavam aptos para prever eventos futuros, possuidoras de poderes proféticos concedidos a elas por Apolo. Na Grécia e nos países orientais, as mais famosas Sibilas são as que remontam de Marpessus ou *Hellespontica*, que viveu no Monte Ida (sudoeste de Troia), a Sibila *Erythraea* de Ionia (Ásia Menor), e especialmente a Sibila *Delphica* (de Delphos), que expulsou a primeira Pythia, sacerdotisa de Apolo. Com os romanos, a Sibila *Tiburtina* era muito bem conhecida, mas era a Sibila *Cumana* (de Cuma) que se tornou o grande oráculo oficial dos patrícios até o início do Império Romano. Através dos séculos perdurou tal profusão de profecias sibilinas que sacerdotes especializados foram até Roma para estudar as diferentes versões e encontrar, no Templo de Júpiter no Monte Capitolino, soluções para problemas difíceis. Todos os documentos foram destruídos durante o fogo no Capitolino em 83 a.C., mas o Senado assegurou que uma nova coleção fora estabelecida com base na informação oriunda da pesquisa estilística realizada na Itália, Grécia e África. A acumulação de tantos oráculos compeliu Augustus a fazer uma seleção, queimando mais de 2000 volumes e revisando aqueles que iam permanecer. A influência dessas profecias era ainda sentida sob os primeiros imperadores cristãos.

85 – Época estimada da composição do Evangelho de Mateus. Mais da metade do Evangelho de Mateus deriva diretamente do de Marcos, embora este tenha sido originalmente composto em grego e reflita características especificamente gregas. O autor parece ter sido um judeu refugiado da Palestina. Não deve ser confundido com o discípulo Mateus, que viveu muito antes e que, provavelmente, só falava o aramaico.

88 – Assume o Bispo de Roma Clemente I, mais tarde canonizado a santo, até 97.

89 – Morre Ratherius, chefe dos francos. Assume Richimer I, até 113.

92 – Apolônio de Tiana está em Smyrna.

93 – Processo de Apolônio de Tiana. Assim como o fizera quando se opusera a Nero, Apolônio, mesmo sabendo das atrocidades do imperador Domiciano, em vez de afastar-se vai do Egito à Grécia, embarca em Corinto, vai à Sicília e a Puzal, e daí a Roma. Neste ano é julgado e absolvido. De Puzal retorna à Grécia, onde fica dois anos. Mais uma vez atravessa a Jônia e visita Smyrna, Éfeso e alguns outros lugares prediletos seus.

96 – O imperador romano Domiciano é assassinado. Ao meio-dia, em Éfeso, enquanto Domiciano era assassinado em Roma, Apolônio de Tiana (93) estava discursando para uma multidão quando subitamente parou, baixou a voz, como que atemorizado, e logo prosseguiu sua explicação, se bem que lhe faltava a clareza que lhe era própria. Parecia distraído com algo que via. Depois se calou, como que perdendo o fio do discurso, dirigiu um terrível olhar ao solo e, avançando três ou quatro passos desde a tribuna, disse: "*golpeia ao tirano, golpeia-o!*", como se estivesse participando da cena vivamente. Éfeso

ficou atônita, pois toda ela estava presente ao discurso. Após aguardar um momento de expectativa, disse: “*Ânimo, senhores, pois o tirano foi assassinado hoje! Que digo hoje? Agora mesmo, por Atenea, agora mesmo, no momento em que calei em meu discurso!*” Os efésios achavam que tinha ficado louco, e ainda que desejassem que fosse verdade, temiam o perigo que corriam ao prestar-lhe ouvidos. Apolônio diz:

> Não me estranha que ainda não aceiteis uma notícia que nem sequer conhece ainda Roma inteira. Porém já sabe, pois já está se estendendo. São de mil já os que lhe dão crédito, salta de alegria o dobro, e quádruplo, todo o povo! Chegará a notícia também aqui, assim que postergai os sacrifícios por este motivo até o momento oportuno em que vos anunciarão. Eu vou dar graças aos deuses pelo que vi.
>
> (Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, pp. 512–513)

E tudo ocorreu exatamente como Apolônio o vira, e na mesma hora. Trinta dias depois Apolônio recebe uma carta de Nerva, que assumira o poder, convidando-o para ser seu conselheiro, pois com isto conservaria o poder com mais facilidade. Apolônio lhe contestou, em seguida, com uma afirmação: “*Estaremos juntos, imperador, mutíssimo tempo, durante o qual nem mandaremos sobre ninguém, nem ninguém sobre nós*.” Apolônio se referia ao fato de que ele não estaria presente fisicamente em breve, e que Nerva também não. De fato, o imperador permaneceu no poder 1 ano e 4 meses, morrendo em 27 de janeiro de 98. Apolônio envia Damis com um pretexto a Roma, para entregar urna carta a Nerva, e desaparece.

97 – Assume o Bispo de Roma Evaristus, mais tarde canonizado a santo, até 105.

Em torno desta data estima-se a morte de Apolônio de Tiana (94).

SÉCULO II d.C.

100 – Data provável da composição do Evangelho de João. Nada se sabe sobre seu autor. Não existem razões para se supor que seu nome tenha sido João. Com exceção de João Batista, o nome João não é mencionado em nenhuma passagem do Evangelho, o último do Novo Testamento. Composto nas vizinhanças de Éfeso, na Turquia, o nome de seu autor é geralmente aceito como uma posterior tradição. O estudo detalhado por especialistas reporta a este Evangelho uma tradição mais primitiva e independente que os outros Evangelhos, apesar de ser o último a ser dado conhecimento. É de opinião geral que esse é o mais fidedigno dos livros do Novo Testamento, apesar das alterações e expurgos que sofreu, a exemplo dos outros Evangelhos.

Os povos teutônicos começam a se mover para fora do norte europeu, começando a tomar conta do Império Romano. O primeiro destes povos foi os visigodos (West Goths, ou Deuses do Ocidente). De onde eles vieram primeiro não é exatamente conhecido. De acordo com seu folclore, seu povo uma vez vivia muito distante ao norte, nas terras e ilhas onde hoje está a Suécia (seria Thule ou Hiperbórea?). Após muito tempo, lentas levas de godos, através das florestas do oeste russo, os levaram até as margens do Mar Negro. Em 100 anos de contato com os romanos aprenderam muitas coisas, especialmente a religião cristã.

100 a 300 – Época em que foi supostamente escrito o *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto, segundo os especialistas modernos, a partir da análise do estilo da escrita. Trata-se de um dos mais profundos, herméticos e ao mesmo

tempo acessíveis documentos do ocultismo ocidental. Sua leitura, por si só, quase que sintetiza todo o pensamento gnóstico, pitagórico e iniciático da antiguidade. A natureza da Unidade e do Binário manifestados, que tantas guerras geraram, aparece neste conciso diálogo de Hermes com Asclépius numa simples e profunda explanação sobre a Hierarquia Divina. Aqui Hermes identifica a pureza Celeste não degradada na manifestação, elevando à condição de divindade os humanos (e não apenas Jesus!) manifestados que, através da substância divina que carregam consigo, puderem tocar e calcular o Alto:

> Realmente nenhum dos deuses celestes deixará a fronteira do céu e descerá sobre a terra; o homem, contrariamente, se eleva até ao céu e o mede, e sabe o que está em cima no céu, o que está embaixo, e aprende todo o resto com exatidão e, maravilha suprema, não precisa deixar a terra para se estabelecer no alto, tão longe se estende seu poder! É preciso então ousar dizê-lo, o homem terrestre é um deus mortal, o deus celeste um homem imortal. É também por intermédio dessa dupla, o mundo e o homem, que as coisas existem, mas foram produzidas pelo Um. (Hermes Trismegisto, *Corpus Hermeticum* – Tratado X, Ed. Hemus, S. Paulo, p. 52)

E mais adiante, no *Livro Dedicado a Asclépius*, por Hermes, vemos a triste previsão de Hermes das trevas que se abateriam sobre o espírito humano com a chegada dos sofistas materialistas disfarçados em teólogos:

> Desta forma, os homens que virão depois de nós, enganados pela astúcia dos sofistas, deixar-se-ão apartar da verdadeira, pura e santa filosofia. Adorar a divindade com um coração e uma alma simples, venerar as obras de Deus, louvar a vontade divina, que é a única a estar infinitamente plena de bem, tal é a filosofia não maculada por nenhuma maligna curiosidade do espírito. (Hermes Trismegisto, *Corpus Hermeticum* – Tratado X, p. 98)

Anterior a esta época mas geralmente publicada conjuntamente é a célebre obra de Hermes de nome Tábua de Esmeralda[220]. Segundo Eliphas Levi:

> Nada excede nem iguala como resumo de todas as doutrinas do velho mundo as poucas sentenças gravadas sobre uma pedra preciosa por Hermes e conhecida sob o nome de *Tábua de Esmeralda*; a unidade do ser e a unidade das harmonias, quer ascendentes, quer descendentes, a escala progressiva e proporcional do Verbo; a lei imutável do equilíbrio e o progresso proporcional das analogias universais, a relação da ideia do Verbo dando a medida da relação entre o criador e o criado; as matemáticas necessárias do infinito, provadas pela medida de um só canto do finito; tudo isto é expresso por esta só proposição do grande hierofante egípcio. (...) A *Tábua de Esmeralda* é toda a Magia em uma só página.
> (Eliphas Levi, *História da Magia*, Pensamento, São Paulo, 1984, pp. 73–74)

E segue o conteúdo da Tábua de Esmeralda:

> É verdadeiro, completo, claro e certo. O que está embaixo é como o que está em cima, e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa. Ao mesmo tempo, as coisas foram e vieram do Um, desse modo as coisas nasceram dessa coisa única por adoção. O Sol é o Pai, a Lua é a Mãe, [o vento trouxe no ventre,] a Terra é sua ama; o telesma[221] do mundo está aqui. Seu poder não tem limites [se é convertido em] na Terra. Separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, docemente com grande indústria. Sobe da Terra para o céu e desce

220 Wikipedia – Tábua de Esmeralda, pequeno texto críptico. A fonte mais antiga é uma obra árabe séc 8º
221 Há várias interpretações para esta palavra: perfeição, segredo, talisman, completo, maravilhas, etc. O original árabe é الطلسمات tilasmāt = talismans (plural) < τέλεσμα

> novamente à Terra e recolhe a força das coisas superiores e inferiores. Desse modo, obterás a glória do mundo e as trevas se afastarão. É a força de toda força, pois vencerá a coisa sutil e penetrará na coisa espessa. Assim o mundo foi criado. Esta é a fonte das admiráveis adaptações aqui indicadas. Por esta razão fui chamado de Hermes Trismegisto, pois possuo as três partes da filosofia universal. O que eu disse da Obra Solar é completo.
> (Hermes Trismegisto, *Corpus Hermeticum* – Tábua de Esmeralda, p. 126)

105– Assume o Bispo de Roma Alexandre I, mais tarde canonizado a santo, até 115.

110 – Começa a pregação do bispo de Antioquia, Ignatius, que estava para ser executado em Roma. De Hierapolis (cidade entre a Phrygia e Caria) foi para Smyrna (logo ao norte de Ephesus e Ionia), Pergamum, Troas e penetra na Thracia, saindo da Ásia Menor e seguindo uma rota ao norte da península do Peloponeso até a Itália.

111 a 112 – O jovem Plínio persegue os cristãos de Bithynia e Pontus (região norte da Ásia Menor, ao sul do Mar Negro ou Pontus Euxinus). Do Pontus, região de culto confesso mitraico ou solar, originou-se o cristianismo bardesanita, de filosofia semelhante à dos marcionitas.

113 – Morre Richimer I, rei dos francos. Assume Odomar, até 127.

115 – Assume o Bispo de Roma Sixtus I (ou Xystus), mais tarde canonizado a santo, até 125.

120 a 130 – Período em que escreveu Basilides[222], o terceiro maior herege e talvez o mais intrigante. Seguiu-se após Menander, este continuador do gnosticismo de Simão. Versado tanto nas leituras hebraicas quanto cristãs, também mergulhava nos pensamentos egípcio e helenístico. Teria escrito nada menos que 24 comentários sobre os Evangelhos e, segundo Ireneu, publicou a mais odiosa das heresias. Basilides afirmava a crucificação como uma farsa. Para ele, Jesus não morrera na cruz, mas fora substituído por Simão de Cyrene, que tomou seu lugar. Até o século VII o Corão manteve precisamente o mesmo argumento: um substituto, tradicionalmente Simão de Cyrene, tomara o lugar do Messias na cruz. Dos manuscritos de Nag Hammadi temos o *Segundo Tratado do Grande Seth*, onde Jesus é descrito precisamente como aparece na heresia de Basilides. No extrato que segue, Jesus fala referindo-se ao teatro encenado e salientando que ele não poderia ser humilhado pela ignorância deles, pela sua descendência, seus parentes. Este incrível depoimento do nazareno comprova sua preocupação com seus parentes e seu destino, pois como veremos esses serão os responsáveis pela propagação do verdadeiro cristianismo através da saga do Graal e da religião cátara:

> Eu não sucumbi a eles, como eles planejaram. Mas eu não estava aflito de modo algum. Aqueles que estavam lá me puniram. E eu não morri na realidade, mas em aparência, para não ser humilhado por eles, porque esses são meus parentes. Eu removi a vergonha de mim e não me tornei covarde diante do que aconteceu a mim nas suas mãos. Eu estava a ponto de sucumbir ao medo, e sofri segundo o espetáculo e ideia deles, a fim de que eles nunca possam achar qualquer palavra para falar sobre eles. Pois minha morte, que eles pensam ter acontecido, (aconteceu) a eles em seu erro e cegueira, uma vez que eles pregaram o homem deles na morte deles. (...) Mas fazendo essas coisas, eles condenaram a si mesmos. Sim, eles me viram; eles me puniram. Foi outro, o pai deles, que bebeu a bile e o vinagre; não era eu. Eles me atingiram com a lança; foi outro, Simão,

222 Wikipedia – Basilides Βασιλείδης, professor de religião em Alexandria

> que carregou a cruz em seus ombros. Foi outro sobre quem eles colocaram a coroa de espinhos. Mas eu estava me regozijando no alto sobre toda a fortuna dos archons e os filhos do seu erro, da sua glória vazia. E eu estava rindo da ignorância deles.
>
> (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library – The Second Treatise of the Great Seth*, Harper & Row Publ., NY, 1981, p. 332)

125–Assume o Bispo de Roma Telesphorus, mais tarde canonizado a santo, até 136.

127 – Morre Odomar, chefe dos francos. Assume Marcomir IV, até 148.

132 – Nova revolta de Jerusalém contra o jugo romano. Novo massacre, que durará até 135.

135 – O imperador Adriano (76–138), que reinou a partir de 117, ordena que todos os judeus sejam expulsos da Judeia por lei, tornando Jerusalém uma cidade essencialmente romana. Construiu uma nova cidade sobre as ruínas, chamada de Aelia Capitolina, colocando os deuses romanos. O layout geral da cidade ainda hoje pode ser observado.

136 – Nasce o judeu Valentinus[223] (136–165), em Alexandria, um dos mais importantes dos primeiros hereges cristãos. Extremamente influente em sua época, contava com homens como Ptolomeu entre seus seguidores. Continuou a obra de Basilides. Declarava possuir um corpo de "ensinamentos secretos" de Jesus, recusando-se a se submeter à autoridade romana. Afirmava que a *gnose* tinha precedência sobre qualquer hierarquia externa. Os valentinianos estavam entre os alvos mais visados por Ireneu[224], o grande caçador de hereges, que denominava a Valentinus "chefe do gnósticos". Este fato mostra a importância da seita mesmo séculos após a morte de Valentinus. Contemporâneos dos valentinianos eram os marcionitas.

Assume o Bispo de Roma Hyginus, mais tarde canonizado a santo, até 140.

138 – Morre Basilides, o grande gnóstico. Valentinus será o grande continuador de sua obra.

140 – Assume o Bispo de Roma Pius I, mais tarde canonizado a santo, até 155.

Marcion[225], um dos maiores hereges, chega a Roma. Rico magnata da navegação e bispo, foi excomungado quatro anos depois. Fazia uma radical distinção entre lei e amor, que associava com o Velho e o Novo Testamento, respectivamente. Algumas dessas ideias emergiram mil anos depois em romances como o *Perlesvaus*. Foi o primeiro a compilar uma lista canônica de livros bíblicos, que excluía totalmente o Velho Testamento. Em resposta, Ireneu compilou sua lista canônica, base para a Bíblia atual. A seita cristã dos marcionitas era de origem persa, ligada aos magos caldeus e à sua doutrina solar.

141 – Registro chinês da passagem do cometa Halley.

148 – Morre Marcomir IV, chefe dos francos. Assume seu filho com Athildis, Clodomir IV, até 165.

150 – Nasce Clemente de Alexandria[226]. Nada é dito sobre sua procedência. Parece claro que era pagão, principalmente pela sua extrema familiaridade com muitos destes cultos. Viajou por muitas terras e povos, aprendendo muito de muitos instrutores, os quais certamente eram cristãos, dados seus elogios a eles. O último deles, que certamente encontrou no Egito, provavelmente foi

223 Wikipedia – Valentinus, cristão gnóstico egípcio, fundou sua escola em Roma.
224 Wikipedia- Ireneu de Lyon, bispo e teólogo grego, combateu o gnosticismo e definiu a ortodoxia cristã.
225 Wikipedia – Marcion de Sinope, considerado herege pelos Pais da Igreja.
226 Wikipedia – Clemente de Alexandria, teólogo e filósofo cristão, considerado um dos Pais da Igreja.

Pantaenus, o chefe da Escola Catequética de Alexandria. Tornou-se presbítero da Igreja e ficou em Alexandria por mais de vinte anos, sucedendo Pantaenus no comando.

155 – Assume o Bispo de Roma Anicetus, mais tarde canonizado a santo, até 166.

165 – Morre Valentinus (136–165), um dos mais importantes primeiros hereges. Morre Clodomir IV, chefe dos francos. Assume Farabert, até 185.

166 – Assume o Bispo de Roma Soter, mais tarde canonizado a santo, até 175.

175– Assume o Bispo de Roma Eleutherius, mais tarde canonizado a santo, até 189.

180 – O bispo de Antioquia menciona a existência do Evangelho de Pedro, narrando a amizade íntima de José de Arimateia com Pilatos. O Evangelho de Pedro[227] também narra que a tumba onde Jesus foi enterrado situa-se num local chamado "o jardim de José".

Esta época marca o início da cristalização da ortodoxia católica. Com uma antecedência de quase dezoito séculos, um verdadeiro sistema comunista foi engendrado para uniformizar os pensamentos, estabelecer dogmas e suprimir informações discordantes dos dogmas idealizados. Calcado em paradigmas básicos que davam sustentáculo ao edifício teológico, o mundo começaria a conhecer, definitivamente, a maior de todas as dominações: a do pensamento. Com esse precedente abriu-se caminho para uma série de movimentos radicais que assolarão o pensamento e a vida ocidental até os dias de hoje. Baigent et alii, na citada obra *O Santo Graal e Linhagem Sagrada*, sintetizam este triste capítulo da história. O grifo abaixo é nosso, pois destaca a base da busca de todos os movimentos efetivamente espirituais no ocidente, abrindo caminho inclusive para filosofias milenares orientais cada vez mais difundidas como o taoísmo, o hinduísmo e o budismo:

> A adaptação a uma audiência romana, o endeusamento de Jesus e o retrato dos judeus como bodes expiatórios asseguraram o sucesso da disseminação do que se tornou depois a ortodoxia cristã. A posição dessa ortodoxia começou a se consolidar definitivamente no século II, principalmente através de Ireneu, bispo de Lyon [Lugdunum], por volta de 180. Provavelmente mais do que qualquer outro padre da Igreja, Ireneu se dedicou a dar uma forma estável e coerente à teologia cristã. Conseguiu isto através de um volumoso trabalho: *Libros Quinque Adversus Haereses*[228] (Cinco livros contra heresias) Em seu exaustivo *opus*, Ireneu catalogou todos os desvios da ortodoxia e os condenou veementemente. Deplorando a diversidade, ele sustentava que só podia existir uma Igreja válida, fora da qual não haveria salvação. Quem desafiasse essa afirmação era considerado herético, deveria ser expulso e, se possível, destruído. Entre as diversas e numerosas formas do cristianismo inicial, o gnosticismo incorria na ira mais injuriosa de Ireneu. O gnosticismo repousava na experiência pessoal, na união pessoal com o divino. Para Ireneu, isto minava a autoridade de padres e bispos, dificultando a imposição de uniformidade. Em consequência, ele devotou suas energias à supressão do gnosticismo. Para isso, era necessário desencorajar a especulação individual e encorajar a fé, sem questionamentos, em um dogma fixo. Fazia-se necessário um sistema teológico, uma estrutura de doutrinas codificadas que não pudessem ser interpretadas pelo indivíduo. Em oposição à experiência pessoal e gnose, Ireneu insistia em uma Igreja "Católica" (isto é, universal) baseada em fundação apostólica e em sucessão. Para implementar a criação de tal Igreja, Ireneu reconhecia a necessidade de um cânone ~~divino~~ definitivo, uma lista de escritos, fixos e

227 Wikipedia – Evangelho de Pedro, redescoberto em 1886 no Egito

228 Wikipedia – Contra Heresias, escrito em grego.

> autoritários [autoritativos]. Assim, compilou tal cânone, utilizando trabalhos disponíveis, incluindo alguns, excluindo outros. Ireneu é o primeiro escritor cujo cânone do Novo Testamento condiz essencialmente com o atual. Tais medidas, é claro, não impediram a disseminação de heresias. Pelo contrário, elas continuaram a florescer. Com Ireneu, no entanto, a ortodoxia – o tipo de cristianismo promulgado pelos "seguidores da mensagem" – assumiu uma forma coerente que assegurou sua sobrevivência e, finalmente, seu triunfo. É razoável afirmar que Ireneu calçou o caminho para o que ocorreu durante e imediatamente depois do reino de Constantino, sob cuja égide o Império Romano se tornou, de certo modo, um império cristão.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 305–306)

180 – Por volta desta data Clemente de Alexandria tornou-se presbítero da Igreja de Alexandria, lecionando em Alexandria por mais de vinte anos e sucedendo Pantaenus como chefe da Escola Catequética de Alexandria. Clemente se referia a Pantaenus como o "primeiro em poder" de todos os "abençoados e memoráveis homens" com os quais ele falou "plenas e vivas palavras". Foi com Pantaenus, em Alexandria, que suas peregrinações encerraram, fixando-se ali e tornando-se eminente bispo da cristandade, até a expulsão pelos romanos em 202. Certamente foi neste período, de 180 a 202, que Clemente recebeu uma carta de um tal Theodore, que reclamava da seita gnóstica dos ~~carprocianos~~[229] carpocracianos. O texto foi encontrado pelo professor Morton Smith, da Universidade de Colúmbia, em 1958, num monastério próximo a Jerusalém.[230] Tratava-se de uma carta contendo um fragmento inédito do Evangelho de Marcos. No texto, Clemente instrui seu discípulo a mentir, negar a verdade sob juramento, ocultando a todo custo qualquer informação sobre a existência de um Evangelho secreto confiado à igreja de Alexandria. Ao que parece, os ~~carprocianos~~ carpocracianos estavam interpretando passagens do Evangelho de Marcos segundo seus próprios princípios, discordando da posição de Clemente e Theodore. Theodore reclama junto a Clemente e recebe deste uma resposta. A carta encontrada pelo professor Smith é a resposta de Clemente ao seu discípulo:

> Você fez bem em silenciar os indescritíveis ensinamentos dos ~~carprocianos~~ carpocracianos, pois estes são as "estrelas errantes" da profecia, que se desviam da estreita estrada dos mandamentos para um abismo sem fronteiras de pecados carnais. Pois, orgulhando-se de seu conhecimento, como eles dizem, "das profundas [coisas] de Satã", eles não sabem que estão se jogando no "baixo mundo da escuridão", da falsidade, e vangloriando-se de serem livres, eles se tornam escravos de desejos servis. Tais [homens] devem ser combatidos de todas as maneiras e completamente. Pois, mesmo que eles digam alguma verdade, quem ama a verdade não deve, mesmo assim, concordar com eles. Pois nem todas as verdadeiras [coisas] são a verdade, nem deveria aquela verdade que [meramente] parece verdadeira, segundo opiniões humanas ser preferida à verdade absoluta, aquela da fé. [carta de Clemente a Theodore]
>
> Trata-se de uma afirmação extraordinária para um padre. De fato, Clemente está dizendo nada menos que "se seu oponente estiver dizendo a verdade, você deve negá-la e mentir para refutá-lo." Mas isto não é tudo (...):
>
> [Quanto a] Marcos, então, durante a estada de Pedro em Roma, ele escreveu [uma narrativa sobre] os feitos do Senhor, sem contudo declarar todos, nem ainda insinuar os secretos, mas selecionando aqueles que ele pensou mais úteis para aumentar a fé dos que estavam sendo instruídos. Mas quando Pedro morreu como

---

229 Na verdade *carpocracianos*, de Carpocrates, fundador de uma seita gnóstica.
230 Wikipedia – Carta de Mar Saba, documento que posteriormente foi extraviado.

> um mártir, Marcos veio a Alexandria, trazendo suas notas e aquelas de Pedro, das quais ele transferiu para seu livro anterior as coisas adequadas ao que quer que leve ao progresso na direção do conhecimento [gnose]. [Então] ele compôs para uso um Evangelho mais espiritual que aqueles que estavam sendo aperfeiçoados. Entretanto, ele não divulgou as coisas que não deveriam ser pronunciadas, nem escreveu os ensinamentos **hierofânticos** do Senhor, mas às histórias já escritas ele adicionou outras e, além disso, trouxe alguns dizeres dos quais ele sabia que a interpretação guiaria os ouvintes até os mais recônditos santuários da verdade oculta pelos sete [véus]. Então, em suma, ele pré-arranjou assuntos, nem de má vontade nem de forma incauta, em minha opinião, e, ao morrer, ele deixou sua composição na igreja de Alexandria, onde ela é ainda mais cautelosamente guardada, sendo lida somente por aqueles iniciados nos grandes mistérios. Mas como os loucos demônios estão sempre planejando destruição para a raça humana, Carpocrates, instruído por eles e utilizando-se de artes malévolas, escravizou um certo presbítero da igreja de Alexandria de tal modo que conseguiu uma cópia do Evangelho secreto, que ele interpretou segundo sua doutrina blasfema e carnal e, além disso, poluiu misturando palavras límpidas e sagradas com vergonhosas mentiras.

Assim, Clemente reconheceu livremente que existe um autêntico evangelho secreto de Marcos. E instruiu Theodore a negá-lo:

> Àqueles [os ~~carprocianos~~ carpocracianos], desta forma, como eu disse antes, não se deve dar trégua jamais. Quando eles lançam suas falsificações, não devemos conceder que o Evangelho secreto é o de Marcos, mas devemos sempre negá-lo sob juramento. Pois nem todas as verdadeiras [coisas] devem ser ditas a todos os homens. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., pp. 263–265)

O texto original acima referido está no ano 35, no tópico referente a Lázaro.

185 – Morre Farabert, chefe dos francos. Assume Sumo, até 213.

189 – Assume o Bispo de Roma Victor I, mais tarde canonizado a santo, até 199.
199– Assume o Bispo de Roma Zephyrinus, mais tarde canonizado a santo, até 217.

SÉCULO III d.C.

202 – O bispo Clemente de Alexandria, sob a perseguição de Severus, deixa Alexandria para não mais voltar.

205 – Nasce Plotinus (205–263)[231] em Lycopolis, ~~Roma~~ Egito, de uma família abastada.

211 – Neste ano, Clemente de Alexandria foi o portador de uma carta de Alexandre, mais tarde bispo de Jerusalém, para a igreja de Antioquia. Alexandre, junto com Origen, foi um fervoroso discípulo de Clemente. Não muito tempo depois da carta morre Clemente.

213 – Plotinus frequenta um *grammatodidaskalos*[232], onde aprende a escrita, leitura e o cálculo.

Morre Sumo, chefe dos francos. Assume Hilderic, até 253.

214 – Nasce Mani[233], perto de Bagdad, de uma família ligada à casa real persa, ligada, portanto, ao culto solar de Zoroastro. Foi o fundador da doutrina maniqueísta. Quando jovem, foi introduzido por seu pai numa seita mística, provavelmente gnóstica, que enfatizava a ascese e o celibato, praticava o batismo e usava roupas brancas.

217 – Assume o Bispo de Roma Calixtus I, mais tarde canonizado a santo, até 222.

231 Wikipedia – Plotinus Πλωτῖνος. filósofo helenista (neoplatônico).
232 Mestre. *Gymnastics of the Mind: Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt*, pg. 51
233 Wikipedia – Mani (Μάνης / Manes) (216–276), profeta, fundador do maniqueísmo.

218 – Registro chinês da passagem do cometa Halley, desde 14 de abril.
222 – Assume o Bispo de Roma Urbano I, mais tarde canonizado a santo, até 230.

224 – Inicia a dinastia sassânida[234], na Pérsia, até 651. A dinastia anterior, dos selêucidas, promovera um certo sincretismo e tolerância com a cultura grega dos selêucidas. Com os sassânidas inaugurou-se uma era de intolerância religiosa pouco característica do zoroastrismo. Os partas, anteriores aos sassânidas (247 a.C. – 224 d.C.), caracterizavam-se por um masdeísmo esclarecido, permeando-se com as culturas e divindades babilônicas, hebraicas, romanas, cristãs e gregas. Pela primeira vez a intolerância religiosa via seus dias no império iraniano.

Os sassânidas originaram-se do grande sacerdote de Anahita, Sassan. Seu filho, Papak, casou-se com a filha de um soberano local, tomando-lhe o poder em 208. O filho de Papak, Ardashir Papakan, dominou os príncipes e coroou-se em Pasárgada em 226. Foi favorável aos magos, determinando a reunião de todo pensamento do Avesta. Delegou ao grande herbad, Tansar, a tarefa de reunir todas as escrituras dispersas. Na realidade, o que se iniciou foi o pleno domínio de uma teocracia fundamentada pelos sacerdotes, num caminho semelhante ao que fora seguido por seus predecessores monoteístas cristãos. O resultado foi a intolerância religiosa, a lei do dogma e a perseguição aos pensamentos divergentes como forma de unificação do estado. Desde Cambises os magos (mobads) ambicionavam esta supremacia teocrática.

> Antigamente, a comunidade zoroástrica situava-se sob o *Zarathushtrotema*, o mais semelhante a Zoroastro, abaixo dos athravans e dos herbads. Mas desde então os mobads celebram também o culto do fogo, sendo Shiz (Azerbaidjão) o seu santuário, e eles dominam hierarquicamente os herbads, que eram sacerdotes do fogo de Anahita em Istakhr, mas que doravante vão principalmente dedicar-se ao ensino nos seminários. A instituição de uma Igreja do Estado, colocada sob a autoridade de um pontífice legiferante dos cultos iranianos, era inédita no Irã. Infelizmente é deste ponto de vista severo de um zoroastrismo revisto e corrigido pelo sacerdócio dos magos intolerantes que passamos a apreciar esta antiga religião.
> (Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, Ibrasa, S. Paulo, 1987, p. 115)

230 – Assume o Bispo de Roma Pontianus, mais tarde canonizado a santo, até 235.

233 – Plotinus, aos 28 anos, desperta para sua vocação filosófica graças a uma revelação que tivera ao contatar com o platônico Ammonius, em Alexandria.

234 – Nasce Porfírio[235], um dos maiores neoplatônicos, em Tiro, na Fenícia. Chamava-se Malco, e era filho de família nobre. Destacou-se pela esmerada educação recebida e sólida formação nas culturas egípcia, síria, fenícia, grega e tantas outras. Estudou em Atenas com o gramático Apolônio e com o matemático Demétrio. Mas se destacaria pela ligação com seu mestre, Plotinus.

235 – Assume o Bispo de Roma Anterus, mais tarde canonizado a santo, até 236.
236 – Assume o Bispo de Roma Fabian, mais tarde canonizado a santo, até 250.

240 – Por volta deste ano Mani começa a propagar seus ensinamentos. Como Jesus, ele ficou famoso pelas suas curas espirituais e pelos exorcismos. Seus seguidores o proclamavam "o novo Jesus", e até mesmo lhe atribuíram um nascimento a partir de uma virgem – um pré-requisito para deidades da época. Também foi salvador, apóstolo, iluminador, senhor, levantador dos mortos, piloto e navegador. Sublinhamos as duas últimas designações pelo

234 Wikipedia – Império Sassânida, última dinastia imperial persa antes da conquista muçulmana.
235 Wikipedia – Porfírio Πορφύριος

seu significado de *nautonnier* (nauta ou navegante, no francês), o título oficial assumido pelos grão-mestres da Ordem do ~~Sinai~~ Sion (vide anos 1099 e 1188 d.C.). Para os antigos era uma designação dos Iniciados conhecedores do desígnio humano, aqueles que estavam aptos a responder à célebre pergunta da esfinge: "De onde vindes?" (vide ano 12 mil a.C.).

Mani considerava Jesus, Buddha e Zaratustra seus predecessores, e afirmava segredos que Jesus havia revelado de forma obscura e oblíqua. Seus ensinamentos consistiam de um dualismo gnóstico com uma imponente e elaborada cosmologia. Perpassando tudo havia a eterna luta da luz contra a treva. Neste campo de batalha, o mais importante era o resgate da alma humana. A convergência de Mani nesta questão da Alma é a mais pura manifestação de uma filosofia pertencente a absolutamente todas as culturas. O pseudo monoteísmo cristão colocou na boca dos leigos o termo maniqueísta como uma doutrina demoníaca pelo simples fato de sua menção da existência da Luz e Treva no Universo manifestado. Como se todo o dogma católico não tivesse sido calcado na eterna lembrança do diabo na mente dos devotos, cujo castigo eterno era mais lembrado que a própria presença de Deus. Se existe alguma diferença entre o dualismo maniqueísta e o dualismo católico esta reside na natureza dos que professaram suas respectivas doutrinas. Enquanto uns esforçaram-se por salientar o Bem, o Belo e o Divino, tendo o resgate da Alma e a vitória da Luz como o coroamento da manifestação carnal, outros esforçaram-se por dominar seus seguidores pelo medo, pela opressão, pelo castigo eterno da excomunhão e pela trevosa supressão do conhecimento. O resgate da Alma nada mais é que a elevação do grau de vibração do manifestado a um tal ponto que sua energia o aproxima do espiritual, do sutil, do elevado. Consiste, basicamente, em elevar a substância densa à condição lumínica. Neste ponto, concorda plenamente com a ciência quando esta diz que a luz é uma matéria num grau de vibração muito elevado. Daí o inevitável binário Energia-Matéria, Luz-Treva.

Como os cátaros, Mani defendia a reencarnação e defendia uma classe de iniciados, "um eleito iluminado". Referia-se a Jesus como "o filho da viúva", frase apropriada depois pela ritualística maçônica. Declarava Jesus mortal, ou divino no sentido metafórico, devido à sua iluminação. Como Basilides, sustentava que Jesus não morrera na cruz, mas fora substituído por alguém. O próprio Corão afirma: "Eles não o mataram, nem o crucificaram, mas eles pensarem tê-lo feito".

241 – Shapur I (241–272), imperador sassânida do Irã, influenciado pelos magos/ mobads, reluta em permitir a nova doutrina de Mani. A intolerância dos magos é em parte contida por um edito que determina que se "*deixe em paz, sem perturbar o livre exercício de suas crenças nas diferentes províncias da Pérsia, os magos, os judeus, os maniqueus, os cristãos e todos os aderentes de qualquer religião*." Shapur I reúne os textos do Avesta dispersos no Irã, na Índia e na Grécia asiática, abordando a astronomia e a medicina. Sob Shapur, Mani teve uma grande tolerância, era que se acabaria com a morte de Shapur I em 272 e a subida do teocrata Karter em 277.

242 – Plotinus deixa Alexandria para seguir com o exército do imperador Gordian, que expulsou os persas da Síria e perseguiu até o oriente o rei ~~Sapor~~ Shapur. Plotinus queria, assim, fazer o caminho inverso dos filósofos que acompanharam Alexandre séculos antes. Com a esperança de vitória dos romanos, almejava penetrar diretamente no pensamento filosófico dos persas

e, quiçá, dos hindus. Mas o jovem imperador é batido na Mesopotâmia e Plotinus se refugia em Antioquia, donde parte para se fixar em Roma. Este fato é significativo: um alexandrino de espírito aberto e curioso, atento à oportunidade de entrar em contato com os mais diversos povos do oriente. Depois de algum tempo, ele não esconderia que duvidava da autonomia da filosofia grega. Os pesquisadores dizem que, àquela época, a cultura chamada bárbara estava na moda. Na verdade, segundo Diógenes Laércio, em *Vida dos Filósofos*, "Diz-se que a filosofia começou pelos bárbaros."

251 – Assume o Bispo de Roma Cornelius, mais tarde canonizado a santo, até 253.
253 – Assume o Bispo de Roma Lucius I, mais tarde canonizado a santo, até 254.
253 – Morre Hilderic, chefe dos francos. Assume Bartherius, até 271.
254 – Assume o Bispo de Roma Estevão I, mais tarde canonizado a santo, até 257.

255 a 263 – Período em que Plotinus escreve a primeira parte (os primeiros vinte e um capítulos) de sua obra monumental, *As Enéades*[236], em seis livros, cada um com nove capítulos.

257 – Assume o Bispo de Roma Sixto II, mais tarde canonizado a santo, até 258.

Sixto II teria confiado os principais tesouros da Igreja de Roma a seu diácono e tesoureiro, São Lourenço, originário de Huesca, na Espanha. Entre eles poderia estar o Graal, que supostamente estaria em Roma há dois séculos, levado de Glastonbury. São Lourenço pode tê-lo escondido na gruta de San Juan de la Peña, inacessível à época. Nesta região trabalhada em parte na rocha, a 1200 metros de altitude, os monges de Cluny edificaram seu mosteiro. O abastecimento do mosteiro era feito pelo convento de Santa Cruz de Seros, abaixo da escarpa. A localização era tão remota que seu acesso, além de difícil, se dava longe de quaisquer rotas importantes. Supostamente o cálice teria ficado neste local até 713 d.C.. (vide anos 713 e 1134)

259 – Assume o Bispo de Roma Dyonisius, mais tarde canonizado a santo, até 268.
263 a 268 – Período da Segunda Parte das *Enéades*, de Plotinus.
263 – Porfírio (29), orientado por Longino, coloca-se em contato com Plotinus, em Roma. Ficará com o mestre por cinco anos.
268 – Porfírio adoece em Roma e, a conselho de Plotinus, vai à Sicília. Lá escreve pelo menos três obras: *Isagogé*, *Sobre a Abstinência* e *Contra os Cristãos*. Em *Contra os Cristãos*, ataca tristes personagens como Origen, intérprete das Escrituras do início do século III. A obra de Porfírio valeu, por parte de detratores como Eusébio de Cesareia, epítetos como *perverso*. Nesta época em que estava na Sicília, Porfírio já se correspondia com um sacerdote egípcio, que, presume-se, seja o sacerdote Anebo, protagonista da obra de Jâmblico, *Sobre os Mistérios* *[dos egípcios, caldeus e assírios]*. Esta obra consta de questões sobre alta espiritualidade feitas por Porfírio e enviadas a Anebo.

Entre as inquietantes questões propostas nesta bela obra de Jâmblico está uma que trata da Alta Astrologia, que Anebo confessa não mais possuir. Em sua epístola, Anebo mostra o segredo da libertação de toda agrura humana, seus sofrimentos, suas dúvidas e seu próprio destino, quando afirma

> que é feliz aquele que, tendo aprendido o esquema de sua natividade, e conhecendo seu próprio *daemon*, é então liberado do destino.
>
> (Iamblichus, *On the Mysteries*, Wizards Bookshelf, Secret Doctrines Reference Series, San Diego, 1984, p. 315)

236 Wikipedia – Enneads Ἐννεάδες, coleção de escritos de Plotinus compilado e editado por Porfírio.

Esse *daemon*, na verdade, era chamado pelos antigos de Personalidade, a característica trevosa de nossa constituição, nosso Companheiro nesta jornada terrestre, homenageado pelos maçons no 2º grau. É o responsável pela duplicidade da dúvida, a oposição entre luz e treva, certo e errado. É o eu inferior, o Grande eu pois ele engrandece-se para se exaltar e tomar conta da manifestação. Este Grande eu, ou melhor, o eu engrandecido pelo movimento do *exotérico*, contrapõe-se ao Pequeno Eu, escrito com E maiúsculo pois sua grandeza está no infinitamente pequeno, na profundidade. Apenas neste sentido pode ser entendida a afirmação atribuída a Jesus de “humilhai-vos”. Longe de querer que os homens se anulem, falava o mestre sobre o “diminuir-se”, reduzir-se à sua força atômica, seu Cristo Interno, situado no *esotérico*. Enquanto o humano continuar a servir ao seu eu que lhe engrandece, lhe expande, ficará mais longe da atômica força divina que está em seu próprio interior. A Astrologia Iniciática referida por Anebo leva ao conhecimento destes “eus”, que fazem de nós por vezes a Bela e por outras a Fera. Ela pode convenientemente nos orientar em nossa libertação. O conhecimento deste Companheiro é velho como o mundo, e o renomado Sir Thomas Taylor, talvez o maior neoplatônico do século XIX, já dizia: “*De acordo com os egípcios, todos receberam seu daemon à hora de seu nascimento*” (Iamblichus, op. cit., p.320). Mas Anebo confessa “*que um conhecimento dessa ciência matemática (do cálculo das natividades) não pode ser obtido, porque existe muita dissonância concernente a ela, ou porque Choeremon, ou alguns outros, escreveram contra ela*” (Iamblichus, op. cit., p. 317). E mais adiante, “*que a descoberta do senhor ou senhores do nascimento, se existe mais de um numa natividade, pode mal ser obtida, e pelos próprios astrólogos é confessado ser inatingível; e ainda, eles dizem que o daemon peculiar é daí conhecido*” (Iamblichus, op. cit., p. 319).

Esta rara revelação do sacerdote Anebo mostra a profunda Astrologia Iniciática da qual, segundo confessa, os próprios egípcios não tinham mais acesso. Ela foi o grande elo perdido entre os homens e Deus, a Palavra Perdida que permite aos homens contatarem com seu Pai ou, como se referiu Anebo, o *senhor da natividade*. Este cálculo ou pedra foi a base do trabalho de Jesus, mas muito longe disso esteve a representação dos devocionais seguidores da pedra de Pedro. Este foi o grande Conhecimento que Jesus salientou, como a verdade libertadora.

268 a 270 – Período da Terceira Parte das Enéades, de Plotinus.

269 – Assume o Bispo de Roma Félix I, mais tarde canonizado santo, até 274.

270 – Morre Plotinus.

271 – Morre Bartherius, chefe dos francos. Assume Clodius III, até 298.

271, 23 de abril – Nasce São Jorge, nobre da Capadócia. Dia de Ogum.

275–Assume o Bispo de Roma Eutychianus, mais tarde canonizado a santo, até 283.

277, 26 fevereiro – Por ordem do rei persa Karter, Mani é aprisionado, torturado até a morte, escalpelado e decapitado. Talvez para impedir a ressurreição, como Jesus, seu corpo foi mutilado e colocado à mostra do público. A intolerância religiosa atinge seu máximo contra Mani em sua própria pátria. Como se vangloriará o despótico sacerdote:

> As doutrinas de Ahriman[153] e os demônios desapareceram do império e foram considerados indignos de fé. Os judeus, os samanas (budistas), os brâmanes, os nazoreanos (mandeus), os cristãos, os muktis (ioguis) e os zandiks (maniqueus) foram batidos no império e os ídolos, tendo sido

> destruídos, os ninhos dos demônios tendo sido dispersados, foram feitos locais e habitações para os deuses.
>
> (Paul du 2777, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, p. 117)

Como geralmente acontece nestes casos, os ensinamentos de Mani ganharam ímpeto com seu martírio. Pelo menos por algum tempo, Santo Agostinho foi um de seus seguidores. Na Espanha e sul da França, as escolas maniqueístas foram particularmente ativas.

283 – Assume o Bispo de Roma Caius, mais tarde canonizado a santo, até 296.

287 – Os druidas e os padres d'Herta, tendo tido nos primeiros séculos do cristianismo íntimas comunicações com os povos da antiga Albion (nome celta da ilha Britânica), semeiam a Iniciação nas ilhas Britânicas. Neste ano, *Cauracius*, reconhecido imperador, animou as artes e promoveu particularmente a instituição maçônica.

295 – Chineses registram o aparecimento do cometa Halley.

296– Assume o Bispo de Roma Marcellinus, mais tarde canonizado a santo, até 304.

298 – Morre Clodius III, chefe dos francos. Assume Waltherius, até 306.

SÉCULO IV d.C.

300 – Porfírio (67) escreve a *Vida de Plotinus*. Deixou comprovadamente 57 obras de valor inestimável. Destas, 21 chegaram até nós. Nenhum filósofo antigo legou tantos títulos. Seus escritos versaram sobre os filósofos, história, metafísica, psicologia, ética, religião, mitologia, retórica, gramática, matemáticas, astrologia e outras disciplinas.

303 – O imperador romano Diocleciano destrói todos os escritos cristãos que possam ser encontrados. Os documentos cristãos, especialmente em Roma, desaparecem.

302/304 – Morre Porfírio (70), pois consta que foi ainda no reinado de Diocleciano.

306 – Morre Waltherius, chefe dos francos. Assume Dagobert, até 317.

308 – Assume o Bispo de Roma Marcellus I, mais tarde canonizado a santo, até 309.

309 – Assume o Bispo de Roma Eusebius, mais tarde canonizado a santo.

311 – Assume o Bispo de Roma Melchiades ou Miltiades, até 314.

313 – Constantino, pretendente ao trono imperial romano, tem uma visão profética que o levará a derrotar seu adversário na luta, Maxentius. A tradição popular da Igreja conta que Constantino teria tido a visão profética de uma cruz luminosa pendurada no céu, com uma sentença inscrita: *In Hoc Signo Vinces* (“por este sinal conquistarás”).

> A tradição conta que Constantino, seguindo este portento celestial, encomendou para suas tropas escudos contendo o monograma cristão, as letras gregas Chi e Rho (χρ), as duas primeiras letras da palavra Christos. Como resultado, a vitória de Constantino sobre Maxentius na ponte Milvia veio a representar um triunfo milagroso do cristianismo sobre o paganismo. Esta é a tradição popular da Igreja, e com base nela pensa-se que Constantino converteu o Império Romano ao cristianismo. Na realidade, ele não fez isso. Para verificar precisamente o que fez, devemos examinar as evidências mais de perto. Em primeiro lugar, a “conversão” de Constantino – se esta é a palavra apropriada – não parece ter sido cristã, mas descaradamente pagã. Ele parece ter tido algum tipo de visão ou experiência divina nos aposentos de um templo pagão a Apolo, em Vosges ou próximo a Autun. Segundo uma testemunha que acompanhava o

exército de Constantino na época, a visão era do deus Sol, a deidade adorada por alguns cultos sob o nome de *Sol Invictus*, "o invencível Sol". Existem evidências de que Constantino, um pouco antes de sua visão, havia sido iniciado em um culto ao *Sol Invictus*. Em todo caso o Senado romano, depois da batalha da ponte Mílvia, erigiu um arco do triunfo no Coliseu. Segundo a inscrição neste arco, a vitória de Constantino deveu-se à "proteção da deidade". Mas a deidade em questão não era Jesus. Era o *Sol Invictus*, o deus sol pagão. (Chadwick, *The Early Church*, p. 125)

Contrariamente à tradição, Constantino não fez do cristianismo a religião oficial do Estado romano. A religião de Estado sob Constantino foi, na realidade, a adoração pagã ao Sol; e Constantino, durante toda a vida, atuou como seu principal sacerdote. De fato, seu reino era chamado "reinado do Sol", e o Sol Invictus figurava em todo o lugar, inclusive nas faixas imperiais e nas moedas. A imagem de Constantino como um fervoroso convertido ao cristianismo é claramente errônea. Ele próprio só foi batizado em 337, quando jazia em seu leito de morte e estava aparentemente muito fraco ou muito apático para protestar. Nem mesmo o monograma χρ pode ser creditado a ele. Uma inscrição contendo este monograma foi encontrada numa tumba em Pompeia, datada de dois séculos e meio antes. (Goodenough, *Jewish Symbols*, v. 7, p. 178)
(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 306–307)

Os antigos iniciados sabiam que, substituindo o monograma grego ☧ ou **χρ** pelo seu equivalente numérico naquele alfabeto, o resultado seria: 600 100, ou seja, respectivamente o número alquímico (6) e sagrado (1) do Sol, do *Sol Invictus*. Por essa razão Constantino teve sua profética visão no templo solar dedicado a Apolo, passando a homenagear o Sol Invictus como o deus que iluminava a ele e seu reinado. Mas o culto ao *Sol Invictus*, de origem síria, não era novidade. Fora imposto pelos imperadores romanos aos seus súditos um século antes de Constantino. Sua forma de culto, assim como ocorrera no Egito, era essencialmente monoteísta, apesar de contemplar elementos da idolatria a Baal e a Astarte. O *Sol Invictus* colocava o deus Sol como uma síntese de todos os outros deuses. Assim como os egípcios harmonizavam os devotos de Amon e de Rá fazendo Amon-Rá, o *Sol Invictus* dominou pacificamente seus concorrentes.

Além disso, ele se harmonizava convenientemente com o culto a Mithras, que também era prevalente em Roma e no império da época, também envolvendo a adoração ao Sol. Para Constantino, o culto ao *Sol Invictus* era simplesmente cômodo. Seu objetivo primeiro, na verdade obsessivo, era a unidade – em política, religião e em território. Um culto, ou religião de Estado, que incluísse todos os outros cultos obviamente convergiria para seu objetivo. E foi sob os auspícios do Culto ao Sol Invictus que o cristianismo consolidou sua posição. Tendo muito em comum com o culto ao Sol Invictus a ortodoxia cristã foi capaz de florescer sob a sombra da tolerância sem ser molestada. O culto ao Sol Invictus, essencialmente monoteísta, calçou o caminho para o monoteísmo cristão.
(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 307–308)

Evidentemente, a intolerância obsessiva pelo poder por parte do clero romano, que adveio logo após, e a perseguição às chamadas heresias, nos séculos que se seguiram, em nada se pareceram com o princípio harmonizador que regera o *Sol Invictus* ou o ecumenismo egípcio. Já vimos a grande ligação do ecumenismo egípcio com a harmonização cristã pregada por Jesus. Na verdade, esta sempre foi uma posição muito pessoal do Messias, não da Igreja

erigida por seus sucessores no trono de Pedro. Quando ele disse “Eu não vim para mudar, vim apenas para dizer-lhes: amai-vos um aos outros”, estava falando desta nova mensagem que deveria ser aprendida pelo povo judeu e pela humanidade. E o foi, apesar de muito expurgada pelos seus sucessores. Era um representante da força de Júpiter, o Cristo, que estava continuando o trabalho de 6700 anos antes de Rama, trazendo a luz solar como aglutinador da verdadeira luz que deveriam haurir os humanos. Por isso a bênção instituída, adotada pelos clérigos, foi feita com os dedos indicador e médio, regidos respectivamente por Júpiter e Sol. Era um antigo símbolo egípcio, o chamado “amuleto dos dois dedos”:



Este grandioso trabalho de Rama seria continuado pelo grande seguidor de Jesus: José (IOSE) de ARIMATEIA: o ÁRIES ou carneiro (RAMA) ou cordeiro de Deus (THEOS).

314 – Assume o Bispo de Roma Silvestre I, mais tarde canonizado a santo, até 335.

> Foi submetida ao primeiro Concílio de Ancyra (314 d.C.) esta proposição: “Quando se batiza uma mulher grávida, fica também batizada a criança que vai nascer?” O Concílio respondeu negativamente, sob o fundamento de que “aquele que recebe o batismo tem que dar seu consentimento, o que não é possível com a criança ainda no ventre materno”. Deste modo, a inconsciência é um impedimento canônico ao batismo, e portanto não tem valor o que atualmente se ministra às crianças.
>
> (H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. V, p. 148)

317 – Morre Dagobert, chefe dos francos. Seu primogênito, Clodomir V, será o primeiro rei dos francos. Dagobert deixou 2 filhos: o mais velho será, até 337, o primeiro rei dos francos como Clodomir V. O segundo, Genebald I, assim como seus sucessivos descendentes (Dagobert, Clodius e Marcomir I), serão duques. Os sucessivos descendentes de Clodomir V (Richimer II, Theodomir, Clodius V) serão reis dos francos, até a morte de Clodius V em 378. Com a morte de Clodius V, em 378, o trono não será ocupado por um rei e o poder estará dividido entre os duques descendentes de Genebald e de Clodomir V. O novo rei dos francos só se fará em 419, quando a herdeira na sexta linha de Clodomir V, Argotta, se casará com o 4º descendente na linha de Genebald I, Faramund, coroado rei dos francos.

318 – O bispo Arius é presbítero em Alexandria.

321 – Um edital do imperador romano Constantino ordena o fechamento das cortes de justiça no “dia venerável do Sol”, decretando que este seria um dia de repouso.

> O cristianismo havia, de fato, preservado o *sabbath* judeu – o sábado – como sagrado. Agora, de acordo com o edital de Constantino, ele transferiu seu dia sagrado para domingo. Isto não só harmonizou o cristianismo com o regime existente, como também lhe permitiu se dissociar mais de suas origens judaicas. Além disto, o nascimento de Cristo fora celebrado, até o século IV, no dia 6 de janeiro. Para o culto ao *Sol Invictus*, contudo, o dia crucial do ano era 25 de dezembro – o festival de *Natalis Invictus*, o nascimento (ou renascimento) do sol, quando os dias começam a ficar mais longos. Novamente o cristianismo se alinhou com o regime e a religião de Estado estabelecida. O culto ao *Sol Invictus* se mesclava alegremente com aquele a Mithras – tanto que os dois são frequentemente confundidos. Ambos enfatizavam a condição do Sol, considerando-o [o

domingo *Sunday*] sagrado. Ambos celebravam um festival de nascimento em 25 de dezembro. Como resultado, o cristianismo também podia encontrar pontos de convergência com o mithraísmo – tanto mais que o mithraísmo enfatizava a imortalidade da alma, um julgamento futuro e a ressurreição dos mortos. No interesse da unidade, Constantino escolheu deliberadamente esmaecer as distinções entre o cristianismo, o mithraísmo e *Sol Invictus*. Escolheu, deliberadamente, não ver qualquer contradição entre eles. Tolerou o Jesus endeusado como uma manifestação terrestre do *Sol Invictus*. Assim, ele construiria uma Igreja cristã e, ao mesmo tempo, estátuas da deusa-mãe Cybele e do *Sol Invictus* – este último sendo uma imagem do próprio imperador, contendo seus traços. Em tais gestos ecléticos e ecumênicos, a ênfase na unidade pode ser observada de novo. Em suma, a fé era para Constantino uma questão política. Qualquer fé que conduzisse à unidade era tratada com tolerância.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 308)

325– O imperador romano Constantino, que aceitara o cristianismo no ecumenismo monoteísta concebido para unificar o império, convoca o 2º Concílio, conhecido por 1º Concílio Ecumênico, em Niceia[237] (na Ásia Menor), com o objetivo de por ordem nas inúmeras dissensões internas da Igreja. O credo recitado pelos católicos foi fixado por esta assembleia, com todas as consequências que adviriam a seguir:

Cremos em um só Deus, Pai Onipotente, Criador de todas as coisas visíveis, em um só Senhor Jesus Cristo filho único de Deus, engendrado pelo Pai e **consubstancial** ao Pai; por quem foram feitas todas as coisas no céu e na terra; que, para a nossa salvação, desceu do céu, encarnou-se e fez-se homem, sofreu, ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e virá a julgar os vivos e os mortos. Cremos, também, no Espírito Santo (...)

Ao mesmo tempo, os padres conciliários lançavam seus primeiros ataques contra os desobedientes e os "heréticos": "Quanto àqueles que dizem que houve um tempo em que ele não existia, ou que pretendem que o Filho de Deus seja de uma outra substância, a Santa Igreja Católica lhes diz: anátema." Constantino fez pressão sobre os padres conciliários recalcitrantes, pertencentes em sua maioria à ala mística do clero egípcio, para que assinassem o "símbolo" de Niceia. Os que se recusaram a fazê-lo foram ameaçados de deportação ou de exílio. Assim mesmo houve recalcitrantes, mas a grande massa dos bispos, bastante desgastada e devidamente doutrinada, subscreveu este credo, sob a influência de Atanásio, que conduzia os debates, sem medir o seu alcance. O concílio fixou ainda o dia da Páscoa no domingo que seguia à lua cheia mais aproximada do equinócio de primavera, e compôs vinte cânones ou regras gerais de disciplina. Desde então não houve mais comunidades cristãs livres, mas sim "ortodoxas", por um lado, ou "heréticas", de outro; assim eram separados os bons dos maus, o "trigo" do "joio".

Mais de trezentos (318) bispos estavam reunidos, e entre eles cerca de trinta defendiam a tese de Arius (bispo do Egito "herético" e espírito independente que defendia a livre interpretação da Trindade), donde o nome de heresia ariana dado à doutrina de seus partidários. (...) O imperador Constantino, desde a abertura do concílio, pronunciou um discurso que já instalou um mal-estar sobre as futuras decisões da assembleia: "*Aos meus olhos não há guerra nem batalha mais terrível que a luta intestina na Igreja de Deus, inimigos mais temíveis que os de fora*." Isso era uma advertência aos recalcitrantes! O símbolo de Niceia foi obra

237 Wikipedia – 1º Concílio de Niceia (agora İznik, Turquia)

> do ambicioso Atanásio. Arius foi interditado por Constantino – singular concepção da liberdade cristã – e exilado na Gália. A disputa não parou aí, porque o termo “consubstancial”, que foi integrado no credo do concílio, traduz-se em grego por *homo* (i) *ousios*. Segundo fosse colocado ou não o iota (i), a palavra significaria “de mesma substância” ou “de substância semelhante”. Essas discussões “bizantinas” revelam a sofisticação da teologia e sua irrealidade. (Jean-Michel Angebert, *O Livro da Tradição*, DIFEL, São Paulo, 1976, pp. 153–155)
>
> Adotaram-se regras que definiam a autoridade dos bispos, o que preparou o caminho para uma concentração do poder em mãos eclesiásticas. O mais importante de tudo é que o concílio de Niceia decidiu, por voto, que Jesus era um deus, e não um profeta mortal. Novamente, deve-se enfatizar que a consideração primordial de Constantino não era a piedade, mas união e praticidade. Como um deus, Jesus podia ser associado convenientemente ao *Sol Invictus*. Como um profeta mortal ele seria muito mais difícil de acomodar. Em suma, a ortodoxia cristã se prestou a uma fusão politicamente desejável com a religião de Estado estabelecida. Ao fazê-lo, ganhou o apoio de Constantino.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 308–309)

Mas vamos ao relato da própria Igreja:

> Jesus, o Verbo Encarnado, o Filho de Deus, fora a Revelação em ato, a teologia dogmática, moral, ascética e pastoral em ação. Faltava traduzir, em fórmulas técnicas e em linguagem precisa, a realidade viva do Cristianismo, conforme decorre dos Evangelhos e dos escritos dos Apostólos. Era empresa árdua fixar, com terminologia filosófico-teológica exata, os dois mistérios fundamentais da Fé: Trindade e Redenção, unidade de Deus e personalidade de Cristo. Arius, da Líbia, ensinava que a plenitude da divindade só se achava no Pai; que o Verbo, isto é, o Filho de Deus, foi criado do nada; que o Espírito Santo foi a primeira criatura do Verbo. Teve muitos discípulos (os arianos) e pretendia estar fundado nos textos do Novo Testamento. Na realidade, Arius sacrificava a doutrina tradicional da Igreja ao sincretismo religioso do velho paganismo. Contra o arianismo foi convocado, pelo papa Silvestre e pelo imperador Constantino, o Concílio de Niceia. Constantino beijou as cicatrizes dos campeões da Fé e os soldados romanos lhes apresentaram as próprias armas que haviam reluzido ante os tribunais dos Césares perseguidores do Cristianismo. Constantino assumiu a presidência honorária enquanto Osio, bispo de Córdova, presidia efetivamente o Concílio em nome do papa. Definiu-se como **verdade de fé que Jesus Cristo é o Filho de Deus, gerado da substância do Pai, gerado, não feito, consubstancial ao Pai: *genitum, non factum, consubstantialem Patri***. Decretou-se, além disso, que os bispos, sacerdotes e diáconos não passariam de uma jurisdição a outra, e que a circunscrição política serviria de base para a eclesiástica; que a Páscoa se celebraria no domingo seguinte ao equinócio da Primavera, fixado em 21 de março, e instituiu-se o bispo metropolita com jurisdição sobre todos os bispos da província.
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

A simples comparação dos trechos sublinhados nos mostra a contradição do autor eclesiástico: no mesmo concílio convocado para combater a heresia dos que adaptavam o cristianismo ao paganismo, muda-se a data da morte do Cristo (que vimos antes ser no dia 20 de maio do ano 30) para dois meses antes, próximo ao início do ano astrológico, a entrada do signo de Áries ou entrada da Primavera no hemisfério norte.

Neste mesmo Concílio, a nascente Igreja forjada por Constantino instituiu o "sagrado" desígnio pela *Sortes*, ou seja, foi decidido "milagrosamente", por Deus, quais seriam os Evangelhos que permaneceriam como Lei da nova fé instituída. Segundo Blavatsky,

> não obstante o grandiloquente elogio de Constantino, Sabino, o Bispo de Heraclea, afirma que "exceto Constantino, o imperador, e Eusébio Pamphili [de Cesareia], esses bispos eram um conjunto de criaturas iletradas, simples, que não compreendiam coisa alguma" (Socrates Scholasticus[238], *Hist. Eccl.*, I, VIII) – o que equivale a dizer que eram um bando de imbecis. Essa era aparentemente a opinião de Papus, que nos conta do pouco de magia executada para saber quais eram os Evangelhos *verdadeiros*. No seu *Synodicon* desse Concílio, Papus diz que, tendo "posto promiscuamente todos os livros apresentados à escolha do Concílio sob a mesa da comunhão de uma igreja, eles [os bispos] pediram ao Senhor que os escritos inspirados fossem deixados sobre a mesa, ao passo que os espúrios ficassem sob ela – e isso realmente aconteceu" (Fabrício, *Bibl. graeca*, livro VI, cap. III, 34, "Synodus Nicaena"). Mas ninguém diz quem ficou com as chaves da câmara conciliária durante aquela noite! Com base na autoridade das testemunhas eclesiásticas, portanto, tomamos a liberdade de dizer que o mundo cristão deve sua "Palavra de Deus" a um processo adivinhatório, pelo qual a Igreja, em seguida, condenou vítimas infelizes como conjuradores, encantadores, mágicos, feiticeiros e vaticinadores, e os queimou aos milhares! Falando desse fenômeno verdadeiramente divino da escolha dos manuscritos, os padres da Igreja dizem que o próprio Deus preside as *Sortes*. Como mostramos em outro lugar, Agostinho confessa que ele próprio usou essa espécie de adivinhação. (Blavatsky, *Isis Sem Véu*, vol 3, pp. 223–224)

326 – O imperador Constantino sanciona o confisco e destruição de todos os trabalhos que desafiavam os ensinamentos ortodoxos – trabalhos de autores "pagãos" que se referiam a Jesus – bem como trabalhos de "hereges" cristãos. O imperador romano providencia, também, uma renda fixa designada à Igreja, e instala o Bispado de Roma no palácio Lateran. Desta época remonta a ocultação dos manuscritos de Nag Hammadi, uma vez que os arqueólogos e estudiosos situam o período em que foram escritos entre 300 e 360 d.C..

O irônico na história da cristandade é que:

- tudo começou com a lei do amor, num movimento contra a opressão romana, "evoluindo" depois para uma luta contra o paganismo.
- a mensagem foi esquecida e acabou-se por criar outro estado romano.
- o novo estado tornou-se mais forte e estável que qualquer outro na história.
- o império criado praticamente não mudou o antigo nome, continuando a ser romano. Aparentemente não conseguiram esconder as verdadeiras intenções: adquirir o poder mais cobiçado no mundo, o trono romano.
- outro nome adotado foi o chamado "católico", ou universal. Hoje, as mais de 400 seitas da cristandade advogam as mesmas coisas que a Igreja Católica há 1900 anos atrás: ortodoxia ignorante, adoção da mensagem de "iluminados" sem discussão, maldição dos desvios e ganância pelo poder.
- o exemplo e sucesso católico foi seguido por outros, inclusive noutras religiões; foi o caso do islamismo, que surgiu seiscentos anos mais tarde. Califas islâmicos começarão uma ortodoxia que contrariará Maomé, a começar pela exigência do respeito ao "povo do livro" (seguidores do Antigo e Novo Testamento, judeus e cristãos). Isto persiste até hoje, sendo

238 Wikipedia – Socrates de Constantinopla, historiador do cristianismo, autor de *Historia Ecclesiastica*.

um dos maiores problemas políticos e sociais mundiais, através dos movimentos radicais islâmicos.

Entre as obras excluídas pelo édito de Constantino estão aquelas que, mais tarde, serão descobertas no mosteiro de Nag Hammadi. O trecho abaixo foi extraído de uma delas. Originalmente não continha título. Seus tradutores adotaram o título *Sobre a Origem do Mundo*, por sintetizar sua discussão central. É um compêndio de ideias gnósticas essenciais, um trabalho escrito na forma de um ensaio apologético oferecendo ao público uma explanação sobre a visão gnóstica do mundo. Apesar do tratado não representar qualquer sistema gnóstico conhecido, há reminiscências de filosofias de Seth, valentinianos e maniqueus. Nesta reprodução o leitor encontrará referência a uma das mais preciosas e esclarecedoras informações no conhecimento cristão original, a Reencarnação. Tão aceito no Oriente e fazendo parte do quotidiano de povos em todo mundo, este conceito foi virtualmente suprimido pelo sagaz Constantino e seus mentores da nova religião como forma de assegurar a Roma a salvação de cada indivíduo, tornando-os dependentes do novo dogma estereotipado. O trecho começa se referindo à expulsão de Adão do Paraíso:

> Ora, quando os soberanos viram que Adam adquirira um conhecimento diferente, eles desejaram testá-lo. Eles reuniram todos os animais domésticos e bestas selvagens da terra e os pássaros do céu. Eles trouxeram-nos até Adão para ver do que ele lhes chamaria. Quando ele os viu, ele nomeou suas criaturas. Eles ficaram perturbados porque Adão havia se tornado prudente contra toda [ignorância]. Eles se reuniram e formaram um conselho, e disseram:
>
> > Vide, Adão tornou-se como um de nós, tanto que ele entende a distinção da luz e treva. Agora, para que ele não seja iludido de certa maneira da árvore do conhecimento, ele também vem à árvore da vida e come dela e se torna imortal, e rege e condena-nos, e considera[-nos] e toda nossa glória como loucura – mais tarde ele passará a julgar[-nos e ao] mundo. Venham, vamos lançá-lo fora do Paraíso até a terra, o lugar de onde ele foi tirado, de tal forma que ele não poderá saber nada mais sobre nós.
>
> E assim eles lançaram Adão e sua esposa fora do Paraíso. E isso que eles fizeram não os satisfez; pelo contrário, eles (ainda) estavam com medo. Eles vieram à árvore da vida e lançaram grandes terrores em volta dela, belicosos seres vivos chamados "Cherubin"; e eles deixaram uma espada flamejante no meio, assustando continuamente com um grande terror, de tal forma que ninguém entre os homens terrestres poderia jamais entrar naquele lugar.
>
> Depois dessas coisas, quando os soberanos ficaram ciumentos de Adão, eles desejaram diminuir **suas vidas**, (mas) eles não poderiam por causa do Destino, que havia estabelecido isto desde o princípio. Para as **suas vidas** eles determinaram: para cada uma **mil anos**, de acordo com o ciclo das luzes da Inteligência. Mas porque os soberanos não estavam aptos a fazer isso, cada um daqueles que malignamente diminuísse [seu período de vida] por dez anos, e todo este tempo chega a 930 anos, e esses estarão em pesar e fraqueza e em armadilhas malignas. E a partir daquele dia o curso da vida então prosseguiu adiante, até a consumação do eon.
>
> (James M. Robinson, *The Nag Hammadi Library – On The Origin of the World*, pp. 175–176)

Neste trecho importante vemos como a história da deportação de Adão foi muito mais ampla do que a história oficializada. Além disso, a menção clara **às vidas** de Adão não pode ser negada, apesar dos tradutores tentarem

acrescentar, na segunda menção a este plural, uma inserção sugerindo que estavam se referindo às vidas dos homens, e não à de Adão. A primeira afirmação, que cita **as vidas de Adão**, entretanto, não deixa margem a dúvidas. Ademais sabe-se, dos ensinamentos orientais, que o período médio de volta das luzes da Individualidade na Humanidade, em cada encarnação, é de ½ signo ou 1080 anos (72 anos/° de signo x 30° de signo x ½), ou ainda, de maneira simplificada, os **1000 anos do ciclo das luzes da Inteligência**...

327 – Por esta época Eusébio[239] (270–340), bispo de Cesareia, serve-se das compilações do primeiro século antes de Cristo feitas por Alexandre Polyhistor sobre os antigos mistérios babilônicos (vide ano 331 a.C.), para escrever seu *Chronicon*. Segundo Blavatsky:

> Os pontos de semelhança, quase de identidade, entre as Escrituras dos judeus e dos caldeus tornavam estas últimas um verdadeiro perigo para Eusébio, em seu papel de defensor e campeão da nova fé, que havia adotado as escrituras hebraicas e, com elas, uma cronologia absurda. É absolutamente certo que Eusébio não poupou as tábuas sincrônicas de Manetho; tanto é assim que Bunsen o acusa de haver mutilado a história sem o menor escrúpulo; e tanto Sócrates, historiador do século V, como Syncellus, vice-patriarca de Constantinopla no início do século VIII, o denunciam como um dos mais ousados e cínicos falsificadores. Seria, pois, de estranhar que Eusébio tratasse com mais respeito os anais caldeus, os quais, naquele tempo, ameaçavam a nova religião tão apressadamente aceita. Assim, com exceção daqueles mais que duvidosos fragmentos, toda a literatura sagrada dos caldeus sumiu da vista dos profanos, de maneira tão completa como a perdida Atlântida. (H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Pensamento, S. Paulo, 1987, vol. I, p. 51)

Deste modo, a falsificação do armênio Eusébio induziu todas as chamadas "nações civilizadas" a aceitarem, durante mais de 1500 anos, as derivações judaicas como **direta** Revelação Divina.

330 – Constantino transfere a capital romana para Bizâncio, no Mar Negro, que em sua homenagem passa a se chamar Constantinopla. A transferência significa a real divisão do império. Começa o Império Bizantino, enquanto paralelamente desintegra-se, sob as invasões bárbaras, o Império Romano do Ocidente.

Por outro lado, a Palestina – nome pelo qual era conhecida a província romana que contemplava a Galileia, a Samaria e a Judeia – passou a ter um domínio essencialmente cristão graças ao recém "convertido" imperador Constantino. Os próximos três séculos que se seguiram foram relativamente pacíficos, tendo sido erigidas inúmeras igrejas e sinagogas. Acorriam à região peregrinos de toda a Europa. Durante os séculos IV e V a vida monástica em Jerusalém atrairá inúmeros monges de todos os lugares, sendo construídos muitos monastérios. Apesar de algumas perseguições aos judeus, muitas sinagogas também serão erigidas neste período. O descontentamento dos judeus será refletido principalmente pelos samaritanos, no final do século V...

331 – O imperador Constantino comissiona e financia novas cópias da Bíblia. Este é um dos fatores decisivos de toda a história do cristianismo, munindo a ortodoxia cristã, "os seguidores da mensagem", de uma oportunidade ímpar. Constantino providencia novas versões dos documentos cristãos destruídos

239 Wikipedia – Eusebius, dito de Cesareia ou Pamphili, historiador da cristandade e exegeta polemista.

em 303 por Diocleciano. Isto possibilita que os revisores editem e reescrevam o material como bem entendem, de acordo com suas próprias doutrinas. A maior parte das cruciais alterações do Novo Testamento foi provavelmente feita nesta ocasião, quando Jesus passou a gozar de sua condição única de filho de Deus. Das 5000 versões manuscritas do Novo Testamento como ele existe hoje, nenhuma antecede o século IV. O Novo Testamento, tal como o conhecemos, é produto dos "seguidores da mensagem", guardiães da ortodoxia, com grandes interesses a proteger.

335 – Morre Arius, o grande responsável pela propagação da "heresia" ariana.

336 – Assume o Bispo de Roma Marcus, mais tarde canonizado a santo.

337 – Morre Clodomir V, rei dos francos. Assume Richimer II, até 350.

Assume o Bispo de Roma Julius I, mais tarde canonizado a santo, até 352.

350 – Morre Richimer II, rei dos francos. Assume Theodomir, até 360.

No século IV o escritor chamado Ambrosiaster (nome dado posteriormente, pois seu nome verdadeiro é desconhecido) relata como os romanos receberam a fé sem milagres ou apóstolos. Isto sugere que Roma, assim como Antioquia e Alexandria, teve o cristianismo introduzido por seguidores desconhecidos.

Século IV – Época da primeira igreja de Chartres, segundo os arquivos da diocese.

Época da construção de uma sinagoga, no Oriente Médio, escavada por arqueólogos em 1932. Esta sinagoga é a única com uma clara representação do Zodíaco, contrariando um dos preceitos básicos judaicos contra a astrologia.

352 – Assume o Bispo de Roma Liberius, até 366.

354 – Nasce Santo Agostinho, em Tagasta, na província romana da Numídia (atual Argélia). Seu pai era um pequeno funcionário do governo e sua mãe cristã.

355 – No Concílio de Milão, 300 bispos subscreveram uma carta de adesão às ideias de Arius, embora dez anos antes, no Concílio de Antioquia, houvessem os partidários de Eusébio proclamado que Jesus Cristo era o Filho de Deus e consubstanciado ao Pai. (Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. V, p. 148)

357 – No Concílio de ~~Esmirna~~ Sirmio[240], o "Filho" já não era consubstancial. Triunfaram, então, os anomianos, que negavam essa consubstancialidade, e com eles os arianos. (Helena P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. V, p. 148)

358 – O segundo Concílio de Ancira decretou que o Filho "não era consubstancial, mas apenas semelhante em substância ao Pai." O papa Liberius sancionou esta decisão. (H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. V, p. 148)

360 – Morre Theodomir, rei dos francos. Assume Clodius V, até 378.

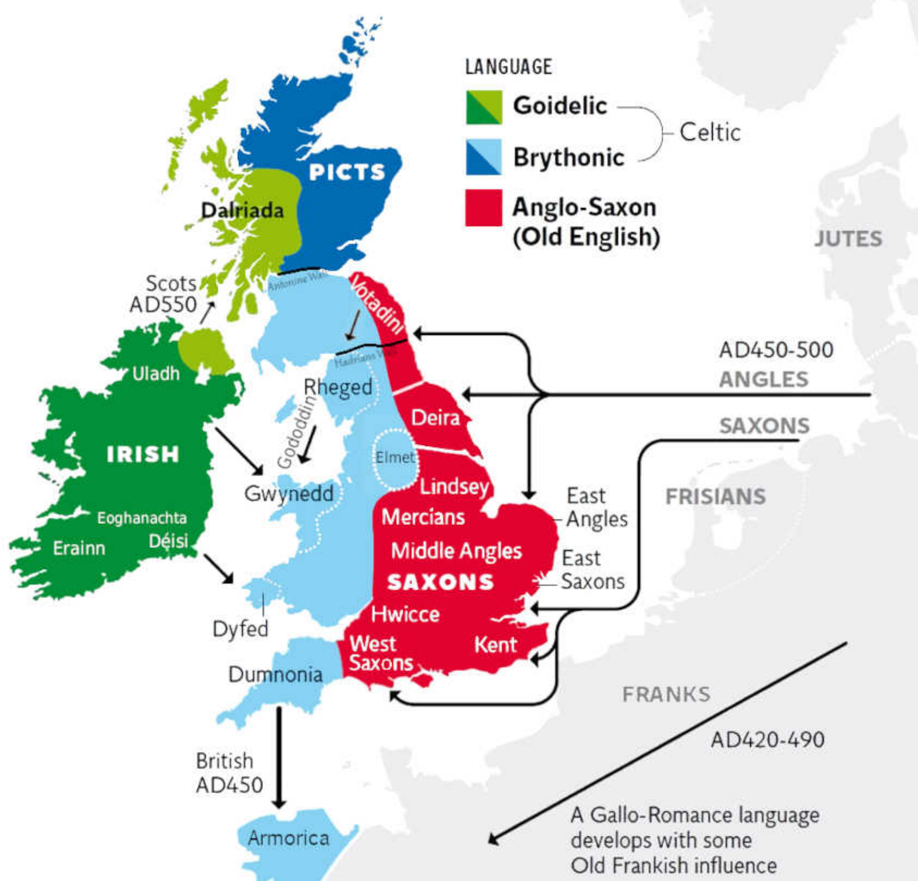
O cristianismo ariano desloca o romano, mesmo após sua condenação em 381.

366 – Assume o Bispo de Roma Damasus I, mais tarde canonizado a santo, até 384.

240 Wikipedia – Concílios de Sirmium (na atual Sérvia). Quatro foram realizados: 347, 351, 357 e 358.

367 – Irlandeses, pictos e saxões atacam por três frentes, de uma só vez, as ilhas britânicas. As defesas da fronteira setentrional se deterioram. Elas são restauradas provisoriamente por Theodósio. Com estas invasões os “scots” começam a cristianização definitiva da Bretanha. Até então, os pictos do norte permaneciam praticamente intocados pela cultura romana, ou mesmo pela cultura céltica do sul. Apenas os gaélicos scots, da Irlanda, conseguiram cristianizá-los. Exatamente por este fato marcante – a participação dos scots na cristianização definitiva da Bretanha – é que vale destacar um evento pouco citado pelos analistas arturianos e pelos estudiosos maçônicos. É que a origem desses mistérios ocidentais está justamente ligada a esta região, onde fixaram-se os gaélicos cristianizados por Columba, que ganhou o nome de seus conquistadores: a **Scotland** ou a **Terra dos Scots**[241]. Todas as lendas de Merlim procedem desta região, fronteiriça com o reino picto. (Vide anos 533, 563 e 573)

Principais movimentos da população céltica nos séculos IV e V d.C.



O termo “escocês” vem do inglês “scottish”. Na língua inglesa, o termo scot significa *dinheiro que é pago*. Aí vemos a ligação com o salário pago aos obreiros, pelo qual eles têm que mostrar o devido trabalho. Scot também significa *nativo ou habitante da Escócia*; *membro de antiga tribo gaélica que migrou da parte norte da Grã Bretanha a partir da Irlanda pelo século VI a.C*.

241 Wikipedia – etimologia de Scotland

Já *scotch* tem o antigo significado de *cortar*, *corte superficial* ou *abrasão*, *uma linha desenhada no chão*. Aqui temos a clara origem da tribo ou corporação de obreiros da pedra e madeira. Já do egípcio temos:

Shta-t: lugar oculto, templo, santuário, câmara secreta, sarcófago, tumba, cemitério, mistério, algo oculto.
Shta: difícil de passar, oculto ou secreto, difícil de entender, misterioso, floresta, plantação, Deus incompreensível.
Shet: pedreiros, entalhadores.
Tchah: tocar.
Tchas: plantas, flores, vegetais.
Tchati: trono.
Tchatcha-t: Conselho de Mestres.

[Wallis Budge, An Egyptian Hieroglyphic Dictionary, pg. 755–6, 900–1]

Podemos notar, pelas raízes da palavra *escocês* a partir do inglês "scot", "scotch", sua profunda ligação com o pagamento dos obreiros entalhadores da madeira pelo seu trabalho, a partir da cultura céltica da Irlanda e do norte da Grã Bretanha, co-irmã da civilização egípcia e com a qual tinha profundas ligações iniciáticas. De fato, a raiz mais antiga da palavra ***scot*** está nas primeiras genealogias irlandesas e britânicas. As lendas contam que Heber Fionn[242], o primeiro monarca da Irlanda, morto em 1698 a.C., era a 22ª geração descendente de Niul (cujo nome originou a palavra Nilo). Niul, por sua vez, era trineto do bíblico Japhet, e desposara uma princesa egípcia de nome Scota, daí se originando o termo ***scots*** a seus descendentes. O trineto de Niul, por exemplo, foi coroado rei da Scítia[161] com o nome de Heber Scut (ou Scot). O cristianismo funcionou como o elo de ligação entre as duas culturas. Os druidas traduziram sua antiga tradição na nova mensagem cristã, mantendo acesa a chama do Conhecimento. Por isto Jesus começou seu trabalho com a fuga de Maria e José ao Egito, tendo o epílogo de seu périplo na Grã Bretanha, quando José de Arimateia recolheu seu sangue no Graal e levou-o até Glastonbury. Mesmo em vida, inúmeras lendas contam como Jesus esteve com seu tio José na Inglaterra. O ritual maçônico, até passar ao ritual atualmente conhecido como "escocês", teve uma longa jornada que começou no período dos druidas – os sacerdotes celtas, habitantes onginais daquela região. Eles eram os depositários da Sabedoria Antiga, passada de boca a ouvido pelos Iniciados de todo o mundo. Os escoceses – "scots" – irlandeses que colonizaram aquela região, celtas puros, foram responsáveis pelo sincretismo com a nova religião cristã.

Neste ponto exato é que podemos entender a origem da Maçonaria Especulativa. No crepúsculo das grandes construções, das quais as últimas foram as catedrais da Idade Média, urgia que se preparasse o terreno para a época que se avizinhava. Todos os Augustos Mistérios que se perpetuavam até então pelas Obras Operárias agora teriam que passar – fora do âmbito religioso – por um profundo simbolismo para que iniciados futuros pudessem aproveitar e trabalhar em toda a sua extensão. Foi o que ocorreu em fins do século XVII e início do século XVIII quando Iniciados como o Conde de Saint Germain passaram a preparar as bases para o chamado **Rito Escocês dos Maçons Antigos, Livres e Aceitos**. Aqui, em meio a tantas e tão diversas opiniões de chamadas "autoridades" maçônicas, que desconhecem pontos básicos do lado oculto da Ordem ao explicarem a origem do escocismo,

242 Wikipedia – Eber Finn, ou Éibhear Fionn, rei da Irlanda na mitologia medieval e tradição histórica.

ficamos particularmente com a opinião de Jean Palou em sua obra *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*. Como veremos, inúmeras comprovações atestam a profundidade de suas afirmações:

> Veremos mais adiante qual é a verdadeira origem do escocismo, mas podemos dizer que Ramsay não foi, de modo algum, e tampouco nenhuma outra personalidade, o criador dos Graus Superiores, formando todos estes um todo muito coerente em sua linha geral, como também em seus mais ínfimos detalhes (por exemplo, a descrição dos adornos característicos dos graus), com correspondências simbólicas de um com o outro (...) O grande erro da maior parte dessas pessoas, que têm procurado abordar o estudo do escocismo, tem sido o de o querer fazer com meios de ordem profana. (...) Pois não se trata de modo algum de estudar os Graus Superiores com os métodos históricos habituais, forçosamente limitados, mas por meio do emprego do raciocínio analógico em função dos ritos e dos símbolos, o que é evidentemente muito mais profundo e foge do domínio "profano" da História, sendo estas apenas um instrumento, muitas vezes precioso, de pesquisa de toda Ordem. (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, Pensamento, S. Paulo, pp. 86–87)

Os grifos do texto anterior de Palou são nossos. Com a base histórica e global que procuramos fornecer nesta obra, reforçamos as palavras de Palou por estarem plenamente de acordo com a visão mais iniciática da Ordem Maçônica. Mais adiante, Palou menciona uma antiga origem dessa misteriosa ritualística:

> Na mesma ordem de ideias, foi aventada uma outra hipótese, muito interessante, num excelente artigo anônimo em *Cahiers de La Grande Loge de France*, intitulado *A Origem do Escocês*. O autor, depois de haver rejeitado a opinião inteiramente ridícula segundo a qual a palavra *escocês* viria de acácia, as origens templárias da Maçonaria escocesa e as fontes stuardistas, inclina-se sobre o curioso problema posto pela religião culdense[243]. Esta tinha como área geográfica a Escócia, a Irlanda, a Inglaterra céltica e a Península Armoricana. Os culdenses e seus bispos célticos tinham um culto um tanto diferente do culto romano. As diferenças *situavam-se em seis pontos: a data da festa da Páscoa, a tonsura, a consagração episcopal, o batismo, o uso da língua gaélica e o casamento dos padres*. O autor deste artigo muito documentado mostra que os culdenses que praticavam um rito escocês tinham pedreiros que construíam as igrejas de madeira. Tiveram, em seguida, de se adaptar à nova moda, que queria que os edifícios fossem construídos de pedra e criaram então um estilo *original*: o estilo ogival ou gótico. Essa tese merece atenção, pois é mais do que evidente que as construções foram feitas inicialmente, em toda parte, de madeira, e que no plano iniciático ou simbólico, no qual colocamos este livro, existe uma espécie de solidificação que se opera quando a madeira cede o lugar à pedra como material de construção. Convém também lembrar que a Maçonaria Operativa conhece sua maior glória no momento da construção das catedrais e igrejas góticas e que sua ação parece desaparecer quando o estilo ogival, que é imitação da floresta, se apaga diante do estilo "sentimental" e não tradicional da Renascença. Vale lembrar também o entusiasmo de Anderson no prefácio de seu livro, na luta contra o estilo gótico e a exaltação dos arquitetos, como Inigo Jones, que impuseram na Inglaterra o estilo neo-helênico. Poder-se-ia talvez ver nisto a impertinência de um dos fundadores da Maçonaria Especulativa com relação à Maçonaria Tradicional, resto de um rito escocês vivendo ainda na Inglaterra em 1723.
>
> (J. Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 93)

243 Wikipedia – Culdees do irlandês Céilí Dé = servos de Deus; Cristandade celta.

A respeito da Igreja culdense ou céltica René Guenon observou:

> É possível que a Igreja "céltica" ou "culdense" mereça (uma certa atenção) ... e não há nada de inverosímil no fato de ter tido atrás dela alguma coisa de outra ordem, não mais religiosa, mas iniciática.
>
> (René Guénon, *Aperçus sur l'esoterisme chrétien*, p. 86).

Finalmente, para encerrar as inúmeras citações de Jean Palou a este respeito, reproduzimos aqui sua singular versão, muito próxima do que intuímos a este respeito:

> A nosso ver, dois fatos são certos. O escocismo é uma forma de Maçonaria regular, a forma mais antiga, sem dúvida, pois suas origens estão no ofício de pessoas que trabalham com a madeira antes de talhar a pedra. O escocismo, no correr dos séculos, incorporou elementos iniciáticos de diferentes origens, que constituíram o sistema dos Graus Superiores. Estes últimos apareceram num determinado dia do século XVIII, porque essa semi-exteriorização tinha se tornado necessária. É possível que isto correspondesse a uma necessidade histórica – que nada tem a ver com a lenda stuardista nem com as elucubrações, ao gosto de Ragon, das influências jesuíticas – e nos alinhamos, quanto a essas causas, à opinião abalizada de Jean Reyor, quando escreve:
>
>> ... acontece, nesses períodos conturbados, que por razões que podem ser diferentes, se produzam exteriorizações de doutrinas normalmente esotéricas, sejam exteriorizações autorizadas da violação do segredo por indiscrições acidentais ou por violências, seja, enfim, por divulgações efetuadas por uma corrente esotérica degenerada ou desviada, a qual, tendo perdido a noção de seu verdadeiro papel, propõe-se a intervir diretamente no mundo exterior, quer para propagar uma "nova dispensação" do cristianismo, na expressão de M. Hutin, quer por qualquer outro motivo político ou religioso.
>
> (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólico e Iniciática*, p. 96)

367 – O bispo Athanasius de Alexandria[244] compila uma série de trabalhos para serem incluídos no Novo Testamento, selecionando deliberadamente os que deveriam constar e com as devidas partes a serem ou não incluídas. Como exemplo dessas adulterações citamos, novamente, o trabalho do professor Morton Smith, da Universidade de Columbia, que em 1958 descobriu, num monastério próximo a Jerusalém, uma carta de Clemente de Alexandria[230] contendo fragmento inédito do Evangelho de Marcos. No texto, Clemente instrui seu discípulo a mentir e ocultar a todo custo qualquer informação sobre a existência do Evangelho original, que havia sido suprimido sob instigação do próprio Clemente de Alexandria (vide ano 180).

374 – Chineses registram o aparecimento do cometa Halley, de março a maio. O periélio deu-se em 18 de fevereiro.

375– Santo Agostinho (21), educado nos Clássicos e na Retórica, torna-se professor desta matéria em Cartago, ensinando depois em Roma e Milão, onde foi também professor de Retórica. Agostinho foi sucessivamente atraído pelas doutrinas religiosas maniqueístas, pelos filósofos gregos e pelo neoplatonismo.

Hunos forçam os godos a se deslocarem da Ásia à Europa. Os hunos conquistam os ostrogodos (ou East Goths, godos do leste) e forçaram os visigodos a procurar refúgio ao longo do Danúbio, nas fronteiras do Império Romano.

---

244 Wikipedia – Athanasius (298–373), bispo de Alexandria, Pai da Igreja, combateu o arianismo.

378 – Morre Clodius V, rei dos francos. Com sua morte os francos não terão um rei formal até 419, quando Faramund unirá as duas descendências: a sua, vinda de Genebald I, e a de sua esposa, Argotta, descendente de Clodomir V, irmão de Genebald I. Vide ano 317.

378 – Numa batalha perto da cidade de Adrianópolis, os visigodos matam o imperador Valens. Por algum tempo vivem pacificamente em território romano.

380 – O Concílio de Saragoça, no ano de 380, proclamou que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma mesma pessoa e que a natureza humana de Cristo é pura '*ilusão*' (um eco da doutrina hindu dos Avatares). "*Uma vez nesse terreno movediço, os Padres tinham que incidir* ***in absurdum****, e foi o que aconteceu*". Como negar natureza humana a quem nasceu de mulher? A única voz sensata que se ouviu, em um dos Concílios de Constantinopla, foi a de Êutiques, que teve a coragem de dizer: "*Deus me livre de especular sobre a natureza de meu Deus*." E tal atitude lhe valeu a excomunhão do papa ~~Flávio~~ Flaviano. (H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. V, p. 148)

381 – O arianismo continua a crescer e é convocado o Terceiro Concílio, o chamado 2º Concílio Ecumênico, em Constantinopla. O arianismo é novamente condenado pela Igreja Romana, mas continua a angariar mais e mais adeptos. Roma preocupa-se pois os "heréticos" ocupam sedes importantes como Constantinopla. Vamos ao relato da Igreja "moderna":

> Rogou-se a intervenção do imperador Theodósio para fazer desalojar os arianos. O próprio imperador investiu na cátedra episcopal de Constantinopla o campeão da Fé, São Gregório Nazanieno. Para selar a restauração da ortodoxia e o retorno da paz aos ânimos, o imperador convocou o Concílio. O mérito principal do Concílio foi a definição da divindade do Espírito Santo, isto é, que o **Espírito Santo é pessoa divina** como o Pai e o Filho. Além disso, o Concílio promulgou o célebre **símbolo Niceno-Cosmopolitano**, aquela profissão de Fé nas principais verdades reveladas que devia, quem quer que abraçasse o Cristianismo, recitar no rito solene do Batismo. Tal símbolo, ou fórmula de Fé, é o que se recita todos os dias no "Credo" da Santa Missa. O símbolo emanado do Concílio foi aprovado pelo pontífice romano. (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

384 – Assume o papa Siricius, mais tarde canonizado a santo, até 399. No seu pontificado o bispo de Roma começa a se denominar papa (Pai, Pater) pela primeira vez. Antes era simplesmente Bispo de Roma. No egípcio, as palavras **pa**, **per** significam palácio, casa do governante, e **papa** é parir, dar nascimento, uma deusa do nascimento. Também significa brilhar, iluminar. Nessa época, a condição oficial do bispo de Roma ou papa não era maior do que a de qualquer outro bispo, e diferia muito da do papa atual. "Ele não era, em nenhum sentido, o líder espiritual ou a cabeça suprema da cristandade. Representava apenas um conjunto de interesses velados, uma das muitas formas divergentes de cristianismo, que lutava desesperadamente pela sobrevivência contra a variedade de cismas e pontos de vista teológicos conflitantes. Oficialmente, a Igreja Romana não possuía maior autoridade que, digamos, a Igreja Celta, com a qual estava em atrito permanente. Sua autoridade não era maior do que a de heresias como o arianismo, que negava a divindade de Jesus e insistia em sua humanidade. Durante a maior parte do século V, os bispados da Europa Ocidental ou eram arianos ou estavam vagos." (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit.*, p. 197)

A situação da Igreja Romana estava, assim, seriamente ameaçada. A solução só virá pela aliança com o rei merovíngio Clóvis, cem anos depois ...

387 – Santo Agostinho (33) é batizado, retirando-se para a vida monástica e abandonando o mundo. Santo Agostinho, que sempre esteve interessado numa busca interior e de auto-satisfação, experimenta uma dramática conversão, centrada nas Epístolas de São Paulo. Adotou quase literalmente o texto (Romanos 13,14): "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não tenhais cuidado da carne para satisfazer seus desejos". Esta mudança foi permanente, e depois de muito meditar decidiu que deveria retornar ao norte da África, onde começou a escrever sobre filosofia e metafísica com a convicção de um convertido, iluminado pela certeza e a realidade de sua experiência interior. Seus trabalhos exerceram enorme influência. Em breve teve que renunciar à vida monástica, pois foi consagrado bispo de Hipona, na Numídia, um dos maiores centros de influência cristã do norte da África, onde despendeu muito tempo em viagens e obrigações pastorais. Triste fim para alguém que começou a trilhar a senda do conhecimento espiritual, estudando as doutrinas pitagóricas e gnósticas, e acabou com um cargo clerical tomando todo o tempo, a princípio, dispusera à vida monástica. Sua "iluminação" o levou – de maneira muito insólita e quase sem precedentes – do esoterismo para o exoterismo, do interno para o externo, do conhecimento para a doutrina, do saber para o crer.

389 – Theodosius decide queimar todos os textos das Profecias Sibilinas, perdendo-se para sempre quaisquer vestígios das milenares visões das sacerdotisas gregas e romanas, consultadas por milhares do iniciados e líderes em todos os tempos (vide anos 83 a.C. e 1 d.C.).

390 – Segundo incêndio da Biblioteca de Alexandria, instigado pelo patriarca cristão Teófilo. Ele interditou todos os templos "pagãos", destruindo-os bem como ao extraordinário Serapeu de Alexandria. Os egípcios, que aceitaram placidamente o deus cristão como uma continuação de verdades milenares que pacificamente praticavam, estavam estarrecidos.

> Mas bem pior fez o seu sucessor, São Cirilo, que, além de destruir templos ou de transformá-los em igrejas, expulsou de Alexandria todos os quarenta mil hebreus "deicidas", deixando que um grande número deles fosse massacrado pelos gregos, que não perderam a ocasião para libertar-se dos perigosos rivais em negócios. Porém, atrozes mesmo eram os contínuos massacres que os cristãos, com uma interpretação bastante enviesada, praticavam entre si; os vários tipos de iniciados estavam sempre empunhando armas e preferivelmente desferindo-as contra o adversário. Os egípcios cristianizados, absolutamente desinformados do verdadeiro significado de atos tão violentos por obscuros dogmas teológicos ou cristológicos, indignaram-se de vez e solidarizaram-se com os seus compatriotas pagãos, e daí por diante, as rebeliões eram sucessivas. Mas a máquina iconoclasta prosseguiu implacável.
> (Federico A. A. Mella, *O Egito dos Faraós*, Hemus, S. Paulo, 1981, p. 402)

393 – O Conselho da igreja de Hippo ratifica a lista de livros do Novo Testamento elaborada em 367 pelo bispo Athanasius de Alexandria.

395 – Divisão do Império Romano entre Arcádio, em Constantinopla, e Honório em Roma.

O general galo-romano Stilichon volta a rechacar os Pictos, na Bretanha, e a mantê-los numa certa tranquilidade. Restabeleceu as defesas do império mais ao sul. De qualquer modo, a influência dos bretões do norte foi decisiva. Toda a literatura, e particularmente a poesia, tradicionalmente qualificada de gaulesa, é de fato devida aos bretões do norte. Certamente, os textos que nos chegam se encontram em manuscritos galeses, mas provém dos séculos XII e XIII. Os galeses não fizeram mais que recuperar e adaptar os manuscritos mais antigos ou das tradições transmitidas pela via oral. A língua dos manuscritos é o médio-galês, com elementos tirados do velho-galês, pois no século VI, época onde se considera que viviam os autores destes textos, o galês não existia ainda como língua. Tratava-se do britânico insular, resultante da evolução do galês. Assim, as referências precisas encontradas sobre os bretões do norte não deixam qualquer dúvida sobre a origem primitiva desses textos.

Com a morte do imperador romano Theodosius, os visigodos crescem a rebelião sob o ambicioso e jovem rei Alarico, e tomam parte do império oriental.

397 – O Concílio de Cartago ratifica novamente a lista de livros do Novo Testamento elaborada em 367 pelo bispo Athanasius de Alexandria. Neste Concílio, assim como nos anteriores de 393 e 367, alguns trabalhos foram reunidos para formar o Novo Testamento como o conhecemos hoje, outros foram rudemente ignorados.

399 – Assume o papa Anastasius, mais tarde canonizado a santo, até 401.

SÉCULO V d.C.

401 – Assume o papa Inocêncio I, mais tarde canonizado a santo, até 417.

Em Reims, São Nicásio constrói uma igreja consagrada à Virgem sobre os vestígios das termas galo-romanas. A construção original de San Nicaise foi respeitada nos edifícios sucessivos. Situada no ponto de encontro das rotas do norte e do leste, Reims veria ainda a invasão dos hunos.

407 – Vândalos arrasam Reims (antiga Durocortorum, nome romano), capital da tribo dos Remes. San Nicaise é morto sobre o átrio. Assim, 30 anos antes do Concílio de Éfeso difundir no Ocidente o culto da Virgem, Reims torna-se o primeiro santuário marial.

410 – Os **visigodos**, liderados por Alarico, o Grande, pilharam toda a riqueza de Roma. Segundo o historiador Procopius, Alarico escapou com

> os **tesouros de Salomão**, rei dos hebreus, maravilhas aos olhos, pois eram em sua maioria enfeitados de esmeraldas e haviam sido roubados de Jerusalém pelos romanos. (Procopius, *History of the Wars*, livro V, xii)

Os visigodos, no saque a Roma, pouparam as igrejas cristãs, dada sua conversão ao cristianismo ariano. Os sucessores de Alarico levam seu povo a estabelecer um poderoso reino no sul da Gália e Espanha. A partir daí Roma deixa de controlar as ilhas britânicas, e os bárbaros passam a disputar com o remanescente poder romano na ilha, que se desagrega totalmente até 600 d.C..

417 – Assume o papa Zosimus, mais tarde canonizado a santo, até 418.

Registro do reinado de **Mérovée** (Merovech ou Meroveus) como o chefe franco de origem sicambriana, uma tribo do povo germânico. Morreu em 438. Assim como seu filho e neto o serão, ele era seguidor do culto pagão de **Diana das Ardenas**, **dos Nove Fogos**. Daí provavelmente seu nome, evocando a palavra francesa Mãe e Mar. Lembremos que, do egípcio, as palavras amor, amante, desejo, mar, semente divina são, respectivamente, *mer*, *meri*, *mer-t*, *ma* (*mi*, *mu*), *mai* (*mi*). Além disso, Mer designa também governante, cabeça, diretor, chefe. Tanto os cronistas francos como a subsequente tradição diz que Mérovée nasceu de dois pais. Quando já estava grávida de seu pai, o rei Clódio, a mãe de Mérovée teria ido nadar no oceano (dai o *mer* egípcio). Na água ela teria sido seduzida e/ou violada por uma criatura marinha – *bestea Neptuni Quinotauri similis*, uma "*besta de Netuno semelhante a um Quinotauro*". O misterioso Quinotauro a teria engravidado uma segunda vez. Quando Mérovée nasceu, supostamente corria em suas veias um amálgama de dois sangues diferentes: o de um governante franco e de uma misteriosa criatura aquática.

Certamente esta é uma bela alegoria utilizada pelos Iniciados para ocultar o fruto do casamento alquímico que dá origem aos Iniciados. Em vez de dizer que o rei nascera de uma mãe virgem – como de resto todos os grandes profetas da humanidade (Buddha, Jesus, Maomé, Krishna), fato muito mais inverossímil e difícil de aceitar, a alegoria do nascimento de Mérovée mostra que o contato carnal, físico, foi essencial, prioritário mesmo, sem o qual nenhuma criatura poderia ser fisicamente concebida no mundo denso. O milagre, isto sim, consiste na *Água Sagrada* que distingue o nascimento dos Iniciados dos homens comuns: o esperma sagrado que origina o sangue azul, fruto da *Maituna* dos hindus. É o ato sexual sem a ejaculação, com o trabalho da luz para iluminar os solares átomos que constituem o princípio masculino fecundante do espermatozoide, o *iod*. Por isto na grafia original egípcia para o citado *mer* aparece tanto o símbolo sagrado do pênis, cujo nome egípcio é *met*.

Conforme registraram Baigent, Leigh e Lincoln:

> Segundo a tradição, os monarcas merovíngios eram adeptos do oculto, iniciados em ciências antigas, praticantes de artes esotéricas, rivais dignos de Merlim. (Aliás, Merlim era seu contemporâneo.) Eram conhecidos por 'reis bruxos', ou 'reis taumaturgos'. Em virtude de alguma propriedade miraculosa de seu sangue, seriam capazes de curar com as mãos; e segundo uma narrativa, as franjas dos pingentes de suas roupas teriam poderes curativos miraculosos. Eles seriam capazes de clarividência ou comunicação telepática com animais e com o mundo natural ao seu redor, e de utilizar um poderoso colar mágico. Possuiriam um amuleto arcaico que lhes protegia e lhes garantia fenomenal longevidade – o que a história, incidentalmente, não parece confirmar. Todos eles possuíam supostamente um sinal congênito, que os tornava imediatamente identificáveis e atestava seu sangue semidivino, ou sagrado. Este sinal congênito tomaria a forma de uma cruz vermelha – uma curiosa antecipação do brasão dos templários – sobre o coração ou entre as omoplatas. Os merovíngios eram também chamados 'reis de cabelos longos'. Seus cabelos, como os de Sansão, conteriam sua *vertu*, a essência e o segredo de seu poder.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 191)

Eram mais considerados como reis-sacerdotes, encarnações do divino tal como os faraós egípcios. Conforme evocam os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*: "crânios de monarcas merovíngios encontrados revelam uma incisão ritual ou buraco na cabeça. Incisões similares podem ser encon-

tradas nos crânios de altos sacerdotes do antigo budismo tibetano – para permitir a alma escapar da morte e estabelecer contato direto com o divino. Existem razões para supor que o tosamento clerical seja um resíduo desta prática." (Baigent, Leigh e Lincoln, *op. cit*., p. 192) Essa prática tem relação com a célebre cerimônia de abertura da boca do morto, no funeral egípcio.

As lendas merovíngias evocavam sua origem desde Noé, a quem respeitavam mais que a Moisés. Diziam-se também descender diretamente de Troia, o que poderia explicar os nomes de cidades como Troyes e Paris. Lembremos, aqui, que Paris tem também, como origem etimológica muito provável, a palavra egípcia para Faraó: ***Par-o***, que significa, literalmente, "casa dupla". Na realidade, este é mais um ponto em comum com as altas dinastias inglesas. Um dos primeiros reis conhecidos como tal na Inglaterra foi Æthelwulf. Nasceu em 800 d.C., subiu ao poder em 4/fev/839. Abdicou em 856 e morreu em 13 de janeiro de 858, sendo enterrado na Catedral Winchester. Renomado pela sua capacidade militar, bateu 350 barcos vikings em 851. Reduziu os impostos e implementou a Igreja. Nas genealogias anglo-saxônicas e nos versos dos Eddas, Æthelwulf era a 46ª dinastia após Príamo, rei de Troia. O mais interessante é que as dinastias reais europeias, de uma maneira ou de outra, seguiam esta descendência. O primeiro rei de Portugal, Alfonso Henriques I, nasceu a 25/jul/1110, subindo ao poder em 1139. Era a sexta dinastia após a princesa inglesa Edhilda, que se casou em 926 com Hugo Capeto, descendente carolíngio. Edhilda era bisneta de Æthelwulf, descendente de Príamo, de Troia! Como veremos, tal não ocorreu com os Capetos e Carolíngios, pois usurparam o direito sanguíneo à realeza. Mesmo assim, essa situação será amenizada pelo casamento sucessivo com princesas visigodas.

> Escritores mais contemporâneos – inclusive os autores dos Documentos do Monastério [Prieuré] – têm tentado seguir os Merovíngios até a Grécia antiga, especificamente até a região conhecida como Arcádia. De acordo com os documentos, os ancestrais merovíngios eram relacionados com a casa real da Arcádia. (...) Segundo Homero, um contingente substancial de arcadianos estava presente no cerco a Troia. E segundo histórias gregas antigas, Troia foi fundada por gente de Arcádia. Vale a pena também notar que o urso, na antiga Arcádia, era um animal sagrado, base de cultos de mistério, um totem, ao qual sacrifícios rituais eram oferecidos. Realmente, o próprio nome de Arcádia deriva de *arkades*, que significa 'povo do urso'. Os antigos arcadianos ~~pretendiam~~ [diziam] descender de Arkas, a deidade patrona da terra, cujo nome também significa urso. De acordo com a mitologia grega, Arkas era filho de Kallisto, uma ninfa relacionada com Artêmis, a caçadora. Modernamente, Kallisto é mais conhecida como a constelação da Ursa Maior. Entre os francos sicambrianos, dos quais surgiram os merovíngios, o urso gozava de uma condição igualmente exaltada. Assim como os antigos arcadianos, eles veneravam o urso na forma de Artêmis – ou, mais especificamente, na forma de seu equivalente galês, **Arduina**, deusa patrona de **Ardennes**. O culto misterioso a Arduina persistiu até a Idade Média, sendo Lunéville um de seus centros, próximo de (...) **Stenay** e **Orval**. Em 1304, a Igreja ainda promulgava estatutos proibindo a veneração dessa deusa pagã. (...) Não é de se surpreender que nos Documentos do Monastério [Prieuré] o nome Ursus seja associado à linhagem merovíngia real. Mais surpreendente é o fato de a palavra galesa para urso ser *arth*, de onde deriva o nome de Arthur. (Baigent et alii, *op. cit*., p. 193)

De fato, Arthur está por demais ligado à lenda do Graal, assim como os descendentes de Mérovée. Assim como os magos merovíngios, Arthur trazia, atrás de si, um mago de origem não menos mística, cujo nome também origina-se na raiz merovíngia-egípcia *Mer*: Merlim. E ambas as dinastias terão seu apogeu, curiosamente, na mesma época!

Como vimos, no início da Era Cristã os arcadianos teriam migrado Danúbio acima e, depois, Reno acima. Aliás, não seria o nome do Danúbio derivado da tribo de Dan, os primitivos Aqueanos de Micenas (vide anos 2100–1600 a.C. e 900 a.C.)?

> No início do século V, a invasão dos hunos provocou migrações em grande escala de todas as tribos europeias. Foi nessa época que os (...) ancestrais sicambrianos dos merovíngios cruzaram o Reno e se mudaram em massa para a Gália, estabelecendo-se no que hoje é a Bélgica e o norte da França, nas vizinhanças de **Ardennes**. Um século mais tarde esta região veio a se chamar reino de Austrasie[245]. E o centro desse reino estava situado no que hoje se chama **Lorraine**. O influxo sicambriano na Gália não consistiu de uma horda de selvagens bárbaros. (...) Foi plácido e civilizado. Durante séculos os sicambrianos tinham mantido contato com os romanos, e, embora fossem pagãos, não eram selvagens. Eram bem versados em costumes e administração romana, e seguiam as modas romanas. Alguns sicambrianos se tinham tornado oficiais de alto escalão no exército imperial. Alguns tinham até chegado a cônsules romanos. Por isso, o influxo sicambriano foi mais uma absorção pacífica do que um ataque ou uma invasão. E quando o império romano caiu, no final do século V, os sicambrianos preencheram o vácuo. (...) Um dos Mérovée foi um chefe sicambriano que viveu em 417, lutou sob os romanos e morreu em 438. Pelo menos um especialista moderno sugere que este Mérovée visitou Roma e causou uma certa sensação. Há, de fato, registro de uma visita de um imponente líder franco, conspícuo por seu esvoaçante cabelo amarelo.
>
> (Baigent et alii, *op. cit.*, p. 194)

Assim como todos os povos bárbaros à época – os suevis, os lombardos, os alanos, os vândalos, os burgundianos, os ostrogodos, os visigodos – os merovíngios tinham profundas ligações com o cristianismo ariano. Isto explica sua eterna incompatibilidade com a Igreja Romana ao longo dos séculos. Nesta época, todos os bispados da cristandade são arianos ou estão vagos.

> Os reis merovíngios não parecem ter sido antissemitas. Ao contrário, parecem ter sido não só tolerantes com os judeus, mas simpatizantes com os que havia em seus territórios – apesar dos protestos reiterados da Igreja Romana. Casamentos mistos eram muito frequentes. Muitos judeus, especialmente no sul, possuíam grandes lotes de terras, escravos e serventes cristãos. E muitos atuavam como magistrados e administradores de alto escalão para seus senhores merovíngios. Em geral, a atitude dos merovíngios em relação aos judeus parece ter sido sem paralelo na história ocidental anterior à reforma luterana. Os próprios merovíngios acreditavam que seu poder milagroso era devido, em grande parte, aos seus cabelos, que eram proibidos de cortar. Sua posição quanto a este assunto era idêntica àquela dos nazoritas do Velho Testamento, dos quais Sansão era um membro. Existem muitas evidências que sugerem que Jesus também era um nazorita. Segundo os primeiros escritores da Igreja e também os estudiosos modernos, seu irmão, São Jonas [James], certamente o era. Na casa real merovíngia e nas famílias a elas ligadas havia um número

245 Wikipedia – Austrasie reino franco da época merovíngia (511–751), capital: Reims, depois Metz.

surpreendente de nomes judeus: um irmão do rei Clotaire II, por exemplo, se chamava Sansão; (...) Miron, 'o Levita', foi conde de Bésalou e bispo de Gerona; um conde de Roussilon era chamado Salomão, e outro Salomão tornou-se rei da ~~Grã~~-Bretanha. (...) E o próprio nome Mérovée pode ter origem no Oriente Médio (Meröe era um reino no nordeste do Egito, a sudoeste da Península do Sinai). (...) E é possível que muitas famílias consideradas 'visigodas' fossem, na realidade, judaicas. (...) Cronistas frequentemente usavam as palavras 'godo' [goth] e 'judeu' intercaladamente. O sul da França e as bordas da Espanha – a região conhecida como Septimania nas épocas merovíngia e carolíngia – abrigavam uma população judia extremamente grande. Esta região também era conhecida por Gothie ou Gothia, e seus habitantes judeus eram frequentemente chamados *goths* – um erro que, em algumas ocasiões, pode ter sido deliberado. Por causa dele, os judeus não podiam ser identificados como tal, salvo pelos nomes de família específicos. (...) Toda uma seção da Lei Sálica[246] – Título 45, *De Migrantibus*[247] – tem intrigado pesquisadores e comentaristas, e tem sido a fonte de um incessante debate. Trata-se da complicada seção que define as circunstâncias nas quais pessoas itinerantes podem estabelecer residência e receber a condição de cidadãos. Curiosamente, ela não é de origem teutônica, e escritores têm sido conduzidos a postular hipóteses estranhas para explicar sua inclusão na Lei Sálica. Recentemente se descobriu que esta seção do código sálico deriva diretamente da lei judaica. Mais especificamente, sua origem pode ser traçada até uma seção do Talmud. Assim, pode-se dizer que a Lei Sálica, pelo menos em parte, deriva diretamente da lei judaica tradicional. E isto sugere que os merovíngios – sob os auspícios dos quais a Lei Sálica foi codificada – eram não somente versados na lei judaica como tinham acesso a textos judaicos.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 329)

Mais do que isto, esta codificação sálica aos itinerantes mostra-se muito conveniente para a constante necessidade dos judeus de serem abrigados em sua vida nômade ao longo dos séculos, frequentemente expulsos de sua Terra Prometida e perseguidos por romanos, babilônios, gregos e cristãos. Este fato não deixa de sugerir o direto interesse merovíngio em tal questão, supondo uma ligação muito forte com as dinastias judaicas e sua necessidade de legitimação e reconhecimento na Europa.

418 – Assume o papa Bonifácio I, mais tarde canonizado a santo, até 422.

419 – As genealogias clássicas colocam, neste ano, Faramund como rei dos francos, até 425/430. Vide ano 317.

422 – Assume o papa Celestino I, mais tarde canonizado a santo, até 432.

425/30 – Morre Faramund, rei dos francos. As genealogias clássicas dão Clódio, seu segundo filho, como rei dos francos, até 445. Clódio casa-se com Basina de Thueringen, filha de Widelf, rei de Thueringen. Terá 3 filhos: o mais velho casará com uma princesa visigoda, Argotta de Verona, enquanto o segundo será rei dos francos como Mérovée II dos francos.

430 – Morre Santo Agostinho.

431 – Chega na Irlanda o bispo Palladius, da Gália. O cristianismo foi estabelecido na Irlanda antes da sua chegada, no início do século V, segundo as fontes.

246 Wikipedia – Lei sálica (loi salique) código de lei (4º–6º séc.) influenciado pelo direito romano.
247 Archive.org – Fustel de Coulanges, Étude sur le titre "De migrantibus" de la loi salique, Paris, 1886

3º Concílio Ecumênico em Éfeso. Desta vez para combater os seguidores de Nestor, bispo de Jerusalém. Seus seguidores, os nestorianos, estavam sediados na Síria e espalhados até a Índia e China. Separavam a natureza humana e espiritual de Cristo. Deixemos aos clérigos "modernos" a palavra:

> O mistério trinário é este: há em Deus uma só natureza possuída por três pessoas. O mistério do Cristo está nisto: em Jesus há duas naturezas, a humana e a divina, mas uma só pessoa. Ao invés, a heresia, em emboscada pela boca de Nestório, patriarca de Jerusalém, impugnava e negava a divina maternidade da Virgem Maria e afirmava que o Cristo, dela nascido, era um ser humano, a quem o Filho de Deus comunicou a própria dignidade e divindade. Contra Nestório levantou-se Cirilo, bispo de Alexandria, dialético e teólogo formidável. A luta entre os dois foi tremenda. De um lado estavam o pontífice romano Celestino e Cirilo, de outro a corte de Constantinopla e Nestório. Foi convocado o Concílio em Éfeso. Presidiu Cirilo, em nome do pontífice romano. Nestório, convidado por três boas vezes, não deu sinal de vida. Nestório foi destituído da autoridade episcopal pois seu ensinamento era ímpio. Definiu-se: **o filho de Maria é Jesus Cristo, Pessoa divina. Maria é Mãe de Deus**. A multidão dos fiéis, ansiosa o dia inteiro pelo êxito do Concílio, acolheu jubilosa os Padres da Fé com o tremor cintilante das luminárias. Éfeso era, daí em diante, a Cidade de Maria, e sobre a puríssima fronte da Virgem, naquela noite iluminada, brilhou, em novo esplendor, o régio diadema da Divina Maternidade.
>
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, Ed. Livros do Brasil, RJ, 1962, vol. IV)

Sem comentários...

432 – Assume o papa Sixtus III, mais tarde canonizado a santo, até 440.

436 – Nasce Childeric I, filho de Mérovée II, que será rei dos francos em 448.

438 – Morre Mérovée, o 1º rei merovíngio, registrado em 417. Assume Clódio até 448.

440 – Assume o papa Leão I, mais tarde canonizado a santo, até 461.

448 – Morre Clódio, rei dos francos de Cambrai, segundo fontes clássicas. Clódio representaria os francos de origem sálica. Assume Mérovée II (filho de Clódio, segundo fontes clássicas, ou de Mérovée I, segundo outras), o jovem rei dos francos de Yssel, em Tournai, até 458. Mérovée II se casará com Verica e terá como único filho Childeric. Henri Loubineau, em seus *Dossiers Secrets*, coloca Mérovée II descendendo de Mérovée I, sendo este último de origem sicambriana a partir de tribos germânicas. Fontes clássicas colocam-no como filho de Clódio, portanto de origem sálica e franca. De qualquer forma, para nosso propósito tal fato pouco afeta nossas principais conclusões. Afinal, ambas as origens se somaram no sangue de Mérovée II, apontando fortemente para sua ligação judaico (sálica) – francesa, e possivelmente ligados a Madalena, a Lázaro e aos primeiros chefes francos. De outra forma, pelo lado sicambriano, sua genealogia o liga aos descendentes arcadianos, como veremos. Mérovée II reinará até 458. Pode ter sido o primeiro rei oficial dos francos como um povo unido. Em virtude disto ou do simbolismo do nome, toda a dinastia que o sucedeu foi chamada merovíngia. Sob o reinado dos descendentes de Mérovée floresceu uma civilização comparável à de Bizâncio. O casamento dos reis, entretanto, continuava poligâmico, com haréns do nível dos orientais.

Apesar de ser uma sociedade moderna e ponderada, a monarquia merovíngia era especial. Filhos de reis merovíngios não eram reis inventados. Seu papel na linhagem era ao mesmo tempo mágico e místico, o que fazia deles os

únicos reis por direito. A coroação, assim, não era necessária, uma vez que era um selo carregado com o sangue desde o nascimento. Todavia, seu poder era tão mágico e ritualístico quanto não imaterial. Eram reis-sacerdotes reconhecidos por direito sagrado, que entregavam a tarefa administrativa mundana a um oficial designado para tal função.

449 – No [2º] Concílio de Éfeso (449 a.D.)[248], obteve Êutiques [Εὐτυχής Eutyches] a sua desforra. Como Eusébio, o veraz bispo de ~~Cesareia~~ Dorylaeum o quisesse forçar a admitir duas naturezas distintas em Jesus Cristo, insurgiu-se o Concílio contra Eusébio e propôs que fosse queimado vivo. Os bispos levantaram-se como um só homem e, incendiados de cólera, os punhos cerrados, pediram que Eusébio fosse partido em dois, a exemplo do que ele queria fazer a Jesus. Êutiques foi reintegrado em suas funções e dignidade eclesiástica, enquanto ~~Flávio~~ Flaviano e Eusébio eram depostos. ~~Desde~~ então os dois partidos se empenharam mutuamente em lutas cada vez mais violentas, a tal ponto que São ~~Flávio~~ Flaviano, agredido a pontapés pelo bispo Deodoro, morreu alguns dias depois em consequência dos golpes recebidos. (H. P. Blavatsky, A Doutrina Secreta, vol. V, p. 148)

450 – Os batismos de São Nicaise são retomados pelas necessidades do culto.

Pelo século V o cristianismo chega à Irlanda. Ele traz a influência do continente, que penetrou mais profundamente no século VI com a pregação de Santo Agostinho. Os monges, muitos dos quais estavam juntos de numerosos druidas e bardos, colocaram seus conhecimentos artísticos a serviço da nova religião.

Na primeira parte do século IV nasceu San Patrick. A lenda diz que ele utilizava o trevo para explicar a Trindade, e que baniu todas as serpentes da Irlanda. A realidade mostra-lhe como aquele que cristianizou toda a Irlanda. Nasceu de família romanizada na Inglaterra, na primeira metade do século V. Aos 16 anos foi levado à Irlanda por piratas e vendido como escravo. Sustentou-se com sua fé durante os 6 anos em que viveu como pastor. Fugiu para a Inglaterra, onde teve uma visão de sua cristianização da Irlanda. Após estudar nos monastérios continentais, Patrick volta à Irlanda como missionário. Apesar da constante ameaça contra sua vida, cumpriu sua visão batizando, confirmando, pregando, construindo igrejas, escolas e monastérios. Converteu quase toda a população irlandesa. Sua "Epístola" prega o caso da Irlanda cristã nas mãos dos conquistadores britânicos. Seu dia é celebrado em 17 de maio. Além de servirem à cristianização da ilha, os ensinamentos dos monastérios estabelecidos por San Patrick foram mais tarde levados a muitas partes da Europa.

No século V imigrantes celtas da Irlanda, os scots, assentam-se ao norte de Clyde. Os scots já eram cristãos quando deixaram a Irlanda. No próximo século São Columba converterá o rei dos pictos à cristandade.

451 – Chineses registram o aparecimento do cometa Halley em Leão e Virgo. No ocidente, foi visto de junho a agosto.

4º Concílio Ecumênico, em Calcedônia. Com a palavra os clérigos:

> Até aqui os Concílios se haviam pronunciado sobre questões concernentes à Divindade de Jesus Cristo e definido que ele é verdadeiro Deus. Agora devem cuidar de sua humanidade e definir que ele é verdadeiro homem. Eustíquio, prior de um cenóbio de Constantinopla, sustentava que em Jesus, sendo única a Pessoa, assim única é a natureza: uma natureza misteriosa, resultante da união de dois princípios, divino e humano. Em

248 Wikipedia – 2º Concílio de Éfeso Eusébio de Cesareia morreu em 340.

Jesus corpo, alma e espírito pertencem à divindade. Nada devia Jesus à Mãe, nada recebera dela. As disputas prolongaram-se de 8 a 25 de outubro, sendo redigida a profissão de fé: Uma é a Pessoa em Jesus Cristo, a Pessoa Divina, mas duas são as naturezas, a humana e a divina, duas naturezas não separadas nem divididas, não confundidas, nem mutáveis. O único e idêntico Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, perfeito Deus e perfeito Homem. Um só é o Eu de Cristo.

(*A Bíblia Sagrada*, trad. pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

458 – Morre Mérovée II. É coroado Childeric I, rei dos francos de Yssel, até 481.

459 – Assume San Rémi como bispo de Reims, até sua morte em 533.

461 – Assume o papa Hilarius, mais tarde canonizado a santo, até 468.

465 – Nasce Clóvis[249], filho de Childeric I, neto de Mérovée II, futuro primeiro rei cristão. Assumirá a coroa em 481 até sua morte em 511. Através dele os francos se converterão ao cristianismo romano, dando ao novo império de Roma uma supremacia sequer imaginada pelos césares, durando mil anos.

468 – Assume o papa Simplicius, mais tarde canonizado a santo, até 483.

474 – Após fazerem parte da horda que seguiu Átila, o rei dos hunos, os Ostrogodos (West Goth ou godos do oeste) veem seu grands herói nacional, a poderosa e romântica figura de Theodoric, o Grande, tornar-se rei.

475 – A sudoeste da Ilha da Bretanha nasce Arthur[250], futuro rei dos Bretões, provavelmente em Kernyw (Cornwall). Sua família não era de muito alta extirpe, provavelmente era meio romanizada e falando duas línguas, o latim e o bretão, como seria normal a todos os que estivessem sob a autoridade de Ambrosius Aurelianus. Estas famílias constituíam um tipo de aristocracia provincial coadjuvante da administração.

476 – Fim do Império Romano, com a queda de seu último imperador, Romulus Augustulus, deposto pelo lider bárbaro Odoacro.

481 – Clóvis assume o trono franco.

480 a 650 – Monges irlandeses, geralmente druidas cristianizados, desembarcam na França para pregar a nova religião. Seu cristianismo é dissidente, guardando muitos ensinamentos da antiga tradição druídica, em particular o culto a Nwywre e seus dois símbolos. A iconografia bretã nos conservou o nome dos velhos santos passeando juntamente com o dragão que eles domesticaram. Trata-se do símbolo da união do Céu com a Terra. São os Santos Armel, Derrien, Meen, Pol Aurélien, Marguerite, além do nosso conhecido São Jorge. Eles chamavam seu dragão de Guivre.

(Marcel Moreau, *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*, pp. 77-78)

483 – Assume o papa Félix III (ou Félix II), mais tarde canonizado a santo, até 492.

Século V, final – Os samaritanos revoltam-se contra o domínio greco-romano na Palestina, tentando tornar-se independentes. Cinquenta anos depois farão nova insurreição.

249 Wikipedia – Clovis 1º (466–511), rei dos francos sálios (*saliens*) e depois de todos os francos.
250 Wikipedia – King Arthur. Sua base histórica é discutida por historiadores modernos.

Figura 28: Tintagel, o local de nascimento de Arthur visto de dois ângulos

Figura 28a

Wikipedia – Tintagel

O cenário onde se desenrolou a cena arturiana se repetirá 700 anos mais tarde com os cátaros escondidos no norte da França. Da Grande Bretanha para a Pequena Bretanha, próximo ao país da "Marca de Dan" (a Denmark), os continuadores da saga benjamita presevarão o Santo Graal ou o Sang Real em Saint Malo[251], numa paisagem no mínimo muitíssimo semelhante à do Land's End, em Cornwall, onde se localizava Tintagel, o início da saga arturiana:

Figura 29: O LAND'S END, na Grã-Bretanha

Figura 30: e sua prima-irmã, ~~SAINT MALO, na Pequena Bretanha~~
ÉTRETAT, na Normandia



Étretat: As incríveis falésias da Normandia, na França | VamosPraOnde

486 – Clóvis I, rei dos francos, já expandiu significativamente o reino merovíngio. Lançando-se de Ardenas, dominou vários reinos vizinhos e derrotou vários reinos rivais. Cidades importantes como Rheims, Troyes e Amiens são conquis-

251 Wikipedia – Saint-Malo, cidade portuária e murada, porto importante dos corsários no séc XVII–XVIII.

tadas, deixando claro que Clóvis se encaminhava para ser o mais poderoso chefe europeu. Como vimos no ano 384, a Igreja Romana estava em permanente ameaça durante o século V. Se quisesse sobreviver e exercer sua autoridade, necessitaria de apoio de um braço armado, uma poderosa figura que pudesse representá-la. Para que vingasse o antigo sonho de uma cristandade indissolúvel, não haveria outro meio senão captar a simpatia de uma força secular que a representasse, preparando o terreno para extinguir a eterna ameaça das heresias rivais. Foi aí que a Igreja Romana procurou Clóvis...

488 – Os ostrogodos invadem a Itália, sob a liderança do Grande Theodoric e com a permissão do imperador de Constantinopla. Quando menino, Theodoric fora refém em Constantinopla. Após muitos anos de guerras, Theodoric capturou e matou Odoacro, um bárbaro que usurpou o poder romano e fundou um poderoso reino incluindo a Itália com terras ao norte e leste do Mar Adriático. O reinado de Theodoric foi um dos melhores e mais hábeis deste período. Falhou nos seus grandes planos porque escolheu o "ramo errado" do cristianismo: adotou profundamente a heresia ariana, considerada herética pela cristandade da Igreja Romana. Acabaram sendo batidos pelos ortodoxos.

492 – Assume o papa Gelasius I, mais tarde canonizado a santo, até 496.

493 – Clóvis casa-se com Clotilde e começa a combater os arianos.

495 – Arthur deixa sua família e forma um grupo de cavaleiros que, sob pretexto de manter a autoridade e a justiça em Cornwall e Devon, partem possivelmente para pilhagens e conquistas em territórios dominados pelos saxões, sempre com a companhia de seus dois tenentes, Bedwyr e Kay[252], este último sendo, claramente, um bretão romanizado. Sua reputação começa a se estender para Somerset e País de Gales. Muitos chefes de tribos, com medo do crescimento de Arthur, planejam matá-lo. Arthur vai aperfeiçoando a técnica do combate. Faz importar cavalos do continente, principalmente da Bretanha Armoricana, pois os cavalos do continente são mais resistentes e rápidos. Arthur recebia notícias de viajantes do oriente que relatavam a solidez do império mantido pelos bizantinos. Por que não ter a mesma unidade na Bretanha? Com a morte de Ambrosius Aurelianus, Arthur é a única esperança de manter a solidez de um reino. Acompanhando a mudança dos sacerdotes druidas para o cristianismo, passa a defender a Fé e os monastérios, para os quais traz riquezas. As estradas romanas são um ponto importante para o transporte de matérias-primas. Pouco a pouco, sua tropa se torna uma armada pessoal, não de soldados itinerantes mas de cavaleiros que partilham com Arthur uma aliança individual. Por uma estranha coincidência do destino – mas certamente não pelo acaso – seu caminho começa a ser traçado paralelamente ao de Clóvis, rei dos francos. A diferença é que, enquanto Clóvis encabeça o cristianismo ortodoxo clerical de Roma, Arthur representa os interesses de um cristianismo esotérico iniciático, centrado na iniciação cavaleiresca e na busca do Santo Graal, San Graal ou Sang Real...

496 – Assume o papa Anastasius II, até 498.

496, 24 de dezembro – Clóvis I, rei dos francos, é batizado na Igreja de San Rémy, convertendo oficialmente os francos ao cristianismo romano. Neste ano muitas reuniões secretas ocorreram entre Clóvis e San Rémy.

Imediatamente depois, estabeleceu-se um acordo entre Clóvis e a Igreja Romana. Para esta foi um triunfo político importante, que asseguraria a

252 Wikipedia – Sir Kay

> sobrevivência da Igreja, estabelecendo-a como a suprema autoridade espiritual no Ocidente. Ele consolidou a posição de Roma como igual à da fé ortodoxa grega, baseada em Constantinopla. E Clóvis representaria os meios de implementar essas coisas: a espada da Igreja, o instrumento pelo qual Roma importa sua dimensão espiritual, o braço secular e a manifestação palpável do poder romano. Em troca, Clóvis receberia o título de *Novus Constantinus*. Em outras palavras, presidiria um império unificado – o Sacro Império Romano do Ocidente, projetado para suceder aquele supostamente criado sob Constantino e destruído pouco tempo depois por visigodos e vândalos.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 198)

Clóvis, certamente, foi seduzido com a visão de um império ocidental sucedendo ao de Roma, reinando sobre todos os povos e sendo patriarca dos alemães ocidentais. Seria uma inesquecível herança para seus descendentes merovíngios, se seus aliados não tivessem outros planos mais ambiciosos. Mas a cobiça de Clóvis terá seu preço, e a preciosa bebida oferecida pelo pacto se transformará num amargo fel vertido por sua descendência. Os gloriosos merovíngios jamais se recuperarão do golpe que desferirão os novos "aliados" em sua dinastia, quando estes resolverem mostrar todas as suas garras. Além disso, o pacto entre Clóvis e a Igreja Romana trará consequências para o mundo e em particular para a cristandade durante todo o milênio seguinte. O batismo merovíngio marcou o renascimento do Império Romano, trocando a águia pela cruz, a PAX dos Césares pela ☧ ou ☧ da Igreja Romana. Os merovíngios seriam os representantes deste poder. O pacto estabeleceu uma união indissolúvel entre a Igreja e o Estado, através de uma perpétua fidelidade. A confirmação do pacto deu-se com o ápice da cerimônia de batismo de Clóvis, quando San Rémy, em Rheims, na igreja que leva seu nome, pronunciou a famosa sentença: "*Mitis depone colla, Sicamber, adora quod incendisti, incendi quad adorasti*", ou, "Inclinai vossa cabeça humildemente, sicambriano, reverenciai o que haveis queimado e queimai o que haveis reverenciado." Convém salientar que, ao contrário do que muitas vezes é sugerido, Clóvis foi batizado, e não coroado. Assim como todos os seus antecessores, Clóvis era um rei por direito, jamais cabendo a presunção de sê-lo feito pela Igreja ou por qualquer outro sacerdote! Entretanto, sendo reconhecido sacerdote pelo seu povo, Clóvis praticamente entregou seu direito divino aos seus pactuantes. Apesar da Igreja reconhecê-lo como rei, ele deu a ela – sem o saber – a possibilidade de um direito do qual se apossaria mais tarde. Por outro lado, a Igreja ligou-se, pelo pacto com Clóvis, à própria linhagem merovíngia. Como lembram os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada:*

> Neste ponto, o pacto se assemelhava àquele selado, segundo o Velho Testamento, entre Deus e o rei Davi – um pacto que pode ser modificado, como no caso de Salomão, mas não revogado, quebrado ou traído. E os merovíngios não perderam de vista o paralelo. Durante os anos restantes de sua vida, Clóvis percebeu perfeitamente as ambiciosas expectativas de Roma em relação a ele. Com irresistível eficiência, a fé foi imposta pela espada; e com a sanção e o mandato espiritual da Igreja, o reino franco expandiu-se para o leste e o sul, englobando a maior parte da França e da Alemanha atuais.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 199)

498 – Assume o papa Symmachus, mais tarde canonizado a santo, até 514.

SÉCULO VI d.C.

507 – Clóvis I bate definitivamente os visigodos na Batalha de Vouillé. Entre os numerosos adversários de Clóvis, os mais importantes foram os visigodos, que aderiram à cristandade ariana. Foi contra o império dos visigodos – que dominava os Pirineus e se estendia pelo norte até Toulouse – que Clóvis dirigiu as mais assíduas e organizadas campanhas. Logo após a Batalha de Vouillé, Aquitaine e Toulouse caíram em mãos francas. O império dos visigodos, no norte dos Pirineus, caiu efetivamente antes do ataque franco. De Toulouse, os visigodos retiraram-se para **Carcassonne** (vide mapa no século VI). Expulsos de Carcassonne, estabeleceram sua capital e último bastião na região de Razès, em Rhédae – hoje cidade de **Rennes-le-Château**.[253]

Por 200 anos os visigodos florescerão seu reino na Espanha, até a invasão moura em 711, quando seu reino será destruído.

508 – Clóvis e a família real fixam-se em Paris.

510 – Arthur continua ganhando numerosas batalhas na Bretanha. Neste ano, após uma folga na frente sudeste contra os constantes ataques dos saxões, Arthur passa a combater os bretões do norte, provavelmente Hueil, filho de Kaw e irmão de Gildas. A disputa deve ter sido para conter um rival. Arthur passa, então, a pacificar a região, e unifica os bretões com as turbulentas tribos do norte. A partir daí parece ter vindo seu título de rei.

511, fins de – Morre Clóvis I, rei dos francos. Segundo o costume merovíngio, o reino foi dividido entre seus quatro filhos:

- Clodomir, rei de Orléans de 511 a 544
- Childebert, rei de Paris de 511 a 558
- Clotilde, casada com Amalric, rei dos visigodos
- Clotaire I, rei de Soissons, rei dos francos de 511 a 558

Por mais de cem anos após a morte de Clóvis I, a linhagem merovíngia presidiu vários reinos diferentes, muitas vezes com intrincadas e conflitantes linhas de sucessão. Neste período os chanceleres ou “prefeitos do palácio” acumularam mais e mais poder, contribuindo decisivamente para a queda da dinastia. Do braço descendente diretamente de Clóvis I, o ramo do rei Clotaire I foi o mais importante. Teve seis esposas e seis filhos, cujos respectivos reinos principais foram o de Sigisbert I, rei da Austrasie de 561 a 575, e Chilperic I, rei de Soissons de 561 a 584.

514 – Assume o papa Hormisdas, mais tarde canonizado a santo, até 523.

516 – Os *Anais de Cambrie*, redigidos após 956, descrevem uma batalha que ocorreu neste ano:

> 516. LXXII. Annus. Bellum Badonis, in quo Arthur portavit crucem Domini nostri Jesu Christi tribus diebus et tribus noctibus in humeros suos et Britones victores fuerunt.

Ou seja, “Batalha de Badon, na qual Arthur portou a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, três dias e três noites, sobre os ombros, e os bretões foram vitoriosos.”

523 – Assume o papa João I mais tarde canonizado a santo, até 526.

526 – Assume o papa Felix IV (ou III?), mais tarde canonizado a santo, até 530.

253 Wikipedia – Razès, antigo condado carolíngeo, absorvido por Languedoc em 1241

Figura 31 – O IMPÉRIO ROMANO APÓS AS INVASÕES – 526 d.C.



Na altura de sua morte, em 526 d.C., o ostrogodo Theodoric exercia um protetorado entre os visigodos da Hispania e estava ligado por matrimônio aos burgúndios e aos vândalos da África. Não conseguirá evitar a expansão dos francos, sob Clóvis, que tinham expulsado os visigodos da Gália na batalha de Vouillé (507). O governo de Constantinopla estava a ser impelido à reconquista pelo que considerava a perseguição aos seus súditos romanos católicos pelo ariano Theodoric; mas a conquista foi em primeiro lugar dirigida contra outro regime ariano, o dos vândalos, cuja derrota proporcionou uma ponte para o Ocidente. Na Britânia, estava-se na época da resistência celta aos saxões (situação que esteve por detrás do 'rei Arthur' original e das migrações para a Gália Ocidental. A verdadeira ameaça para a Itália veio dos Lombardos, e para o Oriente dos ávaros e dos búlgaros.

(T. Cornell e J. Matthews, *Roma, Legado de um Império*, p. 214)

526 – Morre Theodoric, o grande rei ostrogodo que governou o Império Romano. Os generais do Império Romano do Oriente reconquistam a Itália.

527 – Os imperadores de Bizâncio, Justino e Justiniano, decretam a pena de morte aos adeptos do dualismo: cristãos, armênios, gnósticos ou maniqueanos. Apesar da rigidez teocrática do Império Persa sassânida, o Irã serviu de asilo para muitos refugiados destas doutrinas. Também para lá foram os últimos platônicos perseguidos em Atenas pelo imperador Justiniano, em 529. Cada vez mais o clero representado pelos magos afunda a filosofia original zoroástrica em perseguições ideológicas, onde sacrifícios de animais e o fanatismo grassavam. Nesta época, numerosas seitas zoroástricas procuravam se opor ao domínio teocrático dos magos. Entre elas registram-se a dos seguidores de Masdak – masdaquistas, de cunho revolucionário socialista, mas com frágil sustentação filosófica. Existiam ainda os zurvanistas [Zurvan = divinade criadora],

os *gayomartianos* [gayōmart = o 1º humano], os *zandik* [termo pejorativo = praticante não ortodoxo, livre-pensador, herético, aplicável a outras seitas] e os *mog* [mago].

529 – Sob o reinado de Kavadh, na Pérsia, o dissidente Masdak e seus seguidores são massacrados e seus livros queimados.

530 – Registro da passagem do cometa Halley na China e em Constantinopla. O astrônomo Alexandre Guy Pingré o descreveu "*no lado do Ocidente, durante 20 dias, um cometa muito grande e assustador estendendo seus raios à parte mais elevada do céu*."[254]

Assume o papa Bonifácio II, até 532.

531 – Assume o trono persa Khosrô I, até 579. Era chamado "*a alma imortal*".

Khosrô I restabeleceu a ordem, promoveu reformas, mas não mudou as estruturas sociais. O colégio *Jund-i-Shapur* tornou-se, sob seu reino, o mais prestigioso centro intelectual de então. Platão e Aristóteles aí foram traduzidos para o pahlavi. O reino glorioso de Khosrô deixou uma administração que serviria ainda de quadro para os árabes, e Ctesifão, sua capital, tornou-se o ponto de encontro da elite intelectual do mundo.

(Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, pp. 124–125)

533 – Assume o papa João II, até 535.

Morre San Remy, bispo de Rheims.

533 (ou 573) – Única referência histórica que se tem de Merlim (vide ano 573).

Tudo que se pode dizer é que ele parece ter vivido por muito tempo perto da fronteira atual da Inglaterra com a Escócia, região onde, na época, viviam aqueles que os galeses chamavam *gwyr y gogled*, os "homens do norte" (literalmente "os homens da esquerda", pois os celtas olhavam sempre para o leste e orientavam-se a partir deste ponto) e que preferimos chamar de bretões do norte, ou bretões do reino de Strathclyde. Toda a literatura poética antiga encontrada nos manuscritos galeses fala dessa região, sejam poemas atribuídos a Merlim, os atribuídos a Taliesin (pelo menos os mais antigos, os que são considerados autênticos), os atribuídos a Llywarch-Hen e os que são certamente de Aneurin. Eram descendentes das tribos bretãs que o poder central romano instalou próximo da fronteira com os pictos a fim de proteger o território contra a invasão desses temíveis montanheses pouco conhecidos. Com o deslocamento do Império Romano, os bretões do norte representavam uma força considerável. Mais próximos de sua civilização céltica original, contribuíram grandemente para a receltização da Bretanha romana. E principalmente graças às suas tradições guerreiras, resistiram por muito tempo, não só aos ataques saxões, novos conquistadores da ilha, mas também às investidas incessantes dos pictos e dos scots, isto é, dos gaélicos vindos da Irlanda e que se estabeleceram na Escócia, a quem deram seu nome genérico (scots), sua língua (o gaélico) e sua religião (o cristianismo). Na segunda metade do século VI, as regiões situadas entre o País de Gales e as montanhas da Escócia eram compartilhadas por diferentes povos. No extremo norte encontravam-se os pictos, reino, ao que tudo indica, muito poderoso, mas do qual desconhecemos a estrutura interna. A designação pictos engloba, sem dúvida, populações de origem diversa, entre os quais se podem distinguir os pictos do norte e os pictos do sul. A celticidade dos pictos do norte é duvidosa. Seriam escandinavos? Os pictos nunca fizeram parte do Império Romano e permaneceram pagãos por muito tempo. Apenas os pictos do sul foram cristianizados no início do século V por São Ninian. A cristianização do conjunto do país dos pictos ocorreu graças aos irlandeses e à difusão do evangelho pelo mosteiro

254 Alexandre Guy Pingré, *Cométographie ou traité historique et théorique des comètes*, p. 315

de Iona, fundado por São Columba. E finalmente, os pictos nunca se submeteram nem aos bretões, nem aos romanos, nem aos anglo-saxões, mas apenas aos gaélicos da Irlanda.

(Jean Markale, *Merlim, o Mago*, Paz e Terra, São Paulo, 1989, pp. 42–43)

Vide anos 367, 563 e 573.

535 – Assume o papa Agapetus I, mais tarde canonizado a santo, até 536.
536 – Assume o papa Silverius, mais tarde canonizado a santo, até 537.
537 – Assume o papa Vigilius, até 555.

Morre Arthur na batalha de Camlann[255], segundo os *Anais de Cambrie*.

541 – Morre Arthur na batalha de Camlann, segundo os *Anais de Tigernach*.
545 – Morre Clotilde, esposa de Clóvis.

Por esta época eclode nova insurreição dos samaritanos na Palestina. O resultado foi um pesado acordo de indenização pago a Bizâncio.

Século VI – Em Chartres, São Bethaire era bispo da Igreja. Nesta época, na catedral, é mencionado um altar da Virgem, sem citar se o edifício lhe fora consagrado.

Desta época data a construção da estrutura visigótica em que se assentará mais tarde a Igreja de Sauniére (vide ano 1885), igreja consagrada a Maria Magdalena em 1059. Esta construção, na altura do altar-mor, tinha duas colunas visigóticas, uma das quais oca, dentro da qual havia dois pergaminhos, datados de 1244 e 1644.

Nesta época a região de Rennes-le-Chateau tinha presumivelmente 30 mil habitantes (um contraste com os 200 habitantes do tempo de Sauniére, em 1885). A cidade localiza-se no topo da serra, na região de Aude, no Languedoc-Roussilon, ao sul da França, a 40 km de Carcassonne e nas proximidades de Rennes-les-Bains (vide mapas a seguir). Parece ter sido, em determinada época, a capital nortista do império visigótico, o povo teutônico que varreu a Europa de centro a oeste, saqueou Roma e derrubou o Império Romano, estabelecendo seu domínio sobre os Pirineus. A cidade permanecerá como sede importante do Condado de Razès por mais de 500 anos, até a Cruzada Albigense.

553 – Batalha dos ostrogodos com as tropas romanas perto do Monte Vesuvius. Os ostrogodos marcham para fora da Itália, misturam-se com outras hordas de bárbaros ao norte dos Alpes e desaparecem da história.

255 Wikipedia – Batalha de Camlann

Figura 32: A FRANÇA E SUAS REGIÕES



Este mapa valeu até a reforma territorial em 01/01/2016

Figura 33: O LANGUEDOC-ROUSSILON



Figura 34: A região de Aude:
Carcassone, Rennes-les-Bains e Narbonne



553 – V Concílio Ecumênico, Constantinopla II. Deixemos novamente aos clérigos a palavra:

> Neste teve grande participação o imperador Justiniano, oriundo de uma família de pastores na Macedônia. Apenas alçado ao trono bizantino, como todos os seus antecessores, embrenhou-se freneticamente nas disputas teológicas, passando jornadas inteiras trancado em seu gabinete para discutir com os monges problemas da Fé cristã. Era, porém, animado pelo desejo sincero de fazer voltar a calma ao redil de Cristo, promover o regresso dos dissidentes e ajudar os missionários do Evangelho. Em seu célebre código, de fato, inseriu a profissão de Fé e também leis eclesiásticas. Mas as heresias, já condenadas pelos concílios precedentes, referviam camufladas e enredadas nos sofismas sutis com que os gregos tramavam suas implacáveis e extenuantes diatribes. As malignidades, as cavilações, as perfídias, as suspeitas inundavam e retalhavam a cristandade, não obstante as decantadas e proclamadas boas intenções de servir a caridade e a verdade. As coisas precipitaram-se quando Justiniano pretendeu arvorar-se em campeão da Fé acima do próprio papa Virgílio, que devido a enredos e violências foi constrangido a mudar-se para Constantinopla em 547 onde o imperador, mediante promessas e ameaças de todo gênero, temem fazê-lo subscrever seus editos teologais. Chegou assim a convocar o Concílio de Constantinopla, que Justiniano quis a todo custo que fosse em Constantinopla. Embates, desencontros, protelações lastimáveis abafaram de uma vez a voz do papa. Duraram de 5 de maio a 2 de junho, mas desfiaram-se uma reiterada condenação de Arius, Eustíquio, Nestório e de outras heresias menores novamente afloradas, por exemplo: que o Filho é subordinado ao Pai; que as almas preexistem no Céu; que haverá reabilitação dos condenados e que, portanto, o inferno não é eterno, etc. (*A Biblia Sagrada*, trad. Pe. Antônio P. de Figueiredo, Ed. Livros do Brasil, RJ, 1962, vol. IV)

556 – Assume o papa Pelagius I, até 561.
561 – Assume o papa João III, até 574.

Assume Sigisbert I como rei da Austrasie até 575. Era casado com Brunehaut, princesa visigoda, com a qual não teve filhos. Foi o fim do ramo dos reis visigodos na dinastia merovíngia.

Assume Chilperic I[256] como rei de Soissons até 584. Casou-se com Galeswinthe[257] e com Fredegonde, princesas visigodas. Com Galeswinthe não teve filhos. Com Fredegonde teve o filho que se tornará, em 584, Clotaire II, rei dos francos.

> Não só construiu amplos anfiteatros no estilo romano em Paris e em Soissons como também foi um poeta dedicado e exemplar, orgulhoso de sua arte. Narrativas literais de suas discussões com autoridades eclesiásticas refletem sutileza, sofisticação e aprendizado extraordinários, qualidades que dificilmente seriam associadas a um rei da época. Em muitas dessas discussões, Chilperic se revelava mais do que igual a seus interlocutores clericais. (...) A riqueza acumulada pelos reis merovíngios foi enorme, mesmo para os padrões de épocas ulteriores. Muito de sua riqueza consistia em moedas de ouro de soberba qualidade, produzidas por casas reais localizadas em alguns locais importantes, incluindo o que é hoje ~~Sinai~~ Sion, na Suiça. (...) Muitas dessas moedas portam uma cruz de braços iguais, idêntica àquela posteriormente adotada pelo reino franco de Jerusalém.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 195)

563 – São Columba[258] – natural da Irlanda – juntamente com doze amigos, desembarca na ilha de Iona numa canoa de caniço coberta com couro, na extremidade da ilha de Mull, separada por um estreito de meia milha de largura e distando 36 km da Escócia. Os druidas da ilha tentam impedir que se fixem. São hostilizados pelos povos das costas próximas, que muitas vezes colocaram-nos em perigo. Columba venceu a oposição, conseguindo permissão do rei para construir um mosteiro, do qual foi abade. Columba revelou-se incansável em propagar o Evangelho na ilha e nas montanhas da Escócia. Embora não fosse bispo, pois era simplesmente presbítero e monge, era reverenciado como tal. Toda a província com seus bispos sempre esteve sujeita a ele e seus sucessores. Diz-se que o monarca picto o tinha na mais alta honra, assim como os nobres locais que com ele se aconselhavam.

Seu mosteiro tinha muito pouco em comum com outros. Os que obedeciam as regras eram conhecidos como “Culdees”, provavelmente do latim “cultores Dei” – adoradores de Deus, constituindo uma associação religiosa evangelizadora, notadamente dos jovens. As diferenças mais salientes começavam nos votos exigidos aos novos integrantes. Dos três tradicionais votos clássicos impostos por Roma – celibato, pobreza e obediência – os Culdees exigiam apenas o último. Em vez de se obrigarem à pobreza, dedicavam-se muito para conseguir para si e para seus dependentes todo o conforto da vida. Ao que parece a maioria deles se casava. Entretanto, uma independência de suas funções clericais era mantida. Suas esposas não podiam residir em sua companhia nas instituições, morando separadamente em localidade circunvizinha. Perto de Iona, numa ilha chamada “Eilen Nam ban” (“ilha das mulheres”), viviam com suas famílias quando não estavam no templo ou nas escolas.

Obviamente não tardou a serem chamados de hereges por Roma, à medida que aumentava o poder destes. A distância de Roma deu-lhes a paz até o século XIII, quando foram suprimidos e dispersados. Num trabalho isolado,

256 Wikipedia – Chilperic I (539–584). Brigou muito com seu irmão Sigebert.
257 Wikipedia – Galswintha. Foi assassinada por Chilperic, causa de 40 anos de guerra entre os francos.
258 Wikipedia – Columba (521–597)

continuaram resistindo ao poder romano, até a chegada da Reforma. A posição de Iona a expunha aos ataques de piratas dinamarqueses e noruegueses, contribuindo para seu declínio. Sob o papismo, a ilha tornou-se matriz de um convento de freiras. (vide ano 367 d.C.)

573 (ou 533) – Única referência histórica que se tem de Merlim, ligada a uma batalha documentada por historiadores e analistas, a de Arderyd (hoje Arthuret), próximo ao golfo de Solway, cerca de dez milhas ao norte de Carlisle, na fronteira da Escócia com a Inglaterra.

575 – Assume o papa Benedito I, até 579.

579 – Assume o papa Pelagius II, até 590.

Assume o trono da Pérsia Homuzd IV, "*O Justo*", até 590. Malogra nas tentativas de paz com Bizâncio. Foi deposto pela aristocracia e pelo clero ortodoxo, principalmente pela sua política de liberdade aos católicos e para com o "*Príncipe do Exílio*" das colônias judaicas do Irã.

584 – Assume Clotaire II, rei dos francos, até 628. Teve 3 esposas, e como descendente Dagobert I, rei da Austrasie em 622 e dos francos em 630.

590 – Assume o trono persa o cruel Khosrô II. Para esmagar uma rebelião de Vahram Tchubin, ele apela para Bizâncio, oferecendo em troca a Armênia.

Assume o papa Gregório I, o Grande, mais tarde canonizado a santo, até 604. Sob seu papado instalou-se uma reforma que restabeleceu ordem na Igreja. Como nos diz Marcel Moreau:

> Ele instalou os santos locais e deslocou as antigas tradições pagãs, desaparecendo-as no cristianismo. Ele reloca as festas célticas para as festas cristãs. A Festa da Primavera começava em 1º de Maio. É o mês de *Beltaine*, onde é acesa a primeira fogueira na Irlanda, aquela do *Uinesh*. Era precedida de uma noite trágica, dita de *San-Valpurge* ou de *Valpurgis*, conhecido em todo folclore europeu. Esta festa do fogo, dedicada ao deus solar *Bélén*, era a festa do "*Fogo de Maio*". O cristianismo consagra o mês de maio à Mãe de Deus e à pureza. No mês de agosto se festeja o Lugnusad, festa do casamento de Lug e de sua nutriz *Tailtiu* (a Terra-Mãe). Sabemos que Lug é um deus da Luz. O 15 de agosto é dedicado à Festa da Virgem Maria. O mês de novembro é o mes de *Samain*. É o primeiro mês do ano, aniversário da Grande Batalha de Deus. É um dia de luto, e anuncia o fim dos belos dias. *Saint Odilon* fez a festa da Toussaint (Tussano) ou festa de Todos os Santos. *Mina Nodlag*, nosso mês de dezembro, é aquele de *Noel*. O 1º de fevereiro era a festa de *Imbolc*, dia de purificação e de remontar à luz. O cristianismo a transformou na Candelária. Tudo desapareceu e se esfumaçou sutilmente sob seu projeto. Uma velha tradição druídica dizia: "*Não se pode falar perante o rei, mas o próprio rei não segura a palavra sem a permissão de seu druida*." A sociedade se dividia, então, em três classes hierarquizadas. A primeira é a classe Sacerdotal com o druida, a segunda é a classe dos Guerreiros, a terceira é a dos Artesãos, profissionais (*aes d'âma*). Essas três classes são solidárias e participam diretamente na tradição particular da raça, são as classes nobres (*arya*). Abaixo dessas classes, existe uma quarta, dominada pelos conquistadores, à qual foi deixado o trabalho da terra. À cabeça dessa sociedade céltica está um rei eleito, escolhido pelo povo da classe guerreira. Apesar disso, ele recebia seu poder pela Sagração, que lhe era conferida pelo poder sacerdotal. Durante o exercício desse poder, o druida, que é "seu druida", exerce uma influência de controle, de conselho e de direção. A partir da idade de sete anos, o garoto parte para completar sua educação numa outra família. Ele fica até os dezessete anos na casa de seu pai adotivo (*alté*). Lá ele aprende tudo que deveria saber um

> homem de sua condição. Esse costume se denominava *altram*. Ele é designado frequentemente pelo seu nome anglo-saxão de *fosterage*. Ele reaparecerá com o feudalismo: o rapaz nobre é colocado como um pagem na casa de um senhor que o cria, lhe ensina o ofício das armas antes de lhe fazer armar cavaleiro. A sociedade cristã e feudal do XIIº século se reconstruirá exatamente sobre os mesmos princípios que a sociedade céltica. Clero, Nobreza, Homens livres e Servos formam um conjunto coroado pelo Rei e seu Capelão. (Marcel Moreau, *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*, Le Courrier du Livre, Paris, 1975, pp. 88–89)

Agora, esta prerrogativa passava da Tradição ao poder romano, não espiritual, mas efetivamente temporal.

596 – Khosrô II, da Pérsia, volta-se novamente contra Bizâncio, e domina do Bósforo à Etiópia. Decide, então, lançar-se contra Jerusalém, dominada por gregos e latinos.

597 – Agostinho, monge italiano, aporta com 40 seguidores na costa de Kent. Veio enviado pelo papa Gregório I para converter os anglos aos catolicismo. Batizou Æthelbert I, rei de Kent (552–616), restaurou a velha Igreja Romana em Canterbury, fundando lá uma abadia beneditina. Por seu trabalho, o papa o fez arcebispo. Desde então o arcebispo de Canterbury tem sido o primaz da Igreja inglesa. Roma fechava suas pinças desde a França às ilhas, pois Æthelbert I de Kent foi pai de Eadbald, rei de Kent que se casará com Emma, 5ª geração descendente do já cristianizado rei Clóvis dos francos. Na 6ª geração após Eadbald, por sua vez, estará Egbert (775–839), rei da Inglaterra. O cristianismo espalhou-se rapidamente. Monges instruídos trazem à Inglaterra o conhecimento da arquitetura, lei, filosofia e o latim. Uma nova civilização começa a tomar forma.

SÉCULO VII d.C.

602 – Nasce Dagobert I, rei da Austrasie em 622 e dos francos em 630.

604 – Assume o papa Sabinianus, até 606.

607 – Assume o papa Bonifácio III.

Registro de dois cometas, um em fevereiro e outro em abril. O segundo certamente foi o Halley.

608 – Assume o papa Bonifácio IV, mais tarde canonizado a santo, até 615.

610 – O arcanjo Gabriel faz a primeira revelação ao profeta Maomé: "só existe um Deus, e seu profeta é Alá." Início do islamismo, com a pregação de Maomé.[259]

614 – Os persas, sob o cruel Khosrô II, tomam sangrentamente Jerusalém, que estava sob o domínio cristão de Bizâncio desde a transferência do poder romano para Constantinopla. Suas fileiras estavam engrossadas por vinte e seis mil mercenários judeus, que lançam-se contra os gregos e latinos que dominavam Jerusalém. A cruenta tomada em nada ficou devendo à tomada de Jerusalém que farão os cruzados de Godfroi de Bouillon, em 1099. O poder romano é expulso e os judeus voltam a Jerusalém. Mas será por pouco tempo. Em 628, o imperador de Bizâncio, Heráclio unirá os cristãos contra os persas, proclamando – falsamente – que o inimigo se apoderará da Verdadeira Cruz.

615 – Khosrô II leva os persas a dominarem o Egito, sendo acolhidos como libertadores pelos judeus. Em 627 Heráclio de Bizâncio retomará. Os indecisos egípcios desesperaram-se com tanto sangue e fanatismo, como nunca haviam visto. Confirmava-se tristemente a profecia de Hermes (vide INTRODUÇÃO).

259 Wikipedia – Muhammad ibn ʿAbd Allāh مُحَمَّد بن عَبْد ٱللَّه fundador do islamismo (570-632).

Não há comprovações de que pediram ajuda aos árabes, mas o certo é que, exceto por Alexandria, ninguém lhes barrará a passagem quando as tropas do general Amir penetrarem no país em 639.

615–Assume o papa Adeodatus I ou Deusdedit, depois canonizado a santo, até 618.

619 – Assume o papa Bonifácio V, até 625.

622 – A HÉGIRA[260] ou a fuga de Maomé de Meca para Medina.

Assume Dagobert I (602–638) como rei da Austrasie.

624 – O imperador romano Heráclio ataca a Pérsia pela Armênia. Vingando-se do domínio persa em Jerusalém dez anos antes, apaga o fogo sagrado Adur-Gushnasp de Shiz, em Meda. Ele acreditava ser lá o local do nascimento de Zaratustra.

625 – Assume o papa Honórius I, até 638.

628 – As tropas do imperador de Bizâncio, Heráclio, estão às portas da capital da Pérsia, Ctesifão. É impedido pela enchente do Tigre. O imperador persa Khosrô é assassinado, seguindo-se daí uma série decadente de nove sucessores no trono até o domínio islâmico em 642. Os romanos fazem um tratado com os persas, que dominavam a Palestina, podendo retornar à Terra Santa.

> Ao fatalismo moral do zervanismo, à desintegração social, às revoltas dos sátrapas, à intolerância de um clero cego juntaram-se as enchentes do Tigre e a peste, acabando por abrir o Irã para os árabes invasores. (...) Com a queda dos sassânidas, últimos soberanos masdaicos do Irã, os treze séculos de uma glória que os gregos não puderam ofuscar viram o primeiro império do mundo desmoronar diante dos beduínos da Arábia.
> (Paul du Breuil, *Zoroastro, Religão e Filosofia*, Ed. Ibrasa, São Paulo, 1987, p. 126)

630 – Assume Dagobert I (602–638), rei dos francos. Teve 5 esposas, originando sua em Clóvis II (633–656) e Sigisbert III (rei da Austrasie em 632).

Época provável em que foi escrita a *Historia Britonnum*, a mais antiga referência histórica a Merlim, o Mago. Segundo Markale, a obra é uma

> pequena compilação histórica atribuída a um certo Nennius, mas esse personagem não passa de um adaptador tardio. Nennius viveu no final do século IX, mas, segundo estudos sobre a formulação latina desse texto, é possível localizá-lo bem antes. Como um dos manuscritos – o de Chartres – tinha por título *Exberta fii Urbagen de libro sancti Germani inventa*, que pode ser traduzido por "trechos encontrados do filho de Uryen sobre o livro de São Germano", tendesse a atribuir a paternidade da obra primitiva a Rhun, filho de Uryen (Urbagen). Esse texto, em suas partes essenciais, parece muito bom, e pode-se ter uma certa confiança nele. Foi escrito provavelmente por volta de 630 por um dos filhos de Uryen Rheged, sem dúvida Rhun, que era, portanto, irmão de Owein, o herói imortalizado por Chrétien de Troyes em seu *Cavaleiro do Leão* sob o nome de Yvain. De qualquer forma, os manuscritos de *Historia Britonnum* são bastante numerosos, e o mais antigo, apesar de não ser o mais completo, chama-se *Manuscrito de Chartres*, provém da Bretanha e data do século IX. Este manuscrito foi destruído durante a guerra de 1939–45, mas ainda existem fotos e a edição de Ferdinand Lot na *Revue Celtique*. (Jean Markale, *Merlim, o Mago*, p. 59)

632 – Morre Maomé. Começa o califado dos Patriarcas (632–661), cujo termo representava os fundadores. Maomé descendia da tribo Quraysh. Como seu sucessor imediato, Abu Bakr, descendia da mesma tribo, gerações posteriores

260 Wikipedia – Hegira

levaram a crer que a sucessão do Profeta adviesse da mesma tribo. O califado dos Patriarcas é aplicado aos primeiros quatro califas: Abu Bakr, Omar I, Uthman (membro do clã Umayyada), e Ali, primo e genro de Maomé. Abu Bakr já tinha bastante idade quando foi eleito califa. Morrerá em 634. Seus três sucessores serão assassinados durante lutas pelo poder. Ali moveu a capital para o Iraque, e nunca mais o califado retornaria à Arábia. O centro cultural e administrativo do império sempre esteve em Damasco e posteriormente em Bagdad. A Arábia, propriamente dita, fora o local das peregrinações do Profeta, principalmente Meca e Medina, mas de pouca importância administrativa e cultural. O assassinato de Ali ocasionou uma importante divisão no islã. Os seguidores de Ali (os Shiah) formaram um grupo à parte, em termos de crenças e práticas. Sua importância seria notada muito mais tarde, pois, apesar de serem uma minoria, são uma das mais ativas vozes islâmicas da atualidade: os chamados xiitas, que dominaram o Irã do Xá e que constituem, hoje, 90% da população daquele país.

632 – Sigisbert III (629–656) sagra-se rei da Austrasie. Casou-se com Immachilde e teve dois herdeiros reais: Blichilde, que casou-se com Childeric II, filho de seu tio Clóvis II com Batilde, e Dagobert II (651–679), rei da Austrasie em 674 assassinado por ordem de Pepin, o Gordo. De Childeric II e Blichilde nasceu Childeric III (651–674), deposto em 751 por Pepino, o Breve, que usurpou o trono com apoio do papa. Foi o último merovíngio conhecido.

638 – Muçulmanos, liderados pelo segundo califa após o Profeta Maomé – Umar el-Sharif (Omar) – aliados aos judeus contra gregos e latinos, tomam Jerusalém e expulsam os romanos.

639 – Os árabes tomam o Egito de Roma.

640 – Assume o papa Severinus, seguido do papa João IV até 642.

642 – Assume o papa Teodoro I, até 649.

Árabes conquistam Alexandria, que cai em declínio. Transferindo a capital para o Cairo, esquecem a antiga cidade. É destruída pela terceira vez a Biblioteca de Alexandria, por ordem do califa Omar. O islã desloca a cristandade como maioria no Egito.

O último rei persa, Yazdagird III, perde a batalha decisiva de Nihavand para o islã. Morrerá assassinado em 652. A Síria, o Egito e a Pérsia já estão praticamente na mãos dos árabes.

Quando os primeiros muçulmanos penetram no Irã, o universalismo de uma fé jovem e vigorosa encontra estruturas religiosas arcaicas e divididas. Desde a reforma zoroastriana, porém, a cultura persa protegia a mulher, rejeitava o celibato, propagava a agricultura e respeitava o culto aos ancestrais, tudo coisas que só podiam chocar o primitivo islã. Com a chegada dos árabes, a conquista islâmica do Irã dura numerosos anos e a conversão da população foi longa, difícil, forçada ou oportunista, diante de uma sociedade primitivamente nômade, mercantil, que praticava a escravidão e desprezava a agricultura. Mas finalmente, neste confronto, é a cultura iraniana que marca o mundo muçulmano, a ponto de favorecer a ruptura de sua religião em duas correntes distintas e de fazer passar no islã iraniano uma teologia penetrada de crenças masdaicas. No começo da ocupação os árabes mostraram-se tolerantes, limitando-se a concluir tratados que concordavam com a liberdade de culto dos não-muçulmanos, intermediando tributos. As minorias – zoroástricas, judaicas e cristãs – puderam conservar sua identidade cultural e geralmente se exprimir muito livremente, mas elas tinham que pagar a capitação, a *djizya*. Muitos

zoroastrianos *dahâkin*, camponeses proprietários, se converteram por interesses fiscais – a capitação anexada ao imposto fundiário – ou para escapar a este imposto degradante. As sete grandes famílias do Irã, os alto funcionários, os sacerdotes e os soldados sempre foram isentos da capitação. No começo os zoroastrianos (Madjus) não eram considerados como 'gente do livro' (Ahl al-Kitâb), mas a partir de precedentes concedidos pelo Profeta aos zoroastrianos do Bahrein e do Iêmen, chegou-se a reconhecer-lhes o estatuto de *dhimma*, no qual o Avesta era, desde então, encarado como obra profética, a exemplo da Bíblia e do Corão.

(Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, pp. 132–133)

649 – Assume o papa Martin I, mais tarde canonizado a santo, até 655.

650–685 – O extraordinário abade Bénédit Biscop atravessa seis ou sete vezes a Gália, entre 650 e 685, para permitir a Roma discutir sem dúvida o Cisma da Igreja Céltica. Com ele chegam uma série de livros e objetos mediterrâneos. Por ele a Igreja Céltica se modifica também e sofre as influências continentais e orientais. É nesta época que aparecem os entrelaços: ornamentos de origem cristã, caldaica e egípcia que, por Roma, são introduzidos na Europa e se mesclam na decoração com as plantas, os animais e os homens. A arte céltica é então completamente transformada pelas influências estrangeiras. É na Irlanda que esta arte permanece mais pura e de lá ela partirá para irradiar-se sobre a Europa. Sua expressão é das mais curiosas, pois com sua eclosão e sua modificação nós assistimos ao reencontro das duas religiões. O ensinamento secreto dos druidas é complementar ao do cristianismo. Ele se exprime, entre outras formas, através da decoração, da Evolução e das Reencarnações. Do nada (*Cytraul*), Deus por sua Voz (o *Verbo*), criou a matéria à qual ele deu duas forças: uma ativa e dinâmica, psíquica e inteligente, a outra passiva e estática. A força estática é a inércia da matéria, mas também a potência que não varia. Tudo se encontra no alto como no baixo.

(Marcel Moreau, *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*, p. 81)

Nesta explanação de Moreau, vemos a identificação do conceito celta com aquele contido na *Tábua de Esmeralda*, de Hermes Trismegisto: "*O que está embaixo é como o que está em cima, e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa*."

651 – Nasce Dagobert II, rei da Austrasie em 674, assassinado por ordem de Pepino o Gordo em 679.
Nasce Childeric II.

654 – Assume o papa Eugenius I, mais tarde canonizado a santo, até 657.

656 – Morre Sigisbert III, pai de Dagobert II. Dagobert – então com 5 anos de idade – é raptado pelo *mayor* do palácio, Grimoald. As tentativas de encontrar o garoto foram infrutíferas, e não foi possível convencer a corte que tinha morrido. Grimoald engendrou a ascensão de seu próprio filho ao trono, afirmando que este havia sido o desejo do monarca anterior, o pai de Dagobert. Mesmo a mãe de Dagobert cedeu ao artifício, acreditando na morte do filho. Grimoald entretanto, foi malsucedido na tentativa de matar o jovem príncipe, confiado em segredo ao bispo de Poitiers. O bispo, relutando em matar a criança, exilou-a na Irlanda, onde cresceu até a idade adulta no monastério irlandês de Sloane, próximo de Dublin. Lá, na escola do monastério, recebeu uma educação inexistente na França. Neste período, em algum momento ele teria frequentado a corte do rei de Tara, conhecendo os três príncipes da Northumbria, que também estavam sendo educados em Sloane.

657 – Assume o papa Vitalianus, mais tarde canonizado a santo, até 672.

661 – O califado de Ali malogrou pelo desejo de vingança a partir do assassinato de Uthman, membro do clã Umayyada[261]. Um membro umayyada, Muawiyah, inicia um movimento contra Ali. A ele juntou-se um grupo extremista, inicialmente partidários de Ali, chamados Kharijitas, ou Separatistas. Eles negavam o direito inerente da tribo Quraysh ao califado. Para eles, o cargo deveria ser um reconhecimento à piedade, não ao nascimento. Um membro desta seita assassinou Ali, numa época em que seu prestígio decaíra acentuadamente. Muawiyah, reforçado por um grande exército, é reconhecido como califa em 661, inaugurando a linhagem Umayyada. Regerão o islã por cerca de 100 anos. Basicamente, este califado dividiu-se em dois braços da família, os Sufianidas (661–684) e os Marwanidas (684–750), quando se encerra o califado Umayyada. Seu centro administrativo foi em Damasco, na Síria, cujo exército deu-lhe suporte para expandir-se e manter sob controle outras facções árabes.

664 – San Wilfrid, bispo de York, traz a Igreja Celta para dentro da Igreja Romana. Até então existia ainda um grande cisma entre as duas Igrejas, com a Celta recusando-se à autoridade da Romana.

666 – O príncipe Dagobert, dos francos, casa-se com Mathilde, princesa celta, provavelmente na Irlanda ainda. Logo mudou-se para a Inglaterra e residiu em York, no reino da Northumbria, onde se tornou amigo íntimo de San Wilfrid, bispo de York, que veio a ser seu tutor. Sua amizade com Dagobert tinha certamente por intenção a revitalização da aliança feita por Clóvis um século e meio antes, uma vez que estes laços tinham enfraquecido com o tempo. Com isto, sendo Wilfrid fiel a Roma, viu aí a possibilidade de fortalecer o poder secular do clero tanto na Bretanha como no continente, caso Dagobert fosse coroado rei dos francos.

670 – Morre Mathilde, a esposa celta de Dagobert, ao dar à luz a terceira filha. San Wilfrid apressa-se a conseguir uma segunda noiva. A escolhida foi Giselle de Razès, filha do conde de Razès, Bera II, e sobrinha do rei dos visigodos. O conde de Razès, descendente do tronco romano, era casado com Gislica, irmã de Wamba, rei dos visigodos desde 672, e filha do 1º Conde de Razès, Tulca, também rei dos visigodos.

> Em outras palavras, a linhagem merovíngia aliou-se à linhagem real dos visigodos, fundando as bases de um império embrionário que teria unido a maior parte da França, estendendo-se através dos Pirineus até as Ardennes. Tal império, além disso, colocaria os visigodos − ainda com fortes tendências arianas − sob o firme controle de Roma.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 201)

671 – Dagobert casa-se com Giselle na residência oficial de Rhédae, ou Rennes-le-Château, na igreja de Sainte Madeleine – a estrutura existente no local onde a igreja de Saunière seria erigida depois.

672 – Assume o papa Adeodatus II, até 676.

672/673 – Nasce Beda, o Venerável, monge de Jarrow, norte da Inglaterra. Foi aluno de Benedict Biscop, um clérigo culto que fundou monastérios não apenas em Jarrow mas em Wearmouth, encorajando visitas de estudantes ingleses e europeus de tal modo que suas fundações se tornaram centros culturais. Beda identificou-se com a atmosfera intelectual que o circundava, embora, ao contrário de Biscop, nunca tenha viajado para conhecer outros centros de cultura.

261 Wikipedia – Califado Umayyada (661–750) ٱلْخِلَافَة ٱلْأُمَوِيَّة al-Khilāfah al-ʾUmawīyah (Omíada em português)

De fato, diz-se que nunca se afastou mais de 80 km do mosteiro. Entretanto, tinha muito material para referência. Beda dedicou muito tempo ao cálculo de calendários. Foi o primeiro no Ocidente a criar um calendário com base no ciclo lunar "metônico", de 19 anos, preparando e tabulando um ciclo de data de 532 anos para a Páscoa. Para isto, parece ter elaborado primeiro um trabalho prévio (um ciclo inicial de 84 anos e outro de 532). Foi Beda quem pela primeira vez utilizou como data inicial o nascimento de Cristo, começando assim o uso por historiadores do "A.D.", Anno Domini. Também se interessou pelas marés, um notável acontecimento de Jarrow e Wearmouth.

674 – Dagobert é proclamado rei da Austrasie, com o apoio da mãe e de seus conselheiros, além da participação ativa de Wilfrid[, bispo] de York e San Amatus [Saint Aimé], bispo de ~~Sinai~~ Sion, na Suíça.

> Dagobert não foi *roi fainéant*[262]. Mostrou-se, ao contrário, um merecido sucessor de Clóvis, afirmando e consolidando sua autoridade, domando a anarquia que prevalecia em toda a Austrasie e restabelecendo a ordem. Governou com firmeza, quebrando o controle de vários nobres rebeldes que haviam mobilizado suficiente poder econômico e militar para desafiar o trono. E em Rennes-le-Château ele teria reunido um tesouro substancial, destinado a financiar a reconquista de Aquitania, que havia escapado das mãos merovíngias quarenta anos antes e se declarado principado independente. Ao mesmo tempo, Dagobert deve ter representado um grave desapontamento para Wilfrid de York, pois não passou a atuar como o braço armado da Igreja. Pelo contrário, ele parece ter abortado tentativas da Igreja de se expandir em seu reino. (...) Em virtude de seu casamento com uma princesa visigoda, ele havia adquirido um território considerável, onde hoje é o Languedoc. E pode muito bem ter adquirido mais alguma coisa. Só nominalmente os visigodos eram leais à Igreja de Roma. Tal aliança, na verdade, era extremamente tênue, e uma certa tendência ao arianismo persistia na família real. Existem evidências que sugerem que Dagobert absorveu algo dessa tendência. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 203)

Facilmente Dagobert angariou inimigos entre os nobres vingativos e em potentados de reinos subjacentes, face ao seu governo firme e centralizador. Alguns destes tinham aliados dentro dos domínios de Dagobert. Um deles era o próprio mayor do palácio, Pepin, o Gordo, que não hesitaria em traição e assassinato, em 679.

676 – Assume o papa Donus, até 678.

Nasce Sigisbert IV (676–758), o herdeiro de Dagobert II, após as três filhas com Mathilde e mais duas filhas com Giselle. Sua mãe viveu em Rhédae (Rennes-le-Château). Mais tarde adotará o título de Conde de Razès.

677 – Firuz, filho do último rei persa, Yazdagird III, refugiou-se na China. A China estava sob o imperador Tai-Tsong. Firuz constrói um templo de fogo em Changan (Sião) neste ano. Começa a ser sentida, em todo mundo, os efeitos da civilização iraniana pré-muçulmana.

> Sempre parte comprada, a civilização iraniana, sob os sassânidas, continua, mais do que nunca, a dar. Sua arte se irradiará até o Atlântico e, sob a forma de nova corrente, alcança a China; as religiões nascidas no seu solo, combatidas na Europa e na África, penetram nas solidões da Ásia Central; sua organização militar prepara a cavalaria da Idade Média e a de sua administração influencia a corte de Carlos Magno.
>
> (Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, p. 127, citando R. Ghirshman, *l'Iran des origines à l'Islam*, Payot, reed. Albin Michel, 1976, p. 348)

262 Wikipedia – Rois fainéants, literalmente "reis que fazem nada".

678 – Assume o papa Agathon, mais tarde canonizado a santo, até 681.

679, 23 de dezembro – Próximo ao meio-dia, Dagobert II, rei dos francos, é assassinado, no mesmo local onde mais tarde se daria o Corte do Olmo.

> Assim como a maioria dos governantes merovíngios, Dagobert tinha no mínimo duas capitais. A mais importante era Stenay (chamado Satanicum nos títulos em latim, o nome deriva de um templo a Saturno uma vez situado no local), nas bordas das Ardennes. Próximo ao palácio real de Stenay estendia-se um terreno muito arborizado, considerado sagrado havia muito tempo, chamado floresta de Woëvres. Em 23 de dezembro de 679, Dagobert teria ido caçar ali. Considerando-se a data, a caça bem poderia ter sido uma ocasião ritual de algum tipo (pois coincide com o solstício de inverno). Por volta do meio-dia, sucumbindo à fadiga, o rei se deitou para repousar perto de um riacho, ao pé de uma árvore. Enquanto dormia, um de seus serventes – supostamente um de seus afilhados – aproximou-se sorrateiramente e, agindo sob as ordens de Pepin, atravessou-lhe o olho com uma lança. Os assassinos então retornaram a Stenay com a intenção de exterminar o restante da família. Não se sabe quão bem sucedidos foram nessa última empreitada. Mas, sem dúvida, o reino de Dagobert e sua família tiveram um súbito fim. Sem perder muito tempo com o luto, a Igreja endossou prontamente as ações dos assassinos do rei. Existe até uma carta de um prelado franco a Wilfrid de York, que tenta racionalizar e justificar o assassinato real (Wallace-Hadrill, *The Long-haired Kings*, p. 238). Imediatamente depois de sua morte, ele foi enterrado em Stenay, na Capela Real de São Rémy. Em 872 (...) foi exumado e removido para outra igreja. Esta nova igreja tornou-se a igreja de São Dagobert, pois no mesmo ano o falecido rei foi canonizado por um Conclave Metropolitano. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 204)

Sem qualquer explicação plausível por parte das autoridades eclesiásticas, 23 de dezembro passou a ser o Dia de São Dagobert. É possível que um constrangedor remorso tenha levado à canonização do rei morto pela Igreja, mas evidentemente sem qualquer tentativa de reverter o trono a seus sucessores, os quais, segundo os *Documentos do Monastério*, sobreviveram ao martírio. Não existem, na verdade, quaisquer registros seguros sobre a morte do infante, nem tampouco qualquer referência oficial. Nos séculos seguintes à morte de Dagobert II, a igreja de San Dagobert e as relíquias que continha foram consideradas de grande importância por várias figuras importantes (vide os anos de 1069 e 1093). Dagobert II é logo suprimido de menção em toda História posterior. Será resgatado apenas no século XVII (vide anos 1646 e 1655), explicando-se, pois, a completa falta de registros sobre seu filho, Sigisbert IV. Com a linhagem negada, qualquer linhagem descendente seria invalidada.

680, 7/dez a 16/set/681 – VI Concílio Ecumênico, em Constantinopla. Aos clérigos a palavra (*A Bíblia Sagrada*, trad. pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV):

> Ainda veio sobre as margens do Bósforo, com os teólogos gregos sempre prontos a discussões teológicas. Dir-se-ia que a mania das disputas religiosas seria produto do clima ou do solo. O imperador Eráclio, em 633, pensou ter descoberto a fórmula mágica para conciliar os cristãos, propondo a doutrina da operação única em Cristo: um só Cristo operava as ações divinas e humanas mediante uma única operação teândrica. O patriarca de Jerusalém, Sofrônio, desmascarou logo a capciosa fórmula herética opondo-lhe a verdadeira: Em Cristo, como há duas naturezas, assim há duas operações, duas vontades, provindas do mesmo e único Verbo Encarnado; duas operações e um único operante. No Concílio, a insidiosa fórmula de Heráclio

> e a doutrina da vontade única foram repelidas e condenadas como heréticas O papa Leão II confirmou em 682 o Concílio. Em todos esses Concílios realizados no Oriente foi Roma que levou e fez aceitar sua doutrina, herdada dos apóstolos e formulada com prodigiosa rapidez e clareza.

681 – Segundo os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, Sigisbert IV, com a morte de seu pai Dagobert II, foi logo salvo por sua irmã. Em 681 ele chega ao Languedoc, levado aos domínios de sua mãe, a princesa visigoda Giselle de Razès. Algum tempo depois, teria adotado ou herdado os títulos de seu tio, duque de Razès e conde de Rhédae. Teria depois adotado o sobrenome ou apelido de "Plant-Ard" (depois Plantard), a partir do nome *réjeton ardent* ("botão de flor ardente") da vinha merovíngia, perpetuado assim a linhagem. (Baigent et alii, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 211)

682 – Assume o papa Leão II, mais tarde canonizado a santo, até 683.
684 – Assume o papa Benedito II, mais tarde canonizado a santo, até 685.
Observações chinesas e japonesas apontam o aparecimento do cometa Halley
685 – Assume o papa João V, até 686.
686 – Assume o papa Conon, até 687.
687 – Assume o papa Sergius I, mais tarde canonizado a santo, até 701.

695/698 – Nasce Sigisbert V (695/698–763/768), conde de Razès, filho de Sigisbert IV e Magdala e neto de Dagobert II, 12ª geração a partir do primeiro Mérovée.

SÉCULO VIII d.C.

701 – Assume o papa João VI, até 705.
705 – Assume o papa João VII, até 707.
708 – Assume o papa Sisinnius. Assume o papa Constantino, até 715.

709 – Segundo o adepto Fulcanelli[370]:

> Apesar do nosso respeito pelos trabalhos dos sábios que se têm ocupado dos tempos pré-históricos, também não devemos aceitar, senão com a maior reserva, os mapas da época quaternária reproduzindo a atual configuração do globo. É evidente, por exemplo, que durante muito tempo esteve submersa uma importante parte do solo francês, coberto de saibro marinho, abundantemente provido de conchas, de calcários com marcas de amonites. Lembremos também que a ilha de Jersey ainda estava ligada ao Cotentino em 709, ano em que as águas da Mancha invadiram a vasta floresta que se estendia até Ouessant e servia de abrigo a numerosas aldeias.
> (Fulcanelli, *As Mansões Filosofais*, Edições 70, Lisboa, 1977, pp. 504–505)

Ao que parece, Fulcanelli retomou a tradição em verso, do século XII, do monge Guillaume de Saint-Pair. Se verdadeira, esta indicação aponta para um importante fato – corroborado por outros autores e lendas – que mostra a facilidade ainda maior que tinham viajantes da Pequena e da Grande Bretanha de fazerem um intercâmbio antes de 709 d.C., uma vez que as águas da Mancha ainda não impediam o trânsito terrestre. Isto facilitaria sobremaneira a peregrinação entre ambas as regiões, como no caso de José de Arimateia, dos descendentes merovíngios, dos bretões, etc.

711 – Árabes invadem a Europa.

> A expedição comandada por Tarik atravessou o Estreito de Gibraltar e a conquista da Espanha foi trabalho de apenas quatro anos. Cronistas eclesiásticos de épocas seguintes atribuíram, com maldade, a derrocada dos visigodos aos judeus, que no dizer desses escritores teriam convidado e auxiliado a invasão. Como já tivemos ocasião de ver, os recentes movimen-

tos de intolerância e fanatismo não tinham deixado um só judeu praticante no país, e a veracidade daquela acusação é largamente de se duvidar. Mas a mudança de governo propiciou o começo de uma nova era para o judaísmo da Espanha. A Mesopotâmia, sob o governo de persas ou partos, estivera até então fora da órbita do mundo mediterrâneo, que era greco-romano. Mas, com a conquista árabe, alteraram-se as condições. O grande reservatório de população judaica do Oriente passou a ser dominado pelas mesmas forças que comandavam os novos campos de oportunidade do Ocidente. Podia-se viajar de Bagdad aos pés dos Pirineus sem os incômodos de mudanças de governo, cultura ou língua. Além disso, ao tempo da conquista da Espanha, o fanatismo inicial dos árabes já diminuíra, e, em troca de um lucrativo imposto eleitoral, eles estavam preparados a conceder grande tolerância a todos os infiéis, não importa de qual credo. Parece que os judeus, impelidos pelo mesmo impulso natural ou pelas mesmas necessidades econômicas, deslocaram-se em massa na vaga dos árabes, como mercadores, artesãos, camponeses. Daí, a mais importante seção do judaísmo – numericamente, geograficamente e culturalmente – ficou arabizada. Eles adotaram nomes árabes, falavam apenas árabe entre si, seguiam modas e padrões intelectuais islâmicos, usavam o vernáculo em sua literatura, e mesmo, até certo ponto, em sua liturgia, e consideravam a Europa, ao norte dos Pirineus, um bastião da barbárie. As antigas comunidades, que tinham continuado a levar uma existência sufocada sob os senhores bizantinos, no Egito e países adjacentes ao norte da África, passaram por uma verdadeira fase de rejuvenescimento. Queruã [Kairouan], o acampamento militar fundado nas vizinhanças da antiga cidade de Cartago, e, mais tarde, centro de governo para toda a província, tornou-se de repente conhecida como sede de estudos; seus sábios trocavam erudita correspondência com os geonim da Babilônia ainda antes dos dias de Saadiah. A Espanha progrediu um pouco mais devagar, mas com resultados ainda mais brilhantes.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, Fund. Fritz Pinkuss, Congregação Israelita Paulista, S. Paulo, 1963, pp. 29-30)

711 – Com a invasão moura na Espanha, os judeus na região de Septimania – nordeste da Espanha, Pirineus e sul da França – receberam com alegria a ocupação. Sua situação havia se deteriorado desde a morte de Dagobert II, pois a Igreja Romana, tendo como braço armado os prefeitos do palácio, os perseguia constantemente. Mesmo os visigodos, seus tradicionais aliados, passaram do cristianismo ariano para o romano, passando a persegui-los também. A invasão moura, assim, foi bem vinda. Os mouros colocavam os judeus em postos administrativos nas cidades capturadas, como Córdoba, Granada e Toledo. O comércio e os negócios judeus foram encorajados e ganharam novo impulso. O pensamento judaico convivia lado a lado com o islâmico, e se fertilizavam. Muitas cidades, como a capital moura Córdoba, tinham população predominantemente judia. Não esqueçamos que a principal estrada a partir de Marseilles no início da era cristã levava a Narbonne e à Espanha, trajeto natural dos judeus recém chegados à famosa cidade portuária. A preferência dos judeus pela Espanha foi a mesma que levou ao amor dos mouros por aquelas terras: sua temperatura e geografia são as que mais lembram, em toda a Europa, a saudosa Terra Prometida...

713 – Por ocasião da invasão moura, o bispo de Huesca, Audebert, supostamente transporta o Graal da gruta para o mosteiro de San Juan de la Peña. Segundo Gérard de Sède (em *Le Trésor Cathare*, p. 162), o vaso sagrado teria ficado no mosteiro, numa arca de marfim, até 1134 (vide anos 257 e 1134).

715 – Assume o papa Gregório II, mais tarde canonizado a santo, até 731.

Nasce Bera III (715–770), conde de Razès, filho de Sigisbert V e bisneto de Dagobert II, 13ª geração a contar do primeiro Mérovée. Vai casar-se com Olba (ou Alda?), tendo dois filhos: Oliba e Guilherme, este último futuro conde de Razès. Juntamente com seu pai, Sigisbert V, e seu avô, Sigisbert IV, Bera III fazia parte dos chamados “príncipes eremitas”, por terem buscado refúgio em cavernas existentes nas montanhas próximas a Rhédae durante a invasão sarracena. A pedra esculpida que ornamentou seu túmulo está em Rennes-le-Château.

717 – Começa o declínio do califado Umayyada, após uma séria derrota pelo imperador Bizantino Leo III. Elevadas despesas dos califas que não eram suportadas pelos impostos aceleraram a queda do califado. Além disso, um império tão amplo com um governo central tão afastado das fronteiras não pôde evitar o aparecimento de centros de poder locais, fomentados pelas várias seitas. Durante os reinados dos últimos três umayyadas, a maior parte das revoltas era coordenada por um clã descendente de um tio de Maomé, al-Abbas. Uma bem estabelecida rede de agentes secretos fomentou os ressentimentos contra os umayyadas.

718 – Registro de um título “que pertence à fundação de um monastério – a poucos quilômetros de Rennes-le-Château – assinado por ‘Sigebert, conde de Rhédae e sua esposa, Magdala’. Além deste documento, nada se ouviu de Rédhae ou Razès por mais um século.” (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 211)

719 – Construída a igreja de São Pedro e São Paulo, parte do complexo que se constituiria na abadia de Glastonbury.

720–759 – Enquanto o neto e o bisneto de Dagobert II viviam clandestinamente em Razès, Septimania ficou nas mãos dos muçulmanos, tornando-se um principado mouro independente, com sua capital em Narbonne (vide mapa no século VI), devendo fidelidade ao emir de Córdoba. De Narbonne os mouros começaram a avançar ao norte, capturando cidades francas. Mas Charles Martel perceberá o seu avanço...

731 – Assume Gregório III, mais tarde canonizado a santo, até 741.

732 – Batalha de Poitiers: o prefeito do palácio franco, Charles Martel[263], filho de Pepin, o Gordo (o assassino de Dagobert II), barra o avanço dos árabes na França. Os prefeitos do palácio já vinham consolidando seu poder antes de Dagobert II. Neste ano, Charles Martel certamente tinha poder suficiente para ascender ao trono, que certamente estava ao seu alcance. Ao que parece, entretanto, uma certa superstição e escrúpulo o impediram. Seus sucessores que subiram ao trono tiveram o cuidado de estabelecer sua legitimidade casando-se com princesas merovíngias ou visigodas.

738 – Charles Martel envia os mouros de volta a Narbonne, onde os cerca. Defendida por mouros e judeus, revelou-se impenetrável. Martel arrasou, então, os arredores.

741 – Assume o papa Zacharias, mais tarde canonizado a santo, até 752.

Morre Charles Martel.

742 – Nascimento de Carlos Magno.[264]

> Por volta de 742, havia um Estado independente e totalmente autônomo no sul da França – um principado segundo algumas narrativas, um reino bem desenvolvido, segundo outras. A documentação é incompleta e a

263 Wikipedia – Charles Martel (688–741) chefe militar e de Estado franco.
264 Wikipedia – Charlemagne Carolus Magnus, rei dos francos e imperador, dinastia Carolíngea.

> história é vaga – a maioria dos historiadores, na realidade, não sabe de sua existência – mas não restam dúvidas de sua realidade. Ele foi oficialmente reconhecido por Carlos Magno e por seus sucessores, assim como pelo califa de Bagdad e o mundo islâmico. A contragosto, foi reconhecido pela Igreja, algumas de suas terras tendo sido confiscadas. Sobreviveu até o fim do século IX. (...) Incluía Razès e Rennes-le-Château.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 211)

743 – É destruída a catedral de Chartres pelo duque de Aquitaine.

745 – No período 745/747 estouram revoltas contra o clã Umayyad, principalmente no Iraque, na Síria e em Khorassan.

747 – O Concílio de Niceia decide que a interpretação das imagens nas construções religiosas pertenceriam aos Padres, enquanto que a execução pertenceria aos artistas, arquitetos e escultores. Esta decisão prova que a arquitetura estava ligada ao sacerdote, do qual ela dependia.

749 – Neste ano os rebeldes contra o clã islâmico Umayyad proclamam Abu al-Abbas as-Saffah como califa, inaugurando o califado abássida. Batem o último umayyada, Marwan II, em 750, o qual, fugindo, é assassinado no Egito, assim como todos os outros remanescentes do clã. Um escapou: Abd ar-Rahman. Escapou para a Espanha e, com o apoio de umayyadas, estabeleceu uma dinastia em Córdoba, contrapondo-se aos abássidas. Esta durará até 1031, quando será substituída pela dinastia muçulmana dos almorávidas.

Século VIII – Desta época remonta um manuscrito que faz aparecer pela primeira vez o nome igreja Sainte Marie de Chartres.

750 – As tropas abássidas derrotam os umayyadas perto de Kufa. É instalada a dinastia abássida no islã. Substanciais mudanças no califado são consequência da participação das províncias orientais ao movimento. A capital se desloca, então, de Damasco para Bagdad, no Iraque. A dinastia abássida desloca-se, então, para o oriente, para o Iraque, Pérsia, Índia e Ásia Central. Esta centralização oriental do império abássida levou ao natural enfraquecimento nas outras províncias, principalmente na África e na Europa, dando espaço para dinastias rivais. Como bem expõe Paul du Breuil:

> Ao contrário dos umayyadas, que representavam sobretudo o poder árabe, os abássidas souberam amalgamar diversas tendências de seu império em uma unidade herdada da antiga Pérsia. Os barmecidas, que contribuíram para a chegada dos abássidas ao poder, descendiam de Barmak, grande sacerdote do fogo de Navhahar, em Balkh, e se tornaram os vizires esclarecidos dos novos califas (752–804). O retorno ao seio do islã encontra sua expressão numa literatura de cultura neossassânida (Shu'ubiyya), da qual participaram muitos letrados zoroastrianos. Conversações maciças tiveram lugar, sob a influência de Abu Muslim que, depois de seu assassinato por al-Mansur (755), foi elevado, por seus partidários, ao *status* de Salvador, figurando em companhia do mártir revolucionário Masdak. Os mais refratários, no islã, resistiram no Khorassan durante uns cinquenta anos antes de embarcar para a Índia. (...) Em face do monismo islâmico, os teólogos persas se esforçaram para ocultar ou suprimir os traços do dualismo zervanista introduzidos no Avesta e insistiram no monoteísmo zoroastriano das origens. (...) Ao passo que os umayyadas (califado de Damasco) levavam longe, para o ocidente, os frutos de uma cultura rica de elementos persas, os abássidas (califado de Bagdad), que haviam sido levados ao poder pelos zoroastrianos convertidos, em certa medida foram os herdeiros da cultura sassânida, na qual o Noruz, o ano novo masdaico, passou a ser observado

na corte. De seu lado os umayyadas removeram arquitetos, agricultores, intelectuais e sábios para o Maghreb e a Andaluzia, onde implantaram ativamente, na Espanha, a alta cultura irano-muçulmana, da qual toda a Europa medieval logo receberia os frutos nas artes e nas ciências.

É da assimilação do gênio persa pelos letrados e sábios muçulmanos, persas ou árabes iranizados, que nasceu a prodigiosa civilização do islã medieval, que, levando essa florescência intelectual da Bagdad das *Mil e uma Noites*, do velho Cairo (Alkahira, 969) a Kairoan, Fez e Córdova, desempenhou, nos primeiros impérios muçulmanos, um papel semelhante ao da Renascença italiana no Ocidente. A Europa, na anarquia feudal e mergulhada no obscurantismo às vésperas das invasões bárbaras, herdará, lentamente, dessas vitórias do espírito, apesar do antagonismo cristão: arquitetura, urbanização, música, poesia, literatura, filosofia, arte militar, astronomia, matemáticas e ciências naturais, medicina, tecelagem, confrarias profissionais, artesanato e, afinal, comércio e banco. Iniciado com as primeiras embaixadas de Carlos Magno junto a Harun al-Rashid, esse processo civilizador foi favorecido pela fé esclarecida dos primeiros dinastas muçulmanos – abássidas, umayyadas e fatímidas – para com as artes, as ciências e as letras, e pela abertura das grandes vias de trocas comerciais no islã, de Samarcanda a Baçorá, de Bagdad a Córdova, de Alexandria a Fez, de Tunis a Palermo e de Fez a Narbonne. Os frutos dessa cultura precoce foram veiculados para a Europa pelo Oriente das cruzadas (estados francos da Síria-Palestina), em relação com os califados de Damasco e do Cairo, pela arabização "sarracena" de Creta, de Rhodes, de Malta, da Sardenha, das Baleares e pelo intercâmbio com os portos italianos de Bari, de Amalfi e de Veneza. Mas é, de um lado, sobretudo pela Sicília orientalizada dos normandos e do imperador alemão Frederick II de Hohenstaufen, de outro lado pelos umayyadas da idade de ouro do califado de Córdova, dos reinos esclarecidos dos almorávidas e dos almohadas na Espanha, que essa extraordinária corrente cultural atravessa, até a véspera da Renascença, a Itália, o Aragão e a França meridional, para se espalhar por toda a Europa medieval. O conhecimento dessa página grandiosa e geralmente oculta da história ocidental permitirá compreender melhor o islã, do qual o mundo árabe atual não está mais em condições de dar uma ideia exata da grandeza e da tolerância passadas. Do século XII ao XV, devastações múltiplas acabaram por precipitar a queda da civilização irano-muçulmana. As cruzadas, os mongóis, a reconquista espanhola e os turcos otomanos aniquilaram esta cultura universal que serviu de ponte entre o Oriente e o Ocidente, e que teve o islã como centro.

(Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, pp. 133–136)

751 – Pepin III[265], filho de Charles Martel e prefeito do palácio de Childeric III, engajou o apoio da Igreja para solicitar formalmente o trono. Os embaixadores de Pepin perguntaram ao papa: "Quem deveria ser rei? O homem que atualmente detém o poder ou aquele que, embora chamado de rei, não tem nenhum poder?" O papa pronunciou-se em favor de Pepin. Com apostólica autoridade, ordenou que Pepin fosse coroado rei dos francos, numa traição ao pacto ratificado por Clóvis dois séculos e meio antes. Legitimado por Roma, Pepin depôs Childeric III, confinou o rei em um monastério e, para humilhá-lo, destituiu-o de seus "poderes mágicos" privando-o de seu cabelo sagrado. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 206)

Ocorre a primeira emigração de parses[266] (em pahlavi diz-se *parsik*, em persa *parse*, significa *originário de pars/fars*) perante o islã se fez do Khorassan para

265 Wikipedia – Pepin, o breve (714–768), rei franco, filho de Charles Martel e pai de Charlemagne.
266 Wikipedia – Parsis povo etno-religioso seguidor de Zoroastro que migrou da Pérsia para a Índia.

a ilha de Ormuz, ao sul do Golfo Pérsico, neste ano. De lá eles embarcarão em sete barcos, chegando em Diu, na Índia, em 766, na extremidade do Khataviar e na entrada do Golfo da Cambaia, onde permanecerão por algum tempo.

752 – Assume o papa Estevão II, até 757.

Pepin, formando alianças com aristocratas locais, assume o controle de Septimania. Narbonne resiste, suportando cerco de sete anos de Pepin. Pepin estava sob forte pressão devido à usurpação carolíngia. Forçava alianças com descendentes merovíngios locais – como de resto todos os carolíngios – para legitimar sua coroa, mas os judeus de Narbonne resistiam tenazmente. Ora, a unção com óleo era agora dada pela Igreja Romana, que passara a fabricar reis. Mas Pepin sentia que, para validar de maneira mais legítima sua unção, deveria ter a aprovação da comunidade judaica, portanto de Narbonne. Afinal, para validar sua coroação, Pepin organizou a cerimônia cuidadosamente, procurando repetir o ritual bíblico da unção, de origem judaica. Por que Pepin julgava importante este ritual judaico para legitimar sua posição próxima à dos merovíngios? Provavelmente porque a coroa de Mérovée deriva de um ritual semelhante, de origens no Velho Testamento. Neste caso, a ligação da coroa merovíngia com os rituais judaicos de coroação podem ser um indicativo da presença da família real da Casa de Davi na realeza franca. Em todo caso, Pepin resolvera ambos os problemas – a resistência de Narbonne e a legitimidade de sua coroa – através dum pacto com a população judia de Septimania, em 759...

754 – Morte de Childeric III. Foi o fim oficial da dinastia merovíngia. Na prática, entretanto, já se acabara com a morte de Dagobert II em 679, já que os reis que se seguiram foram de ramos paralelos, não descendentes diretos de Clóvis e Mérovée. A linha principal acabara com Dagobert II. A Sagrada Linhagem do Sangue Real fora bruscamente interrompida e os descendentes até Childeric III não foram mais que *rois fainéants*[262].

É coroado Pepin III, em Ponthion, inaugurando a dinastia carolíngia[267]. O nome deriva de Charles Martel, pai de Pepin III.

Neste ano surge um documento que mudaria os rumos da história ocidental: a Doação de Constantino.[268]

> Hoje não se duvida que ele foi forjado, fabricado – e de maneira não muito inteligente – no interior da chancelaria papal. Naquela época, contudo, foi considerado genuíno, obtendo enorme influência. A Doação de Constantino data da suposta conversão de Constantino ao cristianismo, em 312 d.C.. Segundo o documento, Constantino doava oficialmente ao bispo de Roma seus símbolos e sua regalia imperiais, que então se tornaram propriedade da Igreja. A Doação alega ainda que Constantino, pela primeira vez, tinha declarado que o bispo de Roma era o 'vigário de Cristo', oferecendo a ele a condição de imperador. Como 'vigário de Cristo', o bispo teria supostamente devolvido a regalia imperial a Constantino, que a usou subsequentemente com a sanção e permissão eclesiásticas, mais ou menos como um empréstimo. As implicações são claras. De acordo com a Doação de Constantino, o bispo de Roma exerceria sobre a cristandade a suprema autoridade secular, além da espiritual. Seria, na verdade, um papa imperador, que disporia como quisesse da coroa imperial, podendo delegar seu poder, no todo ou em parte, a seu bel prazer. Em outras palavras, ele possuía, através de

267 Wikipedia – Carolíngios (derivado de *Carolus*), dinastia de reis francos de 751 a 987.

268 Wikipedia – Doação de Constantino decreto imperial romano forjado que transferia a autoridade sobre Roma e o Império Romano do Ocidente ao papado.

Cristo, o direito indiscutível de criar ou depor reis. Da Doação de Constantino deriva, em última instância, o subsequente poder do Vaticano em assuntos seculares.

Retirando daí sua autoridade, a Igreja lançou sua influência em nome de Pepin III. Elaborou uma cerimônia na qual o sangue de usurpadores, ou de qualquer um, podia ser declarado sagrado. Esta cerimônia veio a ser conhecida como coroação e unção, no sentido que estes termos passaram a ser entendidos na Idade Média e na Renascença. Na coroação de Pepin, os bispos foram autorizados pela primeira vez a assistir a cerimônia em pé de igualdade com os nobres seculares. E a coroação em si não mais significava o reconhecimento de um rei, ou de um pacto com um rei. Agora, ela consistia em nada menos que a criação de um rei. O ritual de unção também foi transformado. No passado, quando praticado, ele era uma investidura cerimonial, um ato de reconhecimento e ratificação. Agora, contudo, assumia um significado novo. Tomava precedência sobre o sangue, e podia – magicamente, por assim dizer – santificar sangues. (...) E o papa, ao realizar este ato, tornava-se mediador supremo entre Deus e os reis. (...) O sangue passava a ser subordinado ao óleo. E todos os monarcas se tornavam subordinados, e subservientes, ao papa. (...) Nas palavras de uma autoridade moderna: Assim, nós não podemos saber ao certo se a unção com consagração dos carolíngios tinha a intenção de compensar pela perda de propriedades mágicas do sangue, simbolizadas pelo cabelo longo. Se ele compensava mesmo alguma coisa, era provavelmente a perda de fé ocorrida pela quebra, de forma tão chocante, de um voto de fidelidade. (Wallace Hadril, *The Long-haired Kings*, p. 246). E novamente: Roma mostrou o caminho ao providenciar, pela unção, um ritual voltado para "fabricar" reis ... que de alguma forma limpava a consciência de "todos os francos". (Wallace Hadril, *The Long-haired Kings*, p. 248) Nem todas as consciências, entretanto. (...) Pepin III, imediatamente antes de sua unção, casou-se pomposamente com uma princesa merovíngia. E Carlos Magno fez o mesmo.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 206-207)

754 – Morre o califa abássida As-Saffah. Sucede-o seu irmão al-Mansur (754–775). Combateu os rivais e fortaleceu o poder da dinastia. Tansferiu a capital islâmica para Bagdad, centralmente posicionada entre o Iraque e a Pérsia. Bagdad se tornará o centro comercial, cultural e social do islã até o estabelecimento da dinastia fatímida no Egito, quando o Cairo ganhará esta posição a partir do século X.

755 – Nasce Bera IV (755–813), conde de Razès, filho de Guilherme, conde de Razès. Bera IV era tataraneto de Dagobert II, 15ª geração a contar do primeiro Mérovée. Ele fundará a abadia de Alet, e terá dois filhos com Romille. Um deles será Rotaude (✝855), que se casará com Alarico, recebendo Blanchefort como dote. Rotaude terá como filho Aureol – fundador da família Blanchefort, que por sua vez originará o quarto grão-mestre da Ordem do Templo, Bertrand de Blanchefort (vide ano 1153). Outro filho de Bera IV será Argila (775–836), conde de Razès, que se casará com Reverge e terá como filho Béra V (794–860), conde de Razès. Outros dois irmãos de Bera IV, filhos de Guilherme, são Ode e Oliba. Este último se casará com Richilde (✝839) e terá dois filhos: Oliba, conde de Carcassonne, e Agfred (✝906), conde de Razès em 881/870/877.

756 – Assume Abd-ar-Rahman I (756–788) como califa da Península Ibérica. A partir dele o califado ibérico ficou independente de Bagdad.

As condições especiais do país, com sua larga proporção de elementos cristãos ou visigodos, colocaram a tolerância entre os pontos cardeais da política, beneficiando os judeus tanto quanto os outros grupos da população

> (...) Os judeus penetraram em todas as camadas da sociedade, urbana e rural. Para o intercâmbio diplomático com os Estados cristãos, tanto na Península quanto fora dela, o judeu, com seu conhecimento linguístico, era o intermediário ideal. Por isso muitos indivíduos chegaram a gozar de grande influência nos negócios do Estado. Médicos, astrônomos e astrólogos obtiveram ingresso na corte e, em alguns casos, exerceram poderosa influência. (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 31)

757 – Assume o papa Paulo I, mais tarde canonizado a santo, até 767.

758 – Morre Sigisbert IV, conde de Razès, filho direto do rei Dagobert II e Giselle de Razès.

759 – Pepin, filho de Charles Martel, há sete anos tenta tomar Narbonne. A população judia e muçulmana resiste tenazmente, sem perspectivas de dar ao soberano franco a total consolidação de seu poder. Pepin tampouco conseguiu legitimar seu trono, usurpado aos merovíngios e ficticiamente consagrado por uma espúria cerimônia de unção católica. Historicamente a unção era uma prerrogativa das realezas judaicas. Na cristandade passou a ser dada ao rei Clóvis quando fez o pacto com a Igreja. A unção não pôde substituir o direito dado pela linhagem sanguínea, extinta com o assassinato de Dagobert II e pela usurpação dos prefeitos do palácio. Pepin devia saber disso, dada sua preocupação em dar maior legitimidade à sua unção. Para tanto, fez um pacto com os judeus de Narbonne, resolvendo simultaneamente o problema da unção e da resistência da cidade.

> Segundo este pacto, Pepin receberia o endosso judeu para sua pretensão à sucessão bíblica; também receberia a ajuda dos judeus contra os mouros. Em troca, concederia aos judeus de Septimania um principado e um rei próprios (Rabinowitz, *De Migrantibus*). Em 759, a população judia de Narbonne voltou-se subitamente contra os defensores muçulmanos da cidade, atacando-os e abrindo os portões da fortaleza para os francos. Logo depois os judeus reconheceram Pepin como seu senhor e validaram sua pretensão a uma sucessão bíblica legítima. E Pepin manteve sua parte na barganha.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit, pp. 331-332) Vide ano 768 d.C.

760 – Registro do cometa Halley, pelos chineses e pelo astrônomo Pingré:

> No vigésimo ano do reinado de Constantino, um cometa muito brilhante, semelhante a uma barra de ferro incandescente, apareceu durante dez dias.[269]

759/768 – Num determinado momento neste período, o governante do forte estado reconhecido no sul da França (ver ano 742) foi oficialmente declarado rei. Contrariando a Igreja, foi reconhecido pelos carolíngios, a quem se declarou vassalo. Seu nome: Theodoric ou Thierry, duque de Barcelona, de Toulouse, de Auvergne e de Razès (730–804). A maioria dos intelectuais modernos o considera descendente merovíngio. Alguns o associam ao lendário Makhir[270], 46ª geração após David.

> A tradição judia preserva o nome de Carlos Magno, o protótipo de sua casa, em mais de uma antiga lenda, em ligação aos favores que ele prestou aos antepassados. Na tomada de Narbonne (efetuada na realidade em 759 por seu pai, a quem a lenda deveria ser talvez ligada), afirma-se que ele concedeu à comunidade judaica local muitos privilégios notáveis, em retribuição pela ajuda recebida; e os sucessores do *Nasi* (ou Príncipe) judeu, indicado nesta época, continuaram por muitos anos a guiar seus correligionários. Afirma-se, também, que o imperador (provavelmente não Carlos, mas seu

269 Alexandre Guy Pingré, *Cométographie ou traité historique et théorique des comètes*, p. 336

270 Wikipedia – Makhir de Narbonne tese sustentada por Arthur Zuckerman no livro A Jewish Princedom in Feudal France mas não ratificada por outros historiadores.

> pai, Pepin) solicitou ao califa de Bagdad que lhe enviasse algum sábio judeu, capaz de transplantar para seus domínios o conhecimento tradicional hebreu – recebendo, então, o famoso rabi Machir de Narbonne. A migração do célebre rabi Kalonymus (o primeiro sábio judeu alemão que se conhece, iniciador de uma famosa linha de eruditos) de Lucca, no norte da Itália, para Mogúncia [Mainz], é também atribuída à sua interferência. Estas lendas recorrem com frequência grande demais para que possam ser esquecidas.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 41)

763/768 – Morre Sigisbert V, conde de Razès, filho de Sigisbert IV e neto de Dagobert II.

766 – De Ormuz, ao sul do Golfo Pérsico, partem os primeiros parses do islã (vide ano 751), embarcando em 7 barcos. Chegaram em Diu, na Índia, em 766, na extremidade do Khataviar e na entrada do Golfo da Cambaia, onde permaneceram por algum tempo. Embarcam novamente para Sanjan, pequena vila de pescadores no lado ocidental de Gujarat, desembarcando ali em 785.

768 – Assume o papa Estevão III, até 772.

Carlos Magno (26) e seu irmão Carloman herdam o reino dos francos.

> Em 768 foi criado um principado na Septimania – um principado judeu, que devia fidelidade nominal a Pepin mas era essencialmente independente. Um governante foi oficialmente instalado como rei dos judeus. Nos romances ele é chamado Aymery, mas segundo os registros existentes ele parece ter tomado o nome de Theodoric, ou Thierry, ao ser recebido nas fileiras da nobreza franca. Theodoric, ou Thierry, pai de Guilhem de Gellone, era reconhecido, tanto por Pepin como pelo califa de Bagdá, como 'a semente da casa real de Davi'. (Zuckerman, *Jewish Princedom*, p. 59) (...) Segundo a maioria dos pesquisadores ele era um descendente merovíngio. Segundo Arthur Zuckerman ele seria nativo de Bagdá, um 'exilado', descendente de judeus que viviam na Babilônia. O professor Zuckerman menciona uma afirmação curiosa, a de que os 'exilados do oeste' eram de 'sangue mais puro' que os do leste. (Zuckerman, *Jewish Princedom*, p. 81) Quem foram os 'exilados do oeste', senão os próprios merovíngios? Por que um descendente merovíngio seria reconhecido como rei dos judeus, governante de um principado judeu e 'semente da casa de Davi', a menos que os merovíngios fossem, na verdade, parcialmente judeus? Após a cumplicidade da Igreja no assassinato de Dagobert II e sua traição no pacto ratificado com Clóvis, os merovíngios sobreviventes podem muito bem ter repudiado qualquer aliança com Roma e retornado ao que era sua fé anterior. Suas ligações com essa fé teriam sido (...) reforçadas pelo casamento de Dagobert com a filha de um príncipe evidentemente visigodo, que possuía o nome claramente semita de Bera. Theodoric, ou Thierry, consolidou ainda mais sua posição, e Pepin também, através de um casamento conveniente com a irmã deste último, Alda, tia de Carlos Magno. Nos anos que se seguiram, o reino judeu da Septimania gozou de uma existência próspera. Foi ricamente agraciado com territórios concedidos pelos monarcas carolíngios. Ganhou até lotes de terras que pertenciam à Igreja, apesar dos protestos vigorosos do papa Estevão III e de seus sucessores.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 331-332)

Como já dissemos, Theodoric ou Makhir era a 46ª geração após Davi, via Salomão. Não exatamente como Jesus, como pretendem Baigent et alii, pois enquanto Makhir descende via Salomão, Jesus e José de Arimateia o são via Nathan, irmão de Salomão.

770 – Morre Bera III, conde de Razès, filho de Sigisbert V, bisneto do rei Dagobert II.

771 – Morre Carloman, irmão de Carlos Magno, que torna-se o único rei dos francos. A história geralmente conta a grande desordem que grassava o reino dos francos, especialmente na metade norte. Conta-se como Carlos Magno foi o grande unificador do reino contra o esfacelamento de bandidos, feiticeiros e oportunistas; na verdade, ele foi, também, o grande braço armado da Igreja para sedimentar o catolicismo na Europa, combatendo principalmente os saxões do norte, "implementando a educação, a cultura e a religião contra o modo de vida dos bárbaros".

772 – Carlos Magno lança uma campanha de trinta anos que cristianizou e conquistou os saxões do norte, subjugando os ávaros, a forte tribo tártara do Danúbio e obrigando os duques da Bavária a submeterem-se à sua coroa.

Assume o papa Adriano I, até 795.

774 – Ao sul da Europa, a luta de Carlos Magno era contra a Liga Lombarda. A certa altura, o rei dos francos ofereceu ao rei lombardo Desiderius uma soma para devolver as terras ao papa. Recebendo a recusa, Carlos Magno apoderou-se do reino lombardo e restaurou os estados papais. O grande segredo de seu sucesso for a capacidade de organização e a rapidez de suas campanhas. Mais da metade das 50 expedições militares que desencadeou ele próprio as chefiou. Com antecedência providenciava o contingente necessário recrutando junto aos nobres a quantidade prevista de homens e equipamentos. Mais tarde, Napoleão estudará e usará de suas táticas. De sua época vem a lenda de seu legendário Paladino, Rolando, morto pelos bascos numa tentativa de conquista de Saragoça.

775 – Nasce Argila (775–836), conde de Razès, filho de Bera IV, 7ª geração a partir de Dagobert II, 16ª a partir do primeiro Mérovée. Se casará com Reverge e terá como filho Bera V (794–860), conde de Razès.

Nasce Egbert (775–839), futuro rei da Inglaterra, filho de Ealhmund (758–785), vice-rei de Kent, e neto de Æthelbert II, rei de Kent. Egbert era a 11ª geração após Clóvis, rei dos francos. Os francos entraram na linhagem real inglesa através de Emma, filha de Theudebert II, rei de Austrasie e trineto de Clóvis I.

Assume o califa abássida al-Mahdi (775–785). Muito continuariam ainda as revoltas contra sua dinastia. Tentou sem sucesso combater os xiitas. Seu filho, al Hadi, regerá por menos de dois anos (785–786). Mas seu lendário sucessor levaria o islã à Era de Ouro...

776–856 – Viveu Rabanus[205], arcebispo de Mainz, que escreveu *Vida de Maria Magdalena*[204], relatando sua vinda para Marseilles juntamente com José de Arimateia e Lázaro.

778 – Morre o "conde Rolando", o mítico paladino de Carlos Magno, na tentativa de conquista de Saragoça, em Roncesvalles, na Espanha.

785 – Os parses de Khataviar e da entrada do Golfo da Cambaia embarcam novamente para Sanjan, pequena vila de pescadores no lado ocidental de Gujarat, desembarcando ali em 785.

Morre Ealhmund (758–785). Seu filho, Egbert, se refugiará na corte de Carlos Magno pela pressão dos invasores de Mercia. Retornará em 802 e se tornará o primeiro rei da Inglaterra.

786 – Harun al-Rashid[271] ou "o justamente guiado" (~766–809) assume como o 5º califa da dinastia abássida. Foi eternizado nos célebres contos das *Mil e Uma Noites*, uma das obras-primas da literatura islâmica. Não foi considerado nem

271 Wikipedia – Harun al-Rashid هَارُون الرَشِيد

um bom nem mal governante, mas ficou famoso pelo luxo de sua corte e pelo seu patrocínio às artes. Nesta época, Bagdad conheceu encontros teológicos pacíficos entre zoroastrianos e muçulmanos. Junto com sua esplêndida corte, rebeliões tomavam vulto na esteira de rivalidades de seitas e dos pesados impostos. Na tentativa de estabilizar limites extremos do império, Harun deu ao governante da província africana agora conhecida por Tunísia o direito de se reger por si próprio perante o pagamento de um tributo anual. Este governador posteriormente ganhou o direito de nomear seu filho como sucessor, fazendo com que uma dinastia local perdurasse por mais de um século. Este precedente deu a outras províncias distantes, num processo que se acelerou ao final do século IX.

787 – Acredita-se que neste ano foi fundada a Ordem Escocesa do Cardo, revivida mais tarde, em 1687, por James II.

VII Concílio Ecumênico: Niceia II[272]. Pelos relatos da própria Igreja podemos observar mais um exemplo do belo "monoteísmo" católico, que ousou acusar aos "pagãos" de "idolatria". Com a palavra os clérigos (os grifos são nossos):

> Na marcha dos lamentáveis conflitos entre as Igrejas Romana e Grega está de volta outro imperador de Constantinopla, Leão III, que proclamando-se 'rei-sacerdote' baixou em 730 um edito proibindo como idolatria e paganismo o culto a imagens sagradas. Imediatamente no Oriente puseram-se a derrubar estátuas, esmigalhar mosaicos e caiar pinturas. Certo é que no Antigo Testamento foi vedado figurar de qualquer maneira o Senhor. Esta proibição bloqueou as artes em Israel mas salvou a espiritualidade de Deus no ânimo dos hebreus. Quando a humanidade se achou mais evoluída, no Novo Testamento as coisas mudaram. Desde o século I depois de Cristo encontram-se representações figuradas as quais serviam para adornar os lugares das reuniões litúrgicas para instruir o povo e para ajudar a devoção, a piedade cristã. Compreende-se facilmente que se verificassem resvalos do culto relativo para o absoluto, que talvez se exagerassem, especialmente no Oriente. Mas de que é que não se abusa? O pior dos abusos, porém, é o de fugir-se ao uso pelo temor do abuso. (Nota do Tradutor: Mas não foi isso que os padres fizeram com o sexo?) Leão III ameaçava vir a Roma para despedaçar a estátua de São Pedro. Aprestou uma frota naval que foi tragada por um tufão. O sucessor Constantino V retomou a luta, decretando em 754 que a única imagem autêntica de Jesus era a Eucaristia! Por morte de Constantino V, em 775, assumiu seu filho, Constantino VI, que logo se revelou bem diverso do pai. Assim, em 787 foi convocado o Concílio de Niceia II, onde foi decidido: **Exponha-se também a Cruz. Exponham-se as imagens de Jesus, da Virgem, dos Anjos e dos Santos. Prestem-se ainda, às imagens, as venerações de honra, enquanto a adoração é reservada a Deus**.
>
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

789 – Carlos Magno, pelos decretos dos concílios de Arles, de Tours, de Nantes e de Toledo, proíbe o culto das árvores, das pedras e das fontes e prescreve a destruição de todos os objetos ou documentos relativos ao culto pagão.

(Robert Charroux, *O Livro dos Senhores do Mundo*, Difel, R. de Janeiro, 1973, p. 115)

Eliphas Levi assim descreve essas atividades:

> As superstições são tenazes, e o druidismo degenerado lançara profundas raízes nas terras selvagens do norte. As insurreições frequentes dos saxões atestavam um fanatismo sempre turbulento, impossível de ser reprimido pela força moral; todos os cultos vencidos, o paganismo romano, a idolatria

272 Wikipedia – 2º Concílio de Niceia

germânica, o rancor judaico, ligavam-se contra o cristianismo vitorioso. Realizavam-se assembleias noturnas, onde os conjurados comentavam sua aliança pelo sangue das vítimas humanas: um ídolo panteísta de chifres de bode e de formas monstruosas presidia a banquetes que se poderiam chamar os **ágapes do ódio**. O sabá, em uma palavra, celebrava-se ainda em todas as florestas e nos desertos das províncias ainda selvagens: os adeptos lá compareciam mascarados e irreconhecíveis; a assembleia apagava suas luzes e se dispersava antes do amanhecer; os criminosos andavam por toda a parte e em parte alguma podiam ser presos. Carlos Magno resolveu combatê-los com suas próprias armas. (...) Carlos Magno enviou para Vestfália, onde maior era o mal, agentes dedicados encarregados de uma missão secreta. Estes agentes atraíram a si e ligaram-se pelo juramento e vigilância mútua tudo o que era enérgico entre os oprimidos, tudo o que amava a justiça, quer entre o povo quer entre a nobreza; descobriram a seus adeptos os plenos poderes que recebiam do imperador e instituíram o tribunal dos franco-juízes. Era uma polícia secreta com direito de vida e de morte. O mistério que cercava os julgamentos, a rapidez das execuções, tudo feria a imaginação desses povos ainda bárbaros. A **santa vema** tomou proporções gigantescas; havia calafrios quando se contavam as aparições de homens mascarados, citações fixadas às portas dos senhores mais poderosos do meio de seus guardas e de suas orgias, chefes de bandidos encontrados mortos com o terrível punhal cruciforme no peito e sobre a faixa presa ao punhal o resumo do julgamento da **santa vema**. Este tribunal tomava em suas reuniões as formas mais fantásticas: o criminoso citado em algum beco de má fama aí era preso por um homem negro que lhe vendava os olhos e o conduzia em silêncio: era sempre à noite em hora bem adiantada, porque as sentenças só se pronunciavam à meia-noite. O criminoso era introduzido em vastos subterrâneos, sendo interrogado por uma só voz; depois tiravam-lhe a venda: o subterrâneo iluminava-se em todas as suas profundezas imensas e viam-se os franco-juízes vestidos de negro e mascarados. As sentenças não eram sempre mortais, visto como se veio a saber como as coisas se passavam, sem que jamais um franco-juiz revelasse o que quer que fosse, porque a morte o aniquilaria no mesmo instante. Estas assembleias formidáveis eram algumas vezes tão numerosas que pareciam um exército de exterminadores.

(Eliphas Levi, *História da Magia*, Pensamento, S. Paulo, pp. 202–204)

Com o perdão de Eliphas, por tudo o que vimos até aqui e pelo que ainda veremos, não podemos atribuir a tais formas de “justiça” simplesmente o cunho de defesa dos oprimidos ou da boa nobreza. Dificilmente – para não dizer nunca – tais formas de “correção” de desvios sociais, tão revestidas de negrume e terror, deixaram de refletir-se com a mesma injustiça e delírio sobre inocentes. Na melhor das hipóteses, esta prerrogativa aberta pela realeza e pelo clero abriu caminho para a oficialização dos tribunais da Santa Inquisição e para os métodos de trabalho de seitas racistas como a KKK e os nazistas. Se os fins pareciam justificar os meios, ao “combatê-los com suas próprias armas” aqueles que tinham algum direito divino o perderam totalmente, e a implacável árvore da vida e da morte acabaria por gerar seus frutos.

790 – O filho de Theodoric (vide ano 759/768), Guilhem de Gellone[273], porta o título de Conde de Razès, título que Sigisbert IV teria possuído e passado a seus descendentes. Essa clara ligação desse judeu-merovíngio a Dagobert praticamente confirma sua ligação com a dinastia do Sangue Real.

273 Wikipedia – Guillaume de Gellone importante nobre e militar do reino de Aquitânia.

Guilhem foi um dos mais famosos homens de seu tempo, tanto que sua realidade histórica – como a de Carlos Magno e Godfroi de Bouillon – confunde-se com a lenda. Dante colocou-o num lugar singularmente importante na *Divina Comédia*. Antes das cruzadas, pelo menos seis poemas épicos similares à famosa *Chanson de Roland* foram compostos sobre sua figura. Wolfram von Eschenbach, autor do mais importante de todos os trabalhos acerca do Graal – *Parsifal* – no início do século XIII o colocará como protagonista de um poema épico não terminado: *Willehalm*. Em outro poema, Wolfram se referia ao "castelo do cálice", morada da "família do cálice", afirmando que estava nos Pirineus. No início do século IX, era ali que se situavam os domínios de Gellone. Não é de se admirar que Wolfram ouvisse sua história sobre o Graal, no *Parsifal*, de Guiot de Provence, natural daquela região à época dos cátaros... Guilhem mantém estreita relação com Carlos Magno. Sua irmã casou-se com um dos filhos deste, estabelecendo um laço dinástico com o sangue imperial. O próprio Guilhem era um dos mais importantes comandantes de Carlos Magno nas incessantes guerras contra os mouros. Entre os títulos de Guilhem incluíam duque de Barcelona, de Toulouse, de Auvergne e de Razès. Como seu pai, Theodoric, Guilhem não era apenas merovíngio, mas também judeu de sangue real.

> Sangue Real reconhecido como da casa de Davi, pelos carolíngios, pelo califa e, embora a contragosto, pelo papa. Apesar das tentativas subsequentes de ocultar este fato, a pesquisa moderna provou de forma indiscutível que Guilhem era judeu. Até mesmo nos romances (...) ele é fluente tanto em hebraico quanto em árabe. O emblema de seu escudo é o mesmo dos "exilados" do leste: o Leão de Judá, a tribo a qual pertence a casa de Davi e, depois, Jesus. Ele tem o codinome "nariz de gancho". E até mesmo durante suas campanhas ele se preocupa em observar o sabbath e a festa judaica dos tabernáculos.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 332-333)

Guilhem tornou-se uma lenda como Roland e Parsifal, um dos pares de Carlos Magno. Quando o filho de Carlos Magno, Luís, tornou-se imperador, foi Guilhem (chamado William) quem colocou a coroa em sua cabeça. Luís teria dito:

'Senhor William ... foi sua linhagem que criou a minha.'
(William, Count of Orange, *The Crowning of Louis*, p. 4(9))

> É uma afirmação extraordinária, dado o fato de ser dirigida a um homem cuja linhagem, segundo historiadores posteriores, pareceria totalmente obscura. (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 333)

Para se ter uma ideia da força e importância que teve a linhagem de Theodoric (Thierry) e seu filho Guilhem, em sua linha de descendência direta estavam Wiadruth, pai de Robert (820–866), conde de Paris, que foi pai de Robert I, rei da França (865–923), cujo filho foi Huge, conde de Paris e rei da Burgúndia, o qual, por sua vez, foi pai de Huge Capet, rei da França (941–996), cujo filho foi Robert II, rei da França (985–1031), cujo trineto foi Alfonso I, rei de Portugal (1109–1185)

> Em fins do século VIII Benoît d'Aniane (Bento d'Aniane), encarregado na França da Reforma Beneditina, introduz nos conventos certos iniciados no druidismo. A partir daí os beneditinos se instalariam sob as ligações dos cultos celtas, como veremos pelas abadias de Saint Wandrille. Saint-Benoît-sur-Loire é o primeiro local beneditino instalado na Gália. Parece que foi construída deslocando um antigo centro de reunião anual de assembleias druídicas. Os capitéis de Narthex e certos detalhes que são possíveis de se

ver pelas escavações recentes realizadas vêm a confirmar. Sob o local do altar, um trono mais profundo que a altura de um homem médio foi escavado, deixando aparente o triplo recinto céltico feito de pedras aparentes. Ele servia de base para a edificação da cruz céltica. A Ordem Beneditina apresenta, em suas armas, um carvalho cortado significando a tradição e a introdução nesta ordem de certos conhecimentos druídicos. São Bento mesmo é representado tendo um vaso quebrado de onde sai uma serpente. O vaso é a tradição céltica (o cadinho da Mãe Ceres), assimilado ao coração (o qual, por sinal, é a mesma representação dos egípcios para o coração: 𓄣), a luz dando a vida, como com São João. Mas, aqui, o vaso está quebrado porque a tradição é combatida.

(Marcel Moreau, *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*, p. 86)

A Tradição atribui a este o ano da construção do primeiro Atash Behram[274] (ou Fogo Sagrado) pelos parses em Sanjan, na Índia, mas conta-se também que um templo do fogo ali foi edificado em 721 pelos predecessores iranianos. Quatro condições foram impostas aos parses pelo soberano hindu: a explicação de sua religião pelo grande sacerdote que os dirigia e que tinha salvaguardado o fogo sagrado ao longo de seu êxodo; a adoção do *gujarati* como língua materna; o abandono de suas armas e, finalmente, que as procissões de casamento se dessem ao cair da noite.

(Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, p. 147)

792 – Guilhem de Gellone, um dos pares de Carlos Magno, foi mais que um guerreiro. Neste ano criou uma academia em Gellone, importando estudiosos e criando um renomado centro. Gellone tornou-se rapidamente um centro de estudos judaicos altamente considerado. É daí que pode ter surgido o “infiel” Flegetanis, o intelectual hebreu descendente de Salomão que, segundo o autor alemão do *Parsifal*, Wolfram von Eschenbach, confiou o segredo do Santo Graal, ou San Graal ou Sang Real, a Kyot de Provence...

794 – Nasce Bera V (794–860), conde de Razès, filho de Argila, conde de Razès, e Reverge, 8ª geração a partir de Dagobert II e 17ª a partir do primeiro Mérovée. Terá como filhos: Hilderic I, conde de Razès (?–867), que terá como filho Sigisbert VI (?–884/885), o “Príncipe Ursus”, o último conde de Razès, de descendência merovíngia; e Bernard Planta-Velu ou Planta Pilus, conde de Razès (?–877). Este último estabeleceu o ducado de Aquitaine.

795- Assume Leão III, mais tarde canonizado a santo, até 816. A Tradição lhe atribui a autoria do *Enchiridión*, uma das mais cabalísticas obras ocidentais. Diz-se que Leão III o deu a Carlos Magno como o mais precioso de todos os presentes

O primeiro aparecimento de nórdicos – vikings – na costa irlandesa. Estabeleceram assentamentos e controlaram o comércio até 1014. O último esforço para dominação nórdica foi por Magnus III, rei da Noruega, abafado em 1103 num ataque na costa de Ulster.

SÉCULO IX d.C.

800 – É coroado Carlos Magno. Nesta época ele era o grande regente da Europa Ocidental. Seu reino compreendia a França, Bélgica, Suíça e Holanda, e cerca da metade das atuais Alemanha e Itália, a parte fronteiriça da Espanha até o rio Ebro e parte da Áustria. Parece que ele estava consciente da traição envolvida na sua coroação. Segundo narrativas da época, a coroação foi cuidadosamente teatral, planejada pelo papa pelas costas do monarca franco. Carlos Magno parece ter ficado surpreso e, ao mesmo tempo, profundamente

274 Wikipedia – Atash Behram é o fogo de mais alto grau num templo do fogo zoroastriano.

embaraçado. Uma coroa foi fabricada clandestinamente. Carlos Magno foi convidado a Roma e então convidado a uma missa especial. Quando tomou seu lugar na igreja, o papa, sem preveni-lo, colocou uma coroa em sua cabeça, enquanto as pessoas o aclamavam Carlos, Augustus, coroado por Deus, o "grande imperador dos romanos, amante da paz". Nas palavras de um cronista da época: "*Carlos Magno deixou claro que ele não teria entrado na catedral naquele dia, embora aquele fosse o maior dos festivais da Igreja, se soubesse antes o que o papa estava planejando fazer*". Na prática, apesar de nunca ter utilizado o título, Carlos Magno foi o primeiro imperador do Sacro Império Romano do Ocidente, e agiu realmente como seu braço armado.

802 – Egbert (27) assume como rei de Wessex[275]. Egbert foi a 11ª geração após o merovíngio rei Clóvis, da França. É conhecido como o primeiro rei da Inglaterra Foi forçado a um período de exílio na corte de Carlos Magno pelo poderoso Offa, rei de Mercia. Egbert retornou à Inglaterra em 802 e foi reconhecido como rei de Wessex. Combateu os rivais de Mercia na batalha de Ellendun em 825.

803 – Logo após a coroação de Carlos Magno, Guilhem de Gellone toma Barcelona, dobrando seu próprio território e estabelecendo sua influência para além dos Pirineus. A casa real de Guilhem, para os historiadores modernos, permanece um mistério nas suas origens, pois não conseguem rastrear sua origem merovíngia.

806 – Guilhem de Gellone, rei dos judeus de Septimania, após uma peregrinação a Saint-Julien de Brioude, onde deixa as armas, imitando o exemplo de seu amigo São Bento, renuncia ao mundo para receber a tonsura e o hábito monástico em Aniane. Pouco depois se retira à sua cela, em sua academia.

812, 28 de maio – Guilhem de Gellone, rei de Septimania, morre na academia que criara, em Gellone. Nos séculos que se seguiram tentativas sistemáticas expurgaram todo e qualquer registro de judeus em Septimania (vide anos 1114, 1143 e 1165–66). No século IX a linhagem de Guilhem culminará nos duques da Aquitaine. Ela se aliou à casa ducal da Grã-Bretanha. No século X um certo Hugues de Plantard – descendente direto de Dagobert e Guilhem, apelidado de "Narigão", vai tornar-se o pai de Eustache, primeiro conde de Bolonha, avô de Godfroi de Bouillon, primeiro rei de Jerusalém... Obviamente Godfroi e a casa de Lorraine eram, nominalmente, católicos. Era uma necessidade de sobrevivência, como já aprenderam após tantos séculos...

813 – Morre Bera IV, conde de Razès, filho de Guilherme, conde de Razès, e Oliba. Era tataraneto de Dagobert II. Fundou a abadia de Alet.

Se a reputação de Harun al-Rashid foi extremamente aumentada pelas lendas que se criaram, aquelas que dizem respeito ao seu filho, **al-Mamun** (reinou de 813 a 833) não foram suficientemente generosas. A verdadeira Idade do Ouro do califado ocorreu durante seu reinado. Ele aplacou o Egito, Síria, Armênia e Khorassan, e guerreou contra o Império Bizantino. Fez uma forte tentativa de fazer a paz com o braço xiita do islã mas não foi aceito. Seu interesse nas artes e ciências o levaram a construir observatórios para o estudo da astronomia. Abriu uma Casa da Sabedoria em Bagdad, dedicada à tradução de trabalhos científicos e filosóficos da Grécia. Essa iniciativa contribuiu muito, posteriormente, para o renascimento do ensino na Europa, uma vez que os textos gregos foram traduzidos do arábico para o latim. Além disso, o ensino clássico foi introduzido em países como Espanha, França e Itália.

---

275 Wikipedia – Wessex reino dos "saxões do oeste" (519-927)

Em seu califado a Grande Pirâmide foi penetrada, por determinação sua, abrindo um caminho à força pela ação do fogo e choque térmico com vinagre. É a passagem utilizada até hoje. Foi também sob o esclarecido al-Mamun que a maior parte das obras pahlavis (persas) tardias vieram à luz. No período dos séculos IX ao XI os geólogos árabes citam a existência de templos do fogo em muitas cidades, principalmente nas áreas rurais, afastadas dos centros muçulmanos de grandes cidades.

Ainda sob o califado de al-Mamum, o sábio zoroastriano Zartust iniciou a redação da célebre obra masdaica, o *Denkart*. A redação da obra será continuada por outro sábio da religião de Zoroastro, Aturpat.

814 – Morre Carlos Magno.

816 – Assume o papa Estevão IV, até 817.
817 – Assume o papa Pascoal I, mais tarde canonizado a santo, até 824.
824 – Assume o papa Eugênio II, até 827.

826 – O primeiro descendente de Carlos Magno, Louis, o Piedoso (778–840), faz-se coroar sob os laços do batismo de Clóvis em Reims, dando ao bispo da cidade o poder de dispensar sozinho a unção real. Dali isto perduraria nos próximos dez séculos!

Para alcançar o laço com o sagrado, o delfim saía de Paris pela Porta Norte, saindo assim da cidade pelo eixo das origens. Atravessavam assim numa procissão todos os antigos domínios dos merovíngios. O cortejo entrava em Reims pela Porta Oeste, da mesma maneira que entram na catedral pela Porta do Tempo, onde se põe o sol. O trajeto na cidade se faz, então, do oeste para o leste, na direção da catedral, remontando às origens. O delfim é acolhido sobre o átrio pelo bispo. De frente a ele, a face oeste da catedral está inteiramente consagrada à função real. Encontra-se Clóvis, fonte histórica do sagrado, assim como a filiação bíblica da realeza celeste e terrestre, Salomão, Abraham e Moisés. Após uma noite de vigília no palácio do Tau, ao nascer do sol soa o início do ritual da sagração, que estaria ligado geralmente a um domingo. Entrando na catedral, o rei pronuncia os sermões e é em seguida despido de suas vestes profanas. Então ele coloca as calças, as esporas e a espada do rei. Esta espada será sustentada perpendicularmente apontando para o céu durante toda a cerimônia, simbolizando o eixo do mundo. Vem em seguida a prosternação, durante a qual, como nos antigos ritos iniciáticos, o rei estende-se para o sol, com a face para a terra, e recita a bendição divina. Os padres recitam as litanias e preparam a unção que será efetuada com o óleo de Santo Ampoule, que segundo o mito conta-se que uma pomba havia parado sobre o batismo de Clóvis. Pelo óleo, como o Cristo, o rei tornaria-se ungido do Senhor, quer dizer, receberia o Fogo espiritual, fundamento de seu mandato. Ele veste em seguida o manto constelado de flores-de-lis de ouro ⚜ sobre seu fundo azul. A lis é associada à Virgem como a imagem da pureza e do manto azul representa a abóbada celeste constelada de estrelas. Ele recebe então os objetos de sua função: o anel, símbolo do casamento com seu reino, o cetro que indica sua qualidade para governar e ditar as leis, a Mão da Justiça que é o poder de aplicar a lei, e a coroa, o atributo do rei-sacerdote, sustentado pelos doze pares do reino. Ele devia o cetro da realeza cósmica ou hipóstase de Cristo sobre a terra cercado dos doze apóstolos. (Cahiers Culturels Nouvelle Acropole, *La Symbolique des Cathedrales*, Paris, nº 1, jul/ago 1985, p. 40)

827 – Assume o papa Valentino. Assume o papa Gregório IV, até 844.
829 – Os northumbrianos aceitam a liderança de Egbert, rei da Inglaterra, e o proclamam “Bretwalda”, ou seja, único regente da Bretanha.

833 – Morre o grande califa al-Mamum. Os próximos califas, al-Mutasim (833–842) e al-Wathiq (842–847), aumentaram seus exércitos com grande número de soldados turcos da Ásia Central, os quais formavam a base da guarda do palácio real de Bagdad. De modo semelhante ao que acontecera a Roma, esta guarda tornou-se poderosa a tal ponto de depor e fazer califas.

836 – Morre Argila, conde de Razès, filho de Bera IV, 7ª geração a partir de Dagobert II e 16ª a partir do primeiro Mérovée.

837 – Passagem do cometa Halley.

839 – Morre Egbert, rei da Inglaterra. Assume seu filho, Æthelwulf (801–858). Æthelwulf era filho de Egbert e vice-rei de Kent. Ele era a 12ª geração após Clóvis, rei dos francos. Seu reinado caracterizou-se pelas tradicionais invasões vikings e pelas expulsões, uma constante a todos os governantes de seu tempo. Na realidade, a guerra não fez sua fama. A história sempre lembrará Æthelwulf, embora nebulosamente, como um governante profundamente religioso que lutou pelo estabelecimento e pela preservação da Igreja. Fez um governo muito próspero, com grandes recursos à disposição. Grande parte destes recursos ele doou a Roma e a estabelecimentos religiosos que necessitavam de auxílio. Filho único, teve cinco filhos através de sua primeira esposa, Osburga. Temeroso de uma luta pelo poder entre seus descendentes, traçou um esquema para que cada qual se revezasse no poder sem disputá-lo. Assim, Æthelwulf determinou que o filho mais velho lhe sucederia e controlaria todos os recursos da coroa, sem dividi-los entre os outros. Na prática, antes mesmo da morte de Æthelwulf a disputa pelo poder já começaria. A história lembrará de Æthelwulf como um governante sábio e capaz. Sua visão abriu caminho para o grande reinado de seu filho caçula, Alfred, o Grande.

844 – Assume o papa Sergius II, até 847.

847 – Assume o papa Leão IV, mais tarde canonizado a santo, até 855.

O califa abássida al-Mutawakkil (847–861) tenta reverter o poder da guarda turca no palácio e é assassinado por seu próprio filho, al-Muntasir, conspirado com os guardas. Estava quebrada a unidade do islã. A guarda aprendera a controlar o califado e os califas foram reduzidos a líderes religiosos, não políticos. No século X o império será regido por dinastias locais.

849 – Nasce Alfred, o Grande, rei de Wessex. Os “*livros mais necessários para todos os homens conhecerem*” foram traduzidos do latim para o inglês para o povo ler. Ele mesmo participou na preparação das traduções. A *Anglo-Saxon Chronicle* foi provavelmente feita sob sua orientação.

850 – Aparece uma obra árabe que cita todos os escritores alquimistas anteriores, e resume suas doutrinas numa compilação chamada *Kitab-Al-Firhist*. Os árabes farão voltar pela Síria os estudos alquimistas no Ocidente no momento das cruzadas.

Os danes[276] (denominação bretã para os dinamarqueses ou vikings) mantém uma grande força nas Ilhas Britânicas, após anos de incursões e pilhagens. Eram plantadores, comerciantes e guerreiros.

No século IX Kenneth MacAlpine, rei dos scots, acrescentou o reino Picto ao seu. No século X a região será conhecida como Scotland.

855 – Assume o papa Benedito III, até 858.

276 Wikipedia – danes tribo germânica que habitava o sul da Escandinávia, fundaram a Dinamarca.

Enquanto Æthelwulf estava em peregrinação até Roma, seu filho mais velho, Æthelbald, tendo tramado com o bispo de Sherbourne e com o chefe religioso de Somerset contra seu pai, controlava Wessex enquanto a seu pai coube o vice-reino de Kent.

Morre Rotaude, filha de Bera IV, 7ª geração a partir de Dagobert II e 16ª a partir do primeiro Mérovée. Seu filho, Aureol, foi o fundador da família Blanchefort.

858 – Assume o papa Nicolau I, mais tarde canonizado a santo, até 867.

É deposto Ignácio, patriarca de Constantinopla e braço romano. Foi deposto pelo regente do trono de Bizâncio, Barda. Em seu lugar assumiu Fócio, professor da Universidade de Constantinopla, muito culto e hábil. Começava o Cisma com a Igreja Romana.

Morre Æthelwulf. O reino de Wessex passa ao ambicioso Æthelbald. Não terá tempo para desfrutar do tão cobiçado poder, pois morrerá dois anos após.

É destruída a catedral de Chartres pelos piratas dinamarqueses. Após esta destruição, o bispo Gislebert ergue o edifício. Nos resta hoje deste edifício a capela de San Lubin, parte da cripta. Esta igreja será destruída em 1020.

860 – Morre Bera V, conde de Razès, 8ª geração a partir de Dagobert II e 17ª a partir do primeiro Mérovée.

Morre Æthelbald, rei de Wessex. O trono passa a seu irmão, Æthelbert, exatamente como seu pai planejara. O mau filho, afinal, ficará apenas dois anos no poder após a usurpação ao pai. Æthelbert, que regerá até 866, representava a 13ª geração após o merovíngio Clóvis I, rei dos francos. Pouco se sabe sobre ele. Subiu ao poder em torno dos trinta anos, tendo lutado contra as invasões vikings em seus territórios e mesmo em sua capital, Winchester. Dada a violenta retirada dos vikings do território inglês subentende-se que Æthelbert tivesse grande liderança militar.

863 – O papa Nicolau I depõe Fócio, mas este mantinha fortes relações com o imperador de Bizâncio.

866 – Morre Æthelbert, rei de Wessex. Assume Æthelred I até 871. Rei de Wessex e filho de Æthelwulf, era um homem afável e devotadamente religioso, irmão mais velho de Alfred, o Grande, seu vice-comandante na resistência contra os invasores. Juntos, bateram os reis dinamarqueses Bagsecg e Halfdan na batalha de Ashdown em 870. Æthelred I era a 13ª geração após o merovíngio Clóvis I, rei dos francos.

867 – Ocorre o Cisma entre as Igrejas Romana e de Constantinopla. Fócio convoca em Constantinopla um concílio em que propõe a separação das Igrejas grega e romana, excomungando o papa Nicolau I! Então assume o trono de Constantinopla Basílio Macedônio, cavalariço sanguinário, que encarcerou Fócio e restabeleceu Ignácio na Sé Patriarcal.

Assume o papa Adriano II, até 872.

Morre Hilderic I, conde de Razès, filho de Bera V, 9ª geração a partir de Dagobert II e 18ª a partir do primeiro Mérovée. Era irmão de Bernard Planta-Velu, conde de Razès, que estabeleceu o ducado de Aquitaine.

869 – Em 5 de outubro de 869 o papa Adriano convoca o Concílio Constantinopla IV (VIII Concílio Ecumênico) na basílica de Santa Sofia. No concílio o imperador de Bizâncio era representado pelo patrício Boanes, que discutiu com os teólogos e advogava a revisão do processo contra Fócio. A condenação contra

Fócio foi confirmada. Após uma interrupção de três meses, o Concílio foi retomado em 12 de fevereiro de 870. Foi ratificada a doutrina dogmática da precedência do Espírito Santo e também a do Filho, aprovada, pois, a inserção do "Filioque" no Credo.[277]

871 – Com a morte de seu irmão Æthelred I, assume Alfred, o Grande[278] (849–899), a 13ª geração após o merovíngio Clóvis I. Filho mais novo do rei Æthelwulf, torna-se rei de Wessex, num período de duros e constantes ataques vikings. Persegue e vence um ataque viking em Wessex, liderado pelo dinamarquês Guthrum. Bate definitivamente os danes na batalha de Edington. Como condição do tratado de paz, Guthrum recebe o batismo cristão e recolhe suas tropas de Wessex. Alfred reconhece o controle dinamarquês em East Anglia e em partes de Mercia. Essa partição da Inglaterra foi chamada de "Danelaw", e formalizada por um tratado em 886. A fim de assegurar-se contra futuras invasões, Alfred criou uma série de fortalezas. A palavra anglo-saxônica para essas fortificações, "burhs", tornou-se o conhecido sufixo para lugar, "bury". Alfred também foi responsável pela construção de uma esquadra de navios, para aumentar as defesas. Este fato fez dele o "Pai da Marinha Inglesa". Não apenas no campo militar o reinado de Alfred destacou-se. Alfred foi um codificador de leis, um grande patrono das artes e promotor da educação. Ele próprio era um erudito e traduzira livros em latim para a língua anglo-saxônica. A obra definitiva contemporânea sobre a vida de Alfred foi um relatório inacabado em latim, por Asser, um galês, bispo de Sherborne e conselheiro de Alfred. Foi sepultado em sua capital, Winchester, entrando para a história como o único monarca inglês a carregar o título de "o Grande".

Alfred, o Grande (849–899 d.C.)



872 – Assume o papa João VIII, até 882.

O corpo de Dagobert II, rei dos francos assassinado em 674, é exumado e transportado para uma nova igreja, chamada de San Dagobert, pois nesse ano foi canonizado por um Conclave Metropolitano. 23 de dezembro passou a ser o Dia de San Dagobert.

873 – Fócio é indultado pela corte bizantina e assume a Sé Patriarcal de Constantinopla, onde ficará até 886, deposto pelo papa Leão VI. Morrerá anos mais tarde, sendo colocado pelos gregos no martirológio.

874 – Nasce Guilherme III (874–936), filho de Guilherme II e neto de Sigisbert IV, 12ª geração a partir de Dagobert II e 21ª a partir do primeiro Mérovée. Tinha

277 Wikipedia – Cláusula Filioque "Et in Spiritum Sanctum, Dominum et vivificantem, qui ex Patre **Filioque** procedit" = "E no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que procede do Pai **e do Filho**"

278 Wikipedia – Alfred, o Grande rei dos saxões do oeste, combateu as invasões vikings.

como irmão Bera, o Jovem, representando o tronco que ficou na Inglaterra, e a irmã Genege, que casou-se com Arnaud, conde de Poher.

877 – Morre Bernard Planta-Velu, conde de Razès, filho de Bera V, 9ª geração a partir de Dagobert II e 18ª a partir do primeiro Mérovée. Estabeleceu o ducado de Aquitaine. Era irmão de Hilderic I, conde de Razès.

Primeira tentativa de invasão normanda na Inglaterra. Os anglo-saxões usam Gloucester como base para repelir os invasores.

877/879 – Neste período, o príncipe Sigisbert VI, neto de Sigisbert IV, foi oficialmente proclamado "rei Ursus", ajudado por dois nobres – Bernard d'Auvergne e o marquês de Gothie – numa insurreição contra Luís II da França. Segundo os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, era uma

> tentativa de recuperar sua herança de direito. Historiadores independentes modernos confirmam que tal insurreição realmente ocorreu.(...) Os mesmos historiadores se referem a Bernard d'Auvergne e ao marquês de Gothie. O líder, ou instigador, da insurreição não é nomeado especificamente como Sigisbert VI. Mas existem referências a um indivíduo conhecido por 'príncipe Ursus', que estaria envolvido em uma cerimônia curiosa e elaborada em Nîmes. Quinhentos eclesiásticos teriam então cantado o *Te Deum*. (Vaissete, *Histoire générale de Languedoc*, v.3, p.4) Segundo todas as narrativas dessa cerimônia, ela teria sido uma coroação. Ela pode muito bem ter sido a coroação a que se referem os Documentos do Monastério – a proclamação de um 'príncipe Ursus' como rei.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 214)

De fato, Sigisbert VI, conde de Rhédae, parece ter tentado entrar novamente sua linhagem merovíngia no usurpado trono francês, pois casou-se com Rotilde, bisneta de Carlos Magno, filha do rei da França Charles II, o Calvo. Deste casamento nasceu William II, cuja 10ª geração na linha descendente gerará Godfroi de Bouillon, rei de Jerusalém em 1099.

878 – Alfred, o Grande, rei de Wessex, bate os danes em Chippenham, livrando o condado do domínio na Ilha Britânica. Os danes prometem também ser batizados, e muitos se convertem.

880–900 – Durante os reinados de Alfred, o Grande, Edward e Æthelstan nas ilhas Britânicas, a Corporação dos Maçons Arquitetos toma formas regulares. Esta singular Corporação de Arquitetos se dividia em reuniões parciais, chamadas *Loges*; e todas eram dependentes de um grupo central ou Grande Loja, espécie de Dieta, que teve seu local em *York*. O objeto desta Associação era a construção em comum de edifícios públicos; segundo a tradição, todas as antigas catedrais do país a ela devem ser atribuídas.

881 – Fracassa a insurreição do "príncipe Ursus" contra Luís II, da França, com sua derrota na batalha próxima a Poitiers. Com esta derrocada, a família Plantard perde suas possessões no sul da França. O "príncipe Ursus" teria morrido na Bretanha, enquanto sua linhagem se teria unido por casamento à casa ducal bretã. A partir daí, então, o sangue merovíngio fluía nos ducados da Bretanha e da Aquitaine.

882 – Assume o papa Marinus I.

884 – Assume o papa Adriano III, mais tarde canonizado a santo.

884/885 – Morre Sigisbert VI, o "Príncipe Ursus", o último conde de Razès de descendência merovíngia, 10ª geração a partir de Dagobert II e 19ª a partir do primeiro Mérovée.

885 – Assume o papa Estevão V, até 891.

886 – Por volta deste ano, os ramos da linhagem merovíngia Plantard e Guilhem de Gellone, que podem ter sido a mesma e única, culminam em um certo Bernard Plantavelu. Seu filho tornou-se o duque de Aquitaine.

890 – Os normandos destroem a primeira construção da catedral de Troyes. Ela fora erguida por Saint Ours, e a nave reconstruída três séculos mais tarde. O bispo Milon procede à reconstrução para aumentar o coração do edifício.

891 – Assume o papa Formosus, até 896.
896 – Assume o papa Bonifácio VI. Assume o papa Estevão VI.
897 – Assume o papa Romanus. Assume o papa Theodoro II.
898 – Assume o papa João IX, até 900.

899 – Assume o trono inglês Edward, o Velho (869/70–924), com a morte de Alfred, o Grande. Alfred, rei de Wessex, era virtualmente o rei da Inglaterra pois governava a maior parte do território. Após sua morte, seus descendentes estenderão seus domínios sobre toda a Inglaterra. Seu filho Edward, o Velho, representa a 14ª geração merovíngia após Clóvis I, rei dos francos. Notabilizou-se pelo uso da estrutura militar herdada de seu pai no controle de toda "Danelaw", ao sul do rio Humber.

SÉCULO X d.C.

900 – Assume o papa Benedito IV, até 903.

902–1004 – Neste período regeram os soberanos islâmicos samânidas pró-persas. Descendentes de Saman, zoroastriano de Balkh, os samânidas foram herdeiros da antiga nobreza dos sassânidas da Transoxânia. Sua corte esclarecida permitirá que brilhem sábios como Ibn Sina (Avicena) e Al Biruni. Nesta época, a região oriental do Irã ainda contava com monastérios budistas.

903 – Assume o papa Leão V.
904 – Assume o papa Sergius III, até 911.[279]

906 – Morre Agfred, conde de Razès, 7ª geração a partir de Dagobert II e 16ª a partir do primeiro Mérovée.

907 – Morre o celta Alain, o Grande.
Assume o papa Anastasius III, até 913.
912 – Passagem do cometa Halley.
913 – Assume o papa Lando.
914 – Assume o papa João X, até 928.

Morre Guilherme II, filho de Sigisbert IV ("Príncipe Ursus") e Rotilde.

924 – O rei saxão Æthelstan, em Gloucester, é eleito grão mestre segundo os anais maçônicos da Grande Loja da Inglaterra. Æthelstan representa a 15ª geração merovíngia abaixo de Clóvis I, rei dos francos.

279 Wikipedia – Saeculum obscurum período de 904 a 964 em que os papas se tornaram corruptos.

Figura 35: INGLATERRA



O mais antigo texto que fala da Maçonaria Operativa, o *Regius* ou manuscrito real[280], conservado no Museu Britânico de Londres, menciona o rei Æthelstan como o introdutor da Maçonaria na Inglaterra. Como nos diz Jean Palou:

> O *Regius* dataria dos anos de 1388–1445, o que leva a crer que se trata de uma espécie de compêndio de textos reunidos durante 57 anos. Estes textos dividem-se em duas partes: os *Artigos*, para os mestres, e os *Pontos*, para os operários. O *Regius* declara:
>
> > O terceiro ponto deve ser particularmente recomendado ao aprendiz. Os conselhos de seu mestre devem ser guardados e não revelados, assim como os conselhos de seus companheiros. Voluntariamente não revela a ninguém o que se passa na Loja, nem o que ouve, nem o que vê fazer. Não diz a ninguém, onde quer que vá, os conselhos da sala e os conselhos da câmara. Guarda-os com a maior honra, temeroso de que os revelando se torne culpável e, com a sua falta, seja motivo de opróbrio para o ofício.
>
> O Regius nos dá também outras informações:
>
> > A Maçonaria foi introduzida na Inglaterra no tempo do rei Æthelstan. Esse príncipe foi um grande construtor de casas e de templos, por conseguinte um devotado protetor dos pedreiros e propagador zeloso de sua arte. Após longos esforços, foi-lhe dado constituir um conselho composto de personagens de elevada posição e sabedoria, que redigiram em 15 artigos e em 15 pontos os estatutos maçônicos,
>
> segundo consta no Boletim Mensal das Lojas Superiores do Supremo Conselho de França e suas dependências, nº 137.
>
> (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 34)

Æthelstan[281] (895–940) era neto de Alfred, o Grande. Sucedeu seu pai, Edward, o Velho, no trono de Wessex. Foi o primeiro soberano inglês a ser coroado na Pedra do Rei em Kingston-upon-Thames, em 925. Foi um dos maiores reis anglo-saxões e o mais famoso protetor da abadia de Malmesbury. Além desta abadia, foi famoso como protetor de numerosas ordens monásticas. Nas lendas locais é conhecido como o primeiro rei da Inglaterra. Na verdade, disputa esta honra com Egbert (775–839), seu trisavô, enquanto outros atribuem este feito a Alfred (849–899), seu avô. De qualquer forma, Æthelstan foi conhecido como um grande guerreiro e político, graças às suas conquistas em Cornwall e Wales, além de seu combate contra uma força combinada de scots, welshs e vikings na batalha de Brunanburth. Conta-se que doou numerosas relíquias à abadia de Malmesbury, tornando-a uma atração para peregrinos e estudiosos. Morreu em 940, sendo sepultado na abadia de Malmesbury.

280 Wikipedia – Manuscritos maçônicos – Regius poem
281 Wikipedia – Æthelstan rei dos anglo-saxões (924–927) e dos ingleses (927–939).

Figura 36: ABADIA DE MALMESBURY e TUMBA DE ÆTHELSTAN



A abadia de Malmesbury, onde está localizada...



A tumba de Æthelstan

Palou prossegue com outros testemunhos da participação de Æthelstan nas origens da Maçonaria:

> O manuscrito chamado Cooke[282], (...), também do Museu Britânico, seria do século XV. Detalha a lenda do rei Æthelstan, tomada sem dúvida do *Regius*:
>
> > Em seguida reinou Æthelstan. Seu filho mais jovem se interessava pela Geometria e se deu conta de que a arte do pedreiro nada mais fazia do que aplicá-la. Tornou-se também mestre em Geometria, e deu testemunho de sua afeição aos pedreiros. Filiou-se à sua corporação, obteve-lhes uma constituição real, regulou seus salários e deu-lhes estatutos que ainda estão em uso na Inglaterra e em outros lugares. (Boletim Mensal das Lojas Superiores – Supremo Conselho de França e suas dependências, nº 137)
>
> Vê-se que esses textos antigos fazem menção a pedreiros 'aceitos', o que quer dizer que o uso de incorporar à ordem iniciática não-maçons data de longas eras e não do século XVIII como quer grande número de historiadores maçons, desejosos de mostrar que a Maçonaria operativa estava em plena decadência quando foi criada em 1717 a Grande Loja de Londres. (J. Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 34)

Já o chamado manuscrito de *William Watson*, do século XV, conservado na Biblioteca da Grande Loja Provincial de West Yorkshire, arroja mais luz sobre o assunto:

> As Constituições (de Santo Albano) acabaram de se perder no meio das dificuldades ocasionadas pelas guerras da época, até o reinado de Æthelstan. Esse príncipe gostava também dos pedreiros e confirma a constituição que Santo Albano havia outrora obtido para eles. Seu filho mais novo, Edwin, aprendeu a Geometria e a arte de pedreiro. Deu prova da maior benevolência para com os pedreiros e lhes obteve de seu pai uma nova constituição que lhes dava mais liberdade do que no passado. Presidiu à assembleia geral que se reuniu em York, convidou-os a reunir os antigos arquivos da corporação, dos quais foi feita uma nova Constituição. Foi a partir dessa época que a arte de pedreiro foi realmente fundada e confirmada na Inglaterra. (*Boletim Mensal das Lojas Superiores* – Supremo Conselho de França e suas dependências, p. 137, em J. Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 35)

Do manuscrito de *Tew*, datado da segunda metade do século XVII e também conservado na Biblioteca da Grande Loja Provincial de West Yorkshire:

> As regras da boa Maçonaria se perderam até o rei Æthelstan, que restabeleceu a paz. Mandou fazer numerosas construções. Gostava dos pedreiros. Do mesmo modo seu filho, Edwin. Este, hábil em Geometria, tornou-se pedreiro e obteve de seu pai uma constituição que autorizava seus irmãos a se reunirem anualmente em qualquer lugar do reino. Ele próprio presidiu a

282 Wikipedia – Manuscritos maçônicos – Mathew Cooke

uma assembleia em York, convidou os pedreiros a pesquisarem os antigos documentos relativos à sua Confraria. Esses arquivos foram reunidos e se escreveu um livro traçando a origem e a história da Maçonaria, assim como os deveres dos maçons. É este livro que foi sem cessar corrigido e ampliado em diferentes assembleias anuais. (*Boletim Mensal das Lojas Superiores* – Supremo Conselho de França e suas dependências, pp. 137–138, em J. Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 35)

925/926 – O príncipe Edwin é eleito grão-mestre da Corporação de Maçons Arquitetos da Inglaterra. Esta singular Corporação de Arquitetos se dividia em reuniões parciais, que se chamavam *Loges*; e todas eram dependentes de um corpo central, ou Grande Loja, espécie de Dieta, que teve seu local em York. O objeto desta associação era a construção, em comum, de edifícios públicos; e todas as antigas catedrais do país lhe devem ser atribuídas. (Bibliotheca Maçonnica ou Instrucção Completa do Franc-Maçon, Paris, Va J.-P. Aillaud, Guillard e Ca, Livreiros de Suas Magestades, O Imperador do Brasil e El Rei de Portugal, 1864, tomo 1, pp. 66-67)

928 – Assume o papa Leão VI. Assume o papa Estevão VII, até 931.

931 – Assume o papa João XI, até 935.

932–1055 – Período em que regeram os soberanos islâmicos burjidas, cujos conselheiros eram zoroastrianos. Os burjidas, que mantiveram uma política agrária tradicional, foram os responsáveis pela introdução da filosofia zoroástrica no xiismo imamita.

936 – Assume o papa Leão VII, até 939.

Morre Guilherme III (874–936) filho de Guilherme II e neto de Sigisbert IV, 12ª geração a partir de Dagobert II e 21ª a partir do primeiro Mérovée. Tinha como irmão Bera, o Jovem, representando o tronco que ficou na Inglaterra, e a irmã Genege, que casou-se com Amaud, conde de Poher.

A maior parte dos parses se agrupa na região de Sanjan, do lado do Gujarat, neste ano, onde recebem a hospitalidade hindu. Nos séculos X e XI novas levas virão refugiando-se da intolerância islamita dos Ghaznevitas e do avanço dos turcos. Tolerados desde que não praticassem nenhum proselitismo na Índia, fecharam-se numa casta zelosa de sua identidade religiosa, de onde nasceu um sectarismo do qual sofrerão por muito tempo... Os parses sempre conservaram sua língua, pois foram encontradas inscrições pahlavi numa gruta perto de Bombaim do início do século XI. Neste mesmo ano foi executado em Bagdad, por ordem do decadente califa abássida Radi, o sábio zoroastriano Aturpat. Ele terminara de redigir a célebre obra masdaica, *Denkart*, iniciada pelo sábio Zartust. Aturpat, filho do filósofo Emet, era chefe da comunidade zoroástrica.

939 – Assume o papa Estevão VIII, até 942.

940 – Morre o rei saxão Æthelstan, em Gloucester. Assume como rei da Inglaterra seu filho (ou irmão) Edwin, que reinará de 940 a 946. Neste caso, ele seria a 16ª (ou 15ª) geração de merovíngios ingleses após o rei franco Clóvis I. As dúvidas sobre a existência ou não deste monarca inglês podem melhor ser esclarecidas a partir desta menção de René Guénon:

As descobertas mais recentes trazem às vezes confirmações bastante notáveis dos dizeres destes antigos manuscritos, ao mesmo tempo em que se desmentem os historiadores modernos que os criticaram a torto e a direito; é o caso, por exemplo, de Edwin, cuja existência tem sido tão discutida; o único erro de certos manuscritos é o de terem feito dele filho do rei Æthelstan, quando na realidade era seu irmão; mas, tendo sido encontrada

uma constituição na qual sua assinatura era seguida de um título que o designava herdeiro do trono, até essa confusão é perfeitamente explicável.

(R. Guénon, *Études Traditionnelles*, nº 219, março 1938, p. 118, em Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 35)

942 – Assume o papa Marinus II, até 946.

945 – Os buydas, um grupo de soldados de fortuna do noroeste da Pérsia, estabelecem-se em Bagdad. Os califas abássidas mantêm seu cargo graças à permissão dos buydas. A fronteira nordeste do islã será governada até 999 pelos emires samânidas, comandantes militares que aliaram-se aos califas. Serão deslocados, no século XI, pela classe militar dominante turca.

946 – Assume o papa Agapetus II, até 955.

Eadred assume o trono da Inglaterra, até 955. Rei de Wessex e Senhor de Mercia, de Danelaw e Northumbria. Um episódio serve para ilustrar as qualidades de Eadred como líder. No início de 950, Eric Bloodaxe, como sugere o nome, um sanguinário viking deposto por seu próprio povo, estabeleceu-se como rei da Northumbria em York, provavelmente pelo medo imposto à população. Eadred rumou com um grande exército para o norte disposto a expulsá-lo. Devastou os territórios nórdicos e voltou para o sul, quando foi atacado pelas forças de Eric. Eadred estava tão enfurecido que ameaçou retornar à Northumbria e devastar toda a terra. Isto apavorou ainda mais os já apavorados northumbrianos, que abandonaram Eric Bloodaxe. Provavelmente viram em Eadred algo mais que um sanguinário viking, que já havia sido expulso de seu povo pelo seu terror e tirania. De acordo com a *Anglo Saxon Chronicle*, "*Os northumbrianos expulsaram Eric*." William de Malmesbury, nosso confiável cronista, diz que Eadred estava aflito com um persistente mal físico, uma vez que estava "constantemente oprimido pela doença e tão debilitado na digestão que não podia engolir mais que os sucos da comida que mastigava, para grande aborrecimento de seus convidados". Por outro lado, os massacres que ele patrocinava não lhe afetavam. Segundo Malmesbury, Eadred dedicou sua vida a Deus, "*suportou com paciência sua dor física, estendeu suas preces e fez de seu palácio a escola da virtude*." Morreu ainda jovem.

950 – No século X começa a construção das igrejas romanas na terra celta. As esculturas reaparecem, mas desta vez elas são francesas. Elas tomam emprestados os assuntos das velhas imagens da Bíblia de Beatos[283], vinda da Espanha e de influência Bizantina. Neste ano, é encontrada a primeira Virgem na Igreja, em Clermont-Ferrand. Seu nome de Virge d'Or parece advir do fato de ela ser inteiramente recoberta de folhas de ouro. As Virgens Negras aparecem, e são sempre adoradas nas criptas. Muitas vezes, as fontes ou os poços estão ao seu lado. A ideia da fonte e da Mãe persiste associada. A Virgo Materia transforma-se na Virgo Maria. A Virgem Maria guarda sem dúvida sua relação com a Deusa-Mãe celta e dos próprios Benjamitas. As Virgens Negras são instaladas sobre antigos cultos célticos. As Virgens Negras são muito numerosas na França, especialmente na região central, e em Auvergne em particular.

955 – Assume o papa João XII, até 964. [corrupto]

Um terremoto atinge seriamente o Farol de Alexandria.

Eadwig (16), também chamado Edwy, assume o trono de Wessex até 959. Com a morte de Eadred, que não deixou descendência, Eadwig foi escolhido para rei, sendo o mais velho na linha natural da Casa de Wessex. Jovem e inexperiente, teve num incidente praticamente a condenação futura de seu

283 Wikipedia – Beatos cópias do comentário ao Livro do Apocalipse feita por Beato de Liébana.

reinado, pelo menos pelos historiadores. No dia de sua coroação, enquanto os nobres discutiam questões de estado, o jovem rei sumira. Dunstan foi procurá-lo e encontrou-o mantendo relações com a filha de uma nobre. Malmesbury descreve fielmente o fato dizendo que Dunstan, "*apesar da indignação real, arrastou o jovem lascivo da câmara e, compelindo-o a repudiar a prostituta, fez dele um inimigo para sempre*." Este fato gerou, logo depois, mesmo porque Eadwig acabou desposando a moça, que passou a ser referida posteriormente como "*a mais ilustre das mulheres*." Eadwig morrerá ainda muito cedo, possivelmente da doença congênita da família de Wessex, com a idade de 20 anos.

959 – Morre Eadwig, rei de Wessex. Assume Edgar (944–975). Era rei de Mercia e Northumbria desde 957, sucedendo no trono de Wessex a seu irmão Eadwig. Edgar torna-se, assim, rei de Mercia, Northumbria e Wessex, os três mais poderosos reinos da Inglaterra ao seu tempo. Pode ser considerado, assim, o primeiro rei de toda Inglaterra unida. Alguns de seus predecessores eram reis de toda Inglaterra por serem reis de Wessex e simultaneamente gozarem de uma ascendência militar sobre os outros reinos. Edgar o era por direito de sucessão.

963 – Assume o papa Leão VIII, até 965. [antipapa]

964 – Assume o papa Benedito V, ~~até 966~~. [2 meses no pontificado, morreu em 965]

965 – Assume o papa João XIII, até 972.

970 – Morre Hasdai ibn Shabrut (915–970), o mais erudito judeu ocidental de seu tempo. Notável médico da corte do califa espanhol Abd-ar-Rahman III, falando o latim, a língua internacional de correspondência, tornou-se o conselheiro e confidente do califa. Assumiu o importante cargo de Inspetor-Geral da Alfândega de Córdoba. Sucedendo a seu pai em 961, Abd-ar-Rahman manteve Hasdai no cargo de confiança até sua morte.

> Certa ocasião, quando o santo imperador romano Otto I enviou uma delegação a Córdoba, foi Hasdai o encarregado de negociar com ela. E foi a hábil persuasão de Hasdai que levou ao término satisfatório do encontro. O abade João de Görz, embaixador imperial, admitiu francamente que nunca encontrara intelecto semelhante em suas viagens. (...) Certa ocasião, quando uma embaixada da corte de Bizâncio trouxe como presente para o califa um importante código grego, englobando o trabalho de botânica de Dioscórides, um monge traduziu improvisadamente passagem após passagem para o latim, que o judeu passou em seguida para um árabe refinado. (...) Usou sua influência para melhorar as condições dos judeus do sul da França, e fez representações junto à corte de Constantinopla para evitar uma perseguição que parecia iminente no Império Bizantino. (...) Foi sob sua égide, como veremos, que a erudição hispano-judaica espalhou-se pelo mundo.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 31-33)

973 – Assume o papa Benedito VI, até 974.

Edgar é formalmente coroado rei da Inglaterra em 973, recebendo a submissão cerimonial de todos os outros reis da Bretanha. Sabiamente ele chama de volta Dunstan do exílio, fazendo-o arcebispo de Canterbury e seu mais próximo conselheiro. Teve um próspero e pacífico reinado, marcado pela revitalização da Igreja inglesa.

973, 4 de setembro – Nasce al-Biruni[284], astrônomo, botânico, poeta, historiador, geólogo, geógrafo, matemático, físico, filósofo e humanista. É um dos mais

284 Wikipedia – al-Biruni (973–1050) polímata, pai da *religião comparada*, geodésia e antropologia.

profundos e originais sábios do islã medieval. Segundo o padre Jacques Boilot, membro do Instituto Dominicano de Estudos Orientais do Cairo e eminente orientalista francês:

> Al-Biruni era dotado de grande tolerância religiosa e de objetividade doutrinária. Ele queria, antes de tudo, saber e compreender. Era relativamente isento de preconceitos, e estava sempre pronto a tomar corajosamente a defesa da verdade. Foi um dos primeiros muçulmanos a estudar com simpatia a filosofia e a ciência da Índia, em troca ensinando as da Grécia.
>
> (*O Correio da UNESCO*, ago 1974, p. 11)

974 – Assume o papa Benedito VII, até 983.

975 – Morre Bera VI, filho de Arnaud (?–952), neto de Guilherme III (874–936), 14ª geração a partir de Dagobert II e 23ª a partir do primeiro Mérovée. Um dos ramos ingleses da família merovíngia, tinha o cognome de “o Arquiteto”. Ele e seus descendentes, tendo encontrado abrigo na Inglaterra sob o rei Æthelstan, teriam praticado “a arte da construção” – algo muito familiar aos adeptos da Arte Real, própria aos reis de direito e não aos fabricados. A palavra Arquiteto sempre foi um símbolo dos mais sagrados aos adeptos desta arte real da construção do edifício de Deus (vide ano 880–900).

Fontes maçônicas situam no tempo do reinado de Æthelstan a origem da Maçonaria na Inglaterra (*Natural History of Staffordshire*, p. 316, Dr. Plot, 1686). É importante, para compreender mais uma vez a íntima ligação entre Jesus e a dinastia dos reis merovíngios, ler a mensagem dos primitivos cristãos, conhecidos como gnósticos. A linguagem utilizada era o grego, que assim como outras antigas línguas iniciáticas, como o hebraico, tinha em cada letra seu correspondente valor numérico. Já Roma, que não atinha-se tanto ao aspecto iniciático mas sim temporal, devocional e secular, continuou o Império Romano adotando sua língua, que apresenta apenas 7 letras com correspondência numérica (C, D, I, L, M, V e X), sendo portanto de limitada expressão simbólica numerológica. Já o grego – ou o copta, adaptação greco-egípcia adotada pelos cristãos pré-romanos nos primeiros quatro séculos de nossa era – permitia que fossem feitas as inúmeras alegorias numéricas com as palavras. Foi assim que MITHRAS (a deidade solar) e ABRASAX (a palavra hebraica *Habberâkáh* ou “A Bênção”) tem na sua soma o valor total do ciclo solar anual dos dias, Diaus ou Deus: 365. De maneira análoga, esse Dia é representado por JESUS (**Ιησους**) que tem no valor de suas letras **888**, representando a totalidade das 8x3=24 horas do dia, ou as 24 letras do alfabeto grego, correspondendo a 8 unidades, 8 dezenas e 8 centenas. Acima de Jesus, representando o Deus da Unidade que se soma a Jesus (1+888) está aquele que os continuadores da ciência das construções veneram como o G.˙. A.˙.D.˙.U.˙., ou o ARQUITETO (**Εθουλετο**), cujas letras somam o valor **889**.

980 – Nasce em Bukhara, na Pérsia, Avicena[285] (980–1037). Durante a Idade Média, poucos sábios contribuíram mais à ciência e filosofia que o sábio muçulmano Avicena. Pelos seus escritos ele transmitiu os pensamentos do filósofo grego Aristóteles aos pensadores da Europa, e o seu “*Cânone de Medicina*“ tornou-se o trabalho definitivo neste campo por séculos. Passou a infância estudando as leis islâmicas, literatura e medicina.

983 – Assume o papa João XIV, até 984.

985 – Assume o papa João XV, até 996.

989 – Passagem do cometa Halley.

285 Wikipedia – Avicenna Ibn Sina ابن سينا, polímata persa

991 – Com a volta dos danes às Ilhas Britânicas, o incompetente Æthelred, o Errado, acerta um pesado dízimo, em prata, a pagar aos danes para que não invadam mais a ilha. Os danes nunca mais voltaram à Bretanha.

Um vizir zoroastriano, Sapor-ibn-Artashar [Sabur ibn Ardashir], funda em Bagdad uma biblioteca [Dar al'Ilm] de 120 [ou 10] mil volumes inéditos, com traduções do chinês, do sânscrito e do grego. Esta impressionante biblioteca teria sido incendiada em 1055 pelos partidários do sultão Tugrul.

996 – Assume o papa Gregório V, até 999.

998 – No lado oriental do islã, o poderoso império ghaznávida[286] é estabelecido pelos guardas turcos dos samânidas. O sultão Mahmud of Ghazni (998–1030) constrói uma poderosa força militar, incorporando territórios do norte da Pérsia e Ásia central até a bacia do Ganges, na Índia. Os ghaznávidas legitimam-se por estreitas alianças com o califado, dando uma aparente legitimidade aos regentes seguintes. O império islâmico entra em crise, propiciando a invasão dos cruzados.

999 – Assume o papa Silvestre II, até 1003.

SÉCULO XI d.C.

1000 – Por volta deste ano surge, em meio ao dialeto regional do sul da França, na região de Narbonne, segundo uns, nas lindes do Poitou com o Limousin, segundo outros, a literatura provençal. O mais antigo documento épico, um fragmento de 257 decassílabos sobre *Boécio*, parece ter sido redigido na região limusina por volta do ano 1000. A *Chanson de Sainte Foy d'Agen*, poema hagiográfico de 593 octassílabos, um pouco posterior, originou-se provavelmente na narbonense. Esta língua provençal, caracterizada por uma unidade relativa devida à combinação um pouco artificial de feições linguísticas assaz diversas, logo se espalhou por todos os centros meridionais de cultura cujos idiomas locais apresentavam entre si algum parentesco. Foram os trovadores que ilustraram, mais que quaisquer outros, o provençal, lançando-o como língua literária e tornando-o conhecido, e não raro utilizado, não somente no sul da França como ainda no norte da França, na Alemanha, na Itália e até na Sicília, na Espanha e em Portugal.

Os trovadores puseram em moda a *canção*, em provençal *canso*,*chan*,*chantar*, *vers, son* ou *sonet*. É caracterizada pela combinação de 5 ou 6 estrofes (*coblas*) idênticas entre si pelo ritmo silábico e pelas rimas, acompanhada por uma melodia que o autor, músico e poeta a um tempo compôs especialmente para ela. Cada canção é una quanto à estrutura, mas as diversas canções apresentam entre si uma grande variedade. Seus versos são, em geral, de 7 ou 8 sílabas; mas os de 10, 11, 13 e 15 sílabas não são raros. As rimas mudam às vezes em cada estrofe (*coblas singulars*) ou de duas em duas estrofes (*coblas doblas*); muitas vezes permanecem as mesmas em todas as estrofes da canção (*coblas unisonans*). O entrelaçamento das rimas assume as formas mais diversas. Eis alguns espécimes esquemáticos: aabcbc – abbaab – aaabab – ababcc – ababccd – abbacddc, etc. Estes esquemas mostram que o número de versos da estrofe era variável, indo ordinariamente de 6 a 12, mas podendo exceder este total. A canção termina habitualmente por uma estrofe mais curta (*tornada*) reproduzindo as rimas finais da estrofe precedente.

---

286 Wikipedia – Ghaznavids dinastia de muçulmanos turcos mamelucos “persianados” (de cultura persa)

1000 – Por volta desta época Gloucester torna-se capital do recém criado condado de Gloucestershire.

Leif Erikson[287] parte da Greenland para a Noruega para converter-se ao cristianismo.

1001 – Leif Erikson parte para a América para atingir a Vinland (Nova Escócia).

Aos 21 anos, Avicena é considerado um grande erudito e médico. Após a morte de seu pai, deixa a cidade natal e passa vinte anos morando em diferentes cidades da Pérsia, trabalhando como médico e completando dois dos seus maiores trabalhos. "*O Livro da Cura*" era uma grande enciclopédia cobrindo as ciências naturais, a lógica, a matemática, a psicologia, astronomia, música e filosofia. É provavelmente o maior trabalho deste tipo jamais escrito por um homem. "*O Cânone de Medicina*" foi uma exposição sistemática das conquistas dos médicos gregos e romanos.

1003 – Assume o papa João XVII [Siccone Secchi].

1004 – Assume o papa João XVIII [Giovanni Fasano], até 1009.

1009 – Assume o papa Sergius IV [Pietro Martino Boccadiporco], até 1012.

A bisavó de Godfroi de Bouillon, Agnes, casa-se com Hughes de Plantard (?–1015). Hughes representava a 18ª geração a partir de Dagobert II e a 27ª a partir do primeiro Mérovée. Tinha como irmão João II (?–1054), cujo filho, João III (?–1068/72), casado com Beatriz de Lorraine, tem neste ramo o braço atual da família Plantard. No ano seguinte ao casamento de Hughes e Agnes nascerá Eustache I, conde de Bologne, avô de Godfroi de Bouillon. 5 anos depois morre Hugues. Agnes desposará Ernicule (?–1041), conde de Bologne, que adotará Eustache. Eustache desposará Mahaut de Louvain, e terá como filho Eustache II (?–1081), pai de Godfroi de Bouillon (1061–1100). Eustache II acompanhará Guilherme, o Conquistador, à Inglaterra.

1010 – Al-Biruni (37) é recebido na Academia de Mamum, encontrando-se ao lado de Avicena, do historiador e filósofo ibn Maskawayh e do matemático Abu Nasr Arrah. As relações comerciais de Corásmia com as populações do norte (búlgaros, cazáquis, russas, urais e siberianas) eram acompanhadas do brilho do pensamento e da cultura, resultado do ponto de confluência dos pensamentos orientais indianos, ocidentais gregos e locais persas. Segundo Bobojan Gafurov, da Academia de Ciências da Rússia, ex-diretor do Instituto de Ciências Orientais e presidente da Associação Internacional para Estudo das Culturas da Ásia Central, patrocinada pela UNESCO:

> Inventor de uma fórmula de impressionante simplicidade para calcular a circunferência da Terra, ele lançou também a hipótese do movimento da Terra em volta do Sol, e formulou a ideia da alternância cíclica das eras geológicas. "*Com o passar do tempo, o mar será terra e a terra sucederá ao mar*". (*O Correio da UNESCO*, ago 1974, p. 5)

> Um dos momentos de decisão na história da Espanha muçulmana apareceu cerca de quarenta anos após a morte de Hasdai (vide 970 d.C.), quando uma turba de mercenários bérberes do norte da África capturou Córdoba, rompendo-se o califado. A comunidade judaica da capital fora, até aí, a mais numerosa e influente de todo o país. Agora seus estudiosos, seus estadistas, seus negociantes, estavam dispersos pela península. Sobre as ruínas do califado cresceu um número de reinos independentes, governados pela aristocracia local ou por chefes militares vitoriosos. Tais reinos chegaram, em certo período, até vinte e três, conhecidos como reinados das 'Taifas' ou

287 Wikipedia – Leif Erikson (970–1020) explorador islandês, creditado como o 1º europeu a chegar na América.

> tribos. Os mais poderosos eram os principados de Granada, Málaga e Sevilha. No emaranhado e difícil trabalho de administração, os novos senhores voltaram-se em busca de ajuda para aqueles cuja perspicácia melhor os qualificava para a tarefa. Daí acontecer que, numa após outra destas pequenas cortes, judeus guindaram-se a elevadas posições; em alguns casos não apenas como conselheiros, à semelhança dos dias passados, mas com o título formal de vizir. Isto deu-se em especial nos estados constituídos pelos bérberes, que não ocultavam seus sentimentos de simpatia pelos judeus, e cujos ancestrais tinham, em alguns casos, professado uma forma rudimentar de judaísmo antes da conversão ao islã.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 32–33)

1012 – Assume o papa Benedito VIII [Teofilatto di Tuscolo], até 1024.

1016 – Canute, rei da Noruega e Dinamarca, proclama-se rei da Inglaterra. Foi um sábio e forte rei.

1017 – Encontram-se cátaros[288] em Orléans. Foram queimados vivos após o julgamento em concílio de bispos. Por esta época apareceu o fenômeno cátaro no Ocidente. Nesta época os heréticos eram denunciados em toda a Europa. Frequentemente são denunciados como maniqueístas ou seguidores de Manes. O termo *cátaro* (*puro)* vai aparecer mais tarde. Referindo-se aos cátaros da Renânia, o beneditino Eckbert, reitor da Catedral de Colônia, informa-nos que eles celebravam uma festa em honra a Mani; e o bispo de Chalon, Roger, escrevia ao bispo de Liège para lhe indicar que os cátaros da sua diocese pretendiam receber, pela imposição das mãos, o Espírito Santo, que seria o próprio Mani. Podemos considerar o catarismo uma gnose judaico-cristã. Sua aproximação com este tradicional pensamento advém de sua doutrina de libertação das almas pelo pleno conhecimento (gnose) do Bem e do Mal. Utilizando-se de muitos aspectos esotéricos cristãos, absolutamente apagados pelo catolicismo romano, foi um tipo de filosofia cristã original vivida quase sem mácula e levada a cabo por sacerdotes conhecidos como *perfeitos* ou *Homens-bons*. Não *perfeitos* no sentido absoluto da palavra, mas no sentido dado por Paulo em Filipenses 3:12:

> Não que eu tenha já atingido a meta ou já tenha chegado à perfeição, mas prossigo em minha corrida, para ver se a conquisto, porque foi para este mesmo fim que eu mesmo fui conquistado por Cristo Jesus.

Em inúmeras passagens Paulo se qualificou como um perfeito (vide 49–52 d.C., ao final).

1020 – É destruída a catedral de Chartres, erguida por San Lubin. O bispo Fulbert, que governava a diocese e a escola episcopal de Chartres, erguerá de novo as ruínas e aumentará a cripta.

A 513 m de altura, na montanha Wulpelsberg, perto de Aarau, no norte da Suíça, é construído o castelo dos Habsburgos, o Habichtsburg, ou o Castelo do Falcão. Foi o lar original da família que regeu a Áustria de 1278 ao final da 1ª Grande Guerra. Com a exceção apenas de Carlos VII, que regeu de 1742 a 1745, todos os governantes do Sacro Império Romano desde 1438 até a abolição em 1806 foram da Casa dos Habsburgos. Um deles, Carlos V (1519–56), descendente da casa pelo pai, foi também rei da Espanha como Carlos I. Antes de morrer, Carlos V divide seu reino entre seu irmão e seu filho, criando duas Casas Habsburgo. Uma dessas regeu a Espanha até a extinção de sua linha dinástica em 1700. A outra continuou a reger a Áustria.

---

288 Wikipedia – Catarismo καθαροί = os puros, movimento cristão gnóstico ou dualista

1020–1030 – Neste período al-Biruni (47–57) se dedica totalmente ao estudo da mítica Índia. Segundo Bobojan Gafurov:

> Antes de al-Biruni, os textos árabes e persas apresentavam a Índia como uma terra de maravilhas. Versados em astronomia e aritmética, seus habitantes possuíam uma literatura original. Os indianos passavam por inventores do xadrez – já então considerado um jogo intelectual – sabiam esculpir e versejar, e seus médicos gozavam de grande fama. Chegava-se mesmo a considerar a Índia o berço da arte de filosofar. Al-Biruni conheceu em Ghazna alguns sábios indianos, cativos como ele, cujas conversas despertaram seu interesse por esse país fabuloso. Durante os doze anos seguintes (até 1030) a Índia iria absorver toda a sua energia. Aos 45 anos ele lançou-se ao estudo do sânscrito, fez várias viagens pelo país, pisando a terra e respirando o ar indiano, sem deixar de fazer comparações e de se admirar diante de tudo que via. (...) O resultado desse esforço colossal foi uma descrição da Índia que se tornou a principal fonte de informação do país no século XI: sistema de castas, filosofia, ciências exatas, religião, superstições, leis e costumes, pesos e medidas, lendas, literaturas, geografia. (...) Ele se mostra isento de preconceito racial e cheio de respeito pela civilização refinada de uma nação que lhe era totalmente estranha.
>
> (*O Correio da UNESCO*, ago 1974, pp. 7–8)

Na passagem seguinte, extraída da obra de al-Biruni, *A Índia*, vemos quanto o pensamento do mestre islâmico coaduna-se com a visão esclarecida a respeito do verdadeiro cristianismo:

> Os usos e costumes dos hindus se assemelham aos dos cristãos porque, como esses, se baseiam em praticar a virtude e abster-se de fazer o mal – nunca matar sem nenhum pretexto, dar a camisa a quem nos furtou o colete, oferecer a outra face a quem nos esbofeteou, falar bem de nosso inimigo e rogar por ele. Nobre filosofia, sem dúvida. Mas nem todos os habitantes deste mundo são filósofos. A maioria é ignorante e transviada, e não pode ser mantida no bom caminho com facilidade... Para falar a verdade, desde que Constantino, o Vitorioso, se converteu ao cristianismo, a espada e o látego têm sido muito utilizados.
>
> (al-Biruni, *A Índia*, em *O Correio da UNESCO*, ago 1974, p. 22)

1020 – O judeu Samuel ibn Nagdela (993–1063), poeta, estadista e estudioso, assume, recomendado pelo vizir antes de morrer, o cargo de [novo] vizir na corte do rei Habbus, de Granada. Nagdela escapará do massacre de Córdoba, e, descoberto por sua erudição, há anos era secretário do vizir.

> Nagdela foi o virtual senhor do reinado, preenchendo, nominal e efetivamente, as funções de vizir. Sua ação foi uma extraordinária demonstração de tolerância, sem paralelo em nenhum outro lugar da Europa durante muitos séculos depois. (...) Contam-se muitas histórias sobre sua sabedoria e seu tato. Patrocinava as letras, árabes e hebraicas; ele próprio era um dos literatos mais notáveis de seu tempo. Na vida literária de seus dias, é a figura mais representativa, ainda que não mais dotada. (...) Foi o autor de um dicionário completo de hebraico bíblico. Como talmudista, contava-se entre os mais notáveis estudiosos da época. Em Granada, presidia uma academia própria. (...) Como patrono de estudos, foi dos maiores. Sua generosidade estendia-se à África, à Sicília, ao Egito, à Mesopotâmia, à Palestina e a outras regiões mais próximas, distribuindo apoio a eruditos necessitados. Organizou uma magnífica biblioteca, enriquecendo-a com cópias do Talmud traduzidas da recém-desmantelada academia de Sura. Mantinha ocupados vários escribas, no preparo de cópias que fornecia em

> quantidade, em seu país e em outras terras. Sob seu patrocínio floresceram muitos sábios e poetas.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 34–35)

1022 – Repete-se o martírio de cátaros, desta vez em Toulouse.

1024 – Assume o papa João XIX [Romano di Tuscolo], até 1032.

1024–1037 – Avicena (44) passa estes últimos 14 anos de sua vida na cidade de Isfahan, e continuou sua prodigiosa carreira literária. Morreu em 1037 deixando, para as gerações seguintes, o trabalho de traduzir para o latim e torná-lo disponível aos filósofos e teólogos do século seguinte. No islã, suas contribuições na medicina, teologia e filosofia ainda é reconhecida pelo seu enorme valor.

1030 – Na Itália, na região de Asti, descobre-se uma colônia de hereges que se designam já pelo nome de cátaros. São massacrados todos os membros da seita. Apesar das fogueiras, o movimento continua a se alastrar.

1032 – Assume o papa Benedito IX [Teofilatto di Tuscolo], até 1044.

1039 – É assassinado o vizir judeu de Saragoça, Jekutiel ibn Hassan. Ele tinha posição semelhante à de seu correligionário Nagdela, em Granada.

> Nesse mesmo século, mais tarde, Abu-Fadhel ibn Hasdai exerceu igual cargo na mesma corte, e vários judeus estavam em posições de importância mais baixa. De forma semelhante, quando, sob al-Mutamid, o emirado de Sevilha ergueu a supremacia na Espanha muçulmana, Isaac ibn Albalia (1035–1094) era o astrônomo real e conselheiro confidencial e os judeus compartilharam o renascimento que renovou, por algum tempo, o brilho do califado do Ocidente.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 36)

Assume Femando I de Castela (1039–1065). Ele obrigou os muçulmanos a reconhecerem sua supremacia, iniciando uma forte onda cristã de reconquista da Espanha muçulmana. Seus triunfos serão seguidos por Alfonso VI (1065–1109).

1042 – Morre Canute, rei da Inglaterra, Dinamarca e Noruega. Encerra a dinastia dinamarquesa na Inglaterra. Edward, filho de Æthelred, tendo por trás os monges franceses, é coroado.

1045 – Assume o papa Silvestre III [Giovanni dei Crescenzi Ottaviani]. Assume o papa Gregório VI [Giovanni Graziano Pierleoni].

1046 – Assume o papa Clemente II [Suidger von Morsleben-Hornburg].

1048 – Assume o papa Damasus II [Poppo de Curagnoni].

É criado em Jerusalém o Hospital, para socorro de peregrinos doentes ou sem meios.

Morre al-Biruni, aos 75 anos. Seus contemporâneos diziam: “Exceto por dois dias de festa em cada ano, sua mão não larga a pena, seus olhos não cessam de observar e seu espírito não para de refletir.”

1049 – Assume o papa Leo IX [Bruno von Egisheim-Dagsburg], até 1054, mais tarde canonizado como santo.

Século XI – Neste século os parses da Índia começam a adotar o *gujarat*, língua local, continuando, entretanto, a ensinar o persa às crianças até o século XIX, quando ele será suplantado pelo inglês.

1050 – Provindos do Tibet, o povo do Sião invade a Indochina e choca-se com os khmers e os chams.

1055 – Turcos seldjúcidas conquistam Bagdad.

Assume o papa Victor II [Gebhard II von Calw-Dollnstein-Hirschberg].

1057 – Assume o papa Estêvão IX, até 1058. Seu nome de batismo era Frederick, filho de Gonzelon, duque da Alta Lorraine (?-1044). Tinha uma irmã, Beatriz de Lorraine, que casou-se com João III (vide ano 1009), cujo pai, João II, era irmão do bisavô de Godfroi de Bouillon. Seu irmão, Godfroi, duque de Lorraine, casou-se com Beatriz de Bar. Esta também foi esposa de Bonifácio, marquês de Toscana, com o qual teve a filha Mathilde, condessa de Toscana e fundadora da abadia de Orval (vide ano 1070).

1058 – Assume o papa Benedito X [Giovanni Mincio di Tuscolo].

1059 – Assume o papa Nicolau II [Gerald de Bourgogne].

É consagrada a Maria Magdalena a igreja de Rennes-le-Château (vide mapa no século VI) que Saunière restaurará em 1891. Sua estrutura original data do século VI.

1061 – Assume o papa Alexandre II [Anselmo da Baggio], até 1073.

Nasce Godfroi de Bouillon[289] (1061–1100), conde de Bouillon, duque da Baixa Lorraine, rei de Jerusalém e fundador da Ordem do ~~Sinai~~ Sion em 1099[290]. Filho de Eustache II (?–1081) e Ide de Ardenas (Santa Ide, ?–1113), é o legítimo representante da 21ª geração a partir de Dagobert II e da 30ª geração a partir do primeiro Mérovée.

O pai de Godfroi – Eustache II – era filho de Eustache I, ambos Conde de Boulogne. Eustache I, por sua vez, era filho de Hugues de Plantard e Agnes. O nome Eustache foi utilizado para homenagear o pai de Agnes, Eustache, conde de Jumiege. Portanto, Godfroi de Bouillon é bisneto direto de Hugues de Plantard, merovíngio puro. Mais uma vez a dinastia merovíngia impunha-se para perpetuar-se de maneira mágica, misteriosa mas muito persistente e concreta, mesmo que no subterfúgio dos mais variados galhos de uma vinha. Sutil mas decisivamente a linhagem sagrada permanecia dando vida a uma estrutura da qual só percebemos seu corpo externo, que é a história da própria humanidade.

Nesta altura já podemos depreender o envolvimento que teria Godfroi de Bouillon como chefe do 1º Exército da primeira grande cruzada organizada. A cruzada anterior, a primeira efetivamente, foi liderada por Pedro, o Eremita, que muitos têm em conta ter sido tutor de Godfroi. Godfroi era, à época em que foram escritos os famosos romances do Graal como o *Parsifal*, o mais legítimo representante do ideal cavalheiresco representado nas lendas. Segundo várias narrativas, Godfroi seria o neto de Parsifal, filho de Lohengrin. Aos seus próprios olhos e aos olhos dos aliados Godfroi seria mais que o duque de Lorraine. De direito, ele seria um rei, um legítimo pretendente da dinastia deposta com Dagobert II em 679. Mas se Godfroi era um rei de direito era também um rei sem reino. E a dinastia dos Capeto na França, apoiada pela Igreja Romana, estava então muito bem protegida para ser destronada.

Para um rei sem reino o mais natural seria encontrar um. Ou criar um. À época, pelo menos espiritualmente falando, o reino mais precioso no mundo todo era a Palestina, a Terra Santa, o solo pisado pelo próprio Jesus e até hoje arduamente disputado palmo a palmo. Como lembram Baigent et alii:

289 Wikipedia – Godefroy de Bouillon (1058–1100) (Godfrey no inglês, Godofredo em português)

290 Isso foi criado por Pierre Plantard em 1956 no seu Dossier Secret (ver Wikipedia – Priorado de Sião)

> Não seria o governante de tal reino comparável a qualquer outro na Europa? Ao governar o mais sagrado dos locais da Terra, não poderia vingar-se docemente da Igreja, que traíra seus ancestrais quatro séculos antes?
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 219)

1066 – Os normandos, que cresceram estabelecendo o ducado da Normandia na costa norte da França, populoso e poderoso, reclamam a coroa inglesa com a morte de Edward, o Confessor, através de William, duque da Normandia. Ele era primo em segundo grau de Edward e tinha um juramento de Harold, príncipe de Wessex, que reconhecia seu direito. Harold foi coroado, William apelou ao papa que declarou Harold perjuro. William invadiu a Bretanha e derrotou Harold, que morreu na Batalha de Hastings[291] nesta data. William foi coroado Rei na abadia de Westminster. Criou um sistema feudal de vassalagem aos barões aliados, destituiu os saxões que lhe combateram e designou a construção de fortificados castelos. Agricultores tornaram-se servos da gleba. Seus sistema foi a base de todo o sistema feudal em toda a Europa. Procedeu a uma extensa pesquisa para saber quantos servos tinha no reino e controlar as taxas devidas. O ano de 1066 marcou o fim da ligação da Inglaterra com a Escandinávia e o início de sua forte relação com a França. O francês – a língua dos normandos – misturou-se com o anglo-saxão na linguagem popular enriquecendo a língua nativa com muitas ideias e palavras. Igrejas de madeira foram substituídas por belas construções de pedra no estilo normando. Monges estrangeiros – trazidos pelos normandos – fizeram dos monastérios centros de aprendizado. Todos que quisessem estudar iam à igreja. Todos os funcionários importantes eram formados na igreja. A partir da conquista da Inglaterra pelos normandos neste ano muitos anglo-saxões da Inglaterra assentaram-se nas Lowlands. Aí os scots gradualmente adotaram os costumes ingleses. Estabeleceu-se o feudalismo e os chefes dos clãs gradualmente tornaram-se nobres. As cidades cresceram e a Escócia prosperou.

A famosa tapeçaria Bayeux[292], comemorativa da conquista normanda da Inglaterra neste ano, registra o aparecimento do cometa Halley.

É interrompida a sequência de grão-mestrados na Grande Loja da Inglaterra.

1068/72 – Morre João III, filho de João II. João III representava a 18ª geração a partir de Dagobert II e a 27ª a partir do primeiro Mérovée. Era casado com Beatriz de Lorraine. Deste casal descende, até hoje, a dinastia Plantard.

1069 – O duque de Lorraine, também Godfroi, avô de Godfroi de Bouillon, irmão do papa Estêvão IX (vide ano 1058), concede proteção especial à igreja de San Dagobert e colocou-a sob os auspícios da abadia de Gorze, nas proximidades. Alguns anos mais tarde a igreja foi apropriada por um nobre local. Obviamente Godfroi, duque de Lorraine, estava muito ligado à tradição merovíngia, já que era cunhado de João III. Este era um legítimo representante da 18ª geração a partir de Dagobert II e a 27ª a partir do primeiro Mérovée. Seu ato protecionista em relação aos restos do mártir da família coincidia com a morte do cunhado, que se deu no período de 1068 a 1072.

1070 – É criada a Ordem do Hospital de Jerusalém[293], ou os Cavaleiros de Malta, como uma ordem de cruzados.

Começa a florescer a corte do conde de Champagne, uma escola influente de estudos esotéricos e cabalísticos em Troyes.

---

291 Wikipedia – Batalha de Hastings em 14 de outubro 1066
292 Wikipedia – Tapeçaria Bayeux mede 70 m x 50 cm, registra os eventos da conquista normanda.
293 Wikipedia – Ordre de Saint-Jean de Jérusalem (em francês) / Knights Hospitaller (em inglês)

Segundo os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*:

Monges vindos da Calábria, no sul da Itália, chegaram às vizinhanças da floresta de Ardennes, parte dos domínios de Godfroi de Bouillon. Segundo Gérard de Sède, este grupo foi liderado por um homem chamado Ursus (...) Obtiveram o patrocínio de Mathilde de Toscane, duquesa de Lorraine, condessa da Toscana, tia de Godfroi de Bouillon e, na realidade, sua madrasta. Os monges receberam de Mathilde um pedaço de terra em Orval, próximo de Stenay, onde Dagobert II tinha sido assassinado quinhentos anos antes. Uma abadia foi construída para abrigá-los lá, mas eles não permaneceram muito tempo em Orval. Por volta de 1108, desapareceram misteriosamente, sem deixar registro sobre o destino que tomaram. (...) Segundo Gérard de Sède, pelo menos, estava entre eles um homem depois conhecido como Pedro, o Eremita. Isto é muito importante, pois Pedro, o Eremita, é frequentemente tido como o tutor pessoal de Godfroi de Bouillon.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 79)

Em 1070, Godfroi tinha apenas 10 anos. Seu tutor, Pedro, se tornará famoso em 1095 quando foi reconhecido como um dos maiores fomentadores do movimento das cruzadas, participando ele mesmo da desastrada Primeira Cruzada, destroçada por Kilij Arslan (vide ano 1096 d.C.).

Como bem atesta Marcel Moreau:

A escultura faz seu debut no claustro da *Dorade*, em Toulouse, em 1070, e depois em *Moissac*, sob a forma de baixos relevos. A fachada da igreja de Mossais é ornada de esculturas de alto realismo sexual. (...) Existem muitas escolas de arte romana. Representam algo totalmente particular às condições da província. As principais escolas são bourguignones, poitevines e auvergnates. Seu ponto de reencontro é em Bourbonnais. Agrupando em torno de si os ateliers de talhadores de pedra ou de maçons, as abadias formavam verdadeiras escolas de arquitetura dirigidas por seus monges. Daí decola o **COMPANHEIRISMO** francês, em linha direta com o espírito celta e do qual possui todas as tradições. Inseparável da Arte Sacerdotal e da Arte Real, a ciência dos construtores testemunha uma verdadeira iniciação cuja origem remonta aos milênios, à época dos megálitos. Esta iniciação comporta a posse de conhecimentos que o espírito materialista de nossa época dificilmente poderia compreender. A história dos monumentos construídos pelos COMPANHEIROS é aquela das funções místicas do Companheirismo, destruído mais tarde pelas Corporações. No Companheirismo se encontram ainda as preocupações com o druidismo. Não se conhece nada da organização do Companheirismo derivado dos romanos. Sabe-se, entretanto, que existia numa antiga cidade de Autun uma ordem de construtores que compreendia: os Dendrophores ou Carpinteiros, os Centonaris ou Maçons Místicos, e os Fabri ou Serralheiros. A regra dos Companheiros se chamava DEVER. Se conheciam três Deveres: **Deveres dos Filhos de Salomão**, o mais antigo pois reclama a construção do Templo de Salomão. (...) **Deveres dos Filhos do Mestre Jacques**, mais recente, de origem e inspiração céltico-cristã; **Deveres dos Filhos do Pai Soubise**, que tem por fundador um religioso deste nome e que estaria associado às lendas do Mestre Jacques. Haveria um quarto, **Dever de Origem Muçulmana**, inspirado pelas invasões árabes.

(Marcel Moreau, *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*, Le Courrier du Livre, Paris, 1975, pp. 92-93)

Moreau continua a seguir a linha dos construtores:

Os Traçados Regulamentares são, em geral, desconhecidos dos *Companheiros*. Os que o realizam são os do grau de *Mestre*. Poderiam ser estranhos ao *Mestre de Obra*, autor e detentor da intenção, mas que, muitas vezes, não se interessa pela solução geométrica. O Traçado Regulamentar permanece segredo do *Mestre de Obra*. Sua assinatura era representada por um Signo. A manifestação se encontra não somente nos Traçados Regulamentares mas também mais aparentemente nos pilares, janelas, etc. O *Signo* (ou *Sinal*) do Mestre de Obra, se ele figura sobre um elemento qualquer da construção, designa o autor deste elemento e não a qualidade do *Mestre de Obra*. Não deve ser confundido o *Signo* com a *Sigla*, que serve para identificar o trabalho do *Companheiro*. Porque a partir do século XII, com o uso de remunerar os *Companheiros* após seu trabalho pessoal, devia-se necessariamente identificar a produção de cada um. (...) Muito felizmente, recuperei estas siglas em meus arquivos. Destaca-se primeiro o *amphisbène* (anfisbena) ou serpente de duas cabeças. Esta palavra vem do grego *amphisbaina*, que significa "aquele que marcha dos dois lados":



Ele representa (...) o dualismo inerente à humanidade que vai tanto de um lado quanto de outro, sem poder encontrar seu equilíbrio. (...)

Os instrumentos operativos dos Companheiros figuram em bons lugares.

O Compasso, sob a forma de um lambda grego:

O Esquadro ou o gama grego:

Eles são os principais instrumentos do G.˙.A.˙.D.˙.U.˙. e ajudam na busca da "palavra perdida" que é o objeto da busca da Maçonaria. (...) É muito importante constatar que as duas consoantes da palavra grega *logos* representam o aspecto do compasso e do esquadro: **Λ Γ**.

(Marcel Moreau, *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*, Le Courrier du Livre, Paris, 1975, pp. 94-96)

Moreau nos apresenta ainda muitos outros símbolos utilizados pelos construtores, entre os quais destacamos a estrela flamígera [blazing star] , o selo de Salomão ✡, o machado de dois gumes ⋈, do V.˙.M.˙. [venerável mestre] e do labrys minoico (vide 2500 a.C.).

O vaso, na representação dos construtores, simboliza a riqueza acumulada nas entranhas:

(extraído de Marcel Moreau, *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*, p. 97)

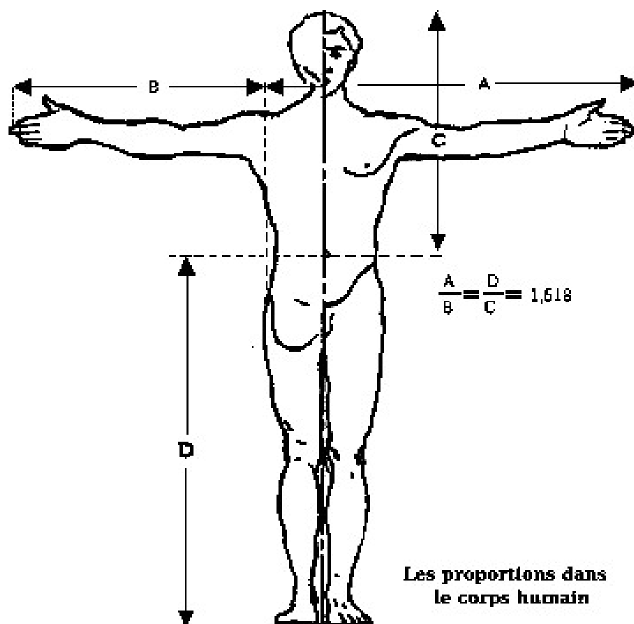
Após abordarmos a origem dos sagrados símbolos dos números e das letras nos mais antigos alfabetos (vide 1800 a.C.), todos esses símbolos dos construtores em nada nos são estranhos. Ao contrário, *eles são a prova inequívoca de que os construtores das catedrais eram os legítimos continuadores das mais antigas tradições de Elêusis e da simbologia hebraica, fenícia e egípcia*.

Estes últimos símbolos do vaso sagrado já vimos na representação de San Benoît, como um vaso quebrado de onde sai uma serpente. É uma tradição céltica do cadinho da Mãe Ceres, assimilado ao coração egípcio, que tem a mesma representação para o coração (vide ano 790 d.C.):

(extraído de Wallis Budge, *A Magia Egípcia*, Ed. Cultrix, p. 31)

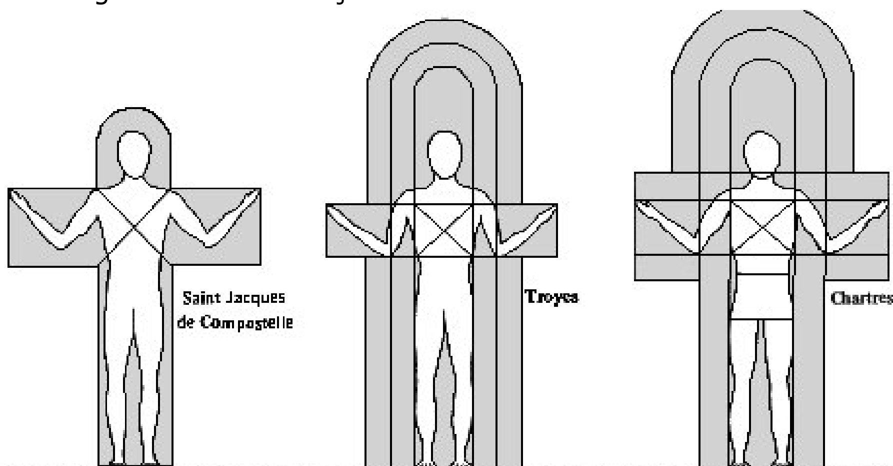
Na simbologia das catedrais, sempre a representação do Homem como o centro de manifestação de Deus, no desenho e nas proporções, através dos números:

Figura 37: AS ÁUREAS PROPORÇÕES HUMANAS



e sua representação nas construções sagradas das corporações de construtores:

Figura 38: PROPORÇÕES HUMANAS NAS CATEDRAIS



1071 – Neste ano, os turcos seldjúcidas aniquilam os bizantinos em Malazgirt, apoderando-se da Ásia Menor. Eles tomam Jerusalém dos sarracenos. Até então, os sarracenos permitiam livremente a peregrinação dos ocidentais pela Terra Santa, com poucos problemas. Com a tomada pelos turcos, começou a perseguição aos cristãos. Os peregrinos a caminho da Terra Santa eram roubados e atacados, e os locais sagrados da Igreja Católica Romana eram profanados ou destruídos. A partir do século XI todo o mundo islâmico estava em crise. Os turcos seldjúcidas invadiram o islã a partir do oriente. À exceção do Egito, controlam todo o Oriente Médio e a Ásia Menor. Apesar de deixarem o califado intacto, manejavam totalmente o governo.

Nasce Guilherme IX, duque de Aquitaine, o primeiro trovador registrado como tal. É o mais antigo poeta lírico de todas as literaturas ocidentais em língua vulgar desde a queda do Império Romano. Nas onze peças que nos deixou fulge um talento vigoroso, em que a licenciosidade mais desenfreada se alia às vezes a uma delicadeza encantadora.

1073 – Assume o papa Gregório VII [Ildebrando Aldobrandeschi di Soana], até 1085, mais tarde canonizado como santo.

1075 – É construída a Catedral de Santiago de Compostela.

1085 – Morre o papa Gregório VII.

Alfonso VI, de Castela, captura Toledo. Nesta época,

a intolerência dos fanáticos Almóadas tinha posto um fim, como já vimos, à evanescente glória alcançada no califado de Córdoba e nos reinados dos Taifas. Agora, felizmente, os territórios sob domínio muçulmano não abrangiam mais a maior parte da península. Os árabes nunca tinham conseguido subjugar a região montanhosa do noroeste, que se mantivera principado independente. Já no século VIII, de forma constante mas quase imperceptível, surgiram centros de resistência em dois ou três setores da fronteira setentrional. Desenvolveram-se formando os núcleos de vários estados cristãos, mais tarde consolidados ao redor de Aragão, Navarra e Castela (com Leão), aos quais pode ser acrescentado também Portugal, na costa atlântica. Continuaram todos vivendo em condição de guerra perpétua, abrindo caminho para o sul vagarosa e penosamente contra o infiel, nos intervalos das lutas que travavam entre si. Em 1085, Alfonso VI de Castela capturou Toledo; desta data em diante, a Cruz comandou obediência de novo na maior parte do país. Os primeiros estágios da reconquista tinham causado perigo para os judeus. (...) Os cristãos tinham herdado toda a acrimônia de seus ancestrais visigodos. A seus olhos, os judeus identificavam-se estreitamente com os muçulmanos: falavam a mesma língua, compartilhavam da mesma cultura, vestiam-se de igual maneira, seguiam uma religião infiel que era, das duas, a mais desprezível. O próprio fato de serem tratados com tolerância pelos árabes condenava-os aos olhos dos cristãos. Por isto, em todo lugar que os campeões da Cruz conquistavam durante sua expansão inicial, os judeus sofriam o mesmo destino de seus senhores, ou até pior. '*Todas as sinagogas que encontravam eram destruídas*', assinalam repetidamente antigos cronistas. '*Os sacerdotes e os doutores da Lei eram passados à espada; os livros de sua Lei eram queimados*.' (...) Já por volta do século X começou a manifestar-se uma mudança de atitude. O zelo religioso inicial começara a desvanecer-se. Os Estados cristãos estavam constantemente em luta uns contra os outros, e não mostravam escrúpulos em apelar para o auxílio da mais próxima potência muçulmana quando a ocasião o pedia. Cavaleiros cristãos lutavam, às vezes, sob o estandarte do Crescente, paladinos mouros sob a flâmula da Cruz. A linha de demarcação era determinada, mais e mais, por considerações de política e de interesse que de religião. Se o domínio cristão do país devia estabelecer-se, convinha, evidentemente, conciliar um elemento da população tão importante como o eram os judeus. (...) Assim, a Idade de Ouro da vida judaica na Espanha, devida em grande parte, sem dúvida, à proximidade dos mouros em toda a península, não coincidiu com a hegemonia muçulmana. (...) Foi sob a dominação cristã (ainda que, em parte, sob influência intelectual muçulmana) que surgiram algumas das maiores figuras intelectuais do judaísmo espanhol: Judá [Yehudah] ha-Levi[294], o mais doce dos cantores de Zion; ou Abraão ibn Ezra, o exegeta e poeta

294 Wikipedia – Yehudah Halevi (1070–1141) poeta, filósofo e médico sefardi

ambulante, que passou a maior parte de sua vida em terras subordinadas à Cruz. É significativo que o maior luminar da escola do judaísmo espanhol, Moisés ben Maimon (conhecido no Ocidente pela forma grega de seu nome, Maimônides), nascido em Córdoba, foi expulso em exílio pelo fanatismo muçulmano, não pela intolerância cristã, e produziu obras imortais em terra estrangeira (1148). Recrutas judeus lutaram com bravura tanto sob o estandarte da Cruz quanto do Crescente, e indivíduos de habilidade excepcional serviram os reis de Castela e Aragão com a mesma lealdade e devoção que mostraram para com os senhores de Granada ou de Sevilha. (...) Foi no reinado de Alfonso VI de Castela (1065–1109) que os judeus da Espanha alcançaram o zênite de sua prosperidade. A conquista de Toledo fez de Alfonso senhor de uma das mais antigas e prósperas comunidades de toda a Espanha. Desta era em diante a cidade foi a capital de Castela e centro da vida judaica para toda a Espanha. Os exércitos de Alfonso tinham inúmeros judeus. (...) Apesar dos avisos do papa Gregório VII, as Cartas ou *Fueros* reais continuaram a atribuir aos judeus os privilégios que vinham gozando sob o regime muçulmano.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 77-79)

Um dos hebreus de maior destaque no reinado de Alfonso VI foi o médico real e conselheiro de estado, José ibn Ferrizuel, conhecido como Cidello. Sua influência era tamanha que as comunidades judaicas o designavam por *Nasi*, príncipe. A filha de Alfonso VI, Urraca, continuou a política de seu pai com a influente comunidade judia, assim como seu filho, Alfonso VII (1126–1157). A forte ligação com os judeus não era, como supõem os historiadores, um mero interesse comercial. Havia, de fato, um interesse muito grande em legitimar os tronos conquistados com casamentos de sangue real, tal qual acontecera com os descendentes de Pepin na França. A ligação com a linhagem merovíngia não tardou a acontecer. Alfonso VI não tinha sangue real. Das três filhas que teve, Alfonso VI teve como sucessora no trono Urraca, fruto da sua união com Constance de Burgundie, descendente merovíngia, 8ª geração após Guilhem de Gellone, 9ª a partir do lendário Makhir e 55ª após David. Sucedeu a Urraca seu filho, Alfonso VII.

O filho de Alfonso VII, Ferdinand II, rei de Leão (1137–1188), se casará com outra Urraca, também descendente merovíngia, filha de Alfonso I de Portugal, 11ª geração após Guilhem de Gellone, 58ª após David. A neta dessa Urraca com Ferdinand II, rei de Leão, se casará com Jean de Brienne (1168–1237), rei de Jerusalém de 1212 a 1225 e imperador de Constantinopla de 1228 a 1237. Ou seja, o sangue judeu voltará a Jerusalém via Espanha! Assim como os reis de França e Portugal, os reis da Espanha só se sentiam efetivamente ungidos se, em sua linhagem, corresse o sangue dinástico da Casa de David.

1086 – Assume o papa Victor III [Dauferio Epifani Del Zotto], até 1087.

1086, 23 de outubro – Na batalha de Zalaca, os muçulmanos começam a reconquistar a Espanha. A Espanha islâmica está, mais do que nunca, sob o crescente movimento de reconquista cristã a partir de Castela.

Os andaluzes não viam possibilidade de deter, sem receber auxílio, o avanço triunfal da potência cristã. Havia apenas uma região para a qual podiam apelar, em busca de socorro militar. Todo o noroeste da África estava agora compreendido no império das fanáticas tribos bérberes, conhecidas como 'al-Moravides'. Uma delegação pedindo assistência foi enviada a eles pelas potências muçulmanas da Espanha. Não esperando um acordo formal, os bérberes precipitaram-se península adentro. Os exércitos muçulmanos e

cristãos bateram-se em Sagrajas (Zalaca), perto de Badajoz. Em ambos os lados, eram numerosos os contingentes judeus. A lenda narra como Alfonso VI, rei de Castela, propôs ao general inimigo que, por conveniência dos três credos representados entre suas forças, o embate não se travasse nem numa sexta-feira, nem num sábado, nem num domingo, os respectivos dias de descanso. Por isso a batalha travou-se apenas numa segunda-feira. O resultado foi uma vitória decisiva para o islã. Toledo continuou ocupada pelos cristãos, mas a unidade da Espanha muçulmana foi logo restabelecida sob a supremacia almorávida. Os novos conquistadores trouxeram consigo uma tendência à primitiva austeridade e simplicidade do islã. Desvaneceu-se a posição favorecida que estadistas judeus tinham gozado nas várias pequenas cortes. (...) Não tardou, porém, para que os conquistadores, como outros em iguais circunstâncias, começassem a perder o ardor original. Seu fanatismo do deserto deixou-se minar pela suave atmosfera da Andaluzia. As esclarecidas tradições do califado foram ressuscitadas em suas cortes. Mais uma vez, médicos e astrônomos judeus passaram a exercer considerável influência nos negócios de Estado.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 37)

1087 – Assume William II, William Rufus, o "Rei Vermelho", como rei da Inglaterra. Será assassinado e não deixará saudades.

1088 – Assume o papa Urbano II [Odon de Lagery], até 1099.

1090 – É criada a ala mais radical de toda a história islâmica, a seita xiíta dos *Hassansins* ou *Assassinos* xiítas.[295]

Foi um homem de ampla cultura, sensível à poesia, espírito curioso informado dos últimos progressos da ciência, que criara, em 1090, esta seita, a mais temível de todos os tempos, [a dos Assassinos]. Hassan as-Sabbah nascera por volta de 1048 na cidade de Rayy, próximo ao lugar onde seria fundado, alguns anos mais tarde, o burgo de Teheran. (...) Quando nasce Hassan, a doutrina xiíta, à qual adere, era dominante na Ásia muçulmana. A Síria pertencia aos fatímidas do Egito, e uma outra dinastia xiíta, a dos buaiíadas [buwayhids], controlava a Pérsia e ditava sua lei ao califa abássida em pleno coração de Bagdad. Mas durante a juventude de Hassan a situação inverteu-se completamente. Os seldjúcidas [seljuks], defensores da ortodoxia sunita, apossaram-se de toda a região. O xiismo, antes triunfante, não passa então de uma doutrina, tolerada e muitas vezes perseguida. Hassan, que cresce rodeado de religiosos persas, insurge-se contra essa situação. (...) Em 1090 Hassan se apossa de surpresa da fortaleza de Alamut (...). Dispondo assim de um santuário inviolável, Hassan começa a elaborar uma organização político-religiosa cuja eficácia e espírito de disciplina permanecerão inigualados. Os adeptos são classificados segundo seu nível de instrução, confiabilidade e coragem, dos noviços aos grandes mestres. Eles seguem cursos intensivos de doutrina assim como de treino físico. A arma preferida de Hassan para aterrorizar seus inimigos é o assassinato. Os membros da seita são enviados individualmente ou, mais raramente, em pequenas equipes de dois ou três, com a missão de matar uma personalidade escolhida. Eles geralmente se disfarçam de mercadores ou ascetas, circulam na cidade onde deve ser perpetrado o crime, familiarizam-se com os locais e os hábitos de sua vítima, depois, uma vez seu plano estabelecido, agem. Mas se os preparativos são feitos o mais secretamente possível, a execução deve necessariamente acontecer em público, diante do maior número possível de pessoas. Para Hassan, o homicídio não é um simples meio de se livrar de um adversário, é antes de tudo uma dupla lição

295 Wikipedia – Ordem dos Assassinos seita do islã shia, vivia nas montanhas da Pérsia e Síria.

dada ao público: a do castigo de quem é morto e do sacrifício do adepto executante, chamado *fedai* [fida'i], isto é, 'comando suicida', porque quase sempre a revanche se faz imediatamente. (Amin Maalouf, *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, Brasiliense, S. Paulo, 1989, pp. 99-100)

1093 – Godfroi de Bouillon mobiliza um exército e sujeita Stenay a um grande cerco, com o único propósito de resgatar a igreja de San Dagobert e devolvê-la à abadia de Gorze (vide ano 1069).

1096, janeiro – parte a Cruzada Popular de **Pedro, o Eremita**. É batida por Kilij Arslan, sultão de Niceia.

Pedro, na verdade, era um monge. Também montava um burro, como Cristo – embora seu seguidor letrado, Guiberto de Nogent, comentasse que Pedro se parecia muito com o burro e cheirava consideravelmente pior do que ele. Apesar dessas coisas, ou por causa delas, esse visionário baixo, feio e malcheiroso apareceu quase como um messias a todos quantos queriam uma nova vida. Seguiram-no mais impacientemente do que crianças. (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, Ed. Livros do Brasil, Lisboa, 1982, p. 28)

1096 – A Primeira Cruzada[296] organizada em 4 exércitos:

1º Exército: **Godfroi de Bouillon** (36), duque da Baixa Lorraine, e seu irmão **Baudouin**[297] (34). Godfroi era um louro piedoso, ascético, educado e cortês. Baudouin era um moreno duro, frio e ambicioso.

2º Exército: Bohémond, príncipe normando de Tarento, Itália, e seu sobrinho Tancredo.

3º Exército: Ademar (50), bispo de le Puy e chefe espiritual, era o legado papal da cruzada; Raimundo (60), conde de Toulouse; St-Gilles, que era o chefe secular.

4º Exército: Robert de Normandie (filho de Guilherme, o Conquistador), Robert de Flandres e Estevão de Blois, genro de Guilherme, que foi a mando da mulher.

1096, 19 de junho – os cruzados tomam Niceia dos destemidos turcos. Em seguida, vencem Kilij Arslan na encarniçada batalha por Dorileia.

1098, 10 de março – Cruzados tomam Edessa, da qual Baudouin torna-se Príncipe.

1098, 3 de junho – Cruzados tomam Antioquia, após cerco de 8 meses e 1 dia, graças ao traidor fabricante de couraças. Após muitas intrigas, Bohémond sagra-se príncipe.

1098, 11 de dezembro – O massacre de Maara, um dos episódios mais trágicos das cruzadas. Nessa noite, na pequena cidade de Maara, a três dias de caminhada de Antioquia, os notáveis da cidade vão ter com Bohémond, o chefe *franj*, que aguardava para invadir a cidade. O chefe franco promete garantias se cessarem o combate, deixando para trás algumas construções. As famílias recolhem-se temerosas em suas casas aguardando o desenrolar. Na alvorada, os *franj* promovem uma das maiores carnificinas de que se tem notícia. Durante três dias eles matam, segundo o historiador Ibn al-Athir, mais de cem mil pessoas e aprisionam muitos outros. Na verdade, a cidade não tinha mais de 10 mil habitantes. Mas o horror não está nos números, e sim no inimaginável destino que lhes foi confiado.

Em Maara, os nossos faziam ferver os 'pagãos' adultos em caldeira, fincavam as crianças em espetos e as devoravam grelhadas.

296 Wikipedia – 1ª Cruzada (1096–1099)
297 Wikipedia – Baudouin 1º de Jerusalém (Baldwin em inglês, Balduíno em português)

> Essa confissão do cronista franco Raoul [Radulph] de Caen não foi lida pelos habitantes das localidades próximas a Maara, mas até o fim de suas vidas eles se lembrarão do que viram e ouviram. Pois a lembrança dessas atrocidades propagadas pelos poetas locais assim como pela tradição oral fixará nos espíritos uma imagem dos *franj* difícil de ser apagada. O cronista Ussama Ibn Munqidh, nascido três anos antes desses acontecimentos na vizinha cidade de Shayzar, escreverá um dia: "*Todos aqueles que se informaram a respeito dos franj viram neles animais que possuem a superioridade da coragem e do ardor do combate, mas nenhuma outra, assim como os animais tem a superioridade da força e da agressão*." Um julgamento desprovido de complacência que resume bem a impressão deixada pelos *franj* na sua chegada à Síria: uma mistura de medo e desprezo, bem compreensível por parte de uma nação árabe muito superior em cultura, mas que perdeu toda combatividade. Jamais os turcos esquecerão o canibalismo dos ocidentais. Em toda a sua literatura épica, os *franj* serão invariavelmente descritos como antropófagos.
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas Pelos Árabes*, pp. 46-47)

Para desmentir a alegação oficial e de alguns autores advogando necessidades de fome, vale a pena transcrever a observação do cronista franco Albert de Aix, que participou pessoalmente da batalha de Maara:

> Os nossos não repugnavam em comer não só a carne dos turcos e dos sarracenos mortos como também a carne dos cães! (*ibidem*, p. 47)

> Pois os habitantes da região de Maara assistem, durante esse sinistro inverno, a comportamentos que a fome não pode explicar. Eles veem, com efeito, os bandos de *franj* fanatizados, os *tafurs*, que se espalham pelos acampamentos, clamando alto que querem devorar a carne dos sarracenos, e que se reúnem à noite ao redor do fogo para devorar suas presas.
> (ibidem, p. 47)

Este episódio contribui decisivamente para abrir, entre os árabes e os *franj*, um fosso que vários séculos não poderão preencher.

1099 – Assume o papa Paschal II [Rainero Ranieri], até 1118.

1099, 15 de julho – pela manhã, foi tomada Jerusalém. O papa Urbano II morre 15 dias depois. Segundo o cronista árabe Ibn al-Athir:

> Uma das torres móveis construídas pelos franj estava do lado de Sião, ao sul, e a outra ao norte. Os muçulmanos conseguiram queimar a primeira, matando todos aqueles que se encontravam nela. Porém, mal tinham acabado de destruí-la, um mensageiro chegou pedindo ajuda, pois a cidade estava sendo invadida pelo outro lado. De fato, ela foi tomada pelo norte, numa sexta-feira de manhã, sete dias antes do final do tempo de chaban [sha'ban] do ano 492. (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas Pelos Árabes*, p.56)

St-Gilles, após fazer um acordo com o chefe egípcio da guarnição, Iftikhar, conquista a cidade. Escutemos Ibn-al-Athir:

> Os franj respeitaram sua palavra e os deixaram partir, de noite, para o porto de Ascalon, onde eles se estabeleceram. A população da Cidade Santa foi morta pela espada, e os franj massacraram os muçulmanos durante uma semana. Na mesquita al-Aqsa eles mataram mais de 70 mil pessoas. (ibidem, p. 56)

Já Ibn-al-Qalanissi, mais cauteloso quanto ao número preciso de vítimas, diz:

> Muitas pessoas foram mortas. Os judeus foram reunidos na sua sinagoga e os franj os queimaram vivos. Eles destruíram também os monumentos dos santos e o túmulo de Abraão – que a paz esteja com ele! (ibidem, p. 57)

Amin Maalouf nos lembra na citada obra *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*:

> Entre os monumentos saqueados pelos invasores está a mesquita de Omar, erigida em memória do segundo sucessor do Profeta, o califa Omar Ibn al-Khattab, que tomara Jerusalém aos *rum* (os cristãos de Bizâncio) em fevereiro de 638. Os árabes não deixaram de evocar com frequência este acontecimento, com a intenção de ressaltar a diferença entre seu comportamento e o dos *franj*. Neste dia, Omar fazia sua entrada no seu famoso camelo branco, enquanto o patriarca grego da Cidade Santa avançava ao seu encontro. Antes de pedir-lhe para visitar os locais sagrados do cristianismo, o califa começou assegurando-lhe que a vida e os bens de todos os habitantes seriam respeitados. Enquanto eles estavam na igreja de Qyama, diante do Santo Sepulcro, tendo chegado a hora da reza, Omar perguntou ao seu hóspede onde poderia estender seu tapete para se prosternar. O patriarca convidou a fazê-lo onde estava, mas o califa respondeu: "*Se eu fizer isto, amanhã os muçulmanos vão querer apropriar-se deste local dizendo: 'Omar orou aqui'*". E, levando o seu tapete, foi ajoelhar-se no exterior. Ele pensara corretamente, pois foi nesse lugar que se construiu a mesquita que traz seu nome. Os chefes francos, infelizmente, não tiveram esta magnanimidade. Festejaram seu triunfo com uma matança indescritível, depois saquearam selvagemente a cidade que pretendiam venerar. Seus próprios correligionários não foram poupados: uma das primeiras medidas tomadas pelos *franj* foi expulsar da igreja do Santo Sepulcro todos os sacerdotes dos ritos orientais – gregos, georgianos, armênios, coptas e sírios – que oficiavam juntos, sendo uma antiga tradição que todos os conquistadores haviam respeitado até então. Pasmos com tanto fanatismo, os dignitários das comunidades cristãs orientais decidem resistir. Eles se recusam a revelar aos invasores o local onde está escondida a cruz verdadeira sobre a qual Cristo morreu. Para esses homens, a devoção religiosa para com a relíquia é acrescida de orgulho patriótico. Não são eles, com efeito, os concidadãos do Nazareno? Mas os invasores não se deixam de forma alguma impressionar. Prendendo os sacerdotes que têm a guarda da cruz e submetendo-os à tortura para arrancar-lhes o segredo, eles conseguem tirar dos cristãos da Cidade Santa, pela força, a mais preciosa de suas relíquias. (ibidem, p. 57)

Seguem-se outros massacres, como o de Ascalon. Segundo Ibn-al-Qalanissi:

> Os sabres dos franj triunfaram sobre os muçulmanos. A matança não poupou nem as crianças, nem os voluntários nem as pessoas da cidade. Cerca de dez mil almas morreram e o acampamento foi pilhado. (ibidem, p. 58)

Imediatamente após a captura de Jerusalém, um grupo de figuras anônimas reuniu-se num conclave secreto. Segundo Guillaume de Tyre, escrevendo em 1174, o mais importante deles era "*um certo bispo da Calábria*" (William de Tyre, *History of Deeds Done Beyond the Sea*, v. 1, p. 380). Segundo os historiadores, Godfroi de Bouillon foi eleito por voto popular defensor do Sto. Sepulcro. E o Oriente Médio vê novos e sanguinários príncipes se autocoroarem: Tancredo sagrara-se príncipe da Galileia, Bohémond de Antioquia e Baudouin de Edessa.

1099 – Ao sul de Jerusalém desponta a alta montanha do ~~Sinai~~ Sion. Em 1099, (...) erguiam-se ali as ruínas de uma antiga basílica bizantina, datada supostamente do século IV e chamada 'a mãe de todas as igrejas', um título dos mais sugestivos. Segundo numerosos mapas ainda existentes, além de crônicas e narrativas, uma abadia foi construída no local dessas ruínas, por ordem expressa de Godfroi de Bouillon. Deve ter sido um edifício imponente, que abrigou uma comunidade reservada. Segundo um

cronista que escreveu em 1172, ela era muito fortificada, com suas próprias muralhas, torres e parapeitos, formando uma estrutura chamada abadia de *Notre Dame du Mont de* ~~Sinai~~ *Sion*. (...) Segundo especialistas do século XIX a abadia era 'habitada por um ramo de augustinianos, encarregados de servir aos santuários, sob a direção de um abade. A comunidade assumia o duplo nome de Santa Maria do Monte ~~Sinai~~ Sion e do Santo Espírito.' Outro historiador, que escreveu em 1698, foi ainda mais explícito: Em Jerusalém, durante as cruzadas, houve cavaleiros ligados à abadia *Notre Dame de* ~~Sinai~~ *Sion* que levavam o nome de Cavaleiros da Ordem de *Notre Dame de* ~~Sinai~~ *Sion*.
(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 78-79)

SÉCULO XII d.C.

1100 – Assume Henrique I, rei da Inglaterra até 1135, após a morte de William II. Seu irmão Robert, duque da Normandia, estava na Primeira Cruzada, e quando retornou brigou com Henrique pelo trono. Henrique I atravessou o Canal, derrotou Robert e conquistou a Normandia. Deu à Inglaterra e à França ocidental uma paz e um governo ordeiro. Era um letrado, e sob seu reinado foi assinada a famosa Carta das Liberdades, que 100 anos depois será usada como base da Magna Carta. A Carta lhe deu respaldo junto aos nobres. Conciliou os ingleses, conquistados por seu pai, casando-se com Mathilda, filha do rei Malcom III da Escócia, descendente dos reis anglo-saxões. O apoio do povo foi garantido pela justiça administrativa através da corte do rei.

1100–1200 – Encontram-se cada vez mais cátaros mais ao norte da Europa: Soissons, Liège, Reims e até nas margens do Rhône, em Cologne e em Bona, onde numerosos hereges são vitimados pelas chamas. A Itália do norte, atravessada frequentemente por viajantes búlgaros, foi um dos países mais atingidos, e Milão foi durante muito tempo considerada como centro bastante ativo da heresia. O papa Inocêncio III, com grande e brutal esforço, consegue barrar a corrente. Mas no sul da língua de Oc, nos territórios do Languedoc e Provence do conde de Toulouse, o catarismo vingará e se fortalecerá a ponto de ameaçar o domínio romano. Do fim do século XII ao princípio do século XIII esta espécie de neomaniqueísmo e budismo ocidental crescerá como num rastilho e conquistará a cidadania em terras visigóticas, desde Garona até o Mediterrâneo. Garona era um velho sítio druídico, centro religioso celta. Suas doutrinas da migração das almas e da reencarnação era muito elevada, refletindo os mais belos pensamentos neoplatônicos, gnósticos, budistas e maniqueístas. Continuavam, assim, o florescente ambiente cristão dos três primeiros séculos de nossa era quando tantos pensamentos neoplatônicos e orientais conviviam harmoniosamente, fazendo a riqueza cultural e espiritual do Oriente Médio àquela época. Neste ambiente profícuo de liberdade religiosa encontrou guarida a perseguida heresia dos seguidores do bispo Arius no século VII, à qual se converteram os reis visigodos. Como os condes de Toulouse, oriundos da nobreza germânica, eram os descendentes diretos destas famílias, o catarismo encontrou no Languedoc um profícuo ambiente para seu desenvolvimento.

Nesta mágica região do sul languedociano o catarismo foi o ponto de convergência de duas forças: o maniqueísmo e o budismo. O maniqueísmo era uma religião que apresentava o dualismo das forças do universo, bem e mal, luz e treva. O maniqueísmo, por sua vez, deriva largamente do culto esseniano, donde originou-se Jesus. Aqui desfiamos mais um nó no novelo do mistério do Graal: a ligação de José de Arimateia – um essênio – como

portador do cálice sagrado. Ele o leva à Inglaterra céltica, crava seu cajado no local de fundação da abadia de Glastonbury para, quinhentos anos depois, ter Arthur como continuador da linhagem arcadiana (o Urso celta = arth). Seus feitos só serão relatados vivamente através do renascimento trovadoresco na Occitânia cátara, 700 anos depois, através do ciclo de lendas do Graal.

Consideram-se os essenianos como formando o laço e o ponto de reencontro entre os platônicos ou pitagóricos, dum lado, e o budismo doutro, o que nos leva à segunda força de atração do catarismo. Os essênios, tal qual os budistas, professavam o dualismo do mundo. Tinham três ordens de aderentes, com três graus de iniciação. Praticavam os banhos sagrados, como os brâmanes e os budistas. Condenavam os sacrifícios sangrentos, abstinham-se de carne e vinho e praticavam uma moral exemplar, segundo nos passa o historiador Flavius Josephus. Mesmo Jesus, recebendo o batismo das mãos de João, filia-se na seita dos essenianos, para quem o batismo era um rito essencial.

1100 – No início de julho, o velho St-Gilles embarca, após disputa com os outros *franj*, para Constantinopla, de onde não voltará.

"Enquanto sitiava a cidade de Acre, Godfroi, senhor de Jerusalém, foi atingido por uma flecha que o matou", relata Ibn-al-Qalanissi.

Bohémond, o mais temível dos *franj*, é capturado por Danishmend, "o Sábio", que conseguiu vencê-lo.

1100, 11 de novembro – Com a morte de Godfroi, Baudouin I é sagrado rei de Jerusalém. Sob seu comando alargou-se o poder sobre Sidon, Arsuf, Cesareia, Azoto e Acre. A partir daí estabeleceu-se uma via marítima e terrestre para chegar à Terra Santa. Para fazer frente aos perigos constantes de chegar por terra – mais barato aos peregrinos – surgiram cavaleiros devotados à defesa das rotas.

1104 – O conde Hugues de Champagne reuniu num conclave nobres de alta linhagem, incluindo representantes das famílias Brienne, Joinville e Chaumont, além de André de Montbard. Logo após o conclave, partiu para a Terra Santa. É possível que neste conclave tenha sido apresentada a descoberta ou o fato marcante gerador de todo o movimento subsequente. Afinal, sete anos depois dois nomes deste conclave – Hugues de Champagne e André de Montbard – participarão da fundação da Ordem do Templo. Já os membros da família Brienne, veremos, entrarão fortemente no Reino de Jerusalém, miscigenando-se com descendentes merovíngios. Jean de Brienne será rei de Jerusalém de 1212 a 1225, e imperador de Constantinopla de 1228 a 1237. Não sendo nem descendente merovíngio nem da Casa de Davi, Jean se casará com Berengaria (1193–1237), filha de Alfonso IX, rei de Leão, bisneta de Alfonso I, rei de Portugal, e descendente de Salomão via Guilhem de Gellone, o paladino de Carlos Magno. A neta de Jean de Brienne com Berengaria – Blanche de Brienne – se casará com o descendente merovíngio William II, barão de Fiennes e Tingy, sexta geração a partir do primeiro rei de Jerusalém, Godfroi de Bouillon. Jean de Brienne terá, ainda, com Maria, rainha de Jerusalém e descendente merovíngia do avô de Godfroi de Bouillon, a filha Isabel II, rainha de Jerusalém de 1212 a 1220. Isabel II se casará com Frederick II de Hohenstaufen, também descendente merovíngio, e terá como filho Conrad IV, rei de Jerusalém em 1228. Conrad será, pois, descendente merovíngio por pai e por mãe.

Vitória muçulmana em Harran, contendo o avanço franco para o leste. Bohémond, o principal artífice da invasão, fica desmoralizado com a derrota e afasta-se definitivamente do Oriente.

1108 – Conde Hugues de Champagne retorna à França.

Desaparecem misteriosamente os monges calabreses de Orval, supostamente retornando à Calabria, mas talvez ao Sinai.

1109, 12 de julho – Após dois mil dias de sítio, Trípoli cai para os cruzados. Os habitantes da cidade, que aguardavam ansiosamente a armada egípcia para salvá-los, viram-na chegar apenas oito dias após a tomada pelos francos.

1110 – Caem Beirute e Saida para os cruzados.

1111 – O cádi xiita de Alepo, Ibn al-Khashab, organiza uma verdadeira rebelião contra o califa de Bagdad para exigir providências contra a intervenção franca. É o grande chefe espiritual e político que instiga a luta contra os *franj*. Torna-se a grande voz do patriotismo árabe contra a invasão franca.

1111–1112 – Bernard de Clairvaux[298] decide entrar para o Mosteiro de Cister, salvando-o da extinção e fazendo emergir a Ordem de Cister. Levou consigo quatro dos seus cinco irmãos. O quinto, muito novo, juntou-se mais tarde. Nos três anos que se seguiram foram abertas, a cada ano, mais uma casa-filha. Com 25 anos, Bernard foi abade da terceira. Quarenta anos após haviam mais de trezentas!

Provável fundação da Ordem Templária[299]. Pelos cavaleiros do Templo: Hugues de Payen (42) – de Champagne, está desde 1096 no Oriente, Bisol de St-Omer e Hugues, conde de Champagne; pelos membros da Ordem do ~~Sinai~~ Sion: Nivard de Montdidier, Archambaud de St-Aignan, André de Montbard, Rossal e Gondemar. (Henri Loubineau, *Dossiers Secrets*, prancha 4, em Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 81)

As informações oficiais, classicamente adotadas, são a partir do historiador francês Guillaume de Tyre, que escreveu cinquenta anos após a fundação da Ordem do Templo. Ele data a fundação da Ordem do Templo em 1118. Entretanto, o mesmo Guillaume diz que os fundadores não admitiram novos membros antes de nove anos após a fundação, portanto antes de 1127. Sabe-se, entretanto, que o conde de Anjou, pai de Geoffrey Plantagenet, aderiu à ordem em 1120, e o conde de Champagne em 1124.

1113 – Do final do século IX ao início do século XIII grandes projetos fizeram de Angkor o mais imponente complexo construído no mundo. A maior e mais famosa dessas construções foi Angkor Wat[300], construída pelo rei khmer Suryavarman II (1113–1150) como um templo e centro administrativo. Daí o nome Angkor (capital) e Wat (monastério). O Império Khmer governou por muito tempo a maior parte da Indochina. O templo foi dedicado aos deuses Shiva, Vishnu e Brahma, sendo totalmente hinduísta. A posterior invasão e saque pelo povo cham, da Indochina, em 1177, fez com que o rei Jayavarman VII (1181–1215) decidisse mudar dos ingratos deuses hindus para o budismo. A partir daí Angkor Wat tornou-se um templo budista.

1114 – Hugues, conde de Champagne, um dos mais ricos europeus, prepara-se para sua segunda jornada à Terra Santa. Pouco antes da partida recebe carta do bispo de Chartres:

> Nós ouvimos dizer que (...) antes de partir para Jerusalém você fez um voto para juntar-se à *Milícia de Cristo*, que você deseja unir-se a este exército evangélico". (Bouquet, *Recueil des Historiens*, v. 15, p. 162, em Baigent et alii, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 55)

298 Wikipedia – Bernard de Clairvaux (1090–1153), monge da Borgonha, reformador da Ordem de Cister.
299 Wikipedia – Ordem do Templo, religiosa e militar, protegia os peregrinos à Jerusalém nas cruzadas.
300 Wikipedia – Angkor Wat maior estrutura religiosa já construída, no atual Camboja.

Esta carta comprova a existência dos templários nesta época, pois *Milícia de Cristo* era um termo – utilizado pelo próprio Bernard de Clairvaux – que designava claramente os cavaleiros templários. Certamente a referência era feita aos templários e não a um cruzado qualquer, pois o bispo se refere a um voto de castidade, exigência inexistente para um cruzado, mas essencial para um templário. Na verdade, o conde se filiará à ordem dez anos mais tarde. O mais interessante, e que comprova a Ordem atrás das hierarquias vigentes, é que o conde de Champagne irá fazer seu voto de fidelidade a seu próprio vassalo, Hugues de Payen.

Um monge de Cambridge – Theobald – falava que "os mais importantes príncipes e rabinos dos judeus que existem na Espanha se reúnem em Narbonne (vide mapa no século VI), onde reside a semente real".

1115 – Retorna à Europa o conde Hugues de Champagne.

É aberto por Bernard o mosteiro cistercense na França setentrional, numa simples construção de madeira e na mais extrema miséria, conduzida por Bernard, sobrinho de André de Montbard. As terras foram oferecidas pelo conde Hugues de Champanhe (não confundir com Hugues de Payen). De todos os vales do condado, Bernard escolheu o mais triste, chamado Vale do Absinto, consistindo de uma floresta e um rio.

1117, março – Segundo os *Dossiers Secrets*, Baudouin I, "que devia seu trono ao Sinai", foi "obrigado" a negociar a fundação da Ordem do Templo, na localidade de St-Léonard de Acre, um dos feudos da Ordem do ~~Sinai~~ Sion.

1118, 2 de abril – morre Baudouin I.

1118 – Assume o papa Gelasius II [Giovanni Caetani], até 1119.

Ano oficial aceito como da criação dos Templários, com votos de defender as rotas de peregrinos. Supostos fundadores da ordem, segundo as fontes tradicionais: Hugues de Payen (48), Godfroi de St-Omer, Godfroi Bisol (ou Bisot), Payen de Montdidier, Archambaud de St-Aignan, André de Montbard, Rossal (ou Roland) e Gondemar.

O novo rei Baudouin II[301], primo do primeiro, vê no triplo voto de castidade, pobreza e obediência o grande valor do grupo, e dá-lhes acomodação num edifício perto da Cúpula do Rochedo, no lugar onde se supunha ser o Templo de Salomão. Eram os Pobres Cavaleiros de Jesus Cristo, mais tarde Cavaleiros do Templo de Salomão ou Templários. Assume o 1º Mestre do Templo: Hugues de Payen.

1119 – Assume o papa Calixtus II [Guy da Burgundia], até 1124.

1120 – Conde Fulk V de Anjou[302], pai de Geoffrey Plantagenet, torna-se templário.

1123, junho – O rei de Jerusalém, Baudouin II, após a queda de Edessa e Antioquia, é apanhado pelo herói árabe Balak e aprisionado em Alepo.

1123 – IX Concílio Ecumênico, Latrão I. O primeiro celebrado no Ocidente. Confirmou os princípios da investidura nos cargos sagrados e o celibato eclesiástico. Ocorreu após a nomeação de mais de quarenta papas por soberanos que escolhiam bispos e familiares. Foi reforçado pelas brigas do papa Gregório VII (1073–1075) com o independente Império Germânico de Henrique IV.

Nasce Frederick I, mais tarde conhecido como Frederick Barbarossa[303], o lendário imperador do Sacro Império Romano Germânico, símbolo da união

301 Wikipedia – Baudouin II de Jerusalém, da família Rethel
302 Wikipedia – Fulques V d'Anjou, conde de Anjou e rei de Jerusalém.
303 Wikipedia – Frederick I Barbarossa (1122-1190) imperador do Sacro Império Romano.

nacional, na cidade de ~~Waiblingen~~ Haguenau, na Swabia. Filho de Frederick II de Hohenstaufen (não confundir com Frederick II de Hohenstaufen, imperador do Sacro Império Germânico, nascido em 1194 e neto de Barbarossa), duque de Swabia, e de Judith, filha de Henrique IX, duque da Bavária. Como veremos, sua linhagem tentará e conseguirá, através de seu neto Frederick II, conquistar o Reino de Jerusalém, à semelhança do que fez o descendente merovíngio Godfroi de Bouillon. Seguindo-se na origem da linhagem de Barbarossa e dos Hohenstaufen, veremos que descendem do merovíngio Pharamond (370–427), rei dos francos sálios, e de Argotta, também descendente direta merovíngia. Pharamond foi avô do conhecido Mérovée, e trisavô do conhecido Clóvis, rei dos francos e o primeiro rei cristão. Barbarossa foi a 48ª geração após Francus (Pharamond foi a 22ª). Francus foi chefe do povo que passou a ser conhecido por franco após sua subida. À época do filho ou neto de Francus é que a dinastia da família de Jesus, através de Magdalena ou Lázaro, deve ter entrado para a linhagem dos francos. Desde então, a busca dos descendentes merovíngios por voltar ao reino de Jerusalém foi constante.

1124, 6 de maio – O emir Balak, preparando-se para defender os sitiados de Tiro, é flechado e morto. Tiro cai sob os *franj*. Sucede-o em Alepo o fraco Timourtach, que temeroso de combates abandona a cidade. Mas não sem antes libertar Baudouin II por vinte mil dinares, além de trajá-lo ricamente. O rei de Jerusalém logo retornará para tomar Alepo. O grande cadi Ibn al-Khashab é o herói da resistência. Envia um emissário a Timourtach, que manda aprisioná-lo. Outro emissário tem sucesso com o governador de Mossul, al-Borsoki, que acorre para Alepo.

1124 – Assume o papa Honorius II [Lamberto Scannabecchi da Fiagnano], até 1130.

O conde de Champagne torna-se templário.

Hassan as-Sabbah, mentor e líder da seita dos Assassinos, é morto em sua toca em Alamut.

1125 – O rei Baudouin de Jerusalém concede o título de Mestre do Templo a Hugues de Payen.

1125, janeiro – O governador de Mossul, o soldado turco al-Borsoki, liberta Alepo. O grande herói Ibn al-Khashab salvou não apenas sua cidade, mas abriu caminho para a expulsão dos *franj* com a união de Mossul e Alepo.

1125, verão – O grande cádi Ibn al-Khashab é apunhalado por um membro da seita dos Assassinos. Após anos perseguindo sem piedade os membros da seita, não poderia escapar-lhes à morte. Os Assassinos tornaram-se uma força tão independente que foi notória sua aliança com os francos para combater seus rivais seldjúcidas. Os Assassinos, na Síria,

> são chamados *batinis*, 'os que aderem a uma seita diferente daquela que adotam em público'. Um nome que dá a entender que os adeptos são muçulmanos apenas na aparência. Os xiítas, como Ibn al-Khashab, não nutrem simpatia alguma pelos discípulos de Hassan, por causa de sua ruptura com o califado fatímida que permanece, apesar de seu enfraquecimento, o protetor titular dos xiítas do mundo árabe. Detestados e perseguidos por todos os muçulmanos, não desagrada aos Assassinos ver chegar um exército cristão que inflige derrota após derrota tanto aos Seldjúcidas quanto a al-Afdal. (...) O assassinato de Ibn al-Khashab não é um ato isolado. Um ano antes, um outro 'resistente de turbante' da primeira hora caiu sob seus golpes. Todos os cronistas relatam seu assassinato com solenidade, pois o homem que conduzira, em agosto de 1099, a primeira manifestação contra

a invasão franca tornara-se uma das maiores autoridades religiosas do mundo muçulmano. Anunciou-se no Iraque que o cádi dos cádis de Bagdad, esplendor do islã, Abu Saad al-Harawi, fora atacado por *batinis* na grande mesquita de Hamadam. Eles o mataram a punhaladas, depois fugiram imediatamente, sem deixar indícios ou rastros, e sem que ninguém os perseguisse, tão grande era o medo que causavam. O crime provocou uma viva indignação em Damasco, onde al-Harawi viveu por longos anos. Nos meios religiosos, principalmente, a atividade dos assassinos suscitou uma hostilidade crescente. Os melhores entre os crentes tinham o coração apertado, mas se abstinham de falar. Pois os batinis tinham começado a eliminar aqueles que lhes resistiam e a apoiar quem aprovava suas loucuras. Ninguém mais ousava censurá-los em público, nem emir, nem vizir, nem sultão. (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, pp. 102-103)

1126, verão/outono – André de Montbard e Gondemare chegam ao mosteiro cisterciense para se encontrar com o sobrinho de André, o abade Bernard de Clairvaux (36), o mais influente chefe cristão à época. Levam carta do rei Baudouin solicitando a Bernard que interceda junto ao papa pelo reconhecimento da Ordem Templária.

1126 – Hugues, conde de Champagne, junta-se aos 8 (ou nove?) templários de Jerusalém.

1126, 26 de novembro – Al-Borsoki, o poderoso senhor de Alepo e Mossul, é assassinado por um membro da seita dos Assassinos quando orava na Grande Mesquita de Mossul. Meses depois seu filho, que o sucedera, também é assassinado pelos membros da seita.

Jamais a ameaça dos Assassinos fora tão séria. Não se trata mais de uma simples perseguição, mas de um verdadeiro ácido que corrói o mundo árabe num momento em que este precisa de toda sua energia para combater a invasão franca. (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 104)

1127, fins de – Hugues de Payen desembarca na Itália, juntamente com cinco a sete templários. Hugues, conde de Champagne, ficará em Jerusalém.

1128, 13 de janeiro – redigida no Concílio de Troyes a série das 72 regras dos Cavaleiros do Templo: castigos por morte à fome e por prisão perpétua, obediência total ao Mestre, dormir num lençol de palha, possuir um lençol e dois cobertores, usar roupa interior de algodão e manter sempre uma luz acesa no quarto, comer carne apenas três vezes por semana, não ter nenhum bem pessoal, sequer uma carta... Tudo estava previsto para uma vida monástica das mais severas.

O uniforme deveria ser branco, emblema da castidade e pureza, sem nenhuma pele além de uma pele de carneiro, e não deveriam ter sequer o menor contato físico com qualquer pessoa do sexo feminino. À sua cabeça encontrava-se o Mestre (nunca foi conhecido, durante a vida da ordem, como "grão-mestre"). Era chamado "Mestre do Templo de Jerusalém". Era muito poderoso, mas não ditador (vide ano 35, ao final, para entender a origem da palavra Mestre e sua deturpação futura). Cada irmão era responsável a ele, mas ele era responsável por toda a Ordem. Podia distribuir ou dispor de alguns dos membros da Ordem, fazer dádivas em nome da Ordem, escolher seus cavalos e armadura e era guardião de um baú fechado à chave contendo joias da Ordem. Mas todas as decisões importantes como dar e alienar propriedades da Ordem, planear campanha ou ataque, alterar qualquer parte da regra, receber novo irmão, declarar guerra ou fazer a paz o Mestre era

obrigado a consultar um capítulo de cavaleiros. Seu voto valia como o de outro qualquer, embora sua voz fosse influente.

À medida que a Ordem cresceu, a casa pessoal do Mestre constou de onze membros: dois colegas cavaleiros conselheiros, um capelão, um escriturário, um cozinheiro, um ferreiro, um intérprete, um guarda-costas, dois infantes e um servente. Para uso comum tinha quatro cavalos e em campanha tinha uma tenda redonda maior que as outras. O estandarte constava de uma cruz preta com fundo branco. Era chamado *gonfalon baucent*. *Baucent*, como aparece na regra, é palavra muito comum em romances medievais, com dois significados: *pigarço* [piebald], como um cavalo e, ainda mais simples, estandarte. Qualquer exército podia referir-se ao seu estandarte como *baucent*. Nem a cruz preta e o gonfalão foram os estandartes originais templários. O estandarte que permaneceu só foi autorizado em 1145, quando Hugues de Payen já tinha morrido. Mas o significado duplo – o estandarte que também era pigarço – foi peculiar dos templários desde o início, pois a bandeira sob a qual Hugues e seus companheiros cavalgavam nestes primeiros tempos era preta e branca: em termos heráldicos, prata com um chefe de sable – branco puro encimado por uma larga tira preta. O senescal seguia-se no comando ao Mestre. Tinha uma tenda e um selo idênticos e substituía-o na ausência. O marechal era o terceiro na hierarquia.

(extraído e adaptado de Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 52-56)

1128, fevereiro – Morre o *atabeg* Toghtekin, de Damasco. Apenas ele impedia que os Assassinos, mancomunados com o vizir Mazdaghani, entregassem a cidade aos *franj*. Assume seu filho, Buri, que juntamente com os emires e chefes militares matam o vizir. A cidade toda se levanta contra os partidários dos Assassinos, caçando os *batinis* e degolando-os juntamente com seus parentes e amigos. Os poucos *batinis* sobreviventes ao ódio popular refugiam-se em Jerusalém, sob a guarda do rei Baudouin II.

1128, 18 de junho – Imadeddin Zinki, senhor de Alepo e Mossul, faz sua entrada triunfal em Alepo. Será o primeiro grande comandante do *jihad* contra os francos. Com ele as tropas passam de mercenárias a regulares e obedientes. Nunca pensou em dormir num dos palácios conquistados. Sempre ficou acampado em tendas junto com as tropas. Sob rigorosa disciplina, durante dezoito anos tomará uma a uma as possessões dos europeus invasores. Suas qualidades de rigor, liderança e retidão há muito faziam falta nos dirigentes do mundo árabe, separado por intrigas e rivalidades. Zinki dedicará praticamente todo seu tempo no combate aos rivais árabes, tarefa que, além de desgastante revelava-se inútil. Foi um erro que seu filho, Nur ad-Din, não cometerá.

1128, novembro – O rei de Jerusalém arma dez mil homens para tomar Damasco. Segundo os cronistas árabes, os templários eram os mais fanáticos. O astuto emir Buri rechaça-os.

1128 – Sobre a palavra Brazil:

> A primeira vez que esta palavra acha empregada, segundo Muratori, é no anno de 1128 n'um tractado entre os povos de Bolonha e Ferrara, no qual figura n'uma resenha de mercadorias a *grana de Brazile*. Parece que esta madeira vinha então das ilhas Malaias, e era um dos artigos do comércio do Mar Vermelho. Os tupis chamão a arvore *Araboutan*, e com lavadura da sua cinza sabem dar uma cor vermelha mui duravel. (Robert Southey, *História do Brazil*, Liv. B. L. Garnier, R. de Janeiro, 1862, t. 1, p. 44) [original (nota 6), texto diferente!] [Lodovico Muratori, *Antiquitates Italicae medii aevi*, v. 2, p. 898. O ano correto é 1198 (em romanos MCXCVIII), o erro está na tradução brasileira de Southey.]

Esta afirmação adquire importância não apenas pelo conhecimento anterior deste termo, Brasil, como pela sua comercialização e conhecimento pelo Mar Vermelho. Significa que sua entrada pelo referido mar não seria estranha, como suposto nas viagens das frotas de Salomão a partir de Esion-Gaber, no Mar Vermelho (vide anos 965 a.C. e 1193 d.C.).

Mas a origem do nome Brasil remonta a tradições muito mais antigas. Segundo Cândido Costa (*As Duas Américas*, p. 170), uma das origens é céltica, conforme aludiram Gumbleton Daunt, na *Revista do Instituto Histórico*, XLVII, 1884, 1ª p., p. 119–120 e Beauvois, *Revue de l'histoire des religions*, VII, p. 316, conforme nota à pag. 8, liv. I e II da *História do Brasil*, Rio, 1887, ~~de~~ [publicada por] Capistrano de Abreu.

1128, fins de – Hugues de Payen visita a Inglaterra, sendo recebido com "grande adoração" por Henrique I. Doze meses após o Concílio de Troyes, a Ordem já tinha terras na França, Inglaterra, Escócia, Flandres, Espanha e Portugal. Em mais uma década tomaram territórios na Itália, Áustria, Alemanha, Hungria e Terra Santa.

1129 – No início de setembro, Baudouin II é barrado por chuvas torrenciais em nova tentativa de tomar Damasco.

1130, 14 de fevereiro – Morre o papa Honório II. Alguns cardeais elegem Inocêncio II [Gregorio Papareschi] para o papado, mas a potente família Pierleoni lhe opõe um de seus membros como papa Anacleto II. Inocêncio foge para a França, onde os bispos o acolhem, recorrendo ao juízo de Bernard de Clairvaux sobre a questão. Bernard julgou legítimo Inocêncio II. Mas Anacleto se refugia em Latrão. Com a intervenção de Lotário II, que sucedeu a Henrique V, e de São Bernardo, o cisma não ocorreu. Em janeiro de 1138 morre o Pierleoni e em seguida Inocêncio convoca um Concílio.

1130 – Hugues de Payen retorna à Palestina, com um séquito de 300 homens.

1131 – Orval torna-se um dos feudos de São Bernardo, tornando-se uma casa cistercense.

Morre o 1º Mestre do Templo, Hugues de Payen. Assume Robert de Bourgogne. A partir daqui começam a ocorrer as maiores divergências entre a lista de grão-mestres que adotamos para as fontes tradicionais. Adotamos a pesquisa dos autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, que entre outras diferenças importantes contempla 21 e não 23 grão-mestres na história do Templo:

> Nós passamos mais de um ano considerando e comparando várias listas de grão-mestres do Templo. Consultamos todos os autores que escreveram sobre a ordem em inglês, francês e alemão, e verificamos suas fontes. Examinamos as crônicas da época – como a de Guillaume de Tyre – e outras narrativas contemporâneas. Consultamos todos os documentos que pudemos encontrar e obtivemos informações abrangentes em todos os que eram considerados completos. Comparamos signatários e títulos em numerosas proclamações, editais, contratos e outros documentos do Templo. Como resultado desta pesquisa exaustiva, tornou-se claro que a lista dos *Dossiers Secrets* era a mais acurada de todas, não somente quanto à identidade dos grão-mestres, mas também quanto às datas de seus respectivos mandatos. Se existe uma lista definitiva dos grão-mestres do Templo, ela está nos *Dossiers Secrets*.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 94-95)

Para fins do presente trabalho, foi adotada como base esta lista dos *Dossiers Secrets*, com as datas mais aproximadas disponíveis pelos Dossiers (até 1190 ou a partir de várias fontes clássicas).

1131, agosto – Morre Baudouin II, rei de Jerusalém. Segundo o cronista árabe Ibn al-Qalanissi:

> Baudouin era um velhinho que o tempo e as infelicidades haviam polido. Várias vezes caíra nas mãos dos muçulmanos e escapara-lhes graças a astúcias ardilosas. Com seu desaparecimento, os *franj* perderam seu político mais judicioso e seu administrador mais competente. O poder real cabe, depois dele, ao Conde de Anjou, recentemente chegado de seu país por via marítima. Mas este não era seguro em seu julgamento nem eficaz na sua administração, se bem que a perda de Baudouin mergulhou os *franj* na confusão e na desordem.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 113)

Baudouin não deixara herdeiros masculinos, como de resto quase todos os outros príncipes francos. O motivo é a lei natural da mortalidade infantil, que atinge preferencialmente os meninos em relação às meninas. A taxa de mortalidade entre os francos só cairá mais tarde, quando estes assimilarem certos hábitos básicos de higiene com os árabes...

1131 – O emir Buri, o primeiro artífice da vitória contra os francos, é esfaqueado por dois membros da seita dos Assassinos. Morrerá treze meses depois.

1132 – É escrito pela primeira vez um texto referindo-se a Arthur, em latim, pelo gaulês Geoffrey de Monmouth, apresentando-se como um capítulo de uma imensa epopeia nacional bretã remontando às origens míticas e selvagens da raça: *Historia Regnum Britanniae*.

1134 – Um incêndio na cidade de Chartres destrói a catedral. Os trabalhos de remessa de recursos foram concluídos em 1150. Chartres era um sítio marial muito conhecido nessa época, comparável à Lourdes de hoje. Numerosos enfermos eram hospitalizados num dos imensos braços da cripta, no qual passavam às vezes muitas semanas. São mencionadas muitas curas milagrosas atribuídas à Virgem. O culto à Mãe de Cristo era muito importante, e a catedral frequentemente lotava, servindo de dormitório na noite seguinte.

Segundo um relato feito a um diplomata francês em Madri, Gérard de Sède (em *Le Trésor Cathare*, p. 162) afirma que o Graal teria sido guardado numa arca de marfim, no mosteiro de San Juan de la Peña, até 1134. Diante da ameaça dos almorávidas, o rei Alfonso I de Aragão (descendente merovíngio via Guilhem de Gellone) o teria enviado para terras cátaras, ao norte dos Pirineus, para Montségur (vide anos 257 e 713 d.C.).

Alfonso I (1109–1185), o primeiro rei de Portugal, descendia de Guilhem de Gellone (vide ano 790), o paladino de Carlos Magno. Guilhem era filho do lendário Makhir[270] ou Theodoric I, duque de Toulouse, descendente de David através de Salomão. Alfonso I representava a 10ª geração após Guilhem, a 57ª após David. Novamente vemos os herdeiros do trono de Jerusalém envolvidos com o Graal. De fato, a linha dinástica não nos esconde os fatos. A filha de Alfonso I, Urraca, terá um filho, Alfonso IX, rei de Leão. Por sua vez a filha de Alfonso IX, Berengaria, neta de Urraca e bisneta de Alfonso I, se casará com Jean de Brienne (1168–1237), rei de Jerusalém de 1212 a 1225 e imperador de Constantinopla de 1228 a 1237!

1135 – Morre Henrique I, rei da Inglaterra. Ele havia acertado com os barões que sua filha, Mathilda, assumiria. Em vez disso, os barões instalaram Stephen, neto de William, o Conquistador. Era um grande cavaleiro mas um fraco rei. Os barões disputaram e ganharam o poder, com Mathilda constantemente ameaçando seu fraco reinado. Quando morreu, em 1154, o povo queria novamente um governante forte.

1139, abril – X Concílio Ecumênico ou Concílio de Latrão II – Foi convocado pelo papa Inocêncio II após a disputa pelo trono papal entre este e Anacleto II, da família Pierleoni. Tratou-se da disciplina, a saber:

- Foram proibidos os cruentos e mortíferos torneios.
- Foi reposta a 'Trégua de Deus': a Perpétua, para clérigos, monges, mercadores, peregrinos e agricultores; e a Temporânea: às quartas, sextas, sábados e domingos.
- Reconheceu-se aos clérigos o direito canônico, i.e., a sacralidade do clérigo, o qual se ferido ou morto acarretaria a excomunhão do agressor.
- Prescreveu-se aos bispos e aos prelados, aos que tivessem ordens sacras, não usarem vestes faustosas ou de cores vistosas.

(*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1140 – Fundada por Hughes Morville a abadia de Kilwinning, na aldeia de Cunningham, a cerca de 5 km ao norte da cidade real de Irving, na Escócia, perto do Mar da Irlanda. Foi dedicada a Santa Winning, que vivera nessa região no século VIII e que dera o nome à cidade. A abadia devia abrigar um grupo de monges irlandeses da Ordem de Tyrone. Segundo a Enciclopédia Britânica, os monges foram chamados por Hugues de Morville, Lord de Cunningham. Alguns autores pretendem que a origem do escocismo, da Maçonaria, esteja ligada a este local.

1140, abril – O emir Zinki prepara-se para atacar Damasco. O velho governador da cidade, Unar, faz então uma aliança com os francos de Jerusalém para proteger a cidade em troca de uma indenização e de operações militares conjuntas. Esta opção era melhor aos damascenos que arriscar-se à brutalidade de Zinki.
Desta época datam interessantes relatos acerca dos costumes dos francos e da estranheza que causavam à civilização de então. O relato fica por conta do embaixador de Damasco em Jerusalém e cronista, Ussama Ibn Munqidh:

> Quando visitava Jerusalém, tinha o costume de me dirigir à mesquita al-Aqsa, morada de meus amigos templários. Ali havia, num dos lados, um pequeno oratório onde os franj haviam instalado uma igreja. Os templários colocavam este lugar à minha disposição para que nele eu pudesse fazer as minhas preces. Um dia entrei, disse *Allahu Akbar!* e ia dar início à prece quando um homem, um franj, se precipitou sobre mim, me agarrou e virou meu rosto em direção ao Oriente, dizendo-me: *É assim que se reza!* Imediatamente os templários acorreram e o afastaram de mim. Voltei portanto à minha prece, mas esse mesmo homem, aproveitando de um momento de descuido, se lançou novamente sobre mim, virou meu rosto para o Oriente e repetiu: *É assim que se reza!* Ainda desta vez os templários intervieram, o afastaram e me pediram desculpas dizendo: *É um forasteiro. Acaba de chegar do país dos franj e nunca viu ninguém rezar sem se voltar em direção do Oriente*. Respondi que havia rezado bastante e saí, estupefato com o comportamento desse demônio que havia ficado de tal modo aborrecido ao me ver rezar na direção de Meca.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 124)

Mais adiante, Ussama estranha o atraso do conceito de medicina entre os ocidentais:

> Um dia, o governador franco de Muneitra [Munaytra], ~~no monte~~ nas montanhas do Líbano, escreveu a meu tio sultão, emir de Shayzar, para lhe pedir que lhe enviasse um médico para cuidar de alguns casos urgentes. Meu tio escolheu um médico cristão de nome Thabet. Ele se ausentou apenas por uns poucos dias, depois voltou. Todos estávamos bastante curiosos para saber como ele tinha podido assim tão rapidamente obter a cura dos doentes, e o crivamos de perguntas. Thabet respondeu: **Fizeram vir à minha presença um cavaleiro que tinha um abcesso na perna e uma mulher desnutrida e definhada. Coloquei um emplastro no cavaleiro, o tumor abriu e melhorou. Para a mulher, prescrevi uma dieta para refrescar-lhe o temperamento** [reviver sua constituição]. Mas um médico franco chegou e então disse: **Este homem não sabe tratar deles!** E, dirigindo-se ao cavaleiro, perguntou-lhe: **O que você prefere, viver com uma só perna ou morrer com as duas?** O paciente, tendo respondido que preferia viver com uma só perna, o médico ordenou: **Tragam-me um cavaleiro forte com um machado bem afiado.** Logo vi chegar o cavaleiro e o machado. O médico franco colocou a perna do paciente num cepo e disse ao recém chegado: **Dê uma boa machadada para cortá-la de uma só vez!** Sob meus olhos, o homem descarregou um primeiro golpe na perna. Depois, como ela continuasse presa, bateu uma segunda vez. O tutano da perna esguichou e o ferido morreu no mesmo instante. Quanta à mulher, o médico franco a examinou e disse: **Ela tem na cabeça um demônio que está apaixonado por ela. Cortem-lhe os cabelos!** Eles foram cortados. A mulher então começou a comer seu alimento com alho e mostarda, o que agravou o definhamento. **Foi o diabo que lhe entrou na cabeça**, afirmou o médico. E, pegando uma navalha, fez-lhe uma incisão em forma de cruz, deixando aparecer o osso da cabeça, que ele esfregou com sal. A mulher morreu imediatamente. Então perguntei: **Vocês ainda precisam de mim?** Disseram que não, e eu retornei, depois de ter aprendido muitas coisas que ignorava a respeito da medicina dos franj.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 126-127)

E continua Ussama:

> Os franj não têm senso de honra! Se um deles encontra outro homem, este pega na mão de sua mulher, puxa-a à parte para lhe falar, enquanto o marido se afasta esperando que ela tenha terminado a conversa. Se isso durar muito tempo, ele a deixa com seu inlerlocutor e vai embora!
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 127)

No tocante à justiça, que tão cuidadosamente é tratada no Corão, e que exige dos respeitadíssimos cádis e juízes um cuidadoso processo requisitório, de defesa e testemunhas, a estranheza de Ussama não é menor quando se depara na prova divina para julgamento de um suspeito:

> Haviam instalado um tonel cheio de água. O jovem que era objeto das suspeitas foi atado, suspenso pelas omoplatas a uma corda e lançado no tonel. Se fosse inocente, diziam, ele afundaria na água, e seria retirado por meio da corda. O infeliz, quando o jogaram dentro da barrica, fez esforços para ir até o fundo, mas não conseguiu, e teve de se submeter aos rigores da sua lei, que Deus os amaldiçoe! Então lhe passaram pelos olhos um buril de prata, avermelhado no fogo, e o cegaram.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 126)

1143 – Assume o papa Celestino II [Guido Guelfuccio de Castello].

Pedro, o Venerável, de Cluny, dirigindo-se a Luís VII da França, condena os judeus de Narbonne, que pretendiam possuir um rei entre eles.

1144 – Assume o papa Lucius II [Gherardo Caccianemici dall'Orso].

A região de mont-Wimer, em Champagne, apresenta-se como um centro de neomaniqueísmo.[304]

1144, 23 de dezembro – A cidade de Edessa, capital do mais antigo dos estados francos no Oriente, cai nas mãos do *atabeg* Imadeddin Zinki. Este marco é o início da expulsão franca do Oriente. Os muçulmanos se animam com a grande possibilidade de reconquista de suas terras aos francos, mas Damasco desconfia das reais intenções de Zinki, que ainda pretende dominá-la.

Pouco antes da tomada de Edessa, morrera o rei Fulk V de Anjou. Deixando apenas dois filhos pequenos, sua mulher assume a regência, lançando um apelo ao Ocidente para que acorram e salvem a Terra Santa do desastre iminente.

1145 – Assume o papa Eugenius III [Pietro dei Paganelli di Montemagno], até 1153.

Longa aparição do cometa Halley, observado na Europa desde maio.

O bispo de Gabala, na Armênia, assinala pela primeira vez ao papa Eugênio III a existência do misterioso personagem *Preste JOÃO*. Relatou o acontecimento através de um cronista de origem germânica, Otto Von Freisingen.

Bernard de Clairvaux vai ao Languedoc para pregar contra os hereges. Ficou mais impressionado com a corrupção de sua própria Igreja. "Nenhum sermão é mais cristão que o deles", declarou, "e sua moral é pura."

1146 – Templários adotam a cruz vermelha, *pattée*, com os braços alargados e curtos nas extremidades.

A espada de um novo radical monoteísmo árabe começa a dominar a Espanha com a mesma intolerância dos cruzados europeus. Ao que parece, quanto mais os ocidentais preocupavam-se em adentrar e fixarem-se em território islâmico pelas sucessivas cruzadas, mais recrudesciam os movimentos contrários do outro lado do Mediterrâneo.

> Uma nova onda de zelo reformador surgira entre os muçulmanos do norte da África. As tribos da região do Atlas congregaram-se ao redor do estandarte do puritanismo religioso, criando um estado poderoso. Sua insistência no dogma da Unidade Divina fez com que assumissem o nome de 'al-Mohades', ou Unitários. Como acontecera sessenta anos antes, receberam apelo de ajuda de seus correligionários na Espanha, mais uma vez submetidos à pressão pelo avanço cristão. Em 1146, eles cruzam o Estreito. Desde os primeiros dias de sua invasão, a nova seita tinha revivido a severa política inicial do islã frente às outras religiões. Nem se cogitava de não-conformismo. Todos os não-muçulmanos deviam ser forçados a usar o turbante; as únicas alternativas eram o extermínio ou a expulsão. A transição, porém, não era drástica. Para o judeu, não acarretava uma cerimônia dolorosa, nem a aceitação de nenhum dogma particularmente desagradável. Alguns mestres, na verdade, sustentavam que, naquelas circunstâncias, era permitido, pela lei judaica, que um homem salvasse a vida através da falsa conversão. Neste ponto eles traçavam uma nítida distinção entre os islã e o cristianismo, pois que este esperava muito mais de seus adeptos. Está claro que nem todos eram de tal parecer; quando os almohades entraram em Fez, por exemplo, muitos dos habitantes judeus preferiram o martírio à mudança de sua fé. Idêntica política seguiram os invasores da Espanha. Em cada cidade capturada, os habitantes judeus e cristãos eram passados a fio de espada. A única saída se apresentava pela formal adoção do islamismo. Mais uma vez, como nos dias dos reis visigodos, as cidades do sul da

304 Pougeoise.fr – Mont Aimé (nome atual), ou montwimers.

> Espanha encheram-se de falsos conversos do judaísmo à fé dominante. As estradas que conduziam para fora dos territórios muçulmanos encheram-se de fugitivos que buscavam asilo em terras mais tolerantes. Sinagogas foram destruídas, academias desmanteladas.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 37-38)

1146, 31 de março – em Vézélay, a meio-caminho entre Dijon e Paris, após inflamado discurso de Bernard de Clairvaux (56), multidões se aglomeram para seguir para a 2ª Cruzada, sob comando de Luís VII. Na verdade, quando ocorrer a invasão os cronistas árabes falarão apenas do comando do alemão Conrad. Luís VII, ao que parece, não era realmente um personagem com envergadura para a empresa. Partirão um ano depois.

1146, setembro – O emir Zinki é assassinado por um eunuco quando estava prestes a empreender a expulsão dos francos de Jerusalém. Uma figura imperturbável está ao lado de Zinki à hora de sua morte. É seu segundo filho, Nur ad-Din[305] (29). A partir dele a vitória definitiva sobre os francos será traçada. Como nos conta Ibn al-Athir:

> Li as vidas dos soberanos dos velhos tempos e não encontrei nenhum homem, exceto entre os primeiros califas, que fosse tão virtuoso e tão justo quanto Nur ad-Din.

Homem culto, muito esclarecido, virtuoso, genial militar e hábil político, vislumbrou o momento histórico que vivia e propagandeou por todo islã através de sábios e letrados a reunião do mundo árabe contra os *franj*. O *jihad* foi conclamado e não há governante em todo islã que ouse não juntar-se na guerra santa. O próprio Nur ad-Din traça as diretrizes da propaganda, clamando pela união no islã sunita em uma só religião, e redigindo poemas, cartas e exortações a todo mundo árabe. A união atrás do virtuosíssimo líder torna-se indiscutível para qualquer líder islâmico, principalmente pelas qualidades e virtudes de Nur ad-Din em meio a tão gananciosos líderes árabes. Segundo o historiador da época, Ibn al-Athir:

> A mulher de Nur ad-Din, certa vez, se lamentava por não ter dinheiro suficiente para prover de suas necessidades. Ele lhe consignou três lojas que possuía como coisa particular em Homs, e que rendiam uma vintena de dinares por ano. Como ela achasse que isso não era o bastante, ele lhe retorquiu: 'Não tenho mais nada. Com relação a todo dinheiro de que disponho, sou apenas o tesoureiro dos muçulmanos, e não tenho a intenção de os trair nem de me lançar no fogo do inferno por tua causa'.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 138)

Sua humildade, não há nada que parece mostrar o contrário, era bem retratada pela sua própria menção de seu nome original – Mahmud – em detrimento de seu título de Nur ad-Din, "luz da religião":

> Meu Deus, orava antes das batalhas, dê a vitória ao islã e não a Mahmud. Quem é este cão do Mahmud para merecer a vitória?
>
> (A. Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 139)

1147 – Morre Frederick II de Hohenstaufen, duque da Bavária (não confundir com o homônimo imperador do Sacro Império Romano Germânico). Assume a partir daí seu filho, Frederick, mais tarde conhecido como Barbarossa.

1147, 31 de março – de Paris, em St-Denis, parte a 2ª Cruzada. No outono irrompem na Ásia Menor. Apesar das enormes perdas infligidas pelo filho de Kilij Arslan, Massud, os relatos (sempre exagerados) do número dos que sobreviveram dão conta de cem mil homens. Surpreendentemente não se

305 Wikipedia – Nur ad-Din (1118–1174) emir de Alepo e Damasco, importante figura na 2ª Cruzada.

dirigem nem a Alepo nem a Edessa, mas a Damasco, que fizera acordo com Jerusalém!

1148 – Geoffrey de Monmouth escreve o *Vita Merlini*[306]. Lá nos descreve:

> Quatro elementos sacou do nada o Fazedor do mundo para que fossem causa antecedente das coisas que ia criar, e ao mesmo tempo matéria em harmonia. Primeiro, o céu, que pintou de estrelas, que está no mais alto e que, como uma casca que envolve a noz, tudo em si encerra; segundo, o ar, apto para formar as vozes e através do qual dão os astros os dias e as noites; terceiro, o mar, que banha as terras e, com seu poderoso refluxo formando quatro redemoinhos, bate os ares de tal modo que engendra os ventos, que dizem ser quatro; em quarto lugar fundou a terra, por sua natureza firme e que não pode mover-se com ligeireza, dividindo-a em cinco partes. Delas, a que está no meio não é habitável por seu excessivo calor, e as dos dois extremos são evitadas por seu excessivo frio. A dos restantes lhes permitiu ter temperança. Estas as habitam os homens e as aves e as manadas de animais selvagens.
>
> (Geoffrey de Monmouth, *Vida de Merlin*, Ed. Siruela, Madrid, 1986, p. 27)

Como vemos, é uma perfeita descrição do peculiar efeito terrestre do ar no fenômeno dos dias e das noites (pois no cosmos – ausente de ar – sempre é "noite"), além de mostrar claramente o conhecimento dos cinco continentes e das zonas de temperatura da terra. Uma bela explanação para alguém que, pelo que se diz, ainda acreditava ser a terra chata...

1148, 24 de julho – A Cruzada de Conrad e Luís VII chega a Damasco. Encarniçadamente os moradores saem ao encontro dos cruzados. No dia seguinte, um domingo, os combates continuam. O velho turco Unar ainda comanda a cidade, e conclama os príncipes da região a acudirem. A notícia da vinda de Nur ad-Din de Alepo faz o velho turco pressionar os *franj*, que inesperadamente recuam. Na terça, surpreendentemente, o ameaçador exército ocidental já se retirava para Jerusalém, perseguidos pelos homens de Unar.

1148 – Os fanáticos árabes almóadas tomam Córdoba. Moisés ben Maimon (Maimônides), então com 13 anos, refugia-se no Marrocos, onde é obrigado a reverenciar o islã. Dali segue com sua família para o Egito, onde há séculos florescia a comunidade judaica. A era de Saladino dará ao país do Nilo uma característica conciliadora e erudita, mais de acordo com suas tradições, ao contrário da intolerância árabe do Magreb e da Espanha. Esta esclarecida época será lembrada como das mais fecundas em toda sua história. Em Fuscat (Cairo Antigo) Moisés ben Maimon estabeleceu-se como um dos médicos da corte. Sua enciclopédica capacidade permitiu-lhe ser o grande líder espiritual da comunidade judaica mundial à sua época. Além de seus afamados escritos médicos, sua principal contribuição foi a ordenação de todo o corpo do judaísmo tradicional, tanto teórico quanto prático (vide 1190 d.C.).

1149, junho – Nur ad-Din conquista Antioquia, e seu príncipe, Raymond, é morto pelo próprio Chirkuh, tio de Salaheddin (Saladino).

1149, verão – Luís VII deixa a Terra Santa. Morre Unar, o governante de Damasco. O caminho estava aberto a Nur ad-Din, pois sua boa fama e a traição dos francos invasores associavam-se para sua aceitação pela população. Mas com a morte de Unar, o poder da cidade é dado ao sucessor nominal, Abaq (16). Abaq alia-se novamente com os *franj* de Jerusalém. Estes, sob o comando do filho de Fulk, Baudouin III, circulam livremente pela cidade. Até 1154 Nur ad-

306 Wikipedia – Vita Merlini, poema em latim com 1529 versos.

Din fará um lento e profundo trabalho de levar a opinião pública de Damasco a rejeitar seu líder e aliar-se a ele. Este trabalho teve a participação decisiva de Ayyub, pai de Saladino.

1150 – Morre o 2º Mestre do Templo, Robert de Bourgogne; assume como 3º Mestre do Templo Bernard de Tremblay.

1151 – O marquês Pembroke foi eleito grão-mestre da Corporação de Maçons Arquitetos da Inglaterra, e foi debaixo deste patrono que a Maçonaria Escocesa apareceu. Seus membros edificaram a abadia de Kilwinning.

(*Bibliotheca Maçonnica ou Instrucção Completa do Franc-Maçon*, 1864, op. cit., tomo 1, p. 67)

1152, 4 de março – Frederick Barbarossa é eleito imperador do Sacro Império Germânico, um mês após a morte de seu tio, Conrad III. Barbarossa foi o responsável pela colocação do epíteto *Sacro* no título de seu império, numa clara reação à *Sagrada* Igreja e o poder temporal papal. Ele enfatizava uma continuidade com o passado, retomando os tempos de Carlos Magno. Determinou que seus direitos como imperador não se baseavam nos feitos de Leão III mas sim no poder e nas conquistas territoriais dos francos. Claramente podemos entender sua determinação, uma vez que era descendente direto merovíngio, a 48ª geração após Francus, o primeiro rei dos chamados francos. Seus defensores argumentavam contra o papado apelando que "aquele que é escolhido pela eleição dos príncipes é o único imperador". As tentativas de controlar a Itália e Roma eram persistentes. Henrique VI casara-se com a herdeira da Sicília, enquanto o Reino Normando da Sicília era utilizado para restaurar o poder imperial na Itália. A reação dos papas foi muito forte contra esta ameaça ao seu poder: realizaram alianças para contrapor o poder imperial. Como resultado, o reino de Frederick foi dos que mais conflitos enfrentou em todas as frentes. Entre seus objetivos estava:

- restabelecer a autoridade imperial na Itália
- interromper o crescimento do poder Bizantino no Mediterrâneo e no sul da Itália
- manter a supremacia do império sobre o papa
- consolidar seu poder e regência na Alemanha

Destes objetivos, apenas o último será largamente alcançado.

1152 – A Ordem do ~~Sinai~~ Sion restabelece bases na França, quando 62 membros da ordem se instalam no grande Monastério [abadia] de Saint-Samsom, em Orléans, doado pelo rei Luís. Vinte e seis outros – dois grupos de treze – entraram para o Monastério Menor [petit prieuré] do Monte ~~Sinai~~ Sion, em Saint-Jean-le-Blanc, nas redondezas de Orléans.[307]

1153 – Assume o papa Anastasius IV [Corrado Demitri della Suburra].

A Ordem Cisterciense tem, neste ano, mais de trezentas abadias, 69 das quais fundadas por Bernard de Clairvaux.

1153, 16 de agosto – Morre Bernard de Tremblay, 3º Mestre do Templo. Assume Bertrand de Blanchefort como o 4º Mestre do Templo. Seu lar ancestral situava-se num pico de montanha a poucos quilômetros de Bézu e a 2 km de Rennes-le-Château. Como vimos no ano 755, Blanchefort descende da linha direta merovíngia. Foi quem deu impulso e força administrativa à Ordem, além de lançá-la na diplomacia internacional. Seu mentor era André de Montbard. Morreu em 1170.

307 Le point sur le prieuré de Sion informações sobre esses eventos em Orléans.

1153, 20 de agosto, 9 da manhã – morre Bernard de Clairvaux.

1154 – Assume o papa Adriano IV [Nicholas Breakspear], até 1159

Assume Henrique II (1133–1189), neto de Henrique I, o primeiro Plantageneta rei da Inglaterra. Sua mãe era Mathilda (Maud), rainha da Inglaterra e filha de Henrique I. Sua avó era Mathilda (Edith), também rainha da Inglaterra e sua bisavó era Margareth, rainha da Escócia. Por esta forte linha materna Henrique II, que será pai de Ricardo Coração de Leão, descendia dos primeiros reis ingleses e de Kent, e dos míticos Príamo e Troan, de Troia. Seu pai era Geoffrey de Anjou. Pelo lado de seu avô – Henrique I – Henrique II descendia da mesma linha de sua mãe e da linhagem de José de Arimateia, através do sangue materno em Alain I, conhecido por Juduael, rei da Bretanha que morreu em 535 cuja mãe era filha do rei Beli, de Gwynedd, 26ª geração após José de Arimateia. Pela linha materna Henrique II era a 23ª geração após o merovíngio cristão Clóvis, rei dos francos, através do filho de Clóvis, Clotaire I, e os sucessores Sigisbert I, Childebert II, Theudebert II da Austrasie, Emma e Earconbert, rei de Kent. Deste último descendem Alfred, o Grande, rei da Inglaterra e, mais adiante, Maud (Mathilda), esposa de Geoffrey V, o Plantageneta, pai de Henrique II.

Os plantagenetas regerão a Inglaterra por 245 anos. Henrique II mandou juízes a todas as cortes para instaurar e documentar os casos à justiça. Ao longo dos anos, seus registros embasaram o Direito inglês. Comprou uma séria briga com Thomas Becket, arcebispo de Canterbury, que recusava-se a sujeitar-se às cortes do reino. Becket foi assassinado e tornou-se mártir. Isto deu triunfo à Igreja, que teve peregrinos por centenas de anos à tumba de Thomas. Após fazer as pazes com o papa, Henrique II fez penitência à tumba do mártir. Seu sucessor será nada menos que o grande Ricardo Coração de Leão, em 1189.

1154, 25 de abril – Nur ad-Din entra em Damasco, praticamente sem resistência. É aclamado pelo povo. Após resistir bravamente ao domínio dos *franj*, dos Assassinos e de Zinki, a metrópole islâmica rende-se à sabedoria e benevolência de Nur ad-Din (37). Pela primeira vez desde as cruzadas, Alepo e Damasco estão unidas, e a glória que conhecerão serão imensas.

1154 – Frederick I, o Barbarossa, invade a Itália.

1155 – Frederick I, o Barbarossa, coroa-se imperador de Roma. Dos italianos, que observaram a cor de sua barba vermelha, veio seu apelido. Os esforços na Itália foram infrutíferos. Os tempos mudaram desde que Carlos Magno fundara o Império em 800, com o papa muito fortalecido nos assuntos europeus. Além disso, crescera o número de poderosas cidades-estado ao norte da Itália. Muitas destas cidades-estado formavam um poderoso grupo chamado a Liga Lombarda, que se opunha a Frederick.

1157, agosto – Um terrível terremoto devasta a Síria, dizimando árabes e *franj*. A enorme fenda que se abre em Harran traz à luz vestígios de uma antiga cidade soterrada. A devastação em Trípoli, Tiro, Beirute, Maara e Homs é tal que é impossível contar as vítimas nem os danos. Hama e Chayzar são totalmente destruídas; nesta última, os Assassinos e os *franj* saqueiam os escombros antes que o exército de Alepo a ocupe.

1157, setembro – Nasce Ricardo, o Coração de Leão[308], filho de Henrique II e Eleanor de Aquitaine. Curiosamente – mas certamente não por acaso – assim como seu consorte Eleanor também era descendente merovíngia. Como

308 Wikipedia – Ricardo I da Inglaterra (1157–1199). Seu apelido deriva de sua reputação como guerreiro

vimos, Henrique II representava a 23ª geração após o merovíngio rei cristão Clóvis. Eleanor de Aquitaine era descendente de Regintrude, filha do trineto de Clóvis, Theudebert II, rei da Austrasie (586–612). Era representante da 26ª geração após Clóvis. Além de Regintrude, Theudebert teve outra filha, Emma, de onde descendeu Henrique II. Emma casou-se com Eadbald, rei de Kent, quando então os merovíngios entram no sangue da família real inglesa. O famoso, mítico e lendário Ricardo Coração de Leão – filho deste legítimo casal merovíngio formado por Henrique II e Eleanor de Aquitaine – justifica toda sua fama nas gerações futuras, a qual perdura até hoje, sempre ligada ao mistério da Tradição do Graal.

Entretanto, se o sangue real dá uma substância tal que pode gerar líderes como Henrique II e Ricardo Coração de Leão, não nos iludamos. A regra não é geral nem garante a idoneidade de seus portadores. Eleanor não parece ter tido motivo para boa fama além do fato de ser a progenitora do famoso Ricardo. Henrique II nasceu em Le Mans, na França, em março de 1133. Durante o conflito de sua mãe com Stephen pelo trono inglês, ele foi trazido à Inglaterra. Stephen eventualmente reconheceu seus direitos, e Henrique tornou-se rei da Inglaterra em 1154, após a morte de Stephen. Henrique II manteve a Inglaterra e a Normandia pelos seus direitos por parte da mãe. Por seu pai ele herdou, da França, os condados de Anjou, Maine, e Touraine. Pelo seu casamento com Eleanor de Aquitaine, cujo casamento com o rei francês Louis VII fora anulado, ele adquiriu Poitou, Guyenne, e Gascony, de tal forma que ele tinha poder sobre todas as ilhas britânicas e metade da França. Henrique II restabeleceu a ordem e a lei deixadas como herança do anárquico governo de Stephen. Implementou o serviço militar, permitindo aos barões pagar um “escudo monetário”, ou “scutage”, em troca do serviço militar. Com isto ele pagou a soldados para lutar onde e quando quisesse, mantendo o poder e a ordem entre os senhores da terra.

Seu maior trabalho foi nas reformas das cortes legislativas. Trouxe a *Curia Regis* (Corte do Rei) a toda parte da Inglaterra, enviando juízes letrados que representavam a Justiça Real. Este sistema virtualmente uniformizou as leis individuais que vigoravam independentemente. Através do estabelecimento de Grandes Júris, grupos de indivíduos podiam condenar crimes de poderosos que, antes, não ousavam enfrentar individualmente. O sistema de Justiça passou das disputas decididas por Deus nos combates para um sistema jurídico que foi a base do sistema moderno. Num certo aspecto, os ingleses foram os atuais herdeiros dos romanos e sua famosa Justiça. Henrique ousou, mesmo, julgar clérigos que haviam cometido crimes sob a jurisdição das cortes reais. O escândalo causado pelo assassinato do arcebispo Thomas Becket no curso desta disputa levou-o a desistir desta reforma. Os últimos anos de Henrique foram tristemente obscurecidos pela rebelião de seus filhos, fomentados por Philippe Auguste, da França, e por sua mãe, a inescrupulosa Eleanor. O velho rei, cansado e doente, teve que consentir nos termos impostos. Quando viu que seu próprio filho predileto, João Sem Terra, estava entre seus inimigos, exclamou: “Agora deixem todas as coisas correrem como eles desejam. Não me importo nada mais comigo, nem com o mundo.” Dois dias depois morreu, resmungando, “Vergonha, vergonha sobre um rei conquistado”. Foi sucedido por seu filho Ricardo, o Coração de Leão. Após a morte de Ricardo (1199), John (João-Sem-Terra) subiu ao trono.

Como vemos, então, o mesmo sangue que propiciou à História presenciar dois grandes personagens como Henrique II e Ricardo Coração de Leão, permitiu a manifestação de mentes instigantes e ambiciosas como as de João e de Eleanor. Isto mostra que o Sangue Real é, antes de tudo, como um Direito Divino, ou, para falar mais modernamente, uma chancela genética, o que não impede aos homens de realizarem o que seu aparente livre arbítrio e seu desenvolvimento interno lhes ditar. Mesmo Ricardo, apesar de toda sua ascendência, mostrará, como veremos, traços de barbárie indignos de sua linhagem. Afinal de contas, antíteses como essas a História não cessa de nos mostrar, no mínimo desde os tempos de Caim e Abel...

1159 – Assume o papa Alexandre III [Rolando Bandinelli], até 1181. A partir de seu pontificado, o papa passa a ter, sozinho, o poder de canonização.

1163 – É colocada a primeira pedra em Notre-Dame[309], decidida por Maurice de Sully, o rei Luis VI e o papa Alexandre III.

1163–1169 – A luta pelo Egito, entre Chawer, Amaury e Chirkuh. Chawer é um ambicioso e intrigante vizir egípcio, jogando com os interesses de árabes e franj para se manter no poder. Amaury [Amalric], o segundo filho [de seu 2º casamento] de Fulk V de Anjou, coroou-se recentemente rei de Jerusalém. É tão ambicioso que invadira o Egito cinco vezes, de 1163 a 1169. Chirkuh, "o Leão", é o grande general de Nur ad-Din que, acompanhado de seu sobrinho Saladino, se revelará um dos maiores generais de seu tempo.

1165 – Nasce Philippe Auguste (Philippe II), rei da França de 1180 a 1223. O epíteto Auguste, do latim *augere*, "aumentar", deveu-se ao crescimento das fronteiras do império francês sob seu reinado. Philippe foi contemporâneo de Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, e do sacro imperador romano, Frederick I (Frederick Barbarossa). Todos os três tomaram parte na Terceira Cruzada. Quando Philippe veio ao trono ele regia apenas um pequeno território ao redor de Paris. A maior parte do território francês era mantida pelo rei da Inglaterra, com o qual o monarca francês sempre estava em guerra. Philippe tomou uma grande parte das possessões continentais inglesas e reduziu a influência dos nobres feudais. Sob seu governo Paris será a capital do reino francês. Ao morrer, Philippe transformara-se no mais rico e poderoso monarca de toda a Europa.

Cátaros são condenados por um conselho eclesiástico no Languedoc.

Colocam-se o portal de Santa Ana e os retratos dos fundadores em Notre-Dame.

1165/66 – Benjamim de Tudela, famoso viajante e cronista, registra que em Narbonne (vide mapa no século VI) existem "sábios, magnatas e príncipes, à cabeça dos quais está (...) um descendente da casa de Davi, como se vê em sua árvore genealógica".

1167 (ou 1172) – Um *papa* da Igreja dualista de Constantinopla, Nicetas[310], cujas crenças decorriam da Igreja de Dragovici (dualista absoluta e fundada, dizia-se, pelo próprio Mani) preside a um concílio cátaro em Saint-Félix-de-Caraman[311]. Nicetas é tido como um verdadeiro e carismático chefe espiritual, e tem o reconhecimento de todos. Em meio a muitos bispos, entre os quais Bernard de Simorre, bispo de Carcassonne, e Bernard Raimon, bispo de Toulouse, Nicetas procedeu a uma organização administrativa, delimitou as

309 Wikipedia – catedral Notre-Dame de Paris. Maurice de Sully foi bispo de Paris.
310 Wikipedia – Nicetas (bispo Bogomil)
311 Wikipedia – Sínodo de Saint-Félix sua historicidade é duvidosa.

dioceses cátaras de Albi, Toulouse, Agen, Carcassonne, de “França” e da Lombardia, realizando várias ordenações. Em particular, conferiu o *consolamentum* a Sicard Celerrier, bispo de Albi.

1169, 18 de janeiro – Chirkuh torna-se vizir do Egito, onde é aclamado pela população e pelos dignitários fatímidas. Morre dois meses depois. Os conselheiros sugerem ao califa que nomeie o jovem Yussef (Saladino), pois julgavam-no mais fraco e inexperiente. Saladino[312] logo toma plenamente seu cargo. Afasta os adversários, esmaga uma rebelião nas tropas egípcias e fortalece-se como vizir.

1169, outubro – Saladino repele uma triste tentativa franca de invasão, a quinta e última tentada por Amaury, rei de Jerusalém. Saladino distancia-se de seu mestre, Nur ad-Din, face à administração independente de Damasco, a qual se vê forçado a realizar. Saladino posterga o mais possível qualquer confronto com o líder sírio, evitando qualquer contato pessoal por medo de sucumbir às exigências de seu mestre. Nur ad-Din, um convicto muçulmano sunita, exige que Saladino acabe com a dinastia xiíta fatímida do Cairo, considerada “herética”. Mas Saladino sabe que, se assim proceder, não terá respaldo no Egito, que passaria a ser um mero protetorado sírio. A exigência de Nur ad-Din, assim, logo acarretaria a perda do Egito, pois destronar o califa al-Adid significa ferir grande parte da população egípcia, muçulmanos xiítas.

1170 – Morre Bertrand de Blanchefort, o 4º Mestre do Templo. Assume Janfeders Fulcherini (Gaufridus Fulcherius ou Geoffrey Foucher), como 5º Mestre do Templo, até 1171.

1171, agosto – Nur ad-Din ordena a Saladino que acabe com o califado fatímida do Cairo. Saladino, que não pensa em trair o sultão, tem a sorte de ver o sultão adoecer gravemente e decreta o fim do califado, porém proibindo que digam ao monarca moribundo. Logo após, morre o califa. Se a população aceita o fim do reinado xiíta no Cairo, os Assassinos não se esquecerão de mais um golpe aos xiítas... O “velho da montanha”, o líder dos Assassinos Rachideddin Sinan, que até então estavam relativamente pacíficos, envia uma carta ao rei Amaury, de Jerusalém, dizendo estar pronto a se tornar cristão. Há anos muitos adeptos da seita tornaram-se camponeses, muitos dos quais pagando tributo aos templários. Mas equipes de matadores podem ainda ser acionadas, e com sua conversão o “dízimo” pago por seus partidários pode ser perdoado. Evidentemente, se tal ocorresse, os interesses financeiros dos templários ficariam prejudicados. Decidem, então, malograr o acordo dos Assassinos com Amaury. Num dia em que os enviados de Sinan se entrevistaram com Amaury, os templários os emboscam e os matam.

1171 – Morre Janfeders Fulcherini, 5º Mestre do Templo. Assume François Othon de St Amand como 6º Mestre do Templo, ficando até 1179.

1172 (ou 1167?) – Um *papa* da Igreja dualista de Constantinopla, Nicetas, preside a um concílio cátaro em Saint-Félix-de-Caraman. (ver mais detalhes no ano 1167)

1172–1182 – Conclusão do coração de Notre-Dame. A galeria transversal e a nave começam a se elevar.

1172 – Os muçulmanos almóadas restabelecem, à custa do massacre e da “conversão” de cristãos e judeus, a unidade da Espanha muçulmana.

Ricardo Coração de Leão, com 15 anos, é colocado por sua mãe como duque de Aquitaine, no sul da França.

312 Wikipedia – Saladin Salah ad-Din Yusuf (1137– 1193) sultão do Egito e Síria, líder contra os Cruzados

1173 – Ricardo Coração de Leão, ajudado pelo rei francês, junta-se a seus irmãos numa ampla mas infrutífera revolta contra seu pai. Também teve lutas contra seu irmão mais velho, Henrique, e o mais novo, John. A morte de Henrique em 1183 deu-lhe direito ao trono.

1173, 15 de maio – Morre Nur ad-Din, quando este já se preparava para enfrentar Saladino e pôr fim às suas desculpas em obedecer a Damasco. Apesar das grandes diferenças encontradas pelos dois nos últimos anos, Saladino emerge como o continuador do velho comandante muçulmano, o grande soberano de todo o islã. Prepara, então, o terreno em Damasco para dominá-la pacificamente, tal qual o próprio Nur ad-Din fizera.

1174, 11 de julho – Morre Amaury, rei de Jerusalém, quando se preparava para sua sexta tentativa de dominar o Egito. Mais uma vez a sorte de Saladino lhe sorri. Assume Baudouin IV, com lepra. Em outubro Saladino toma Damasco, sem nenhuma resistência e com apenas 700 cavaleiros. O rei as-Saleh, filho de Nur ad-Din, abandona a cidade e refugia-se em Alepo. Em dezembro Saladino sitia Alepo. As-Saleh comove num discurso os alepinos, que decidem defender-se do traidor Yussef. Saladino, evitando confrontar com o filho de seu mestre, levanta o cerco e evitará sempre confrontar-se com ele. No entanto, proclama-se rei do Egito e da Síria, não usando jamais o título de sultão. As-Saleh, por sua vez, alia-se aos Assassinos para matar Saladino.

1175, início – Saladino sofre o primeiro atentado dos Assassinos.

1176 – O exército da Liga Lombarda derrota Frederick I, o Barbarossa, na batalha de Legnano. As cidades-estado tornam-se, então, quase completamente independentes.

1176, 22 de maio – Saladino sofre forte atentado na região de Alepo. O Assassino lhe golpeia na cabeça e depois no pescoço, mas esbarra numa longa malha metálica que salvou a vida. Saladino ataca as fortalezas dos Assassinos na Síria Central, mas misteriosamente suspende o cerco quando sitiava a mais temível das fortalezas. Aparentemente Saladino foi duramente ameaçado, e a partir daí retornou a Damasco mudando completamente sua política com relação à seita. Em vez de combatê-la, alia-se a ela para não dar espaço nem aos *franj* nem a as-Saleh.

1176, setembro – Quando se preparava para atacar o Egito em colaboração com os *franj*, Kilij Arslan II destrói o exército bizantino do rei Manuel, que morre pouco depois. Mais uma vez Saladino é livrado pelo destino. Bizâncio cai na anarquia

1177 – Frederick I, o Barbarossa, falha em sua luta contra o Papado, sendo obrigado a humilhar-se perante o papa Alexandre III. Na Alemanha ele estava tendo mais sucesso. Consolidou seu poder sobre os nobres e príncipes pela construção de uma administração estável do território imperial entre as áreas por ele controladas. Essas áreas eram regidas pelos ministérios imperiais, que eram pessoalmente obedientes a Frederick.

O papa Alexandre III, sucessor de Eugênio III, recebe uma carta assinada pelo nome de *Preste João*[313], soberano da Tartária. A carta é endereçada ao papa e ao rei da França pelo “rei todo-poderoso sobre todos os reis do mundo”.

Existiam muitos boatos sobre um poderoso potentado cristão, o *Preste João*. Estes persistentes boatos tinham uma muito leve base de verdade. Uma explicação para este misterioso personagem pode ser encontrada num lendário – mas real – personagem. Existia no Extremo Oriente, na Mongólia,

313 Wikipedia – Prester John a carta é uma farsa provavelmente de judeu do norte da Itália / Languedoc.

um homem chamado Toghrul, chefe do clã mongol Kerait. Um século antes os Keraits haviam-se convertido ao cristianismo nestoriano. Toghrul era nominalmente cristão. Seu título, Ong Khan, havia sido alterado por missionários nestorianos para uma forma mais compreensível: Khan havia sido erroneamente traduzido como padre (prêtre, prester). Ong transformou-se no nome francês Jean. Notícias muito obscuras de feitos mongóis atravessavam a Ásia e chegavam à Europa e à Terra Santa. Como sempre acontece, embora as narrativas não fossem exageradas seus detalhes e definições mais específicas nitidamente transfomavam cruentas guerras bárbaras nas estepes em vitórias cristãs no Oriente. Sua utilidade era evidente aos esperançosos e sonhadores cruzados que se aventuravam na hostil Terra Santa. Preste João seria, então, mais um salvador vindo ao encontro dos cristãos que lutavam contra os sarracenos.

1178 – Encíclica do papa Alexandre III confirma oficialmente possessões da Ordem do ~~Sinai~~ Sion.

1178–1190 – Um sacerdote chamado Ervad Mahyar sai de sua vila natal, no Punjab, indo até o Sistan (Irã Oriental), deixando na Índia um manuscrito do *Vendidad.*[314]

1179 – XI Concílio Ecumênico, ou Concílio de Latrão III. O concílio, convocado por Alexandre III, veio pôr um fim ao longo conflito do imperador alemão Frederick Barbarossa com o papado. Alexandre III distinguiu-se dos seus antecessores nos concílios pelas suas razoáveis posições, pondo fim numa era de nomeação arbitrária de antipapas. As conclusões do Concílio foram:

> considera-se eleito papa aquele que tiver obtido ⅔ dos votos dos cardeais; foi posta uma barreira ao fausto dos prelados; vetou-se que a mesma pessoa pudesse gozar de mais de um cargo; junto a toda catedral um mestre nomeado devia ministrar gratuitamente o ensino aos alunos pobres; foram restauradas nos moldes primitivos as escolas fechadas ou abandonadas; renovou-se a proibição dos torneios perigosos; foi mantida a trégua perpétua para os monges, sacerdotes, peregrinos e agricultores; fulminou-se de excomunhão quem quer que fornecesse armas ou qualquer coisa equivalente aos inimigos da Fé e aos corsários. (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1179 – Morre o 6º Mestre do Templo, François Othon de St Amand. Assume o 7º Mestre do Templo, Théodore de Glaise (Theodoricus ou Terricus), até 1184.

1180 – Philippe Auguste (Philippe II) começa a reinar [a França].

O Império Turco se desintegra no século XII, cedendo à ambição dos generais. Por algum tempo o califado é revitalizado pela figura de an-Nasir (1180–1225), que tornou-se figura central no panorama da época. Porém, encorajando a invasão mongólica para derrotar os turcos, acabou por determinar o fim da própria dinastia abássida.

1181 – Assume o papa Lucius III [Ubaldo Allucignoli], até 1185.

Em 1177 o povo cham, da Indochina, invade e saqueia o templo hindu de Angkor Wat. Insatisfeito com os deuses hindus que permitiram a invasão, o rei Jayavarman VII (1181–1215) decide-se mudar dos ingratos deuses hindus para o budismo. A partir daí Angkor Wat torna-se um templo budista.

1181, final – Morre as-Saleh, filho de Nur ad-Din. Um ano depois Saladino entra em Alepo e unifica a Síria e o Egito.

1182 – Nasce São Francisco de Assis[315].

---

314 Archive.org – Rustom Burjorji Paymaster, *Early History of the Parsees in India*, 1954, p. 108-109

315 Wikipedia – Francisco de Assis (1181–1226) Giovanni di Pietro di Bernardone

Philippe Auguste, com dezessete anos, expulsa os judeus da França, confisca-lhes as casas e propriedades. Os barões feudais, entretanto, recebem os judeus em seus domínios. Dezesseis anos depois, com o Tesouro esgotado, convida os judeus a voltarem.

1184 – Morre o 7º Mestre do Templo, Théodore de Glaise. Assume o 8º Mestre do Templo, François Gérard de Riderfort, que fica até 1190.

Durante o Festival de Cavalaria de Pentecostes, o provável Kyot de Provence do *PARSIFAL* de Wolfram, Guiot de Provins – trovador, monge e porta-voz dos templários – visita Mayence [Mainz], na Alemanha. Nesta oportunidade o imperador Frederick Barbarossa conferia a condição de cavaleiro a seus filhos. A cerimônia foi assistida por poetas e trovadores de toda cristandade. Certamente propiciou-se o encontro de Guiot com Wolfram von Eschenbach, cavaleiro do Sacro Império Romano originário da Bavária. Afinal, homens letrados não eram muito comuns à época, e certamente se procuravam quando a ocasião se propiciava. Assim como Guiot, Wolfram fizera uma peregrinação à Terra Santa onde observara os templários em ação.

Através de Wolfram o cálice é enfatizado como muito mais místico e maravilhoso que as histórias de Chrétien de Troyes. Wolfram claramente afirma que o cálice não é meramente um objeto de mistificação e fantasias gratuitas, mas sim um meio de ocultar algo de extrema importância. Frequentemente Wolfram incita ao leitor que procure a mensagem contida nas entrelinhas. Como um bom iniciado, ele Re-Velou, ou seja, deu a mensagem verdadeira, mas velou-a novamente para que apenas os conhecedores dos códigos da Sagrada Linguagem pudessem decifrá-lo. Wolfram deixou muitas e sugestivas indicações ao longo de sua obra.

Como já vimos, na escola pitagórica existiam duas classes de alunos: os *acusmáticos*, ou que simplesmente ouviam, e os *matemáticos*, ou os que calculavam, pesavam e, portanto, tinham a certeza e conheciam a Sagrada Linguagem. Toda obra de Wolfram é uma magnífica alegoria numérica e iniciática. Sua ênfase para o segredo é bem definida, deixando entrever que os poucos que conhecem seu inefável nome por ele são chamados (o grifo é nosso):

> Conheço bem esta questão e sei que em Munsalvaesche, junto ao Graal, vivem muitos valorosos cavaleiros que com frequência de lá se ausentam em busca de aventuras. Esses templários consideram o combate – que para eles resulte em fama ou decepção – um ato de expiação de seus pecados. Ali se concentra uma aguerrida milícia, e agora vou vos revelar donde lhes provém o sustento. Eles são alimentados por uma pedra e se dela nunca tivestes notícia eu vô-la descreverei agora. Ela é chamada *lapsit axillis*. Sua virtudes miraculosas permitem que a Phoenix seja reduzida a cinzas e delas renasça para uma nova vida. É o período de muda da Phoenix. Depois de produzir tal fenômeno, a pedra continua retendo seu antigo esplendor. Se um moribundo contemplar a pedra, a morte não poderã prevalecer sobre ele nas semanas seguintes. Tampouco irá envelhecer, porque conservará a aparência que tinha ao tempo em que avistou a pedra. Quando pessoas, na força da idade – quer se trate de mulher, jovem ou varão – contemplarem a pedra no decurso de duzentos anos, apenas seus cabelos encanecerão. A pedra tem o dom de lhes instilar um vigor capaz de lhes conservar o viço da juventude. A pedra é chamada também 'O Graal'. (...) Ouvi, agora, como se torna conhecida a identidade daqueles convocados para o Graal. Na orla superior da pedra aparece uma misteriosa inscrição. Esta contém <u>o nome e a estirpe das</u>

> moças e rapazes predestinados a empreender a demanda restauradora do Graal. Não é necessário remover a inscrição, pois tão logo tenha sido lida desaparece diante dos olhos dos que a leram. (Wolfram von Eschenbach, *Parsifal*, Ed. Toth, Brasília, 1989, trad. Alberto Patier, pp. 245-247)

A expressão *lapsit exillis* significa "pedra dos céus". A conexão com a palavra *lais*, "elixir" é inevitável, evocando a pedra filosofal. Como veremos adiante em relatos sobre iniciados como Saint Germain, isto parece ser uma realidade, pelo menos para os poucos escolhidos entre os muitos chamados. Todos os antigos iniciados conheciam a importância da alegoria da Pedra como base da construção do edifício divino. Não é à toa que, à época de Wolfram e Guiot, quanto tanto se falava sobre a Pedra dos Filósofos, a Arte das Construções em **pedra** atingiu seu ápice com os *maçons* ou trabalhadores da **pedra bruta**. A própria Igreja organizada pelos apóstolos não negava ter aí sua origem. Afinal, segundo eles próprios esta foi a razão para a escolha de seu primeiro lider: **Pedro**, a ***pedra*** *sobre a qual se assentou toda a Igreja*, a chamada Pedra Fundamental.

Mas, como disse Wolfram, em outro ponto, "*nenhum homem pode jamais ganhar o cálice a menos que seja conhecido no céu e que seja chamado pelo nome até o cálice*." Assim é que seu nome aparecerá gravado na parte superior da pedra. A pedra é o cálculo, apenas dado aos que se dispõem a trabalhar com as sagradas matemáticas. Ser "conhecido no céu" é conhecer as matemáticas que regem o céu, o metro de Deus, a quem Pitágoras e seus *mathematikoi* chamavam "O Supremo Geômetra". Conhecer o Céu é condição básica para "ser conhecido no céu". Por esta razão o sábio judeu que inspirou a Kyot, Flegetanis, não era um mero devocional. Por esta razão a História que nos tem sido mostrada com tanta eloquência nestas linhas que transcrevemos não admite a cega devoção, a ignorância ou mero desconhecimento para entender questões da Sabedoria. Vimos como tal ocorreu com todos os povos que tiveram a possibilidade de contatar o Graal espiritual nas religiões monoteístas. O desconhecimento – portanto a ignorância – das altas ciências iniciáticas que abrem as portas celestes foi condição básica para o isolamento destes humanos da Sabedoria. Somente o profundo conhecimento das estrelas, permeadas em todas as culturas e todas as religiões, pode libertar o homem da sonolência da devoção ou da morte do ateísmo. Flegetanis não era apenas judeu. Em nossa História, ele se aproxima muito mais de um José ou de um Benjamim, ou de um Jesus, pois como nos diz Wolfram (os grifos são nossos):

> Kyot, o renomado mestre, encontrou em Toledo, num manuscrito pagão, o original desta narrativa, que havia sido posto de lado como coisa sem valor. Inicialmente teve que aprender o alfabeto, sem contudo assimilar as sutilezas mágicas de que estava impregnado. Nesse empreendimento foi bem sucedido porque era batizado, caso contrário o texto teria permanecido indecifrável até hoje. Nenhuma ciência pagã é capaz de decifrar a natureza do Graal e seus mistérios. Outrora vivia um pagão chamado Flegetanis, afamado por sua notável sabedoria. Esse naturalista era israelita de raça e descendia de Salomão. Sua origem recuava ao tempo em que o batismo se tornara nosso escudo contra as penas do inferno. Foi esse homem que redigiu os originais do Graal. Por parte de pai, Flegetanis era pagão e prestava culto a um bezerro, como se fosse seu Deus. Como pôde o demônio induzir um povo inteligente a tão infame prática, a ponto que nem mesmo a sabedoria e onipotência divina terem podido demovê-lo de tal propósito? O pagão Flegetanis possuía profundos conhecimentos acerca do movimento dos astros e de suas revoluções.

> Sabe-se que o movimento circular dos astros se acha intimamente ligado ao destino dos homens. Foi assim que o pagão Flegetanis descobriu numa constelação da esfera celeste um segredo ao qual sempre se referia a tremer. Ele explicou que havia um objeto chamado “o Graal”. Esse nome ele viu claramente inscrito nas estrelas. *Uma legião de anjos haviam-no depositado na terra, antes de regressar ao empíreo celeste, onde talvez tenham sido absolvidos e readmitidos no Céu. Desde então, pessoas de coração puro iniciadas pelo batismo deviam encarregar-se de sua guarda. Quem for convocado para o Graal deve ter alcançado elevado grau de perfeição*. (Wolfram von Eschenbach, *Parsifal*, pp. 239-240)

O próprio Parsifal, quando chamado pelo Graal, teve ratificada no céu sua convocação (os grifos são nossos):

> Salve teu alto destino, ó apanágio da ventura humana! Leu-se na pedra que tu serás o novo soberano do Graal. Juntamente contigo foram convocados Condwiramurs, tua esposa, e Loherangrin, teu filho. (...) A seguir, citou os sete astros pelos seus nomes pagãos e que o nobre, poderoso e colorido Feirefiz, sentado à sua frente, conhecia muito bem. Prosseguindo, disse: Presta atenção, Parsifal: Zval (do árabe Zuhal, Saturno), o mais elevado dos planetas, o célere Almustri (Al Muchtari, Júpiter), Almaret (Al Mirrih, Marte) e o brilhante Samsi (Chams, Marte) te trazem boa sorte. O quinto chama-se Alligafir (Al Zuhari, Vênus), o sexto Alquiter (Al Utarid, Mercúrio), e o seguinte Alkamer (Al Qamar, Lua). O que digo não é ilusório. Eles são os esteios do firmamento pois com seu movimento retrógrado impedem que sua rotação seja demasiadamente rápida. Tuas provações terminaram. Mas evita excessos. Eles te excluiriam da seleta comunidade pois o Graal e sua força miraculosa rejeitam as pessoas sem autenticidade. Os sofrimentos ensombreceram tua juventude mas a felicidade que agora está à tua espera afugenta-os para sempre. Tu conquistaste a paz interior e aguardaste a vinda da felicidade em meio a toda a sorte de sofrimentos.
>
> (Wolfram von Eschenbach, *Parsifal*, p. 390)

Wolfram, através do iniciado judeu Flegetanis, nos dá um precioso testemunho do conhecimento do Céu, o Céu iniciático, *não ilusório*, mas real àqueles eleitos pelo Graal. Como não poderia deixar de ser, a astrologia referida pelo autor é a única e iniciática astrologia setenária. Ao contrário do que tentam tantos aventureiros estudiosos dos mistérios celestes, a Astrologia é baseada nos sete planetas citados, além, é claro, dos doze signos, das doze casas e da cabeça e cauda do dragão. Inserções posteriores como os corpos celestes descobertos de Urano, Netuno, Plutão, asteroides e tantos outros são tentativas de preencher uma população celeste insuficiente para todas as combinações astrológicas desejadas. Se a falta de elementos foi corretamente sentida pelos astrólogos, a solução não passa de uma triste tentativa aos iniciados. O elo perdido, o grande cálculo que leva aos outros elementos desejados mas sequer suspeitados, fora declarado perdido pelo sacerdote egípcio Anebo ao intrigado Porfírio (vide ano 268 d.C.).

Por outro lado, Wolfram nos mostra que tal não foi um privilégio apenas dos homens, ou de solitários. Toda a família de Parsifal foi com ele. Como nos disse o autor, o Graal contém o nome das moças e rapazes predestinados (significa que está escrito nas estrelas) *a empreender a demanda restauradora do Graal*. O Sang Real só pode ser restaurado através da sagrada união daqueles que conhecem a si mesmos. E novamente vemos, na origem e na guarda destes augustos mistérios, a participação de um iniciado judeu, o pagão Flegetanis.

Como o leitor já deve ter notado, temos procurado introduzir alguns conceitos desta métrica. Ela foi sugerida pelo próprio Jesus quando disse que, no dia do nosso julgamento – evidentemente antes de termos a pretensão de entrarmos no céu citado por Wolfram – "até os fios de nossos cabelos serão contados". É uma clara referência aos *matemáticos*, não aos *acusmáticos*. Isto porque o ouvir não exige mais que a Retórica ou Gramática, enaltecida por alguns "filósofos" gregos e contra a qual os antigos egípcios tanto alertavam. Filosofar, no fim das contas, não é mais que estar próximo (*philo*) da Sabedoria (*sophia*). Os egípcios referiam-se à Sabedoria pelo peso das palavras. Daí surgiu o conceito pitagórico do silêncio, como aquele praticado por Apolônio de Tiana. Este conceito foi difundido com Pitágoras, mas as antigas iniciações sempre previram tal prática.

O peso das palavras – e do nome do indivíduo que será chamado ao céu – é dado pelo valor numérico de suas letras. No caso da Phoenix citada por Wolfram, seu valor era dado pelo nome original da **Phoenix**. Vem do egípcio "BENNU", do hebraico **BNI** ou Beni, raiz de **Beni**gno, Bondade, o mais próprio atributo de Deus. No valor das correspondentes letras hebraicas temos em BNI as letras Beth-Nun-Iod, e a soma de seus valores correspondentes é 2+50+10=**62**. Por isto Wolfram colocou, na belíssima cena descrevendo a procissão que portava o Graal, 25 moças, belas e deslumbrantes representantes da Mulher, da Mater, da Matéria. A última delas, a magnífica Repanse de Schoye, transportava a **26ª** maravilha, a mais primorosa manifestação de Deus na Matéria: a Pedra dos Filósofos, o Santo Graal. Esta qualidade do Graal, atribuída por Wolfram, de ser o representante da Matéria, manifestação material de Deus, é sintetizada em sua forma de Pedra. É a representação, pelo Supremo Geômetra ou Grande Arquiteto deste Universo, do Deus cristão e judeu – Jeová – representado na Terra ou na Pedra dos Filósofos. Seu entendimento, na verdade, não pertence aos *filósofos*, aos que estão próximos de Sophia, mas sim à própria Sophia, à própria Sabedoria. E esta é representada pelo **62** da Phoenix, pois Deus, Jeová, em hebraico vale **26**: Iod+He+Vau+He = 10+5+6+5 = **26**!

Nas descrições mais antigas sobre a Phoenix, esta era uma ave semelhante a uma imensa águia, cujas plumagens eram douradas e vermelhas. Já a cor do Graal, da pedra de Wolfram, era verde. Na descrição da procissão que trazia o Graal, Wolfram descreveu as 25 jovens ricamente vestidas. As cores por ele mencionadas eram, invariavelmente, vermelhas, verdes ou douradas. A própria almofada que acolhia o Graal era feita de *achmardi* verde, um tipo de veludo árabe luxuosíssimo, entretecido com fios de ouro. O verde representava o aspecto da vida, da vida eterna dada pelo Graal. Era um atributo da deusa do amor, Vênus, e é explicado perfeitamente pela associação feita pelos egípcios com a Phoenix, ou o "Bennu". Associavam-no a Osiris e à "Estrela da Manhã", Vênus. Vênus sendo representado pelo verde, o Sol seria pelo dourado das vestes. Em suma, Wolfram usou a magnífica representação das cores e dos números para chamar a atenção para o caráter Solar do Mito do Graal. Afinal, a própria Igreja fundada pelos herdeiros de Constantino fez da festa do Sol, a entrada em Capricórnio, a festa máxima da cristandade, o Natal. De fato, nosso autor era muito mais que um romancista. Escreveu para poucos entenderem, mas muito eloquentemente.

Wolfram, que estudara a fundo os mistérios templários, continuados mais tarde pelos maçons, sabia muito bem da restrição do Graal ao acesso dos

retóricos ou mesmo dos mentalistas intelectualizados. Por esta razão utilizou, nos versos 115 e 116 de seu magistral Parsifal, a célebre expressão maçônica ao afirmar:

> Se agora me disponho a retomar minha narrativa, contando uma série de fatos surpreendentes, isto não deve ser interpretado pelas mulheres como expediente para lisonjeá-las. Mas quem desejar que eu prossiga não deve considerar esta narrativa como obra de cunho literário. É que eu não sei ler nem escrever. Há na verdade muita gente que considera a formação acadêmica e a erudição como fundamentos necessários ao ofício do poeta. Esta minha história não se ajusta aos princípios da sabedoria livresca. Se este livro fosse confundido com obras deste gênero, prefiriria permanecer sentado no banho, sem roupa e sem toalha, contando que tivesse um abanador à mão. (Wolfram von Eschenbach, *Parsifal*, p. 76)

O grifo é nosso, já que fazemos nossas suas palavras...

1184 – A abadia de Glastonbury é quase totalmente destruída pelo fogo.

1185 – Assume o papa Urbano III [Uberto Crivelli], até 1187.

1185, março – Morre o rei Baudouin IV, de Jerusalém. Começa uma longa disputa entre o senhor de Trípoli, Raymond, conde de Trípoli, e Renaud de Châtillon, o “brins Arnat”. Arnat (Renaud) é um dos mais inescrupulosos e ambiciosos *franj* que se tem notícia, cuja única política é a da Primeira Cruzada: aniquilar os infiéis, saquear e enriquecer. Já Raymond, a quem foi dada a regência do menino-rei de seis anos, é favorável a Saladino, com quem já fizera aliança, em 1180, para manter o respeito às rotas, onde tanto muçulmanos como cristãos, comerciantes e peregrinos, pagam taxas recíprocas, sem abuso, para passar nos territórios inimigos. Apesar das guerras, estas rotas comerciais eram pacificamente mantidas. Arnat foi o responsável por duas violações bárbaras deste acordo. Na última delas, em 1182, ele atacou a própria cidade santa Meca, que nunca antes vira qualquer *franj*. Al-Adel, irmão de Saladino que regia o Egito em sua ausência, perseguiu os bandidos e os massacrou. Desde então Arnat será, para os muçulmanos, símbolo da barbárie nos inimigos europeus.

1186, agosto – Morre o menino-rei de Jerusalém, e a regência de Raymond é contestada. A mãe do monarca casa-se com Guy de Lusignan, fantoche de Arnat. Em outubro Arnat quebra a trégua com Damasco e ataca caravana de peregrinos e mercadores que ia a Meca. Massacra-os e leva outros para o cativeiro. Ao ser lembrado da trégua, responde: “Que vosso Maomé venha, pois, libertar-vos.” Ao tomar conhecimento Saladino jurará matá-lo por suas próprias mãos. Antes, porém, Saladino tenta negociar a libertação dos reféns. Vai a Jerusalém onde o fraco rei Guy se abstém. Saladino lança o *jihad*.

1187 – Assume o papa Gregório VIII [Alberto de Morra], em seguida o papa Clemente III [Paolo Scolari] até 1191.

1187, julho – Saladino bate e aprisiona o rei Guy e Arnat (Renaud), com o maior exército que os ocidentais jamais viram, na batalha de Hittin. Saladino pessoalmente mata Arnat e, dirigindo-se ao rei Guy, que tremia, diz: “Este homem foi morto em razão de sua maleficência e de sua perfídia.” O rei e a maior parte dos prisioneiros são poupados. Mas os templários e hospitalários terão o mesmo destino de Arnat. No cerco aos *franj*, os comandantes de Saladino deixam propositadamente escapar a Raymond, que sempre se mostrara moderado e conciliador com os muçulmanos. Refugiando-se em Tiro, assim como todos os outros benevolamente libertos por Yussef, farão de Tiro o grande ponto de re-

sistência e cabeça de ponte para novas invasões na Terra Santa. Com os *franj* sem exército, Saladino logo tomará quase toda a Síria, incluindo Jerusalém. À exceção de Tiro, Trípoli, Antioquia e seu porto, todas as outras cidades cairão sob Saladino. No combate de Hittin, como nos relata Ibn al-Athir:

> **Os muçulmanos se apoderaram da Verdadeira Cruz. Foi, para os franj, a mais grave das perdas, pois, segundo eles contam, foi nela que o Messias (a paz esteja com ele) teria sido crucificado.** Segundo o islã, somente em aparência é que o Cristo foi crucificado, pois Deus amava demais o filho de Maria para permitir que um sacrifício tão odioso lhe fosse infligido.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 180)
>
> Já no século XII havia no mundo "fragmentos da Verdadeira Cruz" suficientes para encher diversos barcos, e a autenticidade da Cruz que os francos tinham em Hattin é obviamente questionável. O que é importante, porém, é que os francos acreditavam que se tratava da Verdadeira Cruz.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 174)

1187, 2 de outubro – No aniversário da ascenção de Maomé aos céus, o 27 *rajab* do ano 583 da Hégira, numa sexta-feira, no mesmo dia em que os muçulmanos celebram a viagem noturna do Profeta a Jerusalém, Saladino é recebido triunfalmente em Jerusalém. As descrições dos edifícios templários na Cidade Santa eram uma cidade dentro da cidade. Suas cavalariças comportariam mil e quinhentos camelos ou dois mil cavalos; seu refeitório era um imenso salão abobadado e decorado com troféus dos vencidos, e com todas as instalações necessárias para prover todo o material necessário a uma milícia altamente desenvolvida para a época: celas mobiliadas com uma cama, forja, armeiro, adegas, cozinhas, silos escavados na rocha, etc.

> Uma semana depois da conquista muçulmana, tudo isto estava modificado, pois Saladino esforçou-se particularmente para apagar todos os vestígios dos templários. Na sexta-feira seguinte, dia 9, orou na Mesquita al-Aqsa, que tinha sido limpa e purificada (com água de rosas); e depois tratou de dar destino aos sobreviventes do cerco. Não poderia haver maior contraste com o comportamento dos francos em 1099. Ainda estavam vivos mais de vinte mil cristãos; sete mil foram resgatados com dinheiro do tesouro real e das ordens militares, e mil e cem foram simplesmente libertados; os nativos cristãos ficaram em Jerusalém. Os francos que não podiam pagar um resgate – eram vários milhares – foram feitos escravos; mas ninguém foi morto. Se Heráclio (o patriarca) se tivesse comportado melhor, talvez nem sequer tivesse havido escravos; mas a moral nunca desempenhara grande papel na vida dele.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 158-159)

1188 – Aparece o romance de Chrétien de Troyes *Le Roman de Perceval*[316] ou *Le Conte del Graal*. Chrétien era ligado, de maneira indeterminada, à corte do Conde de Champagne. São famosos seus trabalhos sobre o cálice e dedicados à Condessa de Champagne, Marie. Seu romance sobre o cálice não foi dedicado a Marie, mas a Philippe d'Alsace, conde de Flandres, de quem ouvira a história pela primeira vez. Não chegou a completar seu trabalho. Morreu em 1188, mesmo ano em que ocorreu o incêndio de Troyes, que pode ter destruído a única possibilidade de se encontrar a obra completa. Alguns estudiosos dão por suspeito este incêndio. Parsifal é descrito como "o filho da dama viúva", expressão utilizada por heresias gnósticas e dualistas, pelos seus próprios profetas e, às vezes, pelo próprio Jesus. É muito conhecida dos maçons.

316 Wikipedia – Perceval romance incompleto, primeiro texto que menciona o Graal.

O Corte do Olmo[317]: rompe a Ordem do ~~Sinai~~ Sion com a Ordem do Templo, em Gisors.

Por razões desconhecidas, Henrique II da Inglaterra e Filipe II da França desentenderam-se sob o olmo sagrado. Segundo uma narrativa, o olmo fornecia a única sombra no Campo Sagrado. Ele teria mais de oitocentos anos e era tão grande que nove homens, dando-se as mãos, quase não abraçavam seu tronco. Henrique II e sua comitiva abrigaram-se à sua sombra deixando o monarca francês e sua corte, que chegou mais tarde, ao sol fustigante. Cavaleiros armados teriam trocado insultos. Após uma flecha lançada pelos ingleses, os franceses, em maior número, começam o ataque. Os ingleses refugiaram-se no castelo de Gisors enquanto os franceses cortaram a árvore. Outras versões relatam uma grande batalha, onde teria participado Ricardo Coração de Leão, filho de Henrique II. A ligação direta com os templários vem de Gisors, que 30 anos antes havia sido confiada ao Templo, e de Ricardo I, que frequentemente era acompanhado por Cavaleiros. Segundo os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, os Documentos do Monastério afirmam que os templários tornaram-se autônomos em 1188. A partir daí passaram a ter autonomia total para seguir seus próprios objetivos e tomar seu rumo na História. Daí em diante não seriam mais o braço armado da Ordem do ~~Sinai~~ Sion, elegendo seus próprios grão-mestres. Até 1188 os grão-mestres das ordens eram os mesmos. O primeiro grão-mestre independente do ~~Sinai~~ Sion foi Jean de Gisors. Neste ano a Ordem do ~~Sinai~~ Sion teria modificado seu nome para o atual Monastério [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion. Como subtítulo utilizava Ormus, até um ano antes da prisão dos templários, 1306.

> O símbolo para Ormus era ♍, e envolvia uma espécie de anagrama que combina várias palavras-chaves e símbolos. *Ours*, em francês, significa urso; em latim, *Ursus*, um eco, como se tornou depois evidente, de Dagobert II e da dinastia merovíngia. *Orme* é olmo em francês. *Or*, é claro, é ouro. E o M que forma o quadro em volta das outras letras não é somente um M, mas também o sinal astrológico para Virgo, significando, na linguagem iconográfica medieval, Notre Dame.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 87-88)

Vale lembrar que o célebre protagonista do Graal celta, Arthur, tem seu nome originário de *Arth*, em gaulês, significa *Ursa*... Segundo os maçons, Ormus foi nome de um sábio egípcio, gnóstico de Alexandria, que viveu nos primeiros anos da era cristã. Em 46 d.C. teria sido convertido numa forma de cristianismo primitivo por São Marcos, constituindo uma fraternidade de Iniciados cujo símbolo era uma Cruz Vermelha ou Rosa. Em 1188 o Monastério teria adotado um segundo subtítulo: Ordem Rosacruz Veritas.

1188 – Dos anais da Grande Loja de Londres: [texto repetido do ano 46 d.C.]

> Segundo o barão de Westerode (carta [de 1784] citada por Thory), existia, no Oriente, uma seita filosófica chamada "Sociedade de Ormus", fundada por Ormus ou Ormesius, padre egípcio convertido por São Marcos em 46. Seus adeptos professavam um misto de doutrinas egípcias e cristãs; denominavam-se "Sábios da Luz", e traziam como emblema uma cruz vermelha. Mais tarde reuniram-se a uma Escola, chamada "Da Ciência de Salomão", de origem essênio-judaica, de onde, talvez, surgisse a Maçonaria. Em 1188, após a tomada de Jerusalém por Saladino, os discípulos dessa Escola fundaram, na Europa, a Ordem dos Maçons do Oriente ou dos Cavaleiros do Oriente, onde ensinavam as altas ciências.

317 Wikipedia – Corte do olmo atrito diplomático entre os reis da França e Inglaterra.

Fundação da Ordem Rosacruz por Jean de Gisors[318], segundo o Manuscrito *Histoire polytique et du Pays de Vulcain*, de 1629, escrito por Robert Denyau, padre de Gisors (Coleção Montbret 2219, V 14a, Biblioteca de Rouen). Existem grandes dificuldades de confirmar esta informação. Das 575 páginas, a maioria é quase ilegível, faltam muitas páginas e outras foram cortadas ou tiveram seções removidas. Somente o *Calendarium Martyrology* é claramente legível. É uma confirmação verbal do século XVII dos Documentos do Monastério.

Um grande incêndio destrói a catedral de Troyes. Só em 1208 seria retomada sua reconstrução.

1189 – Concílio de Rouen, condenando as confrarias operárias de pedreiros.

Frederick I, o Barbarossa, incita à Terceira Cruzada contra os muçulmanos de Saladino.

1189, 4 de junho – Segundo os relatos dos próprios muçulmanos, a Verdadeira Cruz que foi roubada na batalha de Hittin, em 1187, foi levada para Damasco e de lá para Bagdad. Nesta data, o califa ordenou que fosse enterrada a cruz "para ser pisada por pés muçulmanos." Já outros relatos francos dão conta de terem visto a Verdadeira Cruz na tenda de Saladino. O fato é que Ricardo Coração de Leão fará deste duvidoso objeto de adoração um dos pontos inflexíveis de suas exigências para assinatura de um acordo com Saladino.

1189, agosto – Um ano após ter sido libertado sob juramento de nunca mais cruzar espadas contra o islã, o deposto rei de Jerusalém, Guy de Lusignan, sitia o porto de Acre. Cada vez mais afluem barcos da Europa. Ibn al-Athir nos conta:

> Após a queda de Jerusalém, os franj se vestiram de negro e partiram além dos mares a fim de pedir ajuda e socorro em todos os países, particularmente em Roma, a Grande. Para incitar as pessoas à vingança, levavam um desenho representando o Messias – que a paz esteja com ele – todo ensanguentado, com um árabe que o moía de pancadas. Eles diziam: **Olhai! Eis o Messias, e eis Maomé, profeta dos muçulmanos, que o espanca mortalmente!** Comovidos, os franj se unem, inclusive as mulheres, e aqueles que não podiam vir pagaram as despesas daqueles que iriam bater-se em seu lugar. Um dos prisioneiros inimigos me contou que era filho único e que sua mãe tinha vendido a própria casa para lhe fornecer o equipamento. As motivações religiosas e psicológicas dos franj eram tais que eles estavam prontos a vencer quaisquer dificuldades para chegar a seus fins.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 193)

A batalha por Acre torna-se impiedosa. Quanto mais cristãos morrem em combate, mais chegam por mar.

1189, 3 de setembro – Assume Ricardo Coração de Leão como rei da Inglaterra. Após alguns meses, parte para a cruzada à Terra Santa. O país sofreu pouco, pois Hubert Walter governou melhor que ele na sua ausência.

> Enquanto Ricardo I era coroado em Westminster, teve início um movimento violento que culminou na pilhagem dos bens dos judeus de Londres e na morte de muitos deles; o vandalismo estendeu-se noite adentro e no dia seguinte à luz das casas que se incendiaram. Na primavera seguinte, o exemplo foi seguido em todo o país, tão logo o rei cruzou o Canal da Mancha. Norwych, Bury, Lynn, Dunstable, Stamford – todas estas cidades colocaram seus nomes, em letras de sangue, nos livros do martírio judeu. O ponto culminante foi em York, onde, depois de um ataque preliminar, os judeus buscaram abrigo no castelo e resistiram durante algum tempo a um verdadeiro assédio. Finalmente, percebendo que não havia possibilidade de

318 Wikipedia – Jean de Gisors (1133–1220) senhor normando, fundador da cidade Portsmouth

> salvação, decidiram privar seus inimigos ao menos do prazer do massacre. Liderados pelo rabi, todos os chefes de família mataram suas esposas e filhos, e uns aos outros em seguida. Quando, na manhã seguinte, o grande sábado que precede Pessach (a Páscoa), 17 de março, de acordo com os cálculos atuais – os portões do castelo foram forçados, poucos eram os sobreviventes capazes de narrar a história daquela noite de pesadelo. Vale notar que, neste caso particular, os líderes do movimento eram membros da baixa baronia que tinham transações financeiras com os judeus, e cujo ardor religioso era certamente aumentado – senão até determinado – pelas dívidas monetárias que lhes pesavam.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 69-70)

As comunidades judaicas inglesas jamais se recuperarão inteiramente após os massacres de 1189–1190.

Ricardo nasceu em 1157. Tinha mais de 1,80 m de altura, cabelos louros e olhos azuis. Como sugere seu nome, era um esplêndido guerreiro. Era também um poeta, e o povo amava escutar suas canções, mas como rei era muito deficiente quanto aos requisitos para um bom reinado. Filho do primeiro rei plantageneta e Eleanor de Aquitaine, ambos nascidos e educados na França, suas posses na França eram maiores que na Inglaterra. O francês era a língua da corte plantageneta e sua língua natal, tendo vivido na França a maior parte de sua vida. Mesmo após ser rei da Inglaterra fez apenas duas rápidas visitas ao reino. Na corte eram sempre bem vindos filhos de trovadores e menestréis.

Na Sicília, a caminho das cruzadas, Ricardo disputou contenda com o rei francês Philippe, mas por fim juntaram-se na Terra Santa para derrubar Acre em 1191. Por causa de sua coragem foi reconhecido como bravo e inigualável cavaleiro, especialmente por seu grande rival e admirador Saladino. Segundo um escritor árabe: "*Ele era bravo, experiente na guerra e sem medo na morte. Se estivesse sozinho entre milhões de inimigos, não cairia na batalha; quando atacava não havia resistência*." Tornou-se o líder natural da cruzada.

1190 – Morre o 8º Mestre do Templo, François Gérard de Riderfort.

Frederick I, o Barbarossa, na jornada pela Ásia Menor com seu exército rumo a Jerusalém, afoga-se no rio Saleph, provavelmente vitimado por um ataque do coração. A sorte de Saladino mais uma vez lhe sorri, pois estava prestes a abandonar a frente em Acre para deslocar-se ao norte.

Encontrada, em Glastonbury, a suposta tumba do rei Arthur. O relato que segue é de Giraud de Cambrie[319], um dos mais úteis relatores de boa vontade do final do século XII e início do século XIII. Pelo seu conhecimento das ilhas britânicas, as quais descreve com perfeição, e pelas diversas tradições que relata concernente às principais regiões das ilhas, é um precioso auxiliar para o estudo dos celtas e do fenômeno arturiano. Vejamos o que ele escreveu, em 1192, dois anos após o evento, a propósito da tumba de Arthur:

> Sabe-se ainda de Arthur, o famoso rei bretão, e sua memória não está extinta, que ele é grandemente louvado na história da excelente abadia de Glastonbury, da qual ele mesmo foi, em seu tempo, um distinto patrono, um generoso doador e protetor.
>
> (Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société celtique*, Payot, Paris, 1985, p. 126)

Pelas escavações arqueológicas isto é absolutamente impossível. Sabemos que não há qualquer objeto datando da Idade das Trevas, como são chamados os tempos arturianos, no solo onde está localizada a abadia de Glastonbury. Pelo contrário, há abundantes comprovações sobre a colina fortificada que

319 Wikipedia – Gerald of Wales ou Giraldus Cambrensis, arquidiácono de Brecon (1146–1223)

domina a abadia e que é chamada *Glastonbury Tor*. A ocupação, nos tempos arturianos, se fez unicamente sobre esta colina, o que significa que havia uma fortaleza, pois os objetos e resíduos encontrados não são de um monastério. Mas continua Cambrie:

> Seus corpos, aqueles que as histórias populares haviam inventado um fim fantástico (Giraud, acostumado a relatar as várias tradições orais dos países que visita, sempre afirma que não crê numa palavra destas histórias; faz alusão aqui às crenças populares segundo as quais Arthur não estaria morto, mas que havia sido conduzido à Ilha de Avalon[320], a fim de ser tratado por Morgana), diziam que havia sido conduzido a um local longínquo e que não teria subido à morte, foi descoberto recentemente em Glastonbury entre duas pirâmides de pedra, no solo do cemitério. Estariam profundamente enfiados na terra, encerrados num tronco de carvalho oco, (costume muito raro, entretanto, para um chefe; talvez não para um sacerdote) e esta descoberta foi acompanhada de sinais maravilhosos e miraculosos. Ele foi, com honra, transportado à igreja e colocada sobre uma tumba de mármore. E uma cruz de chumbo foi encontrada sob uma pedra, não em cima, como seria o costume hoje, mas abaixo desta pedra. Nós a vimos e deciframos a inscrição que não estava aparente, mas ao contrário, virada para a pedra: AQUI JAZ O FAMOSO REI ARTHUR COM GUINEVERE[321] SUA SEGUNDA ESPOSA NA ILHA DE AVALON. De tudo isto resultaram coisas memoráveis.
>
> (Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société celtique*, p. 126)

É um dos raros textos que se refere a uma segunda esposa de Arthur. Mas pode ser uma alusão à lenda da falsa Guinevere[322], tal como aparece no *Lancelot em Prosa*[323] e na obra de Thomas Malory[324]. A afirmação de Avalon, no texto, é uma prova que a inscrição data da segunda metade do século XII, pois os autores do início do século como Geoffrey de Monmouth, Guillaume [William] de Malmesbury e Caradoc de Llancarvan chamavam Glastonbury de *Inis Gutrin* (Ilha de Vidro), nunca identificada com a ilha de Avalon. Parece ser um desejo dos Plantagenetas que quiseram fazer de Glastonbury a Ilha de Avalon, e os monges da abadia, no interesse de desenvolver a peregrinação em seu monastério, largamente participaram da difusão desta identificação. Mas continuemos com a descrição de Giraud de Cambrie:

> Ele tinha tido duas esposas, e é a última que tinha sido enterrada ao mesmo tempo que ele, e sem dúvida seus ossos haviam sido descobertos com os de seu marido. Entretanto, eles estavam separados, pois que duas partes se encontravam na cabeça do sarcófago, para conter os ossos de um homem, enquanto que a terceira parte, aos pés, continham os ossos de uma mulher colocada claramente à parte. Se achara também uma mecha de cabelos louros (quer dizer que a mulher era loura ou que os cabelos eram descoloridos, como o uso céltico da época) que haviam pertencido a uma bela mulher, pelo seu aspecto e sua cor de origem a qual, desde que um religioso tivesse segurado muito bruscamente, estaria caído em pó. As indicações sobre o fato de que os corpos haviam sido enterrados aqui tinham sido encontrados nos arquivos do lugar, junto às inscrições que se encontraram nas pirâmides, se bem que um pouco estragados pelos anos, e dentro das visões e das revelações que advinham dos clérigos e dos santos homens. (Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société celtique*, p. 127)

320 Wikipedia – Avalon ilha lendária citada nas lendas arturianas.

321 Wikipedia – Guinevere. No texto citado de Markale está como *Gueniècre* (forma francesa). Em português é Genebra. Para padronizar trocou-se a forma francesa pela inglesa.

322 Wikipedia – Gwenhwyfach – Falsa Guinevere

323 Wikipedia – Lancelot-Graal série de 5 obras em prosa francesa medieval, centradas no rei Arthur.

324 Wikipedia – Le Morte d'Arthur obra em inglês médio do séc. XV, compilação de diversas lendas arturianas, escritas na prisão. O título está em francês errado ("morte" é feminino).

> Sabe-se que Glastonbury era, em todos os tempos, uma oficina especializada em falsos documentos. A maior parte dos fatos que os monges de Glastonbury exibiam para obter favores e privilégios eram inteiramente fabricados – e envelhecidos – por eles. De qualquer forma, o costume céltico exigia que se erigisse uma pedra colocada sobre a tumba daquele que se enterrava. Quem quer que seja o indivíduo que os monges descobriram em 1190, é certo que era um chefe bretão do período pós-romano. As duas pirâmides correspondentes aos dois corpos não deixam qualquer dúvida sobre isso. Giraud continua: Mas sobretudo, foi pela graça de Henrique II, rei da Inglaterra, que havia ouvido de um velho cantor bretão lhe relatar que os corpos (de Arthur) seriam encontrados a 16 pés de profundidade na terra, não dentro de uma tumba de pedra, mas num tronco de carvalho oco. Henrique havia relatado isto aos monges. Esta afirmação é excepcional, pois é de um contemporâneo confirmando a opinião segundo a qual o rei Henrique II fazia de sua corte o ponto de encontro de trovadores bretões – gauleses, corniques ou armoricanos.
>
> (Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société celtique*, p. 127)

Segundo Markale, Henrique II teria grande interesse em descobrir o cadáver de Arthur, na medida em que poria fim à lenda da sobrevivência de Arthur. Dessa forma ele poderia se por como sucessor legítimo de Arthur, e poderia impor seu filho, o duque da Bretanha, como herdeiro arturiano (a linhagem dos Plantagenetas havia sido implantada com seu pai, Geoffrey). Ele continuava a enfrentar ainda muita oposição em todo o reino. Continuava havendo muita revolta em seu reino, contínuas revoltas no país de domínio céltico, revoltas que não cessariam com a crença na sobrevivência de Arthur. Henrique II sabia bem que deveria cortar o mal pela raiz sob os pés de certos chefes nacionalistas. Ademais, a notícia sendo dada por um bretão não levantaria suspeitas nos adversários. (Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société celtique*, p. 127)

Do lado dos monges, a destruição da abadia seis anos antes via no interesse de Henrique II a grande possibilidade de sua reconstrução, a qual foi efetivamente por ele financiada. O interesse futuro de Henrique II certamente estaria em seu filho, Ricardo Coração de Leão, consolidando definitivamente a linhagem dos Plantagenetas iniciada por seu pai, Geoffrey. Este, porém, sempre esteve muito dissociado da vida inglesa e estava muito ocupado na cruzada. Seu irmão, João Sem Terra, como seria de se esperar desdenhava a abadia. Então, segundo alguns autores, o proveito dos padres de Glastonbury foi unicamente deles.

Continuemos o relato de Giraud de Cambrie:

> E os corpos haviam sido descobertos nesta profundidade, e bem escondidos de receio que, numa eventualidade de invasão dos saxões na ilha, contra os quais Arthur havia combatido com toda energia durante sua vida, não fossem vistos de dia (isto explicaria a longa pesquisa e porque não se encontrou logo a tumba). E é também por esta razão que a inscrição sobre a cruz, que teria revelado a verdade, havia sido virada ao contrário na pedra, para esconder no correr dos tempos lá o que a tumba esconderia, e para informar os séculos futuros. O que hoje é Glastonbury era chamado nos antigos tempos Ilha de Avalon, porque é quase uma ilha, inteiramente circundada de lagoas, donde o nome bretão de Inis Avalon, quer dizer, Ilha dos pomos (Insula Malifera), porque os pomos, aval em bretão, abundavam neste lugar. É lá que Morgana, uma nobre dama que seria senhora desta região, parente próxima de Arthur, depois da Batalha de Camlann (Kemelen), o havia trasladado, nesta ilha chamada agora Glastonbury, porque ele foi curado de suas feridas. Chamou-se então

do hábito este lugar, em bretão, Inis Gutrin, quer dizer 'Ilha de Vidro'. Daí os bretões a chamaram Glastingeburi. Porque em sua língua glas significa vidro, e um campo ou vila se chama buri (é uma falsa etimologia, pois na verdade vem de 'estabelecimento da raça de Glas'; o nome é saxão e provavelmente depois foi traduzido em Inis Gutrin, por analogia com as lendas célticas da Torre de Vidro). Nós sabemos que os ossos do corpo de Arthur que foram descobertos eram tão grandes que neste fato nós poderíamos ver o complemento das palavras do poeta: *quando as tumbas forem abertas, se maravilharão do grande tamanho dos ossos* (Virgílio, Geórgicas, I, 497). Os ossos da coxa, quando colocados perto do maior homem presente, como nos mostrou o abade segurando-o no solo com o pé, atingia três polegadas acima do joelho. E o crânio era também de uma dimensão muito grande e verdadeiramente prodigioso: o espaço entre as duas sobrancelhas ou os dois olhos era da largura de um palmo. Mas no crânio havia ferimentos, dez ou mais, que haviam todos sido cicatrizados salvo um apenas que formava uma grande fenda e que deve ter sido a causa da morte. (...) Com toda certeza, Giraud de Cambrie se informou pessoalmente. Ele mesmo viu os pretendidos ossos de Arthur e Guinevere. Ele mesmo mede o tamanho excepcional do esqueleto do homem que foi exumado. Mas a descrição sobre a cruz, decifrada penosamente, é verdade, põe um problema, pois um certo Ralph de Coggeshall, que escreveu em 1220 uma *Chronicum Anglicanum*, não está inteiramente de acordo com Giraud. Seu relato é de 1191: Neste ano foram encontrados em Glastonbury os ossos do muito renomado rei Arthur, outrora rei da Bretanha, enterrado num baú muito antigo (não faz menção do tronco de carvalho oco), sobre o qual duas pirâmides de pedra haviam sido erguidas. Nas suas costas havia uma inscrição ilegível (poderia estar apagada, mas não se pode pensar numa escritura ogâmica, como a irlandesa, pois ninguém poderia traduzi-la à época), em razão da rudeza da escritura e também da sua deterioração. As ossaturas foram descobertas como segue: ao se escavar o solo para enterrar um monge que havia manifestado durante sua vida o desejo de ser enterrado naquele lugar, descobriu-se uma urna sobre a qual uma cruz de chumbo havia sido colocada, portando a inscrição: AQUI JAZ O FAMOSO REI ARTHUR ENTERRADO NA ILHA DE AVALON (não faz menção de Guinevere). Porque aquele sítio, que é repleto de lagos, era outra vez chamado de Ilha de Avalon, quer dizer, Ilha dos pomos. Percebem-se aqui notáveis diferenças do texto de Giraud. A começar na data (um ano antes), mas isto é discutível. (...) Depois há somente um nome na inscrição, o que não quer dizer que haja apenas um cadáver no ataúde. E notou-se que se trata de um ataúde e que a cruz não parece ter sido escondida. Além do mais, não existe absolutamente a questão da intervenção do rei Henrique II: a descoberta foi feita por acaso. E é provavel que os monges de Glastonbury, sob a atitude dos filhos de Henrique II em sua atenção, tivessem lhe reservado a honra da descoberta.

(Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société celtique*, pp. 127-129)

Outros estudiosos ponderam que os monges da abadia não tomaram vantagem para si da fraude. Um sentimento comum entre muitos eruditos modernos é que os monges falsificaram sua história original, incluindo as cartas e a associação com santos e reis para apoiar sua nobre origem. Como vimos nos anos 48 e 63 d.C., no início do século XIII os monges de Glastonbury adulteraram o *De Antiquitate Glastoniensis Ecclesiae* de William de Malmesbury, dando a chegada de José de Arimateia na Bretanha em 63 AD à frente de um grupo de missionários. Eruditos modernos sustentam que, à época em que foram descobertos os corpos de Arthur e Guinevere, antigas lendas célticas foram redescobertas fazendo com que os monges adotassem a origem de sua abadia a partir de José de Arimateia.

O fato é que, misteriosamente, desta mesma época advém o grande renascimento das lendas iniciáticas do Graal. De alguma maneira elas aparecem interligadas por uma origem que os historiadores não conseguem traçar convenientemente. Dificilmente se pode atribuir a uma única fonte este movimento, uma vez que manifestou-se fortemente com a mesma intensidade em regiões tão distintas quanto a Inglaterra, a Espanha, a Alemanha e a Occitânia, por autores tão independentes como Geoffrey de Monmouth, Robert de Boron, Chrétien de Troyes, Wolfram von Eschenbach e muitos outros, como os anônimos autores do *Perlesvaus*, do *Cavaleiro da Espada*, o *Lancelot em Prosa* e tantos outros. Mesmo importantes documentos, tido como históricos, utilizados até hoje para rastrear a história antiga da Europa, foram recompilados nessa época. É o caso de dois manuscritos contendo as mais antigas citações históricas sobre Merlim, o Mago, e Arthur: o *Harleian 3859*, do início do século XII, contendo os *Annales Cambriae*, e o *London Cotton Vesp. D XXI*, do século XII. Ambos contém a *Historia Britonnum*, de Nennius, com a mais antiga citação sobre Merlim (vide ano 630 d.C.).

Os *Annales Cambriae* com a *Historia Britonnum* são os únicos documentos que poderiam ser considerados históricos mencionando Arthur (vide anos 516 e 537 d.C.). Ambos os manuscritos datam do século XII. Tão forte foi esta corrente no século XI que os monges de Glastonbury foram forçados a mudar a própria história de sua origem mais de um milênio depois.

Quanto à inscrição na cruz de Arthur, num primeiro momento tenderíamos a crer em Giraud de Cambrie, uma vez que foi testemunha ocular. Entretanto, a inscrição feita por Ralph de Coggeshall é a mesma de uma gravura representando a famosa cruz e que se encontra no livro de Camdem, publicado em 1610 sob o título *Britannia*.

Figura 39: A CRUZ DA TUMBA DE ARTHUR



King Arthur & Avalon

Como desempatar os dois cronistas? Seria aconselhável ficar numa prudente expectativa. De qualquer modo, nós temos uma outra versão da descoberta da tumba do rei Arthur, e é devida a um cronista, Adam de Domerham, que escreveu um século após a descoberta, em 1290. Eis o texto:

> O rei (Ricardo Coração de Leão) eleva à dignidade de abade de Glastonbury, Henrique de Sully, prior de Bermondsey, um homem de linhagem real ... Ele se dispunha constantemente de dispor mais convenientemente os corpos do famoso rei Arthur (pois ele tinha residido aqui 648 anos antes da velha igreja – quer dizer,

> a capela da Virgem – entre duas pirâmides de uma magnífica escultura). Um dia, o abade resolveu contornar o lugar com cortinas e ordenou que fosse feita a escavação… O abade e os monges remontaram os restos, os transportaram alegremente para dentro da igreja e lhes colocaram numa tumba dupla magnificamente esculpida. O corpo do rei foi colocado à cabeça da tumba e o da rainha aos pés, de costas para o leste, e eles permaneceram lá ~~naquele dia~~ até o presente dia. (Geoffrey Ashe, *The Quest for Arthur's Britain*, p. 99)

> Graças a este texto, pode-se saber o local exato ou o sítio da descoberta do suposto corpo de Arthur. Foi dito também que se tratavam de dois cadáveres, e que os 648 anos durante os quais os corpos estavam enterrados correspondem à batalha de Camlann, que foi fatal a Arthur, no ano 537 segundo os *Anais de Cambrie*, no ano 541 segundo os *Anais de Tigernach*. Depreende-se igualmente, e isto não é sem interesse, que Ricardo Coração de Leão tinha os mesmos interesses que seu pai concernente ao rei Arthur, uma vez que quis honrar solenemente seus restos gloriosos. Aliás, Ricardo não se limita apenas a isso: ele iria passar à herança longínqua de rei dos bretões. Um fato nos prova. Na Sicília, no começo do mês de março de 1191, logo que ele se encontra com o rei Tancredo, eles, como manda o costume, trocam presentes. Ricardo recebe um anel, mas Ricardo oferece uma espada a Tancredo, que segundo ele seria a famosa Excalibur, a espada do rei Arthur.
> (Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société celtique*, p. 129-130)

Existia uma preocupação constante dos Plantagenetas de ligar-se a tradições míticas e heroicas bretãs. Verificaremos isto também no irmão de Ricardo, João Sem Terra. Em 1200 ele desposará a bela Isabelle d'Anjoulême, de doze anos, noiva de Hugues de Lusignan, começando uma guerra com os Lusignan. Com isto, João pretendia descender de uma família mítica como a dos Lusignan, os quais passavam por descender da fada Melusina. Os outros Plantagenetas continuarão se interessando pela lenda arturiana, como será o caso de Edward I (vide ano 1278 d.C.).

1190/1199 – Robert de Boron compõe o *Roman de l'Estoire du Saint Graal*.[198]

1190/1212 – Escrito o *PERLESVAUS*, por autor estranhamente anônimo.

1191 – Assume o papa Celestino III [Giacinto Bobone Orsini], até 1198.

Assume Robert de Sablé como 9º Mestre do Templo, ficando até 28 de setembro de 1193.

Moisés ben Maimon (Maimônides) compõe o *Mishné Torá* ("Repetição da Lei")[325], renascendo o Talmud com uma ordenação metódica e abrangendo desde os princípios filosóficos à sua prática. Dessa forma, proporcionou que tanto os eruditos como os menos letrados tivessem acesso ao Talmud. Numa sociedade da época que exaltava o aristotelismo, Moisés ben Maimon resgatou para o judaísmo uma racionalidade que o colocou num nível de entendimento das mais atuais filosofias da época.

1191, junho – Ricardo Coração de Leão chega a Acre, dois meses após Philippe Auguste, rei da França.

> Aos 33 anos, o gigante ruivo que traz a coroa da Inglaterra é o exemplo típico do cavaleiro belicoso e frívolo, cuja nobreza de ideais mal esconde a brutalidade desconcertante e a total ausência de escrúpulos. Mas se nenhum ocidental é insensível ao seu encanto e ao seu inegável carisma, o próprio Ricardo fica fascinado por Saladino. Desde sua chegada procura encontrá-lo. Despachando um mensageiro a al-Adel, ele lhe pede para

325 Wikipedia – Mishné Torá compilado entre 1170 e 1180, enquanto estava no Egito. É sua obra magna.

> preparar uma entrevista com seu irmão. O sultão responde sem um momento de hesitação: '*Os reis se reúnem somente após a conclusão de um acordo, pois não é conveniente guerrear uma vez que se conhece e que se sentou à mesma mesa*', mas ele autoriza o irmão a encontrar Ricardo, com a condição de que cada um deles esteja rodeado por seus soldados. Os contatos prosseguem, mas sem grandes resultados. (...) Enquanto esses confrontos prosseguiam, o rei inglês preparava ativamente o assalto final contra Acre. (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 196)

No mês seguinte cai Acre, após dois anos de sítio. Saladino e seus soldados choram a perda. Os muçulmanos cercados foram libertados, sob a supervisão do próprio Ricardo, ordenando que ninguém os importunasse. Tal não foi necessário, pois na verdade, os cristãos estavam impressionados com a grandeza dos muçulmanos que deixavam Acre.

> Uma testemunha ocular escreveu:
>
> > Neste dia crítico a probidade daqueles turcos foi admirável, assim como sua grande bravura. [...] Naquele momento, ao transporem as suas altas muralhas para saírem da cidade, eram observados pelos olhos profundamente curiosos dos cristãos, que os admiravam especialmente como soldados e que os recordavam. O seu aspecto, ao emergirem quase de mãos vazias da cidade, era surprendente na sua graciosidade e dignidade. Embora a extrema necessidade tivesse acabado de vencê-los, reduzindo-os quase à mendicidade, a sua fidelidade não desaparecera; pelo contrário, no seu aspecto animoso pareciam vitoriosos.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 171)

Mas Saladino preocupava-se com os prisioneiros. Começam os acordos para libertação, com pesados termos.

> Sabendo disso, e conhecendo bem demais a cultura de Ricardo, Saladino mostrou-se cauteloso na execução dos termos do tratado. Perguntou aos templários, '*em cuja palavra confiava embora os odiasse*', se Ricardo cumpriria ou não sua parte do acordo. Os cavaleiros recusaram-se a responder. Não se poderia ter uma avaliação mais prejudicial da integridade de Ricardo. A reputação de honestidade e de compaixão do próprio Saladino era justificada: o seu comportamento em Jerusalém foi o exemplo mais famoso, e reconhecido até na Europa. O poder que exercia sobre seu povo baseava-se no obviamente genuíno amor que lhe tinha e na sua inflexível fidelidade ao islã. Só nesta fidelidade podia se tornar fanático ou desumano, como o demonstrara a sua execução dos templários em Hattin. Em geral, lutava apenas para conservar a pureza da sua terra e da sua religião, e não, como faziam frequentemente os francos, pelo amor da luta e do saque. (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 172-173)

Aliás, a própria queda de Acre deu-se gracas não ao idealismo dos sitiantes, mas à fortuna amealhada por Ricardo em Chipre e Messina. A queda dos muros da cidade só foi possível pelo generoso pagamento de Ricardo por cada pedra arrancada da muralha: duas, três ou quatro moedas por cada pedra retirada. Philippe Auguste, por sua vez, revelou-se mais um teórico burocrata e político que um guerreiro. Suas diferenças com Ricardo não tardaram a aparecer, mostrando-se muito mais um mesquinho político que um conquistador. A conquista de Acre, após noventa e oito semanas de cerco e com apenas trinta e quatro dias de participação de Ricardo, mostrou, para o irritado monarca francês, a guerra prática, eficiente e econômica sobrepondo-se à luta idealista e mesmo religiosa.

Logo Saladino confirmará que Ricardo está longe de ter a magnanimidade muçulmana que tanto caracterizou Yussef. Ricardo exige a elevada soma de 200 mil moedas de ouro e a libertação de 1.500 prisioneiros cristãos nomeados para a libertação dos reféns de Acre, além da devolução da Verdadeira Cruz. Tudo isto em menos de duas semanas. A devolução da Cruz era, para os muçulmanos, a última condição, pois jamais tiveram um objeto de negociação tão valioso. A última proposta de Saladino previa a manutenção dos números da negociação mas o tempo estendido para três meses. Um terço da soma em dinheiro e um terço dos prisioneiros libertados a cada vez. Em 2 de agosto a primeira leva de prisioneiros e dinheiro é trocada. Como os prisioneiros nomeados não conferiam com a lista proposta, Saladino pediu que os reféns de Acre fossem trocados por outro conjunto, o que, ao desconfiado Ricardo, soou como uma artimanha no acordo. Desejando logo partir para conquistar a Terra Santa, Ricardo, numa atordoante distância em relação a todas as atitudes de Saladino, decide livrar-se logo do incômodo de ter dois mil e setecentos soldados e trezentas mulheres e crianças como reféns. Reúne-os defronte aos muros da cidade, atados e aglomerados como um único bloco, e entrega-os aos soldados francos, que massacram-nos com pedras, lanças e sabres até o silêncio total.

Os homens de Saladino, acampados ao longe, não compreenderam o que se passou. Saladino ainda tentou enviar uma tropa para evitar o massacre, mas, como observou mais tarde um franco satisfeito, "*tampouco houve qualquer demora*". Os muçulmanos lutaram ainda até o fim do dia mas foi inútil pois a chacina já tinha ocorrido. Na verdade, ainda hoje pouco se pode dizer de tal atitude e as razões que levaram Ricardo a tomá-la. O certo é que o "nobre" soberano inglês mostrou, assim, toda sua "grandeza"...

1192, setembro – Ricardo Coração de Leão finalmente aceita a trégua de cinco anos proposta por Saladino. Saladino propôs a permanência das possessões de cada uma das partes, com os árabes mantendo Jerusalém e permitindo plenamente a peregrinação desarmada de cristãos. Visivelmente esgotado e doente, Ricardo parte para casa em outubro. Os cristãos acorrem em grande escala a Jerusalém, e Saladino em pessoa recepciona os mais ilustres convidando-os a se sentarem na mesa com ele. Ricardo, entretanto, apesar de todos os seus esforços para chegar e lutar na Terra Santa, abandona-a sem conhecer o Santo Sepulcro, pois não achou digno entrar em Jerusalém sem ser como conquistador. Para Saladino e todo o mundo árabe, aquela terra sempre foi dos seus, e os francos nada mais eram que invasores. Quanto à sacralidade de Jerusalém para os cristãos, Saladino rebatera a alegação de Ricardo dizendo: "... *foi em sua direção que nosso profeta realizou sua viagem noturna, e é ali que nossa comunidade irá reunir-se no dia do julgamento final*". Ricardo exigia, também, a devolução da verdadeira cruz, capturada em 1187 na batalha de Hittin. Mas nunca mais teriam notícia dela.

Durante a cruzada, Ricardo desentendeu-se não apenas com o rei Philippe mas também com Leopoldo, duque da Áustria. Pretendia chegar por Marseilles, mas soube de uma conspiração para pegá-lo. Desembarcou então no topo do Mar Adriático, e foi por terra. Traído em Viena, foi preso pelo duque Leopoldo em dezembro. Leopoldo entregou-o a Henrique VI, imperador do Sacro Império Romano, que exigiu uma grande soma por ele.[326]

326 Wikipedia – Cativeiro, resgate e retorno de Ricardo

1193 – Segundo Muratori, em 1193 e 1316 apareceu notícia de uma droga que tingia os tecidos de encarnado, dando-se-lhe na Itália o nome de *Brezil, Brecillis,* Bracire*, Brasilly, Brazilis e Brazili*. O nome Brazil já era conhecido muito antes do descobrimento da América por Colombo, e as tarifas da alfândega de Ferrara compreendiam esta mercadoria em um de seus artigos. (Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 170)

1193, 2 de março – Morre Saladino. Como contou seu secretário, Bahaeddin:

> Então se ocuparam em lavar o corpo e em vesti-lo com uma mortalha; todos os produtos utilizados nessa cerimônia foram pedidos emprestados, pois o sultão não possuía nada como coisa particular.

De fato, como o próprio Bahaeddin [Baha al-Din] conta em outra passagem:

> Seus tesoureiros sempre guardavam, às escondidas, uma soma de dinheiro para evitar algum imprevisto, pois bem sabiam que, se o mestre tivesse conhecimento da existência desta reserva, ele a gastava imediatamente. Apesar dessa precaução, havia no tesouro do governo, com a morte do sultão, apenas um lingote de ouro de Tiro e quarenta e sete dinares de prata. (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, pp. 169 e 203)

Como o próprio Saladino já respondera a uma crítica pelo seu esbanjamento:

> Há pessoas para quem o dinheiro não tem mais importância do que a areia. (ibidem, p. 169).

Certamente ele era uma dessas. A morte de Saladino trouxe una disputa pelo trono e a divisão do reino pelos próximos nove anos, até que o irmão de Saladino, al-Adel, reunifica o islã aiúbida.

1193, 28 de setembro – Morre Robert de Sablé, o 9º Mestre do Templo.

1194 – Assume o 10º Mestre do Templo, Gilbert Erail, que ficará até 21/dez/1200.

Ricardo Coração de Leão é libertado pelo rei Philippe, da França. Na Inglaterra, o irmão de Ricardo Coração de Leão, João, conspirava com o rei Philippe da França para dividir seu reino. John queria que Ricardo permanecesse prisioneiro, mas Hubert Walter levantou o dinheiro para seu resgate e Ricardo I foi libertado. Ricardo corre à Inglaterra apenas para juntar dinheiro para a campanha da França. Gastou os próximos cinco anos de sua vida guerreando com Philippe e construindo seu castelo na Normandia, o Château Gaillard.

Assume o Reino de Toulouse o conde de Toulouse, Raimundo VI, até 1222. Ele era bastante favorável ao catarismo e mostrava-se pouco disposto a reprimí-lo. A pacífica cruzada organizada pela Igreja e as prédicas de São Domingos tinham falhado completamente e o Papado criticava o conde e outros barões por não terem apoiado a Igreja. Apesar de ser muito prudente e desejoso de poupar a Igreja, Raimundo VI, já suspeito por muitos motivos e excomungado, encontrava-se em situação de acusado.

1194, 10 de junho – À noite, um fogo devora a basílica de Fulbert da catedral de Chartres, da qual não restará senão as criptas, as torres e a fachada. Os trabalhos de reconstrução se farão em 1220, ano do assentamento das abóbadas.

1194, 26 de dezembro – Nasce Frederick II de Hohenstaufen (1194–1250), em Jesi, Itália, filho do imperador Henrique VI e Constância da Sicília e neto do imperador Frederick I, o Barbarossa. Frederick será o mais singular homem de seu tempo. 50ª geração após Francus, o primeiro soberano dos chamados francos, que morreu em 11 a.C.. Na 22ª geração após Francus descendeu Pharamond, rei dos francos sálios (370–427) que teve dois filhos: um foi Clodion V, pai do primeiro Merovée e bisavô do famoso Clóvis I. Outro foi

Adalbertus, duque de Moselle (morreu em 491), de onde descenderam o Barbarossa e Frederick II de Hohenstaufen, seu neto. Protegido de dois papas, cresceu com total desinteresse pela Igreja Católica Romana. Pelo seu nascimento, era meio alemão por parte do pai, Henrique VI da Sicília, imperador do Sacro Império Romano, e meio árabe/judeu por parte da mãe, Constance da Sicília (nascida em 1154). Era a 13ª geração a partir do célebre Makhir ou Theodoric I, duque de Toulouse (730–804), pai do lendário Guilhem de Gellone, paladino de Carlos Magno. Criado no reino materno da Sicília, sua cultura era meio grega e meio árabe.

Herdando o reino paterno alemão, Frederick catalisava em sua pessoa as culturas árabe e cristã, as quais transcendia pelo seu elevado interesse e estudo religioso e filosófico. Falava fluentemente 6 línguas: alemão, italiano, francês, grego, árabe e latim. Seu pensamento era tão fluente quanto sua escrita. Apreciador dos bons prazeres da vida, sua mente privilegiada abrangia, por assim dizer, a quase totalidade das informações e seu tempo. As matemáticas, as ciências naturais, a ciência da geometria, as leis da física, da astronomia e da medicina estavam de tal modo arraigados em sua privilegiada formação que era conhecido pela alcunha de *Stupor Mundi*, ou a Maravilha do Mundo. Evidentemente, tal título só tinha sentido na limitada intelectualidade europeia da época, pois na Arábia e no Oriente a cultura era muito superior e lá Frederick não chamaria tanto a atenção. Tantos e tais atributos compreensivelmente fizeram de Frederick um indivíduo extremamente egocêntrico e intolerante com o dogma religioso, os quais repudiava. Seus folclóricos embates com o papado, assim, foram inevitáveis.

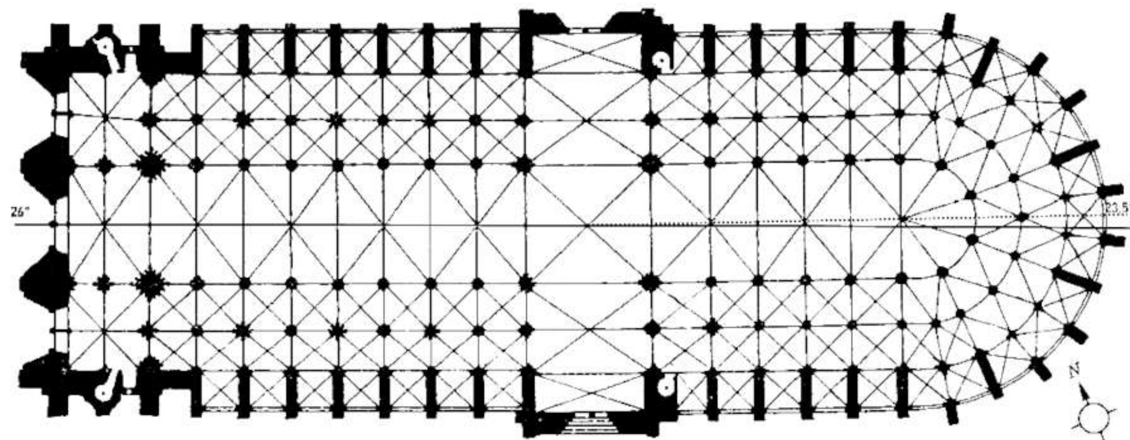
1195, 15 de agosto – Nasce Santo Antônio[327]. Seu nome de nascença era Fernando. Era filho de Martinho de Bulhões e Maria Tereza de Taveira, supostamente descendentes da antiga nobreza. É provável que sua ascendência nobre venha da mesma árvore que outro Bouillon, Godfroi, conquistador de Jerusalém em 1099.

1195/1216 – Wolfram Eschenbach compõe o *PARSIFAL*.[328]

1196 – Notre-Dame: concluída a nave principal, salvo o telhado. Como todas as catedrais, a orientação do templo era dada em relação aos quatro pontos cardeais. Assim, em certas catedrais como Chartres e Reims, o eixo da nave determina duas datas: uma para o nascer do sol e outra para o pôr. Em Notre-Dame, o eixo da nave é marcado por uma ruptura de sua direção exatamente na altura do centro da Cruz da Nave com a galeria transversal. Ora, o eixo da nave principal está a 26° do eixo leste-oeste. A partir do centro da Cruz Central, este desvio cai para 23,5°, a inclinação da eclíptica terrestre. A deusa Cybele – deusa phrygia representante da Sabedoria, incorporada no panteão greco-romano – está situada no pilar central portando dois livros, que alguns quiseram ver como sendo o Antigo e o Novo Testamento. Esotericamente representam as chaves do Alto e do Baixo, o caminho Interior e o Exterior, a Sabedoria e o Conhecimento.

327 Wikipedia – Santo Antônio Os dados de sua origem e data de nascimento são incertos (tradição oral)
328 Wikipedia – Parzival ou Percival, romance escrito em alto alemão médio sobre o herói arturiano.

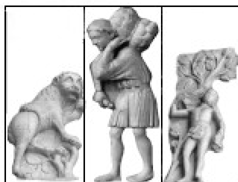
Figura 40: A ECLÍPTICA NO TEMPLO SOLAR DE NOTRE-DAME



Concept cathedral and "squaring the circle": Interpreting the Gothic cathedral of Notre Dame de Paris as a standing hymn, Nelly Shafik Ramzy

Figura 41: O PORTAL DA VIRGEM

Leão
colheita do trigo



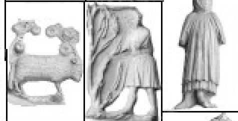
Gêmeos
caça com falcão



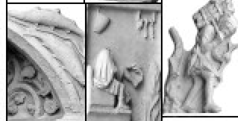
Touro
fermentação do trigo



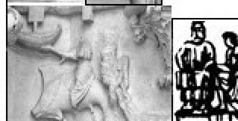
Áries
poda da vinha

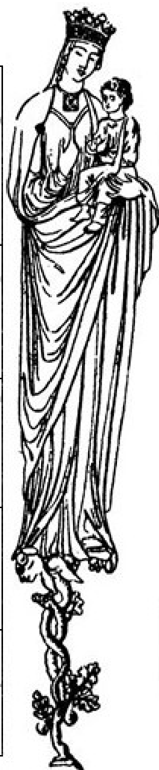


Peixes
reparação de embutidos
ara o inverno



Aquário
serviço à mesa







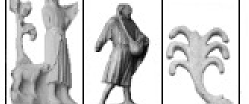
Câncer
afiação da foice



Virgem
colheita



Libra
amassando uva
para o vinho



Escorpião
semeadura



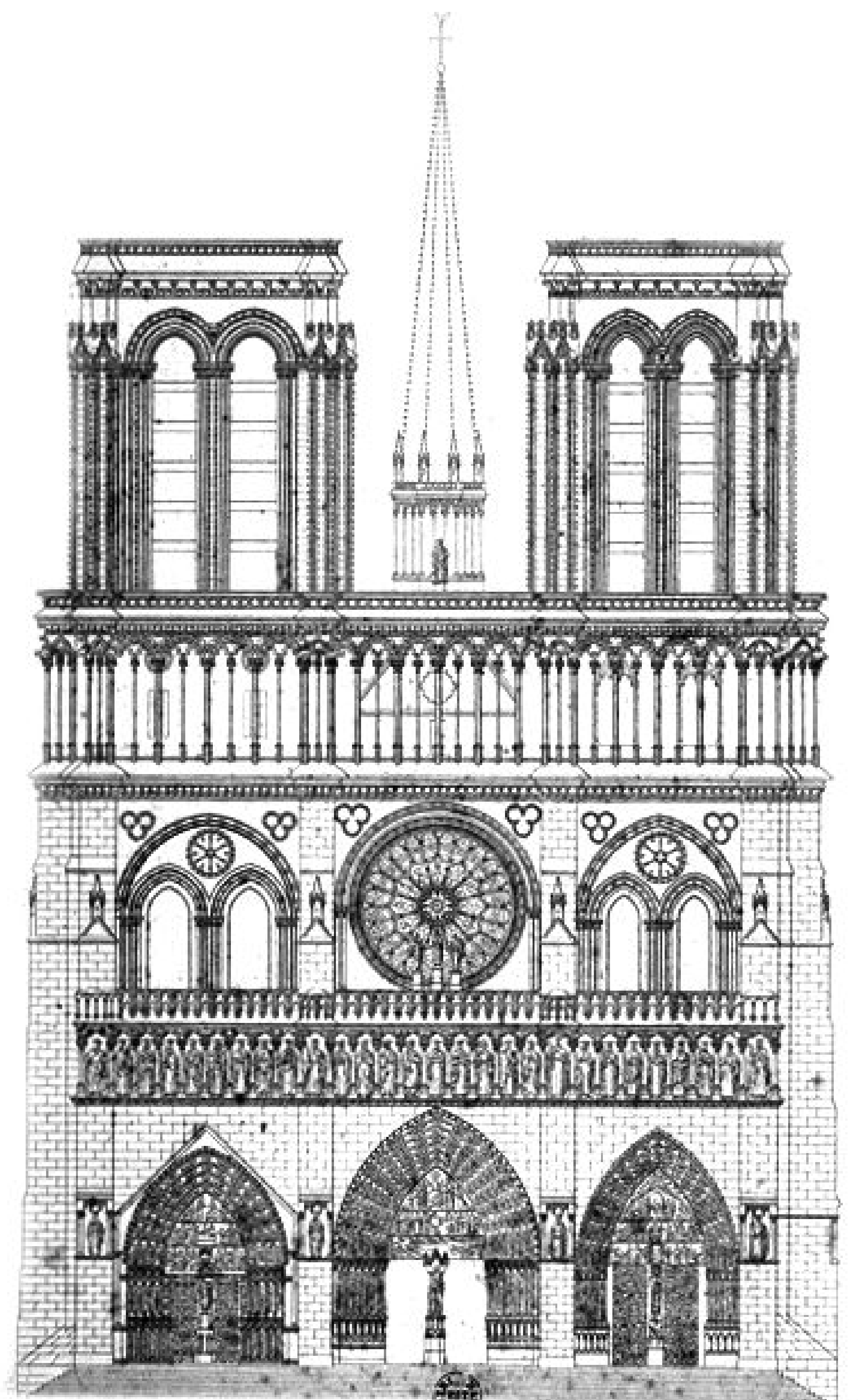
Sagitário
bolotamento dos
porcos



Capricórnio
abateção do porco

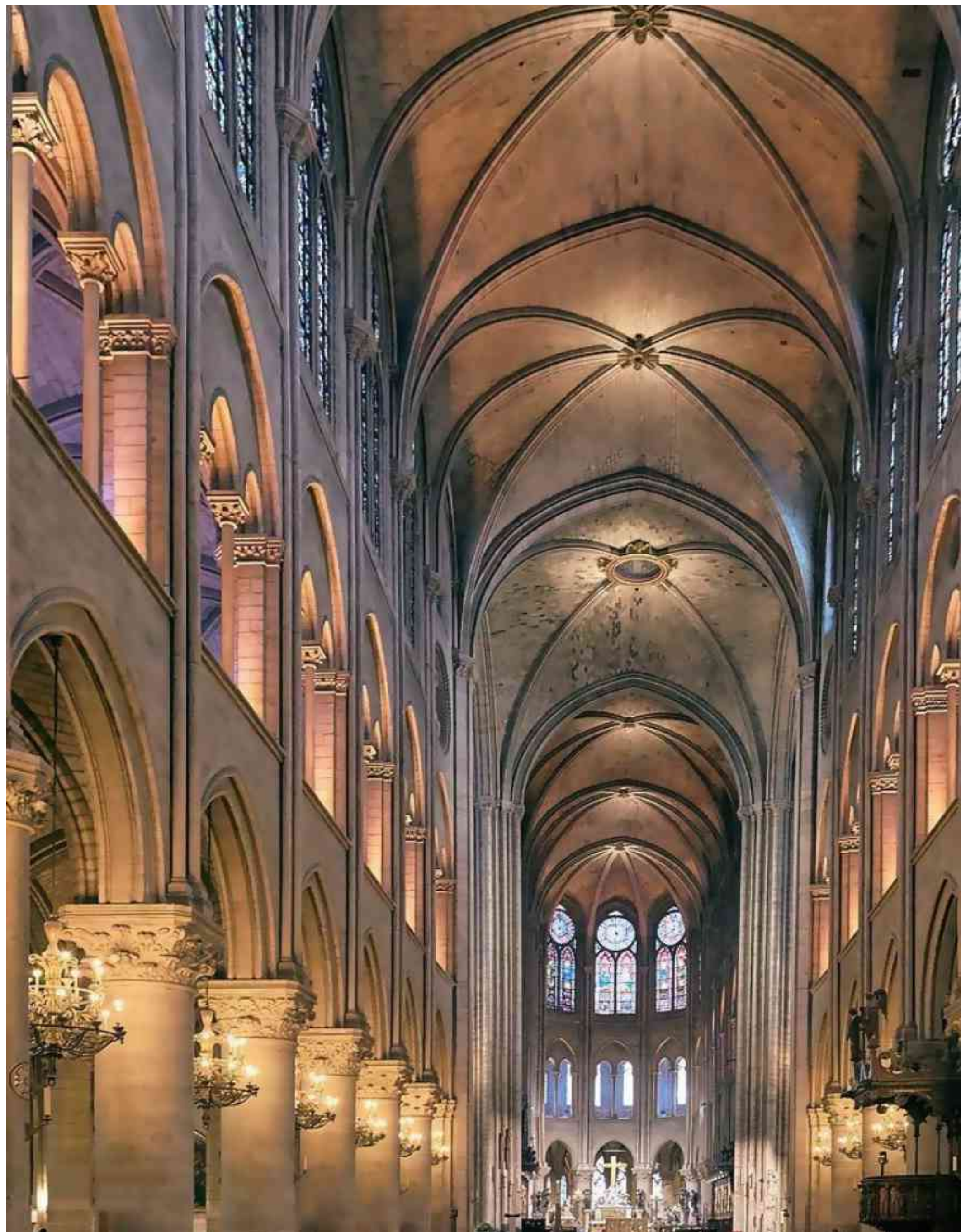
Portails de Notre Dame de Paris – portail de la Vierge
Flickr – Notre Dame – álbum de Alain Mauranne

Figura 42: NOTRE DAME DE PARIS – Frente



passerelles.bnf.fr – la façade de Notre Dame

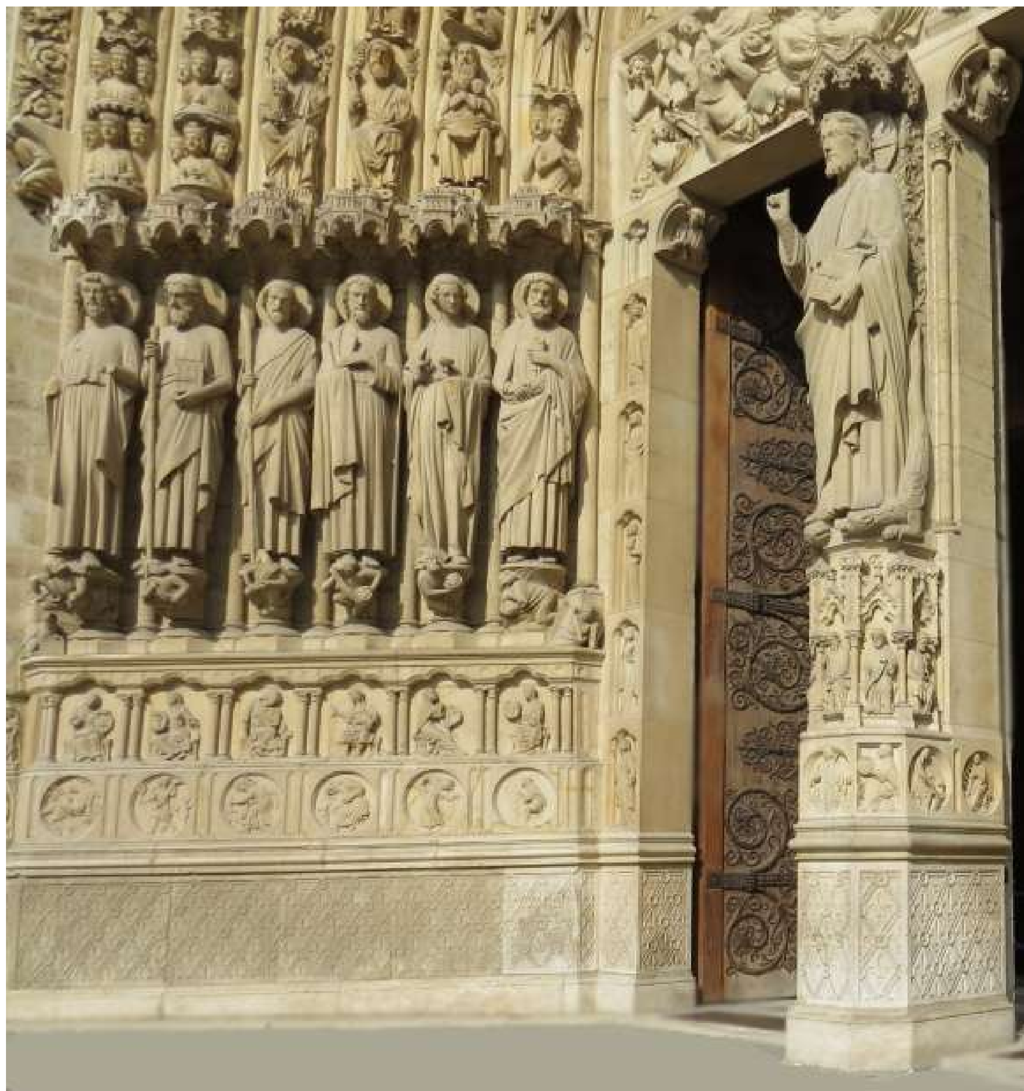
Figura 43: NOTRE DAME DE PARIS – Interior



Arts in the City – [Notre-Dame de Paris: l'expecionelle visite virtuelle avant et après l'incendie]

Com seus 130 m de comprimento, 50 m de largura e 35 m de altura, a igreja está dividida em 5 naves por colunas cilíndricas de 5 m de diâmetro.

Figura 44: NOTRE DAME DE PARIS – Detalhe do Portal Central



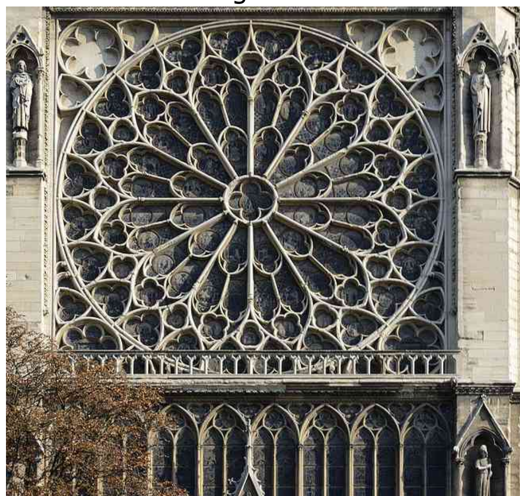
Cathédrale Notre Dame de Paris, façade ouest, portail royal

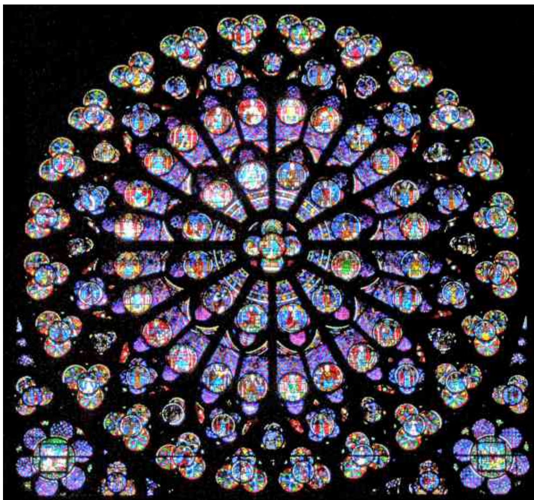
Na colunata central vê-se o Cristo, cercado pelos 12 apóstolos. O tema central é o Juízo Final, com as representações dos vícios e das virtudes. A curva do arco central é uma rica representação do Paraíso com sua corte celestial.

Figura 45: NOTRE DAME DE PARIS – A Abóbada

Cité de l'architecture & du patrimoine – Notre-Dame de Paris au cœur des collections

Figura 46: NOTRE DAME DE PARIS – Rosácea sul





La Rose sud ou rose du midi de Notre-Dame de Paris, por Jean-Charles Escribano

Datando do século XIII mas restaurada no século XVIII, tem no centro o Cristo abençoando, rodeado dos mártires, apóstolos, das virgens prudentes e das virgens loucas[329].

329 Wikipedia – Parábola das dez virgens

1198, maio – Após a morte de seu pai em 1197, Frederick de Hohenstaufen, então com menos de 3 anos, foi coroado imperador da Sicília. Antes de sua mãe Constância morrer neste mesmo ano, ela nomeou o papa Inocêncio III, uma das mais poderosas figuras no Papado medieval, como o guardião da criança.

1198 – Philippe Auguste, após expulsar os judeus, convida-os a voltarem à França para tentar recuperar as finanças do Estado. Tratou-se da formal integração dos judeus nos domínios do rei e dos barões, mas como servos, sem poderem se locomover livremente sob pena da perda de suas propriedades.

Assume o papa Inocêncio III [Lotario dei Conti di Segni], até 1216.

1199 – Morre Ricardo Coração de Leão, enquanto sitiava um castelo no sul da França, atingido por uma besta. Morreu poucos dias depois. Seu irmão João o sucedeu.

Após uma série de fracassos, João perde quase todas as suas possessões francesas. Sua opressão chegou a tal ponto que os barões ingleses recusaram-se a obedecer-lhe para recuperar seus territórios, e elaboraram uma lista de coisas que mesmo um rei não poderia fazer. Mais tarde obrigaram-no a por seu selo na Magna Carta das liberdades inglesas.

SÉCULO XIII d.C.

1200 – Notre-Dame: começam os trabalhos na fachada ocidental.

1200, 21 de dezembro – Morre o 10º Mestre do Templo, Gilbert Erail.

1201 – Assume o 11º Mestre do Templo, Philippe de Plessiez, ficando até 12 fev 1209.

1202 – Leonardo de Pisa (Fibonacci) edita o *Liber Abaci*, introduzindo na Europa os algarismos hindu-arábicos.

A partir deste ano al-Adel (57), irmão de Saladino, é o grande líder do islã, retomando a unidade do império aiúbida. Desde 1196 já tomara Damasco. No Egito, o vice-rei é seu filho, al-Kamel, “o Perfeito”. Tentando prevenir futuros ataques dos ocidentais, al-Adel decide agir diretamente na fonte. Através de al-Kamel, faz um acordo com Veneza liberando-lhe os portos de Alexandria e Damieta em troca da recusa daquela república a qualquer apoio a expediões ocidentais contra o Egito. Veneza assina o tratado, mas dirige uma empresa dos ocidentais não para o Egito, mas para ... Constantinopla, que assistirá a um dos mais degradantes saques de todos os tempos. Decorridos pouco mais de cem anos da Primeira Cruzada, o pouco que poderia se pretender ocultar das reais intenções dos grandes “defensores do Santo Sepulcro” desnuda-se em toda sua realidade: uma desmedida, louca e insana busca de riquezas a qualquer custo, sem pátria ou religião, desta vez dirigida contra seus próprios “irmãos” cristãos.

1203 – Toghrul, chefe do clã mongol Kerait, conhecido como *Ong-Khan* ou o suposto *Preste João*, é morto por Gengis Khan[330]. A partir daí suas supostas virtudes cristãs foram transferidas para Gengis. Na Europa e na Terra Santa as pessoas acreditavam sinceramente que a ajuda à Terra Santa viria não só do Ocidente mas também do Oriente, de Gengis e da sua família, os fundadores da Horda Dourada.

330 Wikipedia – Genghis Khan (1158–1227) fundador do Império Mongol, invadiu a Ásia e a Europa.

1204, abril – Sob a inspiração dos venezianos do doge Dandolo e consentimento do papa, uma expedição de Roma que originalmente visava ir à Terra Santa descobre a riqueza a ser saqueada em Bizâncio.

O papa Inocêncio apoiou o plano “na esperança de ver unida a cristandade ocidental e oriental”. Afinal, não era a Igreja romana herética e cismática? Para Roma, os que rejeitavam a palavra de Cristo eram piores que os que nunca a tinham ouvido, como os infiéis do islã. Desde 1203 esta 4ª Cruzada já instalara em Constantinopla um rei fantoche, saqueando para os *franj* até mesmo o ouro e as joias dos templos. Com a revolta da cidade e a morte do rei, pouco ou nada podem os habitantes fazer para resistir à razia de bestas sanguinárias que tinham Cristo na boca e o demônio no coração. A cristandade estava prestes a assistir aquele que, juntamente com o massacre dos albigenses, poucos anos depois, seria o maior crime de “cristãos” contra cristãos. Em três dias deste fatídico mês de abril foram roubados ou degolados todos os habitantes da cidade, crianças, mulheres e padres que viram desaparecerem objetos de arte, livros, estátuas e símbolos de toda a glória das civilizações bizantina e grega. Enquanto uma prostituta companheira dos franj sentou-se no trono do patriarca entoando canções obscenas, outras corriam entre os bancos; enquanto os soldados embriagavam-se com o vinho do altar, arrancavam os preciosos ornamentos, defecavam nas imagens e limpavam-se com as folhas dos livros santos, outros violavam as freiras nos mosteiros próximos. A “vitória da cruzada” se tornou muito popular em toda Europa. As igrejas da França, da Itália e de Flandres encheram-se com os despojos, e os venezianos foram pagos com a prata derretida dos cálices roubados. Jamais ambas as cristandades poderiam ser unidas após a 4ª Cruzada. Poucas vezes a humanidade deparou-se com tanta vergonha de si mesma. Se Inocêncio teve algum sentimento de remorso por esta vergonha jamais o saberemos. O fato é que, logo depois, preparava-se para provocar um holocausto ainda maior, na França meridional...

1205 – Os habitantes da cidade de Viterbo, num claro enfrentamento às excomunhões do papa Inocêncio III, elegem um excomungado para chefe do Conselho Municipal. As heresias estavam fervilhando em toda Europa, coadjuvada pelo forte crescimento dos cátaros no sul da França e pela proliferação de seitas no reino dos Hohenstaufen, o Sacro Império Romano Germânico.

1206 – São Francisco de Assis recebe a iluminação.

1207, junho – O papa dirige-se pessoalmente à sua rebelde cidade de Viterbo e confisca todos os bens dos heréticos, que fugiram da cidade.

1207 – Notre-Dame: As esculturas passam a ornar os portais.

Realiza-se a Conferência de Pamiers, onde, em debates públicos, defrontam-se os legados pontifícios e os perfeitos cátaros. A conferência foi um prenúncio, aos heréticos albigenses, de que a Igreja faria tudo para destruir o movimento religioso. O magnífico e harmônico equilíbrio de liberdade e desenvolvimento do sul occitânico estava prestes a ser inexoravelmente quebrado.

A sociedade do Languedoc, nesta época, estava impregnada de um espírito de tolerância e liberdade absolutamente desconhecidos no norte. Em vez da sociedade estratificada e sectária, os homens desfrutavam de uma liberdade semelhante apenas à verificada hoje em dia, com a livre ascensão do burguês à nobreza e mesmo dos vilões à burguesia. As cidades meridionais eram mais populosas e muito mais ricas que quaisquer outras na Europa. Toulouse

salientava-se como a terceira mais importante cidade europeia. Precediam-na apenas Roma e Veneza. Era conhecida como a Cidade Cor-de-Rosa e a cidade dos jardins. A deslumbrante Basílica de Saint-Sernin e os campanários faziam de suas construções algumas das mais exuberantes da Europa.

Também na Itália o catarismo avançava perigosamente para o papado. Mesmo em estados de domínio papal, a “heresia” cátara vingava flagrantemente. Em Viterbo, nas proximidades de Roma, registram-se cátaros a tal ponto de ser a residência de Giovanni de Benevento, conhecido como o “papa dos heréticos”. Heréticos? Seria justo chamá-los como tal? Afinal, segundo William Shakespeare, “o herético não é aquele que é queimado na fogueira, mas sim aquele que acende a fogueira.”

Assim como fizera Henry II em seu dinâmico sistema jurídico, a justiça nos campos e nas cidades era uma prioridade na sociedade cátara. Nas inúmeras vilas cátaras os magistrados municipais eram eleitos pelos habitantes, fazendo lembrar a tradicional liberdade grega há muito esquecida na Europa. A cultura e o comércio formavam a base desta pirâmide de desenvolvimento social, comercial e espiritual. Embora os perfeitos não se permitissem ter nada seu, faziam questão que os crentes fossem o mais abastados possível, para que tivessem a verdadeira liberdade do jugo feudal. Mais uma vez vemos a correspondência comum a todos os grandes Iniciados que procuramos citar nesta obra. Sua abastança material, longe de representar um empecilho, representa muito mais que a satisfação das mínimas necessidades de sobrevivência. Afinal, não nascemos apenas para sobreviver, mas para dedicarmo-nos totalmente à busca de nós mesmos e, em suma, de Deus. A questão material, então, não pode ser um entrave. Tampouco devemos apegarmo-nos aos bens materiais, sob pena de nos ser mais difícil a entrada no céu do que seria para um camelo passar pelo buraco duma agulha. A riqueza material, para o rico de Espírito, representa as benesses do Pai, que não deixa seus filhos desamparados. Nesta ótica, em exata contraposição ao dogma católico, o lucro é uma atividade justa e necessária para troca e empréstimo de bens. Os perfeitos cátaros pregavam e seguiam à risca os textos sagrados, praticando as próprias palavras do Cristo, ao enunciar a parábola do senhor que repreendeu o servo por esconder o talento na terra. Mateus 25:27–30[331]:

> Devias, portanto, dar o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao meu retorno, receberia o que era meu com os juros. Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez. Porque, a todo aquele que tem será dado e dado em abundância; ao passo que ao que não tem, ainda o que tem lhe será tirado. Quanto a este servo inútil, lançai-o fora, às trevas. Aí haverá choro e ranger de dentes.

Para os cátaros, que seguiam a mesma lei judaica vigente em Narbonne, a exigência do lucro seria justa desde que o tomador do empréstimo fosse tão ou mais rico quanto o concessor. Assim como os gregos, os cátaros tornavam plenamente legal o honesto comércio do dinheiro. Isto era tão lógico como a venda de comida. Este era um dos pontos mais marcantes do abismo que separava a sociedade cátara da Idade das Trevas imposta pela Igreja Romana.

Os *perfeitos*, todavia, continuavam sua vida ascética e de verdadeira abstenção, pois isso lhes libertava de todo e qualquer condicionamento. Porém, se tal era quase uma condição para sua voluntária dedicação a Deus, não achavam lícito exigir do crente comum a pobreza. Para estes, a pobreza certamen-

331 Wikipedia – Parábola dos talentos, aparece nos evangelhos de Lucas 19:11–27 e Mateus 25:14–30.

te seria mais um mal que um bem. Deveriam trabalhar com o suor de seu rosto para ter uma vida mais digna e talvez, um dia, em uma de suas chamadas “migrações da alma” (ou reencarnações) num corpo físico, dedicar-se asceticamente a Deus, como um *parfait*. Para os cátaros a simples e opressora dominação dos senhores feudais representava a própria dominação de Satã. Sua liberdade, então, poderia facilmente ser obtida através do trabalho e da remuneração justa. Os lucros do comércio na sociedade cátara – mesmo que excessivos – não eram motivo de punição ou restrições pois a ninguém era obrigado comprar. Séculos antes do advento do chamado capitalismo as leis de mercado corriam livremente na Occitânia e a retribuição pelo trabalho assalariado sempre era recompensadora. Lucros elevados representavam grandes riscos na operação, e numa época de tanta insegurança e difícil aquisição e circulação de mercadorias isto era perfeitamente aceitável. Os próprios *perfeitos* eram notórios exemplos sem mácula deste sistema pela exatidão e justiça com que retribuíam aos serviços prestados. A liberdade do comércio e dos pensamentos era, antes de tudo, o sinal vivo da presença do Deus do amor e da liberdade individual, em total contraste com a imposição de opressoras leis “divinas”. Este exemplo de comércio escrupuloso e honesto perdurou por centenas de anos na sociedade europeia, até o século XIX.

A liberdade do comércio e do tratamento do dinheiro, convém lembrar, é mais um dos pontos que aproximam o catarismo dos templários. Os templários foram, pelo menos historicamente, os primeiros a instituírem na Europa o conceito bancário, uma vez que serviam de guardiões confiáveis das importâncias monetárias, bem como dos caminhos de circulação de mercadorias e do comércio em geral. São famosas as lendas sobre os imensos tesouros que acumularam, não apenas das inúmeras doações que receberam mas do lucro advindo de sua atividade bancária. Entretanto, sua vida pessoal, como vimos, era tão ascética quanto a dos *perfeitos* cátaros. Quanto ao tão discutido lucro das operações comerciais, somente em 1311 será compreendido por Philippe, o Belo, quando ele instituirá a remuneração equivalente a 20% ao ano pela compensação de empréstimo financeiro. Embora tardiamente, o lucro lícito de uma operação comercial fora distinguido da usura gananciosa e predatória, passando a dinamizar as relações de troca e o desenvolvimento social e econômico. A sociedade occitânica, por seu turno, há muito já incorporara estes modernos conceitos em seu cotidiano, o que explica a enorme riqueza material e espiritual haurida ao longo dos tempos.

Um dos aspectos mais marcantes da florescente sociedade de Oc foi o extraordinário movimento literário representado pelos trovadores. A partir deste meio surgiram as decantadas lendas arturianas e do Graal, revivendo um aspecto esotérico da tradição cristã, nunca ventilado por Roma. O conhecimento em detrimento da simples devoção, o estudo em vez da ignorância, estas eram as marcas não apenas da cultura occitânica, mas de todos os povos de alto desenvolvimento no passado. Contam-se em mais de quinhentos o número de trovadores nesta época, entre simples cavaleiros, duques, condes, clérigos e burgueses. São notórias as correspondências em verso entre os condes de Toulouse e de Foix, numa época em que o rei da França mal sabia escrever o seu nome. A literatura centrava-se na busca do ideal cavalheiresco, da santidade através da busca do sagrado vaso que continha a substância crística e do amor cortês. Este amor era sintetizado pela palavra *paratge*, representando as virtudes da honra, da lealdade e da

equidade. Estas virtudes eram estendidas muito além do romance, aplicando-se não apenas na atitude amorosa como a toda a vivência dos indivíduos, nas relações públicas e religiosas. O próprio ideal trovadoresco resume-se numa busca do absoluto, na elevada transmutação dos sentimentos no amor platônico (portanto neopitagórico) com o desapego da "carne". Sob este véu pregava-se a busca do amor ideal, o amor da sabedoria em contraposição ao das emoções, representado pela Sophia dos gnósticos e dos gregos. Por esta razão em lugar nenhum da antiguidade se viu tanto a valorização e a liberdade da mulher como na sociedade cátara. Enquanto o clero romano pregava a inexistência de alma nas mulheres e associavam-nas ao demônio, a sociedade cátara colocava as mulheres em pé de igualdade com os homens.

Como símbolo desta valorização feminina e fonte dos mais elevados ideais templários temos o magistral *Parsifal* de Wolfram. Nesta obra, de clara inspiração occitânica, vemos a clara exaltação das mulheres à comunhão do Graal (vide ano 1184 d.C.). Por sinal, de onde poderia ter saído o iniciado judeu, Flegetanis, que orientou a Kyot de Provence para a história original do *Parsifal* senão de Narbonne, esse iluminado centro de cultura hebraica e universal, brilhando no coração da Occitânia e local da célebre academia de Guilhem de Gellone? Nos séculos X a XIII, apenas neste mundo à parte que era a Occitânia poderiam encontrar eco tão elevados conceitos iniciáticos, religiosos, econômicos e sociais. Como descreve René Nelli:

> O casamento também representa uma espécie de contrato que em nada diminui o seu valor pelo fato de ser um sacramento. E só pertence ao sistema feudal na medida em que se pretende desigual e implica a subordinação da mulher ao marido: o marido era, na Idade Média, o "senhor" da mulher. Não é verdade que o mais humilde dos trabalhadores também necessitava dar ordens a alguém? Os cátaros, ao desejarem, como a maior parte dos heréticos que os tinham precedido, que a união conjugal fosse não sacramental, mas concluída por simples compromisso mútuo na igualdade de direitos, nem por isso arruinavam as instituições feudais. No entanto, o aparecimento deste novo tipo de associação entre os sexos introduzia, sem dúvida, um fermento de revolta contra a ordem estabelecida, e precisamente na época em que o catarismo, ao admitir o sacerdócio das mulheres, as tornava menos dependentes dos homens. Todas as sociedades não igualitárias se mostraram hostis à emancipação da mulher; a heresia, em geral, foi-lhe favorável.
>
> (René Nelli, *Os Cátaros*, Edições 70, Lisboa, p. 16)

E mais adiante:

> Nas suas opiniões sobre o casamento, os cátaros não eram, de modo nenhum, heréticos. É sabido que a instituição sacramental do casamento não pode ser atribuída a Cristo com absoluta certeza.
>
> > Não se encontra nenhuma referência, nenhuma marca convincente desta instituição nas Epístolas. O Concílio de Trento reconheceu esta ausência de provas nas Sagradas Escrituras na sua curta exposição sobre a doutrina do casamento. (*Dictionnaire de théologie catholique*, Paris, 1927, t. IX, p. 2067)
>
> Os cátaros, que respeitavam escrupulosamente os textos sagrados, estavam, pois, perfeitamente autorizados a preconizar – para além do casamento místico da alma com o espírito, que é uma coisa diferente – a união conjugal por consentimento mútuo na presença de um *perfeito*; não sacramental, mas excluindo o interesse e a venalidade e, sobretudo, implicando a igualdade dos cônjuges no amor partilhado. Assim, se o casamento que os

> Homens-bons (os *perfeitos*) quiseram instituir, no respeito pelas Escrituras, assumiu um valor revolucionário por enfraquecer a autoridade do marido e emancipar a mulher, foi por corresponder às legítimas aspirações sociais de todo o sexo feminino. Aspirações muito tímidas, de resto: será necessário esperar ainda setecentos anos para vermos a mulher libertar-se completamente da *potestas* masculinas. (René Nelli, op. cit., pp. 18-19)

Como já pudemos observar na história original da cristandade, a mulher teve um papel primordial no trabalho do Cristo e na posterior divulgação da mensagem. Seu papel foi tão importante que eram notórias, entre os antigos cristãos (pré-Constantino) as divergências entre Pedro e Maria Magdalena (vide ano 33 d.C.). A supressão de qualquer referência à Mãe de Jesus após a morte de Cristo também é clássica. Na verdade, toda a lenda paralela à cristandade, ligada à tradição do Graal, sempre esteve muito ligada às mulheres. A tradição conta como José de Arimateia, para fugir à perseguição após a morte de Cristo, levou consigo Lázaro, Máximo, Maria Magdalena, Sara, a Negra e as Santas Maria Jacobé e Maria Salomé. As célebres divergências de Pedro com Maria Magdalena fazem do primeiro um justo fundador da Igreja Católica Romana, responsável pela redução da mulher à condição mínima na sociedade. A profunda mensagem iniciática cristã que observamos ao longo de nossas pesquisas, seja em poder dos cátaros, dos trovadores, dos celtas e mesmo dos templários, não permite que deixemos de salientar que o papel primordial na divulgação da mensagem esotérica cristã coube a mulheres como Maria Magdalena. Não é à toa que Pedro transpareceu tanto ciúme quanto ao privilégio de Magdalena como discípula de Cristo (vide ano 33 d.C.):

> Ele realmente falou privadamente com uma mulher (e) não abertamente a nós? Vamos dar meia volta e todos escutarmos a ela? Ele preferiu-a a nós? (James M. Robinson, The Nag Hammadi Library – *The Gospel of Mary*, p. 473)

Estas evidências foram cuidadosamente ocultas pelos mentores de Constantino quando da oficialização do catolicismo romano. Mas para os cristãos com livre acesso aos textos sagrados, nos primeiros trezentos anos de nossa era, tal não consituía maiores problemas. Afinal, se pudessem livremente praticar suas crenças e seus estudos, divergências seriam naturais, mas não muito mais do que isso. Mil e duzentos anos após Pedro e Magdalena o pensamento dogmático e colérico do "pai" da Igreja evoluíra – ou antes involuíra – adquirindo requintes de crueldade tal que ainda hoje nos é difícil conceber. Pensamentos cristãos de não-agressão como os cátaros só encontravam algum eco na Igreja de Constantinopla, sendo cada vez mais suprimidos pelo jugo romano. Como consequência da imposição do dogma e da supressão do livre pensamento veio a justa denominação da era que se seguiu, a Idade das Trevas. Mas a treva só existe porque atrás dela brilha uma luz. E neste caso, esta luz estava representada, entre outros, pelos ensinamentos imaculados pregados pelos Homens-bons cátaros e pelos trovadores iniciados.

Indiscutivelmente, tal ambiente de tolerância só pode ser possível aos cátaros por não segregarem a mulher em sua sociedade. Invariavelmente o papel de Magdalena e das outras mulheres que aportaram no sul da França – evangelizando o Languedoc, a Espanha e a Inglaterra – foi primordial para o estabelecimento de uma sociedade igualitária. As lendas contam como Maria de Coplas e Maria Salomé aportaram no delta do Rhône, numa pequena cidade chamada sucessivamente de *Notre-Dame-de-la-Mer*, *Saintes-Maries-de-la-Mer*, *Notre-Dame-de-la-Barque*, numa clara alusão às santas que acompanharam

José de Arimateia na embarcação que aportou no sul da França. Lembremos que a palavra *Mer* tem quase a mesma grafia em francês para Mãe (Mère) e Mar (Mer), o mesmo mar que trouxe as mães. No egípcio, *mere* tem significado de amor, *mer-mer* é amável, *merit* significa água, lago, mar e várias deusas relativas à inundação; *Mera* era um dos mais antigos nomes do país do Egito (Wallis Budge, *An Egyptian Hieroglyphic Dictionary*, vol 1, Dover Publ., New York, 1978, pp. 307-309, 315).

A participação de Maria Magdalena na longa trajetória do Graal pode ser então compreendida muito mais naturalmente pelo papel que era reservado às mulheres em sociedades como a dos cátaros, onde são elas que levam a mensagem e o próprio Graal. Nesta obra, já pudemos constatar nos anos 48, 257, 713 e 1134 de nossa era a ligação de Maria Magdalena com a tradição do Graal; e em 1184 salienta-se a participação da mulher neste Augusto Mistério pela soberba descrição da comitiva do Graal por Wolfram Eschenbach, com 25 deslumbrantes damas carregando a 26ª Maravilha: o Graal. Nos cátaros, grandes mulheres salientaram-se no exercício do sacerdócio e nos sacrifícios em prol dos menos favorecidos. Neste ano de 1207, a mais célebre das grandes mulheres cátaras estava presente na Conferência de Pamiers. Era a lendária Esclarmonde de Foix, irmã do Conde de Foix, Raimundo. Em 1204 ela receberá o *Consolamentum* em Fanjeaux, das mãos do mais célebre dos perfeitos, o bispo Guilhabert de Castres. Ativa defensora do catarismo, tem, numa antiga tradição, a ela atribuída a propriedade e a reconstrução do castelo de Montségur.

Na sua profunda concepção filosófica o catarismo opunha-se totalmente a Roma por basear-se na Gnose, no Conhecimento libertador da prisão humana num mundo em que guerreiam o Bem e o Mal. Ele colocava o Conhecimento do Alto acima da devoção. A devoção, em geral, era dedicada a representantes de Deus, segundo o dogma que, insistia-se, era indiscutível. Mesmo que fosse uma devoção ao próprio Deus, a Ação do Dever (a Devo-Ação) não exigia homens livres e pensadores, mas servos. A devoção adequava-se à sociedade feudal, não a uma sociedade livre. Os cátaros enalteciam ao último grau o *Conhecimento da Verdade libertadora*. Este conhecimento cátaro não era mais que uma revitalização das antigas concepções pitagóricas, platônicas, célticas, egípcias, judaicas, árabes e hindus. A ligação dos cátaros com o mais original pensamento filosófico da antiguidade ia muito além da liberdade econômica e cultural. Na vida ascética dos *perfeitos* ou *puros* não era permitida a ingestão de carne e derivados animais como leite, manteiga e queijo, que eram tidos como impuros. Os próprios templários, como vimos, permitiam-se comer carne apenas três vezes por semana (vide ano 1128).

Neste e noutros aspectos os *puros* cátaros convergiam para a filosofia pitagórica, como já pudemos observar. De fato, eram legítimos continuadores da mensagem do sábio de Crotona. Assim como Pitágoras e os essênios, os cátaros pregavam a reencarnação, chamada de “migração das almas” através de corpos físicos. Apenas para a entrevada civilização católica ocidental, tão alheia do conhecimento pelo entesouramento papal, tal filosofia era estranha e mesmo perigosa. Talvez a única brecha de luz nesta concepção estanque do universo tenha sido feita por parte dos templários, graças ao seu íntimo contato com a civilização árabe/persa. Já o sistema feudal era um dos maiores opositores do catarismo, pois praticavam tudo o que era oposto à sua filosofia: tinham a guerra como ideal de vida, a ignorância, o medo dogmático e a

servidão como base de seu edifício social. Apenas os nobres iluminados do Languedoc – e ainda assim nem todos – viam as vantagens de um sistema de liberdade em relação ao sistema opressor. Poderíamos fazer um paralelo com as diferenças existentes entre o capitalismo e o comunismo. Como veremos mais adiante, as raízes da filosofia comunista imposta à sociedade humana são muito mais antigas do que normalmente se supõe. Seus efeitos ainda hoje se fazem sentir duramente em centenas de milhões de humanos, e o abismo criado entre os dois sistemas é tão grande quanto o que existia há setecentos anos entre o catarismo e os catolicismo.

A sociedade cátara, em suma, sintetizava as mais positivas conquistas de nossa moderna civilização no campo cultural, econômico, social e político. Adiantando-se em setecentos anos ao rumo da história, os cátaros atraíram para si a mais encarniçada luta interna na história da França. Afinal, opunha-se diametralmente ao manto da ignorância imposta pelo clero romano. Todo o pacifismo que formava a base do pensamento cátaro – pois para os *perfeitos* as palavras religião e desarmonia eram incompatíveis – passou a ser violentamente sufocado por Roma. Se o fanatismo católico romano não tivesse ganânciosamente destruído a sociedade cátara, o que hoje conhecemos como *Idade das Trevas* poderia ser denominada como *A Idade das Luzes* da história mundial...

1208, 14 (ou 15) de janeiro – Assassinado o embaixador papal no Languedoc, Pierre de Castelneau, quando se preparava para atravessar o Reno. Raimundo VI, conde de Toulouse, é acusado de armar o criminoso. Inocêncio desencadeia a Cruzada Albigense. Recuando, Raimundo confessa, em Saint-Gilles, seu crime, e a excomunhão é levantada. Promete tudo que lhe pedem, inclusive que tomaria parte, pessoalmente, na cruzada que ia ser dirigida contra seus próprios vassalos. Entre eles está seu sobrinho, o jovem Raimundo-Rogério Trencavel, visconde de Béziers, de Carcassone, de Albi e de Nîmes. Desde 1201 Trencavel concluíra com o conde de Foix uma aliança ofensiva contra seu tio, o conde de Toulouse Raimundo VI. Acabou enfrentando a Igreja...

1208 – O bispo Hervé, de Troyes, decide retomar a reconstrução da catedral destruída em 1188. Até sua morte (em 1223), o coro, o deambulatório e as capelas radiantes estarão concluídos. Cinco anos mais tarde, um furacão destruiu inteiramente o madeirame e tudo foi recomeçado. O triforium e o coro foram acabados em 1240.

A construção da catedral de Troyes seguiu à risca a proporção áurea: 1/0,618 = 1,618. O comprimento total da fachada oeste à extremidade da abóbada é 365 pés, e as relações áureas aparecem então:

Figura 47: AS PROPORÇÕES ÁUREAS DA CATEDRAL DE TROYES

La symbolique des cathédrales, Didier Carrie

Nitidamente salienta-se o caráter solar dado pelos construtores do templo de Troyes, homenageando o Sol na duração de seu ano solar (365 dias) e na proporção áurea (da luz) de suas medidas. Como mencionamos no ano 975 d.C., os antigos construtores sabiam da ligação da lenda cristã com os Mistérios Mitraicos. Por esta razão MITHRAS (a deidade solar) e ABRASAX (a palavra hebraica *Habberâkâh* ou "A Bênção") tem na sua soma o valor do ciclo solar dos dias ou de Deus: 365. E este Dia, cuja palavra origina-so de Deus, é representado no cristianismo por JESUS (Ιησους), que tem no valor de suas letras 888, cuja soma dá as 24 horas do dia.

1209, 12 de fevereiro – Morre o 11º Mestre do Templo, Philippe de Plessiez.

1209, 22 de julho – Início da Cruzada Albigense, com um exército de 30 mil homens. Segundo um representante papal escrevendo a Roma:

> Nem idade, nem sexo, nem posição foram poupados. A Cruzada Albigense – financiada pelo rico comerciante de Cahors, Raymond de Salvagnac, está diante de Béziers. O visconde de Trencavel acaba de se retirar levando com ele todos os judeus da cidade, que muito temiam o antissemitismo da Igreja e dos barões. Até então, as comunidades judias implantadas em todo o sudoeste mantiveram excelentes relações com a população cristã e com senhores feudais. Deixemos a palavra ao autor da *Chanson de La Croisade*[332]:
>
> > Os habitantes assistem à chegada dos cruzados, veem que o rei da luxúria vai invadir a cidade, que os tunantes saltam de todos os lados para os fossos, desfazem muralhas e abrem portas, enquanto os franceses do exército se armam apressadamente. Sentem que não poderão resistir e fogem o mais depressa possível para o mosteiro principal (a catedral de S. Nazário). Os padres e os clérigos

332 Wikipedia – Chanson de la Croisade Albigeoise poema (9578 versos) escrito em langue-d'oc c. 1210.

vestem os paramentos sacerdotais e tocam os sinos como se quisessem dizer missa para sepultar um defunto. Chegou finalmente o momento em que já não era possível opor-se à entrada dos tunantes: apoderam-se das casas a seu bel-prazer, pois cada um deles pode ocupar pelo menos dez. Rubros de cólera, estes debochados não têm medo de morrer; destroem tudo que encontram e apoderam-se de grandes riquezas. Se conservassem o que apanharam ficariam ricos para sempre. Mas, em breve, serão obrigados a abandonar tudo, embora tenham efetuado a conquista sozinhos, pois os barões de França querem despojá-los. (tradução do provençal de *Chanson de la Croisade Contre les Albigeois*, E. Martin-Chabo, Ed. Les Belles-Lettres, Paris, 1960/61, [tradução francesa, quadra 20])

Este massacre de sete ou oito mil bons cristãos (católicos e cátaros), que teve lugar na igreja da Madalena de Béziers e do qual Arnaut Amalric, abade de Cîteaux, legado do papa Inocêncio III, foi o promotor detestado não se enquadrava, digam o que disserem, 'nos costumes da época'. Era mesmo uma forma de terrorismo bastante recente...

(Réne Nelli, *Os Cátaros*, pp. 27-28)

Deste mesmo Arnaut ficou tristemente célebre sua resposta à pergunta que lhe fizeram sobre como reconhecer os hereges entre tantos: "Mate-os todos. Deus reconhecerá os seus."

1209, 1º de agosto – Os cruzados cercaram Carcassone. O rei Pedro de Aragão tentou, em vão, intervir, para que o seu vassalo obtivesse condições de paz aceitáveis. Os cruzados exigiram a capitulação pura e simples. E partiu tristemente, diz a *Chanson de la Croisade*, descontente consigo mesmo e cheio de preocupações quanto ao aspecto que o assunto tomava. Estava-se no pino do verão. O calor era sufocante. O odor infecto espalhado pelos doentes, misturado com o do gado vindo de toda a parte e que tinha sido abatido, empestava o ar. Nuvens de moscas rodeavam os moribundos (e propagavam, pensa-se, uma espécie de peste). Ouviam-se os gritos das mulheres e das crianças que enchiam as casas. Os sitiados nunca tinham passado por tamanhos sofrimentos. Quando começou a faltar água – os poços estavam quase secos – o desânimo e o desespero apoderaram-se dos próprios cavaleiros. (...) [tradução francesa, quadra 30]

Então o jovem visconde – aquele a quem o trovador Raimundo de Miraval chamava o Pastoret (o pastorinho) – aceitou, em circunstâncias que permanecem obscuras, parlamentar com os cruzados. Recebeu, parece, um salvo-conduto e, acompanhado de uma pequena escolta, dirigiu-se ao encontro. Sob os olhares curiosos dos franceses e dos borguinhões, entrou na tenda do conde de Nevers. Não voltou a sair. O testemunho da Canção da Cruzada é formal: Entregou-se como refém por sua própria vontade. Agiu como um louco, em minha opinião, quando assim se constituiu prisioneiro. (Réne Nelli, *Os Cátaros*, p. 28)

1209 – É fundada a Universidade de Cambridge.

Michel Scott – monge, mago, astrólogo e conselheiro do imperador Frederick de Hohenstaufen, publica o *De Secretis*.

Em torno desta data foi introduzida no ocidente, pelos sábios muçulmanos, a tradução da TÁBUA DE ESMERALDA.

Guy de Montfort, irmão de Simon, recua perante as dificuldades de cercar Montségur.

1209, fim – Simon de Montfort, junto com o duque Eudes de Borgonha, sofre sua primeira grande derrota frente às torres de Cabaret.

1210 – Frederick de Hohenstaufen casa-se, com 15 anos de idade.

Assume o 12º Mestre do Templo, Guilherme de Chartres, ficando até 25 ago 1219.

Santo Antônio (na verdade Fernando) ingressa no Colégio dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho, em Lisboa. Bastante estudioso, aprofundou seus conhecimentos na Sagrada Escritura em apenas nove meses, de tal forma que foi apelidado por Gregório IX como “Arca do Testamento”.

1210, 6 de maio – Em Reims, um violento incêndio destrói o centro da cidade, e com ele, a catedral de Reims. O arcebispo Aubry de Humbert decide então reerguer as ruínas e fazer sobre o mesmo local uma nova construção, em razão das importantes cerimônias de sagração que se desenrolariam. A primeira pedra foi colocada exatamente um ano após o incêndio.

1211 – Pierre Rogier, dono do castelo de Cabaret, ao ver que é o único que ainda resiste, entrega-o a Simon de Montfort em troca de feudos equivalentes situados na planície.

O conde de Toulouse, sempre prudente e sempre inimigo da guerra, resolveu dirigir-se ao papa e render-se. Entregou o palácio – o “castelo narbonense” – aos cruzados, e sua cidade foi praticamente ocupada.

1211, 3 de maio – Em Lavaur, Simon de Montfort manda enforcar Aimeric de Montréal e atirar a um poço sua irmã Giraude.

> Não acredito, diz o poeta da *Chanson de la Croisade*, que, em toda a cristandade, alguma vez se tenha enforcado a um barão tão importante, e com ele tantos cavaleiros, pois só estes eram mais de oitenta. Quanto aos habitantes da cidade, reuniram quatrocentos num prado para serem queimados. Além disso, Giraude foi lançada num poço e coberta de pedras pelos cruzados. Foi uma desgraça e um crime, pois ninguém no mundo, fiquem sabendo, se aproximava desta dama sem que lhe fossem oferecidos alimentos até a saciedade... Foi pela Santa Cruz de Maio que Lavaur foi arruinado da maneira que vos contei...
>
> [tradução francesa, quadra 68] (Réne Nelli, *Os Cátaros*, pp. 29-30)

1211, 6 de maio – É colocada a primeira pedra da catedral de Reims a ser reconstruída. A construção se desenrola até 1481, quando um novo incêndio destruirá os madeirames e o campanário, pois a catedral estava em vias de conclusão. De 1226 a 1825, vinte e cinco reis de França serão sagrados em Reims.

1212, março – Frederick de Hohenstaufen nomeia seu filho, de um ano de idade, rei da Sicília.

1212 – A trágica cruzada das crianças[333]. As duas cruzadas das crianças, ocorridas nesse ano de 1212, foram quase inacreditáveis. A primeira foi liderada por pequeno pastor francês, com cerca de 12 anos: Stephen. Na primavera de 1212 ele vê Deus numa visão, numa encosta perto de Cloyes, na França. Deus declarou a Stephen que apenas crianças inocentes poderiam expulsar os infiéis da Terra Santa, ditando-lhe uma carta ao rei Philippe, da França. O rei recusou a permissão para a cruzada, ordenando ao jovem que retornasse para casa. Em vez disso, Stephen vai ao campo e prega fervorosamente uma cruzada, atraindo crianças de todas as partes. A maioria tinha menos de doze anos, algumas das quais meninas. Poucos adultos juntaram-se a eles. Orando, cantando e gritando eles marcharam seguindo Stephen. Alguns morreram no caminho, mas cerca de trinta mil marcharam até Marseilles.

333 Wikipedia – Cruzada das Crianças

Esfarrapados e famintos, de pés inflamados, aguardaram que Deus apartasse as águas do Mar Mediterrâneo para que marchassem a Jerusalém. Finalmente, mercadores inescrupulosos entregam aos exaustos pequenos cruzados velhos e remendados barcos para “livre transporte à Terra Santa”. Dois barcos naufragaram numa tempestade, morrendo todos. As tristes crianças dos outros barcos foram vendidas como escravos no Egito. As notícias da pequena cruzada, chegando à Alemanha, inspiraram o garoto Nicholas a reunir crianças alemãs para rumarem à Terra Santa. Em vez de armas, Nicholas pregava que eles converteriam os infiéis ao cristianismo. Milhares de crianças, pouco mais velhas que o grupo de Stephen, acorreram ao chamado. Os jovens cruzados sobem os Alpes até Roma, perecendo mais de dois terços na terrível marcha. Em Roma, o papa Inocêncio III delicadamente ordenou-lhes que retornassem para casa. Desgastados para empreender uma viagem de volta, a maior parte se refugiou nas vilas ao longo do caminho, jamais voltando a seus lares na Alemanha. Raras vezes a loucura ocidental atingiu nível semelhante, a ponto de contagiar gerações inteiras de almas puras.

1215 – XII Concílio Ecumênico ou Concílio de Latrão IV. Institui o dogma da transsubstanciação. Ouçamos os clérigos a esse respeito:

> Foi ordenado por Inocêncio III. Eleito papa com apenas 37 anos, levou o pontificado romano ao apogeu de seu fulgor. Árbitro supremo, religioso e político do mundo cristão, mostrou como a simples força moral pode reger a sociedade. As finalidades do Concílio foram por ele precisadas nestes termos: preparar a cruzada para libertar dos muçulmanos o sepulcro de Cristo, estabelecer a paz, erradicar a heresia dos albigenses, exterminar os vícios. A bem dizer, a Igreja parecia sofrer com sua vitória. A tranquilidade, o bem-estar material, não eram propícios ao prestígio espiritual, à vida cristã de muitos filhos da Igreja. Apesar dos parasitas do Evangelho e do altar, achamos, ainda uma vez, os verdadeiros pastores que se imolam para bem das almas, santificam a si mesmos e aos outros em silêncio, sempre, em toda parte. São desse período os gigantes da santidade do pensamento e da ação: São Domingos, São Francisco e Santo Antônio de Pádua. Mas toda a Igreja deveria estar à altura da sua missão, protendida para o ideal que brilha na plenitude de Cristo. E isto queria o longevidente Inocêncio. Participaram do Concílio 404 bispos, 800 abades, os embaixadores de quase todos os príncipes, solene e comovedora demonstração de unidade da Europa cristã. Foram reafirmados os dogmas da Fé referentes às Três Pessoas Divinas e a seus atributos, em particular à criação de todos os seres, espirituais e corporais, da parte de Deus; ao mistério da Redenção, à dúplice natureza do Cristo, à ressurreição final de todos os corpos, aos sacramentos do batismo, da penitência e da Eucaristia. De modo especialíssimo foram proclamadas novamente a instituição do matrimônio por parte de Cristo, a legitimidade e a santidade do vínculo conjugal, tudo isto contra a heresia dos albigenses, que repetiam o dualismo dos antigos maniqueus. Quanto à disciplina, os heréticos obstinados serão remetidos ao braço secular, e será excomungado quem proteger um herético. Em toda Igreja Metropolitana um eclesiástico ensinará publicamente a Sagrada Escritura. Proibição mais severa aos clérigos que se entregarem a distrações impróprias ao seu ministério e à sua dignidade. Proibido o comércio das relíquas e vedada a exposição das recentes. Obrigação das publicações precedentes ao matrimônio. Finalmente, todo fiel deve fazer a confissão ao menos uma vez por ano, e ao menos no período pascal comungar da Santíssima Eucaristia. O confissor é vinculado pelo sigilo sacramental da maneira a mais absoluta.
>
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. da Vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

Triste visão acerca de um dos mais perversos governantes gerados por Roma, que juntamente com seu sucessor, Gregório IX, será responsável pela matança de milhões de hereges, "*sem poupar idade, sexo ou posição*", como se orgulhou de relatar um dos legados de Inocêncio III. Quando, transcorridos 750 anos desde estes acontecimentos até o relato acima dos clérigos atuais, seus sucessores históricos ainda o veem como "*árbitro supremo, religioso e político do mundo cristão, mostrou como a simples força moral pode reger a sociedade*" e que "*levou o pontificado romano ao apogeu de seu fulgor*", muito pouco se pode esperar sobre a evolução ideológica e moral de grupos sociais onde a consciência dá lugar à obediência.

1215 – A Quinta Cruzada de Frederick III toma Damieta.

Assinada a Magna Carta, pelo rei João Sem Terra, da Inglaterra. É considerada um dos mais notáveis documentos da História. Os direitos ali listados eram, na maioria, direitos feudais de justiça e propriedade reconhecidos pelos reis anteriores, mas agora eles eram pela primeira vez impostos a um governante. O princípio de que o rei deve reger de acordo com a lei possibilitou ao povo, no futuro, lembrar ao rei sempre que ele ultrapassasse de seus limites de autoridade.

1215, julho – Frederick de Hohenstaufen sagra-se imperador Frederick II. Para receber a diadema imperial do papa Honorius III, Frederick II promete "tomar a cruz" e ir combater os infiéis maometanos na Terra Santa. Mas antes fez reconhecer seu jovem filho, Henry, como duque de Suábia, depois vice-rei de Borgonha, antes de fazer que o elegessem "rei dos romanos" a 26/abr/1220. Para tanto adiou a partida de 24/jun/1219 para 29/set, depois para 21/mar/1220, e para o outono de 1220 e depois para a primavera de 1221.

1215, 30 de novembro – Foi promulgada uma bula papal colocando em efeito as decisões concernentes aos judeus que tinham sido tomadas pelo Quarto Concílio de Latrão, com a materialização final do preconceito religioso medieval. (...) Até então o judeu era considerado uma peste indispensável, pelo fato de que se podia recorrer a ele para a assistência financeira que o verdadeiro crente não podia fornecer. No entanto, à medida que avançava o século e que os cahorsinos[334] e os lombardos estendiam suas atividades mal disfarçadas, o judeu ficou supérfluo; e seu destino foi selado. Não que, em épocas anteriores, a expulsão tivesse sido um fato desconhecido; mas restringia-se a áreas limitadas. Agora, a autoridade da Coroa tornou-se uma realidade em diversos Estados europeus, estendendo-se pela superfície de todo o país.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 112)

A partir daí, com toda a força papal agindo nas poucas consciências livres ocidentais que não cobiçassem as propriedades judias, oficializou-se na Europa o início da grande Diáspora.

1216 – Assume o papa Honorius III [Cencio Savelli], até 1227.

Henry III assume o trono da Inglaterra. Filho mais velho do despótico João-Sem-Terra, foi coroado com 9 anos e reinou até 1272. Piedoso mas incompetente e extravagante, sofreu forte oposição dos barões no Parlamento. Em 1264 os barões, liderados por Simon de Montfort, voltaram-se contra o rei na Guerra dos Barões. A guerra cessa com a morte do Earl Simon em batalha.

---

334 Wikipedia – Banqueiro lombardo penhor do tipo montepio. O termo é pejorativo. Cahorsino deriva de Cahors, cidade do sul da França, onde este método de empréstimo era prevalente.

Um fanático espanhol, Dominic Guzman, impelido por um ódio raivoso contra a heresia, cria uma Ordem chamada, mais tarde, Dominicana. Em 1233 este câncer eclodirá numa das mais luciferianas criações da humanidade, concebida e conduzida pelos dominicanos: a Santa Inquisição.

1218 – Termina a construção do maior e mais reforçado castelo templário: o Castelo dos Peregrinos. Comportava até quatro mil pessoas, e encerrava em suas muralhas minas de sal, nascentes de água doce, pomares, hortas e pastagens. Junto ao porto havia, inclusive, um estaleiro. Foi iniciado e terminado pelo Mestre do Templo Guilherme de Chartres. Outro grande mérito de Guilherme foi o de conseguir suportar a pressão papal durante seis anos para que guerreasse com os muçulmanos. Não fosse a manutenção da paz tão duramente conquistada a Ordem não teria sobrevivido no *Outremer*. Na verdade, os templários nunca tiveram maior pressão e prejuízos que a de seus próprios companheiros de fé. Henrique, o segundo imperador latino de Bizâncio, sequestrara-lhes todos os castelos na Grécia.

1218, 24 de maio – Parte de Acre a 5ª Cruzada, multinacional, dirigida contra Damieta e o Cairo, no Egito. No dia 29 estão ancoradas, a duas milhas de Damieta, as esquadras holandesa, palestina e austríaca, com o rei João de Jerusalém, o Mestre do Templo Guilherme de Chartres e os templários. O fracasso da cruzada deveu-se, principalmente, à ingerência do papa Inocêncio, de seu sucessor, Honório, e de seu prelado, o cardeal espanhol Pelágio. Al-Adel, o grande líder islâmico, irmão de Saladino, está incrédulo. Por que, após tantos anos de convivência pacífica com os árabes vivendo em sua própria terra cumprindo os acordos para permanência dos ocidentais invasores, mais uma vez vem eles guerrearem?

1218, 25 de junho – Morto Simon Montfort, o chefe militar da Cruzada Albigense. Segundo a *Chanson de la Croisade*:

> Sire conde de Montfort, muito sombria parece a vossa sorte. Sofrereis grandes derrotas por serdes tão devoto! Os homens de Toulouse mataram os vossos cavaleiros, as vossas companhias e os melhores assalariados: Guillaume Thomas, Garnier e Simon du Caire morreram; Gautier está ferido...

Gui, irmão de Simon de Montfort, também é morto:

> O conde aproxima-se do irmão bem amado, ajoelha-se e pronuncia estas palavras ímpias: *Meu irmão, Deus odeia-nos, a mim e aos meus companheiros, e protege os soldados aventureiros; assim, por este ferimento, serei monge hospitaleiro*.

Enquanto Gui, ferido de morte, geme e agoniza, as máquinas de guerra dos tolosanos não param de atirar:

> Havia na cidade um pedreiro construído por um carpinteiro. De Saint-Sernin foram extraídas pedras e também madeira de sorveira. E eram senhoras, raparigas e mulheres que o utilizavam. E a pedra lançada veio direita ao que interessava e bateu em Simon sobre o seu elmo de aço, de tal modo que voaram em pedaços os seus olhos, os miolos, os dentes, os maxilares... Levam-no imediatamente para Carcassonne para ser sepultado. (...) E, no epitáfio, para quem souber ler, diz-se que foi santo, mártir, que deve ressuscitar, partilhar da herança celeste e florir da sua felicidade maravilhosa, usar a coroa e viver no reino de Deus. E eu ouvi dizer que deve ser assim: se, para matar homens e derramar sangue, para perder almas, para consentir crimes, para acreditar em conselhos perversos, para atiçar incêndios, para destruir barões, para desonrar Parage, para conquistar terras violentamente, para dar livre curso ao orgulho, para atiçar o Mal e destruir o Bem, para matar mulheres, enforcar crianças, é possível, neste mundo, conquistar Jesus Cristo, deve usar auréola e brilhar no céu. E que o Filho

da Virgem, que conduz os justos ao Pai, que deu a carne e o sangue para destruir o orgulho, vele pela Razão e a Justiça, que estão em perigo de desaparecer, e que, entre os dois partidos, faça brilhar o Direito!

(René Nelli, *Os Cátaros*, p. 39)

1219, 25 de agosto – Morre o 12º Mestre do Templo, Guilherme de Chartres, em meio à luta no Egito. Sucede-o Pierre de Montaigu, ficando até 28/jan/1232.

Neste mesmo 25 de agosto os cruzados rompem a grossíssima corrente que barrava o único acesso ao Nilo. Está aberto o caminho para penetrar em Damieta e no Egito. Ao receber a notícia, o irmão de Saladino, al-Adel, morre aos 74 anos. O velho monarca deixara o Egito com al-Kamel, Damasco e Jerusalém com al-Moazzam e Jézira com al-Achraf. Apesar desta relativa harmonia entre os irmãos, o islã está sempre pronto a ser fragmentado por seus emires. Para os cruzados, vem a notícia de um auxílio inesperado: São Francisco de Assis. Ele vai ao Cairo, fala com o sultão al-Kamel e obtém dele uma espantosa oferta: deixando o Egito, os cristãos teriam de volta a tão cobiçada Verdadeira Cruz, a Galileia, a Palestina Central e a própria Jerusalém. Conservariam, ainda, os castelos de Montreal e Kerak, situados além do Jordão, devendo apenas pagar um tributo por eles. Por mais incrível que a oferta possa parecer, a resposta dos cruzados o foi mais ainda: Não negociam com sarracenos! Na verdade, os próprios templários não concordam com a proposta do sultão por um motivo muito prático: ela não garantia em nada a permanência das terras conquistadas, pois as fortificações de Jerusalém haviam sido destruídas por ordem de al-Kamel a seu irmão, al-Moazzam, deixando a cidade vulnerável. Mas, a partir da oferta, os cruzados deduzem a fragilidade egípcia. Após sessenta e duas semanas de luta, conquistam Damieta em 2 de novembro. Mas daí em diante ficam como que paralisados, à espera da tão prometida cruzada de Frederick, que só virá oito anos depois. Embora chegassem reforços alemães, Pelágio não queria agir sem o imperador alemão.

1220 – Santo Antônio (na verdade Fernando), com 25 anos, decide ingressar na Ordem dos Frades Mendicantes, no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra. Aí recebeu o hábito e o nome de Antônio Olivares. Era o noviciado. Aparentemente decidiu-se após contemplar os ataúdes de cinco franciscanos que haviam partido para o Marrocos a fim de evangelizar os infiéis e que acabaram sendo martirizados.

Em viagem para Marrocos – onde pode ficar apenas alguns dias devido à sua doença (hidropisia) – um acidente arrastou a embarcação para as costas da Sicília. Morou, assim, alguns anos no convento dos franciscanos em Messina, cujo Superior o levou a Assis, para o Encontro Geral dos Frades, com mais de três mil presentes. Foi nessa ocasião que Antônio conheceu Francisco de Assis, o “trovador de Deus”.

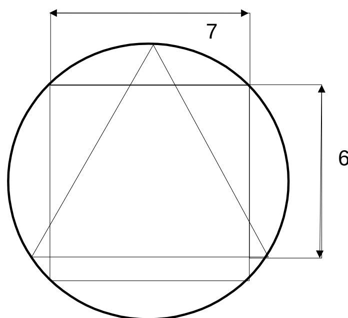
Antônio foi, então, designado para a província franciscana de Romagna, e viveu a vida eremítica num convento perto de Forli. Incumbido das humildes funções de cozinheiro, viveu na obscuridade até que seus superiores, percebendo seus extraordinários dons de pregador, enviaram-no à Itália setentrional e à França para pregar nos lugares onde a heresia era mais forte. Tomado de compaixão pelos pobres, fracos e aflitos, mostrou-se pai, amigo e consolador. Finalmente, Antônio teve morada fixa no convento de Arcella, localizado a um quilômetro dos muros de Pádua. A partir de então começou a pregar onde quer que fosse chamado.

Notre-Dame: eleva-se a fachada até a galeria dos reis.

Reconstrução da catedral de Chartres após o incêndio de 1194. Assentam-se as abóbadas. A catedral atual será acabada em 1260, ano da dedicação em presença de São Luís.

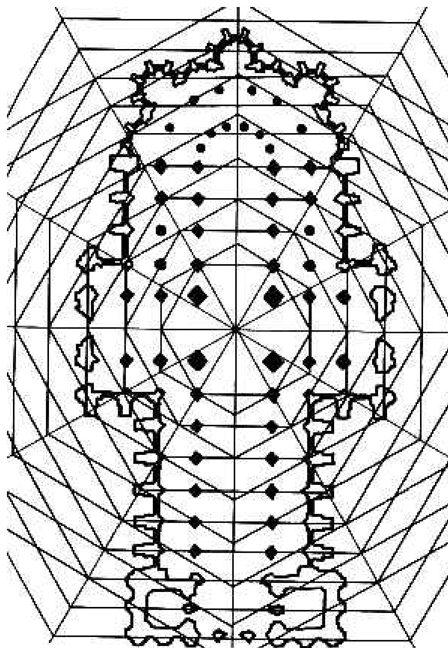
Como toda catedral de seu tempo, Chartres foi construída na base da relação numérica de dois algarismos. No caso, a relação era 6 por 7. Os antigos cristãos associavam estes números aos aspectos Superior e Concreto de Jesus. Já vimos isto no caso do 6. Matematicamente é a relação entre os lados dos hexágonos inscrito e circunscrito num círculo.

Figura 48: O PLANO GEOMÉTRICO DE CHARTRES



Simultaneamente, a métrica da catedral responde à finalidade de Templo Solar de Chartres. Vimos em Troyes a métrica mostrando os 365 dias do ano solar no comprimento do eixo principal da nave. Em Chartres, a métrica do 6 é que fará este papel. O número 6, pelos cálculos dos *mathematikoi* pitagóricos, era considerado um atributo material solar, enquanto o 1 sintetizava todas as virtudes elevadas, espirituais, do astro nº 1 de nosso Sistema. O 16, dessa forma, representava os números sacros solares, com toda força da ação solar no Alto e Baixo. Por esta razão as pirâmides egípcias – reconhecidos templos solares erguidos em pleno deserto, onde o sol brilha na maior parte do tempo – foram geometricamente concebidas a partir de 4 triângulos (4x3=12 linhas) mais 1 quadrado (4 linhas), num total de 12+4=16 linhas. Por isto a tumba de Arthur, descoberta em Glastonbury (vide ano 1190 d.C.), estava a 16 pés de profundidade. O sepulcro era seu templo, e acima de si o rei e sua esposa tinham os 16 céus materiais lhe prendendo fora da manifestação, representados pelas pirâmides sobre seus túmulos. Pelo mesmo motivo os egípcios utilizaram as pirâmides como tumbas. Chartres, a seu modo, também foi concebida homenageando a Unidade e o Seis, pois foi desenhada a partir de 16 hexágonos concêntricos, representando os 16 céus da manifestação. O número 6 estava ligado aos ciclos de reencarnações de Pitágoras. Representa as 6 direções que prendem o humano, mesmo na hora de sua morte: o norte, o sul, o leste, o oeste, o alto e o baixo. Essa prisão hexagonal, se tem negada sua existência durante a vida é indiscutível depois de morto, e o formato hexagonal dos caixões o comprova ao observá-lo de todas as direções. Os 16 números 6, então, são os 16 céus que medem a manifestação pitagórica. Afinal, os artífices desses templos solares em pedra sempre advogaram para si, como Mestre de sua Irmandade, o grande Pitágoras:

Figura 49: OS DEZESSEIS CÉUS DE CHARTRES



La symbolique des cathédrales, Didier Carrie

1220 – Início da dominação mongólica do Oriente Médio, com Gengis Khan. Logo Gengis abrirá mão de aventurar-se na Pérsia, o que será feito mais tarde por seu filho, Hulagu.

Jean Gisors deixa de ser o G.˙.M.˙. [gran mestre] dos *Nautonniers* do Monastério do ~~Sinai~~ Sion. Assume Saint Clair.

Em Kildare, na Irlanda, o arcebispo de Dublin solenemente apaga, juntamente a um resto de crenças passadas, o fogo perpétuo num santuário secreto, mantido por virgens chamadas *Filhas do Fogo*.

Na pequena vila de Lavaur, no Languedoc, os cruzados trucidam mulheres e crianças. A castelã do lugar, Geralda, é atirada viva num poço, seguida de pedras. Todos os habitantes – homens, mulheres e crianças – são trucidados pela espada.

1220, abril – O filho de Frederick de Hohenstaufen, que havia sido coroado por Frederick rei da Sicília com apenas um ano em março de 1212, é eleito rei da Alemanha como Henry VII, com a idade de nove anos. Mais tarde guerrearia contra seu pai, após fazer uma aliança com a Liga Lombarda.

1220, 22 de novembro – Após vencer um imperador rival, Frederick de Hohenstaufen é coroado imperador Romano.

1221, 12 de julho – O cardeal Pelágio finalmente começa a avançar Nilo acima com a 5ª Cruzada. Enquanto avançam com 630 barcos e quase 50 mil soldados, dão-se conta que estão cercados por um exército muito maior. Enquanto o exército de al-Achraf ajuda al-Kamel a impedir o acesso dos invasores ao Cairo, as tropas de al-Moazzam cortam a retaguarda para Damieta. Para completar, em plena época de cheias do Nilo os soldados egípcios abrem as comportas da margem oriental e os cruzados são imersos no lodo e água, enquanto são atacados pelos turcos e pelos núbios. Na capitulação, as condições do monarca egípcio ainda são misericordiosas. Seriam trocados

todos os prisioneiros e os cristãos levariam a Verdadeira Cruz, desde que deixassem o Egito e assinassem uma trégua por oito anos. Pelágio, de Montaigu e os sobreviventes partiram de Damieta em 8 de setembro, após a humilhante derrota.

1221 a 1223 – É introduzida na Espanha, das chamadas Índias Ocidentais, madeira de coccus, que servia para tingir lã, a qual os italianos chamavam *verizin* e os espanhóis *brazil*. Marco Polo faz dela menção. O nome *Brazil* já era conhecido bem antes do descobrimento do país, e as tarifas de alfândega de Ferrara compreendiam esta mercadoria em um de seus artigos. Cesar Cantu, tratando da existência de uma ilha na América chamada *Brazil*, escreve: "*E pois esse mundo só para nós seria novo, que o não conhecíamos!*". (Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 170)

1222 – Aparecimento do cometa Halley.

Aparecem os escritos dos Eddas, por Snorri Sturluson, constituindo-se na mais antiga e extensa fonte sobre a mitologia germânica. Os Eddas são compostos dos Eddas em prosa (os mais novos) e em verso (os mais antigos). Snorri é um chefe da Islândia e um erudito que escreveu os Eddas como um livro dedicado aos jovens poetas, a fim do auxiliá-los na difícil métrica da poesia islandesa. Apesar de constituir-se numa compilação posterior – foram compostos originalmente entre 500 e 1100 da era cristã – os Eddas em verso são chamados *antigos* por se basearem em autores desconhecidos muito anteriores. Entre os Eddas antigos destacam-se os que relatam a história de Odin, considerado geralmente o pai dos deuses nórdicos. Além disso, contam-se entre os Eddas antigos a história de Siegfried e outros heróis germânicos lendários. Alguns estudiosos modernos veem em Siegfried a história lendária de um personagem real da dinastia dos merovíngios, o que corrobora a ligação daqueles reis com esta corrente cristã iniciática, paralela ao movimento religioso da Igreja de Roma. Compilações posteriores como o épico alemão *Nibelungenlied,* a *Canção dos Nibelungs,* são versões da história de Siegfried que ganharam vida e popularidade nas mãos das clássicas óperas de Richard Wagner no século XIX.

1223 – Termina o reinado de Philippe II, da França.

1224 – Notre-Dame: erguida a Rosa do Ocidente.

Fundada a Universidade de Nápoles por Frederick II.

1225 – Criada a igreja cátara de Razès, pelo Concílio Cátaro de Pieusse (Aude).

1226 – Inicia o reinado de Louis IX.

Morre São Francisco de Assis.

1226, final – Uma importante embaixada muçulmana, conduzida pelo emir Fakhreddin, representando os interesses do sultão Al-Kamel (sultão do Egito contra quem Frederick II prometera 'cruzar-se'!), apresenta-se no palácio imperial de Foggia. Deixemos a palavra a Pierre Boulle:

> Era uma bela figura de senhor árabe que cruzava o mar para saudar o imperador do Ocidente, nesse fim de ano de 1226, e ao mesmo tempo um guerreiro ('*o chefe mais valioso estimado de todo o paganismo*', dirá dele Joinville alguns anos mais tarde) e também um hábil diplomata; como seu soberano Al-Kamel e como o próprio Frederick, ele gostava de cercar-se de sábios e filósofos e deleitava-se discutindo com eles durante longas horas. Era ademais um magnífico cavaleiro, apaixonado por cavalos e um perito na caça com falcões e na falcoaria. O sultão fizera uma feliz escolha em sua embaixada. Ninguém melhor que o emir poderia atrair as boas gracas do imperador... (Pierre Boulle, *L'Étrange Croisade de l'Émpereur Fréderic II*, Flammarion, 1968, p. 89)

(Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, p. 200)

Frederick, quando chegou na Sicília, encontrara uma grande quantidade de sarracenos que ocupavam seu reino. Sabedor do perigo de enfrentar tão temíveis inimigos, Frederick (?) [deportou-os] para a planície de Puglia, fazendo com que a partir daí se desenvolvesse uma importante colônia muçulmana perto da cidade de Lucera[335], centrada no artesanato de metais. Consolidando seu papel de aliado e defensor dos árabes, Frederick alista em seu exército uma legião muçulmana. Daí o envio do emissário do sultão do Cairo, com quem Frederick mantinha ótimas relações. Entre tantas discussões filosóficas e metafísicas que tinham Frederick e al-Kamel, o sultão do Cairo chegou a dizer-lhe que muito lhe agradaria ver Frederick em Jerusalém. Na verdade, al-Kamel tinha um interesse muito prático nesta oferta. Jerusalém não lhe pertencia. Juntamente com Damasco, era de seu irmão, al-Moazzam. A desconfiança entre os dois irmãos já era muito grande, e, para al-Kamel, a posse de Frederick sobre Jerusalém seria muito interessante na medida em que se interporia entre o Cairo e Damasco. Além disso, a ameaçadora presença dos tártaros de Gengis Khan exigia uma proteção extra que poderia ser obtida com os cristãos. Aliás, em muitos aspectos os bárbaros do ocidente e os do oriente se identificavam, a tal ponto que as possessões cristãs eram, em geral, poupadas pelos invasores mongóis.

1226 – Assume Luís IX[336] (1226–1270) na França.

> Mais lembrado como "São" Luís, seu zelo religioso reforçou os antigos preconceitos de uma forma descomunal. As determinações do Quarto Concílio de Latrão foram postas em prática com a maior severidade. Manifesta-se um interesse pessoal na obtenção de conversos. Foi sob os auspícios reais que se travou a célebre disputa em Paris entre Nicholas Donin e Rabi Jehiel, em que o Talmud foi condenado à fogueira. Numa ocasião, o rei recomendou a espada "*forçada em seu corpo até onde possa entrar*" como o melhor argumento para defender o cristianismo dos ataques do infiel. Foram perdoados não somente os juros sobre dívidas contraídas com judeus, mas também um terço de seu valor capital.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 120-121)

1227 – Nasce Thomas de Aquino.

Uma desconfortável aliança é feita pelos templários e hospitalários para defender-se das pretensões de Frederick II.

1227, 18 de março – Morre o papa Honorius III. Assume o papa Gregório IX [Ugolino dei Conti di Segni], até 1241.

1227, 8 de setembro – Frederick inicia a tão protelada cruzada para reaver a Terra Santa, após seu casamento com Isabelle de Brienne. A frota imperial levanta âncoras da baía de Brindisi e ruma ao Mediterrâneo oriental, que nunca atingirá... Alegando a "doença e o calor", a frota arriba a Otrante, suspendendo a cruzada.

1227, 29 de setembro – O papa Gregório IX excomunga a Frederick II por seu novo recuo na tão prometida cruzada.

1227, novembro – Morre o sultão de Damasco e Jerusalém, al-Moazzam. Assume seu jovem e ambicioso filho, an-Nasser. O sultão do Cairo, al-Kamel, agora sonha com a conquista de Damasco e da Palestina, em vez do estado cristão neutro que teria com seu amigo Frederick.

---

335 Wikipedia – Lucera – período suábio
336 Wikipedia – Luís IX (1214–1270) rei da dinastia capetiana canonizado em 1297.

1228 – Frederick II arma “cavaleiro cristão” ao emir Fakhreddin, que voltara em visita a Foggia. Atrai mais ainda a ira de Gregório IX, pela audácia em sagrar cavaleiro a um infiel.

1228, 28 de junho – Frederick II parte pela segunda vez com os navios da baía de Brindisi para Jerusalém, originando a chamada 6ª Cruzada. É excomungado pela segunda vez por realizar uma cruzada sem permissão papal. Com isto colocara numa difícil posição os templários de Jerusalém e toda a cidade, passíveis de serem excomungados por terem contato com um excomungado. Ao mesmo tempo deixa em delicada situação seu reino, pela possível sublevação de seus súditos instigados pelo papa Gregório IX.

1228, 7 de setembro – A esquadra de Frederick II chega a Saint-Jean-d'Acre. Começava, aos olhos da cristandade e do mundo muçulmano, a aventura que a história conservou com o curioso *Stupor Mundi*.

Frederick tomou conhecimento que estava duplamente excomungado. Não era bem-vindo e quase não recebia apoios. As autoridades religiosas, com o patriarca de Jerusalém à cabeça, desviam-se de Frederick. Grande parte do desconforto em relação a Frederick devia-se ao fato da tênue paz que desfrutavam eram restritas a umas poucas cidades, aldeias e castelos cuja existência continuada dependia da paz com os muçulmanos. Até mesmo os templários e os hospitalários arrefeceram em seus combates com os muçulmanos e descarregavam suas energias em disputas entre eles. Mesmo eles foram forçados a se juntar com a chegada de Frederick e sua cruzada, pois sempre tinham como prioridade tirar proveito do domínio que porventura pudessem perder na região para aquele intrometido. Mas o risco da excomunhão lhes pendia sobre as cabeças. A solução encontrada quando da partida de Frederick rumo ao sul foi engenhosa e ridícula: cavalgavam paralelamente às tropas de Frederick, mas não juntos. Como esta posição tornava-os muito vulneráveis aos muçulmanos, adotaram uma segunda solução: os templários cavalgariam com o imperador e acatariam suas ordens, desde que eles as desse em nome de Deus e não no seu excomungado nome. Sofismas eram uma especialidade dos templários. A morte de al-Moazzam, sultão de Damasco e Jerusalém, deixa Frederick em má situação para exercer qualquer pressão sobre o sultão do Cairo, al-Kamel. O sultão precisava aproveitar a oportunidade para conquistar Jerusalém, não entregá-la a outro. Mas seu compromisso de cavalheiro não poderia quebrar uma promessa. Por outro lado, para Frederick, a morte de sua mulher Isabel de Brienne complicava as já tensas relações com seu sogro. Frederick estava pressionado por voltar à sua terra que sofria da agressão de seu sogro através das instigações papais.

O sultão do Cairo, amigo de Frederick, mostrou-se, então, favorável a entregar Jerusalém desde que tivesse ajuda para conquistar o islã. Já Frederick queria toda a cristandade. Ele e Kamil podiam fazer negócio.

Existem notícias (de crédito e fundamento relativos) sobre uma verdadeira conferência realizada em Saint-Jean-d'Acre à chegada de Frederick, à qual assistiram os chefes dos cavaleiros de então. Frederick II foi eleito grão-mestre e representante do misterioso *preste JOÃO*, que alguns qualificam como “rei do mundo”. Teriam-se feito representar os famosos “assassinos” muçulmanos, os “rábitas” de Espanha, os “fatas” turcos, os templários, os hospitalários e os teutônicos. O que parece confirmado é a desconfortável aliança entre templários e hospitalários contra o imperador Frederick, que viera interferir no *Outremer*.

1229, 18 de fevereiro – Frederick concorda, em nome dos francos palestinianos (embora sem o seu consentimento) em apoiar al-Kamel. Fez um acordo de paz com o sultão por dez anos. O sultão, por sua vez, devolvia aos francos Nazaré, a Galileia Ocidental, as terras muçulmanas à volta de Sidon, Belém e Jerusalém, e um corredor de terra de lá para a costa. Foi uma vitória sem derramamento de sangue que obteve mais do que quarenta anos de sangrentas cruzadas. Ao chegar Frederick com seus três mil homens às portas de Jerusalém, imediatamente foi assinado o acordo, que manteve os muçulmanos no setor do Haram ach-Sharif, onde situam-se seus principais santuários. A população de Damasco se mobiliza mas al-Kamel, já prevendo o furor de seus irmãos, impõe um forte bloqueio à metrópole. Com um exército muito mais numeroso logo obtém a capitulação da cidade, obrigando o jovem sultão an-Nasser a fugir. O mundo árabe está indignado com al-Kamel, que entregou a Terra Santa aos *franj*. Na verdade, esta sabedoria conciliadora aiúbida sempre se mostrou, ao longo dos tempos, prejudicial aos muçulmanos pois o Ocidente não via limites para sua ganância. Se não ocorreu com Frederick, ocorrerá certamente com outros aventureiros. Nisso os opositores de al-Kamel tinham toda razão, como o tempo mostrará.

1229, 17 de março – Num sábado, Frederick entrou na Cidade Santa acompanhado apenas por seus compatriotas.

> Foi imediatamente à Igreja do Santo Sepulcro, que fizera retornar ao culto cristão. Uma vez aí, fez o gesto que Napoleão por sua vez realizaria alguns séculos mais tarde, tomando a coroa e pondo-a sobre a própria cabeça sem a ajuda de ninguém. Depois pronunciou um discurso comedido em que se lavou das acusações que pesavam sobre si. Mas já os efeitos da excomunhão tornavam-se mais desagradáveis: era deplorável ver um cortejo de eclesiásticos seguir o imperador aspergindo seus passos com água benta e salmodiando litanias... Sobretudo o acesso às missas fora-lhe interdito, e era um espetáculo desagrádavel ver o imperador que devolvera o culto às igrejas ter sua entrada proibida no momento da celebração do sacrifício divino. (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, 1976, p. 202)

Na segunda-feira, ofegante de raiva, chegou o arcebispo de Cesareia para excomungar a própria Cidade Santa por albergar um excomungado!

> Durante algum tempo Frederick ignorou todas as críticas e travou conhecimento com Jerusalém. Repreendeu o muezim local por, numa atitude de respeito para com o novo dirigente, não ter feito os habituais chamamentos para a oração: '*O meu principal objetivo ao passar a noite em Jerusalém*', declarou, '*era ouvir os chamamentos para a oração e os gritos de louvor a Deus durante a noite*.' Visitou a Cúpula do Rochedo e demonstrou o seu conhecimento da língua árabe ao fazer um malicioso trocadilho: havia redes às portas do santuário, as quais, segundo lhe disseram, se destinavam a não deixar entrar os pardais. A palavra pardais, em árabe, é *asafir*; a palavra 'porcos' é *khanazir*. Frederick disse em árabe: '*Em vez disso, Deus deixou entrar os porcos*!' Mas sua atitude francamente anticristã não o tornou mais simpático aos muçulmanos do que seu aspecto: '*Tinha a pele vermelha*', comentou um escritor muçulmano, '*e era calvo e curto de vista. Se fosse escravo, não teria valido duzentos diréns* [dirham]. *Tornava-se evidente pelo que dizia que era um materialista e que o seu cristianismo não passava de uma brincadeira para ele*.'
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 212-213)

Segundo um cronista local, a atitude em relação aos padres da Cúpula do Rochedo deveu-se à exploração feita por um padre aos visitantes, assistida por Frederick e comentada ao guarda do Rochedo, que reportou este acontecimento:

> Um dia em que o imperador passeava nos arredores da célebre mesquita do Rochedo, viu (espetáculo indigno) um frade cristão postado na entrada do edifício, obrigando os visitantes a dar-lhe dinheiro: tomado de cólera à visão desta cena, Frederick espancou-o berrando:
>
> > Porco! O sultão nos concede gratuitamente o direito de peregrinação e tu, miserável padre, ousas agir assim? Se eu encontrar algum outro padre no mesmo lugar eu o condenarei à morte.
>
> (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, pp. 202-203)
>
> Quando de sua visita ao *Dôme-du-Rocher*, Frederick leu uma inscrição dizendo: Saladino purificou esta cidade dos *muchrikin*. Este termo, que significa ‘associacionistas’ ou mesmo ‘politeístas’, se refere àqueles que associam outras divindades ao culto do Deus único. Designa em particular, neste contexto, os cristãos, adeptos da Trindade.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas vistas pelos Árabes*, p. 214)

Frederick era muito arrogante, com seu vasto conhecimento e a tentativa de restabelecer o governo monárquico de direito e não clerical. Para uma sociedade que há setecentos anos acostumara-se a praticar sua devoção a Roma, sua elevada cultura e conhecimentos espirituais de nada valiam quando afrontava com a apegada fé que, bem ou mal, sustentava todo o edifício social de sua época. Como disse Stephen Howarth, na citada obra *Os Cavaleiros Templários*:

> Apesar de toda sua cínica inteligência, Frederick não compreendia que a religião, para a maioria das pessoas, era um assunto muitíssimo sério.
>
> (S. Howarth, op. cit., p. 213)

Os assuntos da fé eram caros demais a todos para que pudessem esquecer que um excomungado conseguira a libertação da cidade. Além disso, a cidade era, na prática, muçulmana, tinha-se limitado acesso à costa e nenhuma terra à volta de sua posse. Depois do golpe de Frederick em Jerusalém, o papa desencadeou uma cruzada contra o próprio Frederick, em território alemão e na Itália. E os templários, na Terra Santa, tentaram induzir ao sultão al-Kamel a assassinar Frederick. Frederick cerca de soldados o Castelo dos Templários em Acre, ameaça raptar o Mestre, Pedro de Montaigu, e arrasar o Castelo dos Peregrinos. Mesmo sendo impossível, Pedro sempre se rodeou de guarda-costas.

1229, 1º de maio – Ao alvorecer, impedido de ficar mais tempo, Frederick embarca em Acre para solucionar seus graves problemas na Itália. O mais bem-sucedido de todos os cruzados deixava a Terra Santa sob detritos e esterco jogados pelos cidadãos, coberto de imundícies e de pragas. Definitivamente, Frederick estava muito além de seu tempo para poder acabar com o fortalecido poder temporal da Igreja. Comprara uma guerra com o papa e tinha agora que ir até o fim...

1229, 10 de junho – Frederick II desembarca em Brindisi e, após meses de lutas, consegue libertar seu reino da Sicília. Nos acordos para a paz exige-se que ele renuncie à pretensão aos estados papais. De um lado ficavam Roma e o papado aliados à Liga Lombarda, e de outro a Sicília e o reino de Frederick. A Itália estava fadada a permanecer retalhada. Frederick assina a paz com o papado e obtém perdão total. Sua cruzada excomungada agora transforma-se

numa missão cristã digna dos maiores louvores; o acordo com o sultão do Cairo é oficialmente aceito e o patriarca de Jerusalém é obrigado a respeitá-lo.

1229, novembro – O deposto sultão de Damasco, an-Nasser, prepara sua desforra para seu tio, o sultão do Cairo al-Kamel. Ataca e toma Jerusalém, sendo aclamado como um novo Saladino. Seu zelo pelo islã, no entanto, para por aí. Tornando a cidade mais indefensável, destrói a torre de Davi, assim como outras fortificações, e foge para a fortaleza de Kerak. Seu mesquinho interesse político manifesta-se ainda mais claramente mais tarde, quando morre al-Kamel. Na inevitável disputa pelo trono do Cairo, an-Nasser não titubeou em propor aos cristãos uma aliança contra seus primos. Para seduzir os ocidentais chegara a reconhecer, em 1243, seu direito sobre Jerusalém, inclusive dispondo-se a retirar os muçulmanos de Haram ach-Sharif!

Figura 50: O SACRO IMPÉRIO ROMANO-GERMÂNICO



1230 – Notre-Dame: reconstrução da nave abalada: erguem-se os arcos escorados por uma ponta, e inserem-se capelas entre os contrafortes exteriores da nave.

1231 – Apesar de perdoado pelo papa, Frederick II ainda adota duras medidas e rigorosas penas contra qualquer tentativa de sublevação em seu reino da Sicília.

Santo Antônio, a partir de sua fixação em Arcella, perto de Pádua, atinge o ápice de intensidade de sua pregação, caracterizando-se pelos conteúdos sociais. Antônio adquire uma inesperada doença, sendo transportado em carro de feno do convento de Arcella até Pádua.

Entoando um hino a Nossa Senhora, morre em Arcella a 13 de junho, aos 36 anos. O "santo", como era chamado em Pádua, foi canonizado por Gregório IX na Festa de Pentecostes, dia 30 de maio de 1232, um ano após sua morte, apoiado por uma popularidade que cresceria sempre. Em sua honra os Paduanos construíram uma grande e bela basílica.

1232, 28 de janeiro – Morre o 13º Mestre do Templo, Pierre de Montaigu.

1232 – Frederick II vai à Alemanha recuperar os estragos feitos pela política papal. Na realidade, Frederick usou todo seu reinado na Alemanha para obter recursos e exércitos para domar o papado na Itália. Não cessou de renunciar, na prática, à coroa alemã, acabando por destruir um poder já muito abalado pela guerra civil. Logo retorna à Sicília, pois o que temia ocorrera: uma nova revolta, certamente instigada pelo patrocínio papal e lombardo.

Assume o 14º Mestre do Templo, Armand de Peregors, até 17/out/1244.

1233, solstício de verão – Erigido o *Castel del Monte*, o famoso templo esotérico octogonal composto de oito torres octogonais, de Frederick II de Hohenstaufen A Astrologia conquistara um grande lugar na corte de Frederick II. Ele recebera do sultão do Egito o romance *Sidrach* ('o livro do saber'), que trocara pelas Profecias de Merlim, traduzidas para o árabe. Por outro lado, após seu casamento com Isabelle de Brienne, herdeira do trono de Jerusalém, os cronistas informam que o imperador só se dignara a consagrar sua união na manhã seguinte muito cedo, após a noite de núpcias, pois os astrólogos indicaram-lhe as horas favoráveis à procriação. Tinha em sua corte o mais famoso astrólogo de seu tempo, Michel Scott, chamado por alguns o "gêmeo psíquico" do imperador. Sem dúvida o imperador era um grande místico, mas inegavelmente não parecia ter a grandeza de espírito dos grandes espíritos. Seu grande salto foi, efetivamente, ter afrontado – interna e externamente – o poder clerical.

> A *Solatia* do imperador, ou morada solar de Castel del Monte, apresenta-se como um octógono regular feito de pedra calcária amarelada, talhada e cuidadosamente polida, sem ranhuras, eficaz como um monólito. (...) Às oito arestas das muralhas correspondem oito torres de oito ângulos de altos muros rebaixados. No pátio interior, igualmente de oito ângulos, ornado de esculturas antigas, há um grande tanque de mármore de oito lados. Grandes salas em forma de trapézio compõem os dois andares do edifício, com oito aposentos em cada andar. (...) A decoração interior é a mescla entrelaçada do Oriente e Ocidente: um portal da Renascença, janelas góticas e, entre as muralhas, espaços abobadados e o piso recoberto de mosaicos. Essa decoração é maravilhosamente terminada com paredes revestidas de placas de porcelana vermelha de Bréscia e de mármore branco. Supõe-se que esse luxo deslumbraria os visitantes ocasionais e os faria esquecer um pouco a falta de conforto utilitário, pois em parte nenhuma se encontram quartos de dormir nem cozinha.
>
> (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, pp. 182-183)

Figura 51: A FORTALEZA DE CASTELO DEL MONTE



Wikipedia – Castel del Monte

1231/33 – O papa Gregório IX e os dominicanos instalam os tribunais da Santa Inquisição.

> Quando Gregório IX instituiu a Inquisição a casa de Toulouse caiu do alto de seu poderio: seu território, devastado pelas cruzadas de Simon de Montfort, perdeu cerca de um milhão de habitantes e suas terras foram devastadas. A batalha da França do sul pela tolerância religiosa contra a perseguição romana havia sido empreendida e perdida: restava para a Igreja a organização durável de sua conquista. Os homens encarregados desta divina missão de depuração iniciavam uma missão aparentemente desesperada: a heresia estava por toda parte. E, além disso, a longa guerra contra os franceses havia cimentado uma união nacional entre católicos e cátaros occitânicos que se haviam reunido, durante duas gerações, para a defesa comum do solo de seus ancestrais. Estes primeiros inquisidores, que a Igreja não hesitará em denominar como seus "novos Macabeus", chamavam-se: Pierre Cella, Guillem Arnaud, Pons de Saint-Gilles, Bernard de Caux, entre os mais famosos. O núcleo de sua fé era uma vasta moradia em pleno centro da antiga capital dos condes de Toulouse. (Jean-Michel Angebert, *O Livro da Tradição*, pp. 309-310)

1233 – Dois inquisidores dominicanos enviados à pequena cidade de Cordes à busca de hereges são massacrados pela população.

1234 – A Ordem Dominicana condena às chamas o *Mishné Torá*, de Moisés ben Maimon (Maimônides). Este fato dissipou na maior parte as disputas rabínicas, sem precedentes, quanto à validade da obra para os devotos judeus.

1234, 14 de junho – Coube à cidade de Albi elevar-se em massa quando seu inquisidor começou a desenterrar os restos macabros de um herético de nome Beissera, a fim de queimar seu cadáver: o monge não pôde continuar seu trabalho. Seu sucessor, o monge Ferrer, cobrará cruelmente dos habitantes de Albi essa rebelião... Este mesmo Ferrer, em 1234, conseguirá provocar, com seus arrestos, uma verdadeira revolução em Narbonne, onde os dominicanos só se salvaram graças à fuga: o povo saqueou seu convento e destruiu todos os processos verbais. Também em Toulouse, um traidor chamado Dominique Arnaud, que havia denunciado heréticos para escapar à fogueira que lhe fora prometida, foi imediatamente executado a título de

represália. A situação em Toulouse tornou-se tão explosiva que os monges não podiam mais arrastar pelas ruas os cadáveres dos heréticos antes de queimá-los, porque corriam o risco de uma insurreição generalizada.

(Jean-Michel Angebert, *O Livro da Tradição*, p. 310)

1235 – Frederick II decide-se por acabar de vez com a ameaça do papa Gregório IX: pacifica totalmente a região alemã de seu reino e volta-se para dominar definitivamente a poderosa Liga Lombarda, no norte da Itália, que por três vezes lhe vetara a passagem.

1237 – Apesar de todos os indícios de um próximo levante contra eles, os dominicanos prosseguem infatigavelmente a sua obra: esperavam pacientemente que o céu lhes fizesse sinal, porque não ignoravam que o quartel-general da heresia continuava sendo Toulouse... O 'milagre' tão esperado se deu quando Raymond Gross, que havia vinte anos era padre cátaro, bateu à porta de seu convento em 1237 para fazer penitência. Este 'perfeito' arrependido forneceu, por sua própria vontade, todas as informações que poderiam sair de seus lábios: nomes, endereços, fileiras de passadores, receptadores, protetores altamente colocados na municipalidade, cumplicidades diversas de que os cátaros dispunham... As informações foram tão preciosas que possibilitaram à Inquisição decapitar a seita em Toulouse e provocar fugas e conversões precipitadas entre os remanescentes enlouquecidos. Dispondo então de um ponto de partida assegurado, os inquisidores empreenderam incursões pelas regiões vizinhas, poupando assim aos acusados a fadiga da viagem. A máquina inquisitorial estava então lançada no Languedoc. (...) Entre os crimes desses arrependidos estavam os seguintes: ter subido em um barco e ter percebido que este levava heréticos (!), ter cuidado de um paciente e ter percebido que se tratava de um herético (!), ter visto dois heréticos saírem de uma casa alugada da qual se era o proprietário (!!), ter partilhado de uma pêra com os heréticos (!!!), etc. (...)

O concílio de Narbonne[337] foi obrigado a pedir aos inquisidores que suspendessem momentaneamente as condenações à prisão: o número de pessoas que vinham, em bandos, pedir seu perdão depois dos tempos de graça era, na verdade, tão considerável que faltava dinheiro para a sua manutenção; não se encontrava mais, mesmo nesta região de montanhas, pedras em quantidade suficiente para a construção de prisões! (Concil. Narbonn., ann. 1244, c. 19)

(Jean-Michel Angebert, *O Livro da Tradição*, pp. 310-313)

1237, 27 de novembro – Frederick II submete definitivamente a Liga Lombarda e domina Milão. Volta-se, então, para Roma. Falta pouco para dominar a cristandade e o secular poder papal.

A marcha de Frederico sobre Roma, à cabeça de uma tal escolta de magos, adivinhos, astrólogos e alquimistas, tomava um sentido incrível para os espíritos esclarecidos: era Lúcifer que marchava contra Deus, à cabeça de sua legião de arcanjos caídos. E como para provar este fato, os castelos imperiais esvaziaram-se de sua estranha coleção de mágicos que corriam atrás do imperador para 'ajudar' na realização das profecias. De Castel del Monte ao castelo de Cortopasso – onde foram encontrados estranhos mapas do céu e símbolos alquímicos na 'sala reservada' – os iniciados e profetas vinham em socorro de seu soberano. No próprio ambiente do papa multiplicavam-se as traições, como se um plano demoníaco se pusesse em movimento. (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, p. 208)

337 Wikipedia – Concílio de Narbonne (1227)

1238 – Morre al-Kamel, sobrinho de Saladino, o pacífico sultão egípcio que entregara, sem luta, Jerusalém a Frederick II.

1238–1241 – Prossegue a feroz luta de Frederick II contra o papado.

> A luta foi terrível entre Frederico e Gregório IX: ambos os adversários rivalizavam em habilidade, mas nem a excomunhão nem as lutas desesperadas das duas repúblicas, Gênova e Veneza ao lado do papa, nem os apelos à revolta contra o anticristo, na Alemanha ou na Sicília, pareciam vencer a indecisão. Nesse ínterim o pontífice desferiu um grande golpe à reunião de um concílio geral para banir da cristandade o imperador. Mas Frederico, ao corrente desta situação, capturou a maior parte dos prelados num enfrentamento naval ao largo da ilha de Monte Cristo: os navios pisanos e sicilianos fizeram mais de 4000 prisioneiros: marinheiros genoveses, 3 legados, 12 prelados e muitos bispos e arcebispos da Itália, que foram levados a Nápoles sob uma boa escolta: o imperador Frederico parecia concretizar as profecias de seus magos e alquimistas, pois prendera o concílio ou pouco faltava para isso! O efeito moral desta derrota pontifical foi considerável; exilado no palácio de Latrão, o infeliz Gregório IX nada podia fazer senão entregar à execração pública o '*perseguidor da igreja*', que esmagava em Pávia seus legados e seus aliados milaneses. Quanto a Frederico, não perdia tempo. Aconselhado por seus magos, reencetou a marcha sobre a Cidade Eterna e como um raio cruzava os Estados do papa. (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, p. 209)

1239 – Findo o tratado de 10 anos assinado por Frederick e al-Kamel, Jerusalém volta a ser perdida, uma vez que somente a Frederick era autorizada a refortificação. Sabendo que os templários seriam os primeiros a se beneficiar, Frederick não autorizou. Assim que o tratado se expirou, o príncipe muçulmano de Kerak atacou a cidade indefesa, como os templários esperavam. Mas os templários, tradicionalmente hábeis negociadores, aprenderam mais ainda esta arte com Frederick. Fizeram um tratado inverso: negociaram com o sultão de Damasco a cedência da Galileia Ocidental com uma proposta de aliança contra o sucessor de al-Kamel no Cairo. Pela sua participação nas negociações receberam o forte castelo de Safed, 120 km a noroeste do Castelo dos Peregrinos e a 20 km do mar da Galileia. Estava parcialmente destruído, mas foi rapidamente reconstruído e acrescentado pelos templários. Quando os templários ficaram donos dos castelos de Safed e Athlit controlavam todas as terras altas da Galileia. Isso aumentou a já difícil tensão com os hospitalários, cuja inveja pelas conquistas dos templários era insuportável. A partir daí passaram a se combater como se fossem contra os muçulmanos.

A retomada do domínio templário na região deveu-se à ação de Armand de Peregors, Mestre do Templo, e ao bispo Benedito de Marselha. Armand rogara ao bispo ajuda para reconstrução do castelo, que fora prometida pelo rei de Navarra (?) difícil manutenção de um castelo como Safed, cujo orçamento era uma fortuna para quaisquer padrões de gastos. Sendo apenas um dos treze maiores castelos da Terra Santa, depreende-se da dificuldade dos templários de manter seu status na região sem o forte apoio dado pela Igreja e pelos senhores feudais europeus e do oriente. Graças ao apoio e insistência de Benedito, de Peregors acedeu e abriu os cofres da confraria, motivou seus irmãos a por mãos à obra no projeto milionário de reconstrução do castelo. Mobilizaram um exército de homens, animais e muito dinheiro para torná-lo mais imponente do que jamais fora, às suas custas. Apenas na reconstrução foram gastos 1,1 milhão de besantes (1,1 milhão de moedas de ouro

bizantinas), além de despesas anuais da ordem de 40.000 besantes para a manutenção. Entre os gastos anuais estavam 12 mil cargas de mula de trigo e cevada, além de todo mantimento complementar de frutas, peixes, carne, vegetais, etc., para sustentar até 2200 homens na fortaleza. Neste ponto ficamos imaginando a dificuldade dos templários de manter tão custoso império no Oriente sem doações ou apoio moral dos cristãos europeus.

A cristandade acostumara-se há tempos com a proteção da Terra Santa e não imaginavam – ou pelo menos não queriam imaginar – as dificuldades inerentes a tal projeto. Sem o apoio decidido de prelados como Benedito os templários não se entusiasmariam para tocar adiante novos projetos para conquista ou manutenção dos lugares conquistados, especialmente porque as despesas eram deles próprios. O apoio financeiro vinha não apenas de doações, mas principalmente dos vastos negócios e operações por eles realizados, o que também era visto com despeito pelos seus críticos europeus, que contudo desfrutavam da ideia de terem livre acesso aos lugares santos. O mínimo apoio para manter tal empreendimento seria o reconhecimento de seus conterrâneos pelo seu trabalho, sem o que não havia mais sentido algum de nobres como eles aderirem a uma ordem monástica guerreira e abandonarem todas as suas origens para se encravarem numa terra que sempre lhes parecera estranha.

A fortaleza de Safed foi a gota que faltava para transbordar o ciúme que nutriam os hospitalários pelo poderio dos templários. O acordo realizado pelas duas ordens, em 1227, para defenderem a Terra Santa contra as pretensões de Frederick II foi ironicamente quebrado por uma aliança dos hospitalários com o traiçoeiro sultão do Cairo e com o próprio Frederick II. Até 1243 os dois grupos de cavaleiros da Terra Santa se portarão como inimigos tão ferrenhos como o eram contra os muçulmanos.

1239 – Girard, abade de um monastério menor em Orléans, cedeu pedaço de terra em Acre aos Cavaleiros Teutônicos.

Theobald IV, conde de Champagne, faz uma Cruzada mal organizada, a 7ª.

1240 – O dualista absoluto Jean de Lugio, de Bergame, filho maior de Desenzano (o sucessor e o *alter ego* do bispo), decidiu conferir maior rigor filosófico ao dualismo absoluto e resolver as dificuldades de entendimento da guerra do bem e do mal. Compôs um volumoso tratado hoje desaparecido, mas do qual Raynier Sacconi nos legou uma breve análise e um conjunto de pequenos tratados reunidos pelo mesmo título: *Livro dos Dois Princípios*:

1. As duas criações são co-eternas com seus criadores: decorrem deles '*como os raios emanam do Sol*'. Portanto, sempre existiu o Mal, diabos, almas corrompidas (pouco firmes no seu ser, falsas ou instáveis).
2. A corrupção – obra do mau princípio – exerceu devastações sobre as criaturas do verdadeiro Deus: '*Nem as estrelas são puras*' (*Stellae non sunt mundae*). Existiram, pois, catástrofes nos planos superiores, e o pecado foi cometido no céu. Esta ideia não é nova, pois encontra-se na Bíblia anjos fornicando as filhas dos homens, e nas *Instituições Divinas*, de Lactâncio.

Contudo, a corrupção universal é limitada pela excessiva abundância de ser e de eternidade que existe no verdadeiro Deus e pelas próprias leis da necessidade. (René Nelli, *Os Cátaros*, p. 65)

1240 – Notre-Dame: A torre sul é concluída.

1241, 22 de agosto – Morre o papa Gregório IX, com Frederick às portas de Roma. Após apoderar-se de Spoleto e de Terni, Frederick atinge, em agosto, o rio Tibre, acampando em Tívoli. Às portas de Roma, sobre os montes Alabanos, recebe a notícia da morte de Gregório a 22 de agosto. Parecia desaparecer seu mais forte obstáculo para a conquista da Cidade Eterna. A prisão que Frederick fizera dos prelados, entretanto, colocará a cristandade em pé de guerra, fazendo com que os habitantes da cidade resistissem ferreamente até a eleição de um novo papa.

> O imperador tentou então, sem sucesso, bloquear Roma, para vencer seus habitantes pela fome; chegou mesmo a devastar os campos circundantes, e alternando o pulso forte com a brandura decidiu por os prelados em liberdade: a eleição de um novo papa, sob essa ótica, parecia-lhe um triunfo pessoal e definitivo.
>
> (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, p. 210)

Mas o papado jamais se daria por vencido, e em breve daria o troco.

1241 – Assume o papa Celestino IV [Goffredo Castiglioni].

1242 – Assume o último califa abássida, al-Mustasim (1242–58). Não pôde conter a invasão mongólica liderada por Hulegu Khan.

1243 – Assume o papa Inocêncio IV [Sinibaldo Fieschi] até 1254. Em seu pontificado, ergueu-se o primeiro estandarte da revolta contra Frederick II. Foi através do arcebispo de Maience [Mainz], Siegfried [III] d'Eppstein. Em seguida ergue-se contra Frederick o arcebispo de Colônia. O papa Inocêncio IV, embora prometendo a absolvição de Frederick, toma-lhe a cidade de Viterbo e foge para Gênova, a salvo de Frederick. Roma começava a desforra contra Frederick.

Definida a paz entre os hospitalários e os templários graças à regência de Conrado, filho de Frederick II. Como Conrado recusara-se a vir ao Oriente, a regência coube à sua tia-avó Alice, rainha-viúva de Chipre. Isto significava, politicamente, que a política dos templários vencera: o aliado era Damasco, e não Cairo. Ironicamente, havia apenas dois anos a paz tinha sido assegurada pelos hospitalários através de sua aliança com o Egito. Isto ampliou sobremaneira Jerusalém para quase todo seu antigo território; e com um pouco mais de manobra diplomática os cavaleiros recuperaram sua antiga sede: o Templo de Salomão. Mas, conforme predisse Armand de Peregors em carta aos seus colegas ingleses: "*de modo algum será possível mantermos durante muito tempo nossas terras contra o sultão* [do Cairo]*, que é um homem muito poderoso e astuto, sem a poderosa e excelente proteção de Cristo e dos seus fiéis*". Sua profecia se concretizaria no ano seguinte...

1244, 1º de março – Assinada a trégua em Montségur.

1244, 15 de março – Segundo documentos da própria Inquisição, quatro albigenses (Amiel Aicart, Poitevin, Hughes e Alfaro) descem pela parede rochosa, conseguindo fugir para as montanhas. Levam consigo o objeto sagrado. A tradição conta que tão logo o Graal estava em lugar seguro uma chama brilhou na montanha vizinha anunciando aos cátaros que podiam morrer em paz. Segundo o testemunho de Béranger de Lavelanet, "os quatro heréticos que saíram do castelo de Montségur dirigiram-se *in villam de Causo*, dali *pradas* e enfim *in castrum de So* com o herético Mateus, que eles encontraram."

Gerard de Sède, de acordo com o testemunho do sargento de armas Imbert de Salas, conta que este mesmo Mateus deixara o castelo em companhia do diácono Pierre Bonnet, dois meses antes, levando o tesouro material em ouro

e prata. Se assim o foi, o que foi carregado pelos quatro misteriosos personagens naquela noite não foi simplesmente um tesouro material, mas tesouro de menor tamanho e de valor espiritual...

1244, 16 de março – Rende-se Montségur. Duzentos cátaros, incluindo cinquenta *parfaits*, recusam-se a renunciar à crença, preferindo arder na pira erguida no campo. Mais tarde este local foi denominado "Campo dos Cremados".

1244, 11 de julho – Cai novamente Jerusalém, menos de um ano após a profecia de Peregors. A cidade é atacada pela tribo dos turcos khwarazmianos, mercenários expulsos das estepes orientais pelos mongóis e contratados pelo sultão do Cairo, que passa a dominar Jerusalém. Nos anos precedentes, desde o Iraque até a Índia os khwarazmianos[338] suplantaram os seldjúcidas. Esmagados pelos mongóis, dez mil desses guerreiros atingem a Síria, levando o horror e empregando-se como mercenários. Quando se sentiram fortalecidos, em junho atacaram Damasco, mas apesar da razia feita não conseguiram tomar a capital. Dirigem-se então a Jerusalém, onde a 11 de julho saqueiam, queimam e destroem a população muçulmana, poupando a cristã. A "conversão" destes "crentes" cristãos nestorianos, entretanto, não convence exceto pela sua atitude em poupar seus "irmãos" cristãos.

> Segundo um contemporâneo ocidental:
>
> > **Homens? São desumanos e bestiais, mais merecedores do nome de monstros que de homens. Sedentos de sangue e bebendo-o, esquartejam os corpos dos cães e humanos e comem-nos. Usam chifre de couro e tem armas de ferro; são invencíveis na guerra e o sangue, para eles, é bebida deliciosa.**
>
> De Jerusalém só escaparam trezentas pessoas. Enquanto estas escapavam pela estrada de Jafa, a Cidade Santa e a Igreja do Santo Sepulcro ardiam atrás deles, ossos dos reis eram tirados dos túmulos e espalhados. Nunca mais a cidade voltaria a ser ocupada pelo exército templário. Mas os cavaleiros reagruparam-se em Acre – mais de trezentos – com trezentos cavaleiros do Hospital, seiscentos cavaleiros seculares e números proporcionais de infantaria, além de um exército muçulmano arregimentado em Damasco. Os khwarazmianos não conheciam Deus nem Alá, não tinham religião, e, para variar, muçulmanos e cristãos tinham um inimigo comum...
>
> (S. Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 218)

Para grande alívio de toda a Síria, um novou ataque desta tribo a Damasco, poucos meses depois, causa sua total destruição por uma aliança dos príncipes aiúbidas.

1244, 17 de outubro – A nordeste de Gaza, na planície de La Forbie, encontram-se dois exércitos: os francos e os muçulmanos do norte de um lado, os khwarazmianos e os muçulmanos do sul de outro. Após poucas horas o exército do norte estava dizimado.

> Cinco mil francos e muçulmanos jaziam mortos lado a lado. Mais oitocentos foram levados como escravos para o Egito. Dos trezentos templários, só escaparam trinta e três, que regressaram ao Castelo dos Peregrinos. O seu mestre, Armand de Peregors, jazia cego na areia de Gaza. Lenta e agonicamente, o reino de além-mar morria. Mas nos seus castelos e nas suas casas, nos seus campos e nas suas quintas, em Safed e Athlit e em todas as partes da Europa, os Cavaleiros do Templo estavam decididos a que pelo menos sua Ordem sobrevivesse.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 218-219)

338 Wikipedia – Khwarazmianos do reino persa de Khwarezm (Corásmia em português)

1244 – Data de um dos pergaminhos contendo genealogias, encontrados por Saunière em 1891 na coluna visigótica oca sob o altar-mor da igreja de Rennes-le-Château (vide ano 1891).

Assume o 15º Mestre do Templo, Ricard de Bures, até 5–9/maio/1247.
Notre-Dame: concluída a torre norte.

1245 – O Papa Inocêncio IV envia em representação junto ao Grande Khan dos mongóis uma embaixada conduzida pelo franciscano Jean Duplan de Carpin. Esta missão se repetirá em 1253.

Nasce Arnauld de Villeneuve.

1245, 24 de junho – O papa Inocêncio IV, abrigado na França, convoca o Concílio de Lyon I – o XIII Concílio Ecumênico, para intimar Frederick II.

> Cento e cinquenta bispos condenam solenemente o imperador Frederick II por '*perjuros, sacrilégios, crimes de lesa-majestade, usurpação de territórios e violências contra o clero, complacência e cumplicidade com o sultão do Egito*'. Porém, fato ainda mais grave, esse concílio de Lyon libera os súditos do império e do reino da Sicília de seus deveres de obediência e fidelidade... Os frades mendicantes espalham-se, então, por toda a Europa para levar a boa palavra e pregar a revolta contra o novo anticristo.
> (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, p. 210)

O império de Frederick começa a ruir. Na Terra Santa, os muçulmanos já haviam retomado seu reino de Jerusalém. Ouçamos a versão da Igreja sobre estes acontecimentos:

> Inocêncio então excomungou o imperador declarando-o deposto por perjuro, perseguidor da Igreja, invasor do Estado Pontifício, traidor, suspeito de heresia, protetor dos sarracenos. Os padres do Concílio apuseram seu selo ao decreto papal e lançaram em terra os sírios apagados. Os legados imperiais, embora desdenhosos, tremeram, pensando que o céu tivesse logo acompanhado a sentença proferida pelo Vigário de Cristo, como era já tratado anteriormente. Como um urso selvagem, Frederick enfureceu-se protestando contra o Concílio e o papa, acusando o pontífice, os bispos e os padres de terem ultrapassado a linha da pura doutrina e do teor de vida da Igreja apostólica. O dissídio foi se exacerbando. Não valeram os bons ofícios de São Luís IX, rei da França, para trazer à razão o teimoso rebento dos suevos[339], mais perigoso que os muçulmanos e os bárbaros, estranho amálgama de crueldade e de misticismo leigo, aquele que duvidou do século da fé e da liberdade. (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

A excomunhão papal não tardaria a produzir seus efeitos.

1246 – Frederick II escapa de uma tentativa de assassinato. Conspirações, tentativas de assassinato e levantes em seu reino o acompanharão constantemente nos próximos anos, além da incessante pressão da Liga Lombarda e de Roma.

1247, 5–9 de maio – Morre o 15º Mestre do Templo, Ricard de Bures.
1247 – Assume o 16º Mestre do Templo, Guilherme de Sonnac, até 11/fev/1250.

> Os templários enviam a Henry III da Inglaterra um *Vas Vetustissimum* com a aparência de cristal, que se supunha conter o sangue precioso de Jesus Cristo. Foi enviado pelo *Magister Templi* e garantido ser autêntico pelo patriarca de Jerusalém e por alguns abades e outros senhores da Terra Santa. Era chamado o 'Sang Greal', e dizem que pertencera outrora a Nicodemos e a José de Arimateia. Foi justamente neste ano, 1247, em que

339 Frederick II nasceu e morreu na Itália, porém seu pai era alemão.

> a Inquisição se mostra terrível em Sabarthez, que o *Magister Templi* enviou o Sang Greal a Henry III, rei da Inglaterra! Inquietador!
> (Antonin Gadal, *De l'héritage des cathares*, Ussat).

1248–1249 – O imperador Frederick II refugia-so ao pé dos Alpes, tentando reconciliar-se com o papa. Frederick, constantemente ameaçado, retoma o reino da Sicília e Napoli.

1248 – Os guelfos de Pádua derrotam os sarracenos e a guarda de Frederick, apoderando-se da própria coroa imperial, que expuseram como troféu da vitória no altar da Virgem.

1248, setembro – Louis IX, da França, aporta no Oriente com as tropas da 8ª Cruzada. Frederick II já tentara dissuadi-lo da empresa, mas foi em vão. O imperador germânico mantinha informado ao sultão do Cairo Ayyub, filho de al-Kamel, dos preparativos para a expedição. Louis aporta em Chipre onde aguarda uma possível associação com os mongóis "cristianizados" para tomar o mundo árabe. No final deste ano, Louis IX recebe uma delegação mongólica a qual, para o rei francês, parece tratar-se de cristãos a lhe prestarem vassalagem. Envia-lhes, então, ricos presentes. Para os mongóis, para os quais os franceses não eram mais que vassalos, tal ato soa como tributos enviados a seus senhores. Pedem, então, que regularmente lhes mandem presentes semelhantes. Para sua decepção, Louis IX teve de partir sozinho com seu exército, sem concretizar um sonho de união que poderia ter destruído de vez o islã...

1249, 26 de maio – É raptado o filho do imperador Frederick II pelos habitantes da cidade de Bolonha. As cidades italianas insurgem-se contra o imperador, animadas pelo exemplo bolonhês. A Alemanha, que Frederick tanto negligenciara em prol da conquista italiana, já tinha dois pretendentes brigando pela sucessão do imperador. Frederick retira-se.

1249, 5 de junho – Louis IX (São Luís) lança-se contra o Egito. Antes de partir, decretou a expulsão dos judeus de seu reino, mas não teve, aparentemente, sua ordem acatada. Louis IX segue o mesmo caminho que as tropas de Pelágio em 1218. Tomam fácil Damieta e dirigem-se ao Cairo. É quando morre o sultão Ayyub, agonizando de tuberculose.

1249 – Albi é destruída e os cátaros eliminados.

Século XIII – Aparece na Espanha o *Zohar*[340], o Livro do Esplendor.

> Na forma, tratava-se de um comentário místico do Pentateuco em aramaico, repleto de especulações exóticas sobre a origem do Universo, a natureza da Divindade, as alegorias contidas nas Escrituras e o sentido oculto de cada episódio ou preceito. A concepção fundamental era que a Lei de Deus não pode encerrar nada de trivial, e que cada verso, linha, palavra, ou mesmo letra ou traço, tem algum significado mais alto, místico, que pode revelar ao iniciado o próprio segredo da vida humana. Sua qualidade é variada; mais uma vez, uma dissertação semi-compreensível é enriquecida por algum pensamento sublime ou uma magnífica prece. (...) Afirmava-se que o livro tinha sido composto pelo *Tanna*, rabi Simeon ben Jochai, no segundo século da era cristã. Seus inimigos, por outro lado, garantiam que não passava de uma coletânea preparada por um místico espanhol do século XIII, Moisés de Leon. Com toda probabilidade, a verdade está entre estes dois extremos, pois que a obra, ainda que sem dúvida compilação mais ou menos recente, contém elementos que se perdem na remota antiguidade.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 43)

340 Wikipedia – Zohar

Como estão equivocados aqueles que tomam as obras cabalísticas de hoje e as interpretações do Zohar pelos Rabinos como a verdadeira ciência cabalística da antiguidade! Porque atualmente, como no tempo de Frederico von Schelling, a Cabala acessível à Europa e à América não contém muito mais que **ruínas e fragmentos, que são os restos assaz desfigurados daquele sistema primitivo, chave de todos os sistemas religiosos** (Franck, *Cabbale*, Paris, 2ª ed.). O autor da *Qabbalah*, repetidas vezes, procura provar de maneira concludente a antiguidade do Zohar. Para isso, mostra que Moisés de León não podia ser o autor ou o falsificador das obras sobre o *Zohar* no século II, como o acusam, já que Ibn Gébirol apresentou os mesmos ensinamentos filosóficos 225 anos antes da época de Moisés de León. Nenhum sábio ou cabalista de verdade negará jamais este fato. É certo que Ibn Gébirol baseou suas doutrinas nas fontes cabalísticas mais antigas, por exemplo, no *Livro dos Números* caldeu e em alguns Midrashim que já não existem, sem dúvida os mesmos usados por Moisés de León. Esta é justamente a diferença entre os dois modos de tratar os mesmos assuntos esotéricos, os quais, ao passo que provam a enorme antiguidade do sistema esotérico, assinalam a existência de um círculo bem definido de sectários talmúdicos e até cristãos, ao serem compilados os glossários do sistema de *Zohar* pelo Rabino Moisés. Ibn Gébirol **nunca fez a menor citação das Escrituras** para dar força aos ensinamentos (*Qabbalah*, de Myer, p. 7). Moisés de León, pelo contrário, fez do *Zohar* o que ele ainda hoje é: **um comentário corrente dos Cinco Livros ou Pentateuco** (ibid.), com algumas adições posteriores, introduzidas por mãos cristãs. Um segue a Filosofia Arcaica Esotérica; o outro se atém àquela parte que estava adaptada aos livros *perdidos* de Moisés e restaurados por Ezra. Assim, enquanto que o sistema ou tronco, no qual foi enxertado o original primitivo do *Zohar*, é de uma imensa antiguidade, muitos ramos posteriores estão fortemente coloridos pelas opiniões particulares dos gnósticos cristãos (sírios e caldeus), amigos e colaboradores de Moisés de León, que aceitou as suas interpretações, conforme o demonstra Munsk. O sistema mais antigo e a *Kabalah* caldeia eram idênticos. As últimas versões do Zohar são as da Sinagoga dos primeiros séculos – isto é, o Thorah (ou a Lei), dogmático e intransigente.

(H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. IV, p. 28)

1250 – Notre-Dame: o Mestre de Obras Jean de Chelles começa as novas fachadas da galeria transversal (1250–58). A nave está inteiramente reconstruída.

1250, 10 de fevereiro – Em Mansurah, a cidade construída no mesmo local em que foram derrotados os cruzados há trinta anos, Louis IX e seus cruzados entram vitoriosamente. Quando tudo parecia perdido para os muçulmanos, os turcos mamelucos investem contra os cristãos. Por toda parte os cruzados eram caçados pelos leões turcos, a golpes de espada ou de maça.

Louis é capturado e devolvido por resgate. Três meses depois da vitória, o sultão Turanshah, filho de Ayyub, é morto por Baibars, um brilhante oficial turco que participou decisivamente na batalha de Mansurah. A partir daí a relação dos muçulmanos com os ocidentais nunca mais se tornará complacente como o fora com os aiúbidas. Os invasores – estava mais que provado – jamais seriam barrados por acordos, por palavras de cavalheiros ou qualquer tipo possível de civilidade. Os muçulmanos já tiveram muitas provas disso. Apenas atitudes radicais, mesmo desumanas, semelhantes às que aprenderam a ver com os *franj* e com os mongóis poderiam afastar definitivamente os invasores. Por sinal, os únicos com os quais os temíveis mongóis fizeram aliança e que por eles foram poupados foram seus ‘irmãos” cristãos. A mudança de

comportamento dos muçulmanos, assim, está diretamente ligada ao rigor a que estiveram sujeitos e à incessante cobiça de seus invasores. Este rigor o islã aprenderá agora com os mamelucos: organizando, acima de tudo, uma ordem política, religiosa e militar num islã tão castigado e vulnerável...

1250, 11 de fevereiro – Morre o 16º Mestre do Templo, Guilherme de Sonnac. Assume o 17º Mestre do Templo, Reinald de Vichiers, até 20/jan/1256. Vichiers é indicado como Mestre da Ordem do Templo.

1250, 10 de dezembro – O imperador Frederick II, retirado na fortaleza conhecida por *castel fiorentino*, enfraquecido pela disenteria,

> convoca os grandes dignitários do reino e, com uma voz apagada, dita suas últimas vontades. A Igreja deve devolver as terras que tomou ao Império. Os templários, esta ordem exemplar, receberão em compensação um legado considerável. Logo o 'leão da Sicília' entra em agonia.
> (Jean-Michel Angebert, *Os Filhos Místicos do Sol*, p. 211)

1250, 13 de dezembro – Quase inesperadamente, morre Frederick II de Hohenstaufen (1194–1250). Expirou nos braços do arcebispo de Palermo, Bérard e coberto pelo hábito da Ordem de Cister. Estranha coincidência, mas certamente não acaso, cobrir-se com o hábito da Ordem de São Bernardo, o mentor dos templários, a quem Frederick deixou considerável herança. Frederick deixou um império que, dentro de vinte e dois anos, tomaria a vida de todos os seus descendentes, vítimas de guerras com o Papado. Com ele morrem, também, as últimas esperanças dos cátaros occitanos.

1251 – Desde a morte do grande Khan aos 67 anos, em 1227, o mundo árabe respirou aliviado pela guerra de sucessão que se dera internamente entre os tártaros. A partir de 1251, entretanto, três netos de Gengis acertaram a sucessão: Mongkla Khan ficou como soberano de todo império, sediando-se na Mongólia, em Karakorum; Kublai Khan dominou a China, em Pequim; e a Hulagu Khan, sediado na Pérsia, coube a tarefa de conquistar o mundo muçulmano até o Mediterrâneo.

1253 – Outra missão de representação papal é enviada ao Grande Khan por São Luís e seu embaixador, Guilherme de Rubruquin, monge franciscano.

> Um regulamento de 1253 determina, como princípio cardeal, que 'nenhum judeu deve permanecer na Inglaterra, a menos que sirva o Rei'; e que, 'do momento de seu nascimento, todo judeu, homem ou mulher, deve servir-nos de alguma forma'. Outras cláusulas proibiam a construção de novas sinagogas; ordenavam que as preces nas já existentes fossem conduzidas em voz baixa, para não contaminar ouvidos cristãos; proibiam aos judeus terem empregados ou enfermeiras cristãos a seu serviço; interditavam-lhes o comer carne durante a Quaresma, entrar numa igreja, fixar-se em qualquer cidade onde já não houvesse comunidade judia. Sinagogas eram periodicamente confiscadas, sob a alegação de que os cânticos ali entoados perturbavam o serviço de algum vizinho local de preces cristãs. (...) De várias cidades os judeus foram totalmente excluídos.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 116)

1254 – Assume o papa Alexandre IV [Rinaldo dei Conti di Jenne], até 1261.

Nasce Marco Polo[341], na cidade-estado de Veneza. Seu pai e tio eram mercadores acostumados a viajarem a terras distantes para realizar o comércio.

1256, 20 de janeiro – Morre o 17º Mestre do Templo, Reinald de Vichiers. Assume o 18º Mestre do Templo, Tomás Berard, até 25 de março de 1273.

341 Wikipedia – Marco Polo

1257, 2 de fevereiro – Sagração de Notre-Dame de Paris.

1257, final – Hulagu Khan, acompanhado de centenas de milhares de cavaleiros mongóis, encaminha-se para conquistar Bagdad. A caminho, destrói definitivamente o santuário da seita dos Assassinos, em Alamut. É destruída uma preciosa biblioteca, perdendo-se quaisquer indícios sobre as bases filosóficas e as atividados da seita.

1258, 10 de fevereiro – o sultão de Bagdad dirige-se ao acampamento de Hulagu Khan para capitular. Mas os termos dos bárbaros são sempre impiedosos. Após prometer poupar suas vidas ao deporem as armas, o sultão e seus soldados são massacrados. Os mongóis saqueiam Bagdad, massacrando mulheres e crianças. Apenas a comunidade cristã é poupada, graças à intervenção da mulher do Khan, que assim como sua mãe convertera-se ao cristianismo nestoriano. A destruição do califado abássida deixa o mundo muçulmano estupefato, pois agora se prenunciava o fim de todo islã.

1259, dezembro – Um golpe de estado leva ao poder o mameluco Qutuz, sultão do Cairo. Líder hábil, começa a pregar o *jihad* contra os mongóis.

1260 – Nasce Mestre Eckhart[342], o grande místico renano. Filho de cavaleiro, nasceu na Turíngia, e foi o grande renovador da fé cristã. Provincial de Saxe pela ordem dominicana, deixou uma obra considerável. Estava mais próximo dos brâmanes da Índia e dos lamas tibetanos que do clero de seu tempo, graças à sua capacidade de apreensão do fenômeno divino. Chegou a ensinar, para escândalo dos doutores da fé:

> Deus não tem nome, porque ninguém pode dizer ou compreender qualquer coisa a seu respeito. Se digo portanto: Deus é bom, isto não é verdade; eu sou bom mas Deus não é bom... Se digo também: Deus é sábio, não é verdade, eu sou mais sábio que ele. Se digo ainda, Deus é um ser, não é verdade; ele é um ser acima do ser e uma negação superessencial. Um mestre diz: Se eu tivesse um Deus que eu pudesse conhecer, não o consideraria Deus... Tu deves amá-lo tal como ele é: nem Deus, nem espírito, nem ninguém, nem imagem; mais ainda: o Uno sem mistura, puro, luminoso... (Mestre Eckhart, *Renovamini spiritu mentis vestrae*)
>
> Que povo está em Deus? Disse São João: 'Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele' (1 João 4:16). Ainda que tenha dito São João que o amor une, o amor, contudo, não nos transpõe nunca em Deus; no melhor dos casos aglutina [o que já está unido] (...), o costura e o ata. O amor une numa obra, mas não no ser. Dizem os mestres mais insígnes que o entendimento o purifica todo por completo, e apreende a Deus desnudo, como ser puro que é em si mesmo. O conhecimento irrompe através da verdade e bondade e se arroja sobre o ser puro e apreende a Deus, desnudo, tal como é sem nome. [Mas] eu digo: Não unem nem o conhecimento nem o amor. O amor apreende a Deus mesmo enquanto é bom, e se Deus caísse fora do nome 'bondade', o amor nunca lograria avançar. O amor toma a Deus sob uma pele, sob uma vestimenta. O entendimento não faz tal coisa; o entendimento toma a Deus tal como o conhece dentro dele; mas não o pode compreender jamais no mar de seu ser insondável. Digo eu: por cima destes dois, quer dizer, conhecimento e amor, se acha a misericórdia; no supremo e no mais puro que Deus pode obrar, ali opera Deus a misericórdia. Um *mestre* disse uma formosa palavra: que na alma há algo muito secreto e escondido e muito por cima de onde emanam as potências do entendimento e da

342 Wikipedia – Meister Eckhart Eckhart von Hochheim (1260–1328), teólogo, filósofo e místico alemão

vontade. (...) Um *mestre* que tem falado da alma melhor que ninguém, disse que todo o saber humano nunca penetra naquilo que é a alma em seu fundo. [Para compreender] o que é a alma, faz falta um saber sobrenatural. De onde emanam as potências da alma [para entrar] nas obras, disto não sabemos nada: sabemos, é certo, algo disto, porém é pouco. Do que é alma em seu fundo, disto nada se sabe. O saber que disso se possa ter, há de ser sobrenatural, tem que ser mercé da graça: ali obra Deus [a] misericórdia. Amém. (Maestro Eckhart, *Tratados y Sermones*, Sermão VII: *Populi eius qui in te est, misereberis*, trad. e notas Ilse M. de Brugger, Edhasa, Barcelona, 1983, pp. 325-326)

Concepções como estas, mais próximas das filosofias orientais que do cristianismo ortodoxo, acabaram por trazer para Mestre Eckhart os amargos frutos do dogma clerical, embora fosse grande seu eco em meio aos fiéis. Esse doutor em teologia, que substituiu a escolástica tradicional e aristotélica pela profundidade pitagórica, teve movido contra si um processo, pelo arcebispo de Colônia, Heinrich von Virneberg, que acusou-o da difusão de doutrinas heréticas em alemão. O que parece certo é que o processo teve como motor principal uma vingança pessoal de Heinrich. A bula de condenação de Mestre Eckhart foi emitida em 1329 – um ano após sua morte – pelo papa João XXII, atingindo 28 sentenças de suas obras: 17 julgadas heréticas e 11 suspeitas de heresia. A bula afirma, também, que Mestre Eckhart, antes de sua morte, havia se retratado das frases incriminadas. Graças aos investigadores católicos Otto Karrer, Herma Piesch e Alois Dempf, Mestre Eckhart foi reconhecido quase oficialmente pela Igreja Católica.

1260, janeiro – As tropas de Hulagu Khan tomam e devastam Alepo. O horror de Bagdad se repete.

1260, fevereiro – Hulagu Khan está diante de Damasco. Os fracos aiúbidas tentam ingenuamente uma aliança com os bárbaros, na esperança de fazerem frente aos mamelucos egípcios. Já cristãos como o rei Hethum, da Armênia, e seu genro, o príncipe Bohémond de Antioquia, aliam-se aos mongóis, enquanto os *franj* de Acre colocam-se neutros. O próprio chefe das tropas de Hulagu, Kitbuka, é cristão nestoriano. Àqueles afeitos à história do “cristianismo” no oriente esta associação com os mongóis em nada surpreende. Mas quando em 1º de março as tropas de Hulagu entram e devastam toda Damasco, a presença de Hethum da Armênia e Bohémond de Antioquia escandaliza os muçulmanos. Mas a resistência, mais uma vez, virá do Nilo. Quando Hulagu envia um emissário ao país dos mamelucos para exigir sua rendição, é ouvido e imediatamente decapitado. Os mestiços, de fato, conhecem a linguagem que permitirá ao mundo árabe efetivamente afastar seus gananciosos conquistadores...

1260, julho – Um poderoso exército do sultão do Cairo, Qutuz, está na Palestina para expulsar os mongóis. Em Acre, os egípcios têm recusada uma aliança militar mas garantem a neutralidade dos *franj*, podendo dedicar-se apenas aos mongóis. Com a morte do líder supremo dos mongóis, Mongka, Hulagu deslocara-se à Mongólia para a inevitável luta de sucessão. Em seu lugar ficara seu comandante, o cristão nestoriano Kitbuka, com alguns milhares de homens. A população de Damasco, revoltada com os bárbaros e os cristãos e animados com a saída de Hulagu, revolta-se pondo fogo nas igrejas e armando barricadas. Enquanto Kitbuka tenta dominar a revolta, os egípcios consolidam-se na Galileia.

1260, 3 de setembro – Os mongóis são exterminados pelas tropas egípcias de Qutuz e seu grande comandante, Baibars. O sultão entra vitoriosamente em Damasco no dia oito. Em outubro tomam Alepo e rechaçam uma contra-ofensiva de Hulagu. Os descendentes mongóis logo se converterão ao islamismo. Acima de tudo, os árabes aprenderam a lição de endurecer com o inimigo, inclusive com os *franj*.

1260, 23 de outubro – Qutuz é assassinado por Baibars, que se torna sultão do Egito. Rapidamente domina revoltas em Alepo e Damasco e reunifica o império aiúbida. Apesar de não ter qualquer comparação com os cavalheiros que eram Nur ad-Din e Saladino, o sanguinário Baibars mostrou-se um dos melhores administradores do islã, levando a cultura, a arquitetura e as artes a um apogeu histórico. Ao mesmo tempo, destruiu todas as antigas fortificações francas que por ventura lhe ameaçariam. Entretanto, seu tratamento com os *franj* de Acre, aos quais apenas arrefece, será muito diferente do que terá com os de Antioquia e Armênia, cúmplices dos mongóis.

1261 – Assume o papa Urbano IV [Jacques Pantaléon], até 1264.

Escrito o "Josephus Eslavônico"[218], uma versão para o antigo russo da obra de Flavius Josephus. O homem que o escreveu certamente não era um judeu ortodoxo, pois manteve muitas alusões "pró-cristãs".

1265 – Assume o papa Clemente IV [Gui Faucoi], até 1268.

Nasce Dante Alighieri.

Com a morte de Hulagu Khan, o sultão do Cairo Baibars finalmente tem a oportunidade desejada para limpar de vez o islã. Domina a Galileia e ruma rapidamente para o norte, onde destrói toda a Armênia num massacre do qual ela jamais se recuperará, levando quarenta mil cativos.

Notre-Dame: Pierre de Montreuil torna-se o novo Mestre de Obras. Ele começa a construção do Portal Vermelho.

Jacques de Molay[343] é recebido na Ordem dos Templários, com 21 anos.

> Jovem honesto e ativo, entendia o papel dos templários no seu nível mais simples: achava que sua missão era combater os sarracenos e, como acontecia a muitos outros recém-chegados ao Oriente, não aceitava menos que isso. O mestre desse tempo, Guillaume de Beaujeu, parecia a De Molay, com sua política de paz, se na melhor das hipóteses um covarde e na pior um traidor aos princípios dos irmãos. Dogmático e rígido, De Molay manifestava a sua desaprovação franca, livre e frequentemente. (...) Passou vinte anos no *Outremer*.

1267, 1270 ou 1276 – Nasce William Wallace[344] (1270–1305), o futuro grande herói escocês. Foi declarado fora-da-lei pelos ingleses quando matou um inglês que o insultara. A partir daí juntou seguidores numa guerra de libertação da Escócia contra o domínio de Edward I.

1268, 18 de maio – O sultão Baibars devasta Antioquia, que resistira desde 1098 a todos os ataques muçulmanos. A poderosa fortaleza será para sempre reduzida a ruínas e toda sua população massacrada ou escravizada.

1269 – O pai de Marco Polo (15), Nicolo, e seu tio Maffeo, retornam a Veneza após ausentarem-se por muitos anos. Pertencendo a uma tradicional família de mercadores, os dois irmãos retornaram como embaixadores do Khan. Em sua viagem de comércio foram até a distante Cathay, na China. Retornavam a

343 Wikipedia – Jacques de Molay (1245–1314)
344 Wikipedia – William Wallace

Veneza com a missão de Kublai Khan, o grande mongol imperador da China, de trazerem missionários e professores para seu povo. Efetivamente, retornarão ao oriente dois anos após, desta vez levando Marco consigo.

1270, verão – Morre Louis IX, na praia de Cartago, próximo a Túnis, vítima da peste, juntamente com seu exército cruzado de seis mil homens, quando se preparava para sua segunda e a última das cruzadas. Ao que parece, os captores de Louis IX no Egito, vinte anos antes, tinham razão quando advertiram-no sobre a loucura que cometera ao embrenhar-se numa terra tão estranha:

> "Como um homem de bom senso, sábio e inteligente como você, pode embarcar num navio para vir a um território povoado por inumeráveis muçulmanos? De acordo com nossa lei, um homem que atravessa assim o mar não pode ser questionado pela justiça."
> "E por que?", interroga o rei.
> "Porque se considera que ele não esteja na posse de todas as suas faculdades." (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas Pelos Árabes*, p. 224)

Talvez Louis IX tenha achado que se tratasse de um mero sarcasmo egípcio. Vinte anos depois essa loucura levou ao seu patético extermínio, de seu exército e da última cruzada. Depois deste ato "heroico", foi canonizado. Afinal, o próprio Hermes, no Egito, predissera que tempos viriam em que "*o louco frenético seria visto como um valente*"...

1271 – Assume o papa Gregório X [Tebaldo Visconti], até 1276.

Marco Polo (17) acompanha seu pai e seu tio no retorno ao Oriente. Dirigem-se a Acre, na Palestina, onde passam a acompanhá-los dois monges missionários que, sentindo a dureza da jornada, dão meia volta. Cruzam os desertos da Pérsia, Afeganistão e Gobi e escalam os montes do Pamir, o Teto do Mundo.

1272 – Assume Edward I como rei da Inglaterra, até 1307. Aceitou as limitações impostas pelo Parlamento à autoridade real. Seu parlamento de 1295 é chamado o Parlamonto Modelo, pois incluiu representantes do condados e cidades bem como do Grande Conselho. Muitas das leis de seu reinado foram modificadas e existem hoje em dia. Edward anexou Wales mas falhou em subjugar a Escócia. Morrerá no caminho para o norte para deter um levante liderado pelo herói escocês Robert Bruce.

A gravíssima situação dos judeus não passou desapercebida por Edward I ao ascender ao trono. Os judeus foram tão empobrecidos pelas perseguições desde 1189 que sua importância para a Coroa tornara-se mínima. Edward adotou importantes medidas para proteger os judeus, tais como a permissão para que se dedicassem ao comércio e ao artesanato e, mesmo, a permissão, por um período experimental de dez anos, dos judeus alugarem fazendas em locação breve. Estas medidas, entretanto, esbarraram num preconceito intransponível e nas seguidas pressões papais, como as verificadas no Concílio de Lion em 1274 e na bula de Honório IV em 1286.

1273, 25 de março – Morre o 18º Mestre do Templo, Tomás Berard.

1273, maio – Assume o 19º Mestre do Templo, Guilherme de Beaujeu, até 18 de maio de 1291.

1274 – Nasce Robert Bruce, futuro libertador da Escócia.

Morre Thomás de Aquino, a caminho do Concílio de Lion II, em Fossanova.

1274 – Gregório X convoca o XIV Concílio Ecumênico, o de Lyon II. O motivo principal era estabelecer novas diretrizes para unir o clero grego a Roma. Segundo os clérigos,

> o Concílio definiu o dogma da presença do Espírito Santo ‘também a do Filho’ – Filioque[277] – como de único princípio. Foi decidido, além disso, que não se deviam rebatizar aqueles que, depois do batismo, incorressem em culpa mortal; bastava a confissão. Particularmente importante foi a sessão de 6 de julho: os legados gregos aceitaram a confissão de Fé dos latinos que reconhecia o primado papal, a doutrina do Purgatório e o número setenário dos Sacramentos. Os legados juraram, em nome do imperador, a união com a Igreja romana. (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

Neste concílio, o papa apela ao mundo cristão a fazer um grande esforço para a eliminação da usura. Como se verá, o objetivo era retirar o poder econômico dos judeus e acelerar a diáspora, pois em breve a usura será utilizada oficialmente pela própria Igreja.

1275 – A família Polo chega à corte de Kublai Khan no início do ano, na cidade de Cambaluc (Peking). Marco (21) logo torna-se o preferido de Kublai Khan. Governará por três anos a cidade de Yangchow, na província de Kansu, uma cidade com mais de 250 mil habitantes. Marco é enviado pelo Khan em distantes missões no Tibet, Burma, Yünnan e Indochina. O progresso dos Polo na corte era acompanhado pela inveja de pretendentes que esperavam a morte do Khan. Decidem retornar a Veneza, no que são vetados por Kublai.

1276 – Assumem os papas, na ordem: Inocêncio V [Pierre de Tarentaise], Adriano V [Ottobuono Fieschi] e João XXI [Pedro Julião].

1277 – Assume o papa Nicholau III [Giovanni Gaetano Orsini], até 1280.

Baibars, o sultão mameluco, é assassinado. Assume Qalaun, que constantemente repele ataques dos mongóis sob comando do filho de Hulagu. Qalaun assina um tratado com Acre que obriga-os a avisá-los com antecedência de qualquer expedição cristã. O restante das fortalezas cristãs é desmantelada.

1278 – Segundo os *Anais de Waverley*, são exumados os ossos de Arthur e Guinevere e colocados no tesouro de Glastonbury. Adam de Domerham nos relata:

> O senhor Edward ... com sua esposa, a senhora Eleanor, vieram a Glastonbury ... para celebrar a festa de Páscoa. Na terça-feira seguinte, ao crepúsculo, o senhor rei abriu a tumba do famoso rei Arthur. No interior, em dois ataúdes decorados com sua imagem e suas armas, foram encontrados separadamente os ossos do dito rei, que eram de grande tamanho, e os da rainha Guinevere, que eram de uma grande beleza. No dia seguinte … o senhor rei repõe os ossos do rei, e a rainha os da rainha, cada um em seu ataúde, depois de haver recoberto-os de ricos tecidos. Quando os ataúdes foram fechados, eles ordenaram que a tumba fosse colocada defronte ao altar-mor, enquanto que os crânios foram retirados para permitir a adoração popular.
>
> (Geoffrey Ashe, *The Quest for Arthur's Britain*, p. 99-100, citado por Jean Markale, *Le Roi Arthur et la société céltique*, p. 131)

De fato, a localização desta tumba será descoberta em 1931, exatamente defronte ao altar-mor. A tumba será destruída quando da Reforma, e as ossadas dispersadas. O local está assinalado nas atuais ruínas da abadia.

1279 – M. Eckhart retorna à pátria e cursa estudos teológicos no Studium Generale de sua Ordem em Colônia. Se supõe que em seus primeiros anos em Colônia tenha tido contato com Alberto, o Grande.

1281 – Assume o papa Martin IV [Simon de Brion], até 1285.

Adam, abade de um monastério menor em Orléans, cede um pedaço de terra próximo a Orval aos monges de Bernardo que ocupavam a abadia há 150 anos. Pela doação Adam caiu em desgraça pelo Monastério e foi forçado a renunciar. Daí partiu para Acre, ainda neste ano, donde partiu a Sicília quando da tomada pelos sarracenos.

1283 – A última sublevação de Carcassone contra a Inquisição.

1285 – Assume o papa Honorius IV [Giacomo Savelli], até 1287.

Assume Philippe IV (1268–1314), conhecido por Philippe, o Belo[345]. Empreendeu uma prolongada guerra de poder com o papado, fortalecendo grandemente o poder da monarquia francesa e o aumento dos impostos, além de promover a primeira sessão dos Estados Gerais. Será famoso por persuadir o papa a transferir-se de Roma para Avignon. Tornar-se-á famoso, também, pela destruição dos templários e pelo golpe de misericórdia nos cátaros. Curiosamente, o destino quis que os Cavaleiros do Templo fossem destruídos pela mesma mão que destruiu suas próprias vítimas no Languedoc. Isto não se deve ao acaso. O grande cérebro a serviço de Philippe, o Belo, foi seu advogado, Guillaume de Nogaret. Seu pai, pelo que consta, foi um supliciado cátaro...

> Os sofrimentos do judaísmo francês chegaram ao seu ápice no reinado de Philippe, o ~~Soberano~~ Belo, que sabia dispensar tais excessos de crueldade aos financistas cristãos, como os cahorsinos[334] e os lombardos, e também a uma ordem como a dos Templários, apenas pelo motivo do que poderia extorquir de suas vítimas, não haveria de mostrar maior consideração para com os infiéis. Do momento de sua ascensão, mostrou que considerava os judeus apenas como fonte de ouro. Espólio seguia-se a espólio. Para evitar evasões, recorria-se periodicamente ao encarceramento em massa.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 121)

Os mongóis fazem nova incursão contra os muçulmanos, liderados por Arghun, neto de Hulagu. Com ele uma tão cobiçada aliança com os ocidentais é realizada.

> Nesta época estabeleceu-se uma preceptoria principal templária, a poucos quilômetros de Bézu, em Champagne-sur-Aude. Mas, no final do século XIII, Pierre de Voisins, senhor de Bézu e de Rennes-le-Château, convidou para a área um destacamento especial de templários da província de Roussillon. (...) De todos os templários da França, foram os que permanaceram sem ser molestados pelos senescais de Philippe, o Belo, em 13 de outubro de 1307. Naquele dia fatídico, o comandante do contingente de templários em Bézu era o Senhor de Goth. E o arcebispo de Bordeaux – peão vacilante do rei Philippe, antes de tomar o nome de papa Clemente V – era Bertrand de Goth. Além do mais, a mãe do novo pontífice era Ida de Blanchefort. O papa saberia, então, de algum segredo confiado à custódia de sua família, um segredo que permaneceu na família Blanchefort até o século XVIII, quando o abade Antoine Bigou, pároco de Rennes-le-Château e confessor de Marie de Blanchefort, compôs os pergaminhos encontrados por Saunière? Se este era o caso, o papa bem pode ter estendido algum tipo de imunidade ao seu parente que comandava os templários em Bézu.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, pp. 61-62)

1286 – Segundo o cavaleiro Ramsay, em seu famoso *Discurso*:

> **Jacques, Lord Steward da Escócia, era grão-mestre de uma Loja estabelecida em Kilwin, no oeste da Escócia, no ano de 1286, pouco depois da morte de Alexander III, rei da Escócia, e um ano antes de Jean Baliol subir ao trono. Este senhor**

345 Wikipedia – Philippe IV le Bel (1268–1314), dinastia dos Capetos

> recebeu franco-maçons em sua Loja, os Condes de Gloucester e de Ulster, um inglês, o outro, irlandês. (Discurso de Ramsay, 1736)
>
> Convém lembrar, a propósito, que se atribui a Ramsay a introdução, na Maçonaria, dos chamados graus irlandeses. Em seguida, o autor do *Discurso* declara que o rei Edward II da Inglaterra se tornou protetor da Ordem Maçônica, concedeu-lhe novos privilégios e, nessa ocasião, os membros dessa Confraria tomaram o nome de franco-maçons, a exemplo de seus antepassados. A partir dessa época a Grã-Bretanha passou a ser a sede de nossa Ordem, a Conservadora de nossas leis e a depositária de nossos segredos.
>
> (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 73)

> Uma bula dirigida por Honório IV em 1286 à Igreja da Inglaterra, insistindo numa segregação ainda mais rigorosa [dos judeus], eliminou a possibilidade de quaisquer novas concessões. Por causa disso, falhou por completo o plano de Edward I. Somente uns poucos da classe mais rica puderam entrar para o comércio, em especial a exportação de lã – o produto básico da Inglaterra.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 117-118)

A diáspora tornava-se inevitável pelas pressões de Roma.

1288 – Assume o papa Nicholau IV [Girolamo Masci], até 1292.

1289 – Um plano do líder mongol Arghun, endereçado a Philippe o Belo e ao papa, prevê a invasão da Síria no início de 1291 e a consequente derrubada de Damasco e Jerusalém. Pressentindo, o sultão mameluco Qalaun ataca Trípoli, há 180 anos nas mãos dos cristãos. O acordo com Acre deixava Trípoli fora da trégua. Apesar de Acre e as cidades do norte da Síria apoiarem abertamente a invasão mongólica, Qalaun recusa-se a descumprir o acordo com Acre, que previa durar dez anos, dez meses, dez dias e dez horas. Decide, então, atacar Trípoli. A cidade é massacrada, numa triste mas inevitável repetição do que fizeram os próprios cristãos quando tomaram a cidade. Pressionado por seus oficiais a atacar Acre, Qalaun recusa-se a usar qualquer subterfúgio para burlar o acordo que assinara. Na verdade, o acordo feito levara a uma rica revitalização comercial da região, pois Acre serviu de grande ponto de encontro entre mercadores ocidentais e orientais, fomentados pelos ricos templários, os principais banqueiros da Síria. Tantos anos de duras guerras viam em Acre um ponto importante para a revitalização comercial da região. Tanto que Qalaun não apenas não rompe o acordo como propõe ao rei Henry, de Chipre e Jerusalém, uma renovação do acordo. Mas no dia seguinte à queda de Trípoli, Henry envia pedidos de reforços a Roma, que chegam no verão de 1290.

1290 – Morre Margaret, herdeira do trono escocês. Treze pretendentes contestam a Coroa. Edward I, da Inglaterra, clama pelo direito de outorgá-la e faz rei a John de Baliol. Quando Edward solicitou a John ajuda contra os franceses, entretanto, John entrou em aliança com a França. A Escócia manterá esta chamada "*auld alliance*" com o tradicional inimigo dos ingleses por 260 anos.

As tropas europeias recém chegadas a Trípoli começam a perseguir muçulmanos indiscriminadamente na cidade, degolando-os sem piedade. O sultão Qalaun decide, revoltado, tomar a cidade.

Os judeus são expulsos da Inglaterra, após cem anos de interminável perseguição e constante pressão papal sobre Edward I. Por séculos qualquer comunidade judaica será impedida de estabelecer-se na Inglaterra. O último país europeu a receber os judeus foi o primeiro a expulsá-los.

1291, 18 de maio – Morre o 19º Mestre do Templo, Guilherme de Beaujeu.

1291 – Assume o 20º Mestre do Templo, Tibaldo Gaudin, até 16/abr/1293.

O sultão Qalaun morre, com mais de 70 anos, quando se dirigia a Acre. Seu filho Khalil assume o gigantesco exército mameluco. A 17 de junho, capturam e matam todos os cristãos da cidade. Acre foi tomada no mesmo dia e hora que os *franj* a tomaram de Saladino, quando foram capturados e massacrados, sob as ordens de Ricardo Coração de Leão, todos os reféns muçulmanos. Como lembrou Amin Maalouf,

> a vitória dos *franj* em Acre tinha acontecido em 1191, cem anos, quase que dia por dia, antes de sua derrota final.
>
> (Amin Maalouf, *As Cruzadas Vistas pelos Árabes*, p. 239)

Infelizmente, este triste capítulo de dominação ocidental no Oriente Médio estava longe de se encerrar. Ele abriu caminho para a intolerância religiosa, cultural e mesmo econômica. O próprio Oriente Médio sempre fora um dos maiores exemplos da força cultural, social e religiosa carregando o desenvolvimento mundial, através de todos os seus ancestrais fenícios, sírios, iranianos, mesopotâmicos e, por que não dizer, do próprio esplendor egípcio, que sempre esteve muito mais ligado ao Retenu que à África. Batido constantemente por suas largas fronteiras com três continentes – Europa, Ásia e África – esta região teve seu grande marco histórico nas cruzadas. Por milênios a região foi cobiçada e atacada, seja pelos macedônios de Alexandre, pelos bárbaros europeus ou pelos tártaros do Khan. Após um gradual e profundo amálgama feito pela herança zoroástrica com as sábias culturas islâmicas umayyada e abássida, o mundo árabe viu-se obrigado a empregar uma linguagem e uma força da fé que ofuscou muito da grandeza cultural de seus primórdios. De fato, a dura filosofia dos turcos otomanos será mais que necessária, séculos mais tarde, quando o mundo árabe for invadido por novas levas de *franj* liderados pelos ingleses e pelos franceses, estes últimos comandados por um novo Alexandre, Napoleão Bonaparte.

A descoberta do ouro negro irá, depois, acentuar ainda mais a cobiça e o domínio ocidentais em toda a região. O resultado vemos hoje: uma dura e justa resistência do islã contra qualquer tipo de conciliação com o Ocidente. Em meio ao horror perpetrado pelos ocidentais no mundo árabe, o resultado foi o distanciamento, do islã em particular e do mundo em geral, de uma das mais profundas e iluminadas culturas de todos os tempos. Enquanto o Ocidente se deleitava com escombros de uma cultura helênica e latina pouco conhecida nas origens e na profundidade, quando os “sábios” ocidentais aprofundavam-se na lógica aristotélica e ignoravam por completo a profundidade de Pitágoras e Zoroastro, o islã amalgamava uma das mais profundas culturas de todos os tempos: o zoroastrismo, cujos devotos do Bahrein e do Iêmen tiveram reconhecidos pelo próprio profeta, no Avesta, uma obra profética. Repetindo Paul du Breuil quando citamos (vide ano 750) sua visão do resultado deste processo no islã:

> O conhecimento dessa página grandiosa e geralmente oculta da história ocidental permitirá compreender melhor o islã, do qual o mundo árabe atual não está mais em condições de dar uma ideia exata da grandeza e da tolerância passadas. Do século XII ao XV, devastações múltiplas acabaram por precipitar a queda da civilização irano-muçulmana. As cruzadas, os mongóis, a reconquista espanhola e os turcos otomanos aniquilaram esta cultura universal que serviu de ponte entre o Oriente e o Ocidente, e que teve o islã como centro.
>
> (Paul du Breuil, *Zoroastro, Religião e Filosofia*, p. 136)

Graças à ganância do mundo ocidental e a sua bárbara visão da realidade, após quase um milênio de brutal destruição, o mundo árabe tenta duramente virar estas tristes páginas de sua história...

1292 – Com a solicitação do Khan da Pérsia por uma noiva a Kublai Khan, os Polo têm a oportunidade de escoltar a princesa e retornar a Veneza. Uma grande esquadra é montada para levá-los em maior segurança, uma vez que por terra o risco de encontrar inimigos do Khan era muito grande. Seiscentos nobres de Cathay os acompanham. A esquadra contorna a Indochina, a península da Malásia e vai a Sumatra, onde demora muitos meses. Dirigindo-se ao ocidente, a esquadra visita a Índia e o Ceilão, rumando à África Oriental. A dura viagem faz com que apenas dezoito dos seiscentos nobres sobrevivam ao chegarem à Pérsia. Os Polo deixam a princesa e rumam para Veneza.

1293, 16 de abril – Morre Tibaldo Gaudin, o 20º Mestre do Templo. Assume como 21º Mestre do Templo Jacques de Molay, até 18 de março de 1314.

> Eleito em Chipre, De Molay iniciou seu mestrado com uma viagem imediata ao Ocidente, mais uma vez em busca de apoio prático do papa e dos reis da Europa. Visitou Espanha, França, Itália e Inglaterra e a sua viagem durou três anos. (...) Mas não obteve nenhum resultado dos contatos tidos nem dos esforços desenvolvidos. (...) Ao regressar, decepcionado, a Chipre, De Molay encontrou seus irmãos com problemas. A terra que em tempos tinha sido sua na ilha era insuficiente para as necessidades, mas o rei Henrique – um descendente de Guido de Lusignan – proibia-os de adquirir mais, quer por doação, quer por compra. A ilha nunca poderia ser uma base adequada simultânea para uma ordem militar e um rei, lado a lado. Os hospitalários tinham-no compreendido depressa e tratado de conquistar Rhodes; mas De Molay ainda acreditava que o futuro da sua Ordem estava na Terra Santa. Decidiu, portanto, que os templários continuariam em Chipre até reconquistarem alguma parte no continente, (...) mas os ataques falharam grotescamente.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 276-277)

1294 – Assume o papa Celestino V [Pietro Angelerio], mais tarde canonizado como santo. Assume o papa Bonifácio VIII [Benedetto Caetani], até 1303.

1295 – Marco Polo (41), seu pai e seu tio retornam a Veneza após 24 anos de ausência. As pedras preciosas que trazem de Cathay encantam a cidade. Marco passa a servir como Capitão de navio veneziano e é feito prisioneiro pela cidade vizinha de Gênova, por uma família de mercadores rivais.

1296 – Edward I atravessa a fronteira da Inglaterra com a Escócia e toma John de Baliol prisioneiro, proclamando a si mesmo rei da Escócia. Para simbolizar a união ele arrebatou a antiga Pedra de Scone, na qual os reis escoceses há muito eram coroados, e colocou-a na abadia de Westminster, onde ainda permanece sob a cadeira da coroação.

1297, 11 de setembro – Liderados por William Wallace, os escoceses que gradualmente foram aliando-se à causa da libertação derrotam os ingleses na Ponte Stirling. Perseguindo-os através da fronteira, expulsam totalmente o inimigo da Escócia, devastando o norte da Inglaterra. Wallace é então sagrado cavaleiro e proclamado guardião da Escócia. Edward logo vai liderar um novo e mais poderoso exército contra ele.

1298, 22 de julho – Edward I retorna à Escócia, infligindo uma desastrosa derrota aos scots em Falkirk. Wallace mais tarde será capturado e executado em Londres (1305).

1298 – O veneziano Marco Polo começa a escrever suas memórias num cárcere de Gênova, ajudado por outro prisioneiro chamado Rustichello.

Começa uma série de ataques de extermínio a judeus na Alemanha, varrendo praticamente toda a Francônia, Áustria e Bavária. Wurzburg e Nüremberg tiveram dizimadas suas populações judias. Ao todo, estimam-se em 146 as comunidades judias exterminadas.

> Em virtude das condições especiais políticas da Alemanha, não houve, naquele país, em nenhuma época, um movimento de expulsão geral, como se verificara na Inglaterra ou na França. A Alemanha, por outro lado, figura na História como a terra clássica do martírio judeu, onde a expulsão só foi usada local e esporadicamente para completar a obra de algum massacre. (...) Enquanto a autoridade central reteve alguma energia, os judeus gozaram de um certo grau de proteção. Degringolando tal autoridade, eles se viam à mercê de qualquer onda de preconceito, superstição, insatisfação ou violência. Foi assim em Boppard em 1179, Viena em 1181, Spires em 1195, Halle em 1205, Erfurt em 1121, Mecklenburg em 1225, Lauda e Bischofsheim em 1235, Frankfurt am Main em 1241, Kitzingen e Ortenburg em 1243, Pforzheim em 1244... em sucessão, foram cenários de massacres que, na história de qualquer outra nação, teriam sido memoráveis.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 124-125)

1299 – Marco Polo (45) é liberto. Volta a Veneza e trabalha no comércio. Casado, teve três filhas, morrendo em 1323.

A última sublevação cátara em Albi.

> Philippe, o Belo, que mostrará sua plena dimensão com a supressão da Ordem do Templo, não hesitou em condenar ao enforcamento os oito cônsules albigenses, que foram executados usando suas vestes oficiais. A perseguição se desencadeou contra essa cidade, que havia dado seu nome à heresia cátara do sul da França. Condenada a uma multa colossal de 60 mil libras, privada de sua autonomia, a cidade via ser quebrado seu patrimônio cultural e econômico: Albi nunca mais se erguerá. Nessa ocasião, aliás, os dominicanos exultaram: o inquisidor Bernard Gui teve a insolência de observar que aqueles que haviam grasnado como corvos contra os dominicanos foram entregues aos corvos…
> (Jean-Michel Angebert, *O Livro da Tradição*, p. 314)

SÉCULO XIV d.C.

1300 – Notre-Dame: sob o episcopado de Matiffas de Bucy († 1301) erguem-se as três capelas do eixo.

1301 – Aparecimento de um cometa muito luminoso, possivelmente o Halley.

1302 – M. Eckhart é designado *magister* de teologia em Paris, a única cátedra reservada a um estrangeiro.

1302, fins – Os templários de Jacques de Molay sofrem uma grande derrota naval, com os poucos sobreviventes fugindo para Chipre. Foi o último ato de guerra dos Cavaleiros do Templo. Recusando-se a adaptar a estrutura da ordem aos novos tempos, De Molay acabaria por levá-la à sua destruição pelo ambicioso Philippe, o Belo. Enquanto isso, os hospitalários modernizaram-se, transformaram sua base em Rhodes como o centro de uma patrulha marítima que mantinha as rotas livres de piratas muçulmanos. Os hospitalários dividiram sua ordem em oito línguas, em oito nações com características e atribuições específicas. De Molay, por seu turno, inflexivelmente acabou por usar seu poder de Mestre sem a sabedoria para se curvar às necessidades que os próprios membros de sua ordem passavam a sentir. Cada vez mais a Ordem dos Templários enquistou-se, sob uma visão limitada que Howarth definiu da seguinte maneira:

> A surpreendente diferença entre as palavras de De Molay como simples cavaleiro e os seus atos como mestre tem uma causa muito simples e muito humana: ele não era um homem particularmente inteligente. As críticas insistentes da sua juventude e meia-idade tinham sido provenientes de uma falta de imaginação e de uma estreiteza de caráter que o impediam de compreender verdadeiramente os problemas que se deparavam ao seu mestre. Quando ele próprio se tornou mestre, descobriu demasiado tarde quanto é mais fácil criticar do que atuar construtivamente. Começou, então, a dizer publicamente que de Beaujeu, cuja conduta ele desprezara, não poderia, nas circunstâncias, ter feito melhor do que fizera. Mas a compreensão da situação verificada quinze, vinte ou trinta anos atrás não o ajudou a atacar eficazmente os novos problemas – pelo contrário, ele fez o oposto. A sua capacidade de compreensão imaginativa estava mais diminuída, em vez de alargada, pois De Molay envelhecera e a sua franqueza e intolerância juvenis tinham-se endurecido e transformado em conservadorismo e fanatismo. (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 278)

1303, setembro – A briga de Philippe, o Belo, rei da França, com o papado chega ao auge. Com a maquinação do diabólico Guillaume de Nogaret, advogado e figura de grande astúcia e perfídia, braço direito de Philippe, é sequestrado o papa Bonifácio VIII, aos 86 anos. O papa preparava-se para lançar uma excomunhão sobre todo o povo francês, após a série de ataques de Philippe, inclusive vinte e nove libelos contra Bonifácio, acusando-o de heresia, simonia, sodomia, feitiçaria e blasfêmia. A ideia era levar o papa à França para julgá-lo, mas o pontífice foi salvo pela população de Agnani. Morreu um mês depois.

1303 – Assume o papa Benedito XI [Niccolò Boccasini], até 1304. Continuou a luta de seu antecessor contra o ambicioso Philippe, o Belo, que não cessava de confiscar e taxar as propriedades da Igreja. Ficará apenas oito meses no poder, morrendo subitamente em 7/7/1304, um mês após excomungar o testa-de-ferro de Philippe, o Belo. Levarão outros dezesseis meses até eleger-se outro papa.

1305 – Assume o papa Clemente V [Raymond Bertrand de Gouth], até 1314.

> Entre 1303 e 1305 o rei francês (Philippe, o Belo) e seus ministros engendraram o rapto e a morte de um papa (Bonifácio VIII) e muito provavelmente a morte por envenenamento de outro (Benedito XI). Então, em 1305, Philippe conseguiu assegurar a eleição de seu próprio candidato, o arcebispo de Bordeaux, para o trono papal vago. O novo pontífice tomou o nome de Clemente V[346]. Comprometido com a influência de Philippe, ele não podia recusar as solicitações deste. E essas solicitações compreendiam a supressão dos templários. (...) Uma lista de acusações foi compilada, em parte por espiões infiltrados na ordem, em parte por confissão voluntária de um suposto templário renegado. Armado dessas acusações, Philippe pode finalmente agir.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 44)

Morre a rainha Joana, esposa de Philippe, o Belo. Na condição de viúvo, o jovem rei teve a oportunidade que esperava para concretizar seus sonhos de conquista mundial: solicitou entrar para a Ordem do Templo. Os templários, no entanto, já eram conhecedores da perigosa e ambiciosa figura que não tivera limites em sua ganância: Philippe sequestrara o octogenário papa Bonifácio VIII, apressando sua morte, envenenara o papa sucessor, que morreu misteriosamente um mês após excomungar o testa-de-ferro de Philippe, Guillaume de Nogaret, e não tinha a confiança de qualquer monarca europeu, sabedores de sua ganância. Teve sumariamente negado seu pedido de filiação, o que deve ter chocado profundamente seu orgulho. Todavia, havia uma via que lhe permitiria penetrar na Ordem e, sendo mestre, unificar as ordens para seus fins de conquista e riquezas: bastaria colocar um papa que lhe conviesse, pois ao papa a Ordem devia obedIência.

1305, 23 de agosto (ou 24 de junho, segundo outras fontes) – William Wallace, o grande herói escocês, é executado pelos ingleses em Londres e tem sua cabeça pendurada na ponte da cidade.

1305, 14 de novembro – A disputa pelo papado entre os partidários franceses de Philippe e os clericais que queriam uma continuação de Bonifácio e sua luta contra o rei francês acabou num consenso: Bertrand de Goth, que apesar de ser da linha papal, era um fraco e corrupto administrador, fantoche nas mãos de Philippe, o Belo. Sagrou-se como papa Clemente V.

1306, 22 de julho – Philippe, o Belo, com o Tesouro da França esgotado, manda encarcerar simultaneamente todos os judeus da França, seguindo o mesmo método que utilizara com os templários. No cárcere, sem motivo especificado, informa-os que dentro de um mês deverão se exilar. Qualquer motivo religioso ficou nitidamente descartado já que Philippe chamou, para si, o direito de usura dos judeus. Menos de dez anos depois, seu sucessor, Luís X, permitirá o regresso dos judeus para tentar recompor os cofres do Estado. Poucos – e não os mais destacados – judeus aceitarão voltar. Mas o pior para os judeus franceses ainda estava por vir.

1306 – Sir Robert Bruce é coroado rei da Escócia. Bruce provou ser um rei sábio, e durante seu reinado (1306–1329) foi conhecido como o “bom rei Robert”.

1307, início – Jacques de Molay (62) chega à Europa para falar com o papa Clemente V.

> Um homem idoso e antiquado, que passara toda a vida adulta no serviço militar; um homem de ideias simples, mente estreita e mais ou menos

346 Wikipedia – Papa Clemente V (1264–1314)

> incapaz de pensamento sofisticado; um homem que via pouca necessidade em alterar a organização que comandava e cujas ideias de reformas se limitavam a economias mesquinhas e a uma rigorosa e disciplinadora exigência de obediência. (...) O seu espírito estava absorvido pelos problemas que seus irmãos enfrentavam no Mediterrâneo central e oriental. (...) Nem pela cabeça lhe passava que gente de fora pudesse pensar que os templários tinham perdido a orientação. Teria negado veementemente qualquer insinuação de que a sua Ordem esquecera a arte da guerra e só era composta por financiadores parasitas. (...) De Molay recebera instruções para viajar incógnito para a Europa, e com um séquito o menor possível. Não lhe apresentaram qualquer razão para isso; talvez Clemente tenha pensado que um exército muçulmano, conhecedor de que o mestre estava ausente de Chipre, poderia sentir-se encorajado a atacar a ilha. De Molay teve outras ideias. Chegou na França com sessenta cavaleiros e uma enorme bagagem de ouro e pedras preciosas. O cortejo de guerreiros barbudos, de armadura coberta pelo famoso manto branco com a cruz vermelha, era imediatamente reconhecido por toda a gente e parecia intencionalmente conspícuo, uma demonstração consciente do conhecido poder da Ordem e da sua desconhecida riqueza.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 278-279)

De Molay vai, confiante, primeiramente a Paris entrevistar-se com Philippe, o Belo (38), certo que a pregação de nova cruzada teria êxito. Colocado em segurança o tesouro, dirigiu-se ao palácio para encontrar-se com o neto de S. Luís, que De Molay conhecera no Oriente. Talvez toda a experiência do Templário e toda a riqueza da Ordem tenham sido utilizadas para, de certa forma, intimidar o jovem e belo rei cujos cofres estavam arruinados. Como nos lembra Howarth:

> E deve ter-se lembrado como, cinco anos atrás, Filipe e seu séquito tinham estado no Templo de Paris e, em nove dias, haviam consumido oitocentas e seis libras de pão e dois mil e setenta e sete litros de vinho. (...) Também devia saber até que ponto Philippe conseguia ser implacável e eficiente – os judeus tinham sido expulsos havia apenas um mês – mas esse aspecto essencial do caráter de Philippe não parece tê-lo preocupado nada. Philippe, por seu lado, recebeu o grisalho velho cavaleiro com as honras devidas a um príncipe soberano. Sabia que, por nascimento e por ser membro do Templo, De Molay não era seu vassalo. Sabia também que ele se atravessava no caminho de todos os seus planos e que não havia nenhum modo legal de coarctar o velho orgulhoso. Tinha igualmente consciência do papel que De Molay representara na eleição do papa Bonifácio VIII e do fato de fundos templários terem ajudado os ingleses e os flamengos, tanto quanto tinham ajudado os franceses. Ao informar-se da situação presente da Ordem, perguntou se estava tudo como deveria estar, e De Molay admitiu francamente que não. Na confissão, acrescentou, vários irmãos tinham revelado erros de comportamento, momentos em que não tinham estado à altura da regra. Tal admissão não foi mais do que o comentário desgostoso de um velho disciplinador sobre uma disciplina menos do que perfeita. Mas Philippe achou o pormenor de considerável interesse.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 280)

Com Philippe conhecendo mais pormenores comprometedores da Ordem e tendo instigado devidamente seu fantoche Clemente V, De Molay foi entrevistar-se com o papa que sofria a pressão do rei francês para investigar denúncias horríveis sobre os templários. Apenas ao papa cabia tal poder, uma vez que os cavaleiros a ele estavam submetidos.

1307 – Assume Edward II, rei da Inglaterra, o incompetente filho de Edward I. Retomou a guerra contra os escoceses de Bruce, mas foi batido. Foi deposto pelo Parlamento em 1327, com os novos poderes que advieram com as reformas de seu pai.

1307, fins de maio – Jacques de Molay está em Poitiers para entrevistar-se com o papa Clemente V. Clemente já estava suficientemente envenenado por Philippe contra a Ordem. Exigia de Clemente a investigação que só o papa poderia fazer nos templários, com isto permitindo seu pleno acesso à Ordem, ao seu poder e ao seu tesouro. Clemente estava entre dois gumes: se cedesse a Philippe e julgasse a Ordem, a absolvição desta poderia levar a uma guerra sem trégua dos templários contra o ardiloso Philippe. Se Clemente recusasse a exigência de Philippe poderia cair de seu trono tão rapidamente como subira. Os exemplos de seus dois antecessores já bastaram. Clemente, de certa maneira corajoso, recusou-se a acatar Philippe até entrevistar-se com o Mestre do Templo. No entanto, na ingênua imaginação de De Molay continuava a desfilar apenas o desejo de uma união das duas Ordens monásticas para uma nova cruzada, coisa que estava muito longe das preocupações de Clemente. De Molay retorna a Paris sentindo que em nada seus planos seriam ouvidos.

1307, 24 de julho – De Molay convoca um capítulo geral, secreto. É enviada uma circular a todas as preceptorias da França, lembrando o voto de silêncio sobre qualquer rito da Ordem. De Hugues de Peraud, templário frequentador assíduo da corte e que já fora concorrente de De Molay ao cargo de mestre, foi ouvido dizer que qualquer irmão que desejasse sair da Ordem que o fizesse agora, pois estava prestes a eclodir uma terrível tragédia. Jacques envia dois memorandos ao papa: um desaconselhando a união das duas Ordens, dos Templários e dos Hospitalários, pelas diferenças de modo de vida e mesmo pela maior força e coragem dos templários, e pelas inevitáveis e inadmissíveis lutas internas pelo poder; outro memorando desconsiderava a possibilidade de fazer uma cruzada limitada à Terra Santa, fadada ao fracasso. Admitindo mais fraquezas mundanas no pensamento da Ordem, De Molay deixou mais um espaço para antever-se sua fragilidade. Philippe recebe cópias dos memorandos. Enquanto isso, continuavam intrigas quanto à integridade da Ordem, e Clemente aguardava que Philippe arrefecesse sua pressão. Estes "panos quentes" poderiam ter surtido algum efeito se o próprio De Molay não tomasse a iniciativa de defender-se das acusações absurdas.

1307, 24 de agosto – O papa Clemente V escreve uma carta a Philippe mostrando a contrariedade de De Molay quanto às calúnias e injúrias contra a Ordem, requerendo uma investigação formal. Estava aberta a porta para o terror que seria lançado por Philippe. Novamente o impetuoso e ingênuo De Molay não enxergava os personagens com que estava lidando e o momento histórico por que passava sua Ordem.

1307, 13 de outubro – Numa operação digna da Gestapo e comandada perfeitamente pelo excomungado Guillaume de Nogaret, o maior advogado de Philippe, o Belo, e detentor do mais alto cargo civil na França, são presos Jacques de Molay e todos os cinco mil templários existentes na França. Dos cinco mil templários, apenas vinte escaparam. Todos foram isolados um do outro, parte das sofisticadas técnicas de tortura, pressão psicológica e lavagem cerebral aplicadas aos presos. A organização e implementação do plano deve ter sido motivo de orgulho inominável para De Nogaret e o rei Philippe. Na verdade, o ato não foi diferente do sequestro papal, pois os cavaleiros eram figuras eclesiásticas.

Quando os oficiais encarregados das prisões dos templários, acompanhados pelo próprio rei, entraram no Templo de Paris, não encontraram quaisquer documentos ou indícios sobre a fortuna dos templários. O tesoureiro, Hugues de Peraud, que tinha livre trânsito na corte e com Philippe, acabou sendo preso junto com os outros irmãos. Obviamente sua participação no desaparecimento do tesouro templário foi decisiva. A seu serviço Peraud tinha Gérard de Villers, preceptor templário de França. Ao que parece Villers e Hugues de Châlons, sabendo de antemão das prisões pelo próprio Peraud, partiram para o Templo com quatro cavaleiros e fugiram com dezoito galeras da Ordem, as quais nunca se teve qualquer notícia de terem sido aprisionadas pelas tropas do rei. Dias depois, Villers e Châlons entregaram-se, assim como outros templários. Por sinal, não consta qualquer registro de resistência à prisão por qualquer membro da Ordem. Por todas as indicações, realmente o ataque surpresa de Philippe não aconteceu tão inesperadamente, e consta que Jacques de Molay requisitou muitos livros e regulamentos da Ordem e mandou queimá-los.

Nogaret reúne, no alvorecer do dia seguinte, todos os sábios da renomada Universidade de Paris na Catedral de Notre-Dame, começando com um inflamado discurso de Nogaret:[347]

> Uma coisa cruel, uma coisa lamentável, uma coisa horrível de pensar e terrível de ouvir, um crime detestável, um mal execrável, um ato abominável, uma vergonha repulsiva, uma coisa quase desumana, uma verdade estranha a toda a humanidade, chegou aos nossos ouvidos, graças a relatos de diversas pessoas dignas de confiança, chocando-nos dolorosamente e fazendo-nos tremer, tomados do máximo horror...

> Isto era apenas o início do mandato. Para os homens simples que eram os bailios e os senescais do reino, ler semelhante texto nas horas ainda escuras do alvorecer de sexta-feira, 13, deve ter sido um antegosto do divino julgamento, uma pavorosa revelação de pecados secretos. (...) Ao entrarem no Templo, todos e cada um dos irmãos tinham negado Cristo e cuspido na sua imagem. Tinham-se beijado uns aos outros na boca, no umbigo e no ânus e subsequentemente tinham-se entregado a uma orgia homossexual. Por fim, haviam-se todos inclinado diante de um ídolo com a forma de uma cabeça humana, que tinham adorado como seu deus. Não houve resistência quando os templários foram presos. Também não houve na catedral de Notre-Dame quando De Nogaret repetiu a substância do mandato à sua erudita assistência. Atordoados pela enormidade das acusações, os homens da universidade só conseguiram aquiescer e aceitar a notícia em silêncio; e, anunciou De Nogaret, seria tudo corroborado muito em breve pelas confissões francas e espontâneas que os seus homens já estavam a receber dos mais altos dignitários do Templo.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 290-291)

De fato, apenas onze dias depois os acadêmicos ouviram Jacques de Molay e mais quatro mestres confessarem os horríveis crimes, onde "*negaram o Senhor Jesus Cristo e cuspiram na cruz em desprezo a ele, além de coisas do mesmo gênero*", muito embora agradecessem ao cristianíssimo rei Philippe, "*o agente da luz, a quem nada é escondido*." De Molay escreveu uma carta aberta a seus irmãos, que começaram a confessar todos os seus crimes. Na verdade, as confissões seguiam um padrão metódico que, se por um lado deixou estupefatos os sábios que as assistiam, por outro lado em nada convenceu os monarcas europeus. Philippe passou a escrever a todos os monarcas próximos "a fim de que possais erguer-vos na fé", esperando ter eco

347 Wikipedia – Processo da Ordem do Templo

naquilo que seria seu meio real. Mas o meio de Philippe era definitivamente outro. Ele conseguira ultrapassar todos os limites aceitáveis e tão cinicamente burlados desde o advento das monarquias cristãs. Em meio a tantas guerras, cruzadas, massacres e inquisições ele contrariara qualquer senso de religiosidade ou decência administrativa, mostrando-se apenas um hábil déspota sem deus e mesmo sem reino.

Infelizmente para Philippe, os seus reais vizinhos não acreditaram que ele estivesse a dizer a verdade. Podia ser neto de um santo, mas toda a gente tinha conhecimento do modo como ele próprio governara até então: por meio da guerra, pesada tributação e múltipla desvalorização. O rapto de Agnani era de conhecimento geral, assim como a influência de Philippe na eleição do papa Clemente. Independentemente desses fatores, a causa das espantosas confissões dos templários era óbvia, pois na cristandade toda a gente conhecia a Inquisição e, por coincidência, o confessor de Philippe era o inquisidor-mor da França. A Inquisição (...) fora criada como tribunal permanente em 1248, pelo papa Inocêncio IV, e a sua direção estava principalmente entregue aos dominicanos. A implacável aplicação por estes dos métodos formalmente aprovados pelo tribunal não tardou a granjear-lhes um novo nome, a ridicularizar o antigo: tornaram-se os '*Domini Canes*', os 'Cães do Senhor'. (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp.292-293)

A lavagem do cérebro é uma expressão do nosso século; mas as suas técnicas, e o próprio fenômeno, são antigos, filhos bastardos do Santo Ofício. Aí reside o mais profundo horror da Inquisição; pois os homens que mandavam fazer essas coisas, se não os homens que realmente as executavam, ordenavam-nas em nome de Cristo, pelo amor de Deus e na convicção sincera de que eles, e só eles, estavam certos de que os seus atos eram cristãos e feitos para o bem da alma da sua vítima. Um templário anunciou, depois de ter confessado, que os homens que o tinham torturado estavam completamente bêbados. E era muito natural que estivessem, se além da crença religiosa possuíssem algum sentimento humano. As palavras de um outro irmão, um homem de cerca de 50 anos, exemplificaram a absoluta derrota e humilhação espiritual que tais experiências poderiam provocar a qualquer pessoa normal. Disse que '*todos os delitos imputados à Ordem eram verdadeiros e que confessaria até que tinha matado o Senhor se lho pedissem*'. Os métodos de persuasão utilizados em De Molay para obter a confissão inicial foram provavelmente de tipo mais sutil, mas nem por isso a sua admissão de culpa foi menos completa ou, aparentemente, menos sincera. No entanto, o apoio e a fácil aceitação que Philippe parecia ter esperado de outros reis não se verificou. As respostas de Jaime de Aragão e Edward da Inglaterra às cartas de Philippe foram conservadas. Ambos os monarcas (...) conheciam bem o Santo Ofício e nenhum estava disposto a aceitar as acusações caluniosas feitas aos templários, mesmo quando aparentemente substanciadas por confissões. Edward respondeu apenas achar as acusações '*mais do que é possível acreditar*', e Jaime, depois de exprimir '*não só espanto, mas também inquietação*', acrescentou que '*esses monges ofereceram muitas vezes grande e bem recebido serviço aos nossos antepassados na exaltação da fé e na supressão dos inimigos da Cruz, sem temerem nem o derramamenro de sangue nem a morte, e incorrendo em muitos mortos entre eles ... e, como não fomos solicitados pela Igreja, e nenhumas outras coisas chegaram ao nosso conhecimemo nesta matéria, não pudemos e não podemos proceder contra eles*.'

(Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 295-296)

De fato, até então o papado praticamente se colocara à parte na questão. Clemente, então, toma a frente e exige que o julgamento passe de Philippe à Igreja, que o papado possa julgar justamente e, se for o caso, absolver e reintegrar os acusados. Em novembro lança uma bula a toda a cristandade para que julguem os templários em nome do papado, a fim de que se apure a verdade. Clemente envia dois cardeais a Paris, os quais apenas interrogam os inquisidores, que, é claro, confirmam as confissões. Clemente manda-os de volta para entrevistarem-se com os templários pessoalmente: Jacques de Molay, Hugues de Peraud e mais de 60 outros templários revogam suas confissões. Começa uma luta entre o papa Clemente e Philippe.

1307 – Guillaume de Gisors recebeu a cabeça dourada, com a inscrição **Caput LVIII♍**, da Ordem do Templo. (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 52, citando H. Lobineau, *Dossiers Secrets*, prancha 4)

Apesar da separação ocorrida com o corte do olmo em 1188, alguma relação deve ter sido mantida entre Gisors e a Ordem do Templo, dada a coincidência de ter sido um Gisors o intermediário a receber a suposta cabeça da Ordem. Na verdade, segundo os *Documentos do Monastério*, Gisors teria sido grão-mestre do Monastério do ~~Sinai~~ Sion na época, funcionando, claramente, como agente contra os templários. Segundo os autores de *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*,

> ~~Sinai~~ Sion, de algum modo não especificado, autorizou e presidiu a dissolução de seus protegidos desobedientes. Por outro lado, os *Documentos do Monastério* também implicam ~~Sinai~~ Sion numa espécie de protecionismo paternal em relação a pelo menos alguns templários, durante os últimos dias da ordem. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 92)

É interessante nos reportarmos aos registros feitos nesta obra, no século VI a.C., para entendermos um pouco mais da antiguidade e significado oculto do culto à caveira.

1308, 11 de maio – Segundo os registros da Inquisição:

> O guardião e administrador dos bens do Templo, após as prisões, foi um homem do rei, chamado Guillaume Pidoye. Ele declarou aos inquisidores em 11 de maio de 1308 que, à época das prisões dos templários, ele, juntamente com seu colega Guillaume de Gisors e um tal Rayner Bourdon, recebeu a ordem de apresentar à Inquisição todas as figuras de metal ou madeira que tivessem encontrado. Entre os bens do Templo encontraram uma grande cabeça coberta de prata, muito bonita, e constituindo a imagem de uma mulher, que Guillaume, em 11 de maio, apresentou à Inquisição. No interior havia dois ossos de cabeça, envoltos em linho branco e com outro pano vermelho ao redor. Uma etiqueta estava colada, na qual estava escrito "CAPUT LVIIIm". (Raymond Oursel (trad. e coment.), *Les Procés des templiers*, ed. Denöel, 1959, p. 208)

É muito provavel que o "m" lido fosse, realmente, o símbolo de Virgo, ♍, proposto pelos *Dossiers Secrets*. Neste caso, a decifração do código da etiqueta é relativamente simples: *Caput*, no latim, significa *cabeça*, mas também é *o princípio, a origem de qualquer coisa*, também *o resumo, o sumário, o mais importante, o principal*. Esta cabeça dourada se referia à Sabedoria, virtude comandada pela inteligência que os antigos atribuíam a Urano, cujo nome grego original era *Ouranos* e cuja cor superior é o *Ouro*, raiz de Ouranos e a cor da referida *cabeça*. Urano rege o chakra coronário, atrás da cabeça ou *caput*. Urano também é como uma oitava superior a Mercúrio, o qual também rege a cabeça. Mercúrio rege Virgo, ♍. A esposa de Ouranos,

Titeia, era identificada com a Terra, o elemento regido por Virgo. Quanto a Mercúrio, seus números sacros são o 5 (superior) e o 8 (alquímico), ou o 58, no romano, LVIII. Esse conjunto, então, forma o CAPUT LVIII♍). É oportuno lembrar, também, que o símbolo ♍ designa a sociedade secreta conhecida por Ormus, que também tem, em uma de suas raízes, a palavra ouro (vide ano 1188 d.C.). Aos que estão afeitos com os mistérios maçônicos não escapa que ♍, regente dos intestinos, tem direta relação com o grau de mestre.

1308, agosto – O papado se transfere para Avignon, no sul da França. O papa Clemente V aceitou o “convite” do rei Philippe o Belo, da França, uma vez que Roma se tornara uma cidade muito perigosa e turbulenta. A transferência, que durara até 1377, transformará o papado numa instituição francesa durante este período, representado pelos sete papas de Avignon, todos franceses, assim como 111 dos seus cardeais. A mudança, que nitidamente beneficiava a França, serviu para acirrar os ânimos contra os tradicionais antagônicos franceses, os ingleses e alemães. Este fato adiantou movimentos como a Reforma, adotada por aqueles países no século XVI.

Clemente decidira mudar-se até o término do julgamento dos templários. Decidira pessoalmente tomar conta do julgamento, não por simpatia com os réus mas por não querer perder a autoridade papal para Philippe. Neste mesmo mês Clemente envia três cardeais a Chinon para ouvir o templário preceptor de Chipre, o da Normandia, o de Poitou e Aquitaine, além de Hugues de Peraud, tesoureiro da Ordem e ao mestre Jacques de Molay. De pouco ou nada valeu o “zelo” de Clemente, pois além de dois dos três cardeais serem partidários de Philippe, estavam presentes à confissão o terrível carcereiro e torturador dos prisioneiros e os diabólicos advogados de Philippe: De Nogaret e De Plaisians. Os réus voltaram a confessar a tão pretendida culpa.

1309, 13 de setembro – Dois inquisidores franceses chegam a Londres para tomarem nas mãos o julgamento dos templários, que praticamente nada fez contra o Templo desde a chegada da bula papal em dezembro de 1307. Para surpresa dos inquisidores, o Direito Comum inglês – ao contrário da Justiça francesa, que servia de braço armado da Inquisição – determinava que uma pessoa acusada deveria ser julgada por um tribunal com um juri composto de cidadãos livres.

> Estes foram os primeiros e últimos inquisidores a ir à Inglaterra e regressaram frustrados e de modo geral decepcionados. Num período de quatro semanas, em outubro e novembro de 1309, interrogaram quarenta e três templários em Londres, usando técnicas de direito comum, e nenhum dos acusados admitiu qualquer culpa. (...) E quando os dois inquisidores se atiraram ao assunto das reuniões secretas do capítulo, partindo do princípio de que uma coisa secreta devia ser nefanda, um irmão declarou redondamente que o segredo não passava de uma tolice, que, quer nas recepções, quer nas confissões, não acontecia nada que não pudesse ser visto por qualquer pessoa, e que quaisquer confissões feitas noutros lados eram mentiras. (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 302)

1310, fev/mar – O processo contra os templários, na França, tem a segunda sessão, dia 3 de fevereiro. Assim como na primeira sessão, não apareceram testemunhas de acusação ou de defesa. De Molay e de Peraud, por sua vez, recusavam-se a dizer qualquer coisa se não fosse em presença do papa. De Molay parecia assustado e vacilava com o “auxílio” do advogado do diabo de Philippe, De Plaisians. Enquanto De Plaisians fingia-se de “bom”, De Nogaret

fazia seu papel de malvado, e a posição de De Molay oscilava entre falar a verdade, calar-se e admitir as acusações. No dia 5, quinze templários se ofereceram para defender a Ordem. Os irmãos passaram a compreender a natureza da comissão e, reencontrando o antigo espírito combativo, apareceram, em fins de março, 597 irmãos dispostos a defender a Ordem. Pateticamente, o outrora tão impulsivo e combativo De Molay continuava inflexível em sua posição de nada falar até estar na presença do papa. Na semana que se seguiu, quatro irmãos foram escolhidos para defender a Ordem: Pierre de Bologne e Renault de Provins, que eram padres, e Bertrand de Sartiges e Guillaume de Chambonnet, cavaleiros.

1310, abril – São lidos aos templários os sete grupos de acusações divididas em 127 artigos. Os sete grupos eram: a negação de Cristo como qualquer tipo de profeta, e portanto a exigência dos neófitos de cuspirem, pisarem e urinarem na cruz; depois seguia-se as acusações de idolatria (da cabeça de um gato ou de uma cabeça), a negação dos sacramentos e da hóstia, a absolvição dos pecados pelo mestre do Templo, as obscenidades homossexuais dentro da Ordem, a cupidez por meios legais ou não e, por último, o criminoso caráter secreto da Ordem. Nesta ocasião, salienta-se Pierre de Bologne não apenas pela sua eloquente defesa – a tal ponto de se supor que tivesse uma formação de Direito, essencial para rebater a ardilosa e vil retórica de Nogaret:

> Cada um e todos nós declaramos as acusações totalmente infundadas. Parece incrível que acusações tão escandalosas tenham podido ser tomadas a sério por alguém. É verdade que alguns templários as admitiram, mas apenas por causa da tortura e do sofrimento. Não é de modo nenhum motivo para nos surpreendermos com o fato de alguns terem mentido: o que é mais espantoso é que alguns tenham respeitado a verdade, sabendo as atribulações e os perigos, as ameaças e os ultrajes que sofrem diária e continuamente aqueles que dizem a verdade.
> (Stephen. Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 308)

Bologne prosseguiu defendendo-se de cada uma das acusações brilhantemente, recuperando o ardor original à Ordem e repudiando as calúnias. Desafiou, inclusive, que se mostrasse algum irmão que desse um depoimento de culpa fora do ambiente de horror da França. Conseguiu impressionar a comissão, que passou a ouvir as fracas testemunhas de acusação, sem base ou desautorizadas pela comissão. Não havia sequer uma testemunha que apresentasse uma prova concreta. A acusação se perdia e Bologne voltou a atacar seus detratores, chamando a atenção que

> as prisões e o julgamento tinham sido "rápidos, violentos, inesperados, hostis e injustos, completamente ilegais, totalmente injuriosos e feridos de intolerável malignidade"; e penetrando até o âmago das técnicas de lavagem ao cérebro, disse que as torturas infligidas aos templários os tinham privado de "liberdade de mente, coisa que todo homem bom deve ter", pois sem ela uma pessoa perdia todo o "conhecimento, memória e compreensão." (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, p. 310)

Mais de seiscentos templários já se dispunham a depor. Antevendo uma longa duração, Clemente adia em um ano o Concílio de Vienne, inicialmente programado para outubro de 1310, quando então proferiria seu julgamento. Mas o terrível Philippe já preparava seu contragolpe. Tão logo começou a despontar a defesa dos templários, Philippe nomeia um fantoche como arcebispo de Sens. Sens era uma arquidiocese com autoridade sobre o bispado de Paris. Com os diabólicos advogados de Philippe vendo uma brecha na Lei para

julgar templários individualmente, é marcada para 11 de maio o julgamento de 54 templários acusados. Com a comissão papal de julgamento totalmente impotente, os acusados condenados num julgamento que, na prática, não existiu, pois o fantoche do rei interrompeu o processo para promulgar sua decisão de queimá-los vivos. Todos são sumariamente queimados no dia 12, sem que qualquer um confessasse sua culpa. A partir desse precedente, por toda a França são queimados os cavaleiros do Templo, num número sem conta. O heroico Pierre de Bologne desapareceu. Diz-se que fugiu, mas é provável que fosse assassinado. Os templários ficaram sem qualquer defesa.

1310 – O processo contra os templários, na Inglaterra, praticamente não andou. O motivo central é que a Inquisição era, nas ilhas, considerada ou indesejada ou injustificada.

> No verão de 1310 o progresso na Inglaterra era, do ponto de vista dos inquisidores, nulo. Numa carta queixosa ao arcebispo da Cantuária, disseram que estavam impossibilitados de fazer o trabalho no estilo habitual. Tinham feito o possível, mas não haviam encontrado ninguém que soubesse administrar tortura. E, por isso, voltaram para casa. A única sugestão que podiam apresentar era que todos os templários da Inglaterra deviam ser embarcados e atravessar o Canal para Ponthieu, que era território inglês, mas sujeito à lei francesa. Aí a verdade seria com certeza revelada, pois encontrar-se-ia sem dificuldade um torturador experimentado. Avaliada pelos seus méritos, a ideia era lógica; mas nunca foi posta em prática.
>
> (Stephen Howarth, *Os Cavaleiros Templários*, pp. 302-303)

1311, 5 de junho – A comissão papal para julgamento dos templários, totalmente distorcida pelas arbitrariedades do rei Philippe e pela conivência do papa Clemente, conclui que as acusações contra os cavaleiros não estavam provadas, mas que algumas práticas não ortodoxas da Ordem mereciam um castigo. Para Philippe era o suficiente para massacrar o que restara da Ordem. Em Maiorca, Aragão, Portugal, Chipre, Escócia, Irlanda, Inglaterra e Alemanha a Ordem foi considerada inocente. Somente em Navarra e Nápoles – controlados por Philippe, e nos Estados Papais da Itália a Ordem dos Templários foi considerada culpada. Não obstante, o papa Clemente queria ver sua autoridade uniformemente aceita. Para tanto, anulou os veredictos locais e inverteu-os, passando os templários a culpados!

1311, 16 de outubro – XV Concílio Ecumênico, em Vienne[348]. Menos de dois terços dos clérigos e nenhum dos doze reis convidados compareceu. O tema central – a ratificação do que Clemente já acertara com Philippe, a condenação dos templários – mostrou-se inconsistente pois todas as provas não passavam de intrigas e mexericos. A maioria não apoiava a dissolução da Ordem, mesmo porque ela não fora condenada em seus países. Mas um fato curioso aconteceu. Foram convidados os templários ao Concílio, mas apenas como uma formalidade, já que eram acusados. Para surpresa de Clemente, apresentaram-se sete, depois mais dois templários, entregando-se como acusados e dizendo haverem mais dois mil ainda livres. Sua presença impressionou os conciliários, lembrando o passado glorioso da Ordem, as inconsistentes acusações e a realidade das fogueiras. Apesar de toda a força de Clemente, todos os conciliários menos cinco ou seis ligados ao rei da França eram a favor dos templários.

348 Wikipedia – Concílio de Vienne (cidade do sudeste da França, às margens do rio Rhône)

1312 fev/abril – Em fevereiro, Philippe, o Belo, avança para Vienne com um exército, para intimidar os participantes do Concílio de julgamento dos templários. A patética situação do Concílio culmina dia 3 de abril, com o papa Clemente lendo o sermão preparado por Philippe tendo este e seu filho em tronos ao lado e ligeiramente abaixo do seu. Antes de ler a condenação aos cavaleiros, um prelado levanta-se e adverte que qualquer manifestação será punida com a total excomunhão. Estavam condenados os templários. Clemente disporia pessoalmente dos líderes e os demais deixaria a cargo das arquidioceses. Apesar da condenação prover a libertação sob pensão dos arrependidos, o número de templários que não se dobrou às calúnias e reencontrou a coragem e dignidade da Ordem foi muito grande. A decisão de Clemente de transferir os bens dos templários aos hospitalários deixou Philippe sem o ambicionado sonho de se tornar um rei guerreiro. Deixemos a palavra aos clérigos:

> Manobras partidárias dos franceses levam à eleição papal do arcebispo de Bordeaux, que tomou o nome de Clemente V, demasiado condescendente em prol do rei da França, Felipe o Belo. De fato, o novo pontífice, contra as súplicas dos cardeais que o convidavam a Roma, decidiu em 1305 fazer coroar-se em Lyon. Durante o cortejo caiu uma muralha, esmagando um duque, um cardeal e outras pessoas. O próprio Clemente foi derrubado da cela e a tiara caiu na poeira: negro presságio! Depois de ter girado por várias vezes, fixou em 1309 sua sede em Avignon. Com João XXI (1316–1334) os pontífices fixaram-se assim até 1377 na sede episcopal, onde surgiu o conhecido Palácio dos Papas. Roma, porém, devia pagar por seus crimes: dos 13 últimos pontífices, 10 morreram no exílio. Desde 1085 os papas tiveram de fugir de Roma por 33 vezes! Roma reduzia-se a um vilarejo. Em Avignon, ademais, o papa não era tão independente quanto em Roma. Philippe o Belo conseguiu assim obter de Clemente a ab-rogação de algumas bulas de Bonifácio VIII, e as coisas pioraram quando o rei se lançou contra a riquíssima Ordem Equestre dos Templários, pois ansiava apoderar-se dos bens desta para restaurar o tesouro régio... Nesse ambiente de compressões Clemente V convocou em 1311 o Concílio para Vienne, no Delfinado. Os templários foram apoiados pela bula papal, mas Philippe se apossou de suas terras e castelos, indo assim habitar a sede central da Ordem, o Templo de Paris. Por instigação do pérfido Philippe, que em vida não queria senão o mal, o grão-mestre da Ordem foi condenado à fogueira. Clemente deixou correr…
>
> O Concílio rebateu a doutrina de que a alma é ‘forma corporis’, i.e., o princípio que dá ao homem a atividade e os predicados característicos.
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata por Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

Pela primeira vez vemos, aqui, a Igreja reconhecendo a falibilidade papal a partir da sujeição de Clemente V aos caprichos de Philippe, principalmente na condenação aos templários. Ao que parece, Roma não se alegrou em perder a Ordem que tanto fez pela própria Igreja durante os últimos duzentos anos.

1313, abril – Guillaume de Nogaret, o grande cérebro, advogado de Philippe, o Belo, que esteve por trás do processo dos templários, morre em meados de abril. Conta-se que foi oito dias após o vaticínio do membro de um grupo de templários que ia ser queimado vivo ter pronunciado a sentença:

> Ministro indigno, medita nos efeitos de tuas mentiras e da tua injustiça! Não podemos convocar-te para compareceres perante o teu senhor, pois ele tornou-se, com o papa, o nosso pior inimigo; mas te convocamos para compareceres, daqui a oito dias, perante o tribunal do Juiz dos vivos e dos mortos.

1313 – Morre Arnauld de Villeneuve.

> Foi só em 1313, época da destruição aparente dos templários, que Robert I (Robert Bruce), rei da Escócia, fundou a Grande Loja d'Heredon de Kilwinning. (*Bibliotheca Maçonnica ou Instrucção Completa do Franc-Maçon*, Paris, Va J.-P. Aillaud, Guillard & Ca, Livreiros de Suas Magestades, O Imperador do Brasil e El Rei de Portugal, 1864, tomo 1, p. 67)

1314, 18 de março – Clemente envia a Paris uma comissão de cardeais que chama à sua presença Jacques de Molay, Mestre do Templo; Godfroi de Charney, preceptor de Normandie; Godfroi de Gonnevile, preceptor de Aquitaine; e Hugues de Peraud, tesoureiro e visitador do Templo em França. Enquanto Peraud e Gonnevile confessaram culpa, arrependeram-se e ganharam prisão perpétua; Jacques de Molay, então com setenta anos, e Godfroi de Charney, ao se verem traídos pelo papa em quem confiaram, revogam suas confissões e são condenados à fogueira. Em meio às chamas que o queimam, Jacques de Molay profetisa: "*Clemente, juiz iníquo e cruel carrasco, eu te conjuro a comparecer dentro de 40 dias diante do tribunal do Soberano Juiz*". Quanto a Philippe e sua família, em meio às chamas conta-se que Jacques intimou-o a prestar contas dentro de um ano, suplicando a Cristo que provasse a inocência da Ordem. Em catorze anos seus três filhos assumirão o poder e morrerão, e a dinastia dos Capetos será varrida do trono da França.

1314, 20 de abril – Morre Clemente V no castelo de Roquemaure, 33 dias após o vaticínio de Jacques de Molay. A causa foi, aparentemente, uma crise de disenteria. Assim como a dinastia de Philippe desgraçou-se com o martírio templário, a Igreja nunca mais será a mesma depois de Clemente V. A partir da transferência para Avignon as maiores disputas internas e a maior desgraça se abaterá sobre a Igreja em toda a sua história. Assim como a França acabará por se engolfar numa Guerra de Cem Anos, o papado se debaterá por exatos cem anos com uma série de papas e antipapas, culminando por desprestigiar totalmente o clero até o momento em que três papas estarão reinando! O auge desta crise eclodirá na inevitável Reforma de Lutero, não sem ter o apoio dos templários ainda atuantes em toda a Europa. Somente cem anos após o martírio de De Molay o papado retornará a Roma.

1314, 24 de junho – Um fugitivo colocado num leito de palha, saudoso e triste. Indolente, ele observa uma aranha em sua teia. Ela balançava-se de uma viga à outra do teto do chalé. Seis vezes a aranha tentou e falhou. '*Se ela tentar novamente e tiver sucesso*', disse o fugitivo a si mesmo, '*eu também farei uma nova tentativa*'. Na sétima tentativa a aranha teve sucesso. O fugitivo é o herói escocês Robert Bruce. Coroado rei da Escócia após a execução de Sir William Wallace pelos ingleses. Inspirado pelo sucesso da aranha, ele liberta-se e retoma uma fortaleza após a outra. A grande batalha final estava se desenhando. Em 24 de junho de 1314, as forças inglesas e escocesas encontram-se na grande batalha de Bannockburn.

O grande exército de Edward II – o dobro do número de escoceses – invadira a fronteira e escolhera uma posição forte. O campo de batalha situava-se entre a pequena corrente chamada Bannock, com bancos de rocha encharcados, e o castelo Stirling. À frente estavam brejos e pântanos. Em toda terra firme que se encontrasse Bruce cavara armadilhas para apanhar os cavaleiros ingleses. Os treinados arqueiros ingleses recuaram sem o suporte da cavalaria. Os cavaleiros caíram em massa nas armadilhas, onde lhes aguardava uma afiada floresta de lanças erguida pelos homens de Bruce. Numa colina atrás dos

escoceses, um grande exército composto por servos, capatazes e camponeses avançavam a luta. Os ingleses sofrem uma sangrenta derrota. A Escócia está livre e Bruce consolida-se como rei.

1314, 29 de novembro – Morre o amaldiçoado rei Philippe, o Belo, 256 dias após o vaticínio de Jacques de Molay. A causa da morte permanece obscura, mas consta que foi atingido pela paralisia. Sua dinastia, que há três séculos e um quarto governava a França, após a morte de De Molay durará apenas catorze anos, pondo um fim nos Capetos e concretizando a profecia do último Mestre do Templo. A França, então, mergulhará em disputas dilaceradoras culminando com a Guerra dos Cem Anos com a Inglaterra.

1316 – Assume o papa João XXII [Jacques d'Euse (Duèse)], até 1334.

Aparece notícia de uma droga que tingia os tecidos de encarnado, dando-se-lhe na Itália o nome de *brezil, brecillis, bracire, brasilly, brazilis* e *brazili*.

1318 – Notre-Dame: Pierre sucede a Jean de Chelles. Ele termina a decoração do exterior da abóbada.

1320 – Notre-Dame: Jean Ravy († 1344) constrói os arcos sustentados da cabeceira, com 15 metros de vão. Ele trabalha no recinto do coração começado por Pierre de Chelles e continuado por Pierre Le Bouteiller.

> Desabrochou espontaneamente um movimento de cruzadas entre os pastores do sul da França – as assim chamadas *Pastoureaux*. Poucos destes pastores chegaram a embarcar para o Oriente – e mesmo disso há dúvidas. Mas todos eles agarraram a oportunidade de fazerem um gesto em defesa da religião de Jesus em terras mais próximas às suas casas. Uma onda de massacres, cujo horror quase não encontra precedente, varreu o país, aniquilando uma comunidade [judia] após a outra. Mais tarde, o exemplo foi imitado ao sul dos Pirineus. No ano seguinte, nova vaga de violências, desta vez baseada num motivo absurdo: passou a ser voz corrente que os judeus e os leprosos, irmãos em sua condição de párias, tinham estado envenenando os poços, em obediência a pacto com os reis infiéis de Tunes e Granada! Este pretexto ridículo bastou. Judeus foram massacrados em muitas cidades. Em Chinon, 160 deles foram queimados vivos, numa enorme fossa.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 123)

1321 – Morre Dante Alighieri. Em sua *Divina Comédia*, Dante encontrou espaço no inferno para colocar os amaldiçoados papa Clemente V e o rei Philippe, o Belo.

1322 – Carlos IV, da França, expulsa todos os judeus de seus domínios, sem aviso prévio.

1326 – Desencadeado por João XXII processo contra Mestre Eckhart.

1327 – Morre Mestre Eckhart.

Edward II é deposto pelo Parlamento inglês. Assume Edward III como rei da Inglaterra, até 1377. O cavaleirismo ainda estava em moda nesta época. Mesmo o rei se destacava nas artes das armas. Teve, assim, oportunidade de provar seu adestramento na chamada Guerra dos Cem Anos com a França. Continuou o interesse por Glastonbury de seus antepassados. Em 1331 tenta restaurar a Távola Redonda agrupando em torno de si os grandes barões do rei.

O cavaleiro Ramsay, em seu famoso *Discurso*, em 1736/8, declara que o rei Edward III se tornou o protetor da Ordem Maçônica (vide 1286 d.C.).

1328 – Edward III, rei da Inglaterra, formalmente reconhece a independência da Escócia.

1329 – Morre Robert Bruce, o libertador da Escócia, no campo de batalha na Espanha em Tebas de Ardales. Nos seus últimos anos, Bruce desejava ardentemente ir à Terra Santa lutar contra os muçulmanos, de posse que estavam do sepulcro de Cristo. Sua ânsia advinha de um remorso: quando jovem, Bruce eliminara um rival frente ao próprio altar de Deus. Ao saber que morreria sem atender a seu desejo, pediu a Lord James Douglas para levar seu coração à Terra Santa. Bruce morre, e Douglas coloca o coração do rei num pequeno cofre de prata, partindo com ele à Terra Santa. Na Espanha, vai em defesa dos cristãos, duramente pressionados que estavam pelos muçulmanos. No auge da batalha, Douglas joga o coração de Bruce no meio dos infiéis e grita: "*Go thou before as thou wert wont to do, and Douglas will follow*!" O bravo Douglas pereceu na batalha. Um de seus cavaleiros, todavia, recupera o coração de Bruce e leva-o de volta à Escócia, onde foi sepultado na abadia de Melrose. Será descoberto apenas em 1996, para grande júbilo de toda a Escócia.

1330 – Nasce Nicolas Flamel, um dos maiores alquimistas de todos os tempos e provavelmente ligado à dinastia do Santo Graal. O cronista francês Paul Lucas, enviado pelo rei francês Louis XIV à Grécia, Ásia Menor, Macedônia e África, relatou, em 1712, seu encontro com um dervixe que afirmava pertencer a uma fraternidade de sete amigos que percorriam o mundo para tornarem-se mais perfeitos, encontrando-se periodicamente em determinados lugares. O sábio lhe relatou que Flamel estava ainda vivo, assim como sua esposa, e que apenas encenaram sua morte para se encontrarem, após, na Suiça. A partir de então levavam uma vida filosófica, andando ora em um país, ora em outro. (vide ano 1612)

1334 – Assume o papa Benedlto XII [Jacques Fournier], até 1342.

1336 – Nova onde de massacres a judeus na Alemanha, repetindo 1298. Ocorreu na Alsácia, na Swabia e na Francônia. A turba autodenominava-se *Judenschlager* (assassinos de judeus), e era liderada por dois nobres. Os massacres, que, apesar da aparente contrariedade do rei, continuaram por três anos, contaram-se em mais de uma centena os locais de extermínio.

No reinado de D. Afonso IV (1325–1357), os portugueses atingem as Canárias.

> O ilustre Sr. Luciano Cordeiro, em seu interessante livro *De la Découverte de l'Amerique*, diz que em 1336 os portugueses já tinham aberto o caminho até as Canárias. Em 1341 esteve nestas ilhas uma expedição portuguesa, que no *Roteiro* escreveu sobre uma madeira semelhante ao *pau brasil* ali encontrada. (Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 68)

1337 – O conselho da cidade de Deckendorf, na Bavária, resolveu varrer, de um só golpe, as dívidas que tinha com os judeus. Foi posto a circular o boato de que os infiéis tinham roubado uma hóstia consagrada e imposto maus tratos a ela; esta teria mostrado sua indignação pelo milagroso aparecimento de sangue. (...) Os habitantes que não foram imediatamente mortos foram em seguida queimados vivos. A partir deste incidente uma vaga de novos massacres espalhou-se pela Bavária, Boêmia, Morávia e Áustria, atingindo 51 localidades.
(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 126)

1342 – Assume o papa Clemente VI [Pierre Roger], até 1352.

1343 – Nova explosão antissemita em Wachenheim, destruindo inúmeras comunidades vizinhas.

1345 – O rei Eduardo III, da Inglaterra, ordena que se efetuem pesquisas pelos restos de José de Arimateia (vide ano 1367).

1346 – O exército de Edward III, da Inglaterra, ganha a importante batalha em Crecy com uma nova arma inglesa, o *longbow*. No ano seguinte Edward toma o porto francês de Calais. Em 1356 seu filho, o Príncipe Negro, vencerá a famosa batalha de Poitiers.

1347 a 1349 – A Peste Negra assola a Europa Ocidental. Na Inglaterra, mais de ¼ da população é dizimada. Vilas inteiras perecem e grandes plantações são queimadas. Os servos que sobrevivem exigem grandes somas de dinheiro de seus senhores. Não recebendo, mudam-se para outras áreas, o que leva a grandes vagas de itinerantes que não podem ser contidas devido ao Estatuto dos Trabalhadores. Os senhores da terra contratavam trabalho a qualquer preço, enquanto os trabalhadores formavam alianças para resistir à lei. Os Lollards, "pobres sacerdotes" de John Wycliffe, e outros pregadores itinerantes acirravam os ânimos pela denúncia das injustiças dos senhores da gleba. A praga constituiu-se num dos maiores flagelos que já atingiram a humanidade. Pelo menos 25 milhões de pessoas pereceram na Europa. Era transmitida pelo bacilo *Yersinia pestis*, presente nas pulgas dos ratos, originando a peste bubônica. Desconhecendo-se sua origem, espalhou-se da Sicília após ser trazida por ratos de navios dos portos mediterrâneos. Espalhou-se pelo norte da África, Espanha, Itália, França e Inglaterra. Em 1349 penetrou na Áustria, Alemanha, Suiça e Holanda. No ano seguinte atingiu os Países Bálticos e a Escandinávia. Cidades foram permanentemente dizimadas. As população não se recuperou das baixas antes do século XVI. Consequência automática da peste foram o colapso econômico das economias, a redução das guerras e a quebra do rígido sistema de classes, obrigando a uma modificação da estrutura social em larga escala.

1348/49 – A revolta antissemita atinge seu auge na Alemanha. Aos judeus foi atribuída a culpa pela peste, embora também terem sido atingidos e apesar de já não existirem mais judeus na Inglaterra. A bem da verdade, a peste atingiu em número bem mais limitado a comunidade judia dada sua elevada higiene e seu adiantado conhecimento médico em comparação com o restante do povo europeu.

> Em Chillon, um judeu de nome Balavingus, preso e submetido à tortura, 'confessou' que um plano intrincado fora elaborado no sul da França por alguns de seus correligionários, que ele denunciou por nome. Estes teriam preparado uma poção – seus ingredientes sendo aranhas, sapos, lagartos, carne humana, corações de cristãos e hóstias consagradas. O pó feito deste cozimento infernal teria sido distribuído entre as várias comunidades, para ser lançado nos poços de onde os cristãos obtinham sua água. Esta era a causa do terrível contágio que assolava a Europa!
>
> Esta ridícula mixórdia de disparates foi suficiente para selar o destino da comunidade de Chillon; toda ela for trucidada com refinamentos de horror. Como fogo selvagem, a história espalhou-se pela Suíça, ao longo do Reno, pela Áustria e pela Polônia. Verificaram-se, então, no seu rastro, os mais terríveis massacres de quantos tinham sido conhecidos na longa história do martírio judeu. Uma bula de Clemente VI, fiel às mais nobres tradições do papado medieval, condenando esta nova acusação e ordenando que se

protegessem os judeus, foi totalmente ineficaz. No seu *Memorbuch*, os judeus de Nüremberg consignaram os nomes de cerca de 350 comunidades martirizadas nesta época. Sessenta grandes comunidades e 150 pequenas foram virtualmente exterminadas. Em Basileia, toda a população [judia] foi queimada viva, dentro de uma construção de madeira erguida às pressas numa ilha no meio do Reno; em seguida, um decreto proibiu a qualquer judeu de se fixar na cidade por um período de duzentos anos. Em Strassburg, no dia de São Valentim, a comunidade judia foi cremada, quase até o último homem, numa gigantesca pira erguida em seu próprio cemitério. Em Worms, os judeus anteciparam-se ao seu destino, incendiando sua casas e nelas perecendo. O mesmo aconteceu em Colônia, no dia de São Bartolomeu, em 1349. Nenhuma catástrofe tão medonha e em tão larga escala caíra ainda sobre os judeus da Alemanha. Este foi o climax do desastre para as comunidades locais, da mesma forma como tinham sido as grandes expulsões da França e da Inglaterra.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 127-128)

1350 – Pedro de Castela (1350–1369) dá especial tratamento às comunidades judaicas de seu país, que lhe apoiaram na luta pelo trono contra seu meio-irmão bastardo, Henrique de Trastamara. Prova disso é Samuel Abufália, colocado como Tesoureiro real. Com a queda de Pedro, seu sucessor não perdoou os judeus. Pela primeira vez na Espanha foi colocada a política eclesiástica de perseguição aos judeus.

1351 – D. Knoop e J. Jones fazem alusão, com referência à Inglaterra, aos estatutos de 1351, que falam de ***freestone mason*** ou ***mestre perfeito de par livre***. (...) Marcel Speath (...) escreve:

> a palavra **free** se traduz por 'livre' ou franco', no sentido de isenção. Mas em termos de ofício, este mesmo adjetivo aplicado à palavra **stone** (pedra) significa pedra mole, arenosa, que se presta facilmente, como o grês, por exemplo, ao talho e à escultura, ao contrário de **roughstone** ou **pedra dura**.

B. Jones sublinha, ele próprio, a distinção que se opera, na Inglaterra, a partir do século XII, entre o pedreiro livre e a mão-de-obra. O pedreiro livre, segundo ele, 'tinha um conhecimento mais aprofundado de seu material e uma ciência da geometria do ofício'. Observa também que 'alguns estatutos arcaicos e outras fontes fazem alusão ao *pedreiro de pedra mole*' e acrescenta que 'uma classe de pedreiros se desenvolveu os quais, no decurso dos séculos XIII e XIV, foram conhecidos sob o nome de 'pedreiros de pedra mole.' (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, pp. 12-13, citando B. Jones, *Le mot Franc dans Franc-Maçon*, em Le Symbolisme, nº 6, 316, jul/ago 1954, pp. 328,335,336,338,339)

Dessa Maçonaria Operativa derivaram todos os monumentos feitos por **operários** que trabalhavam na **Grande Ópera** ou **Grande Obra**, como chamavam os alquimistas. Por isto **Maçons**, isto é, **Pedreiros Operativos**, desbastavam a Pedra Bruta e elaboravam-na à condição de Pedra Polida. De fato, a palavra **MAÇON** tem profunda origem a partir da palavra egípcia **MÄSU**, que significa *trabalhar no metal ou pedra, esculpir uma estátua*. Precisamos, portanto, para explicar o presente, remontar às origens da antiga Franco-Maçonaria e pesquisar as condições de existência impostas a seus fundadores pelo excercício de sua profissão. Teremos, portanto, de tratar da Maçonaria dita Operativa, que preferimos qualificar de Antiga Maçonaria ou, melhor ainda, de Arte Real, que implica o sentido e o conteúdo das palavras Arte e Ciência. Este binômio necessário levou o Mestre-Maçon Jean Mignot a dizer, em 1401, aos Mestres-de-Obras milaneses, que *Ars sine Scientia Nihil est*. Foi a Arte Real que criou,

> constituiu e edificou, no centro da fachada das catedrais, o Pórtico Real, também ele feito de Cristos gloriosos, o que significa, ao mesmo tempo, a obra-prima dos Mestres Maçons e a glorificação do Trabalho, segundo o plano do Divino Criador.
>
> (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 11)

1351 – Notre-Dame é inteiramente terminada.

1352 – Assume o papa Inocêncio VI [Étienne Aubert], até 1362.

1359 – Trinta e sete anos após terem sido expulsos da França, os judeus são convidados a retornarem.

> Depois da crise financeira que se seguiu à desastrosa derrota em Poitiers, uns poucos financistas [judeus] aceitaram o convite de se fixarem no país por um período de vinte anos. Terminado este, o prazo foi renovado, ainda que o tratamento dispensado aos judeus estivesse longe de ser ideal. O ressentimento popular contra a pesada taxação expressou-se através de uma série de ataques contra eles.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 123)

1362 – Assume o papa Urbano V [Guillaume Grimoard], até 1370.

1367 – Teriam sido encontradas as relíquias de José de Arimateia, no Lincolnshire, e colocadas em uma caixa de prata. Elas teriam sido instaladas no coração da capela, para dar ocasião a importantes peregrinações.

1370 – Assume o papa Gregório XI [Pierre Roger de Beaufort], até 1378.

1377 – Aparecimento do cometa Halley.

Assume Ricardo II como rei da Inglaterra, aos dez anos, primogênito de Edward III. Ele tinha catorze anos quando um grande bando de pedintes, liderados por Wat Tyler e John Ball, marcharam para London (1381), vindos de Kent. O garoto rei foi audaciosamente encontrá-los e disse: "*Eu sou seu rei. Eu serei seu líder*". "*Nós desejamos que você nos faça livres para sempre*", disseram os pedintes. Ricardo prometeu ajudá-los e eles retornaram pacificamente às suas casas. O rei não cumpriu sua promessa. Numa semana os juízes enforcaram 1500 líderes da revolta. O sistema feudal de vilas, entretanto, não podia ser revivido. Os servos foram gradativamente dando lugar a uma nova classe de pequenos agricultores livres.

1377, 17 de janeiro – O papado volta a Roma, após estar desde 1308 em Avignon, no sul da França. Encorajado pela mística Catherine de Sienna, o papa Gregório XI transferiu-se para Roma. Contrariado, o Colégio de Cardeais elege outro papa para preencher o trono em Avignon. Começa o Grande Cisma no Papado. Uma série de papas e antipapas clamarão pelo poder até 1417, com a eleição do papa Martin V no Concílio de Constance.

1378, abril – Assume o papa Urbano VI [Bartolomeo Prignano] até 1389. Segundo a Igreja,

> Urbano queria impor um freio no abuso de certos cardeais. Aconselhado por Catherine de Sienne, escolheu uma brigada de 29 bons cardeais de seu agrado. Dias depois, como protesto à traição, os franceses aclamam papa um dos seus, com o nome de Clemente VII. Estoura o cisma. De Roma e Avignon entrançaram-se bulas e excomunhões entre papas e antipapas.
>
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1379/91 – Perseguições aos judeus tomam conta de Castela, a começar pela coroação de João I em 1379. De Toledo e Sevilha espalham-se pela Península, por mais de 70 localidades de Castela. Elas culminarão com as perseguições de 1391.

1380 – França:

> Em 1380 e 1382 houve uma série de desordens na capital. A coroa protegeu os financistas até que foi erguida uma acusação contra os judeus de Paris: a de terem convencido um de seus correligionários a reingressar no judaísmo, depois de ter aceito o batismo. Por terem secundado este crime, foram todos presos e chicoteados. E determinou-se, também, expulsar todos os infelizes.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 123)

1385 – Após os massacres de judeus na Alemanha, as cidades reconsideraram e permitiram a vinda de judeus para formarem comunidades e atender as necessidades financeiras. O rei Venceslau, entretanto, retomou a antiga política de cancelamento das dívidas de cristãos aos judeus exigindo o pagamento de tributos dos judeus à Coroa. De 1385 a 1400 políticas como essa levaram ao esgotamento e ao aniquilamento das condições de vida dos judeus na Alemanha, restando-lhes a emigração para leste.

1389 – Assume o papa Bonifácio IX [Pietro Tomacelli Cybo], até 1404.

1391 – As perseguições aos judeus incendeiam-se em toda a Espanha. Em Sevilha, neste ano, uma horrenda carnificina começou na Páscoa e estendeu-se até junho, quando foram trucidados e saqueados milhares de judeus. Aniquilaram-se comunidades inteiras dos Pirineus a Gibraltar. Em Aragão, do outro lado da fronteira, as cenas se repetem. Os judeus de Barcelona nunca mais se estabeleceram na cidade. No antigo reino de Valência e nas Ilhas Baleares, todos os judeus foram aniquilados. As notícias dão conta de mais de setenta mil vítimas. Os últimos redutos da Península Ibérica foram Granada – ainda em mãos muçulmanas – e Portugal.

> Nos países setentrionais, ao longo de toda a era de perseguições, era costume os judeus manterem-se agarrados à fé de seus antepassados a qualquer custo. (...) Só uns poucos fracos aceitavam o batismo como alternativa ao martírio 'pela santificação do Nome'. Mas na Espanha as condições eram diferentes. A fibra dos judeus fora enfraquecida por séculos de bem-estar. Sua assimilação social, assim como sua identificação filosófica, fez com que o passo final parecesse menos drástico. A recente sequência de desastres e expulsões através da Europa cortara a maioria das vias de escape, e talvez fizera-os perder as esperanças sobre o futuro do povo. (...) Qualquer que tenha sido a razão, o moral dos judeus quebrou-se ao ser colocado a teste, pela primeira e única vez na história.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 136)

De fato, não são poucos os casos de judeus convertidos, que passaram a perseguir e "converter" seus antigos companheiros. Grande parte, entretanto, "converteu-se" aparentemente na forma, mas manteve-se plenamente judeu no seu interior. Casavam-se, batizavam os filhos e iam à missa, mas mantinham toda sua postura interna, reservada, de judeus, observando os preceitos do judaísmo sempre que possível, disfarçados na forma de cristãos convictos. Era uma nova geração de marranos, de judeus convertidos que adaptaram-se externamente no possível para manterem-se vivos na sociedade e na sua religião.

> Os mais escrupulosos comiam carne preparada à maneira judaica e fornecida por açougueiro judeu. Conta-se até a história de um marrano que comia pão ázimo o ano todo, a pretexto da má saúde, para garantir-se de tê-lo em Páscoa. Alguns chegavam ao ponto de circuncidar seus filhos. Na maioria dos casos, casavam-se dentro apenas de seu próprio círculo.

> Algumas vezes, iam secretamente às sinagogas, às quais, também, enviavam quantidades de azeite como presente, para manter a iluminação dos templos. Alternativamente, constituíam associações religiosas, de objetivos declarados cristãos, e ostensivamente sob o patrocínio de algum santo católico, servindo-se deste estratagema para encobrir a observância dos antigos ritos judeus.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 140)

O resultado desta política de sobrevivência do povo judeu não tardou a aparecer. Virtualmente em toda a sociedade começaram a despontar descendentes judeus – "convertidos" mais ou menos convictos – que se destacaram ao ponto de penetrar em larga escala na administração pública, na nobreza e na própria família real. Através de sucessivos casamentos, praticamente toda a aristocracia acabou por receber o sangue judeu em sua árvore. Tal como fizeram os celtas após a avalanche cristã que dizimou toda sua cultura, como os druidas "convertidos" ao cristianismo que introduziram seus conhecimentos nas construções e na própria ritualística cristã, os judeus espalharam-se de maneira impressionante em todas as áreas, mantendo a tradição viva através de formas mais ou menos oficiais de religião e cultura.

Os maçons afeitos aos graus superiores não podem negar a origem cabalística essencialmente judaica dos ritos filosóficos, permeados com toda a saga e sabedoria hebraica adquirida através de milênios de enriquecimento cultural em suas diásporas através dos mundos egípcio, babilônico, persa, romano, grego, árabe e cristão. Nenhum povo na humanidade teve a infelicidade de sofrer tanto em tão sucessivas levas de extermínio e perseguições, mas nenhum outro tampouco enriqueceu-se a tal ponto de poder congregar, em sua história, a experiência de participar das glórias e da sabedoria de todos os povos pelos quais foram obrigados a peregrinar, enriquecendo-se e fortalecendo-se assim como a todos os povos com os quais mantiveram contato, mesmo no cativeiro.

São bem conhecidas as altas posições adquiridas por Moisés e José, no Egito, o intercâmbio feito entre o grande persa Ciro e Zorobabel, o estupendo florescimento da corte de Salomão e sua íntima relação com os fenícios, abrindo as portas do mundo de além-mar, além de tantos outros exemplos antes da inevitável avalanche cristã. Já vimos, na genealogia dos grandes heróis ocidentais, inclusive de conquistadores da Terra Santa, sua inegável ascendência merovíngia. O que pouco é comentado é que essa ascendência merovíngia implica uma linhagem judia, pois todos os descendentes do rei merovíngio Clodomir IV (104–166 d.C.) são descendentes judeus-cristãos via José de Arimateia.

Clodomir IV é o décimo descendente a partir de Francus, o primeiro rei franco. A mãe de Clodomir IV foi Athildis, descendente de José de Arimateia. A filha de José, Anna, casando-se com o rei da Bretanha Manogan (Mynogen), gerou, na sua descendência, os reis da Bretanha Beli Mawr (ou Heli, homônimo do irmão de José, segundo Lucas 3:23–38), Lud, Tenuantius (Tenacius), Cymbelin (Cynvelin), Arviragus, Meric e Coel (Coilus), rei da Bretanha que morreu em 175 d.C. e cuja filha foi Athildis, mãe de Clodomir IV. Nesta descendência de Athildis-Clodomir IV temos Clóvis I, rei dos francos e primeiro rei cristão, Frederick Barbarossa, Frederick II de Hohenstaufen, imperador do Sacro Império Romano Germânico, cujo filho foi rei de Jerusalém, Godfroi de Bouillon, conquistador de Jerusalém, Hugo Capeto, rei da França, e seus descendentes,

Alfonso VII, rei de Leão e Castela, Alfonso I, rei de Portugal, Ricardo Coração de Leão, o rei Æthelstan, considerado o primeiro rei da Inglaterra unificada, e Rodrigo Diaz de Bibar, “El Cid”.

> Fernando de Rojas, autor de *Celestina* – a mais importante contribuição da Espanha às letras europeias antes de *Dom Quixote* – era marrano. Uma família há muito conhecida na *judería* de Saragoça, a de la Caballeria, contava entre seus descendentes mais de um bispo, o vice-reitor de uma universidade, o alto tesoureiro do reino de Navarra, o vice-chanceler do reino de Aragão, um chefe das cortes, um inspetor-geral na corte e um famoso escritor antissemita – um caso notável mas não excepcional. A população, enciumada diante do progresso dos marranos, só podia ver neles judeus hipócritas, que não tinham perdido nenhuma de suas características, que abriam seu caminho até as posições mais altas e mais lucrativas no país, em detrimento dos verdadeiros cristãos.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 141)

1394 – São expulsos os judeus da França.

> A 17 de setembro de 1394, o louco Carlos VI assinou a ordem fatal. Apenas uns poucos meses eram concedidos como prazo para que vendessem suas propriedades e liquidassem suas dívidas – um processo que não foi de certo facilitado por uma ordem seguinte, estipulando que os seus devedores cristãos estavam isentos da obrigação de pagarem os créditos recebidos. Finalmente, quando expirou o limite de tempo, foram escoltados à fronteira por prebostes reais. Alguns dos exilados buscaram refúgio no sul – em Lyon, onde as autoridades locais permitiram que ficassem até 1420; no condado de Provence, de onde só se viram expulsos no início do século XVI; ou nas possessões da Santa Sé, em Avignon e Carpentras, onde a política papal de tolerância permitiu que ficassem permanentemente – tolerados, ao menos. Outros cruzaram para a Itália, onde, nas proximidades de Asti, fundaram um pequeno grupo de congregações que continuaram até nossos dias, a preservar o antigo ritual de preces francês. Mas a maioria, com toda a probabilidade, venceu os Pirineus ou o Reno e passou a regiões onde a velha tragédia já tinha sido, agora, vivida mais uma vez.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 123-124)

1399 – Ricardo II, rei da Inglaterra, sedento por poder absoluto, entra em conflito com os barões poderosos. Seu primo, duque de Lancaster, liderou uma revolta contra ele em 1399, aprisionando-o na Torre de Londres e forçando-o a abdicar. O Parlamento colocou-o no trono inglês como Henry IV. Henry de Bolingbroke, alternativamente conhecido como Henry of Lancaster, nasceu em abril 1366, reinando até 1413. Era filho de John de Gaunt, duque de Lancaster, neto do rei Edward III. Foi o fundador da linhagem de Lancaster na dinastia inglesa. A Casa de Lancaster regerá a Inglaterra apenas por 62 anos, de 1399 a 1461. Neste período três Henrys – pai, filho e neto – usaram a coroa. Seus reinados foram repletos de conspirações e rebeliões, assassinatos e execuções. Uma vez que o Parlamento os fizera reis, precisavam de suporte para mantê-los no trono. Para tanto, consultavam o Parlamento para qualquer assunto. Mais tarde estes reis disputarão o direito ao trono com a linhagem York, também descendente de Edward III, na Guerra das Rosas. Na sua juventude distinguiu-se pelas suas provas em combates cavaleirescos.

O alquimista Nicolás Flamel, segundo ele próprio, escreve seu *Livro das Figuras Hieroglíficas*, uma saudação típica do Monastério [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion.

A ligação de Flamel com a dinastia do cálice fica muito clara, a partir do que já foi exposto, pela introdução do livro misterioso em que baseou sua obra, *O Livro de Abraham, o Judeu*:

> ABRAHAM, O JUDEU, PRÍNCIPE, SACERDOTE LEVITA, ASTRÓLOGO E FILÓSOFO, ÀS GENTES DOS JUDEUS QUE FORAM DISPERSAS PELA IRA DE DEUS. DISPERSOS NAS GÁLIAS, SAÚDE. D.I. (Nicolas Flamel, *El Libro de las Figuras Hieroglíficas*, Obelisco, Barcelona, 1982, p. 6)

A tradução é literal a partir do original francês publicado em 1612. O grifo é nosso, e salienta a saga dos benjamitas e merovíngios a que tanto nos referimos. Os judeus dispersos nas Gálias são claramente uma alusão aos descendentes expulsos após a “crucificação” de Jesus, e a referência a um judeu iniciado, astrólogo, mostra a ligação não-devocional, mas iniciática dos seguidores do San Graal ou Sang Real. Ora, este sacerdote levita é exatamente da mesma linha de José de Arimateia e de Jesus. Levi era o avô de José de Arimateia, o pai de Matthat. Matthat, segundo Lucas, era pai de Heli, que por sua vez era pai de José, que era o pai de Jesus. Mas este Levi é mais recente. O primeiro Levi era a 30ª geração antes de José de Arimateia, a 32ª antes de Jesus. A ascendência deste primeiro Levi, por sua vez, fez-se a partir de Davi, só que por Nathan, irmão de Salomão. Note-se que, à semelhança de Wolfram e seu *Parsifal*, Flamel também baseou-se no relato de um iniciado judeu.

SÉCULO XV d.C.

1404 – Assume o papa Inocêncio VII [Cosimo Gentile Migliorati].
1406 – Assume o papa Gregório XII [Angelo Correr], até 1415.

1409, 5 julho – A Sorbonne, de Paris, propõe um referendo para escolher o papa legítimo, entre Roma e Avignon. Um grupo de eclesiásticos e leigos reunidos em Pisa declara depostos os papas de Avignon e Roma, e nesta data escolhe um terceiro papa: Alexandre V [Pétros Philárgēs], arcebispo de Milão. Agora existem três papas!

1412 – Fundada a Escola de Sagres, primeira academia portuguesa de navegação. Portugal tornara-se o último reduto dos judeus na Europa. A proteção concedida pelos soberanos portugueses aos judeus visava declaradamente atrair os largos conhecimentos hebreus nas matemáticas, na geografia e na astronomia, para calcar os grandes desenvolvimentos levados a cabo nas pesquisas náuticas para lançar Portugal como potência mundial.

> Assim, para a direção da Escola de Sagres, (...) foi escolhido um dos mais famosos cartógrafos do século XV, o judeu Jehuda Crescas, cuja missão especial era ensinar aos pilotos portugueses os fundamentos da navegação bem como a produção e o manejo de cartas e instrumentos náuticos. Mais tarde, outros judeus de renome científico prestaram sua colaboração à escola de Sagres, destacando-se os sábios José Vizinho, Mestre Rodrigo e, sobretudo, Abraham Zacuto, autor do *Almanaque Perpétuo de todos os Movimentos Celestes*.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 288)
>
> [Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 16]

1414 a 1417 – XVI Concílio Ecumênico, em Constance. Foi proposto pelo rei Sigismundo de Luxemburg, rei da Germânia, para destroçar o cisma do Ocidente provocado pela França. Segundo a Igreja:

> O Concílio condenou João Wiclef (1324–1384) e seu discípulo João Huss, que sustentavam ter caído a Igreja em poder do diabo: que o papa é o

anticristo, membro de Lúcifer; que o Estado tem o direito de privar de seus bens e hierarquia; que a validade dos sacramentos depende do estado de graça do ministro. Além disso, reiteiravam a confissão auricular e ensinavam que a Sagrada Escritura é a única fonte de Revelação.
(*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1415 – João XXIII foge, disfarçado de trapos, em 20 de março; é deposto dia 29 de maio.

1415, 4 de julho – Gregório XII demite-se.

1415, 26 de julho – Bento XIII é deposto.

1415, 11 de novembro – É eleito o papa Martinho V. Cessa o cisma Ocidental e o papa retorna a Roma.

1417 – Assume o papa Martin V [Oddone Colonna], até 1431.
Morre Nicolas Flamel.

1418 – Bartholomeu Perestrello, levado para o sudoeste por uma tempestade, descobre a terra a que dá o nome de *Porto Santo*, trazendo depois a boa nova desse acontecimento ao infante D. Henrique, que se exalta ante tão memorável sucesso. Em seguida outras terras são descobertas, e ao príncipe se deve o apoio dos empreendimentos.
(Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 69)

Nesta ano de 1418 o infante mudou sua residência para Sagres, para melhor acompanhar os desenvolvimentos referentes à navegação e a partida das expedições. Em Sagres encontravam-se os maiores doutos da época, sendo onde foi fundada a primeira escola náutica assim como o primeiro observatório.

1420 – Uma acusação de assassinato ritual e profanação da hóstia leva ao extermínio da população judia de Viena. No ano seguinte, um novo movimento deste tipo se manifestará.

1431 – Assume o papa Eugenius IV [Gabriele Condulmer], até 1447.

O Concílio Geral da Igreja Católica, que se reuniu em Basileia de 1431 a 1433, a fim de enfrentar o estado ameaçador em que se encontravam os negócios eclesiásticos, reafirmou solenemente toda a passada legislação antijudaica, em seus mínimos detalhes. Pouco depois, um veemente, eloquente e estranhamente fanático frade franciscano – João de Capistrano, (...) foi encarregado de garantir a efetivação das determinações do Concílio. Em toda parte, da Sicília para o norte, no rastro de seus movimentos seguiram-se excessos contra os judeus.
(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 130)

1433 – Nasce Marsílio Ficino (1433–1499), um dos principais neoplatônicos renascentistas e um dos filósofos preferidos por Leonardo da Vinci. Exaltou o cristianismo através do platonismo. Segundo ele, "*o nosso Platão outro não é que um Moisés que fala a língua ática. Ele segue a lei mosaica e prega a lei de Cristo*."

Marsílio traduz os pouco numerosos fragmentos do livro de Hermes, o *Corpus Hermeticum* (vide ano 100–300 nesta Cronologia). Ficino encarrega seu amigo Tommaso Benci de traduzir para o toscano as suas próprias versões latinas. Os egípcios atribuíram a Hermes Trismegisto 36525 livros de doutrina sagrada, a darmos ouvidos a Manéthon. Jâmblico afirmava ter ainda visto 12000. O certo é que esta cifra é, no mínimo, simbólica, e mostra o exato conhecimento astronômico dos egípcios. Afinal, os 36525 livros nada mais são que a totalidade do ciclo solar do ano, cuja duração exata é 365,25 dias.

1438 a 1443 – Concílio de Ferrara e Florence, o XVII Concílio Ecumênico. O papa pagou todas as despesas para os gregos, que solicitaram o Concílio. Os gregos discutiam se a luz do Tabor era criada ou incriada, enquanto os otomanos estavam às portas da Europa. Era preciso apaziguar o clero do ocidente com o do oriente. Vamos ao depoimento dos clérigos:

> Os gregos sentavam-se à direita, os romanos à esquerda. Após 17 sessões plenárias, o Concílio foi transferido para Florence pelo temor da peste. A 2 de março de 1439 retomaram-se os trabalhos entalados na controvérsia da fórmula 'Filioque'[277], sobre a procedência do Espírito Santo. Os gregos, considerando a hierarquia das três pessoas divinas, sustentavam que se deveria dizer: '*O Espírito Santo procede do Pai pelo Filho*'. Os latinos, insistindo no que é comum às pessoas divinas, eram pela fórmula tradicional: '*O Espírito Santo procede do Pai e do Filho*'. Dois doutíssimos latinos, João de Montenegro e Ambrósio de Travessari, falando perfeitamente o grego e conhecendo maravilhosamente a dialética dogmática conseguiram, após infindáveis e esgotantes diatribes, fazer que fosse aceito pelos gregos o decreto de união concentrado em 'Filioque', seguindo a tradição dos concílios anteriores. '*Alegrem-se os céus e exulte a terra*', começa o documento conciliatório entre ambas as partes. Foram concluídos também os tratados de conciliação entre Armênios e Jacobitas com Roma. (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1439 – Hervas (T.1, p. 109) faz menção d'um mappa da bibliotheca de S. Marcos em Veneza, feito em 1439 por Andrea Bianco, no qual se indica na extremidade do Atlântico uma ilha com o nome de **Ilha do Brazil**; outra, chamada **Ilha da Antilha**; e uma terceira, na posição do Cabo de Sancto Agostinho, na Florida, com a extranha cognomenação de **Isla de la mano de Satanaxio**.[349] (Robert Southey, *História do Brazil*, Rio, 1862, tomo 1, p. 46)

1445–1448 – Está averiguado por uma carta [mapa] de Andrea Bianco, escrita em 1448, que a América foi descoberta pelos portugueses entre os anos de 1445 a 1448, tempo em que o famoso infante D. Henrique estava todo entregue ao estudo da navegação e preocupado com os descobrimentos já feitos na costa africana. O já citado Sr. Yule Oldham assevera que na carta de Bianco estão indicadas as descobertas feitas pelos portugueses, além das ilhas de Cabo Verde, havendo um tópico que diz: esta ilha está a 1500 milhas ao leste, referindo-se à América, sobre a qual em 1447 foi arrojado um navio português, como se vê nos *Descobrimentos do Mundo*, obra publicada por Galeano. Pelo que fica exposto, fácil é de explicar a existência de João Ramalho, português, natural de Vianna (dizem tamém ser natural de Barcellos ou de Vouzella), na capitania de S. Vicente (Brasil) desde 1490, dois anos antes de ter Colombo descoberto a América!
(Cândido Costa, *As Duas Américas*, pp. 69-70)

1447 – Assume o papa Nicholau V [Tommaso Parentucelli], até 1455.

1449 – Um isolado ataque aos judeus ocorre em Lisboa. Os judeus eram protegidos do rei João II, embora o Conselho de Estado e os próprios correligionários judeus portugueses não manifestassem simpatia por receber seus irmãos refugiados dos massacres da França, Alemanha e Espanha. João II tinha bem em mente manter no país os judeus de grandes posses que pudessem pagar pelos tributos reais.

> De fato, foram autorizados a permanecer no país apenas aqueles poucos de uma minoria que estava em condições de pagar com abundância pelo privilégio, além dos artesãos – cujo conhecimento especializado poderia ser de utilidade nos preparativos da campanha africana que se

349 Na verdade o mapa é de 1436. A ilha *de brasil* está na posição das ilhas Açores. Mapa

aproximava. Todos os demais puderam entrar no país, desde que pagassem a taxa ~~eleitoral~~ de oito cruzados, cada adulto, e sob o compromisso de ficarem no país não mais que oito meses. Dentro deste prazo, o rei comprometeu-se a encontrar navios que os levariam aonde desejassem. Nos termos deste acordo, o número dos que cruzaram a fronteira chegou a quase cem mil almas. (...) As condições de sua entrada no país não foram obedecidas, porém. Os navios só foram conseguidos tardiamente, os que se aventuraram a bordo foram tratados com a máxima crueldade, sendo desembarcados, sem qualquer plano, no ponto mais próximo da costa africana. Os outros, que ficaram no país depois do término do período estabelecido, viram cancelada sua liberdade e foram vendidos como escravos. Crianças foram separadas à força de seus pais, enviadas às centenas para colonizar a ilha tropical de S. Tomé, na costa da África, onde a maioria pereceu.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 150)

O grifo, na citação acima de Roth, é nosso. A partir daí vemos as condições que levaram os judeus a buscarem terras no além mar. Dada a impossibilidade de sobrevivência na Europa, as Grandes Navegações em grande parte foram, provavelmente, instigadas por descendentes judeus ou por “convertidos” que já tinham no mar a única saída possível. O próprio rei de Portugal já lhes mostrara a saída marítima aos que não pudessem pagar pela permanência. Não esqueçamos que o grande Abrabanel, que tanto liderou os judeus neste período, nascera em Lisboa, mas sua família, originalmente espanhola, fugira das primeiras perseguições. Depois para lá voltou, sendo novamente expulso, e sempre procurou liderar seus irmãos a um lugar seguro. Muitos hebreus, de origem nobre como ele, permaneceram em Lisboa sob a proteção especial do rei. Nitidamente, a importância do suporte financeiro, tecnológico e de conhecimento das antigas tradições sobre as terras além do Atlântico, que tanto relatamos nesta obra, podem ter sido instigadas em grande parte por judeus há muito radicados em Portugal e mesmo na Espanha, últimos a expulsarem os portugueses. Isto explicaria a proteção especial dada por João e seu sucessor, principalmente aos mais ricos e aos artesãos úteis a seus projetos. Por outro lado, nesta mesma época a Espanha deve ter se utilizado de seus elementos hebreus para orientá-los nos mesmos projetos desenvolvidos por seus vizinhos portugueses.

Uma vez não se fazendo necessária a colaboração, seu descarte era natural, principalmente dada a pressão da Igreja. Assim como o suporte judeu foi essencial para Aragão e Castela expulsarem os mouros, este precioso apoio tornou-se imprescindível à aspiração portuguesa e espanhola de aventurar-se por outras terras. Para os judeus menos favorecidos, a opção de embarcarem para terras desconhecidas não era mais inglória que permanecer no obscurantismo europeu. Lembremos os relatos dos anos 2000 a.C., 1899 a.C. e 965 a.C., quando veremos claras menções à América através de Heródoto, Theopompo, Diodoro de Sicília, Aristóteles e outros, ao descreverem a familiaridade das terras ocidentais aos cartagineses, cários, tirrênios e fenícios. Poucos como os hebreus tiveram a oportunidade de participar diretamente dos relatos desta época e de conviver com esses povos, guardar fielmente as tradições e antigos conhecimentos e, “fortuitamente”, estar presente no histórico nascimento das Grandes Navegações. Ademais, as conhecidas Grandes Navegações só foram possíveis, alegadamente, pelo porte e resistência dos navios desenvolvidos no século XV d.C., devemos

lembrar que as galeras fenícias atingiam mais de 60 metros de comprimento e comportavam mais de 400 homens a bordo, entre 180 remadores e uma tripulação de 200 a 300 homens. Não eram destinadas, unicamente, à navegação interior, mas a verdadeiramente Grandes Navegações.

O conhecimento das terras do Brasil por Salomão e por Hiram, conforme a explanação feita por Cândido Costa, é difícil de ser refutada. A manutenção desta antiga tradição, milenar e sem pátria, pertencendo à própria humanidade, fez com que se desse à América a antiga denominação do mítico grego Merope, e ao Brasil a antiga denominação nórdica de Hy-Brasil, referente às terras do gigante roncador. Esta denominação de Brasil, que supostamente deveu-se à madeira que deu origem à tinta vermelha, já era utilizada para designar a tintura vermelha comercializada em Ferrara no século XII (vide 1128 d.C.), e muito conhecida antes das Grandes Navegações. Embora os verdadeiros autores destas antigas denominações sempre tenham se mantido em segredo, sua intenção de creditar a descoberta destas antigas e conhecidas terras à tradição antiga e não à espúria dominação católica foi muito clara. Não foi por outro motivo que, tão logo foi possível, os nomes das terras descobertas por Cabral mudaram de Ilha de Vera Cruz para Terra de Santa Cruz e Brasil (vide anos 1128, 1193, 1439, 1496 e 1500 d.C.).

> Gaspar Correia, nas *Lendas da Índia*, crê que Vasco da Gama recomendara a Cabral, e este aos capitães da frota, que 'cortassem pelo mar largo, tomando largos os ventos do mar, que corriam para terra, com muito resguardo por dobrar o Cabo da Boa Esperança, e que de dentro dele fossem haver vista de terra'. A isso acrescenta o ilustre escritor português Alberto Pimentel:
>
> > Quem pudesse ouvir estas práticas, ficaria logo habilitado a desmentir a notícia, que por tão longos anos circulou, de que a frota de Pedro Álvares foi impelida para oeste pelas correntes atmosféricas ou marítimas, ou ainda por erro de navegação. (*O Descobrimento do Brazil*, Lisboa, 1895, p. 173)
>
> (Cândido Costa, *As Duas Américas*, p. 197)

1450 – Os judeus da Bavária são presos, pilhados e expulsos. Em 1453 será a vez dos judeus de Breslau, que teriam profanado a hóstia, O próprio franciscano João de Capistrano auxiliou no julgamento. Em Salzring, quarenta e um judeus foram queimados vivos em frente a suas casas, enquanto outros, após terem tido arrancadas suas crianças com menos de sete anos para se batizarem, foram expulsos e tiveram suas propriedades confiscadas. O mesmo se deu, neste ano, em Schweidnitz e Liegnitz.

1455 – Assume o papa Calixtus III [Alfons de Borja], até 1458.

Dois anos após o final da Guerra dos Cem Anos, a Casa de York e a Casa de Lancaster atiraram-se numa longa e sangrenta luta pela coroa na chamada Guerra das Duas Rosas. Henry VI, da Casa de Lancaster, foi capturado e morto. Edward IV, da Casa de York, gastou a maior parte de seu reinado para manter sua coroa. O último rei York, Ricardo III, ganhou o trono quando os filhos de Edward foram declarados sem direito. A paz veio com a batalha de Ricardo no Campo Bosworth. Esta data pode bem ser usada para indicar o fim da Idade Média na Inglaterra.

A Guerra das Rosas foi o augúrio do sistema feudal. Ela dizimou os nobres e seus castelos, pois com as novas tecnologias e a pólvora nada tinham de inexpugnáveis. Uma nova aristocracia forçava a quebra do sistema feudal, e o aparecimento de grandes capitalistas levava esta nova aristocracia ao poder.

1456 – Tomada de Constantinopla pelos turcos.
Aparecimento do cometa Halley, causando grande pavor na Europa.

1457, 14 de abril, sexta-feira, 22h – Nasce Leonardo da Vinci. Emilio Moeller descobriu, nos arquivos de Florença, um registro em que Ser Antonio, avô de Leonardo, narra o nascimento do neto:

> Nasceu-me um neto, filho de Ser Piero, meu filho, às três da madrugada de sábado, 15 de abril.

> Isto corresponde, segundo o calendário atual, a 14 de abril, sexta-feira, 10h da noite. (Fred Bérence, *Leonardo da Vinci*, D. Verbo, Lisboa, 1984, p. 10)

Leonardo era filho bastardo, numa época em que isto estava longe de ser um demérito. Como os casamentos geralmente eram feitos por conveniência, os filhos bastardos eram geralmente os mais amados, filhos de uma relação amorosa, e igualmente descendentes do trono, numa época em que se glorificavam as artes e as pessoas eram valorizadas pela sua personalidade e talento. Além disso, o povo não esquecera a idade de ouro em que os reis se casavam com pastoras, resultando no bastardo que tinha, em si, simultaneamente os sangues azul dos reis e vermelho do povo.

> Seu pai não trabalhava e não tinha menos que 55 anos quando ele nasceu. Como era costume, os avós ocuparam-se da criança desde o nascimento. Vivia rodeado pelo avô, de 85 anos, e pela avó de 51. A casa onde vivia no cimo de uma colina é uma grande construção vermelha, sem ornatos, com ar burguês. Ao sair de casa, Leonardo via à volta oliveiras, vinhas e ciprestes tendo o céu ao fundo. Sentia-se feliz em vir ao mundo para contemplar o Sol, o céu e os astros, as plantas e os animais. Tinha tudo a seu favor para escutar a voz da natureza. Também aprendeu a conviver com as forças confusas, simultaneamente inimigas e fraternas, que acompanharam-no primeiro inconscientemente depois conscientemente durante toda sua vida. (Fred Bérence, *Leonardo da Vinci*, p. 11)

Como veremos, Blavatsky passara pelos mesmos conflitos. Diria Leonardo mais tarde:

> Na mais remota recordação de minha infância, era eu ainda criança de berço, um milhafre desceu sobre mim, abriu-me a boca com a cauda e bateu-me várias vezes com ela nos lábios. Era o meu destino...

Mais tarde, dira sobre o milhafre em um de seus manuscritos:

> Diz-se do milhafre que, ao ver no ninho os filhos engordarem demasiado, os fere com bicadas e as deixa sem comer. (Fred Bérence, op. cit., p. 12)

1458 – Assume o papa Pio II [Enea Silvio Piccolomini].
1464 – Assume o papa Paulo II [Pietro Barbo], até 1471.

1466 – Andrea de Verochio (30), ourives, um dos artistas mais afamados de Florença, recebe Leonardo da Vinci (9) como aprendiz na sua oficina. Desde cedo Leonardo já manifestava grande aptidão pelo latim, as matemáticas, o grego e o desenho. Mas – impetuoso – não perseverava e logo as colocava de lado por outros interesses.

1471 – Assume o papa Sixto IV [Francesco della Rovere], até 1484.

Leonardo da Vinci (14) conhece ao *Moro*, Ludovico Sforza (14), no atelier de Verochio. Nesta época os Sforza, verdadeiros príncipes do Renascimento, teriam visitado as oficinas dos mais famosos artistas de Florença, sobretudo a de Verochio.

1472, junho – Leonardo (15) conclui o grau de Aprendiz e torna-se Companheiro, como membro da companhia dos pintores. A aprendizagem geralmente

durava seis anos. Verochio – cujo nome original era Andrea Cioni – foi para Leonardo amigo, pai e mestre, pois iniciou-o não somente na arte de esculpir e pintar mas também na filosofia e na Sabedoria.

1474 – Isabel, a Católica, ascende ao trono de Castela.

Nas negociações que levaram ao casamento de Isabel com Fernando – que se tornaria rei de Aragão cinco anos mais tarde – o financista judeu Abraham Senior, de um lado, e o estadista *converso* Alfonso de la Caballeria, de outro, tinham desempenhado papéis de destaque, não prevendo a trágica importância que este enlace ia ter. Do momento de sua ascensão, a rainha foi instada por seus conselheiros espirituais que a única maneira em que o reino podia ser purificado religiosamente (...) estava na criação de um tribunal especial, encarregado de descobrir e caçar os hereges – a temida Inquisição. Dizia-se, mesmo, que o antigo confessor de Isabel, Tomás de Torquemada, inimigo fanático dos marranos (apesar de ser ele próprio, talvez, de ascendência judia), tinha obtido há muito tempo uma promessa de Isabel: caso ela chegasse ao trono, iria dedicar-se à extirpação da heresia.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 142-143)

1478 – Sob a instigação de Isabel de Castela, após alguns anos de preparação para o pleno controle do processo, o papa Sixto IV oficialmente instala os tribunais da Santa Inquisição na Espanha:

A 1º de novembro deste ano foi lançada uma bula eufemisticamente dando poderes aos soberanos espanhóis para escolherem três bispos, ou outras pessoas capazes, de mais de quarenta anos, com jurisdição ilimitada sobre os hereges e seus cúmplices.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 143)

1481, 6 de fevereiro – Após a designação de dois frades dominicanos para iniciarem o trabalho, começam, em Sevilha, os Autos da Fé na Espanha.

Seis homens e mulheres, de ascendência judaica, foram queimados vivos pelo crime de fidelidade à fé dos antepassados. Este foi o prelúdio a uma série de holocaustos. Não demorou para que tribunais semelhantes surgissem em vários centros da Península. Rapidamente, adquiriram organização complexa. Torquemada foi feito o primeiro Inquisidor-Geral. Foram circuladas listas contendo até os sinais mais insignificantes, e alguns até grotescos, pelos quais se identificava um judeu: desde o costume de trocar a roupa ~~branca~~ de cama aos sábados, até o lavar as mãos antes de uma ~~refeição~~ oração; de dar nome aos filhos segundo figuras do Velho Testamento, até o voltar o rosto para a parede na hora da morte. Sob ameaça das mais severas penas temporais e espirituais, a população foi conclamada a denunciar toda pessoa que parecesse suspeita destas práticas, ou de outros costumes abomináveis. (...) Calcula-se que, em pouco tempo, trinta mil pessoas tenham sido mortas pelo Sagrado Tribunal, além das centenas de milhares que sofreram penas menos violentas. Os próprios mortos não escapavam à sanha de combate aos hereges; às vezes seus ossos eram removidos das tumbas para serem processados e queimados, juntamente com suas efígies – e isto não era mera formalidade macabramente teatral, pois que acarretava o confisco dos bens e a desgraça dos descendentes. A cada ano que passava, a Inquisição e suas atividades firmavam mais a fundo suas raízes no solo espanhol, iniciando o processo que iria terminar com a ruína do país.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, pp. 143-144)

O mais surpreendente neste processo inquisitório espanhol é que ele visava essencialmente os judeus convertidos, não cabendo aos judeus praticantes que continuavam a professar seus cultos livremente. Não eram hereges, uma vez que não estavam na Igreja. Mas Torquemada e seus correligionários não se satisfariam enquanto todo o sangue judeu não fosse banido da Península. Não tardou a aparecer a notícia – hoje cada vez mais desmentida e mesmo inexistente pelos estudiosos – do sacrifício de uma criança anônima por judeus puros e conversos. Em breve, quando o dinheiro judeu não fosse mais necessário para a reconquista da Espanha contra os mouros, Torquemada teria o caminho livre para extirpar a "mancha" judaica...

1481 – Reims: um novo incêndio destrói os madeirames e o campanário, pois a catedral estava em vias de conclusão.

1483, 10 de novembro – Nasce Martin Luther[350] (Martinho Lutero) em Eisleben, na província de Saxônia-Anhalt, filho de Hans e Margaret Ziegler Luther. Logo seu pai se mudou para Mansfeld para trabalhar como mineiro. O jovem Martin estudou em Magdeburg e Eisenach antes de entrar na Universidade de Erfurt.

1484 – Assume o papa Inocêncio VIII [Giovanni Battista Cybo], até 1492.

1485 – Os *parsis* de Sanjan que escaparam das tropas do sultão Mahmud Bigara fogem com o fogo sagrado para as montanhas. De lá se estabelecem em Navsari, em 1496. Este local se tornou a cidade santa do *parsismo*. Até o século XVIII ali conviveram, apesar do desacordo frequente, os sacerdotes dos bhagarias e dos sanjânas. Em Navsari, assim como em Godavra, a tradição permaneceu intacta até 1686, enquanto Broach era pilhada pelos portugueses e Cambaia era diversas vezes destruída pelos muçulmanos, obrigando à fuga dos sacerdotes.

1490 – A Inquisição faz queimar todas as Bíblias Hebraicas. Somente Torquemada queimou 6000 volumes em Salamanca.

1492 – Assume o papa Alexandre VI [Rodrigo Lanzol Borgia], até 1503.

[Cai] Granada, o último baluarte mouro na Espanha. Agora estava definitivamente aberto o caminho para o descarte dos judeus da Espanha.

> A 30 de março de 1492, na Câmara do Conselho da capturada Alhambra – ainda rescendendo aos exóticos perfumes de seus antigos ocupantes – Fernando e Isabel assinaram um decreto expulsando todos os judeus de seus domínios, fixando um prazo de quatro meses para que eles se retirassem. Nas alfamas de toda a Península a notícia foi recebida com estupefação. Mas as vítimas não estavam dispostas a aceitar o inevitável sem protestos. A figura mais notável dentre os judeus era, na época, Dom Isaac Abrabanel, em quem as gloriosas tradições das eras passadas pareciam estar concentradas e revividas. Desde os dias de Samuel ibn Nagdela, talvez, o judaísmo espanhol não conhecera personalidade mais dominadora e versátil. Membro de uma antiga e ilustre família de Sevilha – uma das mais distintas, mesmo, de toda a Espanha – nascera em 1437 em Lisboa. (...) Acusado de cumplicidade numa conspiração contra a Coroa, fugira para Castela, com os soldados em sua perseguição, deixando atrás de si preciosa biblioteca e os manuscritos de vários trabalhos de sua própria autoria. Começou dedicando sua inatividade forçada a iniciativas literárias; mas abandonou seu retiro para entrar no serviço dos soberanos católicos, juntamente com Abraham Senior, o principal coletor de impostos e Rabino da Corte de Castela. Quando o edito de expulsão foi publicado, os

350 Wikipedia – Martin Luther (1483–1546) professor de teologia, monge, sacerdote alemão.

> dois pareceram ter buscado audiência com o rei e a rainha, oferecendo a ambos um enorme suborno caso invertessem sua decisão. Enquanto Fernando e Isabel consideravam a resposta, Torquemada irrompeu das cortinas por detrás do trono e lançou diante deles um crucifixo. '*Judas vendeu seu Mestre por trinta* ~~*dinheiros*~~ *moedas de prata*', exclamou, os olhos brilhando acesos em fanatismo. '*Agora, vós o vendereis de novo. Ei-lo aqui; vendai-o*.' Tendo sido este o caso ou não, o fato é que a decisão dos soberanos católicos não estremeceu. Pelo fim de julho, todos os judeus praticantes tinham que abandonar o reino.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 145-146)

O resultado já é bem conhecido. Estimam-se em mais de 150 mil os judeus exilados espanhóis que deixaram suas ricas propriedades e uma riqueza incontável em ouro e prata que não foi permitida ser levada sob pena de empobrecer o reino. Como sempre ocorreu ao darem um exíguo prazo para o exílio, tiveram que liquidar por um ínfimo valor suas posses e, é claro, após pagarem suas dívidas sem receberem os créditos de seus devedores cristãos. A expulsão dos judeus espanhóis expandiu-se muito além das fronteiras da Península. Aragão incluía a Sardenha e a Sicília, também incluídas no edito de expulsão, onde os judeus possuíam sua própria universidade.

> Fome e peste seguiram seus passos aos confins da terra. Muitos foram roubados ou assassinados, em alto mar, por capitães inescrupulosos. Os que desembarcaram na costa da África enfrentaram os terrores do fogo e da fome, além dos ataques dos bandidos. Ainda mais infelizes foram os que desembarcaram na Europa cristã; e mesmo contemporâneos mostraram-se chocados pelo espetáculo de zelosos frades perambulando entre os grupos esfaimados no cais de Gênova, com um crucifixo numa mão e pães na outra – oferecendo comida em troca da aceitação da religião do amor.
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 147)

O principal destino dos exilados judeus foi o Oriente. Neste grande retorno, foram recebidos com grande acolhida na Turquia pelos otomanos. A queda de Constantinopla foi um sopro de vida aos judeus do Ocidente e aos islâmicos.

> Os exilados da Espanha encontraram cálida acolhida; as comunidades judias locais chegavam a vender ornatos dos rolos da Lei a fim de socorrer os irmãos necessitados. "*O que? Chamam a este Fernando 'sábio'? Ele que despovoa seus próprios domínios para enriquecer os meus?*" teria exclamado o sultão Bajazet, que encorajou a imigração por todas as maneiras a seu alcance. (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 33)

1493, 12 de janeiro – São expulsos os últimos judeus da Sicília, onde havia assentamentos desde o início da era cristã. A Sicília pertencia a Aragão.

1493, 17 de dezembro – Nasce Paracelsus[351] (1493–1541), em Einsiedeln, na Suíça. Theophrastus Bombastus von Hohenheim, médico e químico, provavelmente adotou seu nome pelo significado "superior a Celsus", sendo este último um antigo médico romano. Sua arrogância lhe valeu a antipatia do meio médico. Muitos grandes homens, entretanto, chamavam-no para curá-los. Recebeu sua primeira educação de seu pai, também médico e químico.

1495 a 1501 – Na Inglaterra, durante os reinados de Henry VI a Henry VII, a Corporação Maçônica sofreu funestos golpes. Teria acabado totalmente não tivessem se declarado seus protetores o grão mestre da Ordem de Malta e seus Cavaleiros.

351 Wikipedia – Paracelsus médico, alquimista, ocultista e filósofo da renascença germânica.

1495 – A invasão francesa de Nápoles em 1495 massacrou as populações judias há muito estabelecidas e os fugitivos da diáspora de Aragão, que seguiram guiados pelo erudito Isaac Abrabanel. Com a tomada do reino por Aragão, nova expulsão dos judeus se daria em 1510 e outra pior em 1541. Nunca mais a comunidade se refará do golpe.

Morre João II, assume D. Manuel, "o Venturoso", no trono de Portugal.

> Reconhecendo que aqueles judeus que não tinham abandonado o reino dentro do prazo não tinham culpas, devolveu-lhes a liberdade; e chegou até a recusar o presente que lhe foi oferecido pelas comunidades do reino em gratidão pelo gesto generoso. Pouco depois, porém, considerações políticas fizeram com que o jovem rei se mostrasse sob diferente luz. Fernando e Isabel, que tinham unido, através de seu matrimônio, Castela e Aragão, tinham uma filha, Isabel. Se esta se tornasse esposa de Manuel, havia todas as possibilidades de que, finalmente, os descendentes acabariam dominando a inteira Península Ibérica. Os soberanos católicos, que, sem razão, ressentiam-se da acolhida dada em outras partes aos refugiados [judeus] espanhóis, só consentiram no casamento se a política que tinham adotado para os judeus fosse imitada também em Portugal. Aqui, as opiniões divergiam; mas foi a própria Infanta que decidiu a questão, ao escrever que não entraria em Portugal enquanto o país não tivesse sido 'limpado' da presença dos infiéis, da mesma forma como o fora do domínio de seus pais. Esta declaração foi decisiva.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 151)

1496–1509 – D. Christobal Cladera, na sua resposta à memória de Otto sobre a descoberta da América, descreve cinco mappas desenhados por Juan Ortis em Valença, mostrando, com bons argumentos, que não podiam ter sido feitos antes de 1496 nem depois de 1509. A quarta destas cartas contém as costas da Espanha, França, Holanda, Grã-Bretanha, e, em 52° N, uma ilha dividida por um grande rio, e chamada Brazil. Daqui infere Cladera que o mapa foi feito depois da descoberta do Brazil por Cabral, mas muito pouco depois, aliás não teria sido este país tão erroneamente colocado. Contudo, se era realmente o Brazil que se queria indicar, seria possível fazê-lo tão erradamente? E ter-se-lhe naquela época dado este nome? Entre vários povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada chamada Brazil. Era pois natural que apenas aparecesse um país a que se pudesse aplicar, se fixasse nele este nome, que até então andava vago e incerto, e daqui provavelmente veio o ter ele prevalecido sobre a denominação oficial, e até santificada pela sanção religiosa.

(Robert Southey, *História do Brazil*, Rio de Janeiro, 1862, tomo 1, p. 46)

1496 – A 30 de novembro é assinado o contrato de casamento entre o rei português D. Manuel[352] e Isabel, a herdeira dos reis católicos de Castela e Aragão. Seguindo a exigência espanhola, dia 5 de dezembro D. Manuel assina um decreto expulsando todos os judeus e muçulmanos do país.

> A tinta mal secara o pergaminho e já Manuel começava a tomar em consideração também o outro lado da questão. À sua maneira, seu modo de raciocinar não era absurdo. Ele reconhecia o valor dos judeus como cidadãos e não desejava perder seus serviços, apesar de não poder mais tolerá-los se ficassem fiéis à sua religião. Além disso, parece que o soberano português estava genuinamente interessado na salvação de suas almas, concordassem ou não os judeus com isso. A conclusão era óbvia.

352 Wikipedia – Manuel I de Portugal (1469–1521) "o Venturoso", reinou durante os descobrimentos do Brasil e do caminho marítimo para a Índia.

Em benefício do próprio Manuel, em benefício do reino e em benefício dos judeus, eles mesmos, era preciso que fossem obrigados a aceitar a fé cristã. Com isto, apenas as desvantagens de sua política seriam evitadas e os judeus, na barganha, ainda garantiriam para si a eterna felicidade. Os pais foram os primeiros atingidos, através das crianças – apesar da oposição do clero, que sustentava que este ato fugia aos cânones.

1497 – Na primavera de 1497, no início das festividades de Páscoa, foram publicadas ordens determinando que, no domingo seguinte, fossem apresentadas para batismo todas as crianças judias entre os quatro e os quatorze anos. Na hora marcada, aquelas que não tinham sido trazidas voluntariamente foram agarradas pelos oficiais e forçadas até as pias batismais. Presenciaram-se cenas de indescritível horror quando os bailios reais arrancaram crianças de seus pais. Muitos, depois de abraçarem pela última vez os filhos, mataram-se em seguida. Em alguns casos velhos foram arrastados às igrejas por fanáticos ultrazelosos, crentes de que uma conversão geral dos judeus fora ordenada. As crianças dos muçulmanos – estes também incluídos no edito de expulsão – não foram molestadas. Cinicamente, as autoridades confessaram o motivo: é que havia terras em que o Crescente era senhor, e ali poderiam ser efetuadas represálias!

Aproximava-se, enquanto isso, a data marcada para a partida do país. Originariamente, três portos de embarque tinham sido determinados. Depois de alguma vacilação o rei mudou de ideia; anunciou então que todos os judeus deveriam passar pela capital. Chegando ali, foram encurralados numa área incrívelmente estreita, sem comida nem água, na esperança de que suas provações os fizessem abrir os olhos à verdadeira fé. Aqueles que ainda recusaram ficaram sob severa guarda até o limite de tempo marcado para a partida. Foram, então, informados que por sua desobediência tinham perdido a liberdade e eram agora escravos do rei, para serem tratados segundo seu prazer. Desta forma, a resistência da maioria foi rompida, e em grupos seguiram para as igrejas, para o batismo. Outros foram arrastados à pia batismal à força. O resto, ainda protestando, foi borrifado com água benta e declarado cristão. Somente uns poucos, liderados por Simão Maimi, o último *Arrabi-Mor*, mantiveram ainda posição frontal. A fim de induzir a estes a dar exemplo aos demais, foram emparedados num calabouço. Depois de uma semana Maimi sucumbiu aos sofrimentos.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 2, p. 152)

Pode-se imaginar a classe de “novos cristãos” angariada por esses métodos com os judeus que permaneceram em Portugal. Em sua essência, muito pouco tinham se modificado, apesar do constante bombardeio dogmático católico, mesmo porque continuava cada vez maior a discriminação por seus novos irmãos da fé. Esses judeus conversos não diferiam muito dos marranos espanhóis, exceto pelo fato de comporem um leque muito grande da sociedade: ricos, aristocratas e rabis juntamente com iletrados e pobres. Pode-se dizer que até 1550 os judeus praticamente puderam praticar seu culto, pois só em 1531 a Inquisição seria instalada e apenas em 1597 se manifestará com o poder verificado na Espanha. Neste período, o judaísmo se ocultará mais que em qualquer outro lugar em todas as camadas da sociedade. Correntes de judeus refugiados em além-mar clandestinamente continuaram buscando novas terras onde pudessem praticar seu culto. A grande maioria, no entanto, permaneceu no país, enriquecendo sobejamente a cultura e a economia de Portugal.

1497, 8 de julho – Vasco da Gama parte de Lisboa a caminho das Índias.

1498 – São expulsos os judeus de Navarra, o reino ao norte dos domínios de Fernando e Isabel que mantivera pequenas comunidades após a perseguição de 1328. Sem fronteiras de escape para os judeus, a solução foi a conversão. Mesmo assim, as hostilidades continuaram por gerações, alijando-os totalmente de qualquer oportunidade social. Muitos buscaram refúgio além dos Pirineus, em Provence, no sul da França.

1498, 20 de maio – Vasco da Gama, depois de dobrar o Cabo da Boa Esperança, chega a Calcutá. É recebido por Samorin, imperador do Malabar, no início calorosamente, depois friamente e com perseguições. Faz os primeiros contatos comerciais, voltando em agosto a Portugal.

1499 – Morre Marsílio Ficino (1433–1499). Para Marsílio Ficino, como para Hermes Trismegisto, para Platão e para Cristo, não existe salvação coletiva. A salvação do indivíduo é que salva a coletividade. De fato, pelo valor que dá à alma, o cristianismo é, como as religiões antigas, essencialmente aristocrático. Aceita que, em paralelo com a hierarquia dos deuses, a qual vai do anjo ao serafim, exista uma hierarquia das almas. E é para darem a cada alma a possibilidade de franquear os escalões da hierarquia espiritual e de chegar ao conhecimento que Hermes Trismegisto e Fedro anunciam o segredo da reencarnação. Para Plotinus, que Ficino julga ser o filho predileto de Platão, não se trata já de dar liberdade ao claro olhar da inteligência, mas de dar ao Eu toda a riqueza da sua vida interior. A última palavra da filosofia será, por conseguinte, o mistério, e o mistério pode revelar-se ao homem pelo êxtase. (Fred Berence, *Leonardo da Vinci*, p. 38)

Os livros de Hermes Trismegisto seriam, para Leonardo da Vinci, livro de cabeceira. E este profundo pensamento de Ficino ajuda a compreender a elevada escola em que foi parar o pequeno Leonardo. Para se ter uma ideia:

> Finalmente eu posso compreender a opinião dos amigos teologistas, ao afirmarem da alma após a morte, em poucas palavras: eles consideravam – como nós sempre temos afirmado, as coisas divinas como as únicas realidades, e que todas as outras eram apenas imagens e sombras da verdade. Portanto eles afirmavam que os homens prudentes, que seriamente empregavam-se a si próprios nos interesses divinos, estavam acima de todos os outros em um estado de vigilância. Mas que os homens imprudentes [i.e., sem perspicácia], que possuíam objetos de diferentes naturezas, sendo deixados dormindo, como estavam, estavam apenas engajados em desilusões de sonhos; e que se lhes acontecesse de morrer nesse sono, antes que eles tivessem se erguido, eles se afligiriam com visões similares e ainda mais ofuscantes visões no estado futuro. E que aquele que nessa vida possuíra realidades iria, após a morte, gozar da mais elevada verdade, enquanto aquele que possuíra decepções iria depois ser atormentado com falácias e desilusões ao extremo. Enquanto um se encantaria com verdadeiros objetos de contentamento, o outro seria atormentado com aparências de realidade. (Ficinus, *De Immortal. Anim.*, livro 18, em Thomas Taylor, *The Eleusinian and Bacchic Mysteries*, pp. 13-14)

Note-se, aqui, a grande ligação de Ficino – e portanto de Leonardo – com as ideias até aqui expostas a respeito dos Mistérios, ligados à *epopteia* e aos *Vigilantes*, em oposição aos que nem oram nem vigiam (vide 6700 a.C., 1800 a.C., 518–513 a.C. e 52 d.C.).

SÉCULO XVI d.C.

1500 – Descoberto o Brasil. Este nome já tivemos a oportunidade de comentar sua anterioridade a esta descoberta pelo menos em 1128 a.C.. Oficialmente ele só apareceu num documento sobre este país em ~~dezembro~~ novembro de 1530:

> eu envio ora a Martim Afonso de Sousa do meu conselho por capitão mor da armada que envio à terra do brasil e assim de todas as terras que ele dito Martim Afonso na dita terra achar e descobrir.[353]
>
> (Cândido Costa, op. cit., p. 170)

Southey descreve como o nome Brasil se tornou popular a partir do comércio da madeira homônima por Vespúcio em 1504:

> Mas o carregamento de pau brazil, que Vespucio trouxera, tentou alguns aventureiros particulares, que se contentavam de lucros pacíficos, a ir ali buscar a preciosa madeira, e este comércio tão conhecido se tornou que todo o país tomou o nome de Brazil, apesar do outro mais Santo, que Cabral lhe dera. Esta alteração de um nome tão solenemente imposto amofinou Barros mais que de costume, e mais do que era razoável. Atribue-a ele diretamente à obra do demônio, e conjura todos os seus leitores pela Cruz de Cristo, já que outros meios lhe falecem para vingar-se do diabo, que chamem a terra Santa Cruz, sob pena de pela mesma cruz serem acusados no dia de juízo. Além disso, acrescenta que é um nome que soa melhor do que o de Brazil, que sem consideração foi dada pelo vulgo, não autorizado a por nomes aos senhorios da coroa. Também Simão Vasconcellos lastima a mudança. Contudo Santa Cruz é um nome tão comum, e o de Brazil e seus derivados são felizmente tão doces, que tanto por amor da geografia como da euforia, antes nos devemos alegrar com a troca. O nome pegou talvez mais facilmenle por já o terem os geógrafos antes posto em voga, parecendo contudo tão perplexos sobre o modo de dispor dele, como do famoso título de Preste João.
>
> (Robert Southey, *História do Brazi*l, 1862, tomo 1, p. 45)

Southey continua expondo o conhecimento destas terras ocidentais pelo nome de *Ilha do Brasil*, em 1439, além de mapas antigos dando a indicação destas terras e citando a antiga lenda sobre a ilha paradisíaca chamada *Brasil* (vide 1439 d.C.). Pela indignação dos meios ortodoxos com a mudança do nome desta terra, mostrada há pouco, vemos a importância da silenciosa ação daqueles que processaram a mudança no nome deste país. Tanto quanto preservar as antigas tradições, que tanto mostramos ao longo deste trabalho, manter as clássicas denominações deste Novo Mundo representava romper com o avassalador domínio da fé dogmática, que tantos crimes perpetrara não apenas na Europa, mas em todos os povos onde a verdadeira religiosidade cedeu lugar ao clericalismo. Foi assim que resistiram nomes como *Atlantilhas*, *América*, *Atlântico*, *Brasil* e *Caribe*. Que esperança poderiam ter os fugitivos da Cruz, que viram-se expulsos pelo ferro e fogo da fé romana na Europa, se o nome das novas terras carregasse o símbolo da destruição das tradições? Afinal, em grande parte estas terras foram redescobertas pelos continuadores dessas antigas tradições, justamente no instante da sua última expulsão da Europa. O nome, com toda a importância que os antigos davam a seu significado, era a marca que daria uma nova conotação, um Novo Mundo, calcado mais pela preservação da tradição, pelo que de melhor se pudesse fazer renascer nestas terras.

353 Wikisource – carta de D. João III a Martim Afonso de Souza, 20 de novembro 1530

Apesar disso, o domínio clerical no ocidente fez-se presente, embora não tenha se manifestado com tanta intensidade o horror da Inquisição. Triste exceção foram os massacres dos espanhóis de Cortez e a destruição dos documentos pagãos do povo quiché, dos maias e aztecas. Entretanto, os novos ares trouxeram inclusive à Igreja um novo alento, pois após destruírem os manuscritos que lembravam aos indígenas suas crenças, arrependeram-se e, pelo menos em parte, remediaram seu erro, providenciando a recuperação das antigas tradições, suas artes e seus costumes. Mesmo grandes impulsos de civilização, como o verificado nas Missões Jesuíticas, não podem ser esquecidos. Ou trabalhos como o de Manoel da Nóbrega e Anchieta, no Brasil, e do frei dominicano Francisco Ximenez, que resgatou dos nativos as antigas tradições quichés traduzindo-as para o espanhol.

Hoje, se temos à disposição livros sagrados dos ameríndios como o *Chilam Balam* ou *Popol Vuh* foi graças à redenção de missionários espanhóis que, pelo menos em parte, tentaram resgatar um erro histórico. Apesar dos inúmeros problemas e dificuldades inerentes à natureza humana, o Novo Mundo tornou-se, especialmente na América do Norte, o paraíso da liberdade e desenvolvimento há milênios aspirado não apenas pelos hebreus, mas por todos os povos que sofreram as agruras do fanatismo ideológico e da opressão das ideias.

> Na frota dirigida por Pedro Álvares Cabral viajavam, como conselheiros especialistas, pelo menos dois judeus: *Mestre João*, astrônomo equipado com os instrumentos de Abraham Zacuto, e Gaspar de Lemos, intérprete e comandante de navio, justamente considerado pelos historiadores como co-responsável pelo descobrimento do Brasil.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 288)
>
> [Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 18]

1503 – O judeu convertido Fernando de Noronha, à frente de um consórcio de judeus, firma com D. Manuel, rei de Portugal, um contrato para fazer capitanias hereditárias no Brasil. A proposta era tentadora para um rei que não via grandes lucros nestas terras, enquanto gastava somas vultosas na campanha da Índia. A proposta, feita em 1502, foi assinada em 1503 e valia por três anos, sendo renovada sucessivamente até 1515.

> A exploração concentrou-se especialmente na madeira de 'pau-brasil' (também chamada naquele tempo 'madeira judaica'), artigo então grandemente procurado nos mercados europeus para as indústrias de corantes (vide 1128 d.C.). Tão intenso se tornou o comércio do pau-brasil durante o arrendamento do país a Fernando de Noronha, e de tal importância econômica ele se revestiu, que deu origem à denominação 'ciclo do pau-brasil' (...) àquele período, além de ter determinado a adoção do nome definitivo da terra Brasil – em substituição ao de Santa Cruz, como era antes designada. Admite-se que, ao lado dos objetivos comerciais, Fernando de Noronha, ao propor ao governo português o arrendamento do Brasil, visasse ainda facilitar o êxodo dos judeus, então perseguidos em Portugal. De qualquer forma, é do consenso geral que, nas expedições comerciais do sindicato de Fernando de Noronha, judeus constituíram a maioria, cabendo-lhes, assim, o mérito de terem lançado no solo da nova pátria os primeiros marcos da civilização.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 289)
>
> [Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 23]

Assume o papa Pio III [Francesco Todeschini Piccolomini], depois o papa Julius II [Giuliano della Rovere] até 1513.

1505, julho – Sob instâncias de seu pai, Lutero começa a estudar Direito. Em um ano decide abandonar o curso e entrar para a vida religiosa como monge Agostiniano. Segundo ele, sua conversão ocorreu durante uma tempestade, quando foi jogado ao chão por um clarão. No medo, renunciou ao mundo e entrou para o monastério em julho de 1505. Tornou-se um brilhante teólogo e erudito bíblico.

1505 – Após outras expedições às Índias, inclusive de Vasco da Gama, D. Manuel envia o primeiro vice-rei com o objetivo de, antes de conquistas territoriais, dominar os mares na região. Consegue-o expulsando os venezianos, egípcios e turcos coligados.

1506, abril – Lisboa: Uma onda de violência contra os “cristãos novos” judeus leva ao extermínio de duas mil pessoas.

1509 – Assume como vice-rei de Portugal, nas Índias, Afonso de Albuquerque. Diferentemente do antecessor, queria mais terras no além-mar. Vitorioso em Goa, Ormuz e Malaca, negociou com os reis de Pegu, Sião e Sumatra. Sua ideia era a de fundar um vasto império português no Oriente, fixando o colono português mesclado com os indígenas.

1510 – Paracelsus (17) gradua-se na Universidade de Viena, com bacharelado em Medicina. Não contente com o ensino tradicional, viajou ao Egito, Arábia, Terra Santa e Constantinopla. Entrevistou-se com os mais sábios praticantes da alquimia para aprender os tratamentos médicos efetivos. Seus tratamentos e curas logo lhe deram fama.

1512 – Lutero conclui seu doutorado em Teologia. Torna-se professor de literatura bíblica na Universidade de Wittenberg. Estudante sério, Lutero culminou a vocação religiosa numa severa crise espiritual. Ponderava se seria possível reconciliar as exigências da Lei de Deus com falibilidade humana em cumpri-la. Encontrou a resposta no Novo Testamento, em Romanos: Na obediência de Jesus Cristo, Deus reconciliara a humanidade a Si. Exigia-se, então, da humanidade, não uma obediência cega à lei ou obrigações religiosas, mas uma resposta de fé que aceitava o que Deus fizera. Esta fé levaria a uma obediência baseada no amor, não no medo.

1512 a 1517 – XVIII Concílio Ecumênico, em Latrão – Aberto em 3 de maio de 1512 para por fim às pretensões do rei da França, Louis XII, que convocava bispos e abades a Concílio pela sua própria autoridade para reformar a Igreja. Segundo os clérigos:

> O velho papa Júlio II defendia intensa e militarmente o poder temporal da Igreja, pois sem tal poder o chefe supremo da Igreja poderia mui facilmente ficar assaz molestado em sua esfera espiritual e assim o próprio poder espiritual ser destituído. Entre outras coisas, invocava-se uma purificação da liturgia de certos ritos e de histórias lendárias. Lutero afiava então as armas que teriam produzido a mais grave laceração da unidade eclesiástica se arrebatassem ao catolicismo os países do norte. De certo, a falha restauração eclesiástica e o decaído dinamismo deste Concílio tiveram peso influente para a sombria tragédia luterana.
>
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1513 – Assume o papa Leão X [Giovanni di Lorenzo de Medici], até 1521.

1515 – O governo português interrompe o sistema de Capitanias Hereditárias para tentar colonizar o país. O risco de perder as terras para aventureiros franceses ameaçava o monopólio do pau-brasil. Incentivou-se o plantio de cana-de-açúcar e, apesar dos incentivos, os portugueses cristãos preferiam a tentação da Índia a vir a estas terras. O resultado foi que a colonização desta fase foi feita por degradados bandidos e pelos judeus, que se constituíram na maioria dos imigrantes.

1516 – Erasmo, um dos grandes humanistas da sua época, edita pela primeira vez sua versão do Novo Testamento, chamada *Novum Instrumentum*. Foi feita diretamente a partir do grego, em vez da tradicional Vulgata latina. Por muitos séculos será a única forma corrente do Novo Testamento na Europa ocidental, constituindo-se na primeira grande obra moderna estudando a Bíblia. Nesta versão da Bíblia, não consta qualquer citação ao versículo espúrio da *Primeira Epístola de São João*, cap. V, vers. 7: "*Pois há três que prestam testemunho no Céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo; e os três são um*." Esse tradicional argumento da famosa Trindade Cristã foi, ao que tudo indica, inserido na Bíblia no século XV por um ilustre desconhecido, Vigilius Tapsensis, na segunda metade do século XV. Acredita-se que foi por ele forjado. A versão bíblica de Erasmo nada cita desta trindade, assim como todos os eminentes teólogos greco-latinos anteriores ao século XV como Agostinho, Ambrósio, Ireneu, Clemente de Alexandria, Atanásio... A segunda edição desta obra de Erasmo será lançada em 1519.

1517 – Martinho Lutero, na Alemanha, funda a Reforma Protestante na Igreja. Sua intenção era reformar a Igreja Católica medieval. A resistência, entretanto, foi tão grande que foi inevitável o cisma. As crenças de Lutero eclodiram no conflito quando o papa Leão X ofereceu indulgências para venda ao povo, a fim de arrecadar dinheiro para a construção da Basílica de São Pedro, em Roma. Eram remissões parciais das penalidades para pecados, vendidas aos interessados. Era o que faltava a Lutero para o cisma. Em 31 de outubro, pendurou na porta da igreja de Wittenberg uma lista de 95 proposições. Entre elas, negava ao papa o direito de vender indulgências. Circularam amplamente na Alemanha, com grande controvérsia. Lutero foi convocado pelo papa a comparecer perante o cardeal de Augsburg. Ordenado que se retratasse, Lutero recusou-se a menos que pudesse ser provado, a partir da Bíblia, que ele estava errado.

1519, 1º de junho – Morre Leonardo da Vinci.

1519 – A última grande comunidade judia alemã, de Ratisbona, é expulsa e tem seus bens confiscados.

1521, início – O papa excomunga a Martinho Lutero e ordena ao imperador Carlos V que execute a ordem. O imperador, no entanto, convoca um concílio, em Worms, e submete Lutero a um exame. O concílio exige a retratação de Lutero. Recusa-se e é condenado. Com a ajuda de um amigo, eleitor da Saxônia, Lutero refugia-se no castelo do Wartburg, perto de Eisenach. Retirado, traduz o Novo Testamento para o alemão. Finalmente, o medo do imperador pela guerra com a França faz com que ele permita a volta de Lutero a Wittenberg. Enquanto Lutero se retirava, seguidores levavam o movimento adiante. Quando voltou, Lutero tentou corrigir os excessos mas não teve sucesso. A história de Jesus e seus seguidores, de certo modo, novamente se repetia, e o profeta acaba por ver sua obra tragada pelos próprios discípulos.

1522 – Assume o papa Adriano VI [Adriaan Floriszoon Boeyens].

1523 – Assume o papa Clemente VII [Giulio di Giuliano de Medici], até 1534.

1524 – Muitos agricultores alemães utilizam os ensinamentos de Lutero como motivo de sua revolta.

1525 – Lutero casa-se com uma ex-freira, Katharina von Bora. O casamento enfatizava sua rejeição ao monasticismo e ao celibato para o clero. O resto de sua vida Lutero dedicou-se a escrever, pregar e organizar a Igreja reformada da Saxônia. Trocando o serviço latino por um em alemão, voltado para o povo, escreveu muitos hinos ainda hoje em uso, principalmente o famoso “Ein feste Burg ist unser Gott” (Uma Grande Fortaleza é Nosso Deus).

1527, 13 de julho – Nasce John Dee[354], o misterioso personagem da história dos Tudor, filho de Rowland Dee, um cortesão em serviço na corte de Henry VIII.

1531 – Aparece o cometa Halley.
É instalada a Santa Inquisição em Portugal.

1534, 15 de Agosto – Inácio de Loyola, juntamente com seis companheiros, funda em Paris a Sociedade de Jesus. Devido à sua formação militar, Loyola deu à organização uma estrutura militar. Fizeram o voto da castidade, pobreza e obediência e obrigaram-se a fazer uma peregrinação a Jerusalém. Como a entrada em Jerusalém era impossível, foram a Roma e colocaram-se à disposição do papa.

1534 – Assume o papa Paulo III [Alessandro Farnese], até 1549.

O rei da Inglaterra, Henry VIII, prende o arcebispo representante do papa e obtém o divórcio através de Thomas Crammer, a quem fez arcebispo de Canterbury. Casa-se, então, com Ana Bolena. Henry VIII nasceu em 1491 e regeu de 1509 a 1547. Declarou-se o Chefe Supremo da religião cristã da Inglaterra, fundando o anglicanismo. Henry VIII foi um dos mais fortes e impopulares monarcas ingleses, sendo o primeiro dos monarcas ingleses a ser educado sob a influência da Renascença. Erudito linguista, compositor e músico, era alegre, elegante e atlético em sua juventude. O tempo lhe fez gordo e grosseiro. Decidido a separar-se da rainha e casar com Ana Bolena, teve negado sua solicitação pelo papa. Henry drasticamente cortou todos os laços com a Igreja Romana, cessando, também, todos os pagamentos à Sé.

Com relação aos serviços no templo, algumas mudanças foram feitas como a tradução da Bíblia e a impressão de cópias que foram colocadas nas igrejas. Apesar disso, Henry VIII não permitiu qualquer mudança nas doutrinas. Dissolveram-se os monastérios ingleses, revertendo à coroa suas vastas terras e bens. Em troca, cedeu propriedades aos nobres, que dariam suporte à sua política. Revoltas ocorreram no norte do país, seguindo-se uma revolta dos monges, sendo sufocados. Antes de seu divórcio, Henry VIII opusera-se à doutrina de Lutero, sendo considerado pelo papa um Defensor da Fé. Após a separação de Roma, ele perseguiu com igual severidade tanto católicos que aderiram a Roma quanto protestantes que rejeitaram suas reformas.

1534/35 – Portugueses conquistam Diu e Damão, rechaçando os turcos. Na metade do século XVI, os portugueses dominam Goa, Damão, Diu, Beçaim, Chaul, Onor, Barcelore, Mangalore, Cananor, Cranganor, Calumbo, Cochim, Curiate, Calicut, Ormuz, Malaca, Ternate, Tidore, Amboína, Solor, Timor e Macau, nas Índias, além de grandes possessões na África.

---

354 Wikipedia – John Dee (1527–1608) erudito, astrônomo, ocultista, conselheiro de Elizabeth.

1534–1536 – Preocupado com o povoamento do Brasil, o governo português divide o país em 14 capitanias hereditárias. Mais uma vez, em vez dos colonos cristãos que preferiam a Índia, a oportunidade se apresentou aos colonos judeus, que buscavam um refúgio seguro para fugir das constantes persegui-ções na Europa. Graças a esta dependência das capitanias dos colonos judeus, estes puderam contar com uma relativa liberdade de costumes. Com eles veio provavelmente a cana-de-açúcar, trazida por colonos judeus das ilhas da Madeira e de S. Tomé. Além disso, as reconhecidas habilidades linguísticas dos judeus – como o atestaram os fenícios, egípcios, gregos, cristãos e muçulmanos – permitiram-lhes rapidamente assimilar a língua e ganhar a confiança dos aborígenes. Não por acaso, o co-descobridor do Brasil com Cabral – o judeu Gaspar de Lemos – veio como capitão de navio e intérprete.

1536 – Paracelsus publica “*Die grosse Wundartzney*” (O Grande Livro da Cirurgia), uma coleção de tratados médicos. Notabilizou-se como um dos gigantes que contribuiu para o surgimento da medicina moderna, especialmente nas áreas de diagnóstico e tratamento químico. Seus estudos auxiliaram a formar a base da fisiologia química moderna.

1540, 27 de Setembro – Loyola tem sua organização aprovada pelo papa. Seu governante geral é vitalício e eleito. É auxiliado por assistentes que presidem cada região geográfica do globo, as assistências. As assistências eram divididas em províncias. A ideia for claramente inspirada nos templários, só que com pleno controle por Roma. As semelhanças, no entanto, param por aí. As origens da Sociedade de Jesus explicam o papel preponderante que acabou tendo na Contra-Reforma.

1541, 24 de setembro – Morre Paracelsus (49) em Salzburg, Áustria, sob misteriosas circunstâncias.

1542 – Nasce Tycho Brahe.

1542 a 1545 – John Dee estuda no St. John's College, Cambridge. Segundo ele mesmo:

> Tive tão veemente queda pelo estudo que, naqueles anos, mantive inviolavelmente esta ordem: dormia apenas 4 horas por noite, me permitia comer e beber (e algum descanso depois) duas horas por dia, e as outras 18 horas por dia (exceto as horas em que estava no serviço divino) gastava em meus estudos e aprendendo.

1542, 15 de outubro – Nasce, na Província de Sind (agora Paquistão), o imperador hindu Akbar (1542–1605), da dinastia Mughal, que regeu a Índia por cerca de duzentos anos, de 1530 ao século XVIII. Os Mughals eram um poder islâmico governando um país basicamente hindu. Akbar foi o maior imperador Mughal, conseguindo conduzir uma cooperação dos líderes hindus, conquistando e governando virtualmente todo o subcontinente indiano. Foi um dos maiores exemplos da tolerância e sabedoria islâmica num governo mundial. Akbar era descendente dos grandes conquistadores mongóis, Genghis Khan e Timur Lenk (Tamerlane). O pai de Akbar, Humayun, tinha um poder muito fraco no trono, que fora, de fato, conduzido por Akbar por um período de mais de dez anos. Humayun retornou ao poder em 1555, apenas para morrer um ano depois. Deixou ao jovem Akbar a consolidação do poder da monarquia e estendeu o governo Mughal sobre a Índia a partir de sua base no Punjab. Isto ele fez numa série de campanhas, de 1561 a 1601.

O bom governo de Akbar foi marcado pelo florescimento da vida cultural. Administrativamente, reformou o exército, os serviços públicos e o recolhimento de impostos. O ponto básico de suas realizações foi a centralização da autoridade na pessoa do imperador, contribuindo para prevenir abusos por administradores e coletores de impostos. Apesar dos esforços de Akbar para reformar o Estado, persistiram na Índia as iniquidades entre ricos e pobres. O imperador impelia os ricos a patrocinar as artes para simultaneamente reduzir a pobreza e implementar a cultura. Ele mesmo um iletrado, utilizou sua inteligência e sede de saber para [fazer] de sua corte um sofisticado centro cultural, incentivando toda troca de ideias. Nesta ótica, promoveu num alto grau a tolerância religiosa. Convidou hindus, muçulmanos e cristãos a debaterem filosoficamente com a sua participação.

Conta-se que o imperador Akbar tentou – à força e sem sucesso – obter preciosos documentos oriundos da Biblioteca de Alexandria dos sábios brâmanes (vide Blavatsky no ano 1851). Ao morrer, em 1605, Akbar legou um reino que estendia-se pela maior parte da Índia continental, o Baluchistão e o Afeganistão. Marcou tão profundamente a Índia que vestígios de suas reformas admininistrativas sobrevivem ainda hoje nos governos provinciais da Índia e Paquistão.

1542–1543 – Pedreiros livres, que construíram a igreja da Cruz, na Inglaterra, eram obrigados a procurar ou construir, eles próprios, "uma casa ou loja para os pedreiros ocupados no trabalho". (H. F. Marcy, *Essai sur l'origine de la Franc-Maçonnerie et l'histoire du Grand Orient de France*, Paris, éd. Du Foyer, 1949, t.1, p.42)

É um dos primeiros registros de construção de Lojas a pedreiros livres, maçons Sua construção se fazia necessária para abrigar os pedreiros das intempéries. Neste caso, as reuniões davam-se a portas fechadas para que não fossem ouvidos nem vistos. Podiam conter de doze a vinte entalhadores de pedra.

1545 a 1563 – XIX Concílio Ecumênico, em Trento. Após ter sido convocado para 1537, 1538 e 1541, foi aberto em 13 de dezembro de 1545. Deixemos aos clérigos a palavra:

> Contra Lutero, Zwingle e Calvino, numerosos e eminentes teólogos e leigos defenderam o sagrado tesouro da Fé e da Moral católica, mas com escassos resultados pois do alto não receberam encorajamento nem ajuda. No Concílio, definiu-se que duas são as fontes da Revelação: as Escrituras e a Tradição; quais e quantos são os livros da Bíblia, que a Igreja é o intérprete autêntico da Sagrada Escritura e que a interpretação unânime dos Padres é critério hermenêutico. (*A Bíblia Sagrada*, trad. da vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1546, 18 de fevereiro – Morre Lutero, em Eisleben, sua terra natal.

1548 – Quando, depois de 1548, se implantou no Brasil um novo sistema de governo – o dos Governos Gerais – a situação favorável dos judeus não sofreu qualquer alteração, muito embora na mesma ocasião se fixassem no país os Jesuítas. As condições eram tais que as autoridades se viram forçadas a uma política de transigência e cautela. Na contingência de ou perderem as esperanças de colonização do Brasil, ou levarem a um bom termo a missão de que se achavam incumbidas, optaram pela segunda alternativa e, para tanto, tiveram que fazer tábua rasa das exigências da Inquisição. Esse panorama de tolerância contrastava vivamente à onda de ódio e discriminação que varria Portugal, onde crepitavam sem cessar as fogueiras dos autos de fé. É assim compreensível o efeito que entre os judeus de Portugal deviam exercer as notícias ali chegadas sobre a vida

> judaica no Brasil. Tangidos pela fúria avassaladora da perseguição religiosa, sentiam-se (...) impelidos a tentar vida nova no Brasil, que se lhes afigurava como refúgio seguro, onde poderiam concretizar seus anseios de paz e liberdade.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 290-291)
>
> [Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 39a b]

1548 a 1551 – John Dee (21 a 24) continua seus estudos em Louvain, uma universidade financiada pelo papa e por Carlos V e famosa pelo Direito Civil e pelas Matemáticas. Visita Antwerp, e numa notável performance para um rapaz de 23 anos dá uma conferência com sucesso sobre Euclides em Paris, algo nunca feito antes publicamente na cristandade.

1550 – Assume o papa Julius III [Giovanni Maria Ciocchi del Monte], até 1555.

1551 a 1553 – John Dee (24 a 26) volta à Inglaterra e fica de tutor de Robert Dudley, filho do Lorde protetor da Northumbria, futuro conde de Leicester.

1553 – John Dee (26) ganha dois cargos eclesiásticos, conferidos por Henry VI.

1555 – Assume o papa Marcellus II [Marcello Cervini degli Spannochi], depois o papa Paulo IV [Giovanni Pietro Carafa], até 1559.

Após a ascensão da rainha Mary da Inglaterra, John Dee é preso sob a acusação de realizar encantamentos contra ela. Libertado, esforça-se para recuperar seu crédito.

1556 – Registro de um cometa sobre a cidade de Nuremberg.

1558 – John Dee (31) calcula o horóscopo para escolha do dia da Coroação da rainha Elisabeth I, da Inglaterra. Os anos seguintes foram muito frutuosos para Dee. Recebeu o apoio de nobres como Leicester (seu antigo pupilo), Sir William Cecil e muitos outros, incluindo a própria rainha Elisabeth. Estudou muito e foi reconhecido como um sábio em seu tempo. Estudiosos como Frobisher e Sir Humphrey Gilbert consultaram-no em assuntos de navegação. Sua casa, em Mortlake, continha a mais preciosa biblioteca da Inglaterra. Na verdade, era considerada a verdadeira Academia Científica da Inglaterra na primeira metade do reinado da rainha Elisabeth.

1559 – Assume o papa Pio IV [Giovanni Angelo Medici], até 1565.

1561 – É destruída a abadia de Kilwinning, e suas terras legadas ao conde de Eglington e a alguns outros (vide ano 1140).

1562 – A rainha Elisabeth, da Inglaterra, desconfiada e suspeita, persegue a Ordem dos Maçons e Arquitetos. Em compensação, Jacques I, Carlos I, Guilherme III e outros deram provas de uma generosa proteção.

1563 – John Dee (36) viaja a Antwerp, Roma e Hungria.

1564 – John Dee (37) escreve uma de suas obras-primas, a *Monas Hieroglyphica*.

1566 – Assume o papa Pio V [Antonio Ghislieri], mais tarde canonizado como santo, até 1572.

1568 – Nasce Michael Maier, grande químico prático e renomado alquimista de seu tempo. Tornou-se o médico pessoal do imperador Rudolph II e, após a morte deste, do Landgraf Moritz de Hesse.

1571 – John Dee (43) visita Lorraine.

1571, 27 de Dezembro – Nasce Johannes Kepler. Era uma criança doente, mas uma mente brilhante.

1572 – Assume o papa Gregório XIII [Ugo Boncompagni], até 1585.

1573 – É instalado um auto de fé pela Inquisição em Salvador. É queimado vivo um francês, acusado de heresia. Como o ato não surtira o efeito desejado pelos lúgubres mensageiros da fé, morreu aí a tentativa de instalação do Santo Ofício.

1574 – Nasce Robert Fludd[355], um dos maiores alquimistas de todos os tempos.

1575 – Nasce Jacob Böhme (1575–1624) em Altseidenberg, distrito de Görlitz, junto à fronteira da Bohemia, na Alemanha, filho de pais agricultores. Será o maior filósofo alemão de todos os tempos. Durante a infância ajuda seus pais cuidando de vacas nos prados, junto com outros adolescentes e meninos. Nesta fase descobre "*a caverna dos tesouros*".

1577 – Registro de um grande cometa na Turquia e em Praga.

1582, 4 de outubro – papa Gregório XIII ajusta o calendário somando 10 dias. O dia 4 de outubro de 1582 passou a ser 15 de outubro. Foi adotado pelos países católicos mas não pelos protestantes e pelos ortodoxos, que continuaram usando o juliano. Na Inglaterra, só será adotado em 1752, quando será necessário adicionarem-se 11 dias. A Igreja Ortodoxa só o adotará em 1923, quando 13 dias serão "perdidos". Os chineses o adotarão em 1912. Outra reforma marcante do calendário foi adotar o 1º de janeiro como início do ano. Até então os países adotavam o 25 de dezembro, outros 1º de janeiro ou 25 de março, como fez a Inglaterra até 1752.

1582 – John Dee (54) faz uma tentativa frustrada de introduzir o calendário gregoriano na Inglaterra. Neste ano ele conhece Edward Kelley que se tornaria seu grande companheiro.

1583, 6 de setembro – John Dee cataloga mais de 4000 volumes em sua biblioteca em Mortlake, um quarto composto de livros escritos. Para termos uma ideia, a biblioteca da Universidade de Cambridge tinha apenas 451 livros e manuscritos em 1582. Dee tinha as obras completas de Platão e Aristóteles, os dramas de Ésquilo, Eurípedes, Sófocles, Sêneca, Terence e Aristóteles, os escritos de Heródoto, Tucídides, Lívio, Homero, Ovídio e Plutarco, além de muitos trabalhos de religião e teologia, a Bíblia, o Corão, Lutero, São Thomas de Aquino e Calvin, além das obras esotéricas de Plotinus, Roger Bacon, Raimundo Lull, Albertus Magnus, Ficino, Trithemo, Paracelsus e Agrippa. Virtualmente toda Renascença estava presente em sua casa.

1583 a 1589 – Nesta época a fama de Dee era muito grande. Muitos se perguntavam como um homem inteligente como ele, versado em estudos clássicos, matemáticas, navegação, literatura, lógica e filosofia ocupasse seu tempo com alquimia, magia e evocação aos espíritos, sempre com a ajuda de Kelley. Dee e Kelley viajam, com suas esposas, pela Europa, residindo algum tempo com o rei da Polônia e com o imperador Rudolph, em Praga.

1585 – Assume o papa Sixto V [Felice Peretti di Montalto], até 1590.

1589 – Jacob Böhme (14) aprende o ofício de sapateiro. O aprendizado dura três anos.

John Dee (62) retorna à Inglaterra. Kelley fica na Polônia e morre em 1595. Seu retorno à Inglaterra foi frustrante. Sua casa e sua biblioteca foram saqueadas por uma turba, e falham suas ofertas de trabalho como patrono e tutor. Está constantemente assolado pela difamação e pela pobreza.

355 Wikipedia – Robert Fludd (1574–1637) médico paracelsiano e ocultista

1590 – Assume o papa Urbano VII [Giovanni Battista Castagna], depois Gregório XIV [Niccolò Sfondrati].

1591 – Assume o papa Inocêncio IX [Giovanni Antonio Facchinetti].

> Veio ao Brasil a missão conhecida como 'Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça'. Na Bahia, permaneceu a Inquisição durante dois anos, até 1593, seguindo então o inquisidor para Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, onde ficou até 1595.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 292)
>
> [Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 53]

1592 – Assume o papa Clemente VIII [Ippolito Aldobrandini], até 1605.

Jacob Böhme (17) começa a viajar trabalhando com mestres sapateiros. São dois anos de viagens sem qualquer indicação de seu destino, sequer referência de terceiros. Neste período, experimenta uma iluminação, seguindo o método de iniciados que o precederam como Pitágoras, Apolônio e como Blavatsky fará trezentos anos depois.

1594 – Jacob Böehme (19) reaparece em Görlitz. Nos anos seguintes trabalha e consegue o título de mestre e a cidadania em Görlitz.

1596 – John Dee (69) é feito diretor do Christ's College, em Manchester. As perseguições em seu meio continuam.

R. Fludd (22) gradua-se Bacharel de Artes no St John's College, em Oxford.

1597 – A Santa Inquisição atinge sua máxima opressão em Portugal.

1598 – J. Böhme (23) compra um casa com banco de sapateiro anexo, na porta da cidade.

Tycho Brahe publica *Astronomiae Instauratae Mechanica*.

> Brahe, como Kepler, não hostilizava a astrologia, embora cuidadosamente distinguisse sua única versão secreta de astrologia das variações mais comuns da sua época, que ele tinha como condutoras à superstição. Em seu livro, Brahe sustentou que a astrologia é "*realmente mais digna de confiança do que se pensa*", se o mapeamento das estrelas fosse apropriadamente ampliado. Escreveu: '*ocupei-me com a alquimia, assim como com minhas pesquisas celestes, desde meu 23º ano*'. Mas sentiu que ambas estas pseudociências encerravam segredos muito perigosos para o povo em geral (embora inteiramente seguro nas mãos de príncipes e reis aos quais ele recorria). Brahe continuou a longa e verdadeiramente perigosa tradição de alguns cientistas que acreditavam que somente eles e os poderes temporais e eclesiásticos podiam ser confiados pelo conhecimento misterioso. '*Não serve a nenhum propósito útil e é intolerável tornar certas coisas conhecidas por todos*'. Kepler, por outro lado, ensinou astronomia em escolas, publicou muitas vezes às suas próprias custas, e escreveu ficção científica que certamente não era a intenção primeira dos seus companheiros cientistas.
>
> (Carl Sagan, *Cosmos*, Francisco Alves, SP, 1989, p. 65)

Uma dessas obras de ficção de Kepler foi *Somnium* – Sonho – na qual imaginou uma viagem à Lua, com os viajantes sobre a superfície observando a beleza da Terra girando no céu acima deles. Kepler imaginava que, um dia, existiriam naves espaciais repletas de exploradores, estudando o cosmos.

1598 – R. Fludd gradua-se Mestre em Artes e sai da Inglaterra para viajar por seis anos pela França, Itália, Espanha e Alemanha, sustentado por seu pai e trabalhando como tutor em famílias nobres. Entre seus pupilos conta-se Charles de Lorraine.

Henri Khunrath publica *O Amphitheatrum Sapientiae Aeternae*, uma das maiores obras de ocultismo de todos os tempos, segundo opiniões como as de Papus e Eliphas.

1599 – J. Bohme (24) casa-se com Cataline Kuntschmann, filha de açougueiro de Görlitz, com quem viverá muito bem por trinta anos e terá quatro filhos.

SÉCULO XVII d.C.

1600, primeiros dias – Jacob Böhme (25) tem a segunda iluminação. A visão da luz brilhando sobre o fundo escuro de uma vasilha de estanho o conduz à visão do fundamento ou centro mesmo da Natureza, ao fundamento originário que está mais adiante da essência do mundo, com a dupla fonte boa e má em tudo. Böhme se ensimesma e não participa a ninguém o que se passa por dentro dele. Levará dois anos para fazer-se "*digno dos profundos nascimentos de Deus*".

1600 – Kepler (29) torna-se aluno de Tycho Brahe (58), em Praga, o maior astronômo da época.

1603 – Tycho Brahe (61) morre e lega a Kepler (32) seus registros.

Assume o rei James I, da Inglaterra, que começa uma verdadeira caça às bruxas. Aumentam as perseguições a John Dee (76).

1604 – Fludd (30) complementa a parte referente ao Macrocosmo de sua *História do Macrocosmo e do Microcosmo*, publicado somente em 1617.

Johann Valentin Andreae, jovem filósofo protestante, escreve *As Bodas Químicas de Christian Rosenkreuz*, como admitiria mais tarde. Será publicado em 1616.

1605, maio – R. Fludd (31), voltando à Inglaterra, gradua-se Bacharel e Doutor em Medicina. Suas tendências para Paracelso dificultaram-no no ramo.

1605 – John Dee (78) é obrigado a renunciar a seu cargo no Christ's College.

Assume o papa Leão XI [Alessandro Ottaviano de Medici], depois o papa Paulo V [Camillo Borghese] até 1621.

1607 – Aparecimento do cometa Halley.

1608 – Morre John Dee (81), pobre, difamado e forçado muitas vezes a vender algum livro para ter o que jantar.

1610 – Assume Louis XIII no trono francês, até 1643. Manteve seu forte ministro Richelieu no poder por dezoito anos, apesar de severa oposição. Após os primeiros anos de anarquia, ao assumir Richelieu os Huguenotes foram reduzidos de uma poderosa facção política a um inexpressivo corpo religioso, humilhando-se os nobres. Com Richelieu a França foi guindada ao topo da liderança europeia.

Jacob Böhme (35) compra uma casa na cidade, com vantagem para seu negócio.

1612, primeiros dias – Apenas agora Jacob Böhme, aos 37 anos, passa a escrever seu primeiro livro: *A Aurora que Desponta*. De uma só vez escreve os primeiros sete capítulos. O livro inteiro ele terminará em quatro meses. Carl Ender von Sercha pertence a um círculo de cristãos livres. Pede-lhe o manuscrito, cuja existência conhece pelo próprio J. Böhme, e faz cópias. Uma delas chega às mãos do arcebispo luterano de Görlitz, Gregorius Richter, que ao final do ano, passa a atacar ao "*rebelde, leviano e agitador, ao* herege".

1612 – Primeira edição conhecida do *Livro das Figuras Hieroglíficas*, de Nicolás Flamel, editada duzentos anos após sua “morte”.

1613 – J. Böhme é convocado à Congregação por apelação do Pastor Richter, tem seu livro confiscado e é proibido de escrever, sendo convidado a ir a outro lugar. Dois dias depois é examinada sua fé na casa de Richter e é encontrado tudo em ordem. Cala-se por sete anos e nada escreve. Nestes anos, lê Paracelso e de teólogos a Copérnico. Trabalha arduamente. Vende o banco de sapateiro. Dedica-se ao comércio, o que lhe permite viajar. Porém afasta-se da família.

1614 – Michael Maier (46) lança seu *Arcana Arcaníssima*, mostrando que os mitos gregos e egípcios são alegorias alquímicas.

Aparecimento oficial dos Rosacruzes através do *Fama Fraternitatis*.

1615 – Aparece o anônimo *Confessio Fraternitatis R.C.*, que juntamente com o *Fama*, do ano anterior, proclamava proceder dos *Irmãos da Rosa Cruz*. Segundo os estudiosos, o *Fama* e o *Confessio* vieram de um círculo de eruditos, em Tübingen, que cercava Johann Valentin Andreae, um filósofo protestante que, mais tarde, admitiria ter escrito as *Bodas Químicas de Christian Rosenkreuz* em 1604, quando jovem. A reação do meio cristão foi tão violenta que o próprio Andreae passará a negar qualquer seriedade no trabalho, começando inclusive a trabalhar no meio cristão. Aparentemente, a sociedade Rosacruz jamais existiu, apesar das inúmeras ordens “legítimas” que passaram a adotar o título. Na verdade, qualquer atribuição de participação de membros da sociedade Rosacruz como tal, como atribuído a Fludd, Maier, Dee, Shakespeare, Saint Germain e outros, não tem qualquer comprovação.

Michael Maier, grande alquimista, visita a Inglaterra. Algumas evidências indicam que encontrou-se com Robert Fludd.

1616 – Aparece o anônimo *Chymische Hochzeit Christiani Rosenkreuz*, ou, As Bodas Químicas de Christian Rosenkreuz. Trata-se de um conto alquímico descrevendo as experiências de *Christian Rosenkreuz*, lendário fundador da Fraternidade Rosacruz.

1617 – Robert Fludd publica a primeira parte de seu *History of the Macrocosm and Microcosm*, o Tratado I do *Macrocosm: Metaphysics and Cosmic Origins*. Um trecho da obra magna de Fludd nos dá o traço original de uma iniciação e agudeza filosófica que escapa à maior parte dos chamados filósofos e alquimistas ocidentais. Após a longa explanação a que submetemos o leitor desta obra na altura do ano 1800 a.C., quando tratamos dos Mistérios de Elêusis, do aparecimento dos números e das letras, lembramos a seção do referido ano intitulada **A Suástica Solar**. Lá foram dadas as bases sobre as quais se assentou um dos maiores símbolos solares, a **16ª** runa, **sowilo** ou **sól**, cujo símbolo é a própria inicial da palavra: ᛋ. Assim poderemos entender a experiência descrita por Fludd, que retirou, do âmago de uma nobre substância, sua essência, sua Alma, por assim dizer, na forma de uma luz, de um sol, ao qual o alquimista inglês chamou originalmente por ***Sol***, e que os compiladores ingleses deduziram tratar-se do ouro (o grifo é nosso):

> Eu mesmo, uma vez, extrai o humor espiritual de um corpo muito nobre, e <u>observei sua maravilhosa transmutação em **Sol**</u>. Eu me lembro, ao final, de ver que o espírito ascendeu violentamente <u>por seu próprio calor solar interno</u>, com sua recentemente adquirida tintura, para o topo do alambique, e lá <u>fulgurou como o mais brilhante dos rubis</u> sem qualquer

> fogo elemental presente. (Robert Fludd, *History of the Macrocosm and Microcosm*, Tractate 1: *Metaphysics and Cosmic Origins*, p. 126, citado em Joscelyn Godwin, *Robert Fludd*, Thames and Hudson, London, 1979, p. 28)

Em 1656 d.C., ao final, citamos os *Oráculos Caldeus* e sua visão acerca do resgate da Alma.

1617 – Balthasar Walther, que conhecera J. Böhme (42) através da "*Aurora*" e por correspondência, conhece o filósofo alemão. Médico, paracelsiano, alquimista, teósofo, acaba de viajar por seis anos atrás da Sabedoria. Entrevista-se com o "*filósofo teutônico*" como o chamava. Das perguntas que lhe fez resultou o livro "*Quarenta Perguntas Sobre a Alma*".

1618 – Com ímpeto renovado, J. Böhme põe-se a escrever de novo. Em pouco mais de um ano dá à luz as obras: *Sobre os Três Princípios*, *A Tripla Vida do Homem* e *Quarenta Questões Sobre a Alma*.

> Em 1618, a Bahia foi alvo de uma nova visitação do Santo Ofício, que ficou a cargo do Inquisidor de Évora, o bispo D. Marcos Teixeira. Diante dessas comissões inquisitoriais, que, aliás, se limitaram ao nordeste do Brasil, foram denunciados inúmeros marranos, entre eles muitos senhores de engenho de açúcar, fato que propiciou o primeiro movimento migratório interno de judeus brasileiros, os quais abandonaram o nordeste em busca do sul, especialmente da capitania de S. Vicente (S. Paulo), que era a parte mais liberal do país.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 292)
>
> [Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 54]

Tudo leva a crer que a preocupação com a comunidade judaica por parte da Inquisição estivesse ligada às ligações dos judeus portugueses do Brasil com os da Holanda. No final do século XVI, além do Brasil, a Holanda, com uma ampla tolerância religiosa, representava um refúgio aos judeus da Europa. Tal fato se verificou no amplo desenvolvimento daquele país no comércio e nas navegações. Os ressentimentos cada vez maiores dos judeus exilados de Portugal com as crescentes perseguições em sua pátria levou-os a desligarem-se cada vez mais da pátria portuguesa, incentivando os planos holandeses de conquista brasileira.

Michael Maier publica *Themis Aurea*, em latim. Existem outras edições mais antigas, incluindo em alemão. A primeira edição em inglês aparecerá em 1656, incluindo uma dedicatória especial a Elias Ashmole.

1619 – Kepler (48) critica as idéias de Fludd (45) sobre a harmonia do mundo em seu *Harmonices Mundi*.

1620 – Michael Maier (52) publica *Septimania Philosophica*, um diálogo de seis dias entre o rei Salomão, Hiram e a rainha de Sabá.

1621 – Assume o papa Gregório XV [Alessandro Ludovisi], até 1623.

Fludd (47) responde à crítica de Kepler (50) em *Veritatis Proscenium*.

1621/2 – Kepler (50) responde a Fludd (47) em *Prodromus Dissertationum Cosmographicum*.

1622 – Com Ormuz começa a cair o império português na Ásia. Os motivos foram vários: o desastre de Alcácer-Kibir, os sessenta anos de domínio espanhol, os novos concorrentes europeus na Índia, as rivalidades entre os próprios portugueses na região e o interesse pelo Brasil açucareiro.

Morre Michael Maier.

1623 – Assume o papa Urbano VIII [Maffeo Barberini], até 1644.

Fludd (49) responde a Kepler (52) em *Monochordum Mundi*, colocado como um volume de *Anatomiae Amphitheatrum*.

1624 – J. Böhme (49), em janeiro, lança a obra *O Caminho de Cristo*, em Görlitz. Constantemente importunado pelo clero, está doente e pressionado em interrogatórios. Em 15 de novembro, quando somente ele ouvia uma música celeste, expirou dizendo: "*Me vou ao Paraíso*".

1630, 15 de fevereiro – Os Holandeses invadem Pernambuco e iniciam um dos períodos de mais alto desenvolvimento daquela região. Os judeus de todas as partes – do Brasil e da Holanda – foram atraídos pela liberdade religiosa e pelo processo de liberdade de comércio e oportunidades. O caminho levava para a implantação de uma das mais prósperas comunidades mundiais. Os judeus desta região, vindos das mais diferentes regiões de onde foram expulsos, falavam espanhol, português, holandês, ladino, servindo de elemento catalisador para os diversos povos mercenários do exército holandês. Seu desenvolvimento no comércio ficou visível pelo nome da principal rua de Recife, "Rua dos Judeus", e no nome do porto, "cais dos judeus".

1630, 15 de novembro – Kepler (59 incompletos) morre em Regensburg, na Bavária

1635–1644 – Governo holandês de Maurício de Nassau no nordeste brasileiro. A liberdade e o progresso dos judeus atinge seu ápice, bem como o desenvolvimento social e cultural da colônia holandesa, notadamente em torno de Recife.

> Não se sabe exatamente o número de judeus no Brasil holandês, variando as estimativas entre 1500 e 5000;[356] mas admite-se que, no apogeu do desenvolvimento da comunidade judaica na Nova Holanda, os judeus representavam cerca da metade da população branca civil, e no Recife havia judeus em tamanho número que, à primeira vista, se tinha a impressão de uma cidade puramente judaica. Para se ter uma ideia da importância de que, naquele tempo, se revestia um núcleo israelita de 1500 almas, segundo a menor das referidas estimativas, basta lembrar que a própria comunidade judaica de Amsterdã, no seu pleno fastígio, não era mais numerosa.
>
> (Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 295-296)
>
> [Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 67a b]

1637, 8 de setembro – Morre Robert Fludd (63).

1638 – Publicado postumamente *Philosophia Mosayca*, de Fludd.

1641 – Cai o Ceilão [em 1658] das mãos dos portugueses. [Batalha de Malacca vencida pelos holandeses em 14 de janeiro de 1641]

> Um sábio antiquário inglês expõe: 'Que desde 1641 a Corporação Maçônica agregou a si, como membros externos, as pessoas estranhas à arte de construir, das quais ela esperava tirar alguma oportunidade ou realce, e a quem ela deu o título de **Free Accepted Masons** (Maçons Livres e Aceitos), para os distinguir dos Maçons de Prática' (Jornal de Elias Ashmole). Depois dessa época, a Corporação Maçônica se conservou por muitos tempos brilhante. Mas à medida que a instrução se espalhou e que o individualismo prevaleceu ao espírito de associação, a Ordem foi declinando a tal ponto que no princípio do século XVIII muito poucas Lojas havia nos condados, e Londres mesmo não tinha mais que quatro, das quais a mais singular era a Loja *Antiguidade*, que construiu a Igreja de São Paulo. (Bibliotheca Maçonnica ou Instrucção Completa do Franc-Maçon, op. cit., tomo 1, pp. 67-68)

356 Nachman Falbel, *Judeus no Brasil: estudos e notas*, Edusp, 2008, p. 110

Essa mesma Loja marcaria o renascimento de uma nova ordem 90 anos depois (vide ano 1703).

1642, natal – Nasce Isaac Newton, tão pequeno, segundo sua mãe, que o colocaram dentro de uma caneca de quarto.

1643 – Louis XIV ascende ao trono francês (1643–1715). Até 1661 o governo esteve nas mãos do cardeal italiano Mazarino. Uma vez no comando da maior nação europeia, Louis proclamou o célebre *l'état c'est moi*. Uma paixão por fama e conquistas relegou as oportunidades na América e nas Índias e levou a França a envolver-se em guerras pela Holanda Espanhola (1667–1668), contra a Holanda em 1672–78 e 1689–97, e o desastre pela província germânica de Palatinado. A última desastrosa campanha do ambicioso rei com a Guerra de Sucessão Espanhola (1701–13), onde obteve o direito de colocar seu neto, Philippe V, no trono espanhol, à custa de milhares de vidas e dos cofres do estado. Os enormes dispêndios no palácio de Versailles terminaram por minar o fosso existente com as classes mais baixas, que acabaria na Revolução de 1789 e com a expulsão dos Bourbon do trono. Quando morreu, em 1715, tinha 77 anos, 72 dos quais no poder.

1644 – Assume o papa Inocêncio X [Giovanni Battista Pamphilj], até 1655.

Data de um dos pergaminhos contendo genealogias, encontrados por Saunière em 1891 na coluna visigótica oca sob o altar-mor da igreja de Rennes-le-Château.

1645 – Com a saída de Nassau, o nordeste brasileiro nunca mais será o mesmo. Os judeus emigraram em massa à Holanda, a Caiena e depois Suriname, Martinica, Barbados, S. Domingos, Guadalupe, Jamaica e aos Estados Unidos. No Suriname, nos arredores de Paramaribo, mais da metade da população era judia. Nos Estados Unidos farão a maior comunidade israelita do mundo, contribuindo decisivamente para o progresso dos americanos graças à sua política de liberdade social e religiosa. O nordeste brasileiro entra em franca decadência, sem dinheiro para suprir suas mínimas necessidades. Alguns judeus permaneceram no nordeste, disseminando-se também pelo país. À época da queda de Nassau, acusaram-se os judeus de não defenderem a terra do Brasil dos holandeses, e mesmo de terem combatido ao lado dos últimos holandeses. O que não fica claro, todavia, é o que se entende por Brasil naquela época. O combate não foi contra o país Brasil, mas sim contra o jugo português – que massacrava os judeus impiedosamente na pátria – em prol do domínio holandês – cuja liberdade social e religiosa há muito protegia o livre desenvolvimento da sociedade judaica não apenas na Holanda, mas em todos os seus domínios, como bem foi demonstrado no estupendo progresso atingido no nordeste brasileiro.

1646, 16 de outubro, 4h 30min da tarde – Do diário do célebre ~~arqueólogo e físico~~ antiquário inglês Elias Ashmole[357], que fundou em Oxford um museu que traz o seu nome:

> Tornei-me franco-maçon em Warrington, no Lanchashire, com o Coronel Henri Mainwaring, de Karichan, no Cheshire.
>
> (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, p. 44)

1646 – Dagobert II, rei dos francos até 679, é “redescoberto” na História por Adrien de Valois.

357 Wikipedia – Elias Ashmole (1617–1692) antiquário, político, astrólogo e colecionador inglês.

1654 – Na América do Norte, um grupo de 23 judeus, que deixou Recife logo depois de sua queda, acampou, em 12 de setembro de 1654, à margem do Hudson, na aldeia de Nova Amsterdã (atual New York), então capital da Nova Holanda. Vencendo toda a sorte de dificuldades postas pelo governador da colônia, o autocrata e antissemita Peter Stuyvesant, os judeus originários do Brasil foram se radicando na nova pátria, crescendo em número, organizando-se em comunidades e disseminando-se pelo país, onde, com o correr dos séculos, viria desenvolver-se a maior das coletividades israelitas do mundo.

(Cecil Roth, *Pequena História do Povo Judeu*, vol. 3, p. 300)

[Salomão Serebrenick, Elias Lipiner, *Breve história dos judeus no Brasil*, 1962, p. 80]

1655 – Assume o papa Alexandre VII [Fabio Chigi], até 1667.

Publicado o "*Diatriba de triba Dagobertus*", pelo jesuíta bollandista Henschenius[358], reinstalando definitivamente Dagobert II à História e entrando nas listas aceitas de reis franceses.

1656 – Nicolas Poussin, o grande pintor do século XVII, vive em Roma e recebe a visita do abade Louis Fouquet, irmão de Nicolas Fouquet, superintendente de finanças de Louis XIV, da França. De Roma, o abade despacha uma carta a seu irmão descrevendo a visita a Poussin:

> Nós discutimos certas coisas que devo sem óbice ser capaz de explicar-lhe em detalhe – coisas que lhe darão, através do Sr. Poussin. vantagens que mesmo reis teriam dificuldades em obter e que, segundo ele, é possível que ninguém mais venha a redescobrir nos próximos séculos. São coisas tão difíceis de descobrir que nada sobre a Terra, hoje, pode significar melhor ou igual fortuna.

Logo após receber a carta, Nicolas Fouquet foi detido e encarcerado por toda a vida, sendo mantido incomunicável. Alguns lhe atribuem a identidade do Máscara de Ferro. Toda sua correspondência foi confiscada por Louis XIV, que a inspecionou pessoalmente. Nos anos que se seguiram o rei procurou obstinadamente obter o original de *Les Bergers d'Arcadie*, de Poussin. Quando finalmente conseguiu, guardou-o em seus aposentos privados, em Versalhes.

Embora de grande qualidade artística, o quadro aparentemente é ingênuo. Três pastores e uma pastora, em primeiro plano, estão reunidos em volta de uma grande e antiga tumba, contemplando a inscrição na pedra envelhecida: ET IN ARCADIA EGO. Comenta-se que no início dos anos 70 uma tumba real foi localizada – idêntica à do quadro em cenário, dimensões, proporções, forma, vegetação e até mesmo nas camadas circulares de rocha em que um dos pastores repousa o pé. A tumba real se localizaria na periferia de uma cidade chamada Arques, a aproximadamente 10 km de Rennes-le-Château e a 5 km do castelo de Blanchefort. Um dos picos no fundo do quadro é, evidentemente, Rennes-le-Château.[359]

358 Wikipedia – Godfried Henschen (1601–1681) jesuíta belga, colaborador de Jean Bolland, fundador da Sociedade dos Bollandistas, cujo objetivo era estudar a vida dos santos.

359 Wikipedia – Et in Arcadia ego locução latina = "Eu (a morte/que morri, também estive/vivi) em Arcádia." Poussin pintou duas versões, a figura 52 é a 2ª versão.

Figura 52: LES BERGERS D'ARCADIE



Rennes-le-chateau-archive.com

“Et in Arcadia” é a representação de Nicolas Poussin da meditação contida no quinto diálogo de Virgílio. Tem sido interpretada das mais diversas maneiras com o correr dos tempos. O termo “arcadiano” tem ganho muitas significações ao longo dos séculos. Os arcadianos eram uma raça nativa dos montes selvagens da Península do Peloponeso, no sul da Grécia. Conta-se que eram “uma tribo mais antiga que a Lua”, datando certamente de um período anterior às invasões dóricas ou do “nascimento de Júpiter”. Isto pode significar que sua história precede à notícia da presença de hebreus na região, de onde é provável que tenha procedido o culto a Júpiter (Jovi, Jueves, Jeová). Por conseguinte, Arcadia remontaria a uma época anterior ao estabelecimento do panteão Olímpico.

Segundo estudiosos, os arcadianos podem ter vivido naquela região há 50 mil anos atrás (vide ano 48 mil a.C.). Popularmente “arcadiano” designa um paraíso do beber e dançar, serenamente pastoral, onde ocorre um verão sem fim. Foi nessa terra sem problemas que os pastores de Poissin encontraram a profunda realidade pela qual todas as coisas devem passar. Neste clima de utópica nostalgia sobreviveu uma filosofia anterior às definições filosóficas sobre “Arcádia”. A única prova desta realidade está num milenar folclore que permeia inúmeras culturas. No mundo arcadiano sobrevivem ainda inúmeras criaturas mitológicas e muitos perigos assustadores. Entre esses, o menor é a morte, pois eternamente habitam, em Arcádia, uma grande população de dríades, náiades, ninfas, faunos, sátiras, cíclopes e deuses menores como Pan ou mesmo Dionisius. Apenas por essas míticas deidades o árido solo de Arcádia se transformou no rico tapete verde das “Metamorfoses” de Ovídio.

A Dissidente Arcádia

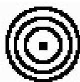
Provavelmente a Arcádia pertença aos indesejáveis atributos expulsos pelos deuses do Olimpo. Representou, talvez, uma dissidência contra a fé estabelecida e mesmo corrompida das deidades do panteão Olímpico, aparentemente limpo e comportado, mas eivado dos desejos e intrigas tão próprios dos humanos como de suas personificações de Deus. A Arcádia clássica pode representar bem a psique humana, contrapondo-se à sua mente e suas emoções. Para lá certamente iriam os banidos deuses menores, indesejáveis no Olimpo, os demônios que, na verdade, representavam apenas as deidades terrestres. Em contrapartida, com os personificados deuses olímpicos ficaram os próprios demônios humanos, muito mais egoístas e trevosos, que geraram a abominada idolatria helênica. Arcádia não era tão comportada como o Olimpo, mas era a própria Natureza, a Augusta Mãe, a casa de Arkas. E, afinal, em nenhum local se encontrou tanta intriga e perfídia como entre os deuses olímpicos. Arcádia bem representa, então, o Olimpo anárquico, sem governo e naturalmente descontrolado, sem caprichos. Lá, Pan vigia seus domínios. Ele afasta os racionais com seus uivos e guinchos, e guarda a porta do santuário como o Guardião do Umbral, o daemon representado por Asmodeos à entrada da capela de Rennes-le-Château (vide ano 1885).

Talvez a pintura de Poussin fosse uma lição maior do que ele próprio concebera. O homem só pode morrer se parar de imaginar. Assim é com Arcádia. Lá não se pode encontrar a morte pois é a fonte da vida. Esta terra árida, não cultivada, espera pelos humanos de livre e limpa consciência para preenchê-la de verdes bosques, numa real metamorfose. Lá os desejos e ambições não podem vingar, pois nenhum ladrão se atreveria a roubar tamanha aridez. Mas este mesmo terreno desocupado, como o subconsciente e o reino da imaginação, é fértil aos que querem se despojar de sua pesada vestimenta corporal e seus paradigmas. Enquanto os doutos procuram a iluminação – intelectual ou iniciática – no cérebro e em seus correlatos, os Iniciados, os que entendem ET IN ARCADIA EGO sem qualquer dúvida, vasculham as profundezas do coração. O cérebro humano abriga o Olimpo, mas este é controlado pelo coração. E o coração é a Arcádia. O cérebro chega, no máximo, à mente. O coração atinge a psique, e a psique é a imaginação superior e criadora, não mental. Arcádia pertence, portanto, aos que estão livres das amarras da mente, e que auscultam seu coração.

Os Hu-mildes de Arcádia

Apesar das inúmeras tentativas de vários estudiosos de compreender o significado de uma frase sem verbo (“E na Arcádia Eu...”), os Iniciados sabem que tal faz parte da primeira afirmação do Postulante quando este descobre sua Individualidade, seu Eu Interior, ou ainda, segundo a concepção hindu, seu *Brahman*. É o primeiro passo para afirmar-se como um Verbo (semelhante àquele que se fez carne), e num estado anterior ao Ser, Estar ou Fazer alguma coisa. Sua simplicidade é desconcertante aos decartistas racionais do ocidente, que insistem em dizer “penso, logo existo“.

Os Iniciados apenas dizem: EU SOU. O **Eu** é a chancela que garante a chegada à Arcádia Interna, que todos temos em nosso coração. ET IN ARCADIA EGO, na ótica matemática e iniciática, passará a ser muito evidente para nós. Já referimo-nos ao coração como o centro de todo o processo iniciático relatado em Elêusis (vide 48000 a.C. e 18000 a.C.). Já vimos também, quando tratamos dos Mistérios de Elêusis, o cálculo das luzes dadas ao Postulante quando no ápice iniciático, a *epopteia*. Vimos como este momento se traduz nas três luzes concretas do Sol (666) ou nos três sóis do número 1000, ☉☉☉ ou:



O coração representa exatamente o centro desta figura, o centro do homem e o centro iniciático esotérico. Em pouca palavras, representa o começo do caminho espiritual, a terceira dinamização homeopática, o terceiro céu, a terceira concentração. Esta é a grande diferença entre os “iniciados” externos ou exotéricos e os internos ou esotéricos. IN ARCADIA EGO reflete justamente este milhar, o verdadeiro hu-milhar, o Milhar dos Humanos, dos Pensadores de Hu (vide ano 12000 a.C.). Outro não poderia ter sido o sentido pretendido por Jesus se tal conselho deu a seus discípulos: o de empequenecer-se, diminuir-se em sua busca do Reino de Deus, ir para dentro de si mesmo e sair da periferia, da devoção que ignora e dirigir-se, pelo Conhecimento que liberta, a Consciência de si mesmo, do Deus que reside, pequenino, em forma atômica, em seu coração. Neste recinto inviolável ninguém a não ser o próprio indivíduo pode penetrar. Para tanto, para descobrir que Com-Si-Em-Si-Há, ele deve ir à sua terceira luz interna, ao centro do centro do centro, ao 1000 ou ao

, e dizer plenamente

NA ARCADIA, EU

IN ARCADIA EGO

ΕΝ ΑΡΚΑΔΙΔ ΕΓΩ

ε ν α ρ κ α δ ι α ε γ ω

5+50+1+100+20+1+4+10+1+5+3+800 = 1000,

ou , a *epopteia*!

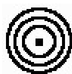
Esta é a grande revelação contida na descrição dos Mistérios de Elêusis, tal como calculamos anteriormente (vide 48000 a.C. e 1800 a.C.). Aquelas revelações complementam-se sintetizam-se no quadro de Nicolas Poussin. A figura feminina do quadro representa a chama encontrada na quarta concentração, nossa própria Consciência. Ela complementa a figura masculina exteriorizada em três corpos densos. Resta, entretanto, a conjunção “E”, ao início da frase original: “ET in Arcadia Ego”. Por que foi colocada na afirmação mística do 1000, do “in Arcadia Ego”?

A *Epopteia* de Arcadia, ou o 1666 do EU SOU

Ao somarmos o equivalente grego de “E” não pareceu-nos, a princípio, que fizesse pleno sentido: somou 1611. Mas quando continuamos a afirmação sefirótica, ou das cifras, calculada, meditada e tanto comentada por todos os que descobriram o Verbo em seu quarto céu, além do 1000, descobrimos o sentido da conjunção “E”. Basta completarmos a sentença conjugando o Verbo iniciático que dá plenitude a afirmação “Et in Arcadia Ego...”. O Verbo, por definição, é “*ser, estar ou fazer alguma coisa*”. Mas antes de estar-se ou fazer-se qualquer coisa, o primeiro atributo do sujeito de uma sentença é... “SER”. A afirmação, o Verbo Primevo, que completa a sentença, é o SER. E temos, então, “E NA ARCÁDIA, EU SOU”, ou, seguindo a sugestão latina dos codificadores da frase original, ET IN ARCADIA EGO SUM. Ao traduzirmos para o grego deveríamos passar o “sou” para seu equivalente, “ειμι”. Entretanto, considerando a antiguidade arcadiana da afirmação adotamos o clássico dialeto ático na conjugação do “sou”. O grego ático é considerado um ramo do iônico. É o dialeto dos grandes filósofos, oradores, poetas e historiadores: Platão, Aristóteles, Demóstenes, Isócrates, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes, Xenofonte e Tucídides. No ático, frequentemente elimina-se o “ι” de ditongos como “αι”e “ει”. Como convém a um cálculo pitagórico, utilizamos não a forma usual para “sou”, “ειμι”, mas o clássico ático “εμι”. Colocando-se, então, o ET IN ARCADIA EGO de Poussin na versão clássica grega do “SOU”, temos a plenitude da sentença iniciática:

E NA ARCADIA, EU SOU
ET IN ARCADIA EGO SUM
ΧΑΙ ΕΝ ΑΡΚΑΔΙΔ ΕΓΩ ΕΜΙ

χ α ι ε ν α ρ κ α δ ι α ε γ ω ε μ ι
600+1+10+5+50+1+100+20+1+4+10+1+5+3+800+5+40+10 = 1666

ou  666, a *epopteia* do MIL!

1666 representa o 666 do quarto céu. Para entender, basta observarmos o símbolo pitagórico/egípcio do 10, Φ ou ⊙. Ele representa o céu para o mundo das Unidades, e o ponto básico para as dezenas, pois 10 é a primeira dezena. Já está fora da compreensão das Unidades. Já é o segundo plano, por assim dizer, o plano das Dezenas. Por analogia, o ◎ representa o céu para as dezenas, o primeiro ponto acima da dimensão das dezenas, cujo mundo de dois algarismos atinge ao máximo de 99. ◎ já representa o terceiro plano, das centenas, o primeiro ponto das chamadas centenas. Já o ◎ diz respeito ao 1000, incompreensível para as centenas, com três algarismos apenas, e base para o mundo dos Milhares. Daí a representação egípcia dos céus concêntricos nesses símbolos. Efetivamente, a ideia de “planos” não é boa, pois não dá a ideia de concentricidade nos corpos ou dimensões. Com os avanços da Física desde o início do século, partindo das teorias de Planck, Einstein e de Broglie, e chegando hoje a conceitos como o dos buracos negros, das sincronicidades e dos universos paralelos, a própria ciência representa essas dimensões tal qual os “céus” egípcios ou hindus. Da mesma forma que os planos das unidades, dezenas e centenas, o ◎ apresenta o plano dos milhares, na verdade o Quarto Plano, onde a *epopteia* 666 ocorre quando o Iniciado encontra-se verdadeiramente em sua Arcádia e diz: EU SOU.

O Eu Sou de Jesus, o Conhecimento e o Coração

Para um iniciado como Jesus, que veio trazer a Lei do Amor, que veio mostrar o caminho do coração, **concretamente**, tais verdades não poderiam passar desapercebidas. Nos Evangelhos, apesar das inúmeras mutilações e distorções, é visível esta realidade iniciática, calcada na Lei de Moisés, a qual Jesus disse que não viera para mudar, mas apenas para dizer: Amai-vos uns aos outros. Certamente, nem Moisés nem Jesus se referiram à simplória interpretação que os clérigos, os donos da religiosidade e das almas, quiseram passar aos devotos. Eles calcaram suas afirmações no Conhecimento, no entendimento profundo e no Cálculo. Não foi outro motivo que levou Moisés a dedicar todo um livro do Pentateuco aos Números. Estas verdades, quiseram esses mestres mostrar, estavam calcadas no **Coração** e no **Conhecimento** (os grifos, evidentemente, são nossos):

> Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu **coração**, com todo a tua alma e com todo o teu **entendimento**. (Mateus 22:37)

E na afirmação seguinte, em que nitidamonto o sentido do Hu-mil é associado por Jesus ao coração. Somente este Jesus iniciático pode ser conciliado com aquele que expulsou os vendilhões do templo, pois este templo externo é uma representação do próprio coração (Mateus 11:29–30):

> Tomai sobre vós meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e assim encontrareis conforto para as vossas almas, pois o meu jugo é suave, e o meu peso é leve.

E o conhecimento do ouro espiritual, o verdadeiro tesouro, associado ao coração, também foi muito bem explícito pelo mestre; da mesma forma, Jesus deixou claro que o Verbo, a palavra dita pelo EU SOU, tem a mesma e única origem, o coração (Lucas 12:34):

> Pois onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

Quanto à má interpretação das Escrituras pelos que não conhecem o caminho do coração, disse Jesus (Lucas 24:25–27):

> "Ó estultos e lentos de coração em crer em tudo o que disseram os profetas! Não tinha o Messias de sofrer essas coisas, e assim entrar na sua glória?" Depois, começando por Moisés e passando por todos os profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, o que lhe dizia respeito.

Olhada da maneira profana, a sentença NA ARCÁDIA EU SOU ainda parece sem sentido, na medida em que pede um Objeto Direto. Vista iniciaticamente, entretanto, adquire outra conotação. É a afirmação do Verbo, de alguém que se incorporou à Palavra, pronunciando-a, evidentemente, no Coração, no centro mostrado pelos círculos concêntricos. Por esta razão Jesus disse, na sinagoga e teve de fugir para não ser apedrejado (João 8:58):

> Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, eu sou.

Estava longe de ser uma pretensão individual. Era apenas uma afirmação que todo iniciado tem que dizer, um dia, plenamente em seu templo interno. Por isso Jesus pronunciou-a no Templo externo, assim como Abraão e todos que o precederam.

A Palavra Sagrada no Coração de Rá

Quando no Gênesis referiu-se ao *Princípio* como o *Verbo*, foi indicada a Sagrada Palavra como o Princípio que, uma vez pronunciado, exerceria a faculdade criativa. Jesus frequentemente referiu-se à sacralidade desta palavra pronunciada no coração:

> O homem de bem, **do bom tesouro do seu coração**, tira coisas boas; e o mau, do mau tesouro, tira coisas más; pois **daquilo de que está cheio o coração é que a boca fala**. (Lucas 6:45)
>
> Este é o sentido da parábola: a **semente** é a **palavra** de Deus. Os grãos caídos à beira do caminho simbolizam aqueles que ouviram; em seguida, vem o diabo e tira-lhes a palavra do coração, para que não venham a crer e se salvem. (Lucas 8:11–12)

Esta palavra vivificadora, associada ao coração, era conhecida desde os egípcios (os grifos são nossos):

> No *Livro do* ***Conhecimento*** *das Gerações de Rá* é afirmado que o deus existia por si mesmo no oceano primevo **apenas em nome**. De alguma maneira **não descrita**, pelo uso da *heka* ou magia, ele **trabalhou em seu coração** e, então, tornou-se um **Ser**, ao qual os egípcios conheceram por Khepera ou Rá. Que o deus existia por meio de **seu nome apenas** é provado pela bem conhecida lenda na qual o deus revela o **nome secreto** a Ísis, que rogou-lhe conhecê-lo para que ela pudesse reger todo o mundo. Através de seu conhecimento de magia, Ísis pôde construir um réptil venenoso e fazê-lo picar o deus com tão terrível efeito que ele quase morreu. Quando a morte começou a se refletir em sua face, ele revelou seu nome secreto a Ísis, e ela recitou uma palavra para curá-lo. Assim Ísis se aprimorou na arte da Magia Negra assim como da Branca. A idéia de um deus existindo em nome somente é também encontrada na literatura Etíope, e alguns escritores nativos foram tão longe que afirmaram que as Três Pessoas da **Trindade** primeiro existiram **em nome somente**, no oceano primevo, e que sua existência é mantida pelo uso de palavras de poder, i.e., magia.
>
> (Wallis Budge, *Amulets and Superstitions*, pp. xix-xx)

A Luz do Coração, por Ramana Maharshi

Este Coração, este Cárdio ou Arcádia é de difícil entendimento mesmo para aqueles afeitos a grandes "meditações". Custa-se a retirar o postulante das concentrações na Mente, no Terceiro Olho, no Kundalini, ou na Pituitária, pois todos os lugares são experimentados, exceto o coração. Deixaremos um pouco a palavra a Ramana Maharshi, ao qual Jung se referiu como "*um verdadeiro filho do solo indiano. Ele é autêntico e, além disso, um verdadeiro fenômeno. Na Índia. é considerado o ponto mais imaculado na brancura dos céus*." Aos dezesseis anos, atingiu a profunda e individual conjugação de seu EU SOU, sem qualquer guru, apenas perguntando-se interna e sinceramente quem ele era. Seu método é único numa plêiade de técnicas e filosofias que mais desviam que conduzem os postulantes à Verdade (os grifos são nossos):

> O **Eu superior** é o **Coração**, que ilumina a si próprio. A **iluminação surge do Coração e alcança o cérebro**, sede da mente. O mundo é visto com a mente; assim, você vê o mundo através da **luz refletida** do Eu superior. O mundo é percebido por um ato da mente. Quando a mente é iluminada, ela toma consciência do mundo; **quando não é tão ilummada, ela não tem essa consciência**. Se a mente se volta para o interior, para a Fonte da Iluminação, o conhecimento objetivo cessa e apenas o **Eu superior brilha como o Coração**. A lua brilha refletindo a luz do sol. Quando o sol se põe, a

> lua mostra os objetos. Quando o sol nasce, ninguém precisa da lua, embora seu disco seja visível no céu. Assim acontece com a mente e o Coração. A mente torna-se útil por sua luz refletida. Ela é usada para que se tornem visíveis os objetos. Quando torna ao interior, ela se funde na Fonte de Iluminação, que brilha por si mesma, e, então, a mente é como a luz durante o dia. Quando está escuro, é necessária a lâmpada que fornece luz. Mas quando o sol nasce, não há mais necessidade da lâmpada; os objetos são visíveis. E para enxergar o sol não é preciso luz artificial; basta voltar os olhos em direção ao astro luminoso. O mesmo acontece com a mente; **para enxergar os objetos, são necessárias as luzes refletidas da mente. Para divisar o Coração, basta voltar a mente para ele**. Então a mente perde a importância e o **coração torna-se fulgurante**.
>
> (Ramana Maharshi, *Ensinamentos Espirituais*, Cultrix, S. Paulo, pp. 71-72)

Esse coração fulgurante já vimos quando tratamos do Sagrado Coração de Jesus. Este é o único e profundo sentido do Coração tão mencionado por Jesus e pelos Antigos, tal qual Sri Maharshi explicitou-nos. Esta é a verdadeira e profunda Arca da Aliança que nos foi legada, a Arca de nosso Coração, nossa Arcádia.

O Resgate da Alma pela Chama Trina

Se em algum lugar Arcádia sempre permaneceu intacta, imaculada, foi no Tabernáculo Universal, o Centro da Roda da manifestação humana: o Coração. Ali os verdadeiros HU-MILdes se encontram, sem humilharem-se como desejam os poderosos, mas dando a verdadeira face espiritual, serena, profunda e divina. Ali reina, absoluta, a voz de nossa própria consciência. Ali acende-se nosso candelabro de três braços, nossa chama trina, nosso Mil ou o 300, a correspondente letra hebraica, o Shin:



Essas três luzes acesas, na letra hebraica que mede o 300, refletem o MIL daquele que se aproximou de Deus, da Consciência de Um Dia, pois 1+2+...+**24**=**300**. Esse Deus é o Deus de Luz, de Amor e de Verdade. Não o do temor, próprio apenas aos que não o conhecem. Para compreendê-lo, é mister que se acendam estas três luzes superiores. Elas fogem à simples Retórica, Gramática ou Lógica. Elas transcendem para a elevação da própria Alma. Essas três luzes, acesas no universo do ◎, perfazem o 1**666**.

Já tivemos a oportunidade de mostrar como esta ARCÁDIA, esta ARCA de DEUS identifica-se com nosso coração. Procuramos, como vimos em 48.000 a.C. e 1800 a.C., analisar as iniciações, as origens dos números, das letras e do próprio homem, reproduzindo com a maior clareza possível parte dessas chamas iniciáticas, desses mundos até então completamente inefáveis. Os antigos não cansaram de nos lembrar o final desta longa jornada terrestre: o resgate de nossa Alma. Para quem recebeu, no Zoóforo ou Zodíaco, um corpo material, seu trabalho não estaria completo se não resgatasse a parte superior (*Al*) desta matéria (*ma*). Este trabalho de elevação da consciência num nível mais baixo para um degrau mais elevado ocorre desde a ingestão dos alimentos. Ao sutilizarmos formas mais densas de matéria em energia vital, podemos canalizar estas energias para o Alto. Aumentando a consciência, estamos erguendo a matéria, resgatando nossa Alma e de todo o conjunto que nos cerca. Foi esta a experiência, intensificada num laboratório alquímico, que nos descreveu Fludd anteriormente (vide 1617 d.C.). Trata-se

de um dos pontos mais elevados em todas as Iniciações, praticamente desconhecido e quase não abordado, exceto pela repetitiva retórica. Para nós, após o exposto até aqui, seria um coroamento citar algumas dessas verdades contidas nos milenares *Oráculos Caldeus*. Neles os maçons poderão encontrar um significado mais profundo da palavra que, uma vez perdida, deixou órfãos aos filhos da viúva. Mas enganam-se os que pensam ser este um problema exclusivamente maçônico. A Palavra de Deus perdeu-se nas mentes dos intelectuais, dos materialistas, dos sacerdotes e dos devotos em todas as religiões e em todos os povos. Não temos a pretensão de calculá-la ou tampouco saber a verdade. Ao contrário, admitimos nossa total insignificância de conceitos e religiosidade perto do pouco que conseguimos vislumbrar da Sabedoria Antiga. Nos fragmentos caldeus que se seguem, podemos agora olhar com outros olhos esses milenares ensinamentos. Grifamos particularmente as partes que se referem às chamas da Inteligência, à Concentração, à Unidade ou Mônada e à Tríade no mais profundo sentido, e as referências à Palavra Sagrada, ao profundo resgate da Alma e – corolário inevitável – ao Deus Pai, não rancoroso, mas sábio e inteligível:

1 Há uma realidade inteligível que deves compreender pela flor do intelecto, pois se inclinas até ela teu intelecto e tratas de concebê-la como um objeto determinado, não a compreenderás, já que é como a potência de uma espada resplandecente que ilumina com cortes intelectivos. Não se deve, portanto, conceber a este Inteligível com veemência, senão <u>pela chama alargada de um intelecto estendido que tudo mede, salvo a este Inteligível</u>. Por isto, o que necessita não é concebê-lo com obstinação, senão, apartando o olhar puro de tua Alma, voltar até o Inteligível um intelecto vazio (Nota do Tradutor: Quer dizer, a expressão grega refere-se a um pensamento INTERIOR, mentalmente não discriminado), até que aprendas a conhecer o Inteligível, posto que está fora do Intelecto (Nota do Tradutor: o inteligível, então, não é conhecimento propriamente dito. É pura imanência divina. É o conhecer sem tensões cognitivas). **2** Equipado de corpo inteiro com a força de uma luz muito viva <u>e armado em intelecto e alma com uma espada de três pontas</u>, arroja em tua inteligência o signo total da tríade, <u>e não frequentes os canais de fogo dispersamente, senão com concentração</u>. **3** ...o Pai se subtraiu, sem encerrar em sua Potência intelectiva o Fogo próprio. **4** Pois a Potência está com Ele, porém o intelecto procede d'Ele. **5** ...Pois o Primeiro, Fogo transcendente, não encerra sua Potência na matéria por suas operações, senão por causa do Intelecto. Porque o artesão do cosmos ígneo é um intelecto de Intelecto. **6** Pois, como uma membrana intelectiva cingida por baixo, (Hécate) separa a um fogo primeiro e um fogo segundo que anseiam mesclar-se. **7** Pois o Pai concluiu todas as coisas e as entregou ao Intelecto segundo, ao que vós chamais primeiro, na medida em que pertenceis à raça humana. **8** ...Junto a Ele reside a díada, posto que ela tem duas funções, reter os inteligíveis no Intelecto, porém introduzir a sensação nos mundos. **9** * **10** ...Todas as coisas, tanto quanto engendradas, pertencem a um Fogo único. **11** A que compreende ao Bem mesmo, é onde se encontra a mônada paterna. **12** É uma mônada extensa, e engendra dois. **13** Pois do princípio paterno nada imperfeito corre rapidamente. **14** <u>O Pai não inspira temor, senão que infunde persuasão</u>. **15** <u>Aqueles que não sabem que qualquer deus é bom. Ah, desgraçados, modera-os</u>! (...) **17** ...Para quem compreende, é alimento o Inteligível. (...) **19** Todo intelecto concebe a este Deus... **20** Pois o Intelecto não existe com independência do inteligível, nem o inteligível existe aparte do Intelecto. **20bis** O Pai é um Inteligível que tem em si mesmo o que concebe.

21 ...Pois é todas as coisas, porém inteligivelmente. **22** Pois o Intelecto paterno disse que todas as coisas fossem divididas em três, governando-as todas pelo Intelecto do sempre [primeiríssimo Pai]; todavia não havia indicado sua vontade com um signo de cabeça, e já se encontravam divididas todas as coisas. **23** Para que uma tríade tenha em si todas as coisas, medindo-as todas. **24** (Dividindo a continuidade) em princípio, fim e meio, segundo a ordem que corresponde à necessidade. (...) **27** Pois no mundo resplandece uma tríade, à qual governa uma mônada. **28** Porque todas as coisas estão semeadas no seio desta tríade. **29** Porque a partir desta tríade o Pai mesclou todo o sopro vital. **30** Fonte das fontes, matriz que contém todas as coisas. (...) **108** Porque o Intelecto paterno, que pensa os inteligíveis, semeou símbolos através do mundo. Também se lhes chama belezas indizíveis. **109** Porém o Intelecto paterno não recebe a vontade daquela (da alma), até que não tenha escapado do ouvido e tenha pronunciado uma palavra, que a ponha em recordação do signo paterno puro. **110** Busca o conduto anímico, desde onde, trabalhando mediante determinado pagamento quotidiano para o corpo, a alma tenha baixado em uma certa ordem e, como a elevarás de novo em sua ordem, quando unires a ação à palavra sagrada. **111** Apressando-te até o centro de luz muito viva. **112** Abra-se, profundidade imortal da alma! Tende tu, sem reservas, até o alto todos os teus olhos! **113** É necessário que quem seja um mortal com possibilidade do pensar levante a cabeça da alma, para que não se choque com a terra desafortunada, mas que se salve. **114** ...submergida pelas paixões violentas da terra. **115** É necessário que te apresses até a luz e até os esplendores do Pai, desde onde te foi enviada a alma vestida com um intelecto múltiplo. **116** Porque as coisas divinas não são acessíveis aos mortais que pensam segundo o corpo, mas sim a quantos, desnudos, se apressam até as alturas. **117** Salvos por sua própria força... **118** A alguns foi concedido compreender, pelo estudo, o símbolo da luz; a outros, inclusive enquanto dormem, os tem feito frutificar com seu poder. **119** ...poder que une a Deus. **120** ...veículo sutil da alma. **121** Porque o mortal que se aproximou do fogo terá luz de Deus. **122** Fazendo brilhar a alma pelo fogo... **123** ...aligeirando (a alma) pelo pneuma cálido... **124** Aqueles que impulsionam a alma tomando alento são fáceis de soltar. **125** ...luzes fáceis de serem liberadas.
(*Oráculos Caldeos*, trad. Francisco G. Bazán, Ed. Gredos, Madrid, 1991, pp. 55-64)

1660 – Data em torno da qual pode ter nascido o Conde Saint-Germain, segundo ele próprio em Jerusalém. Esta data advém do fato de que, em 1710, há registros de sua estada em Veneza com a aparência de 50 anos. Segundo ele próprio, em 1760 não seria impossível que tivesse 100 anos de idade. Na verdade, dada a dificuldade de determinar sua idade nas várias aparições testemunhadas, seu nascimento pode ter se dado bem antes disso. (vide 1710)

1663 – Cai Coulão [em 1661] das mãos portuguesas, nas Índias.

1666 – Newton (23) inventa o cálculo diferencial e integral, fazendo descobertas fundamentais sobre a natureza da luz e lançando os fundamentos da Teoria da Gravidade. Segundo o próprio Newton:

E, no mesmo ano (1666) comecei a pensar que a gravidade se estenderia até a órbita da Lua..., deduzi que as forças que conservam os planetas em suas órbitas deveriam [variar] reciprocamente com os quadrados de suas distâncias aos centros em redor dos quais giram e, então, comparei a força requerida para manter a Lua em sua órbita com a força de gravidade na superfície da Terra e encontrei que resultavam quase exatas.
(Resnick-Halliday, *Física – Parte 1*, Ao Livro Técnico, Rio, 1970, p. 406)

1667 – Assume o papa Clemente IX [Giulio Rospigliosi], até 1669.
1670 – Assume o papa Clemente X [Emilio Bonaventura Altieri], até 1676.
1676 – Assume o papa Inocêncio XI [Benedetto Odescalchi], até 1689.

1682 – Aparecimento do cometa Halley. Passou a ser assim chamado a partir desta passagem, pela descoberta de seu ciclo por Halley.

1682, 10 de março – Do diário de Elias Ashmole (vide também ano 1646):

> Por volta das 5 horas da tarde, recebo uma convoção para me apresentar a uma Loja que deve reunir-se no dia seguinte em Mason's Hall, em Londres. Consequentemente compareci à reunião e, por volta do meio-dia, foram admitidos na Fraternidade dos Maçons: Sir William Wilson, Cavaleiro, o Capitão Rich. Bortwick, M. Will Woodman, M. Wim-Grey, M. Samuel Taylour e M. William Wise. Eu era o decano dos Companheiros presentes (pois já faz trinta anos que fui admitido). Estavam presentes ao meu lado os Companheiros a seguir relacionados: M. Tho Wise, Mestre da Companhia dos Maçons para o ano corrente, M Thomas Shorthose, M. William Hamon, M. John Thompson e M. William Stanton. Fomos todos almoçar na taverna da Meia-Lua em Cheapside, reunidos num banquete solene, cujas despesas correram por conta dos novos maçons aceitos.

> Este texto é importante por mais de uma razão. Inicialmente refuta a asserção dos historiadores maçons que, por falta de referência aos textos, pretendem que Ashmole tenha sido um maçon pouco assíduo. Ora, vemos que recebeu uma convocação para uma reunião da Loja no dia 11 de março de 1682; é pouco provável que lhe tivessem enviado essa convocação se comparecesse de maneira irregular a essas reuniões. Por outro lado, ele mesmo nos diz que era o decano dos Companheiros presentes, o que prova que conhecia perfeitamente os Irmãos que compunham a Loja e também que até então não havia senão Companheiros, o que desmente a asserção (...) de Daruty, segundo a qual o Grau de Mestre foi instituído em 1630, após a morte de Carlos I (1649). Não se compreende, a ser verdade o que diz Daruty, por que um homem tão ilustre como Ashmole e sobretudo tão antigo maçon não trouxesse o título de Mestre em 1682, após 35 anos de Maçonaria. (Jean Palou, op. cit., pp. 44-45)

1683, 13 de março – Nasce Jean-Théophile Désaguliers (1683–1744), em Rochelle, filho de um pastor da comunidade de Aytré, subúrbio de Rochelle. Fez seus estudos em Oxford, onde sucedeu seu mestre, o Dr. Keill, na cátedra de Filosofia experimental em 1712.

1684 – Nasce Anderson, em Aberdeen, na Escócia.

1686, 9 de julho – Nasce, em Ayr, na Escócia, Andrew Michael Ramsay[360] (1686–1743), filho de pai protestante e mãe anglicana. Uma tradição muito incerta quer que seu pai tenha sido padeiro. Fez seus estudos em Ayr e depois em Edimburg. Ainda muito jovem, tornou-se preceptor dos filhos do Conde de Wemyss, permanecendo nesta função até 1706.

1687 – Newton publica seu *Principia Mathematica*, instigado por Halley. Ele levou 21 anos para publicar suas teorias da gravitação, provavelmente por temor de mais críticas que tivera quando publicara sua *Teoria da Luz e das Cores*. Numa carta a Robert Hooke, é celebre sua afirmação: "*Se eu vejo mais longe* (que você) *é porque subi sobre ombros de gigantes*." Estes gigantes são entendidos geralmente por Kepler e Galileu. O mais provável é que Newton se referisse a Iniciados dos quais era seguidor em seu trabalho, a ser verdade a indicação dos *Documentos do Monastério*, citados por Baigent, Leigh e Lincoln

360 Wikipedia – Andrew Michael Ramsay "Chevalier Ramsay" viveu na França após 1710.

no *Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, segundo a qual Newton assumiu o cargo de grão-mestre do Monastério [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion. Como lembram os autores, o próprio Newton insistia em dizer que era descendente de uma antiga nobreza da Escócia. Ninguém, todavia, parecia levar isto muito a sério.

1688, março – Firmado o acordo entre a avó do futuro Conde de Saint-Germain – que ficara viúva após seu marido, o príncipe Francis Rakoczi, perder sua vida na tentativa desesperada de manter sua liberdade – e o imperador da Áustria, entregando suas propriedades e seus filhos à tutela do imperador. Quando o príncipe Rakoczi morreu, sua viúva e filhos – entre os quais o futuro pai de Saint-Germain, Francis Leopold Rakoczi – foram sequestrados pelo imperador austríaco, sendo o pai de Saint-Germain então criado na Corte de Viena. A princesa viúva (que depois se casou de novo com o Graf Tékéli) foi obrigada a entregar os filhos com suas propriedades ao imperador, que se tornou seu guardião e responsável por sua educação. Quando o príncipe Francis alcançou a idade legal, suas propriedades foram devolvidas, mas com muitas limitações. (Isabel Cooper-Oakley, *Conde Saint-Germain*, Ed. Mercuryo, S. Paulo, 1990, p. 22)

1689 – Assume o papa Alexandre VIII [Pietro Vito Ottoboni], até 1691.

> [Newton inicia] o que considerava um de seus mais importantes trabalhos, um estudo das monarquias antigas, denominado *A cronologia corrigida dos antigos reinos*. Tentou estabelecer nesse texto as origens da instituição monárquica, bem como a supremacia de Israel sobre outras culturas da Antiguidade. Segundo Newton, o judaísmo antigo foi o repositório do conhecimento divino, depois diluído, corrompido e em grande parte perdido. Entretanto, ele acreditava que uma parte desse conhecimento havia sido filtrada até Pitágoras, cuja '*música das esferas*' ele considerava uma metáfora para a lei da gravidade.
>
> Em sua tentativa de formular uma metodologia científica precisa para datar os eventos das Escrituras e da mitologia clássica, empregou a busca do Tosão de Ouro, de Jasão, como evento-pivô; e do mesmo modo que os escritores maçônicos e esotéricos, interpretou aquela busca como uma metáfora da alquimia. Também se empenhou em discernir '*correspondências*' herméticas, ou correlações, entre música e arquitetura. E, como muitos maçons, atribuiu grande importância à configuração e às dimensões do Templo de Salomão. Acreditava que as dimensões e a configuração do Templo ocultavam fórmulas de alquimia, e que as cerimônias antigas no Templo também envolviam processos alquímicos. (...)
>
> Tais preocupações por parte de Newton foram uma revelação para nós. Elas certamente não coadunavam com sua imagem como ela foi promulgada em nosso século, a imagem do cientista que estabeleceu, de uma vez por todas, a separação entre a filosofia natural e a teologia. Entretanto Newton, mais que qualquer outro cientista de sua época, mergulhou em textos herméticos e refletiu a tradição hermética em suas próprias atitudes. Como uma pessoa profundamente religiosa, ele era obcecado pela procura de uma unidade divina e uma rede de correspondências inerentes na natureza. Esta procura o levou a uma exploração da geometria e da numerologia sagradas, num estudo das propriedades intrínsecas da forma e do número. Em virtude de sua associação com Boyle, ele foi também um alquimista praticante, atribuindo grande importância ao trabalho na alquimia. Além de cópias pessoalmente anotadas dos manifestos rosacruzes, sua biblioteca incluía mais de cem trabalhos de alquimia. Um destes, um volume de Nicolas Flamel, havia sido laboriosamente copiado à

mão por ele. A preocupação de Newton com a alquimia continuou durante toda sua vida. Mantinha uma correspondência volumosa e enigmática sobre o assunto com Boyle, Locke, Fatio de Duillier e outros. Uma de suas cartas continha até algumas palavras-chave suprimidas. (...)

Embora silenciosamente, ele [Newton] era hostil à idéia da Trindade. Também repudiava o deísmo da época, que reduzia o cosmo a uma vasta máquina mecânica construída por um engenheiro celestial. Questionava a divindade de Jesus e colecionava avidamente todos os manuscritos sobre o assunto. Duvidava da autenticidade completa do Novo Testamento, acreditando que algumas passagens fossem distorções datadas do século V. Profundamente ligado com algumas das antigas heresias gnósticas, escreveu um estudo sobre elas. (...)

Incentivado por Fatio de Duillier, Newton também demonstrou uma simpatia surpreendente pelos camisardos, (...) que começaram a aparecer em Londres um pouco antes de 1705. Assim chamados por causa de suas túnicas, os camisardos, assim como os cátaros antes deles, tinham surgido no sul da França. Como os cátaros, se opunham veementemente a Roma e enfatizavam a supremacia da gnose, ou *conhecimento* direto, sobre a fé. Como os cátaros, também questionavam a divindade de Jesus. E, como os cátaros, haviam sido brutalmente suprimidos pela força militar – ou seja, pela Cruzada Albigense. Expulsos do Languedoc, os hereges encontraram refúgio em Genebra e em Londres. Algumas semanas antes de sua morte, Newton, ajudado por amigos, queimou sistematicamente várias caixas contendo manuscritos e papéis pessoais. Seus contemporâneos observaram com surpresa que ele não solicitou os últimos rituais religiosos quando se encontrava em seu leito de morte.
(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 366-367)

Os cientificistas jamais poderiam compreender que um gênio da ciência ao mesmo tempo se interessasse dessa maneira, e cientificamente, pela espiritualidade.

Mas o trabalho que Newton, velho e famoso, acabara de concluir – um dos tantos aos quais dedicou boa parte de sua vida e ao qual atribuía tanta importância – nada tinha a ver com a ciência. Era um *Tratado sobre a Topografia do Inferno*. Lá estavam deduzidos tamanho, volume e comprimento dos círculos infernais, sua profundidade e outras medidas. Essa prodigiosa mente científica envolvia-se também num misticismo sombrio e extravagante, que atribuía ao inferno uma realidade física igual à deste mundo. Newton, entretanto, era acima de tudo um tímido, e poucos souberam dessa obra, que só nos anos vinte começou a ser divulgada. (*Os Cientistas*, Abril Cultural, S. Paulo, 1972, pp. 149-150).

Sua família ocultou ao máximo o interesse de seu brilhante antepassado, por julgar que sua imagem poderia ser manchada pelo obscurantismo dos meios intelectuais.

1691 – Segundo os *Documentos do Monastério*, Isaac Newton assume, neste ano, como *Nautonnier* (Navegador) ou grão-mestre da Ordem [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion, até 1727 (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 97). Como *Nautonnier* podemos compreender porque Newton centrara sua busca de uma metodologia científica para datar os eventos das Escrituras e da mitologia clássica na lenda de Jasão, o Argonauta, ou o *Nautonnier* de Argos, da Arca. (vide anos 12.000 a.C. e 1689 d.C.)

Assume o papa Inocêncio XII [Antonio Pignatelli], até 1700.

1694 – O príncipe Francis Rakoczi, pai do futuro conde Saint-Germain, casa-se em Köln-am-Rhein com Charlotte Amalia, filha do Landgraf Karl von Hesse-Whanfried (da linhagem de Rheinfels). Desse casamento nasceram três filhos: Joseph, George e Charlotte. Quase imediatamente após este período o príncipe Rakoczi começou a liderar conspirações de seus nobres contra o Império Austríaco visando recuperar seu poder independente. (...) O príncipe foi derrotado e todas as suas propriedades foram confiscadas. Os filhos tiveram de abandonar o nome Rakoczi e adotar os títulos de St. Carlo e St. Elizabeth. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 22)

1697 – Ano mais provável (seguindo as evidências históricas oficiais) do nascimento do Conde de Saint-Germain, como filho do casal Rakoczi. Na verdade, como veremos, já em 1710 (vide adiante) temos registro da longa passagem de Saint-Germain por Veneza, então com aparência de 45 anos. Na verdade, veremos que seu nascimento deve ter se dado muitos anos antes, talvez 50 ou 100 anos antes de 1710, dada sua longevidade. Sua ligação como filho dos Rakoczi, na verdade, é incerta, pois estes oficialmente tiveram dois filhos homens e uma mulher. Talvez sua presença na genealogia Rakoczi tenha se dado por adoção especial.

Segundo Oakley, citando Georg Hezekiel em sua obra *Abenteuerliche Gesellen* (i., 45, Berlim, 1862), o príncipe Franz-Leopold Rakoczi e a princesa Charlotte Amalia de Hesse-Whanfried tiveram dois filhos do casamento de 1694. Ambos foram feitos prisioneiros pelos austríacos e criados como católicos romanos, sendo obrigados a abandonar o terrível nome Rakoczi. O filho mais velho passou a se chamar Marquês de San Carlo, e escapou de Viena em 1734, ano em que morreu seu pai em Rodosto, na Turquia, sendo sepultado em Smyrna. Este filho mais velho deu continuidade à luta do pai, recebendo na Turquia a pensão a que o pai tinha direito e reconhecido como Príncipe de Siebenbrgen (Transilvânia). Foi derrotado pelo príncipe Ferdinand de Lobkowitz, morrendo na Turquia. O outro filho ao que parece teve boas relações com a Corte austríaca. (Isabel Cooper-Oakley, *Conde Saint-Germain*, pp. 22-23)

No testamento do príncipe Franz-Leopold Racokzi são mencionados ambos os filhos já citados além de um terceiro filho. Esse filho, segundo o príncipe Charles de Hesse, foi entregue aos cuidados do último dos Medici. Louis XIV, da França, segundo o mesmo testamento, comprou para o príncipe Rakoczi terras da rainha Maria, da Polônia. Os lucros com o arrendamento destas terras foram investidos por ordem do rei da França no Hotel de Ville de Paris. Aqui vemos consideráveis heranças deixadas ao nosso místico, o que explica sua nobreza e riqueza ao contrário das opiniões de charlatanice que lhe atribuem autores ignorantes da história. Os executores deste testamento foram o duque de Bourbon, o duque de Maine e o conde de Charleroi e Toulouse, a quem o príncipe Rakoczi pôs aos cuidados seu terceiro filho. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 23)

SÉCULO XVIII d.C.

1700 – Assume o papa Clemente XI [Giovanni Francesco Albani], até 1721.

Thomas Hyde, professor de Oxford e o maior orientalista europeu da época, faz a primeira tentativa sistemática de restaurar a história persa a partir de documentos autênticos. Apesar dos documentos serem mais modernos, vindos dos *parsis* hindus, seu livro foi o primeiro documento completo sobre o parsismo. Ele faz um caloroso apelo aos viajantes que se dirigiram àquela região da Índia que procuram a qualquer preço os livros sagrados dos *parsis*.

1703 – A Loja londrina *Antiguidade*, mais ou menos com vistas a perpetuar os Mistérios Maçônicos em vistas de se perderem, ou talvez por uma feliz inspiração, toma uma decisão que produziu os mais felizes resultados. Segundo Preston, que foi Mestre e Venerável da Loja, do qual extraímos este fato ignorado de quase todos os maçons dos dois mundos, a Loja Antiguidade ordenou que '*de hoje em diante os privilégios da Maçonaria não seriam mais a prerrogativa exclusiva dos Maçons Construtores, e que os homens de todas as profissões seriam chamados a gozar dela, contanto que tivessem sido regularmente aprovados e iniciados na Ordem*'. Essa sábia deliberação, que constitui uma verdadeira reforma na Maçonaria, fez entrar na Ordem as pessoas da mais alta distinção e particularmente os literatos e sábios, que, tornados zelosos partidários, vieram a ser os mais infatigáveis propagadores da Ordem. Dado esse primeiro passo, a Loja *Antiguidade* ajuntou outras inovações não menos interessantes: renunciou totalmente ao abjeto material da antiga Fraternidade e modificou todas as suas formas e cerimônias para seu uso interno. Tal foi a origem do *Rito Moderno Inglês*. Depois desta época notável a Ordem Maçônica tem sido florescente na Inglaterra, dali estendendo-se para todo o planeta.

(*Bibliotheca Maçonnica ou Instrucção Completa do Franc-Maçon*, op. cit., tomo 1, pp. 68-69)

1706 – Ramsay viaja à Holanda, onde conhece o Pastor Pierre Poiret (1646–1719), que editou as obras de Mme Guyon e de Antoinette Bourignon. A influência de Poiret devia ter sido considerável em toda Europa à época, como um teósofo bastante original criador de um amplo sistema contemplando o quadro da Criação, da Queda e da Redenção do mundo.

(Jean Palou, op. cit., p. 66)

1709 – Ramsay está em Cambrai [França], ao lado do arcebispo Fénelon, que o batiza e do qual se tornará secretário. Mais tarde Ramsay será seu executor testamentário, atestando a confiança do arcebispo em Ramsay. Segundo Lesueur, em *Histoire de la Franc-Maçonnerie artésienne*, p. 233:

Fénelon parece ter sido um muito ativo maçon. Segundo Ramsay, Fénelon fundou a *Parfaite Union de Valenciennes*, fundada pela Grande Loja da Inglaterra em 1º de julho de 1733, cujo nome deve-se a Fénelon. Fénelon era venerado em Artois e suas ideias tinham alcançado ali um sucesso tão rápido quanto duradouro. Durante esse período a Maçonaria artesanal parece claramente dominada por sua influência.

(Jean Palou, op. cit., pp. 66-67)

1710 – Segundo o barão de Gleichen, em sua obra *Souvenirs*, editada em Paris em 1868:

Ouvi Rameau e um velho parente de um embaixador francês em Veneza afirmando terem conhecido M. De Saint-Germain em 1710, quando tinha a aparência de um homem de 50 anos de idade.

(Isabel Cooper-Oakley, *Conde Saint-Germain*, p. 18)

Registro da presença de Saint-Germain em Veneza. Vejamos este relato de cerca de 1750, na corte de Louis XV, na França:

> A velha Condessa von Georgy, que havia acompanhado o marido 50 anos antes a Veneza, onde ele fora nomeado embaixador, encontrou-se mais tarde com St. Germain em casa de Mme De Pompadour. Durante algum tempo ela observou o estranho, demonstrando grande surpresa, além de um certo medo. Por fim, incapaz de controlar sua emoção, ela procurou o conde mais por curiosidade que medo.
>
> – O senhor poderia por gentileza me responder – perguntou a Condessa – se o seu pai esteve em Veneza no ano de 1710?
>
> – Não, Madame. – respondeu o Conde, despreocupado – Perdi meu pai muito antes disso. Mesmo eu morei em Veneza do final do século passado até o princípio deste. Tive então a honra de visitá-la e a senhora foi muito gentil em admirar algumas Barcarolas de minha composição que costumávamos cantar juntos.
>
> – Perdão, mas isso é impossível. O Conde de St. Germain que conheci tinha pelo menos 45 anos de idade e o senhor, pelas aparências, tem essa idade agora.
>
> – Madame – respondou o Conde sorrindo – sou bastante velho.
>
> – Mas então deve ter quase 100 anos de idade.
>
> – Isso não é impossível.
>
> Então o Conde de Saint-Germain lembrou Mme Von Georgy de vários detalhes familiares a ambos, que faziam referência à sua estada em Veneza. Se ela ainda duvidasse, ele se oferecia a trazer de volta a lembrança certas circunstâncias e observações que...
>
> – Não, não! – interrompeu a velha embaixatriz, já estou convencida. Por tudo isso vejo que o senhor é um homem extraordinário. Um diabo.
>
> – Tenha piedade! – exclamou St. Germain em um grito – Não diga este nome!
> Ele parecia tomado de um incontrolado tremor em todos os membros e deixou o aposento no mesmo instante.
>
> (extraído das *Chroniques de l'Oeuil de Boeuf*, anotações feitas pela Condessa von B., depois de perder o marido..., citado em Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 31)

1710 – Registro da estada de Saint-Germain na Holanda. De 1710 a 1822 Saint-Germain, seguindo prática comum entre pessoas importantes na época, apresentou-se com vários nomes.

> No entanto, isto não deve ter feito o público (da época) deixar de apreciá-lo, pois parece ter sido prática comum das pessoas de posição que não queriam atrair a curiosidade popular. (...) Quase todos os membros das famílias reais em todos os países, no século passado, e mesmo no princípio do atual, valeram-se da mesma prática. Mas, quando Saint-Germain fez isso, todos os pequenos escritores tanto daquela época quanto os que vieram mais tarde o chamaram de aventureiro e charlatão por uma coisa que, segundo tudo indica, era prática comum naquele tempo. (...) Durante essa época temos St. Germain como o Marquês de Montferrat, Conde Bellamarre ou Aymar em Veneza, Chevalier Schoening em Pisa, Chevalier Weldon em Milão e Leipzig, Conde Soltikoff em Gênova e Leghorn, Graf Tzarogy em Schwalbach e Triesdorf, Príncipe Rakoczi em Dresden e Conde de Saint-Germain em Paris, Haia, Londres e São Petersburgo. Sem dúvida todas estas mudanças deram oportunidade e muito material para as especulações mais curiosas. (...)

Aqui devem se encaixar bem algumas palavras sobre sua aparência pessoal e educação. De um autor contemporâneo temos a seguinte descrição:

> Parece ter cerca de 50 anos, não é gordo nem magro, tem uma fina fisionomia intelectual, veste-se com simplicidade mas com bom gosto, usa os melhores brilhantes em sua caixa de tabaco, no relógio e nas fivelas. A maior parte do mistério que o envolve deve-se à sua liberalidade principesca.

Outro autor, que o conheceu quando esteve em Anspach, diz:

> Ele sempre tomou as refeições sozinho e de maneira bastante simples. Seus gastos são extremamente reduzidos. Quando esteve em Anspach, foi impossível levá-lo para jantar à mesa do príncipe.

O Senhor de St. Germain parece ter tido uma educação refinada. Segundo Karl Von Weber (em *Aus vier Jahrhunderten*, i., p. 312, Tauchnitz, Leipzig, 1857):

> ele falava alemão, inglês, italiano, português e espanhol bastante bem, e francês com um sotaque piemontês.

Era opinião quase universal que ele tinha muito charme e se apresentava sempre de maneira muito cortês. Além do mais, no ambiente social, mostrava uma variedade de dons, tocava muito bem diversos instrumentos musicais e algumas vezes parecia dotado de poderes e capacidades que alcançavam o nível do mistérioso e do incompreensível. Por exemplo, uma vez lhe ditaram os primeiros vinte versos de um poema e ele os escreveu ao mesmo tempo com ambas as mãos em duas folhas separadas de papel – nenhum dos presentes foi capaz de diferenciar entre uma folha e a outra. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 18-19)

1712 – Désaguliers sucede a seu mestre, o Dr. Keill, na cátedra de Filosofia experimental na Universidade de Oxford.

O cronista Francês Paul Lucas é enviado pelo rei francês Louis XIV à Grécia, Ásia Menor, Macedônia e África. (vide ano 1330).

1713 – Désaguliers ensina em Westminster e se torna amigo de Newton. Membro da “Royal Society”, for igualmente capelão do Príncipe de Gales.

1714 – Enviado por Fénelon a Blois, à casa de Madame Guyon, Ramsay torna-se seu secretário.

1715 – Louis XV sobe ao trono da França, com cinco anos de idade, até 1774. Continuou a luxuosa corte de seu predecessor. Apesar de reconhecer os erros de Louis XIV, era imaturo para implementar mudanças, sobrevindo um desgoverno interno e a perda das colônias na Índia e América. Esses desastres parecerem pouco importar ao monarca, expressado na sua frase: “*Depois de mim, o dilúvio*”.

1716 – Désaguliers publica uma obra ‘*Sobre a Construção de Chaminés com os Meios de Evitar a Fumaça*’. Quando se sabe que os ‘*Cowan*’, quer dizer, os maçons não-iniciados, eram especialmente empregados na construção de chaminés, não se pode deixar de considerar a consideração de R. Guénon de que os fundadores da Grande Loja de Londres não tinham as qualificações iniciáticas suficientes (Désaguliers estava entre eles), como muito sugestiva. (...) Guénon, como de costume, mostra-se severo com relação a Désaguliers (e também a Anderson) quando escreve sobre a degenerescência sofrida pela Franco-Maçonaria ao passar do plano ‘operativo’ para o plano ‘especulativo’:

> Os primeiros responsáveis por este desvio, ao que parece, são os pastores protestantes Anderson e Désaguliers, que redigiram a Constituição da Grande Loja da Inglaterra em 1723, e que fizeram desaparecer todos os documentos antigos nos quais puderam por as mãos, para que não fossem percebidas as inovações que introduzissem e também porque os documentos continham fórmulas que consideravam muito incômodas, como a obrigação da 'fidelidade a Deus, à Santa Igreja e ao Rei', marca incontestável da Igreja Católica na Franco-Maçonaria. Este trabalho de deformação os protestantes o haviam preparado aproveitando-se dos 15 anos decorridos entre a retirada de Christophe Wren, último grão-mestre da Maçonaria antiga (1702) e a fundação da nova Grande Loja da Inglaterra (1717). Deixaram, todavia, subsistir o simbolismo, sem duvidar de que este, por quem quer que o compreendesse, testemunhava contra eles de uma maneira tão eloquente quanto os textos escritos, os quais, aliás, não haviam conseguido destruir todos. (R. Guénon em *Regnabit*, fev de 1926)

Este texto é muito importante pois opõe a Maçonaria especulativa jacobita (a da Grande Loja da Inglaterra) à Maçonaria que reivindicará origens diferentes, a Maçonaria dita stuartista, em outras palavras, o escocismo.
(Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, pp. 64-65)

1717 – Fundada a primeira Grande Loja de Franco-Maçonaria, em Londres. Dá-se, então, à Maçonaria uma estrutura escrita e M. Lepage declara melancolicamente:

> No meu parecer, a partir deste dia nefasto data o declínio da Maçonaria autenticamente tradicional. Ao se dar chefes e regulamentos gerais, os maçons da época rejeitaram a mais bela ideia maçônica, isto é, 'o Maçon livre, na Loja livre'. A partir daí ocorreu uma grande atividade na Ordem, aumentando das quatro lojas originais: no Ganso Grelhado (na praça da Catedral de São Paulo), na Coroa (na Avenida Parker), na Taberna da Macieira (em Covent Garden), e na Taberna Caneca de Vinho (em Westminster), para mais de 60 em 1725, das quais 50 em Londres.
> (M. Lepage, *L'Ordre et les Obédiences*, cit. em Jean Palou, op. cit., p. 49-50)

1717 a 1724 – Ramsay torna-se preceptor na casa do duque de Bouillon e depois na casa do conde de Sassenage, cunhado dos duques de Luynes e de Chevreuse, por recomendação deste último, amigo de Fénelon. Será hóspede do duque de Sully, casado com uma filha de Madame de Guyon. Em (?) [1724] é enviado pelo cardeal-ministro Fleury ao pretendente Jacques [James] II Stuart, para ser preceptor de seus filhos. Antes de partir para Roma, onde se encontrava Jacques [James] II, o regente da França o faz Cavaleiro de São Lázaro e lhe concede uma pensão de 2 mil libras a receber da abadia de Signy. (Jean Palou, op. cit., p. 67)

1718 – George Boucher recebe dos *parsis*, em Surat, na Índia, uma cópia do Vendidad Sadah, trazido à Inglaterra por Richard Cobbe. Serviu apenas como curiosidade ao público, pois era um manuscrito selado que não pode ser decifrado.

1721 – Assume o papa Inocêncio XIII [Michelangelo dei Conti], até 1724.

1723 – Promulgado pela Grande Loja de Londres o *Livro das Constituições*, de Anderson. Anderson entregou-se a um considerável trabalho de pesquisas das antigas *Old Charges*. Os historiadores põem em dúvida a existência de um comitê de 14 Irmãos que teriam ajudado Anderson na compilação das *Antigas Obrigações* e na redação da nova carta.

Registros de Saint-Germain na corte de Louis XV, na França, segundo a condessa von Georgy. Entre os relatos interessantes que ele mesmo

pronunciou sobre sua pessoa vale a pena reproduzir aquele que fala de sua mãe e sua infância:

> Encorajada pelo ar amistoso daquele homem elegante, a condessa-mãe foi perguntar a ele se a sua terra natal era a Alemanha.
>
> – Madame, – disse ele, suspirando fundo – há algumas coisas que não me devem ser perguntadas. Basta dizer que aos sete anos eu andava pelas florestas e tinha minha cabeça a prêmio. No dia do meu aniversário minha mãe, que eu jamais veria de novo, amarrou o seu retrato ao redor do meu braço. Vou mostrá-lo.
>
> Dizendo isso, St. Germain levantou a manga do casaco e mostrou às senhoras a miniatura de uma mulher excepcionalmente bonita, porém vestida com uma roupa muito estranha.
>
> – A que época pertencem esses trajes? perguntou a jovem condessa. Sem responder o conde baixou a manga do casaco e mudou de assunto.
>
> (extraído das *Chroniques de l'Oeuil de Boeuf*, citado em Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 33)

1724 – Assume o papa Benedito XIII [Pietro Francesco] até 1730.

Ramsay está em Roma e seu contato com Jacques [James] Stuart II é muito curto. Ao fim deste ano o encontraremos na Escócia, em casa do duque de Argyle.

1725 – Ano em que foi introduzida a Maçonaria na França, segundo a maior parte dos especialistas, provavelmente pelos Jacobitas. Segundo os documentos ingleses, uma loja reunia-se em Paris este ano, na Rue de la Boucherie, em casa de Hure, estalajadeiro.

1726 – Nesta época o escocês Fraser empreende duas viagens ao Surat para obter dos *parsis* seus livros e seu conhecimento. Não teve sucesso.

1727 – Ramsay escreve *Les Voyages de Cyrus*, sobre as quais as opiniões são bastante divergentes.

1728 – Désaguliers publica uma poesia sobre o sistema de Newton.

> 1730 – Jacques [James] Stuart II concede a Ramsay o título de Baronete da Escócia. Neste ano, apesar de sua confissão católica, Ramsay é recebido como Doutor na Universidade de Oxford. Está em constantes viagens. Parece um desses misteriosos viajantes apenas notado pela História oficial, mas do qual se pode perceber, em algumas ocasiões, a importância e o papel profundo nas correntes de pensamento oculto que atravessam os séculos e os povos. Ramsay se detém em Sedan, em casa do príncipe de Turenne, feito duque de Bouillon. Em Paris, frequenta Louis Racine e J. B. Rousseau. Os últimos anos de sua vida são ainda menos conhecidos.
>
> (Jean Palou, op. cit., p. 67)

1730 – Assume o papa Clemente XII [Lorenzo Corsini], até 1740.

1731 – Désaguliers faz viagens à Holanda onde trava relações com o matemático Huyghens.

1734 – Morre o suposto pai de Saint-Germain, o príncipe Franz-Leopold Rakoczi, em Rodosto, na Turquia, sendo sepultado em Smyrna. Aqui vemos uma grande incongruência com o que Saint-Germain afirmou em 1760 sobre a morte de seu pai, que ocorrera antes de 1710 (vide ano 1710).

Neste mesmo ano o filho mais velho do príncipe Rakoczi – que passou a se chamar Marquês de San Carlo – escapou de Viena. (Isabel Cooper-Oakley, op.

cit., p. 23)

1735 – Registro da estada de Saint-Germain na Holanda.

Neste ano existiam 7 Lojas Maçônicas em Paris, e algumas no interior. Nesta época as lojas de Paris exigem da Grande Loja da Inglaterra o direito de formar uma Grande Loja provincial (vide ano 1743).

1736 – Caem Beçaim e Chaul das mãos portuguesas, nas Índias. Permanecem apenas Goa, na costa do Malabar (que será tomada pelos ingleses no início do século XVIII), Damão e Diu, que passaram a formar a Índia Portuguesa.

1736, 26 de dezembro – data provável em que Ramsay pronuncia seu famoso *Discurso*, em [Paris, depois repetido em] Lunéville, em terra estrangeira.[361]

~~1737, 20 de março – data provável em que Ramsay pronuncia seu famoso Discurso em Lunéville, em terra estrangeira.~~

1737 – Fundada a primeira loja maçônica alemã, em Hamburgo, sob o título distintivo de *Absalon*.

1737 a 1742 – O Conde de Saint-Germain frequenta a corte do Xá da Pérsia. Segundo o próprio Conde, foi ali que adquiriu seus vastos conhecimentos de brilhantes e pedras preciosas, pois segundo ele foi ali que começou a compreender os segredos da Natureza. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 34)

~~1738, 24 de junho – data provável em que Ramsay pronuncia seu famoso Discurso em Lunéville, em terra estrangeira.~~

1738 – Primeira edição das *Constituições* de Anderson, ainda vivo. Este texto capital foi depois traduzido para o francês, em 1742, pelo I∴ La Tierce (reedição em 1745).

1738, 28 de abril – O papa Clemente XII publica uma encíclica na qual condena e excomunga a todos os maçons, declarando-os "*inimigos da Igreja Romana*". Nunca foi esclarecido o motivo para tal atitude. Baigent, Leigh e Lincoln, em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, aventam a razão pela carta escrita por Clemente XII, e liberada somente em 1962, ligada à encíclica de excomunhão. Segundo ela,

> o papa declara que o pensamento maçônico repousa numa heresia que nós já havíamos encontrado repetidamente: a negação da divindade de Jesus (Peyrefitte, *La Lettre secrète*, p. 127). E ele afirma ainda que, por trás da Maçonaria, os espíritos-guias, os 'mestres-mentais', são os mesmos que provocaram a Reforma Luterana. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 146)

1739 – Morre Anderson.

1740 – Assume o papa Benedito XIV [Prospero Lorenzo Lambertini], até 1758.

> A primeira loja maçônica alemã fora fundada em Hamburgo em 1737 sob o título distintivo de *Absalon*, e inscrita em 1740 nos registros de controle da Grande Loja da Inglaterra. Em seguida, as Lojas proliferam na Alemanha e foram fundadas Oficinas Superiores. O rito mais interessante então praticado no país era então o da *Estrita Observância* ou 'Regime' da *Estrita Observância*. Conta-se que fora fundado pelo barão Hund, que pretendia ter sido iniciado em Paria pelo príncipe Charles-Edouard Stuart, e ter recebido de 'superiores desconhecidos' a missão de reformar a Franco-Maçonaria alemã. O barão de Hund declarou que ia reconstituir a Ordem do Templo, suprimida em 1314 pelo papa Clemente V sob instigação do rei da França, Philippe, o Belo. Não dizia que vinha reconstituir com todas as

361 Wikipedia – Discurso de Ramsay um dos textos fundadores da franco-maçonaria.

> peças, *ex-nihilo*, tirar do nada, a Ordem do Templo, mas despertá-la, pois estava apenas adormecida. A *Estrita Observância* era uma mistura bastante estranha do simbolismo maçônico, práticas alquimistas e de tradições rosacrucianas. (...) Este rito chegou, num momento, a unificar a Maçonaria alemã, e Hund recebeu o título de *Mestre do Exército*. A *Estrita Observância* tinha por seu protetor o duque Ferdinando de Brunswick.
> (Jean Palou, op. cit., p. 121)

1741 – É impresso pela primeira vez o Discurso de Ramsay, sendo reimpresso várias vezes em seguida. O Discurso aclara muitas das ligações que sabemos terem entre si os Iniciados ligados à Casa de Bouillon. Entre essas está a "coincidência" de que Ramsay era preceptor da casa do duque. Vejamos o que diz Ramsay em seu Discurso:

> [A história da Ordem Maçônica é] um programa ideal e preciso para um desenvolvimento ao mesmo tempo racional e espiritual da Franco-Maçonaria. É, de certa forma, o plano diretor e detalhado para se chegar a um humanismo maçônico, válido não só para o século XVIII mas também para os séculos vindouros. (...) O mundo todo não passa de uma grande República, da qual cada nação é uma família e cada indivíduo um filho. É para fazer renascer e expandir essas máximas essenciais tomadas à natureza do Homem que nossa Sociedade foi de início estabelecida. Queremos reunir todos os homens de espírito esclarecido, de costumes morigerados e de humor agradável, não só pelo amor às belas-artes mas também e ainda mais pelos grandes princípios da virtude, da ciência e da religião, onde o interesse da Confraria se converte no interesse de todo o gênero humano, onde todas as nações podem colher conhecimentos sólidos e onde os súditos de todos os reinos podem aprender a se amar mutuamente, sem renunciar à sua pátria. Nossos antepassados, os Cruzados, reunidos de todas as partes da cristandade na Terra Santa quiseram reunir assim, numa só Confraria, os indivíduos de todas as nações. Que gratidão se deve a esses homens superiores que, sem interesse secundário, sem mesmo escutar a vontade natural de dominar, imaginaram um estabelecimento cujo único objetivo é a união dos espíritos e dos corações, para torná-los melhor e formar, no correr dos tempos, uma nação, toda espiritual, em que, sem prejuízo dos diversos deveres que exige a diferença dos Estados, criar-se-á um povo novo, que, composto de várias nações, as cimentará de um certo modo pelo vínculo da virtude e da ciência.

Conforme nos diz Jean Palou,

> este trecho é muito importante por mais de uma razão, com destaque para a afirmação: '*Nossos antepassados, os Cruzados*', a propósito da Maçonaria. Até hoje não se deu a devida atenção ao fato de Ramsay ter sido amigo do príncipe de **Bouillon** e ao fato de que a Primeira Cruzada foi exatamente dirigida por Godfroi de **Bouillon**, antepassado dos duques, dos quais Ramsay foi protegido. De outro lado, ao longo de todo o século XVIII fala-se de uma *Maçonaria* de **Bouillon**. Quem não vê que essa Maçonaria é a Maçonaria própria de Ramsay, quer dizer, a corrente escocesa, stuartista e católica, em oposição à Maçonaria nascida da Grande Loja de Londres, a Maçonaria de Désaguliers e de Anderson? (Jean Palou, op. cit., p. 72)

Como vemos, mais uma vez J. Palou confirma-se numa trilha muito interessante ao traçar as origens da Maçonaria, atestado por tudo o que temos visto até aqui nesta obra. Mas continuemos com o Discurso de Ramsay:

> No tempo dos Cruzados na Palestina, vários príncipes, senhores e cidadãos associaram-se e fizeram o voto de restabelecer os templos dos cristãos na

> Terra Santa e de se empenhar na recondução da Arquitetura à sua primeira instituição. Concordaram com vários sinais antigos e palavras simbólicas tiradas da essência da religião, para se reconhecer entre si, quando no meio dos infiéis e dos sarracenos. Esses sinais e essas palavras só eram comunicados àqueles que prometiam solenemente, e muitas vezes ao pé dos altares, de jamais os revelar. Essa promessa sagrada não era, portanto, um juramento execrável, como se diz, mas um laço respeitável para unir os cristãos de todas as nações numa mesma Confraria. Certo tempo depois, nossa Ordem se uniu intimamente aos Cavaleiros de São João de Jerusalém. Desde então nossas Lojas trouxeram todas o nome de Lojas de São João. Essa união foi feita a exemplo dos israelitas, quando construíram o segundo Templo. Enquanto manejavam a trolha e a argamassa com uma mão, traziam na outra a espada e o escudo.
>
> Nossa Ordem... [é] ... uma Ordem moral fundada desde a mais remota antiguidade e renovada na Terra Santa por nossos antepassados, para despertar as Lembranças das Verdades mais sublimes em meio a inocentes prazeres da Sociedade. Os reis, os príncipes e os senhores, ao retornarem da Palestina para seus Estados, fundaram diversas lojas,

e declara que por ocasião das últimas cruzadas havia Lojas

> na Alemanha, na Itália, na Espanha, na França e, depois, na Escócia, tendo em vista a estreita aliança dos escoceses com os franceses

o que vai de encontro a todos os historiadores maçons que pretendem, pelo contrário, que foram os soldados e oficiais escoceses a serviço da monarquia francesa que trouxeram a Maçonaria chamada escocesa para a França. Não é menos importante destacar o que diz Ramsay em seguida, que colocamos nas respectivas datas históricas (vide anos 1286 e 1327). Continua Ramsay, após relatar o progresso da Maçonaria a partir de Edward III:

> As fatais discórdias religiosas que tumultuaram e dilaceraram a Europa no século XVI levaram à degeneração da nobreza da Ordem em sua origem. Mudaram-se, disfarçaram-se e suprimiram-se vários de nossos ritos e usos que eram contrários aos preconceitos da época. É assim que vários de nossos confrades esqueceram-se, como os antigos judeus, do espírito de nossas leis e delas não conservaram senão a letra e a casca. Começaram a aplicar alguns remédios. Não se trata senão de continuar e conduzir tudo à sua primeira instituição. Esta obra não será muito difícil num Estado (a França) em que a Religião e o Governo não poderiam deixar de ser favoráveis às nossos leis. Das ilhas britânicas a Arte Real começa a voltar para a França, no reino do mais amável dos reis (Louis XV), cuja humanidade anima todas as virtudes, e sob o ministério de um mentor (o Cardeal Ministro Fleury, antigo preceptor do rei) que realizou tudo o que se havia imaginado de fabuloso.

Enfim, conclui o cavaleiro Ramsay:

> No tempo feliz em que o amor da paz se tornou a virtude dos heróis, a nação, uma das mais espirituais da Europa, tornar-se-á o centro da Ordem. Ela derramará sobre nossas obras, nossos estatutos e nossos costumes as graças, a delicadeza e o bom gosto, qualidades essenciais numa Ordem cuja base é a Sabedoria, a Força e a Beleza do gênio. Será em nossas Lojas, no futuro, como nas escolas públicas, que os franceses verão, sem viajar, os caracteres de todas as nações, e que os estrangeiros aprenderão, por experiência, que a França é a pátria de todos os povos. '*Patria gentis humanae*'.
>
> (Jean Palou, *A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática*, pp. 72-73)

1742 – Registro da estada de Saint-Germain na Holanda.

Désaguliers volta a Bordeaux, onde faz experiências sobre a eletricidade dos corpos. De volta à Inglaterra, ajudou Newton, já velho, em suas experiências e demonstrações, e divulgou seu sistema sobre os movimentos celestes.

É publicado o primeiro ritual maçônico no qual aparece o termo "escocês": "*L'Ordre de Francs-Maçons Trahi, et le Secret des Mopses revelé*", publicada em Amsterdam. Na verdade, este é o título da edição de 1745. Em 1742 o título era "*Le Secret des Francs Maçons*". Apresenta uma série de revelações sobre a Ordem maçônica na França, que floresceu ao longo da década de 1740. O autor, Gabriel-Louis Pérau, prior da Sorbonne, era originário de Semur, na França. Infiltrou-se na Ordem – ao que parece contra sua vontade – para profanar os segredos, acabando por publicar esta obra. Não foi diferente do que os inquisidores fizeram desde as primeiras heresias, mas através daí pudemos aprender muitas coisas que estão escondidas dos próprios maçons. Uma delas, e a qual achamos mais interessante citar face à finalidade deste estudo, é uma nota sua na primeira página da obra propriamente dita, após a Introdução. Reproduziremos o primeiro parágrafo, juntamente com a nota explicativa:

> De todas as Sociedades que os homens acabaram por formar entre eles depois do começo do Mundo, não existiu jamais uma mais doce (a), mais sábia, mais útil, e mesmo tempo mais singular, que aquela dos franco-maçons.
>
> (a) Existe uma Ordem bem mais antiga que aquela dos franco-maçons, e da qual o nome só traz consigo toda a **doçura** que poderia desejar o homem mais exigente sobre o assunto, que se chama a **Ordem da Liberdade**. Moisés, se diz, é o Fundador: eu creio que não poderia quase nada datar-se mais longínquo. Esta Ordem está ainda em vigor hoje em dia. Os Associados portam, numa casa de botão da veste, uma corrente, donde pende uma espécie de medalha, que por sua figura representa as Tábuas da Lei. No lugar dos preceitos, existe num dos lados duas asas gravadas, com uma legenda em baixo: **Virtus dirigit alas**. De fato, as Asas são o símbolo da Liberdade. Sobre o reverso se vê um grande **M**, que significa Moïse; mais abaixo, alguns algarismos romanos; e embaixo, em algarismos árabes, 6743. É aparentemente para fazer ver que eles sabem fazer uso da liberdade, que seus Associados começaram por suprimir uma das Tábuas da Lei. Não se pode dizer o que é que eles estavam guardando, pois não existia nenhum traço dos Mandamentos de Deus. Pode ser que o pouco que teria restado teria sido ainda muito incômodo para uma Ordem onde não se almeja a liberdade. As mulheres são admitidas, com justiça.
>
> (Abbé Gabriel-Louis Perau, *L'Ordre de Francs-Maçons Trahi, e le Secret de Mopses Révélé*, Slatkine Reprints, Genève-Paris, 1980, pp. 1-2)

1743, 18 de janeiro– Nasce Louis-Claude de Saint-Martin, o '*Filósofo Desconhecido*', em Amboise, Tourraine, no centro da França, no seio de família nobre mas pouco abastada e desconhecida. Logo após o nascimento sua mãe faleceu, e ele foi criado pelo pai e por uma madrasta, pessoa amável e de bom coração, que o iniciou na leitura de Jacques Abbadie, ministro protestante de Genebra. Com esse autor, aprendeu a conhecer a si mesmo, relegando a um plano secundário a análise decepcionante e estéril dos filósofos em voga na época.

> É à obra de Abbadie, *A Arte de Conhecer a Si Mesmo*, que devo meu afastamento das coisas mundanas; é a Burlamaqui que devo minha inclinação às bases naturais da razão; é a Martinez de Pasqually que devo

> meu ingresso nas verdades superiores; é a Jacob Böhme que devo meus passos mais importantes nos caminhos da Verdade.
>
> (Louis-Claude de Saint-Martin, *O Homem de Desejo*, Martins Fontes, SP, 1986, p. 1, citando L. C. Saint-Martin, *Oeuvres Posthumes; Portrait Historique et Philosophique de S. Martin fait par lui-même*, p. 58-59)

1743 – A Grande Loja da Inglaterra concede o direito às lojas francesas de formar uma Grande Loja provincial. Neste ano é constituída a Grande Loja Inglesa da França, mas com uma pobre e difícil administração que leva as Lojas a negarem a submissão a qualquer interferência estrangeira (vide ano 1755).

1743, 6 de maio – Morre o Cavaleiro Ramsay, em Saint-Germain-en-Laye.

1744 – Saint-Germain vai à Inglaterra.

1745 – Datada deste ano está uma partitura musical composta pelo Conde de Saint-Germain no Museu Britânico.

1745, 10 de dezembro – O Conde de Saint-Germain é encontrado na Inglaterra durante a Revolução Jacobina deste ano, onde foi preso por suspeita de espionagem. Segundo as cartas de Horace Walpole a Sir Horace Mann, enviado inglês a Florença, depois de relatar a comoção produzida pela Revolução a 9 de dezembro de 1745:

> No outro dia prenderam um homem estranho que leva o nome de Conde de Saint-Germain. Tem estado aqui estes dois anos e não diz quem é e nem de onde vem, mas afirma que aquele não é seu nome verdadeiro. Canta e toca muito bem o violino, é louco e não muito sensato.
>
> (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., pp. 34-35)

1745 a 1746 – Saint-Germain está em Viena, passando algum tempo naquela cidade. Segundo *Historische Herinneringen*, van C. A. van Sypesteyn, 1869:

> Ele viveu como um príncipe em Viena de 1745 a 1746, era muito bem recebido e o primeiro ministro do imperador (Francis I), príncipe Ferdinand van Lobkowitz, era seu maior e mais íntimo amigo. O príncipe o apresentou ao marechal francês de Belle-Isle, que havia sido mandado pelo rei Luís XV em missão especial junto à Corte de Viena. Belle-Isle, neto bastante rico de Fouquet, deixou-se a tal ponto impressionar pela personalidade brilhante e espirituosa de Saint-Germain que o convenceu a acompanhá-lo a uma visita a Paris. (Isabel Cooper-Oakley op. cit., p. 35)

1748 – Registro da passagem de Saint-Germain pela Holanda.

1752 – A Inglaterra adota o calendário gregoriano, quando foram necessários adicionar 11 dias ao calendário. Além disso, passaram o 1º de janeiro como início do ano, em vez do utilizado 25 de março.

1754 – Um jovem de 20 anos, Anquetil Duperron, erudito da Escola de Línguas Orientais de Paris, vê um manuscrito de 4 folhas do Vendidad, que havia sido enviado da Inglaterra poucos anos antes para o orientalista Etienne Fourmont. A partir daí ele se determinou a dar à França tanto os originais como a primeira tradução europeia dos livros de Zoroastro.

> (James Darmesteter, *The Zend-Avesta*, Motilal Banarsidass Ed., Delhi, 1988, pp. xiv-xv)

1755, 24 de fevereiro – Anquetil Duperron (21), impaciente pela demora da aprovação de seu projeto de resgatar na Índia os livros de Zoroastro, alista-se como soldado no serviço da Companhia das Índias Ocidentais da França, embarcando para a Índia nesta data. A partir daí começou uma aventura cheia de perigos nas selvas do Indostão. Ao mesmo tempo que explodia a guerra entre

Inglaterra e França, ele chega a Surat, onde fica entre os *parsis* por três anos mais. Teve que vencer a desconfiança dos *parsis*, que já haviam desiludido antes o escocês Fraser. (James Darmesteter, *The Zend-Avesta*, p. xv)

1755 – Saint-Germain vai para a Índia pela segunda vez. Em uma carta ao Graf von Lamberg, Saint-Germain diz:

> Estou agradecido pelos conhecimentos adquiridos na técnica de fundir joias, em minha segunda viagem à Índia no ano de 1755, com o general Clive, que estava sob o comando do vice-almirante Watson. Em minha primeira viagem só adquiri vaga ideia do maravilhoso segredo de que estou falando. Todas as tentativas que realizei em Viena, Paris e Londres nada valem como experiências. O grande trabalho foi interrompido no momento que mencionei. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., pp. 35-36)

A Grande Loja Inglesa da França declara-se independente da Grande Loja da Inglaterra sob título de Grande Loja da França.

1757 – O Conde de Saint-Germain é apresentado em Paris pelo ministro da Guerra, marechal e conde de Belle-Isle. Como vimos, Saint-Germain não era desconhecido de Louis XV. Foi por ele recebido calorosamente e ganhou uma suíte de aposentos no castelo real de Chambord. Havia ali um laboratório montado para experiências e um grupo de estudiosos que se reunia em redor do mestre. Entre estes estavam o barão de Gleichen e a marquesa d'Urfé, e a princesa de Anhalt-Zerbst, mãe de Catarina II, da Rússia. Desta época são os relatos de Madame du Hausset, descrevendo um grande brilhante com defeito apresentado pelo rei ao conde para que o corrigisse, aumentando seu valor de 6 para 10 mil libras. Saint-Germain o levou e o trouxe um mês após, perfeito e praticamente com o mesmo peso.

Madame de Genlis descreveu a maravilha produzida pelo conde pela combinação de cores em suas pinturas, de efeito extraordinário e cujo segredo não revelava. Desta época remontam charlatães que se faziam passar pelo conde aumentando histórias e mexericos que mais tarde proliferaram. Eram feitos por pessoas desocupadas e que gostavam de fazer graça à custa de representação de personalidades, como era comum à epoca (e mesmo hoje!).

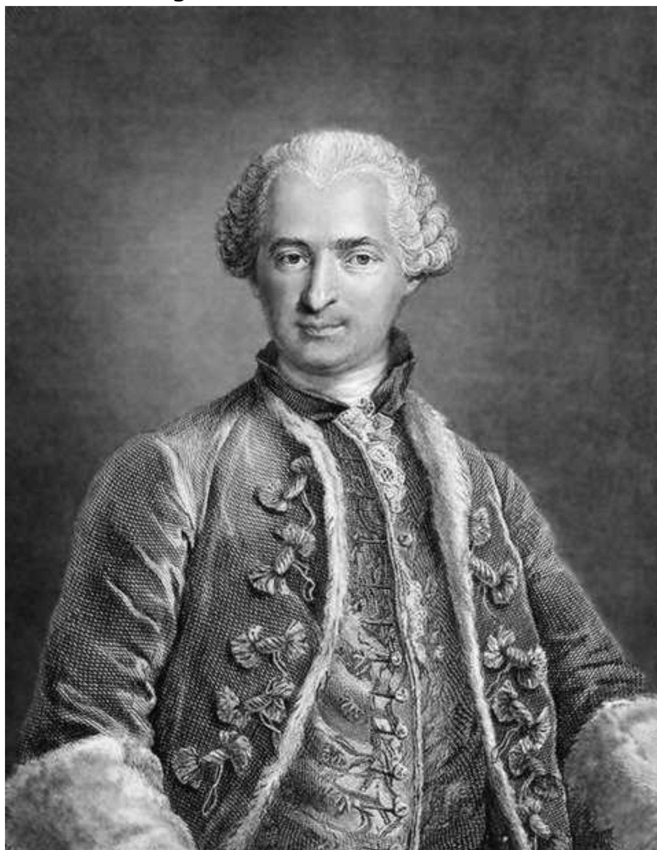
(Isabel Cooper-Oakley, op. cit, p. 36-38)

1758 – Aparecimento do cometa Halley.

Assume o papa Clemente XIII [Carlo della Torre di Rezzonico], até 1769.

1760, início – O único retrato conhecido do Conde de Saint-Germain pertencia à marquesa d'Urfé. Paul Chacornac acredita que este quadro foi pintado por um amigo do conde, o conde Rotari, e doado pelo próprio modelo a Madame d'Urfé, no início de 1760:

Figura 53: SAINT-GERMAIN



1760 – Registro de Saint-Germain na corte de Luís XV, na França (vide ano 1710).

1760, abril – M. de Saint-Germain está de passagem por East Friesland, a caminho da Inglaterra.

1760, 17 de maio – Saint-Germain está na Inglaterra. Segundo a referência do *Weekly Journal of British Gazetteer*, de Read, deste dia:

> O autor da Gazeta de Bruxelas nos diz que a pessoa que se autodenomina Conde de Saint-Germain, que acaba de chegar aqui procedente da Holanda, nasceu na Itália em 1712. Fala alemã e francês com a mesma fluência que o italiano e se expressa muito bem em inglês. Tem conhecimento geral de todas as artes e ciências, é um bom químico e um virtuoso em música e sua companhia é muito agradável. Em 1746 (1745 segundo Walpole) esteve a ponto de ser arruinado na Inglaterra. Um homem com ciúme dele por causa de uma mulher enfiou secretamente uma carta em seu bolso como se fosse do jovem pretendente (agradecendo a ele pelos serviços e manifestando o desejo de que os continuasse) e o fez ser aprisionado por um mensageiro. Tendo provado por completo a sua inocência durante o interrogatório, ele foi libertado da custódia e convidado para o jantar por Lord H. (provavelmente William Stanhope, duque de Harrington, que era secretário do Tesouro e Tesoureiro da Câmara nesta época; morreu em 1760). Aqueles que o conhecem não gostarão de saber (diz M. Maubert) que ele caiu no desagrado do rei cristão.
>
> (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 35)

1760, 3 de junho – Em *The London Chronicle* temos uma longa narrativa do '*misterioso estrangeiro*' que acabara de desembarcar nas praias inglesas: Um escritor também diz que ele foi bem recebido na Corte e muitos jornais da época o mencionam como '*pessoa de destaque*' que mereceu atenções especiais. (*Gazette of the Netherlands*, 12/01/1761)

(I. Cooper-Oakley, op. cit., p. 38)

1760 – Datada deste ano está uma partitura musical composta pelo Conde de Saint-Germain, guardada no Museu Britânico.

Registro da estada de Saint-Germain na Holanda.

1761 – [Saint-Martin (18),] em meio às discussões filosóficas dos livros que lia, dá-se conta de que, existindo o Criador do Universo e uma alma, nada mais seria necessário para ser sábio. Com base nestas conclusões fundou sua doutrina posterior. Na época de seus estudos no Colégio Pontlevoi o ocultismo já fazia parte do suas meditações. Na faculdade, igualmente, eram os estudos metafísicos que o atraíam. Estudou Direito, conforme a vontade de seu pai, e esse ambiente proporcionou-lhe maior contato com o mundo filosófico e literário da época. Conheceu as obras de Voltaire, Rousseau, Montesquieu e outros autores não iniciados, sem ceder à inclinação dos Enciclopedistas.

> Li, vi e escutei os filósofos da matéria e os doutores que devastam o mundo com suas instruções; nenhuma gota de seus venenos penetrou-me; nem as mordidas de uma só destas serpentes prejudicaram-me.

(...) Saint-Martin amava a humanidade e considerava-a melhor do que deveria ser. O encanto da sociedade da época levou-o a pensar que a vivência nas rodas sociais poderia levá-lo ao melhor conhecimento do homem e conduzi-lo à intimidade mais perfeita com os seus princípios. (...) Frequentou os saraus musicais e toda sorte de recreações da alta nobreza, desde os passeios ao campo até as conversas com amigos. (...) Foram de sua intimidade as pessoas da mais alta classe, dentre os quais podemos citar o marquês de Lusignan, o marechal de Richelieu, o duque de Orléans, a duquesa de Bourbon, o cavaleiro de Fouflers e muitos outros.

(Louis-Claude de Saint-Martin, op. cit, pp. 1-2)

1762, 3 de março – O Conde de Saint-Germain é hospedado pela princesa Marie Galitzin em Archangelskoi, na Rússia.

1762 – Saint-Germain está em São Petersburgo. Esteve no tempo de Pedro III e partiu quando Catarina II subiu ao trono. Em São Petersburgo Saint-Germain morou com o conde Rotari, famoso pintor italiano, que realizou os maravilhosos retratos que estão no palácio Peterhof. Acredita-se que a rua onde moraram era a Grafsky (vem de Graf - Count) pereulok (significa rua pequena), perto da ponte Anitchkoff, onde se encontra o palácio, sobre o Newsky. Na *História da Família Razoamovsky* afirma-se que Alexis R. teria falado de uma maravilhosa pedra da lua que Saint-Germain trazia consigo. Acredita-se que St. Germain não tenha estado em Moscou. A família Youssoupoff tem muitos manuscritos em velhos baús, e afirma-se que um príncipe Youssoupoff recebeu do conde um elixir da longa vida.

(Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 26)

1763, janeiro – O Conde de Saint-Germain esteve com o Graf Karl Cobenzl, em Bruxelas. Numa carta do Graf ao príncipe Kaunitz, em Tournay, Cobenzl relata com detalhes as maravilhas de Saint-Germain quando este transmutou de ferro em um metal muito parecido com ouro, além de técnicas de pintura, tingimento de tecidos e lã, manuseio de peles que levam o conde a acordar com o Graf a realização de empreendimentos lucrativos, com participação nos

lucros para o conde. O Graf confirmou a produção de ouro e outras maravilhas por pessoas de absoluta confiança e capacidade, encetando o projeto para a produção comercial. Para tanto enviou Saint-Germain, que nesta ocasião o conde usara o nome de M. de Zurmont, a Tournay para adiantar o trabalho com um bom comerciante conhecido e de confiança. Ainda em Tournay Saint-Germain atende aos pedidos de Casanova e mantém um encontro com ele. Casanova o encontrou com roupas da Armênia e com barba comprida. Isto está relatado nas Memórias de Casanova, onde confirma-se por Saint-Germain que este estava montando uma fábrica para o Graf Cobenzl. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., pp. 40-41)

1764, 14 de março – Anquetil Duperron retorna a Paris vitorioso: conseguiu dos *parsis* seus livros e seus conhecimentos. Deposita na Biblioteca Real o Zend-Avesta completo e cópias da maior parte dos livros antigos *parsis*. (James Darmesteter, op. cit., p. xv)

1764/1769 – Neste período, pelo espaço de um ano, temos notícias de Saint-Germain em Berlim.

1768, fins – Saint-Martin (25) é iniciado nos três primeiros graus simbólicos da *Ordem dos Elus Cohens do Universo* (Sacerdotes Eleitos), chefiada por Martinez de Pasqually, pela espada de Balzac, avô de Honoré de Balzac. Normalmente seria iniciado com grande intervalo de tempo entre cada um dos graus. Saint-Martin submeteu-se ao método de Martinez, tornou-se seu secretário particular mas não deixou de criticar seu primeiro Mestre por não concordar com tudo que era feito em tal sistema.

> Considerava supérfluas todas as manifestações físicas exteriores e todos os detalhes do cerimonial Cohen: ‘São necessárias todas essas coisas para orar a Deus?’, perguntou Saint-Martin a seu Mestre Martinez. ‘É preciso que nos contentemos com o que temos’, respondeu o grão-mestre. Na realidade, era necessário trabalhar mais profundamente no sentido interior para produzir a luz. Isso certamente Martinez teria feito dentro de seu próprio sistema, se não tivesse partido da França e falecido logo em seguida. Sua semente ficou, no entanto, e coube a Saint-Martin e Willermoz cuidar da planta que deveria nascer.
>
> (Louis-Claude de Saint-Martin, op. cit., pp. 3-4)

1769 – Assume o papa Clemente XIV [Giovanni Vincenzo Antonio Ganganelli], até 1774.

Numa estada de um ano em Berlim, Saint-Germain, num jantar, respondendo ao alquimista Pernety acerca da “Pedra Filosofal”,

> observou, com cortesia, que a maioria das pessoas que a procuravam o faziam de maneira ilógica, porque empregavam o fogo, esquecendo que o fogo rompe e decompõe, sendo, portanto, uma grande tolice esperar que esse elemento viesse a construir uma nova composição.
>
> (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 41)

1771 – Saint-Martin abandona a carreira militar para dedicar-se exclusivamente ao ocultismo.

Anquetil Duperron, após passar 10 anos estudando o material coletado, publica neste ano a primeira tradução europeia do *Zend-Avesta*. Imediatamente veio uma torrente de críticas. Entre elas, algumas advogavam que não poderia vir de Zoroastro tamanha mistificação nas histórias e lendas contadas; além disso, a áspera estrutura do zend contrastava com a eufonia do persa; finalmente, havia uma radical diferença entre o zend e o persa, nas palavras e na gramática. A essas diferenças, advindas da forma, outras eram agregadas

derivadas da estupidez geral do assunto. Outros argumentavam que o Avesta era uma fabricação moderna, dado o número de palavras árabes encontradas por eles no zend e nos dialetos pahlavi, enquanto nenhum elemento árabe foi introduzido na Pérsia antes do século VII.

Na verdade, críticos como William Jones, futuro fundador da *Royal Asiatic Society*, estavam mais chocados pelas ideias do que pelo estilo do Avesta, pois contrastava sobremaneira a cultura iluminista dos contemporâneos de Voltaire. Além disso, Anquetil não se preocupara em satisfazer o estilo literário da época, dando o zend em francês a uma sociedade que não estava preparada para ele.

> De fato, a única coisa que Jones teve sucesso foi provar, de uma maneira decisiva, que os antigos persas não eram iguais aos iluminados do século XVIII, e que os autores do Avesta não haviam lido a *Encyclopédie*.
>
> (James Darmesteter, op. cit., p. xvi)

Essas infindáveis discussões só cessarão em 1825, como veremos adiante.

1772 – Saint-Martin é iniciado no último grau da Ordem de Martinez, o de *Réaux-Croix*.

O Rito da Estrita Observância, da Alemanha, originário do barão de Hund, se reúne com o Rito Klericat, fundado pelo professor de Teologia Staark.

1773 – Registro da estada de Saint-Germain na Holanda.

Convocada a Assembleia da Grande Loja Nacional da França, revisando os regulamentos então em uso. Em 26 de junho, sob a presidência do duque de Luxemburgo, adotaram-se os estatutos da *Ordem Real da Maçonaria da França*, conhecida a partir desta data por *Grande Oriente da França*. Então aconteceu o mesmo que na Inglaterra: os dissidentes formaram outro grupo, passando a disputar para si o direito da autenticidade da Ordem. A par dessas querelas, permaneceram em todos os lados os maçons interessados na síntese e na profundidade da Ordem, ao invés da divisão partidária e da superficialidade das regras humanas.

1774 – Martinez de Pasqually, o Mestre iniciador de Saint-Martin, parte para as Antilhas e morre em São Domingos.

Saint-Martin acreditava profundamente que seu primeiro Mestre conhecia muito mais que sua curta convivência de cinco anos com ele permitiu perceber. Segundo Saint-Martin, Martinez lhes mostrara noções de Maria e do Demônio, mas nada revelara quanto a *Sofia* e ao *Rei do Mundo*.

> Saint-Martin nunca concordou com a iniciação realizada fora do silêncio e da realidade invisível, que chamava de **centro** ou **vida interior**. Para ele, *o interior deve ser o termômetro, a verdadeira pedra de toque que se passa fora*...; e o estudo da Natureza exterior só teria sentido se conduzisse à senda interior, ativa. Este estudo poderia, pois, ser útil na medida em que conduzisse à Verdade, mas a Iniciação, explicava ele a Kircheberger, deve agir no ser central.

> Não lhe ocultarei que anteriormente entrei neste caminho externo, e através dele me foi aberta a porta de minha carreira. Meu condutor era um homem de muitas virtudes ativas, e a maioria daqueles que o seguiram, inclusive eu, receberam confirmações que talvez tenham sido úteis para nossa instrução e desenvolvimento. Todavia, em todos os instantes, eu sentia forte inclinação para o caminho intimamente secreto. O externo nunca me seduziu, nem em minha juventude.

> Entendia Saint-Martin que todo aparato exterior não era necessário para encontrar Deus e que, ao contrário, em muitas ocasiões dificultava esta busca. Discordava de numerosas e frequentes comunicações sensíveis de todos os tipos, manifestadas nos trabalhos de que tomara parte na sua primeira Escola, embora o signo do Reparador sempre estivesse presente, manifestando a ação da Causa Ativa e Inteligente no mundo objetivo. Afirmava, no entanto, que sua senda interior, desenvolvida depois, proporcionava-lhe resultados mil vezes superiores aos produzidos pela senda que denominava exterior e que era preconizada por Pasqually.
> (Louis-Claude de Saint-Martin, op. cit., pp. 4-5)

Assume o trono francês Louis XVI (1774–92), com vinte anos de idade. Tímido e deslocado da realidade, foi o monarca ideal para propiciar o desfecho que faria a Revolução. Segundo os historiadores, seu maior problema era aconselhar-se com outros, dada sua falta de personalidade. Dependendo, o conselho poderia levar ao desastre. Enquanto as finanças de Estado estavam confiadas a Turgot, um dos maiores homens do governo, o Estado estava equilibrado. Mas, segundo a história, seguia muito os frívolos conselhos da rainha Marie-Antoinette. Seguindo conselhos de cortesãos, destituiu Turgot. Sua convocação dos Estados Gerais, suspensa desde 1614, propiciou o clima para a insurreição. Os membros do terceiro Estado recusaram-se a seguir os velhos métodos e declararam-se em assembleia nacional. A princípio o rei estava tentado a seguir as determinações da assembleia, mas os conselhos da rainha e dos cortesãos foram mais fortes. Encorajado por eles, decidiu pedir ajuda à Áustria contra a Revolução. Foi o princípio de seu fim.

1774 a 1776 – Saint-Germain visita Triesdorf, na Holanda.

1774, 21 de maio – M. Björnstahl escreve em seu diário de viagem:

> Fomos hóspedes na corte do príncipe herdeiro Wilhelm von Hessen Cassel (irmão de Karl von Hessen), em Hanau, perto de Frankfurt. Ao voltarmos no dia 21/03/1774 para o castelo de Hanau ali encontramos Lord Cavendish e o Conde de St. Germain. Tinham chegado de Lausanne e estavam viajando para Cassel e Berlim. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 109)

1774, 25 de julho – Jean-Baptiste Willermoz foi o grande responsável pela expansão do *Rito da Estrita Observância* na França. Graças a uma correspondência trocada entre Willermoz e o barão Lansberg, mestre da Loja *A Candura*, no Oriente de Strassburg, o Venerável de *A Candura* pôs Willermoz em contato com o barão de Hund. Nesta data, o barão Weiller, representando Hund, instalou a Loja *A Beneficência*, em Lyon, e inaugurou o primeiro Capítulo da "Ordem da Estrita Observância" na província de Auvergne. Willermoz foi nomeado chanceler da nova província.

1775 – Assume o papa Pio VI [Conde Giovanni Angelo Braschi], até 1799.

1776, 24 de agosto – Nasce em Wolsztyn, [na província] Posnania, Józef Maria Hoene Wronski[362], filho de Antoine Hoene, arquiteto do último rei da Polônia, Stanislas-Auguste, e de Elisabeth Bernicka. Estuda na Escola de Artilharia de Varsóvia.

1776, outubro – Saint-Germain vai a Leipzig.

> Em outubro de 1776 veio a Leipzig com o nome de Welldone, tendo ali oferecido muitos segredos para uso do Conselho Municipal, segredos que havia juntado durante suas viagens ao Egito e à Ásia.
> (Dr. K. Weber, em *From Four Centuries*, vol I, p. 317).

362 Wikipedia – Jozef Maria Hoene Wronski (1776–1853) filósofo, matemático e cientista polonês. Mudou seu nome (acentos e grafia) em 1815 quando vivia na França. Escrevia em francês.

A carta de Welldone encontra-se na Biblioteca de Wolfenbüttel (não nos arquivos).

1777 – Saint-Germain vai a Dresden. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 109)

1777, 19 de maio – Do Ministro v. Wurmb (Dresden):

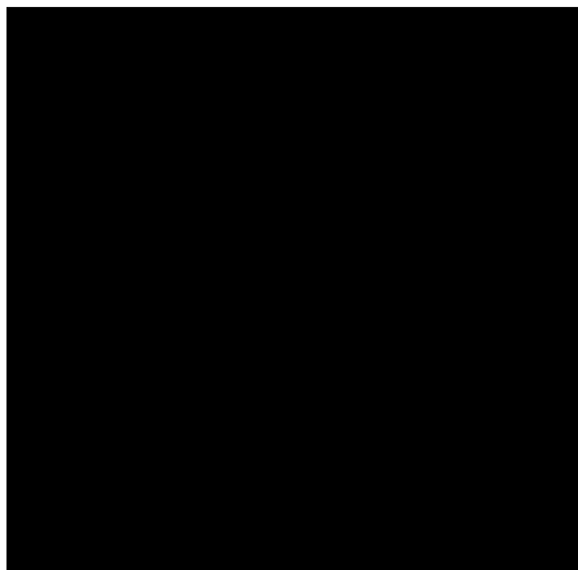
> Usei as duas semanas que passei em Leipzig para sentir o pulso do famoso St. Germain, que atualmente usa o nome de Conde de Woeldone e, além disso, veio passar algum tempo aqui, a meu pedido. Achei que devia ter entre 60 e 70 anos de idade.
> (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 110)

1777, 3 de junho – Nesta carta do ministro saxônico von Wurmb, ardente maçon e rosacruz:

> Correspondência do Prior El, com o Ministro Wumrb, o.d. Fr. a Sepulcro.
> *Gimmern, 3 dejunho de 1777.*
> O 'a Cygne tr' (Gugomos) por certo não foi para Chipre, mas para a Inglaterra... M. de St. Germain, principalmente por minha causa, veio a Dresden. Se ele não se disfarçar de alguma forma extraordinária, então não nos servirá, apesar de ser um homem muito sábio. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 111)

1777, 4 de outubro – Numa carta do Conde de Saint-Germain e de Welldone, em Dresden, Saint-Germain apresenta seu selo:

Figura 54: SELO DE SAINT-GERMAIN



1778 – Realizada mais uma Convenção Maçônica na França, chamada dos gauleses. O resultado desta convenção foi a libertação da seção francesa da ritualística da *Estrita Observância* do controle alemão, para melhor se adequar às ideias e crenças da Ordem dos Cohens, de Pasqually, assimilada por Willermoz.

> A Convenção das Galias `renegou a filiação temporal dos templários e suprimiu os dois graus sacerdotais do Professo e Grande Professo. Os graus superiores foram reduzidos aos de Escudeiro Noviço e de Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa, que se reuniram numa ordem superior e distinta...'
> (*Les Cahiers de la Grande Loge de France*, 11, set/1949, p. 20-21).

Assim nasceu o Rito Escocês Retificado. Foi assim chamado pelas várias depurações que sofreu em muitas convenções. (Jean Palou, op. cit., p.122)

1779 – Saint-Germain vai a Hamburgo. Encontra-se com o príncipe Karl de Hesse e fica com ele durante algum tempo, como seu convidado muito querido. Juntos fazem várias experiências, realizando coisas úteis à raça humana. A seguir o príncipe fala a respeito da educação recebida por Saint-Germain na Casa de Medici:

> Essa Casa (a de Medici), como é bem sabido, era dotada da maior sabedoria e não nos surpreendemos diante do fato de ele haver aprendido muito cedo com eles. Mas ele afirma ter aprendido as coisas da Natureza por sua própria aplicação e pesquisas. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 43)

1780 – Nesta época, aparentemente, Antoine Bigou, um dos predecessores de Saunière em Rennes-le-Château, compõe dois dos quatro pergaminhos que serão encontrados por Saunière em 1891. Bigou havia sido capelão pessoal da família Blanchefort, que no início da Revolução Francesa ainda era uma das mais importantes donas de terras da região. Os dois pergaminhos de Bigou eram textos virtuosos aparentemente extraídos do Novo Testamento. (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 9)

1782 – Joseph de Maistre – que possuía o grau de Grande Professo – escreve uma célebre carta ao duque de Brunswick, sob o título de *Mémoire au dúc de Brunswick*, na qual tenta destruir a lenda templária e a possível filiação da Maçonaria à Ordem do Templo. Finalmente, neste ano em Wilhelmsbad, reúne-se uma convenção final na qual se opera a mudança completa dos três primeiros graus da Maçonaria azul. Eles permaneceram tal como são a partir desta data. Os graus existentes entre as lojas dos três primeiros graus (Aprendiz, Companheiro e Mestre) e a Ordem interna (Mestre Escocês e Cavaleiro de Santo André) foram reunidos num só grau, o de Mestre Escocês, correspondente ao 18º Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. Na ordem interna existem dois graus: o Escudeiro Noviço e o Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa, correspondendo respectivamente ao 30º e 33º graus do Rito Escocês Antigo e Aceito. Os membros do Rito Escocês Retificado, portadores do título de Cavaleiro, recebem um nome maçônico latinizado. Assim, J.-B. Wilhemsbad torna-se Grande Chanceler da 2ª Província e, em seguida, grão-mestre das Províncias de Auberge (Lyon) e de Occitânia (Bordeaux), e se denominava *Eques ab Eremo* (Cavaleiro do Deserto). O duque de Brunswick, grão-mestre Geral da Ordem era *Eques a Victoria* (Cavaleiro da Vitória), J. De Maistre *Eques a Floribus* (Cavaleiro das Flores), etc. (Jean Palou, op. cit, pp. 123-124)

Segundo o Rev. Keith Dear e E. Dermenghem, este não era o que se poderia qualificar como o auge da Ordem, e esta convenção foi um verdadeiro ato de desespero, um campo de batalha entre os racionalistas e os místicos, estes últimos representados pelos martinistas de Lyon e pietistas silesianos de Haugwitz. Os vencidos provocaram uma cisão secreta e se aliaram aos Iluminados Bávaros de Weishaupt, eles próprios irreligiosos e revolucionários. (Jean Palou, op. cit., pp. 124)

Como lembra Jean Palou,

> é preciso distinguir na Maçonaria o Rito, que é uma maneira de operar, e a Obediência, que é uma fórmula administrativa. O Rito Escocês Retificado é cristão no sentido que lhe atribui São Justino no início do século II.
> (*Les Cahiers de la Grande Loge de France*, 11, set/1949; p. 21).

Nos nossos dias, o Rito Escocês Retificado é, de certa forma, não só uma Maçonaria cristã, como o era a Maçonaria operativa; mas apoiada, como de resto o Rito Escocês Antigo e Aceito, do qual procede, nos graus simbólicos, resulta nos Grandes Mistérios por meio de seus graus cavaleirescos, todos envoltos de espiritualidade medieval. (Jean Palou, op. cit., p. 125)

1784, 27 de fevereiro – Morte oficial do Conde de Saint-Germain e Weldon (ou Welldown), sepultado a 2 de março de 1784 na igreja de Eckernförde, segundo os registros da igreja. Seus bens foram colocados à disposição através de publicação de nota oficial pelo prefeito e pela Câmara Muncipal de Eckernförde em 3 de abril. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., pp. 99-100)

1785 – Pela primeira vez é empregado o termo "comunismo", numa publicação deste ano em Paris, pelo novelista Nicolas-Edme Restif de la Bretonne. O escritor do livro, Joseph-Alexandre-Victor Hupay de Fueva, descrevia a si mesmo como um "autor comunista." Seu "*Projeto para uma Comunidade Filosófica*" era o primeiro livro a propor uma sociedade comunista. A palavra francesa *communisme* é derivada de uma palavra significando "propriedade conjunta" ou "comum". (*Compton's Interactive Encyclopedia*, Compton's NewMedia)

O Conde de Saint-Germain é escolhido como um dos representantes dos maçons franceses na sua grande Conferência Maçônica em Paris. Junto com o Conde foram escolhidos Saint-Martin, Touzet-Duchanteau, Etteila, Mesmer, Dutrousset, d'Hérecourt e Cagliostro. (*Magazin der Beweisführer für Verurtheilung des Freimaurer-Ordens*, i., p. 137, von Dr. E. E. Eckert, Leipzig, 1857, citado em Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 96)

1785, 15 de fevereiro – Entre os livres-maçons convidados à grande conferência de Wilhemsbad, a 15 de fevereiro de 1785, encontramos Saint-Germain junto com Saint-Martin e muitos outros. (*Freimaurer Brüderchaft in Frankreich*, Latomia, vol. 2, p. 9. citado em Oakley, op. cit., p. 101)

1785, abril – Willermoz, o grande companheiro de Saint-Martin, obtém sucesso com suas operações:

> a 'Coisa ativa e inteligente' finalmente mostrou-se aos homens. Saint-Martin, sabendo da notícia, parte de Paris em junho deste ano com destino a Lyon, levando consigo uma Bíblia em hebraico e um dicionário para entreter-se na viagem. Ficou 6 meses em Lyon, partindo mais tarde para Nápoles e Londres, onde tomou conhecimento das obras de William Law, morto em 1761, e que pertencia à tradição de Jacob Böhme.
>
> (Louis-Claude de Saint-Martin, op. cit., p. 7)

1788 – Saint-Germain conversa com o conde de Châlons na praça de São Marcos, em Veneza. (Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 100)

Em Strassburg, Saint-Martin toma conhecimento das obras de Jacob Böhme, através de Rudolph de Salzmann. Surpreso, constatou que, em essência, era idêntica à de Martinez. A Saint-Martin coube, então, a tarefa de fazer o feliz casamento das duas correntes doutrinárias, elaborando um sistema capaz de satisfazer seus anseios e colocar à disposição de todos um caminho seguro à Iluminação. Num trabalho intenso com seu colega, Jean Baptiste Willermoz, necessitavam de uma transmissão iniciática da corrente de Böhme para associar à sua, advinda de Martinez. Obtiveram-na através do barão de Salzmann, em Strassburg, e confirmada na linha mais antiga dos templários, ao associar-se com a *Estrita Observância Templária*, do barão de Hund. Willermoz foi o encarregado, em Lyon, de organizar o sistema maçônico do *Rito Escocês Retificado*, fruto da Convenção de Wilhemsbad (vide ano 1782). Segundo René Guénon, em (?), Willermoz foi antes um especulador superficial e fenomênico, intrometido na Maçonaria, que um ardente iniciado nos Mistérios. Suas experiências – ainda segundo Guénon – eram pueris demais para alguém que realmente estivesse preparado ou mesmo interessado em reatar o fio da Tradição.

(R. Guénon, *À propos des supérieurs inconnus et de l'astral*, em *Études traditionnelles*, nº 302, set/1952, p.232, citado em Jean Palou, op.cit., pp. 121-122)

De qualquer forma, Willermoz foi o responsável pela expansão da Estrita Observância na França (vide anos de 1774 e 1778). Coube a Saint-Martin a chefia e a realização de iniciações individuais da Ordem Interior dos Filósofos Desconhecidos.

1785–1789 – Conde de Saint-Germain adverte a Maria Antonieta e Mme d'Adhémar do desastre iminente sobre a realeza. Referindo-se à França para Mme d'Adhémar, Saint Germain diz:

Reino, República, Império, governos misturados, atormentados, agitados, dilacerados. De tiranos espertos ela vai passar às mãos de outros cuja ambição não terá medida. Ela será dividida, parcelada, recortada. E estes não são neoplasmos que estou usando, mas os tempos futuros trarão a derrubada do Império. O orgulho vai fazer tombar ou abolir as distinções, não por causa da virtude, mas por vaidade e será pela vaidade que eles voltarão. Os franceses, como crianças que brincam com algemas e estilingues, vão brincar com honras, títulos, faixas. Tudo será brinquedo para eles, até os cinturões da Guarda Nacional. Os gananciosos vão devorar as finanças. Hoje, cerca de 50 milhões representam o déficit em nome do qual se faz a Revolução. Pois bem, sob a ditadura dos filantropos, dos retóricos, dos bons oradores, a dívida do Estado superará vários bilhões!

(Mme d'Adhémar, *Souvenirs sur Marie-Antoinette*, Paris, Ed. Mame, 1836, pp. 254-261, citado em Isabel Cooper-Oakley, op. cit., p. 71)

E dirigindo-se a Marie-Antoinette, diz Saint-Germain, no diário de Mme d'Adhémar:

– A rainha poderá analisar, com toda sua sabedoria, o que estou prestes a confidenciar. O partido dos Enciclopedistas deseja o poder. Sabe que só o poderá obter através da queda do clero, e para garantir esse resultado está preparado para derrubar a monarquia. (...) Quanta crueldade, quantos crimes serão cometidos! As leis não servirão mais de proteção dos bons e de terror contra os malvados. Serão estes últimos que tomarão o poder com suas mãos manchadas de sangue. Eles pretendem abolir a religião católica, a nobreza, a magistratura.

– De modo que apenas a realeza será mantida! – interrompeu a rainha, impaciente.

– Nem mesmo a realeza!... mas apenas uma república gananciosa, cujo cetro será o machado do carrasco.

Diante dessas palavras, eu não me contive e tomei a liberdade de interromper o conde, na presença da rainha.

– Monsieur! – eu gritei. – Sabe o que está dizendo e na presença de quem está falando?

– De fato – disse Marie-Antoinette, meio agitada. – Essas são palavras às quais meus ouvidos não estão acostumados.

– É a gravidade da situação que me dá coragom para falar – respondeu friamente M. de Saint-Germain. – Não vim com intenção de prestar homenagem à rainha, como ela deve ter percebido, mas sim para colocar em destaque os perigos que ameaçam sua coroa caso não sejam tomadas prontas medidas para evitar o desastre.

– O senhor tem certeza, Monsieur? – perguntou Marie-Antoinette, com ar petulante.

- Estou muito sentido por ter de causar este desgosto, Majestade, mas só posso dizer a verdade.

– Monsieur – respondeu a rainha, com um tom de zombaria na voz –, o que é verdadeiro nem sempre é muito provável.

> – Admito, Majestade, que este é o caso agora. Mas Vossa Majestade há de me permitir lembrar que Cassandra previu a ruína de Troia, e que se recusaram a acreditar nela. Sou Cassandra e a França é o reinado de Príamo. Alguns anos ainda hão de transcorrer, envolvidos por uma enganosa calma. Então, de todas as partes do reino aparecerão homens sequiosos de vingança, de poder, de dinheiro, derrubando tudo o que encontrarem pela frente. A massa sediciosa e alguns grandes membros do Estado lhes darão apoio. Um espírito do verdadeiro delírio tomará conta dos cidadãos. A guerra civil irromperá com todos os seus horrores. Em seu encalço virão mortes, saques, o exílio. Então todos se arrependerão de não me terem dado ouvidos. Talvez eu seja chamado de novo, mas o tempo terá passado... a tempestade ter-se-á batido sobre tudo. (Mme d'Adhémar, op. cit., II, pp. 52-72, citado em Isabel Cooper-Oakley, op. cit., pp. 54-55)

1788 – Saint-Martin desaparece de cena, quando retornou a Lyon.

1789 – Explode a Revolução Francesa[363] (vide ano 1848). O movimento oficialmente cortou a linha da realeza e da nobreza dos destinos do mundo. Se por um lado os movimentos de 1789 abriram uma nova era para uma aceleração do progresso individual e coletivo através da queda do poder temporal real, por outro excluiu definitivamente a participação dos representantes da Arte Real na psique dos povos, o que dava um profundo – embora sutil – sustento à estrutura das civilizações até então. Sutil? Será que poderemos chamar de sutil a duração de sistemas monárquicos e sociedades como o Egito, Roma e China? Ou da Inglaterra, que perdura há séculos? Mas o mundo estava mudando – e radicalmente – e os monarcas e sistemas de governo não souberam se adaptar convenientemente. O resultado foi uma mudança muito brusca, e a concessão do poder a verdadeiros usurpadores, como ocorreu na Revolução Francesa.

Na nova concepção dos chamados “libertadores”, por trás da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, o que se viu em verdade foi a ascensão, há milênios desejada pela classe burguesa, a títulos e ao poder antes somente concedidos pelo sangue. Repetiu-se a usurpação feita em 679 a Dagobert II pela Igreja, que culminou com o assassinato do rei. A diferença foi que o poder foi retirado pela burguesia, não pelo clero. Ironicamente, os mesmos burgueses contrários à classe nobre passaram a pagar por títulos de nobreza a peso de ouro, como se fosse uma simples transfusão de sangue para torná-lo azul. Triste ironia! Afinal, o sistema que tanto combateram acabou por lhes dar seu maior troféu: o título de nobres entre os homens.

O resultado direto deste processo “libertador” foi a extrema exploração do trabalho humano, seja pela Revolução Industrial, através do emergente capitalismo, ou pela exploração do proletariado, no comunismo.

Cabe uma observação quando a absurdas tentativas de ligação da Maçonaria às origens dos grotescos movimentos desencadeados sob a bandeira da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Após tudo o que vimos nesta obra, após buscarmos resgatar a espiritualidade subjacente a todo verdadeiro progresso social e individual humano, seria desnecessário lembrar a incongruência entre a Maçonaria e a Revolução Francesa. Entretanto, daremos novamente a palavra a Jean Palou, desta vez para nos falar a este respeito (os grifos são nossos):

363 Wikipedia – Revolução francesa período de grandes transformações políticas e sociais na França.

A Revolução Francesa foi de tal forma uma subversão das estruturas políticas, sociais e econômicas, que parece uma tolice, hoje, *quando este movimento é estudado sem paixão*, querê-lo enquadrado e dirigido pela Franco-Maçonaria, por mais importante que fosse o lugar por ela ocupado na sociedade europeia do fim do século XVIII. Houve um tempo em que partidários e adversários da Ordem se afrontaram sobre este assunto ainda inflamado. Uns e outros não tinham senão uma visão limitada do problema e só consideravam a Maçonaria, às vezes com razão, num plano externo da vida propriamente dita das lojas. Seu erro foi o de ter confundido dois planos: o dos maçons (que são, apesar de tudo, homens que vivem no mundo) e o da vida iniciática da Ordem. Este erro é também característico dos autores antimaçônicos, como também de certos maçons seduzidos pelo social e, portanto, pela política (muitas vezes no sentido mais baixo do termo), enquanto a Ordem representa algo muito diferente da vida quotidiana da cidade. É certo que as lojas do século XVIII, apesar da pobreza dos textos de registros que nos restam, parecem, ao contrário do que havia preconizado Ramsay em seu famoso *Discurso*, ter-se afundado num materialismo bastante vulgar. A busca iniciática, que é a primordial busca espiritual da maçonaria, passara ao segundo plano. Seria ainda necessário estabelecer um *distinguo*, que alguns considerarão sutil, entre a Maçonaria Escocesa e Cavaleiresca dedicada a uma busca esotérica e de orientação espiritual (que alguns, bastante ignorantes dessas questões, consideram oculta ou mística, o que é exatamente o inverso da verdadeira busca maçônica, isto é, a realização espiritual por meio de um ofício, mesmo encarado 'especulativamente': o de construtor) e a Maçonaria dita do Grande Oriente da França, envolvida com seu grão-mestre Filipe de Orléans na vida política do Antigo Regime. (...) Alguns se obstinam em querer demonstrar que a Revolução foi obra da Franco-Maçonaria, entre eles, só para citar os principais e menos grotescos, o Padre Lefranc ou o Padre Barruel, que fizeram uma mixórdia de imprecisões e lendas inconcebíveis, de preconceitos e opiniões facciosas, confusões (involuntárias ou não) e falsidades (inconscientes ou não). A versão de Barruel era aceita ao mesmo tempo pelos adversários da Ordem e pelos próprios maçons, cujas tendências liberais eram lisonjeadas. (Jean Palou, op. cit., pp. 127-128)

1789 – Com a Revolução Francesa, a igreja de San Dagobert é destruída e as relíquias, assim como muitas outras através da França, são dispersas. A usurpação do poder real é consumada e confirmada aqui, desta vez pelo movimento burguês.

1789, 27 de dezembro – Cagliostro é citado perante a Inquisição pela Congregação do Santo Ofício.

1790 – Saint-Martin retorna a Paris para destruir uma série de cadernos de instrução por ele próprio ditados: '*Eu devolvi ao* **Agente**', conta-nos Willermoz, seu grande companheiro, '*a seu pedido, mais de 80 cadernos manuscritos inéditos, que destruiu*.' (Louis-Claude de Saint-Martin, op. cit., p. 8)

1791, 7 de abril – Cagliostro é Condenado à prisão perpétua pela Congregação do Santo Ofício

por haver incorrido nas censuras e penas pronunciadas contra os heréticos formais, os dogmatizantes, os heresiarcas e os mestres e discípulos da magia supersticiosa. (Cagliostro, *Ritual da Maçonaria Egípcia*, anotado pelo Dr. Marc Haven, Pensamento, S. Paulo, pp. 16-17)

1792 – A população francesa, percebendo que não poderia confiar no rei e na sua "rainha austríaca", e em vista de sua recusa de aceitar a nova constituição

invade as Tuilleries em 10 de agosto. O rei e sua família escapam antes da chegada da turba, refugiando-se na Assembleia Legislativa. A Assembleia suspendeu os poderes do rei e ordenou sua prisão e de sua família. Nova assembleia decidiu pelo fim da monarquia, depondo o rei. Acusado de culpa em conspiração com outra nação contra a França, Louis Capeto, aceitou nobremente a sentença e a morte, segundo os relatos. Sua execução levantou movimentos contrários à Revolução em outros países.

1793, junho – Inicia-se o período do terror na Revolução Francesa, sob o comando dos jacobinos que perseguiram seus opositores sem distinção. Votada a nova Constituição em agosto, só seria aplicada, segundo os jacobinos, após "cessar o perigo" externo e interno. As principais medidas do governo antecipavam a filosofia bolshevik: abolição dos direitos feudais e venda dos bens do clero e dos nobres emigrados, tabelamento de preços para os principais produtos, substituição do culto católico pelo culto à pátria e à liberdade e mobilização geral contra a aliança absolutista (Prússia, Espanha, Holanda e Inglaterra). A pretensão dos revolucionários e o rompimento com a mínima tradição da humanidade foi tamanha que mesmo o calendário e os nomes dos meses foram mudados. Robespierre dominava esta fase.

1793 – Foi em 1793, quando a família e a sociedade dissolviam-se, que [Saint-Martin] vendeu as suas últimas posses para manter e cuidar de seu pai, velho e paralítico. Na mesma época, não obstante os estreitos limites a que ficou reduzida a sua fortuna, contribuiu para as necessidades públicas de sua comunidade. Retornando à capital, foi atingido pelo decreto de expulsão dos nobres. Saint-Martin submeteu-se e deixou Paris.

(J. B. M. Gence, *Teosophic Correspondence between L. C. de Saint-Martin and Kircheberger*, p. IV, citado em L. C. de Saint-Martin, op. cit., p. 9)

Embora Saint-Martin estivesse constantemente mergulhado em suas pesquisas e meditações, foi colhido pelo furor e ignorância que imperava na cidade-luz, recebendo um mandado de prisão.

Não subiu ao cadafalso porque Robespierre caiu em seguida. Havia a proteção do Alto, que o guiava na terra, obscurecida pela agitação dos homens.

(L. C. de Saint-Martin, op. cit., p. 9)

1794, 28 de julho (ou 10 de Termidor, do calendário revolucionário) – Robespierre e vinte partidários são guilhotinados, pela aliança dos girondinos, antigos dantonistas e representantes da planície na Convenção e nos Comitês contra Robespierre. São revogadas as medidas de terror, os tabelamentos e convoca-se nova Constituição.

1794, 10 de outubro – Wronski (18), oficial da artilharia polonesa, tomara parte antes da defesa de Varsóvia contra um exército do rei da Prússia, distinguindo-se com mérito. Depois combate pela independência da Polônia sob a bandeira de Kosciuszko. Wronski é feito prisioneiro pelos russos em 10 de outubro de 1794, em Maciejowice, e torna-se oficial superior da artilharia... russa! Uma metamorfose turbulenta nunca explicada, senão justificada.

1795 – A era da Revolução Francesa de 1789 foi um campo fértil para novas ideias e programas políticos, e a fonte para vários '*ismos*'. Entre essas doutrinas destacam-se o nacionalismo (cujo extremo gerará as ditaduras que farão a 2ª Guerra 40 anos depois), o patriotismo, o liberalismo, o romantismo, o socialismo, o positivismo e o comunismo. Hoje estão quase esquecidos os ensinamentos de um agitador da época chamado François-Noel Babeuf. Enquanto estava na prisão em Paris em 1795, formulou uma

doutrina para igual distribuição de terra e lucros. Em 1796 ele participou de uma conspiração para uma insurreição. Foi preso, acusado e morto em 27 de maio de 1797. A chave deste e outros movimentos de então era a abolição de toda e qualquer propriedade privada, sendo controlados pelo Estado e distribuídos para o povo.

(*Compton's Interactive Encyclopedia*, 1994, Compton's NewMedia)

A História se encarregaria de mostrar as consequências dessa nova forma de absolutismo estatal...

1795, outubro – Em Paris, partidários da nobreza são rechaçados num movimento contra a Convenção, por Napoleão Bonaparte. A guerra estava favorável aos franceses, que dominavam a Holanda, Bélgica, a margem esquerda do Reno e o norte da Itália. Apenas a Inglaterra e a Áustria permaneceram na antiga coligação contra a França.

1796 – Apesar das vitórias francesas na guerra, a política interna do Diretório malograva pela sua conduta. Jacobinos, sob a liderança de Babeuf, tentam se insurgir mas são dominados, assim como tentativas de realistas.

1797 – Wronski (21) sai do exército russo e vai para a Alemanha estudar matemáticas, direito e filosofia.

1798, 19 de janeiro – Nasce em Montpellier, França, Auguste Comte, filósofo francês conhecido como o Pai da Sociologia e do movimento Positivista. A Revolução Francesa já começa a engendrar seus rebentos... (vide ano 1848)

1799, 9 novembro (18 do Brumário) – Após retornar do Egito em agosto, Napoleão dá o golpe que o mantém no poder, juntamente com Sieyès e Ducos, como cônsul. A nova Constituição dá a Napoleão o título de Primeiro Cônsul, com plenos poderes.

SÉCULO XIX d.C.

1800 – Assume o papa Pio VII [Conde Barnaba Niccolò Maria Luigi Chiaramonti], até 1823.

Wronski vai a Marseilles para, segundo ele, se alistar na Legião Polonesa. Publica seu primeiro opúsculo: *O Bombardeio Polonês*.

Napoleão cria o Banco da França, financiando empresas e emitindo moeda. Entre as novas medidas, Napoleão permite a volta dos nobres expulsos, constrói obras públicas (estradas, portos), para aumentar a circulação e reduzir o desemprego, e cancela progressivamente os impostos sobre lucros para aumentar as rendas nos investimentos.

1801 – Napoleão assina um acordo com Pio VII, acertando a não interferência estatal no culto e a restituição dos bens do clero ainda não vendidos. Neste ano capitulam os austríacos em Luneville.

Wronski publica *Crítica da Razão Pura*.

1802- Sem aliados no continente, a Inglaterra assina a paz de Amiens com a França

1803 – Wronski publica *A Filosofia Crítica descoberta por Kant*, e *Filosofia Crítica, fundada sobre o primeiro princípio do Saber Humano*, em Marseilles.

1803, 15 de agosto – Nove dias antes de completar 27 anos, Wronski descobre o Absoluto! Pelo menos ele o crê. Seguiram-se sete longos anos de um completo retiro e labor ferrenho, quase religioso…

(Francis Warrain, *l'Oeuvre Philosophique de Hoené Wronski*, Éditions Vega, Paris, 1933, tomo 1, p. IV)

1803, 13 de outubro – Certa vez, visitando um amigo, Saint-Martin confessou-lhe que estava partindo para o Oriente Eterno. No dia seguinte, 13 de outubro, visitando outro amigo e logo após uma leve refeição, retirou-se para o quarto. Sofreu um ataque de apoplexia e faleceu.

(Louis-Claude de Saint-Martin, op. cit., p. 15)

1804 – Concluído o Código Napoleônico, um código civil com as bases políticas, econômicas, judiciárias e sociais da França, elaborada por uma comissão de Juristas determinados por Napoleão.

Neste ano ele recebe o voto popular para mudar o governo de Consulado para Império, dando direito a seus descendentes. Coroou-se com pleno conhecimento do direito dinástico sobre o fictício poder papal. Por esta razão, mil anos após Carlos Magno ter sido o primeiro rei coroado pelo papa, Napoleão retirou a coroa da mão do papa e colocou-a em si mesmo, coroando também sua esposa, Josephine de Beauharnais, uma viúva com dois filhos que não deixou herdeiros. Os historiadores, desconhecendo a importância histórica do Sangue Real na tradição e no direito de nascença dado pela herança histórica, atribuíram a este ato de Napoleão um simples gesto absolutista.

> Um dos símbolos mais sagrados dos merovíngios era a abelha; e a tumba do rei Childeric continha nada menos que trezentas miniaturas de abelhas feitas de ouro maciço. Juntamente com outros materiais da tumba, essas abelhas foram confiadas a Leopold Wilhelm von Hapsburg, irmão do imperador Ferdinando III e, na época, governante militar da Holanda Austríaca. Segundo Cochet (*Le Tombeau de Childeric 1er*, p. 25), Leopold Wilhelm (que era também grão-mestre dos cavaleiros teutônicos) ficou com 27 abelhas para si, doando o restante. (...) Finalmente, a maior parte do tesouro de Childeric retornou à França. Quando foi coroado imperador, em 1804, Napoleão fez questão de ter abelhas douradas afixadas em suas roupas. Não foi a única manifestação do interesse de Napoleão pelos merovíngios. Para determinar se a linhagem merovíngia tinha sobrevivido à queda da dinastia, ele encomendou a um certo abade Pichon uma compilação de genealogias que, em grande parte, serviram de base para as genealogias dos Documentos do Monastério.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 192)

Precisando legitimar sua herança real, Napoleão se separará de Josephine para desposar uma inegável nobre, em 1810, da casa real dos Habsburgos.

1805 – Napoleão é batido em Trafalgar pelo almirante Nelson, que dá a supremacia dos mares à Inglaterra. Os franceses triunfam em Ulm, contra os austríacos, e em Austerlitz, contra os austríacos e russos, pondo fim ao domínio austríaco na Alemanha e Itália.

1805–1814 – Segundo os *Dossiers Secrets*, entre suas fontes para as genealogias dinásticas desponta o trabalho do abade Pichon.

> Entre 1805 e 1814, Pichon completou o estudo da descendência merovíngia de Dagobert II até 20 de novembro de 1809, quando Jean XXII des Plantard nasceu, em Sémélay (Nièvre). Suas fontes foram documentos descobertos após a Revolução Francesa. Informações adicionais constam da publicação pela *Alpina* de Madeleine Blancasall[364], que afirmou (p. 1) que o abade Pichon era comissionado por Sieyès (Oficial da Diretoria, 1795–99) e por Napoleão. Um corpo completo de material existe em *L'Or de Rennes pour un Napoléon*, de Philippe de Chérisey, que se encontra hoje em microficha

364 Wikipedia – Dossiers Secrets – 2º documento outro pseudônimo de Henry Lobineau

na Biblioteca Nacional de Paris. Em suma, Chérisey diz que o abade Sieyès, via pesquisas de Pichon nos arquivos reais capturados, sabia da sobrevivência dos merovíngios. Ele contou a história a Napoleão, a quem ele apressou a se casar com Joséphine, ex-esposa de um descendente merovíngio, Alexandre de Beauharnais. Napoleão adotou mais tarde seus dois filhos, que carregavam o 'sangue real'.

Mais tarde, Napoleão encomendou ao abade Pichon (cujo nome real seria François Dron) que completasse uma genealogia definitiva. Napoleão estava interessado, entre outras coisas, nas indicações de que a dinastia Bourbon era na realidade ilegítima. E sua coroação como 'imperador dos franceses' (não da França) em uma cerimônia com importantes ressonâncias merovíngias, seria resultado dos estudos de Sieyès e Pichon. Se isto é verdade, Napoleão estava montando a base para um império merovíngio renovado. Sendo destituído de filhos com Joséphine, ele então se casou com Marie Louise, a filha do imperador austríaco Hapsburg, de descendência merovíngia. Ela lhe deu um filho, Napoleão II, que carregava o 'sangue real' dos merovíngios. Entretanto, este morreu sem deixar filhos. Mas o futuro Napoleão III, filho de Louis Bonaparte e Hortense de Beauharnais (filha de Joséphine e seu primeiro marido) também carregava o 'sangue real'.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 389-390)

1807 – Napoleão vence em Friedland os prussianos e russos, submetendo a Áustria, Prússia e Rússia, com a qual faz um acordo de paz em Tilsit. O império napoleônico atinge seu auge, estendendo-se de Gibraltar ao Adriático, do Reno ao Niemen, incorporando toda a Europa Central. O bloqueio à Inglaterra, imposto em novembro de 1806, estende-se por toda a Europa. Na prática, era difícil impedir o necessário comércio dos produtos ingleses.

Para completar o bloqueio inglês, Napoleão domina a Península Ibérica, destronando Fernando VII da Espanha e expulsando a família real portuguesa para o Brasil.

1810 – Napoleão desposa Marie Louise, a filha de 18 anos do imperador da Áustria, da casa dos Habsburgos, uma das mais nobres famílias reais europeias. No ano seguinte ela lhe dará um herdeiro que Napoleão colocará no trono de Roma. A partir de 1810 a luta contra Napoleão recrudesce.

1810, 8 de fevereiro, Paris – Nasce Alphonse Louis Constant, abade francês que mais tarde ficaria conhecido como o ocultista Eliphas Levi Zahed[365], considerado o maior ocultista do século XIX. Filho de um modesto sapateiro, Jean Joseph Constant, e de Jeanne-Agnès Beancourt.

(Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta – Cartas ao Barão Spédalieri*, Sociedade das Ciências Antigas, SP, 1984, p. 7)

1810, 15 de outubro – Wronski apresenta à Academia de Ciências de Paris uma memória sobre a lei suprema das matemáticas. O relatório foi sujeito a Lagrange e Lacroix, sendo ao mesmo tempo elogiado e criticado.

(Francis Warrain, *l'Oeuvre Philosophique de Hoené Wronski*, p. IV)

1811 – Wronski apresenta uma memória sobre o '*problema universal das matemáticas*', provocando uma discussão longa e acirrada. Wronski se encoleriza e arrebata contra os '*sábios com privilégios*', uma polêmica plena de asperezas. Isto não entrava sua produção, um riquíssimo cortejo de trabalhos matemáticos sobre os traços de suas primeiras descobertas. Neste mesmo ano publica *Introdução à Filosofia das Matemáticas*.

(Warrain, *l'Oeuvre Philosophique de Hoené Wronski*, pp. IV e V)

365 Wikipedia – Éliphas Lévi (1810–1875) clérigo e ocultista francês.

Auguste Comte (13), segundo ele próprio o diz em seu testamento: “*Desde os 13 anos, espontaneamente, me afastei de todas as crenças sobrenaturais*.”

1812 – Wronski publica *Resolução Geral de Equações, dedicada à Polônia*.

Auguste Comte (14), segundo ele próprio em seu testamento: “*A partir dos 14 anos deixei, naturalmente, de crer em Deus*.”

1812, junho – A Rússia, opondo-se ao bloqueio continental à Inglaterra, desencadeou a primeira grande coligação europeia coordenada contra Napoleão, mobilizando um milhão de homens. Napoleão invade a Rússia em junho de 1812 com um exército de 600 mil homens, chegando até Moscou com o exército dizimado pela fome, frio e pela política de terra arrasada dos retirantes russos. Os franceses retornam com apenas cinco mil homens.

1813 – Áustria, Inglaterra, Rússia, Prússia, Suécia e outros coligados vencem a batalha de Leipzig e invadem a França. O czar russo e o rei da Prússia entram em Paris. Napoleão é deportado a Elba.

1814 – Wronski publica *Filosofia do Infinito*.

1815 – Napoleão, fugindo de Elba, ataca ingleses e prussianos, comandados por Wellington e Blucher. Em junho de 1815 é derrotado na batalha de Waterloo, sendo aprisionado e enviado à ilha de Santa Helena.

1818 – Wronski publica *Introdução à Esfinge*.

1818, dez e fev 1819 – Wronski publica *Números 1 e 2 da Esfinge ou a Nomotética Séhéliana*.

1820 – Eliphas Levi, aos 10 anos, ingressa na comunidade do presbitério da igreja de Saint-Louis em L'Ile, onde aprendeu o catecismo sob a direção do abade Hubault, fundador da comunidade. Este selecionava os garotos mais inteligentes e com maior aptidão à carreira eclesiástica.

(Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, p. 7)

1821 – Morre Napoleão.

1823 – Assume o papa Leão XII [Conde Annibale Francesco Clemente Melchiore Girolamo Nicola Sermattei della Genga] até 1829.

1825 – Eliphas Levi – com 15 anos – é encaminhado pelo abade Hubault ao seminário Saint-Nicolas du Chardonnet para a conclusão de seus estudos preparatórios. Aqui terminou sua vida familiar. Com 18 anos já era capaz de ler a Bíblia em seu texto original. (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, p. 7)

> Ao mesmo tempo que as inscrições persas em Persépolis e Behistun eram decifradas por Burnouf em Paris, por Lassen em Bonn e por Sir Henry Rawlinson na Pérsia, foi revelada a existência, no tempo dos primeiros reis Achaemênios, de uma linguagem estreitamente conectada com aquela do Avesta, e as últimas dúvidas acerca da autenticidade dos livros Zend foram finalmente removidas. Seria necessária mais que uma quantidade normal de ceticismo para olhar ainda para o Zend como uma linguagem artificial, de importação estrangeira, sem raízes nas terras onde foi escrita e na consciência do povo para quem foi escrito, no momento em que uma língua gêmea, de maneira impressionantemente semelhante a ela em quase todas as formas, se fez escutar da boca de Dario, e falando da profundidade da tumba do primeiro rei achaemênida. Aquela voz inesperada silenciou todas as controvérsias, e os últimos ecos da ruidosa discussão que foi aberta em 1771 discretamente se extinguiram.
>
> (James Darmesteter, *The Zend-Avesta*, p. xxv)

1829 – Assume o papa Pio VIII [Francesco Saverio Castiglioni], até 1830.

Wronski publica *Problema Fundamental da Política Moderna*.

1830 – Aos 20 anos, Eliphas Levi é encaminhado ao seminário de Issy para cursar Filosofia. Aqui ele cria seu primeiro drama bíblico, **Nemrod**.

1830, final – Pela primeira vez um grupo revolucionário se caracteriza como "comunista", quando as ideias de Babeuf são revividas.

1831 – Wronski publica *Prospecto do Messianismo* e *Prefácio do Messianismo*; *Revelações dos Destinos da Humanidade*.

1831, noite de 30 para 31 de julho – Nasce Helena Petrovna Blavatsky, em Ekaterinoslav, em Novo-rossiysk (Nova Rússia), Rússia. Para dar sua filiação deixaremos a cargo de Sinnett, um de seus maiores colaboradores, a partir da biografia escrita por Roso de Luna:

'*E chegou a tanto a maldade dos caluniadores de H.P.B.'* – disse Sinnett –, '*que até se duvidou de sua própria identidade pessoal; por isto esta* (Blavatsky) *se viu obrigada a escrever a seu tio, o general Fadéeff, Secretário de Estado de São Petersburgo e Adjunto do Ministério do Interior, rogando-lhe que certificasse de que era ela mesma*.' A resposta deste, assinada pelo príncipe Doudoukoff-Korsakoff, viria mais tarde do Cáucaso, e inserida no Prefácio da segunda edição de *O Mundo Oculto*, de Sinnett, e diz literalmente:

> Pela presente certifico que Madame H. P. Blavatsky, residente atualmente em Simla (Índia Inglesa), é, por linha paterna, filha do coronel Pedro Hahu e neta do tenente coronel Alexix Hahu de Rottenstern Hahu, nobre família de Mecklemburg (Alemanha) estabelecida na Rússia, e por linha materna filha de Helena Fadéeff e neta do conselheiro privado Alexis Fadéeff e da princesa Helena Dolgorouki, sendo, enfim, viúva do Conselheiro de Estado Nicéforo Blavatski, ex-vice-governador da Província de Erivan, no Cáucaso. (Documento firmado em São Petersburgo, 18 de setembro de 1881).

Pelo major-general Rotislav Fadéeff, Adjunto do Conde de Ignatieff, incorporado ao Estado Maior do Ministério da Guerra. (Mario Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, Kier, Buenos Aires, 1973, pp. 30-31)

A noite do nascimento de Blavatsky é considerada, em toda a Rússia, como a mais propícia para os nascimentos extraordinários, pois se diz que é a única do ano sobre a qual não tem ação nenhuma as desarmonias do Maligno inimigo do humano de linhagem. Representa para o russo o equivalente à festa céltica de Beltane, representada pelos fogos de São João em 24 de junho, ou à memorável noite de Mkadr para o sírio-arábico. Conta a tradição local acerca do nascimento de Helena que, em virtude do grande número de fenômenos paranormais a que estava sujeita desde seu nascimento, fizeram arder nas chamas as vestes sagradas do padre ortodoxo que a batizou, e toda sua família assegura que suas brincadeiras infantis eram das mais estranhas, pois no bosque, no palácio ou nas margens do rio falava e fazia travessuras com seres para ela bem reais, apesar de, para os demais, serem invisíveis.

Eram gnomos, ondinas, duendes, etc., do que estão cheias as tradições cabalistas nas lendas da mitologia universal. Contra sua vontade ocorriam espalhafatosamente os mais variados fenômenos mediúnicos: dançavam os móveis, soavam campainhas à sua volta e batiam na parede muito antes destes fenômenos serem familiares ao mundo ocidental. Tanto foi que, alarmadíssimos os de sua familia em sua sã e tradicional ortodoxia grega, tomaram já a sério e trataram de remediar tal desastre na medida em que lhe ditara sua sã fé de cristãos sinceros. Convém citar um dos inúmeros testemunhos a respeito por sua família. É um relato de sua irmã Vera, que nunca trocou sua simplicidade cristã pelas complicadas teorias teosóficas de Helena:

No verão de 1860, deixamos o governo de Pskoff para ir ao Cáucaso e visitar nossos avós, os Fadéeff e a nossa tia materna, Madame Witté, a quem fazia mais de onze anos que não viam Helena. Em nossa viagem, ao passar pela cidade de Zadousk, soubemos que o Arcebispo de Kieff, o venerável Isidoro, a quem desde meninas conhecemos em Tiflis, se achava na cidade a caminho para São Petersburgo. Fomos, depois, à igreja Arcebispal com grande receio de minha parte; tanto que no caminho disse à minha irmã Helena: 'Muito cuidado! Controla os teus diabinhos pelo menos na presença do Arcebispo.' Ela riu-se, afirmando que assim o desejava, porém que disso não poderia responder. Com efeito, tão logo o venerável prelado começou a fazer perguntas a minha irmã com respeito às suas viagens, começou também sabido e inteligente golpear, como se aqueles inoportunos invisíveis que sempre a acompanhavam quisessem intervir imprudentes a conversação, interrompendo-nos continuamente e fazendo vibrar os móveis, nossas taças de chá e mesmo as contas do rosário que tinha nas suas mãos nosso santo ancião. Inteligentíssimo e tolerante como era o venerável prelado Arcebispo, logo se deu conta da situação para nosso vivo desalento e perguntou quem das duas irmãs era médium. E, como verdadeira egoísta, me apressei a dizer que era Helena, e então o prelado se pôs a interrogar a esta, dirigindo-se mentalmente a seus invisíveis acompanhantes durante mais de uma hora, não sem ficar maravilhado com tudo aquilo. 'Não existe nenhuma força, minhas filhas' – acabou dizendo o santo homem – 'que não proceda do Criador, em sua essência como em suas manifestações, e nada tereis que temer enquanto não abuseis do estranho dom que o Senhor lhes tem concedido. Jamais foi ilícito o investigar a respeito das forças ocultas da Natureza, e um dia chegará em que elas serão compreendidas e até dominadas e utilizadas pelo homem, apesar de que não nos achemos neste caso todavia. Que a bênção de Deus, filha querida, te acompanhe onde vás!' E unindo a ação ao dito, o prelado abençoou de novo a Helena. Com respeito a esta, quantas vezes acudiam à sua memória as palavras de bondade daquele santo prelado, uma das primeiras cabeças visíveis da Igreja Ortodoxa grega, sempre as recordava com carinho e gratidão.

(M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, Kier, Buenos Aires, 1973, pp. 32-33)

Como veremos, somente em 1863/1865 Blavatsky finalmente ficará livre dessas manifestações psíquicas descontroladas que tanto a incomodaram.

1831 – Assume o papa Gregório XVI [Bartolomeo Alberto Cappellari], até 1846.

1832 – Eliphas Levi, então com 22 anos, é encaminhado para Saint-Sulpice para estudar Teologia. Aqui ele cria seus primeiros poemas religisos, de grande beleza.

1835 – Aparecimento do cometa Halley.

1835, 19 de dezembro – Eliphas Levi é ordenado diácono. Em maio de 1836 seria ordenado sacerdote, se não tivesse confessado seu amor pela candura de uma jovem a quem ministrava a catequese, a qual Eliphas amou como se fosse uma deusa. Após 15 anos de estudos Eliphas vê-se jogado fora da carreira eclesiástica e sua mãe suicida-se de desgosto.

1839 – Eliphas Levi parte para o Convento de Solesmes, dirigido por um abade rebelde. Aí encontrou uma biblioteca com mais de 20.000 volumes, iniciando-se na leitura dos padres da Igreja, dos gnósticos e de alguns ocultistas, especialmente a Senhora Guyon:

> A vida e os escritos dessa senhora sublime abriram-me as portas de inúmeros mistérios que ainda não tinha podido penetrar; a doutrina do puro amor e da obediência passiva de Deus desgostaram-me inteiramente da ideia do inferno e do livre arbítrio; vi Deus como o ser único, no qual deveria absorver-se toda personalidade humana. Vi desvanecer o fantasma do mal e bradei: um crime não pode ser punido eternamente; o mal seria Deus se fosse infinito! (A. L. Constant, *L'Assomption de la Femme ou le Livre de l'Amour,* Paris, Le Gallois, 1841, p. XIX) (...)

> Partiu de Solesmes sem dinheiro mas com uma profunda paz no coração. Não acreditava mais no inferno! Eliphas Levi passou, então, de emprego em emprego, sempre perseguido pelo clero, que via nele um apóstata.
> (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, pp. 8-9)

1840 – O comunismo é denunciado num jornal alemão como uma conspiração criminosa. O conceito começa a tomar corpo como um movimento revolucionário de trabalhadores. Mas foi nos teóricos que o movimento transformou-se no comunismo, uma ideologia revolucionária. O mais conhecido destes teóricos foi Karl Marx.

Wronski publica *Metapolítica Messiânica ou Filosofia Absoluta da Política*, além de *Tabela da Filosofia da História*, *Tabela da Filosofia da Política*, *Segredo Político de Napoleão como base do mundo moral do porvir* e *O Falso Napoleonismo como Interpretação Funesta das Idéias Napoleônicas*.

1841 – Eliphas Levi (31) publica sua *Bíblia da Liberdade*, o que lhe custou 8 meses de prisão e uma multa de 300 francos por profanação ao santuário da religião e atentado contra as bases da sociedade, propagando o ódio e a insubordinação.

Nesta época conhece os escritos de Sedenborg. Segundo Eliphas, estes escritos não contêm toda a verdade, mas conduzem o neófito com segurança na senda. Saindo da prisão, apesar dos contratempos materiais entrou em contato com os ocultistas da Idade Média: Agrippa, Lulle, Postel. (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, op. cit., p. 9)

1842/43 – Wronski publica *O Destino da França, da Alemanha e da Rússia, como Prolegômenos do Messianismo*.

1844 – Conta a tia de Helena Blavatsky (13), um incidente, contado por Sinnett a partir da tia de Helena, Nadejda, que ocorreu à menina neste ano:

> Desde a sua tenra infância a menina clarividente via a majestosa figura de um hindu com branco turbante que sempre era um e ele mesmo, e a quem ela conhecia tanto como a seus próprios familiares, chamando-o seu Protetor, dizendo que ele era quem lhe salvava de todos os perigos e acidentes. Um desses acidentes lhe ocorreu quando tinha 13 anos de idade: um cavalo em que ia montar se espantou, saindo descontrolado enquanto a menina ficava pendurada no estribo. Entretanto, em vez de morrer, o que seria o normal, sentiu que ao redor de seu corpo se estendiam os braços de alguém que a segurava até que se deteve o cavalo. Outro acidente aconteceu antes, quando era apenas uma menina, a saber: quando desejava examinar certo quadro que estava pendurado na parede coberto por uma cortina. A menina havia pedido muitas vezes que lhe mostrassem o quadro, porém não foi satisfeita em seus desejos. Certa vez em que se viu sozinha, encostou uma mesa na parede, pôs outra mesa pequena sobre ela e depois uma cadeira em cima. Ao pretender desde seu artefato correr a cortina, perdeu o equilíbrio, e toda armação veio abaixo com ela, que perdeu a consciência. Ao voltar a si encontrou-se deitada no solo, porém sã e salva, e viu que as mesas e a cadeira estavam em seu lugar e a cortina fechada sobre o retrato. A única prova do que realmenle lhe tinha acontecido era um pequeno sinal de sua mãozinha, que ficou marcada na parede abaixo do quadro.

(M. Roso de Luna, op. cit., pp. 49-50)

1845 – Eliphas Levi (35) escreve sua primeira obra ocultista: *O Livro das Lágrimas ou o Cristo Consolador*.

Helena P. Blavatsky (14) vai em viagem de instrução a Londres e Paris, levada por seu pai.

1846, 13 de julho – Eliphas Levi casa-se com Marie Noémi Cadiot, matrimônio que durou sete anos e que foi para ele um suplício.

1846 – Assume o papa Pio IX até 1878.

1847, 3 de fevereiro – Eliphas Levi vai para a prisão por 6 meses e recebe uma multa de 1000 francos por escrever temas politicos, instigado por sua mulher.

1847 – Nasce a filha de Eliphas Levi, que morrerá em 1854 após uma infância cheia de doenças. Das cartas de Eliphas ao barão de Spédalieri, *Correspondência*, t. IX, (P. Chacornac, *Eliphas Levi*, Paris, 1926, p. 108) temos:

> Um dia, diz Eliphas, trouxeram-me esta pobre criança agonizante – porque não ouso dizer morta – por uma estúpida mulher que Noèmi, incapaz de ser mãe, tinha admitido como ama-de-leite. A criança estava fria, o coração e o pulso não batiam mais. Noèmi, que não soube cuidar dela como devia, estava furiosa, dizendo que mataria o filho da ama-de-leite (que mulher eu tinha, grande Deus!). Para apaziguá-la, jurei-lhe que a menina não estava morta. Transportei o pobre corpo para a cama e coloquei-o sobre meu peito. Assoprei ao mesmo tempo em sua boca e em suas narinas. Senti que ela começava a se desentorpecer. Peguei em seguida um copo de água morna e bradei: **Maria! Si quid est in baptismate catholico regenerationis et vitae, vive christiana! Ego enim te baptizo in nomine Patris et Fili et Spiritus Sancti**. Meu amigo, não vos conto um sonho: a criança abriu imediatamente seus grandes olhos azuis espantados e sorriu... Levantei-me precipitadamente com um grande grito de alegria e conduzi-a aos braços de sua mãe, que não podia acreditar no que estava vendo.
>
> (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, p. 10)

Wronski publica *Messianismo ou Reforma Absoluta do Saber Humano*, vol. 1.

Helena P. Blavatsky (16) casa-se com Nicéforo Blavatsky, um homem que tinha três vezes sua idade. Segundo o relato de sua irmã, Vera P. Felihosvsky:

> ...e alguns meses depois deixou-o do mesmo modo impetuoso e obstinado que havia tido de casar-se com ele. Lhe deixou com o pretexto de ir viver com nosso pai, porém antes de chegar onde ele se achava desapareceu, e tanto que, durante anos, ninguém supôs onde estava, dando-se por morta. Seu esposo era subgovernador da província de Erivan, na Transcaucásia. Era, em todos os conceitos, um homem excelente, porém com um defeito: o de haver se casado com uma menina que o tratava sem o menor respeito, e que de antemão lhe disse abertamente que a única razão para preferi-lo aos demais que desejavam casar-se com ela era que lhe importava menos fazer-lhe desgraçado que a qualquer dos outros. 'Cometeis um grandiosíssimo erro de casar-se comigo' – lhe disse antes de contrair matrimônio. 'Sabeis perfeitamente que sois bastante velho para ser meu avô. Vais causar a desgraça a alguém, porém não será a minha. E quanto a mim, não tenho medo, e previno que não sereis vós que saireis ganhador de nossa união.'
>
> Não pode, pois, dizer a seu marido que deixasse de obter o que havia contratado. Três meses depois de casada, H.P. Blavatsky abandonou a cavalo o domicílio conjugal, embarcando em um vapor para escapar também de seu pai. Se disfarçou de grumete a fim de passar facilmente

> pela inspeção da polícia. Encontrou uma amiga em Constantinopla e seguiu com ela ao Egito, de onde fez amizade com um ancião copta (nome dado aos descendentes egípcio-cristãos), de quem aprendeu alguns conhecimentos ocultos. Seu marido tratou, então, de obter o divórcio, e ainda que ela não tivesse sido sua mulher senão no nome e o houvesse abandonado, não conseguiu triunfar sua causa.
>
> Helena passou a maior parte de sua juventude, e na realidade quase sua vida inteira, fora da Europa. Nos últimos tempos afirmava que havia vivido muitos anos no Tibet, nos Himalaias, no extremo norte da Índia, onde estudou a língua e literatura sânscrita, juntamente com as ciências ocultas, tão conhecidas dos Adeptos – homens sábios ou Mahatmas – por quem tanto teve que sofrer depois. Tal é, pelo menos, a relação que de seus feitos fez a seus parentes.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 34)

Ao que parece, seu pai, ao saber da fuga, não se surpreendeu, pois sabia que o casamento a que se vira forçada não lhe impediria por muito tempo. Enviou-lhe os fundos necessários para a passagem de Constantinopla ao Egito e a Londres.

Saindo da casa armênia de Erivan, no Cáucaso, H.P.B. provavelmente seguiu a cavalo pela estepe cossaca entre o Volga, o Dnieper e o Dniester, indo daí para Odessa e Constantinopla.

1848 – Wronski publica *Messianismo ou Reforma Absoluta do Saber Humano*, vols II e III.

"*Um espectro está assombrando a Europa. O espectro do comunismo*." Esta é a linha de abertura do *Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx, quando publicado em 1848. O espectro, na verdade, era que [fosse] uma continuação do espectro da Revolução Francesa, o movimento que oficialmente cortou a linha da nobreza da história ocidental. Num trabalho cuja finalidade principal é exaltar as Luzes da Humanidade, é inevitável que mencionemos algo sobre as sombras que as acompanham aqui na terra. Como vimos, os movimentos de 1789, na França, marcaram o início da materialização da sociedade ocidental, com o aparecimento dos primeiros esboços da filosofia comunista por um prisioneiro da própria Revolução Francesa, François-Noël Babeuf, em 1795.

Marx, Friedrich Engels, Lênin e outros teóricos do comunismo nunca explicaram em detalhe que tipo de sistema queriam estabelecer. Seu objetivo era uma sociedade na qual os trabalhadores – não os capitalistas – detivessem todos os meios de produção, especificamente a terra, fábricas e maquinários. Para alcançar esta situação ideal, um período de transição era necessário, durante o qual o governo controlaria a economia. Esta transição acabaria se perpetuando e o modelo jamais passaria do papel, pois o absolutismo real, deposto em 1789, seria substituído pelo absolutismo estatal de 1917...

Olhando com mais profundidade, a grande característica comum aos sistemas extremistas implantados foi o de negar e combater a espiritualidade. Praticamente todos eles se opuseram fortemente a qualquer aspecto de religiosidade, seja através do movimento positivista, nos sistemas capitalistas e seu materialismo tecnológico, ou no radicalismo das ideologias comunistas mais ortodoxas, proibindo a religião, ou o "ópio do povo". Evidentemente, o novo ópio inoculado nunca foi admitido: a deificação do Estado, a utilização em massa da propaganda política, o repúdio à livre iniciativa e à individualidade em prol do "social", ou – grotesco paradoxo – a negação de

Deus convivendo com a deificação de dirigentes do partido, como aconteceu com Lênin, Stalin e Mao. Em suma, substituiu-se uma hierarquia sagrada por outra profana, sob o pretexto das necessárias reformas sociais e econômicas.

É bem verdade que a própria nobreza e a realeza fez por merecer movimentos tão radicais contra ela, mas é inegável que o ponto de equilíbrio estava longe de ser atingido. Suprimir a nobreza e mesmo a realeza estava longe de ser uma solução harmônica, e a Inglaterra já o provara quase 600 anos antes da Revolução Francesa. Mas o mundo mudara drasticamente, e as mudanças sociais estavam longe de acompanhar as necessidades.

No capitalismo florescente, o que se viu foi um entorpecimento social com a abundância de bens materiais. Subitamente, o homem se viu sem qualquer necessidade de Deus. A criatura fascinou-se com sua criação. O aparecimento do movimento positivista – ou melhor, cientificista, ateísta – foi inevitável neste sistema auto-suficiente. O termo *Positivo*, evocado pela psique de seus idealizadores, evoca exatamente o movimento *material* desta filosofia. Os Iniciados sabem que o trabalho na *Profundidade*, o trabalho *espiritual interno*, livra o indivíduo da atração da terra, da *Mater*, da materialidade. A terra tem energia negativa. O Positivo, portanto, é atraído pela terra. Deriva daí o materialismo do chamado positivismo. Para demonstrá-lo, precisamos entender melhor o que os antigos entendiam por Positivo e Negativo na Espiritualidade e na Gravitação.

A Gravitação e a Espiritualidade

Os inúmeros casos relatados de levitação, observados inclusive em alguns santos da Igreja, em breve serão explicados pela ciência graças ao maior entendimento da interação das energias mental e eletromagnética, e dessas últimas com os corpos físicos. A equivalência da *energia* e *matéria* já foi demonstrada desde o início do século por Planck, Einstein, de Broglie e outros. A grande lacuna que falta ser preenchida, todavia, é a ligação deste binômio com a *energia mental*, e a unificação de todos os chamados campos energéticos numa mesma lei de formação. Aí está o ponto de partida para compreender a origem das forças gravitacional, elétrica, magnética e das forças atômicas. Einstein morreu traçando os esboços desta Teoria do Campo Unificado, e ainda hoje a ciência engatinha nesta compreensão.

O exterior dos objetos manifestados carrega consigo uma energia que podemos chamar, por assim dizer, de eletromagnética, do tipo positiva. Não devemos tomar o sentido comum de energia eletromagnética, como a luz e as radiações gama. Devemos entender este termo eletromagnético no sentido que apresenta forte ligação com a força gravitacional, e portanto também apresenta uma polarização, um positivo e um negativo, tal como a eletricidade e o magnetismo.

As leis gerais da Gravitação foram esboçadas por Newton há trezentos anos, e desde então permanecem praticamente intactas. Mas qualquer físico sabe, embora pouco ou nada se comente, que ambas as energias são traduzidas por fórmulas idênticas na sua forma: "*Massa (ou Carga) atrai Massa (ou Carga) na razão direta do produto das Massas (ou Cargas) e na razão inversa do quadrado das distâncias*."

Apesar da ligação entre o magnetismo e a eletricidade já ter sido por demais comprovada, a ligação entre a força gravitacional e elétrica ainda espera por alguém que a decifre. A simples identificação de ambas as fórmulas de

atração de massas e cargas já torna inevitável o corolário de sua ligação. Para entender esta ligação, a qual aparentemente fere nossa concepção estanque destes universos, basta lembrarmos que todos os corpos são feitos de partículas, e todas as partículas têm cargas elétricas (mesmo quando aparentemente não apresentam, como os nêutrons), todas as cargas têm uma orientação magnética (*spin*), e todas estas partículas são, simultaneamente, fótons ou partículas energéticas. Como tal, são passíveis de serem afetadas por campos energéticos, tais como energias mentais *convenientemente dirigidas*. Inverter a polaridade de uma atração gravitacional, portanto, pelo menos em teoria, não deve surpreender qualquer cético. Tampouco fenômenos como os da telecinese e telepatia, exaustivamente estudados não apenas no Ocidente mas pelos "materialistas" do antigo bloco soviético. Explicado isto, podemos agora entender melhor – e mais concretamente – os movimentos espirituais, não como mero delírio de massas, ou "ópio do povo", mas como forças de energização globais que animam virtualmente todos os corpos, animados ou não.

Uma vez que admitimos a possibilidade de análise da força gravitacional ligar-se a estas forças eletromagnéticas sutis, podemos entender melhor o conceito dos antigos da energia magnética negativa da terra. Já tivemos a oportunidade de mostrar esta correlação quando vimos os símbolos dos antigos para representar este binário da materialidade, da letra B, da Lua e do sinal horizontal da força negativa manifestada. Na própria matemática adotou-se naturalmente o sinal horizontal "-", símbolo do negativo. ~~Para entendermos~~ a energia dos movimentos Positivistas, Comunistas e Materialistas, em geral, então, é melhor entendida pela caracterização do Positivo, o de voltar o indivíduo para o exterior, e não para o interior. Com isto, dizemos o mesmo que afirmar que esta Positivação materialista é o oposto do caminho do Coração espiritual, o Exotérico é o caminho inverso do Esotérico. A humanidade custou muito a aprender esta lição.

O Resgate do Espírito

Mal recolheram os escombros do muro da vergonha e dos principais regimes totalitários, e a humanidade ainda não está consciente do caminho que deve rumar, mesmo dentro da aparente segurança da sociedade tecnológica ocidental. Como tivemos a oportunidade de mencionar na Introdução desta obra, pelo menos parcela significativa da vanguarda da ciência começa a enveredar por esta visão holística do homem e do mundo, tentando levar o desenvolvimento externo em paralelo com a harmonização interna. Resta ver os reflexos dessa filosofia em nossa sociedade, tão viciada em valores falidos.

Quando os antigos referiam-se a esta positividade externa sendo equilibrada com o trabalho interno, do coração, a intenção era dar à humanidade o conceito do amor em detrimento da razão pura, do espiritual em contraponto com o material. Quando abordamos com tanta ênfase a questão dos Mistérios de Elêusis (1800 a.C.) e de Arcádia (48.000 a.C. e 1656 d.C.), chegamos sem dúvidas à questão do Cárdio, do cardíaco, do íntimo humano.

Todas estas virtudes foram as primeiras a serem suprimidas e mesmo abominadas pelos movimentos materialistas. Na melhor das hipóteses, estes movimentos relegaram os assuntos sutis da espiritualidade à fantasia e mesmo à sandice. Não sem certa razão, pois a capacidade do ser humano de ligar-se à mistificação alienante é tão grande quanto sua tendência ao conformismo materialista. O resultado, entretanto, dessas filosofias

concretistas é invariavelmente o mesmo: radicalismo, opressão, supressão das ideias e mesmo destruição de qualquer traço de gestão esclarecida.

Este é o grande papel da Espiritualidade, mais que nunca necessária ao Ocidente: equilibrar seus conceitos e harmonizar sua ciência, aumentando o grau de consciência da sociedade e guindá-la da massa para o indivíduo, do social para o auto-conhecimento, então, que os corpos físicos em geral apresentam esta energia eletromagnética chamada positiva, enquanto a terra é negativa. Uma maior positivação, portanto, implica maior atração à terra, menor sutilização, maior densificação. No corpo humano, a região cardíaca – que tivemos a oportunidade de analisar detidamente à luz da Tradição Antiga, é um reservatório de energia eletromagnética negativa. E a Arca, da qual tanto falamos, uma pequena "terra". O trabalho espiritual real, profundo, estando ligado à região cardíaca, leva o indivíduo a uma negativização, portanto, contrário ao movimento positivista ou materialista.

Negativisando-se, ele se afasta cada vez mais da atração da terra. A Positivação, por outro lado, atrai mais ainda o indivíduo para a terra, de onde não consegue se libertar. Daí o nome do movimento materialista ocidental, pois cada negação do divino em seu interior significa ir para a periferia, que é positiva. A consequência é sua maior atração pela terra, pela *Mater*, pelo Material. Justifica-se, então, o nome do movimento positivista. E é novamente na França que vemos o aparecimento da inevitável sombra se opondo à luz arrojada por Saint-Germain, Saint-Martin, Eliphas e outros. No berço do Rito Escocês Antigo e Aceito, o mais profundo e iniciático de todos da Maçonaria, apareceram filosofias maçônicas que negam mesmo a existência de Deus, e justamente na França! Afinal, nenhuma surpresa nos deve tomar uma vez que os próprios pais do positivismo e da filosofia comunista foram franceses: Auguste Comte e François-Noel Babeuf.

O Sangue Equilibrador

Como resultado desta negação do Sangue Real, todos os países onde o sistema da realeza foi derrubado em favor da democracia ou do comunismo passaram por um período de transição muito longo e instável (alguns durando até hoje), um período de caos social e político. O caso da França é dos mais elucidativos. Após a Revolução Francesa sucedeu-se o horror das execuções sumárias do Estado revolucionário. Seguiu-se o império de Napoleão, numa tentativa de restaurar a realeza na sua forma mais pura. Napoleão ficou famoso pela sua busca de legitimidade ao seu trono, quando identificou-se com a linhagem merovíngia. Antigos costumes como o uso de abelhas douradas na roupa real foram adotados pelo imperador francês.

A célebre auto-coroação de Napoleão, tomando a coroa nas próprias mãos, além dos movimentos seguintes, incluindo os movimentos comunistas e positivistas (?). [Na França,] O sistema político do pós-guerra só foi fortalecido após o estabelecimento de um governo forte e duradouro (portanto algo monárquico). O período de 14 anos que se seguiu à guerra foi de grande caos político, intercalando mais de 26 ministérios diferentes! Em outubro de 1958 De Gaulle é chamado a retomar o governo, fato que [ele] só aceita com ampliação de seus poderes (novamente a característica "monárquica"!). O "reinado" de De Gaulle durará até 1969, quando então seu primeiro-ministro Pompidou assumirá até 1974, quando morre. O novo sistema então vigente na França difere em muito de todos os outros sistemas europeus, com um presidente forte e com um mandato de sete anos reelegível indefinidamente!

Foi assim que Mitterrand ficou no poder de 1981 até 1995. Situações piores ocorreram na Alemanha, Áustria, Espanha e Portugal.

Na Alemanha, após duas guerras mundiais e muito caos político, econômico e social, o fortalecimento e estabilidade do país só foi possível graças a verdadeiras “monarquias” democráticas, através de grandes líderes que perduraram no poder, fortalecendo o país como uma das maiores potências mundiais. Exemplos disso foram Konrad Adenauer, que governou de 1949 a 1963 e Helmut Kohl, de 1983 até hoje, culminando com a queda do muro de Berlim.

Por outro lado, países como a Inglaterra, a Noruega, Suécia, Bélgica, Holanda e Dinamarca adaptaram a monarquia à inexorável democracia, através de monarquias constitucionais. Todos estes países caracterizaram-se pela alta estabilidade política, social e econômica. A Inglaterra foi a primeira a experimentar esta nova forma de adaptação à nova era: desde 1215 adaptou à democracia a manutenção dos representantes divinos do poder e do país, mantendo este símbolo além de suas fronteiras através do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte), com uma monarquia constitucional. O caso da Espanha também é interessante, pois talvez a maior garantia de sua unidade moderna tenha sido a manutenção do seu sistema monárquico.

1848 – H. P. Blavatsky (17), uma vez que recebeu a respeitada e principesca remessa de fundos necessários de seu pai por parte da grande herança materna, sai de Constantinopla em direção ao Cairo, e segue Nilo acima ao menos até a primeira catarata. Do Egito passa à Grécia, a Esmirna e na Ásia Menor e Pérsia, desejosa de penetrar no Tibet, empresa que fracassa na primeira vez. Reaparecerá novamente em Paris e Londres, em 1851, data em que ocorrerá um fato oculto que decidiu sua vida para sempre.

1849, 25 de abril – Às 3 horas da madrugada, nasce Nizier Anthelme Philippe, o Mestre Philippe de Lyon, futuro instrutor de Papus, Sèdir, Marc Haven e outros na pequena cidade de Loisieux (Savoie).

1850 – Wronski publica *As Cem Páginas Decisivas, para S. M. o Imperador da Rússia, com seu suplemento separado, para a dinastia de Napoléon*.

1851, agosto – Do diário de Mme. Blavatsky (20):

> Ali em Londres, nas margens do Lago Serpentine, em Hyde Park, em uma noite de lua, encontrei o Mestre de meus sonhos.

O Mestre lhe diz que ele deverá fundar uma grande Sociedade em benefício do mundo. Então ela começa, com a ajuda de seu pai, a preparar-se para a magna obra, passando 17 anos de provas que para tal missão a capacitarão, empreendendo com este objetivo a série de viagens que se seguirão, recorrendo de preferência aos desertos e lugares mais secretos das antiquíssimas lojas iniciáticas do Egito, Ásia Menor, Índia, etc., além de se preparar para receber aquela iniciação e documentar-se para poder escrever suas monumentais obras.

> A Condessa de Watchmeister (uma abnegada colaboradora de Mme Blavatsky que passou alguns meses recebendo instruções diretas dela) descreve assim a cena do encontro de Blavatsky com o Mestre:
>
> > O primeiro movimento de Mme Blavatsky ao ver o Mestre foi o de dirigir-se até ele para falar-lhe, porém ele lhe fez um sinal de que não se movesse, e passou ao largo. No dia seguinte, Blavatsky voltou sozinha ao Hyde Park (no dia anterior estava com seu pai) para refletir sobre sua extraordinária aventura. Já ali, junto ao

> lago Serpentine, levantou a vista e viu com imenso júbilo como seu Mestre se acercava dela, dizendo-a que havia vindo a Londres acompanhando aos príncipes hindus para certa importantíssima missão, e que chegava a seu encontro porque tinha necessidade da colaboração dela para uma grande obra que estava para empreender. Em seguida a informou acerca de qual obra era esta, a saber, a de formar uma Sociedade da qual ela seria a fundadora e animadora. Fez-lhe, também, rapidamente um resumo das dificuldades pelas quais haveria de passar como consequência e os obstáculos quase insuperáveis que teria que vencer, acrescentando-lhe que antes deveria viajar por múltiplos lugares e passar três anos no Tibet a fim de se preparar para melhor desempenho de semelhante tarefa.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 67-68)

1851 – Auguste Comte publica as bases de seu sistema materialista, o positivismo, formulando um conceito chamado de “religião da humanidade”.

Wronski publica *Epístola a S. M. o Imperador da Rússia, oferecendo a explicação definitiva do Universo, físico e moral*.

Wronski publica *Epístola a S. A. o Príncipe Louis-Napoléon, Presidente da República Francesa*.

Wronski publica *Documento Histórico (secreto) sobre a revelação dos Destinos do Mundo*.

> H. P. Blavatsky (20) aparece em Londres e Paris, de lá seguindo ao Canadá, New Orleans, no Golfo do México, por via terrestre direta entre os peles vermelhas ao longo dos territórios dos Grandes Lagos, Michigan, Illinois, Missouri, Arkansas, Mississipi e Louisianna, em vez da via normal que seria a costeira (Montreal, Quebec, Flórida). De New Orleans vai ao Texas e ao México, passando assim quase um ano na América, pois do México vai às regiões mais desconhecidas da cordilheira andina, e em lugares onde, às vezes, como ela mesma diz em *Ísis sem Véu*, não haviam sequer pisado os conquistadores espanhóis. Chega aos sul-americanos da costa do Pacífico, embarcando para a Índia em Callao ou outro desses portos na companhia de um inglês e de um *chela* ou discípulo a quem havia encontrado nas prodigiosas ruínas de Copán, assim como antes encontrara outro sábio copta no Egito. Atravessando, pois, Helena a vasta solidão do Pacífico, chegou ao Ceilão e a Bombaim em fins de 1852. Subiu diretamente pela alta Índia até o território norte do Nepal, em seu constante anseio de visitar o Tibet, porém, pela segunda vez, fracassa na empresa e, voltando sobre seus passos, a vemos embarcar para as colônias holandesas de Java e Borneo, e dali a Cingapura, para achar-se já na Inglaterra no ano de 1853.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 63-64)

O verdadeiro sentido dessas viagens Blavatsky mesma acaba por nos explicar neste admirável trecho que extraímos da Introdução de sua *Doutrina Secreta*. Nele ela fala, muitos anos depois, daqueles Centros Iniciáticos que sucessivamente visitou:

> Qualquer que seja a sorte que a crítica malévola nos reserve pelo que dizemos, é certo que os membros de várias escolas esotéricas, cujo centro se encontra mais além dos Himalaias (ou seja, no Tibet e no Deserto de Gobbi), e cujas ramificações (ou Fraternidades Iniciáticas) podem hoje encontrar-se na China, Japão, Índia, Tibet e ainda na Síria, como também na América do Sul, asseguram que tem em seu poder a **soma total** de todas as obras sagradas e filosóficas, tanto manuscritas como impressas, e mesmo todas as obras que se tem escrito, em quaisquer linguagens ou caracteres, desde que começou a arte da escrita, quer dizer, desde os

hieróglifos ideográficos, até o alfabeto de Cadmo e o Devanagari ou sânscrito. Constantemente tem afirmado que, desde a destruição da Biblioteca de Alexandria, todas as obras que, por seu caráter, tinham podido conduzir os profanos ao descobrimento final e compreensão de alguns dos membros da Ciência Sagrada, tem sido buscadas com diligência, graças aos esforços combinados dos membros das Fraternidades. E acrescentam os que sabem que, uma vez encontradas, estas obras iam sendo sistematicamente destruídas, salvo três exemplares que foram guardados com absoluta escrupulosidade. Dizem as tradições que foi na Índia que os últimos desses exemplares foram arquivados, num sítio oculto, durante o reinado do imperador Akbar (vide ano 1542). O professor Max Müller, por sua parte, declara que nem o suborno nem as ameaças de Akbar foram capazes de arrancar aos brâmanes o texto original dos Vedas [notemos a semelhança das exigências de Felipe, o Belo, quando queria ser admitido como templário no início do século XIV]. Contudo, os orientalistas europeus se jactam de possuí-los, sendo muito duvidoso que a Europa possua o texto completo, pelo que o porvir quiçá lhes reserve surpresas muito desagradáveis.

Se afirma, também, que todos os livros sagrados dessa espécie, cujo texto não se achava suficientemente velado pelo simbolismo, ou que continha referências diretas aos Antigos Mistérios, foram, primeiramente, cuidadosamente copiados em caracteres pictográficos tais como para desafiar a arte do mais sábio dos paleógrafos, e destruídos depois até o último exemplar. Durante o reinado de Akbar, alguns cortesãos fanáticos, desgostosos pela injusta espionagem do imperador acerca das religiões dos infiéis, ajudaram por si mesmos aos brâmanes a ocultar seus manuscritos. Um daqueles foi Badaoni, o qual experimentava um horror não dissimulado pela mania de Akbar pelas 'religiões idólatras'. Badaoni, em seu *Muntakhab at Tawarikh* (Ain-i-Akbari, traduzido pelo Dr. Blochmann e citado por Max Müller em seu *Science of Religion*) escrevia:

> Eles, os Shramanes e Brahmanes, sobrepujam a todos os homens sábios em seus tratados de moral, de religião, de ciências físicas, e alcançam um altíssimo grau quanto ao conhecimento do porvir, em perfeição humana e em poderes espirituais. Têm apresentado, ademais, tão arrazoadas provas e testemunhos, inculcando tão firmemente suas doutrinas, que Sua Majestade não duvidaria já, ainda quando as montanhas se convertessem em pó ou se desgarrassem de pronto os céus… Sua Majestade, por isto, se permitiu entrar em averiguações referentes às seitas desses infiéis, infiéis que são inumeráveis e que possuem um sem fim de **livros revelados**.

Ademais, em todas as ricas e grandes Lamaserias (ou monastérios dos sacerdotes Lamas), existem criptas subterrâneas e bibliotecas em covas escavadas na rocha, quando os Goupa e os Lhakhang (monastérios e povoados) se acham situados nas montanhas. Mais adiante dos Tsaydm ocidental, nos solitários passos do Quen-lun, existem vários desses sítios ocultos. Ao largo do cume do Altyn-tag, cujo solo não chegou a pisar, todavia, qualquer pé europeu, existe uma pequena aldeia, perdida em uma garganta profunda. É um pequeno grupo de casas, melhor dizendo que um monastério, com um templo de miserável aspecto e um lama ancião, espécie de ermitão, que vive próximo a ele para cuidar-lhe. Dizem os peregrinos que suas galerias e aposentos subterrâneos contém uma coleção de livros cujo número, segundo as cifras que se citam, é demasiado grande para poder ser colocado nas salas do Museu Britânico. Segundo a mesma tradição, as regiões, na atualidade desoladas e áridas

no Tarim, verdadeiro deserto no coração do Turquestão, estavam cobertas, na antiguidade, de cidades ricas e florescentes. Hoje apenas que um e outro oásis verde rompe a monotonia de sua terrível solidão. Um deles, sob o qual jaz uma enorme cidade sepultada sob o arenoso solo do deserto, não pertence a ninguém, porém é visitado com frequência por mongóis e budistas. A mesma tradição fala de imensos recintos subterrâneos, de amplas galerias cheias de ladrilhos escritos.

(M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, pp. 84-86)

1852 – Nasce Berenger Saunière.

Wronski publica *Filosofia Absoluta da História, ou Gênese da Humanidade (Historiografia)*, em 2 volumes.

1852, fins – Helena P. Blavatsky (21) chega ao Ceilão e a Bombaim. Sobe imediatamente pela Índia até o território do Nepal, em seu constante anseio por visitar o Tibet. Não quis aceitar como guia o *chela* que lhe acompanhava, e se propõe a chegar ao Tibet através do Nepal. A separação do *chela* não foi explicada até o momento, podendo bem tratar-se de um inimigo em vez de um aliado à Fraternidade, muito comum no caminho escolhido por Helena. Fracassa pela segunda vez em sua tentativa, voltando pelo caminho que percorrera. Segundo Helena, seu fracasso se deveu à oposição dos ingleses residentes no Nepal. Embarca para as colônias holandesas de Java e Borneo e dali a Singapura, voltando à Inglaterra em 1853.

1853 – H. P. Blavatsky (22) volta a Londres, onde não pode se deter muito pelo pesar de ver a Inglaterra entrar em guerra com sua amada pátria Rússia. Vai aos Estados Unidos, onde passa dois anos indo da costa leste à oeste, e do norte ao sul.

Com a idade de 14 anos, Philippe de Lyon deixa sua pequena cidade natal e sedia-se em Lyon, na casa de um de seus tios.

1853, 9 de agosto – Morre o polonês Hoene Wronski, em Paris, deixando 70 manuscritos que foram catalogados por sua esposa, por Eliphas e outros, sendo mais tarde doados à Biblioteca Nacional de Paris.

1853, fins – H. P. Blavatsky (22) retorna aos USA, indo primeiro a New York e depois a Chicago, que então era uma cidade nascente comparada com a atual. Dirige-se ao extremo oeste, atravessando as [montanhas] Rochosas com caravanas de emigrantes até chegar a San Francisco, Califórnia. De lá dirige-se ao Japão e novamente à Índia. (Mario Roso de Luna, op. cit.)

1854 – Morre a filha de Eliphas Levi, e ele separa-se de Noémi.

Eliphas Levi viaja a Londres, onde inúmeros ocultistas lhe pedem para mostrar prodígios e revelações. Em vez disso, Eliphas isola-se no estudo da Alta Cabala. Com Bulwer Lytton (autor de *Zanoni*, *Os Últimos Dias de Pompeia*, etc.), entretanto, tem grande relacionamento com grandes trabalhos e estudos no campo da espiritualidade. Entre estas estão as registradas por Papus, ocorridas entre 20 e 26 de julho deste ano, em Londres. As visões de São João, Jesus e Apolônio de Tiana teriam lhes revelado os mistérios dos Sete Selos do Apocalipse, alguns enigmas do futuro, detalhes da magia celeste revelados pelo livro do Rabi Inaz (que lhes indicaram onde encontrar), as chaves dos milagres bem como o sagrado dever de, uma vez conquistada, honrar a Coroa.

(Eliphas Levi, *Filosofia Oculta*, p. 11)

1855 – Alexander II sucede a Nicholas I como czar da Rússia. Foi o maior reformador czarista da história russa. Suas reformas começaram com a

emancipação dos servos em março de 1861, dando a liberdade a 40 milhões de pessoas. Os longos anos de tirania e ausência de progresso, entretanto, produziram descontentamento, especialmente nos meios estudantis das universidades. As atividades revolucionárias, fermentando desde uma revolta malsucedida contra o czar em dezembro de 1825, acabarão por causar o assassinato do czar Alexander II em 1881.

H. P. Blavatsky (24) retorna ao Oriente através da costa leste americana, fazendo o percurso San Francisco–Yokohama, para seguir desde o Japão até Calcutá, onde desembarca ao final deste ano. Durante essas incansáveis e dispendiosas viagens, além de receber a pensão de seu pai recebeu 80 mil rublos da herança de uma tia sua.

Retornando a Paris, onde hospeda-se em casa do pintor e discípulo Desbarrolles, Eliphas funda a *Revista Filosófica e Religiosa*, cujos artigos principais encontram-se em seu livro *A Chave dos Grandes Mistérios*. Neste mesmo ano publica seu *Dogma e Ritual de Alta Magia*, além do poema *Calígula*, identificando-o com o imperador Napoleão III. Foi preso imediatamente, onde escreveu sua retratação, o *Anti-Calígula*. Foi libertado.

1856 – H. P. Blavatsky (25) encontra no território de Lahore, capital do Punjab, a um amigo de seu pai,

> um cavaleiro alemão a quem seu pai havia encarregado precisamente de encontrar sua errante filha. Este cavaleiro havia empreendido por sua conta, em companhia de dois amigos, uma viagem ao Oriente com propósito de investigações místicas. Os quatro viajaram juntos por algum tempo, indo depois pela Caxemira a Leh, capital de Ladâkh (o Pequeno Tibet), no Tibet Central, em companhia de um shaman tártaro que lhes disse como presenciar alguns prodígios psíquicos em um monastério budista. Segundo conta Blavatsky em *Ísis Sem Véu*, seus companheiros
>
> > haviam maquinado um imprudente plano de penetrar no Tibet com o auxílio de diversos disfarces, sem que nenhum deles conhecesse a língua do país, exceto um a quem chamarei K..., ex-pastor luterano que sabia algo do idioma kasán tártaro e achava que podia penetrar. Logo foram descobertos, apesar do disfarce. Aos irmãos N..., que também iam na expedição, foram cuidadosamente conduzidos à fronteira antes que se houvessem internado 25 km no mágico país oriental; e quanto a K..., sentindo-se enfermo e com febre desde os primeiros dias, teve que retornar a Lahore pela Caxemira.
>
> O shaman tártaro prestou a Blavatsky maior auxílio que a seus companheiros em seus esforços de penetrar no Tibet. Convenientemente disfarçada, a conduziu através da fronteira sem maior tropeço, internando-se não pouco longe no inacessível país.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 110)
>
> A via eleita por H. P. B. para escalar o Tibet era mais lógica e natural que a anterior dos territórios mais ou menos independentes do Nepal, Butão ou Sikkin, pois seguia curso acima do Ganges, desde Calcutá até a meseta do Punjab, na região setentrional da Índia, que separa o Ganges do Indo, para ali continuar subindo pelo Indo até a Caxemira e Ladikh, o Pequeno Tibet. A observação num bom mapa nos faz esta parecer quase impossível, principalmente porque ainda não existiam as ferrovias inglesas, o que fez com que Blavatsky tivesse de utilizar-se de carroça, a cavalo, de liteira, em elefante e a pé! (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 115)

1857, início – Pouco tempo antes de estourar uma terrível sublevação dos cipayos contra a Inglaterra, H. P. Blavatsky, (26) recebe instruções de seu Mestre para

retornar. Embarca de Madras, na Índia, num barco holandês para a Europa. Mais uma vez não conseguiu entrar no Tibet como queria.

1858 – Blavatsky (27) encontra-se na Europa. Daí para as próximas notícias suas há um lapso de pelo menos dois anos, desde o início de 1857 até fins de 1858. Neste período passou na Alemanha e França e, provavelmente, por outros países da Europa, ou talvez no Marrocos.

1858, fins – Quando seus familiares já a davam por morta, H. P. Blavatsky (27) reaparece subitamente nas bodas de sua irmã em Pskoff (na Rússia do noroeste, a 290 km de Petrogrado), em fins de 1858. Até este momento Helena já chegou a dar duas vezes seguidas a volta na Terra. Veio para um aparente repouso ao lado de sua família, período em que ficou cerca de sete anos na Rússia.

1859 – Eliphas publica seu *História da Magia*, formando a trilogia com o *Dogma* e a *Chave*. Entre seus discípulos estava uma plêiade de celebridades da elite pensante da época: Desbarrolles, Delaage e Rozier, além de Louis Lucas (autor de Química Nova), Louis Menard (tradutor de Hermes Trismegisto), o conde polonês Alexander Branicki (a quem Eliphas atribuía o mais avançado grau de conhecimento ocultista entre seus discípulos), Littré, Considérant, Reclus, Leroux, Caubet, Eugène Nus e Constantin de Branicki, de Paris, além do barão siciliano Nicolas-Joseph Spédalieri.

> Apesar de cultivar relações de amizade com pessoas ricas, Eliphas levava uma vida simples. Suas regras eram:
>
> uma grande calma de espírito, um grande asseio com o corpo, uma temperatura sempre igual, de preferência um pouco mais fria do que quente, uma habitação arejada e bem seca, onde nada lembre as necessidades grosseiras da vida, refeições reguladas e proporcionais ao apetite, que deverá ficar satisfeito e não excitado. Uma alimentação simples e substanciosa; deixar o trabalho antes do cansaço; fazer um exercício moderado e regulado; jamais aquecer-se ou excitar-se à noite, para que a maior calma preceda o sono. Com uma vida regulada assim, pode-se prevenir todas as doenças que se apresentam sempre sob a forma de indisposições, fáceis de combater com remédios simples e brandos.. uma xícara de vinho quente para o enfraquecimento e o resfriado, alguns copos de hidromel como purgativo, infusão de borragem (planta de largas folhas azuis, que cresce em regiões temperadas) e leite para a gripe, muita paciência e alegria farão o resto.
>
> (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, pp. 12-13)

1859 – H. P. Blavatsky (28) está na casa de campo de Rugodevo, próxima de Pskoff, quando adoece gravemente. Deixemos que sua irmã, Vera, nos conte:

> A sossegada vida que levávamos em Rugodevo se conturbou por uma terrível enfermidade que contraiu Helena. Anos antes, quando viajava sozinha nas estepes da Ásia, sofreu uma grave ferida sem que nunca soubéssemos a causa. Basta dizer que de quando em quando a ferida se abria, e então seus padecimentos eram tão angustiosos que tinha convulsões que a punham em transe de morte. A crise lhe durava, em geral, por três ou quatro dias, ao cabo dos quais voltava a se fechar a ferida tão rapidamente como tinha aberto, qual se uma mão invisível a cicatrizasse sem deixar rastro do acidente. Como nós, da família, ignorávamos a princípio esta estranha peculiaridade, nos enchia de terror e desconsolo. A visita de um médico da cidade vizinha não serviu de nada, e não por falta de experiência, senão pelo terror que se apoderou do médico ao observar que no momento em que examinava a enferma prostrada sem sentidos no leito se interpunha entre sua mão e a ferida outra mão grande

> e sombria em atitude de ungi-la. A ferida estava perto do coração, e a misteriosa mão se movia lentamente, a grandes intervalos, desde o colo até a cintura da paciente. Para levar o terror do médico até o paroxismo, se ouviu no aposento um tão horrível estrepito, uma tão caótica balbúrdia de ruídos e pancadas no teto, no chão, nas paredes e móveis, que o assustado doutor pediu que não lhe deixassem sozinho com a enferma no aposento.
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, pp. 148-149)

A mão astral que apavorava o médico era do protetor invisível, que desde a infância a amparava e que lhe salvou a vida outras ocasiões (vide ano 1844), guardando-a para a missão a que estava destinada. Dada sua enfermidade crônica, a família decide levá-la ao Cáucaso, de Rugodevo a Moscou e de Moscou à Transcaucásia, pelas margens do Don primeiro e depois pelos portos caucasianos, chegando junto com sua irmã a Tiflis, na casa dos avós.

1860 a 1862 – H. P. Blavatsky (29) passa este período no formoso porto caspiano de Tiflis com sua irmã e biógrafa Vera P. Jelihowsky. Segundo sua irmã Vera:

> Helena residiu uns três anos no Cáucaso. O último desses anos passou percorrendo as comarcas de Imericia, Georgia e Mingrelia. Em todos os países transcaucásicos e costas do Mar Negro as pessoas são tão supersticiosas como os pagãos, apesar de seu cristianismo datar do século IV, recordando com isto o fato de serem descendentes dos antigos gregos que, comandados por Jasão, foram em busca do Velocino de Ouro, pois que ali esteve localizada a antiga Cólquida, e o rio Rião ou Farris teria então pepitas de ouro. Não é estranho, portanto, que se tachasse Helena ora de bruxa terrível, ora de maga benéfica, por aqueles príncipes e senhores feudais rurais que residiam em seus velhos castelos como em ninhos de folhagem, semibandidos e tão fanáticos como o mais fanático frade napolitano e tão ignorantes como um nobre da Idade Média.
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 152)

Foi uma época de descanso mais aparente que real. Neste período ela internou-se no ariano país armênio. Segundo Blavatsky, ela pode desligar-se, por fim, graças à proteção de seu Mestre, da loucura mediúnica que a caracterizara desde seu nascimento.

1861 – O barão Spédaleri fixa residência em Marselha e torna-se discípulo de Eliphas Levi. Em 24 de outubro inicia a correspondência entre Eliphas e ele, terminando em 14 de fevereiro de 1874.

1862 – Eliphas edita seu *Fábulas e Símbolos*, considerado por ele mesmo sua maior obra.

1863 a 1867 – H.P. Blavatsky (32), após uma súbita recuperação de seus problemas crônicos de mediunidade e da ferida do tipo de “Anfortas”, que nunca curava, dirige-se logo depois à Itália. Para seus biógrafos, este é o período mais obscuro de toda sua vida. Primeiro porque, durante este período, Blavatsky fez uma estranha viagem à Itália em 1863, um evento do qual nenhum dado podemos encontrar. Além disso, internando-se pela depressão caspiana do Ural e do Emba, pela região dos lagos kirguises do Aral, do Turñir e pelo Balkach, pode por fim alcançar seu objetivo de atingir o Tibet, em 1863 ou 1864, depois de forçar com inauditos perigos a célebre “porta ocidental das invasões tártaras” dos desfiladeiros da Dzungaria. Segundo Sinnett,

> nada falou Helena sobre sua viagem, na qual, moribunda, fora transladada por rio desde Ozurgetty a Kutais e dali, em carruagem, a Tiflis, desde

> onde, tão logo se restabeleceu, dirigiu-se à Itália. Antes de partir, em 1863, havia já mudado completamente a índole de suas faculdades.
>
> (Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 164)

A recuperação de Helena foi tamanha que sentiu-se forte o suficiente para participar da luta pela abolição do Poder Temporal do Papado e pela Unidade do Reino da Itália.

1864 – É escrita e publicada em Genebra uma obra satírica composta por Maurice Joly, como um ataque a Napoleão III. Joly, ao que parece, era membro de uma ordem rosacruz e comprovadamente amigo de Victor Hugo. Foi preso. O próprio Victor Hugo, diz-se, era rosacruz e também nutria antipatia por Napoleão III.

1865, 13 de julho – Às sete horas da manhã nasce Gérard Anaclet Vincent Encausse, futuro médico mais conhecido no meio ocultista de sua época pelo pseudônimo de PAPUS[366]. Seu pai era o químico francês Louis Encausse; sua mãe, uma espanhola de origem cigana, a Senhora Irene Perez.

> O jovem Gérard criou-se, assim, em um ambiente favorável a um futuro estudante de alquimia e Tarot.
>
> (Papus, *A Cabala*, Sociedade das Ciências Antigas, São Paulo, 1983, p. 9)

1865 – Nasce Max Heindel.

Neste ano um fato muito curioso aconteceu a Eliphas Levi. O grande mago ocidental, que tanto discorrera sobre os assuntos do Alto e do baixo, sobre Deus e o diabo, depara-se com um acontecimento marcante digno de nota, que passamos a reproduzir. Consta de *Correspondência*, Eliphas Levi, vol. V, citado por Chacornac:

> Entre 3 e 4 horas da tarde, ouvi alguém bater à minha porta. Eram sete batidas secas, assim espaçadas: oo-o-oo-oo. Abri a porta e um rapaz muito bem vestido e de boa apresentação entrou lentamente, rindo, com um ar um pouco sarcástico, dizendo-me em um tom familiar: '*meu caro Senhor Constant, estou encantado por encontrá-lo em casa*.' Tendo dito isso, passou para meu escritório como se estivesse em sua própria casa e sentou-se em minha poltrona.
>
> '*Mas Senhor*', disse-lhe, '*não vos conheço!*' Ele soltou uma gargalhada:
>
>> Sei perfeitamente disso. É a primeira vez que me vedes, pelo menos sob essa forma. Mas eu vos conheço muito bem! Conheço toda vossa vida passada, presente e futura. Ela está regulada pela lei inexorável dos números. Sois o homem do Pentagrama e os anos terminados pelo 5 sempre lhe foram fatais. Olhai para trás e julgai: em 1815 vossa vida moral começou, pois vossas recordações não vão além; em 1825 ingressastes no seminário; em 1835 abandonastes o seminário e entrastes na liberdade de consciência; em 1845 publicastes *A Mãe de Deus*, vosso primeiro ensaio de síntese religiosa, e rompestes com o clero; em 1855 vos tornastes livre, abandonado que fostes por uma mulher que vos absorvia e vos submetia ao binário. Notai que se houvésseis continuado juntos ela vos teria anulado completamente ou teríeis perdido a razão. Partistes em seguida para a Inglaterra; ora, o que é a Inglaterra? Ela é o **iod** da Europa atual; fostes temperar-vos no princípio viril e ativo. Lá vistes Apolônio, triste, barbeado e atormentado como estáveis naquele período. Mas este Apolônio que vistes era vós mesmo; ele saiu de vós, entrou em vós e em vós permanece.
>
> (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta – Cartas ao Barão Spédalieri*, pp. 13-14)

366 Wikipedia – Papus, alias de Gérard Encausse (1865–1916), médico e ocultista francês.

O misterioso visitante de Eliphas, referindo-se à Inglaterra como o ***iod*** europeu, deu não apenas o significado que já comentamos (vide ano 1800 a.C., item *O Fálico 10 e a Matriz Arca*) mas o sentido físico também, pelo destaque que representou a Inglaterra na questão religiosa (foi o primeiro país a libertar-se do jugo romano, com a Igreja Anglicana independente e não temporal), como no campo místico através das primeiras lendas arturianas e célticas, pelos primeiros alquimistas e pela própria Maçonaria. Mas o grande símbolo do fecundante *iod* representado pela Inglaterra, ao qual certamente o visitante de Eliphas se referiu, foi a própria forma da Ilha Britânica:



Continuemos o estranho relato do visitante de Eliphas, referindo-se à evocação de Apolônio de Tiana feita pelo mago:

> Vós o revereis neste ano de 1865, mais bonito, radioso e triunfante. O fim natural de vossa vida está marcado (salvo acidente) para o ano de 1875; mas se não morrerdes neste ano, vivereis até 1885. Apolônio, quando o vistes, temia as pontas das espadas; vós a temeis como ele, pois neste momento me tomais por um louco. Como um dia alguém quis assassinar-vos, perguntais inquietamente se não vou terminar minha extravagante alocução com um gesto semelhante (aqui começou a rir). Sim, sou louco, acrescentou, retomando seu ar sério, mas não sou a loucura morta, sou a loucura viva; ora, a loucura viva é o inverso da Sabedoria de Deus. Sabeis vós o que é Deus? Deus é vós, se sou Satã; se sois Satã, sou Deus. Sabeis bem que Satã é Deus visto ao contrário.

> Existem atualmente dois grandes escritores, continuou o estranho visitante, que são úteis à Ciência: Mirville e Eliphas Levi. A todo tempo são necessárias duas colunas; vós sois Jakin, ele é Boaz. Sabeis bem que nenhuma força se produz sem resistência, nenhuma luz sem sombra, nenhuma afirmação sem negação. Calou-se por alguns instantes e eu lhe perguntei: 'Sois espírita?' Respondeu-me gravemente: Os espíritas são escorpiões que inoculam um veneno cadavérico sob as pedras tumulares. Atraem os mortos, mas não os ressuscitam. Em breve a terra estará coberta de cadáveres que andam. Estamos em uma época de morte. Louis-Philippe era um Mercúrio sem asas na fronte; ele as tinha nos pés e foi-se. Napoleão III é um Júpiter sem estrela; após ele virá o Saturno coxo, o rei das ganachas e dos padres. O Senhor Conde de Chambord... O visitante refletiu um instante, olhou-me fixamente e disse de repente: Por que não quereis ser Papa? Dessa vez fui eu quem soltou uma gargalhada. Respondi-lhe: 'Porque não quero ser despropositado.' Ah! disse-me ele, ainda tens um véu para rasgar e não conheceis vossa força toda-poderosa, acrescentou, retratando-se. Nós dois já criamos e destruímos muitos mundos e vós não ousais aspirar a governar um. Esperai, então, a derrota, o esmagamento dos tímidos, a cruz desse pobre homem que se chamava Jesus Cristo.
> '*Mas, finalmente, quem sois vós*?', perguntei-lhe, então, levantando-me.
> Vós negastes minha existência, respondeu-me ele. Chamo-me Deus. Os imbecis denominam-me Satã. Para vulgo chamo-me Juliano Capela. Meu envelope humano tem 21 anos; ele nasceu em Bordéus; tem pais italianos.
> Enquanto esse rapaz falava, eu sentia um peso extraordinário na cabeça; parecia-me que minha testa iria explodir. Observava meu interlocutor com surpresa. Seu rosto lembrava os retratos de Lord Byron, com menos correções nos traços; possuía as mãos muito brancas e carregadas de anéis, o olhar seguro e crepitante de sarcasmos, a boca vermelha, os dentes regulares. (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, pp. 14-15)

Nunca se encontrou nada a respeito do curioso visitante de Eliphas. Efetivamente, cumpriu-se a previsão de glória para Eliphas no ano 1865, com a grande acolhida tida por aquela que ele próprio considerou uma obra magna: a *Ciência dos Espíritos*. Quanto à sua morte, de fato ela se dará em 1875...

1867, novembro – Blavatsky (36) é ferida de morte na luta contra o papado na libertação da Itália. Segundo Olcott,

> lutando em Mentana, ao Zado de Garibaldi, havia recebido um golpe de sabre que lhe perfurou o braço esquerdo em dois pontos, e ademais, dois balaços, um no ombro esquerdo e outro em uma das pernas.

Ao que tudo indica Blavatsky levou ao extremo sua repugna ao tirânico domínio clerical romano, particularmente ao papa Pio IX, a quem tantas vezes se referiu como "o herói negro". Assim como Frederico II o fizera 600 anos antes, empenhou todas as suas forças para afastar o espectro do poder temporal clerical, que desde Pedro oprimia o Conhecimento, impondo o crer contra o Saber.

Não foi à toa que adotou como lema de sua obra magna o dístico "*Não há Religião superior à Verdade*", pois Jesus disse que o *Conhecimento* dessa *Verdade* é que *libertará*. Pagou muito caro, porém, pela sua intervenção física nestes assuntos. Os Maiores tinham outros gigantes lutando por estes assuntos, como o foram Napoleão e Garibaldi. O trabalho de Blavatsky era outro, muito mais profundo e universal, que a história se encarregaria de reconhecer...

1868 a 1870 – H.P. Blavatsky (36 a 38) tem uma estada misteriosa no Tibet, da qual não se tem notícia alguma. Neste período ela esteve completamente a cargo de seus Mestres. Lá ela aprende a base do *senzar* ou a linguagem sagrada universal, e o *sânscrito*, a "linguagem dos deuses". Além disso formou ali a base de sua mentalidade tártaro-tibetana, tão exposta em suas obras.

1869 – Morre Allan Kardec (1804–1869), fundador da filosofia do espiritismo. Numa contundente reação ao crescente movimento materialista ocidental, calcado na prodigiosa Revolução Industrial, as mesas espíritas começaram a mostrar ao Ocidente o que há milênios era conhecido no Oriente: a existência de vida após a morte. Neste sentido, cumpriu-se plenamente a ideia de seu fundador, que não vira uma religião em suas ideias, mas uma filosofia de pesquisa e estudo espiritual que, hoje, vem sendo cada vez mais corroborada pelos estudos de NDE (*near-death experiences*) como os de Kenneth Ring, Ph. D., psicólogo da Universidade de Connecticut.

> Ring, que é presidente da Associação Internacional para Estudos de Experiências no Limiar da Morte, acredita que tais experiências, assim como a própria morte, não são na verdade nada mais do que o deslocamento da consciência de uma pessoa de um nível do holograma da realidade para outro. (M. Talbot, *O Universo Holográfico*, p. 18)

A família de Papus estabelece-se em Paris, no bairro Montmartre.

1869 a 1870 – XX Concílio Ecumênico, Concílio Vaticano I. Os clérigos falam:

O encarecimento e a definição da infalibilidade do Magistério da Igreja constituem o argumento do Concílio Vaticano I. Foram convidados todos os 'irmãos', tanto os do norte da Europa quanta os do oriente. Nenhum respondeu. Nem sequer os bispos católicos compareceram. Não obstante, foram 774 os padres do Concílio. Em 24 de abril de 1870 foi convocada a Constituição dogmática sobre a Fé Católica, definiram-se a inspiração divina da Sagrada Escritura, a capacidade da razão humana para conhecer com a só certeza a existência de um Deus pessoal, criador e providente, a impossibilidade de um verdadeiro conflito entre a fé e a razão. Quanto à infalibilidade papal houve certas polêmicas; alguns temiam que tal 'definição' atingisse o direito divino dos bispos, que centralizasse demasiado o governo eclesiástico, que irritasse os protestantes e os cristãos orientais chamados à união de Roma. Em suma, se os contrários eram imponderável minoria, os que julgavam inoportuna a definição eram, em número e prestígio, bastante fortes. As disputas contribuíram quer para precisar a doutrina, quer para reduzir a ala dos já pouco discordantes, cujas observações foram sabiamente valorizadas e aproveitadas no redigir-se a fórmula conclusiva que constitui tão famosa definição dogmática. Ei-la:

Nós (Pio IX), com aprovação do Sacro Concílio, ensinamos e definimos ser dogma revelado por Deus que o Pontífice Romano, quando fala ex-Cátedra, isto é, quando em função de Pastor e Mestre de todos os cristãos, em virtude de sua suprema autoridade apostólica, define que uma doutrina resguardante da Fé e dos costumes deve ser abraçada por toda a Igreja, graças à assistência divina que lhe foi prometida na pessoa de São Pedro, goze aquela infalibilidade da qual o Divino Redentor quer que seja dotada a sua Igreja todas as vezes em que deva ser definida uma doutrina concernente à Fé e aos costumes, pelo que tais definições pelo Pontífice Romano, por si mesmas, e não por consenso da Igreja, são irreformáveis.

(*A Bíblia Sagrada*, trad. vulgata latina pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

1870, 7 de novembro – A tia de Blavatsky, Mme Fadéeff, recebe uma carta de maneira muito misteriosa do Mestre Koot-Hoomi. Veio através de um mensageiro asiático que bateu-lhe à porta da casa e, ao entregar a carta, esfumaçou-se e sumiu. Sinnett recebera a carta de Mme Fadéeff em 26 de junho de 1884 (vide adiante nesta data). Estava escrita em papel chinês de arroz, um tipo de papel acetinado, feito a mão, característico do Punjab e da Caxemira. Segundo Sinnett, a carta veio fechada num envelope do mesmo papel,

com o seguinte endereço: '*À mui adorável dama Nadejka Andriewna Fadéeff, Odessa*', e no canto, uma nota em russo e escrita com lápis, e que dizia: '*Recebida em Odessa em 7 de novembro, referente a Lelinka* (nome carinhoso que dávamos em família a Helena) *e residente, ao que parece, no Tibet. Dia 11 de novembro de 1870*', e assinado: 'Nadejka Fadéeff'. A referida carta diz textualmente:

A nobre família de Mme Blavatsky não tem razão alguma para estar afligida. Sua filha e sobrinha respectiva não deixou este mundo, sendo que vive, e deseja fazer saber aos que ela ama que se encontra bem e que se sente muito feliz no longínquo e ignorado retiro que ela escolheu... Console-se, pois, sua querida família. Antes de que tenham passado 10 ou 8 luas ela estará a seu lado de regresso.

A escrita, tanto da carta quando do endereçamento, se corresponde identicamente com a que, mais tarde, de acordo com o informe apresentado ante a Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, nas acusações contra H. P. Blavatsky, foi reconhecida como do Mahatma K.H..

(M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 171)

1870 – Blavatsky (39) volta do Oriente por itinerário ignorado, talvez pelo Punjab e Lâdakh, que já conhecia. Pode ter regressado pelo Kuen-Lun e o Lago Palti, na região bactriana e persa, segundo todos os indícios. Diz-nos Besant:

> Em 1870 voltou do Oriente H.P.B. pelo Canal de Suez, recentemente inaugurado, e depois de deter-se algum tempo no Pireo, embarcou para Spezzia, a bordo de um barco grego cujo carregamento de pólvora e fogos artificiais explodiu, salvando-se ela milagrosamente (na verdade, foi a única sobrevivente da tripulação, agarrando-se a uma tábua). Dirigiu-se para Alexandria e de lá para o Cairo. Até 1870 sua vida fora dedicada apaixonadamente à busca dos conhecimentos ocultos, e nesta época ela os possuía; porém não haviam chegado os tempos em que deviam vir à luz revelações parciais do grande sistema de iniciação oculta, tal como no Oriente se pratica. (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 173)

1871 – Diz-nos A. Besant que, neste ano, Blavatsky (40) permanecia ainda no Cairo, vivendo em Boulak, perto do célebre Museu. Reatou suas relações com seu antigo mestre copta, a quem conhecera em 1848, dirigindo-se logo à Palestina e Síria, voltando a Palmira e outras ruínas até, em fins de 1872, retornar à Rússia para encontrar sua familia em Odessa.

1872 – H. P. Blavatsky (41) está na Grécia, depois vai à Rússia, em Odessa, e de lá dirige-se à França.

1873, 7 de julho – H. P. Blavatsky (42) parte da França para New York, cidade em que chega para fundar, com Olcott e outros, a Sociedade Teosófica, no outono de 1875.

1874, setembro – Encontram-se pela primeira vez Henry Steel Olcott e Mme H. P. Blavatsky, na cidade de Chittenden, Estado de Vermont. Olcott, estudioso de fenômenos espíritas, encontrou-se com Blavatsky na afamada e misteriosa casa “Eddy Homestead”, famosa pelas suas aparições. Blavatsky para lá fora atraída pelos escritos de Olcott falando desta casa. Olcott teve sua atenção chamada pela exótica presença de Blavatsky, cujo traje vermelho sobre os ombros, associado aos seus curtos cabelos ruivos, a destacavam no ambiente cinzento e descolorido do local. Olcott ofereceu-lhe fogo para o cigarro e, desde então, começaram a unir seus esforços no sentido de concretizar seu trabalho no Ocidente. (Henry S. Olcott, op. cit., pp. 12-13)

1875, 31 de maio – Falece Eliphas Levi.

> Aqueles que o acompanharam até o último momento testemunharam sua grande coragem e resignação. No momento de expirar, estava bastante calmo. (...) Acima de seu leito estava fixado um crucifixo, que olhava seguidamente nos últimos momentos. Disse antes de expirar: ‘*Ele prometeu o Consolador, o Espírito. Agora espero o Espírito, o Espírito Santo*.’ O Mestre faleceu logo em seguida. (Eliphas Levi, *Curso de Filosofia Oculta*, p. 15)

1875, 8 de setembro – É concebida a Sociedade Teosófica, com Henry Olcott como presidente. Segundo a ata oficial da reunão, foram 16 os membros fundadores. (Henry S. Olcott, *História de la Sociedad Teosofica*, vol. 1, p. 72)

1875, 17 de novembro – Numa assembleia convocada para ouvir a leitura do preâmbulo corrigido, é aberta oficialmente a Sociedade Teosófica, tendo como presidente Henry S. Olcott, vice-presidentes Dr. S. Pancoast e J. H. Felt e secretária de correspondência Helena P. Blavatsky.

(Henry S. Olcott, op. cit., vol. 1, p. 77)

1877 – Blavatsky (46) lança Ísis Sem Véu.

A reação da imprensa foi, de um modo geral, favorável. O Dr. Shelton Mackenzie, um dos críticos literários mais capazes da época, escreveu no *Philadelphia Press*, de 7 de outubro de 1877, que '*esta é uma das obras mais notáveis, pela originalidade de pensamento, minúcia de pesquisa, profundidade de exposição filosófica e variedade e extensão de erudição, que apareceram em muitos anos*'. O *Herald*, de Nova York, de 30 de setembro de 1877, disse que as mentes independentes '*acolherão com prazer a nova publicação como uma contribuição valiosíssima para a literatura filosófica*' e que ela '*suplementará o Anacalypsis de Godfrey Higgins*'. Encontrando uma grande semelhança entre ambas, declarou que a obra em exame, '*com suas peculiaridades notáveis, sua audácia, sua versatilidade e a prodigiosa variedade de assuntos que ela menciona e de que trata* (...) *é uma das mais extraordinárias produções do século*'. O Dr. G. Bloede, um ilustre erudito alemão, disse que, '*em todos os sentidos, ela se alinhará entre as contribuições mais importantes para a literatura da moderna ciência do espírito, e será digna da atenção de todo estudioso deste campo*'. O *World*, de Nova York, considerou-a '*um ensaio exaustivo e extremamente agradável de se ler sobre a importância suprema do restabelecimento da Filosofia Hermética, num mundo que acredita cegamente que a superou*.' (H. P. Blavatsky, *Ísis Sem Véu*, pp. 13-14)

Em *Old Diary Leaves*, de Olcott, pp. 202-203:

Um dia, no verão de 1875, H. P. B. mostrou-me algumas folhas de um manuscrito que ela escrevera e disse: '*Escrevi isto a noite passada* a mando*, mas não sei para que diacho deve ser. Talvez para um artigo de jornal, talvez para um livro, talvez para nada: todavia, fiz o que foi ordenado*'. E ela o guardou numa gaveta e durante algum tempo não se falou mais nisso. Mas no mês de setembro (...) ela foi a Siracusa (N.Y.), para uma visita a seus novos amigos, o Prof. Corson e Sra., da Universidade de Cornell, e o trabalho foi retomado. Ela escreveu-me que seria um livro sobre a história e a filosofia das escolas orientais e as suas relações com as de nossa época. Disse que estava escrevendo sobre coisas que nunca havia estudado e fazendo citações de livros que nunca havia lido em toda sua vida; que, para testar sua exatidão, o Prof. Corson comparara as suas citações com obras clássicas da Biblioteca da Universidade e achava que ela estava certa. (H.P.B., *Ísis Sem Véu*, p. 15)

O Dr. Eugene Rollin Corson, filho do Prof. Hiram Corson, fala da permanência de H.P.B. em Ithaca, N.Y., e diz que:

Ela passava o seu tempo à escrivaninha, escrevendo, escrevendo, escrevendo a maior parte do dia e avançava pela noite, mantendo ainda uma enorme correspondência. Aqui ela começou *Ísis Sem Véu*, preenchendo totalmente cerca de 25 páginas de papel almaço por dia. Não tinha livros para consultar; a biblioteca muito ampla de meu pai era quase toda sobre literatura inglesa, inglês antigo, anglo-saxão, poesia inglesa e literatura clássica, e ela raramente consultava sobre alguma coisa.

(Corson, *Some Unpublished Letters of H. P. Blavatsky*, 1929, p. 27-28, citado em H.P.B., *Ísis Sem Véu*, p. 15)

Vê-la trabalhando era uma experiência rara e inesquecível. Sentávamo-nos geralmente em lados opostos de uma grande mesa, e eu podia ver cada movimento seu. A sua pena voava sobre a página; quando ela parava de repente, olhava para o espaço com o olho vazio do profeta clarividente, diminuía a sua visão como que para olhar para algo suspenso invisivelmente no ar à sua frente, e começava a copiar, em seu papel, o que via. A citação terminava, os seus olhos retomavam a expressão natural e ela continuava a escrever até parar novamente por uma interrupção similar. Lembro-me bem de dois momentos em que eu, também, fui capaz de ver e até de segurar livros de cujas duplicatas astrais ela copiara citações em seu manuscrito, e que ela condescendeu em 'materializar' para mim, para que eu os consultasse quando lia as provas, porque me recusava a passar as páginas pelo 'imprima-se' a menos que minhas dúvidas quanto à precisão de sua cópia fossem satisfeitas. Uma delas era uma obra francesa de Fisiologia e Psicologia; a outra, também de um autor francês, sobre algum ramo da Neurologia. A primeira era em dois volumes, encadernados em couro de bezerro, a outra em formato de folheto. (...) Eu disse: '*Não posso deixar passar esta citação, pois estou certo de que não se lê como você a escreveu*'. Ela disse: '*Oh, não se aborreça; está certo; deixe passar*'. Eu me recusei; então, finalmente, ela disse: '*Bem, espere mais um minuto e eu tentarei obtê-la*'. Um olhar longínquo se instalou nos seus olhos e logo em seguida ela apontou para um canto distante da sala, para uma *étagère* onde estavam guardadas algumas curiosidades, e numa voz abafada disse: '*Lá!*', e então voltou a si. '*Lá, lá; vá procurar naquele lugar!*' Eu fui e encontrei os dois volumes desejados, que, ao que eu sabia, nunca haviam estado naquela casa até aquele momento. Comparei o texto com a citação de H.P.B., mostrei-lhe que eu estava certo em minhas suspeitas em relação ao erro, fiz a correção da prova e depois, a seu pedido, recoloquei os dois volumes no lugar da *étagère* de onde eu os tinha retirado. Retomei o meu lugar e o meu trabalho, e quando, depois de um momento, olhei novamente naquela direção, os livros haviam desaparecido! Depois de eu narrar essa história (absolutamente verídica), os céticos ignorantes estão livres para duvidar de minha sanidade; espero que isto lhes possa fazer bem. A mesma coisa aconteceu no caso do *apport* do outro livro, mas este ficou e está em nosso poder até hoje.

(Olcott, *Old Diary Leaves*, p. 203-212, citado em H.P.B., *Ísis Sem Véu*, pp. 26-27)

A Condessa Constance Wachtmeister (em *Reminiscences of H.P.B. and The Secret Doctrine*, p. 33), no seu relato sobre a sua permanência e o seu trabalho com H.P.B. em Würzburg, cita as palavras de H.P.B. relativas a esse mesmo tema da visão na Luz Astral. Parece que H.P.B. lhe disse em certa ocasião:

Bem, veja, o que faço é o seguinte. Faço aquilo que posso apenas descrever como uma espécie de vácuo no ar diante de mim, e fixo minha visão e minha vontade sobre ele e, logo após, cena após cena passa à minha frente, como as figuras sucessivas de um diorama, ou, se preciso de uma referência ou informação de algum livro, fixo minha mente atentamente e a contraparte astral do livro aparece e dela extraio o que necessito. Quanto mais perfeitamente minha mente se liberta das distrações e mortificações, tanto mais energia e eficácia ela possui, e tanto mais facilmente eu posso fazê-lo.

(H.P.B., *Ísis Sem Véu*, p. 61)

Após a publicação de *Ísis*, a missão de H.P. Blavatsky nos Estados Unidos, aparentemente, estava para ser concluída. Ela se prepara, então, para ir à Índia.

1878 – Assume o papa Leão XIII [Gioacchino Vincenzo Raffaele Luigi Pecci] até 1903.

1878, dezembro – H.P. Blavatsky (47) parte com Olcott para a Inglaterra. Lá formam o primeiro núcleo da fraternidade. Em seguida, partem de Londres, seguindo depois para a Índia via Suez.

1879, 17 de fevereiro – Blavatsky e Olcott chegam a Bombaim e de lá vão a Adyar. Ela e Olcott trabalhavam dezoito horas por dia. Helena não privou-se de realizar contínuas viagens para o interior daquele país e do Ceilão, viagens as quais ela mesma não fala em suas obras. Ela escrevia incessantemente material para o *The Theosophist*, lançado neste ano, além de artigos para periódicos e revistas inglesas, americanas e russas para obter recursos financeiros.

1879, 15 de abril – Blavatsky e Olcott saem de Bombaim no dia 13 e chegam dia 15 à cidade santa de Prayag (Allabahad). Quase asfixiados de tanto calor e pó, passam por Cawnpore. Visitaram, a quinze quilômetros desta cidade, as ruínas da antiquíssima Jajmow (Jainú?), capital da raça lunar 50 mil anos antes de Cristo. Um velho sannyasi, venerável filósofo e astrólogo, juntamente com outros companheiros seus, os recebe paternalmente. Depois vão a Agra ("a Cidade da Lua"), com os imponentes palácios e jardins do Taj. Lembremos, aqui, a etimologia de Arkas, Arca, Arg, profundamente ligada à Lua, como vimos no ano 1800 a.C..

1880, 16 de junho – Nasce Alice Bailey[367], em Manchester, Inglaterra, filha de Frederic Foster La Trobe-Bateman e Alice Hollinshead. Ambos pertenciam a famílias muito antigas, sendo a de seu pai anterior às cruzadas e a de sua mãe de um antigo cronista que serviu de fonte para Shakespeare. Sempre teve tudo que quis, pelo menos até 1908, quando passou por sérias dificuldades e fome; segundo ela própria, até então "*fiz e desfiz o que quis*", o que lhe levou a tentar o suicídio por três vezes: uma aos cinco anos e duas outras antes dos quinze anos. (Alice A. Bailey, *Autobiografia Inconclusa*, Ed. Kier, Buenos Aires, 1980, p. 17 e 23)

1880, fins de agosto – Blavatsky (49) e Olcott partem para Simla, para conhecer o Sr. M. A. P. Sinnett. Sinnett, diretor do periódico *Pioneer*, de Simla, então o periódico mais influente da Índia. Ele havia enviado uma carta a Blavatsky e Olcott em 25 de fevereiro manifestando o desejo de conhecê-los. Desde o início Sinnett mostrou-se um dos mais fiéis colaboradores, além de um judicioso crítico. A respeito da estada em Simla conta-nos sua irmã, Vera:

> Helena, em Simla, cometeu o grande erro de realizar certos fenômenos em presença de algumas pessoas que pediram, tendo o Sr. Sinnett cometido a imprudência de publicar em seu periódico o relato destes fenômenos. (...) Tudo isto produziu discussões sem fim. O clero protestou, não sem razão, contra esta propaganda anticristã, fundada, como dizia, em jogos de mãos. As calúnias contra os fundadores da Sociedade Teosófica recrudesceram grandemente. Se chegou até a assegurar não somente que minha irmã era uma espiã russa sendo também uma impostora, e uma servente da 'falecida Mme Blavatsky', cujos papéis havia recolhido para usar indevidamente seu nome. Todos estes ataques serviram para agravar muito seus padecimentos, que a faziam sofrer terrivelmente. Viu-se precisada a recorrer à autoridade de seus parentes e amigos da Rússia a fim de provar devidamente sua identidade.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 271)

367 Wikipedia – Alice Bailey (1880–1949) escritora de assuntos teosóficos

Vide ano 1831, no nascimento de Blavatsky.

1880, fins de outubro – Blavatsky e Olcott abandonam Simla e se dirigem a Amritsar, famosa pelo seu Templo de Ouro e pelas façanhas guerreiras dos sikhs. Dali vão a Lahore, chave geográfica do Punjab, do vale da Caxemira e de todo o Alto Indo. De regresso a Bombaim, de lá vão a Benares, a "cidade santa" do hinduísmo. Aí visitam ao sábio Bala Shastri, considerado pelo Dr. Thibaut, discípulo de Max Müller, como o primeiro sanscritista da Índia. Olcott convida-o – juntamente com o pandit-bibliotecário de Benares, Pramada Dasa Mitra, para reviverem o ensino do sânscrito através da Sociedade Teosófica. O projeto malogra com a morte do pandit Bala Shastri. Perdeu-se assim, disse o Coronel, uma oportunidade mais de "*dar ao mundo o tesouro daquela tão antiquíssima quanto sábia literatura, no momento atual em que todas as esperanças espirituais parecem submergidas sob a orla do materialismo*".

(M. Roso de Luna, op. cit., p. 280)

1881, 13 de março – É assassinado o czar Alexander II, da Rússia, por uma bomba atirada em sua carruagem. Foi sucedido por seu filho Alexander III, um slavófilo e inimigo de reformas. Sob seu reinado as organizações revolucionárias foram completamente suprimidas.

1881, primavera – H. P. Blavatsky (50) cai enferma ao receber a notícia do assassinato do czar Alexander II. Diria ela:

> "Deus de bondade, que sangrentos horrores! Vão vir os últimos dias da Rússia..., ou será que o mesmo satã encarnou em seus filhos, no miserável aborto de meu pobre país? Depois deste crime sem precedentes, que vai se suceder? Onde estão os russos dos tempos passados? Onde vai parar minha Rússia querida? Sim, eu sou uma renegada; sim, sou uma budista, uma republicana, segundo vós; porém me sinto desgraçada, profundamente desgraçada por esta monstruosidade! Oh, como me compadeço de todos: a nosso czar martirizado, a sua infeliz família, a toda Rússia! Malditos sejam esses monstros, esses nihilistas, esses néscios temerários... Como vos escarneceis de mim, a cidadã republicana, o *esprit fort* que se havia libertado das preocupações de seu país. Porém, nestes momentos de profundo estupor, sinto uma vergonha tão intensa por meus compatriotas, uma lástima tão profunda pela vítima de suas cruéis loucuras, um desespero tão grande, que desafio ao servidor mais fiel de nossos czares que jamais tenha abandonado seu país natal a que prove que sofre mais que eu." E o provou, de fato, adoecendo. Seu periódico, *The Theosophist*, apareceu enlutado. Foi uma bondosa atenção do presidente da S. T., pois ela, por si, não estava em situação de pensar em tais coisas.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 285)

Helena nem sonhava com o que estava por acontecer à sua amada Rússia...

1882 – Papus (17) entra na Faculdade de Medicina de Paris.

> Ainda jovem, dedicou-se nas horas vagas ao ocultismo; enquanto seus colegas preocupavam-se com os problemas políticos da Europa e em percorrer todos os autores da ciência oficial, Papus passava suas tardes na Biblioteca Nacional de Paris ou na Biblioteca do Arsenal estudando os autores clássicos da Alquimia e da Cabala, tomando notas dos principais manuscritos tão zelosamente guardados há séculos nessas preciosas bibliotecas. (...) em 1882 Papus teria iniciado Henri Delaage na Sociedade dos Filósofos Desconhecidos, ordem que teria sido fundada por L. C. de Saint-Martin no fim do século XVIII, na França.
>
> (Papus, *A Cabala*, Sociedade Ciências Antigas, p. 9)

1882, 7 de abril – H. P. Blavatsky (51) retorna à Europa em viagem de propaganda Teosófica, por Nice, Paris e Londres.

1884, março – Blavatsky está em Marseilles. Foi recebida por diversas personalidades do ocultismo da época, entre elas o barão de Spédalieri. Dez dias depois foram para Nice.

1884, 27 de março – Blavatsky e Olcott saem de Nice e vão a Paris.

1884, 7 de abril – Blavatsky chega inesperadamente a Londres, para se encontrar com Olcott, que fora antes. Regressou a Paris uma semana depois.

1884, 26 de junho – A tia de Blavatsky, Mme Fadéeff, escreve uma carta datada em Paris, referindo-se a uma carta enviada ao Sr. Sinnett em 1881/82:

> Há dois ou três anos, em carta escrita ao Sr. Sinnett, creio haver já referido o que me aconteceu com certa missiva recebida por mim fenomenalmente quando minha sobrinha se encontrava no outro confim do mundo, ou melhor dito, quando ninguém, em verdade, sabia precisar seu paradeiro, coisa que nos tinha profundamente desgostado. Todas as nossas pesquisas, com efeito, haviam sido inúteis, e já a considerávamos morta quando, em 1870 ou pouco depois, recebi uma estranha carta (vide 7 de novembro de 1780) desse senhor a quem chameis, segundo creio, o Mestre Koot-Hoomi ou Kut-Humi, carta que chegou a minhas mãos e à minha própria casa da maneira mais misteriosa e incompreensível, trazida por certo por um mensageiro asiático, o qual, assim que me entregou-a, se esfumaçou perante meus olhos. Na carta em questão ele me rogava que não me inquietasse pelo paradeiro de Helena, pois me assegurava sob sua palavra que minha sobrinha se achava em lugar seguro e em boa saúde. Conservo a tal carta entre meus papéis de Odessa e quando ali regressar terei o gosto de remetê-la se puder ser-lhe útil. Eu, no que a mim afeta, me parece incrível que podem haver gentes tão insensatas que pensem que os homens superiores a quem chamais Mahatmas sejam pura invenção vossa ou de minha sobrinha. Não sei, certamente, se vós conheceis ou não tais seres desde muito tempo, porém posso assegurar que minha Helena me vem falando detalhadamente deles desde muitos anos, porque a última vez que me escreveu me dizia que havia voltado a ver a vários desses Mahatmas, renovando suas relações com eles, tudo, suponho, antes que ela escrevesse *Ísis Sem Véu*. Por que, pois, haveria ela de inventar semelhantes personagens, ou com que objetivo? Penso que vossos inimigos não são maus, nem obram de má fé em suas negativas, porém se eu, que espero ser até minha morte uma fervorosa cristã, creio, entretanto, na existência de tais seres, ainda que sem admitir todos os milagres que se lhes atribuem, por que não haverão de pensar o mesmo vossos impugnadores? Pelo menos eu posso testemunhar a existência de tais Mestres. Quem, senão ele, teria podido escrever a carta acima mencionada para tranquilizar-me nos momentos em que sentia maior angústia? É certo que não poderia reconhecer a identidade de uma escritura que jamais havia visto até então; porém a maneira prodigiosa como me foi entregue esta carta é tão fenomenal que ninguém poderia realizar coisa semelhante a não ser um adepto na ciência oculta. Ademais, a carta em questão me prometia o pronto regresso de minha sobrinha, como, de fato, se realizou. Repito que vos enviarei a carta dentro de 15 dias.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, pp. 170-171)

Sinnett continua o relato:

> M[me] Fadéeff cumpriu sua palavra e dez dias mais tarde estava em meu poder (...). Estava escrita em papel chinês de arroz, esta espécie de papel acetinado e feito à mão que se vê no Punjab e na Caxemira, e vinha fechada num envelope do mesmo papel, com o seguinte endereço: '*À mui honorável dama Nadejka Andriewna Fadéeff, Odessa*', e no canto uma nota em russo e escrita com lápis, da própria mão da senhora Fadéeff, e que dizia: '*Recebida em Odessa em 7 de novembro, referente a Lelinka* (nome carinhoso que dávamos em família a Helena) *e residente, ao que parece, no Tibet. Dia 11 de novembro de 1870*', e assinado '*Nadejka Fadéeff*'.
>
> (M. Roso de Luna, *Helena Petrovna Blavatsky*, p. 171) Vide ano 1870.

1884, 29 de junho – H. P. Blavatsky retorna a Londres.

1884 – Aparece uma cópia dos *Protocolos dos Sábios de Sion*, aparentemente a partir de um membro da Loja Maçônica da qual Papus foi membro e Venerável Mestre. Nesta mesma loja apareceu, pela primeira vez, a tradição de Ormuz – sábio egípcio convertido por São Marcos em 46.

1884, fins – Sob as calúnias de Hogdson e dos missioneiros, H. P. Blavatsky (53) retorna à Índia, onde fica pouco tempo, partindo pela última vez à Europa, residindo temporadas na Itália (Torre del Greco), Alemanha (Wurtzbourg), Bélgica (Ostende) e Inglaterra (Londres).

1885, 9 de janeiro – Em seu *Diary*, anota o Coronel Olcott:

> H. P. Blavatsky recebe do (Mestre M., pois só o seu criptograma figura no *Diary*) o plano para sua *Doutrina Secreta*. É excelente. Oakley e eu havíamos tentado fazê-lo a noite passada; este, porém, é muito melhor.
>
> (Oakley era Mr. A.J. Cooper-Oakley). A conspiração Coulomb obrigou H.P.B. a partir para a Europa em março, levando consigo o precioso manuscrito.
>
> (Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, p. 26-27)

1885, 1º de julho – O pároco Berenger Saunière chega a Rennes-le-Château, com 33 anos. Rennes-le-Château era um pequeno povoado de 200 pessoas, a leste dos Pirineus e pendurado no topo da serra, a 40 km da cidade de Carcassonne Após a maior divulgação dos mistérios feita pelos programas da BBC de Henry Lincoln, uma série de publicações de cunho privado e de divulgação restrita trouxe maiores explicações para a série de fatos que desencadearam as obras portentosas realizadas pelo pároco Saunière em Rennes-les-Château. Segundo algumas destas narrativas, Saunière teria sido visitado em Rennes-le-Château por membros do Monastério [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion, que passaram a dirigirem-no em suas pesquisas. No final de 1916, Saunière teria desafiado o Monastério e rompido com eles. Neste contexto, sua morte em 17 de janeiro de 1917 adquire outra conotação, principalmente por ter ocorrido quando o pároco gozava de ótima saúde e por seu caixão ter sido encomendado por sua própria governanta e confidente 5 dias antes (vide adiante).

Segundo Baigent, Leigh e Lincoln, em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*,

> a força real por trás dos eventos na cidadezinha na montanha teria sido o amigo de Saunière, o abade Henri Boudet, padre da cidadezinha adjacente, Rennes-les-Bains. Boudet teria fornecido todo o dinheiro de Saunière, um total de 13 milhões de francos, entre 1887 e 1915. E teria guiado os vários projetos de Saunière: as obras públicas, a construção de Villa Bethania e a Torre Magdala. Ele teria supervisionado a restauração da igreja de Rennes-les-Château e desenhado as chocantes Estações da Cruz de Saunière como uma espécie de versão ilustrada, ou equivalente visual, de um livro enigmático de sua autoria. De acordo com essa publicação recente 'do Monastério' [Prieuré], Saunière permaneceu, no essencial, ignorante do real segredo do qual ele agiu como depositário, até que Boudet finalmente lhe contou, na atribulação do aproximar-se da morte, em 1915. De acordo com a mesma publicação, Marie Denarnaud, a governanta de Saunière, era na realidade agente de Boudet. Através dela Boudet transmitia instruções a Saunière. E era ela quem recebia todo o dinheiro, ou a maior parte dele. Pois Boudet teria pago 7.655.250 francos, entre 1885 e 1901, ao bispo de Carcassone, o homem que pagou a viagem de Saunière quando este levou os pergaminhos a Paris. O bispo também teria estado essencialmente a serviço de Boudet. Esta é, por certo, uma situação incongruente – um importante bispo regional estar a serviço pago de um humilde pároco de uma paróquia remota. E o pároco? Para quem trabalhava?
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 156-157)

Figura 55: RENNES-LE-CHÂTEAU

Asmodeus[368], o guardião dos tesouros escondidos, logo que se entra na capela de Maria Magdalena, em Rennes-le-Château. É o guardião dos segredos e, segundo uma antiga lenda judaica, foi o construtor do Templo de Salomão. Esta estátua foi colocada por Saunière quando da reconstrução da igreja. Lembremos a ligação com Pan, o guardião de Arcádia, o quadro que sintetiza Rennes-le-Château e seu mistério…







O pároco Bérenger Saunière

1885, dezembro – H. P. Blavatsky retorna à Índia, não permanecendo por muito tempo, por questões de saúde. Retornará a Londres no ano seguinte. Nestes últimos anos Helena dedicou-se profundamente à conclusão de sua *Doutrina Secreta*.

1886 – Em 3 de março de 1886 H. P. Blavatsky escreveu ao Sr. Sinnett que, em relação à *Doutrina Secreta*, surgia,

> cada manhã, uma nova revelação e um novo cenário. *Eu vivo novamente duas vidas*. Julga o Mestre que para mim é demasiado difícil estar fitando conscientemente a luz astral para a minha *Doutrina Secreta*, e por isso... estou preparada para ver tudo o que devo ver como se fosse através de sonhos. Vejo grandes e largos rolos de papel, sobre os quais estão escritas as coisas, e as registro. Deste modo me foram mostrados todos os patriarcas, desde Adão a Noé – paralelamente aos Rishis; e, no meio deles, o significado de seus símbolos – ou personificações. (…) Terminei um extenso capítulo de introdução, *Preâmbulo* ou Prólogo, chamem-no como quiserem, justamente para mostrar ao leitor que o texto, tal qual se desenvolve, iniciando-se cada seção com uma página traduzida do Livro de *Dzyan* e do Livro Secreto de 'Maitreya Buddha'..., não é uma ficção. Foi-me ordenado para que assim o fizesse para dar uma sucinta exposição do que sabia historicamente e em literatura, através dos escritos clássicos, profanos e sagrados – durante os 500 anos que precederam a Era Cristã e os 500 anos posteriores – acerca da *magia* e da existência de uma Doutrina Secreta Universal, conhecida dos filósofos e Iniciados de todos os países, inclusive por vários padres da Igreja Cristã, tais como Clemente de Alexandria, Orígenes e outros, que por sua vez foram iniciados. Igualmente para descrever os mistérios e alguns ritos; e posso assegurar-vos que serão agora divulgadas as coisas mais extraordinárias, toda a história da Crucificação, etc., mostrando-se que está baseada em um rito tão velho

368 Wikipedia – Asmodeus no folclore judaico-islâmico é rei dos espíritos terrestres

> quanto o mundo – a Crucificação do Candidato sobre o *Torno* – provas, descida ao Inferno, etc., tudo de origem ariana. A história completa, até hoje não referida pelos orientalistas, se encontra também em forma exotérica nos *Purânas* e *Brâhmanas*, sendo explicada e suplementada com o que proporcionam as interpretações Esotéricas... Disponho de informações que dariam para encher vinte volumes iguais aos de *Ísis*; o que me falta é a expressão, a habilidade para as compilar.
> (*Letters of H.P.B. to A.P.S*, pp. 194-195, cit. em *A Doutrina Secreta*, vol. I, p. 29)

1887 – Papus (22) escreve sua primeira obra: *O Ocultismo Contemporâneo*. Ele adota como Mestre Intelectual (como ele mesmo se refere) o marquês Joseph Alexandre Saint-Yves d'Alveydre.

1888 – Papus (23) publica seu T*ratado Elementar de Ciência Oculta*. A obra fez grande sucesso em muitos países, lançando o autor na liderança do meio ocultista parisiense.

1888, outubro – Blavatsky (57) lança sua *Doutrina Secreta*.

> Depois de haver H.P.B. trabalhado sozinha durante alguns meses em Würzburg, foi 'enviada', para ajudá-la, a Condessa Constance Wachtmeister, a quem ela declarou que a obra, uma vez terminada, constaria de quatro volumes, e '*revelaria ao mundo tanto da doutrina esotérica quanto era possível fazê-lo no estágio atual da evolução humana*'. Acrescentou H.P.B. que '*não seria senão no próximo século que os homens começariam a compreender e discutir o livro de maneira inteligente*.' (...) À Condessa '*foi confiada a tarefa de preparar cópias nítidas do manuscrito de H.P.B*.'
> (*Reminiscences*, p. 23-24, cit. em D.S., vol. I, p. 27).

> A Condessa relata que a circunstância que mais lhe atraiu a atenção e lhe provocou surpresa foi a pobreza da 'biblioteca ambulante' de H.P.B.. Não obstante, os seus manuscritos abundavam em referências, transcrições e alusões, provenientes de um cúmulo de obras raras e secretas sobre temas da mais variada índole. Algumas dessas obras ou documentos somente poderiam ser encontrados no Vaticano ou no Museu Britânico. "Era, porém, a única verificação de que ela necessitava". A Condessa pôde verificar, por intermédio de seus amigos, aquelas passagens "que H.P.B. havia visto na Luz Astral, com o título do livro, o capítulo, as páginas e os números, todos corretamente citados"– às vezes na Biblioteca Bodleian de Oxford, e outras vezes em um manuscrito do Vaticano. (ibid., p. 35, em D.S., vol. I, p. 27)

Vide, também, ano 1886.

1889 – Papus funda o *Grupo Independente de Estudos Esotéricos*, o GIDEE, transformado mais tarde em Escola Hermética, destinada a divulgar a espiritualidade e a combater o materialismo. Fundou, igualmente, as revistas *A Iniciação* e *Véu de Ísis*. (...) Trabalhava como externo nos hospitais e não abandonou o exercício da medicina. (Papus, *A Cabala*, p. 9)

Proclamada a República no Brasil, no auge do movimento positivista. O Brasil era considerado por muitos como a Terra Prometida do positivismo, onde influiu mais que em qualquer país do mundo. Segundo Álvaro Lins:

> Para a Europa, com as suas tradicionais e sólidas organizações de cultura, o positivismo comtista foi apenas um sistema filosófico e sua ação não saiu desse terreno científico. O comtismo religioso não teve repercussão nacional na França; ficou sempre limitado ao pequeno grupo de adeptos. Para a América do Sul, ao contrário, o positivismo representou menos um instrumento de especulações filosóficas do que um sistema religioso, uma força de ação política e um movimento de organização social. E os positivistas americanos – os brasileiros, sobretudo – não estavam exagerando ou inventando; eram, sem dúvida, os intérpretes mais exatos e os seguidores mais obedientes da doutrina de Auguste Comte.
>
> (Raimundo Olavo de Coimbra, *A Bandeira do Brasil*, Fundação IBGE, RJ, 1979, pp. 308 e 311)

A divisa *Ordem e Progresso* é absolutamente comteana. Por influência positivista, que temia que a república se espelhasse no movimento americano, mostraram o novo modelo da bandeira, que acabou sendo motivo de graça em todo o mundo pela ignorância descabida e pretensão astronômica dos idealizadores. Afinal, pela primeira vez na humanidade se representou a esfera celeste sendo observada de fora do próprio universo, como se o observador estivesse acima do cosmos e de Deus! Este é o motivo pelo qual, no pavilhão nacional, está a única representação invertida do Cruzeiro do Sul, onde a 5ª estrela, em vez de ocupar o lado esquerdo da cruz (o coração!), está ao lado direito. Para um movimento que negava e invertia tudo que viesse do Alto e todo Sagrado, como a fé e as coisas ligadas ao Divino, inverter as luzes do céu não causa nenhuma estranheza.

Os adeptos à Ciência Espiritual – a que tanto nos referimos como luzes da humanidade – sabem perfeitamente que o número representa a Sombra da manifestação. No humano eles se manifestam na Personalidade, representada no Tarot pela carta do Louco. É aquele que anda para frente olhando para trás, que tem um animal zodiacal puxando-lhe o rabo, impedindo-o do verdadeiro Progresso. É a 21ª lâmina. Este foi o número de luzes escolhidas pelos "sábios" positivistas para "iluminar" sua bandeira... Da mesma forma como inverteram a observação da própria abóbada celeste, inverteram a posição da eclíptica – representada pela faixa branca do "Ordem e Progresso" –, invertendo, por conseguinte, a ordem dos 12 signos. Isso explica a exaltação de sua obra nas 21 luzes, inverso do 12 zodiacal!

Apesar de tudo, tivemos mais sorte que juízo. Pairando sobre todo este caos astronômico, que pretensamente representou a benção dos céus ao nosso nascimento, está SPICA, a Alfa de Virgo, signo regido por Mercúrio, o Equilibrador. A esta estrela – ironia do destino – está ligada a memória da precessão dos equinócios descoberta por Hiparco. Nas palavras do autor do projeto da bandeira: "Na bandeira, ela (a Spica, da Virgem) está figurada acima da eclíptica para quebrar a monotonia do hemisfério boreal."

Dessa forma, a desastrosa ignorância e pretensão positivista acabou gerando a bandeira brasileira, e com ela uma avalanche de críticas nacionais e internacionais. Reproduziremos, abaixo, apenas uma delas, de Eduardo Prado:

> O autor da bandeira teve a ideia de fazer uma bandeira científica, um estandarte astronômico. Diante desta ideia desgraciosa, pesada, inestética por todos os títulos, o seu autor resolveu introduzir a liberdade estética entre os astros, que, a princípio, começara a querer dispor com todo o rigor astronômico e de acordo com a ordem do Governo Provisório, que era positivista, pois o decreto mandava que as estrelas aparecessem todas **nas**

suas posições astronômicas. A bola estrelada, que já não era astronomia porque, como já demonstramos, estava errada, e que nunca será arte, porque é tudo quanto há de mais desgracioso e antiartístico – a bola, com o empréstimo da Espiga, removida, por ordem superior, de um hemisfério para outro, perdeu até as aparências de ser coisa atinente à astronomia. O seu papel é na indústria de papel barato. (...) No globo celeste de que se serviu o autor da bandeira para inscrever no losângo amarelo a sua bola, ou, antes, rodela azul salpicada de estrelas, essa variação pareceu pequena. Nem chegava, talvez, a meia polegada, acreditamos. Mas no espaço celeste são outras as proporções: o movimento próprio secular da estrela Espiga ou alfa da Virgem, que todos os dias se afasta de nós, produz-se na direção da constelação do Corvo. O autor da bandeira não só deslocou a estrela como fê-la mudar de direção, levando-a para perto de Arcturus, 7 graus ao sul desta estrela, e, depois de haver assim desencaminhado, em pleno céu, a Virgem, fê-la fazer, fora do rumo, uma viagem na qual, levando-se em conta o movimento próprio da Espiga e o espaço a percorrer, teria a pobre estrela de levar 35.000 séculos ou 3.500.000 anos!

(Raimundo O. Coimbra, op. cit.)

Se a opinião de Eduardo Prado torna-se suspeita, por ser antirrepublicano, vale reproduzir a palavra oficial do autor da bandeira, Teixeira Mendes:

A realidade é que a bandeira republicana do Brasil atesta a influência do positivismo na organização da República Brasileira e propaga essa influência onde quer que essa bandeira compareça.

(*Jornal do Commercio*, Rio, 13 de fevereiro de 1921)

1891, 8 de maio – Morre H. P. Blavatsky (60), em Londres.

1891 – Saunière inicia, com fundos municipais, uma modesta recuperação da igreja de Rennes-le-Château. Ao remover o altar-mor, sobre duas antigas colunas visigóticas, o pároco encontra quatro pergaminhos encerrados em tubos de madeira, ocultos dentro de uma das colunas, que era oca. Este fato é familiar aos CC∴MM∴. Para eles, no interior das colunas encontram-se depositados “o tesouro da doutrina iniciática – reservada aos que saíram da superfície e entraram na profundidade – e as ferramentas dos AA∴ e CC∴.” Dois pergaminhos encontrados por Saunière continham genealogias, uma datada de 1244 e outro de 1644; os dois outros foram compostos aparentemente em 1780 por Antoine Bigou, um dos predecessores de Saunière em Rennes-le-Château.

Bigou havia sido, também, capelão pessoal da família nobre Blanchefort, que no início da Revolução Francesa ainda era uma das mais importantes donas de terras da região. Os dois pergaminhos do tempo de Bigou eram textos virtuosos em latim, extraídos do Novo Testamento. Pelo menos, aparentavam isso. Em um deles, no entanto, as palavras se seguiam de forma incoerente, sem espaço entre elas. Várias letras supérfluas haviam sido inscritas. No segundo pergaminho, as linhas eram truncadas de forma indiscriminada e irregular, algumas no meio de uma palavra, enquanto certas letras estavam evidentemente levantadas acima das outras. Na realidade, os pergaminhos continham uma sequência de códigos e cifras, alguns deles fantasticamente complexos e imprevisíveis. Sem a chave certa, eram indecifráveis.

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 9)

Apesar da dificuldade de entendimento das mensagens cifradas, Saunière dirigiu-se, com o consentimento do prefeito, ao bispo de Carcassonne, o qual pagou as despesas para enviar Saunière a Paris. Lá Saunière apresentou os pergaminhos a autoridades eclesiásticas.

> Entre elas estavam o abade Bieil, diretor-geral do seminário de Saint-Sulpice, e seu sobrinho Émile Hoffet, que naquele tempo estava aspirando à vida religiosa. Embora ainda estivesse nos seus vinte anos, ele já havia estabelecido uma reputação intelectual impressionante, especificamente em linguística, criptografia e paleografia. A despeito de sua vocação pastoral, ele era sabidamente envolvido com o pensamento esotérico e mantinha relações cordiais com os vários grupos orientados para o oculto, além de seitas e sociedades secretas que proliferavam na capital francesa. Estes contatos introduziram Saunière em um círculo cultural ilustre, que incluía figuras literárias como Stéphane Mallarmé e Maurice Maeterlinck, bem como o compositor Claude Debussy. Ele também conheceu Emma Calvé, que recentemente havia retornado de apresentações triunfantes em Londres e Windsor. Emma Calvé era como uma diva, a Maria Callas da época. Ao mesmo tempo, era uma grande pitonisa da vida esotérica parisiense, mantendo relações amorosas com vários ocultistas influentes.
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 10)

Foi notória a longa amizade – ou, ao que parece, muito mais do que isso – entre Emma e Saunière, pois ela frequentemente o visitara em Rennes-le-Château. Nas três semanas que permaneceu em Paris, o até então desconhecido pároco provinciano viu-se subitamente lançado na elite intelectual da qual participava Hoffet. Neste período, adquiriu três reproduções no Louvre. Uma delas, segundo Baigent, Leigh e Lincoln, na obra citada, teria sido um retrato do papa Celestino V, que reinou ao fim do século XIII; outra era o quadro de David Teniers, *Santo Antônio e São Jerônimo no Deserto*. A terceira aquisição de Saunière teria sido o célebre quadro de Nicolas Poussin, *Les Bergers d'Arcadie* (“Os pastores da Arcádia”).

> Ao voltar a Rennes-le-Château, Saunière completou a restauração da igreja. Teria exumado então um bloco de pedra curiosamente esculpido, datado do século VII ou VIII, que estaria cobrindo uma câmara funerária na qual esqueletos teriam sido encontrados. Saunière embarcou também em projetos mais singulares. No jardim da igreja, por exemplo, havia o sepulcro de Marie, marquesa de Hautpoul de Blanchefort, desenhado e esculpido pelo abade Antoine Bigou, predecessor de Saunière um século antes, aparentemente autor de dois dos misteriosos pergaminhos. A inscrição na pedra sepulcral – que incluía vários erros deliberados de soletração e de espaço – era um anagrama perfeito para a mensagem contida nos pergaminhos referindo-se a Poussin e Teniers. Quando as letras eram rearranjadas, formavam a asserção críptica que já reproduzimos. Os erros pareciam ter sido planejados precisamente com este fim. Sem saber que as inscrições na tumba da Marquesa já haviam sido copiadas, Saunière as obliterou. (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 10)

Figura 56: Torre Magdala e Entrada de Rennes-le-Château

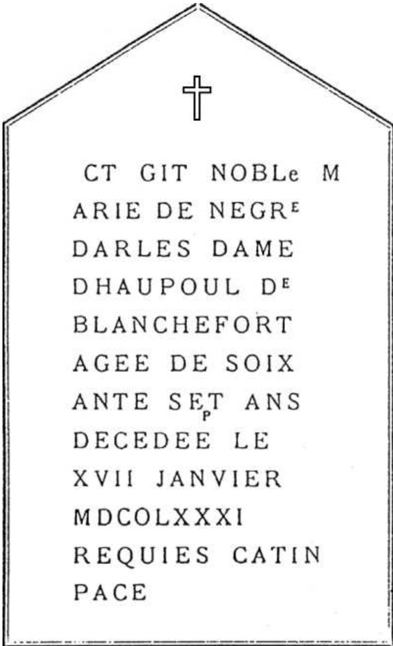


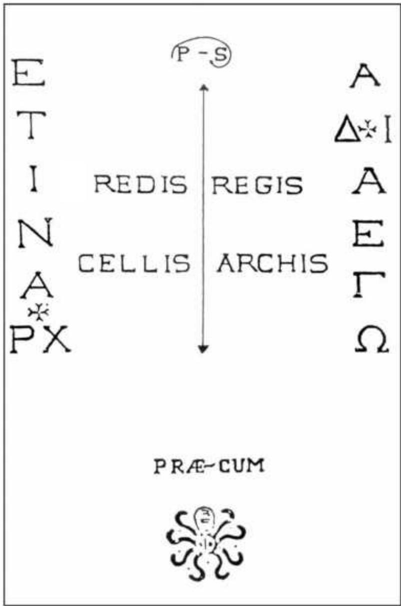
A Torre Magdala, erigida por Saunière na igreja de Rennes-le-Château, com vista para a montanha



Inscrição sobre a entrada da igreja de Rennes-le-Château ("Este Local é Terrível"). Esta inscrição foi feita quando da reconstrução da igreja por Saunière.

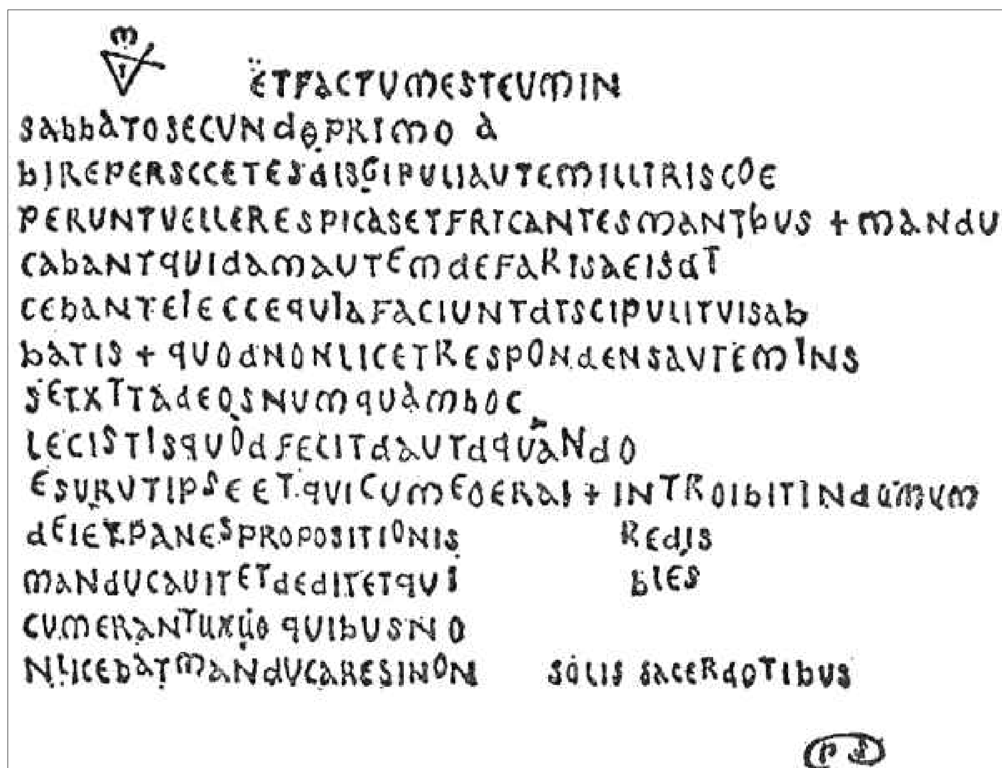
Figura 57: Tumba da Marquesa Blanchefort





As inscrições na tumba da Marquesa de Blanchefort

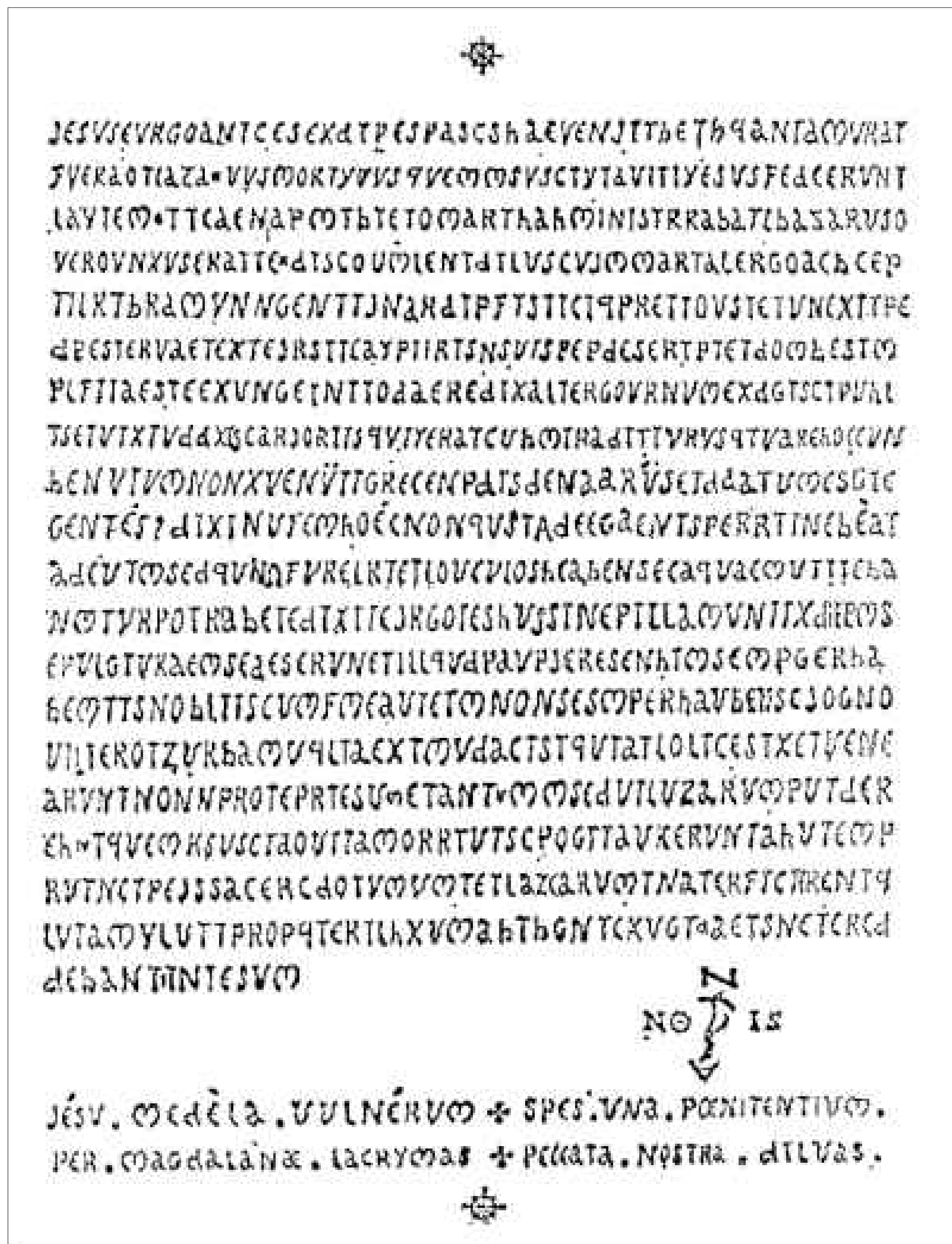
Figura 58: O Primeiro Pergaminho de Saunière



ETFACTUMESTEUMIN
SABBATOSECUNDEPRIMO A
BIREPERSCCETESDISCIPULIAUTEMILLIRISCOE
PERUNTUELLERESPICASETFRICANTESMANIBUS + MANDU
CABANTQUIDAMAUTEMDEFARISAEISDT
CEBANTEIECCEQUIAFACIUNTDISCIPULITUISAB
BATIS + QUODNONLICETRESPONDENSAUTEMINS
SETXTTADEOSNUMQUAMHOC
LECISTISQUODFECITDAUIDQUANDO
ESURUTIPSEETQUICUMEOERAT + INTROIBITINDOMUM
DEIETPANESPROPOSITIONIS REDIS
MANDUCAUITETDEDITETQUI BLES
CUMERANTUXUO QUIBUSNO
NLICEBATMANDUCARESINON SOLIS SACERDOTIBUS

O primeiro dos dois pergaminhos encontrados por Saunière sob o altar-mor de Rennes-le-Château, supostamente de autoria do pároco Antoine Bigou, antecessor de Saunière.

Figura 59: O Segundo Pergaminho de Saunière



NO IS

JÉSV. MEDÈLA. VVLNÉRVM + SPES. VNA. PŒNITENTIVM.
PER. MAGDALANÆ. LACRYMAS + PECCATA. NOSTRA. DILVAS.

O segundo pergaminho, dos dois aparentemente escritos pelo padre Antoine Bigou, encontrado por Saunière sob o altar-mor da igreja de Rennes-le-Château

1894 – Papus defende sua tese de medicina, intitulada *A Anatomia Filosófica e Suas Divisões*, recebendo o título de Doutor em Medicina, com elogios. Sua obra posterior, *Compêndio de Fisiologia Sintética*, foi igualmente muito elogiada nos meios acadêmicos. Ao defender sua tese, Papus revelou-se um iniciante na arte de curar, pois vislumbrava as possibilidades do ocultismo. Como Paracelso, percorreu vários países da Europa, estudando todas as medicinas, a oficial, a dos curandeiros, a homeopática, aprendendo uma série de procedimentos desconhecidos dos médicos tradicionais.

(Papus, *A Cabala*, p. 9)

Enquanto suas reconhecidas obras de anatomia e fisiologia recebiam apenas a subscrição de Gérard Encausse, seus tratados de magia recebiam o pseudônimo de Papus, retirado do *Nuctemeron* de Apolônio de Tiana, significando "o médico da primeira hora", aquele que não mede esforços para atender seus semelhantes.

1895, 25 de maio – Nasce Krishnamurti (murti = veículo de), em Mandanapale (*cidade do deus do amor*, em hindostânico; o deus do amor é Krishna), no distrito de Madras, sul da Índia. Seu apelido é Jidu. Sendo o oitavo filho, é costume homenagear a Krishna, que também era o oitavo em sua família, colocando seu nome no oitavo filho.

1895, 30 de outubro – Alice Bailey encontra-se pela primeira vez com o Mestre Koot Hoomi. Alice estava então com 15 anos, e durante meses havia sofrido as agonias da adolescência.

> A vida não valia a pena vivê-la, dizia ela. Só havia pobreza e dificuldades em todas as partes. Tampouco havia pedido para vir ao mundo, mas aqui estava. Acabava de completar meus 15 anos. Ninguém me queria; sabia que tinha um caráter odioso, e não me surpreendia que a vida fosse difícil. Tampouco tinha um porvir por diante, exceto o matrimônio e a vida rotineira dos de minha casta e classe. Odiava a todos, com exceção de duas ou três pessoas, e sentia inveja de minha irmã, de sua inteligência e beleza.
>
> (A. Bailey, *Autobiografia Inconclusa*, p. 33)

Era tão religiosa e parecia tão embebida de sua consciência mística que não poderia estar com rapaz algum sem antes assegurar-se se era uma alma salva. Em plena confusão sobre qualquer coisa referente à fé – pois sua formação era estritamente cristã – teve nesta oportunidade seu primeiro contato presente com um Mestre de Sabedoria. Deu-se neste dia, um domingo de manhã. Diz ela em sua autobiografia:

> Era um domingo pela manhã. No anterior havia escutado um sermão que despertou minha aspiração. Esse domingo, por alguma razão, não fui à igreja. O resto da família estava ausente, e somente os empregados e eu ficamos em casa. Me encontrava na sala lendo. De repente se abriu a porta e entrou um homem alto, vestido à europeia (com um traje de muito bom corte, segundo recordo) e um turbante que lhe cobria a cabeça; se sentou junto a mim. Fiquei petrificada ao ver o turbante e não atinei em dizer palavra nem perguntar quem era. Então começou a falar. Me disse que eu deveria realizar um trabalho no mundo, e que isto implicava mudar consideravelmente minha disposição, pois tinha de deixar de ser uma criatura desagradável e obter certa medida de autocontrole. Meu futuro serviço para ele e para o mundo dependia de como me conduzisse e das mudanças que chegara a efetuar. Me disse que se pudesse chegar a um verdadeiro autocontrole confiaria em mim, e acrescentou que eu viajaria por todo o mundo e visitaria muitos países `**para realizar o trabalho de seu Mestre**'. Desde então estas palavras ressoam em meus ouvidos. Realçou

> que tudo dependia de mim e do que pudesse e quisesse fazer de imediato. Acrescentou que estaria em contato comigo a intervalos~~, durante~~ [de] vários anos.
>
> A entrevista foi muito breve. Não pronunciei uma só palavra, limitando-me a escutar, enquanto ele falava com muita ênfase. Tendo dito o que tinha de dizer, se levantou e saiu da casa, detendo-se na porta por um minuto para dirigir-me um olhar que recordo nitidamente até hoje. Não soube o que pensar do ocorrido. Ao recuperar-me do sobressalto me senti a princípio atemorizada, e acreditei que estava ficando louca ou que me havia pega dormindo, sonhando, então reagi e experimentei uma plácida safisfação, considerando-me uma Joana d'Arc (minha heroína desta época) que, como ela, havia tido visões espirituais e havia sida eleita para uma grande obra. Não podia imaginar qual seria, porém me via como a dramática e admirada instrutora de milhares de pessoas, erro muito comum entre os principiantes, e o tenho podido comprovar em muitos grupos ocultistas. A sinceridade e a aspiração das pessoas costuma produzir algum contato interno espiritual que logo interpretam em termos de êxito e importância pessoais. Para mim foi uma reação causada pelo sobre-estímulo, a qual seguiu outra que permitiu destacar em minha mente a crítica que havia feito sobre mim. Cheguei à conclusão que, quem sabe, depois de tudo, não era eu da categoria de Joana d'Arc, senão simplesmente alguém que parecia ser melhor do que havia sido, que devia começar a controlar um caráter bastante violento. Comecei a fazê-lo. Tratei de não ser tão iracunda e controlar minha língua, e durante um tempo me portei tão bem que minha família se preocupou; acreditavam que estava enferma e quase me rogaram que reassumisse meus rasgos explosivos. Havia me tornado virtuosa, doce e sentimental. Enquanto transcorriam os anos, descobri que, a intervalos de sete anos (até meus trinta e cinco) tive indícios da supervisão e do interesse desse personagem. Em 1915 descobri quem era e que outras pessoas o conheciam. Desde então nossas relações tem se estreitado, ao ponto que hoje posso entrar em contato com ele à vontade. Esta disposição de fazer contato ~~com~~ [por parte do] Mestre somente é possível quando o discípulo também está disposto a valer-se unicamente dele em momentos excepcionais e de verdadeira emergência para o serviço mundial.
>
> (Alice Bailey, *Autobiografia Inconclusa*, pp. 33-35)

Praticamente nesta mesma época Mme Bailey teve outra experiência marcante. Foi como um sonho acordado, em que participou de maneira muito nítida de uma festividade tibetana conhecida como o Festival de ~~Weizak~~ Vaisakha. É o plenilúnio correspondente ao mês de ~~Weizak~~ Vaisakha (Touro), segundo sua antiga denominação do calendário hindu. Este mês tem vital importância para os budistas. É um evento real, físico, do qual Bailey participou quando estava na Inglaterra por duas oportunidades, sem o saber, conhecendo seu significado apenas duas décadas após.

1897 – Realiza-se o Congresso Judaico Internacional, em Basle. Neste Congresso, segundo alega a própria obra, foi concebido *Os Protocolos dos Sábios do Sion*. Na realidade, isto corrobora a falsidade da origem da obra na medida em que cópias dela se achavam em 1884 (vide respectivo ano).

Papus (32) adota como seu *Mestre Espiritual* (conforme ele mesmo se refere) o Mestre Philippe de Lyon. Teve no seu companheiro, Stanislas de Guaita, um incentivador de primeira grandeza, discípulos póstumos, todos os dois, de Eliphas Levi, Fabre d'Olivet, Saint-Martin e Jacob Böhme, cujas obras sabiam praticamente de cor.

SÉCULO XX d.C.

1901 – Papus (36) vai à Russia pela primeira vez. Chega a São Petersburgo, onde tem muitos admiradores. É apresentado à família real pelo duque Nicolas, com quem tinha excelentes relações. A corte russa era muito aberta a magos e videntes, encontrando muitos pontífices do estudo das artes ocultas simpatia e apoio da família real. Chegou a ser feita uma tradução para o russo do *Tratado Elementar de Ciência Oculta*. (Dr. Philippe Encausse, *Le Maitre Philippe de Lyon*, La Diffusion Scientifique, Paris, 1955, p. 206)

1903– Assume o papa Pio X [Giuseppe Melchiorre Sarto] até 1914, mais tarde canonizado como santo.

O grupo de Papus era combatido na corte russa por interesses políticos muito poderosos que viam na boa fé do czar oportunidades de ascensão ao poder. Um deles era representado pela grã-duquesa Elizabeth. Um de seus favoritos, o insignificante Sergei Nilus, neste ano de 1903 apresenta ao czar um documento polêmico que apresenta uma conspiração internacional judaica: *Os Protocolos dos Sábios do Sion*. Ao contrário do que esperava Sergei, o czar declarou a ultrajante fabricação do documento, ordenou a destruição de todas as suas cópias e expulsou Sergei da corte. Além de querer desacreditar Papus, Sergei era declaradamente antissemita. Falhando em desacreditar o cabalista francês, Nilus publica neste mesmo ano o documento numa série em um jornal, sem atrair qualquer interesse. Dois anos depois é publicado como um livro por um conhecido filósofo, Vladimir Soloviov. Daí em diante tornou-se um dos mais infames escritos deste século. Denunciando uma conspiração internacional judaica para dominar o mundo, o livro adquire, hoje, a unanimidade dos especialistas quanto à sua qualidade insidiosa e falsa, pelo menos sob a forma atualmente apresentada. Mesmo assim, ainda é utilizado como propaganda antissemita na Espanha, América latina e na Inglaterra. Segundo a pesquisa realizada por Baigent, Leigh e Lincoln, em *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*:

> Houve um texto original com base no qual a versão publicada dos *Protocolos* foi baseada. Este texto original não é uma farsa. Pelo contrário, é autêntico. Mas ele não tinha nada a ver com o judaísmo ou com uma 'conspiração judia internacional'. Ele surgiu de alguma organização maçônica ou sociedade secreta com orientação maçônica, que incorporara o termo ~~Sinai~~ "Sion". O texto original no qual a versão publicada dos *Protocolos* foi baseada não usava necessariamente uma linguagem provocadora ou inflamada. Mas pode bem ter incluído um programa para ganhar poder, infiltrar a Maçonaria, controlar instituições sociais, políticas e econômicas. (...) O texto original, no qual a versão publicada dos *Protocolos* se baseou, caiu nas mãos de Sergei Nilus. Nilus não tencionava, a princípio, desacreditar o judaísmo. Ele o levou ao czar com o propósito de desacreditar o grupo esotérico da corte imperial – o grupo de Papus, Monsieur Philippe e outros, que eram membros da sociedade secreta em questão. Antes de fazê-lo, ele certamente alterou a linguagem, tornando-a mais venenosa e inflamada do que era inicialmente. Quando o czar o expulsou, Nilus então liberou os *Protocolos* para publicação em sua forma adulterada. Eles falharam em seu objetivo primeiro de comprometer Papus e Monsieur Philippe. Mas podiam ainda servir para um propósito secundário, o de estimular o antissemitismo. Embora os alvos principais de Nilus tenham sido Papus e Monsieur Philippe, ele também era hostil ao judaísmo.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, op. cit., p. 155)

A hipótese dos autores do *Santo Graal* torna-se plausível pela análise do documento dos *Protocolos*, uma vez que este se refere aos judeus com tanta ênfase quanto à Franco-Maçonaria. É muito provável, pela leitura dos *Protocolos*, a sua origem deturpada de algum documento se referindo a temas que referimos neste trabalho, onde a Arte Real, ligada à casa de Davi, aos judeus, à elite pensante humana e ao Monastério do Sião, teve totalmente desfigurada sua finalidade pelo interesse antissemita e antimaçon do inimigo russo de Papus. Algumas citações dos *Protocolos* atestam esta origem (os grifos constam da publicação original, de uma suposta *Edições Júpiter*, em São Paulo, na verdade inexistente):

> A **franco-maçonaria externa** serve unicamente para cobrir nossos desígnios; o plano de ação dessa força, o lugar em que assiste são inteiramente ignorados do público. (*Os Protocolos dos Sábios do Sião*, p. 33)
>
> Desde então, levamos o povo de decepção em decepção, a fim de que renuncie mesmo a nós, em proveito do **rei-déspota do sangue de Sião, que preparamos para o mundo**. (*Protocolos*, p. 29)
>
> Mas, esperando nosso advento, criaremos e multiplicaremos, pelo contrário, as lojas maçônicas em todos os países do mundo, atraindo para elas todos os que são ou possam ser agentes proeminentes. Essas lojas formarão nosso principal aparelho de informações e o meio mais influente de nossa atividade. (*Protocolos*, p. 100)
>
> O rei dos judeus será o verdadeiro papa do universo, o patriarca da Igreja Internacional. (*Protocolos*, p. 118)
>
> Nossos agentes serão escolhidos na alta sociedade, como também nas classes baixas, no seio da classe administrativa que se diverte, entre os editores, livreiros, caixeiros, operários, cocheiros e lacaios, etc…
> (*Protocolos*, p. 119)

Depois de tudo o que procuramos mostrar nesta obra, trazendo à luz as mais puras fontes iniciáticas, desde centenas de milhares de anos antes de Cristo até hoje, passando pela Maçonaria e pelos grandes iniciados, fica evidente o caráter espúrio das citações acima, as quais, se por um lado não mereceriam entrar numa obra deste tipo, por outro devem nos lembrar a que ponto pode chegar o vil interesse humano em corromper assuntos elevados em mesquinhos interesses individuais.

A prática do Nilus, infelizmente, é algo muito comum. O mau uso e deturpação de informações originais – mesmo bem documentadas, coerentes ou iluminadas – por interesses escusos é por demais conhecida ao longo da história. A Bíblia e o Al Corão são exemplos muito antigos – e infelizmente atuais – desta prática que causou tantos banhos de sangue no mundo. De maneira geral, toda a história que relatamos nesta obra – que pretende tratar das Luzes – tem sido invariavelmente abordada através das sombras projetadas na terra. Sabemos que, inclusive em nossa obra, estamos sujeitos a este karma de manifestação no Kali Yuga em que vivemos…

1905, início de outubro – Papus chega a São Petersburgo, indo à Rússia pela segunda vez. Os relatos seguintes ficam por conta de Maurice Paléologue, da Academia Francesa, que publicou as memórias da época em que fora embaixador da França no país dos Tzars. Neste relato Papus evoca o espírito do pai do Tzar, para aconselhar-se sobre a delicada situação do país:

> Os desastres da Mandchúria haviam provocado, em todos os pontos do império, problemas revolucionários, greves sangrentas, cenas de pilhagem,

> massacres e incêndios. O imperador vivia numa ansiedade cruel, e não se resolvia a escolher entre os conselhos contraditórios e passionais: sua família, seus ministros, seus dignitários, seus generais, toda sua corte lhe importunava quotidianamente. Uns lhe mostravam que ele não tinha o direito de renunciar à autocracia ancestral e lhe exortavam a não fraquejar ante os rigores necessários de uma reação implacável; outros lhe adjuravam de ceder a parte das exigências dos tempos modernos e inaugurar realmente o regime constitucional.
>
> (Dr. Philippe Encausse, *Le Maitre Philippe de Lyon*, pp. 208-209)

> Logo que Papus desembarca em São Petersburgo, um motim espalha o terror em Moscou, enquanto um sindicato misterioso proclamava a greve geral dos metalúrgicos. O mago foi imediatamente chamado a Tsarsköie-Sélo (o palácio real). Depois de uma rápida conversa com o imperador e a imperatriz, ele organiza para o dia seguinte um grande ritual de encantamento e necromancia. Além dos soberanos, somente uma pessoa assistiu a esta liturgia secreta, um jovem ajudante de campo de Nicholau II, o capitão Mandhyka.
>
> (Dr. Philippe Encausse, *Le Maitre Philippe de Lyon*, p. 206)

Por uma condensação intensa de sua vontade, Papus invoca o espírito do piedoso Alexandre III, segundo muitos sinais indubitáveis. Nicholau, então, dirige sua angustiosa dúvida a seu pai quanto à atitude que deveria tomar, e ouve:

> Tu deves, custe o que custar, esmagar a revolução que começa; mas ela renascerá um dia, e será então tão mais violenta que a repressão de hoje deveria ser mais rigorosa. Não importa! Coragem, meu filho! Não cesse de lutar! (Dr. Philippe Encausse, op. cit., p. 209)

O trabalho de Papus e do Mestre Philippe de Lyon junto à corte russa foi, reconhecidamente, o grande laço que manteve acesas as relações da Rússia com a França naqueles tempos, apesar do grande número de intrigas que se avolumavam. Para isso também contribuiu o trabalho do martinismo, o qual, ao que parece, havia iniciado Nicholau II. Os esforços conjugados da Igreja russa, da corte e da diplomacia francesa acabaram por obter a partida de M. Philippe e de Papus da Rússia, a contragosto do casal imperial.

> Podia-se ler no jornal de oposição *Osvobojdenié*, publicado em Stuttgart, um artigo contra o Mestre Philippe na Corte, onde era dito, entre outras coisas:
>
> > o fato é inegável: Nicolas, pelas coisas concernentes à sua família como por aquelas concernentes à política estrangeira e à administração interior, não toma nenhuma decisão sem haver, previamente, consultado o senhor Philippe. Que pensar de um regime confiando sem controles os destinos da Rússia ao primeiro charlatão que chega!
>
> (Dr. Philippe Encausse, *Le Maitre Philippe de Lyon*, p. 215)

O resultado do afastamento de Papus e Philippe da corte russa foi um terrível sucessor: Gregory Raspoutin...

1905, 2 de agosto – Morre o Mestre Philippe de Lyon.

1906, fevereiro – Papus faz sua última visita ao czar da Rússia.

1906 – Neste ano o partido aristocrata da Rússia introduz a Raspoutin no palácio real do czar, através da czarina. Ela fora seduzida pela pseudo intervenção do nigromante no delicado estado de saúde de seu jovem filho. Gregory Raspoutin nascera em 1872 em Pokrovskoie, e seu verdadeiro nome era Efimovitch. Papus não simpatizava nem um pouco com Raspoutin. Em mais de

uma oportunidade tentou desmascarar o farsante perante os soberanos (vide 28 fevereiro 1917).

1907 – Max Heindel é aconselhado a deixar os USA e ir a Berlim, para assistir a uma série de conferências iniciáticas, provavelmente do antroposófico Rudolph Steiner. Decepcionado com a doutrina antroposófica, decide voltar aos USA quando encontra um hierofante rosacruz da fraternidade imortal. Por seu intermédio ficou sabendo que, de gerações em gerações, irmãos mais velhos, repartidos em doze escolas, recebiam toda ou em parte treze iniciações sucessivas.

> O hierofante apareceu no quarto de um hotel modesto em Berlim e comunicou a Max Heindel: '*Há muitos anos que nós te observamos. Espalhamos obstáculos em teu caminho, a fim de experimentar-te e tornar-te digno da missão que te vamos confiar. Queres ser nosso porta-voz?*' Emocionado e grato, Max Heindel aceitou. Durante sete semanas ficou recluso num templo rosacruciano de Charlottenburg, no qual pôde aperfeiçoar sua instrução. De volta à América, registrou a doutrina num livro extenso: *A Cosmogonia dos Rosacruzes*, uma narração que retrata a evolução do Macrocosmo e do Microcosmo desde o *fiat* inicial. (Jean-Claude Frère, *Vida e Mistérios dos Rosa+Cruzes*, Ed. Pensamento, S. Paulo, 1993, p. 216)

1908, 30 de junho – Um grande pedaço do cometa (ou um meteoro) cai na Sibéria Central, arrasando 2.000 km² de florestas. A onda de choque atmosférico circundou a Terra duas vezes. Durante dois dias, uma fina poeira atmosférica permitia que uma pessoa pudesse ler um jornal à noite com a luz dispersa das ruas de Londres, a 10.000 km de distância.

1909 – Krishnamurti e seu irmão, Nytiananda, são "adotados" pela Sociedade Teosófica em Adyar. Sendo de família pobre e pai viúvo, frequentavam a Sociedade, pois seu pai era teósofo. Passaram a ter alimentação, atividades físicas e pedagógicas, aprendendo o inglês e o sânscrito. Seus principais mentores passaram a ser Annie Besant e Leadbeater.

1910 – Aparecimento do cometa Halley.

Max Heindel funda a Fraternidade Rosacruz.

> Durante a noite de 9 de abril de 1910, quando a Lua encontrava-se em Áries, meu instrutor apareceu em meus aposentos, comunicando-me que uma nova década se iniciara nessa noite, e que nas próximas seis semanas eu teria o privilégio de oferecer ao mundo uma ciência de restabelecimento da saúde e uma panaceia espiritual... Eu estava doente e sentia necessidade de descansar longe do trabalho público. Sabia que é muito perigoso afastar-se do próprio corpo quando se está enfermo, visto que, o éter estando atenuado, o cordão de prata rompe-se muito facilmente. Contudo, ao ouvir o pedido de meu instrutor, dispus-me a empreender uma viagem para o Templo, no meu corpo da alma, e designaram uma pessoa para que cuidasse de meu corpo (físico) enfermo.
>
> (Jean-Claude Frére, *Vida e Mistérios dos Rosa+Cruzes*, p. 216)

> Todavia, naquela noite, entrei no Templo com o meu instrutor. Ele me descreveu o trabalho da Associação (*Fellowship*), tal qual os Irmãos desejavam vê-la desenvolver-se. Em seguida entramos mais adiante. Os doze Irmãos encontravam-se presentes. No centro do Templo havia três esferas suspensas uma sobre a outra, sendo que a do meio estava aproximadamente a meio caminho entre o chão e o teto. Lembremo-nos que, acima deste mundo físico, as diversas visões são: a imagem etérea ou raios-X, a visão da cor que desvenda o mundo do Desejo, e a visão

total que revela a Religião e o Pensamento concreto. For para essa Região, e até mesmo para sua quarta divisão, na qual se encontram os Arquétipos, que os Irmãos mandaram-me subir. Uma vez lá, proporcionaram-me a compreensão do ideal mais elevado da Sociedade rosa-cruciana e me comunicaram o projeto da construção de uma *Eclesia* onde se prepararia a Panaceia. (Jean-Claude Frère, *Vida e Mistérios dos Rosa+Cruzes*, p. 217)

1910 – O Rito Escocês Retificado foi despertado no seio do Grande Oriente da França, mas o caráter cristão do Rito chocou os membros ateus do Grande Oriente e se produziu uma cisão, que resultou na criação da Grande Loja Nacional Independente. Não é menos certo que algumas lojas que operavam no Rito Retificado permaneceram ainda no seio da Obediência do Grande Oriente da França. Outras oficinas, pelo contrário, se puseram e ainda se encontram sob a direção da Grande Loja da França.
(Jean Palou, op. cit., p. 124)

1911, 11 de janeiro – Krishnamurti tem sua primeira iniciação.

Dias depois, acompanhado por Annie Besant, efetuou uma peregrinação a *Buddha Gaia*, lugar onde se levanta uma árvore lendária, debaixo de cuja sombra foi iluminado o príncipe Sidarta. A *Ordem do Sol Nascente*, fundada por Arrundale, torna-se, por iniciativa de Annie Besant, de caráter mundial, passando a chamar-se *Ordem da Estrela do Oriente*, sendo Krishnamurti (16) instituído seu presidente.
(Francisco Ayres, *Krishnamurti*, p. 23)

1912 – Os chineses adotam o calendário gregoriano.

1914 – Assume o papa Benedito XV [Giacomo Paolo Giovanni Battista Della Chiesa] até 1922.

Papus (49) vai à guerra como capitão-médico. Contrai tuberculose.

1914, 28 de julho – A Áustria declara guerra contra a Sérvia, após o assassinato do herdeiro austro-húngaro em Sarajevo em 28 de junho. A Rússia e a França mobilizam-se para defender a Sérvia enquanto a Alemanha apoia a Áustria. Nos próximos meses o conflito se generaliza, com os Aliados – Inglaterra, França, Itália, Japão e Romênia, e os Impérios Centrais – Alemanha, Áustria, Hungria, Turquia e Bulgária.

1915 – Walter Evans, primeiro marido de Alice Bailey, abandona-a. Até o final de 1918 dará início aos trâmites para o divórcio, tendo em vista a impossibilidade de reatar. Bailey toma contato, nos USA, com duas inglesas que a introduzem no meio teosófico. Passa a se instruir com discípulos diretos de Blavatsky e Besant.

De acordo com a publicação recente 'do Monastério', Saunière permaneceu, no essencial, ignorante do real segredo do qual ele agiu como depositário, até que Boudet finalmente lhe contou, na atribulação ao aproximar-se da morte, em 1915. (...) O trabalho em questão é *Le Trésor du triangle d'or* ('O tesouro do triângulo de ouro'), de Jean-Luc Chaumeil, publicado em 1979. Segundo Chaumeil, vários clérigos envolvidos com o enigma de Rennes-le-Château – Saunière, Boudet e provavelmente outros, como Hoffet, seu tio em Saint-Sulpice e o bispo de Carcassonne – eram afiliados a uma forma de Maçonaria que seguiria os moldes do ritual escocês. Essa Maçonaria, declara Chaumeil, difere da maioria no sentido de ser 'cristã, hermética e aristocrática'. Em suma, ela não consistia primariamente de livres pensadores e ateus, como muitos outros rituais da Maçonaria. Pelo contrário parecia ser profundamente religiosa e orientada para a magia, enfatizando uma sagrada hierarquia social e política, uma ordem divina, um

> plano cósmico. E os graus superiores dessa Maçonaria, segundo Chaumeil, seriam os graus inferiores do Monastério [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion.
>
> (Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 157)

Após todas as evidências que procuramos trazer à luz nesta obra, ligando as antigas tradições hebraicas, gregas, francas, arturianas, gnósticas, templárias e cátaras, a maçonaria escocesa e a vida de grandes Iniciados, a afirmação de Chaumeil torna-se muito coerente. Vide ano 1885 para mais detalhes sobre Rennes-le-Château...

1915 – A Inglaterra impõe bloqueio marítimo à Alemanha. Para furar o bloqueio, os alemães utilizam o submarino na guerra pela primeira vez, sendo um ponto chave para o equilíbrio alemão.

1916 – Morre Papus (51). É enterrado no cemitério Père Lachaise, Paris, divisão 93.

Os alemães são detidos pelos franceses na batalha de Verdun.

1917, 28 de fevereiro – O embaixador da França na Rússia, M. Paléologue, assinala em suas memórias na data de 28 de fevereiro de 1917:

> Mme T., que foi entre as protetoras de Raspoutin a que se dedicou às ciências ocultas, me falou das relações que existiam, após 1900, entre os soberanos russos e o célebre mago francês Papus. Eu anotei, no mês de novembro passado, neste diário, uma cena de necromancia que este taumaturgo presidiu em 1905, em Tsarsköie-Sélo. Após uma dezena de anos, me disse Mme T., Papus não veio mais à Rússia, mas ele continuou a correspondência com Suas Majestades. Muitas vezes tentou demonstrar que a influência de Raspoutin sobre eles era funesta pois ele vinha do diabo... Também o Pai Gregory (Raspoutin) detestava Papus, e quando as Majestades lhe falavam ele exclamava violentamente:
>
> > Por que escutais este fanfarrão? E por que ele está se metendo? Se ele não fosse um inttrigante, já seria bastante ele trabalhar com todos os ímpios e todos os fariseus que o rodeiam. Em nenhuma parte há tantos pecados quanto lá, no Ocidente; em nenhuma parte Jesus crucificado sofreu tantos ultrajes. Eu já lhes disse! Tudo que vem da Europa é criminoso e pernicioso...
>
> Mme T. me assegurou já ter visto, nas mãos de Mlle Golivine, a favorita da czarina, uma carta que a imperatriz recebera de Papus, há uns quinze meses, e que termina assim:
>
> > Do ponto de vista cabalístico, Raspoutin é um vaso igual à caixa de Pandora, e que encerra todos os vícios, todos os crimes, todas as manchas do povo russo. Que este vaso venha a se quebrar e se verá seu horripilante conteúdo se expandir assim sobre toda a Rússia...
>
> A imperatriz leu a carta a Raspoutin, que lhe disse:
>
> > Mas isso também eu te disse de vez. Quando eu morrer a Rússia perecerá.
>
> (Dr. Philippe Encausse, *Le Maitre Philippe de Lyon*, pp. 227-228)

1917, 15 de março (fevereiro no antigo calendário russo) – Nicholau II, da Rússia, abdica, e é formado um governo provisório liderado por Kerensky. A persistência de Kerensky de continuar na Guerra levará ao sucesso de Lênin.

1917, abril – Os USA entram na Guerra Mundial.

1917, 6–7 novembro (24–25 outubro no antigo calendário russo) – Lênin assume o poder e é instalado o comunismo na Rússia (vide ano 1848). Tropas em São Petersburgo atacam e saqueiam o Palácio de Inverno. O imperador abdica juntamente com seu filho doente, Alexis, deixando o trono ao seu irmão Michael, que desapareceu durante os acontecimentos para nunca ser encontrado. A família imperial foi mantida sob guarda até serem finalmente

enviados à Sibéria, onde, em 17 de iulho, na cidade de Ekaterinburg, Nicholau, Alexandra, e seus cinco filhos serão brutalmente assassinados pelos governantes bolsheviks.

Lênin, quando subiu ao poder na Rússia em 1917, era inexperiente em organização e condução do sistema econômico. Foi forçado a experimentar tudo e tudo falhou, demolindo a economia soviética em todo o processo. Quando morreu, em 1924, nenhum sistema de trabalho foi implantado. Seu sucessor, Joseph Stalin, encarregado de continuar o período de transição para criar o Estado Comunista, fez do período de transição o período permanente. (*Compton's Interactive Encyclopedia*, Communism)

Stalin revelou-se provavelmente o mais cruel e bem sucedido tirano que o mundo conheceu, levando o comunismo à situação extrema que, apenas em 1989, terminou de cair por completo. A Revolução Comunista teve motivos de sobra para fincar-se com decisão em solo russo. Mais uma vez deveremos olhar em profundidade para entender a ação da sombra em ação contrária aos movimentos das Luzes na História.

Por tudo que vimos até este momento, o maior movimento espiritual da humanidade nos tempos modernos foi levado a cabo justamente por uma russa, Madame Helena Petrovna Blavatsky. Já mostramos os movimentos contrários que recebeu ao longo de sua vida, tendo sempre presente amigos a lhe orientarem e prevenirem. Na verdade, não quisemos nos deter muito na maior parte dos ataques que lhe foram desferidos a partir de Londres e Paris, pois tal não é nosso objetivo. No entanto, bastaram 26 anos transcorrerem após sua morte para que se aniquilasse a monarquia russa e instalassem o governo comunista. E seu tão amado Tibet – centro da Grande Fraternidade Branca e foco iluminador de todo o trabalho de Helena, como vimos pelas várias tentativas que fez para entrar em seus domínios – foi praticamente aniquilado pelo governo comunista, desta vez chinês, desde 1951 até hoje. A violenta opressão no Tibet, o movimento de aculturação chinesa constante nas ruas, com alto-falantes a todo instante tentando fazer com que a população esqueça a própria língua-mãe, assim como outras atrocidades têm tentado, em vão, aniquilar um povo humilde e inofensivo, cujas únicas manifestações de resistência se dão através dos próprios monges.

1918, 9 de setembro – Proclamada a República de Weimar, na Alemanha, depondo o kaiser e assinando o tratado de paz da 1ª Guerra três meses depois.

1918 – Alice Bailey (38) descobre, na Escócia, quem era seu misterioso visitante em 1895, quando tinha apenas 15 anos:

> Havia sido admitida na Seção Esotérica da Sociedade Teosófica, e assistia às reuniões. A primeira vez que entrei no Santuário vi os conhecidos retratos de Cristo e dos Mestres de Sabedoria, como os denominam os teósofos. Me surpreendeu ver o retrato de meu visitante, olhando-me diretamente. Não havia erro possível. Era o homem que havia entrado na casa de minha tia, e não o Mestre Jesus. Sendo eu inexperiente, saí em busca de um dos amigos fundadores de Krotona e perguntei o nome deste Mestre. Me disse que era o mestre Koot Hoomi. Logo, cometi um erro fundamental, e desde então tive que pagá-lo. Crendo que lhes agradaria, e sem a menor intenção de ser convencida, com toda a inocência disse: '*Oh, deve ser meu Mestre, pois tenho conversado com ele e estado sob sua orientação desde então*.' A pessoa a quem me dirigi me olhou e disse com tom cortante: '*Devo entender que você se considera um discípulo?*' Pela

> primeira vez na minha vida enfrentei a técnica da rivalidade na Sociedade Teosófica. Não obstante, foi uma lição saudável que resultou benéfica. Aprender a calar é algo essencial no trabalho grupal, e constitui uma das primeiras lições que todo afiliado à Hierarquia deve aprender.
>
> (Alice A. Bailey, op. cit., p. 117 [trecho 155])

1919, janeiro – Alice Bailey conhece a Foster Bailey. Depois de acertar o divórcio de Evans, decidem se casar. Antes complementa o processo do divórcio, que se dá na Califórnia.

1919, novembro – Alice Bailey tem seu primeiro contato com o Tibetano:

> Havia enviado minhas filhas à escola e, com a ideia de ter alguns minutos para mim, saí em direção a uma colina, perto da casa. Ali me sentei e comecei a refletir, quando logo me senti alarmada e prestei atenção. Ouvi o que me parecia ser uma clara nota musical, emitida desde o céu, ressoando na colina e dentro de mim. Então escutei uma voz que dizia: '*Deverão escrever-se certos livros para o público. Tu podes escrevê-los. O farás?*' Imediatamente respondi: '*Não, de maneira alguma. Não sou uma vulgar psíquica, nem quero ser pega nisto*'. Fui surpreendida a dar-me conta que falava em voz alta. A voz continuou e disse que as pessoas inteligentes não julgam precipitadamente, que eu tinha um dom especial para a telepatia superior e que o que se me pedia não implicava aspecto algum de psiquismo inferior. Repeti [respondi] que não me importava nem me interessava um trabalho de caráter psíquico. O ser invisível que me falava tão clara e diretamente disse então que me daria tempo para refletir, que neste momento não aceitaria minha resposta e voltaria exatamente dentro de três semanas para saber que havia decidido. Me sacudi como quem desperta de um sono, regressei à casa e esqueci do fato por completo. Não pensei mais no ocorrido nem o contei a Foster. Durante certo lapso nunca o recordei, porém ao finalizar as três semanas, uma noite estando sentada na salinha, depois que minhas filhas tinham se recolhido, ouvi novamente a voz para propor-me o mesmo. Voltei a recusar, porém meu interlocutor me rogou que voltasse a reconsiderar a proposta, pelo menos um par de semanas mais, e ver que poderia fazer. Isto despertou minha curiosidade, porém ainda não estava convencida. Decidi provar por um par de semanas ou um mês, para determinar minha decisão. Durante essas semanas recebi os primeiros capítulos de *Iniciação Humana e Solar*. Quero deixar bem claro que o trabalho que faço de nenhuma maneira está relacionado com a escrita automática. A escrita automática, com exceção de raríssimos casos (desgraçadamente cada qual crê que seu próprio caso é a exceção), é muito perigosa. Nunca se supõe que um aspirante ou discípulo seja um autômato e que tampouco deixa de controlar conscientemente alguma zona de seu equipamento. Se o faz, entra em um estado de negatividade perigosa. O material recebido é geralmente medíocre. Não contém nada novo e, com frequência, se esquece à medida que transcorre o tempo. Muitas vezes o estado negativo do sujeito permite a entrada de uma segunda força, a qual, por razões especiais, não é de um grau tão elevado quanto a primeira. Logo existe o perigo da obsessão. Temos tratado de muitos casos de obsessão como consequência da escrita automática. No trabalho que realizo não há negatividade, assumo uma atitude de atenção positiva e intensa. Retenho o pleno controle de todos os meus sentidos de percepção e nada do que faço é automático. Cuidadosamente escuto, anoto as palavras que escuto e registro os pensamenros que se introduzem um após o outro em meu cérebro. Nada mudo do que me é dado; a única exceção é polir o idioma ou trocar um vocábulo pouco usual por outro mais

claro, cuidando sempre de conservar o sentido. No ditado por El Tibetano nunca mudei nada. Se houvesse feito, não teria me ditado mais nada. Quero deixar isso bem claro. Nem sempre compreendo o que se me dita, nem tampouco estou de acordo, porém registro tudo honestamente para descobrir logo que tem sentido e evoca resposta intuitiva. Esse trabalho do Tibetano tem intrigado as pessoas e os sociólogos psicólogos de todas as partes. Discutem acerca da causa deste fenômeno e argumentam que o que escrevo é provavelmente produto de meu subconsciente. Disseram-me que Jung aceita a posição de que o Tibetano é meu eu superior personificado e que Alice A. Bailey é o eu inferior. Algum dia (se tiver o prazer de encontrar com ele) lhe perguntarei como pode ser que meu eu superior personificado me envie encomendas desde a Índia, pois isto tem estado fazendo. (Alice Bailey, *Autobiografia Inconclusa*, p. 122-123)

1920 – Hitler entra em contato com o jornalista e poeta Dietricht Eckardt e com o arquiteto Alfred Rosenberg, da sociedade Thule[369], vértice da Ordem Negra.

Marcaram-lhe uma primeira entrevista na casa de Wagner, em Bayreuth. Durante três anos rodearão sem cessar o pequeno cabo da Reichswehr, dirigindo-lhe [dominando todos] os pensamentos e os atos. Konrad Heiden (em *Adolf Hitler*, trad. por A. Pierhal, Ed. Grasset) escreve: '*Eckardt empreende a formação espiritual de Adolf Hitler*'. Ensina-lhe também a escrever e a falar. Os seus ensinamentos desenvolvem-se sobre dois planos: a doutrina 'secreta' e a doutrina de propaganda. Narrou algumas das conversas que teve com Hitler em relação ao segundo plano num curioso folheto intitulado *O Bolchevismo de Moisés a Lênin*. Em julho de 1923, esse novo mestre, Eckardt, será um dos sete membros fundadores do partido nacional-socialista. (...) No outono, ao morrer diz: '*Sigam Hitler. Ele há de dançar, mas a música foi escrita por mim. Concedemo-lhe os meios de se comunicar com Eles... Não me lamentem: terei influenciado a história mais do que qualquer outro alemão*...'

A lenda de Thule remonta às origens do germanismo. Trata-se de uma ilha desaparecida, em qualquer parte do extremo norte. (...) Como a Atlântida, Thule teria sido o centro mágico de uma civilização submersa. Para Eckardt e seus amigos, nem todos os segredos de Thule se teriam perdido. Seres intermediários entre o homem e as inteligências do Exterior disporiam, para os iniciados, de um reservatório de forças onde as podiam ir buscar para dar de novo à Alemanha o domínio do mundo, para fazer da Alemanha a nação anunciadora da super-humanidade futura, das mutações da espécie humana. (...) Mas a Sociedade Thule talvez ainda não passe de uma bastante poderosa maquinazinha de misturar o sonho e a realidade. (...) Segundo parece, é com Karl Haushofer que o grupo Thule vai adquirir o seu verdadeiro caráter de sociedade secreta de iniciados em contato com o invisível, e se tornará o centro mágico do nazismo.
(Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, Difel, S. Paulo, 1984, p. 308-309)

1921 – No seu estudo *Le Théosophisme: histoire d'une pseudo-religion*, publicado em 1921, o filósofo René Guénon mostra-se profeta. Ele vê aumentarem os perigos por trás da teosofia e os grupos iniciáticos neopagãos mais ou menos ligados à seita de Mme Blavatsky. Escreve:

Os falsos messias que até agora vimos fizeram prodígios de qualidade muito inferior, e aqueles que os seguiram provavelmente não eram muito difíceis de seduzir. Mas quem sabe o que o futuro nos reserva? Se

369 Wikipedia – Sociedade Thule grupo ocultista alemão criado após a 1ª Guerra Mundial.

> pensarmos que esses falsos messias nunca foram senão instrumentos mais ou menos inconscientes entre as mãos daqueles que os suscitaram, e se nos reportarmos em especial à série de tentativas sucessivamente feitas pelos teosofistas, somos levados a pensar que tudo isso foram apenas ensaios, de certa maneira experiências, que se renovarão sob diversas formas até que o êxito seja alcançado, e que, entretanto, sempre conseguem provocar certa perturbação nos espíritos. Aliás, não acreditamos que os teosofistas, nem os ocultistas ou os espíritas sejam capazes de realizar, por si mesmos e com pleno êxito, tal empreendimento. Mas não haveria, atrás de todos esses movimentos, qualquer coisa de igualmente temível, que os seus chefes talvez nem conhecessem e de que eram, por sua vez, os simples instrumentos?
>
> (Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, p. 256)

Nesta época começam, na Suíça, as pesquisas e o intenso trabalho dos chamados antroposofistas de Rudolph Steiner.

> De fato, certas descobertas steinerianas, na biologia (os adubos que não destroem o solo), na medicina (utilização dos metais que alteram o metabolismo) e sobretudo em pedagogia (funcionam até hoje na Europa numerosas escolas steinerianas), enriqueceram consideravelmente a humanidade. Rudolph Steiner pensava que há uma forma negra e uma forma branca de investigação 'mágica'.
>
> (Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, p. 256)

De fato, Guénon e Steiner mostrariam ter razão, como provariam os próximos acontecimentos ligados ao nazismo (vide 1924 e 1933).

1922 – Assume o papa Pio XI [Achille Ambrogio Damiano Ratti], até 1939.

Segundo Eugène Canseliet, neste ano Fulcanelli[370] redige *Le Mystère des Cathédrales* (O Mistério das Catedrais). Nesta mesma época deve ter sido escrito *Les Demeures Philosophales* (As Mansões Filosofais). Canseliet nunca revelou a identidade do misterioso alquimista.

1923 – A Igreja Ortodoxa adota o calendário gregoriano, sendo somados 13 dias no calendário.

1926 – É em 1926 que se instala em Berlim uma pequena colônia hindu e tibetana.

> No momento da entrada dos russos em Berlim encontrar-se-á, entre os cadáveres, um milhar de voluntários da morte em uniforme alemão, sem papéis nem insígnias, de raça himalaia. Logo que o movimento começa a dispor de grandes possibilidades financeiras, organiza múltiplas expedições ao Tibet, que se sucederão praticamente sem interrupção até 1943.
>
> (Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, p. 316)

1924 – As primeiras equipes nazis parecem ter considerado Rudolph Steiner o seu inimigo número um. Logo de início, os seus agentes dispersam por meio da violência as reuniões de steinerianos, ameaçam de morte os discípulos, obrigam-nos a fugir da Alemanha e, em 1924, na Suíça, em Dornach, ateiam fogo ao centro edificado por Steiner. Os arquivos ardem, Steiner já não está em condições de trabalhar e morre de desgosto um ano mais tarde.

(Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, pp. 256-257)

1927, 2 de agosto – Krishnamurti (32), no acampamento de Ommen, na Holanda, declara-se, como individualidade, livre de todas as doutrinas, seitas, dogmas e rituais: "*Eu atingi a libertação*."

---

370 Wikipedia – Fulcanelli pseuônimo do autor de duas obras francesas, a pessoa ainda é desconhecida.

1929– Krishnamurti (34) dissolve a *Ordem da Estrela*, declarada por ele como inútil. Com estas palavras ele dissolveu uma aglomeração de místicos e fanáticos à sua volta e à sombra dos ideais esquecidos de Helena Petrovna Blavatsky:

> Suspeito eu que a Verdade é um país sem caminhos, e dele não podeis vos aproximar, por nenhuma religião, por nenhuma seita. Vós é que tendes que subir para a Verdade. Ela não pode ser rebaixada para vir a vós. Não podeis trazer o cume da montanha para o vale. A verdade também não pode ser trazida para baixo. É antes o indivíduo que tem que por em prática o esforço para subir até ela. Nenhuma instituição espiritual pode conduzir à Verdade. Se uma instituição for criada com esse propósito torna-se muleta, uma limitação, e necessariamente estropia o indivíduo e o impede de crescer por si próprio. Não quero seguidores, e assim o expresso. A partir do momento que sigais a alguém, deixais de seguir a Verdade. Somente me preocupa uma coisa que é essencial: libertar o homem. Desejo libertá-lo de todos os temores, de todas as gaiolas e não fundar seitas novas, e não fundar religiões. Como já disse, somente tenho um propósito na vida: tornar o homem livre, impeli-lo para a liberdade, auxiliá-lo a romper todas as limitações, pois que só isto lhe dará felicidade eterna, só isto lhe dará a incorruptível espiritualidade e a harmonia entre o amor e a razão. Quero tornar o homem livre e fazê-lo rejubilar-se como o pássaro liberto nos céus límpidos. Pensais e esperais que um outro possa por seus extraordinários poderes transportar-vos a esse reino de liberdade. Quando buscais qualquer autoridade para vos conduzir à espiritualidade, automaticamente constituís uma instituição e assim sois colhidos numa gaiola. Temores, igrejas novas e antigas, autoridades e preconceitos – todas essas coisas, sustento eu, são barreiras para o entendimento. Novos deuses em lugar dos antigos, novas religiões em vez das velhas – tudo igualmente sem valor, sempre barreiras, muletas, limitações. Necessitais por tudo isso de lado e olhar para dentro de vós. Assim, para que uma instituição? Aqueles que realmente desejarem compreender, que estiverem buscando encontrar o que é eterno, sem começo nem fim, caminharão juntos com uma intensidade maior, serão um perigo para todas as irrealidades e sombras. Podeis formar outras instituições e esperar por outra pessoa qualquer. Com isto nada tenho a ver, nem com o criar de novas gaiolas e novos enfeites para elas. Minha preocupapão única é libertar absoluta e incondicionalmente os seres humanos.
>
> (Francisco Ayres, *Krishnamurti*, pp. 64-65)

1931 – Otto Rahn[371] passa três meses nas montanhas de Montségur, procurando indícios do Graal. O intelectual alemão recebera de Alfred Rosenberg a missão de verificar a veracidade das lendas que davam a Montségur a localidade do Santo Graal, relatado nas lendas arturianas como Montsalvat. Rahn fundamenta a tese de que os cátaros eram os derradeiros guardiões do Graal.

1933 – Otto Rahn publica, na Alemanha, sua obra *Kreuzzug gegen den Gral* ("A Cruzada Contra o Graal").

> O Dr. Willy Ley, um dos maiores peritos do mundo em matéria de foguetes, fugiu da Alemanha em 1933. Foi por seu intermédio que soubemos da existência, em Berlim, pouco antes do nazismo, de uma pequena comunidade espiritual de verdadeiro interesse para nós. Essa comunidade secreta fundamentara-se, literalmente, num romance do escritor inglês Bulwer Lytton: *A Raça que nos há de suplantar*. Esse romance descreve homens cujo psiquismo é muito mais evoluído do que o nosso. Eles adquiriram poderes sobre si mesmos e sobre as coisas, que os tornam

371 Wikipedia – Otto Rahn (1904–1939) medievalista alemão, pesquisador dos mitos do Graal, oficial da SS.

semelhantes a deuses. No momento, ainda se escondem. Habitam cavernas no centro da Terra. Em breve sairão para nos governar. Eis tudo o que o Dr. Ley parecia saber. Acrescentava sorrindo que os discípulos julgavam possuir certos segredos para mudar de raça, para se tornarem iguais aos homens escondidos no interior da terra.

(L. Pauwels/J. Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, pp. 250-251)

Essa sociedade era conhecida como "A Loja Luminosa" ou "Sociedade do Vril". A esta sociedade teria pertencido Karl Haushofer.[372]

Karl Haushofer nasceu em 1869. Fez diversas estadas nas Índias e Extremo Oriente, foi enviado ao Japão e aí aprendeu a língua. Para ele, a origem do povo alemão dera-se na Ásia Central e a permanência, a grandeza, a nobreza do mundo estavam asseguradas pela raça indo-germânica. No Japão, Haushofer teria sido iniciado numa das mais importantes sociedades secretas budistas e ter-se-ia comprometido, em caso se malogro de sua 'missão', a executar o suicídio cerimonial. (...) Após a Primeira Grande Guerra Haushofer retoma seus estudos e parece dedicar-se exclusivamente à geografia política. (...) Parece muito provável que tenha sido Haushofer que escolheu a cruz gamada para emblema.

(Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, p. 312)

Notaremos muita semelhança destas teorias da Sociedade Vril com o que confessaria Hitler, mais tarde, a Rauschning:

A nossa revolução é uma nova etapa, ou antes, a etapa definitiva da evolução que conduz à supressão da história... (...) Não sabem nada de mim, os meus camaradas do partido não fazem a menor ideia dos sonhos que faço e do edifício grandioso do qual pelo menos os alicerces estarão edificados quando eu morrer... Há uma curva decisiva do mundo, eis-nos na charneira dos tempos... Haverá uma alteração do planeta que vós, os não iniciados, sois incapazes de compreender... O que se passa é mais do que o aparecimento de uma nova religião... (...)
Vou confiar-lhe um segredo: estou fundando uma ordem.

Evoca os Burgs, onde se realizará uma primeira iniciação. E acrescenta:

É de lá que sairá a segunda categoria, a do homem medida e centro do mundo, do Homem-Deus. O Homem-Deus, a figura esplêndida do Ser, será como uma imagem de culto... Mas existem outras categorias de que não me é permitido falar...

(Hermann Rauschning, *Hitler m'a dit*, Cooperation, Paris, 1939, cit. em Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, pp. 311 e 322)

Rauschning descreve assim o Führer:

Somos obrigados a pensar nos médiuns. A maior parte do tempo são seres vulgares, insignificantes. Subitamente, como que lhes caem do céu poderes que os elevam acima da medida comum. Esses poderes são exteriores à sua personalidade real. São visitantes oriundos de outros planetas. O médium está possesso. Uma vez libertado, volta a cair na mediocridade. É sem dúvida desta forma que certas forças atravessam Hitler. Forças quase demoníacas das quais a personagem chamada Hitler não é mais do que a vestimenta momentânea. Essa reunião do banal e do extraordinário, eis a insuportável dualidade de que nos apercebemos logo que entramos em contato com ele. Este ser poderia ter sido inventado por Dostoievski. Tal é a impressão que se apresenta num rosto bizarro, a união de um desvario doentio e de um confuso poder.

(Hermann Rauschning, *Hitler m'a dit*, citado em L. Pauwels/J. Bergier, op. cit., p. 310)

Com Hitler, mais que com qualquer outro na história, a sacralidade teve seu mais astuto profanador. Tudo o que vimos existir de real e iniciático, não

372 Wikipedia – Karl Haushofer professor, político, general alemão influenciador do nazismo (geopolitik)

meramente físico, mas espiritual, no Sangue Real, não simplesmente no sangue propriamente dito, mas na herança espiritual, foi deturpado segundo seus mais vis interesses. E a sagrada alegoria do Santo Graal não poderia deixar de ser por ele invertida:

> Parsifal, o herói ignorante mas puro, deve escolher entre as voluptuosidades do jardim de Klingsor, que significa os debochados da civilização corrompida, e o austero serviço dos cavaleiros que velam sobre o sangue puro, fonte mística de toda a vida. É o nosso drama. Estamos todos atingidos por esta peste do sangue, manchados pela contaminação das raças. Qual é, para nós, a via da cura, da expiação?... A vida eterna proporcionada pelo Graal é reservada unicamente aos homens de sangue puro, apenas aos homens nobres. Conheço profundamente as ideias de Wagner. Nas diversas etapas da minha vida, regressei sempre a ele. Só uma nova aristocracia nos pode procurar a graça de uma nova cultura. (...)

Com efeito, o Führer confia a Rauschning:

> É claro que sei tão bem como todos os vossos intelectuais, os vossos poços de ciência, que não existe raça no sentido científico da palavra. (...) Pois bem, eu, que sou um homem político, tenho necessidade de uma noção que me permita dissolver a ordem estabelecida no mundo e opor à História a destruição da História. Compreende o que quero dizer? É preciso que eu liberte o mundo do seu passado histórico. As nações são os materiais visíveis de nossa história. É necessário que agite essas nações e que as molde numa ordem superior, para se terminar com o caos de um passado histórico que se tornou absurdo. Para realizar esta tarefa, a noção de raça é absolutamente utilizável. Ela destrói as velhas ideias e abre a possibilidade de combinações novas: partindo do princípio 'nação', a França conduziu a sua grande revolução para além-fronteiras. Com a noção 'raça' o nacional-socialismo conduzirá a sua revolução até o estabelecimento de uma ordem nova no mundo.

(Hermann Rauschning, *Hitler m'a dit*, Paris, 1939, pp. 256 e 258-259, citado em J.-M. Angebert, *Hitler e as Religiões da Suástica*, pp. 206-207)

Não temos a loucura de pretender explicar a história por meio das sociedades iniciáticas. Mas veremos, curiosamente, que tudo teve importância e que, através do nazismo, foi o 'outro mundo' que exerceu autoridade sobre nós durante alguns anos. Foi vencido. Não morreu. Nem do outro lado do Reno, nem alhures. Isso não é horroroso, a nossa ignorância é que é horrorosa. (Louis Pauwels/Jacques Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, p.252)

1935 – Hitler repudia todas as proibições a limitações de armamentos, instituindo serviço militar obrigatório.

1936 – Otto Rahn publica, na Alemanha, sua segunda obra: *A Corte de Lúcifer na Europa*, continuando sua tese sobre a herança cátara do Graal e derivando origens e conclusões políticas.

Eclode a Guerra Civil Espanhola, com o apoio de Mussolini e Hitler a Franco.

1936, novembro – É formado o Eixo Berlim-Roma-Tóquio, supostamente contra a expansão do comunismo.

1937 – Otto Rahn retorna ao Languedoc, a Montségur, pela segunda e última vez. Nesse mesmo ano retorna à Alemanha. Segundo Saint-Loup, em *Nouveaux Cathares pour Montségur* (Paris, Presses de la Cité, 1969, p. 376):

> os papéis deixados pelo ministro Rosenberg permitiram-lhe conhecer o verdadeiro fim do intelectual nacional-socialista:
>
> > Rahn suicida-se absorvendo uma dose de cianeto, (...) por motivos de ordem político-mística e também por razões íntimas.
> >
> > (J.-M. Angebert, *Hitler e as Religiões da Suástica*, p. 30)

1938, 11 de março – Hitler realiza o *Anschluss*, anexando a Áustria.

1938, setembro – Hitler anexa os Sudetos, região ocidental da Tchecoslováquia.

1939 – Assume o papa Pio XII [Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli], até 1958.

1939, março – Praticamente toda Tchecoslováquia cai sob os nazistas.

1939, 1º de setembro – Com um pacto assinado com os soviéticos quatro dias antes, os nazistas invadem a Polônia, dominando-a em três semanas e eclodindo a 2ª Guerra Mundial.

1940, maio – Ofensiva alemã contra a França, pela Bélgica e Holanda. Após terem, em abril, tomado a Dinamarca e invadido a Noruega, os nazistas tomam rapidamente toda a França, onde o humilhante governo provisório de Vichy entrega o país sob domínio alemão. A resistência ficará por conta de De Gaulle.[373]

1941, 22 de junho – *The New York Times*: Hitler começa guerra na Rússia, com exércitos em marcha do Ártico ao Mar Negro; Damasco cai; USA expulsa cônsules de Roma.

1941, 7 de dezembro – Japoneses atacam Pearl Harbor. Os USA entram na Guerra.

1942, inverno – Numa manhã deste inverno, em Berlim, o corpulento Doutor Kersten, com mãos carregadas de fluido, encontrou seu cliente, o Reichsführer Himmler, triste e acabrunhado.

> Caro Sr. Kersten, estou numa terrível angústia. (...) Explicou: o Führer compreendera que não haveria paz na Terra enquanto continuasse com vida um único judeu que fosse... Então, acrescentou Himmler, ordenou-me que liquidasse imediatamente todos os judeus em nosso poder. As suas mãos, longas e secas, repousavam sobre o divã, inertes, geladas. Depois calou-se. Kersten, estupefato, via transparecer um sentimento de piedade no mestre da Ordem Negra e o seu terror foi atravessado por uma esperança: Sim, sim, respondeu, sei que no fundo da sua consciência não aprova essa atrocidade... Compreendo a sua tristeza horrível.
>
> Mas não se trata disso! De forma nenhuma! – exclamou Himmler, erguendo-se. Não está percebendo nada!
>
> Hitler convocara-o. Pedira-lhe que suprimisse imediatamente cinco a seis milhões de judeus. Era uma pesada tarefa, e Himmler estava fatigado; além disso, no momento tinha muito que fazer. Era desumano que exigissem dele um redobrar de esforços nos próximos dias. Verdadeiramente desumano...
> (Cf. *Memórias de Kersten* e o livro de Joseph Kessel: *Les Mains du Miracle*, Gallimard, cit. em Pauwels/Bergier, *O Despertar dos Mágicos*, pp. 318-319)

1942, fins – Com a entrada dos Estados Unidos, a Alemanha é paralisada em sua expansão em todas as frentes. Os russos resistem em Stalingrado e em Moscou e começam a rechaçar os nazistas.

1943, julho – Um grupo de alemães, compreendendo numerosos eruditos (geólogos, historiadores, etnólogos), protegidos por milicianos franceses, instala-se no Pog (esporão rochoso) de Montségur. A campanha de pesquisas dura até o mês de novembro do mesmo ano, mas, ao que parece, sem resultados positivos. As buscas recomeçaram mais tarde, na primavera de 1944. (J.-M. Angebert, *Hitler e as Religiões da Suástica*, Liv. Bertrand, Lisboa, 1977, p. 70)

373 Wikipedia – Charles de Gaulle (1890–1970) militar e estadista francês

1945, 2 de maio – *The New York Times*: Berlin cai para os russos, 70.000 entregam-se; 1.000.000 se rendem na Itália e na Áustria; Dinamarca é libertada; Hamburg se rende.

1945, 7 de maio – *The New York Times*: Terminou a Guerra na Europa!

1945, 6 de agosto – *The New York Times*: Primeira Bomba Atômica cai no Japão. Dois dias depois de Hiroshima, cai a segunda bomba em Nagasaki. O Japão capitula oito dias depois.

1945, dezembro – Descobertos, sob um mosteiro no Egito, os manuscritos de Nag Hammadi, o maior repositório de documentos cristãos originais anteriores à criação da Igreja Romana. Logo após a constituição da Igreja, Constantino mandara queimar todos os outros livros cristãos, considerados a partir de então como heréticos.

1947 – Encontrados os primeiros Manuscritos do Mar Morto, numa caverna à margem noroeste do Mar Morto, na Jordânia. São tidos pelos estudiosos como a "maior descoberta de manuscritos dos tempos modernos". Entre os manuscritos incluem-se livros da Torah, que originaram o Antigo Testamento cristão, e textos não-bíblicos datando de 100 a.C. a 68 d.C.. São cópias, mantidas zelosamente pela comunidade essênia local, de originais anteriores em milhares de anos aos mais antigos textos massoréticos da Torah. As revelações dos manuscritos decifrados mostram uma grande convergência do primitivo judaísmo com o cristianismo original. Os manuscritos refletem uma teologia dualista, dando ênfase à vinda do Messias, descendente da linha de Davi, coincidindo com os mais originais ensinamentos de Jesus e com a filosofia dos "hereges" gnósticos e cátaros, continuadores da mensagem mosaica original (vide ano 150 a.C.).

1947, 15 de agosto – *The New York Times*: Índia e Paquistão tornam-se Nações.

1948, 30 de janeiro – Gandhi é morto, aos 78 anos.

1948, 14 de maio – *The New York Times*: Sionistas proclamam o Novo Estado de Israel; Tel Aviv é bombardeada, Egito ordena invasão.

1949 – Os comunistas assumem definitivamente o poder na China, com Mao-Tse-Tung.

Assinado um armistício Israel-Transjordânia; Jerusalém é dividida entre dois países, e proclamada capital de Israel. Jerusalém Oriental é regida pela Jordânia.

1950, outubro – A China Comunista invade o Tibet.

1952 – Encontrado um rolo de cobre dos manuscritos do Mar Morto, muito difícil de ser recuperado. Foi enviado pelo governo jordaniano para o Manchester College of Technology, da Inglaterra, onde o professor H. W. Wright-Baker, cortando-o em tiras e remontando-o, permitiu a decifração do conteúdo. O manuscrito descreve um grande tesouro, num total de cerca de 200 toneladas de ouro e prata, cujo significado parece ser mais simbólico do que uma descrição real do tesouro de Salomão.

1958–60 – O maior e mais completo dos Rolos do Mar Marto foi adquirido pelo governo israelense durante a Guerra dos Seis Dias em 1967. Chamado o Rolo do Templo, foi provavelmente encontrado no final dos anos 50. Yadin, que publicou uma tradução do rolo de 27 pés (8 metros) em 1977, datou-o entre o segundo século a.C. e 70 d.C.. O documento estabelece claras ligações entre as doutrinas cristãs originais e os ensinamentos religiosos dos essênios. (*Compton's Interactive Encyclopedia*, Dead Sea Scrolls)

Este fato é significativo na medida em que sabemos que a origem de Jesus era essênia, ou pelo menos de seu tio, José de Arimateia, que lhe resgatou o corpo e levou o cristianismo original de seu ilustre sobrinho à Inglaterra. Não deve-se esquecer, além disso, que os essênios eram considerados o povo curador, especializado na arte da medicina. Certamente seriam os mais indicados a curar Jesus quando foi retirado – e já vimos, por todas as indicações, que o foi com vida – da cruz. Não foi à toa que o reclamante do corpo foi o essênio José de Arimateia (vide ano 33 d.C.). Mais detalhes sobre Qumran encontram-se em 150 a.C. e 68 d.C..

1958 – Assume o papa João XXIII [Angelo Giuseppe Roncalli], até 1963.

1962 – XXI Concílio Ecumênico, Concílio Vaticano II. Com os clérigos a palavra (os grifos são nossos):

> Das precedentes resenhas, porque rápidas, dos Concílios Ecumênicos, ressalta que eles foram solenes assembleias em que a Igreja exprimiu o último anelo de adequação ao mistério do Cristo, do qual é autêntica continuadora entre os povos até o fim do mundo. Com eles a Igreja deu às próprias estruturas no setor da Fé, da Moral, da Disciplina e da Pastoral aquela clareza, aquela uniformidade e aquela eficiência com que, nas várias épocas da História, procurava o bem das almas. O Concílio Vaticano II talvez não tenha novos erros a condenar, nem dogmas novos a definir. É talvez o único que não tenha sido convocado sob o signo de retaliações políticas ou dogmáticas no interior da Igreja. (...) Sobe a Deus a nossa prece para que o Concílio Vaticano II faça conhecer ao mundo a operosa santidade da Igreja Católica, mostrando dela o propósito, cada vez mais autêntico e resplendente, de produzir o equilíbrio dos valores humanos e aquela unidade de ânimo que são componentes necessárias da civilização e da paz.
> (*A Bíblia Sagrada*, trad. pelo Pe. Antônio P. de Figueiredo, vol. IV)

O texto anterior foi redigido antes do final do referido concílio. Realizado em quatro outonos sucessivos, a sessão de abertura deu-se em 11 de outubro de 1962, encerrando em 8 de dezembro de 1965. Compareceram 2540 dos 2908 convidados a tomar parte na primeira sessão pública. Além disso, haviam observadores não-votantes de todas as Igrejas Protestantes e Ortodoxas Orientais. O resultado mais importante do Concílio Vaticano II foi a revisão litúrgica, que mudou a língua latina adotada para as línguas populares de cada local. Outra consequência importante foi a abertura e cooperação com outras religiões e denominações. Na prática, a Igreja perdeu a grande força mágica que por ventura ainda existiria em seu mutilado ritual, uma vez que as licenças ritualísticas desfiguraram qualquer traço iniciático ou força mágica original.

1963 – Assume o papa Paulo VI [Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini], até 1978.

1967 [5–10 de junho] – Israel captura a Velha Jerusalém durante a Guerra dos Seis Dias.[374]

1973 [6–25 de outubro] – A Guerra do Yom Kippur.[375]

1976/77 – O monsenhor Lefebvre, representando a ala mais tradicional da Igreja Católica, é abertamente ameaçado de excomunhão, após desafiar aberta e ruidosamente o papa Paulo VI.[376]

---

374 Wikipedia – Guerra dos Seis Dias conflito Israel x Jordânia, Egito e Síria, vitória de Israel.
375 Wikipedia – Guerra do Yom Kippur conflito entre israelenses e árabes (coalisão liderada por Egito e Síria), vitória de Israel.
376 Wikipedia – Marcel Lefebvre (1905-1991), arcebispo francês, católico tradicionalista.

1977 – Em 1977, um novo e especialmente significativo *Documento do Monastério* apareceu, um panfleto de seis páginas intitulado *Le Cercle d'Ulysse*, escrito por um certo Jean Delaude. Ao longo do texto, o escritor se dirige explicitamente ao Monastério [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion. Embora recoloque muito do material antigo, ele também fornece alguns detalhes sobre a ordem:

> Em março de 1177, Baudouin foi compelido, em Saint Léonard d'Acre, a negociar e preparar a constituição da Ordem do Templo, sob as diretrizes do Monastério [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion. Em 1118, a Ordem do Templo foi estabelecida por Hugues de Payen. De 1118 a 1188, o Monastério do ~~Sinai~~ Sion e a Ordem do Templo compartilharam os mesmos grão-mestres. Desde a separação das duas instituições, em 1188, até o presente, o Monastério do ~~Sinai~~ Sion contou com 27 grão-mestres. Os mais recentes foram: Charles Nodier (de 1801 a 1844), Victor Hugo (1844 a 1885), Claude Debussy (de 1885 a 1918), Jean Cocteau (de 1918 a 1963) e, de 1963 até o advento da nova ordem, o abade Ducaud-Bourget. O que estará a Ordem [Prieuré] do ~~Sinai~~ Sion preparando? Eu não sei, mas ela representa um poder capaz de confrontar o Vaticano nos dias que virão. O Monsenhor Lefebvre é um membro ativo e temerário, capaz de dizer: '*Você me faz papa e eu o faço rei*.'

(Baigent, Leigh e Lincoln, *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, p. 170)

Marcel Lefebvre já manifestara-se, no passado, como simpatizante das ideias nazistas e de extrema direita, antes da Segunda Grande Guerra. Mais tarde ficou notório pelo seu apoio ao regime militar argentino. Embora Ducaud-Bourget não fosse tão radical, já se expressara abertamente a favor do regime fascista de Mussolini, antevendo a necessidade de um outro Napoleão para a França. Sendo verdade ou não que ambos tenham participado do Monastério do ~~Sinai~~ Sion, o certo é que posições como as suas tiram toda credibilidade de uma ordem como a do ~~Sinai~~ Sion, destituindo-a de qualquer vínculo histórico com a antiga tradição.

1978 – Assume o papa João Paulo I [Albino Luciani], seguido do papa João Paulo II [Karol Józef Wojtyła].

1979 – Egito e Israel assinam tratado de paz.

A Revolução Islâmica[377] do Aiatolá[378] Ruhollah Khomeini[379] inicia a era de intolerância religiosa no Irã, extinguindo praticamente os remanescentes parses no país. Desde o reinado do xá Reza Pahlevi até o fim do regime imperial derrubado pelos extremistas islâmicos, a situação dos *zarthostis*[380] havia melhorado muito pela grande ligação do xá com a antiga cultura iraniana.

1989, novembro – Cai o muro de Berlim.

1993 – Israel e a Organização Para a Libertação da Palestina (OLP) assinam uma Declaração de Princípios de Paz, através do Primeiro-Ministro israelense Yitzhak Rabin e do líder da OLP, Yasser Arafat.

1993, 13 de setembro – Ao assinar uma Declaração de Princípios com o líder da OLP, o Primeiro Ministro Rabin aperta a mão do líder da OLP, Yasser Arafat.

1994, 26 de outubro – Na fronteira Israel-Jordânia, Rabin assina um Tratado de Paz entre o Estado de Israel e o Reino Hashemite da Jordânia.

1994, dezembro – O Primeiro-Ministro israelense, Yitzhak Rabin, o Ministro das Relações Exteriores, Shimon Peres, e o líder da OLP, Yasser Arafat, dividem o Prêmio Nobel da Paz.

---

377 Wikipedia – Revolução Iraniana

378 Wikipedia – Ayatollah آیت‌الله título honorífico, o mais alto na hierarquia Shia no Irã.

379 Wikipedia – Ruhollah Khomeini (1900–1989) líder político e religioso do Irã.

380 *Zarthosti* ou parsi é o seguidor de Zoroastro (Zarthost).

1995, 28 de setembro – Assinado um acordo de paz Israel-Palestina para a margem Ocidental do Jordão e a Faixa de Gaza.

1995, 4 de novembro – Assassinado o Primeiro Ministro de Israel, Yitzhak Rabin (12 de Heshvan no calendário hebreu), por um extremista judeu, logo após um *rally* [comício] pela paz em Tel Aviv.

1995, 12 de dezembro – Em Curitiba, PR, é inaugurado um monumento comemorativo à proximidade do aniversário de 3000 anos da cidade de Jerusalém. O monumento foi inaugurado pessoalmente pelo prefeito de Jerusalém, Ehud Olmert.

1996, verão – Um ano após o sucesso mundial do filme de Mel Gibson, *Braveheart*, vencedor de cinco prêmios da Academia de Artes Cinematográficas de Holywood, uma equipe de investigação arqueológica descobre, no solo da abadia de Melrose, na Escócia, um pequeno cofre contendo o coração de Robert Bruce, o "*Coração Valente*", comprovando as lendas de seu enterro no solo da abadia (vide ano 1329). Em 3 de setembro a equipe abre o pequeno invólucro de prata descoberto na semana anterior. Sob condições de laboratório um pequeno furo foi feito no pequeno cofre e investigado com um cabo de fibra ótica. O cofre externo foi então cuidadosamente aberto, revelando um outro pequeno cofre cônico de chumbo, e uma placa gravada com a seguinte inscrição:[381]

> The enclosed leaden casket containing a heart was found beneath Chapter House floor, March 1921, by His Majesty's Office of Works
>
> [O cofre de chumbo fechado contendo um coração foi encontrado abaixo do chão de Chapter House, março 1921, pelo Escritório de Obras de Sua Majestade]

O pequeno cofre cilíndrico media cerca de 25 cm de comprimento por 10 cm de diâmetro na base e 4 cm de diâmetro no topo. Apesar de marcado pelo tempo estava em boas condições. Richard Welander, um dos investigadores da equipe da *Historic Scotland*, disse que, apesar de não poder provar decisivamente ser o coração de Robert Bruce, podia-se razoavelmente assumir que se tratasse de tal relíquia, uma vez que não existe qualquer indício de que alguém mais possa ter sido enterrado na abadia além do herói escocês. O pequeno cofre não seria aberto e sim enterrado novamente na abadia de Melrose na primavera de 1997.

---

381 Wikipedia – Melrose Abbey placa marcando o local do cofre no chão da abadia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. G. de. **Civilizações que o Mundo Esqueceu**. Ed. Hemus, São Paulo

AYRES, FRANCISCO. **Krishnamurti**. Empresa Gazeta de Limeira, SP, 1947

AMBELAIN. Robert. **As Tradições Celtas**. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 1991

ANGEBERT, Jean-Michel. **Hitler e as Religiões da Suástica**. Bertrand, Portugal,1977

ANGEBERT, Jean-Michel. **O Livro da Tradição**. Difel, São Paulo, 1976

ANGEBERT, Jean-Michel. **Os Filhos Místicos do Sol**. Difel, São Paulo, 1976

ANÔNIMO. **Epopéia de Guilgamech**. Ed Hemus, São Paulo

ANÔNIMO. **Oráculos Caldeos**. Ed. Gredos, Madrid, 1991,

ANÔNIMO. **Perlesvaus**. Ed. Siruela, Madrid, 1986.

APOLLODORUS. **The Library**. Loeb Classical Library, translated Sir James George Frazer, London, 1956

ARNOLD, Paul. **O Livro dos Mortos dos Maias**. Ed. Hemus, São Paulo

AZEVEDO, Rubens de. **No Mundo da Estelândia**. Ed. do Brasil, São Paulo

BAIGENT, Michael, LEIGH, Richard & LINCOLN, Henry. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**, Nova Fronteira, R. de Janeiro, 1993

BAILEY, Alice. A. **Autobiografia Inconclusa**. Ed. Kier, Buenos Aires, 1980

BÉRENCE, Fred. **Leonardo da Vinci**. D. Verbo, Lisboa, 1984

BLAVATSKY, Helena P. **A Doutrina Secreta**. Ed. Pensamento, S. Paulo, 1987

BLAVATSKY, Helena P. **Ísis Sem Véu**. Ed. Pensamento, S. Paulo, 1994

BÖHME, Jacob. **Aurora**. Ed. Alfaguara, Madrid, 1979

BREKILIEN, Yann. **La Mythologie Celtique**. Ed. Jean Picollec, Paris, 1981

BREUIL, Paul du. **Zoroastro, Religião e Filosofia**. Ed. Ibrasa, São Paulo, 1987

BRUCKBERGER, Padre Dominicano R. L. **Maria Madalena**. José Olímpio, RJ, 1955

BUDGE, E. A. Wallis. **A Magia Egípcia**. Cultrix/Pensamento, São Paulo

BUDGE, E. A. Wallis. **Amulets and Superstitions**. Dover, New York

BUDGE, E. A. Wallis. **An Ancient Hierogliphic Dictionary**. Dover, New York

BUDGE, E. A. Wallis. **A Religião Egípcia**. Cultrix/Pensamento, São Paulo

BUDGE, E. A. Wallis. **Egyptian Language**. Routledge and Kegan Paul, London, 1986

BUDGE, E. A. Wallis. **The Gods of the Egyptians**. Dover, New York

CAGLIOSTRO, Conde de. **Ritual da Maçonaria Egípcia**. Ed. Pensamento, S. Paulo

CAHIERS CULTURELS NOUVELLE ACROPOLE. **La Symbolique des Cathedrales**. Paris, nº 1, jul/ago 1935

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus, Mitologia Primitiva**. Palas Atena, SP

CARNEIRO, Felisberto (autor da seção de grego) e outros. **Dicionário Gramatical**. Ed. Globo, P. Alegre, 1962

CHACORNAC, Paul. **Grandeur et Adversité de Jean Trithème**. Ed. Traditionnelles, Paris, 1985

CLARK, T. Rundle. **Símbolos e Mitos do Antigo Egito**. Ed. Hemus, São Paulo

CLÉMENT D'ALEXANDRIE. **Les Stromates**. Éditions du Cerf, Paris, 1954

CLEMENT OF ALEXANDRIA. **Exhortation to the Greeks and others**. Harvard University, London, 1953

COCUZZA, Felippe. **A Maçonaria na Evolução da Humanidade**. Ícone, SP, 1994

COIMBRA, Raimundo Olavo. **A Bandeira do Brasil**. Fundação IBGE, R. Janeiro, 1979

COMPTON'S NewMedia. **Compton's Interactive Encyclopedia**. 1994

COOPER-OAKLEY, Isabel. **Conde Saint-Germain**. Ed. Mercuryo, S. Paulo, 1990

COSTA, Cândido. **As Duas Américas**. Antiga Casa Bertrand, José Bastos – Mercador de Livros, Lisboa, 1900

DARMESTETER, James. **The Zend-Avesta**. Motilal Banarsidass Ed., Delhi,1988

DEE, John. **Essencial Readings**, selected by Gerald Suster. G. Suster, G. Britain,1986

DEE, Jean. **La Monade Hiéroglyphique**. Archè, Milano, Italia, 1975

DEE, John. **The Rosie Crucian Secrets**. The Aquarian Press, Wellingborough, GB, 1985

DUGGAN, Alfred. **JVLIUS CAESAR**. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1958

ECKHART, Maestro. **Tratados Y Sermones**. Ed. Edhasa, Barcelona, 1983

ENCAUSSE, Dr. Philippe. **Le Maitre Philippe de Lyon**. La Diffusion Scientifique, Paris, 1955

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA

EVOLA, Julius. **O Mistério do Graal**. Ed. Pensamento, São Paulo, 1993

FIGUEIREDO, Padre Antonio. **Bíblia Sagrada**. Livros do Brasil, 1962

FILON DE ALEJANDRIA. **Obras Completas**. Acervo Cultural, B. Aires, 1975

FILOSTRATO. **Vida de Apolonio de Tiana**. Ed. Gredos, Madrid, 1979

FLAMEL, Nicolás. **El Libro de Las Figuras Hieroglíficas**. Ed. Obelisco, Barcelona, 1982

FRERE, Jean-Claude. **Vida e Mistérios dos Rosa+Cruzes**. Ed. Pensamento,SP, 1993

FULCANELLI. **As Mansões Filosofais**. Edições 70, Lisboa, 1977

FULCANELLI. **O Mistério das Catedrais**. Edições 70, Lisboa, 1981

GARDINER, Sir Alan. **Egyptian Grammar**. Driffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford, 1979

GODWIN, Joscelyn. **Robert Fludd, Hermetic philosopher and surveyor of two worlds**. Thames and Hudson, 1979

GORMAN, Peter. **Pitágoras, Uma Vida**. Círculo do Livro, São Paulo, 1989

HALE, John R. **Idade das Explorações**. Bibl. Time-Life. José Olympio, R. Janeiro, 1970

HARDEN, Donald. **Os Fenícios**. Ed. Verbo, Lisboa, 1968

HERMÈS TRISMÉGISTE. **CORPVS HERMETICUM**. Ed. Les Belles Lettres, Paris, 1983

HERODOTUS. **The History**. Encyclopedia Britannica, New York, 1952

HOWARTH, Stephen. **Os Cavaleiros Templários**. Ed. Livros do Brasil. Lisboa, 1982

IAMBLICHUS. **On The Mysteries**. Wizards Bookshelf, San Diego, California, 1984

ISRAEL, Samuel e GREWAL, Birkram. **Índia**. Ed. Cedibra, Rio de Janeiro, 1921

LEVI, Eliphas. **Curso de Filosofia Oculta. Cartas ao Barão Spédalieri**. Sociedade das Ciências Antigas, São Paulo, 1984.

LEVI, Eliphas. **História da Magia**. Ed. Pensamento, São Paulo

LOBATO, Djalma Sayão. **Civilização Asteca**. Ed. Hemus, São Paulo

LOPEZ, José Alvarez. **A Reconstrução de Atlântida**. Ed. Hemus, S. Paulo

MAALOUF, Amin. **As Cruzadas Vistas Pelos Árabes**. Ed. Brasiliense, S. Paulo, 1989

MAHARSHI, Ramana. **Ensinamentos Espirituais**. Cultrix, S. Paulo

MAIER, Michael. **Atalanta Fugiens**. Phanes Press, Grand Rapids, USA, 1989

MAIER, Michael. **Laws of The Fraternity of the Rosie Crosse (Themis Aurea)**. Philosophical Research Society, Los Angeles, 1976

MARKALE, Jean. **L'Épopée Celtique en Bretagne**. Ed Payot, Paris, 1985

MARKALE, Jean. **Le Roi Arthur e la Société Celtique**. Ed. Payot, Paris, 1985

MARKALE, Jean. **Merlim, o Mago**. Paz e Terra, São Paulo, 1989

MEAD, G. R. S.. **Apolonio de Tyana**. Ed. Dédalo, Buenos Aires

MELLA, Federico A. Arborio. **Dos Sumérios a Babel**. Ed. Hemus, São Paulo

MENDELSSOHN, Kurt. **The Riddle of the Pyramids**. Thames & Hudson, London

MONMOUTH, Geoffrey de. **Vida de Merlim**. Ed. Siruela, Madrid, 1986

MONMOUTH, Geoffrey de. **Historia de los Reyes de Britania**. Ed. Siruela, Madrid, 1984

MOREAU, Marcel. **La Tradition Celtique dans l'Art Roman**. Le Courier du Livre, Paris, 1975

MOREAU, Marcel. **As Civilizações das Estrelas**. Difel, Rio de Janeiro, 1977

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY Magazine. December 1989

NELLI, René. **Os Cátaros**. Edições 70, Lisboa, 1980

NERSESSIAN, Sirarpie der. **Os Armênios**. Ed. Verbo, Lisboa, 1973

NEW YORK TIMES, THE. **The Times in Review: 1940–1949**. Arno Press, 1973

NIEL, Fernand. **Stonehenge**. Hemus, São Paulo, 1974

OLCOTT, Henry S. **Historia de La Sociedad Teosofica**. Sociedade Teosofica en Argentina, Rosario, 1962

PALOU, Jean. **A Franco-Maçonaria Simbólica e Iniciática**. Ed. Pensamento, SP

PAPUS. **A Cabala**. Sociedade das Ciências Antigas, São Paulo, 1983

PERAU, abbé Gabriel-Louis. **L'Ordre de Francs-Maçons Trahi, e le Secret de Mopses Révélé**. Slatkine Reprints, Geneva-Paris, 1980

PIGGOTT, Stuart. **The Druids**. Thames & Hudson, London, 1985

PLATÃO. **Timeu e Crítias**. Ed. Hemus, São Paulo, 1981

PLOTINO. **Ennéades**. Soc. Ed. Les Belles Lettres, Paris, 1956

PLOTINUS. **The Six Enneads**. Encyclopaedia Britannica, London, GB

PLUTARCO. **Os Mistérios de Ísis e Osíris**. Nova Acrópole, São Paulo, 1931

PLUTARCO. **Vidas**. Ed. Cultrix, S. Paulo

PORFIRIO. **Sobre la Abstinencia**. Ed. Gredos, Madrid, 1984

POWELL, T. G. E. **The Celts**. Thames & Hudson, London, 1985

RESNICK, Robert, HALLIDAY, David. **Física – Parte 1**. Ao Livro Técnico, RJ, 1970

RICE, Tamara Talbot. **Os Citas**. Ed. Verbo, Lisboa, 1974

RICHE, Pierre. **As Invasões Bárbaras**. Europa-America, Lisboa

RIHS, Wemer. **Le Manuscript de Montségur**. Ed. Michel Bettex, Suisse, 1976

RIVIÈRE, Patrick. **Os Caminhos do Graal**. Ibrasa, São Paulo, 1987

ROBINSON, James M. **The Nag Hammadi Library**. Harper & Row, New York, 1990

RONAN, Colin A. **Universidade de Cambridge – História Ilustrada da Ciência**. Jorge Zahar, RJ, 1987

ROSO DE LUNA, Mario. **Helena Petrovna Blavatsky**. Kier, Buenos Aires, 1973

ROTH, Cecil, **Pequena História do Povo Judeu**. Fund. Fritz Pinkuss, Congregação Israelita Paulista, S. Paulo, 1963

SAGAN, Carl. **Cosmos**. Francisco Alves, São Paulo, 1983

SAINT-MARTIN, Louis-Claude. **O Homem de Desejo**. Martins Fontes, São Paulo, 1986

SAINT-GERMAIN, Comte de. **La Très Sainte Trinosophie**. Ed. S.G.P.P., Paris, 1971

SAN BERNARDO. **Obras Completas**. Monjes Cistercienses de Espanha, Madrid, 1983

SOUTHEY, Robert. **História do Brazil**, Liv. B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1862

SUSTER, Gerald. **John Dee Essential Readings**. Aquarian Press, London, 1986

TALBOT, Michael. **O Universo Holográfico**. Editora Best Seller, São Paulo, 1991

TAYLOR, Sir Thomas. **Eleusinian and Bachic Mysteries**. San Diego, USA, 1987

THORSSON, Edred. **Futhark – A Handbook of Rune Magic**. Samuel Weiser, Maine, 1984

TERRA, Revista. Ed. Azul, São Paulo, maio de 1996

TIMES, The. **Past Worlds – Atlas of Archaeology**. London, 1991

TIMES, The. **The Times Atlas of the Bible**. London, 1989

VITRUVIUS. **Los Diez Libros de Arquitetura**. Ed. Iberia, Barcelona, 1955

Vários. **American Heritage Dictionary**. Houghton Mifflin, Boston, 1983

Vários. **Britain**. Éditions Minerva, Genéve, 1986

VRIES, Jan de. **La Religion de Celtes**. Payot, Paris, 1984

WARRAIN, Francis. **L'Oeuvre Philosophique de Hoené Wronski**. Paris, 1933

WOLFRAM VON ESCHENBACH. **Parsifal**. Ed. Toth, Brasília, 1989

Índice Alfabético


ISBN 85-86458-01-5
9 788586 458019

WODAN
EDITORA